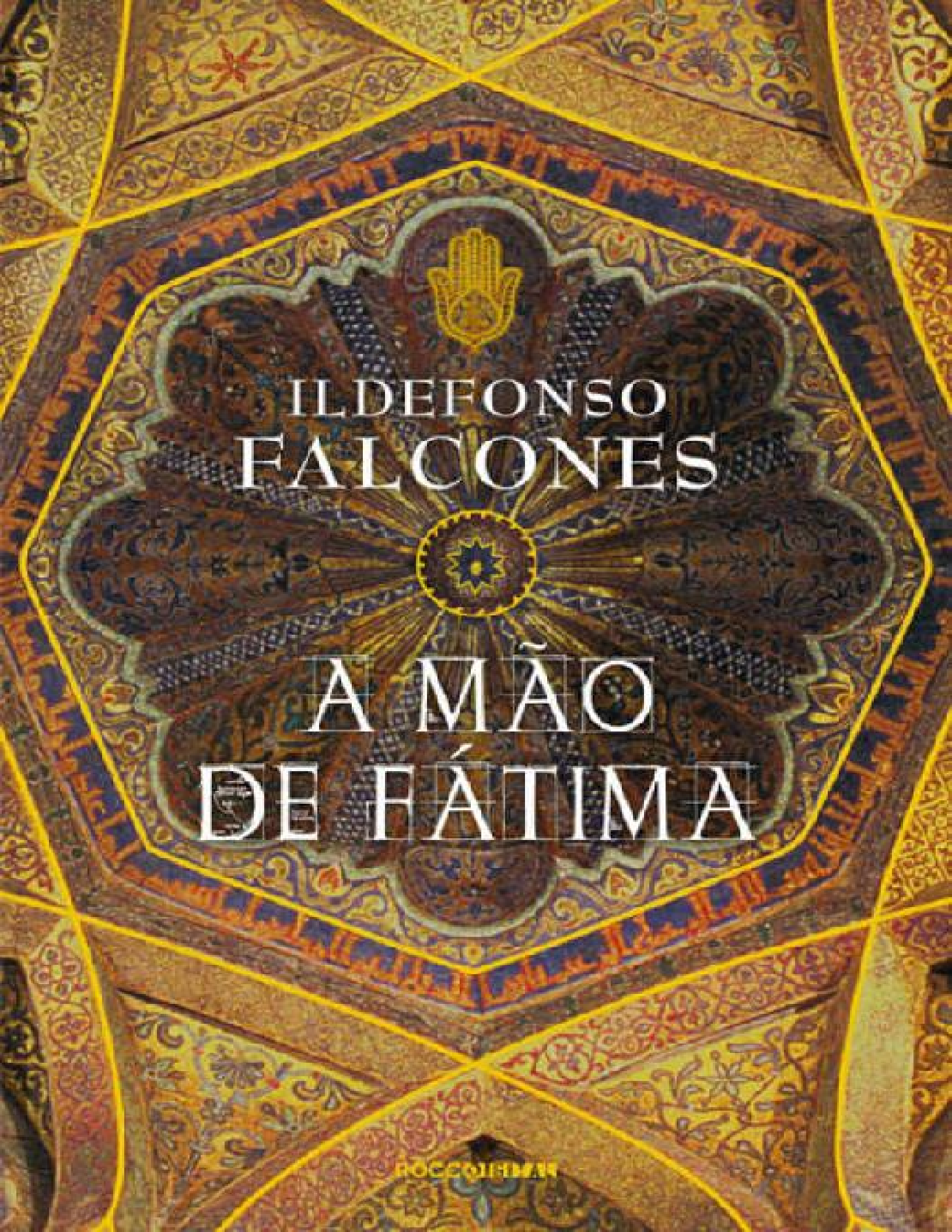

ILDEFONSO
FALCONES
A MÃO
DE FÁTIMA

Ildefonso Falcones

A MÃO DE FÁTIMA



Tradução de
CARLOS NOUGUÉ

ROCCO

A meus filhos: Ildefonso, Alejandro, José María e Guillermo

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

I - Em nome de Alá
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23

II - Em nome do amor
- Capítulo 24

Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43

III - Em nome da fé
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53

Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57

IV - Em nome de Nosso Senhor
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69

Epílogo
Nota do autor
Créditos
O Autor

Se um muçulmano está combatendo ou se encontra em zona pagã, não tem obrigação de mostrar uma aparência diferente da dos que o cercam. Nestas circunstâncias, o muçulmano pode preferir ou ser obrigado a se parecer com eles, com a condição de sua atitude supor um bem religioso, como pregar-lhes, ficar sabendo de segredos e transmiti-los a muçulmanos, evitar um dano ou algum outro fim de proveito.

AHMAD IBN TAYMIYA (1263-1328), famoso jurista árabe


I

EM NOME DE ALÁ

... Enfim, lutando cada dia com inimigos, frio, calor, fome, falta de munições, de aparelhos em todos os lugares, danos novos, mortes contínuas, até que vimos os inimigos, nação belicosa, inteira, armada e confiante no lugar, no favor dos bárbaros e turcos, vencida, rendida, tirada de sua terra e despojada de suas casas e bens; presos, e amarrados homens e mulheres, crianças cativas vendidas em almoeda ou levados para habitar terras longe da sua... Vitória duvidosa, e de acontecimentos tão perigosos, que algumas vezes se teve dúvida de se éramos nós ou os inimigos quem Deus queria castigar.

DIEGO HURTADO DE MENDOZA, *Guerra de Granada*, Livro Primeiro

1

Juviles, as Alpujarras, reino de Granada
Domingo, 12 de dezembro de 1568

O soar do sino que chamava para a missa maior das dez da manhã rompeu a gélida atmosfera que envolvia aquele pequeno povoado, situado num dos muitos contrafortes de Sierra Nevada; seus ecos metálicos se perdiam despenhadeiro abaixo, como se quisessem despedaçar-se contra as fraldas da Contraviesa, a cadeia montanhosa que, pelo sul, encerra o fértil vale percorrido pelos rios Guadalfeo, Adra e Andarax, todos eles regados por uma infinidade de afluentes que descem dos picos nevados. Para além da Contraviesa, as terras das Alpujarras se estendem até o mar Mediterrâneo. Sob o tímido sol de inverno, cerca de duzentos homens, mulheres e crianças – a maioria arrastando os pés, quase todos em silêncio – dirigiram-se para a igreja e se reuniram às suas portas.

O templo, de pedra ocre e carente de qualquer adorno exterior, constava de um único e simples corpo retangular, num de cujos lados se erguia a rija torre que alojava o sino. Junto à construção, se abria uma praça sobre as intrincadas canhadas que desciam para o vale vindas da Sierra Nevada. Da praça, em direção à serra, nasciam estreitas ruelas margeadas por uma multidão de casas recobertas de ardósia pulverizada: moradas de um ou dois andares, de portas e janelas muito pequenas, coberturas planas e chaminés redondas coroadas por uma carapaça em forma de seta. Dispostos sobre os terrados, pimentões, figos e uvas secavam ao sol. As ruas escalavam sinuosamente as encostas da montanha, de forma que os terrados das de baixo alcançavam os alicerces das superiores, como se se erguessem umas sobre as outras.

Na praça, diante das portas da igreja, um grupo formado por algumas crianças e vários cristãos-velhos da vintena que vivia no povoado observava uma anciã no alto de uma escada que estava apoiada na fachada principal do templo. A mulher tiritava e rangia os poucos dentes que lhe restavam. Os mouriscos iam para a igreja sem desviar o olhar de sua irmã na fé, que estava encarapitada ali desde o amanhecer, aferrada à última barra, suportando sem casaco o frio do inverno. O sino repicava, e uma das crianças apontou para a mulher, que tremia ao som das badaladas, tentando manter o equilíbrio. Risos romperam o silêncio.

– Bruxa! – ouviu-se entre as gargalhadas.

Algumas pedradas acertaram o corpo da velha, ao mesmo tempo que a base da escada se enchia de cusparadas.

Terminou o repicar do sino; os cristãos que ainda estavam do lado de fora se apressaram a entrar na igreja. Em seu interior, a poucos passos do altar e de frente para os fiéis, um homenzarrão moreno e curtido pelo sol permanecia de joelhos sem capa nem casaco, com uma corda ao pescoço e os braços em cruz: segurava um círio aceso em cada mão.

Dias antes, aquele mesmo homem havia entregado à velha da escada a camisa de sua mulher doente para que a lavasse numa fonte cujas águas, dizia-se, tinham poderes curativos. Naquela fontezinha natural, oculta entre as rochas e a espessa vegetação da fragosa serra, jamais se lavava a roupa. O padre Martín, o cura do povoado, surpreendeu a mulher enquanto lavava essa única camisa e não duvidou de que se tentava algum sortilégio. O castigo não demorou a chegar: a velha iria passar a manhã de domingo no alto da escada, exposta ao escárnio público. O ingênuo mourisco que havia solicitado o encantamento foi condenado a fazer penitência enquanto assistia à missa de joelhos, e dessa maneira podiam contemplá-lo então os ali presentes.

Assim que entraram no templo, os homens se separaram de suas mulheres, e estas, com suas filhas, ocuparam as fileiras da frente. O penitente ajoelhado tinha o olhar perdido. Todas o conheciam: era um

bom homem; cuidava de suas terras e das poucas vacas que possuía. Só pretendia ajudar sua mulher doente! Pouco a pouco os homens se puseram, ordenadamente, atrás das mulheres. No momento em que todos já haviam ocupado seus lugares, chegaram ao altar o padre Martín, o beneficiado Salvador e Andrés, o sacristão. O padre Martín, barrigudo, de tez muito branca e faces rosadas, usando uma casula de seda bordada em ouro, acomodou-se numa cadeira diante dos fiéis. Em pé, um de cada lado, postaram-se o beneficiado e o sacristão. Alguém fechou as portas da igreja; cessou a corrente, e as chamas das lâmpadas deixaram de tremeluzir. O colorido artesoado mudéjar do teto da igreja brilhou então, competindo com os sóbrios e trágicos retábulos do altar e com os laterais.

O sacristão, um jovem alto, vestido de negro, magro e de tez morena, como a grande maioria dos fiéis, abriu um livro e pigarreou.

– Francisco Aguazil – leu.

– Presente.

Após verificar de onde vinha a resposta, o sacristão anotou algo no livro.

– José Almer.

– Presente.

Outra anotação. “Milagros García, María Ambroz...” As chamadas eram respondidas com um “presente” que, à medida que Andrés dizia a lista, soava cada vez mais parecido com um grunhido. O sacristão continuou verificando rostos e tomando nota.

– Marcos Núñez.

– Presente.

– Você faltou à missa do domingo passado – afirmou o sacristão.

– Estive... – O homem tentou explicar-se, mas não lhe saíam as palavras. Terminou a frase em árabe enquanto esgrimia um documento.

– Aproxime-se – ordenou-lhe Andrés.

Marcos Núñez passou entre os presentes até chegar perto do altar.

– Estive em Ugíjar – conseguiu desculpar-se desta vez, enquanto entregava o documento ao sacristão.

Andrés o folheou e o passou ao padre, que o leu atentamente até verificar a assinatura e anuir com um esgar: o abade-mor da colegiada de Ugíjar certificava que em 5 de dezembro do ano de 1568 o cristão-novo chamado Marcos Núñez, morador de Juviles, havia assistido à missa maior oficiada naquela povoação.

O sacristão esboçou um sorriso quase imperceptível e escreveu algo no livro antes de prosseguir com a interminável lista de cristãos-novos – os muçulmanos obrigados pelo rei a batizar-se e abraçar o cristianismo –, cuja assistência aos santos ofícios tinha de verificar cada domingo e dias de preceito. Alguns dos interpelados não responderam, e sua ausência foi cuidadosamente registrada. Duas mulheres, ao contrário de Marcos Núñez com seu certificado de Ugíjar, não puderam justificar por que não haviam comparecido à missa celebrada no domingo anterior. Ambas tentaram desculpar-se atropeladamente. Andrés as deixou explanar e desviou o olhar para o padre. A primeira retrocedeu de sua tentativa assim que o padre Martín lhe instou que se calasse com um autoritário gesto de mão; a segunda, no entanto, continuou argumentando que naquele domingo havia estado doente.

– Perguntem a meu esposo! – gritou enquanto procurava o marido com olhar nervoso nas filas posteriores. – Ele lhes...

– Silêncio, aduladora do diabo!

O grito do padre Martín emudeceu a mourisca, que optou por abaixar a cabeça. O sacristão anotou seu nome: ambas as mulheres pagariam uma multa de meio real.

Após um longo tempo de averiguação, o padre Martín deu início à missa, não sem antes indicar ao sacristão que obrigasse o penitente a elevar mais as mãos que seguravam os círios.

– Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

A cerimônia continuou, ainda que fossem poucos os que entendiam as leituras sagradas ou podiam acompanhar o ritmo frenético e os

constantes gritos com que o sacerdote os repreendeu durante a homilia.

– Porventura acreditam que a água de uma fonte os curará de alguma doença? – O padre Martín apontou para o homem ajoelhado; seu dedo indicador tremia, e suas feições se mostravam crispadas. – É a penitência de vocês. Só Cristo pode livrá-los das misérias e privações com que castiga sua vida dissoluta, suas blasfêmias e sua sacrílega atitude!

Mas a maioria deles não falava castelhano; alguns se entendiam com os espanhóis em aljamiado, um dialeto mesclado de árabe e romance. No entanto, todos tinham a obrigação de saber o Padre-Nosso, a Ave-Maria, o Credo, a Salve-Rainha e os mandamentos em castelhano. As crianças mouriscas, graças às lições que recebiam do sacristão; os homens e as mulheres, pelas sessões de doutrina que lhes eram ministradas às sextas-feiras e aos sábados, e às quais tinham de comparecer sob pena de ser multados e não poder contrair matrimônio. Só quando demonstravam saber de cor as orações é que os eximiam de ir à aula.

Durante a missa, alguns rezavam. As crianças, atentas ao sacristão, o faziam em voz alta, quase aos gritos, tal como lhes haviam ensinado seus pais, porque assim eles podiam burlar a presença do beneficiado, com suas idas e vindas, para clamar às escondidas: *Allahu Akbar*. Muitos o sussurravam de olhos fechados, suspirando.

– Oh, Clemente! Liberte-me de minhas tachas, de meus vícios... – ouvia-se entre as fileiras de homens assim que o beneficiado Salvador se afastava um pouco. A verdade é que não se afastava demais, como se temesse que o desafiassem invocando o Deus dos muçulmanos no templo cristão, durante a missa maior.

– Ó Soberano! Guie-me com seu poder... – clamou um jovem mourisco várias fileiras adiante, no meio do bulício do Padre-Nosso gritado pelas crianças.

O beneficiado Salvador se virou arrebatado.

– Ó Dador de paz, ponha-me em sua glória... – aproveitou para implorar outro, do lado oposto.

O beneficiado ficou vermelho de raiva.

– Ó Misericordioso – insistiu um terceiro.

E de repente, finalizada a oração cristã, voltou a impor-se a áspera voz do sacerdote.

– Seu nome seja louvado – pôde-se ouvir naquele dia de uma das últimas fileiras.

A maioria dos mouriscos permaneceu imóvel, rígida e firme; alguns arrostavam o olhar do beneficiado Salvador, mas eram majoritários os que escondiam o seu; quem havia ousado louvar o nome de Alá? O beneficiado abriu caminho aos empurrões entre as fileiras, mas não pôde assinalar o sacrílego.

No meio da missa, com o padre Martín sentado e vigilante, o sacristão e o beneficiado, um com o livro e o outro com um cesto, esperavam para receber os óbolos dos presentes: moedas de blanca, pão, ovos, linho... Somente os pobres estavam isentos de fazer donativos; no caso dos mais endinheirados, não fazê-los por três domingos implicava receber a correspondente multa. Andrés anotava detalhadamente quem e o que doava.

Quando soou "a de morrer", como chamavam a sineta que anunciava a consagração, os mouriscos se ajoelharam de má vontade entre as demonstrações de piedade dos cristãos-velhos. A de morrer soou no momento em que o sacerdote, de costas para os fiéis, elevava a hóstia; voltou a se fazer ouvir quando, também de costas, ergueu o cálice. O sacerdote se preparava para dizer as palavras sacramentais quando, de repente, zangado com os murmúrios que agitavam a igreja, se virou para os fiéis com semblante furioso.

– Seus cães! – gritou. A imprecação salpicou de saliva o sagrado vaso. – Que são esses murmúrios? Calem-se, hereges! Ajoelhem-se como devido para receber a Cristo, o único Deus! Você! – Seu indicador apontou para um velho da terceira fileira. – Levante-se! Não

está idolatrando o seu falso Deus. Olhem! Levantem os olhos quando lhes for oferecido o Santíssimo Sacramento!

Seu olhar fulminou outros dois mouriscos antes de continuar.

Depois, homens e mulheres foram em silêncio comer "a torta". Muitos deles tentariam manter a pasta de trigo na boca ensalivada até poder cuspi-la em casa; todos os mouriscos, sem exceção, fariam gargarejos para livrar-se de seus restos.

As pessoas deixaram a igreja após lhe terem benzido com a paz; uns, os cristãos, a receberam com devoção: outros, a grande maioria, zombavam fazendo o sinal da cruz ao contrário, afirmando em silêncio a unicidade de Deus e escarnecendo da Trindade, que tinham de invocar ao fazer o sinal da cruz. Os mouriscos se apressaram a voltar para casa para cuspir a torta. Os poucos cristãos do povoado se aglomeraram às portas da igreja para conversar, alheios aos insultos que seus filhos gritavam contra a velha, que por fim havia caído da escada e estava no chão, encolhida e intumescida, com os lábios azulados, respirando com dificuldade. No interior do templo, o padre e seus ajudantes prolongaram o castigo do penitente, e não cessaram de recriminá-lo por suas culpas enquanto recolhiam os objetos de culto e os levavam do altar para a sacristia.

2

> Os mouriscos se lançaram à rebelião, é verdade, mas são os cristãos-velhos que os levam ao desespero, com sua arrogância, suas defraudações e a insolência com que se apoderam de suas mulheres. Os próprios sacerdotes se comportam do mesmo modo. Como toda uma aldeia mourisca se tinha queixado diante do arcebispo de seu pastor, mandou-se averiguar o motivo da queixa. Que o levem daqui, pediam os paroquianos... senão que o casem, pois todos os nossos filhos nascem com olhos tão azuis como os dele.
>
> Francés de Álava, embaixador da Espanha na França, a Felipe II, 1568

Juviles era o lugar principal de uma *taa* composta por uma vintena de aldeias distribuídas pelos escabrosos contrafortes de Sierra Nevada. De todas as suas terras, um quarto dos *marjales*[1] era de regadio e o restante de sequeiro. Cultivava-se trigo e cevada; contava com mais de quatro mil *marjales* de vinha, oliveiras, figueiras, castanheiros e nogueiras, mas sobretudo amoreiras, o alimento dos bichos-da-seda, a maior fonte de riqueza da região, ainda que a de Juviles tampouco alcançasse o prestígio de que gozava a seda de outras *taas* das Alpujarras.

Naquelas alturas, mais de mil varas acima do nível do mar, os mouriscos, sofridos e laboriosos, cultivavam até o pedaço de terra mais abrupto que pudesse proporcionar algo de seara. As encostas da montanha, ali onde não assomava a rocha, escalonavam-se através de pequenos terraços encravados nos lugares mais recônditos. Naquele dia, com o sol já a pino, voltava a Juviles, procedente de um daqueles

terraços, o jovem Hernando Ruiz, um rapazinho de catorze anos de idade, de cabelo castanho-escuro apesar da pele bastante mais clara que a morena verde-escura de seus congêneres. Suas feições, contudo, eram similares às dos demais mouriscos de sobrancelhas espessas, apesar de que nelas se destacavam uns grandes olhos azuis. Era de estatura mediana, magro, ágil e musculoso.

Acabava de recolher as últimas azeitonas de uma velha oliveira que resistia ao frio da serra, resguardada e retorcida bem ao lado do terraço em que cresceria o trigo. Fizera-o à mão. Subira na árvore, sem varejá-la, e coletara inclusive as olivas que tinham ainda uma tonalidade roxa. O sol temperava o ar frio que vinha de Sierra Nevada. Ele teria gostado de ficar ali para arrancar as ervas daninhas, para depois ir para outro terraço, onde supunha que o humilde Hamid estivesse trabalhando as poucas terras que possuía. Nos terraços, quando estavam os dois a sós, trabalhando ou percorrendo as serras em busca das excelentes ervas com que o homem preparava seus remédios, ele o chamava Hamid em vez de Francisco, o nome cristão com que havia sido batizado. A maioria dos mouriscos usava dois nomes: o cristão, e o muçulmano para dentro de sua comunidade. Hernando, no entanto, era simplesmente Hernando, ainda que no povoado amiúde zombassem dele ou o insultassem chamando-o de "nazareno".

Instintivamente, o rapazinho diminuiu a marcha ao recordar seu apelido. Ele não era nenhum nazareno! Chutou uma pedra imaginária e prosseguiu para casa, situada nas redondezas do povoado, num lugar onde acharam espaço suficiente para construir um telheiro onde estabular as seis mulas com que seu padrasto transportava mercadorias pelos caminhos das Alpujarras, mais uma sétima: a Velha, a sua preferida.

Fazia cerca de um ano que sua mãe se vira obrigada a explicar-lhe a razão de tal apelido. Certa manhã, ao amanhecer, ele havia ajudado seu padrasto, Brahim – José para os cristãos – a aparelhar as mulas. Feito o seu trabalho, despedia-se da Velha com uma carinhosa palmada

no pescoço quando um forte tapa na orelha direita o derrubou no chão, alguns passos adiante.

– Cão nazareno! – gritou Brahim, em pé, iracundo. O rapazinho sacudiu a cabeça para recuperar-se e pôs a mão na orelha. Atrás de seu padrasto, pareceu-lhe ver sua mãe desaparecer cabisbaixa e entrar em casa. – Você pôs uma cincha ruim naquele animal! – bramou o homem ao mesmo tempo que apontava para uma das mulas. – Pretende que tropece ao longo do caminho e não possa trabalhar? Você não passa de um inútil nazareno – cuspiu nele –, um bastardo cristão.

Hernando havia escapado de gatas dos pés do padrasto e se havia escondido num canto do telheiro, no meio da palha, com a cabeça entre os joelhos. Assim que o martelar dos cascos da récua anunciou a partida de Brahim, Aisha, sua mãe, reapareceu no telheiro e se dirigiu para ele com uma limonada na mão.

– Está doendo? – perguntou-lhe, abaixando-se e acariciando-lhe o cabelo.

– Por que todos me chamam de nazareno, mãe? – soluçou levantando a cabeça dentre os joelhos. Aisha fechou os olhos diante do rosto coberto de lágrimas do filho. Tentou enxugá-las com uma carícia, mas Hernando virou a cabeça. – Por quê? – insistiu.

Aisha suspirou profundamente; depois anuiu e se sentou sobre os calcanhares, na palha.

– Está bem, você já tem idade suficiente – cedeu com tristeza, como se o que iria fazer lhe custasse um grande esforço. – Você tem de saber que há cerca de catorze anos, um ano antes de você ter nascido, o cura do povoado em que eu vivia quando menina, na *ajerquía* almeriense, me forçou... – Hernando teve um sobressalto e calou seus soluços. – Sim, filho. Eu gritei e me opus, como exige nossa lei, mas pouco pude fazer então diante da força daquele depravado. Ele me abordou longe do povoado, num campo, no meio da manhã. Era um dia ensolarado – recordou com tristeza. – Eu era apenas uma menina! – gritou de repente. – Ele me arrancou a roupa de um só puxão. Derrubou-me e...

Antes de continuar, a mulher voltou à realidade e se defrontou com os olhos do filho, imensamente abertos e cravados nela:

– Você é fruto desse ultraje – sussurrou. – Por isso... por isso o chamam de nazareno. Porque seu pai era um sacerdote cristão. É minha culpa...

Mãe e filho se olharam durante longos instantes. As lágrimas voltaram a correr pelo rosto do rapazinho, mas desta vez por causa de uma dor diferente; Aisha lutou contra seu próprio choro até que compreendeu que lhe seria impossível contê-lo. Então deixou cair o copo de limonada e estendeu os braços para o filho, que se refugiou no meio deles.

Ainda que a jovem Aisha tivesse salvado a honra com seus gritos, assim que a gravidez se tornou evidente, seu pai, um humilde arrieiro mourisco, consciente de que não podia evitar a vergonha, procurou ao menos uma forma de deixar de presenciá-la. Encontrou a solução em Brahim, um jovem e bem-apessoado arrieiro de Juviles com que amiúde se encontrava no caminho e a quem propôs o casamento com sua filha em troca de duas mulas como dote: uma pela mocinha, outra pelo ser que trazia no ventre. Brahim hesitou, mas era jovem, pobre e necessitava de animais. Além disso, quem sabia sequer se aquela criança chegaria a nascer? Talvez não passasse dos primeiros meses de vida... Naquelas inóspitas terras, eram muitas as crianças que morriam na mais tenra infância.

Apesar de que a ideia de a moça ter sido violentada por um sacerdote cristão lhe repugnasse, Brahim aceitou o trato e a levou consigo para Juviles.

Mas, contra os desejos de Brahim, Hernando nasceu forte e com os olhos azuis do padre que havia violado sua mãe. Também sobreviveu à infância. As circunstâncias de suas origens correram de boca em boca, e, embora o povo se tivesse apiedado da moça violada, não sucedeu o mesmo com o fruto ilegítimo do estupro; aquele desprezo foi crescendo ao ver-se a atenção que dedicavam ao garoto o padre Martín e Andrés, maiores até que as que concediam às crianças cristãs, como

se quisessem salvar da influência dos seguidores de Maomé o bastardo de um sacerdote.

O meio sorriso com que Hernando entregou as azeitonas à mãe não conseguiu enganá-la. Ela lhe acariciou o cabelo com doçura, como fazia sempre que pressentia sua tristeza, e ele, mesmo na presença de seus quatro meios-irmãos, a deixou fazer: eram poucas as ocasiões em que sua mãe podia demonstrar-lhe carinho, e todas, sem exceção, se davam na ausência de seu padrasto. Brahim se havia somado sem hesitar à rejeição da comunidade mourisca; seu ódio pelo nazareno de olhos azuis, o favorito dos sacerdotes cristãos, havia recrudescido à medida que Aisha, sua mulher, dava à luz seus filhos legítimos. Aos nove anos, ele foi desterrado para o telheiro, com as mulas, e só comia dentro de casa quando o padrasto estava fora. Aisha teve de ceder aos desejos do marido, e a relação entre mãe e filho se dava através de gestos sutis carregados de significado.

Naquele dia, o almoço estava preparado, e seus quatro meios-irmãos esperavam sua chegada. Até o menor deles, Musa, de quatro anos, mostrava um semblante duro diante de sua presença.

– Em nome de Deus, clemente e misericordioso – rezou Hernando antes de sentar-se no chão.

O pequeno Musa e seu irmão Aquil, três anos mais velho, o imitaram, e os três começaram a pegar com os dedos, diretamente da caçarola, os pedaços da comida que sua mãe havia preparado: cordeiro com alcachofra-brava cozinhados com azeite, menta e coentro, açafrão e vinagre.

Hernando desviou o olhar para a mãe, que os observava encostada numa das paredes da pequena e limpa peça que usavam como cozinha, sala de jantar e quarto provisório de seus meios-irmãos. Raissa e Zahara, suas duas meias-irmãs, achavam-se em pé junto a ela, à espera de que os homens terminassem de comer para poderem fazê-lo elas por sua vez. Ele mastigou um pedaço de cordeiro e sorriu para a mãe.

Após o cordeiro com alcachofra-brava, Zahara, sua meia-irmã de onze anos, trouxe uma bandeja de uvas-passas, mas Hernando nem sequer teve tempo de levar algumas à boca: um som de cascos abafado, distante, o obrigou a levantar a cabeça. Seus meios-irmãos perceberam o gesto e deixaram de comer, atentos à sua atitude; nenhum dos dois tinha capacidade de prever com tanta antecipação a chegada das mulas.

– A Velha! – gritou o pequeno Musa quando o som da mula se tornou perceptível para todos.

Hernando apertou os lábios antes de virar-se para a mãe. Eram os cascos da Velha, parecia confirmar ela com o olhar. Depois ele tentou sorrir, mas a expressão ficou num esgar triste, similar ao que esboçava Aisha: Brahim estava voltando para casa.

– Louvado seja Deus – rezou para dar fim à refeição e levantar-se com aborrecimento.

Lá fora, a Velha, magra, seca, repleta de mataduras e livre de qualquer arreio, o esperava pacientemente.

– Venha, Velha – ordenou-lhe Hernando, e com ela se dirigiu para o telheiro.

O irregular som dos pequenos cascos do animal o acompanhou enquanto rodeava a casa. Uma vez no interior do telheiro, jogou-lhe um pouco de palha e acariciou-lhe o pescoço com carinho.

– Como foi a viagem? – sussurrou-lhe enquanto examinava uma nova matadura, que não tinha antes de partir.

Observou-a comer por alguns instantes antes de sair correndo montanha acima. Seu padrasto o estaria esperando, agachado, longe do caminho que vinha de Ugíjar. Correu por muito tempo através do campo, atento para não cruzar com nenhum cristão. Evitou os terraços semeados ou qualquer outro lugar em que alguém pudesse estar trabalhando até aquela hora. Quase sem fôlego, chegou a um lugar rochoso e de difícil acesso, aberto para um despenhadeiro, de onde distinguiu a figura de Brahim. Era um homem alto, forte, barbudo, ataviado com um chapéu verde de aba muito larga e uma capa azul de meio corpo da qual saía uma faldinha plissada que o cobria até a

metade das coxas; estava com as pernas nuas e com sapatos de couro amarrados com correias. Nos primeiros dias do ano, quando entrassem em vigor as novas leis, Brahim, como todos os mouriscos do reino de Granada, teria de substituir aquelas vestimentas por indumentárias cristãs. Na cintura, desafiando as proibições em vigor, brilhava um punhal curvo.

Atrás do mourisco, paradas uma em seguida à outra – já que nem sequer cabiam aos pares naquele estreito saliente da rocha –, estavam as seis mulas carregadas. Na parede da quebrada se vislumbravam as entradas de pequenas cavernas.

Ao avistar por fim o padrasto, Hernando parou de correr. O temor que sempre sentia diante de sua proximidade aumentou. Como o receberia nesta ocasião? Da última vez o esbofeteara por ter-se atrasado, ainda que ele tivesse corrido ao seu encontro sem se entreter.

– Por que parou de correr? – vociferou o mourisco.

Acelerou os poucos passos que os separavam, encolhendo-se instintivamente ao passar perto dele. Não se livrou de um forte pescoção. Cambaleou até alcançar a primeira mula e se postou à entrada de uma das cavernas após esgueirar-se de lado entre rocha e mulas; em silêncio, começou a introduzir nela as mercadorias que seu padrasto descarregava dos animais.

– Este óleo é para Juan – avisou-o entregando-lhe uma vasilha. – Aisar! – gritou o nome muçulmano diante da dúvida que percebeu no enteado. – Este outro é para Faris. – Hernando ordenava as mercadorias no interior da caverna enquanto se esforçava para guardar na memória os nomes de seus proprietários.

Quando as mulas estavam já meio descarregadas, Brahim empreendeu o caminho de Juviles e o rapaz ficou na entrada da caverna, percorrendo com o olhar a vasta extensão que se abria a seus pés, até a serra da Contraviesa. Não permaneceu muito tempo: conhecia de sobra aquela paisagem. Entrou na caverna e se entreteve em observar as mercadorias que acabavam de esconder e as muitas outras que se armazenavam ali. Centenas de cavernas das Alpujarras se

haviam convertido em depósitos onde os mouriscos escondiam seus bens. Antes que anoitecesse, os proprietários daqueles produtos passariam por ali para recolher o que lhes interessasse. Todas as viagens eram iguais. Antes de chegar a Juviles, viesse do lugar de onde viesse, seu padrasto soltava a Velha e lhe ordenava que fosse para casa. "Ela conhece as Alpujarras melhor que ninguém. Vivo desde sempre nestes caminhos e, apesar disso, algumas vezes ela me salvou de situações difíceis", costumava comentar o arrieiro. Este era o sinal: a Velha chegava sozinha a Juviles, e Hernando ia imediatamente para as cavernas para encontrar-se com o padrasto. Ali deixavam metade das mercadorias, e assim os elevados impostos que seu padrasto tinha de pagar pelos lucros de seu trabalho caíam para a metade. Por seu lado, os compradores faziam o mesmo naquela ou em outras grutas parecidas com muitas das mercadorias que recolhiam das mãos de Hernando antes que chegassem a Juviles. Os inumeráveis arrecadadores de dízimos e primícias, ou os aguazis que cobravam multas e sanções, costumavam entrar nas casas dos mouriscos para cobrar e apreender tudo quanto encontravam nelas, ainda que seu valor fosse superior à dívida. Depois não prestavam conta do resultado dos leilões, e os mouriscos perdiam assim suas propriedades. Muitas eram as queixas que a comunidade havia levado ao prefeito de Ugíjar, ao bispo e até ao corregedor de Granada, mas todas entravam por ouvidos moucos, e os arrecadadores cristãos continuavam roubando-os impunemente. Por isso todos usavam do procedimento idealizado por Brahim.

Sentado com as costas apoiadas na parede da caverna, Hernando quebrou um galhinho seco e brincou distraidamente com os pedaços; aguardava-o uma longa espera. Observou as mercadorias amontoadas e reconheceu para si a necessidade daqueles ludíbrios; se não fossem levados a efeito, os cristãos os teriam engolfado na mais absoluta pobreza. Também colaborava na ocultação para o dízimo do gado, das cabras e ovelhas. Apesar de ser rejeitado pela comunidade, ele havia sido escolhido como cúmplice. "O nazareno", alegou um mourisco

velho, “sabe escrever, ler e contar.” Assim era: desde muito pequeno, Andrés, o sacristão, havia-se empenhado em sua educação, e Hernando havia demonstrado ser um bom aluno. Era imprescindível fazer bem as contas para enganar o coletor de dízimos do gado que aparecia cada primavera.

O coletor exigia que os animais fossem recolhidos numa planície e obrigados a passar em fila de um por um estreito corredor feito com troncos. A cada dez animais, um era para a Igreja. Mas os mouriscos aduziam que os grupos de trinta ou menos animais não deviam estar sujeitos a dízimo, e que o correspondente pagamento devia limitar-se a alguns maravedis. Assim, quando chegava o momento, dividiam de comum acordo os rebanhos em grupos de trinta ou menos, uma astúcia que implicava depois muitas contas para poder recompor os rebanhos.

No entanto, o custo de todos esses estratagemas havia sido muito elevado para Hernando. O rapaz atirou violentamente contra a parede os pedacinhos de galho que tinha na mão. Nenhum deles chegou a bater na pedra, e caíram todos no chão... Recordou a tarde em que havia sido escolhido para levar a cabo o ludíbrio.

– Muitos de nós sabemos contar – havia-se oposto um dos mouriscos quando se propôs que Hernando enganasse o coletor do dízimo do gado. – Talvez não tão bem como o nazareno, mas...

– Mas todos eles, você incluído, possuem cabras ou ovelhas, e isso poderia gerar desconfianças – insistiu o velho que havia proposto o nome do rapaz. – Nem Brahim nem, muito menos, o nazareno têm nenhum interesse no gado.

– E se nos denunciar? – disse um terceiro. – Ele passa muito tempo com os padres.

Fez-se silêncio entre os presentes.

– Não se preocupem. Isso fica sob minha responsabilidade – assegurou Brahim.

Naquela mesma noite, Brahim surpreendeu o enteado no telheiro, enquanto terminava de acomodar as mulas.

– Mulher! – bramou o arrieiro.

Hernando achou estranho. O padrasto estava a poucos passos dele. Que teria feito de errado? Para que chamava sua mãe? Aisha apareceu pela porta que dava para o estábulo e se dirigiu apressada para onde estavam os dois, limpando as mãos num pano que usava ao modo de avental. Assim que chegou, antes até que pudesse perguntar, Brahim se virou e com o braço estendido deu um terrível golpe com o dorso da mão no rosto de Aisha, que cambaleou. Um filete de sangue correu pela comissura dos lábios.

– Você viu? – grunhiu para Hernando. – Cem como este receberá sua mãe caso você decida contar algo aos padres sobre as artimanhas das cavernas ou do gado.

Hernando permaneceu toda a tarde na caverna, até que pouco antes do anoitecer chegou o último mourisco. Por fim pôde descer ao povoado para ocupar-se das mulas; havia que tratá-las das roçaduras e verificar seu estado. Ali onde dormia, num canto resguardado do estábulo, encontrou um caço com *gachas* e uma limonada de que deu cabo com apetite. Terminou o serviço com os animais e deixou velozmente o telheiro.

Cuspiu ao passar diante da pequena porta de madeira da casa. Seus meios-irmãos riam no interior. O vozeirão do padrasto se destacava acima da algazarra. Raissa o viu da janela e lhe deu um sorriso fugaz: era a única que às vezes se apiedava dele, ainda que até essas poucas demonstrações de afeto, como as de Aisha, tivessem de se fazer pelas costas de Brahim. Hernando aligeirou o passo até que começou a correr em direção à casa de Hamid.

O mourisco, viúvo, magro e murcho, curtido de sol e coxo da perna esquerda, vivia numa choça que havia suportado mil reparos sem muito sucesso. Ainda que não soubesse sua idade, a Hernando parecia um dos mais velhos do povoado. Apesar de a porta estar aberta, Hernando bateu com os nós dos dedos três vezes.

– A paz – respondeu Hamid na terceira. – Vi Brahim retornar ao povoado – acrescentou assim que o rapaz passou o umbral.

Uma fumegante lâmpada de azeite iluminava o cômodo, que era todo o lar de Hamid, e, apesar das paredes mal conservadas e das goteiras que vinham da cobertura, a sala era arrumada e limpa, como todos os cômodos das casas mouriscas. A lareira estava apagada. A única janelinha da choça havia sido tapada para que não caísse o lintel.

O rapaz anuiu e se sentou no chão junto dele, sobre uma almofada puída.

– Já rezou?

Hernando sabia que o perguntaria. Também sabia quais seriam as palavras seguintes: "A oração da noite..."

– ... é a única que podemos praticar com certa segurança – sempre repetia Hamid –, porque os cristãos estão dormindo.

Se Andrés estava empenhado em ensinar-lhe as orações cristãs e a somar, ler e escrever, o mísero Hamid, respeitado como um alfaqui no povoado, fazia o mesmo quanto às crenças e ensinamentos muçulmanos; havia-se imposto essa tarefa desde que os mouriscos tinham rejeitado o bastardo de um sacerdote, como se competisse com o sacristão cristão e com toda a comunidade. Também o fazia rezar nos terraços, protegido de olhares indiscretos, ou recitavam as suras em uníssono enquanto passeavam pelas serras procurando ervas curativas.

Antes que respondesse à pergunta de Hamid, este se levantou. Fechou e trancou a porta, e então ambos se despiram em silêncio. A água já estava preparada em vasilhas limpas. Puseram-se na direção de Meca, a *quibla*.

– Ó Deus, Senhor meu! – implorou Hamid, ao mesmo tempo que introduzia as mãos na vasilha e as lavava três vezes. Hernando o acompanhou nas orações e fez o mesmo em sua vasilha. – Com a ajuda dele me preservo da sujeira e maldade de Satanás maldito...

Depois passaram a lavar o corpo tal como era de preceito: partes pudendas, mãos, narinas e rosto, o braço direito e o esquerdo da ponta dos dedos ao cotovelo, a cabeça, as orelhas e os pés até os tornozelos. Acompanharam cada ablução com as orações pertinentes, embora às vezes Hamid deixasse que sua voz se fosse transformando num

murmúrio quase inaudível. Era o sinal do alfaqui para passar-lhe a direção das rezas; o rapaz sorria, e os dois prosseguiam o ritual com o olhar perdido na direção da *quibla*.

– ... que no dia do Juízo o Senhor me entregue... – orava em voz alta o rapaz.

Hamid entrefechava os olhos, anuía satisfeito e se juntava de novo à ladainha:

– ... minha carta em minha mão direita e tome de mim leve e boa conta...

Após as abluções, iniciaram a oração da noite inclinando-se duas vezes, abaixando-se até tocar os joelhos com as mãos.

– Louvado seja Deus... – começaram a rezar em uníssono.

No momento da prosternação, quando se achavam ajoelhados sobre o único cobertor de que Hamid dispunha, com a testa e o nariz roçando a fazenda e os braços estendidos para a frente, soaram umas batidas na porta.

Os dois emudeceram, imóveis sobre o cobertor. As batidas se repetiram, desta vez mais fortes.

Hamid virou o rosto sobressaltado para o rapaz, para deparar com seus olhos azuis, que refulgiam à luz da vela. "Sinto muito", parecia dizer-lhe. Ele já era mais velho, mas Hernando... – Hamid, abra – ouviu-se na noite.

Hamid? Apesar de sua perna aleijada, o mourisco deu um salto e se plantou diante da porta. Hamid! Nenhum cristão o teria chamado assim.

– A paz.

O visitante flagrou Hernando ainda ajoelhado sobre o cobertor, com os dedões dos pés apoiados nela.

– A paz – cumprimentou o desconhecido, um homem baixo, moreno de pele, curtido de sol e bastante mais jovem que Hamid.

– Este é Hernando – apresentou-o Hamid –, Hernando, este é Ali, de Órgiva, o marido de minha irmã. O que o traz aqui a esta hora? Está longe de casa. – Como única resposta, Ali apontou com o queixo

para Hernando. – O garoto é de confiança – assegurou Hamid: – Você mesmo pode comprová-lo.

Ali observou Hernando enquanto este se levantava e anuiu com a cabeça. Hamid indicou para o cunhado que se sentasse e depois o fez ele: Ali sobre o cobertor, Hamid sobre sua almofada puída.

– Traga água fresca e algumas uvas-passas – pediu este a Hernando.

– No fim do ano haverá mundo novo – augurou de modo solene Ali sem esperar que o rapaz fizesse o que tinha sido pedido.

A tigela com a escassa vintena de passas que Hernando deixou entre os dois homens não podia ser mais que resultado das esmolas do povo para o alfaqui; em algumas ocasiões, ele mesmo lhe havia levado presentes da parte de seu padrasto, a quem ninguém tinha precisamente por generoso.

Hamid assentia às palavras do cunhado no momento em que Hernando se sentou num dos cantos do cobertor.

– Eu ouvi – acrescentou.

Hernando os observou com curiosidade. Ignorava que Hamid tivesse parentes, mas não era a primeira vez que ouvia aquelas palavras: seu padrasto não parava de repetir aquela frase, sobretudo ao voltar de suas viagens a Granada. Andrés, o sacristão, lhe havia explicado que era pela entrada em vigor da nova pragmática real, que obrigaria os mouriscos a se vestir como cristãos e a abandonar o uso da língua árabe.

– Já houve uma tentativa frustrada para a Quinta-Feira Santa deste ano – prosseguiu Hamid –, por que há de ser diferente agora?

Hernando inclinou a cabeça para o lado. Que dizia Hamid? A que tentativa fracassada se referia?

– Desta vez sairá bem – assegurou Ali. – Na vez anterior, os planos para a insurreição estavam na boca de todas as Alpujarras. Por isso os descobriu o marquês de Mondéjar, e os do Albaicín deram para trás.

Hamid lhe instou que continuasse. Hernando se ergueu assim que ouviu a palavra “insurreição”.

– Neste caso se decidiu que os das Alpujarras não saibam o que vai suceder até que chegue o momento de tomar Granada. Deram-se instruções precisas aos mouriscos do Albaicín e as pessoas da veiga, do vale de Lecrín e de Órgiva se reuniram em segredo. Os casados se ocuparam de recrutar os casados, os solteiros os solteiros, e os viúvos os viúvos. Há mais de oito mil pessoas preparadas para assaltar o Albaicín. Só então se avisará os das Alpujarras. Calcula-se que a região poderá armar cem mil homens.

– Quem está por trás da insurreição desta vez?

– As reuniões se realizam na casa de um cerieiro do Albaicín chamado Adelet. Comparecem os que os cristãos chamam de Hernando, o Zaguer, aguazil de Cádiar, Diego López, de Mecina de Bombarón, Miguel de Rojas, de Ugíjar, e também Farax ibn Farax, o Tagari, Mofarrix, Alatar... Com eles há bastantes *monfíes*... – prosseguiu Ali.

– Não confio totalmente nestes bandidos – interrompeu-o Hamid.

Ali deu de ombros.

– Você bem sabe – escusou-os – que muitos deles se viram obrigados a viver nas montanhas. A nós não fazem nada! Você mesmo teria ido com eles se tivesse... – Ali evitou olhar para a perna inútil de Hamid. – A maioria se entregou ao banditismo por injustiças iguais às que se cometeram contra você.

Ali deixou a frase no ar à espera da reação do cunhado. Hamid permitiu que as lembranças voassem durante alguns segundos e franziu os lábios em sinal de assentimento.

– Que injust...? – saltou Hernando. Mas se calou diante do brusco movimento de mão com que Hamid recebeu sua intervenção. – Que *monfíes* se unirão? – perguntou então o alfaqui.

– O Partal de Narila, o Nacoz de Nigüeles, o Seniz de Bérchul. – Hamid escutava com ar pensativo, e Ali insistiu: – Está tudo pensado: os do Albaicín de Granada estão preparados para o dia de Ano-Novo. Assim que se alcem, os oito mil de fora de Granada escalarão... escalaremos as muralhas da Alhambra pela parte do Generalife.

Utilizaremos dezessete escadas que já estão sendo feitas em Ugíjar e Quéntar. Eu as vi: são feitas com maromas de cânhamo, fortes e resistentes, com umas barras de madeira rija pelas quais podem subir três homens ao mesmo tempo. Teremos de ir vestidos à turca, para que os cristãos pensem que recebemos ajuda da Berbéria ou do sultão. As mulheres estão trabalhando nisso. Granada não está preparada para defender-se. Nós a recuperaremos na mesma data em que ela se rendeu aos reis castelhanos.

– E uma vez que se tenha tomado Granada?

– Argel nos ajudará. O Grande Turco nos ajudará. Prometeram-no. A Espanha não suporta mais guerras, não pode lutar em mais lugares, pois já o faz em Flandres, nas Índias e contra os berberes e os turcos. – Então Hamid levantou o olhar para o teto. "Louvado seja Deus", murmurou. – Cumprir-se-ão as profecias, Hamid! – exclamou Ali. – Cumprir-se-ão!

O silêncio, só rompido pela entrecortada respiração de Hernando, apoderou-se do lugar. O rapaz tremia ligeiramente e não parava de levar o olhar de um homem para outro.

– Que querem que eu faça? Que posso fazer? – perguntou de repente Hamid. – Sou coxo...

– Como descendente direto da dinastia dos nasris, dos nazaris, você deve estar na tomada de Granada representando o povo a que sempre pertenceu e a que deve continuar pertencendo. Sua irmã está disposta a acompanhá-lo.

Antes que Hernando voltasse a perguntar, já quase de pé, Hamid se virou para ele, anuiu e estendeu a mão até seu braço, num gesto que pedia paciência. O rapaz se deixou cair de novo sobre o cobertor, mas seus imensos olhos azuis não conseguiam desviar-se do humilde alfaqui. Era descendente dos nazaris, dos reis de Granada!

---

1 Medida equivalente a 441,75m^2.

3

Hamid ofereceu sua casa a Ali para passar a noite, mas este declinou o convite: sabia que só dispunha de uma cama, e para não ofender seu anfitrião alegou que pretendia aproveitar aquela viagem para tratar de alguns assuntos com um morador de Juviles, que já o esperava. Hamid se deu por satisfeito e despediu-se dele na porta. Do cobertor, Hernando observou a formal despedida dos dois homens. O alfaqui esperou que o cunhado se perdesse na noite e trancou a porta. Então se virou para o rapaz: as rugas que atravessavam seu rosto pareciam tensas, e seus olhos, normalmente serenos, agora faiscavam.

Hamid se deteve um momento junto à porta, pensativo. Depois, muito devagar, coxeou na direção do rapaz implorando-lhe silêncio com um gesto. Os poucos instantes que levou para baixar aquela mão se tornaram intermináveis para Hernando. Por fim, Hamid se sentou e lhe sorriu francamente; as mil perguntas que se amontoavam na mente do rapaz – Nazaris? Que insurreição? Que pensa em fazer o Grande Turco? E os argelinos? Por que você deveria ser um *monfí*? Há berberes nas Alpujarras? – reduziram-se, no entanto, a uma só:

– Como você pode ser tão pobre sendo descendente...?

O semblante do alfaqui se ensombrou antes que Hernando terminasse de formular a pergunta.

– Tiraram-me tudo – respondeu secamente.

O rapaz desviou o olhar.

– Sinto muito... – conseguiu dizer.

– Há não muito tempo – começou a relatar Hamid para sua surpresa –, você até já havia nascido, deu-se uma mudança importante na administração de Granada. Até então nós, os mouriscos, dependíamos do capitão-general do reino, o marquês de Mondéjar, em

representação do rei, senhor da quase totalidade destas terras. No entanto, a legião de funcionários e leguleios do Tribunal de Granada exigiu para si o controle dos mouriscos, contra o critério do marquês, e o rei lhes deu a razão. A partir desse momento, escrivães e advogados começaram a desempoeirar velhos pleitos contra os mouriscos.

"Existia um costume pelo qual a todo mourisco que se acolhesse a um senhorio eram perdoados os delitos que pudesse ter cometido. Ganhavam todos: os mouriscos se estabeleciam pacificamente em terras das Alpujarras, e o rei obtinha trabalhadores que pagavam impostos muito mais elevados do que se as terras se achassem nas mãos de cristãos. Mas esse acordo em nada beneficiava o Tribunal Real."

Hamid pegou uma passa da tigela, que ainda estava sobre o cobertor.

– Não quer uma? – ofereceu-lhe.

Hernando se impacientava. Não, não queria uma passa... Queria que ele respondesse, que continuasse falando! Mas, para não contrariá-lo, estendeu a mão e mastigou em silêncio junto dele.

– Bem – prosseguiu Hamid –, os escrivães, com a desculpa de perseguir os *monfíes*, formaram grupos de soldados que na verdade não eram mais que criados ou parentes seus... com os melhores pagamentos que já tinha havido no exército do rei. Recebiam mais que os alemães dos terços de Flandres! Nenhum desses pretensiosos recomendados tinha coragem para enfrentar um só *monfí*, razão por que, em lugar de lutar à espada contra os bandidos, o fizeram com papéis contra os mouriscos de paz. Aqueles que tinham causas pendentes deviam pagar por elas: muitos dos nossos tiveram de fugir de seus lares e juntar-se aos *monfíes*. Mas a ganância dos funcionários não ficou nisso: começaram a investigar todos os títulos de propriedade das terras dos mouriscos, e aqueles que não podiam demonstrá-la com escrituras eram obrigados a pagar ao rei ou abandonar suas terras. Muitos, como eu, não puderam fazê-lo...

– Você não tinha esses títulos? – inquiriu Hernando ao verificar que o alfaqui se detinha em sua explicação.

– Não – respondeu este, com ar pesaroso. – Descendo da dinastia nazari, a última que reinou em Granada. Minha família, meu clã – Hamid adotou um tom de orgulho que espantou Hernando –, foi dos mais nobres e importantes de Granada, e um reles escrivão cristão me privou de minhas terras e riquezas.

Hernando estremeceu. Hamid parou, submerso em tão dolorosas lembranças. Um momento depois, se recompôs e continuou seu relato, como se por uma vez quisesse ouvir em voz alta a história de sua desgraça.

– Como recompensa pela capitulação de Bu Abdillah, que os cristãos chamavam Boabdil, diante dos espanhóis, estes lhe concederam em feudo as Alpujarras, para onde se retirou junto com sua corte. Entre os membros dessa corte se achava seu primo, meu pai, um reconhecido alfaqui. Mas aqueles reis avessos não se contentaram com isso: sem que Boabdil soubesse, pelas suas costas, voltaram a comprar através de um procurador as terras que pouco antes lhe haviam entregado e o expulsaram delas. Quase todos os nobres e grandes senhores muçulmanos abandonaram a Espanha com o "Rei Pequeno"; salvo meu pai, que decidiu ficar aqui, com sua gente, com aqueles que necessitavam dos conselhos que como alfaqui lhes proporcionava. Depois, o cardeal Cisneros, contra as capitulações de Granada que garantiam aos mudéjares a convivência pacífica em sua própria religião, convenceu os reis a expulsar todos aqueles mudéjares que não se convertessem ao cristianismo. Quase todos tiveram de converter-se. Não queriam abandonar suas terras, nas quais tinham nascido e criado seus filhos! Aspergiram com água benta centenas de nós ao mesmo tempo. Muitos saíram das igrejas alegando que não lhes havia caído nem uma gota e que portanto continuavam sendo muçulmanos. Quando eu nasci, há cinquenta anos... – Hernando teve um sobressalto. – Achava que eu fosse mais velho? – O rapaz abaixou a cabeça. – Há coisas que nos fazem envelhecer mais que o transcurso dos anos... Bem, naqueles dias, vivíamos tranquilamente em terras verbalmente cedidas por Boabdil: ninguém discutiu nossas

propriedades até que o exército de funcionários e leguleios se pôs em marcha. Então...

Hamid se calou.

– Tiraram-lhe tudo – terminou a frase Hernando, com voz dilacerada.

– Quase tudo. – O alfaqui pegou outra uva-passa da tigela. Hernando se inclinou para ele. – Quase tudo – repetiu, desta vez com a passa já meio mastigada. – Mas não puderam despojar-nos de nossa fé, que era o que mais desejavam. E tampouco me tiraram...

Hamid se levantou com dificuldade e se dirigiu para uma das paredes da choça. Ali, com o pé direito escarvou no chão de terra da morada até topar com um tabuão. Puxou por uma de suas extremidades e se abaixou para recolher um objeto envolto em tecido. Hernando não precisou que lhe dissesse o que era: sua forma curva e alongada o revelava.

Hamid desembrulhou o alfanje com delicadeza e o mostrou ao rapaz.

– Isto. Tampouco me tiraram isto. Enquanto aguazis, escrivães e secretários levavam trajes de seda, pedras preciosas, animais e grãos, consegui esconder o bem mais valioso de minha família. Esta espada esteve nas mãos do Profeta, a paz e as bênçãos de Deus sejam com Ele! – afirmou solenemente. – Segundo meu pai, o dele lhe contou que foi uma das muitas que recebeu Maomé em pagamento do resgate dos idólatras coraixitas que ele fez cativos na tomada de Meca.

Da bainha de ouro, pendiam pedaços de metal com inscrições em árabe. Hernando voltou a estremecer, e seus olhos faiscaram como os de uma criança. Uma espada propriedade do Profeta! Hamid desembainhou a lâmina, que brilhou no interior da choça.

– Você vai estar – afirmou dirigindo-se à espada – na retomada da cidade que nunca devia ter sido perdida. Você vai ser testemunha de que nossas profecias se cumprem e de que em al-Andalus voltarão a reinar os crentes.

4

Juviles, sexta-feira, 24 de dezembro de 1568

Os rumores que corriam pelo povoado havia dois dias se confirmaram com as palavras de um grupo de *monfíes* que o atravessaram a caminho de Ugíjar.

– Todas as pessoas de guerra das Alpujarras devem reunir-se em Ugíjar – ordenaram de seus cavalos aos habitantes de Juviles. – O levantamento começou. Recuperaremos nossas terras! Granada voltará a ser muçulmana!

Apesar do sigilo com que os granadinos do Albaicín tratavam de levar à frente a revolta, o lema de que "no fim do ano haverá novo mundo" correu pelas serras, e *monfíes* e alpujarrenhos não esperaram o dia de Ano-Novo. Um grupo de *monfíes* assaltou e deu cruel morte a vários funcionários que cruzavam as Alpujarras a caminho de Granada para celebrar o Natal, e que, como era costume entre eles, se haviam dedicado a roubar indiscriminada e impunemente em sua passagem por povoados e casarios. Outros *monfíes* se atreveram com um pequeno destacamento de soldados e, por fim, os mouriscos do povoado de Cádiar se sublevaram em massa, saquearam a igreja e as casas dos cristãos e mataram selvagemente a todos.

Após a passagem dos *monfíes*, enquanto os cristãos se trancavam em suas casas, o povoado de Juviles se somou à agitação: os homens se armaram de adagas, punhais e até alguma velha espada ou um inútil arcabuz que haviam conseguido esconder zelosamente aos aguazis cristãos; as mulheres recuperaram os véus e os coloridos vestidos de seda, linho ou lã, bordados em ouro ou prata, e saíram à rua com as mãos e os pés tatuados com tintura de alfena e usando aquelas vestimentas tão diferentes das cristãs. Algumas com marlotas até a

cintura, outras com longas *almalafas* terminadas em ponta nas costas; debaixo, túnicas orladas; nas pernas, bombachas plissadas nas panturrilhas e meias grossas e enrugadas nas coxas, enroladas desde os tornozelos até os joelhos, onde se uniam às bombachas. Calçavam tamancos com correias ou chinelos. Todo o povoado era uma explosão de cores: verdes, azuis, amarelos... Havia mulheres engalanadas por todas as partes, mas sempre, sem exceção, com a cabeça coberta: algumas só ocultavam o cabelo; a maioria, todo o rosto.

Naquele dia, Hernando estava desde a primeira hora da manhã ajudando Andrés na igreja. Preparavam a missa da noite de Natal. O sacristão examinava mais uma vez uma esplêndida casula bordada em ouro quando as portas do templo se abriram violentamente e um grupo de mouriscos vociferantes entrou por elas. No meio da turba, o sacerdote e o beneficiado, que haviam sido tirados arrastados de suas casas, gaguejavam, caíam no chão e eram levantados a pontapés.

– O que é que estão fazendo...? – conseguiu gritar Andrés após acorrer à porta da sacristia, mas os mouriscos o esbofetearam e o jogaram no chão. O sacristão foi cair aos pés do padre Martín e do beneficiado Salvador, que continuavam sofrendo constantes golpes e sacudidelas.

Hernando, cuja primeira reação havia sido seguir Andrés, afastou-se atemorizado diante da entrada daquela turba de homens na sacristia. Uivavam, gritavam e lançavam pontapés para tudo quanto se interpunha em seu caminho. Um deles varreu com o braço os objetos que repousavam sobre a mesa do lugar: papel, tinteiro, penas... Outros se dirigiram aos armários e começaram a tirar seu conteúdo. De repente, uma mão áspera o agarrou pelo pescoço e o arrastou para fora da sacristia, empurrando-o para onde se encontravam o sacerdote e seus ajudantes. Hernando machucou o rosto ao cair no chão.

Enquanto isso, vários grupos de mouriscos começavam a chegar empurrando sem dó as famílias cristãs do povoado, que foram levadas assim para diante do altar, junto a Hernando e aos três eclesiásticos. Todo Juviles se havia reunido no templo. As mulheres mouriscas

começaram a dançar ao redor dos cristãos, lançando agudos "yu-yus" que produziam com bruscos movimentos de língua. Do chão, atônito, Hernando observava a cena: um homem urinava sobre o altar, outro se empenhava em cortar a maroma do sino para silenciá-la, enquanto outros destroçavam a machadadas imagens e retábulos.

Diante do sacerdote e dos demais cristãos, foram-se amontoando os objetos de valor: cálices, pátenas, lâmpadas, vestimentas bordadas em ouro... Tudo isso entre a ensurdecedora algazarra que os gritos dos homens e os cânticos das mulheres originavam no interior da igreja. Hernando dirigiu o olhar para dois fortes mouriscos que tentavam arrancar a porta de ouro do sacrário. O fragor da vozearia deixou de retumbar em seus ouvidos, e todos os seus sentidos se concentraram na imagem dos grandes peitos de sua mãe, que balançavam ao ritmo de uma dança delirante. A longa melena negra lhe caía sobre os ombros; sua língua aparecia e desaparecia freneticamente da boca aberta.

– Mãe – sussurrou. Que estava fazendo? Aquilo era uma igreja! E além disso... como podia mostrar-se assim diante de todos os homens?...

Como se tivesse ouvido aquele leve sussurro, ela virou o rosto para o filho. A Hernando pareceu que o fazia devagar, muito devagar, mas, antes que se desse conta, Aisha estava plantada diante dele.

– Soltem-no – exigiu arquejante dos mouriscos que o vigiavam. – É meu filho. É muçulmano.

Hernando não podia afastar a atenção dos grandes peitos de sua mãe, que agora caíam, flácidos.

– É o nazareno! – ouviu que dizia um dos homens atrás dele.

O apelido o devolveu à realidade. Outra vez o nazareno! Virou-se. Conhecia o mourisco: tratava-se de um mal-encarado ferrador com que seu padrasto discutia amiúde. Aisha agarrou o filho pelo braço e tentou arrastá-lo consigo, mas o mourisco o impediu com a mão.

– Espere que seu homem volte com as mulas – disse-lhe com ironia. – Ele decidirá.

Mãe e filho cruzaram o olhar; ela tinha os olhos entreabertos e os lábios apertados, trêmulos. De repente, Aisha se voltou e começou a correr. O sacristão, ao lado de Hernando, tentou passar-lhe um braço pelos ombros, mas o rapaz, assustado, se safou dele instintivamente e se virou até onde lhe permitiram os guardiões para ver que sua mãe deixava a igreja. Assim que o cabelo negro de Aisha desapareceu atrás da porta, o tumulto rebentou de novo em seus ouvidos.

Todo Juviles era uma zambra. Os mouriscos cantavam e dançavam pelas ruas ao som de pandeiros, guizos, gaitas, atabales, flautas ou dulcianas. As portas das casas dos cristãos apareciam destrancadas. Ao entrar em seu povoado, Brahim se acomodou, orgulhoso e garboso, na sela do cavalo oveiro da qual encabeçava um grupo de mouriscos armados. À comitiva custava avançar devido ao tumulto que reinava nas ruas: homens e mulheres dançavam ao seu redor, comemorando a revolta.

O arrieiro se havia somado ao levantamento em Cádiar, onde este o surpreendeu trabalhando. Ali havia lutado ombro a ombro com o Partal e seus *monfíes* contra uma companhia de cinquenta arcabuzeiros cristãos, que eles aniquilaram.

Brahim perguntou pelos cristãos do povoado, e várias pessoas, entre gritos e saltos, lhe apontaram a igreja. Dirigiu-se para ali, para entrar nela montado no oveiro. Parado na porta, enquanto o cavalo resfolegava inquieto, a gritaria cessou pelos instantes necessários para que se ouvisse a débil tentativa de protesto do padre Martín.

– Sacríl...!

O sacerdote foi imediatamente silenciado a socos e pontapés. Brahim incitou ao oveiro para que passasse sobre os pedaços de retábulos, cruzes e imagens que se espalhavam pelo chão, e as pessoas tornaram a rebentar em gritos. Shihab, o aguazil do povoado, cumprimentou-o de onde estavam reunidos os cristãos, diante do altar, e Brahim se dirigiu para eles.

– Todas as Alpujarras se levantaram em armas – disse ao chegar a Shihab, sem desmontar do cavalo cor de pêssego. – Por ordem do Partal, trouxe as mulheres, as crianças e os velhos mouriscos que não podem lutar, para que se refugiem no castelo de Juviles, onde também deixei o butim conseguido em Cádiar.

O castelo de Juviles estava dois tiros de arcabuz a levante do povoado, sobre uma plataforma rochosa de quase mil varas de altura e de muito difícil acesso. A edificação datava do século X e conservava os muros e várias de suas originárias nove torres semiderruídas, mas o interior era bastante grande para acolher os mouriscos refugiados de Cádiar, assim como era um lugar seguro para armazenar o butim obtido naquela rica localidade.

– Em Cádiar já não restam cristãos vivos! – gritou Brahim.

– Que devemos fazer com estes? – perguntou-lhe o aguazil apontando para o grupo diante do altar.

Brahim se preparava para responder, mas uma pergunta o impediu:

– E com este? Que fazemos com este? – O ferrador saiu de trás do grupo de cristãos com Hernando seguro pelo braço.

Um sorriso cruel se desenhou no rosto de Brahim quando cravou o olhar no enteado. Aqueles olhos azuis de cristão! Com ganas os arrancaria...

– Você sempre disse que era um cão cristão! – imprecou o ferrador.

Era verdade, havia-o repetido mil vezes... mas agora necessitava do rapaz. O Partal se havia mostrado incisivo quando Brahim lhe pediu a espada, o arcabuz e o cavalo oveiro do capitão Herrera, o chefe dos soldados de Cádiar.

– Seu trabalho é o de arrieiro – havia-lhe respondido o *monfí*. – Precisaremos de você. Há que transportar todos os bens que tomemos desses velhacos para trocá-los por armas na Berbéria. De que lhe vai servir um cavalo se você tem de andar com as bagagens?

Mas Brahim queria aquele cavalo. Brahim ardia em desejos de utilizar a espada e o arcabuz do capitão contra os odiados cristãos.

– A récua será dirigida por meu enteado, Hernando – havia replicado ao Partal quase sem pensar. – Ele é capaz de fazê-lo: sabe ferrar e tratar os animais, e estes lhe obedecem. Eu dirigirei os homens que você me proporcione para defender as bagagens e o butim que transportemos.

O Partal acariciou a barba. Outro *monfí*, o Zaguer, que conhecia bem Brahim e estava presente, intercedeu por ele.

– Pode ser melhor soldado que arrieiro – alegou. – Não lhe faltam coragem nem destreza. E conheço seu filho: é hábil com as mulas. – De acordo – cedeu o Partal após alguns instantes de reflexão. – Leve as pessoas para Juviles e cuide dos bens que tomamos. Você e seu filho responderão por eles com a própria vida.

E agora aquele ferrador pretendia tornar cativo Hernando como cristão. Brahim balbuciou algumas palavras ininteligíveis do alto do oveiro.

– Seu enteado é cristão! – insistiu aos gritos o ferrador. – Isso é o que você assegurava a toda hora.

– Diga-lhe, Hernando! – interveio Andrés. O sacristão se havia levantado e avançava para o rapaz. Um dos vigilantes ia lançar-se em cima do sacristão, mas o aguazil o impediu. – Reconheça sua fé em Cristo! – suplicou o sacristão uma vez livre, com os braços estendidos.

– Sim, meu filho. Reze ao único Deus – acrescentou o padre Martín, com o rosto ensanguentado e a cabeça baixa. – Encomende-se ao verdadeiro... – Um novo soco impediu a frase.

Hernando passeou o olhar pelos presentes, muçulmanos e cristãos. Que era ele? Andrés se havia dedicado à instrução dele mais que à dos outros rapazes do povoado. O sacristão o havia tratado melhor que seu padrasto. "Sabe falar árabe e castelhano, ler, escrever e contar", sustentavam interessadamente por seu lado os mouriscos. E, no entanto, Hamid também o havia tomado sob sua custódia, e nos campos ou em sua choça lhe ensinava com vontade as orações e a doutrina muçulmana, a fé de seu povo. Em Cádiar já não restavam cristãos vivos! Assegurava-o Brahim. Um suor frio lhe encharcou a

testa: se o considerassem cristão, o condenariam a... A gritaria havia cessado e grande parte dos mouriscos murmurava perto do grupo.

O cavalo de Brahim bateu com o casco no chão. Hernando era cristão!, parecia refletir o rosto do cavaleiro. Porventura não era filho de um sacerdote? Porventura não sabia mais das leis de Cristo que qualquer muçulmano? E se seu segundo filho, Aquil, pudesse encarregar-se da récua? O Partal não conhecia seus filhos. Poderia dizer-lhe...

– Decida-se! – exigiu-lhe Shihab.

Brahim suspirou; seu atraente rosto esboçou um sorriso torcido.

– Fiquem com ele...

– Que se deve decidir? Que deve ficar?

A voz de Hamid calou os murmúrios. O alfaqui vestia uma simples túnica longa que realçava a bainha de ouro do longo alfanje que pendia de uma corda ao modo de cinto. Tentava andar o mais erguido que sua perna lhe permitia. O tintinar dos pedaços de metal que pendiam da bainha pôde ser ouvido no interior do templo. Alguns mouriscos olharam com atenção tentando adivinhar que inscrições havia neles.

– Que se deve decidir? – repetiu.

Aisha resfolegava atrás dele. Havia corrido até a choça de Hamid, sabendo do carinho que este professava a seu filho e do respeito das pessoas do povoado pelo alfaqui. Só ele podia salvá-lo! Se esperavam a decisão de Brahim como pretendia o ferrador... A origem daquele filho nunca era mencionada, mas não era necessário. Brahim não ocultava seu ódio por Hernando: maltratava-o e falava-lhe com desprezo. Se alguém do povoado queria molestar o arrieiro, não precisava senão mencionar o nazareno. Então seu marido se zangava e maldizia; depois, de noite, pagava a golpes contra Aisha. A única solução que havia encontrado Aisha havia sido recordar-lhe vezes seguidas que ela era a mãe de seus outros quatro filhos, voltar-se para estes e obter sua entrega incondicional, com o que conseguia suscitar no marido o atávico sentimento de clã familiar que todo muçulmano respeitava. Graças a isso, Brahim cedia a contragosto... Mas, num momento

assim... num momento assim não seria só Brahim, mas todo um povoado exaltado, que reclamaria o nazareno.

Hamid havia baixado o olhar diante dos peitos de Aisha, que havia aparecido desse modo diante da porta de sua choça. "Cubra-se", pediu-lhe tão perturbado quanto se sentiu ela ao dar-se conta de sua nudez. Depois tentou entender o que lhe dizia a mulher, instando-lhe com as mãos que se tranquilizasse e falasse mais devagar. Aisha conseguiu explicar-se e o alfaqui não hesitou um instante. Os dois partiram para a igreja. Hamid mancava atrás da mulher, tentando seguir sua rápida marcha.

– O rapaz é cristão! – insistia o ferrador sem parar de sacudir Hernando.

Hamid franziu o cenho.

– Você, Yusuf – apontou para o assim chamado –, faça a profissão de fé.

Imediatamente, muitos dos mouriscos baixaram os olhos; o ferrador titubeou.

– Que é que tem a ver...? – começou a queixar-se Brahim do alto do oveiro.

– Cale-se – ordenou Hamid, levantando uma das mãos. – Reze! – insistiu com o ferrador.

– Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus – entoou Yusuf.

– Continue.

– Essa é a profissão de fé. Já é suficiente – desculpou-se o ferrador.

– Não. Não é. Em al-Andalus, não. Reze a oração de seus antepassados, aqueles que você pretende vingar.

Yusuf arrostou o olhar do alfaqui durante alguns segundos, mas depois baixou os olhos, assim como muitos dos presentes.

– Reze a oração que você deveria ter ensinado a seus filhos, mas que já esqueceu – censurou-o Hamid. – Algum dos presentes pode recitar os atributos da divindade como é costume em nossa terra?

O alfaqui passeou o olhar pelo grupo de mouriscos. Ninguém respondeu.

– Faça-o você, Hernando – convidou-o então.

Após soltar-se das ameaçadoras mãos do ferrador, o rapaz recolheu uma das casulas bordadas em ouro amontoadas diante do altar; hesitou alguns instantes, depois se voltou para a *quibla* e se ajoelhou sobre a seda.

– Não! – gritou Andrés, mas nesta ocasião os mouriscos não lhe permitiram continuar e bateram nele. O sacristão levou as mãos ao rosto e soluçou diante da traição de seu pupilo, ao mesmo tempo que Hernando iniciava a prece:

– Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus. Sabe que toda pessoa é obrigada a saber que Deus é um em seu reino. Criou as coisas todas que no mundo existem, o alto e o baixo, o trono e o escabelo, os céus e a terra, o que há neles e o que existe entre eles. – Hernando havia iniciado a prece com voz trêmula, mas, à medida que surgiam as palavras, seu tom foi adquirindo firmeza. – Todas as criaturas foram formadas por seu poder; nada se move sem sua permissão...

Até o cavalo cor de pêssego se manteve quieto durante as rezas. Hamid escutava comprazido e de olhos entreabertos; Aisha o fazia atentamente, apertando as mãos, como se quisesse empurrar as palavras que saíam da boca do filho.

– Ele é o primeiro e o último, o que se manifesta e o que se oculta. Ele conhece tudo quanto existe – finalizou o rapaz.

Ninguém falou até que o fez Hamid:

– Quem ousa afirmar agora que este rapaz é cristão?

5

Todos os cristãos de Juviles foram confinados na igreja sob a tutela de Hamid, que devia tentar que apostatassem de sua religião e se convertessem ao islã.

Brahim se encaminhou para o norte, para a serra, aonde o Partal havia dito que iria para insurgir as pessoas. Sob suas ordens partiu um variado grupo formado por meia dúzia de homens, uns armados com as armas obtidas da companhia de arcabuzeiros de Cádiar, outros com simples paus ou fundas de esparto. Ao final da comitiva, ia Hernando, que controlava a récua de mulas, incrementada por seis bons exemplares escolhidos por Brahim dentre os trazidos de Cádiar.

Hernando tivera de correr atrás do oveiro do padrasto. Quando na igreja ninguém se atreveu a pôr em dúvida as palavras do alfaqui, Brahim esporeou seu cavalo, deu meia-volta e ordenou ao garoto que o seguisse. Hernando nem sequer havia podido despedir-se de Hamid ou de sua mãe: contudo, sorriu ao passar junto a eles. Na praça da igreja, o esperavam homens e mulas.

– Se perder um animal ou uma carga, arranco seus olhos.

Tais foram as únicas palavras que lhe dirigiu o padrasto antes de iniciar a marcha.

Desde então, a única preocupação do rapaz consistiu em estimular as mulas atrás da montaria do padrasto e dos homens que o seguiam a pé. As mulas de Juviles atendiam às ordens; as tomadas o faziam ou não, segundo lhes desse na veneta. Uma delas, a de maior porte, lhe lançou uma dentada quando a estimulou para que voltasse à fila. Hernando saltou com agilidade e evitou a mordida, mas ao ir castigar o animal se viu com as mãos vazias.

"Já pego você", maldisse entre dentes. A mula continuou impassível enquanto Hernando procurava ao seu redor. "Uma paulada viria bem",

pensou. As mulas não eram bobas, mas aquela precisava de uma lição. Não podia arriscar-se a que lhe desobedecessem com seu padrasto ali por perto, já que seria ele quem acabaria recebendo o castigo, razão por que pegou um pedregulho de bom tamanho e voltou a aproximar-se do animal por seu lado direito, com o braço para trás. Assim que percebeu a presença do rapaz, a mula ia mordê-lo de novo, mas Hernando lhe acertou um forte golpe no beiço com a pedra. O animal sacudiu a cabeça e soltou um potente zurro. Hernando a estimulou com suavidade, e a mula voltou submissa a seu lugar na récua. Ao levantar o olhar, ele deparou com o do padrasto, que, virado em sua sela, o observava com atenção, atento, como sempre, a que o rapaz cometesse o menor erro para poder castigá-lo.

Continuaram subindo em direção a Alcútar. Transitavam por um estreito caminho em fila de um, e ainda não haviam perdido de vista Juviles, quando o eco de uma voz reverberou por desfiladeiros, canhadas e montanhas. Hernando parou. Um calafrio percorreu-lhe a coluna. Quantas vezes o havia contado Hamid! Mesmo à distância, o rapaz reconheceu o timbre de voz do alfaqui e o percebeu orgulhoso, alegre, vivaz, irradiante; denotava a mesma satisfação que no dia em que lhe havia mostrado a espada do Profeta.

– Venham para a oração! – ouviram que gritava Hamid, certamente da torre da igreja.

A chamada passou pelos abruptos despenhadeiros, chocando-se com as rochas e enredando-se na vegetação, até encher todo o vale das Alpujarras, desde Sierra Nevada até a Contraviesa e, dali, ao próprio céu. Fazia mais de sessenta anos que naquelas terras não ressoava a chamada do muezim!

A comitiva parou. Hernando procurou o sol e se ergueu para verificar que sua sombra alcançava o dobro de sua estatura: era o momento exato.

– Não há força nem poder senão em Deus, excelso e grande – murmurou, somando-se às palavras dos demais. Tal era a resposta que recitavam de suas casas todos os dias, fosse de noite ou ao meio-dia,

com suma discrição, atentos a que nenhum cristão pudesse ouvi-los da rua.

– Alá é grande! – gritou depois Brahim, pondo-se de pé sobre os estribos e brandindo o arcabuz sobre a cabeça.

Hernando se encolheu atemorizado diante da figura e do impiedoso semblante do padrasto.

Logo seu grito se viu envolto pelo de todos os homens que o acompanhavam. Com o mesmo arcabuz, Brahim fez sinal de continuar. Um dos homens passou o dorso da mão pelos olhos antes de começar a andar. Hernando o ouviu fungar e pigarrear em várias ocasiões, como se pretendesse conter o choro, e estimulou as mulas com o canto de Hamid ressoando nos ouvidos.

A população de Alcútar, situada a pouco mais de uma légua de Juviles, os recebeu com as mesmas zambras, cânticos, danças e festas que se realizavam em Juviles. Após alçar em armas os mouriscos do povoado, o Partal e seus *monfíes* se haviam dirigido para a próxima Narila, seu lugar de origem, sem esperar a chegada de Brahim.

Como todos os povoados da Alpujarra alta, Alcútar era uma rede de ruelas que subiam, desciam e serpenteavam, encerradas por pequenas casas caiadas de terrados planos. Brahim se dirigiu para a igreja.

Um grupo de entre quinze e vinte cristãos se achava reunido diante das portas do templo, estreitamente vigiado por mouriscos armados com paus que assediavam seus cativos com gritos e golpes, qual pastores às ovelhas. Hernando acompanhou o olhar aterrorizado de uma menina cujo cabelo cor de palha se destacava no grupo de cristãos: junto à fachada da igreja, o cadáver flechado do beneficiado do lugar era objeto de escárnio por parte de quantos passavam ao seu lado, que lhe cuspiam ou davam pontapés. Junto ao beneficiado, de joelhos, um homem jovem sem a mão direita tentava conter a hemorragia pela qual lhe escapava a vida. O sangue empoçava sobre a água da neve, e a mão se havia convertido no brinquedo de um cão, que se divertia mordiscando-a diante do atento olhar de umas crianças mouriscas.

– Comece a carregar o butim!

A voz de Brahim soou no momento em que uma das crianças, mais ousada que o restante, tirava do cão seu macabro brinquedo e o lançava aos pés do mutilado. O cão correu para ele, mas, antes que pudesse chegar, uma mulher soltou uma gargalhada, cuspiu no homem quando este lhe mostrou o coto e chutou a mão para que o cão pudesse ocupar-se dela.

Hernando negou com a cabeça e seguiu os soldados até o interior da igreja. A menina cristã, com o cabelo cor de palha encharcado de água de neve, continuava com os olhos cravados no cadáver do beneficiado.

Pouco depois, o rapaz saía do templo carregando uma roupa de seda bordada em ouro e um par de candelabros de prata que se somaram ao monte de utensílios de todos os tipos que já se acumulavam às portas da igreja. Então parou para ficar com algum agasalho procedente do saque das casas cristãs. Do alto do oveiro, Brahim torceu a expressão.

– Quer que eu morra de frio? – defendeu-se, antecipando-se à reprimenda do padrasto.

Os alforjes das doze mulas já estavam repletos quando o sol começou a pôr-se e uma orla avermelhada se desenhou por cima dos cumes que rodeavam as Alpujarras. O cadáver dessangrado do maneta jazia sobre o do beneficiado. O cão havia deixado de mordiscar a mão. Os cristãos permaneciam inquietos, agrupados diante da igreja. A voz do muezim soou enérgica, os mouriscos estenderam as roupas de seda e linho sobre a lama e se prostraram.

O vermelho do céu se mudou em cinzento, já finalizada a oração do pôr do sol, e o Partal e seus *monfíes* se apresentaram em Alcútar. Ao grupo de cerca de trinta homens rudes – alguns a cavalo, outros a pé, todos bem agasalhados e armados com bestas, espadas ou arcabuzes, além de adagas na cintura – se haviam unido alguns *gandules* de Narila, a milícia urbana, ocupados então em controlar a fila de cativos cristãos que haviam levado de Narila para Alcútar. Aos *monfíes* não

parecia importar o frio nem a neve que caía: conversavam e riam. Hernando observou que, ao final do grupo, uma récua de mulas transportava o butim obtido em Narila.

Os novos cativos passaram a engrossar o já numeroso grupo de parados diante da igreja. Os mouriscos impediram a golpes qualquer comunicação entre eles, e afinal voltou a reinar o silêncio enquanto as crianças mouriscas corriam ao redor dos *monfíes*, apontando para suas adagas e seus cavalos, e se enchiam de satisfação quando algum deles lhes revolvia o cabelo. Brahim e o aguazil de Alcútar deram as boas-vindas ao Partal e se afastaram para despachar com o *monfí*. Hernando viu que seu padrasto apontava na direção de onde se achava ele com as mulas carregadas, e que o Partal anuía. Depois, este último apontou para as mulas que transportavam o butim de Narila e fez menção de chamar o arrieiro que as dirigia, mas Brahim se negou de forma ostensiva. Apesar da distância e na escuridão rompida pelas tochas, Hernando percebeu que os dois homens discutiam. Brahim gesticulava e balançava a cabeça: era evidente que o tema de que tratavam era o novo arrieiro. O Partal parecia querer aplacar os ânimos e convencê-lo de algo. Ao final, pareceram pôr-se de acordo, e o *monfí* mandou aproximar-se o arrieiro recém-chegado para dar-lhe instruções. O arrieiro de Narila ofereceu a mão a Brahim, mas este não a apertou e o olhou com receio.

– Entendeu bem qual é o seu lugar? – espicaçou-o Brahim, observando de soslaio o Partal. O arrieiro de Narila anuiu com a cabeça. – Sua fama o precede: não quero ter problemas com você, com suas mulas ou com sua forma de trabalhar. Espero não ter de relembrá-lo – acrescentou para mandar que se fosse.

Chamava-se Cecilio, mas nos caminhos era conhecido como Ubaid de Narila. Assim se apresentou a Hernando, com certo orgulho, uma vez que, por indicação de Brahim, havia conduzido sua récua até onde se encontrava a do rapaz.

– Eu me chamo Hernando – respondeu o jovem.

Ubaid esperou alguns instantes.

– Hernando? – limitou-se a repetir ao ver que o rapaz não dizia mais nada.

– Sim, sou Hernando. – Disse-o com firmeza, desafiando Ubaid, muitos anos mais velho que ele e arrieiro de profissão.

Ubaid soltou um riso sarcástico e de imediato lhe deu as costas para ocupar-se de seus animais.

"Se soubesse de minha alcunha...", pensou Hernando, enquanto notava como lhe apertava o estômago. "Talvez devesse adotar um nome muçulmano."

Naquela noite, os grãos e os alimentos saqueados nas casas dos cristãos foram esbanjados para festejar a sublevação das Alpujarras. Todas as *taas*, todos os lugares de mouriscos se somavam à rebelião, afirmava o Partal com entusiasmo. Só faltava Granada!

Enquanto os notáveis do povoado atendiam aos *monfíes*, e os cristãos eram encerrados na igreja ao cuidado do alfaqui do povoado, que, como Hamid em Juviles, devia tentar que apostatassem, Hernando e Ubaid permaneceram junto às mulas e ao butim, refugiados sob uma choça coberta de chamiça. No entanto, não foram esquecidos pelas mulheres de Alcútar, que os serviram em abundância. Hernando matou então a fome; Ubaid também, mas, uma vez satisfeito seu estômago, tentou também satisfazer seu desejo, e Hernando o viu galantear quantas mulheres chegaram até eles. Algumas delas se aproximaram do rapaz e se sentaram a seu lado, aduladoras, procurando contato com ele. Hernando se apequenava, desviava o olhar e até se separava, até que a mulheres recrudesciam em seu empenho.

– Que é que está acontecendo, garoto? Elas lhe dão medo? – perguntou seu companheiro, a quem a comida e a companhia feminina pareciam ter deixado de melhor humor. – Não há nada que temer, não é mesmo? – disse, dirigindo-se a uma delas.

A mulher riu, enquanto Hernando enrubescia. O arrieiro de Narila o olhava com expressão maliciosa.

– Ou tem medo do que possa dizer seu padrasto? – insistiu. – Não parece que se deem muito bem...

Hernando não respondeu.

– Bem, tampouco é de estranhar... – prosseguiu Ubaid. Seus lábios esboçaram um sorriso de cumplicidade, que absolutamente não conseguiu embelezar um rosto sujo e vulgar. – Tranquilo, agora está ocupado fazendo-se de importante... Mas você e eu estamos mais perto do que de verdade importa, não acha?

Mas nesse momento a mulher que assediava Ubaid exigiu sua atenção, e este, após lançar um olhar para Hernando que o rapaz não conseguiu compreender de todo, afundou a cabeça nos peitos dela.

Bem entrada a noite, Ubaid desapareceu com uma mulher. Ao vê-los ir, Hernando recordou os comentários do sacristão de Juviles:

– As cristãs-novas, as mouriscas – havia-lhe explicado numa das muitas sessões de doutrinamento na sacristia da igreja –, desfrutam das práticas amorosas divertindo-se sem medida com o marido... Ou com quem não o é! É claro que o matrimônio mouro não é propriamente matrimônio: não é mais que um contrato sem outra transcendência além da compra de uma vaca ou do arrendamento de um campo. – O sacristão o tratava como se o rapaz fosse um cristão-velho, descendente de cristãos sem tacha, e não o filho de uma mourisca. – Tanto homens como mulheres se entregam ao vício da carne, algo que Cristo Nosso Senhor repele. Por isso você as verá todas gordas, gordas e morenas, porque sua única pretensão é proporcionar prazer a seus homens. Deitar-se com eles como cadelas no cio e, na sua ausência, lançar-se ao adultério, pecar por gula e por preguiça, e mexericar todo o dia sem outro propósito além de entreter-se até que chegue a hora de voltar a recebê-los de braços abertos.

"Também há cristãs gordas – ficara tentado a replicar naquela ocasião –, e algumas são muito mais morenas que as mouriscas." Mas se havia calado, como sempre com o sacristão.

O dia de Natal amanheceu frio e ensolarado em Sierra Nevada.

– Persistem na fé deles – anunciou o alfaqui de Alcútar ao Partal e aos mouriscos reunidos diante da igreja. – Se lhes falo do verdadeiro Deus e do Profeta, respondem rezando suas orações, todos em uníssono: se os ameaço de maus-tratos, encomendam-se a Cristo. Batemos neles, e quanto mais o fazemos mais invocam seu Deus. Tiramos-lhes cruzes e medalhas, mas se mofam de nós benzendo-se e fazendo o sinal da cruz.

– Já cederão... – resmungou o Partal. – Cuxurio de Bérchules se alçou ontem à noite. O Seniz e outros chefes *monfíes* nos esperam ali. Recolham o butim – acrescentou, dirigindo-se a Brahim. – Quanto aos cristãos, os levaremos para Cuxurio. Tirem-nos da igreja.

Cerca de oitenta pessoas foram expulsas da igreja aos gritos, golpes e empurrões. Entre o choro de mulheres e crianças, muitos levantaram os olhos para o céu e rezaram ao encontrar-se com a turba que os esperava lá fora; outros fizeram o sinal da cruz.

O Partal esperou que fossem agrupados e se aproximou deles com olhar perscrutador.

– Que Cristo faça cair sobre você...!

O *monfí* calou a ameaça do cristão com um violento golpe de culatra de seu arcabuz. O homem, magro e de idade mediana, caiu de joelhos com a boca ensanguentada. A que devia ser sua esposa acorreu em sua ajuda, mas o Partal a derrubou com um soco no rosto. Depois entrefechou os olhos até que suas espessas sobrancelhas negras se fundissem em uma só. Todos os mouriscos de Alcútar presenciavam os fatos. Entre os cristãos reinava o silêncio.

– Dispam-se! – ordenou então. – Que se dispam todos os homens e as crianças de mais de dez anos!

Os cristãos se olharam uns aos outros, com a incredulidade desenhada no semblante. Como iriam despir-se na presença de suas mulheres, suas vizinhas e suas filhas? Do interior do grupo se levantaram alguns protestos.

– Dispa-se! – exigiu o Partal de um velho de barba rala que estava diante dele, uma cabeça abaixo do *monfí*. O homem fez o sinal da cruz

como resposta. O *monfí* desembainhou lentamente sua longa e pesada espada, e apoiou a afiada ponta no pescoço do cristão, sobre o pomo de adão, até que nela brotou um filete de sangue. Então insistiu: – Obedeça!

O velho, desafiador, deixou pender os braços. O Partal lhe afundou a espada no pescoço sem hesitar.

– Dispa-se – disse ao cristão seguinte, ao mesmo tempo que lhe aproximava do pescoço a espada ensanguentada. O cristão empalideceu e, ao ver o velho agonizante a seu lado, começou a desabotoar a camisa. – Todos! – exigiu o Partal.

Muitas das mulheres baixaram o olhar, outras taparam os olhos de suas filhas. Os mouriscos explodiram em gargalhadas.

Ubaid, que não havia perdido nenhum detalhe da cena, foi para junto das mulas. Hernando o seguiu: tinham de preparar-se para partir.

– As coitadinhas estão carregadas! – exclamou o arrieiro com ironia. – Ninguém sabe o que levam aqui... É uma sorte: se por acaso se perdesse algo, ninguém notaria.

Hernando se virou para ele, subitamente aturdido. Que havia querido dizer? Mas Ubaid parecia absorto em seu trabalho, como se suas palavras não tivessem sido mais que um comentário ao acaso. No entanto, quase sem pensar, Hernando se ouviu responder, com voz mais firme do que o habitual:

– Nada vai se perder! É o butim de nosso povo.

Nenhum dos dois disse nem mais uma palavra.

Por fim deixaram Alcútar: Brahim, o Partal e seus *monfíes* encabeçavam a marcha. Atrás deles ia uma fila de mais de quarenta cristãos, nus e descalços, transidos de frio, com as mãos amarradas às costas. Mulheres cabisbaixas, crianças menores de dez anos e as cerca de vinte mulas que carregavam o butim fechavam a comitiva, sob a vigilância de Hernando e Ubaid. Espalhados no meio da formação, os mouriscos que haviam decidido pegar em armas e unir-se à luta, os

gandules, imprecavam contra os cristãos e os ameaçavam com mil aterradoras torturas se não renegassem sua fé e se convertessem.

Apesar de Cuxurio de Bérchules se achar a pouco mais de um quarto de légua de Alcútar, a dureza do caminho logo afetou os pés descalços dos cristãos, e Hernando percebeu várias pedras manchadas de sangue. De repente, um caiu no chão: dadas suas pernas finas e seu púbis sem pelo algum, tratava-se de um menino. Os homens estavam todos amarrados, razão por que nenhum pôde ajudá-lo: as mulheres tentaram fazê-lo, mas os *gandules* o impediram ao mesmo tempo que davam pontapés no garoto. Hernando observou que a menina do cabelo cor de palha se lançava sobre ele para protegê-lo.

– Deixem-no! – gritou, ajoelhada, cobrindo-lhe a cabeça com os braços.

– Peça a seu Deus que o levante – gritou-lhe um.

– Reneguem sua fé – espicaçou-lhe outro.

O pequeno grupo formado pelo caído, pela menina e pelos quatro *gandules* que ficaram para trás fez parar a mula que encabeçava a récua.

– O que é que está acontecendo aí? – Hernando ouviu a voz de Ubaid às suas costas.

Hernando chegou até eles no momento em que um dos mouriscos se unia aos gritos do arrieiro.

– Vamos ter de matá-los se não seguirem adiante!

Entre as pernas dos *gandules* conseguiu ver o corpo encolhido do menino, vislumbrou seu rosto crispado e os olhos firmemente fechados. As palavras lhe surgiram sem pensar.

– Se os matarem, não poderão... poderemos – corrigiu-se imediatamente – convertê-los à verdadeira fé.

Os quatro mouriscos se viraram ao mesmo tempo. Todos o superavam em muitos anos.

– Quem é você para dizer qualquer coisa?

– Quem são vocês para matá-los? – arrostou-os Hernando.

– Ocupe-se de suas mulas, rapaz...

Hernando interrompeu-o e cuspiu no chão.

– Por que não perguntam a ele o que é que devem fazer? – acrescentou apontando para as costas largas do Partal, que se afastava adiante. – Porventura já não os teria matado em Alcútar se esse fosse o seu desejo?

Os quatro jovens trocaram olhares e finalmente decidiram seguir caminho, não sem antes dar novos pontapés no menino. Com a ajuda da garota, Hernando o afastou do caminho e estimulou as mulas à espera da Velha. Seguro pelas axilas, pendendo entre Hernando e a de cabelo cor de palha, o menino boqueava em busca de ar. Ubaid observava a cena sem dizer nada. Seus olhos pareciam calcular a situação. O enteado de Brahim tinha mais arrojo do que havia deduzido à primeira vista... Nesse momento Hernando ajudava a garota a montar o menino sobre a Velha.

– Por que fez isso? – perguntou-lhe ele. – Poderiam tê-la matado.

– É meu irmão – respondeu ela, com o rosto atravessado de lágrimas. – Meu único irmão. É bom – acrescentou depois como se pedisse clemência.

Chamava-se Isabel, disse-lhe depois, enquanto andava junto à Velha, sustentando o irmão, Gonzalico. Conversaram pouco, mas o suficiente para que Hernando percebesse o imenso carinho que se dedicavam.

A situação de Cuxurio de Bérchules era similar à de todos os povoados das Alpujarras sublevados: a igreja saqueada e profanada, os mouriscos em festa e os cristãos do lugar cativos. Ali lhes esperava outro grupo de *monfíes* às ordens de Lope, o Seniz. Os *monfíes* decidiram dar mais uma oportunidade aos cristãos, mas nesta ocasião, vistos os poucos resultados de Alcútar, deram instruções aos alfaquis para que os ameaçassem com maus-tratos, com vexações e com a morte de suas mulheres se não se convertessem ao islã.

– É como um pequeno *alfaqui* – quis jactar-se Brahim diante do Partal e do Seniz ao ver aparecer a curiosa imagem que formavam seu enteado e a Velha com o menino no cangote e Isabel a seu lado. – Conhecem Hamid de Juviles? – Ambos anuíram. Quem não conhecia o

coxo Hamid nas Alpujarras? – É seu protegido. Instruiu-o na verdadeira fé.

O Partal entrefechou os olhos para observar a chegada de Hernando, da mula e do menino. "A conversão de um menino tão pequeno", pensou, "poderia minar mais a resistência daqueles obstinados cristãos que qualquer ameaça."

– Aproxime-se – ordenou a Hernando. – Se é verdade o que assegura seu padrasto, esta noite você vai ficar com o pequeno cristão e conseguirá que renegue a sua fé.

Mas, enquanto os mouriscos sublevados se concentravam na conversão forçada dos cristãos, a revolta das Alpujarras vivia seu primeiro revés importante. Naquela mesma noite de Natal, nem os mouriscos de Granada nem os de sua veiga se somaram ao levantamento. Farax, o rico tintureiro líder da revolta, entrou no Albaicín no comando de cento e oitenta *monfíes* que vestiu ao modo turco para simular o desembarque de tropas de reforço e assim percorrer o bairro mourisco granadino chamando aos gritos à rebelião. Enquanto *monfíes* e mouriscos percorriam as sinuosas ruelas do bairro muçulmano, as poucas tropas cristãs permaneceram aquarteladas na Alhambra. No entanto, as portas e as janelas das casas mouriscas também permaneceram fechadas.

– Quantos são vocês? – ouviu-se perguntar através da fresta de uma delas.

– Seis mil – mentiu Farax.

– Vocês são poucos e vêm rápido.

E a janela se fechou.

6

Gonzalico começou a tremer ao ver-se obrigado a devolver os cobertores com que se havia agasalhado durante a noite.

– Ele renegou? – perguntou a Hernando um *monfí* dos do Seniz, ao amanhecer do dia seguinte.

Hernando e Gonzalico haviam falado ao redor de um fogo, no campo onde descansavam as mulas, e a pergunta do *monfí* os surpreendeu sentados e em silêncio, com o olhar fixo no rescaldo da fogueira. Renegar?, ficou tentado a replicar o jovem mourisco. Havia-se confirmado em sua fé com voz de menino e disposição de homem. Havia rezado a seu Deus! Havia encomendado sua alma ao Senhor dos cristãos!

Negou, cabisbaixo. O *monfí* levantou Gonzalico sem contemplação, segurando-o por um braço. Hernando só viu seus pés descalços cambalear afastando-se na direção do povoado.

Devia ir atrás deles? E se por fim renegasse? Levantou o olhar das brasas que se consumiam. "Como a vida de Gonzalico!" Mas ele não chegaria a ter tempo de arder com a força e a paixão com que o haviam feito os troncos durante a noite. Era apenas um menino! Viu Gonzalico apressar-se para acompanhar o passo do *monfí*, coxeando aqui ao pisar numa pedra ou caindo ali e ser arrastado por alguns passos. Seus olhos se encheram de lágrimas. Levantou-se para segui-los.

– Seus reis nos obrigaram a renunciar à nossa fé – havia-lhe explicado Hernando num momento da noite. – E o fizemos. Batizaram-nos a todos. – Gonzalico não afastava dele seus imensos olhos pardos. – Agora que nós vamos reinar...

– Nunca reinarão nos céus – interrompeu-o o pequeno.

– Se assim fosse – lembrava-se de ter-lhe respondido sem querer entrar na discussão que lhe suscitava –, que importância pode ter que renuncie aqui na Terra?

O menino se sobressaltou.

– Renegar a Cristo? – perguntou com um fiapo de voz.

Porventura eram néscios aqueles cristãos? Então lhe falou da *fatwa* ditada pelo mufti de Orã quando se deu a conversão forçada dos muçulmanos espanhóis:

– E, se os forçarem a beber vinho, bebam-no então, não com vontade de ter vício dele – recitou após explicar-lhe o sentido do ditame daquele jurisconsulto a seus irmãos de al-Andalus, ao qual todos os mouriscos se haviam aferrado –, e, se os forçarem a comer porco, comam-no sem estar de acordo no coração e certos de ser vedado. Isso significa que, se o obrigam pela força – tentou convencê-lo ao pôr fim à *fatwa* –, você na verdade não está renegando... desde que cumpra com o dever para com seu Deus.

– Reconheça sua heresia – insistiu Gonzalico.

Com um suspiro, Hernando desviou a atenção para a Velha, sempre perto dele. A mula dormitava em pé.

– Vão matá-lo – sentenciou ao fim de um tempo.

– Morrerei por Cristo – exclamou o menino com um estremecimento que nem a escuridão nem o cobertor puderam esconder.

Ambos fizeram silêncio. Hernando ouvia o choro abafado de Gonzalico, encolhido sob o cobertor. "Morrerei por Cristo." Não era mais que um menino! Buscou outro cobertor com que agasalhá-lo e, mesmo sabendo-o acordado, aproximou-se dele.

– Obrigado – aspirou Gonzalico.

Obrigado?, repetia surpreso para si mesmo no momento em que, por entre os cobertores, notou que o menino procurava sua mão e se agarrava a ela. Permitiu-lhe fazê-lo, e os soluços foram diminuindo até transformar-se numa respiração compassada. Durante o que restava da

noite permaneceu junto ao menino enquanto dormia, sem atrever-se a soltar-se de sua mão para não acordá-lo.

Haviam acordado antes que chegasse o *monfí* do Seniz.

Gonzalico lhe sorriu. Hernando observou-lhe o sorriso infantil e tentou responder-lhe de forma igual, mas sua tentativa não passou de um esgar. Como Gonzalico podia sorrir? "É apenas um menino inocente", disse a si mesmo. A noite, a discussão, o perigo, os vários deuses, tudo havia ficado para trás, e agora ele respondia como o menino que era. Porventura não era um novo dia? Porventura não voltava a brilhar o sol como sempre? Hernando não havia ousado insistir na apostasia e, desta vez, sim, lhe havia sorrido abertamente.

Não tinham nada para comer.

– Comeremos depois – aceitou Gonzalico com voz ameninada.

Depois! Hernando se obrigou a assentir.

Nenhum dos cristãos cativos havia apostatado. "Morrerei por Cristo." O compromisso voltou à memória de Hernando, já no centro de Cuxurio, ao ver que o *monfí* lançava o menino contra o numeroso grupo de cristãos que se apinhavam, todos nus, junto à igreja. Os "yu-yus" das mouriscas se entremesclavam com os prantos das cristãs, obrigadas a contemplar seus pais, maridos, irmãos ou filhos, de certa distância. Se alguma baixava ou fechava os olhos, era imediatamente apaleada até que voltasse a fixá-los nos homens. Ali estavam todos os cristãos de Alcútar, Narila e Cuxurio de Bérchules; mais de oitenta homens e crianças de dez anos para cima. O Seniz e o Partal gritavam e gesticulavam diante do alfaqui que havia permanecido com os cristãos durante aquela noite. O Seniz foi o primeiro; sem dizer palavra, dirigiu-se para os cristãos. Em pé diante deles, acendeu uma mecha de seu velho arcabuz com incrustações douradas e a fixou na serpentina.

Fez-se silêncio no povo; os olhares estavam fitos naquela trança de linho embebida em salitre que crepitava lentamente.

O Seniz apoiou a culatra da arma no chão, introduziu a pólvora no cano; meteu uma bucha de pano para atacar o conjunto a golpes de

vareta. O *monfí* não olhava senão para o seu arcabuz. Depois introduziu uma bola de chumbo e tornou a atacar o cano com a vareta. Então levantou a arma e apontou.

Um grito saiu do grupo de cristãs. Uma mulher caiu de joelhos, com os dedos das mãos entrelaçados, suplicantes, e um mourisco a puxou pelo cabelo até obrigá-la a levantar os olhos. O Seniz nem sequer virou o rosto e encheu de pólvora fina a caçoleta. Depois, sem outro preâmbulo, disparou no peito de um cristão.

– Alá é grande! – gritou. O eco do disparo ainda retumbava no ar. – Matem-nos! Matem todos!

Monfíes, *gandules* e homens simples se abalançaram sobre os cristãos com arcabuzes, lanças, espadas, adagas ou simples instrumentos de arar. A gritaria voltou a ensurdecer Cuxurio. As cristãs, retidas pelas mouriscas e por um grupo de *gandules*, foram obrigadas a presenciar a matança. Nus, rodeados por uma turba enlouquecida, seus homens nada podiam fazer para defender-se. Alguns se ajoelharam benzendo-se, outros tentaram proteger seus filhos entre os braços. Hernando contemplava a cena junto ao grupo das cristãs. Uma enorme mourisca pôs em sua mão uma adaga e o empurrou para que se somasse à carnificina. A lâmina da arma cintilou na palma de sua mão, e a mulher voltou a empurrá-lo. Hernando se dirigiu para os cristãos. Que ia fazer? Como ia matar alguém? A meio caminho, Isabel, a irmã de Gonzalico, escapou do grupo, correu para ele e o segurou pela mão.

– Salve-o – suplicou.

Salvá-lo? Tinha de matá-lo! A enorme mourisca estava olhando para ele e...

Pegou Isabel por um braço, colocou-se atrás dela e, ameaçando-a com a adaga no pescoço, obrigou-a a presenciar a matança assim como outros homens faziam com o restante das mulheres. A mourisca pareceu satisfeita com isso.

– Salve-o – ouviu que lhe repetia Isabel entre soluços, sem fazer nada para escapar.

Seus rogos lhe dilaceravam o coração.

Obrigou-a a olhar e, por cima dela, ele também o fez: Ubaid se dirigia para Gonzalico. Por um instante, o arrieiro se virou para onde se encontravam Hernando e Isabel para depois agarrar pelo cabelo o menino e torcer-lhe a cabeça até ele apresentar-lhe a garganta. A criança não se opôs. Degolou-o de um só corte, calando a oração que surgia de seus lábios. Isabel cessou suas súplicas e sua respiração, assim como Hernando. Ubaid deixou cair o cadáver para a frente e se ajoelhou para fincar-lhe a adaga nas costas e rebuscar em seu interior até alcançar o coração. Extraiu o coração sanguinolento de Gonzalico e o ergueu com um uivo triunfal. Depois se dirigiu para onde estavam eles e o atirou a seus pés.

Hernando já não exercia força alguma sobre a menina, e, no entanto, esta permanecia colada a ele. Nenhum dos dois abaixou os olhos na direção do coração. A matança continuava, e Ubaid voltou a somar-se a ela: ao beneficiado Montoia furaram um olho com um punhal antes de atacá-lo a punhaladas; outros dois sacerdotes foram martirizados com uma seta atrás da outra até que em seus corpos já não comportassem mais flechas; outros foram lentamente esquartejados antes de morrer. Um homem atacava com uma enxada o que já não era mais que uma massa sanguinolenta irreconhecível; mas ele continuava golpeando e golpeando. Um mourisco se aproximou do grupo de cristãs com uma cabeça cravada numa lança e dançou aproximando-a de seus rostos. Por fim, os gritos foram mudando-se em cânticos que festejavam o selvagem fim dos cristãos. "Morrerei por Cristo." Hernando fixou o olhar no cadáver destroçado de Gonzalico: seu corpo era mais um dos que se amontoavam junto à igreja numa imensa poça de sangue. Com grande esforço, o jovem conteve as lágrimas. Alguns *monfíes* andavam por cima dos cadáveres em busca de moribundos para dar o golpe final; a maioria ria e conversava. Alguém fez soar uma doçaina, e homens e mulheres começaram a dançar. Já ninguém vigiava as cristãs submetidas. A mesma enorme mourisca que

lhe havia entregado a adaga lhe arrebatou Isabel e a empurrou com o restante. Depois lhe exigiu que lhe devolvesse a arma.

Hernando continuou com a adaga na mão; seus olhos azuis pareciam incapazes de desviar-se do monte de cadáveres.

– Dê-me a adaga – insistiu a mulher.

O rapaz não se mexeu.

A mulher o sacudiu.

– A adaga! – Hernando a entregou maquinalmente. – Como você se chama?

A mulher só obteve um balbucio por resposta e voltou a sacudi-lo.

– Como você se chama?

– Hamid – respondeu Hernando, voltando a si. – Ibn Hamid.

No mesmo dia da matança de Cuxurio de Bérchules, o Seniz, o Partal e seus *monfíes* receberam ordens de Farax, o tintureiro do Albaicín de Granada e chefe da revolta, de ir com o butim e as cativas cristãs para o castelo de Juviles. No dia de Natal, em Béznar, um povoado situado na entrada ocidental das Alpujarras, os mouriscos proclamaram Fernando de Válor rei de Granada e de Córdova.

O novo rei descendia, como Hamid, da nobreza muçulmana granadina; embora, e diferentemente do afalqui de Juviles, afirmasse que sua linhagem se vinculava aos califas cordoveses da dinastia dos Omeias. Sua família, ao contrário da de Hamid, se havia integrado aos cristãos após a tomada de Granada. Seu pai alcançou o grau de cavaleiro vigésimo quarto da cidade – fazendo parte do grupo de nobres que dominava e regia o município –, mas foi condenado às galés por um crime. Seu filho herdou o grau vigésimo quarto, mas também foi condenado por assassinar aquele que denunciara seu pai, bem como a várias testemunhas do crime. Então, D. Fernando de Válor vendeu seu grau vigésimo quarto a outro mourisco, que havia sido fiador seu no processo criminal; mas este, que não confiava demasiado na palavra de D. Fernando e temia perder a fiança, arranjou para que no momento do pagamento pela compra do cargo as

autoridades embargassem também o dinheiro do preço da compra. Em 24 de dezembro de 1568, informado da revolta que agitava as Alpujarras, D. Fernando de Válor y de Córdoba fugiu de Granada sem grau vigésimo quarto nem dinheiro, com uma amante e um escravo negro por única companhia, para unir-se aos que, segundo ele, constituíam seu verdadeiro povo.

O rei de Granada e de Córdova tinha vinte e dois anos e uma pele morena verde-negra; era um homem sobrancelhudo e de grandes olhos negros. Gentil e distinto, contava com o apreço e respeito de todos os mouriscos, tanto por seu cargo em Granada como pelo sangue real. Com o apoio de sua família, os Valorís, foi nomeado rei em Béznar, debaixo de uma oliveira e na presença de uma multidão de mouriscos, apesar da violenta oposição de Farax, que reclamava a coroa para si e a quem calou nomeando-o aguazil-mor. Ao final, o tintureiro beijou a terra em que pisava o novo rei depois de este, vestido de púrpura, rezar sobre quatro bandeiras estendidas aos quatro pontos cardeais e jurar morrer em seu reino e na lei e fé de Maomé. D. Fernando foi investido rei com uma coroa de prata roubada da imagem de uma Virgem e recebeu o nome de Muhammad ibn Umayya, que os cristãos transformaram em Aben Humeya, em meio à aclamação de todos os presentes.

7

A primeira decisão de Aben Humeya foi mandar Farax percorrer as Alpujarras no comando de um exército composto por trezentos experientes *monfíes*, para recolher todo o butim capturado a fim de trocá-lo com os berberes por armas, razão pela qual Hernando voltava a estimular sua récua de mulas carregadas, desde Cuxurio até o castelo de Juviles. Suas relações com Ubaid se haviam tornado mais tensas: Hernando não conseguia apagar da memória o semblante selvagem que lhe havia mostrado o arrieiro, e não deixava de pensar em seus comentários sobre a possível perda acidental de parte do butim.

– Tenho de vigiar a Velha. Sempre se atrasa – disse a Ubaid para frear a marcha. Preferia não tê-lo às suas costas.

– Uma mula velha come como uma jovem – espicaçou-o Ubaid. – Mate-a. – Hernando não respondeu. – Por acaso quer que também o faça eu? – acrescentou o arrieiro ao mesmo tempo que levava a mão à adaga que lhe pendia da cintura.

– Esta mula conhece os caminhos das Alpujarras melhor que você – escapou ao rapaz.

Os dois se olharam; os olhos de Ubaid ressumavam ódio. Entre dentes, o arrieiro de Narila murmurava algo quando um grito de Brahim o fez virar a cabeça. O grupo de cativas cristãs já se punha em marcha, e as mulas ainda não se moviam atrás das mulheres. Ubaid franziu o cenho, respondeu com outro grito a Brahim e se juntou à comitiva, não sem antes atravessar Hernando com o olhar.

Foi nesse momento que Ubaid decidiu que devia desfazer-se daquele rapaz: ele representava Brahim, o arrieiro de Juviles com o qual havia tido mil problemas nos caminhos das Alpujarras... assim como com a maioria dos outros arrieiros. O ouro e as riquezas que transportavam

nas récuas haviam excitado a ambição do de Narila. Quem ia ficar sabendo se faltasse algo? Ninguém tinha controle do que carregavam nos animais. Sim, a luta de seu povo era importante, mas algum dia terminaria e então... continuaria sendo um vulgar arrieiro obrigado a percorrer as serras nevadas para ganhar uma miséria? Ubaid não estava disposto a isso. Em nada perigaria a vitória dos seus porque seu tesouro minguasse um pouco. Havia tentado conseguir a ajuda de Hernando, ganhar sua amizade apelando para as más relações que ambos tinham com Brahim, mas aquele néscio não havia caído em seu jogo. Pois bem! Pior para ele! Aquele era o momento, no início do levantamento, com as pessoas desorganizadas. Depois... depois quem sabia quantos arrieiros se juntariam ou que disposições adotaria o novo rei? Além disso, constava-lhe que ninguém, nem sequer seu padrasto, ia sentir muita falta desse rapaz que tratavam por nazareno.

Ubaid conhecia bem aquela rota. Escolheu o cotovelo de um estreito e sinuoso caminho que seguia ante a parede de uma das serras. As saliências de cada trecho do caminho impediam de ver os que iam à frente ou atrás para além de alguns poucos passos de distância; ninguém podia voltar atrás dada a estreiteza da passagem; ninguém podia surpreendê-lo. As mulas fechavam a marcha e atrás delas, em seguida à Velha, ia Hernando. Seria simples: posicionar-se-ia após o cotovelo, cortaria o pescoço do rapaz quando este passasse, montá-lo-ia numa mula bem carregada, e esconderia cadáver e animal numa caverna daquele mesmo trecho, sem sequer deter a marcha. Todos pensariam que Hernando havia fugido com parte do butim. A culpa seria de Brahim por ter confiado num nazareno bastardo; ele só teria que regressar de noite e esconder bem sua parte do butim até que chegasse o fim da guerra.

Assim o fez. Estimulou seus animais para que continuassem a marcha, coisa que fizeram acostumados como estavam àqueles caminhos. Empunhou o punhal e o ergueu quando as primeiras mulas da récua de Hernando dobraram o cotovelo. Foi-as contando; eram doze. As mulas roçavam-no, e Ubaid as estimulava em silêncio com a

mão livre para que continuassem. A décima primeira passou pelo cotovelo, e Ubaid se ergueu tenso; o rapaz tinha de ser o seguinte, depois que passasse o último animal.

Mas a Velha parou. Hernando a estimulou com a voz, mas o animal se negou com teimosia: pressentia a presença de uma pessoa após a curva.

– Que é que está acontecendo, Velha? – perguntou começando a ultrapassá-la para ver o que...

Hernando se aproximou ainda mais do cotovelo, e a Velha recuou, como se quisesse impedir que seu dono a ultrapassasse. O rapaz parou de repente. Não transcorreu nem um instante para Ubaid aparecer no caminho, ameaçando com a faca; as mulas se afastavam e ele tinha de rematar seu plano. Hernando, atrás da Velha, fez menção de fugir, mas em vez disso pegou um grande candelabro de prata maciça de cinco braços que sobressaía de um dos alforjes.

Os dois se desafiaram, com a Velha no meio. Hernando, com as costas encharcadas de um suor mais frio que a temperatura da serra, tentava controlar o tremor das mãos, de todo o corpo, enquanto apontava com o longo candelabro para o arrieiro de Narila. Um escabroso precipício, insondável, abria-se a seu lado direito. Ubaid olhou para o abismo: um golpe com aquele candelabro...

– Ouse! – desafiou-o Hernando com um grito nervoso. O arrieiro de Narila calculou a situação e guardou o punhal na cinta.

– Achei que o estavam perseguindo os cristãos – desculpou-se com cinismo antes de dar-lhe as costas.

Hernando nem sequer virou a cabeça. Custou-lhe voltar a colocar o candelabro no alforje; de repente se deu conta de seu peso. Tremia, muito mais do que o havia feito ao enfrentar Ubaid, e quase não conseguia controlar as mãos. Por fim se apoiou na garupa da Velha e lhe palmeou a anca agradecido. Continuou o caminho, assegurando-se de que a mula superasse cada um dos cotovelos antes dele.

Animados pela criançada que saiu para recebê-los, subiram a empinada encosta que levava ao castelo de Juviles, já bem avançada a

tarde do dia de Santo Estêvão. Hernando não perdia de vista Ubaid, que ia à frente dele. À medida que se aproximavam, perceberam a música e os aromas das comidas que se preparavam em seu interior. Após as semiderruídas muralhas do forte, esperavam-nos as mulheres e os velhos de Cádiar, bem como muitas outras pessoas de diferentes lugares das Alpujarras, principalmente mulheres, crianças e velhos, que afluíam em busca de abrigo, já que seus pais ou maridos se haviam unido ao levantamento. No interior do amplo recinto, balizado por nove torres defensivas – algumas destruídas, outras ainda erguendo-se com arrogância sobre o abismo –, amontoavam-se como num bazar dezenas de tendas e choças feitas de galhos e tecidos, que guardavam os pertences de cada família. As fogueiras relumbravam em qualquer espaço que se abrisse entre as tendas; os animais se misturavam com crianças e velhos, enquanto as mulheres, vestidas com coloridos trajes mouriscos, se dedicavam a cozinhar. O vozerio e os aromas conseguiram que Hernando relaxasse: não se tratava das panelas ou caldeirões com verduras e toucinho que os cristãos comiam; o azeite queimava em todos os lugares. Desfilaram junto às tendas em meio à ovação geral, e uma mulher lhe ofereceu um doce de amêndoa e mel. Outra um sonho, e uma terceira uma saborosa e trabalhada geleia recoberta de alcorça. Aqui e ali, por grupos, soavam pandeiros, gaitas e atabales, dulcianas e rabecas. Ele mordeu a alcorça, e em sua boca se mesclaram os sabores do açúcar, da fécula e do almíscar, do âmbar, do coral vermelho e das pérolas, do coração de cervo e da água de flor de laranjeira; depois, entre fogos e mulheres, cantos e danças, aspirou o aroma de cordeiro, de lebre e de veado, e das ervas com as que os cozinhavam: coentro, hortelã, tomilho e canela, anis, aneto e mil outras delas. As récuas de mulas atravessaram com dificuldade o forte até uma de suas extremidades, onde se assentavam os restos da antiga alcáçova e se achava depositado o butim feito em Cádiar. As cativas cristãs recém-chegadas foram assaltadas pelas mouriscas, que as despojaram de seus poucos pertences antes de pô-las para trabalhar.

Com a ajuda dos homens que Brahim havia encarregado da proteção do butim de Cádiar, Hernando e Ubaid começaram a descarregar as mulas e a amontoar os objetos de valor; ambos estavam tensos e se vigiavam um ao outro. Nisso estavam, transportando os frutos da rapina dos alforjes para o interior da alcáçova, quando as zambras e gritos foram silenciando-se até que todos puderam ouvir a voz de Hamid, que chamava do campanário de Juviles à oração, campanário agora transformado em minarete. O castelo dispunha de grandes algibes que proporcionavam água da serra, limpa e pura. Fizeram as abluções e a oração, e depois retornaram à sua tarefa; no interior da alcáçova se acumulava um considerável tesouro composto por grande quantidade de objetos de valor, joias e todo o dinheiro arrebatados aos cristãos.

Hernando deixou que seus olhos percorressem o ouro e a prata amontoados. Absorto na pequena fortuna acumulada, não se deu conta da proximidade de Ubaid. Após a oração da noite, a escuridão da alcáçova só era rompida por algumas tochas. O vozerio havia começado de novo. Brahim conversava com os soldados de guarda para além da entrada da alcáçova.

Ubaid o empurrou ao passar por ele.

– Da próxima vez você não vai ter tanta sorte – disse entre dentes.

Da próxima vez!, repetiu para si Hernando. Aquele homem era um ladrão e um assassino! Estavam sozinhos. Olhou para o arrieiro. Pensou alguns instantes. E se...?

– Seu cão! – insultou-o então.

O arrieiro se virou surpreso justo no momento em que Hernando saltava sobre ele. O rapaz foi repelido pela bofetada com que o recebeu Ubaid. Hernando cambaleou mais que o necessário para deixar-se cair sobre o tesouro mourisco, exatamente onde se encontrava uma pequena cruz de ouro e pérolas em que havia reparado antes. O alvoroço chamou a atenção de Brahim e dos soldados.

– Que...? – começou a dizer Brahim, indo parar no interior da alcáçova em alguns passos largos –, que é que você está fazendo em

cima do butim?

– Caí. Tropecei – gaguejou Hernando, ao mesmo tempo que sacudia a roupa, com a cruz escondida na palma da mão direita.

Ubaid contemplava a cena com estranheza. Qual a razão do súbito ataque do rapaz?

– Seu desajeitado – recriminou-o o padrasto aproximando-se do tesouro para verificar com uma olhadela se algum objeto se tinha quebrado.

– Vou a Juviles – disse Hernando.

– Você fica... – começou a dizer Brahim.

– Quer que eu fique? – levantou a voz e gesticulou exageradamente. Levava a joia na cintura, tapada pela marlota que havia conseguido dentre as roupas dos cristãos de Alcútar. – Siga-me! Olhe!

Sem mais tardança, saiu da alcáçova e se dirigiu para as récuas de mulas. Um confuso Brahim o seguiu.

– Esta está com uma ferradura solta. – Hernando levantou a pata de uma das mulas e moveu a ferradura. – Aquela começa a ter uma matadura. – Para chegar àquela para a qual apontava, o rapaz passou entre as mulas de Ubaid. – Não. Não é esta – acrescentou de trás de uma das do arrieiro de Narila.

Ficou na ponta dos pés com os braços junto ao corpo e simulou procurar a que tinha a matadura. Enquanto o fazia, escondeu a cruz entre os arreios da mula de Ubaid.

– Aquela. Sim, aquela. – Chegou até o animal e levantou sua guarnição. As mãos lhe tremiam e suavam, mas a pequena matadura que havia observado durante o caminho apareceu à vista de seu padrasto. – E esta deve de ter algo na boca, já que não quis comer – mentiu. – Tenho as ferramentas e os remédios no povoado!

Brahim deu uma olhada nos animais.

– Está bem – cedeu após pensar alguns instantes. – Vá a Juviles, mas esteja preparado para voltar assim que eu ordene.

Hernando sorriu para Ubaid, que contemplava a cena da porta da alcáçova, junto aos soldados. O arrieiro franziu o cenho e entrefechou

os olhos diante do sorriso: depois o ameaçou com o indicador antes de perder-se entre as tendas, onde as mulheres começavam a servir o jantar. Brahim fez menção de segui-lo.

– Não vai verificar? – deteve-o o enteado.

– Verificar? O que...?

– Não quero problemas com o butim – interrompeu-o com seriedade Hernando. – Se viesse a faltar algo...

– Eu mataria você. – Brahim se inclinou sobre o rapaz com os olhos fechados em duas finas linhas.

– Por isso mesmo. – Hernando teve de se esforçar para controlar o tremor que ameaçava a sua voz. – Trata-se do butim de nosso povo; a prova de sua vitória. Não quero problemas. Reviste as minhas mulas!

Brahim o fez. Verificou se os alforjes estavam vazios, verificou os interstícios dos arreios e até exigiu do rapaz que tirasse a marlota para revistá-lo antes de deixá-lo ir do castelo.

Uma vez livre, serpenteando entre as tendas com as mulas em fila, Hernando virou o olhar: Brahim revistava então os animais de Ubaid.

– Arre! – estimulou a récua.

Hernando e suas mulas chegaram a Juviles já bem entrada a noite. Os cascos das cavalgaduras sobre o empedrado rompiam o silêncio do povoado. Algumas mouriscas apareceram nas janelas para obter notícias da revolta, mas desistiram ao verificar que quem guiava a récua era o jovem nazareno. Aisha o esperava na porta: a Velha se havia adiantado. Estimulou as demais mulas para que seguissem para o estábulo e parou diante de sua mãe. A bruxuleante luz da candeia que iluminava o interior da casa brincava com o perfil de sua mãe. Naquele momento, ele recordou seus enormes peitos dançando na igreja ao som dos “yu-yus”; no entanto, logo a imagem se converteu na Aisha suplicante que fora conseguir a ajuda de Hamid.

– E seu pai? – perguntou-lhe.

– Ficou no castelo.

Aisha se limitou a abrir os braços. Hernando sorriu e se adiantou até sentir seu abraço.

– Obrigado, mãe – sussurrou.

Naquele mesmo instante notou o cansaço: as pernas pareceram ceder e todos os seus músculos relaxaram. Aisha estreitou o abraço e começou a cantarolar uma canção de ninar, embalando o filho em pé. Quantas vezes havia ouvido aquela melodia em menino! Depois... depois vieram os demais filhos de Brahim e ele...

Uma lanterna piscou junto às últimas casas do povoado.

Aisha se virou para ela.

– Já jantou? – perguntou de repente, nervosa, tentando separá-lo. Hernando resistiu. Preferia aquele abraço à comida. – Vamos, vamos! – insistiu. – Eu lhe preparo algo.

Entrou decidida em casa. Hernando permaneceu um momento parado, deleitando-se com o aroma daquela roupa e daquele corpo que tão poucas vezes podia abraçar.

– Venha! – disse-lhe sua mãe de dentro de casa. – Há muito para fazer e já é tarde.

Desaparelhou os animais, deu-lhes cevada na manjedoura, e Aisha lhe deu uma boa porção de miolo de pão, ovos e uma laranjada. Mulas e muleteiro comeram em silêncio. Aisha, sentada ao lado do filho, lhe acariciava o cabelo com doçura enquanto escutava o relato do acontecido desde sua partida de Juviles. Beijou-o na cabeça ao ouvi-lo contar, com a voz embargada pelo choro, a morte de Gonzalico.

– Teve a sua oportunidade – tentou consolá-lo. – Você a deu. Isto é uma guerra. Uma guerra contra os cristãos: todos a sofreremos, não tenha dúvida.

Hernando terminou de jantar, e sua mãe se retirou. Então ele se dedicou a tratar das mulas. Inspecionou-as: já saciadas, todas, incluindo as novas, descansavam com o pescoço pendente e as orelhas baixas. Por um momento fechou os olhos, vencido pelo cansaço, mas se obrigou a levantar-se; Brahim podia mandá-lo chamar a qualquer momento. Ferrou aquela que disso necessitava. Na noite, o martelar

ressoou por canhadas e despenhadeiros enquanto consertava a ferradura de ferro doce sobre a bigorna para poder dar-lhe a forma quase quadrangular própria dos berberes. Brahim insistia em continuar com a técnica árabe, desprezando as ferraduras semicirculares dos cristãos. E Hernando estava de acordo com ele: o rebordo saliente que ficava nas ferraduras devido às características dos pregos que usavam permitia às cavalgaduras andar com segurança por caminhos escarpados. Depois, uma vez ferrada a mula e ao contrário de como o faziam os cristãos, cortou a parte do casco que sobressaía da ferradura. Terminou de ferrar, verificou os cascos de todas as demais mulas, e depois se dedicou a tratar as mataduras da que ele havia assinalado no castelo. Havia pedido à mãe que acendesse o fogo antes de retirar-se. Entrou na casa sem se preocupar com os quatro meios-irmãos que dormiam revoltos na pequena peça que fazia as vezes de cozinha e sala de jantar. Logo recuperariam seus quartos do andar superior, junto ao de sua mãe e Brahim. Quando os quase dois mil casulos de seda que se agarravam às fileiras de silvas dispostas nas paredes fossem tirados; enquanto isso, os casulos deviam ser colhidos em silêncio e tranquilidade, e seus meios-irmãos eram obrigados a ceder-lhes seus quartos. Esquentou água e pôs para cozer mel e eufórbia, que deixou no fogo enquanto ia massagear com a água quente a parte ferida da mula. Voltou ao fogo e melhorou a cocção com sal envolto num pano. Quando considerou que o remédio estava pronto, aplicou-o à matadura. Aquela mula não poderia trabalhar por alguns dias, por mais que isso desagradasse a Brahim. Contemplou os animais com satisfação, encheu os pulmões do ar gelado da serra e levou o olhar para os perfis das montanhas que cercavam Juviles: todos contornados pelas sombras, salvo o cerro do castelo, iluminados pelo fulgor das fogueiras de seu interior. “O que haverá acontecido com Ubaid?”, pensou, enquanto se encaminhava para o telheiro para dormir o pouco que restava da noite.

8

Na manhã seguinte, Hernando se levantou ao alvorecer. Fez suas abluções e atendeu à chamada de Hamid para a primeira oração do dia. Inclinou-se duas vezes e recitou o primeiro capítulo do Corão e a oração do *conut* antes de sentar-se na terra apoiando o lado direito para continuar com a bênção e terminar entoando a paz. Seus meios-irmãos, também já de pé, tentaram imitá-lo, balbuciando umas orações que não dominavam. Depois voltou para tratar das mataduras da mula e, após desjejuar, se encaminhou para a casa de Hamid. Tinha tantas coisas para contar-lhe! Tantas perguntas para fazer-lhe! Os cristãos de Juviles ainda permaneciam encerrados na igreja a pão e água; Hamid insistia em conseguir sua conversão ao islã. No entanto, ao chegar às proximidades da igreja, encontrou mulheres, crianças e velhos alvoroçados. Juntou-se a um grupo que se havia reunido ao redor dos restos do destroçado sino da igreja.

– Hamid conhece bem as nossas leis – afirmava um dos velhos.

– Faz muitos anos – sussurrou outro – que não se julga nenhum muçulmano conforme às nossas leis. Em Ugíjar...

– Em Ugíjar nunca nos fizeram justiça! – interrompeu-o o primeiro.

Um murmúrio de assentimento percorreu o grupo. Hernando observou a gente do povoado: os velhos, as crianças e as mulheres que não haviam participado da revolta e que agora caminhavam em direção ao castelo. Aisha ia entre eles.

– Que é que está acontecendo, mãe? – perguntou-lhe quando chegou até ela.

– Seu pai chamou Hamid ao castelo – respondeu Aisha sem parar. – Vão julgar um arrieiro de Narila que roubou uma joia.

– Que vão fazer com ele?

– Uns dizem que o açoitarão. Outros que lhe cortarão a mão direita, e alguns que o matarão. Não sei, filho. Façam o que fizerem – ouviu sua mãe dizer sem parar de andar –, merece o que for. Seu padrasto sempre me falava dele: furtava mercadorias que transportava. Havia tido muitos problemas e litígios com mouriscos, mas o prefeito de Ugíjar sempre saía em sua defesa. Que vergonha! Uma coisa é roubar os cristãos, outra os de sua raça! Conta-se que era amigo de...

Deixou de escutar a mãe para reviver a discussão do padrasto com o Partal e a posterior troca de olhares que haviam tido os dois arrieiros após a negativa de Brahim a cumprimentá-lo. Brahim era capaz de muitas coisas, mas nunca teria roubado um muçulmano! Aisha continuou caminhando; falava e gesticulava junto com as demais mulheres, que assentiam com semelhantes trejeitos.

Hernando não continuou. Não queria estar presente no julgamento. Certamente... certamente o arrieiro de Narila lhe jogaria a culpa em público.

– Tenho de tratar das mulas – desculpou-se no momento em que um grupo de crianças passou correndo por ele.

Um calafrio sulcou a pele do rapaz. Matá-lo...! E por que não? Porventura não havia tentado fazê-lo ele? Se não tivesse sido pela Velha... Porventura não o havia ameaçado de matá-lo? E Gonzalico? Havia-se vingado cruelmente no menino... embora sua atuação tampouco tivesse sido mais cruel que a dos outros mouriscos. Afastou aqueles pensamentos da mente. Hamid decidiria, sim: certamente daria a sentença acertada.

O julgamento começou após a oração do meio-dia e se prolongou por toda a tarde. Ubaid negou ter furtado a cruz, e até pôs em dúvida a capacidade de Hamid para julgá-lo.

– Certo – reconheceu o alfaqui, que tinha nas mãos a cruz encontrada entre as guarnições da mula. – Não sou um *al-call*; nem sequer, depois de tantos anos, posso considerar-me um alfaqui. Prefere que não o julgue eu?

O arrieiro observou que alguns dos homens que se reuniam em torno do juiz levavam a mão a suas adagas e espadas, e faziam menção de adiantar-se; só então reconheceu a autoridade de Hamid. Ubaid não conseguiu nenhum testemunho a seu favor: ninguém respondeu positivamente às perguntas com que Hamid iniciava seus interrogatórios.

– Testemunha você que o chamado Ubaid, arrieiro de Narila, é um homem de direito e que nada há que dizer dele, que realiza a profissão de fé e suas purificações e que é bom na lei de Maomé, bom em seu tomar e bom em seu dar?

Todos alegaram os numerosos problemas que o arrieiro havia tido com seus irmãos na fé. E até duas mulheres se adiantaram sem ter sido chamadas a testemunhar, e, como se quisessem apoiar as declarações de seus homens, asseguraram tê-lo visto na noite anterior cometendo adultério.

Hamid fez ouvidos moucos às acusações que um desesperado Ubaid lançava contra Hernando, e sentenciou que lhe cortassem a mão direita por ser ladrão. No entanto, como a acusação de adultério não havia sido devidamente provada por quatro testemunhas, também ordenou que as duas mulheres que haviam testemunhado a esse respeito recebessem oitenta chicotadas, tal como mandava a lei muçulmana.

Antes de ocupar-se do castigo do arrieiro, Brahim se preparou para executar a pena contra as duas mulheres. Havia conseguido uma vara fina e interrogou Hamid com o olhar quando lhe apresentaram as condenadas.

O alfaqui lhes perguntou se estavam grávidas. Ambas negaram, e então ele se dirigiu a Brahim:

– Açoite-as suavemente, contenha a sua força – ordenou. – Assim diz a lei.

As duas mulheres deixaram escapar um suspiro de alívio.

– Tire-lhes as marlotas e as peles que estão usando, sem chegar a despi-las. Tampouco lhes amarre os pés ou as mãos... a não ser que pretendam fugir.

Brahim se esforçou para cumprir as ordens de Hamid. Contudo, oitenta chicotadas, mesmo suaves, terminaram por originar uns filetes de sangue na roupa das mulheres que rapidamente se estenderam por suas costas.

No centro do castelo, antes do anoitecer, diante de centenas de mouriscos em silêncio, Brahim cortou a mão direita do arrieiro de Narila com um violento golpe de alfanje. Ubaid nem sequer o olhou: ajoelhado, alguém segurava seu braço estendido sobre o toco de uma árvore ao modo de cepo. Não gritou no momento em que sua mão se separou do pulso, nem ao ser-lhe aplicado um torniquete, mas o fez, sim, depois, quando lhe introduziram o braço numa caldeira cheia de vinagre e sal triturado.

Seus gritos arrepiaram os pelos dos mouriscos.

E de tudo isso Hernando soube naquela mesma noite, à volta de sua mãe, enquanto jantava.

– No final disse que foi você quem roubou a cruz. Disse-o várias vezes. Não parava de gritar e chamá-lo de nazareno. Por que o acusou aquele canalha? – perguntou-lhe Aisha.

Com a boca cheia e os olhos no prato, Hernando abriu as mãos e deu de ombros.

– É um miserável! – respondeu sem olhar para a mãe e com a boca ainda cheia. Depois levou com rapidez outro pedaço de carne à boca.

Naquela noite não se atreveu a ir à casa de Hamid e lhe custou pegar no sono. Que teria pensado ele das acusações do arrieiro? Havia sentenciado que lhe cortassem a mão direita! O arrieiro não deixaria as coisas assim. Sabia que havia sido ele. Certamente. Mas agora... agora lhe faltava a mão direita, aquela com que havia empunhado o punhal contra ele. Contudo, tinha de ficar de olho aberto. Revirou-se sobre a palha em que cochilava. E Brahim? Seu padrasto havia estranhado o ter-lhe instado que examinasse as mulas. E os demais presentes? Aquela maldita alcunha! Se antes havia sido o nazareno para as pessoas de Juviles, agora o seria para os habitantes de todas as Alpujarras.

Na manhã seguinte tampouco se decidiu a visitar Hamid, mas ao meio-dia o alfaqui mandou chamá-lo. Encontrou-o junto à igreja, sob o sol do frio inverno, no mesmo lugar no que se achavam os restos do sino, sentado sobre o pedaço maior deles com a espada do Profeta a seus pés. Diante dele, ordenadamente alinhada no chão, achava-se uma multidão de crianças, provenientes de Juviles ou vindas do castelo. Algumas mulheres e velhos observavam. Hamid lhe fez sinal para que se aproximasse.

– A paz seja com você, Hernando – recebeu-o.

– Ibn Hamid – corrigiu-o o rapaz. – Adotei este nome... se não houver inconveniente – gaguejou.

– A paz, Ibn Hamid.

O alfaqui cravou o olhar nos olhos azuis de Hernando. Não necessitou de mais nada: pôde ler a verdade neles em um só instante. Hernando abaixou a cabeça; Hamid suspirou e olhou para o céu.

Os dois se afastaram alguns passos do grupo de crianças, não sem antes o alfaqui ter encarregado um deles de vigiar seu valioso alfanje.

Hamid deixou transcorrer alguns instantes.

– Você se arrepende do que fez ou tem medo? – inquiriu depois.

Hernando, que havia esperado um tom mais áspero, meditou sobre a pergunta antes de responder:

– Quis convencer-me de roubar o butim. Tentou matar-me numa ocasião e me ameaçou de fazê-lo de novo.

– Talvez o faça – reconheceu Hamid. – Você vai ter de viver com isso. Vai enfrentar isso ou pensa em fugir?

Hernando o observou: o alfaqui parecia ler seus pensamentos mais ocultos.

– É mais forte... mesmo sem uma das mãos.

– Você é mais inteligente. Use a inteligência.

Os dois se olharam durante um longo tempo. Hernando tentou falar, perguntar-lhe por que o havia protegido. Hesitou. Hamid permanecia imóvel.

– Dizem os nossos costumes que o juiz nunca age com injustiça – disse por fim o alfaqui. – Se altera a verdade, é para fazer-se útil. E eu estou convencido de ter sido útil ao nosso povo. Pense nisso. Confio em você, Ibn Hamid – sussurrou-lhe então. – Você teria suas razões.

O rapaz tentou falar, mas o alfaqui o impediu.

– Bem – acrescentou de repente –, tenho muito que fazer, e todas estas crianças precisam aprender o Corão. Há que recuperar muitos anos perdidos.

Virou-se para o grupo de crianças, que já davam demonstrações de impaciência, e lhes perguntou em voz alta:

– Quais de vocês conhecem a primeira sura, *al-Fatiha*? – perguntou, enquanto percorria, coxeando, os passos que o separavam deles.

Muitos deles levantaram a mão. Hamid apontou para um dos mais velhos e lhe indicou que a recitasse. O garoto se pôs em pé.

– *Bismillah ar-Rahman ar-Rahim*, "Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso..."

– Não, não – interrompeu-o Hamid. – Devagar, com...

O rapaz recomeçou, nervoso.

– *Bismillah*...

– Não, não, não – voltou a interrompê-lo pacientemente o alfaqui. – Escutem. Ibn Hamid, recite-nos a primeira sura.

Sussurrou a palavra "recite-nos".

Hernando obedeceu e iniciou a reza ao mesmo tempo que se balançava com suavidade:

– *Bismillah*...

O rapaz terminou a sura, e Hamid deixou passar alguns instantes com as duas mãos abertas e os dedos dobrados: girava-as rítmica e pausadamente de ambos os lados da cabeça, junto às orelhas, como se aquela oração fosse música. Nenhuma das crianças foi capaz de desviar o olhar daquelas mãos secas que acariciavam o ar.

– Saibam que o árabe – explicou-lhes em seguida – é a língua de todo o mundo muçulmano; aquilo que nos une seja qual for nossa origem ou o lugar em que vivemos. Através do Corão, o árabe

alcançou a condição de língua divina, sagrada e sublime. Vocês devem aprender a recitar ritmicamente suas suras para que ressoem em seus ouvidos e nos de quem os escutar. Quero que os cristãos dali de dentro – apontou para a igreja – ouçam de suas bocas essa música celestial e se convençam de que não há outro Deus além de Deus, nem outro profeta além de Maomé. Ensinem a eles – finalizou dirigindo-se a Hernando.

Durante os dois dias seguintes, Hernando não teve oportunidade de falar com Hamid. Cumpria suas obrigações com relação às mulas à espera de que chegassem ordens de Brahim, ocupava-se dos poucos trabalhos da época no campo, e dedicava o restante do tempo a ensinar às crianças.

No dia 30 de dezembro, Farax passou por Juviles no comando de um grupo de *monfíes*, e antes de partir de novo ordenou a imediata execução dos cristãos detidos na igreja.

Farax, o tintureiro, nomeado aguazil-mor por Aben Humeya, não só se dedicou, como lhe havia ordenado o rei, a recolher o butim arrebatado aos cristãos, mas decretou a morte de todos aqueles maiores de dez anos que ainda não tivessem sido executados, acrescentando que seus cadáveres não fossem enterrados, mas abandonados para que servissem de alimento aos animais. Também mandou que nenhum mourisco, sob pena de perder a vida, escondesse ou desse asilo a cristão algum.

Hernando e os componentes de sua improvisada escola viram os cristãos de Juviles deixar a igreja nus, claudicantes, muitos doentes, e com as mãos amarradas às costas, em direção a um campo próximo. Arrastando os pés junto ao padre e ao beneficiado, Andrés, o sacristão, virou o rosto para Hernando, que estava sentado no maior dos fragmentos do sino. O jovem manteve o olhar fixo nele até que um mourisco empurrou violentamente o sacristão com a culatra de um arcabuz. Hernando sentiu parte do golpe em suas próprias costas. "Não é má pessoa", disse a si mesmo. Sempre se havia portado bem

com ele... As pessoas se juntaram à comitiva e gritavam e dançavam ao redor dos cristãos. As crianças permaneceram em silêncio até que o grito de uma delas fez com que todos se levantassem ao mesmo tempo. Hernando os viu correr para o campo como se se tratasse de uma festa.

– Não fique aí – ouviu.

Virou-se para deparar com Hamid às suas costas.

– Não gosto de vê-los morrer – confessou o rapaz. – Por que é preciso matá-los? Convivemos...

– Eu também não gosto, mas temos de fazê-lo. A nós eles obrigaram a tornar-nos cristãos sob pena de desterro, outra forma de morrer, longe da própria terra e da família. Eles não quiseram reconhecer o único Deus; não aproveitaram a oportunidade que lhes era dada. Escolheram morrer. Vamos – instou-lhe Hamid. Hernando hesitou. – Não se arrisque, Ibn Hamid. O próximo poderia ser você.

Os homens esfaquearam o beneficiado e o sacerdote. Um pouco afastado, de um pequeno terraço, Hernando estremeceu ao ver sua mãe dirigir-se lentamente para padre Martín, que agonizava no chão. Que estava fazendo? Sentiu que Hamid lhe passava o braço pelos ombros. Aos gritos e empurrões, as mulheres do povoado obrigaram os homens a afastar-se dos clérigos. Em silêncio, quase com reverência, um mourisco pôs um punhal na mão de Aisha. Hernando a viu ajoelhar-se junto ao sacerdote, levantar a arma acima de sua cabeça e cravá-la com força em seu coração. Os "yu-yus" rebentaram de novo. Hamid apertou com força o ombro do rapaz enquanto sua mãe se encarniçava sobre o cadáver do sacerdote. Pouco depois o gordo corpo do clérigo aparecia transformado numa massa sanguinolenta, mas sua mãe, de joelhos, continuava cravando o punhal vezes seguidas, como se com cada punhalada vingasse parte do destino a que outro padre a havia condenado. Então as mulheres se aproximaram e a separaram do cadáver, levantando-a pelas axilas. Hernando conseguiu ver seu rosto transtornado, coberto de sangue e lágrimas. Aisha se livrou das mulheres, deixou cair o punhal, levantou os dois braços para o céu e gritou com toda a força dos pulmões:

– Alá é grande!

Depois os mouriscos liquidaram outros dois cristãos, os mais importantes do povoado, mas, antes que pudessem continuar com os que faltavam, entre os quais se achava Andrés, o sacristão, apresentou-se o Zaguer, aguazil de Cádiar, com seus homens e fez parar a matança.

Hernando apenas intuiu as discussões entre os soldados do Zaguer e os mouriscos de sangue. Sua atenção se alternava entre sua mãe, agora sentada no chão, abraçada às pernas e com a cabeça escondida entre os joelhos, toda ela trêmula, e Andrés, o seguinte na fila.

– Vá com ela – disse-lhe Hamid, empurrando-o pelas costas. – Ela o fez por você, rapaz – acrescentou ao notar sua resistência. – Foi por você. Sua mãe conseguiu sua vingança num dos homens de Cristo, e parte dessa vingança também é sua.

Só foi capaz de aproximar-se de sua mãe e permanecer em pé a seu lado a certa distância. O campo se esvaziou, e alguns animais começaram a aproximar-se dos quatro cadáveres que jaziam nele. Hernando olhava dois cães que fariscavam o corpo do beneficiado, pensando se devia espantá-los, quando Aisha se levantou.

– Vamos, filho – limitou-se a dizer.

A partir daquele momento, Aisha não mostrou a menor mudança em seu comportamento usual: durante todo o dia, nem sequer mudou de roupa, como se o sangue que a manchava fosse algo natural. Quem não pôde concentrar-se em seus afazeres foi Hernando: Ubaid o esperaria no castelo, isso se não decidisse vir até ele. No telheiro, com as mulas, olhava para um lado e para outro. Tinha de estar alerta. Hamid sabia que havia sido ele quem preparara uma armadilha para o arrieiro. “Confio em você”, dissera-lhe, mas que pensaria dele? “Um juiz nunca age com injustiça. Se altera a verdade, é para fazer-se útil.” E o alfaqui lhe assegurara que se havia sentido assim. O jovem voltou a inspecionar as cercanias do telheiro, atento a qualquer barulho.

Dormiu mal, e no dia seguinte até as crianças notaram sua distração ao recitar o Corão. Era o primeiro dia do ano do calendário cristão:

nesse dia não houve aula. Como era costume, as mulheres haviam saído para fiar sob as amoreiras. Haviam-se pintado as mãos com tintura de alfena, com que também untavam as portas de suas casas; haviam preparado tortas de pão seco com alho e partiram para o campo, onde em fornos de tijolo e barro feitos especialmente para isto mergulharam os casulos numa caldeira de cobre e os cozeram com sabão para que perdessem a gordura. Enquanto remexiam os casulos na caldeira com uma vassourinha de tomilho, fiavam a seda em toscos tornos que armavam debaixo das amoreiras. As mouriscas tinham muita destreza e a paciência necessária para fiar. Reuniam os casulos em três grupos: os casulos amêndoa, dos quais obtinham uma seda fina e brilhante, a mais valiosa; os casulos *ocal*, dos quais se fiava a seda chamada redonda, mais forte e grosseira; e aqueles que estavam deteriorados, cuja seda se utilizava para cordões e tecidos de pouca qualidade.

Hernando se perguntou que fariam com a seda naquele ano. Como poderiam transportá-la e vendê-la na *alcaicería* de Granada? As notícias dos espiões mouriscos na cidade diziam que o marquês de Mondéjar continuava reunindo tropas para dirigir-se às Alpujarras.

– Além disso, o marquês dos Vélez se ofereceu ao rei Felipe para sustar a revolta na zona de Almería – comentaram alguns homens na praça do povoado, perto de onde o jovem dava aula.

Hernando indicou com uma expressão ao menino que nesse momento cantava as suras que continuasse com isso e se aproximou do grupo.

– O Diabo Cabeça de Ferro – chegou a ouvir sussurrar com temor um velho. Era assim que os mouriscos chamavam o cruel e sanguinário marquês. – Dizem – continuou o velho – que seus cavalos se urinam de pânico no momento em que monta neles.

– Os dois marqueses juntos nos esmagarão – sentenciou um homem.

– Não teria sido assim se os do Albaicín e os da veiga se tivessem unido à revolta – interveio um terceiro. – O marquês de Mondéjar teria problemas em sua própria cidade e não poderia vir às Alpujarras.

Hernando observou que vários deles assentiam em silêncio.

– Os do Albaicín já estão pagando por sua traição – afirmou o primeiro velho. Depois cuspiu no chão. – Alguns fogem para as serras, arrependidos. Granada se encheu de nobres e soldados de fortuna, e apesar se terem oferecido pagar sua estada e alimentação nas hospedarias da cidade, o marquês de Mondéjar ordenou que se alojassem nas casas dos mouriscos. Roubam-nos e violam suas mulheres e filhas. Todas as noites.

– Dizem que encarceraram no Tribunal mais de cem mouriscos dos mais importantes e mais ricos da cidade – acrescentou outro.

O velho anuiu confirmando-o.

O silêncio voltou a fazer-se no grupo.

– Venceremos! – gritou um dos homens. O menino que recitava as suras calou-se diante do rugido. – Deus nos ajudará! Venceremos! – insistiu, conseguindo que os presentes, crianças incluídas, se unissem a suas exclamações.

Em 3 de janeiro de 1569, Hernando recebeu uma ordem de Brahim de ir ao castelo de Juviles. Os mouriscos partiam ao encontro do exército do marquês de Mondéjar, que se dirigia para as Alpujarras.

Nem sequer pôde cinchar a primeira mula de tanto que lhe tremiam as mãos. O arnês deslizou pelo lado do animal e caiu ao chão enquanto o rapaz olhava para as mãos preocupado. Que faria Ubaid? Iria matá-lo. Estaria esperando-o... não. Que iria fazer um arrieiro maneta no castelo? Como iria um maneta trabalhar com as mulas? Um suor frio umedeceu suas costas; preparar-lhe-ia alguma armadilha. Não o faria no castelo. Não. Ali não poderia... Hernando aparelhou a récua o melhor que pôde, e após despedir-se da mãe se pôs em marcha. E se fugisse? Poderia... poderia ir com os cristãos, mas... Nunca chegaria a atravessar as Alpujarras! Iriam detê-lo. Brahim o procuraria se não aparecesse e então saberia que Ubaid havia dito a verdade. Recordou o conselho de Hamid e a confiança que o alfaqui havia depositado nele. Não podia falhar com ele.

Subiu ao castelo, protegido entre as mulas, obrigando-as a andar perto dele, atento a tudo quanto pudesse mover-se. Ubaid não foi até ele como temia. O castelo fervilhava com os preparativos para a marcha para Pampaneira, onde os esperavam Aben Humeya com seu exército. Procurou Brahim e o encontrou conversando com chefes *monfíes*, perto da alcáçova.

– Partiremos sem carga – anunciou seu padrasto. – Prepare meu cavalo... e as mulas de Narila – acrescentou, apontando para Ubaid.

O arrieiro de Narila tinha o braço direito enfaixado, sujo, a roupa enrugada, e seu rosto se mostrava tremendamente abatido enquanto tentava, sem sucesso, aparelhar seus animais.

– Mas... – tentou queixar-se Hernando.

– Você já deve saber que pagou por seu delito – interrompeu-o Brahim, que frisou as duas últimas palavras. Depois se inclinou para Hernando com os olhos entreabertos, desafiando-o a queixar-se de novo.

Sabia-o também seu padrasto! E, no entanto, havia empunhado a espada para cortar-lhe a mão. Brahim viu seu enteado dirigir-se para a récua de Ubaid. Um esgar de satisfação apareceu em seu rosto diante do enfrentamento dos dois: odiava os dois.

– Prepararei seus animais – disse Hernando ao arrieiro de Narila sem poder afastar o olhar da faixa ensanguentada que cobria o coto de seu braço direito.

Ubaid cuspiu no rosto do rapaz, que se virou para o padrasto.

– Prepare-as – gritou-lhe Brahim. O sorriso se havia apagado de seus lábios.

– Afaste-se das mulas – exigiu então Hernando ao arrieiro. – Prepararei seus animais queira você ou não, mas quero você longe de mim. – Viu um pau comprido no chão, pegou com as duas mãos e ameaçou Ubaid. – Longe! – repetiu. – Se o vir perto de mim, o matarei.

– Antes o farei eu – resmungou Ubaid.

Hernando o aguilhoou com a ponta do pau, mas Ubaid o agarrou com a mão esquerda, impedindo-o. Hernando notou uma força

imprópria para uma pessoa no estado do arrieiro. Brahim parecia desfrutar com o desafio, que se prolongou durante alguns instantes. Que podia fazer?, perguntava-se o rapaz. “Use a inteligência”, recordou. De repente soltou a mão direita do pau e a ergueu violentamente. Ubaid respondeu instintivamente à ameaça e levantou... o coto! O braço decepado e ensanguentado diante de seu rosto fez o arrieiro hesitar, oportunidade que Hernando aproveitou para golpeá-lo com o pau no estômago. O arrieiro cambaleou e caiu no chão.

– Não se aproxime de mim! Quero vê-lo longe em todos os momentos – ordenou-lhe, espicaçando-o de novo com o pau.

Sem poder esconder a dor no pulso, Ubaid se arrastou para longe das mulas.

Aben Humeya estabeleceu sua base de operações no pequeno castelo de Poqueira, encravado no alto de um cerro rochoso do qual se controlava o desfiladeiro do Sangre, o de Poqueira e o rio Guadalfeo. Hernando seguiu de Juviles junto com quase um milhar de mouriscos, alguns armados, os mais carregados com simples instrumentos de lavoura, mas todos desejosos de entrar em combate com as forças do marquês. Ubaid, sempre à frente, conseguiu resistir ao trajeto apoiando-se nas mulas, incapaz sequer de montar em alguma delas. Os de Juviles não eram os únicos: uma multidão de mouriscos acorria à chamada do rei de Granada e de Córdova. No pequeno castelo já não cabia ninguém mais, e as pessoas se espalhavam pelo pequeno povoado de Pampaneira, onde as casas já não podiam acolher mais pessoas, e afortunado podia considerar-se aquele que encontrasse abrigo contra o frio sob os *tinaos* que, de casa em casa, cobriam as sinuosas ruelas do povoado.

Chegaram de noite, pouco antes de um grupo de mouriscos regressar derrotado a Pampaneira, deixando atrás de si duzentos mortos. Essa mesma noite começou o trabalho para Hernando: vários cavalos voltavam feridos, e Brahim ofereceu o enteado para que os tratasse.

Até a rebelião só alguns *monfíes* tinham cavalos, dado que os mouriscos eram proibidos de tê-los. Até para cruzar um asno com as éguas ou um cavalo com as burras e poder criar mulas, os mouriscos tinham de pedir permissões especiais. Por isso tampouco dispunham de veterinários capazes de tratar dos cavalos. Já de dia, Hernando permaneceu um longo tempo parado num campo próximo ao das mulas, observando à luz do sol o estado dos animais. Não estava preparado para aquilo; não se tratava dos problemas usuais das mulas. Como haviam conseguido regressar, sem morrer no caminho, alguns daqueles animais? O frio era intenso, e dois cavalos agonizavam sobre a terra coberta de geada; outros ficavam parados, doloridos, mostrando profundas feridas de tiros de arcabuzes, de espadas, de lanças ou de alabardas dos soldados cristãos. Das ventas de todos, surgiam convulsas baforadas. Ubaid se mantinha a vários passos dele; seu olhar ia de cavalo em cavalo. Essa noite Hernando se deitou longe do maneta, com a Velha parada a seu lado e suavemente amarrada a uma de suas pernas: a Velha sempre desconfiava de qualquer desconhecido que pretendesse aproximar-se.

– Ponha-se a trabalhar! – A ordem se ouviu às suas costas. Hernando se virou para deparar com Brahim e vários *monfíes*. – Que é que está fazendo aí parado? Trate deles!

Tratar deles?, esteve a ponto de responder a seu padrasto, mas se reprimiu a tempo. Um dos *monfíes* que acompanhavam Brahim, gigantesco, carregando um arcabuz finamente trabalhado com arabescos dourados e um cano quase duas vezes mais comprido que o normal, apontou para um alazão de pouca estatura. Fê-lo com o arcabuz, manejando a arma com um só braço, como se não pesasse mais que um lenço de seda.

– Aquele é o meu, rapaz. Precisarei dele logo – disse o *monfí*, que apodavam de Gironcillo.

Hernando olhou para o alazão. Como podia aquele pobre animal carregar tal massa? Só o arcabuz pesaria uma enormidade.

– Mexa-se! – gritou-lhe Brahim.

Por que não?, perguntou-se o rapaz. Qualquer um podia ser o primeiro.

– Examine aqueles dois – disse a Ubaid, apontando para os que agonizavam sobre a geada, ao mesmo tempo que ele se dirigia para o alazão sem deixar de verificar, de rabo de olho, se o maneta cumpria suas ordens.

Apesar das argolas que lhe imobilizavam as patas, o cavalo manquejou alguns passos na direção contrária quando Hernando tentou aproximar-se. Um ferimento sangrento que partia do alto da garupa lhe atravessava a anca direita. "Não poderá mover-se muito mais rápido", pensou então. Em dois saltos poderia agarrá-lo pela corda que tinha ao pescoço e já o teria nas mãos; no entanto... Arrancou capim seco e estendeu a mão, sussurrando-lhe. O alazão parecia não olhá-lo.

– Agarre-o logo! – instou-lhe Brahim às suas costas.

Hernando continuou sussurrando ao cavalo, recitando ritmicamente a primeira sura.

– Aproxime-se e agarre-o – insistiu Brahim.

– Cale-se! – resmungou Hernando sem se virar. A impertinência pareceu ressoar até nas armas dos *monfíes*.

Brahim saltou para ele, mas, antes que pudesse golpeá-lo, o Gironcillo o segurou pelo ombro e o obrigou a esperar. Hernando ouviu a contenda e aguentou com os músculos das costas tensos; depois tornou a cantarolar. Longo tempo depois, o alazão virou o pescoço para ele. Hernando estendeu um pouco mais o braço, mas o cavalo não esticou o pescoço para o capim que lhe era oferecido. Assim voltaram a transcorrer outros intermináveis instantes, enquanto o rapaz esgotava as suras que conhecia. Por fim, quando o bafo das ventas do animal surgia com regularidade, Hernando se aproximou lentamente e o segurou pela corda com suavidade.

– Como estão os outros dois? – perguntou então a Ubaid.

– Morrerão – gritou secamente este. – Um está com o intestino para fora. O outro está com o peito estraçalhado.

– Vamos – disse o *monfí*, dirigindo-se a Brahim. – Parece que seu filho sabe o que faz.

– Matem-nos – pediu-lhes Hernando apontando para os cavalos deitados, ao ver que o grupo fazia menção de retirar-se. – Não é preciso que sofram.

– Faça-o você – respondeu-lhe Brahim com o cenho ainda franzido. – Na sua idade, você deveria estar matando cristãos. – Após estas palavras, soltou algumas gargalhadas, lançou-lhe uma faca e se afastou junto com os *monfíes*.

9

Ponte de Tablate, entrada das Alpujarras.
Segunda-feira, 10 de janeiro de 1569

Hernando percorreu o trajeto que separava Pampaneira da ponte de Tablate; ia a pé, sem mulas, como mais um dos três mil e quinhentos mouriscos que se dirigiam ao encontro com o exército cristão do marquês de Mondéjar. Aben Humeya havia tido conhecimento dos movimentos do marquês através das fogueiras que seus espiões acendiam nos cumes mais elevados e ordenou que o impedissem de atravessar a ponte que dava acesso às Alpujarras.

Antes de partir, o Gironcillo verificou as suturas de seda com que o rapaz havia fechado o ferimento do alazão, anuiu satisfeito e montou pesadamente no pequeno animal.

– Você vai andar junto de mim – exigiu –, para o caso de o cavalo necessitar de seus cuidados.

E ali ia Hernando, com o olhar fixo na anca do alazão, escutando a conversa do Gironcillo com outros chefes *monfíes*.

– Dizem que não chegam a dois mil infantes – comentou um.

– E cem cavaleiros! – acrescentou outro.

– Nós somos muitos mais...

– Mas não temos as armas deles.

– Temos a Deus! – exclamou o Gironcillo.

Hernando se encolheu diante do golpe na montaria com que o *monfí* acompanhou sua exclamação. O alazão aguentou, as suturas também. Procurou no meio da escassa cavalaria mourisca os outros três exemplares que havia conseguido tratar, mas não os encontrou; depois olhou sua roupa, coberta de sangue seco e incrustado.

Assim que tivessem desaparecido Brahim e os *monfíes*, Hernando se havia decidido a pôr fim ao sofrimento dos animais moribundos. Faca na mão, tinha-se dirigido resolutamente para o primeiro deles: o que apresentava o ferimento de lança no estômago.

Já era um homem!, repetia para si mesmo sem parar. Muitos mouriscos de sua idade já eram casados e tinham filhos. Tinha de ser capaz de sacrificá-lo! Chegou até o animal, que jazia imóvel. Com as patas dobradas sob o peito, descansava o abdome sobre a geada, para que o gelo aliviasse a dor procedente daquele profundo ferimento que lhe rebentava a pele. No povoado havia presenciado muitas vezes os magarefes degolando as reses. O cristão o fazia em público e sacrificava os animais de maneira que seu pomo de adão ficasse unido à traqueia; os muçulmanos deviam realizar seus ritos proibidos fora do povoado, em segredo, escondidos nos campos: com o animal de frente para a *quibla*, talhavam-lhe o pescoço de maneira que o pomo de adão se mantivesse unido à cabeça.

Hernando se colocou por trás do cavalo e com a mão esquerda agarrou a crina na testa do animal ao mesmo tempo que com a direita lhe cingia o pescoço. Hesitou. Acima ou abaixo do pomo de adão? Os mouriscos eram proibidos de comer carne de cavalo; que importava então como o matasse? Trocou um olhar com Ubaid, que o observava à distância de olhos entreabertos. Devia fazê-lo. Devia demonstrar ao arrieiro... Fechou os olhos e passou a faca com força. Assim que sentiu o corte da lâmina, o animal jogou o pescoço para trás, lhe golpeou o rosto e se levantou rinchando. Galopou aterrorizado pelo campo, com o sangue manando aos jorros da jugular e as tripas saindo do abdome. Demorou a morrer. Afastado, agonizou com os intestinos pendentes até que se lhe esvaísse todo o sangue. Pálido, observando como sofria, a bílis se instalou na boca do rapaz e, no entanto... Virou-se para Ubaid. O que podia conseguir a natureza, mesmo ferida de morte, se se tentava lutar pelo último sopro de vida! Não se podia confiar, concluiu então: ao arrieiro de Narila só faltava uma mão.

Procurou uma corda antes de dirigir-se para o segundo cavalo, ao qual amarrou todas as patas enquanto o animal o deixava fazer, agonizante. Depois repetiu a operação e lhe cortou o pescoço com toda a força que pôde. Esquivou o golpe da cabeça e continuou a afundar a faca até que o sangue quente lhe ensopou a maior parte do corpo. O cavalo morreu rapidamente, ali mesmo...

Com o cheiro adocicado do sangue daquele segundo cavalo enchendo-lhe os sentidos, Hernando voltou a prestar atenção à conversa que mantinham os *monfíes*.

– O marquês não pôde esperar que chegassem mais reforços – dizia um deles. – Sei que em Órgiva os cristãos estão há mais de quinze dias encerrados na torre da igreja, resistindo ao assédio da população mourisca. Ele tem de entrar nas Alpujarras como quer que seja para ajudá-los.

– Agradeçamos, pois, aos cristãos de Órgiva – riu um *monfí* que devia ter-se juntado ao grupo e que Hernando encontrou montado em outro dos cavalos que havia conseguido tratar.

Pernoitaram já no cimo do cerro que se alçava sobre a ponte de Tablate. Abaixo da ponte, se abria uma profunda e abismal garganta, e do outro lado, as terras do vale de Lecrín. O Gironcillo lhe deu um negro sorriso e uma tremenda palmada nas costas ao apear e verificar que as suturas de seda haviam resistido ao árduo caminho. Durante a noite, Hernando se ocupou e tratou de novo os cavalos.

Ao amanhecer, os espiões anunciaram a chegada próxima do exército cristão, e Aben Humeya ordenou que se destruísse a ponte. Hernando observou um grupo de mouriscos que desceu para desarmar a estrutura de madeira até deixá-la reduzida às vergas e a algumas pranchas soltas, que usaram para voltar para junto de seu exército. Três deles se despenharam durante o regresso, e seus gritos deixavam de ouvir-se à medida que os corpos desapareciam na profunda garganta do despenhadeiro.

– Vamos – disse-lhe o Gironcillo, obrigando-o a afastar o olhar do precipício em que acabava de perder-se o último mourisco

despenhado. – Ocupemos posições para receber esses malnascidos como merecem.

– Mas... – Hernando apontou para os cavalos.

– As crianças já cuidarão deles. Seu padrasto tem razão: você já está em idade de lutar e quero que permaneça a meu lado. Acho que você me dá sorte.

Desceu para a ponte atrás do Gironcillo, rodeado por uma multidão de mouriscos. Em pouco tempo, a encosta do cerro se povoou de mais de três mil homens que, eufóricos e confiantes, aguardavam a chegada do exército do marquês. A seus pés se abria o despenhadeiro de Tablate, e à frente tinham a encosta do cerro pela qual deviam aparecer os cristãos.

Alguém entoou as primeiras notas de uma canção e logo retumbou um atabale. Outro mourisco se ergueu na vertente e fez tremular uma grande bandeira branca; adiante apareceu uma vermelha, e outra... E cem mais! Hernando sentiu que lhe arrepiavam os pelos quando os três mil mouriscos cantaram em uníssono: ao som dos atabales, centenas de bandeiras tremulantes cobriram a encosta de branco e vermelho.

Assim receberam o exército comandado pelo marquês de Mondéjar, capitão-general do reino de Granada. Hernando se deixou levar pelo entusiasmo geral e, com o imenso Gironcillo ao lado, cantou aos brados em aberto desafio às tropas cristãs.

O marquês, com reluzente armadura, pôs-se à frente das tropas: estabeleceu que a cavalaria permanecesse na retaguarda, dispôs a infantaria na encosta oposta e ordenou a carga dos arcabuzeiros. Enquanto isso, os mouriscos tomaram suas respectivas posições.

Acima do estreito despenhadeiro, os mouriscos responderam ao ataque inimigo disparando seus poucos arcabuzes e bestas, mas, sobretudo, provocando com suas fundas uma intensa chuva de pedras sobre os cristãos. Hernando respirou o cheiro de pólvora que emanava do arcabuz do Gironcillo. Ele não dispunha de funda para lançar pedras, e o fez à mão, gritando exaltado. Tinha boa pontaria: havia lançado pedras contra os animais, e em seus momentos de ócio havia

treinado nos campos. Conseguiu acertar um infante, e isso o levou a arriscar-se cada vez mais a cada pedrada: obcecado, expunha-se ao fogo inimigo.

– Proteja-se! – O *monfí* agarrou-o pelo braço e o sentou com um violento puxão. Depois se dedicou a atacar com a vareta o cano de seu arcabuz. Hernando fez menção de voltar a lançar uma pedra, mas o Gironcillo não o permitiu. – Entre os milhares de mouriscos que somos, eu sou seu alvo. Meu arcabuz os convida a disparar contra mim. – Introduziu uma bola de chumbo no cano e voltou a usar a vareta com força. – Não quero que o matem por minha causa. Lance-as sem se levantar!

Pouco durou, no entanto, a troca de disparos e pedradas: os mouriscos se viram incapazes de suportar a superioridade das armas dos cristãos, que carregavam as armas e disparavam sem parar, provocando numerosas baixas. O Gironcillo ordenou a retirada para posições mais elevadas, às quais não chegassem as bolas de chumbo cristãs.

– Não poderão atravessar a ponte – diziam os rebeldes enquanto se retiravam.

O marquês deu a ordem de cessar fogo diante da inutilidade dos disparos. Os mouriscos voltaram a cantar e gritar. Muitos ainda tentavam chegar com suas fundas ali onde não o conseguiam os arcabuzes; alguns o conseguiram, ainda que com poucos resultados, lançando pedras ao céu para que a parábola os ajudasse a vencer a distância. Hernando viu o marquês, celada na mão, e seus capitães uniformizados aproximar-se para examinar a ponte destroçada. Era impossível um exército passar por ali!

Fez-se silêncio nas fileiras de ambos os lados até que todos viram que o marquês negava com a cabeça. Então os mouriscos tornaram a rebentar em manifestações de entusiasmo e a fazer tremular suas bandeiras. Hernando gritou também, elevando o punho para o céu. O capitão-general cristão se dispunha a retirar-se cabisbaixo, quando das fileiras da infantaria surgiu um frade franciscano que, empunhando

uma cruz na mão direita e com o hábito recolhido na cintura, se abalançou a caminhar pela perigosa ponte, sem sequer olhar para o marquês. Cessou a gritaria. O marquês reagiu e ordenou fogo para proteger o religioso. Durante alguns instantes, todos estiveram atentos àquele frade que andava com passo vacilante e à cruz que ele orgulhosamente exibia aos muçulmanos.

Dois infantes se atreveram a atravessar a ponte antes que o frade alcançasse o outro lado. Um deles pisou em falso e caiu no vazio, mas antes que seu corpo se espatifasse contra as paredes do precipício, como se sua morte fosse uma chamada à coragem de seus companheiros, ouviu-se um grito na coluna da infantaria cristã:

– São Tiago!

O grito de guerra rugiu entre a tropa ao mesmo tempo que uma longa fileira de soldados se aproximava da cabeceira da destroçada ponte, disposta a atravessá-la. O frade já estava chegando ao outro lado. Os cabos e sargentos estimulavam os arcabuzeiros a carregar as armas e disparar com rapidez para impedir que os mouriscos descessem de novo dos cerros e atacassem os que estavam atravessando. Muitos o tentaram, mas o fogo do exército cristão, concentrado na cabeceira da ponte, foi efetivo. Não muito tempo depois, um corpo de infantes, entre os quais se achava o frade rezando em altos brados com a cruz no alto, já defendia a ponte do lado das Alpujarras.

Aben Humeya ordenou a retirada. Cento e cinquenta mouriscos perderam a vida em Tablate.

– Monte – disse o Gironcillo a Hernando apontando-lhe outro cavalo, uma vez no cume do cerro. – O cavaleiro morreu – acrescentou ao ver o rapaz hesitar. – Não vamos deixar o cavalo para os cristãos. Apoie-se no pescoço dele e deixe-se levar – aconselhou, iniciando o galope.

10

Aben Humeya fugiu com seus homens em direção a Juviles. O marquês de Mondéjar o perseguiu e tomou todos os povoados situados no caminho entre Tablate e Juviles, saqueando as casas, escravizando as mulheres e crianças que ficavam para trás e ficando com um valioso butim.

No castelo de Juviles, os mouriscos discutiram sobre sua situação e possibilidades. Alguns apostavam na rendição; os *monfíes*, certos de seu castigo e de que com respeito a eles não caberia esperar medida benéfica alguma, o faziam pela luta até a morte; outros propunham fugir para as serras.

Com urgência, dado que os espiões já anunciavam que o exército cristão se achava a apenas um dia de Juviles, os mouriscos adotaram uma solução intermediária: os homens de guerra fugiriam com o butim, embora antes libertassem as mais de quatrocentas cativas cristãs como mostra de boa vontade a fim de continuar com negociações de paz que alguns homens importantes já haviam iniciado. Enquanto isso, suas mulheres, aterrorizadas, viam-se obrigadas a despedir-se de seus maridos e esperar a temida chegada dos cristãos.

– Porventura você pretende que meus filhos morram? – gritou Brahim do alto do oveiro para Aisha, quando esta lhe propôs fugir com ele de Juviles. – Os pequenos não resistiriam ao inverno na serra. Isto não é nenhuma romaria. É uma guerra, mulher!

Aisha baixou o olhar. Raissa e Zahara soluçavam, angustiadas; as crianças, mesmo notando a tensão geral, contemplavam o pai com admiração. Hernando, à frente das mulas sobrecarregadas com o butim que levavam do castelo, sentiu um aperto no estômago.

– Poderíamos... – tentou intervir o rapaz.

– Cale-se! – interrompeu-o o padrasto. – Pouco lhe importaria a morte de seus irmãos. Fique com eles e cuide deles! – ordenou à sua esposa.

Brahim esporeou o cavalo, e as mulas o seguiram; até Ubaid passou à frente enquanto Hernando esperava que sua mãe levantasse os olhos. Por fim o fez, com decisão.

– Chegará a paz – assegurou ao filho. – Não se preocupe. – Hernando tentou aproximar-se dela, os olhos vidrentos, mas Aisha o rechaçou. – Suas mulas já se foram – apontou-lhe. – Vá com elas! – insistiu a mãe, erguendo-se e ajeitando o cabelo, como se quisesse tirar importância da situação. Ao perceber a dor no rosto do filho, levantou a voz: – Vá!

No entanto, o rapaz ainda não pôde seguir as mulas. Na que fora a porta do castelo, encontrou Hamid despedindo-se dos combatentes. Ele os estimulava, lhes assegurava que Deus estava com eles, que não os abandonaria...

– Apresse-se! – disse Hernando ao alfaqui. – Que está fazendo aí parado?...

– Aqui termina minha aventura, meu filho – interrompeu-o este.

Meu filho! Era a primeira vez que o dizia.

– Não pode ficar aqui! – exclamou de repente.

– Sim, tenho de fazê-lo. Tenho de permanecer com as mulheres, com as crianças e com os velhos. Este é meu lugar. Além disso... que faria um coxo como eu correndo por caminhos e serras? – Hamid forçou um sorriso. – Só seria um estorvo.

Sua mãe, Hamid... Talvez devesse ficar ele também. Não assegurava ela que chegaria a paz? O alfaqui intuiu seus pensamentos, enquanto dezenas de mouriscos passavam ao seu lado, fugindo. – Lute você por mim, Ibn Hamid. Tome. – O alfaqui tirou o alfanje que pendia de sua cintura e o ofereceu a ele. – Lembre-se sempre de que esta espada foi propriedade do Profeta.

Hernando a pegou solenemente, estendendo ambos os braços para que Hamid pusesse o alfanje em suas mãos.

– Não permita que caia em mãos cristãs. Não chore, rapaz. – O alfaqui, sim, aceitou o abraço de Hernando. – Nosso povo e nossa fé devem estar acima de nós, este é nosso destino. Que o Profeta o guie e acompanhe.

O exército cristão entrou em Juviles e cerca de quatrocentas cristãs, libertadas pelos mouriscos, saíram para recebê-lo. – Matem todos! Acabem com os hereges! – exigiram dos soldados.

– Degolaram meu filho – gritava uma.

– Mataram nossos maridos e filhos – chorava outra com uma criança nos braços.

– Profanaram as igrejas! – tentava explicar uma terceira no meio da gritaria.

Algumas daquelas mulheres eram de Cuxurio e Alcútar, mas havia de todos os lugares das Alpujarras. Uma vez acomodados no povoado, dispersos por suas ruas e pela praça, grupos de soldados ouviram, estremecidos, as histórias que as cativas narravam. Em todos os povoados rebelados haviam ocorrido cruéis matanças e assassinatos em massa, a maioria por ordem direta de Farax.

– Divertiam-se torturando-os – contava uma: – cortavam-lhes o indicador e o polegar para que não pudessem fazer o sinal da cruz antes de morrer.

– Içaram o beneficiado até o alto da torre da igreja – recordou outra, entre soluços –, com os braços estendidos e amarrados a um tronco horizontal do que pendia o corpo, zombando do calvário de Nosso Senhor. Uma vez lá em cima, soltaram a corda e o clérigo caiu sobre as lajotas da praça. Repetiram isso quatro vezes, aplaudindo e rindo em cada uma delas. Depois, desconjuntado, mas vivo, o entregaram às mulheres e estas o apedrejaram.

Por todo o povoado se repetiam as mesmas cenas: os soldados clamavam por vingança ante as atrocidades que ouviam da boca das mulheres. Uma jovem de Laroles narrou que os mouriscos, depois de ter acordado a rendição dos cristãos, cumpriram a palavra e untaram

os pés dos clérigos com óleo e piche, e os martirizaram sobre as brasas antes de executá-los e esquartejar seus corpos. Outra mulher, de Canjáyar, contou que em seu povoado se simulou a celebração de uma missa, com o beneficiado e o sacristão nus no altar. Obrigaram o sacristão a passar a lista de presença, e, cada vez que um mourisco escutava seu nome, se aproximava e, fosse com um punhal, com uma pedra, com um pedaço de pau ou com as mãos nuas, se encarniçava sobre o clérigo e o sacristão, procurando não lhes causar a morte. No final, ainda vivos, os esquartejaram lentamente, começando pelos dedos dos pés.

No entanto, ao mesmo tempo que sucedia isso entre os soldados, uma comissão composta por dezesseis aguazis muçulmanos dos principais lugares das Alpujarras se apresentava diante do marquês de Mondéjar. Os aguazis se lançaram aos pés do capitão-general suplicando perdão para eles e para todos os homens dos povoados que se rendessem. O marquês de Mondéjar cedeu e prometeu clemência aos que depusessem as armas: nada prometeu, no entanto, com respeito a Aben Humeya e aos *monfíes*. Depois ordenou que o exército fosse para o castelo.

A rendição correu de boca em boca pelas fileiras cristãs. Depois de tudo o que haviam visto e ouvido, depois dos lamentos e prantos das cristãs, depois de percorrer dezenas de léguas para ir em defesa das Alpujarras sem pagamento nem soldada em troca, não podiam consentir naquele perdão. Os mouriscos deviam ser castigados, e seus bens divididos entre os soldados! No caminho de acesso ao castelo, os cristãos toparam com Hamid e dois velhos com bandeira branca que lhes entregavam a fortaleza e suplicavam clemência para as mais de duas mil mulheres, seus filhos e os homens que estavam em seu interior.

O marquês anuiu e ditou um edito que decretava o perdão dos homens e ordenava a liberdade das mulheres mouriscas e seus filhos. Para acalmar a soldadesca, autorizou-a a saquear todas as riquezas que houvesse no castelo e no povoado. Depois ordenou que os rendidos

fossem custodiados nas casas de Juviles. As mouriscas com seus filhos foram confinadas na igreja, ao menos os que cabiam nela; as restantes permaneceram na praça, vigiadas por soldados indignados diante do rumo que tomavam os acontecimentos.

As decisões do marquês e o descontentamento que reinava entre os soldados cristãos chegaram aos ouvidos da longa coluna de mouriscos que fugia para Ugíjar. Hernando sorriu abertamente para três velhos que não haviam querido ficar no castelo e caminhavam junto às mulas, apoiando-se nelas de quando em quando.

– Nada sucederá às mulheres – exclamou agitando o punho cerrado.

Mas nenhum deles respondeu. Continuaram andando seriamente.

– Que é que está acontecendo? – interessou-se. – Porventura não ouviram que o marquês perdoou aos que ficaram para trás?

– Um homem contra um exército – respondeu o que parecia o mais velho dos três, sem olhar para ele. – Não pode ser. A cobiça dos cristãos passará por cima de qualquer ordem do marquês.

Hernando se aproximou do velho.

– Que quer dizer?

– O marquês tem interesse pessoal em nos perdoar: ganha muito dinheiro conosco. Mas os soldados que o acompanham... São meros mercenários! Homens sem pagamento que vieram para enriquecer. Os cristãos só respeitam aquilo que lhes proporciona dinheiro. Se as mulheres tivessem sido tornadas cativas, as respeitariam, dado que significam dinheiro. Se não for assim... não haverá ordem nem edito de nobre algum, nem sequer do rei, que possa impedir... – Hernando apagou o sorriso e apalpou o alfanje de Hamid que levava pendente na cintura. – Nada que possa impedir que os soldados se excedam – finalizou o velho, aflito.

Hernando saiu correndo sem pensar. Passou pelos mouriscos que o seguiam, sem responder a nenhuma das perguntas que lhe faziam ao se chocar com eles. Juviles! Sua mente estava posta em Juviles e em sua mãe, em Hamid. Brahim ouviu os gritos e queixas que Hernando provocava em sua passagem e obrigou o oveiro a voltar, mas, ao chegar

à altura dos velhos que acompanhavam o rapaz, um deles o fez parar com um gesto de mão.

– Aonde vai ele? – perguntou Brahim.

– Imagino que vá fazer o que deveriam ter feito todos os muçulmanos: lutar... oferecer a vida por sua gente, por sua família e por seu Deus.

O arrieiro franziu o cenho.

– Todos lutamos por eles. Isto é uma guerra, velho.

O mourisco assentiu.

– Você não sabe bem – sussurrou.

Hernando chegou a Juviles quando já havia anoitecido. Os cristãos estavam por todas as partes. Segundo os espiões que haviam levado as notícias da rendição à coluna de mouriscos, o marquês havia ordenado que as mulheres e seus filhos se reunissem na igreja. Rodeou o povoado para poder chegar até a igreja pelos terraços que confinavam com ela e com a praça ao sul. Era noite fechada; só piscantes pontos de luz espalhados, os fogos dos soldados cristãos, rompiam a escuridão. Percorreu de cócoras o mesmo terraço onde sua mãe esfaqueara o sacerdote; a praça e a igreja ficavam sobre sua cabeça. "Ela o fez por você", havia-lhe dito Hamid naquele mesmo terraço enquanto ambos observavam a vingança de sua mãe. As conversas dos cristãos lhe chegavam em forma de murmúrios, interrompidos de repente por uma gargalhada ou algum impropério.

Estava tentando escutar para além dos soldados quando alguém se abalançou para ele pelas costas e o imobilizou com o joelho. Não teve tempo de gritar: uma forte mão lhe tapou a boca imediatamente. Sentiu o aço de uma faca no pescoço. Assim havia matado ele os cavalos, pensou Hernando. Iria morrer como eles?

– Não o mate – pôde escutar que sussurravam em árabe antes que a lâmina lhe cortasse a jugular. Eram vários homens. – Pareceu-me ver umas cintilações... Olhe esse alfanje.

Hernando notou que lhe tiravam a espada da cintura. O tilintar dos pingentes da bainha paralisou a todos, mas os murmúrios cristãos continuaram como se nada estivesse acontecendo.

– É dos nossos – advertiu outro ao apalpar com os dedos os pingentes da bainha curva.

– Quem é você? – sussurrou o homem que o imobilizava, liberando sua boca não sem aumentar a pressão do gume no pescoço. – Como se chama?

– Ibn Hamid.

– Que é que está fazendo aqui? – inquiriu um terceiro.

– Imagino que o mesmo que vocês – respondeu. – Vim para resgatar minha mãe – acrescentou depois.

Viraram-no, agora com a ponta da faca no pomo de adão, mas nem um nem os outros conseguiram ver os rostos sob o tênue reflexo dos fogos cristãos.

– Como podemos saber que não está nos enganando? – ouviu Hernando o que perguntavam entre si.

– Fala árabe – apontou um.

– Também alguns cristãos o conhecem. Você mandaria um espião que não falasse árabe?

– Para que os cristãos iam mandar um espião aqui? – perguntou o primeiro.

– Mate-o – disse o outro.

– Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus – recitou Hernando. Instantaneamente o gume da faca diminuiu a pressão. Depois continuou ele com a profissão de fé mourisca.

Paulatinamente, à medida que recitava a mesma oração que não fazia muito lhe salvara dos habitantes de Juviles que queriam entregá-lo, a faca foi afastando-se de seu pescoço. Eram três mouriscos de Cádiar que pretendiam libertar suas mulheres e filhos.

– Há muitas delas refugiadas na igreja – explicou-lhe um deles. – Outras estão do lado de fora, na praça, mas é impossível saber onde estão exatamente as nossas. Há centenas delas com os filhos e não se

vê absolutamente nada! Os soldados não lhes permitiram acender fogos, e não são mais que uma massa informe de sombras. Se formos até lá agora, não conseguiremos encontrá-las, e a agitação será tal, que os soldados vão perceber.

E os homens?, pensou Hernando. E Hamid? Só falavam de mulheres e crianças.

– E os homens que ficaram no castelo? – perguntou.

– Cremos que estão trancados nas casas.

– Como poderemos libertá-los? – perguntou Hernando num sussurro.

– Temos tempo para pensar nisso – respondeu outro dos mouriscos. – Devemos esperar o amanhecer. Antes não poderemos fazer nada – acrescentou.

– À luz do dia? Que possibilidades teremos então? Como o faremos? – surpreendeu-se o rapaz.

Não obteve resposta.

O frio da noite se lançou sobre eles à espera do amanhecer. Achavam-se escondidos atrás de um matagal. Falaram em sussurros. Hernando soube das mulheres e filhos de Cádiar. Ele, por seu lado, lhes explicou que naquela igreja e ali mesmo, naquele terraço, pudera descobrir a intensa dor que havia padecido sua mãe.

Após um bom tempo, já noite fechada, o silêncio assolou o povoado. Os soldados cristãos dormitavam junto às fogueiras, e os quatro mouriscos começaram a notar que seus músculos se intumesciam. Sierra Nevada não lhes iria dar trégua.

– Vamos congelar.

Hernando ouvia ranger os dentes de um de seus companheiros. Ele sentiu dor ao mexer os dedos com que mantinha seguro o alfanje; era como se estivessem colados à bainha. – Teremos de buscar um abrigo até que amanheça... – começou a dizer outro, quando um agudo grito de mulher proveniente da praça o interrompeu.

Àquele grito se seguiu outro, também de mulher, e depois um terceiro.

– Alto! Quem vem lá? – exclamou um soldado postado junto a um dos fogos.

– Há mouros armados entre as mulheres! – asseguraram de outra das fogueiras.

Aquelas palavras foram as últimas que se puderam ouvir com nitidez. Os mouriscos se interrogaram entre si. Mouros armados? Hernando pôs a cabeça acima do matagal que lhe servia de abrigo. Os gritos das mulheres e das crianças se confundiam com as ordens dos soldados. Dezenas deles correram das fogueiras em direção à praça com suas espadas e alabardas preparadas, e se misturaram com as sombras. Soou o primeiro disparo de arcabuz; Hernando pôde ver as fagulhas, o fulgor e uma grande nuvem de fumaça no meio da negra multidão que se adivinhava junto à igreja.

Mais disparos. Mais fulgores entre as sombras. Mais gritos. Hernando foi o primeiro a saltar e correr para a praça, com o alfanje, desembainhado e no alto, seguro com ambas as mãos. Os três mouriscos de Cádiar o seguiram. Na praça, após alguns primeiros momentos de indecisão, as mulheres tentavam defender-se de uns soldados que golpeavam indiscriminadamente com espadas e alabardas.

– Há mouros! – ouviu-se na confusão das pessoas.

– Estão nos atacando! – gritavam os soldados cristãos de todos os cantos da praça.

A escuridão era absoluta.

– Mãe! – começou a gritar por sua vez Hernando.

Entre as trevas, os arcabuzeiros cristãos disparavam a esmo. Hernando tropeçou num cadáver e quase caiu. À sua direita, muito perto, relampejou um disparo ao mesmo tempo que uma grande quantidade de fumaça envolvia o lugar. Girou o alfanje no meio da densa fumaça e notou que a arma afundava na carne. Logo ouviu um grito de morte.

– Mãe!

Continuou com o alfanje no alto. Não via, não via nada! Não podia reconhecer ninguém no caos. Uma mulher o atacou.

– Sou mourisco! – gritou-lhe.

– São Tiago! – pôde ouvir ao mesmo tempo às suas costas.

Lançada para suas costas, a alabarda cristã lhe roçou o lado e se cravou no estômago da mulher. Hernando notou a última baforada de calor da mourisca sobre seu próprio rosto, quando esta se agarrou a ele ferida de morte. Livrou-se do trágico abraço, virou-se e desferiu um golpe de alfanje. A espada se chocou com o metal de uma celada e resvalou por ela até cravar-se no ombro do cristão. Enquanto isso, notou que a mulher caía agarrando-se a suas pernas.

– Mãe! – voltou a gritar.

Cada vez eram mais numerosos os corpos de mulheres e crianças em que tropeçava. Chapinhava em sangue! As portas da igreja estavam fechadas. E se Aisha se achasse no interior do templo? Os cristãos continuavam disparando, apesar dos gritos de seus capitães que ordenavam se suspendesse o fogo. Mas nada podia deter a carnificina: o medo descontrolado dos soldados continuava a exigir vítimas entre as indefesas mulheres e seus filhos.

Hernando continuava sem ver. Como iria encontrá-la? E se já fosse um cadáver naquela ensanguentada praça?

– Mãe – gemeu com a espada vencida.

– Hernando? Hernando, é você?

Hernando voltou a levantar o alfanje. Onde estava? De onde vinha a voz?

– Mãe!

– Hernando? – Uma sombra o apalpou. Ele fez menção de desferir um golpe. – Hernando! – Aisha o sacudiu.

– Mãe! Louvado seja Deus! Vamos. Vamos embora daqui – respondeu segurando-a pelo braço e empurrando-a... para onde? – Suas irmãs! Faltam suas irmãs! – instou ela. – Musa e Aquil já estão comigo.

– Onde...?

– Eu as perdi no tumulto...

Dois disparos soaram na direção deles. Um corpo à sua esquerda caiu.

– Ali há um mouro! – ouviram um soldado cristão gritar. Em meio ao fulgor dos arcabuzes, Hernando percebeu uma sombra perto, mais baixa que ele. Era Raissa? Talvez... Julgava ter visto uma moça. Raissa? Matariam a todos. Agarrou-a pelo cabelo e a trouxe para si.

– Aqui está Raissa – disse à mãe.

– E Zahara?

Nesta ocasião foram três os disparos que partiram em sua direção. Hernando empurrou a mãe enquanto arrastava a moça.

– Vamos! – ordenou.

Guiou-se pela silhueta do campanário: alguém tentava iluminar a cena com uma tocha. Continuou empurrando a mãe, que segurava pela mão as duas crianças ao mesmo tempo que ele arrastava a moça, todos abaixados, até que conseguiram chegar ao terraço. Dali correram encosta abaixo, aos trancos e barrancos, caindo e levantando-se, deixando para trás os disparos e os gritos de terror de mulheres e crianças.

Só pararam quando os disparos se transformaram num murmúrio. Aisha se deixou cair. Musa e Aquil começaram a choramingar, e Hernando e a moça permaneceram parados, tentando recuperar a respiração.

– Obrigado, meu filho – disse sua mãe, levantando-se de repente. – Continuemos. Não podemos parar. Estamos em perigo e temos de... Raissa? – Aisha saltou para a moça e lhe ergueu o rosto pelo queixo. – Você não é Raissa!

– Chamo-me Fátima – gaguejou ela ainda sem ar. – E este – acrescentou mostrando uma criança de poucos meses de vida, que ela protegia contra seu peito – é Salvador... Humam, quero dizer.

Hernando não conseguiu ver os imensos olhos negros amendoados de Fátima, mas pôde perceber um brilho que parecia querer romper a escuridão.

Naquela noite morreram mais de mil mulheres com seus filhos na praça da igreja de Juviles. Aquelas que permaneciam refugiadas no interior do templo se salvaram ao fechar as portas, mas a praça amanheceu semeada de cadáveres de indefesas mulheres e crianças assassinadas. Junto a alguns soldados cristãos mortos por seus companheiros na confusão, só se encontrou o cadáver de um mourisco, que alguém reconheceu como um vizinho de Cádiar. O marquês de Mondéjar iniciou uma investigação sobre o amotinamento e executou três soldados que, na escuridão, haviam tentado violentar uma mulher, originando seus gritos e com eles o alvoroço que desencadeou a matança.

11

Tinha treze anos e era de Terque, da *taa* de Marchena, no levante alpujarrenho. Isso explicou Fátima a Hernando a caminho de Ugíjar. E não, não sabia onde estava seu marido. O pai de Humam se havia juntado aos *monfíes* que tinham ido lutar contra o marquês dos Vélez no extremo oriental das Alpujarras, e ela, como tantas outras mulheres mouriscas, havia terminado na praça de Juviles.

– Eu o vi armado e me aproximei de vocês. Sinto muito... Não podia deixar que meu menino morresse nas mãos dos soldados – sussurrou Fátima. Seus olhos negros expressavam pesar, mas também uma firme resolução. Os dois caminhavam à frente de Aisha, que nem sequer havia pronunciado palavra desde que se dera conta da confusão que havia tido no momento de escapar da matança. Os meios-irmãos de Hernando tentavam seguir-lhes o passo queixando-se constantemente.

Amanhecia. O sol começou a iluminar montanhas e encostas como se nada tivesse sucedido: o frio e a neve produziam tal sensação de limpeza, que a matança de Juviles aparecia como uma macabra fantasia.

Mas havia sido real, e ele havia conseguido seu propósito: salvar sua mãe. Mas suas meias-irmãs... E Hamid, que teria acontecido com o alfaqui? Apertou o alfanje que levava na cintura e virou a cabeça para Aisha: caminhava cabisbaixa; antes a havia ouvido soluçar, e agora simplesmente andava atrás deles. Aproveitou também aqueles primeiros raios de sol para olhar de soslaio sua acompanhante: o cabelo negro ondulado lhe caía sobre os ombros. Era de tez escura e feições cinzeladas; seu corpo era o das meninas que passam por uma maternidade prematura, e se movia com dignidade, apesar do cansaço. Fátima se sentiu observada e se virou para ele para mostrar-lhe um leve

sorriso acompanhado do cintilar daqueles fantásticos e amendoados olhos negros que ele descobriu então. Hernando sentiu uma onda de calor subir-lhe às faces, e Humam começou a chorar. Fátima embalava o filho sem deixar de andar.

– Paremos para que o menino possa mamar – aconselhou Aisha de trás.

Fátima anuiu, e todos se afastaram do caminho.

– Sinto muito, mãe – disse Hernando enquanto Fátima se sentava para amamentar Humam com as duas crianças rodeando-a, pasmas. – Aisha não respondeu. – Achei... Achei que era Raissa.

– Salvou-me a vida – interrompeu-o então sua mãe. – A minha e a de seus dois irmãos. – Aisha se entregou ao choro, trouxe o filho para si e o abraçou. – Não tem de que desculpar-se... – soluçou, ainda abraçada a ele –, mas entenda a minha dor por suas irmãs. Obrigado...

Fátima observava a cena com semblante sério. Humam mamava com gosto. Sobre o peito descoberto da moça, Hernando pôde observar então uma joia de ouro que pendia do pescoço: a *jamsa*, a mão de Fátima, o pingente que os cristãos os proibiam de usar, um amuleto que protege do mal.

Hernando e sua pequena comitiva levaram toda a manhã para percorrer as cerca de três léguas que separavam Juviles de Ugíjar, a povoação cristã mais importante das Alpujarras a se achar em mãos mouriscas após uma selvagem matança ordenada por Farax. Estava encravada no vale do Nechite, algo afastada dos contrafortes de Sierra Nevada, razão por que não era tão fragosa como as Alpujarras altas; era um povoado rico em videiras e cereais, e tinha extensos pastos para o gado. O exército de Aben Humeya se encontrava acampado quando chegaram. Ugíjar era um fervedouro.

O rei de Granada se instalou na casa que fora de Pedro López, escrivão-mor das Alpujarras. O edifício abrigava uma das três torres defensivas com que contava o povoado. As torres estavam dispostas em triângulo, e grande parte do exército se achava espalhado pelo interior.

Hernando encontrou sua récua diante da torre da colegiada; Ubaid vigiava o oveiro de seu padrasto. Se antes o havia temido, agora se sentiu com forças para dirigir-se a ele.

– E Brahim? – perguntou ao arrieiro.

Ubaid deu de ombros ao mesmo tempo que cravava o olhar em Fátima. Musa e Aquil tentaram aproximar-se das mulas, ainda carregadas com o butim, mas uns soldados as impediram de fazê-lo. Ubaid nem sequer afastou o olhar de Fátima quando o pequeno Musa caiu a seus pés, devido ao empurrão com que os soldados o afastaram do butim. A moça, intimidada, se encostou em Hernando.

– Que é que está olhando? – disse este ao arrieiro.

Ubaid voltou a dar de ombros, lançou um último olhar lascivo para Fátima e deu fim a seu assédio. Hernando relaxou a mão que instintivamente havia levado à empunhadura do alfanje.

Após perguntar a um dos soldados por seu padrasto, levou todos à casa de Pedro López, o lugar onde lhe apontou o mourisco. Encontraram Brahim às portas da casa, junto a chefes e a uma multidão de *monfíes*; Aben Humeya estava no interior, reunido com seus conselheiros.

– Que significa...? – exclamou seu padrasto ao ver Aisha e seus dois filhos, mas o Gironcillo, também presente, o interrompeu.

– Bem-vindo, rapaz! – celebrou. – Creio que precisaremos de você. Temos muitos animais feridos.

Imediatamente o Gironcillo explicou aos demais *monfíes* como Hernando havia curado seu alazão. Brahim esperou furioso, contendo a raiva, que o chefe *monfí* terminasse de louvar seu enteado.

– Mas você abandonou a récua! – disse no momento em que o Gironcillo terminou seu discurso. – Além disso, por que trouxe meus filhos? Já disse...

– Não sei se morreremos aqui ou se a seus filhos sucederá algo – impediu-o de continuar Aisha, levantando a voz para surpresa de seu marido –, mas por ora Hernando lhes salvou a vida.

– Os cristãos... – murmurou então o rapaz – mataram centenas de crianças e mulheres às portas da igreja de Juviles.

Logo os *monfíes* o rodearam, e ele lhes explicou com pesar o acontecido em Juviles.

– Vamos – indicou o Gironcillo antes até que Hernando terminasse –, você mesmo tem de contá-lo a Ibn Umayya.

Os soldados que montavam guarda às portas da casa lhes franquearam a entrada sem problemas. Hernando entrou com o Gironcillo. Os guardas fizeram menção de impedir a passagem de Brahim, mas este conseguiu convencê-los de que devia acompanhar seu enteado.

Era uma construção senhorial de dois andares, caiado, com sacadas de ferro forjado no andar superior, e telhado com telhas de quatro águas. Logo após passar pela guarda, antes até que se abrissem as rijas portas de madeira que davam para a ampla peça onde se encontrava Aben Humeya, Hernando sentiu a essência de algum perfume. O guarda que os acompanhava chamou e abriu as portas, e um penetrante cheiro de almíscar se misturou com o som de um *ud*, um alaúde de braço curto e sem trastes. O rei, jovem, atraente e soberbo, refestelava-se numa poltrona de madeira estofada com seda vermelha, rodeado por suas quatro mulheres; sua figura ficava acima da dos demais presentes, que estavam sentados no chão em almofadas de seda entretecida com fios de ouro e prata e guadamecis bordados em mil cores. A sala era decorada com tapetes e tapeçarias; uma mulher dançava no centro.

Os três ficaram imóveis no umbral da porta: Hernando com os olhos fitos na dançarina; o Gironcillo e Brahim olhavam de quando em quando a sala. Por fim, foi Aben Humeya que, com uma palmada, pôs fim a música e dança e os fez entrar. Miguel de Rojas, pai da primeira esposa do rei e rico mourisco de Ugíjar, vários dos homens mais importantes de Ugíjar e alguns chefes *monfíes*, como o Partal, o Seniz e o Gorri, fixaram a atenção nos dois homens e no rapaz.

– Que querem? – perguntou diretamente Aben Humeya.

– Este rapaz traz notícias de Juviles – respondeu o Gironcillo com voz possante.

– Fale – instou-lhe o rei.

Hernando quase não ousava olhar para o rei. A nova segurança em si mesmo que havia sentido na noite anterior pareceu abandoná-lo como num passe de mágica. Começou seu relato, gaguejando, até que Aben Humeya lhe sorriu abertamente e essa expressão lhe deu confiança.

– Assassinos! – gritou o Partal após escutar o relato.

– Matam as mulheres e as crianças! – exclamou o Seniz.

– Eu disse que devíamos fortalecer-nos nesta cidade – disse por seu lado Miguel de Rojas. – Devemos lutar e proteger nossas famílias.

– Não! Aqui não podemos deter as forças do marquês... – replicou o Partal.

No entanto, Aben Humeya lhe ordenou que se calasse, tranquilizando com um gesto de mão os demais *monfíes* que, ansiosos por atacar de novo, sustentavam que deviam abandonar a cidade.

– Já disse que por ora ficaremos em Ugíjar – declarou o rei, diante do descontentamento dos *monfíes*. – Quanto a você – acrescentou dirigindo-se a Hernando –, felicito-o pela valentia que demonstrou. O que você faz?

– Sou arrieiro... Levo as mulas de meu padrasto – explicou apontando para Brahim; Aben Humeya fez uma expressão de que o reconhecia – e cuido de seu butim.

– Também é um magnífico veterinário – completou o Gironcillo.

O rei pensou por alguns instantes antes de voltar a falar:

– Cuidará do nosso dinheiro como fez com sua mãe? – Hernando assentiu. – Nesse caso, andará a meu lado com o ouro.

Ao lado de seu enteado, Brahim se mexeu inquieto.

– Pedi ajuda a Uluch Ali, bei de Argel – prosseguiu Aben Humeya –, prometendo vassalagem ao Grande Turco, e me consta que numa das mesquitas de Argel se estão acumulando armas para serem trazidas

para o nosso reino. Quando começar a época da navegação, nos chegarão essas armas... que teremos de pagar.

O rei se manteve em silêncio por alguns instantes. Hernando se perguntava se aquela proposta incluía seu padrasto, quando Aben Humeya voltou a tomar a palavra.

– Necessitamos de arcabuzes e artilharia. A maioria dos nossos homens luta com simples fundas e instrumentos de lavoura. Nem sequer têm alabardas ou espadas. No entanto... Você, sim, tem um bom alfanje! – Apontou para a arma que pendia da cintura de Hernando.

Hernando a desembainhou para mostrá-la, e o alfanje apareceu manchado de sangue. Então recordou os golpes que havia dado com ele, os cortes em carnes cristãs que havia percebido na escuridão. Não havia tido oportunidade de pensar nisso. Contemplou, absorto, a lâmina do alfanje, enegrecida de sangue seco.

– Vejo que também a usou – disse então Aben Humeya. – Conto com que continue a fazê-lo e com que muitos cristãos morram sob esse aço.

– Foi-me dado por Hamid, o alfaqui de Juviles – explicou Hernando.

Evitou, não obstante, mencionar que a espada havia sido propriedade do Profeta; iriam tirá-la dele sem dúvida, e ele havia prometido a Hamid que cuidaria da arma. O rei anuiu como sinal de que conhecia o alfaqui.

– Hamid estava com os homens, no povoado... – acrescentou o rapaz com pesar.

Depois ficou em silêncio, e Aben Humeya se uniu a esse momento de respeito. Um dos *monfíes* se levantou para pegar o alfanje, mas o monarca, ao ver o ávido olhar do mourisco posto na bainha de ouro, disse em voz bem alta:

– Você cuidará dela até que possa devolvê-la a Hamid. Eu, rei de Granada e de Córdova, assim o disponho. Certo de que poderá devolvê-la, rapaz – sorriu Aben Humeya. – Assim que turcos e berberes vierem em nossa ajuda, voltaremos a reinar em al-Andalus.

Deixaram a casa onde se alojava Aben Humeya e conseguiram comida. Os homens se sentaram no chão para comer o cordeiro.

– Quem é ela? – grunhiu Brahim apontando para Fátima.

– Fugiu conosco de Juviles – respondeu Aisha, antes que Hernando pudesse responder.

Brahim entrefechou os olhos e os cravou na moça, que estava de pé junto a Aisha; Humam dormia num moisés entre elas. Com um pedaço de cordeiro na mão, olhou-a de alto a baixo, parando em seus peitos e em seu rosto, naqueles maravilhosos olhos negros que Fátima baixou, perturbada.

O arrieiro estalou a língua, impudicamente, como se a aprovasse, e mordeu o cordeiro.

– E minhas filhas? – inquiriu enquanto mastigava.

– Não sei. – Aisha abafou um soluço. – Era noite... Havia muita gente... Não se via nada... Não consegui encontrá-las. Estava de olho nos meninos! – desculpou-se.

Brahim olhou para seus dois filhos e assentiu, como se aceitasse aquela desculpa.

– Você! – chamou a Fátima. – Sirva-me água.

Brahim desnudou a moça com o olhar quando esta lhe levava a água: o arrieiro manteve o copo junto a seu corpo, sem estender o braço, para que a jovem tivesse que aproximar-se dele e assim tocar sua pele.

Hernando se surpreendeu, contendo a respiração ao observar que Fátima tentava não roçar Brahim. Que pretendia seu padrasto? De rabo de olho, pensou ver que Aisha balançava o moisés de Humam com um dos pés: o menino começou a chorar.

– Tenho de dar-lhe de mamar – desculpou-se Fátima, atordoada. O arrieiro a perseguiu com o olhar, tremendo de pensar naqueles peitos de menina transbordantes de leite.

– Hernando... – chamou-o Fátima depois de alimentar o filho e enquanto este dormia em seus braços.

– Ibn Hamid – corrigiu ele.

Fátima assentiu.

– Você me acompanha se eu for buscar notícias de meu marido? Tenho de saber o que aconteceu com ele. – Fátima olhou de soslaio para Brahim.

Depois de deixar Humam aos cuidados de Aisha, desfilaram entre tendas e rodas de pessoas procurando notícias dos da *taa* de Marchena que haviam lutado junto com os *monfíes* contra o marquês dos Vélez, governante do reino de Múrcia e capitão-general de Cartagena. Soldado cruel que lutava sem concessão alguma contra os mouriscos, o marquês dos Vélez havia iniciado a luta por sua conta, antes até de receber a incumbência real, e havia começado pela costa do levante do antigo reino, ao sul e a leste das Alpujarras, onde não conseguia combater o de Mondéjar.

Não lhes custou encontrar as notícias que procuravam. Um grupo dos homens do Gorri que haviam lutado contra o marquês dos Vélez lhes começou a falar de suas vicissitudes.

– Mas meu marido não estava com o Gorri – interrompeu-o Fátima. – Ele foi com o Futey. É... é seu primo.

O soldado que havia começado a falar suspirou então desalentadamente. Fátima se agarrou ao braço de Hernando: pressagiava más notícias. Dois homens que faziam parte do grupo desviaram o olhar inquisidor da moça. Um terceiro tomou a palavra:

– Eu estive ali. O Futey morreu na batalha de Félix. E com ele a maioria de seus homens... mas sobretudo mulheres... faleceram muitas mulheres. Com o Futey estavam o Tezi e Portocarrero, e, como não tinham suficientes homens para fazer frente aos cristãos, disfarçaram de soldados as mulheres. Nossos irmãos os enfrentaram em campo aberto e depois nas casas de Félix. Por fim tiveram de refugiar-se no cume de um cerro diante do povoado, constantemente perseguidos pela infantaria do marquês.

O homem fez uma pausa que a Hernando pareceu interminável; sentia as unhas de Fátima cravadas em seu braço.

– Morreram mais de setecentos, entre homens e mulheres. Alguns de nós conseguimos fugir para a serra... de onde vínhamos – acrescentou com pesar –, mas os que não conseguiram... Vi mulheres lançar-se com punhais contra as barrigas dos cavalos! Dirigiam-se a uma morte certa! Vi muitas delas terminar lançando areia nos olhos dos cristãos à falta de forças para levantar pedras. Lutaram com tanta coragem como seus homens. – Então o soldado olhou diretamente para Fátima. – Se não o encontrar aqui... Os que sobreviveram foram mortos. O marquês dos Vélez não faz homens prisioneiros, nem concede perdão como Mondéjar. As mulheres e as crianças que não morreram foram tomadas como escravas. Vimos numerosos grupos de soldados que desertavam do exército em direção a Múrcia, encabeçando longas fileiras de mulheres e crianças escravas.

Procuraram por todo Ugíjar. Muitos mouriscos lhes confirmaram o relato.

– De Terque? – perguntou um soldado que tinha ouvido as perguntas de Fátima. – Salvador de Terque? – A moça assentiu. – O cordoeiro? – Fátima voltou a assentir, as mãos diante do peito, os dedos entrelaçados fortemente. – Sinto muito... morreu. Morreu junto ao Futey lutando corajosamente...

Hernando teve de segurá-la. Não pesava. Quase não pesava. Ela desabou em seus braços, e Hernando notou que sua face se inundava de lágrimas.

– Por que tanto choro? – perguntou Brahim na hora do jantar, sentado em roda no centro do povoado, entre uma multidão de fogueiras.

– Seu marido... – adiantou-se Hernando. – Dizem que está ferido nas serras – mentiu.

Aisha, sabedora da morte do pai do pequeno antes que Brahim voltasse, não contradisse a versão do filho. Tampouco o fez Fátima. No entanto, apesar da dor que a moça mostrava e do fato de que seu marido supostamente continuasse com vida, Brahim continuou a olhá-la lasciva e despudoradamente.

Naquela noite, Hernando não conseguiu dormir: os soluços contidos de Fátima ressoavam em seu íntimo com mais força que a música e os cânticos que se ouviam no acampamento.

– Sinto muito – sussurrou pela enésima vez, deitado a seu lado, já bem depois da meia-noite.

Fátima soluçou uma resposta ininteligível.

– Você o amava muito. – As palavras de Hernando ficaram entre a afirmação e a pergunta.

Fátima deixou transcorrer alguns instantes.

– Nós nos criamos juntos... Eu o conhecia desde que era uma menina. Era aprendiz de meu pai, poucos anos mais velho que eu. Nós nos casarmos pareceu o mais... – A moça tentou encontrar a palavra. – O mais natural. Sempre estivera ali...

Os soluços se haviam convertido num choro desesperado.

– Agora estamos sozinhos Humam e eu – conseguiu articular. – Que faremos? Não temos ninguém mais...

– Você tem a mim – sussurrou ele. Sem pensar, aproximou a mão da mão da jovem, mas ela não a tocou.

Fátima ficou em silêncio. Hernando ouvia a respiração entrecortada da moça, mesclada com as zambras do acampamento mourisco. Antes que a música e os cânticos ganhassem força, Fátima sussurrou:

– Obrigada.

O marquês de Mondéjar concedeu uns dias de folga ao exército mourisco acampado em Ugíjar. Recebia os homens mais importantes dos lugares que iam a ele para render-se; destinava grupos de homens que atacavam as cavernas em que se escondiam mouriscos, e por fim se dirigiu a Cádiar antes que a Ugíjar.

Aqueles dias bastaram para que os espiões mouriscos, que vigiavam tudo quanto sucedia em Granada, fossem a Ugíjar providos de notícias. Hernando se dirigiu com curiosidade à grande roda de homens que estavam à volta de um dos recém-chegados.

– Assassinaram todos os nossos irmãos que mantinham presos no cárcere do Tribunal – conseguiu ouvir Hernando; havia tantos homens que não chegava a ver o centro da roda. O espião se manteve em silêncio enquanto duraram os rumores, as imprecações e os insultos com que os homens receberam sua declaração. Depois continuou: – A soldadesca cristã atacou o cárcere diante da passividade dos alcaides, e os mataram como a cães, encerrados nos calabouços e sem possibilidade de defender-se. Mataram mais de uma centena deles! Depois confiscaram todas as suas propriedades e posses. Eram os mais ricos de Granada!

– Só lhes interessam os nossos bens! – gritou alguém.

– A única coisa que pretendem é enriquecer! – respondeu outro.

– Tanto o marquês de Mondéjar como o dos Vélez estão tendo sérios problemas com seus respectivos exércitos. – Hernando reconheceu a voz do espião de novo. As pessoas tinham se aproximado do grupo, e ele já se achava espremido entre os muitos mouriscos que prestavam atenção. – Os soldados desertam no momento em que obtêm algum escravo ou parte do butim. Mondéjar perdeu grande parte de seus homens por causa do butim obtido desde que atravessou a ponte de Tablate e entrou nas Alpujarras, mas continuam a chegar-lhe reforços, gente ávida de tornar-se rica antes de voltar para casa.

– Que aconteceu com os velhos, mulheres e crianças de Juviles? – perguntou alguém.

Mais de dois mil homens haviam deixado suas famílias no castelo, e os rumores que correram depois das notícias dadas por Hernando os tinham mantido em suspense desde então.

– Cerca de mil mulheres e crianças foram vendidas como butim de guerra em almoeda na praça de Bibarrambla...

A voz do espião sumia.

– Fale mais alto! – instaram-lhe de trás.

– Venderam-nas como escravas – esforçou-se por gritar o homem. – Mil delas!

– Só mil! – Hernando ouviu a abafada exclamação às suas costas e tremeu.

– Expuseram-nas publicamente na praça, esfarrapadas e humilhadas. – Um silêncio reverente se fez enquanto o tom de voz do espião baixava de novo. – Os mercadores cristãos as manuseavam sem o menor pudor com o pretexto de verificar seu estado, enquanto os corretores gritavam os preços e as vendiam ante os insultos, pedradas e cuspidelas das pessoas de Granada. Todo o dinheiro foi parar nas arcas do monarca cristão!

– E as crianças? – interessou-se alguém. – Também as venderam como escravos?

– Em Bibarrambla, em leilão público, só venderam os meninos com mais de dez anos e as meninas com mais de onze. Assim ordenou o rei.

– E as menores?

Vários fizeram a pergunta ao mesmo tempo. O espião esperou alguns instantes antes de responder. Os homens empurraram, ficaram na ponta dos pés ou chegaram até a subir nas costas de algum de seus companheiros para ver e escutar melhor.

– Também as venderam, fora de almoeda, apesar da ordem do rei – disse de repente o espião, como se lhe custasse um grande esforço. – Eu as vi. Ferraram-nas a fogo no rosto... crianças de poucos anos... para que ninguém pudesse discutir sua condição de escravas. Depois as mandaram rapidamente para Castela e até para a Itália.

Hernando viu um homem, que se havia subido nos ombros de quem estava diante dele, desabava e caía. Ninguém ousou falar durante um longo tempo: a dor daqueles homens era quase palpável.

– E os velhos e entrevados de Juviles? – A pergunta surgiu dentre a multidão já em tom desesperado. – Eram cerca de quatrocentos.

Hernando apurou o ouvido. Hamid!

– Escravizaram-nos os próprios soldados de Mondéjar quando desertaram.

Hamid feito escravo! Hernando sentiu que se lhe dobravam os joelhos e se apoiou num homem.

Mas faltava uma pergunta! Uma que nenhum dos presentes desejava fazer. Durante aqueles dias, Hernando havia sido materialmente assaltado por grupos de mouriscos: queriam escutar de sua voz o que se rumorejava pelo acampamento. Todos eles tinham mulheres e filhos em Juviles, e ele lhes repetia vezes seguidas o acontecido. "Mas era noite alta quando você fugiu da praça, não?", discutiam, numa tentativa de negar a possibilidade de tantas mortes. "Era impossível você ver quantas mulheres e crianças chegaram a morrer realmente..." E então ele assentia. Naquela noite havia saltado sobre centenas de cadáveres, ouvindo, sentindo até o ódio e a loucura que se apoderavam da tropa cristã, mas para que desesperançar ainda mais aqueles maridos e pais?

– Morreram todas as que estavam fora da igreja de Juviles! Todas! – gritou o espião. – Mais de mil mulheres e crianças! Nenhuma se salvou.

Pouco depois, as fogueiras nos cumes de cerros e montanhas anunciaram aos mouriscos que o marquês de Mondéjar se dirigia com seu exército para Ugíjar. Aben Humeya, convencido pelos *monfíes* de que seu sogro, Miguel de Rojas, lhe havia aconselhado resguardar-se em Ugíjar porque havia chegado a um acordo com o marquês de Mondéjar – segundo o qual, em troca da cabeça do rei de Granada, Miguel de Rojas e sua família ficariam em liberdade e com o butim do exército mourisco –, assassinou sem dó nem piedade seu sogro e grande parte do clã familiar dos Rojas, e repudiou a primeira esposa.

Aben Humeya e seus homens partiram para Paterna del Río, ao norte, no sopé de Sierra Nevada. Acima daquele povoado só havia rochas, precipícios, montanha e neve. Hernando andava com o exército, junto ao rei e seu estado-maior, longe dos demais arrieiros, suas mulas carregadas de ouro e prata amoedada e de todo tipo de joias e trajes bordados a fio de ouro. Brahim assim o havia disposto por ordem do rei: o butim devia ser selecionado, e o ouro e as joias

carregados nas mulas do jovem arrieiro, que ia à frente; as demais mulas, com o restante do butim, iam atrás, como era comum.

Algumas vezes, quando o sinuoso caminho permitia, Hernando virava a cabeça para tentar ver o final de uma coluna composta por seis mil homens, ali onde, junto ao restante das mulheres, deviam estar Aisha, seus meios-irmãos e Fátima com seu pequeno. Não conseguia apagar da mente os amendoados olhos negros da moça, que o perseguiam, umas vezes faiscantes, outras afogados em lágrimas, e outras escondidos, atemorizados.

– Arre! – fustigava então as mulas para desfazer-se daquelas sensações.

Chegaram a Paterna, e o rei mourisco dispôs seus homens a meia légua do lugar, numa encosta que considerou quase inexpugnável, enquanto ele, a bagagem e as pessoas inúteis para o combate entravam no povoado.

Hernando não quis juntar-se ao restante já que não desejava topar com Ubaid, e assim que chegou a Paterna procurou um curral suficientemente amplo nas casas dos arrabaldes; os pequenos hortos das construções do centro do povoado não podiam acolher sua récua. Ninguém lhe pôs dificuldades. Para desespero de Brahim, que via em perigo sua posição, Aben Humeya confiou nele publicamente.

– Façam o que ordenar o rapaz – disse aos demais soldados que custodiavam o ouro. – Ele é o guardião das riquezas que nos proporcionarão a vitória.

Assim, Hernando nem sequer teve de escusar sua decisão. Uma vez em Paterna, e enquanto Aben Humeya se encerrava numa das casas principais, esperou a chegada da retaguarda, em que entre as mulheres e a bagagem caminhavam Aisha e Fátima. Ele as viu chegar arrastando os pés, com o rosto coberto de lágrimas: Aisha por causa da já certa morte de suas filhas; como os demais mouriscos que tinham ido escutar o espião, havia vivido com a tênue esperança de que tivessem sobrevivido; Fátima, por seu marido e seu incerto futuro com um filho pequeno. Aquil e Musa, no entanto, entretinham-se brincando de

guerra. Uma vez reunidos, os soldados os acompanharam em busca do curral. Ao ver que Hernando se dedicava ao cuidado dos animais, e confiantes em que o exército mourisco deteria as forças do marquês na inexpugnável encosta escolhida por Aben Humeya, deixaram-nos e se espalharam pelo povoado.

Começava a nevar.

Mas as previsões de Aben Humeya relativas à dificuldade de acesso se mostraram erradas. Os soldados cristãos, desobedecendo às ordens do marquês, atacaram e conseguiram pôr em debandada as tropas que defendiam a entrada para o povoado. Entraram nele ávidos de sangue e butim, cansados do perdão que seu capitão-general concedia a quantos hereges e assassinos se rendessem.

O caos tomou conta de Paterna. Os mouriscos fugiram do povoado; as mulheres e as crianças procuravam seus homens e pais, e as cativas cristãs, livres de repente, recebiam com exclamações seus salvadores e tentavam impedir a fuga das mouriscas. Só lutaram elas. Os homens do marquês, à exceção de um que outro disparo, lançaram-se à busca do butim, que encontraram sem vigilância de nenhum tipo em dezenas de mulas reunidas junto à igreja do povoado, construída, como muitas outras das Alpujarras, sobre uma antiga mesquita. O fabuloso troféu despertou a cobiça e as desavenças entre os cristãos: sedas, aljôfares e todos os tipos de objetos de valor se amontoavam entre as mulas.

No desconcerto, ninguém se deu conta de que faltava o ouro; tantas eram as mulas em frente à igreja, que aquele que não encontrou o ouro julgou que estivesse em algumas azêmolas adiante.

Com Sierra Nevada às suas costas, sem casas que lhe limitassem a visão, protegendo-se do frio e da neve, Hernando foi o primeiro a observar que o exército mourisco fugia em debandada pelas serras. A meia légua de onde se encontravam, ali onde se dera o primeiro combate, centenas de figuras foram desenhando-se na neve. Subiam. Subiam desordenadamente para os cumes. Muitas das figuras caíam e resvalavam por encostas e penhascos: outras, de repente, ficavam imóveis. De longe, Hernando não podia ouvir o estrondo dos

arcabuzes, mas sim ver os clarões e a intensa fumaceira que as armas cristãs emitiam após cada disparo.

– Vamos! – instou a Aisha e a Fátima.

As duas mulheres perderam alguns instantes, atônitas diante da fuga de seu exército.

– Ajudem-me! – apressou-as Hernando.

Não houve necessidade de pedir instruções. Quando conseguiu aparelhar a récua, verificou que, pelo outro extremo do povoado, Aben Humeya fugia a galope. Brahim e outros cavaleiros esporeavam violentamente seus cavalos atrás do rei. Os soldados acantonados em Paterna também fugiam em debandada. Os disparos e os "São Tiago!" dos perseguidores já eram claramente perceptíveis.

– E agora? – ouviu Fátima perguntar às suas costas.

– Por ali! Subiremos para o porto da Ragua! – respondeu, e indicou o extremo oposto àquele pelo qual fugiam o rei e seus homens perseguidos pelos cristãos.

Fátima e Aisha olharam para onde ele apontava. A moça ia dizer algo, mas só conseguiu balbuciar algumas palavras ininteligíveis enquanto apertava Humam contra o peito. Aisha estava boquiaberta. Não se via nenhum caminho! Só neve e rochas!

– Venha, Velha! – Hernando segurou a mula pela corda e a obrigou a pôr-se à frente. – Encontre-nos um caminho para o cume – sussurrou-lhe, palmeando-lhe o pescoço.

A Velha começou a tatear a neve a cada passo que dava, e lentamente eles iniciaram a subida. A nevada, agora copiosa, os ocultou dos olhos dos cristãos.

12

O porto da Ragua se erguia a mais de duas varas castelhanas e constituía a passagem para atravessar Sierra Nevada em direção a Granada sem se ter de rodear a cadeia montanhosa. Hernando o conhecia. Acima havia umas boas campinas, bons pastos de primavera, para os quais, pensou o rapaz, teriam ido os mouriscos fugidos; em poucos lugares mais podiam esconder-se e reagrupar-se. Na encosta norte do porto, a que dava para Granada, erguia-se o imponente castelo da Calahorra, mas na que dava para as Alpujarras não existia defesa alguma.

Também conhecia pormenorizadamente o despenhadeiro que se abria aos pés de um monte próximo e que lhe servia de referência, a mais de duas mil e quatrocentas varas de altura: ali ia para buscar muitas das ervas necessárias para as beberagens dos animais. No final do verão, o leito do despenhadeiro se cobria de grandes flores azuis tão belas quanto perigosas: as flores do acônito. Tudo nelas era venenoso, desde as pétalas até as raízes. Seu uso medicinal era extremamente complicado, e foi a primeira coisa de seu herbanário que lhe havia pedido Brahim no momento do levantamento. Desde muito tempo atrás, os muçulmanos impregnavam suas setas com sumo de acônito: aquele que recebia a flechada morria entre convulsões e salivações, a não ser que fosse tratado com sumo de marmelo, mas, como no verão ninguém havia previsto a guerra que iria declarar-se, no inverno viram que as reservas de acônito eram poucas.

Hernando tentava recordar aquele brilhante manto azul, mas o temporal o impedia. Continuava à frente, encostado ao lado da Velha para não pisar em falso, e estimulando-a com insistência para que subisse e procurasse terreno firme sob a neve. Não parava de virar a cabeça, com o cabelo e as sobrancelhas escarchadas, para tentar ver a

récua entre a borrasca. Ordenou à mãe e a Fátima que se agarrassem à cauda de um animal e não perdessem o rastro daquelas pegadas que tão rápido desapareciam. Musa, o menor de seus meios-irmãos, caminhava com Aisha; Aquil o fazia sozinho. O restante das mulas parecia entender que tinha de seguir a Velha, e toda a linha se movimentava com precaução, mas o sol começava a pôr-se, e na escuridão nem a Velha seria capaz de prosseguir.

Necessitavam de um abrigo. De Paterna del Río se encaminharam para o leste, evitando dirigir-se às zonas onde certamente estariam os cristãos. Tinham de encontrar o caminho que subia de Bayárcal para o porto da Ragua, mas logo se tornou evidente que não iriam ter tempo antes que o sol se pusesse. Na procela de neve, Hernando julgou ver uma formação rochosa e para ela dirigiu a Velha.

Nem sequer era uma caverna; contudo, considerou o rapaz, podiam proteger-se da tempestade sob as saliências rochosas. A récua foi trazendo os demais, que se arrastavam atrás das mulas, encolhidos, os lábios arroxeados e as mãos crispadas em suas caudas. Fátima só usava uma das mãos, enquanto com a outra segurava um volume entre suas roupas.

Hernando dispôs as mulas contra o vento. Depois inspecionou com um rápido olhar o lugar: de pouco podiam servir-lhe a pederneira e a argola que sempre tinha em cima. Ali, na neve, não havia possibilidade de acender fogo; tampouco se observava a existência de folhas secas ou de folhagem. Só rochas e neve! Não teria sido melhor que os capturassem os cristãos?, perguntou-se ao verificar que o tênue resplendor que até então os havia acompanhado no meio da tormenta começava a decair.

– Como está o menino? – perguntou a Fátima. A moça não lhe respondeu. Por cima de suas roupas, esfregava o filho com as duas mãos. – Ele se mexe? – inquiriu então. – Está vivo? – A pergunta lhe ficou na garganta.

Fátima anuiu sem deixar de esfregar. A jovem desviou então o olhar para o temporal e a noite que lhes caía em cima, e um suspiro de temor

saiu de seus lábios.

Por que haviam empreendido a fuga? Hernando se virou então para sua mãe: abraçava cada um de seus meios-irmãos. Aquil tremia sem conseguir parar o ranger de seus dentes. Musa, com apenas quatro anos, permanecia imóvel, teso. Por que os obrigara àquela aventura? Eram mulheres e crianças! A noite já se tornava patente. A noite...

Pegou uns punhados de neve e os levou ao rosto, ao cabelo e à nuca; depois, com outros, lavou as mãos, ajoelhou-se sobre o úmido manto branco e rezou em voz alta, aos gritos, suplicando ao Misericordioso, pelo qual lutavam e arriscavam a vida, que... Não chegou a terminar suas orações. Levantou-se repentinamente. O ouro! No meio do butim se amontoavam as peças de roupa! Dezenas de casulas e ornamentos de seda bordada com fios de ouro e prata. De que iriam servir para seu povo se eles morressem? Procurou entre as mulas e em pouco tempo conseguiu envolver mulheres e crianças em luxuosas roupagens. Depois desaparelhou os animais. Os alforjes também serviriam, algumas eram de couro... Também os arreios! Salvo as moedas de ouro, que ele juntou num dos alforjes de esparto, tirou o restante do butim e amontoou alforjes e arreios sobre a neve, ao modo de chão, junto à parede.

– Encostem-se nas rochas – disse-lhes. – Não se deixem cair na neve. Aguentem a noite encostados nas rochas.

Ele também se abrigou, mas só o imprescindível: precisava conservar a liberdade de movimentos de que careciam os outros. Tinha de vigiar para que ninguém caísse na neve e tivesse a roupa encharcada! Depois aproximou as mulas das mulheres e crianças. Amarrou-as umas bem junto às outras, de maneira que não pudessem mover-se, e as empurrou do exterior. Lançou a corda da última mula para a parede e se arrastou por debaixo das pernas dos animais até chegar às rochas. Custou-lhe pôr-se em pé. Mas o fez entre Fátima e Aisha. A Velha, que havia ficado muito perto das mulheres e crianças, o observava impassível.

– Velha – disse enquanto se acomodava –, amanhã você vai continuar a ter trabalho. Eu lhe asseguro. – Esticou a corda que havia lançado por cima dos animais e a manteve firme: nenhum deles podia mexer-se. – *Allahu Akbar!* – suspirou ao notar a proteção de roupas e animais.

A tempestade diminuiu durante a noite; no entanto, Hernando se deixou vencer pelo cochilo após verificar com satisfação que ninguém podia cair no chão, emparedados como estavam entre rochas e mulas, protegidos do vento, do frio e da neve.

O dia amanheceu ensolarado e em silêncio. O reflexo do sol na neve feria os olhos.

– Mãe? – perguntou.

Aisha conseguiu fazer um oco entre as roupas que a cobriam. Quando Hernando se virou para Fátima, esta também mostrava seu rosto. Sorria.

– E o menino? – interessou-se.

– Mamou há pouco tempo.

Então foi ele quem esboçou um sorriso franco.

– E meus... irmãos?

Notou que à sua mãe comprazia que os chamasse assim.

– Fique tranquilo. Estão bem – respondeu ela.

Não sucedeu o mesmo com as mulas. Hernando saiu por entre as pernas da récua e viu que as duas que estavam expostas ao vento estavam congeladas, tesas e cobertas de neve. Eram das novas, das que Brahim trouxera de Cádiar, mas mesmo assim... Recordou a pedrada que havia tido de dar em uma delas e lhe palmeou o pescoço. Os flocos se desprenderam e caíram como milhares de brilhantes cristaizinhos.

– Demorarei um pouco para tirá-las daí – gritou.

Não foi assim. Após desatar a récua, limitou-se a empurrar aquelas duas estátuas de gelo, que caíram pela encosta e provocaram uma pequena avalanche no sopé das rochas que lhes serviam de abrigo. Os outros animais estavam intumescidos, e ele os estimulou muito devagar, esperando com paciência que cada um deles adiantasse uma

pata... e depois a outra. Quando chegou a vez da Velha, ele lhe esfregou os rins por um bom tempo antes de permitir que se movesse para deixar as mulheres sair. Na noite anterior não havia tido a precaução de pôr bem resguardados os alimentos que levavam, e agora nem sequer conseguia encontrá-los: estavam enterrados na neve, como muitos dos objetos que havia jogado ao chão ao tirar os arreios e os alforjes das mulas.

– Parece que hoje só o menino almoçará – disse.

– Se a mãe não comer – advertiu Aisha –, mal o fará o filho.

Hernando os observou a todos: também estavam intumescidos, e seus movimentos eram lentos e doloridos. Olhou para o céu.

– Hoje não haverá tempestade – assegurou. – Em meia jornada chegaremos às planícies do porto. Ali estarão os nossos, e poderemos comer.

A Velha conseguiu encontrar o caminho para o porto da Ragua. Caminhavam tranquilos, reluzentes em seus agasalhos de ouro. Antes de partir, Hernando havia rezado com devoção, com o vento da noite ainda retumbando em seus ouvidos, e com a indelével lembrança dos grandes olhos amendoados de Fátima quando deixou de esfregar seu menino e olhou para a noite, temerosa, como uma vítima indefesa poderia fazer com relação a seu assassino. Mil vezes agradeceu a Alá a morte que lhes havia evitado! Recordou Hamid... Que razão tinha com as orações! Que teria acontecido a Ubaid?, pensou imediatamente. Parecia-lhe ter visto alguns homens escapar dos cristãos. Sacudiu a cabeça e se obrigou a esquecer o maneta. Depois, enquanto ordenava os arreios e os alforjes das mulas, mandou seus meios-irmãos buscar no meio da neve o butim que podia ter ficado sepultado; só o ouro e a prata amoedada estavam resguardados. Para Musa e Aquil a missão foi como uma brincadeira, e assim, apesar da fome e do cansaço, se divertiram revolvendo a neve. O som de seus risos fez com que Fátima e Hernando trocassem olhares. Só se olharam: sem palavras, sem

sorrisos, sem gestos, e com um doce calafrio que percorreu a coluna do rapaz.

Quando já estavam a caminho do porto da Ragua, começaram a cruzar com mouriscos. Muitos o deixavam derrotados e nem sequer viravam a cabeça ao cruzar com o pitoresco grupo formado por Hernando, mulheres e crianças enroupados em sedas ricamente bordadas. Mas nem todos fugiam: alguns subiam com provisões, e outros simplesmente vagavam pelas encostas; muitos destes últimos se aproximaram deles.

– É o butim do rei – terminava por esclarecer-lhes o rapaz. Alguns tentavam verificá-lo e se aproximavam dos alforjes, mas Hernando desembainhava o alfanje e o curioso retrocedia. Muitos deles, após as explicações, corriam para dar as notícias ao rei.

Assim, quando chegaram às planícies do porto da Ragua, onde os restos do exército mourisco haviam conseguido armar um precário acampamento, Aben Humeya e os chefes *monfíes*, com Brahim entre eles, os esperavam. Atrás estavam os soldados, e aos lados as mulheres e as crianças que haviam conseguido escapar junto com seus homens.

– Sabia que você conseguiria, Velha. Obrigado – disse Hernando à mula a poucas centenas de varas das planícies.

Apesar de sua precipitada saída, Aben Humeya havia dado um jeito de vestir-se com certo luxo e os observava soberbo, altaneiro como era, à frente de seus homens. Ninguém saiu ao encontro de Hernando. Ele e sua comitiva continuaram caminhando, e, quando já estavam bastante perto, os acampados puderam verificar que as notícias eram verdadeiras: aquele rapaz trazia consigo o ouro do butim dos muçulmanos. Então soou a primeira ovação. O rei aplaudiu, e imediatamente todos os mouriscos se somaram à aclamação.

Hernando se virou para Aisha e Fátima, e estas lhe indicaram que se adiantasse a elas.

– É seu triunfo, meu filho – gritou sua mãe.

Chegou ao acampamento rindo. Era um riso nervoso que não conseguia controlar. Estavam-no aclamando! E o faziam aqueles

mesmos que o chamavam de nazareno. Se Hamid o visse agora... Acariciou o alfanje que pendia de sua cintura.

O rei lhes concedeu uma das muitas e precárias cabanas construídas com ramagens e um que outro pano, para o qual imediatamente se transferiu também Brahim. Do próprio butim salvo por Hernando, premiou o rapaz com dez ducados em reais de prata *de a ocho* que seu padrasto olhou com ganância, mais um turbante e uma marlota leonada, bordada com flores roxas e rubis que refulgiam no interior da choça a cada movimento de Hernando. Aben Humeya o esperava para jantar em sua tenda. Com falta de jeito, tentou ajustar a peça diante de Fátima, que estava sentada sobre um dos alforjes de couro. Depois da oração do anoitecer, cuja chamada poderiam ter ouvido inclusive os cristãos que se encontravam para além do porto, Aisha tomou nos braços Humam e com seus dois filhos deixou a tenda sem explicações. Hernando não pôde apreciar o prévio olhar de cumplicidade que Aisha e Fátima tinham trocado: sua mãe incitando; a jovem aceitando.

– Isto está grande para mim – queixou-se ele, ao mesmo tempo que esticava uma das mangas da marlota.

– Fica maravilhosa em você – mentiu a moça, levantando-se e acomodando-a sobre os ombros dele. – Fique quieto! – ralhou com simpatia. – Parece um príncipe.

Mesmo através da rica pedraria que lhe cobria os ombros, Hernando sentiu as mãos de Fátima e enrubesceu. Sentiu seu aroma: podia... podia tocá-la, levantá-la pela cintura. Mas não o fez. Fátima brincou alguns segundos com a marlota de olhos baixos, antes de virar-se para pegar com delicadeza o turbante. Era um adereço de ouro e seda vermelha adornado de penas e garçotas; no tecido das penas reluzia uma inscrição em esmeraldas e pequenas pérolas.

– O que está dito aqui? – perguntou ela.

– Morte é esperança longa – leu ele.

Fátima se colocou diante dele e, ficando na ponta dos pés, o coroou. Ele sentiu a leve pressão dos seios em seu corpo e tremeu, a

ponto de quase desmaiar ao sentir as mãos de Fátima descendo até abraçar-se a seu pescoço e ficar pendurada nele.

– Já vivi uma morte – sussurrou-lhe ao ouvido. – Preferiria encontrar a esperança em vida. E você me salvou em duas ocasiões. – O nariz de Fátima roçou-lhe a orelha. Hernando permanecia imóvel, aturdido. – Esta guerra... Talvez Deus me permita começar de novo... – sussurrou ela, e apoiou a cabeça sobre seu peito.

Hernando se atreveu a pegá-la pela cintura, e Fátima o beijou.

Primeiro o fez com suavidade, deslizando os lábios entreabertos sobre seu rosto até chegar à boca, vezes seguidas. Hernando fechou os olhos. Suas mãos se crisparam sobre os lados da moça ao perceber o sabor de Fátima em sua boca; toda ela foi atrás daquela língua penetrante. E o beijou, o beijou mil vezes enquanto suas mãos percorriam as costas de Hernando: em cima da empedrada marlota primeiro, debaixo dela depois, deslizando as unhas por sua coluna.

– Vá com o rei – disse-lhe de repente, afastando-se. – Eu o esperarei.

"Eu o esperarei." Hernando abriu os olhos ao som de tal promessa. A primeira coisa com que deparou foram os imensos olhos de Fátima fitos nele. Não havia neles nem uma ponta de vergonha; o desejo inundava a choça. Baixou o olhar até os peitos da moça, por baixo do pingente áureo: umas grandes manchas redondas de leite faziam ressaltar seus mamilos duros através da peça de roupa, colada a eles. Fátima pegou a mão direita de Hernando e a pôs sobre um de seus seios.

– Eu o esperarei – prometeu.

13

Ao acampamento de Aben Humeya iam chegando pessoas que ainda acreditavam na sublevação, mas também era abandonado por aqueles que haviam perdido a esperança e que desertavam para atender ao chamado do marquês de Mondéjar, que continuava aceitando os que se rendiam e dava salvaguarda para que vivessem em seus lugares de origem. A grande tenda do rei carecia da pompa de seu alojamento em Ugíjar, ainda que estivesse relativamente bem provida de alimentos. Hernando, sentindo-se incomodado com as luxuosas peles que vestia, com o alfanje na cintura junto à bolsa dos reais, foi recebido com honras. Após entregar a espada a uma mulher, acomodaram-no entre o Gironcillo, que o recebeu com um sorriso, e o Partal. Procurou Brahim com o olhar entre os presentes, mas não o encontrou.

– A paz seja com aquele que protegeu os tesouros de nosso povo – cumprimentou-o Aben Humeya.

Um murmúrio de assentimento se ouviu na tenda, e Hernando se encolheu ainda mais entre os imensos chefes *monfíes* que o ladeavam.

– Desfrute, rapaz! – exclamou o Gironcillo, dando-lhe uma forte palmada nas costas. – Esta festa é em sua homenagem.

Ainda sentia a palmada do Gironcillo nas costas quando a música começou a soar. Várias mulheres jovens entraram com tigelas cheias de passas e jarras de limonada, que enfeitaram com uma pasta que levavam nuns saquinhos. Depositaram as jarras nos tapetes, diante do círculo de homens sentados. Beberam e comeram, olhando para as dançarinas que dançavam no centro da tenda, umas vezes sozinhas, outras de mão dada com algum chefe *monfí*. Até o Gironcillo, desajeitado, dançou com uma moça de movimentos buliçosos. E até cantou!

– Quem dançara já a zambra – uivou, tentando acompanhar a moça –, saído de querelas, com formosas mouras belas... em ti, minha querida Alhambra!

A Alhambra! Hernando recordou a fortaleza recortada contra Sierra Nevada, colorindo Granada de vermelho ao entardecer, e se imaginou dançando com Fátima nos jardins do Generalife. Diziam que eram maravilhosos! Seu pensamento voou para Fátima, para o corpo da jovem e o pingente de ouro entre seus peitos... o mesmo que usava a dançarina que nesse momento lhe segurava a mão e o obrigava a levantar-se. Ouviu alguns aplausos e gritos de "ânimo" enquanto a jovem o fazia mexer-se. Tudo girava ao seu redor. Seus pés dançavam com agilidade, mas não podia pará-los... nem controlá-los. A moça ria e se aproximava dele; sentia seu corpo, como pouco antes havia sentido o de Fátima...

Enquanto dançavam, uma das mulheres trouxe mais jarras de bebida.

Deixou-as no chão, tirou de um saquinho uma pasta feita de aipo e semente de cânhamo, colocou-a na limonada e mexeu, tal como vinha fazendo com todas as jarras que até o momento havia servido.

O Gironcillo brindou com o Partal e tomou um longo gole.

– Haxixe – suspirou. – Parece que hoje não o usaremos para lutar contra os cristãos. – O Partal anuiu enquanto tomava a sua bebida. – Dancemos, pois, na Alhambra! – acrescentou levantando o copo com a droga dissolvida.

Hernando não voltou a sentar-se. Os alaúdes e os guizos pararam, e a moça, agarrada a seu jovem companheiro de dança, interrogou com o olhar Aben Humeya. O rei entendeu e lhe deu seu consentimento com um sorriso. O rapaz se viu levado pela dançarina para o exterior da tenda, até uma choça em que se encontravam outras mulheres que atendiam ao rei. Nem sequer procurou privacidade. Lançou-se sobre ele enquanto as demais olhavam. Despiu-o apressadamente sem que Hernando fosse capaz de resistir e depois se pôs a desamarrar suas

próprias bombachas e as grossas meias enroladas dos tornozelos aos joelhos. Estava nisso quando se ouviu uma das mulheres dizer:

– Não é circuncidado!

Todas se aproximaram de Hernando, e duas delas fizeram menção de levar a mão até o membro ereto do rapaz. Sem deixar de lutar com suas bombachas, já no meio das panturrilhas, a dançarina entrefechou os olhos e protegeu o pênis com uma das mãos.

– Fora! – gritou, batendo nas demais com a mão que estava livre. – Depois o provarão.

Hernando acordou com a boca ressecada e uma tremenda dor de cabeça. Onde estava? A luz do amanhecer, que começava a penetrar a choça, lhe recordou vagamente a noite, a festa... e depois? Tentou mexer-se. O que o impedia? Onde estava? A cabeça parecia prestes a rebentar. O que...? Uns braços gordos, flácidos e pesados o cingiam. Então sentiu seu contato: o de seu corpo nu contra... Saltou do leito de ramos. A mulher nem sequer se mexeu; grunhiu e continuou dormindo. Quem era aquela mulher? Hernando observou seus enormes peitos e sua imensa barriga, tudo esparramado de lado sobre o cobertor que cobria os ramos. Que havia feito? Uma só coxa daquela matrona era mais larga que suas duas pernas juntas. As ânsias de vômito e o frio o assaltaram ao mesmo tempo. Examinou o interior da choça: estavam sozinhos. Levantou-se e procurou sua roupa com o olhar. Encontrou-a jogada aqui e ali e tentou proteger-se do frio. O que havia sucedido?, perguntou-se, tiritando enquanto se vestia. O simples roçar da roupa na entreperna o abrasou. Olhou para seu membro: estava esfolado. Seu peito, seus braços e suas pernas tinham arranhões. E seu rosto? Encontrou parte de um espelho quebrado e se olhou: também estava arranhado, e seu pescoço e faces estavam arroxeados aqui e ali como se lhe tivessem chupado sangue. Tentou voltar na memória até a festa, que ali adquiriu frescor... A dança... A dançarina. O rosto da jovem voltou à sua memória, contraído, dançando... Montada sobre ele e agarrando-lhe as mãos para levá-las a

seus peitos, como pouco antes fizera... Depois a dançarina mordeu o lábio inferior, e uivou de prazer, e várias mulheres se lançaram em cima dele, e lhe deram de beber, e... Fátima! Prometeu esperá-lo! Procurou sua nova marlota. Não estava ali. Levou a mão ao cinto que acabava de amarrar instintivamente... Tampouco estava ali a bolsa com os reais, nem o turbante de ouro... nem a espada de Hamid!

Sacudiu a mulher.

– Onde está a espada? – A gorda resmungou em sonho. Hernando a sacudiu com mais força. – E o meu dinheiro?

– Volte para mim – protestou a mourisca depois de abrir os olhos. – Você é muito forte...

– E minhas roupas?

A mulher pareceu despertar.

– Não precisa delas. Eu o esquentarei – sussurrou-lhe, mostrando-se obscenamente.

Hernando afastou o olhar daquele corpo obeso, todo depilado.

– Sua cadela! – insultou-a enquanto se virava para esquadrinhar o interior da choça. Era a primeira vez que insultava uma mulher. – Sua cadela! – repetiu, triste, ao verificar que havia desaparecido tudo.

Encaminhou-se para a cortininha que fazia as vezes de porta, mas quase não conseguiu andar por causa da dor que lhe provocava o roçar das roupas. Caminhava encolhido, de pernas abertas.

Apesar de já haver amanhecido, o acampamento se achava em estranho silêncio. Viu o *monfí* que montava guarda na entrada da tenda de Aben Humeya e se dirigiu para ele.

– As dançarinas me roubaram – disse sem cumprimentá-lo.

– Vejo que você também se divertiu com elas – respondeu o guarda.

– Elas me roubaram tudo – insistiu: – Os dez ducados, a marlota, o turbante...

– A grande maioria do exército desertou essa noite – interrompeu-o o *monfí*, desta vez com voz cansada.

Hernando voltou o olhar para o acampamento.

– A espada – sussurrou. – Para que querem a espada se vão entregar-se aos cristãos?

– Sua espada? – perguntou o *monfí*. Hernando assentiu. – Espere. – O homem entrou na tenda e após alguns segundos reapareceu com o alfanje de Hamid nas mãos. – Você o tirou ao entrar na festa – disse-lhe enquanto o entregava. – É desconfortável sentar-se com ele.

Hernando o pegou com delicadeza. Ao menos não havia perdido a espada, mas... teria perdido Fátima?

Hernando cravou as unhas no alfanje devolvido pelo mourisco que montava guarda em frente à tenda de Aben Humeya. Percorreu o olhar pelo acampamento, quase deserto após a fuga noturna de grande parte do exército, e se dirigiu para a choça em que se alojavam Brahim, Aisha e Fátima, mas a certa distância se escondeu apressadamente atrás de uma das choças vazias: Fátima saía da choça. Levava Humam nos braços. Viu-a levantar a cabeça para o céu, limpo e frio, e se ocultou atrás da ramagem quando a moça, com o semblante muito sério, fitou o acampamento. O que dizer-lhe? Que havia perdido tudo? Que tinham acabado de obrigá-lo a fazer sexo umas dançarinas e havia acordado nos braços de uma matrona depilada? Como mostrar-se diante dela com o corpo arranhado e o pescoço e o rosto arroxeados? Podia... podia mentir-lhe, sim, dizer-lhe que o rei o havia retido por toda a noite. Podia fazer isso, mas... E se ela quisesse entregar-se a ele como lhe prometera? Como mostrar-lhe seu membro esfolado? Sua entreperna inchada e mordida? Nem sequer se havia atrevido a examiná-lo detidamente, mas doía: ardia quando andava. Como explicar-lhe tudo aquilo? Viu-a abraçar Humam, como que refugiando-se no menino. Viu-a aconchegá-lo a seu peito, beijá-lo na cabeça, terna e melancolicamente, e desaparecer no interior da choça.

Havia falhado com ela! Sentiu-se culpado e envergonhado, tremendamente envergonhado e, sem pensar, se foi dali. Começou a correr sem rumo, mas, ao passar diante da tenda de Aben Humeya, o guarda o fez parar.

– O rei quer vê-lo.

Hernando entrou na tenda, transtornado e resfolegante. Aben Humeya o recebeu de pé, já vestido, ostentosamente, como se nada sucedesse.

– O exército... – gaguejou ao mesmo tempo que apontava para o acampamento. – Os homens... – Aben Humeya se aproximou de Hernando e fixou o olhar nas manchas-roxas que se viam em seu pescoço. – Fugiram! – gritou o rapaz, incomodado.

– Eu sei – respondeu com serenidade o rei, não sem deixar escapar um sorriso malicioso diante do aspecto de seu visitante –, e não posso recriminá-los. – Nesse momento entrou na tenda um *monfí* grande e forte, que Hernando já tinha visto e que se manteve em silêncio. – Lutamos sem armas. Estão nos aniquilando em todas as Alpujarras. Depois de Paterna, o marquês de Mondéjar tomou muitos povoados, mas se mostra magnânimo e lhes concede o perdão. Por isso os homens fogem, em busca de perdão, e por isso mandei chamar você. – Hernando fez um gesto de surpresa, mas Aben Humeya lhe respondeu com um sorriso franco. – Os homens voltarão, Ibn Hamid, não tenha dúvida. Há já quase dois meses, após a minha coroação, mandei meu irmão mais novo Abdallah pedir ajuda ao bei de Argel. Ainda não tenho notícias dele. Então só pude fazer-lhe chegar uma carta... palavras! – acrescentou dando um soco no ar. – Hoje temos um valioso butim com que conquistar sua boa vontade. Meus homens fogem, é verdade, e a prometida ajuda não chega! Agora mesmo você partirá com o ouro em direção a Adra. Al-Hashum o acompanhará. – Aben Humeya fez um gesto para o *monfí* que se achava na tenda. – Ele embarcará e levará o ouro para a Berbéria, para nossos irmãos crentes no único Deus. Você voltará para me contar. O caminho será perigoso, mas vocês têm de chegar à costa e conseguir uma embarcação. Uma vez em Adra, não lhes será difícil conseguir o necessário para atravessar o estreito com o ouro de que dispõem e a ajuda dos mouriscos da zona. Está tudo preparado? – perguntou ao *monfí*.

– A mula já está carregada – respondeu al-Hashum.

– Que o Profeta os acompanhe e os guie, então – desejou-lhes o rei.

Hernando seguiu o *monfí*. Partiam para Adra, na costa, longe dali! Que pensaria Fátima? Parecia triste... mas o rei o ordenava, sim, assim era. Agora mesmo!, havia ordenado. Nem sequer tinha tempo para despedir-se. E sua mãe? Circundaram a tenda. Do lado oposto de onde se encontrava o guarda, esperava-os uma das mulas segura pela mão de Brahim. Seu padrasto o olhou de alto a baixo, estreitando as pálpebras diante das manchas-roxas.

– E os presentes do rei? – vociferou o arrieiro.

Hernando hesitou, como sempre que se achava diante de Brahim.

– Não preciso deles para a viagem – respondeu ao mesmo tempo que fingia verificar os arreios da mula. – Vou despedir-me de minha mãe.

– Temos de partir já – interveio al-Hashum.

Brahim escondeu um sorriso.

– Você tem uma missão a cumprir – disse com firmeza. – Não é momento para choros de mães. Eu lhe contarei tudo.

A contragosto, Hernando anuiu. Os dois homens montaram, e Brahim os viu partir. Por uma vez se alegrava com a confiança depositada pelo rei em seu enteado. O arrieiro sorriu abertamente ao recordar a voluptuosidade do corpo de Fátima.

14

"A terra está plana?"

Em condições normais, a viagem teria demorado entre três e quatro jornadas, mas Hernando e seu companheiro tiveram de avançar por caminhos intransitáveis e atravessando campos, escondendo-se e evitando os muitos grupos de soldados cristãos que percorriam a terra saqueando os povoados, roubando, matando e violando as mulheres, para depois pô-las em cativeiro. Costumavam ser grupos de vinte homens, sem capitão nem alferes que portasse bandeira alguma: homens cobiçosos e violentos que, em nome do Deus cristão, se vingavam dos mouriscos com a única finalidade de enriquecer.

A lentidão do passo beneficiou Hernando, que não sossegou até encontrar as ervas necessárias que lhe servissem de remédio para a entreperna.

Na altura de Turón, agachados atrás de um espesso matagal, enquanto esperavam com a mula presa num cerro que um grupo de canalhas pusesse fim à sua rapina, viram um dos soldados cristãos separar-se do grupo e arrastar pelo cabelo uma menina de não mais de dez anos que não parava de gritar e espernear. Dirigia-se para onde estavam escondidos. Os dois imediatamente levaram a mão a suas armas. Bem diante deles, do outro lado do matagal, o homem esbofeteou a menina até prostrá-la a seus pés; depois começou a desamarrar os calções sorrindo com seus dentes negros. Hernando desembainhou o alfanje à espera de que o soldado expusesse a nuca ao lançar-se sobre a criança, mas notou a pressão da mão de al-Hashum em seu braço. Virou-se para ele e o viu dizer "não" com a cabeça. As lágrimas sulcavam o rosto do *monfí*. Hernando obedeceu e embainhou a espada lentamente, vendo desaparecer o gume da lâmina na bainha.

Tampouco puderam sair dali, para não serem descobertos. Al-Hashum, grande e curtido, forte, permaneceu de cabeça baixa, soluçando em silêncio. Ele não conseguiu. Foi incapaz de fechar os olhos. Cravava as unhas no sagrado alfanje de Hamid, com maior força à medida que o choro da menina diminuía até transformar-se num gemer quase inaudível.

Os soluços da menina se confundiram em Hernando com as lembranças de Fátima, que o perseguiam desde que deixara o acampamento de Aben Humeya. Covarde!, censurava-se vezes seguidas. Ela lhe havia dito que não tinha ninguém, e Hernando lhe respondera que podia contar com ele. Era verdade que tanto Fátima como sua mãe se haviam inteirado da missão de que o encarregara o rei, Brahim lhe teria dito, mas mesmo assim... E se os cristãos também se tivessem atrevido a subir àqueles cumes inóspitos e agora mesmo estivessem violando Fátima?

Soltou o alfanje quando al-Hashum, com o rosto oculto pela manga da marlota com que enxugava as lágrimas, lhe indicou com uma expressão que deviam prosseguir a marcha. Doíam os dedos de Hernando.

Al-Hashum parecia conhecer Adra. Diante dos areais e campos estéreis que se estendiam na direção do mar, esperaram até bem entrada a noite. O *monfí* era um homem reservado, como Hernando havia podido verificar ao longo do caminho, mas não se comportou de forma arisca ou mal-encarada e deixava entrever um caráter antes bondoso, algo que o rapaz achou estranho num bandoleiro das serras. Nesta noite, os dois sentados no alto de um cerro, enquanto observavam as águas do mar mudar de cor à medida que o sol se punha, falou mais do que o havia feito nas jornadas precedentes.

– Adra está em poder dos cristãos. – O *monfí* tentou sussurrar, mas seu vozeirão natural o impedia. – Foi aqui que no princípio do levantamento traíram o Daud e outras pessoas do Albaicín de Granada que pretendiam ir à Berbéria em busca de ajuda. Procuraram uma

embarcação, assim como temos de fazer nós, e a conseguiram; mas o mourisco que intermediou, Deus o condene ao inferno!, furou o barco e tapou os buracos com cera. O barco começou a fazer água a pouca distância da costa; os cristãos só tiveram de esperar o Daud e suas pessoas na praia para detê-los.

– Você conhece... conhece alguém de confiança? – inquiriu Hernando.

– Creio que sim. – As águas do mar começavam a escurecer. – Vejo que você já está andando com mais desenvoltura – disse então al-Hashum: – Os unguentos lhe curaram a entreperna.

Mesmo na penumbra, Hernando escondeu o rosto, mas o *monfí* insistiu; partindo das evidentes relações que tinham de ter originado aquele ardor em particular, al-Hashum terminou falando-lhe de sua esposa e de seus filhos. Havia-os deixado em Juviles, ainda que, como todos, ignorasse se na noite da matança se achavam dentro ou fora da igreja.

– Mortos ou escravizados – murmurou, agora, sim, com um fiapo de voz. – Qual é o pior destino?

Conversaram enquanto caía a noite, e Hernando lhe falou de Fátima e de sua mãe.

Esconderam-se na casa de um casal velho que não tinha sido capaz de fugir para as serras quando rebentou a revolta em Adra, e que cuidavam de uma horta e de algumas árvores frutíferas, fora da cidade. Zahir – assim se chamava o homem – instou-lhes que introduzissem a mula no interior da morada.

– Não temos animais – alegou. – Uma mula em nossas terras levantaria suspeitas.

A esposa de Zahir mantinha muito limpo o interior da casa, mas anuiu às palavras do marido; amarraram a azêmola no que, disseram com orgulho, era o quarto de seus filhos jovens que, sim, lutavam pelo único Deus.

Permaneceram escondidos vários dias sem sair da casa. Zahir negociava com discrição o barco. Hernando e al-Hashum viram

imediatamente que podiam confiar em seus anfitriões; mas podiam fiar-se também nos homens com quem tratava o velho?

– Sim – afirmou rotundamente Zahir diante de suas dúvidas. – São muçulmanos! Rezam comigo, e seja na cidade ou nas praias, sem empunhar armas, colaboram com os nossos jovens. Todos são conscientes da importância de transportar esse ouro para a Berbéria. As notícias que chegam dos povoados das Alpujarras não são nada esperançosas. Necessitamos da ajuda de nossos irmãos turcos e berberes!

As notícias! Cada noite, comendo os poucos alimentos que podiam proporcionar-lhes aquelas pessoas, escutavam com ansiedade as novas que Zahir lhes contava sobre a guerra.

– Os povoados continuam rendendo-se – contou-lhe o velho certa noite. – Dizem que Ibn Umayya vaga pelas serras, sem armas nem provisões, acompanhado por menos de uma centena de incondicionais.

Hernando tremeu diante do pensamento de Fátima e Aisha perdidas nas quebradas de Sierra Nevada sem proteção de exército algum. O *monfí* franziu os lábios diante da dor que se percebia no rapaz.

– Por que se rendem? – gritou então al-Hashum. Zahir balançou a cabeça em sinal de impotência.

– Por medo – sentenciou. – Já não fica ninguém com Ibn Umayya, mas os demais insurretos das Alpujarras que pretendem resistir estão sendo dizimados. O marquês dos Vélez acaba de combater nossos irmãos em Ohánez. Matou mais de mil homens e capturou cerca de duas mil mulheres e crianças.

– Mas Mondéjar lhes concede o perdão – sussurrou Hernando pensando no que sucederia se fizessem Fátima cativa.

– Sim. Os dois nobres agem de forma totalmente diferente. Mondéjar considera que "a terra está plana", e o fez saber por escrito ao marquês dos Vélez, instando-lhe que parasse com seus ataques aos mouriscos e desse o perdão a quantos se rendessem...

– E então? – inquiriu al-Hashum.

– O marquês dos Vélez jurou perseguir, executar ou escravizar todo o nosso povo. Ao que parece, a carta lhe chegou depois da batalha de Ohánez. Ao voltar ao povoado, nas escadas da igreja, ordenadas em fila no degrau superior, encontrou as cabeças recém-decapitadas de vinte donzelas cristãs. Asseguram que seus gritos clamando vingança se podiam ouvir até no cume mais alto da serra.

Os três homens que estavam sentados no chão da casa e a esposa de Zahir, que se achava de pé, algo afastada, permaneceram em silêncio por longo tempo.

– Você tem de levar esse ouro para a Berbéria! – exclamou por fim Hernando.

Hernando ficou sabendo que Aben Humeya estava em Mecina Bombarón. O rei, às ocultas, descia das serras para Válor, seu povoado e seu feudo, em busca de comida, festas e comodidade, mas naquela noite o esperavam em Mecina Bombarón para assistir a um casamento muçulmano. Mecina era uma das muitas povoações que se haviam rendido ao marquês, e, dada a ausência de cristãos, que haviam fugido diante das matanças, desfrutava de uma tranquilidade provisória. Aben Humeya, sempre disposto a desfrutar de uma festa mesmo nas piores circunstâncias, não queria perdê-la.

Puxando a mula, sozinho, atento a qualquer movimento suspeito, encaminhou-se para Mecina para contar ao rei sobre o resultado de sua missão. Foi-se de Adra assim que a embarcação conseguida por Zahir se perdeu nas águas escuras da noite, sem navios cristãos que a perseguissem e sem nenhum buraco tapado com cera que pudesse fazê-la soçobrar. Na própria praia rezou algumas orações junto com o velho e alguns pescadores, nas quais encomendaram a Deus o bom fim da missão de al-Hashum, que transportava o ouro dos mouriscos. Depois partiu, contra a opinião de Zahir, ao amparo do luar. Tinha pressa em voltar: queria ver Fátima e sua mãe o quanto antes.

Fez o caminho de volta escondendo-se de tudo e de todos, mordiscando o pão ázimo e a carne temperada que a esposa de Zahir

lhe tinha dado, sem deixar de pensar em Fátima, em sua mãe, e naquele exército que devia vir para libertá-los de além das costas granadinas.

O que Hernando não imaginava, nem Aben Humeya, nem al-Hashum em sua travessia noturna, era que tanto Uluch Ali, bei de Argel, quanto o sultão da Sublime Porta tinham seus próprios planos. Efetivamente, assim que chegaram as primeiras notícias do levantamento mourisco, o bei de Argel fez um chamamento a seu povoado para acorrer em ajuda dos andaluzes, mas, diante da quantidade de gente de guerra bem-disposta que atendeu à convocatória, decidiu que era melhor usá-la para seus próprios fins e se lançou à conquista de Túnis, então nas mãos de Muley Hamida. Como contrapartida, ditou um edito pelo qual autorizava qualquer aventureiro a viajar para a Espanha, ao mesmo tempo que concedia perdão a todos os delinquentes que se alistassem na guerra de al-Andalus. Também dispôs uma mesquita em que recolheu todas as armas – que foram muitas – com que os irmãos na fé dos andaluzes quisessem contribuir para a revolta, apesar de que afinal tivesse optado por vendê-las em vez de dá-las. Outro tanto sucedeu com o sultão, em Constantinopla: a revolta dos mouriscos espanhóis significava uma nova frente de guerra para o rei da Espanha, e abria as portas para a conquista de Chipre. Para esta empresa, começou a preparar-se após responder a seu governador em Argel e ordenar-lhe que, como simples demonstração de boa vontade, enviasse duzentos janízaros turcos a al-Andalus.

Hernando ouvia música de alaúdes e dulcianas à medida que se aproximava de Mecina, cujas construções, como na maioria dos povoados das Alpujarras altas, escalavam, encravadas, os contrafortes de Sierra Nevada umas em cima das outras. Também existiam algumas moradas grandes, como a de Aben Aboo, primo de Aben Humeya, à qual este costumava ir à procura de abrigo. Já era noite quando Hernando amarrou a mula e entrou em Mecina. A festa guiou seus

passos. Não podia deixar de pensar que lhe faltava muito pouco para ver Fátima, que devia continuar no acampamento da serra. O que lhe diria? Como se desculparia?

Chegou a tempo de ver a noiva, tatuada com tintura de alfena e vestida com uma *alcandora*, ser levada para a casa de seu marido, sentada sobre as mãos unidas de dois de seus parentes, de olhos fechados e sem que seus pés chegassem a tocar em momento algum o chão. Juntou-se à alegre comitiva. As mulheres ainda gritavam os "yu-yus" especiais dos casamentos, cumprindo a lei muçulmana que estabelecia que as bodas deviam ser públicas e notórias. Ninguém em Mecina podia negar que, após as devidas exortações aos contraentes, aquele não tivesse sido um casamento público e evidente. A noiva chegou à pequena porta da casa de dois andares do marido, com as pessoas aglomeradas na ruela, e alguém lhe deu um macete e um prego que ela martelou na porta. Depois, entre gritos, entrou em seu novo lar com o pé direito.

A partir desse momento, a noiva, acompanhada de todas as mulheres que pudessem entrar na pequena casa, foi conduzida ao tálamo, situado no andar superior da casa, onde ela mesma devia cobrir-se com um lençol branco e esperar deitada e quieta, calada e de olhos fechados, enquanto as mulheres lhe davam presentes. Todas elas, pressentindo a derrota e a volta de sacerdotes e beneficiados prontos para zelar pelo cumprimento dos editos e ordens que as proibiam de usar seus trajes e costumes, se aferraram a seus ritos e entraram na casa com o rosto coberto para descobri-lo na intimidade da câmara nupcial, ali onde não estavam os homens.

Hernando teve dificuldade para chegar até a porta da casa; muitos eram os que tentavam entrar com o noivo nas peças do andar inferior, demasiado numerosos para caber nelas.

– Tenho de ver o rei – disse às costas de um velho que já na rua lhe impedia a passagem.

O homem se virou e o atravessou com um olhar de olhos já cansados. Depois baixou a vista para o alfanje que pendia da cintura do

rapaz. Ninguém andava armado em Mecina.

– Aqui não há nenhum rei – recriminou-o. No entanto, deixou-o passar e até avisou aos que o precediam para que fizessem o mesmo. – Lembre-se – insistiu no momento em que Hernando passava ao seu lado. – Aqui não há nenhum rei.

Como se se tivesse transmitido a mensagem ao longo da fila de homens que esperavam, Hernando pôde ir da rua à diminuta peça em que os homens redemoinhavam ao redor do noivo. Custou-lhe encontrar Aben Humeya. Antes encontrou Brahim, que comia doces enquanto conversava e ria com alguns *monfíes* que Hernando conhecia de vista, do acampamento. Brahim parecia contente, pensou no momento em que seus olhares se cruzaram. Desviou os olhos de seu padrasto e topou com os de Aben Humeya, que o reconheceu imediatamente. O monarca se vestia com simplicidade, como qualquer dos muitos mouriscos de Mecina. Aproximou-se dele.

– A paz, Ibn Hamid – cumprimentou-o o rei. – Que notícias me traz?

Hernando lhe relatou a viagem.

– Fico muito alegre – interrompeu-o Aben Humeya com um gesto de mão assim que o rapaz lhe confirmou que, com a ajuda de Deus, al-Hashum já devia ter desembarcado na Berbéria. – Apesar de sua idade, você é um leal servidor. Já o demonstrou antes. Torno a ficar-lhe agradecido e o recompensarei, mas agora desfrutemos da festa. Venha, acompanhe-me.

Os homens já se dirigiam para o andar superior, onde os esperavam as mulheres com o rosto coberto. A maioria levava algum presente: comida, moedas de *blanca*, utensílios de cozinha, alguma peça de fazenda... que entregavam às duas mulheres que faziam o papel de mestres de cerimônias, em pé de ambos os lados da cabeceira da cama. Hernando não levava nada. Só os parentes mais próximos podiam exigir ver a noiva, coberta e quieta sob o lençol branco. Aquela prerrogativa foi concedida também ao rei, que presenteou a noiva com

uma moeda de ouro, e as que serviam de mestres de cerimônias levantaram o lençol diante de Aben Humeya.

– Comamos! – disse o rei, uma vez terminadas as devidas honras. A festa, dada a humildade do lar dos recém-casados, transferiu-se para as ruas e para as demais casas. Os presentes para os noivos cessaram, e estes se encerraram para deixar transcorrer os oito dias de preceito durante os quais seriam alimentados por suas famílias. Aben Humeya e Hernando se dirigiram então para a casa de Aben Aboo, onde se preparava um cordeiro ao som de alaúdes e atabales. Era uma casa rica, com móveis e tapeçarias, perfumada e com criados. Brahim fazia parte do grupo de homens de confiança que os acompanhava.

Antes que as mulheres se dirigissem a uma peça separada, Hernando procurou sua mãe. Ignorava se teria descido ao povoado com seu padrasto e ansiava vê-la. Mas todas estavam com o rosto coberto, e a maioria delas era de constituição similar à de Aisha. Brahim continuava rindo com outros homens numa extremidade do jardim, debaixo de uma grande amoreira: seu rosto, atraente e curtido de sol, parecia ter rejuvenescido naqueles dias. Hernando jamais o tinha visto tão contente. Decidiu aproximar-se do grupo de seu padrasto.

– A paz – saudou. Todos se viraram para ele, e o rapaz hesitou antes de continuar: – Brahim, onde está minha mãe? – perguntou por fim.

Seu padrasto o olhou, como se não esperasse encontrá-lo ali. – Na serra – respondeu fazendo menção de virar-se e continuar sua conversa. – Ao cuidado de seus irmãos e do filho de Fátima – acrescentou como que de passagem.

Hernando se sobressaltou: estaria acontecendo algo à moça?

– Do filho de Fátima? Por quê?... – balbuciou.

Brahim não se deu ao trabalho de responder, mas o fez por ele um dos homens do grupo.

– Em breve seu novo irmão – comentou este antes de soltar uma gargalhada e dar uma forte palmada nas costas do arrieiro.

– Co... como? – conseguiu inquirir o rapaz; o tremor súbito de seus joelhos parecia ter-se estendido até sua voz.

Brahim virou-se para ele. Hernando percebeu satisfação em seus olhos.

– Seu padrasto – respondeu outro dos do grupo – pediu a mão da moça ao rei. – As palavras escapavam ao entendimento de Hernando. Seu semblante devia denotar tal incredulidade, que o mourisco se viu quase forçado a continuar: – Soube-se que o marido dela morreu em Félix, e na falta de parentes que possam cuidar dela seu pai procurou o rei. Alegre-se, rapaz! Você vai ter uma nova mãe.

A boca de Hernando se encheu de bílis. Ânsias de vômito o pegaram desprevenido, e ele correu para a outra extremidade do jardim, chocando-se com os homens que esperavam o cordeiro terminar de ser preparado no espeto em que girava. Não chegou a vomitar. As ânsias se sucederam uma após outra causando-lhe fortes pontadas no estômago. Fátima! Sua Fátima casada com Brahim?

– Está acontecendo algo com você, Ibn Hamid?

Era o rei, que se havia aproximado dele, quem o perguntava. Seu rosto mostrava preocupação. Com o braço, limpou a bílis da comissura dos lábios; respirou fundo antes de falar. Por que não contar-lhe?

– Sua Majestade disse que estava agradecido a mim...

– Assim é.

– Preciso que me faça um favor – acrescentou compungido.

Aben Humeya sorria antes até que Hernando chegasse ao final de sua história. O que iam contar a ele sobre coisas de amor? Exibindo o espírito volúvel que o caracterizava, pegou o rapaz pelo braço e sem hesitar se dirigiu ao grupo de homens que conversavam e riam.

– Brahim! – clamou. O arrieiro se virou; sua expressão se alterou ao deparar com o rei e seu enteado juntos. – Decidi não dar a você a mão daquela moça. Alguém a quem nosso povo deve grandes favores a reclamou para si: seu filho, a quem a dou.

O arrieiro cerrou os punhos, conseguindo assim reprimir a ira que se refletia na tensão de todos os músculos de seu corpo. Era o rei! Os outros mouriscos emudeceram com o olhar posto em Hernando.

– Agora – continuou Aben Humeya –, desfrutemos da hospitalidade de meu primo Ibn Abbu. Comam e bebam!

Hernando cambaleou atrás de Aben Humeya, que parou após alguns poucos passos para falar com um dos chefes *monfíes*. O rapaz não ouviu a conversa: a agitada respiração o impedia. Contudo, de rabo de olho viu Brahim, com aspecto furioso, sair da casa de Aben Aboo.

Não conseguiu ver Fátima. Durante o banquete, as mulheres permaneceram ocultas no interior da casa. Hernando se negou a beber outra coisa que não fosse água fresca e limpa, depois de verificar que não estava turva pela mistura de pasta de haxixe, enquanto sua mente não parava de girar. As pessoas já iam embora, e, à medida que seu número diminuía, o rapaz via aproximar-se a hora em que teria de explicar-se diante de Fátima. Aben Humeya havia dito que ele a reclamara para si... e que a dava a ele! Significava isso que devia casar-se com ela? A única coisa que pretendia... era que não se casasse com Brahim! Eram muitos os que olharam para ele e cochicharam no transcurso da noite: alguns até apontaram para ele. Todos os presentes o sabiam! Como explicaria a Fátima...? E Brahim? Qual seria a reação de seu padrasto por ter-lhe tirado Fátima? O rei o defendia, mas...

Restavam pouco mais de uma dezena de homens na casa de Aben Aboo, entre os quais Aben Humeya, o Zaguer e o Dalay, aguazil de Mecina, quando um soldado mourisco entrou correndo.

– Os cristãos nos cercaram – proferiu diante do rei. – Um grupo de homens se dirigiu para Válor e outro já está chegando a Mecina – explicou diante do gesto de instância de Aben Humeya. – Vêm para aqui. Pude ouvir as ordens de seus capitães.

Aben Humeya não teve de dar ordem alguma. Todos os que não eram habitantes de Mecina e aqueles que a salvaguarda do marquês não alcançava saltaram os muros da casa por não utilizar a porta e se perderam na noite em direção às serras.

De repente, Hernando se viu sozinho no jardim, junto a Aben Aboo.

– Fuja! – instou-lhe o chefe mourisco indicando-lhe o muro.

As mulheres que ainda estavam no interior saíram desabaladamente, descobertos seus rostos pela urgência.

– Fátima! – gritou Hernando.

A moça parou. Hernando viu brilhar seus grandes olhos negros à luz de uma tocha. Naquele momento um grupo de cristãos entrou no jardim e se chocou com as mulheres. Naqueles preciosos segundos de desordem, enquanto os cristãos se desfaziam das mouriscas, ele correu para Fátima, a pegou e entrou de novo na habitação. Os gritos dos soldados chegavam do jardim.

– Onde está Fernando de Válor y de Córdoba, o mal chamado rei de Granada?

Aquilo foi a última coisa que ouviu Hernando antes de escapar com Fátima por uma janela de trás que dava para a rua.

Não eram soldados. O exército do marquês de Mondéjar se havia dissolvido após o butim obtido numa expedição de castigo contra as Guájaras. A maioria dos homens que naquela noite partiram do acampamento cristão para cercar Aben Humeya eram aventureiros atraídos para a guerra pelos ganhos que até então haviam feito todos quantos tinham participado dela; homens com pouca experiência e ainda menos escrúpulos, cujo único objetivo era obter o maior butim possível.

Válor foi saqueado. Os velhos do povoado saíram para receber os cristãos e lhes ofereceram comida, mas estes os executaram e irromperam com violência no povoado. Mecina estava tendo a mesma sorte. Os aventureiros, descomedidos, matavam os homens, saqueavam as casas e capturavam as mulheres e as crianças para vendê-las como escravas.

No jardim de Aben Aboo, depois de uma infrutífera procura de Aben Humeya, achava-se reunido um grupo de soldados.

– Onde está Fernando de Válor? – repetiu um deles batendo com a culatra do arcabuz no rosto de Aben Aboo.

Os golpes se sucederam, mas, apesar deles, o mourisco se manteve firme em sua negativa.

– Você vai falar, maldito herege! – resmungou um cabo de barba cerrada e dentes pretos. – Dispam-no e amarrem-lhe as mãos às costas! – ordenou aos soldados.

Os soldados lhe apresentaram Aben Aboo, nu e manietado, e o cabo o empurrou a golpes de arcabuz até a amoreira que se erguia no jardim. Pegou uma corda antes fina e a lançou por cima de um galho até que a ponta caiu sobre a cabeça do mourisco. O cabo se aproximou dele, recolheu a corda e fez menção de amarrá-la em seu pescoço.

Aben Aboo lhe cuspiu no rosto. O cabo brincou com a corda no pescoço do mourisco, sem dar importância à cusparada.

– Você não vai ter essa sorte – assegurou.

Então pôs um joelho no chão e amarrou a ponta da corda no saco escrotal de Aben Aboo, acima dos testículos. O mourisco conteve um urro de dor quando o cabo apertou o nó.

– Vai querer que a tivesse amarrado a seu sujo gasganete – resmungou enquanto agarrava a outra ponta da corda.

O cabo puxou a corda. O mourisco foi ficando na ponta dos pés à medida que a corda se retesava: uma intensa dor lhe percorreu o saco escrotal à medida que a corda o puxava para cima. Quando viu que Aben Aboo já não podia subir mais sem perder o equilíbrio, o cabo entregou a ponta da corda a um dos soldados, que a amarrou com firmeza no tronco da amoreira.

– Vai falar, seu cão maometano. Vai falar até renegar sua seita e seu Profeta – cuspiu-lhe o cabo, aproximando-se dele. – Vai falar até desprezar seu Alá, o cão de seu Deus, merda infinita ali onde exista, escória...

Aben Aboo deu um forte pontapé com a perna direita nos testículos do cabo, que se dobrou ao meio, dolorido. No entanto, o mourisco não conseguiu manter o equilíbrio e desabou.

O saco escrotal se cortou, os testículos saíram voando pelo ar e salpicaram de sangue todos quantos estavam debaixo da amoreira.

Aben Aboo ficou encolhido no chão.

– Morre exangue como o porco que é – gaguejou o cabo, ainda dolorido.

– Por Alá que Ibn Umayya viverá ainda que eu morra – conseguiu dizer Aben Aboo.

Depois de deixar a festa, Brahim havia vagado por Mecina em busca de haxixe e de alguma mulher bonita nas muitas zambras que se celebravam em honra dos recém-casados, para esquecer a insolência do rei. Encontrou ambas as coisas. No entanto, ao presenciar o saque que levavam a cabo os cristãos, julgou que a desordem podia oferecer-lhe uma boa oportunidade para vingar-se de Hernando e voltou para a casa de Aben Aboo, escondendo-se da luz das tochas.

Chegou bem no momento em que os soldados saíam da casa carregando com o butim obtido. Brahim entrou e encontrou o primo do rei esvaindo-se em sangue no jardim.

– Deixe-me morrer – implorou Aben Aboo.

Brahim não o fez. Levou-o para dentro da casa, acomodou-o num leito e correu à procura de ajuda.

15

> Cruel condição é a de nossos inimigos para nos pormos em suas mãos, tendo-os tão ofendidos. Apressemos o passo, e tomemos a dianteira com espírito varonil para uma honrosa morte, defendendo nossas mulheres e filhos, e fazendo o que somos obrigados para salvar as vidas e as honras que natureza nos obriga a defender.
>
> LUÍS DE MÁRMOL, *História da rebelião* e castigo dos mouriscos do reino de Granada

Hernando e Fátima fugiram de Mecina e correram pelo campo ao longo da noite, subindo para as serras. Tropeçaram e caíram diversas vezes. Só quando o alvoroço dos saqueadores no povoado se tornou quase inaudível, pararam para recuperar o fôlego. Hernando fez menção de dirigir-se a Fátima, mas esta o impediu.

– Morte é esperança longa – disse-lhe então a moça. – Lembra?

Acima de um despenhadeiro, rodeados de terraços escalonados e vegetação, a lua parecia querer iluminar somente seus rostos. – Eu... – tentou desculpar-se Hernando.

– Seu padrasto pediu minha mão ao rei – interrompeu-o ela. – E...

– O rei voltou atrás.

Teria querido ver tremer o reflexo da lua no rosto de Fátima; ver seus dentes brancos cintilar sob aquela luz ambarina ou o brilho de seus olhos negros, mas deparou com feições impassíveis e um silêncio estremecedor.

– Deu sua mão a mim – reconheceu depois o rapaz. Passaram-se alguns instantes; ambos permaneceram parados.

– Sou sua, então. – Disse-o sem emoção, cortando com suas palavras o ar frio que os separava. – Você me salvou a vida em várias ocasiões... e hoje de novo. Desfruta de mim como disse o Profeta, mas...

– Não continue!

– Pode me tomar, mas não ganhará nunca meu coração.

– Não!

Hernando deu meia-volta e se afastou alguns passos. Teria querido não escutar aquela afirmação. Que podia dizer-lhe para desculpar seu comportamento daquela noite? Nada, concluiu.

– Procure pisar onde eu pise – advertiu-a então forçando a voz, abatido e com o rosto escondido, antes de retomar o caminho para os cumes. – Você poderia despenhar-se.

Durante o mês que havia durado a viagem de Hernando a Adra, Brahim havia conseguido abrigo numa das muitas cavernas que ficavam acima de Válor e Mecina, como o próprio Aben Humeya e todos aqueles que lhe permaneciam fiéis.

Já na serra, aquele conjunto de cumes recobertos de neve de fevereiro, foi a moça quem guiou Hernando até a caverna; a récua de mulas, banhada pelo luar, se desenhava perto da entrada. Hernando fez menção de dirigir-se para elas. Fátima hesitava diante de uma das grutas, sem atrever-se a entrar.

– Brahim? – A voz precedeu o aparecimento de uma figura na entrada da caverna. Era Aisha.

– Não. Sou Fátima. Venho com Ibn Hamid. Ele...? E Brahim? Regressou?

– Não. Não chegou ainda.

Fátima se apressou a entrar.

– Espere, eu...! – tentou detê-la Hernando.

A moça nem sequer diminuiu o passo.

Aisha permaneceu parada, em pé, diante de seu filho.

– Sinto muito, mãe – sussurrou ele. – Tive de ir. Cumpria ordens do rei. Brahim não a informou disso?

Sua mãe o abraçou com força, quase a contragosto. Depois, enxugando as lágrimas e balançando a cabeça, se afastou dele e seguiu a moça até o interior da escura caverna; Hernando ficou sozinho, com os braços pendentes. Observou a récua de mulas e se dirigiu para elas. Tateou-as em busca da Velha, que bufou e virou docilmente o pescoço para receber o carinho que o rapaz teria querido proporcionar à sua mãe.

Brahim levou cerca de quinze dias para regressar, os necessários para que se restabelecesse Aben Aboo, a cujo lado permaneceu o tempo todo. Durante esse tempo, Hernando não entrou na caverna. Dormia ao relento sem que Aisha ou Fátima lhe dirigissem a palavra, salvo as primeiras e únicas que lhe dedicou sua mãe na manhã seguinte, ao servir-lhe o desjejum, junto às mulas.

– Você fugiu sem dar explicações. – Hernando balbuciou uma desculpa, mas Aisha o impediu de continuar com um seco movimento de mão. – Fugiu, e com isso promoveu a lascívia de seu pai, que você conhecia de sobra. Você a entregou. Abandonou covardemente Fátima nas mãos de seu padrasto... e, com ela, a mim.

– Não fugi! O rei me encarregou de uma missão; Brahim estava a par de tudo e me prometeu que o diria a você! – conseguiu desculpar-se ele. – E, quanto a Fátima... consegui ajeitar tudo. O rei voltou atrás: Fátima já não terá de se casar com Brahim.

Aisha balançou negativamente a cabeça, a boca firmemente apertada e o queixo tremente, antes de virar-se para esconder as lágrimas que inundaram seus olhos.

Hernando se calou, impressionado com a reação da mãe.

– Você não sabe o que diz – soluçou Aisha. – Não pode fazer nem ideia das consequências da mudança de opinião do rei.

No entanto, Aisha não chorou quando Brahim a golpeou violentamente. Ele o fez assim que chegou, fora da caverna, na

presença de Fátima, das crianças e alguns mouriscos que se achavam no lugar compartilhando as poucas provisões de que dispunham. Hernando viu a mãe desabar e desembainhou o alfanje.

– É meu marido! – deteve-o Aisha do chão.

Brahim e seu enteado se mediram com o olhar durante alguns instantes. Finalmente o rapaz baixou os olhos: aquela cena lhe devolvia à sua infância, e, a contragosto, voltou a sentir-se impotente diante do ódio imenso que destilavam os olhos de seu padrasto; um ódio a que podia dar rédeas soltas. O arrieiro aproveitou aquele momento de hesitação para derrubar Hernando com um forte soco; depois caiu sobre ele e continuou a bater nele encarniçadamente. O jovem não ofereceu resistência. Era melhor isso que presenciar como o fazia com sua mãe.

– Não se aproxime de Fátima! – sussurrou Brahim, suando por causa da surra que acabava de dar-lhe. – Ou será sua mãe quem vai sentir estes punhos... Está claro? O rei tem apreço por você, cão nazareno, mas ninguém se atreverá a interferir em como um mourisco trata sua esposa. Não quero vê-lo dentro da minha casa.

Era verdade que Aben Humeya, apesar de seus defeitos, havia demonstrado certa predileção pelo jovem arrieiro. Após o assalto a Mecina, o rei se havia interessado pela sorte de Hernando. Havia mandado buscá-lo e se havia alegrado de saber que havia escapado são e salvo de Mecina. Havia-lhe sorrido e perguntado por Fátima – ao que Hernando sussurrou uma resposta ininteligível que Aben Humeya confundiu com timidez –, e depois lhe havia ordenado que se ocupasse dos animais. “Necessitamos de seus conhecimentos de cavalos”, acrescentou depois o rei. “Eu lhe disse que os homens voltariam, lembra?”

E assim foi. Naqueles quinze dias, Hernando havia podido verificar como aumentava o número de cavalos. Os mouriscos voltavam para as serras com seu rei e lhe juravam fidelidade até a morte.

– O marquês de Mondéjar foi destituído do posto de capitão-general do reino e o chamaram à corte – explicou-lhe um dia o Gironcillo, enquanto ele ferrava o alazão, que continuava sustendo o peso do enorme *monfí* e seu arcabuz com o cano mais longo de todas as Alpujarras. Hernando, com o casco do cavalo apoiado sobre a coxa, levantou a cabeça para ele. – Venceram os escrivães e leguleios do Tribunal, os mesmos que nos tiraram nossas terras e que não tardaram em fazer chegar ao rei suas queixas por causa do perdão que o marquês concedia ao nosso povo. Querem nos exterminar!

Com um gesto de mão, Hernando instou ao Gironcillo que lhe passasse a ferradura.

– Quem manda agora nas tropas cristãs? – inquiriu o rapaz antes de martelar o cravo que devia fixar a ferradura no casco.

O Gironcillo se manteve em silêncio observando a perícia do rapaz.

– O príncipe João de Áustria – respondeu após a última martelada –, filho bastardo do imperador, meio-irmão do rei Felipe II, um jovenzinho altivo e soberbo. Dizem que o rei ordenou que o terço e as galés de Nápoles venham para a Espanha para pôr-se às ordens do príncipe, do duque de Sesa e do comendador-mor de Castela. A coisa está séria.

Hernando soltou a pata do alazão e se ergueu diante do *monfí*; apesar do frio invernal, o suor lhe corria pela testa.

– Se a coisa está tão séria, por que os mouriscos voltam para as serras? Talvez fosse melhor aceitar a rendição, não?

Foi um fabricante de arreios recém-chegado às serras, e que Aben Humeya havia encarregado de cuidar dos freios, das demais peças de arreamento e das próprias montarias, quem respondeu àquela pergunta. O homem se aproximava, escutando as explicações do Gironcillo.

– Já o fizemos – vociferou ainda a alguns passos deles. Ambos se viraram para ele. – Alguns de nós aceitamos essa rendição, e o que conseguimos? Que nos roubassem. Que nos matassem e que escravizassem nossas mulheres e filhos. Os cristãos não respeitaram as

salvaguardas concedidas pelo marquês de Mondéjar. É melhor morrer lutando por nossa causa que à traição e pelas mãos de canalhas.

– O príncipe e as novas tropas vão demorar a chegar a Granada – interveio o Gironcillo. – Enquanto isso, não existe autoridade alguma. Mondéjar foi afastado, e Vélez foi deserdado pela maioria do exército e ainda não sabe qual vai ser seu novo papel na guerra. Milhares de soldados sem comando percorrem as Alpujarras saqueando, aprisionando e matando pessoas de paz. Querem fazer dinheiro e voltar para casa antes que João de Áustria se encarregue da situação.

O que havia cerca de quatro meses se tinha dado como uma insurreição em defesa dos costumes, da justiça e da tradicional forma de vida muçulmana convertia-se agora numa nova rebelião, numa luta pela vida e pela liberdade. A rendição e a submissão só ocasionavam a morte e a escravidão. E os mouriscos de todas as Alpujarras, acompanhados de suas famílias e carregados com seus poucos pertences, acorriam em massa a Sierra Nevada, onde estava seu rei.

Fátima não abandonou Aisha apesar dos rogos desta de que assim o fizesse. Brahim a humilhava diariamente, buscando sempre que a moça se achasse presente, como se quisesse recordar-lhe, vezes seguidas, que ela era a causa da desgraça de Aisha. Aquil, com seus sete anos, imitava o pai e buscava sua aprovação num comportamento violento e sem consideração para com sua mãe. As duas mulheres se refugiaram uma na outra: Fátima tentava consolar Aisha em silêncio, aproximando-se dela com delicadeza, sentindo-se culpada; Aisha a recebia como se se tratasse de uma de suas filhas mortas em Juviles, e tentava convencê-la com seu carinho de que não a considerava responsável por seus sofrimentos. Não falaram de sua dor: ambas evitaram fazê-lo. E, a cada insolência, a cada insulto, mais se consolidava a relação que as unia.

Quando terminava seu trabalho com os cavalos, Hernando se transformava num espectador permanentemente atormentado. Aisha não lhe permitia intervir diante da violência de Brahim; ele não podia aproximar-se de Fátima, que, como quer que fosse, parecia continuar

aborrecida. No entanto, como não podia renunciar às duas únicas pessoas que amava, permanecia fora da caverna, vigilante, atento a que seu padrasto cumprisse o trato de não maltratar sua mãe, aferrando-se ao alfanje de Hamid sempre que Brahim estava perto e ouvia os insultos que dirigia à sua mãe. Fátima não havia tornado a dirigir-lhe a palavra; era Aisha quem, em silêncio, lhe levava a comida todas as noites.

E, quando na serra se escutava o chamado à oração, lançava-se a ela, devoto. Uma noite... inclusive invocou a Virgem dos cristãos. Andrés, o sacristão de Juviles, lhe havia assegurado a capacidade da Virgem de interceder diante de Deus. Encomendou-se a ela recordando-se também dos ensinamentos de Hamid:

– Nós, os muçulmanos, defendemos Maryam, cremos em sua virgindade. Sim – insistiu o alfaqui diante da expressão de surpresa do pupilo –, assim o dizem o Corão e a Suna. Não escute os que insultam sua pureza e castidade: há muitos que o fazem, mas só o fazem esquecendo nossos ensinamentos... para opor-se ainda mais aos cristãos, para humilhar ainda mais suas crenças. Mas nisso se equivocam: Maryam é um dos quatro modelos perfeitos de mulher e efetivamente deu à luz Isa, aquele a quem eles chamam de Jesus Cristo, sem perder a virgindade. E assim a defendeu Isa já de seu berço. Como nos ensina o Corão, Isa, pouco depois de nascer, já falou e defendeu a virgindade de sua mãe dos insultos de seus familiares, incrédulos diante do parto. – Apesar de sua fé cega em Hamid, Hernando continuava reticente, com os olhos entrecerrados. Como iam eles, os mouriscos, defender a mãe do Deus cristão? – Pense – acrescentou Hamid para convencê-lo – que, quando o Profeta conseguiu por fim conquistar Meca e entrou triunfalmente na Kaaba, ordenou que se destruíssem todos os ídolos: Hubal, patrono de Meca, Wad, Suwaa, Yagut, Yahuq, Nasr e tantos outros, assim como foram apagadas as pinturas das paredes... exceto a que se encontrava debaixo de suas mãos: era um mural de Maryam e seu filho. Leve em consideração – acrescentou com

seriedade – que Maryam nunca foi tocada pelo pecado primeiro; nasceu pura, e assim o afirmam o Corão e a Suna.

Mas porventura não havia sido um dos sacerdotes do filho de Maryam quem violara sua mãe quando era uma menina indefesa?, perguntou-se em silêncio Hernando naquela noite. Porventura não era essa a origem da desgraça de sua mãe? Seu padrasto o gritava vezes seguidas: o nazareno! E ele o escutava de punhos cerrados, cravando as unhas na palma das mãos. Todos o ouviam! E se não gozasse do favor de Aben Humeya, teria sido o mesmo o tratamento que teria recebido dos demais mouriscos. Pressentia-o: ele os via olhá-lo de soslaio e murmurar às suas costas. Mas nem o Deus dos cristãos, apesar da suplicada intercessão de Maryam, nem o dos muçulmanos acudiram para ajudar a Aisha... nem a Fátima, nem a ele.

Passavam-se os dias e Aben Humeya aproveitou a indecisão dos inimigos e o incondicional apoio de sua gente para reorganizar-se e, sobretudo, rearmar-se. Nomeou novos governadores das *taas* das Alpujarras e estabeleceu um sistema fiscal para sua coroa: o dízimo de frutos e colheitas e o quinto dos butins que se conseguissem dos cristãos. Acabava de iniciar-se a época das navegações: aventureiros, arrais e janízaros acorriam a al-Andalus para ajudar seus irmãos. Por fim os alpujarrenhos começaram a ver aqueles soldados da Sublime Porta que tantas vezes lhes haviam prometido!

O rei de Granada e Córdova conseguiu duas importantes vitórias contra as tropas cristãs que afervoraram sua gente: uma em Órgiva, contra uma companhia do príncipe, e a outra no próprio porto da Ragua, contra uma centena de soldados do marquês dos Vélez.

Após essas escaramuças, veio um período de calma nas Alpujarras: a tal ponto, que em Ugíjar se estabeleceu um mercado tão importante como o de Tetuão. A afluência de mercadores e a atividade comercial fizeram Aben Humeya decidir-se a instalar uma aduana para a arrecadação de impostos sobre as numerosas transações que se levavam a efeito.

Os dois triunfos também levaram para as estrebarias de que se ocupava Hernando um grande número de cavalos capturados dos cristãos.

– Você tem de aprender a montar – disse-lhe um dia o próprio rei enquanto inspecionava a planície em que se encontravam os animais, rodeado por vários arcabuzeiros da guarda de corpo criada expressamente para sua segurança. – Só assim chegará a conhecê-los bem. Além disso... – Aben Humeya lhe dirigiu um sorriso – meus homens de confiança têm de me acompanhar a cavalo.

Hernando olhou para os cavalos. Só havia montado uma vez, junto com o Gironcillo, fugindo de Tablate, e no entanto... o que tinha aquele homem que lhe inspirava confiança? Seu sorriso? Inclinou a cabeça para o rei. Seu porte de cavaleiro regedor de Granada e rei dos mouriscos? Sua distinção e galhardia?

Aben Humeya manteve o sorriso.

– Venha – instou-lhe.

O rei o deixou escolher, e Hernando embridou um cavalo preto com reflexos avermelhados que ele considerava o mais manso e dócil entre aqueles de que cuidava. Assim que apertou a cincha, os reflexos avermelhados do pelo negro do animal adquiriram vida e brilharam com força ao sol de Sierra Nevada. Hesitou antes de pôr o pé no estribo; cavaleiro e cavalo respiravam aceleradamente. Virou-se para o rei, e este lhe fez um gesto com a mão para que montasse. Pôs o pé esquerdo no estribo e tomou impulso com a perna direita, mas, no momento em que o fazia, o cavalo relinchou e saiu galopando.

Foi-lhe impossível dominá-lo e em dois tempos caiu de costas, e rolou entre pedras e matos. Aben Humeya se aproximou dele, mas Hernando se levantou com rapidez, ainda dolorido, e evitou a mão que o rei lhe estendia. Alguns dos arcabuzeiros riam.

– Primeira lição – disse-lhe Aben Humeya: – cavalos não são estúpidas mulas nem burricos. Você nunca deve dar por certo que um cavalo se comportará com você sobre ele tal como se comporta com você no chão. – Hernando o escutava com o olhar fixo no cavalo. Este

mordiscava prazerosamente uma relva alguns passos adiante! – Continue tentando – acrescentou o rei. – Há duas formas de montar a cavalo: uma, à brida, a que usam os cristãos de todos os povoados, talvez os castelhanos (menos pelo que aprenderam conosco), com suas grandes e pesadas armaduras que os impedem de fazer muitos movimentos. Quando o Diabo Cabeça de Ferro monta em seus cavalos, estes tremem e urinam. Eu o vi. Ele os domina e submete com crueldade... a mesma de que se utiliza com os homens. Nós, os muçulmanos, montamos diferente: à gineta, como fazem os berberes nos desertos, com os estribos curtos, manejando o cavalo com pernas e joelhos e não só com a brida e as esporas. Seja duro se tiver de ser, mas, sobretudo, seja inteligente e sensível. Só com essas virtudes conseguirá dominar estes animais.

Hernando fez menção de ir buscar o cavalo preto, mas o rei lhe chamou a atenção:

– Ibn Hamid, você escolheu um animal de cor negra. As cores dos cavalos correspondem aos quatro elementos: ar, fogo, água e terra. Os cavalos como este adquiriram sua cor da terra e são melancólicos, e por isso podem parecer tranquilos, mas também são vis e de visão curta, razão pela qual o derrubou.

Após essas palavras, o rei deu meia-volta e o deixou sozinho com os cavalos e com a incógnita de quais eram os elementos a que correspondiam as outras cores e que virtudes e defeitos se lhes atribuíam.

Diariamente, tanto no momento de almoçar como de noite, voltava para a caverna dolorido, alguns dias claudicando ligeiramente, outros mancando ostensivamente; em mais de uma ocasião teve de comer com uma só mão. No entanto, fosse por simples sorte, fosse por sua juventude, nenhuma das muitas quedas que sofreu lhe provocou fraturas importantes. Ao menos, assim que punha o pé no estribo de algum dos cavalos, esquecia-se de Aisha e de Fátima, de Brahim e de todos os mouriscos que murmuravam às suas costas... e era de gesso que necessitava.

Algumas vezes o próprio rei cavalgava com ele e o ensinava. Como nobre que era, Aben Humeya dominava a equitação. Entre os dois se estabeleceu uma relação que beirava a amizade enquanto cavalgavam pelas serras. O rei lhe falou dos jogos de canas e das corridas de touros de que havia participado ao longo de sua vida e também do significado das demais cores dos cavalos: os brancos, que provinham da água, fleumáticos, moles e tardos; os castanhos, do ar, de movimentos moderados, alegres e leves; e os alazães, do fogo, coléricos, ardorosos e velozes.

– O cavalo que consiga participar de todas essas cores e combinações no pelo, nas coroas dos cascos, nas estrelas da testa ou nos remoinhos, na crina ou na cauda será o melhor – disse-lhe certa manhã o rei.

Aben Humeya cavalgava tranquilamente num alazão tostado; Hernando lutava uma vez mais com o negro de reflexos avermelhados, com que o rei o havia presenteado.

Ao cair da tarde, Hernando voltava com suas mulas para junto da caverna. Então Aisha e Fátima o viam passar cabisbaixo, após um cumprimento para todos e para ninguém, e refugiar-se entre seus animais, como se fosse para aquele lugar só por causa deles. No entanto, as duas mulheres se davam conta de que o rapaz jamais esquecia seu alfanje, que ele acariciava instintivamente assim que se ouvia a voz de Brahim. Só falava com suas mulas, principalmente com a Velha. Todos os mouriscos das cavernas dos arredores, algo ciumentos dos favores que o rei dedicava ao nazareno, haviam tomado partido de Brahim, e, se algum deles hesitava, tampouco queria ter problemas com o imponente arrieiro.

Aisha sofria em silêncio ao ver o filho naquele estado, e nem sequer Fátima pôde permanecer alheia à melancolia que tomava Hernando. Nos primeiros dias, a ira a havia levado a agir com desdém. Quantas vezes havia pensado nisso durante o mês em que estivera de viagem? Naquela noite o havia esperado: Aisha lhe conseguira um pouco de perfume, só algumas gotas, e ela, assim que ouviu a zoada na tenda do

rei começar a diminuir, o deixou correr entre os peitos como se fossem carícias de Hernando. Mas ele não apareceu! O desejo se transformou em desprezo: imaginou-se cuspindo a seus pés assim que ele voltasse, dando-lhe as costas, gritando com ele... Até batendo nele! Depois veio o desavergonhado assédio de Brahim, seus olhares lascivos, suas aproximações, suas constantes insinuações... Quando teve conhecimento de que Brahim, sabendo da morte de seu marido e de que não tinha outros parentes, havia pedido sua mão ao rei, maldisse Hernando e o insultou entre lágrimas. Na noite em que Hernando a salvou de Mecina e a informou da decisão do rei, sentiu-se ofendida e aliviada ao mesmo tempo. Sim, já não tinha de se casar com o odioso Brahim, mas o que pensava Hernando? Que ele e o rei iam decidir o futuro de Fátima e de seu filho sem contar com ela?

Mas os dias se passavam e ele sempre voltava para velar por elas, erguido ou às vezes mancando devido a alguma queda, conformado com o desprezo com que era tratado, mas também sempre disposto a sair em defesa delas: ele o havia demonstrado suportando a surra de Brahim sem se queixar. O nazareno, chamavam-no todos às suas costas. Aisha se vira obrigada a contar-lhe a razão daquela alcunha, e a moça, pela primeira vez desde que Hernando retornara, sentiu um aperto na garganta. Pensaria Hernando que ela também participava daquele desprezo? Que pensaria ali, sozinho entre suas mulas?

Uma noite, quando Aisha estava indo entregar o jantar ao filho, Fátima se dirigiu até ela e lhe pediu a tigela. Queria aproximar-se dele. Estava tão atenta ao tremor de sua mão, que não percebeu a expressão de preocupação com que Aisha recebeu aquele pedido.

Hernando a esperava em pé; quase não podia acreditar que fosse Fátima quem estivesse caminhando para ele.

– A paz seja com você, Ibn Hamid – começou a dizer Fátima já diante dele, oferecendo-lhe a comida.

– Sua porca! – ouviu-se Brahim gritar diante das cavernas.

A tigela caiu das mãos da moça.

Fátima se virou para ver Brahim, à luz da fogueira, esbofetear de novo Aisha. Hernando deu alguns passos com a mão na espada, mas deteve-se. Brahim levantou os olhos e os cravou em Fátima, e então a jovem entendeu o esgar de Aisha: havia tentado adverti-la com o olhar. Se Fátima se aproximasse de Hernando, ela sofreria as consequências. O rosto de Brahim expressava uma satisfação malsã enquanto levantava a mão para descarregá-la outra vez sobre a esposa. Fátima voltou correndo para a caverna. Brahim a viu passar a seu lado e soltou uma gargalhada.

16

Em abril de 1569, o recomposto exército mourisco e seus seguidores, mulheres e crianças entre eles, marchou para Ugíjar com Aben Humeya e seus íntimos à frente: entre eles, cavalgando orgulhoso, ia Hernando. A longa coluna era encabeçada por uma guarda de arcabuzeiros que levava o novo estandarte avermelhado adotado por Aben Humeya.

Ao rei e seus lugares-tenentes seguia a cavalaria mourisca e depois a infantaria, que nesta ocasião havia sido disposta ordenadamente, segundo as táticas cristãs: dividida em esquadras comandadas por capitães que portavam suas próprias bandeiras, que em parte tinham sido confeccionadas durante a espera nas cavernas acima de Mecina, em tafetá ou seda, em branco, amarelo ou carmesim, com luas de prata ou ouro no centro, franjas de seda ou ouro, ou borlas guarnecidas com aljôfar. Mas outras esquadras marchavam arrogantes sob estandartes e bandeiras antigas, recuperadas de quando os muçulmanos dominavam al-Andalus, como a das pessoas de Mecina, de tafetá carmesim bordada de ouro e com um castelo com três torres de prata no centro, ou até alguma roubada dos cristãos, como o estandarte do Santíssimo Sacramento de Ugíjar, em damasco carmesim com franjas de seda e ouro, no qual os mouriscos bordaram luas de prata.

Fechavam a marcha, como era habitual, a bagagem e a multidão de gente inútil: mulheres, crianças, doentes e velhos.

Todos avançavam para Ugíjar ao som de atabales e dulcianas, saudados entusiasticamente pelos habitantes dedicados ao cultivo das terras pelas quais transitavam, porque aquela era a ordem dada pelo rei: não se podia prescindir do cultivo da terra. Os cristãos recebiam provisões de fora de Granada, mas eles só dispunham de seus próprios recursos; a inesperada trégua proporcionada pela posse de D. João de

Áustria, que continuava envolvido em discussões na cidade, lhes dava a oportunidade de semear e recolher uma nova colheita.

Hernando cavalgava erguido, dominando o cavalo preto, refreando-o constantemente para que não se adiantasse ao grupo de cavaleiros que o precediam porque entre eles se encontrava Brahim, transformado em inseparável companheiro de um Aben Aboo cuja sela teve de ser forrada com várias camadas de pele de cordeiro para que as cicatrizes não o incomodassem, apesar de que nem assim se podiam evitar os esgares de dor de seu rosto. Aben Aboo cavalgava ao lado de seu primo, o rei, e Brahim ia atrás dele.

Nem sequer de sua sela Hernando conseguia divisar a retaguarda do exército, porque o impediam os grandes chefes *monfíes* que cavalgavam atrás dele. Ali estavam as mulheres, entre as quais Aisha e Fátima, e as mulas, cuidadas por Aquil e um rapazinho esperto chamado Yusuf que Hernando conheceu nas cavernas e a quem pediu que ajudasse seu meio-irmão. Como iria Aquil controlar sozinho a récua?

Ugíjar os recebeu engalanada e ao som de música e zambras. Não era a cidade que tinham conhecido fugindo dos cristãos. Na colegiada se trabalhava sem descanso para sua transformação em mesquita. Os sinos em que os mouriscos despejavam seu ódio jaziam destruídos aos pés do campanário, e no triângulo formado pelas três torres defensivas do lugar se localizava um mercado que se espalhava pelas ruas adjacentes. Tudo era cor, aromas e bulício, e pessoas novas, sobretudo pessoas novas: berberes, corsários e mercadores muçulmanos do outro lado do estreito. A maioria se vestia de forma similar a como podiam fazer os mouriscos, alguns com cafetãs, mas o que verdadeiramente pareceu estranho a Hernando foi o aspecto de muitos deles: alguns eram louros e altos, de tez leitosa; outros ruivos de olhos verdes, e também se podiam ver negros livres. Todos se movimentavam entre os berberes de pele tostada como se pertencessem a seus clãs.

– Cristãos renegados – comentou-lhe o Gironcillo quando, estupefato diante de um imponente albino caucasiano, Hernando

quase chegou a se chocar com o homem.

O albino lhe sorriu de forma estranha, como... como se o convidasse a apear e ir com ele. Virou-se perturbado para o *monfí*.

– Nunca confie neles – aconselhou-o o Gironcillo assim que deixaram para trás o albino –, seus costumes são muito diferentes dos nossos: gostam de rapazes como você. Os renegados são os verdadeiros donos de Argel; o corso é deles e nos desprezam. Tetuão é mourisca; Salah, Mámora e Vélez também, mas Argel...

– Não são turcos? – interrompeu-o Hernando.

– Não.

– Então...?

– Em Argel, com os renegados, convivem verdadeiros janízaros turcos enviados pelo sultão. – O Gironcillo se ergueu sobre os estribos e examinou o mercado. – Não. Não chegaram ainda. Você os reconhecerá assim que o façam. Os janízaros não dependem do bei de Argel; só do sultão, de quem recebem ordens através de seus agás, seus próprios chefes. Em sua épica, deve fazer uns quarenta anos, Jayr ad-Din, que os cristãos chamam de Barba-Roxa, submeteu seu reino à Sublime Porta, ao nosso sultão, àquele que deve nos ajudar na luta contra os cristãos... Mas não se engane: os renegados que dominam Argel não são confiáveis, sobretudo para belos rapazes como você. – Riu. – Nunca lhes dê as costas!

A gargalhada do Gironcillo pôs fim à conversa. Aben Humeya já estava desmontando e o procurou com o olhar; Hernando devia ocupar-se dos cavalos. No meio do caos, tentou avistar Fátima e Aisha, mas a retaguarda da coluna nem sequer havia entrado no povoado. Primeiro devia acomodar os cavalos; depois voltaria para ver o que é que estava acontecendo com as mulheres.

Tal como havia feito em Paterna com as mulas, Aben Humeya pôs vários arcabuzeiros de sua guarda às ordens de Hernando. Para além das abarrotadas ruas de trás da igreja de Ugíjar, onde a cidade começava a perder-se em campos, ele encontrou uma boa casa de dois andares, grande e com terras suficientes, devidamente cercadas por um

muro baixo, bom para acomodar os cavalos do rei e dos chefes *monfíes*. Sem dúvida alguma se tratava da casa de alguma das famílias cristãs assassinadas durante a insurreição; não tinha acesso direto da rua, e se entrava nela pelas terras que a cercavam.

– Deixem a casa! – gritou um dos soldados para a família mourisca que saiu atropeladamente diante da chegada da comitiva.

Era um casal de idade mediana: ela gorda, como a maioria das matronas; ele ainda mais, com um velho arcabuz nas mãos que ele abaixou ao ver os soldados. Ao redor deles havia sete crianças de diferentes idades.

Hernando percebeu na mulher a habitual submissão de todas as mouriscas: uma menina de não mais de dois anos se escondia, agarrada, às meias enroladas em suas pernas. Talvez... pensou ele, talvez a presença daquela família com tantos filhos mudasse o ambiente da caverna.

– Você entende de animais? – perguntou Hernando ao homem, desejando que respondesse afirmativamente. – Nesse caso – acrescentou ao obter como resposta um esgar que ele quis tomar por assentimento –, você e sua família me ajudarão com os cavalos do rei, e compartilharemos a casa.

Hernando desbridou com rapidez os doze animais de que se encarregara, um pouco atrapalhado pelas tentativas de ajuda das três crianças. Não lhe importou sua evidente inexperiência com os cavalos. Tinha de encontrar Aisha e Fátima.

Com a mesma celeridade deixou a casa. Daria de comer aos animais quando voltasse. No entanto, assim que passou pelo portão de ferro forjado que dava para a rua não empedrada e verificou que o exército de Aben Humeya se estava espalhando pelo povoado e começava a chegar até ali, voltou.

– Fechem a porta e postem-se atrás dela – ordenou aos arcabuzeiros. – Que ninguém entre nestas terras. Vigiem também o perímetro. São os cavalos do rei – lembrou-os.

No momento em que dois dos arcabuzeiros obedeciam às suas ordens, um numeroso grupo de soldados com suas famílias pretendiam entrar na casa.

– São os cavalos do rei – advertiu-os, ao mesmo tempo que os arcabuzeiros se apressavam a fechar as portas atrás dele.

Tinha de remar contra a corrente. A vila era incapaz de acolher todos os mouriscos que chegavam; os soldados e suas famílias, em massa, se expandiam para os arredores enquanto ele tentava regressar ao centro. Tentou ultrapassar a multidão com que topava, mas amiúde se chocava com as pessoas e era obrigado a introduzir-se à força nos grupos apinhados ali. Onde poderia encontrar as mulheres? As mulas! As mulas seriam fáceis de encontrar mesmo entre...

Hernando se chocou violentamente com um homem.

– Cornuti!

O rapaz recebeu um empurrão que o lançou contra um grupo que caminhava na direção contrária, o qual, por sua vez, também o empurrou. A enxurrada de homens e mulheres parou e se abriu um pequeno espaço no centro da rua.

– Senhorzi...

Hernando se virou aturdido para o homem que o havia golpeado. Em que idioma falava aquele...? "Vou matar você", isso, sim, ele entendeu, ao mesmo tempo que via como um louro, de cabelo ondulado e barba cerrada, se dirigia para ele armado com uma bela adaga de empunhadura enjoiada. O louro soltou outra enfiada de palavras. Não falava castelhano, nem árabe, nem aljamiado. Pareceu-lhe que misturava palavras de muitos idiomas.

– Seu cão! – resmungou o homem.

Isso ele também entendeu, mas estava com pressa. Se Brahim encontrasse antes as mulheres, talvez as levasse para algum outro lugar, o que significaria que as perderia de vista: ele tinha de viver perto dos cavalos do rei. Tentou escapar e seguir caminho, mas se chocou com os homens que contemplavam o embate. Alguém o empurrou para o espaço que se havia aberto ao redor do louro. As pessoas assomavam

com curiosidade acima das cabeças e por entre os corpos dos primeiros. O louro, com o braço estendido, movia a adaga diante dele, em círculos pequenos, ameaçadoramente. Hernando verificou que aquela era a sua única arma e desembainhou o alfanje.

– Alá é grande – sentenciou em árabe. E empunhou a espada com ambas as mãos, na altura do centro do peito, alçada e disposta para golpear; mantinha as pernas abertas e firmemente assentadas, todo ele em tensão.

Então, o louro lhe fitou os olhos azuis.

– Belo! – exclamou de repente, arrastando o "ele" com suavidade.

– Formoso! – ouviu Hernando que diziam junto ao louro. Não quis desviar o olhar.

Alguém riu entre os mouriscos. Outros assoviaram.

– Belíssimo! – O louro voltou a arrastar o "ele" e guardou a adaga no cinto para envolver-se numa sonora e ininteligível conversa com seu companheiro. Hernando continuava parado, com o alfanje alçado e o semblante furioso, mas como ia lançar-se sobre um homem desarmado e que não lhe prestava a menor atenção? Então o louro o olhou de novo, lhe sorriu e lhe piscou o olho antes de se virar e abrir caminho a socos por entre os espectadores que se apressavam a afastar-se.

– Belllllllo – ouviu algum mourisco repetir inabilmente.

O sangue lhe subiu em borbotões até as faces, e ele notou seu incômodo calor justamente quando explodiram os risos entre os reunidos. Baixou o alfanje sem olhar para ninguém.

– Formoso! – riu um mourisco a quem Hernando empurrou para sair dali. Enquanto passava no meio das pessoas, alguém lhe beliscou uma nádega.

Encontrou-os com as mulas, parados na entrada do povoado, sem saber para onde ir. As crianças tentavam impedir que a récua se juntasse a algum dos rios de gente que corriam a seu lado. Nem Aisha nem Fátima, nem sequer seus meios-irmãos, puderam esconder uma expressão de alívio diante da celeridade com que Hernando se ocupou

da situação: até as mulas, começando pela Velha, pareceram alegrar-se com aquela voz conhecida que começou a estimulá-las aos gritos. Ninguém sabia nada de Brahim.

Já em casa, Salah, o obeso mourisco que a ocupava junto com sua extensa família, os recebeu com uma deferência que beirava o servilismo. Hernando pensou que algum dos arcabuzeiros lhe teria comentado as atenções que o rei lhe prestava.

O mourisco transferiu sua família para o andar de baixo e cedeu aos recém-chegados o de cima, em um de cujos cômodos ainda estava uma grande cama com o que devia ter sido um magnífico dossel. Comentou que o restante do mobiliário ele havia vendido, não sem antes – o que ele jurou e rejurou com veemência – destroçar as tapeçarias e imagens cristãs.

Salah era um comerciante astuto que vendia o que fosse preciso, tanto para muçulmanos como para cristãos. Na guerra se movimentava muito dinheiro, e por isso para que iria ele, como costumava dizer, se descadeirar tentando fecundar as pedras a golpes de enxada como faziam os alpujarrenhos em seus pedregais inóspitos, se podia vender o que eles produziam?

Anoitecia, e Fátima e Aisha se juntaram à mulher de Salah, que preparava o jantar, tirando importância às novas cinco bocas que de repente tinha de alimentar. Yusuf, o rapaz que havia ajudado com as mulas, se juntou com prazer às comodidades que aquela casa parecia oferecer. Hernando o aceitara assim que havia reparado que lidava bem com os animais. Pouca ajuda mais podia esperar: seus meios-irmãos o evitavam e não se aproximavam das mulas se ele estivesse presente, e os filhos de Salah, apesar da boa disposição de seu pai, nada sabiam de animais.

Fátima levou umas limonadas para os homens, que se encontravam no alpendre da casa. Ela o fez sem véu e sorriu para Hernando ao entregar-lhe a sua. O rapaz sentiu uma pontada no estômago. Já lhe teria perdoado? Também ouviu a mãe conversar e rir na cozinha. Brahim ainda não havia aparecido. Na mudança de guarda, ordenou a

um dos arcabuzeiros que averiguasse acerca de seu padrasto e regressasse para dar-lhe notícias. “Você o encontrará com Ibn Abbu”, comunicou-lhe o soldado, que havia perguntado pelo arrieiro a um dos capitães do rei.

Antes de retirar-se, Fátima fitou os olhos no olhar de Hernando por alguns instantes. Tornava a sorrir-lhe!

– Boa esposa – apontou então Salah, rompendo o encanto do momento. – Silenciosa.

Hernando levou o copo à boca para poder olhar de soslaio para o comerciante. Apesar de a noite apresentar-se fria, o homem estava suando. Respondeu-lhe com um murmúrio ininteligível.

– Alá os premiou com um homem. Meus dois primeiros foram mulheres – insistiu Salah.

O interesse do mercador o incomodou. Podia fazê-los sair dali... mas voltou a ouvir sua mãe conversar alegremente na cozinha. Quanto tempo fazia que não ouvia o riso de sua mãe? No entanto, tampouco desejava proporcionar a Salah mais explicações acerca da situação de sua família.

– Mas depois o compensou com quatro – aduziu.

Salah fez menção de responder, mas a chamada à oração do muezim silenciou o mercador e sua curiosidade.

Rezaram e depois jantaram. O comerciante tinha bem provida a despensa, que ele guardava à chave nos porões da construção: o antigo lagar dos proprietários cristãos onde também amontoava grande quantidade de mercadorias as mais variadas. Terminaram o jantar, e Hernando examinou os cavalos e as mulas acompanhado de Yusuf. Todos os animais pastavam com tranquilidade: haviam arrasado a horta da esposa do mercador, que teve de consentir após virar-se para seu marido pedindo ajuda com o olhar. “São os cavalos do rei”, respondeu-lhe impotente Salah, também com o olhar, fazendo uma eloquente expressão para os arcabuzeiros que montavam guarda.

“Certamente precisam de cevada e forragem”, pensou Hernando. Dentro de alguns dias aquele campo estaria esgotado, e o rei lhe havia

ordenado que a todo momento tivesse os cavalos preparados, razão por que não podia levá-los para pastar em outros campos nos arredores de Ugíjar. De manhã teria de prover-se de alimento suficiente. Deu por encerrada a ronda e dispôs cobertores no alpendre para tapar-se com eles.

– Prefiro dormir aqui e ficar perto dos animais – desculpou-se, antecipando-se à pergunta de Salah, que via com estranheza que o rapaz não dormisse com a esposa.

Yusuf ficou com ele e conversaram até não poder mais; o menino estava atento à menor de suas observações. Os arcabuzeiros cochilavam em seus postos de guarda, e as mulheres e as crianças se distribuíram pelos dois andares; Aisha no quarto principal. Brahim continuava sem aparecer. Apesar de fazê-lo no alpendre, Hernando dormiu tranquilo pela primeira vez em muitos dias: Fátima tornava a sorrir-lhe.

Ao amanhecer se ocupou dos animais e decidiu apresentar-se diante do rei para solicitar-lhe dinheiro para comprar forragem, mas Aben Humeya não pôde recebê-lo. O rei se havia instalado outra vez na casa de Pedro López, escrivão-mor das Alpujarras, próxima da igreja, e estava recebendo os chefes de uma companhia de janízaros que acabavam de chegar de Argel: os duzentos que o sultão ordenou a seu bei que enviasse a al-Andalus para contentar, se não enganar, seus irmãos de fé.

Hernando os viu espiando pelo imenso mercado em que se havia transformado Ugíjar. Como advertiu o Gironcillo, era impossível não reparar neles. Apesar da quantidade de gente que se amontoava na cidade – entre mercadores, berberes, aventureiros, mouriscos e o exército de Aben Humeya –, dali onde se achavam os turcos as pessoas se afastavam com temor. Não vestiam os gorros e capas com que Farax, desaparecido nas serras, tentara disfarçar os mouriscos que tentavam insurgir o Albaicín de Granada. Cobriam-se com grandes turbantes, a maioria deles enrugados, com franjas que quase roçavam o chão. Vestiam bombachos, marlotas longas e práticas chinelas; muitos

tinham um longo e fino bigode. No entanto, o que mais impressionava era a quantidade de armas que carregavam: arcabuzes de cano longo, cimitarras e adagas.

Haviam desembarcado na costa das Alpujarras sob o comando de Dalí, *ayabachi* dos janízaros, um dos oficiais de maior posto abaixo do agá, cargo que democraticamente escolhiam no *diwan* os cerca de doze mil membros que se achavam estabelecidos em Argel. Acompanhavam Dalí dois oficiais janízaros: Caracax e Hosceni, e os três estavam então reunidos com Aben Humeya.

Os janízaros haviam sido criados como uma milícia de elite às ordens do sultão; soldados fiéis e invencíveis. Seus membros eram recrutados obrigatoriamente entre os meninos cristãos maiores de oito anos que viviam nos vastos domínios europeus do império otomano, à razão de um por cada quarenta casas. Depois, eram instruídos na fé muçulmana e treinados como soldados desde tão tenra idade. Ao alcançarem o posto de janízaro, recebiam um pagamento por toda a vida e numerosos privilégios com relação ao restante da população. Dispunham de jurisdição própria: nenhum janízaro podia ser julgado e castigado nem sequer pelo bei; dependiam exclusivamente de seu agá, quem, em todo o caso, os julgava em segredo.

Os janízaros de Argel, no entanto, haviam deixado de seguir o procedimento de recrutamento obrigatório entre os infantes cristãos do império otomano. Os inicialmente transferidos do império para Argel foram sendo substituídos por seus filhos ou outros turcos, e até por cristãos renegados, mas nunca por árabes ou berberes. Os árabes e berberes tinham vedado o acesso ao exército de elite; os janízaros constituíam uma casta privilegiada. Dedicavam-se ao saque dos povoados da Berbéria e de Argel: seguros e confiantes de seu poder e prerrogativas, agiam com o mais absoluto desprezo para com os demais habitantes, roubando e violando crianças e mulheres. Ninguém podia tocar num janízaro!

Aqueles homens, os duzentos que o sultão ordenara a seu bei de Argel que mandasse para contentar os mouriscos, foram para al-

Andalus para lutar, mas isso não implicava a perda de seus privilégios. E Hernando pôde comprová-lo enquanto esperava, às portas da casa do escrivão-mor, que o arcabuzeiro da guarda de Aben Humeya voltasse com a resposta do rei.

Enquanto isso, tentou vencer a curiosidade e evitar que seu olhar perseguisse os janízaros que vadiavam diante da construção.

– Sabe algo de Brahim, o arrieiro? – perguntou distraidamente a um dos arcabuzeiros que estavam na porta. – É meu padrasto.

– Ontem de noite – respondeu-lhe –, partiu com Ibn Abbu e uma companhia de homens para Poqueira. O rei nomeou seu primo aguazil de Poqueira, e, por sua vez, Ibn Abbu nomeou seu padrasto lugar-tenente seu.

– Quanto tempo ficarão em Poqueira? – perguntou de novo, agora sem conseguir esconder o entusiasmo.

O arcabuzeiro deu de ombros.

Brahim se havia ido! Virou-se sorridente para o mercado que se abria diante da casa no momento em que passava um vendedor com um cabaz cheio de passas às costas. Um dos janízaros pegou um punhado de passas. O homem se virou e, sem pensar, empurrou o que lhe acabara de roubar a humilde mercadoria.

Tudo sucedeu em um instante. Nenhum dos janízaros recriminou o atrevimento do vendedor, mas, de repente, vários seguraram o homem: um lhe estendeu o braço, e aquele que havia sido empurrado lhe cortou a mão na altura do pulso com um rápido e eficaz golpe de cimitarra. A mão foi parar no cabaz das passas, o homem mandado embora a pontapés do lugar, e os janízaros retomaram a conversa como se nada tivesse acontecido; aquele era o castigo para quem ousasse tocar num dos soldados do sultão da Sublime Porta.

Hernando foi incapaz de reagir e ficou parado, absorto no filete de sangue que o vendedor de passas deixava até desabar alguns passos adiante. Ensimesmado como estava, o arcabuzeiro da guarda do rei teve de golpeá-lo nas costas.

– Siga-me – disse-lhe quando por fim fitou os olhos nele.

A casa voltava a estar perfumada de almíscar, mas nesta ocasião não foi levado à presença de Aben Humeya. O guarda o acompanhou a um cômodo nos fundos do primeiro andar. A porta de madeira trabalhada estava protegida por dois arcabuzeiros; o tesouro que o rei não havia enviado para Argel devia estar em seu interior, pensou diante de tais cautelas.

– Você é Ibn Hamid? – perguntaram-lhe às suas costas. Hernando se virou para deparar com um mourisco ricamente vestido. – Ibn Umayya me falou de você. – O homem lhe estendeu a mão. – Sou Mustafá Calderón, habitante de Ugíjar e conselheiro do rei.

Após o cumprimento, Mustafá procurou um molho de chaves que trazia na cintura e abriu a porta.

– Aqui tem toda a cevada de que precisa para os cavalos – acrescentou convidando-o a entrar com a mão estendida.

Como podia estar ali a cevada? Aquilo não era um celeiro. Surpreso, ficou parado na porta.

Os risos de Mustafá e dos três arcabuzeiros não conseguiram desfazer o espanto de Hernando: cerca de uma dúzia de moças e meninas se amontoavam no interior, iluminadas pela luz que entrava através de uma janelinha alta. As moças o olhavam assustadas e tentavam esconder-se umas atrás das outras, retrocedendo até o fundo do cômodo.

– O rei quer reservar para si as joias e o dinheiro que lhe resta – explicou o conselheiro, fungando. – O ouro é mais fácil de transportar que as cativas que lhe deram como pagamento por seu quinto... E as moedas não comem! – Voltou a rir. – Escolhe a que quiser e negocie-a no mercado. Com o dinheiro, poderá adquirir tudo de que precise, ainda que todo mês tenha de vir prestar contas comigo. Eu não o teria feito assim, mas o rei insistiu. Também lhe ordenou que, se vai cavalgar com ele, compre roupa adequada.

– Co... como vou vender uma menina?

– Vão arrancá-la de suas mãos, rapaz – interrompeu-o o mourisco. – As mulheres cristãs são as mais desejadas em Argel, uma cidade em

poder de turcos e cristãos renegados que não querem casar-se com muçulmanas. Nem sequer os turcos! Olhe – acrescentou pondo a mão em seu ombro –, um cristão cativo pode ser resgatado por esses frades mercedários ou trinitários que vão carregados de dinheiro à Berbéria, mas uma mulher nunca. Entre as poucas leis que regem a vida dos corsários, há uma segundo a qual é proibido o resgate das mulheres. Eles as adoram!

– Mas... – começou a dizer Hernando observando que as moças tremiam e se espremiam ainda mais entre si.

– A que você quiser, já! – instou-lhe Mustafá. – Estamos em conselho com os turcos e não posso perder muito tempo.

Como iria ele vender uma menina? Que sabia ele de...?

– Eu não posso... – começava a protestar quando o cabelo cor de palha de uma menina trêmula e suja apareceu diante dele. Uma das mais velhas a acabava de deslocar sem contemplação. – Esta! – exclamou de repente, sem pensar.

– Feito! – sentenciou Mustafá. – Amarrem-na e entreguem-na – ordenou aos guardas para logo depois retirar-se com pressa. – E lembre-se: eu o espero em um mês.

No entanto, Hernando já não escutava o conselheiro do rei. Tinha os olhos cravados em sua cativa. Era Isabel, a irmã de Gonzalico. Que teria sido de Ubaid?, pensou naquele momento, recordando-se de como erguera o coração do rapaz antes de atirá-lo aos pés da menina.

Em pouco tempo se viu de novo na rua, observado por arcabuzeiros e janízaros; nas mãos levava a corda com que os guardas haviam amarrado a menina de cabelo cor de palha. Ficou parado, com Isabel atrás, admirando os milhares de reflexos que o sol extraía de pessoas e cores. Antes não se havia dado conta disso. Por que agora aquele mercado se mostrava a ele como um mundo novo?

– Rapaz, que é que vai fazer com essa beleza? – ouviu que lhe perguntavam com ironia.

Hernando não respondeu. Por que tivera de aceitar aquele trato? Que iria fazer agora com Isabel? Vendê-la? A lembrança da matança de

Cuxurio e as súplicas de Isabel se misturaram com os milhares de cores e cheiros que pairavam no ambiente. Como ia vendê-la? Porventura já não haviam feito suficiente mal àquela menina? Que culpa tinha ela? Então, por que a havia escolhido? Nem sequer pensara nisso! A corda se esticou, e Hernando se virou para Isabel: um janízaro tentava examiná-la, e a menina retrocedia, assustada.

Deu um passo para o turco, mas a lembrança da mão cortada do vendedor de passas se interpôs em seu caminho. Isabel voltava a soluçar, os olhos muito abertos, olhando para ele, suplicando sua ajuda tal como havia feito em Cuxurio enquanto Ubaid assassinava seu irmão Gonzalico. Isabel se chocou de costas com os arcabuzeiros de guarda, que lhe impediram a passagem, e o janízaro começou a manusear seu cabelo dourado.

– Parado! – gritou Hernando. Soltou a corda e desembainhou o alfanje.

Nem sequer pôde chegar a erguer a espada. Com espantosa rapidez, o janízaro desembainhou sua cimitarra para, sem pausa, golpear violentamente o alfanje, que saiu voando pelo ar. Instintivamente, o rapaz sacudiu várias vezes a mão ao mesmo tempo que os demais turcos rompiam em gargalhadas.

– Deixe a menina! – insistiu apesar de tudo.

O janízaro virou o rosto para Hernando: uma de suas mãos tateava os nascentes seios de Isabel. Um impudico sorriso branco se juntou aos milhares de fulgores do mercado.

– Quero ver a mercadoria – silabou.

Hernando hesitou por alguns instantes.

– E eu o seu dinheiro – balbuciou. – Sem ele nada de exame.

Alguns janízaros, como se se tratasse de um jogo, aclamaram Hernando.

– Bem dito! – exclamaram entre gargalhadas.

– Sim! Mostre-lhe o seu dinheiro...

Nesse momento, o arcabuzeiro que impedia a retirada de Isabel, o mesmo que havia acompanhado Hernando até o interior da casa,

sussurrou algumas palavras ao ouvido do janízaro. O turco escutou em silêncio e torceu o rosto.

– Não vale um ducado! – grunhiu após pensar por alguns instantes, e empurrou Isabel.

– Pode obter por ela, rapaz, mais de trezentos! – contradisse-o outro janízaro.

Após segurar de novo a corda, Hernando se dirigiu para o lugar em que fora parar o alfanje de Hamid, para além do grupo de janízaros que ainda ria às suas costas, e caminhou puxando Isabel e passando pelos turcos.

– De pouco lhe adiantará esse velho alfanje – ouviu que lhe gritavam às suas costas ao abaixar-se para pegá-lo –, se não aprender a empunhá-lo com força.

O mercado: os gritos, a multidão, as cores e os aromas voltaram a abrir-se diante de Hernando. Embainhou o alfanje e se ergueu. Que iria fazer com aquela menina?, pensou, enquanto via alguns mercadores apressar-se na sua direção.

17

Veja. Você é livre.

Hernando havia conseguido atravessar o mercado sem dar atenção às ofertas dos mercadores. "Já está vendida!", exclamava, puxando a menina para escapar dos mercadores que se aproximavam de Isabel. "Não toquem nela!" Depois teve de se safar de outros tantos que assim que viam a jovem cristã manietada os abordavam, e mesmo sem saber o suposto preço de Isabel insistiam em segui-los com todos os tipos de propostas.

Quando por fim chegaram aos arredores do povoado, se agacharam atrás de um pequeno muro que separava o caminho de um olival; então desamarrou as mãos de Isabel.

– Corra! – sussurrou uma vez desfeito o nó.

A menina tremia. Também o fazia Hernando. Estava libertando a escrava que o rei lhe havia entregado para que pudesse alimentar seus animais!

– Fuja! – insistiu em voz baixa com a moça, que permanecia imóvel. Incapaz de articular palavra, o temor se refletia em seus olhos castanhos. – Vá!

Empurrou-a, mas Isabel se encolheu ainda mais contra o muro de pedra. Então ele se levantou e fez menção de deixá-la ali.

– Para onde? – perguntou Isabel com um fiapo de voz.

– Bem... – Hernando gesticulou. Depois observou os arredores, com a serra ao fundo. Aqui e ali ardiam as fogueiras dos soldados e mouriscos que não cabiam em Ugíjar: a maioria pertencia ao grande exército de Aben Humeya. – Não sei! Já tenho bastantes problemas – queixou-se. – Deveria vender você e comprar forragem para os cavalos do rei. Como lhes darei de comer se a deixo livre? Quer que a venda?

Ela não respondeu, mas tampouco deixou de suplicar-lhe com o olhar. Hernando voltou a agachar-se e indicou a Isabel que fizesse silêncio quando viu um grupo vir. Esperaram que passassem. Que iria fazer?, pensou enquanto isso. Como alimentaria os cavalos? Que sucederia se o rei soubesse?

– Vá! Fuja! – insistiu apesar de tudo, uma vez que as vozes dos mouriscos se perderam na distância. Como ia vender a irmã de Gonzalico? Não havia conseguido que aquele obstinado menino renunciasse à sua fé. Não o havia convencido de que só se tratava de mentir! Lembrou-se daquela criança que havia dormido tranquilamente a seu lado, de mão dada, na noite anterior a que Ubaid a degolasse e lhe arrancasse o coração. – Vá de uma vez!

Hernando se levantou e se encaminhou de volta para o povoado tentando não virar o olhar, mas ao fim de uma dúzia de passos a curiosidade e uma sensação... Ela o estava seguindo! Isabel o estava seguindo, descalça, andrajosa, chorando e mostrando, ao sol do meio-dia, seu emaranhado cabelo cor de palha. O rapaz lhe fez um gesto com a mão indicando-lhe a direção contrária, mas ela permaneceu parada. Voltou a ordenar-lhe que se fosse, e Isabel insistiu em sua atitude.

Hernando retrocedeu.

– Vou vendê-la! – disse, tornando a afastá-la do caminho e levando-a para o muro. – Se me seguir, a venderei. Você já viu: todos querem comprá-la.

Isabel chorava. Hernando esperou que se acalmasse, mas o tempo passava e a menina continuava chorando.

– Você poderia fugir – insistiu. – Poderia esperar que caísse a noite e passar entre eles...

– E depois? – interrompeu-o Isabel entre soluços. – Para onde vou depois?

As Alpujarras estavam nas mãos dos mouriscos, reconheceu Hernando para si. Desde Ugíjar até Órgiva, a mais de sete léguas, onde se localizava o último acampamento do marquês de Mondéjar, não se

encontravam cristãos. E ao longo das quatro léguas que distava Berja, onde estava o marquês dos Vélez, tampouco acharia nenhum. As terras estavam repletas de mouriscos que vigiavam até o menor movimento. Aonde poderia chegar uma menina antes que a detivessem? E se a detivessem... Se a detivessem, se saberia que ele a havia libertado; então se deu conta do erro cometido e resfolegou.

Para não ter de voltar a atravessar o mercado, circundaram Ugíjar e se dirigiram para a casa de Salah. Hernando puxava outra vez a corda com que havia amarrado de novo as mãos de Isabel para o caso de cruzarem com alguém. Que iria fazer com ela? Apresentá-la como muçulmana? Todo Ugíjar havia visto seu cabelo cor de palha, louro e seco! Quem não a reconheceria? Que explicações daria? Como poderia conviver uma cristã com eles? Efetivamente toparam com uma multidão de grupos de mouriscos e soldados que não deixaram de observar com interesse a cativa. Chegaram às terras da casa, ao muro que as encerrava, pela parte mais afastada de Ugíjar.

– Esconda-se – disse a Isabel depois de desamarrá-la. A menina olhou ao redor: só havia o muro; o restante eram campos planos. – Deite-se entre os restolhos, que a cobrirão. Faça o que quiser, mas esconda-se. Se a encontrarem... já sabe o que lhe acontecerá. – "E a mim também", acrescentou para si. – Virei buscá-la. Não sei quando. Também não sei para quê – estalou a língua e balançou a cabeça –, mas você vai saber de mim.

Circundou o muro para chegar à porta principal sem se preocupar com Isabel: a única coisa que notou foi que a menina se jogou no chão assim que ele deu as costas e começou a se afastar. Que iria fazer com ela? Mas mesmo supondo que conseguiria resolver aquela situação, e a cevada? E a forragem? De onde ia conseguir o alimento dos animais? Por pouco tempo mais poderiam pastar no campo que cercava a casa. Isabel! Quem mandou escolhê-la? Poderia ter escolhido qualquer outra, a que empurrou Isabel para salvar-se, por exemplo! Teria sido capaz de vendê-la?

Desde sempre os mouriscos haviam ajudado os corsários berberes em suas incursões nas costas mediterrâneas. Havia muitos mouriscos entre os corsários, sobretudo entre os de Tetuão, mas também entre os argelinos. Eram homens nascidos em al-Andalus que, com a ajuda de familiares e amigos, faziam prisioneiros que depois vendiam como escravos na Berbéria, ainda que às vezes chegassem até a libertá-los contra o pagamento do correspondente resgate nas próprias praias, antes de zarpar para voltar a seus portos. Mas isso era nas terras costeiras do antigo reino nazari, não nas Alpujarras altas, onde os escravos dos mouriscos ricos costumavam ser negros guinéus. Os cristãos também os haviam proibido de ter escravos negros. Contara-o Hamid. Hernando nunca havia vendido ninguém nem ajudado a capturar cristão algum! Como ia vender uma moça, ainda que fosse cristã, sabendo qual iria ser seu destino nas mãos daqueles corsários ou janízaros? Acariciou o alfanje, como sempre que o alfaqui voltava à sua memória.

Absorto nesses pensamentos, atravessou os portões de ferro que davam para a casa. Que...? Que estava acontecendo ali? Mais de uma dúzia de soldados berberes conversavam no pátio, diante do alpendre. Acompanhavam-nos cavalos arreados e mulas carregadas. Hernando se sentiu fraco de repente, levemente tonto, com o estômago embrulhado e um suor frio percorrendo-lhe as costas.

Um dos arcabuzeiros mouriscos da guarda de Aben Humeya foi em sua direção. Hernando retrocedeu sem querer. O homem mostrou surpresa no rosto.

– Ibn Hamid... – começou a dizer.

Porventura já sabiam de Isabel? Vinham prendê-lo? Ubaid! Atrás de uma das mulas, viu o arrieiro de Narila.

– O que ele está fazendo aqui? – perguntou, levantando a voz e apontando para ele. O arcabuzeiro se virou para onde Hernando apontava e deu de ombros. Ubaid franziu o cenho.

– Aquele? – perguntou por sua vez o arcabuzeiro. – Não sei. Veio com o arrais corsário. É o que queria dizer-lhe: um capitão corsário se

uniu com seus homens a nós. – Hernando tentava escutar a explicação, mas sua atenção estava voltada para Ubaid, que continuava a olhá-lo com soberba. – O rei lhe permitiu estabular seus animais junto aos nossos, já que aqui há forragem suficiente para todos...

– Aqui? – escapou a Hernando.

– Isso disse o rei – respondeu o arcabuzeiro.

Tremeram-lhe os joelhos. Por um instante esteve tentado a sair correndo. Fugir... ou voltar para onde estava Isabel: amarrá-la de novo e vendê-la de uma vez por todas. Não parecia difícil.

– Mas há outro problema – continuou o arcabuzeiro. Hernando fechou os olhos antes de encarar o mourisco: que mais podia acontecer? – O turco diz que também ficam ele e seus homens. Não há nenhum alojamento livre em todo Ugíjar, e aqui vocês contam com espaço suficiente. Ele diz que não veio ajudar-nos a lutar contra os cristãos para dormir ao relento.

– Não – tentou opor-se Hernando. Mais gente! E Ubaid no meio dela. Tinha uma cativa cristã escondida junto ao muro e nem um grão de cevada para... mais um, dois, três, quatro cavalos, contou, e outras tantas mulas. – Não é possível...

– Já chegou a um acordo com o mercador. Ele e seus acompanhantes se instalarão no andar de baixo; Salah e sua família, no alpendre.

– Que acordo?

O arcabuzeiro sorriu.

– Acho que era algo assim: se não lhe cedesse o andar de baixo, lhe cortaria o nariz e as orelhas a dentadas e depois as cravaria no estanteirola do tendal de popa de sua embarcação.

– Estante... rola?

– Foi o que ele disse – respondeu o arcabuzeiro, e voltou a dar de ombros.

Para que perguntava? Que lhe importavam as orelhas de Salah e onde as cravasse o arrais turco?

– Detenham esse homem – ordenou apontando para Ubaid. O arcabuzeiro o olhou surpreso. – Detenham-no! – instou-lhe. – Não... não pode ficar junto dos cavalos do rei – acrescentou após pensar a desculpa por alguns instantes.

Ainda que o arcabuzeiro parecesse confundido, algo no tom de Hernando o fez chamar a alguns companheiros, mas, quando estes se dirigiam para Ubaid, vários soldados berberes se interpuseram em seu caminho. Não eram janízaros. Vestiam-se de forma similar aos mouriscos granadinos, mas sua tez não era a dos árabes; sem dúvida se tratava de cristãos renegados. Os dois grupos ficaram frente a frente: o desafio pairava no ar. Ubaid, escondido atrás dos berberes, tinha o olhar cravado em Hernando.

– Onde está esse turco? – inquiriu Hernando quando o arcabuzeiro se virou para ele à espera de instruções.

O mourisco lhe apontou a casa. Encontrou o arrais na sala de jantar do lar cristão, refestelado sobre um monte de almofadas de seda bordadas em mil cores. Hernando não duvidou de que fosse capaz de cortar a dentadas qualquer orelha que aparecesse na sua frente: tratava-se de um homem corpulento, de feições retas e severas, e que o cumprimentou com o mesmo acento que o louro que antes o havia desafiado com a adaga para depois zombar dele. Outro cristão renegado!

No entanto, Hernando não foi capaz de responder ao seu cumprimento. Depois de examinar o arrais, sua atenção se dirigiu para a extremidade de um de seus poderosos braços: ali onde com os dedos da mão direita acariciava o cabelo de um menino, ricamente vestido, que estava sentado no chão a seus pés.

– Você gosta do meu garção? – perguntou o corsário diante do olhar de espanto do rapaz.

– Que...? – despertou Hernando. – Não! – A negativa surgiu de sua boca com mais força do que teria desejado.

Viu o corsário sorrir e notou que o examinava com desavergonhada luxúria. Que acontecia com aqueles homens?, perguntou-se, aturdido.

Encontrava-se parado ali, diante de um capitão corsário que ameaçava arrancar orelhas, mas acariciava com doçura o cabelo de um menino. Naquele momento, seguido por Salah, apareceu outro rapaz, algo mais velho que o que estava sentado, e vestido com o mesmo luxo: um caftã de linho amarelo sobre uns bombachos e delicadas babuchas da mesma cor. O menino se movia com afetação; entregou um copo de limonada ao arrais e se sentou a seu outro lado, colado a ele.

– E deste? Também não gosta? – inquiriu antes de levar a limonada à boca.

Hernando procurou ajuda em Salah, mas o comerciante não podia afastar os olhinhos inchados do trio.

– Também não – respondeu Hernando. – Não gosto de nenhum dos dois. – Os três pareciam despi-lo com o olhar. – Você não pode ficar aqui – disparou bruscamente, para pôr fim àquela situação.

– Eu me chamo Barrax – disse o corsário.

– A paz seja com você, Barrax, mas não pode ficar nesta casa.

– Meu navio se chama *O Cavalo Veloz*. É um dos navios corsários mais rápidos de Argel. Você ia gostar de navegar nele.

– Talvez, mas...

– Como se chama?

– Hamid ibn Hamid.

O capitão se levantou muito devagar: superava em altura todos os ali presentes em mais de meio corpo; vestia uma simples túnica de linho branca. Hernando teve de fazer um esforço para não dar um passo atrás; Salah, sim, o fez. O corsário voltou a sorrir.

– É valente – reconheceu –, mas escute-me, Ibn Hamid: fico nesta casa até que o seu rei se ponha em marcha com seu exército, e nenhum cão mourisco, por mais protegido que seja de Ibn Umayya, me impedirá de fazê-lo.

– Estamos esperando meu padrasto... e Ibn Abbu! Sim! – acrescentou incoerentemente. – Estão em Poqueira. É primo do rei, aguazil de Poqueira. Se voltarem, não haverá lugar...

– Nesse dia as mulheres e as crianças do andar de cima terão de deixá-lo para que o ocupe o nobre e valoroso Ibn Abbu junto com seu padrasto.

– Mas...

– Tranquilize-se, você também poderá dormir conosco, Ibn Hamid.

Após estas palavras, o corsário fez menção de sair do lugar em que estava junto com os dois garções: um soltava brilhos de ouro e o outro de vermelho-sangue.

– O arrieiro não pode ficar – disse então Hernando. O arrais parou e abriu as mãos em sinal de incompreensão. – Não quero vê-lo por aqui – alegou como única explicação.

– Quem cuidará então de meus cavalos e mulas?

– Não se preocupe com os animais. Nós o faremos.

– Está bem – cedeu o corsário sem lhe dar maior importância; de repente esboçou um sorriso e acrescentou: – Mas o considerarei um favor a um jovem muito valente, Ibn Hamid. Você vai ficar em dívida comigo...

Não dispunha de cevada, e os animais precisavam de alimento. Antes que lhe ordenassem que deixasse a casa, Ubaid a havia exigido. Hernando ficou sabendo por Salah que o maneta se havia juntado a Barrax em Adra, para onde fugira após a tomada de Paterna pelas tropas do marquês de Mondéjar. Corsários, berberes e turcos chegavam às costas de al-Andalus sem parar, sabedores de que as galés de Nápoles estavam prestes a chegar e de que a partir daquele momento o desembarque se tornaria mais difícil. Também o corso se complicaria nas costas espanholas com a chegada da armada do comendador de Castela, razão por que muitos arrais decidiram buscar seus ganhos na guerra ou no comércio com os mouriscos. Barrax necessitava de cavalos e mulas para transportar seus apetrechos, principalmente as roupas e demais coisas pessoais de seus garções, os únicos componentes da expedição corsária autorizados a viajar com bagagem, e por isso contratou Ubaid, que, mesmo maneta, havia

conseguido recuperar sua competência com as mulas e era um grande conhecedor da zona das Alpujarras altas.

Foi Salah quem transferiu para Hernando a exigência de forragem que fez Ubaid assim que chegara.

– Isso é problema meu – respondeu-lhe Hernando rispidamente, tentando afastá-lo.

Como iria consegui-lo?, perguntou-se pela enésima vez quando o suarento mercador lhe deu as costas.

Era meio-dia e as mulheres preparavam o almoço, mas com a chegada de Barrax e seus homens a intimidade do dia anterior se havia acabado: Aisha, Fátima e a esposa de Salah se movimentavam com a cabeça e o rosto cobertos numa casa em que topavam com estranhos. Fátima tentou substituir os sorrisos do dia anterior por ternos olhares que permaneciam em Hernando um instante mais que o necessário, mas tanto ela como Aisha não demoraram a compreender que lhe estava acontecendo algo.

– O que o está preocupando, meu filho? – aproveitou para interessar-se Aisha quando ninguém podia ouvi-los. Hernando balançou a cabeça, os lábios apertados. – Seu padrasto não voltou – insistiu Aisha –, ouvi você dizê-lo ao arrais. O que está acontecendo, então? – Ao ver que Hernando evitava seu olhar, Aisha insistiu: – Não se preocupe conosco. Não parece que o corsário esteja interessado nas mulheres...

Parou de escutá-la. É claro que não estava! Aonde quer que fosse, onde quer que se achasse, Hernando deparava com o olhar libidinoso de Barrax: algumas vezes sozinho, outras enquanto acariciava algum dos garções que o acompanhavam. Ele o havia feito durante todo almoço, sem deixar de olhar para Hernando, que estava sentado em frente, ao lado de Salah, como se fosse o rapaz quem ocupava o lugar do garção. Todos os demais comeram do lado de fora da casa. Como iria contar isso à sua mãe, se é que ela já não se dera conta? Como confessar-lhe, também, que já desde algum tempo tinha uma menina cristã escondida junto ao muro, provavelmente faminta e

amedrontada, capaz de...? De que seria capaz Isabel? E se deixasse seu esconderijo e a detivessem? Viriam buscá-lo. Como contar-lhe que não dispunha de cevada e que naquela mesma noite, no dia seguinte no mais tardar, os homens de Barrax explodiriam exigindo o que Aben Humeya havia prometido a seu capitão? Como iria participar à sua mãe que havia desobedecido ao rei e havia roubado uma cativa de sua propriedade? Se ao arrieiro de Narila haviam cortado a mão por um simples crucifixo... que sucederia a ele por causa de uma cristã que podia valer trezentos ducados?

– Por que está tremendo? – perguntou sua mãe pondo ambas as mãos em seu rosto. – Está doente?

– Não... mãe. Não se preocupe. Darei um jeito em tudo.

– Dar um jeito em quê? O que...?

– Não se preocupe! – interrompeu-a bruscamente.

Dedicou a tarde a cuidar dos animais e tentou aproximar-se da área do muro atrás do qual devia continuar escondida Isabel, mas não conseguiu fazê-lo o suficiente para falar com a menina, ainda que com o muro no meio. Yusuf estava permanentemente a seu lado, atento, interessado, querendo aprender e perguntando sem parar o porquê de cada cuidado que Hernando votava aos animais.

Contudo, num momento em que se achavam perto do lugar em que devia encontrar-se Isabel, Hernando mostrou a Yusuf os beiços dos cavalos, impregnados de terra.

– Sabe por quê? – perguntou-lhe.

– Por procurarem raízes – respondeu o rapaz, estranhando o fato de Hernando lhe fazer então uma pergunta tão simples.

– É porque não há comida! – disse Hernando levantando a voz, fingindo olhar para além do muro. – Esta noite não haverá comida. – Gritou: – É preciso esperar até amanhã!

– Ela já comeu – sussurrou-lhe então Yusuf. Hernando assustou-se. – Ouvi choros e fui ver o que estava acontecendo... – explicou o menino. – Eu lhe dei um pedaço de pão. Não se preocupe – acrescentou

apressadamente diante do evidente alarme de Hernando: – não o delatarei.

E amanhã?, pensou, no entanto, o mourisco. Deu uma palmada afetuosa no rosto do pequeno Yusuf e olhou para o céu plúmbeo que cobria Sierra Nevada.

Naquela noite, Fátima, instigada por uma preocupada Aisha, também se aproximou dele para saber o que lhe estava acontecendo, e o fez com tal doçura, que Hernando pensou ver seu rosto através do véu que o cobria.

Levou os dedos da mão direita ao véu para levantá-lo, mas um barulho fez com que Fátima se fosse.

– E a cevada? – perguntou Salah.

Foi o mercador quem pôs em fuga Fátima no exato momento em que ele se preparava para levantar-lhe o véu. Apesar da obesidade, o comerciante havia passado silenciosamente pelo lugar em que ela se aproximara de Hernando, antessala das escadas que desciam aos porões, onde o mercador escondia seus tesouros. Em sua fuga, Fátima tentou passar de lado para não roçar no gordo comerciante, mas este brincou alguns instantes com a moça, desfrutando de seu contato.

Hernando ainda estava com os dedos estendidos e a mão aberta para um véu que havia desaparecido, com o sussurro da voz de Fátima acariciando-lhe os ouvidos.

– Deixe-a! – gritou. – Por que tanto interesse pela cevada? – disse asperamente após verificar que Fátima escapava do assédio de Salah e corria para o andar superior.

– Porque não haverá cevada. – Os olhinhos de Salah brilharam à tênue luz de uma lanterna que pendia do teto, sobre o primeiro degrau. – O mercado todo está falando de um jovem mourisco com alfanje na cintura que puxava uma linda menina cristã entregue pelo rei para comprar forragem.

– E?

– A menina não está aqui, e você tampouco a vendeu. Ninguém em Ugíjar a comprou de você. Eu sei. – Hernando não havia previsto aquela possibilidade e, no entanto... De repente se sentiu tranquilo! Ali mesmo tinha a solução. A ansiedade que lhe havia perseguido durante todo o dia desapareceu de súbito, enquanto urdia seu plano. Salah continuava falando com um esgar triunfal nos lábios: – Ladrão! O que é que fez com ela? Você a violou e matou? Ficou com ela para você? Ela vale muito dinheiro... Entregue-a a mim, e não o denunciarei; caso contrário... – O mercador falava e ameaçava. Hernando se manteve firme. – Eu o farei, contarei ao rei e o executarão.

– Sim, eu a vendi – afirmou Hernando; seu duro olhar pousou sobre o comerciante gordo e velhaco.

– Está mentindo.

– Eu a vendi ao único mercador que conheço em Ugíjar... Pensava que com ele obteria um melhor preço, mas...

– A quem...? – começou a perguntar Salah, mas interrompeu-se ao ver que o rapaz punha a mão no alfanje.

– Mas esse gordo mercador não me pagou – continuou Hernando com aprumo – e agora não tenho cristã nem dinheiro para alimentar os cavalos do rei.

Desembainhou e pressionou com o alfanje a barriga de Salah, que retrocedeu um só passo até a parede; Hernando apertou com força a empunhadura; todos os músculos de seu braço estavam tensos: desta vez não se deixaria desarmar.

– Quem vai acreditar em você? – balbuciou Salah, compreendendo a armadilha que lhe preparava o rapaz. – Será... será a sua palavra contra a minha, e você nunca poderá demonstrar que a entregou a mim.

– A sua palavra? – Hernando entrefechou os olhos. – Ninguém poderá ouvir a sua palavra!

Quando fez menção de cravar o alfanje, Salah caiu de joelhos. A espada correu até sua garganta e rasgou as vestimentas do mercador.

– Não! – suplicou Salah. Hernando pressionou a afiada ponta da espada contra o pomo de adão. – Faço o que quiser, mas não me tire a vida. Eu lhe pagarei! Darei o que você desejar!

Depois chorou.

– Trezentos ducados – cedeu Hernando.

– Sim, sim. É claro que sim. Trezentos ducados. O que você quiser. Sim.

O choro não durou mais que alguns instantes. Hernando voltou a fazer um pouco de pressão sobre o pomo de adão do mercador.

– Se me enganar, vai sofrer. Palavra de Ibn Hamid. – Salah negou repetidamente com a cabeça. – Levante-se e abra o armazém. Vamos buscar o dinheiro.

Desceram os degraus com a espada na nuca do mercador. Salah demorou a abrir as duas fechaduras que fechavam o acesso; suas costas impediam que a lanterna que o rapaz pegara iluminasse o suficiente.

– De joelhos! – exigiu Hernando quando a porta se entreabriu e Salah fez menção de atravessá-la. – Caminhe como um cão. – O mercador obedeceu e chegou ao armazém de quatro. Hernando fechou a porta com um pontapé. Depois tentou olhar o interior sem deixar de ameaçar Salah, que arfava. – Agora deite-se no chão, com os braços e as pernas em cruz! Se eu notar que você está fazendo o menor movimento, o matarei. Onde há outra lâmpada?

– Diante de você, sobre uma grande arca. – Salah acabou tossindo devido à poeira que suas palavras levantaram do chão.

Encontrou a lâmpada, acendeu a mecha e o porão ganhou algo de luz.

– Herege! – disse assim que seus olhos se acostumaram à penumbra. – Quem iria acreditar na sua palavra? – Virgens e crucifixos, um cálice, mantos e casulas e até um pequeno retábulo se amontoavam junto a velhos recipientes de víveres, roupas e mercadorias de todos os tipos.

– Valem muito dinheiro – defendeu-se o mercador.

Hernando se manteve em silêncio por alguns instantes e depois roçou com os dedos a figura de uma Virgem com o Menino que estava

perto dele. “Nesta ocasião você me salvou”, esteve tentado a dizer-lhe. Se não fosse por todas aquelas imagens... um dos dois teria morrido.

– Onde estão os ducados? – perguntou.

– Numa pequena arca, bem ao lado da lâmpada.

– Sente-se – ordenou-lhe depois de pegá-la. – Devagar, com as pernas esticadas e abertas – acrescentou quando o mercador começou a levantar-se pesadamente. – Conte trezentos ducados e ponha-os numa bolsa.

Salah terminou, e Hernando voltou a deixar a arca e a bolsa sobre a arca maior.

– Vai deixá-los aí? – perguntou Salah, estranhando.

– Vou. Não creio que haja melhor lugar para o dinheiro do rei.

Fecharam a porta tal qual a tinham aberto, com Hernando ameaçando o mercador.

– Entregue-me uma das chaves. Esta, a maior – exigiu após Salah terminar de manejar as fechaduras. – Pois bem – continuou, com a chave já em seu poder –, agora vem a última parte: você vai me acompanhar até o chefe da guarda de arcabuzeiros. Se você falar, eu tentarei desculpar-me. Acreditarão ou não em mim, mas certamente isso você não chegará a ver, com tudo o que tem escondido ali dentro. Vão matá-lo sem contemplação. Combinado?

O mercador se manteve em silêncio no pátio, escutando como Hernando falava com o chefe dos arcabuzeiros e lhe ordenava que um de seus homens montasse guarda permanente em frente à porta de acesso aos porões.

– No interior deles se acha o dinheiro do rei – explicou. – Só poderemos entrar os dois ao mesmo tempo, Salah e eu. Se algum dia me suceder algo, vocês devem forçar a porta e recuperar o que é do rei. Rogue ao Misericordioso – disse depois a Salah, quando ambos já se encontravam dentro da casa – que não me aconteça nada.

– Orarei por você – assegurou o mercador muito a contragosto.

Na manhã seguinte, cedo, cada um abriu sua fechadura sob o olhar do arcabuzeiro de guarda, no alto das escadas. Uma vez dentro, Salah se apressou a fechar a porta, mas Hernando a manteve entreaberta, o suficiente para que o mercador tivesse de permanecer atento a qualquer barulho que se fizesse nas escadas, enquanto corria o perigo de que mais alguém visse suas mercadorias. Hernando pegou vários ducados e os entregou a Salah.

– Vá comprar cevada e forragem – disse-lhe. – O suficiente para vários dias e para todos os animais. Quero tudo aqui ao longo desta manhã, e, além disso, necessito de boa roupa...

– Mas...

– O rei assim deseja. Lembre-se de que o preço aumentou. Também quero roupa preta... não!, branca, de mulher... para uma menina. – Sorriu. – E um véu, sobretudo um véu, e preciso dele agora mesmo. Certamente você vai encontrar o necessário entre... tudo isto – acrescentou gesticulando com a mão.

Pouco depois, Hernando deixava o porão vestido de verde, com uma marlota de tafetá vermelho e prata, capa de fazenda de ouro roxa e bordada com pérolas e um gorro com uma pequena esmeralda na frente: levava o alfanje de Hamid na cintura, as roupas para Isabel na mão e o olhar de ódio de Salah cravado em suas costas. Durante a noite havia urdido uma multidão de planos para tirar Isabel daquelas terras, mas os foi descartando um a um até que... por que não? Porventura não havia dado certo a questão da forragem? Simplesmente, devia deixar-se levar por seu instinto. Na sala se encontrou com Barrax e seus garções: o arrais se afastou de seu caminho e lhe fez uma reverência. Hernando atravessou entre eles dando-lhes a paz.

– De safiras como seus olhos encheria eu esse gorro, se viesse comigo – exclamou o capitão à sua passagem.

Hernando gaguejou, perturbado, mas se recompôs. Chegou ao alpendre e pediu seu cavalo negro a Yusuf, que logo o trouxe embridado.

– Tenho de sair para cumprir um mandado do rei – desculpou-se diante de Fátima e de sua mãe, que não puderam disfarçar a admiração por suas luxuosas vestes.

Montou no cavalo, o esporeou e saiu a galope da casa, até chegar ao lugar onde se encontrava a menina.

– Vista estas roupas. – Isabel, deitada ali onde ele a deixara no dia anterior, não levantou a cabeça até que os cascos do cavalo lhe roçaram a testa. – Obedeça! – insistiu diante das dúvidas da moça. – Que é que vocês estão olhando? – ladrou para um grupo de soldados que se haviam aproximado.

Hernando desembainhou o alfanje e estimulou o cavalo contra os mouriscos; a capa de ouro roxa revoluteava sobre a garupa do animal. Os homens se foram.

– Apresse-se – insistiu ao voltar para junto de Isabel.

A menina não tinha onde esconder-se e começou a despir-se encolhida, tentando tapar-se. Hernando lhe deu as costas, mas o tempo urgia. Podiam chegar mais soldados a qualquer momento.

– Já está pronta? – Virou-se por não ter obtido resposta e pôde ver seus pequenos seios. – Rápido! – Isabel não sabia como pôr-se um tipo de roupas que desconhecia. Hernando desmontou e a ajudou, não dando importância para seu rubor. – O véu, o véu, cubra bem a cabeça!

Uma vez pronta, montou-a sobre a cruz do cavalo, na frente dele, para poder segurá-la pela barriga, e partiu a galope. Isabel oscilava, instável, mas não se queixou. Hernando hesitou entre Órgiva e Berja, mas concluiu: ainda que nesta última estivesse o Diabo Cabeça de Ferro, no trajeto para Órgiva toparia com maior número de mouriscos; Aben Aboo e Brahim vagavam com seus homens pela área de Válor, e nada mais distante de suas intenções que topar com o padrasto. Conhecia o caminho para Berja: era o mesmo que havia percorrido alguns meses atrás até Adra. Aproximadamente a meia légua da costa, devia desviar-se para o levante, para os contrafortes da serra de Gádor.

Longe de Ugíjar e do exército de Aben Humeya, Hernando conteve o cavalo, já suarento.

– Aonde está me levando? – perguntou então Isabel.

– Para a sua gente.

Trotaram um bom tempo antes que a menina voltasse a falar:

– Por que está fazendo isto?

Hernando não respondeu. Por que o fazia? Por Gonzalico? Pelo calor daquelas mãos que mantivera seguras durante a última noite do pequeno? Pela união que tivera com Isabel enquanto os dois viam Ubaid assassiná-lo, ou simplesmente porque não queria que ela caísse nas mãos de algum berbere ou cristão renegado? Nem sequer se havia perguntado sobre isso até então. Limitara-se a agir... como lhe ordenava seu instinto! Mas, realmente, por que o fazia? Com isso só procurava problemas para si mesmo. Que haviam feito os cristãos por ele para que defendesse uma das suas? Isabel voltou a perguntar-lhe por que o estava fazendo. Esporeou o cavalo para que galopasse. Por quê?, insistia a menina. Estimulou ainda mais o cavalo e atingiu o galope máximo. Segurava Isabel pela barriga para que não caísse. Ela não pesava. Era somente uma menina. Por isso o fazia, concluiu com satisfação enquanto o vento lhe açoitava o rosto. Porque não era mais que uma menina!

Nenhum dos mouriscos com os que cruzaram tentou detê-los. Afastavam-se de seu caminho mostrando interesse naquele estranho par a cavalo: uma figura feminina vestida de branco com a cabeça e o rosto cobertos, segura por um cavaleiro que cavalgava altivo com suas ricas roupagens e o alfanje batendo no lado do cavalo.

Antes do meio-dia chegaram aos arredores de Berja, a cidade onde cada casa tinha um jardim e onde várias torres defensivas assomavam por cima das casas. Fizeram o último trecho a passo para dar descanso ao cavalo. Foi então que sentiu o contato do jovem corpo de Isabel. A menina se recostava totalmente nele. A roupa, no abdome, ali por onde a mantinha firme, estava encharcada de suor, e Hernando notou a barriga de Isabel, dura e em permanente tensão.

Livrou-se daquelas sensações ao avistar Berja. No exterior da cidade, as pessoas trabalhavam os campos e alguns soldados cristãos descansavam enquanto outros recolhiam forragem para os cavalos. Os soldados pararam suas tarefas diante do aparecimento de Hernando. O sol, do meio-dia, estava a pino. O cavalo, refreado, sentindo a tensão de seu cavaleiro, dançou resfolegando no mesmo lugar: o vermelho de seu pelo cintilava, como a capa de Hernando... e como a armadura do marquês dos Vélez e a de seu filho, D. Diego Fajardo, ambos de pé na entrada do povoado.

Hernando desmontou Isabel no momento em que um grupo de soldados já corria para ele com as armas preparadas. Do alto do cavalo, tirou o véu da moça e deixou à mostra seu cabelo louro. Então desembainhou o alfanje e o apoiou na nuca da menina. Os soldados esbarraram entre si quando os que iam à frente pararam subitamente, a pouco mais de cinquenta passos do par.

– Corra, menina! Afaste-se! – gritou um deles enquanto tentava preparar seu arcabuz.

Mas Isabel se manteve parada.

À distância, Hernando procurou o olhar do marquês dos Vélez, que se manteve firme por alguns instantes. Por fim pareceu compreender o que pretendia o mourisco. Com um gesto de mão indicou aos homens que se retirassem.

– A paz seja com você, Isabel – desejou-lhe Hernando assim que os soldados cristãos obedeceram a seu general.

Virou-se com o cavalo e deixou o lugar a grande galope, volteando o alfanje no ar e uivando como faziam os mouriscos quando atacavam as tropas cristãs.

18

> Temos notícia de que nos hão de assaltar vinte e dois mil mouros não mal armados, e nós não somos mais que dois mil; eu, por mim sozinho, me encarrego de dois mil, e para meu cavalo sobram outros tantos. E que são nove mil mouros para a infantaria de nosso valoroso campo, e outros nove mil para vocês, meus ilustres cavaleiros, que têm tanto ânimo e tão comprovado esforço? Mas ainda nos sobra o bélico som de nossas claras trombetas, cujo assustador estrépito basta para fazer fraquejar outros tantos dez mil mouriscos.
>
> GINÉS PÉREZ DE HITA, *Guerras civis de Granada*, discurso do marquês dos Vélez a seu exército

Teriam adiantado de algo seus desvelos para salvar Isabel?, perguntava-se Hernando pouco mais de um mês depois de deixá-la nas mãos do marquês dos Vélez, de novo à vista de Berja. Continuaria a menina no interior da cidade? Se assim fosse, tornariam a capturá-la... talvez até descobrissem que ele não a havia vendido.

Aben Humeya havia decidido atacar Berja, obrigado pelos mouriscos do Albaicín de Granada, que exigiam a derrota do sanguinário nobre para juntar-se à rebelião. Aquele era o momento adequado: as tropas do marquês estavam mais que debilitadas pelas deserções, mas esperavam reforços de Nápoles que, junto com a frota real, acabavam de chegar às costas andaluzas.

Alguém tinha a menor dúvida de que os muçulmanos arrasariam o exército do Diabo Cabeça de Ferro?

O rei determinou que o ataque se efetuasse durante a noite, e começava a escurecer. O grande acampamento mourisco, nos arredores da cidade, fervia de atividade. Os homens se preparavam para a guerra. Dispunham de armas; gritavam, cantavam e se encomendavam a Deus. No entanto, mesmo entre os preparativos e o alvoroço, muitos deles, tal como Hernando em seu cavalo, tal como o rei e sua corte, desviavam constantemente sua atenção para cerca de meio milhar de soldados um tanto separados do restante.

Tratava-se de *muyahidin* turcos e berberes que se vestiam com camisas brancas sobre as roupas para distinguir-se na escuridão, ao modo das encamisadas noturnas dos terços espanhóis, e que, convencidos da vitória, adornavam a cabeça com grinaldas de flores. O haxixe corria fartamente entre aqueles soldados de Alá que haviam jurado morrer por Deus; também solicitaram ao rei a honra de encabeçar o ataque à cidade.

Uma vez dada a ordem por Aben Humeya, observou-os abalançar-se cegamente contra a cidade. Como não iriam vencer esses homens?, voltou a perguntar-se Hernando. Os gritos e uivos de guerra; os disparos dos arcabuzes; o retumbar dos atabales e o som das dulcianas envolveram o rapaz. Que importava Isabel diante desses mártires de Deus? Hernando, como a quase totalidade dos homens do exército que ficavam atrás, sentiu um calafrio e gritou com fervor no momento em que os *muyahidin* esmagaram os cristãos que defendiam a entrada do povoado. Aben Humeya ordenou então que o grosso do exército mourisco se juntasse ao assalto.

Vários *monfíes* que se achavam a seu lado uivaram e esporearam seus cavalos para percorrer a distância que os separava da vila. Hernando desembainhou seu alfanje e se somou ao frenético galope, gritando enlouquecido.

Mas no interior das ruelas de Berja não se podia lutar. Hernando nem sequer conseguia dominar o cavalo; devido à grande quantidade de soldados muçulmanos que entravam no povoado, estes se apertavam entre as construções, e com eles os cavalos. Não encontrou

nenhum inimigo em que desfechar um golpe de alfanje. Todos eram muçulmanos! Os cristãos os esperavam postados nas casas, em seu interior e em seus terrados planos, de onde disparavam sem parar. Não necessitavam nem apontar! Os homens caíam feridos ou mortos por todas as partes. O cheiro de pólvora e salitre inundava as ruas, e a fumaça dos disparos de arcabuz quase o impedia de ver o que estava acontecendo. Sentiu medo, muito medo. Num instante compreendeu que, como os demais cavaleiros, sobressaía acima de todos: era, pois, um alvo fácil e atraente para os cristãos, além de um estorvo para os mouriscos que disparavam seus arcabuzes e suas setas das ruas para os terrados. Esporeou o cavalo para escapar daquela armadilha, mas o cavalo foi incapaz de abrir caminho entre a multidão. Uma bola de chumbo voou perto de sua cabeça. Hernando ouviu seu silvo cortar o ar. Aguentou sobre o cavalo, rezando abaixado sobre o pescoço do animal. De repente sentiu uma dilacerante dor na coxa direita; uma seta lhe havia acertado acima do joelho. A dor se tornava insuportável quando o exército muçulmano começou a retirar-se. Seu cavalo esteve prestes a cair no chão diante da multidão, que agora empurrava em seu retrocesso. Hernando foi incapaz de dominá-lo, mas milagrosamente o cavalo se virou, girou por si só e saiu da vila por entre o mar de gente.

Aben Humeya insistiu em seus ataques ao longo de toda a noite. No acampamento mourisco, um barbeiro obrigou Hernando a beber água com haxixe. Ele o fez esperar enquanto tratava de outros feridos, para depois cortar a carne de sua coxa, extrair a seta e costurar o ferimento com habilidade. Então ele desmaiou.

Ao amanhecer, Aben Humeya cedeu em seu empenho e ordenou a retirada. Por toda a noite, o marquês dos Vélez soube usar com acerto sua posição estratégica e continuou repelindo os mouriscos. Hernando se somou ao tresloucado galope da corte do rei, com a perna direita pendente, incapaz de calçar o estribo, e os dentes apertados, esforçando-se para não cair. Atrás ficaram quase mil e quinhentos mortos.

– Que o Profeta e a vitória o acompanhem.

Estas haviam sido as palavras com que Fátima se havia despedido dele antes de partir para Berja. Era a despedida devida a um guerreiro!

O exército do marquês dos Vélez não os perseguia – teria sido absurdo que saísse a campo aberto –, e os mouriscos caminhavam combalidos e desanimados para as serras. Ele deixou que o cavalo avançasse a passo, junto com os demais cavalos, e se refugiou na lembrança de Fátima para esquecer a humilhante derrota e a dor pungente que sentia na perna.

Durante os dias posteriores à libertação de Isabel, antes de Aben Humeya decidir atacar Berja, Fátima se tinha aproximado cada vez mais dele, sem rancores nem medos. Aisha cuidava de Humam e de seus filhos, enquanto Brahim, que havia passado pela casa onde morava sua família só para dar notícia de sua existência, continuava em Válor ao lado de Aben Aboo; Barrax desfrutava impudicamente com seus garções, e Ubaid desapareceu no povoado, à espera de ser chamado pelo arrais. Salah se movia compungido por seus trezentos ducados e pelas custosas vestes com que ficara Hernando, sempre atento aos porões em que guardava seu tesouro.

Fátima e Hernando se procuravam, e aproveitavam qualquer momento. Conversavam, passeavam e rememoravam juntos, à luz do dia ou sob as estrelas, roçando-se sempre, os acontecimentos vividos durante os meses anteriores. Em um desses passeios, Fátima se abriu e lhe falou de seu marido, aquele jovem aprendiz a quem havia amado mais como a um irmão que como a um amante.

– Eu me lembro dele em casa desde que era muito pequena. Meu pai ganhou carinho por ele... e eu também. – Fátima olhava para Hernando, como se tentasse dizer-lhe algo com tais palavras. Ele ficou em silêncio, e ela prosseguiu: – Era atencioso, e terno... Foi um bom marido e adorava Humam.

A jovem respirou fundo. Hernando aguardou que continuasse a falar.

– Quando morreu, chorei por ele. Tal como havia chorado antes por meu pai. Mas... – Fátima o olhou de repente; seus olhos negros

pareciam mais intensos que nunca – agora sei que existem outros sentimentos...

Um suave beijo selou suas palavras. Depois, invadidos por uma súbita timidez, ambos voltaram para a casa sem dizer nada. Por alguns instantes se haviam esquecido de Brahim e de seu ameaçador assédio, mas, enquanto caminhavam, o eco de suas iradas palavras ressoou nos ouvidos de ambos. Que seria de Aisha se seu marido viesse a saber que Fátima se havia entregado a Hernando?

No mesmo dia em que se anunciou que o exército partiria para Berja, Fátima levou uma limonada fresca ao lugar onde ele se achava preparando os cavalos. Era a primeira hora da manhã. No ambiente pairava a alegria nervosa do combate iminente. Entre risos, Hernando a montou em seu cavalo, a pelo, notando o tremor de seu corpo ao pegá-la pela cintura para erguê-la sobre o cavalo. Quis ajudá-la a apear, e Fátima aproveitou para deixar-se cair com todo o peso, do alto do animal, em seus braços. Então, agarrada a ele, o beijou. Yusuf se encabulou sem deixar de olhar de soslaio. O rapaz lhe devolveu um beijo apaixonado, apertando-se contra seus seios e sua pélvis, desejando-a e sentindo seu desejo. Mais tarde, atarefado com os preparativos para a partida, não se deu conta de que tanto a moça como sua mãe desapareciam o resto do dia.

Naquela mesma noite, Aisha lhes cedeu o quarto da cama com dossel e foi dormir com as crianças. De dia se havia dedicado a alugar roupas e joias para Fátima, desatendendo a seus leves protestos. Comprou um pouco de perfume e dedicou quase toda a tarde a prepará-la: banhou-a e lavou seu cabelo negro com tintura de alfena misturada com azeite doce de oliva, até que ele adquiriu uma tonalidade avermelhada que cintilava em cada um de seus cachos; depois a perfumou com água de flor de laranjeira. Com a mesma tintura de alfena, tatuou cuidadosamente suas mãos e seus pés, traçando pequenas figuras geométricas. Fátima deixava que o fizesse: algumas vezes sorrindo, outras escondendo o olhar. Aisha limpou seus olhos negros com suco feito de bagas de murta e pó de antimônio, e

depois de fazê-lo a segurou pelo queixo, obrigando-a a ficar parada, até que os grandes olhos negros da moça apareceram claros e brilhantes. Vestiu-a com uma túnica de seda branca bordada de pérolas e aberta dos lados e a enfeitou com grandes brincos, axorcas nos tornozelos e pulseiras, tudo de ouro. Só no momento em que quis colocar-lhe um colar, a moça se opôs com delicadeza a que lhe tirasse a mão de Fátima que adornava seu peito. Aisha acariciou a pequena mão estendida e cedeu. Preparou velas e almofadas. Encheu uma bacia com água limpa e dispôs limonada, uvas, frutos secos e uns doces de mel que havia comprado no mercado.

"Procure não se mexer", pediu-lhe quando Fátima fez menção de ajudá-la. Uma quase imperceptível ponta de tristeza atravessou o semblante da moça.

– Que é que está acontecendo? – preocupou-se Aisha. – Não...? Não está decidida?

Fátima baixou os olhos.

– Sim, claro – disse afinal. – Eu o amo. O que não sei...

– Conte-me.

Fátima ergueu o rosto e se abriu com Aisha.

– Salvador, meu marido, gostava de desfrutar comigo. E eu o comprazia em tudo o que quisesse, mas... – Aisha esperou com paciência. – Mas nunca cheguei a sentir nada. Era como um irmão para mim! Crescemos juntos na oficina de meu pai.

– Isso não lhe acontecerá com Hernando – assegurou Aisha. A moça a interrogou com o olhar, como se quisesse crer em suas palavras. – Você mesma notará! Sim, quando o desejo fizer tremer todo o seu corpo. Hernando não é seu irmão.

Após as orações da noite, Aisha foi buscar o filho no alpendre e o obrigou a acompanhá-la até o andar superior sem lhe dar nenhuma explicação. Salah e sua família viram Aisha insistir em que a seguisse, e depois Barrax e os dois garções os viram passar pela porta aberta da

sala de jantar que usavam para dormir. O arrais soltou um suspiro de pesar.

– Prometeu esperá-lo – disse-lhe Aisha na porta do quarto. Hernando ia dizer algo, mas só conseguiu gesticular desajeitadamente com a mão. – Meu filho, não vou consentir que vocês se deixem de amar por minha culpa. E seria inútil... Entre – indicou-lhe segurando-o pelo pulso e entreabrindo a porta. Antes de fazê-lo, Hernando tentou abraçá-la, mas Aisha se afastou. – Agora não, meu filho. É a ela que deve abraçar. É uma boa mulher... e será uma boa mãe.

Mas não chegou a passar o umbral; parou nele, fascinado. Fátima o esperava em pé, junto às almofadas dispostas por Aisha ao redor da refeição.

– Entre! – sussurrou-lhe sua mãe, empurrando-o para poder fechar a porta.

Uma vez fechada, Hernando voltou a ficar imóvel. As luzes das velas brincavam com as formas de mulher que se adivinhavam através da túnica; as pérolas que orlavam a roupa brilhavam, e também seu cabelo, e o ouro, e as tatuagens de pés e mãos, e seus olhos, tudo envolto naquele limpo perfume de água de flor de laranjeira...

Fátima se adiantou, sorridente, e lhe ofereceu a bacia de água. Hernando se lavou nervoso após conseguir balbuciar um obrigado. Depois, com doçura, ela o convidou a sentar-se. Hernando, aturdido, afastou o olhar dos seios livres que se insinuavam sob a seda, mas tampouco foi capaz de pousá-lo naqueles imensos olhos negros. E se sentou. E se deixou servir. E comeu e bebeu, incapaz de disfarçar o tremor das mãos ou a agitada respiração.

As passas se acabaram. Também os frutos secos e a limonada. Pelos lados abertos da túnica de seda, Fátima lhe mostrava o corpo vezes seguidas, mas Hernando, perturbado, desviava o olhar como se quisesse escapar do momento. Nem sequer era capaz de recordar algo de sua única experiência com mulheres! Ia pegar outro docinho de mel, quando ela sussurrou seu nome:

– Ibn Hamid.

Observou-a diante dele, em pé, erguida. Fátima tirou a túnica. Hernando prendeu a respiração diante da beleza do brilhante corpo que lhe mostrava: seus peitos, grandes e firmes, se mexiam ritmicamente ao compasso de um desejo que a moça não conseguia esconder.

"Você mesma notará", dissera-lhe Aisha.

– Venha – voltou a sussurrar-lhe após alguns instantes em que só se ouviu a entrecortada respiração de ambos os jovens.

Hernando se aproximou. Fátima segurou uma de suas mãos e a levou a seus seios. Hernando os acariciou e beliscou com suavidade um de seus duros mamilos. O leite brotou dele e Fátima ofegou. Hernando insistiu. Um jorro de leite saltou e encharcou seu rosto. Os dois riram. Fátima lhe fez um gesto, e ele abaixou a cabeça para mamar o néctar enquanto deslizava as mãos pela curva de suas costas, até as nádegas, firmes. Então a moça o despiu, percorrendo seu corpo com os lábios, beijando-o doce e ternamente. Hernando estremeceu ao contato dos lábios de Fátima com seu membro ereto. Fátima o levou para o leito. Deitados os dois, ela tentou encontrar aquele prazer que nunca sentira com o marido num Hernando inexperiente que só pretendia montá-la. Recordou um dos conselhos do xeque Nefzawi de Túnis, transmitidos de mulher para mulher, e lho sussurrou ao ouvido, enquanto Hernando, em cima dela, pugnava por introduzir o pênis:

– Só o amarei se você juntar as axorcas de meus tornozelos com meus brincos.

Hernando parou seus embates. Levantou-se e libertou de seu peso o corpo da moça. Que dizia ela? Seus tornozelos nas orelhas? Interrogou Fátima com o olhar, e ela lhe sorriu impudicamente enquanto começava a levantar as pernas. Ele a penetrou com ternura, sempre atento a seus sussurros: devagar, eu amo você, devagar, ame-me... mas, quando seus corpos chegaram por fim a fundir-se num só, Fátima soltou um grito que quebrou o encanto e eriçou os pelos de Hernando. Então seus pedidos se confundiram entre suspiros e arquejos, e Hernando se entregou ao ritmo que marcavam os gemidos de prazer

da moça. Chegaram ao orgasmo ao mesmo tempo e, após entregar-se a seu próprio êxtase, ficaram em silêncio. Ao fim de um tempo, Hernando abriu os olhos e observou o semblante de Fátima por entre suas pernas: mantinha os lábios apertados e os olhos firmemente fechados, como se tentasse reter aquele momento.

– Amo você – disse Hernando.

Ela continuou sem lhe mostrar os lindos olhos negros, mas seus lábios se abriram num sorriso.

– Diga-me outra vez – sussurrou.

– Amo você.

A noite se lhes escapou entre beijos, risos, carícias, brincadeiras e promessas, milhares delas! Fizeram amor outras vezes, e Fátima encontrou por fim o sentido de todas e cada uma daquelas antigas leis do prazer; seu corpo atento ao mais leve dos contatos, seu espírito definitivamente entregue ao gozo dos sentidos. Hernando a seguiu em seu caminho, descobrindo esse imenso mundo de sensações que só podem ser satisfeitas com as convulsões e espasmos do êxtase. E depois, a cada vez, juravam dar um ao outro o universo inteiro.

A derrota de Berja não modificou a situação. Após a batalha, o marquês dos Vélez se retirou para a costa à espera de novas tropas. D. João de Áustria se limitou a reforçar aquartelamentos periféricos: Órgiva, Guadix e Adra, razão por que Aben Humeya continuou dominando as Alpujarras. O rei de Granada conquistou Purchena, onde celebrou uns faustosos jogos. Organizou concursos de danças de casais ou de mulheres, de canto e poesia, de lutas corpo a corpo, competições de salto, de levantamento de peso, de arremesso de pedras e de pontaria, com arcabuzes, bestas ou fundas, em que mouriscos de al-Andalus, turcos e berberes competissem entre si pelo amor das damas, e pelos importantes prêmios que o rei prometeu aos vencedores: cavalos, roupas bordadas de ouro, alfanjes, coroas de louro e dezenas de escudos e ducados de ouro.

E, enquanto tudo isso acontecia, Hernando esticou sua convalescência para desfrutar de seu romance com Fátima em Ugíjar. Aisha e Fátima não seguiam o exército e permaneceram em casa, com Salah e sua família. Apesar de o rei não estar na cidade, Hernando ordenou ao aguazil de Ugíjar que mantivesse um mourisco de guarda nas escadas dos porões: o restante do dinheiro do rei estava ali, e a qualquer momento ele podia retornar à cidade e precisar dele.

Por seu lado, o pequeno Yusuf se ocupava das mulas que ficavam com o exército e lhe mandava recado de sua situação periodicamente. Hernando desfrutava de sua estada na casa. A ausência de Brahim os havia lançado a um ambiente doce: Aisha cuidava dele e lhe mostrava abertamente seu afeto, e Fátima lhe atendia, solícita. Após aquela noite de amor, vivida antes de sua partida para a guerra, suas relações se haviam limitado a olhares carregados de desejo e carícias fugazes.

Aisha disse a ambos assim que o filho regressou de Berja; as mulheres conheciam bem aquelas leis.

– Vocês devem se casar – afirmou, tentando afastar da mente as consequências que tal casamento poderia ter para ela.

Os dois consentiram mutuamente com o olhar; no entanto, Hernando mudou o semblante.

– Não tenho meios para entregar-lhe seu *idaq,* seu *zidaque*... – começou a dizer. Os ducados de Aben Humeya?, pensou então volvendo o olhar para o interior da casa, mas Aisha adivinhou o que passava por sua cabeça.

– Primeiro você deveria pedir permissão ao rei. É o dinheiro dele. Deve procurar como dotá-la porque seu padrasto, que é da sua família, dificilmente contribuirá para isso. Você – indicou dirigindo-se a Fátima – é uma mulher livre. Após a morte de seu marido, você cumpriu os preceitos da nossa lei e guardou os quatro meses e dez dias de *idda* ou *alheda*. E os calculei – acrescentou antes que qualquer dos dois começasse a fazer contas. – Certamente, não cumpriu a obrigação de permanecer na casa de seu marido durante a *idda,* mas a situação não o permitia com o exército do marquês em Terque. Quanto ao *idaq* –

continuou dirigindo-se a Hernando –, você tem aproximadamente três meses para consegui-lo. Vocês se deitaram sem estar casados, razão pela qual só podem se casar depois de ela ter tido três vezes as regras, a não ser que... – Aisha estalou a língua. – Se ela estivesse grávida, vocês só poderiam se casar depois do parto e não poderiam desfrutar do amor durante esse tempo, a lei proíbe. Não encontraríamos nenhuma testemunha que quisesse comparecer ao casamento de uma mulher grávida. Lembre-se, meu filho: você tem três meses para conseguir esse dote.

Fazer amor teria significado adiar o casamento. A primeira menstruação os tranquilizou. A decisão, não por ser dura, deixou de ser simples para ambos: três meses de abstinência.

Quanto ao *idaq,* Hernando pensava em dirigir-se ao rei assim que estivesse totalmente curado da perna. Se alguém podia ajudá-lo, esse alguém não era senão Aben Humeya, o homem que o ensinou a montar e que o presenteou com um cavalo. Porventura não lhe havia demonstrado seu apreço no passado? Ainda que, para seu pesar, tivesse sérias dúvidas com relação a esse afeto. Os rumores sobre a decadência moral em que havia caído o rei chegavam a todos os cantos da serra. O que Hernando ignorava era que o tempo jogava contra ele.

Infelizmente, tais rumores eram verdadeiros: o poder onímodo e o dinheiro que depois recebeu em grandes quantidades haviam convertido o rei num tirano. Aben Humeya foi vencido pela ganância, e não existia fazenda mourisca que ele não saqueasse; vivia na luxúria, tal como gostava, cercado de quantas mulheres quisesse, às quais tomava para si sem nenhuma consideração; como nobre granadino, de estirpe, desconfiava de turcos e berberes; mentia, enganava e se comportava cruelmente com os que tinha a seu serviço. Sua forma de agir já lhe havia custado a inimizade pública de vários de seus melhores capitães: o Nacoz em Baza, Maleque em Almuñécar, Gironcillo em Vélez, Garral em Mojácar, Portocarrero em Almanzora e, naturalmente, Farax, seu adversário pela coroa.

Mas teve de ser uma mulher quem arruinaria a esplendorosa vida de Aben Humeya. O rei se enrabichou pela viúva de Vicente de Rojas, irmão de Miguel de Rojas, seu sogro, a quem havia mandado assassinar em Ugíjar antes de divorciar-se de sua primeira esposa. A viúva era uma mulher de grande beleza, excepcional dançarina que, além disso, tocava com mestria alaúde. Conforme o costume, após a morte de seu marido a pretendeu seu primo Diego Aguacil, do clã dos Rojas, silencioso inimigo do rei. Aben Humeya entreteve Diego Aguacil com viagens e encargos por todas as Alpujarras, até que, após voltar de uma delas, viu que o rei havia forçado à viúva e a mantinha junto a ele como a uma vulgar manceba.

Diego Aguacil, humilhado, urdiu um plano para acabar com Aben Humeya, que se encontrava então em Laujar de Andarax.

O rei não sabia escrever, razão por que todas as ordens que dava a seus capitães espalhados por todas as Alpujarras eram escritas e até assinadas com o nome do rei por um sobrinho de Aguacil, aparentado portanto com os Rojas.

Por aquela época, Aben Humeya se havia livrado dos incômodos e arrogantes turcos e berberes mandando-os combater com o exército de Aben Aboo, nos arredores de Órgiva. Por meio de seu sobrinho, Diego Aguacil soube de uma carta que o rei dirigia a Aben Aboo. Interceptou o mensageiro, o matou e, em cumplicidade com o sobrinho, escreveu outra carta em que o rei ordenava a Aben Aboo que, utilizando as tropas mouriscas, degolasse todos os turcos e berberes que estavam com ele.

Foi o próprio Diego Aguacil quem levou essa carta a Aben Aboo, que não pôde reprimir a ira dos turcos, principalmente a de Huscein, Caracax e Barrax. Aben Aboo, Brahim com ele, Diego Aguacil, turcos e arrais foram às pressas para Laujar de Andarax, onde encontraram Aben Humeya na pousada do Cotón.

Nenhum dos trezentos mouriscos que formavam a guarda pessoal de Aben Humeya impediu o acesso de Aben Aboo e de seus acompanhantes à pousada. Já em seu interior, outro corpo de guarda

seleta, composta por vinte e quatro arcabuzeiros, permitiu que os turcos abrissem a pontapés a porta do quarto do rei. Tal era o ódio que Aben Humeya havia granjeado entre seus mais próximos seguidores.

Aben Aboo, turcos e berberes surpreenderam o rei na cama, acompanhado de duas mulheres, uma delas a viúva do clã dos Rojas.

Aben Humeya negou o conteúdo da carta, mas sua sorte já estava lançada. Aben Aboo e Diego Alguacil enrolaram uma corda em seu pescoço e, cada um por um lado, a puxaram até estrangular o rei. Depois dividiram entre si suas mulheres, as duas que compartilhavam o leito e outras tantas que ele levava consigo, bem como as muitas riquezas pessoais que o rei entesourava junto a si.

Antes de morrer, Fernando de Válor, rei de Granada e de Córdova, apostatou da Revelação do Profeta e clamou que falecia na fé cristã.

19

"Não podia desejar mais nem contentar-me com menos." Esse foi o lema que Aben Aboo, que se proclamou novo rei de al-Andalus, estampou em seu novo estandarte vermelho. O monarca foi apresentado ao povoado vestido de escarlate, como seu antecessor, com uma espada nua na mão direita e o estandarte na esquerda. À exceção de Portocarrero, todos os capitães inimistados com Aben Humeya juraram obediência ao novo rei, que elevou os turcos aos mais altos postos de seu exército. O dinheiro e as cativas acumuladas por Aben Humeya foram imediatamente enviados a Argel para comprar armas, que depois Aben Aboo dividiu a baixo preço entre os mouriscos até conseguir reunir um exército composto de seis mil arcabuzeiros. Independentemente da divisão dos butins, estabeleceu um soldo mensal de oito ducados para turcos e berberes, e a comida para os mouriscos. Nomeou novos capitães e aguazis, entre os quais repartiu o território das Alpujarras, e ordenou que as atalaias estivessem permanentemente em funcionamento, com sinais de fumaça de dia ou fogos de noite, para comunicar qualquer incidente e impedir a passagem de qualquer pessoa que não pertencesse ao exército. O castrado Aben Aboo estava disposto a conseguir o que seu volúvel antecessor não havia conseguido: vencer os cristãos.

Hernando recebeu a notícia da execução de Aben Humeya. As pernas lhe tremeram e um suor frio correu por suas costas ao saber o nome do novo rei: Aben Aboo. Salah, que também escutava o mensageiro, entrefechou os olhos e mediu mentalmente a troca de poder.

Hernando foi buscar Aisha e Fátima, que se achavam na cozinha preparando a refeição com a esposa do mercador.

– Vamos embora! – gritou-lhes. – Vamos fugir!

Aisha e Fátima o olharam surpresas.

– Ibn Umayya foi assassinado – explicou atropeladamente. – Ibn Abbu é o novo rei, e com ele... Brahim! Virá buscar-nos. Virá buscar Fátima! É o lugar-tenente do rei, seu amigo, seu homem de confiança.

– Brahim é meu marido – sussurrou Aisha interrompendo-o. Depois olhou para Fátima e para seu filho e se apoiou, aturdida, numa das paredes da cozinha. – Fujam vocês.

– Mas se o fizermos – interveio Fátima – Brahim... vai matar você!

– Venha conosco, mãe. – Aisha negou com a cabeça, com as lágrimas já brotando de seus olhos. – Mãe... – voltou a pedir.

O rapaz se aproximou dela.

– Não sei o que Brahim vai fazer: se me matará ou não se não os encontrar comigo – murmurou Aisha, tentando controlar o pânico que lhe embargava a voz –, mas o que sei é que morrerei em vida se vocês não fugirem. Não poderia suportar ver vocês... Fujam, eu imploro. Fujam para Sevilha ou para Valência... para Aragão! Fujam desta loucura. Eu tenho outros filhos. São filhos dele. Talvez... talvez não passe das pancadas. Não pode me matar! Não fiz nada de errado! A lei o proíbe. Não pode me culpar pelo que vocês façam...

Hernando tentou abraçá-la. Aisha mudou a voz e se ergueu opondo-se ao abraço.

– Não pode me pedir que abandone seus irmãos. Eles são mais novos que você. Precisam de mim.

Hernando balançou a cabeça diante da imagem do que poderia acontecer à sua mãe pela ira de Brahim. Aisha procurou a ajuda de Fátima e lhe suplicou com o olhar. A moça entendeu.

– Vamos – afirmou resolutamente. Empurrou Hernando para fora da cozinha, mas, antes de deixá-la, se virou e lançou um triste olhar para Aisha, que lhe respondeu com um sorriso forçado. – Prepare tudo – urgiu ela já fora da cozinha. – Rápido! – insistiu. Teve de sacudi-lo pelos ombros diante da comoção do rapaz, que mantinha os olhos fitos em Aisha. – Eu me ocuparei de Humam.

Preparar tudo? Viu Fátima pegar seu menino nos braços. Que havia para preparar? Como chegar até Aragão? E sua mãe? Que seria dela?

– Não a ouviu? – insistiu Aisha no umbral da porta da cozinha. Hernando fez menção de voltar para ela, mas Aisha foi contundente: – Fuja! Não se dá conta? Primeiro matará você. No dia em que tiver filhos entenderá minha decisão, a decisão de uma mãe. Vá!

"Não podia desejar mais nem contentar-me com menos." Brahim, elevado ao poder pelo homem a quem salvou de uma morte certa, saboreou aquele lema e o que significava para ele.

Hernando foi capturado no porão, junto de Salah, enquanto se apropriava do dinheiro que restava dos trezentos ducados que o mercador lhe entregara. Ele e Fátima necessitariam dele mais que o malogrado Aben Humeya. Do porão, ouviram os gritos dos soldados enviados por Brahim ao irromper na casa, e ficaram paralisados. Depois, após alguns instantes de confusão, ouviram os passos daqueles homens que desciam em tropel pelas escadas que levavam até os tesouros do mercador.

Alguém abriu a porta entrefechada com um forte pontapé. Cinco homens chegaram ao porão com as espadas desembainhadas. Aquele que parecia mandar ia dizer algo, mas emudeceu à vista dos objetos sacros que se amontoavam em seu interior; os demais, após ele, tentavam perscrutar na penumbra.

Crucifixos, casulas bordadas em ouro, a imagem de uma Virgem, alguns cálices e outras peças descansavam aos pés de Aben Aboo. Junto a elas, Hernando e Salah manietados, e atrás Fátima e Aisha. Ao contrário de Aben Humeya, o novo rei não seguia protocolo algum e escutou Brahim ali onde se encontraram: numa estreita ruela de Laujar de Andarax com uma comitiva de turcos e capitães aglomerados ao redor dele. Os soldados que acompanhavam Brahim haviam deixado cair no chão com grande estrépito os objetos que tinham tomado do porão do mercador.

Antes que se silenciasse o tintinar de um cálice que continuava rolando sobre as pedras, Salah choramingou e tentou desculpar-se. O próprio Brahim o fez calar com um golpe dado com a culatra de seu arcabuz; da boca do mercador começou a manar um filete de sangue. Hernando olhava diretamente para Aben Aboo, muito mais gordo e flácido que quando o conhecera na festa nupcial em Mecina. Às janelas e sacadas das pequenas casas caiadas de dois andares assomavam mulheres e crianças.

– É esta a mulher de que tanto você me falou? – perguntou o rei apontando para Fátima. Brahim assentiu. – É sua, portanto.

– Vou desposá-la – disse então Hernando. – Ibn Umayya... – Esperou o golpe de Brahim, mas não chegou. Deixaram-no falar: – Ibn Umayya me deu sua mão e vamos nos casar – gaguejou.

Mais de uma vintena de pessoas, incluído o rei, tinham o olhar fito nele.

– A lei... a lei diz que, tratando-se de uma viúva, ela tem de consentir em casar-se com Brahim – acrescentou Hernando.

– E o fez – afirmou Aben Aboo, numa demonstração de cinismo. – Eu a vi consentir. Todos o vimos, não?

A seu redor se produziram expressões e gestos de assentimento.

Instintivamente Hernando se virou para Fátima, mas agora Brahim lhe deu uma bofetada, e o rosto da moça se apagou numa visão fugaz.

– Porventura você duvida da palavra de seu rei? – inquiriu Aben Aboo.

Hernando não respondeu: não havia resposta. O rei tenteou com o pé a figura da Virgem, enojado.

– O que significa tudo isto? – acrescentou, dando por encerrada a questão de Fátima.

Brahim pôs o rei a par dos objetos que os soldados haviam achado nos porões da casa de Salah. Finalizado o relato, Aben Aboo entrecruzou os dedos das mãos e com os indicadores estendidos sobre o nariz pensou por alguns instantes, sem afastar o olhar daqueles tesouros cristãos.

– Seu padrasto – afirmou um momento depois, dirigindo-se ao rapaz – sempre afirmou que você era cristão. Chamam-no de nazareno, não é verdade? Agora entendo por que Ibn Umayya o protegia: o cão herege morreu encomendando-se ao Deus dos *papaces*. Quanto a você... – prosseguiu apontando para Salah. – Matem os dois! – ordenou de repente, como se o incomodasse a situação. – Espetem-nos na praça e assem seus corpos antes de entregá-los aos animais.

Salah caiu de joelhos e gritou suplicando misericórdia. Brahim voltou a bater nele. Hernando nem sequer prestava atenção à sentença. Fátima! Era preferível morrer a vê-la nas mãos de Brahim. Que podia importar-lhe a vida se Fátima...?

– Compro o jovem!

A oferta sacudiu Hernando. Levantou o rosto e se ergueu para deparar com Barrax, que havia dado um passo à frente. Muitos dos presentes sorriram sem rebuço.

Aben Aboo voltou a pensar. O nazareno merecia morrer; constava-lhe que seu lugar-tenente assim o desejava, mas uma das causas da desgraça de Aben Humeya residia em não ter contentado os turcos e os arrais. Não desejava cometer o mesmo erro.

– De acordo – consentiu. – Fale com Brahim para determinar o preço. O cristão lhe pertence.

Tal como ele havia levado Isabel: assim percorreu Hernando as ruelas de Laujar até o acampamento do arrais e suas tropas, arrastando os pés atrás de vários berberes de Barrax. Perdeu um de seus calçados, mas continuou andando. Assim como arrastava os pés, arrastava suas lembranças. Que seria de Fátima? Fechou os olhos em um vão esforço por tentar afastar de si a imagem de Brahim montando sobre Fátima. Que faria ela? Não podia opor-se, mas... e se o fizesse? Um forte puxão da corda que atava suas mãos o obrigou a continuar; havia parado. Cambaleou. Alguém cuspiu nele junto com um grito de nazareno. Desviou o olhar para o mourisco: não o conhecia. Tampouco o seguinte, alguns passos adiante, o qual o chamou de cão herege. Ao

dobrar uma esquina, vários mouriscos zombaram dele diante de umas mulheres com que conversavam. Um deles entregou uma pedra a um menino de não mais de cinco anos para que a atirasse nele. Bateu sem força em seu quadril, e o grupo inteiro animou o garoto. Hernando parou de pensar em Fátima e se lançou sobre os mouriscos. A corda escorregou das mãos do desprevenido homem de Barrax. Hernando se abalançou sobre o mais próximo, que trocou as gargalhadas por um grito de pânico antes de ser derrubado. Tentou bater nele, mas não o conseguiu com as mãos amarradas. O homem lutou para se safar dele com os braços, e Hernando o mordeu com força, tomado de uma raiva incontrolável. Os sequazes de Barrax o levantaram sem contemplação; Hernando se ergueu, desafiador, a boca manchada de sangue, disposto a brigar, mas os berberes não só não o maltrataram, mas o defenderam dos outros mouriscos; apareceram alfanjes e adagas, e os dois grupos se mediram.

– Se têm alguma reclamação – proferiu um dos berberes –, vão procurar Barrax. É escravo dele.

Os mouriscos baixaram as armas diante do nome do arrais, e Hernando cuspiu a seus pés.

A partir de então, tentando não machucá-lo, como se fosse uma valiosa mercadoria, os berberes o levaram no alto; quatro deles foram necessários diante dos pontapés, uivos e mordidas que lançava.

No acampamento de Barrax o amarraram a uma árvore. Hernando continuou gritando, insultando a todos. Só se calou no momento em que Ubaid se aproximou e se plantou diante dele, acariciando o coto de seu pulso direito.

– Afaste-se dele, maneta! – ordenou-lhe um soldado. Quando Hernando exigiu de Barrax que Ubaid abandonasse a casa de Ugíjar, as contendas entre eles haviam corrido de boca em boca. – Este rapaz é intocável – advertiu-o o soldado.

Os lábios de Ubaid desenharam três palavras mudas: “Vou matar você.”

– Faça-o! – desafiou-o Hernando.

– Fora daqui! – gritou por sua vez o soldado, afastando o arrieiro maneta com um empurrão.

A festa de casamento e o dote da noiva. Esse foi o preço que Brahim acordou com Barrax pela compra de seu enteado. O arrais exigiu que no acordo se incluísse o alfanje de Hamid; havia verificado a delicadeza com que o rapaz acariciava a espada, razão por que pensava em presenteá-lo com ela assim que ele se submetesse a ele, coisa de que não duvidava. Todos o faziam! Milhares de jovens cristãos viviam regaladamente em Argel, como garções de turcos e berberes, depois de renegar e converter-se à verdadeira fé.

– Leve-a – respondeu-lhe Brahim. – Fique com suas roupas! Leve tudo o que lhe pertence. Não quero nada que possa lembrar-me de sua existência... já me basta a mãe dele. – Brahim entrefechou os olhos e meditou por alguns instantes. Seus dias de arrieiro haviam terminado: agora era o lugar-tenente do rei de al-Andalus e já tinha um bom butim em ouro. – Necessito de uma mula branca para a noiva, a mais bela que exista nas Alpujarras. Troco com você minha récua de mulas por um exemplar como esse. Você vai fazer um bom negócio – indicou ao arrais enquanto este pensava. – Você pode encontrar mulas brancas em muitos povoados das Alpujarras. Talvez aqui mesmo. Eu não tenho tempo para me ocupar desses detalhes.

Alguns dias depois de ter aceitado o trato que lhe propusera Brahim, Barrax se aproximou da árvore a que estava amarrado Hernando e lhe mostrou uma linda mula branca comprada por Ubaid num povoado próximo. Por ordem do arrais, o rapaz estava ali, preso, sem comida, alimentado apenas à base de água. Hernando se negava a responder às palavras de seu dono.

– Nela montará sua amada para entregar-se a seu padrasto – disse-lhe Barrax acariciando o pescoço da mula. Hernando, com os olhos afundados e arroxeados, com o azul de suas íris desvanecido, observou o animal. – Renegue e entregue-se a mim – insistiu ainda Barrax.

O rapaz fez o sinal da cruz ostensivamente. Professar a fé... professar a fé seria o primeiro passo para cair em poder do arrais. Que absurdo! O velho Hamid teve de convencer os seus vizinhos de Juviles de que ele era um verdadeiro muçulmano e agora... agora ele tinha de fingir que era um cristão para não cair em poder de Barrax... ou o era de fato? Que era ele? Tampouco teve ânimo para pensar no assunto; agora tinha de defender seu cristianismo. O arrais, imponente como era, franziu o cenho, mas continuou falando com tranquilidade.

– Você perdeu tudo, Ibn Hamid: o favor do rei, sua amada... e a liberdade. Estou lhe oferecendo uma nova vida. Transforme-se num de meus "filhos" e triunfará em Argel; eu bem o sei, eu pressinto. Você vai viver bem, não lhe faltará nada, e na hora certa se tornará um corsário tão importante como eu; talvez mais, sim, provavelmente mais. Eu o ajudarei. O príncipe dos corsários, Jayr ad-Din, nomeou capitão-general seu garção, Hasan Agá; depois o sucedeu como bei Dragut, o indomável, que também foi garção de Jayr ad-Din, e a este nosso grande Uluch Ali, por sua vez garção de Dragut. Eu mesmo... Não entende? Eu lhe ofereço tudo, quando você não tem nada. – Hernando tornou a fazer o sinal da cruz. – Você é meu escravo, Ibn Hamid. Consideram-no cristão. Você vai ceder, e, se não o fizer, remará para mim como galeote e se arrependerá de sua decisão. Esperarei, mas leve em consideração que o tempo passa para você e que sem juventude... Não quero forçar seu corpo, tenho quantos possa desejar: meninos ou mulheres; quero você ao meu lado, disposto a tudo. Pense nisso, Ibn Hamid. Soltem-no da árvore! – ordenou a seus homens de repente, o olhar cravado nos afundados olhos de Hernando –, ponham-lhe grilhões nos tornozelos, e que trabalhe. Se vai comer, ao menos que o pague com trabalho. Você! – acrescentou dirigindo-se a Ubaid, sabendo perfeitamente do ódio que existia entre ele e Hernando. – Responderá com sua vida se algo suceder a ele, e lhe asseguro que sua morte será muito mais lenta e dolorosa que a que você poderia dar a ele. Olhe bem esta mula branca – terminou por dizer a Hernando antes de virar-

se com o animal –, com ela terminam suas esperanças e ilusões em al-Andalus.

Aisha preparou Fátima na mesma pousada em que residiam Brahim e Aben Aboo, no quarto que lhes cedeu um dos capitães turcos. Brahim as acompanhou até o cômodo.

– Mulher – gritou dirigindo-se a Aisha, mas despindo Fátima com o olhar –, é meu desejo que ela seja a mais bela das noivas que já contraíram matrimônio em al-Andalus. Prepare-a. Quanto a você, Fátima, não tem parentes, motivo pelo qual o rei se prestou a ser seu padrinho de casamento. É viúva. Tem de dar poderes a um *wali* ou *algualí* para que possa entregá-la. Consente nisso?

Fátima se manteve em silêncio, cabisbaixa, lutando contra a angústia que lhe provocava seu futuro.

– Vou dizer-lhe uma coisa, moça: você vai ser minha. Pode sê-lo como minha segunda esposa ou como minha serva. Você tinha de saber o que se escondia nos porões do mercador, e com toda a certeza se calou diante das práticas cristãs do nazareno, se é que não as compartilhou... junto com seu filho! – Fátima tremeu. – Diga: você permite que o rei a entregue em matrimônio? – Ela anuiu em silêncio. – Lembre-se bem do que lhe disse. Se no pedido de mão você não consentir, ou se opuser às exortações, seu filho e o nazareno morrerão como o mercador: esse foi o trato que fiz com o arrais. Se não consentir, ele me devolverá o cão nazareno e eu mesmo o espetarei na praça junto com seu filho.

Fátima teve uma ânsia de vômito ao pensar em Humam e Hernando espetados num assador tal qual como o tinha sido Salah. Brahim as havia obrigado a presenciá-lo: o mercador guinchava tal como faziam os porcos ao serem sacrificados pelos cristãos. Seu obeso corpo, nu, de quatro, foi imobilizado por vários mouriscos para que outro deles lhe cravasse uma lança pelo ânus. As pessoas rebentaram em aplausos quando os guinchos de pânico se converteram em uivos de dor: uns uivos que foram diminuindo à medida que a lança,

empurrada por um par de soldados, perfurava o corpo de Salah até a ponta sair pela boca do mercador. Quando o penduraram no assador para que desse voltas sobre as brasas, cercado por um grupo de garotos alvoroçados, o mercador já havia falecido. O cheiro de carne assada inundou as cercanias da praça de Laujar durante todo um dia até acabar impregnando roupas e penetrando as casas.

Brahim sorriu e deixou o cômodo.

Contudo, Fátima não se deixou lavar.

– Porventura você acha que ele vai notar? – indicou a Aisha com a voz alquebrada, diante da insistência da mulher para que aceitasse as abluções. – Não quero ir limpa para este matrimônio.

Aisha não discutiu: a moça estava se sacrificando por Hernando. Baixou os olhos.

Fátima também lhe pediu que não repetisse o desenho das tatuagens que lhe fizera na noite em que se entregara a Hernando, e se opôs a ser perfumada com água de flor de laranjeira. Aisha saiu da pousada e encontrou óleo de jasmim para substituir a flor de laranjeira. Depois, a contragosto, a adornou com as joias que Brahim lhes havia feito chegar, com a mensagem de que seriam usadas só para o casamento e de que não faziam parte do dote. Aproximou-lhe um colar, e a moça fez menção de arrancar o amuleto de ouro que pendia de seu pescoço, mas Aisha o impediu pondo a mão em cima da alfaia.

– Não renuncie à esperança – disse-lhe, ao mesmo tempo que apertava aquele símbolo contra seu peito.

Foi a primeira vez que Fátima chorou.

– Esperança? – balbuciou. – Só a morte me dará esperança... uma longa esperança.

O pedido de mão foi feito na própria pousada, num pequeno e frio jardim interior, diante do rei na condição de *wali* e na presença da variegada corte que o acompanhava. Dalí, capitão-general dos turcos, e Husayn atuaram como testemunhas. Brahim se apresentou e, conforme o ritual, pediu a Aben Aboo a mão de Fátima, o qual lha deu. Depois

vieram as exortações, dirigidas por um velho alfaqui de Laujar. Fátima, em sua condição de viúva, teve de responder a elas pessoalmente e jurou que não existia outro Deus além de Deus, e que, pelas palavras do Corão, respondia com verdade às perguntas que lhe faziam: queria ser casada honradamente e conforme a Suna do Profeta.

– Se bem juram – terminou o alfaqui –, Alá é testemunha, e que Ele lhes dê a sua graça. Igualmente, se mal juram, que Alá os destrua e não lhes dê a sua graça.

Antes que o rei começasse a ler a trigésima sexta sura do Corão, Fátima ergueu os olhos para o céu: "Que Alá nos destrua", repetiu em silêncio.

Os pés tatuados com tintura de alfena foram a única coisa que se pôde ver de Fátima no lombo da mula branca que avançava conduzida pela corda por um escravo negro; a noiva ia montada de lado, vestida com uma túnica também branca que a cobria da cabeça para baixo. Desse modo, aplaudida e estimulada por milhares de mouriscos, Fátima percorreu o povoado para voltar para a pousada. De volta a ela, subiu para o quarto de Brahim, e no leito, sem falar, a cobriram com o lençol branco de preceito, debaixo do qual devia permanecer de olhos fechados. Enquanto o enlace era celebrado com música e zambras nas ruas, Fátima percebeu o vaivém de dezenas de pessoas pelo quarto. Apenas uma vez levantaram o ligeiro manto que a protegia.

– Entendo seu desejo – ouviu que dizia com um suspiro Aben Aboo, que havia levantado o lençol mais do que era necessário para observar o rosto. – Desfrute-a por mim, amigo, e que Alá o premie com muitos filhos.

Ao terminarem as visitas, Fátima se sentou sobre as almofadas do chão e fechou a mente para seu encontro próximo com Brahim; não deu atenção aos desavergonhados e insistentes conselhos das exultantes mulheres que ficaram com ela; rejeitou toda a comida que lhe ofereceram e, durante a espera, ao ouvir a música que lhe chegava das ruas, tentou encontrar alguma lembrança em que se refugiar, mas

cantavam por causa dela! Celebravam seu casamento com Brahim! A imagem de Aisha, sentada diante dela do outro lado de um braseiro, imóvel, com os olhos úmidos e o pensamento perdido naquele filho que tinham acabado de escravizar, não lhe proporcionou consolo. Aferrou-se então à única coisa que parecia sossegá-la: a oração. Rezou em silêncio, como fazem os condenados; recitou todas as preces que sabia e deixou que seus temores se fundissem com as rezas. Era uma fé desesperada, mas sua força crescia a cada palavra, a cada invocação.

Passada a meia-noite, o revoo das mulheres lhe anunciou a chegada de Brahim ao quarto. Uma delas lhe retocou o cabelo e lhe ajeitou a túnica sobre os ombros. Ela recusou-se a virar o rosto para a porta pela qual se apressavam a sair as mulheres e cravou o olhar no braseiro. "Morte é esperança longa", sussurrou então de olhos fechados, mas ela não estava se encaminhando para a morte. Que esperança podia achar então? O estalido do trinco calou cânticos e dulcianas, e Fátima chegou a escutar a respiração agitada de Brahim atrás dela. A jovem estremeceu.

– Mostre-se para seu marido – ordenou o arrieiro.

Fraquejaram-lhe as pernas ao tentar levantar-se. Ela o conseguiu e se virou para Brahim.

– Dispa-se – ofegou ele então, aproximando-se.

Fátima se ergueu tremendo; faltava-lhe o ar! Sentiu o hálito fétido do arrieiro. Com o queixo recoberto de uma barba gordurosa, Brahim fez um gesto para a túnica. Os dedos de Fátima lutaram desajeitadamente com os nós até que a túnica escorreu de seus ombros e ela ficou nua diante dele, que se recreou examinando com lascívia aquele corpo que ainda não havia feito catorze anos. Ele estendeu uma mão calosa para seus seios transbordantes, e Fátima soluçou e entrefechou os olhos. Então notou como ele apalpava seus seios, arranhando a delicada pele destinada ao repouso da cabeça de Humam, antes de beliscar um dos mamilos. Em silêncio, com as pálpebras firmemente apertadas, ela se encomendou a Deus e ao Profeta, a todos os anjos... Do mamilo começou a sair leite em forma

de gotas que escorriam pelos dedos de Brahim. Sem deixar de apertá-lo, Brahim cravou os dedos da outra mão na vulva da moça e os introduziu na vagina antes de derrubá-la sobre as almofadas e penetrá-la com violência.

As zambras e a música, a algazarra e os gritos das ruas de Laujar acompanharam Fátima ao longo de uma noite interminável, durante a qual Brahim saciou seu desejo diversas vezes. Fátima aguentou em silêncio. Fátima obedeceu em silêncio. Fátima se submeteu em silêncio. Só chorou, pela segunda e última vez naquele dia, quando Brahim mamou em seus peitos.

20

No final de outubro, no comando de dez mil homens, Aben Aboo atacou Órgiva, a maior praça sob controle cristão das terras alpujarrenhas. Após alguns embates iniciais que os aquartelados repeliram, o rei se dispôs a rendê-la por fome e sede.

A inatividade que o assédio implicava semeou o tédio no acampamento mourisco. Hernando, agrilhoado pelos tornozelos, seguiu o exército junto com o restante dos inúteis e fez o caminho para Órgiva montado na Velha: de lado, como uma mulher, sendo cravado pelos mil ossos que a famélica mula exibia, como pretendera Ubaid ao dizer-lhe que montasse nela. Durante o trajeto foi constante objeto de escárnio por parte das mulheres e da criançada que acompanhava o exército. Só Yusuf, que havia seguido as mulas como se fizesse parte do trato entre Brahim e o arrais, lhe mostrava simpatia e espantava as crianças que se aproximavam para rir-se dele, sempre que Ubaid não estivesse alerta. Apesar da incomodidade e da vergonha, tentou, sem sucesso, enxergar Fátima ou sua mãe no caminho, entre as pessoas. Não conseguiu encontrá-las senão alguns dias depois de que se instalaram nos arredores da cidade.

– Humilhem-no – ordenou Barrax a seus dois garções. – Não o maltratem se não for imprescindível. Humilhem-no na presença de capitães, janízaros e soldados, mas sobretudo dessa mourisca. Consigam que perca o orgulho. Consigam que esqueça essa masculinidade que o cega.

No acampamento, os dois garções vestiram Hernando com uma delicada túnica de seda verde e uns bombachos da mesma cor adornados com pedraria, roupas todas que pertenciam ao garção de mais idade. Hernando tentou opor-se, mas a ajuda de vários berberes

ociosos que se divertiram despindo-o e vestindo-o tornaram inúteis os seus esforços. Tentou arrancar a roupa, mas lhe amarraram as mãos na frente. Amarrado, agrilhoado e vestido de seda verde, os garções quiseram fazê-lo passear pelo acampamento, entre tendas, soldados e mulheres cozinhando.

Só tinham dado alguns poucos passos quando Hernando se deixou cair no chão. O mais velho dos garções lhe bateu várias vezes na cabeça com uma vara fina que ele levava consigo, mas só conseguiu que Hernando oferecesse o rosto.

– Bata! – desafiou-o.

Soldados, mulheres e crianças observavam a cena. O garção ergueu a vara, mas, no momento de dar um novo golpe, o mais novo deles, vestido com seu cafetã de linho vermelho-sangue, o deteve.

– Espere – disse-lhe, ao mesmo tempo que lhe piscava um olho.

Então se ajoelhou junto a Hernando e lhe lambeu a face. Após alguns instantes de silêncio e diante do semblante enfurecido de Hernando, alguns dos curiosos aplaudiram e gritaram, e outros vaiaram. Muitas mulheres mostraram sua desaprovação com gestos e insultos, enquanto as crianças se limitavam a olhar com os olhos demasiadamente abertos. O mais velho dos garções rebentou em gargalhadas, a vara já suspensa, e o outro respondeu passando a língua da face até o pescoço, ao mesmo tempo que apalpava com a mão direita a entreperna de Hernando, que se revolveu ao mero contato, ainda que, amarrado como estava, lhe tenha sido de todo impossível safar-se do manuseio. Tentou morder o garção, e tampouco o conseguiu. Só escutava gritos e risos. O garção mais velho se aproximou também, sorrindo.

– Basta! – gritou então Hernando. – Está bem!

Os dois rapazes o ajudaram a levantar-se segurando-o pelas axilas e continuaram seu passeio.

Perambulou pelo acampamento o mais rápido que lhe permitia a corrente que lhe unia os tornozelos. Não demoraram a topar com Aisha e Fátima, cujos rostos estavam ocultos pelo véu. Ele as

reconheceu sem necessidade de reparar em Humam e Musa, a seu lado. Seu meio-irmão correu para unir-se à criançada que acompanhava a comitiva. Não foi um encontro casual: os garções se haviam dirigido à tenda de Brahim cumprindo ordens de Barrax.

Hernando, envergonhado e humilhado, baixou o olhar para os ferros dos tornozelos. Fátima também escondeu a seu, ao mesmo tempo que Aisha explodia em pranto.

– Olhem-no, mulheres! – A voz de Brahim, em pé na entrada de sua tenda, troou por cima de risos, murmúrios e comentários. Hernando ergueu a cabeça instintivamente, no exato momento em que Fátima e sua mãe obedeciam a seu marido, e seus olhares se encontraram, vazios todos. – Isso é o que merecem os nazarenos! – riu Brahim.

– Tentará fugir – advertiu Barrax o chefe de sua guarda e os garções naquela mesma noite, depois de o rapaz ter sido mostrado a todo o exército como mais um dos amantes do arrais. – Talvez esta noite, talvez amanhã ou dentro de alguns dias, mas ele tentará. Não o percam de vista, deixem-no fazer e avisem-me.

E tal aconteceu ao fim de três dias. Após fazê-lo passear novamente pelo acampamento, os garções o conduziram à acéquia em que as mulheres lavavam a roupa e ali o obrigaram a lavar a de Barrax. Já bem entrada a noite, sem lua e sem importar-lhe se os guardas vigiavam ou não, Hernando se arrastou por debaixo das mulas, com as mãos e os pés amarrados, até dar com um pequeno barranco pelo qual se lançou sem pensar. Rolou pela encosta e se chocou contra pedras, arbustos e galhos. Não sentiu dor. Não sentia nada. Depois, sobre cotovelos e joelhos, seguiu o curso da canhada na escuridão. Arrastou-se com maior afã à medida que os sons do acampamento iam ficando atrás. Então começou a rir, nervosamente. Ia conseguir! De repente se chocou com umas pernas. O arrais se erguia no centro da canhada.

– Eu o adverti de que meu navio se chamava *O Cavalo Veloz* – disse-lhe Barrax com voz tranquila. Hernando deixou cair a cabeça como um peso morto sobre a areia. – Poucas naus espanholas

escaparam de mim depois que fixei meu objetivo nelas. Você tampouco o conseguirá, rapaz. Nunca!

Aben Aboo derrotou o exército do duque de Sesa, que acorreu em defesa de Órgiva. A vitória proporcionou aos mouriscos o controle das Alpujarras, desde as serras até o Mediterrâneo, bem como de importantes lugares próximos da própria capital do reino de Granada, como Güejar e muitas outras localidades mais afastadas, Galera entre elas, de onde os cristãos temeram que a rebelião se estendesse até o reino de Valência.

Diante desse perigo, o rei Felipe II ordenou a expulsão do reino de Granada de todos os mouriscos do Albaicín e, pela primeira vez desde a insurreição, declarou guerra a ferro e fogo. Concedeu total liberdade a todos os soldados que participassem da luta sob sua bandeira ou estandarte para que tomassem todos os móveis, dinheiro, joias, gado e escravos que capturassem do inimigo. Também eximiu os soldados do pagamento do quinto real sobre o butim, como incentivo para obter homens.

Em dezembro, meses depois de ter sido nomeado capitão-general, D. João de Áustria obteve permissão de seu meio-irmão, o rei Felipe II, para entrar pessoalmente em combate. O príncipe organizou dois poderosos exércitos para atuar ao modo de pinça sobre os mouriscos: um sob seu comando, e que entraria pelo oriente, por terras do rio Almanzora, e o outro sob as ordens do duque de Sesa, que atacaria pelo ocidente, pelas Alpujarras. O marquês dos Vélez continuava guerreando por sua conta com suas poucas tropas.

Enquanto isso, da Berbéria continuavam chegando armas e reforços para os sublevados.

Os cristãos recuperaram Güejar, e D. João, no comando dos terços de Nápoles e de quase meio milhar de cavaleiros que se uniram a ele, se dirigiu para pôr cerco à praça forte de Galera, no alto de um cerro, onde encontrou as cabeças de vinte soldados e de um capitão das tropas do marquês dos Vélez enfiadas, todas, em lanças na torre da

torre principal do castelo. Apesar da experiência dos velhos soldados e da artilharia expressamente trazida da Itália, o exército do príncipe teve numerosas baixas, mortes que, após a sofrida e custosa vitória das forças cristãs, pagaram aos mouriscos de Galera com sua execução em massa na presença do próprio D. João de Áustria, que depois ordenou a destruição da vila, que foi assolada, incendiada e coberta de sal.

Durante o assédio, o príncipe também ordenou a matança de mulheres e crianças, sem respeitar idade nem condição. Apesar das matanças, o exército partiu com quatro mil e quinhentas mulheres e crianças escravizadas, ouro, aljôfar e sedas, riquezas de todos os tipos e trigo e cevada suficientes para sustentar seu exército por todo um ano.

Aben Aboo não acorreu em defesa de Galera e dos milhares de mouriscos que se refugiavam nela. Após a rendição de Órgiva, atacou Almuñécar e Salobreña, onde foi derrotado. Depois distribuiu suas forças por todas as Alpujarras, com ordem de escaramuçar com os inimigos à espera de uma ajuda da Sublime Porta que nunca chegaria, erro que permitiu ao duque de Sesa entrar nas Alpujarras e tomar todos os lugares entre o Padul e Ugíjar. Por seu lado, D. João de Áustria continuou a passar à faca povoados inteiros.

A morte, a fome resultante da estratégia de terra arrasada dos cristãos e do frio, as serras já nevadas começaram a abater o ânimo dos mouriscos e seus aliados de além-estreito.

Só Hernando obteve uma mínima satisfação com a derrota de Salobreña. Quando o alcaide do lugar, D. Diego Ramírez de Haro, repeliu o ataque, os mouriscos fugiram desabaladamente para as serras. As pessoas inúteis que acompanhavam o exército com a bagagem – mulheres, crianças e velhos – se puseram em marcha em desordem, transportando seus utensílios, ao mesmo tempo que o rei, Brahim, Barrax, os demais capitães e a soldadesca, livres de quaisquer travas, o faziam adiante, preocupados apenas com suas vidas.

Hernando, acorrentado pelos tornozelos e ajudado por Yusuf, aproveitou a confusão reinante para aproximar-se aos saltos da Velha.

Ao lado dessa mula encontrava-se a que transportava as roupas, cosméticos e demais atavios dos garções. As pessoas gritavam e se apresavam; ninguém olhava; ninguém se preocupava com ele. Podia tentá-lo. Por que não? Viu que Aisha e Fátima fugiam. Também viu os garções, com suas túnicas deslumbrantes, correr confundidos entre a gente, procurando aquela mula. Os rapazes adoravam seus pertences; ele os havia visto perfumar-se e cuidar de suas roupas e enfeites como faziam as mulheres... Mais até! Talvez... que fariam se vissem que todos os seus tesouros corriam perigo?

Fez um gesto para Yusuf para que vigiasse. Um instante antes que os garções chegassem transtornados e arquejantes até eles, afrouxou os fechos e a cincha dos alforjes e desatou a correia que as unia no peito do animal. Ubaid deu ordem de partir, e a récua se pôs em marcha. Então, os alforjes giraram até ficar de ponta-cabeça e deixar cair o tesouro dos garções, que se esforçaram para recolher seus pertences correndo atrás da mula. Ubaid o percebeu, mas não deteve a marcha; o exército mourisco fugia apressadamente adiante deles. Yusuf sorria virando diversas vezes a cabeça: primeiro para os garções, depois para Hernando.

Os amantes do arrais se esforçavam para recolher a fileira de roupas, frascos e adornos que iam ficando pelo caminho, recolhendo uns e perdendo outros. Com suas coloridas vestes se destacando como fanais, gritaram e suplicaram a Ubaid que os esperasse.

Ninguém os ajudou.

Hernando contemplou a cena montado na Velha, fugindo junto com a récua: uma matrona empurrou um dos garções ao vê-lo agachado apanhando uma peça de roupa; o rapaz caiu de bruços e perdeu tudo o que levava amontoado nos braços. O outro garção acudiu depressa em sua ajuda, maldizendo aos gritos, e outra mulher pôs o pé para que tropeçasse. A seguinte cuspiu, e a que ia atrás daquela lhe deu um pontapé. Perderam suas lindas babuchas, que vários garotos pegaram para brincar com elas. À medida que a coluna de inúteis fugia, crianças e mulheres recolhiam algo do caminho. Na

última vez em que Hernando pôde contemplá-los, já estavam afastados do rio de gente e se achavam em pé, descalços e sujos, estranhamente quietos, chorando em terra de ninguém, entre a retaguarda do exército mourisco e a vanguarda dos cristãos.

Fugiram. Tal foi a explicação que Ubaid deu a Barrax quando todos chegaram a Ugíjar. Hernando e Yusuf escutaram a conversa a alguns passos de distância. O capitão pegou o arrieiro por sua marlota e o ergueu com um só dos braços, bramando e aproximando perigosamente o rosto e a boca aberta do nariz do outro.

– Fugiram – ratificou Hernando de onde estava. Barrax se virou para ele, sem soltar o arrieiro. – Por que acha isso estranho? – acrescentou com insolência o rapaz.

O arrais passeou o olhar de um para outro, várias vezes, para terminar atirando Ubaid a vários passos de onde estava.

Aben Aboo estabeleceu seu acampamento perto de Ugíjar, onde deixou os que ele considerava elementos inúteis, um estorvo em sua nova estratégia de guerra de guerrilhas; dali se esforçou por controlar as tropas distribuídas pelas Alpujarras. Barrax e seus homens regressaram ao reduto mourisco depois de ter enfrentado D. João de Áustria em Serón. Num primeiro momento, a vitória pendeu para o lado dos muçulmanos; nem sequer o príncipe foi capaz de evitar que seus soldados, ávidos de butim, atacassem o povoado desordenadamente e fossem vencidos. D. João corrigiu suas tropas, tentou de novo e tomou o povoado.

Hernando foi chamado com urgência à tenda do arrais.

– Trate-o – ordenou-lhe Barrax assim que ele entrou nela. – O maneta me disse que você entende de poções.

Hernando observou o homem caído aos pés de Barrax: o *velmez*, suado e acinzentado, mostrava uma grande mancha de sangue num de seus lados; a respiração era irregular; a musculatura estava contraída pela dor, e o rosto, emoldurado por uma cuidada barba preta, estava crispado. Devia ter uns vinte e cinco anos, calculou ele antes de desviar

o olhar para a brilhante e trabalhada armadura do cristão ferido, amontoada a seu lado.

– É milanesa – apontou então Barrax, pegando a celada e examinando-a detidamente. – Fabricada perto de onde nasci, provavelmente na oficina dos Negrolis. Um cavaleiro como esse bastardo infante cristão, que usa uma armadura como esta – acrescentou atirando a celada –, redundará num resgate superior a todo o butim que fizemos até o momento. Não há nenhuma inscrição na armadura; veja como se chama e de quem é este nobre.

– Só tratei de mulas – tentou desculpar-se Hernando.

– Nesse caso, lhe será mais fácil com um cão. Você tomou sua decisão, nazareno. Eu o adverti. Você não quis renegar. Se ele morrer, você o acompanhará à sepultura; se viver, remará como galeote em meu navio. Palavra de Barrax.

Depois o deixou a sós com o cristão.

O cavaleiro havia sido ferido pelo próprio Barrax no caminho para Serón enquanto tentava proteger os soldados que fugiam em debandada. Centenas de cristãos mortos ficaram por caminho e barrancos até que alguns dias depois D. João pôde enterrá-los; mas o nobre cativo foi montado como um saco num dos cavalos e foi levado para o acampamento.

Hernando se ajoelhou junto ao cavaleiro para examinar a extensão do ferimento. Que iria fazer? Tentou rasgar com cuidado o *velmez* que o cavaleiro vestia, acolchoado com várias camadas de algodão para proteger do roçar da armadura. Ele não havia tratado nunca um homem...

– Ele o chamou de nazareno.

As palavras, articuladas com dificuldade, o surpreenderam com o tecido do *velmez* entre os dedos.

– Você entende árabe? – perguntou-lhe Hernando em castelhano.

– Também disse que não havi... que não havia renegado.

Faltava-lhe o ar. Tentou levantar-se, e do ferimento saiu um jorro de sangue que ensopou os dedos de Hernando.

– Cale-se. Não se mexa. Você precisa viver.

"Barrax cumpre a sua palavra", murmurou para si.

– Por Deus e pela santíssima Virgem... – boqueou o cavaleiro. – Pelos cravos de Jesus Cristo, se você é cristão, liberte-me.

Era cristão?

– Você não poderia dar dois passos – respondeu o rapaz afastando aquele pensamento. – Além disso, há milhares de soldados mouriscos acampados aqui; aonde você iria? Faça silêncio enquanto o examino.

O ferimento parecia bastante profundo. Teria atingido os pulmões? Que sabia ele?! Voltou a examinar o ferimento; depois fez o mesmo com o rosto do cavaleiro. Não havia cuspido sangue. E? Que significado poderia ter que não cuspisse sangue? A única coisa que sabia com certeza era que, se morresse, ele o seguiria. Ele o tinha percebido na atitude de Barrax, muito diferente de como o tratava quando o cortejava, similar agora à que adotava ao dirigir-se a Ubaid ou a qualquer de seus homens. O arrais, como a maioria dos berberes e janízaros, estava preocupado com a marcha da guerra. E se não morresse... remaria por toda a vida como galeote n'*O cavalo veloz*. Quem iria pagar um só maravedi de resgate por um cristão que na verdade era muçulmano? Tocou a testa do nobre: estava quente; o ferimento se havia infectado. Isso, sim, era como com as mulas. Tinha de eliminar a infecção e deter a hemorragia. Os possíveis ferimentos internos do corpo...

Necessitava de chifres. Chamou Yusuf.

– Diga ao arrais que preciso de dois ou três chifres, de preferência de cervo, de um maço, de uma caçarola e do necessário para fazer fogo...

– Onde conseguimos chifres? – interrompeu-o o rapaz.

– Com os arcabuzeiros. Muitos deles guardam a pólvora fina da caçoleta em chifres. Também vou precisar de uma lâmina de cobre, ataduras, água fresca e panos. Corra!

Hernando começou a triturar a golpes de maço a extremidade de um dos três chifres que lhe conseguiu Yusuf.

– Barrax me disse que eu fique com você e o ajude – esclareceu o rapaz quando Hernando se virou para ele.

– Então, continue você com os chifres. Tem de pulverizar suas pontas.

Yusuf começou a martelar, e ele despiu o cavaleiro, já semi-inconsciente, e lhe limpou o ferimento com água fresca. Também lhe colocou panos molhados na testa. Depois, tendo terminado Yusuf de pulverizar as pontas dos chifres, calcinou o pó na caçarola e aplicou as cinzas ao ferimento. O cavaleiro se queixou. Tapou o ferimento impregnado de cinzas com a lâmina de cobre e colocou uma atadura.

A que Deus devia encomendar-se a partir de então?

Brahim havia enlouquecido por causa de Fátima. Não lhe permitia deixar a choça que ordenou levantassem no acampamento para eles dois, e até faltava a suas obrigações para com o rei por estar com ela; Aisha, seus filhos e Humam se refugiavam debaixo de umas ramagens ao lado da choça. Fátima se mostrava indiferente quando Brahim se aproximava dela. O arrieiro batia nela, furioso pelo desprezo, e ela se submetia. Obrigava-a a acariciá-lo, e ela o fazia até Brahim chegar ao êxtase, mas ele só encontrava desdém em seus grandes olhos negros amendoados. Ela obedecia. Entregava-se a ele e, cada vez que o arrieiro não conseguia mais que a passividade de seu corpo, a moça obtinha uma pequena vingança, satisfação que, não obstante, se desvanecia paulatinamente à medida que transcorriam os eternos dias em que ficava reclusa na choça.

Uma noite, Brahim apareceu com Humam berrando, pendente de sua mão direita como se se tratasse de um fardo.

– Eu o matarei se não mudar de atitude – ameaçou-a.

A partir daquela noite, sempre com Humam junto a eles para que sua mãe não esquecesse o que sucederia ao pequeno se ela não o satisfizesse, Fátima recriou tudo quanto havia aprendido de sua mãe e das demais mouriscas sobre a arte do amor, tentando recordar aquilo que comprazia a seu marido e quantos comentários trocavam as

mulheres acerca de como satisfazer seus homens. Várias vezes simulou o prazer que até então lhe havia negado. Depois Brahim a deixava, levando consigo Humam. A maior parte do tempo que passava na choça, sozinha, ela o dedicava a rezar e a observar Aisha e seu filho através das frestas da choça, chorando e acariciando a mão de Fátima que pendia de seu pescoço, esperando o momento em que tinha de amamentar o pequeno, único momento em que seu marido lhe permitia estar com ele. Brahim queria mantê-la afastada de tudo, inclusive de seu filho.

Enquanto isso, na outra extremidade do acampamento de Aben Aboo, do qual iam e vinham os mouriscos para escaramuçar com as tropas do duque de Sesa, Hernando tentava salvar a vida do cristão... e a sua. Por alguns dias, o cavaleiro permaneceu semi-inconsciente, lutando contra a infecção. Nos momentos em que despertava e que Hernando aproveitava para dar-lhe de beber alguma sopa, rezava e se encomendava a Jesus Cristo e à Virgem. Algumas vezes lhe pediu que rezasse com ele, negando-se a aceitar qualquer alimento enquanto não o fizesse, e o rapaz concordava e rezava enquanto se empenhava em que tomasse a sopa, que acabava por escorrer pela barba do cavaleiro. Numa ocasião de maior lucidez, o homem cravou o olhar nos olhos azuis de Hernando.

– São olhos de cristão – disse, examinando depois seu aspecto maltrapilho. – Deixe-me fugir. Eu o recompensarei.

Se o fizesse, para onde iria?, pensou Hernando olhando a sombra do berbere que permanentemente montava guarda diante da tenda.

– Qual é o seu nome? – limitou-se a responder-lhe.

O nobre tornou a fitar os olhos nos olhos azuis de Hernando.

– Não deixarei que caia sobre a minha família a desonra de morrer na tenda de um corsário renegado, nem sobre o meu príncipe a preocupação com o meu cativeiro.

– Se não disser quem é, não poderão resgatá-lo.

– Se sobreviver, haverá tempo para isso. Tenho consciência de que valho muito dinheiro, mas, se morrer aqui, prefiro fazê-lo com a

ignorância dos meus.

Hernando leu a inscrição que havia num dos lados da achatada lâmina hexagonal da longa e pesada espada híbrida de seis planos do nobre, pendurada na trave da entrada da tenda junto ao alfanje de Hamid, ali onde dia e noite um soldado montava guarda. Desde que Barrax trouxera o cristão ferido, tivera de dormir na tenda do arrais para cuidar do cavaleiro. Na primeira noite, o corsário o surpreendeu olhando de soslaio para o alfanje, num canto da tenda. Barrax se dirigiu ao alfanje, o pegou e o pendurou naquele madeiro junto à espada do cavaleiro. O berbere de guarda o observou sem dizer nenhuma palavra.

– Se quiser morrer – advertiu então a Hernando –, só tem de empunhar uma delas.

A partir daquele momento, sempre que entrava na tenda, Barrax desviava o olhar para a trave, e o berbere de guarda dormia apoiado nas armas.

"Não me saque sem razão nem me enfie sem honra", rezava a espada do nobre. Hernando voltou o olhar para o rosto do cavaleiro, que naquele momento dormia. E que razão tinham os espanhóis para desembainhar suas armas? Romperam o tratado de paz firmado por seus reis quando da rendição de Granada. Eles, os mouriscos, também eram súditos do rei cristão. Tinham-no sido durante anos, pagando mais dízimos aos senhores do que qualquer cristão: escarnecidos e odiados, haviam-se dedicado a trabalhar em paz, por suas famílias, umas terras ásperas e ingratas que eram suas desde tempos imemoriais. Simplesmente eram muçulmanos, mas isso os reis Isabel e Fernando já sabiam no dia em que lhes prometeram paz! Que paz era aquela de que pretenderam desfrutar? Com a sublevação, as terras do Rei Prudente se achavam tomadas de escravas mouriscas. Os mercadores negociavam escravos mouriscos a baixo preço em toda a Espanha. Milhares de pessoas, súditas do mesmo rei, batizadas à força, foram escravizadas. Do mesmo rei! Diziam que nas Índias, também sob o império daquele

monarca, seus habitantes, também batizados à força, não podiam ser escravizados. Então, por que razão podiam sê-lo eles? Por que a Igreja não defendia igualmente esses dois povos, servos do mesmo rei? Dizia-se que os habitantes das Índias comiam carne humana, adoravam ídolos e recorriam a seus xamãs, e no entanto os reis os haviam eximido da escravidão. Ao contrário, os muçulmanos acreditavam no mesmo Deus de Abraão que os cristãos, não comiam carne humana nem adoravam ídolos, e, apesar de terem sido batizados e de serem obrigados a viver na mesma fé... podiam ser escravizados!

Ele também era escravo. Agora por ser cristão! Que loucura era aquela? Para uns não era mais que um mourisco que executariam como faziam com todos os maiores de doze anos; para outros era um cristão que remaria por toda a vida num navio corsário... se é que antes não o matariam. E, se se prestasse a professar a fé muçulmana, a sua!, então se transformaria no garção de um renegado. Ele, que havia nascido muçulmano! Ou tinha algum peso o sangue cristão que corria por suas veias? Aquele cavaleiro seria resgatado por um punhado de moedas de ouro que enriqueceriam o renegado. O corsário regressaria rico a Argel, e o outro a suas terras para voltar a lutar contra os mouriscos, para continuar escravizando-os.

21

EDITO A FAVOR DOS QUE SE SUBMETESSEM

Tendo entendido o Rei meu senhor que a maior parte dos mouriscos deste reino de Granada que se rebelaram não foram movidos por sua vontade, mas compelidos e premidos, enganados e induzidos por alguns principais autores e movedores, cabeças e chefes, que andaram e andam entre eles; os quais por seus fins particulares, e para gozar e ajudar-se das rendas da gente comum do povo, e não para fazer-lhes benefício algum, procuraram que se alçassem; e tendo mandado juntar algum número de gente de guerra para castigá-los, como mereciam suas culpas e delitos, e tomando-lhes os lugares que tinham no rio de Almanzora e na serra de Filabres e na Alpujarra, com morte e cativeiro de muitos deles, e submetidos, como se submeteram, a andar perdidos e desencaminhados pelas montanhas, vivendo como animais selvagens nas cavernas e grutas e nas selvas, padecendo extrema necessidade; movido por isso a piedade, virtude muito própria de sua real condição, e querendo usar com eles de clemência, lembrando-se de que são seus súditos e vassalos, e enternecendo-se de saber as violências, forçamentos de mulheres, derramamento de sangue, roubos e outros grandes males que a gente de guerra usa com eles, sem se poder desculpar, nos deu a incumbência de que em seu nome pudéssemos usar de sua real clemência para com eles, e, admitidos sob seu real comando da forma seguinte:

Prometa-se a todos os mouriscos que se acharem rebelados fora da obediência e graça de Sua Majestade, assim homens como mulheres, de qualquer qualidade, grau e condição que sejam, que, se dentro de vinte dias, contados a partir da data deste edito, vierem

a render-se e a pôr suas pessoas nas mãos de Sua Majestade, e do senhor D. João de Áustria em seu nome, se lhes fará mercê de suas vidas, e mandará ouvir e fazer justiça aos que depois quiserem provar as violências e opressões que haviam recebido para se sublevar; e usará com eles no restante de sua costumeira clemência, assim com os tais, como com os que, além de vir a se render, fizerem algum serviço particular, como degolar ou trazer cativos turcos ou mouros berberes dos que andam com os rebeldes, e dos outros naturais do reino que foram capitães e chefes da rebelião, e que, obstinados nela, não querem gozar da graça e mercê que Sua Majestade lhes manda fazer.

Outrossim: a todos os que tiverem de quinze anos para cima e de cinquenta para baixo, e vierem dentro do dito prazo a render-se e entregarem aos oficiais de diligências de Sua Majestade cada um uma escopeta ou besta com seus adereços, se lhes concede suas vidas e que não possam ser tomados por escravos, e que além disto possam firmar para serem livres das pessoas das que consigo trouxerem, como pai ou mãe, filhos ou mulher ou irmãos; os quais tampouco serão escravos, mas ficarão em sua primeira liberdade e arbítrio, com apercebimento de que os que não quiserem gozar desta graça e mercê, nenhum homem de catorze anos para cima será admitido em nenhum partido; antes todos passarão pelo rigor da morte, sem ter deles nenhuma piedade nem misericórdia.

O edito ditado por D. João de Áustria em abril de 1570 correu de mão em mão pelas Alpujarras. Os cristãos o traduziram ao árabe e fizeram cópias que foram distribuídas através de espiões e mercadores, e que em alguns casos fossem recitadas discretamente pelos que sabiam ler, longe de *monfíes*, janízaros ou berberes; em outros casos foram cantadas como se se tratasse de um pregão. O príncipe também decretou que ninguém, sob severas penas, ousasse deter, roubar ou maltratar nenhum mourisco que viesse se render, como havia sucedido em ocasiões anteriores.

Ambos os lados atravessavam momentos críticos: nas terras das Alpujarras, os preços das fanegas de trigo e de cevada haviam multiplicado seu preço por mais de dez, e os soldados e suas famílias passavam fome. Aben Aboo nada podia fazer para remediar aquela situação, razão por que, após uma troca de cartas com Alonso de Granada Venegas, homem de crédito entre os mouriscos, delegou formalmente ao Habaquí as negociações da rendição. Mas as mesmas negociações também tiveram um efeito contrário aos interesses dos mouriscos. Por então, três galés vindas de Argel com víveres, armas e munições começaram a desembarcar suas provisões nas praias de Dalías, mas, ao saberem seus ocupantes que Aben Aboo negociava sua rendição, carregaram tudo de novo e regressaram a Argel. O mesmo sucedeu com sete outras galés que arribaram às costas sob o comando do Hoscein, irmão de Caracax, que chegava com quatrocentos janízaros e numeroso armamento, e que também rumou para a cidade corsária assim que teve conhecimento das negociações de paz.

No lado cristão a situação era ainda mais complexa: por um lado e independentemente de encontros mais ou menos esporádicos em outras zonas das Alpujarras, a estratégia de guerra de guerrilhas adotada por Aben Aboo tornava praticamente impossível uma vitória definitiva. Por outro lado, a insurreição já havia tido consequências na próxima Sevilha, na qual dez mil mouriscos vassalos do duque de Medina Sidonia e do duque de Arcos se sublevaram em consequência dos ultrajes a que foram submetidos. O Rei Prudente conseguiu solucionar a situação ordenando a tais nobres que fossem em pessoa pacificar suas terras, mas grassou o temor de que a qualquer momento o levantamento se estendesse aos reinos de Múrcia, Valência ou Aragão, onde vivia grande quantidade de mouriscos.

No entanto, a razão que mais pesou no rei Felipe para permitir que D. João de Áustria oferecesse condições para a rendição residiu na atitude do sultão otomano.

Em fevereiro de 1570, os turcos, imitando os argelinos, que dedicaram suas forças à conquista de Túnis, atacaram Zara, na

Dalmácia veneziana, e exigiram para si a ilha de Chipre, onde desembarcaram no mês de julho. Em março desse mesmo ano, Felipe II recebeu em Córdova, onde se achava reunido nas Cortes para ficar perto do palco da guerra, um enviado do papa Pio V. Em nome de toda a cristandade, Sua Santidade exigia o início de uma nova cruzada, para cujos fins propunha a constituição de uma Santa Liga para lutar contra a ameaça do infiel, que, segundo o pontífice, se julgava forte pela atenção que a Espanha prestava a seus conflitos internos. O piedoso monarca espanhol aceitou, mas, para envidar esforços para essa empresa, lhe era imprescindível pôr ponto final aos problemas com os mouriscos das Alpujarras.

O edito conseguiu uma rendição maciça dos mouriscos, que acorreram ao acampamento de D. João de Áustria, no Padul, para entregar-se. Mas também conseguiu que grande parte do exército cristão desertasse diante da impossibilidade de obter ganhos. Dos dez mil homens com que contava o duque de Sesa ao entrar nas Alpujarras, só lhe restavam quatro mil.

– Nós vamos embora! Voltemos para Argel! – A ordem de Barrax troou entre seus homens. – Tenham tudo preparado para amanhã de manhã. – Depois entrou em sua tenda. – Você me ouviu? – gritou para Hernando. – Prepare-o para a viagem – acrescentou apontando para o cavaleiro.

Hernando se virou para o nobre: estava um pouco melhor, mas...

– Morrerá – disse sem pensar.

Barrax não retrucou. Franziu as sobrancelhas até que as duas extremidades se fundissem acima de seus olhos entreabertos. Hernando prendeu a respiração enquanto o arrais manteve o olhar cravado nele, mas Barrax lhe deu as costas e deixou a tenda; sua mão direita acariciava uma adaga, como se quisesse indicar para o rapaz qual seria seu destino.

Estava condenado, pensou Hernando: aguardava-lhe a morte ou, no melhor dos casos, o remar em galés por toda a vida. Sentado no chão,

contemplou as correntes que atavam seus tornozelos. Não podia correr. Nem sequer andar! Era um escravo. Não era mais que um escravo agrilhoado! E Fátima... Pôs as mãos no rosto e não pôde conter as lágrimas.

– Os homens só choram quando lhes morre uma mãe ou quando têm as tripas abertas.

Hernando olhou para o cavaleiro e tomou fôlego, numa tentativa de conter o choro.

– Nós dois vamos morrer – respondeu-lhe, enxugando os olhos com a manga.

– Só morreremos se Deus o tiver disposto assim – sussurrou o cristão.

Onde havia escutado aquelas mesmas palavras? Gonzalico! A mesma disposição, a mesma submissão. Estalou a língua. E o islã? Sim, porque a própria palavra não significava submissão?

– Mas Deus nos fez livres para lutar – acrescentou o cavaleiro, interrompendo assim suas reflexões.

Hernando lhe respondeu com um esgar de desprezo.

– Um homem ferido e outro agrilhoado? – Ao mesmo tempo que fazia essa observação, apontou para o exterior da tenda. A azáfama era constante.

– Se já aceitou a sua morte, permita ao menos que eu lute pela minha vida – replicou o cristão.

Hernando observou suas correntes: não eram grossas, mas eram fortes; seus tornozelos estavam esfolados ali onde lhe roçavam os ferros.

– O que você faria se o deixasse livre? – perguntou-lhe o rapaz com o olhar nas argolas.

– Fugir e salvar a minha vida.

– Duvido que seja capaz de andar. Nem sequer pode se levantar desse leito.

– Eu conseguirei – repetiu o cavaleiro; ao levantar-se, um esgar de dor lhe contraiu o semblante.

– Há milhares de muçulmanos ali fora. – Então, Hernando se virou para ele. Percebeu um desconhecido brilho na olhar do nobre. – Vão...

– ... me matar? – se adiantou o cavaleiro.

A chamada do muezim para a oração lhes interrompeu a conversa. Anoitecia. Os preparativos para a viagem cessaram, e os fiéis se prostraram. "Agora", silabou o cavaleiro no silêncio anterior ao início das rezas, indicando a extremidade da tenda atrás da qual se encontravam as mulas.

Hernando não rezava. Não o fazia havia tempo. A oração da noite, aquela em que os mouriscos, livres da vigilância dos cristãos, podiam rezar com certa tranquilidade escondidos em suas casas. Que lhe teria aconselhado Hamid? Que diria o alfaqui de libertar um inimigo cristão? Virou a cabeça para a trave da entrada da tenda. O alfanje de Hamid, a espada do Profeta! Pela abertura entre os panos viu os membros do acampamento buscar orientar-se para a *quibla*, preparando-se para a oração. O berbere de guarda, como sempre, mantinha-se firme em seu posto, ao lado da trave, ao lado das espadas. Hernando recordou-se da ameaça de Barrax: "Se quiser morrer, só tem de empunhar uma delas." Morrer. Morte é esperança longa! Foi como se os olhos amendoados de Fátima, cuja imagem rebentou de repente em sua memória, o guiassem. Que importava tudo agora? Cristãos, muçulmanos, guerras, vítimas...

– Finja que está morto – ordenou ao cavaleiro, virando-se para ele. Feche os olhos e prenda a respiração.

– Quê?!...

– Faça isso!

O início das rezas de milhares de mouriscos rompeu o silêncio. Hernando ouviu os cânticos por alguns instantes e depois pôs a cabeça entre os panos.

– Ajude-me! – urgiu com o guarda. – O nobre está morrendo.

O berbere entrou na tenda, pôs um joelho no chão junto ao ferido e lhe tocou o rosto. Hernando aproveitou que o guarda lhe dava as costas para desembainhar o alfanje; o sussurro metálico impeliu o

berbere a virar a cabeça. Sem hesitar, de onde se encontrava, Hernando volteou o aço e o acertou no pescoço do guarda, que caiu morto sobre o cavaleiro.

O nobre afastou o cadáver com esforço.

– Dê-me a minha espada – pediu-lhe, ao mesmo tempo que fazia menção de levantar-se. Hernando contemplava, absorto, a afiada lâmina do alfanje, na qual brilhava um fino fio de sangue. – Por Deus! Dê-me a espada – suplicou o nobre. Hernando olhou para o cristão: que podia fazer aquele homem em seu estado com uma espada tão pesada como aquela? – Por favor – insistiu o cavaleiro.

Entregou-lhe a pesada espada bastarda e se dirigiu para a extremidade da tenda: as récuas de mulas estavam exatamente do outro lado. O nobre o seguia, encurvado, com a espada na mão. Hernando percebeu-lhe a dor e a fraqueza pelos lentos e difíceis movimentos do ferido, e as dúvidas o assaltaram de novo. Era um suicídio! Como se pressentisse suas dúvidas, o cavaleiro ergueu o rosto para ele e sorriu agradecido. Hernando se agachou, se postou junto ao pano da tenda e tentou distinguir algo nas sombras. O cavaleiro prescindiu de toda e qualquer cautela: rasgou o pano com decisão, passou pelo buraco e começou a andar de gatas para o exterior. Ao passar a seu lado, Hernando viu que o ferimento voltava a sangrar e que a atadura que cobria a placa de cobre estava tingida de vermelho. Seguiu-o, também de gatas, com o olhar cravado no chão, no alfanje que arrastava, esperando topar a qualquer momento com algum soldado de guarda. Mas não foi assim, e poucos instantes depois se achavam debaixo das patas das mulas. Os murmúrios das orações de milhares de fiéis se confundiam com sua própria respiração acelerada. O cristão lhe sorriu de novo, abertamente, como se já estivessem livres. E agora?, perguntou-se Hernando: o cavaleiro não poderia ir muito longe, se esvairia em sangue, não conseguiriam percorrer nem a décima parte de uma légua. O céu se mostrava avermelhado acima das serras, e o sol anunciava seu pronto ocaso. Os entardeceres de Sierra Nevada! Quantas vezes os havia contemplado de... Juviles! A Velha!

Calou-se e perscrutou entre as patas dos animais. Como não iria reconhecer as patas da Velha? Ele as havia tratado milhares de vezes. Localizou-as e fez um sinal ao cristão para que o seguisse. Ao chegar à mula, acariciou os tendões arqueados e repletos de bexigas. A Velha estava aparelhada para a viagem. Hernando se pôs de pé, sem parar para verificar se alguém estava olhando, se alguém estava vigiando. Todos continuavam envolvidos com as rezas da noite. À sua esquerda, a poucos passos, abria-se a quebrada para um dos incontáveis despenhadeiros das Alpujarras.

– Levante-se – urgiu com o nobre. Hernando o ajudou a pôr-se atravessado sobre a Velha, como um fardo. – Agarre-se bem – indicou-lhe enquanto acompanhava suas mãos para a cincha do animal. Quando tentou tirar-lhe a espada, o cristão se opôs e optou por se segurar com uma só mão.

Puxando a mula para o barranco, caminhou dando pequenos passinhos, estorvado pelas correntes dos tornozelos; procurava evitar o tintinar, e avançava sem olhar para nenhum lugar em especial, os olhos postos no vazio que se abria acima do barranco de que se aproximavam. Sentiu desejo de rezar e somar-se aos conhecidos murmúrios que se ouviam no acampamento, mas não pôde. Só quando se encontrou à beira do barranco virou a cabeça: ainda podia ver-se uma fina linha avermelhada que delineava os cumes. Ninguém havia reparado neles. Ele se deleitou por alguns segundos com a cena: milhares de pessoas prostradas para o oriente, em sentido contrário ao despenhadeiro onde eles se encontravam. O cristão instou-lhe, e ele saltou para cima da mula, atravessado junto ao cavaleiro, e, como ele, se agarrou à cincha por baixo da barriga da Velha.

– Segure-se firme – aconselhou-o. – A descida será perigosa. Para Juviles, Velha! Leve-nos para Juviles! – Então lhe deu palmadas numa das ancas, primeiro com suavidade, depois com força, até que a Velha venceu a inicial resistência a lançar-se pelo barranco e, após pôr adiante uma das patas, se sentou sobre as ancas para deslizar pela vertente.

O que na verdade foram alguns instantes lhes pareceu uma eternidade. A mula saltou pedras, rochas e árvores; para surpresa do rapaz até saltou um que outro pequeno corte entre montanhas. A Velha! Sua Velha! Diversas vezes estiveram prestes a cair quando o animal se sentava para deslizar encosta abaixo. Arranharam-se com sarças e galhos, mas afinal chegaram ao leito de um riacho que descia de Sierra Nevada. A água gelada salpicou-os de liberdade. A Velha ficou parada com a água no meio da pata e meneou violentamente o pescoço; suas grandes orelhas voltearam, orgulhosas, e lançaram milhares de gotas em todas as direções, como se ela também tivesse consciência da façanha que acabava de empreender.

Hernando se deixou cair no riacho e afundou a cabeça na água. Então gritou debaixo d'água e originou um sem-fim de borbulhas que acariciaram seu rosto. Eles haviam conseguido! Enquanto isso, o cavaleiro também deslizou até ficar em pé, levemente apoiado nas costas da mula; continuava sangrando e, no entanto, mesmo vestido apenas com o *velmez*, mostrava-se digno, altaneiro, com a pesada e longa espada firmemente segura na mão direita.

Hernando ficou sentado no riacho.

– Está vendo? – comentou o nobre. – Deus não desejava nossa morte. – Hernando riu nervosamente. – É preciso lutar! Não chorar. Não está com as tripas para fora nem lhe morreu uma mãe. Jesus Cristo e a santíssima Virgem e...

O cavaleiro continuou a falar, mas Hernando não o ouviu. E sua mãe? E Fátima?

– Fujamos – ordenou o nobre ao final de seu discurso.

Fugir?, perguntou-se Hernando. Sim, era isso o que queria. Para isso é que se havia arriscado, mas já havia fugido uma vez, para Adra. Naquela ocasião já havia deixado Fátima e sua mãe sozinhas.

– Espere.

– Vão nos perseguir. E o farão assim que se deem conta de que fugimos!

– Espere – insistiu Hernando. – A noite os deterá...

– Que é que está acontecendo? – interrompeu-o o nobre.

– Há alguns meses – explicou levantando-se do rio e olhando com súbita tristeza o alfanje de Hamid –, fui resgatar minha mãe em Juviles. – Para que lançar-lhe em rosto a matança?, pensou antes de continuar, e, no entanto, não pôde evitá-lo. – Vocês, os cristãos, mataram mais de mil mulheres e crianças – recriminou-o.

– Eu não...

– Cale-se! Vocês o fizeram. E escravizaram outras tantas.

– E vocês...!

– Que vocês, que nada! – interrompeu-o o jovem mourisco. – Eu fui ali, a Juviles, para resgatar minha mãe. E o consegui. Também resgatei Fátima, minha... a que devia ser minha esposa! Depois tornei a salvá-las, em outra ocasião. Vivemos momentos muito duros. – Hernando recordou o temporal de neve, fugindo de Paterna, o casamento em Mecina, fugindo dos cristãos... Para que teria servido tudo aquilo? – Não vou deixá-las entregues à sorte – afirmou.

Depois enfrentou o olhar do cristão. Este sangrava abundantemente, e, no entanto, transbordava de força. Ele mesmo, enquanto vivia como escravo do arrais, havia apagado da mente Fátima e Aisha: havia afastado qualquer pensamento a respeito delas, como se não existissem, mas agora... a liberdade! Que estranhas energias dava a liberdade! Brahim não se renderia aos cristãos, pensou de repente, mas, se ele conseguisse fugir com Fátima e sua mãe e entregar-se, talvez conseguissem esquecer aquele pesadelo.

– Preciso da sua ajuda... – começou a dizer o cavaleiro.

– De pouco eu iria lhe servir na escuridão. Só precisa da Velha. Tenho de procurar minha mãe... E a mulher que amo! Compreende? Não posso permitir que vocês, os cristãos, as matem ou as escravizem.

Levado pelo ímpeto de sua decisão, fez menção de sair do rio, mas caiu na água quando as correntes o impediram de prosseguir. Esquecera-se delas.

– Essa resolução o honra – reconheceu o cavaleiro enquanto o ajudava a levantar-se. – Venha – acrescentou, e apontou para a

margem.

– Que pensa em fazer?

– Rapaz, não há ferro mouro que possa resistir ao bom aço toledano – respondeu o cristão, ao mesmo tempo que lhe indicava que se sentasse e com as pernas esticadas colocasse os pés agrilhoados sobre uma pequena rocha.

Hernando o viu empunhar a espada com as duas mãos. Não poderia fazê-lo: estava ferido. Mesmo na penumbra, pôde ler a dor refletida no rosto do cavaleiro ao alçar a arma acima de sua cabeça.

– Pelos cravos de Jesus Cristo! – gritou o nobre.

Hernando julgou ver seus pés livres entre as fagulhas que saltaram da corrente e da pedra quando o aço golpeou o ferro. O rangido do elo cortado coincidiu com o alvoroço que se produziu acima de suas cabeças. Haviam descoberto sua fuga. O cristão se inclinou sobre a espada, agora cravada na terra, como se aquele golpe tivesse acabado com suas forças.

– Fuja! – instou-lhe Hernando. O cavaleiro nem sequer respondeu. Hernando lhe passou um braço por debaixo das axilas e o acompanhou até a Velha. Ajudou-o a subir como antes, de través, como um fardo. Desatou um dos correames e amarrou o cristão à mula. Guardou outras correias para si. – Confie nela – disse-lhe, aproximando-se de seu ouvido. – Se vir que está parando, ordene-lhe que se dirija para Juviles. – A Velha ergueu as orelhas. – Lembre-se: para Juviles. Para Juviles, Velha! Para Juviles! – Estimulou a mula batendo-lhe na anca. Viu-a encaminhar-se leito abaixo, mas só por um momento: o barranco já se mostrava tomado de tochas que desciam com extrema precaução.

Hernando se escondeu num matagal enquanto os berberes de Barrax procuravam aqui e ali sem zelo excessivo, levando com indiferença as tochas de um lado para outro. Os gritos do arrais ressoavam acima do barranco. Alguns soldados seguiram o curso do riacho na escuridão, mas regressaram pouco depois. No dia seguinte, retornavam a Argel,

muito mais ricos do que quando desembarcaram nas costas de al-Andalus; que lhes importava se Barrax havia perdido seu cativo?

Esperou que transcorresse metade da noite antes de decidir-se a subir pela senda aberta pelos próprios berberes. Com as correias que havia guardado, amarrou as pontas soltas da corrente acima dos grilhões; roçavam-no e com toda a certeza o esfolariam como os aros de ferro de seus tornozelos, mas a dor era diferente: até então o sofrimento o havia feito arrastar-se; agora, mal era um incômodo que sentia nas pernas livres.

Enquanto esperava ao pé do barranco, pôde ouvir as zambras e as festas no acampamento. Muitos corsários e berberes, como Barrax, haviam decidido voltar para sua pátria e festejavam sua última noite em terras de al-Andalus. Por seu lado, os mouriscos continuavam a render-se a D. João de Áustria e abandonavam, às escondidas ou abertamente, as hostes muçulmanas. Nesta ocasião cumpria-se a ordem do príncipe cristão, e homens e mulheres eram respeitados em seu caminho. Até o pequeno Yusuf lhe havia confessado nessa mesma tarde sua intenção de fugir na manhã seguinte para render-se. O rapaz se havia apoderado de uma velha besta, com a qual pretendia acorrer ao acampamento de D. João como exigia o edito. Ainda não tinha catorze anos, mas queria comparecer como mais um soldado. Exclamou-o com orgulho.

Hernando forçou um sorriso diante de suas palavras.

– Eu... – titubeou Yusuf sem atrever-se a olhá-lo no rosto –, eu...

– Diga.

– O que você acha? Posso?

Então foi Hernando quem escondeu o olhar. Travou-se-lhe a voz antes de responder e pigarreou repetidamente.

– Não tem de me pedir permissão. Você... – parou e voltou a pigarrear –, você é livre e não me deve nada. Em todo o caso, sou eu quem lhe tem gratidão.

– Mas...

– Que Alá o proteja, Yusuf. Vá em paz.

Yusuf se aproximou dele com a solenidade que se pode esperar de um rapaz, e a mão estendida, mas terminou lançando-se em seus braços. Ainda agora, Hernando sentia a entrecortada respiração do menino em seu peito.

Alcançou o alto do barranco e se dirigiu para o acampamento circundando a tenda de Barrax. Não necessitou tomar excessivas precauções: a guarda era formada por um único berbere que cabeceava, numa vã tentativa de manter-se acordado. Os demais dormiam perto das fogueiras. Onde poderia encontrar Fátima e sua mãe? Tinha de percorrer o acampamento, e, depois de seus passeios com os garções, quem não o reconheceria? Viu um turbante jogado perto das brasas de uma das fogueiras: não sabia como pegá-lo. Ainda que o guarda estivesse cochilando, certamente perceberia alguém que vagasse entre seus companheiros; nada se mexia, e o fulgor das tochas que iluminavam o acampamento o delataria. Percorreu o lugar com o olhar até... Não!

Fraquejaram-lhe as pernas, e ele caiu de joelhos enquanto um suor frio tomava todo o seu corpo. Vomitou. Vomitou pela segunda vez e seu estômago lhe pediu uma terceira e uma quarta, mas já não tinha nada mais para expelir e as ânsias o laceraram. Depois voltou a olhar para a entrada da tenda de Barrax: enfiada na mesma lança em que o arrais havia ordenado pendurar as espadas, estava a cabeça degolada de Yusuf; haviam-lhe arrancado o nariz e as orelhas, e as haviam enfiado debaixo da cabeça, em linha: primeiro uma orelha, depois a outra e por fim o que devia ter sido o nariz do rapaz. Assaltou-o outra ânsia, mas agora não deixou de olhar. Imaginou o imenso arrais sobre Yusuf arrancando-lhe nariz e orelhas a dentadas. Quantas vezes havia ameaçado fazer isso! Só podia ter sido por sua causa. Teriam culpado o rapaz por sua fuga; a falta da Velha... Era ele quem se ocupava dos animais. Procurou a cabeça de Ubaid, mas não a encontrou. Sem dúvida, o arrieiro devia ter sido mais rápido e teria fugido. Olhou outra vez para os restos de Yusuf, testemunhas da crueldade do corsário. Levantou-se e desembainhou o alfanje.

Com suma discrição percorreu o linde do alto do barranco até colocar-se por trás do berbere que montava guarda. “De pouco lhe adiantará esse velho alfanje se não aprender a empunhá-lo com força”, lhe havia dito aquele janízaro. Se falhasse, tornaria a cair em poder de Barrax. Apertou os dedos sobre a empunhadura e tensionou todos os músculos antes de dar fortemente com o alfanje exatamente na nuca do soldado. Só se ouviram o sibilo da arma no ar e o surdo bater do homem na terra com a cabeça pendente. Depois atravessou o acampamento, sem preocupar-se com os berberes que dormiam, os maxilares apertados, os músculos tensos e o olhar cravado na entrada da tenda do arrais. Afastou a lona e entrou. Barrax dormia no chão, sobre seu colchão de palha. Hernando esperou até seus olhos se acostumarem à penumbra e se dirigiu até ele. Levantou o alfanje acima de sua cabeça; seus dedos doíam, os músculos dos braços e suas costas forcejavam por rebentar. Ali estava ele! Indefeso! Seu pescoço era muito mais grosso que o do guarda que ele não havia conseguido decapitar completamente. Ia dar o golpe, mas algo o deteve e ele deixou a arma no alto. Por que não? O corsário saberia quem iria dar fim à sua vida! Ele o devia a Yusuf! Com um dos pés sacudiu as costelas de Barrax. O corsário resmungou algo, se mexeu e continuou dormindo. Depois deu um forte pontapé em seu lado. Barrax se levantou confuso, e Hernando se deu alguns instantes, os suficientes para que o outro o visse, os suficientes para que erguesse o olhar para o alfanje, os suficientes para que depois o baixasse até os olhos de Hernando. O arrais abriu a boca para gritar, e o alfanje voou para seu pescoço. De um só talho lhe cortou a cabeça.

Hernando percorreu o acampamento vestido ao modo turco, com as vestes que encontrara na tenda: um turbante que lhe escondia meio rosto, uns bombachos e uma longa marlota que lhe chegava até os tornozelos; os grilhões envoltos em pedaços de tecido e escondidos debaixo dos bombachos. Na mão direita, num saco, levava a cabeça do arrais. Também levava várias adagas na cinta e um pequeno arcabuz pendente do lado contrário ao do alfanje de Hamid. Com ousadia,

levantando a voz, perguntou aos diversos soldados de guarda com que topou pela tenda de Brahim, até que chegou a ela. Entrou sem pensar duas vezes, resolutamente, com o alfanje desembainhado. Que lhe importava que fosse o marido de sua mãe! Agora de nada valeriam as súplicas de Aisha. Mas a tenda que lhe indicaram estava vazia: não restava nada em seu interior. Ia embainhar o alfanje quando um barulho às suas costas o obrigou a virar-se com a arma outra vez preparada. Deparou com sua mãe, parada, na entrada.

– Que é que está procurando? – perguntou Aisha.

Hernando descobriu o rosto.

– Meu filho! – Aisha se dirigiu para ele, mas pela primeira vez Hernando se safou de seu abraço.

– E Brahim? – inquiriu bruscamente. – E Fátima? Onde estão?

– Meu filho. Você está vivo! E... livre? – balbuciou sua mãe.

Hernando viu as lágrimas correr-lhe pelas faces.

– Mãe, onde está Fátima? – voltou a perguntar-lhe, desta vez com doçura, ao mesmo tempo que a estreitava entre os braços.

– Fugiram. Fugiram para render-se aos cristãos – respondeu ela, entre soluços. – Esta mesma noite, ao se pôr o sol. – A decepção de Hernando foi tão patente, que Aisha se apressou a prosseguir: – O rei se viu obrigado a repreender seu padrasto diversas vezes. Faltava aos conselhos e até às escaramuças por causa de... – hesitou –, para ficar com Fátima – disse por fim. – Como os cristãos só dão liberdade a duas pessoas, ele escolheu Fátima e seu filho mais velho, Aquil, embora também tenha levado Humam por insistência da mãe. Talvez não se importem com um menino de poucos meses.

– Fátima... Fátima fugiu com ele?

– Teve de obedecer, filho. Brahim...

– E Musa? – interrompeu-a. Não queria saber de mais detalhes.

– Na tenda do lado. Nesta só podiam ficar...

– Vamos atrás deles! – instou-lhe, interrompendo-a de novo.

Começava a amanhecer. Encontraram uma récua de mulas a alguns passos da tenda, e Hernando decidiu tomar uma delas para montar sua

mãe. O arrieiro, um mourisco já velho, acordou quando notou movimento entre seus animais, e Hernando o ameaçou com o alfanje. Não o matou; obrigou-o a acompanhá-los por parte do trajeto, o suficiente para não ter tempo de denunciar sua fuga, e depois o pôs em liberdade.

22

Hernando, Aisha e Musa levaram dois dias para percorrer a distância que os separava de Padul, onde estava o acampamento de D.João de Áustria. Durante o trajeto se juntaram a centenas de mouriscos que iam render-se. O príncipe exigiu que todos os que transitassem pelas Alpujarras com tal fim levassem uma cruz branca no ombro direito, razão por que de longe aquela longa fila, como muitas outras que andavam por outros caminhos, parecia uma procissão de grandes cruzes brancas costuradas sobre a roupa de homens, mulheres, crianças que arrastavam os pés em silêncio, derrotados, cansados, famintos e doentes, enquanto deixavam para trás a fugaz expectativa de ter recuperado sua cultura, sua terra... e seu Deus. Todos conheciam seu destino: o êxodo para os diferentes reinos do monarca cristão, longe de Granada, como havia sucedido aos mouriscos do Albaicín e da Veiga.

Pernoitaram nos arredores de Lanjarón. Ali pararam alguns quando a luz começou a declinar; muitos outros se juntaram a eles. Não houve zambras, nem festas, nem danças; acenderam-se poucas fogueiras, e as pessoas se prepararam para dormir ao relento. Tampouco houve outra comida além das poucas provisões que cada um deles pôde pegar na partida. Ninguém chamou para a oração.

Hernando mordiscou um pedaço de pão, pegou a mula e se despediu de sua mãe.

– Aonde vai?

– Tenho de fazer uma coisa. Voltarei, mãe – tentou tranquilizá-la diante de seu olhar de preocupação.

Dirigiu-se para o inexpugnável castelo de Lanjarón, que se erguia sobre um cerro rochoso de quase seiscentas varas ao sul do povoado que dominava as terras; três dos quatro lados da fortaleza se abriam

para o vazio sobre impressionantes aberturas entre rochas. Havia sido construído, como muitos outros, na época nazari e semiderruído após a primeira revolta das Alpujarras, no ano de 1500, quando os mouriscos se sublevaram contra a dura política do cardeal Cisneros que terminaria com a traição dos Reis Católicos aos acordos de paz de Granada. Enquanto atravessava o acampamento, procurou com o olhar Brahim e Fátima: por mais que tivessem fugido ao pôr do sol, não podiam ter viajado apenas com o luar, e teriam de ter parado nessa primeira noite que tinham de vantagem. Mas não conseguiu reconhecê-los entre a multidão de sombras que se moviam entristecidas. Talvez estivessem mais à frente, já em Tablate, para onde alguns se haviam dirigido para pernoitar.

Percorreu a distância que o separava da fortaleza sob a tênue luz dourada da lua. A mula era experiente e se movia com cuidado, buscando onde pisar firme... como a Velha. Que teria acontecido à pobre Velha? Afastou aquele pensamento ao notar que lhe assaltava a saudade. E o cavaleiro? Estaria vivo? Teria gostado de saber quem era, mas o cristão quase desfaleceu depois de desferir o golpe que o livrou de suas correntes. Em todo o caso, se não tivesse sido por ele, por sua ânsia de liberdade, talvez não tivesse fugido e estaria vogando como galeote n'*O Cavalo Veloz* de Barrax... ou talvez estivesse morto como Yusuf. Tornou a sentir uma enorme angústia ao recordar o rapaz. Ergueu o olhar para a arrogante silhueta do castelo e suspirou. Depois de todos aqueles meses de sofrimentos, as pessoas se rendiam. Outra vez. Para que tantas mortes e desgraças? Voltaria alguma vez aquele castelo a defender os desejos de um povo ultrajado e oprimido?

Subiu o caminho e entrou no castelo em ruínas; desmontou devagar, cabisbaixo, e esperou que seus olhos se acostumassem à nova escuridão. Escolheu o bastião que ainda estava em pé, no lado sul da fortaleza, e se dirigiu para ele.

Tentou encontrar a direção de Meca e, quando julgou tê-lo conseguido, pegou areia do chão e se lavou com ela. Ergueu os olhos azuis para o céu: olhos diferentes dos que haviam contemplado o

alfanje de Hamid pela primeira vez. O brilho infantil havia desaparecido, velado por uma expressão de dor.

– Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus.

Recitou-o em voz baixa, num sussurro, com o alfanje de Hamid acima da cabeça, sem desembainhar, seguro pelas duas extremidades.

Quantas vezes havia negado a Barrax aquela profissão de fé?

– Hamid, aqui estou – voltou a sussurrar. Escutou o silêncio. – Estou aqui! – berrou. O grito ressoou por cerros e canhadas surpreendendo-o. Que teria acontecido ao alfaqui? Deixou passar alguns instantes e tomou ar. – Alá é grande! – gritou com toda a força dos pulmões. Só lhe responderam os silenciosos cumes. – Prometi que nenhum cristão – acrescentou com voz trêmula – ficaria com este alfanje.

Enterrou-o ao pé do bastião, o mais fundo que pôde, lacerando os dedos e as unhas enquanto escavava a terra com um punção que pegara no acampamento. Depois rezou, sentindo Hamid a seu lado, como em tantas ocasiões haviam feito em Juviles, e por fim, com a ajuda de uma pedra e do punção, golpeou as hastes dos grilhões até estes saltarem e deixarem à vista uns tornozelos descarnados.

O sol ultrapassava o meio-dia quando o grupo de Hernando chegou ao acampamento de D. João de Áustria. A um quarto de légua de seu destino, as mulheres começaram a descobrir a cabeça e o rosto e a esconder entre suas roupas as joias proibidas. Numa grande planície nas redondezas do Padul, os mouriscos eram recebidos por várias companhias de soldados.

– Entreguem suas armas! – gritavam enquanto os obrigavam a formar filas. – Aquele que levantar um arcabuz ou uma besta, ou empunhar uma espada, morrerá no ato!

Diante de cada uma daquelas longas filas, uma série de escrivães, sentados atrás de umas mesas que destoavam no campo, anotava os dados pessoais dos mouriscos e das armas que entregavam; a espera era interminável devido à indolência e lentidão com que os escrivães

cumpriam sua tarefa. A seu lado, outro exército, este de sacerdotes, rezava ao redor dos mouriscos, exigindo-lhes que se unissem a suas orações, fizessem o sinal da cruz ou se prostrassem diante dos crucifixos que lhes mostravam. Das filas se erguiam os mesmos tediosos e ininteligíveis murmúrios que durante anos se haviam podido escutar nas igrejas das Alpujarras e com que os mouriscos respondiam às exigências dos sacerdotes.

– O que leva aí? – perguntou a Hernando um soldado com a cruz vermelha de Santo André dos terços bordada no uniforme, apontando para a bolsa que ele levava na mão direita.

– Não é... – começou a dizer Hernando abrindo-a e introduzindo a outra mão com indolência.

– São Tiago! – gritou o soldado desembainhando a espada diante do que lhe parecera uma atitude suspeita.

Rapidamente vários soldados acudiram ao chamado do companheiro, enquanto os mouriscos se afastavam de Hernando, Aisha e Musa, que imediatamente se viram cercados de homens armados. Hernando continuava com a mão dentro da bolsa.

– Não escondo arma alguma – tentou tranquilizar os soldados, começando a tirar, lentamente, a cabeça do Arrais. – Isto é o que resta de Barrax! – gritou mostrando-a segura pelo cabelo. – O capitão corsário!

Os murmúrios se estenderam até pelas filas mouriscas. Um dos soldados veteranos ordenou a um novato que fosse buscar o cabo ou o sargento, enquanto outros soldados e sacerdotes se juntavam ao grupo que rodeava o rapaz e seus acompanhantes. Todos sabiam quem era Barrax.

– Qual o seu nome? – perguntou-lhe um cabo que abriu caminho entre as pessoas e que sorriu ao ver a cabeça do corsário.

– Hernando Ruiz! – ouviu-se do outro lado da aglomeração antes que ele pudesse responder.

O rapaz se virou surpreso. Aquela voz... Andrés, o sacristão de Juviles!

O sacristão também se havia introduzido no grupo acompanhado de dois sacerdotes e se dirigiu diretamente para Aisha, a quem esbofeteou apenas por tê-la diante de si. Hernando deixou cair a cabeça de Barrax e fez menção de saltar sobre o sacristão, mas o cabo o deteve.

– Que é que está acontecendo? – estranhou o soldado. – Por que...?

– Esta mulher assassinou o Padre Martín, o pároco de Juviles – gritou o sacristão com os olhos injetados. Então fez menção de esbofetear de novo Aisha.

Hernando notou que lhe fraquejavam as pernas ao recordar sua mãe esfaqueando o padre. Nunca previu que encontrariam alguém de Juviles, e menos ainda com Andrés. O cabo segurou o braço do sacristão e o impediu de bater em Aisha.

– Como se atreve...? – saiu um dos sacerdotes em defesa do sacristão.

As ordens do príncipe eram taxativas: não se devia fazer nada que pudesse suscitar uma sublevação dos mouriscos.

– D. João – arguiu o cabo – prometeu o perdão a quantos mouriscos se rendessem, e ninguém vai contrariar sua decisão. Este rapaz – acrescentou – vem entregar suas armas e... a cabeça de um capitão corsário. Os únicos que não gozam do favor nem do perdão do príncipe são os turcos e berberes.

– Ela assassinou um homem de Deus! – retrucou o outro sacerdote enquanto sacudia Aisha pelo braço.

– Parece que também mataram um sanguinário inimigo do rei. Ela está com você? – acrescentou.

– Sim. É minha mãe.

– É claro! – explodiu de novo Andrés cuspindo suas palavras contra Aisha. – Não podia voltar com seu marido, não é mesmo? Quando o reconheci numa das filas com outra mulher... jurou que ela havia morrido! Por isso você teve de voltar com seu filho e com o troféu de um corsário para ganhar a liberdade...

– A liberdade lhe é concedida pelo príncipe – afirmou o cabo. – Eu os proíbo – advertiu os sacerdotes – de tomar qualquer medida contra esta mulher. Se têm algo para dizer ou reclamar, dirijam-se a D. João de Áustria.

– É o que vamos fazer! – gritou o primeiro sacerdote. – Contra ela e contra seu marido, que mentiu. – O cabo deu de ombros. – Acompanhe-nos a buscar seu marido – exigiu o sacerdote.

– Tenho coisas para fazer – desculpou-se este ao mesmo tempo que pegava do chão a cabeça de Barrax. – Acompanhem-nos – ordenou a dois de seus homens –, e atenção para que se cumpram as ordens do príncipe.

Iam atrás de Brahim! Hernando nem sequer prestou atenção aos mouriscos entre os que se meteram seguindo o sacristão. Tampouco o fez aos comentários que se faziam à sua passagem; o acontecimento da cabeça do capitão corsário havia corrido de boca em boca. Iam atrás de Brahim... e de Fátima!

– Ali está ele! – O grito de Andrés, apontando para a mesa de um escrivão, lhe devolveu à realidade no momento em que seu estômago começava a contrair-se ao imaginar Fátima nas mãos de seu padrasto. – José Ruiz! – rugiu o sacristão apressando-se para a mesa. O escrivão parou de escrever em seu livro e ergueu o olhar para o grupo que se aproximava deles. – Você não me jurou que sua esposa havia morrido?

Brahim empalideceu ao ver o enteado e Aisha, Musa, os dois soldados, alguns sacerdotes e o sacristão de Juviles dirigindo-se apressadamente para ele. Hernando não chegou a perceber o pânico que se refletiu no rosto do padrasto; seu olhar estava fito em Fátima, magra, abatida, com os belos olhos negros amendoados afundados em órbitas arroxeadas. A moça se limitou a vê-los aproximar-se, impassível.

– A que se deve esse escândalo? – inquiriu o escrivão, fazendo-os parar com um gesto de mão antes que se abalançassem sobre a mesa. Era um homem seco, de rosto enfermiço e barba rala, a quem

incomodou a interrupção. O sacristão se lançou sobre Brahim, mas um dos soldados lhe impediu a passagem. – Que é que está acontecendo aqui? – voltou a perguntar o escrivão.

– Este homem me mentiu! – disse Andrés. O escrivão lhe respondeu com uma ponta de resignação, convencido de que todos eles o faziam. – Ele jurou que sua esposa havia morrido, mas na verdade estava era tentando esconder a assassina de um sacerdote – acusou segurando Aisha pelo braço e apresentando-a diante do escrivão.

– Sua esposa? Segundo ele – interveio o escrivão como se lhe custasse tremendo esforço falar –, sua esposa é essa mulher. – E apontou para Fátima.

– Bígamo! – clamou um dos sacerdotes.

– Herege! – vociferou o outro. – Devemos denunciá-lo ao Santo Ofício! O príncipe não pode perdoar os pecados; isso cabe apenas à Igreja.

O escrivão deixou cair a pena sobre o livro e enxugou a testa com um lenço. Após dias de trabalho e de atendimento a centenas de homens e mulheres que nem sequer falavam aljamiado, só lhe faltavam aqueles problemas.

– Onde estão os aguazis da Suprema? – perguntou Andrés. Olhou ao redor e instou aos soldados que fossem buscá-los.

Hernando viu que Brahim tremia, cada vez mais pálido. Sabia em que estava pensando. Se o detivessem e averiguassem que era casado com duas mulheres, a Inquisição o encarceraria e...

– Não... não é minha esposa – gaguejou então Brahim.

– Aqui está escrito María de Terque, esposa de José Ruiz de Juviles – disse o escrivão. – Foi isso o que você me disse.

– Não! Não me entendeu bem! Esposa de Hernando Ruiz de Juviles. – Brahim intercalou palavras em árabe, nervoso, sem deixar de gesticular. – Foi isso o que eu disse: Hernando Ruiz, meu filho, não José Ruiz. María de Terque é a esposa de meu filho! – gritou dirigindo-se a todos os presentes.

Hernando ficou atônito. Fátima levantou o olhar de Humam, a quem embalava alheia a tudo quanto sucedia ao redor.

– Você disse... – insistiu o escrivão.

Brahim soltou uma nova fieira de palavras em árabe. Tentou dirigir-se ao escrivão, mas este o interrompeu com um gesto de desdém da mão.

– Entregai-me o seu livro! – exigiu exaltado Andrés, em tom autoritário.

O escrivão pegou o livro com as duas mãos e balançou a cabeça. Depois olhou para a longa fila de mouriscos por inscrever, que ia aumentando progressivamente, todos atentos à discussão.

– Como querem que façamos o nosso trabalho se só arranham o castelhano? – queixou-se. A última coisa que queria naqueles momentos era ver-se imerso, ainda que fosse como testemunha, num processo inquisitorial; já havia tido más experiências com o Santo Ofício, e quem quer que aparecesse diante dele... Pegou a pena de novo, molhou-a em tinta e corrigiu sua anotação em voz alta: – María de Terque, esposa de Hernando Ruiz de Juviles. Pronto. Já não há problema. Entregue suas armas – acrescentou dirigindo-se ao recém-chegado – e dê-me os seus dados e de quem o acompanha.

– Mas... – queixou-se o sacristão.

– Reclamações com o Tribunal de Granada – interrompeu-o o escrivão sem tirar os olhos do livro.

– Não podeis... – começou a intervir um dos sacerdotes.

– Posso, sim! – atalhou o funcionário enquanto tomava nota.

Hernando sussurrava os dados de sua mãe e de Musa, olhando de soslaio para Fátima. A moça permanecia alheia a toda a confusão, com o olhar fito em seu pequeno, que ela continuava a ninar com suavidade.

– Estão-vos enganando! – insistiu Andrés.

– Não. – Agora o escrivão enfrentou o sacristão, farto já de suas exigências. – Não está me enganando. Agora lembro que certamente me disse Hernando Ruiz, não José Ruiz – mentiu. – Onde querem

viver até que o príncipe decida a sua expulsão? – perguntou-lhes depois.

– Em Juviles – respondeu Brahim.

– Tem de ser em terra plana, longe das serras e da costa – recitou irritado o escrivão pela enésima vez naquele longo dia.

– Na veiga de Granada – decidiu Brahim.

– Mas... – tentou intervir o sacristão.

– O seguinte – acrescentou com tédio o homem, indicando-lhes que se afastassem.

– Se, como dizem, contraíram matrimônio durante a sublevação, casem-nos conforme os preceitos da Santa Madre Igreja. – Tal foi a resposta que receberam da boca de Juan de Soto, secretário de D. João de Áustria, o sacristão de Juviles e os dois sacerdotes que foram queixar-se assim que se afastaram da mesa do escrivão. – No que se refere à mulher – continuou o secretário, lembrando-se do sorriso de satisfação de seu príncipe diante da cabeça de Barrax, ainda a seus pés quando foi consultá-lo –, alcança-a o perdão prometido. – Os três fizeram menção de discutir, mas o secretário o impediu: – Obedeçam, é a decisão do príncipe.

– Não se aproxime de Fátima ou...

Hernando foi surpreendido pela ameaça de Brahim alguns passos além da mesa do escrivão.

O rapaz parou. Já não era escravo de um corsário! Não fazia dois dias que havia renunciado à liberdade e arriscado a vida para salvar Fátima e sua mãe! Matou três homens para consegui-lo! Salvo o turbante, que deixou cair no caminho, ainda vestia as roupas de algum turco.

– E então? – gritou seu padrasto.

Brahim, adiante dele, parou e se virou para o enteado. Hernando encarou o arrieiro. Brahim torceu a boca num sorriso cínico. Então segurou o braço de Aisha e o apertou com força. Aisha resistiu por um instante, mas Brahim continuou apertando até que a mulher não

conseguiu ocultar um esgar de dor. Aisha não fez menção alguma de forcejar ou afastar-se do marido.

– Mãe! – exclamou Hernando procurando a empunhadura de um alfanje que nunca mais teria. Aisha evitou cruzar o olhar com o do filho. – Este cão filho de puta te abandonou em Ugíjar – gritou.

Brahim apertou com mais força o braço de Aisha. Esta continuava sem olhar para o filho. Fátima reagiu pela primeira vez e apertou Humam contra o peito, como se disso dependesse sua vida.

Hernando encarou o padrasto. Em seus olhos azuis brilhava uma fúria descontrolada. Ele tremia. O ódio acumulado rebentou num uivo de raiva. Brahim sorriu e torceu o braço de sua primeira esposa com tanta violência, que ela não conseguiu evitar um gemido.

– Você escolhe, nazareno. Quer me ver quebrar o braço de sua mãe?

Aisha soluçava.

– Basta! – gritou Fátima. – Ibn Hamid, não...

Hernando deu um passo atrás, incrédulo diante da súplica muda que via no semblante da moça, e respirou fundo para sossegar as batidas do coração.

De olhos fechados, o jovem lembrou-se do conselho de Hamid. "Use a inteligência", dissera-lhe o alfaqui. Não era o momento de deixar-se levar pelas emoções... Sem dizer nada, Hernando deu meia-volta e se afastou, lutando para conter suas ânsias de vingança.

23

Maio de 1570

Misericórdia, senhor. Misericórdia nos conceda Vossa Alteza em nome de Sua Majestade, e perdão por nossas culpas que sabemos ter sido graves. – Tais foram as palavras que o Habaquí, prostrado diante de D. João de Áustria, pronunciou no momento de sua rendição. – Estas armas e bandeira entrego a Sua Majestade em nome de Aben Aboo e de todos os insurretos de que tenho procuração – finalizou ao mesmo tempo que D. Juan de Soto lançava por terra a bandeira.

Antes que o Habaquí entrasse na tenda, o estandarte vermelho de Aben Aboo com seu lema bordado, "Não podia desejar mais nem contentar-me com menos", foi entregue às companhias de infantaria e cavalaria devidamente formadas no acampamento. Uma longa salva de arcabuzes acompanhou os gritos de cavaleiros e soldados antes das orações dos sacerdotes.

O Habaquí conseguiu do rei o perdão para turcos e berberes, que ficariam em liberdade para voltar para suas terras. Felipe II cedeu, de tanto o outro urgir com ele para que pusesse fim ao conflito e encabeçasse a Santa Liga proposta pelo Papa, além do temor de que a chegada da primavera provesse de alimentos os mouriscos e estes voltassem a se sublevar.

D. João de Áustria nomeou comissários e os enviou ao longo das Alpujarras para obter a total rendição dos mouriscos do reino de Granada. O Habaquí se encarregou do necessário a fim de embarcar os turcos e berberes nos portos designados pelo príncipe, para o que Felipe II dispôs uma multidão de embarcações redondas e a remo. A pacificação definitiva foi marcada para o dia de São João de 1570, data

em que já deveriam ter partido todos os turcos e berberes das terras do reino de Granada.

Em 15 de junho, se contabilizavam trinta mil mouriscos rendidos. O Habaquí conseguiu embarcar com destino a Argel quase todos os turcos e corsários, mas a maioria dos berberes decidiu continuar lutando. Diante disso, Aben Aboo mudou de parecer e se retratou da rendição: assassinou o Habaquí e voltou a fortalecer-se nas serras no comando de cerca de três mil homens.

> Hoje foi o último envio deles e com a maior lástima do mundo, porque, no tempo da saída, houve tanta água, vento e neve, que alguns se queixavam no caminho à mãe a filha, e à mulher o marido, e à viúva seu pequeno, e assim sucessivamente; e eu a todos pus a andar duas milhas mal padecendo: não se negue que ver o despovoamento de um reino dá a maior compaixão que se possa imaginar. Por fim, Senhor, isto está feito.
>
> Carta de D. João de Áustria a Rui Gómez,
> 5 de novembro de 1570

Em novembro de 1570, Felipe II ordenou a expulsão de todos os mouriscos do reino de Granada. Os estabelecidos na veiga, entre os quais Hernando, Brahim e suas famílias, foram encomendados a D. Francisco de Zapata de Cisneros, senhor de Barajas e corregedor de Córdova, que devia levá-los para esta cidade a fim de depois distribuí-los pelas terras de Castela e Galiza.

A veiga de Granada era composta por uma multidão de granjas a oeste da cidade. Era uma região plana e fértil, por contar com um ordenado e complexo sistema de distribuição de água através de acéquias construídas em época romana, que depois foi desenvolvido e aperfeiçoado pelos muçulmanos. Após a rendição de Granada aos Reis Católicos, a atávica distribuição da terra em hortos e pequenas parcelas passou a tomar a forma de fazendas: grandes extensões de cultivos de propriedade de nobres, notáveis cristãos e ordens religiosas, como a

dos cartuxos, que se beneficiou de grandes superfícies que dedicou ao cultivo extensivo de videiras.

Ali, durante sete meses, viveram deslocados milhares de mouriscos. Sentiam falta da fragosidade das montanhas, das canhadas e dos despenhadeiros das Alpujarras, em terras que se estendiam sem obstáculos diante de seus olhos, cultivadas e vigiadas pelos cristãos, e constantemente atravessadas por frades e sacerdotes que lhes recriminavam seus atos, fizessem o que fizessem.

Conforme as ordens do príncipe, Hernando e Fátima contraíram matrimônio cristão na igreja do Padul. No dia anterior ao da cerimônia, no interior do templo, ambos foram examinados acerca da doutrina cristã pelos mesmos sacerdotes que os tinham acossado assim que haviam chegado ao povoado, com o sacristão Andrés presente.

Hernando passou pelo exame sem dificuldade.

– Agora você – apontou um dos sacerdotes para Fátima –, reze o Padre-Nosso.

A moça não respondeu. Ao fim de alguns instantes, os dois sacerdotes e o sacristão mostraram impaciência.

Fátima permanecia absorta em sua desgraça. Naquela mesma noite, Brahim, diante de Hernando, de Aisha e de centenas de mouriscos que se amontoavam no chão tentando dormir, a havia possuído sem o menor pudor, como se quisesse demonstrar a todos que continuava sendo seu dono. Hernando, irado, teve de se afastar dos gemidos de prazer de seu padrasto. Foi para fora para tomar ar, sem poder evitar que de seus olhos brotassem ardentes lágrimas de impotência.

– Não sabe o Padre-Nosso? – inquiriu Andrés entrefechando os olhos.

Hernando a empurrou suavemente com o braço, e a moça reagiu. Recitou com voz trêmula o Padre-Nosso e também a Ave-Maria, mas foi incapaz de acertar no Credo, na Salve-Rainha e nos Mandamentos.

Um dos sacerdotes lhe ordenou que todas as sextas-feiras, durante três anos, fosse à sua paróquia até aprender corretamente o catecismo;

e assim fez constar em sua cédula. Depois, como era de preceito, os obrigaram a confessar.

– Isso é tudo? – bramou o padre que confessava Fátima quando esta deu por terminada a declaração de seus pecados. Hernando, que esperava a sua vez de pé junto ao confessionário, se encolheu. – D. Juan pode ter ordenado o matrimônio de vocês, mas o enlace não se dará se você não confessar corretamente e não se arrepender de seus pecados. E quanto ao seu adultério? Você vive em pecado! Os esponsais mouros carecem de eficácia. E quanto à sublevação? E aos insultos e blasfêmias, aos assassinatos e sacrilégios que você cometeu?

Fátima gaguejou.

– Não posso absolvê-la! Não vejo em você contrição nem arrependimento, nem propósito de emenda.

A moça, ajoelhada, não pôde observar o esgar de satisfação do padre no interior do confessionário, mas Hernando, sim, percebeu os sorrisos de Andrés e do outro sacerdote, atentos ao resultado da confissão. Por que aqueles sorrisos? Se não os casassem... a Inquisição! Viviam em pecado. Nem sequer o príncipe podia deter a Suprema.

– Confesso! – gritou o rapaz ajoelhando-se no chão. – Confesso viver em pecado e me arrependo disso. Confesso ter presenciado o sacrilégio nas igrejas...

Fátima começou a repetir, mecanicamente, as palavras de Hernando.

Ambos confessaram os mil pecados que os sacerdotes desejavam ouvir, arrependeram-se e prometeram viver a partir de então segundo a virtude cristã. Eles padeceram aquela noite como penitência no interior da igreja: Hernando rezou em voz alta, tentando esconder com suas palavras o pertinaz silêncio em que permanecia Fátima, ajoelhada a seu lado.

Na manhã seguinte, apenas com a presença de Brahim, vigilante, ameaçador, e de alguns cristãos-velhos do povoado expressamente chamados para atuar como testemunhas, o casal contraiu matrimônio. Tornaram a comungar. Hernando percebeu que Brahim se mexia

inquieto diante da formalidade da cerimônia e permitiu que "a torta" se desfizesse lentamente na boca. Estavam-no casando com Fátima! Que importava o que acontecesse depois? Brahim voltaria a reclamar Fátima, e dentro da comunidade mourisca ela continuaria a ser sua segunda esposa, mas o arrieiro nada podia fazer agora, salvo controlar seus impulsos diante da solenidade com que afrontavam seu fingido matrimônio. O sacerdote os declarou marido e mulher, e Hernando, em silêncio, implorou a ajuda de Alá.

O casamento lhes custou a mula. Hernando teve a tentação de opor-se e alegar que o preço máximo pelos casamentos era o de dois reais para o padre, meio para o sacristão e uma oferta humilde, mas não dispunha de dinheiro; só tinha aquela mula que tampouco era sua. A última advertência que receberam os recém-casados antes de deixar o templo foi a de que não deviam coabitar nem manter relações durante os quarenta dias seguintes.

Na veiga de Granada, os mouriscos viviam ao relento e quase sem fogo, por não poderem obter a madeira das árvores frutíferas que dominavam a paisagem. Malbarataram quanto tinham podido conservar para obter trigo, e até a água, que com tanta abundância se distribuía entre as plantações conforme estritas regras ancestrais, se transformou para eles num bem escasso. Andrajosos, viviam às centenas onde encontrassem um pedaço de terra ermo; as casas dos mouriscos da veiga, expulsos antes de sua chegada, estavam agora ocupadas por cristãos. Compartilhavam o pouco de que dispunham, à espera do anunciado êxodo. Após o casamento, Brahim voltou a reclamar Fátima. Depois, já na veiga, Hernando se viu obrigado a acompanhá-lo enquanto percorriam aqueles vergéis proibidos em busca de algo para se alimentarem; Brahim cuidava o tempo todo para que seu enteado não ficasse a sós com Fátima, e, quando, por uma ou outra razão, isso sucedia, a moça o evitava.

– Não insista – aconselhou-lhe um dia sua mãe. – Ela o faz por Humam... e por mim. Brahim poderia matar o pequeno se ficasse

sabendo que ela fala comigo. Ele a ameaçou disso! Sinto muito, meu filho.

Hernando se refugiou na comunhão vivida na igreja do Padul; naquele instante em que se sentiu marido de Fátima. Que ironia! Numa igreja cristã! Talvez um dia...

Na veiga, à espera da decisão do príncipe, os mouriscos viveram o desconsolo pela derrota que então, desarmados e submetidos, encarcerados em terras que seriam suas, eles perceberam em toda a sua magnitude. Onde os desterrariam? De que viveriam? A preocupação quanto a seu futuro em distantes reinos hostis, dominados por cristãos que não escondiam seu ódio pelos vencidos, os torturava a todo o momento. Se alguém ainda confiava na revolta de Aben Aboo, as notícias não convidavam ao otimismo: o comendador-mor de Castela e o duque de Arcos combatiam com eficácia as poucas forças do rei de al-Andalus.

Em primeiro de novembro, quando apertava o mau tempo e a subsistência se mostrava impossível para aquele povo mergulhado na miséria, D. João de Áustria ordenou por fim a sua expulsão. Aos mouriscos da veiga de Granada deram ordem de reunir-se junto ao Hospital Real de Granada, num grande descampado extramuros da cidade. O hospital, a velha Porta de Elvira que dava acesso ao Albaicín e à medina muçulmana, o convento da Mercê, a igreja mudéjar de Santo Ildefonso, e grandes e numerosas hortas cercadas rodeavam o lugar.

Milhares de mouriscos se acumularam na planície, diante do Hospital Real, custodiados pelos soldados do corregedor D. Francisco de Zapata, à espera de que os contadores e escrivães distribuídos em seu interior fizessem o censo deles e tomassem escrupulosa nota de seus lugares de destino.

Em 5 de novembro, no meio de uma tempestade, maltrapilhos, famélicos e doentes, três mil e quinhentos mouriscos, com os Ruiz de Juviles entre eles, deixaram Granada pelo caminho da Cartuja. Durante sete dias percorreram, escoltados, as mais de trinta léguas que

separavam Granada de Córdova, adequando as etapas de sua viagem ao bem-estar do corregedor e seus funcionários, que buscavam parar naqueles lugares em que podiam pernoitar sem prescindir de cama e comida.

Durante a primeira etapa caminharam até Pinos, na veiga, a cerca de três léguas de Granada. D. Francisco de Zapata se acomodou no povoado, mas os mouriscos tiveram de suportar a noite debaixo de chuva, nos arredores, protegendo-se uns aos outros. A partilha da comida foi parca. Os do lugar se mostraram resistentes a alimentar a quem havia insultado a cristandade. Ao amanhecer, começaram a subida para Moclín, lugar em que se erguia uma imponente fortaleza que protegia o acesso à veiga e à cidade de Granada. A distância que percorreram foi a mesma que a da primeira jornada, mas neste caso subindo e sentindo o frio da serra se enredar nas roupas encharcadas pela chuva para infiltrar-se até os ossos. Não podiam ficar mouriscos pelo caminho, razão por que todos os homens sadios foram obrigados a ajudar os doentes ou até a transportar os cadáveres. Não havia nenhuma carroça. Hernando, longe de Fátima e Aisha, que caminhavam adiante, praticamente carregou durante a subida um velho esquálido incapaz de manter-se de pé, com uma tosse seca que à medida que transcorria a jornada se transformou num surdo estertor que martelava os ouvidos do rapaz. Faleceu naquela mesma noite, como outros setenta mouriscos. O único consolo para os deportados foi que, após carregar seus mortos até a parada seguinte, a falta de caixões lhes permitia enterrá-los em terra virgem.

Alguns, desesperados, optaram pela fuga, mas o príncipe havia ordenado que todo e qualquer mourisco que tentasse fugir passaria a ser escravo do soldado que o prendesse, razão por que a falta de qualquer homem, mulher ou criança dava ensejo a uma ávida caçada por parte dos cristãos, os quais depois ferravam a fogo seus novos escravos, na testa ou na face, enquanto os gritos de dor corriam pelas filas de deportados. Nenhum mourisco alcançou a liberdade.

De Moclín se dirigiram para Alcalá la Real, a outras três léguas, caminhando pelo alto da serra. Mandaram Hernando carregar uma matrona coxa em substituição do velho morto, para o que necessitou da ajuda de outro rapaz de sua idade. Na noite anterior, ele percebeu em Fátima uma preocupação com o pequeno Humam, cuja tosse ela tentava mitigar contra seu peito.

Em Alcalá la Real, no sopé de uma colina coroada por outra fortaleza em cujo interior amuralhado se construía uma imponente abadia sobre uma antiga mesquita, Aisha anunciou a seu filho a morte do pequeno Humam durante a marcha daquele dia: tal como o velho, sua tosse fora se transformando numa respiração sibilante, e a criança começou a tiritar de tal modo, que a própria Fátima fez seus aqueles tremores entre o choro e os gritos de impotência. Não lhes permitiram parar. Fátima, dilacerada, implorou de joelhos aos cristãos que a ajudassem, que lhe permitissem parar por um momento para dar algo quente ao menino, mas suas muitas súplicas foram respondidas com o desprezo. A soldadesca parecia mais atenta à possibilidade de que aquela jovem mãe, bela até em seu sofrimento, tomasse a desesperada decisão de fugir para cuidar de seu filho; por Fátima se poderia obter um bom preço no mercado de Córdova.

– Ninguém nos ajudou – soluçou Aisha lembrando-se dos olhares de compaixão dos demais mouriscos.

Seguiram em frente até que, a menos de uma légua de Alcalá, mãe e filho pararam de tremer. A própria Aisha teve de soltar o cadáver do menino dos tesos braços de sua mãe.

Como marido cristão da moça, Hernando compareceu diante dos escrivães, que tomaram nota e atestaram o falecimento do pequeno Humam; Fátima não falava. Depois, ao anoitecer, Hernando, Brahim, Aisha e Fátima se afastaram dos mouriscos e, como tantas outras famílias muçulmanas, vigiados de longe pelos soldados, procederam ao enterro. Aisha lavou com delicadeza o cadáver do pequeno com a água fria e cristalina que corria por uma acéquia. Escondida entre as roupas de Humam, encontrou a mão de Fátima, que guardou; não era o

momento de devolver a joia à moça. Hernando pensou ouvir da boca de sua mãe aquelas mesmas canções de ninar de que tanto se lembrava; Aisha as cantarolava em voz baixa, como quando o premiava com aqueles momentos. Brahim cavou uma sepultura perto do lugar. Fátima já não tinha lágrimas. Não houve alfaqui, nem orações, nem mortalha para envolver o pequeno. Brahim o depositou no buraco com sua mãe, que, de pé, alheada, nem sequer se aproximou da cova.

A partir de Alcalá la Real, as etapas se tornaram mais longas. Desceram até a campina de Jaén. Brahim ajudava Fátima, que se deixava arrastar. Não falava; não parecia viver. Hernando sentia enjoos, tonteiras e calafrios todas as vezes em que vislumbrava o corpo inerme de Fátima pendente de seu padrasto. Ao fim de três outras jornadas, chegaram a Córdova. Maltrapilhos, descalços, com crianças e doentes às costas, marchando a cinco de fundo, ladeados por companhias de alabardeiros e arcabuzeiros, entraram na cidade ao som de música e em meio à curiosidade das pessoas. Os soldados, em formação, estavam vestidos com seus melhores trajes de gala.

De três mil e quinhentos que haviam partido de Granada, só chegaram três mil. Quinhentos cadáveres semearam a macabra rota!

Era 12 de novembro de 1570.


II

EM NOME DO AMOR

Eu não sabia o que era isto, pois não teria permitido que se chegasse ao que aconteceu, porque fazeis o que pode haver em outras partes e desfizestes o que era singular no mundo.

Palavras atribuídas ao imperador Carlos I no ano de 1526, à vista da catedral cristã no interior da mesquita de Córdova, cujas obras ele mesmo havia autorizado, pondo fim às disputas entre a municipalidade e o cabido da catedral acerca da conveniência de sua construção.

24

Deixaram atrás de si a fortaleza da Calahorra, atravessaram a ponte romana sobre o Guadalquivir e entraram em Córdova pela Porta da Ponte, que dava para a fachada traseira da catedral da cidade. Em formação, vigiados pelos soldados e perscrutados pela cidadania aglomerada à sua passagem, Hernando, como muitos outros mouriscos que reconheceram na catedral cristã a maravilhosa mesquita da Córdova dos califas, desviou o olhar para o templo. Apujarrenhos humildes, ligados a suas terras, nunca haviam tido oportunidade de vê-la, mas sabiam dela, e, mesmo extenuados, a curiosidade assomou a seus rostos. Bem atrás daquela parede centenária, sob a cúpula, se achava o *mihrab,* o lugar donde o califa dirigia a oração. Alguns murmúrios correram entre os deportados, que inconscientemente diminuíram a marcha. Um homem que levava um menino nos ombros apontou para a mesquita.

– Hereges! – gritou uma mulher diante daquelas demonstrações de interesse. Imediatamente, o povo se juntou às ofensas, como se quisesse defender a igreja de olhares profanos:

– Sacrílegos! Assassinos!

Um velho ia atirar-lhes uma pedra, mas os soldados o impediram e apertaram o passo da coluna. Quando ultrapassaram a fachada posterior da catedral, as ruas se tornaram mais estreitas e os soldados dispersaram os cidadãos, que só puderam continuar observando a comitiva das sacadas das casas caiadas de dois andares. Os mouriscos percorreram a rua dos Cordoneros, passaram pela Alhóndiga e pela rua da Pescadería, atravessaram a de Feria e chegaram até a desembocadura da rua do Potro. A frente do cortejo parou na praça do Potro, a maior zona comercial da cidade e o lugar escolhido pelo corregedor Zapata para mantê-los em custódia.

A praça do Potro era uma pracinha fechada, centro do bairro do mesmo nome, onde tentaram infrutiferamente acomodar-se os três mil mouriscos que haviam sobrevivido ao êxodo, ainda que a maior parte se tivesse espalhado pelas ruas adjacentes. Poucos puderam encontrar alojamento, e menos ainda pagá-lo, na pousada do Potro, situada na mesma praça, na de la Madera, na de las Monjas ou em qualquer das muitas outras que existiam nos arredores. O corregedor estabeleceu controles de acesso à zona, e ali, nas ruas, a cargo e por conta da municipalidade, ficaram os mouriscos à espera das instruções do rei Felipe acerca de seu destino final.

A noite caiu enquanto a maior parte deles saciava a sede em grandes vasilhas. Quando chegou sua vez, e enquanto Brahim bebia água sob o jorro, Hernando observou Fátima: seu cabelo, agora malcuidado e sujo, emoldurava um rosto de pômulos marcados e olhos afundados e arroxeados, umas feições consumidas em que se destacavam os ossos. Viu como lhe tremiam as mãos ao juntá-las em forma de tigela e tentar levá-las até os lábios: a água lhe escapou por entre os dedos antes de chegar à boca. Que seria dela? Não resistiria a uma nova viagem.

Ninguém ousou lavar-se; por mais que o corregedor tivesse fechado as ruas, a medida atingia somente os mouriscos, e os viajantes, mercadores, comerciantes de gado e artesãos que trabalhavam e viviam na zona – seleiros, espadeiros, costureiros de roupas de linho, fabricantes de agulhas ou curtidores – transitavam com soberba por entre a massa de deportados, vigiando-os, tal como faziam os muitos sacerdotes que vagueavam entre eles ou a multidão de desocupados que diariamente iam ao lugar: mendigos ou aventureiros que aproveitavam para tratá-los com desprezo.

Os mouriscos estavam esgotados e famintos. De repente, os cristãos apareceram com grandes panelas de um ensopado de verduras... e tripa de porco! Então os sacerdotes se dedicaram a deter-se, aqui e ali, para verificar se ninguém se recusava a comer aquele alimento que sua religião lhes proibia.

– Por que não come? – perguntou um deles, apontando para Fátima. A jovem estava sentada no chão, com as costas apoiadas na fachada de um dos prédios da rua do Potro; a malga com a comida estava intacta entre seus pés.

Fátima nem sequer levantou o rosto ao ouvir o sacerdote. Brahim, absorto nos pedaços de entranhas que flutuavam em sua tigela, não respondeu. Aisha tampouco o fez.

– Está doente – apressou-se a desculpá-la Hernando.

– Nesse caso, a comida lhe cairá bem – argumentou o padre, e, com um gesto, instou-lhe que comesse.

Fátima continuou impassível. Hernando se ajoelhou junto a ela, pegou a concha e a encheu de caldo... e de um pedaço de porco.

– Coma, por favor – sussurrou para Fátima.

Ela abriu a boca, e Hernando introduziu o ensopado em seu interior. A gordura escorreu pelo queixo da moça antes que uma ânsia de vômito a obrigasse a cuspir a comida aos pés do sacerdote. O homem saltou para trás.

– Sua cadela moura!

Os mouriscos que se achavam ao redor se afastaram e formaram um grupo. Ainda de joelhos, arrastando-se, Hernando se virou para o padre e lhe falou.

– Está doente! – exclamou. – Olhai! – Pegou o pedaço de porco do chão e o levou à boca. – É... é minha esposa. Só está doente – repetiu. – Olhai! – Voltou ao lugar onde estava a malga, encheu a concha de pedaços de tripa e as comeu. – Só está doente... – balbuciou de boca cheia.

O sacerdote ficou vendo por um bom tempo Hernando mastigar e engolir o porco, e repetir, até que pareceu dar-se por satisfeito.

– Voltarei – disse antes de dar-lhes a costas e dar com o mourisco que estava mais próximo – e então espero que tenha melhorado e honre a comida que com tanta generosidade lhes proporciona a cidade de Córdova.

Em frente de onde se encontravam Fátima e Hernando, do outro lado da rua, abria-se um diminuto beco sem saída, em que nem sequer cabiam dois homens de lado e que levava do Potro ao Guadalquivir. A porta de madeira que dava passagem para a ruela estava naquele momento aberta e mostrava uma fileira de lupanares ou pequenos prostíbulos, alguns de um só andar, que se estendiam em ambos os lados e em todo o seu comprimento. Bem na porta do beco, armado, falando com os clientes que entravam ou saíam do lupanar, o aguazil da mancebia de Córdova contemplava os mouriscos. Atrás dele, sem atrever-se a sair por causa de suas proibidas vestimentas e adornos que elas só podiam usar no interior da mancebia, algumas mulheres assomavam a cabeça, e entre todas elas, procurando não despertar os receios do aguazil, um homem presenciava as súplicas do jovem mourisco por aquela moça enfermiça. Havia dito que era sua esposa? Esboçou um sorriso que se desvaneceu na face direita, ali onde o infame "S" aparecia ferrado a fogo. Hernando! Haviam-se passado quase dois anos desde que se tinham despedido no castelo de Juviles. Durante todo aquele tempo, aquele homem havia pensado em Hernando todos os dias: era o filho que nunca havia tido... Emocionado ao vê-lo com vida, pensou com orgulho que o jovem havia crescido e, apesar de seu aspecto andrajoso, era evidente que já era um homem. Que idade teria? Dezesseis?, perguntou-se Hamid.

– Francisco! – gritou o aguazil ao notar sua presença na porta. – Vá trabalhar! E vocês também – acrescentou, enxotando com as mãos as mulheres.

Hamid teve um sobressalto e mancou ao longo do beco, fazendo esforço para conter as lágrimas. Hernando! Havia pensado que não tornaria a encontrá-lo... Quantos outros habitantes de Juviles teriam chegado naquela nova leva? Não as havia visto, mas lhe constava que na cidade se achavam várias escravas procedentes de Juviles, capturadas antes do perdão concedido por D. João de Áustria; todos os demais mouriscos livres que se estabeleceram em Córdova provinham do Albaicín ou da veiga de Granada, procedentes das

primeiras deportações. Em silêncio, agradeceu ao Clemente por ter protegido a vida e a liberdade do rapaz. Mas que estava acontecendo com sua esposa? Via-se que estava doente; tremia de maneira convulsiva. Hernando devia amá-la, porque saltou às cegas em sua defesa, arrastando-se de joelhos até o padre. Parou diante da porta de um pequeno lupanar de dois andares e aproximou o ouvido. Não se ouvia nada em seu interior. Bateu com os nós dos dedos.

– Você tem de comer. – Hernando se deixou cair ao lado de Fátima. Imediatamente, Brahim ergueu o olhar de sua malga.

– Deixe-a – grunhiu –, não se aproxime...

– Cale-se! Porventura quer que faleça? Vai deixá-la morrer e depois matará minha mãe porque eu tentei ajudá-la?

Brahim observou a moça: encolhida, trêmula.

– Cuide dela você, mulher – ordenou a Aisha, que comia fechando os olhos toda vez que levava a concha à boca –, tente que não morra.

– Você tem de se alimentar, Fátima – sussurrou Hernando ao ouvido de Fátima. Ela não respondeu, não o olhou, continuou tremendo. – Eu sei que você está sentindo a perda de Humam, mas não comer não devolverá a vida a ele. Todos nós sentimos saudade dele...

– Deixe comigo – instou-lhe Aisha, em pé diante dele. Hernando ergueu os olhos azuis; seu olhar expressava uma profunda consternação. – Deixe comigo – repetiu ela com doçura.

Aisha tampouco conseguiu que Fátima reagisse. Tentou obrigá-la a tomar o caldo, comendo ela o porco para o caso de voltar algum sacerdote, mas, assim que conseguia introduzir-lhe algo de líquido ou alguma verdura, a moça o devolvia. Hernando, de cócoras, observava como sua mãe lutava para alimentar Fátima; prendia a respiração quando o conseguia, e se desesperava até bater na terra com os nós dos dedos ao ver o corpo da moça repelir o alimento.

– Dizem que há um hospital na pracinha – comentou-lhe uma mulher mourisca que presenciava a cena com angústia.

Quando Hernando a interrogou com o olhar, a mulher lhe assinalou a praça do Potro; ele saiu correndo, mas teve de parar vários passos adiante: uma multidão se aglomerava no que devia ser a entrada do hospital, diante de um pórtico fechado por um arco duplo de meio ponto. Contudo, aproximou-se e lutou para abrir caminho por entre as pessoas, não se importando com as reclamações.

– Já lhes disse – conseguiu escutar que dizia o capelão – que as catorze camas do hospital estão ocupadas e em mais da metade delas há duas pessoas. Mas, além disso, para dar entrada no hospital é necessária a ordem do médico ou do cirurgião, e agora nenhum dos dois está.

Alguns cediam ao escutar aquelas palavras e deixavam o pórtico; outros permaneciam no lugar, mostrando suas feridas, tossindo ou estendendo os braços, suplicantes. Um menino agonizava aos pés do capelão enquanto seu pai chorava desconsoladamente. Que podia conseguir ele?, pensou Hernando ao ver o capelão negar teimosamente com a cabeça. A visão de Fátima tremendo e vomitando o impeliu a fazê-lo, e pela segunda vez na noite se ajoelhou diante de um sacerdote.

– Por amor de Deus e pela santíssima Virgem... – gritou com as mãos entrelaçadas na altura do estômago do capelão, recordando as palavras de súplica do nobre cristão na tenda de Barrax –, pelos cravos de Jesus Cristo, ajudai-me!

O sacerdote permaneceu por um instante atônito, antes de se abaixar e o obrigar a ficar de pé. Era o primeiro mourisco que invocava Jesus Cristo! No entanto, Hernando se manteve de joelhos.

– Ajudai-me – repetiu enquanto o sacerdote o segurava pelas mãos e lutava para levantá-lo. – Onde posso encontrar esse cirurgião? Dizei-me! Minha esposa está muito doente...

O capelão lhe soltou as mãos com um gesto brusco.

– Sinto muito, rapaz. – O homem balançou a cabeça. – O Hospital da Caridade só admite homens.

Hernando não quis escutar como, depois de sua partida, os demais mouriscos rompiam em invocações à Santíssima Trindade.

Transcorreram as horas, e já era noite fechada. Os mouriscos tentaram dormir no chão, uns em cima dos outros. Hernando andava de um lado para outro, sem afastar-se de Fátima, contendo os soluços diante dos tremores da moça. Brahim dormia encostado à parede, com Musa e Aquil encolhidos a seu lado. Aisha acariciava o cabelo de Fátima, velando-a, como... como se esperasse sua morte.

Já bem entrada a madrugada, o barulho da porta do beco ao abrir-se surpreendeu Hernando. Primeiro ele viu uma jovem loura dirigir-se diretamente para ele, que estava fazendo aquela mulher?, mas atrás, mancando...

– Hamid! – O alfaqui pôs o dedo na boca e coxeou para ele.

Hernando se lançou em seus braços. Naquele momento teve consciência de quanto havia sentido falta daquele rosto amável e familiar, o rosto de quem havia sido seu maior consolo durante os tempos tristes de sua infância.

– Vamos! Não há tempo a perder – instou-lhe Hamid não sem antes abraçá-lo com força. – Aquela, a esposa dele, aquela moça – apontou para a jovem que saiu com ele. – Ajude-a, vamos.

– O que... o que você vai fazer? – perguntou Hernando imóvel, sem conseguir afastar o olhar da letra a fogo que estava ferrada na face do alfaqui.

Aisha se levantou, e foi ela quem ajudou a loura a erguer Fátima pelas axilas.

– Tentar salvar sua esposa – respondeu-lhe Hamid quando as duas mulheres já atravessavam a rua arrastando Fátima. – Você não deve passar pela porta, Aisha – acrescentou. – Eu me ocuparei da moça.

Hernando permanecia paralisado. Sua esposa? Isso era diante dos cristãos, mas Hamid... E Brahim? Que diria Brahim quando visse que Fátima já não estava ali? O fato de ter sido Hamid quem ajudou a moça talvez servisse para mitigar sua cólera.

– Não é minha... – Aisha, já livre de Fátima, o segurou pelo braço e o fez calar com um gesto. O alfaqui não chegou a ouvi-lo: estava preocupado apenas com que ninguém os descobrisse.

– Amanhã – disse antes de fechar a porta da mancebia – sairei para fazer compras. Falaremos então, mas levem em consideração que aqui sou somente um escravo; eu é que escolherei o momento... e chame-me de Francisco, esse é o meu nome cristão.

25

Em 30 de novembro de 1570, por ordem do rei Felipe II, os três mil mouriscos vindos da veiga de Granada com o corregedor Zapata partiram para seus destinos definitivos: Mérida, Cáceres, Plasencia e outros lugares, o que devolveu a Córdova certa tranquilidade e à praça do Potro a frenética atividade comercial que era habitual nela. À primeira hora da manhã, para além do moinho de Martos, na ribeira do Guadalquivir, Hernando os viu atravessar a ponte romana, em formação, tal como ele mesmo havia feito na direção contrária fazia quase três semanas.

À vista daquela coluna de homens, mulheres e crianças silenciosos, entregues à fatalidade, o fardo de pelames fétidos e sanguinolentos que carregava nos ombros ficou realmente pesado, muito mais do que tinha sido ao longo do trajeto pelos arredores da cidade, ao torno das muralhas, como ordenava a municipalidade, desde o matadouro até a rua das Badanas, junto ao rio, onde ficava o curtume de Vicente Segura. Por alguns instantes, Hernando diminuiu o passo ao mesmo tempo que seu olhar acompanhava a coluna de proscritos. Notou o sangue das reses correndo por suas costas até encharcar-lhe as pernas, e o penetrante fedor de pele e carne recém-esfolada que os cordoveses não queriam que percorresse suas ruas acompanhou o sofrimento que, mesmo à distância, podia pressentir naquelas pessoas. Que seria de todos eles? Que fariam? Uma mulher passou a seu lado olhando-o com o cenho franzido, e Hernando reagiu e começou a andar: seu patrão não admitia atrasos, e ele não os podia permitir.

Aquele foi o trato que Hamid havia conseguido para eles por meio de Ana María, a prostituta que se ocupara de Fátima, que a escondera e a atendera no segundo andar de seu lupanar na mancebia com a

ajuda de Hamid. Sorriu ao pensar em Fátima: havia escapado da morte.

Diante da ordem de abandonar Córdova, os funcionários da municipalidade voltaram a se preocupar com os mouriscos, os recensearam de novo e deram às pessoas diferentes destinos. Nesse momento, Fátima teve de deixar a mancebia, e Hernando comprovou que as notícias que dia a dia lhes dava o alfaqui eram verdadeiras e que a moça, mesmo com a tristeza escrita no rosto, havia ganhado peso e apresentava um aspecto mais saudável.

Nenhum deles veio a conhecer Ana María.

– É uma boa moça – comentou certa manhã Hamid.

– Uma prostituta? – deixou escapar Hernando.

– Sim – afirmou com seriedade o alfaqui. – Elas costumam ser boas pessoas. São em sua maioria moças de lares humildes e sem recursos que os pais entregaram a famílias ricas para que servissem de criadas desde meninas. O acordo a que costumam chegar consiste em que, à medida que vão chegando a uma idade suficiente, tais famílias endinheiradas devem provê-las com um dote suficiente para contraírem um bom matrimônio. Mas em muitos casos esse acordo não é cumprido: quando se aproxima o momento, acusam-nas de ter roubado ou de manter relações com o senhor ou os filhos da casa, coisa a que, por outro lado, se veem com frequência obrigadas... Com demasiada frequência – lamentou. – Então as expulsam sem dinheiro algum e com o estigma de ladras ou putas. – Hamid apertou os lábios e deixou passar alguns instantes. – É sempre a mesma história! A maioria das mancebias se nutre dessas infelizes.

Hamid fora feito escravo após a entrada dos cristãos em Juviles. De pouco adiantou o perdão concedido pelo marquês de Mondéjar. No tumulto que se originou da matança de mulheres e crianças na praça da igreja, alguns soldados se apoderaram dos homens instalados nas casas do povoado e desertaram com o exíguo butim representado por aqueles mouriscos que não tinham podido fugir com o exército

muçulmano. Hamid, ferrado a fogo, coxo e esquálido, foi vendido a baixo preço antes até de chegar a Granada, sem regateios, a um dos muitos mercadores que seguiam o exército. Dali foi transportado para Córdova e adquirido pelo aguazil da mancebia: que melhor escravo para um lugar repleto de mulheres que um homem coxo e fraco?

– Compraremos sua liberdade! – exclamou Hernando, indignado, ao saber da história.

Hamid lhe respondeu com um sorriso resignado.

– Não consegui fugir de Juviles com nossos irmãos. E a espada? – perguntou de repente.

– Enterrada no castelo de Lanjarón, junto...

Hamid lhe fez sinal para que se calasse.

– Aquele chamado a encontrá-la o fará.

Hernando acompanhou esse pensamento antes de insistir:

– E a sua liberdade?

– Que faria eu em liberdade, rapaz? Só sei cultivar campos. Quem iria contratar um coxo para cultivar? Tampouco posso esperar esmolas dos fiéis. Aqui, em Córdova, só encontraria a morte se, em liberdade, me dedicasse como alfaqui ao que fiz por toda a vida...

– Em liberdade? Isso quer dizer que continuará como alfaqui? – interrompeu-o Hernando.

Hamid o obrigou a calar-se após ver de soslaio se alguém os estava escutando.

– Falaremos disso depois – sussurrou. – Receio que teremos muito tempo para isso.

– Você entende de ervas – insistiu, não obstante, o rapaz. – Poderia dedicar-se a elas.

– Não sou médico nem cirurgião. Qualquer coisa que fizesse com ervas seria considerada bruxaria. Bruxaria... – repetiu para si mesmo.

Tivera de convencer a jovem Ana María de que seus conhecimentos não eram bruxaria, ainda que, apesar disso, a moça tampouco parecia muito convencida... Pouco depois de chegar à mancebia, um dia a encontrou chorando desconsoladamente em seu lupanar quando foi

levar-lhe roupa de cama limpa. De início, Ana María se manteve obstinada e não respondeu a suas perguntas; Hamid era propriedade do aguazil, e quem assegurava que ele não lhe contaria...? Hamid viu aquela desconfiança nos olhos dela e insistiu, até que, pouco a pouco, ela se abriu com o alfaqui e desabafou. Cancro! Aparecera-lhe uma pequena úlcera na vulva, indolor, quase imperceptível, mas sinal inequívoco de que em pouco tempo ela se tornaria uma sifilítica. O médico que cada duas semanas a municipalidade mandava para controlar a saúde e a higiene das prostitutas acabara de passar e não havia percebido, mas na visita seguinte não lhe passaria despercebido. A moça voltou a romper em pranto.

– Ele me mandará para o Hospital da Lámpara – soluçou –, e ali... ali morrerei entre sifilíticas.

Hamid tinha ouvido falar do Hospital da Lámpara, que ficava perto dali. Todos os cordoveses tinham medo de se internar em qualquer dos muitos hospitais que existiam em Córdova. "Pobreza máxima é a que obriga um pobre a ir para um hospital", dizia-se entre as pessoas, mas o da Lámpara, asilo de mulheres acometidas de doenças venéreas sem cura, era referido com pavor entre as prostitutas. Fortemente vigiado pelas autoridades como medida sanitária, entrar nele implicava uma agonia lenta e dolorosa.

– Eu poderia... – começou a dizer Hamid –, conheço...

Ana María se virou para ele e lhe suplicou com seus olhos verdes.

– Há um antigo remédio muçulmano que talvez... – Tampouco havia tratado ninguém com cancro nas Alpujarras! E se não funcionasse? No entanto, já estava com a moça de joelhos, agarrada a suas pernas.

"Deus permita sua cura!", rezou em silêncio Hamid quando naquela mesma noite lavou com mel a vulva de Ana María e depois polvilhou sobre a ferida as cinzas que obtivera de um canudo de cana cheio de uma massa composta de farinha de cevada, mel e sal.

"Permita-o Deus!", rezou noite após noite ao repetir o tratamento. Na visita seguinte do médico da municipalidade, a úlcera já havia

desaparecido. Aquela diminuta fístula foi, na verdade, o anúncio da sífilis?, pensou Hamid enquanto Ana María soluçava de alegria em seus braços, agradecida. Era a medicina do Profeta, concluiu, no entanto: uma medicina capaz de tratar cancros e sífilis. Porventura não se havia encomendado a Deus em cada ocasião em que a tratara?

– Não o conte a ninguém, eu lhe rogo – pediu-lhe Hamid, afastando-se dela. – Se souberem... Se o aguazil ou a Inquisição vierem a saber o que aconteceu aqui, me processariam como bruxo... e a você como enfeitiçada... – acrescentou para maior segurança. – O que você está fazendo, moça? – perguntou-lhe, surpreso, ao ver Ana María tirar o gibão.

– Meu corpo é a única coisa que possuo – respondeu ela, ao mesmo tempo que abria a camisa e lhe mostrava os jovens seios.

Hamid não pôde deixar de olhar aqueles seios brancos e lisos, a grande auréola morena que rodeava os mamilos. Quantos anos fazia que não desfrutava de uma mulher?

– Basta-me a sua amizade – desculpou-se aturdido. – Cubra-se, eu lhe peço.

A partir daquele dia Hamid gozou de um respeito reverente por parte de todas as mulheres da mancebia; até o aguazil mudou seu modo de tratar o escravo. Que teria contado Ana María? O velho alfaqui preferia não saber.

– Consegui que vocês possam ficar em Córdova – anunciou Hamid a Hernando certa manhã. O alfaqui inspirou antes de continuar: – Você é toda a minha família... Ibn Hamid – nomeou-o em voz baixa, aproximando-se do ouvido de Hernando, que estremeceu –, e eu gostaria de tê-lo por perto, nesta cidade. Além disso... sua esposa não resistiria a um novo êxodo.

– Não é minha esposa... – confessou por fim.

Hamid o interrogou com o olhar, e Hernando lhe contou a história. Então o velho compreendeu por que Brahim o havia recebido furioso na primeira manhã em que se tinham encontrado. O alfaqui pensou

que se devia ao fato de a moça ter sido levada para uma mancebia e se mostrou contundente: "Nenhum homem ficará com ela – disse-lhe. – Confie em mim." O arrieiro quis discutir, mas Hamid lhe deu as costas. Depois foi Aisha quem, mais uma vez, se defrontou como o marido: "Eles estão tratando dela, Brahim. Morta, de pouco lhe servirá."

Ana María conhecia um jurado de Córdova: um homem que estava enrabichado por ela e que ia regularmente à mancebia. Os jurados tinham por função ser o contrapeso dos vinte e quatro no governo municipal. Diferentemente dos vinte e quatro, nobres todos eles, os jurados eram homens do povoado eleitos diretamente por seus concidadãos para os reapresentarem na municipalidade. Com o passar do tempo, no entanto, o cargo se tornou patrimonial e se converteu em sucessório, hábil para ser cedido em vida, e os diferentes monarcas o utilizavam, quer para premiar serviços, quer para obter gordos ganhos com sua venda. A eleição na paróquia se transformou numa pantomima formalista, e os jurados, sem possuir os títulos e as riquezas da nobreza, tentaram equiparar-se a ela e aos vinte e quatro. O jurado que visitava Ana María acolheu a solicitação da moça como uma oportunidade para demonstrar-lhe seu poder para além do tálamo, e num alarde de vaidade aceitou o encargo de conseguir que aqueles mouriscos ficassem em Córdova.

– São parentes do mourisco coxo – explicou com voz melosa Ana María, referindo-se a Hamid; estava o jurado, já satisfeito, a seu lado, na cama –, e uma das mulheres está doente. Não pode viajar. Você será...?, será capaz? – Perguntou-o com inocência, melosa, provocando-o, consciente de que o jurado lhe responderia com algo como um "por acaso você duvida disso?", como de fato sucedeu. Ana María acariciou o peito macio do homem. – Se conseguir – sussurrou –, teremos os melhores lençóis da mancebia – acrescentou com uma piscadela impudica.

A autorização para permanecer em Córdova requereu que os homens tivessem trabalho. O jurado conseguiu que Brahim fosse

contratado num dos muitos campos de cultivo dos arredores da cidade.

– Arrieiro? – chasqueou o jurado quando Ana María lhe contou qual era a profissão de Brahim. – E tem mulas? – A moça negou. – Como vai trabalhar de arrieiro então?

Com Hernando não houve oportunidade para discussão: trabalharia como moço no curtume de Vicente Segura.

E ali estava ele naquele 30 de novembro de l570, carregando pelames até a rua Badanas pela ribeira do Guadalquivir, com o olhar fito nos últimos mouriscos que naquele momento passavam pela fortaleza da Calahorra e deixavam para trás a ponte romana de acesso à cidade dos califas.

A rua Badanas começava na igreja de São Nicolau da Ajerquía, junto ao rio, e depois, desenhando uma linha quebrada, desembocava na do Potro, muito perto da praça. Na área se localizava a maior parte dos curtumes, já que nela se dispunha da abundante água do Guadalquivir, imprescindível para seu trabalho; o ar que se respirava era acre e penetrante, resultante dos diversos processos a que se submetiam as peles antes de transformar-se em fantásticos cordovães, guadamecis, solas, sapatos, correames, arneses ou qualquer outro tipo de objeto que necessitasse de couro. Hernando entrou na oficina de Vicente Segura pela porta traseira, a que dava para o rio. Descarregou as peles num canto do grande pátio interno, ali onde o havia feito nos três dias em que estava trabalhando. Um de seus oficiais, um cristão calvo e forte, se aproximou para verificar o estado das peles sem sequer cumprimentar Hernando, que, mais uma vez, ficou absorto na azáfama que se desenrolava no interior do pátio que cobria o espaço existente entre o rio e a rua Badanas: oficiais, aprendizes e alguns escravos que não faziam outra coisa além de trazer água limpa do rio, trabalhavam sem parar. Uns efetuavam a primeira operação assim que entrava um pelame no curtume; consistia em introduzi-la num tanque com água fresca até amolecê-la, por tantos dias quantos fossem necessários segundo a pele e seu estado. Algumas delas, já amolecidas ou em

processo de amolecer, estavam estendidas sobre tábuas, com o lado que fica em contato com a carne virada para cima, prontas para que os operários as raspassem com facas cortantes e lhes tirassem carne, sangue e imundícies que podiam ter ficado aderidos.

Uma vez assim tratadas as peles, estas eram introduzidas nos tanques chamados pelames para a despela, operação que consistia em submergi-las em água com cal e com o lado que fica em contato com a carne para baixo. Tal processo dependia do tipo de pele e daquilo a que fosse destinada. Hernando observou que alguns aprendizes levantavam as peles dos pelames e as penduravam em paus para arejá-las por mais ou menos tempo, segundo a estação do ano, antes de torná-las a introduzir para repetir a operação poucos dias depois. Este processo podia durar entre dois e três meses, segundo se estivesse no verão ou no inverno. O amolecimento e a operação de caiar eram comuns a todas as peles; depois, quando o mestre considerava que já estava suficientemente branda, os procedimentos variavam segundo se destinassem a tornar-se solas, sapatos, correames, cordovães ou guadamecis. O curtimento das peles se fazia em pequenos poços, buracos feitos na terra recobertos de pedra ou tijolo, onde as peles eram mergulhadas em água com casca de sobreiro, que abundava em Córdova; nos poços o mestre controlava com precisão o curtimento das peles. Hernando olhou para o mestre e para oficial o que ele controlava, enfiado num dos poços e nu de cintura para baixo, pisando peles de cabrito destinadas a cordovães pretos, sem deixar nem um momento de virá-las nem de banhá-las com água e sumagre. Aquela operação se desenrolaria por oito horas, ao longo das quais em momento algum os oficiais parariam de pisar, virar e ensopar as peles de cabrito.

– Que é que está olhando? Você não está aqui para perder tempo! – Hernando se sobressaltou. O oficial calvo que havia entregado as peles esperava com uma delas estendida, aquela que parecia encontrar-se em pior estado. – Esta é para o seu buraco – indicou-lhe. – Vá para a esterqueira, como nos outros dias.

Hernando não quis olhar para a outra extremidade do pátio, onde num canto um tanto afastado e escondido se abria um profundo buraco no chão; no frio daquele dia de novembro, alçava-se do buraco uma coluna de ar quente e pestilenta resultante da putrefação do esterco. Quando entrasse em seu interior, como havia tido de fazer ao longo dos dois dias anteriores, aquela coluna de fumaça adquiriria vida, se colaria a seus movimentos e o envolveria em calor, fedor e miasmas. O mestre havia decidido que as peles que apresentavam defeitos, como a que acabava de dar-lhe o oficial, não fossem tratadas com cal, mas com esterco; o processo era muito mais breve, não chegava a dois meses, e sobretudo era muito mais barato. As peles resultantes, de qualidade inferior porque com o esterco não se obtinham os mesmos resultados que com a cal, se destinavam a solas de sapato.

Atravessou o pátio, entre tanques, poços, longas tábuas em que se trabalhavam as peles com facas cortantes ou embotadas, de acordo com a necessidade, e paus de que pendiam as peles. Passou diante de um aprendiz que estava no tanque e arrastou os pés em direção à esterqueira. Vários aprendizes jovens trocaram sorrisos: não existia tarefa mais ingrata, e a chegada do mourisco os havia livrado da esterqueira. Vicente, junto ao poço em que se pisava o cordovão, apercebeu-se da situação e lançou um grito; os sorrisos se esfumaram, e oficiais e aprendizes se voltaram para seus respectivos trabalhos, alheios ao mourisco, que já se achava à beira do buraco. O esterco que cobria as peles borbulhava.

No primeiro dia, estivera prestes a desmaiar. Faltava-lhe o ar: boqueou tentando encontrá-lo, mas o fedor ardente se lhe introduziu nos pulmões, asfixiando-o. Então teve de se aproximar da borda do buraco e apoiar o queixo no chão, em busca de ar. Quase vomitou, mas o oficial, que naquele dia o controlava, lhe gritou que não o fizesse sobre as peles, de modo que fechou a boca e conteve as ânsias.

Hernando olhou o esterco e se descalçou. Tirou a roupa e se deixou cair no buraco. Onde estava Sierra Nevada? Seu ar puro e límpido?

Seu frescor? Onde estavam as árvores e as encostas pelas quais corriam os milhares de riachos que desciam dos picos nevados? Prendeu a respiração. Havia aprendido que essa era a única forma de suportar aquele trabalho. Tratava-se de levantar as peles para arejá-las e para que não esquentassem mais que o necessário. Moveu-se no meio do esterco, onde se amontoavam as peles, até encontrar a primeira delas. Sacudiu-a e conseguiu tirá-la do buraco antes que lhe fosse impossível continuar sem respirar. Então procurou o ar, de novo ao rés de chão. A primeira pele era a mais fácil de levantar; à medida que se aprofundava naquele buraco imundo, amontoava-se o esterco e se tornava cada vez mais difícil levantar as outras. Permaneceu mais de duas horas levantando-as, prendendo a respiração, com corpo e cabelo cheios de imundície fétida. Uma vez terminada sua tarefa, um dos oficiais se aproximou e verificou o estado das peles. Retirou algumas delas, grandes peles de boi que ele considerou já suficientemente macias, e lhe indicou que arejasse as outras e tirasse com uma pá todo o esterco do buraco; depois, no final da jornada, devia voltar a colocá-las nele: uma camada de esterco e uma pele, outra camada de esterco e outra pele, e assim até cobrir todas para, no dia seguinte, levantá-las de novo.

26

Naquele ano de 1570, a população de Córdova chegava a cinquenta mil habitantes aproximadamente. Como em toda cidade amuralhada, em que era proibida a construção de casas extramuros que pudessem impedir o livre acesso ao caminho que a circundava ou incomodar a cidade que se erguia entre as muralhas, para além das quais se estendia o campo. O rio Guadalquivir deixava de ser navegável na altura dela e traçava um raro e impressionante meandro. Ao norte da cidade ficava Sierra Morena, e ao sul, para além do rio, se estendiam os campos de cultivo, a rica "campinha de pão". No século X, Córdova terminou seu processo de independência do Oriente, e Abderramão III se erigiu em califa do Ocidente, sucessor e vigário de Muhammad, príncipe dos crentes e defensor da lei de Alá. A partir de então, Córdova se tornou a maior urbe da Europa, herdeira cultural das grandes capitais orientais, com mais de mil mesquitas, milhares de casas, comércios e cerca de três centenas de banhos públicos. Foi em Córdova que floresceram as ciências, as artes e as letras. Três séculos depois, foi conquistada para a cristandade pelo rei santo, D. Fernando III, após seis meses de assédio, levado da Ajerquía até Medina, as duas partes em que se dividia a cidade.

Os cristãos não trabalhavam aos domingos, de modo que, no primeiro dia de guarda que passavam na cidade, Hernando escapou, conturbado, da mísera casa de dois andares situada num beco sem saída que dava para a rua de Mucho Trigo e na qual, em seis pequenos cômodos, se amontoavam sete famílias mouriscas, entre as quais a sua.

– Há algumas casas em que chegam a viver catorze ou dezesseis famílias – havia comentado Hamid ao propor-lhes aquela casa. – O rei – explicou diante de suas expressões de incredulidade – determina que os mouriscos compartilhem uma casa com cristãos-velhos a fim de que

estes possam controlá-los, mas a municipalidade não julgou oportuno obedecer a essa ordem por entender que nenhum cristão quereria viver conosco, e determina que vivamos em casas independentes, desde que estas se situem entre duas residências ocupadas por cristãos. Além disso – acrescentou, estalando a língua –, aqui todas as casas são propriedade da Igreja ou dos nobres, que cobram caro por seu aluguel, coisa que não poderiam fazer se vivêssemos nas casas dos cristãos. Devem ser mais de quatro mil os mouriscos que vieram para a cidade. Não custou muito aos vinte e quatro de Córdova adotar esta decisão: pagam uns salários miseráveis, mas ganham muito dinheiro conosco: primeiro nos exploram e depois roubam nosso exíguo dinheiro com os aluguéis de suas casas.

Como haviam sido os últimos a chegar, coube-lhes compartilhar um quarto com um casal jovem que acabara de ter um filho, o qual parecia despertar sentimentos contrários numa Fátima tomada de tristeza. A moça se limitava a seguir as instruções que a todo momento lhe dava Aisha. Depois, uma vez cumpridas, voltava a seu pertinaz silêncio, que ela só interrompia para sussurrar alguma oração. Às vezes, levantava o rosto quando ouvia o pequeno chorar. Hernando, nas poucas ocasiões em que se encontrava em casa, tentou averiguar o que tentavam expressar aqueles olhos negros agora sempre sem brilho, mas não conseguia ver neles senão uma imensa angústia.

Mas também Aisha deixava escapar olhares tristes para o recém-nascido. No mesmo momento em que as autoridades os recensearam, como faziam com todos os menores deportados, tiraram-lhes Aquil e Musa, que foram entregues a piedosas famílias cordovesas que deviam educá-los e convertê-los à fé cristã. Aisha e Brahim, tão impotente como sua mulher pela primeira vez, tinham sido obrigados a ver os pequenos, desfeitos em lágrimas, ser afastados de sua família para ser entregues a desconhecidos.

O rosto do arrieiro expressava uma fúria selvagem: eram seus varões! O único orgulho que lhe restava!

No entanto, não era Fátima nem a expectativa de dividir por muito tempo o quarto com o jovem casal e seu filho o que naquele domingo levou Hernando a levantar-se antes que o sol nascesse e a sair sem se fazer notar. Naquela noite, amontoados todos no quarto e pela primeira vez em muitos meses, Brahim havia procurado Aisha e ela se entregara a ele como o que era: sua primeira esposa. Hernando, encolhido e tenso em seu colchão de palha, ouviu os suspiros e arquejos de sua mãe bem a seu lado. Não havia espaço para mais nada! Na penumbra, com as pálpebras descidas sobre os olhos, ele sofreu ao notar que ela dava prazer a Brahim, voltando-se para ele tal como deviam fazer as mulheres muçulmanas: procurando a aproximação de Deus mediante o amor.

Não queria ver sua mãe. Não queria ver Brahim. Não queria ver Fátima!

Mas aquela sensação de sufocação não cedeu por mais que fugisse do quarto e começasse a passear pelas ruas de Córdova sob o sol que começava a iluminá-las. Primeiro pensou em dirigir-se à mesquita: contemplar de perto aquela construção que sobressaía por sobre todas as construções de Córdova e que tantas vezes ele via ao atravessar a ponte romana, quando voltava para o curtume carregado de esterco. Não restava nenhuma outra mesquita na cidade dos califas. O rei Fernando ordenou que sobre elas se levantassem igrejas; catorze foram construídas em detrimento dos lugares de culto muçulmanos. Depois derrubaram as outras. A mesquita dos califas também já não o era, mas se comentava que ainda podiam ver-se as gelosias nas portas de entrada, os arabescos ou as longas fileiras de colunas coroadas por arcos duplos de ferradura em ocre e vermelho que a tornavam única no mundo; diziam também que, com algum esforço, ainda se podiam ouvir os ecos das orações dos crentes.

Ao recordar os insultos dos cristãos à sua chegada a Córdova e a suspicácia com que as pessoas o olhavam quando, carregado de esterco, se aproximava da mesquita após atravessar a ponte romana, Hernando afastou a ideia. Até as crianças pareciam defender o templo

dos hereges! Andou, portanto, sem rumo pelas ruas da Ajerquía e de Medina, e se apercebeu de que Córdova era em si mesma, toda ela, um grande templo da cristandade. Aos catorze templos construídos pelo rei castelhano, que eram sede das paróquias da cidade, juntava-se mais um, posterior, e quase uma quarentena de pequenos hospitais ou asilos, todos com sua correspondente igreja. Entre igrejas e hospitais, havia grandes extensões de terreno com magníficos mosteiros ocupados por ordens religiosas: de São Paulo, de São Francisco, das Mercês, de Santo Agostinho e da Trindade. E também imponentes conventos de freiras, como o da Santa Cruz, que ficava limítrofe com a rua de Mucho Trigo, onde vivia Hernando, o de Santa Marta, e outros tantos que se tinham construído desde a conquista, todos escondidos da curiosidade dos habitantes mediante longos e altos muros caiados, que só se abriam nas portas de acesso.

Em qualquer canto das ruas de Córdova, apareciam pinturas ou esculturas de Ecce Homos, Virgens, santos ou Cristos, alguns em tamanho natural, e uma infinidade de altares que os cristãos-velhos mantinham sempre iluminados com velas, as únicas luzes noturnas da cidade. Minúsculas ermidas, algumas delas para não mais de doze pessoas, beatérios e casas de reclusas se espalhavam por entre todo o casario, assim como faziam monges ou confrades constantemente, pedindo esmola em meio ao som monótono de rosários rezados pelas ruas.

Como poderiam sobreviver eles naquele gigantesco santuário?, pensou Hernando de pé, com o olhar perdido na fachada da igreja de Santa Marina, perto do matadouro, para além do cemitério que rodeava o templo por três de seus lados, aonde o levaram seus passos, ao norte da cidade.

Juviles! A serra!, gritou em seu íntimo. Ali parado, sob os primeiros raios de sol, sentiu-se sujo e fedendo a esterco putrefato.

– Nem pense em se lavar – advertira-o Hamid. – É um dos comportamentos que os cristãos vigiam e consideram como sinal de heresia.

– Mas...

– Pense que eles não o fazem – interrompeu-o o alfaqui. – Às vezes lavam os pés, e alguns, a maioria, só se banham uma vez por ano, no dia de seu santo. As rendas de suas camisas são ninhos de piolhos e pulgas. Eu sofro com isso! Leve em consideração que uma das minhas responsabilidades é trocar os lençóis da mancebia.

De má vontade havia seguido seu conselho e não se lavou até que o fedor se entranhou em sua pele, como sucedia com todos os mouriscos... como sucedia com todos os cristãos. Cheirando-se, observou os enterros dos paroquianos às portas de sua igreja; nobres e ricos, todo aquele que podia pagá-lo, se davam uma sepultura no interior de uma igreja, de um convento ou da catedral, mas os pequenos comerciantes e artesãos jaziam ali, no meio das ruas de Córdova, enquanto nos arredores se enterravam os indigentes.

Aos domingos ele era obrigado a assistir à missa e tinha de ir acompanhado de Fátima, sua legítima esposa diante dos cristãos, que já na sexta-feira havia ido à igreja para as aulas de evangelização que lhe tinham imposto no dia de seu casamento. Assim, voltou a São Nicolau da Ajerquía descendo junto ao riacho de San Andrés. Se algo abundava em Córdova, além da devoção cristã, era água: como em Sierra Nevada, mas, diferentemente da água cristalina das canhadas das Alpujarras, aqui ela se empoçava nas praças ou descia contaminada até o rio. Pelo riacho de San Andrés, por onde agora caminhava Hernando, desciam as águas que recebiam os resíduos do matadouro e os dejetos de toda a vizinhança de seu leito. Por que importaria tanto aos cristãos o percurso das peles se permitiam a passagem daquelas águas pútridas?, queixou-se para si ao passar com cuidado sobre um dos tabuões que a municipalidade mandara colocar ao modo de pontes entre as casas que canalizavam o riacho. Era tal a profundidade do leito daquele fétido riacho, de nível inferior até ao dos alicerces das construções, que os cordoveses o batizaram de “o despenhadeiro”.

O interior da igreja de São Nicolau, encravada ali onde a rua das Badanas confluía com o rio, surpreendeu Hernando, que se havia reunido ali com Fátima e os demais mouriscos para assistir ao serviço religioso. Nas ocasiões em que voltava do matadouro, havia observado sua fachada baixa, de não mais de cinco varas de altura, que a diferenciava das demais igrejas construídas pelo rei Fernando, muito maiores e altas. Como as demais, se havia erguido sobre uma mesquita; no entanto, a igreja de São Nicolau conservava ainda as fileiras de colunas rematadas com arcos que caracterizavam os lugares de culto muçulmano, ao estilo da catedral. Mas aquela sensação fugaz desapareceu assim que o sacristão começou a fazer a chamada dos mouriscos; cerca de duzentos se achavam vinculados à paróquia, mas, ao contrário do que se dava em Juviles, aqui eram minoria entre os mais de dois mil cristãos-velhos que se acumulavam no templo: a maioria artesãos, comerciantes e assalariados – os nobres residiam em outras paróquias –, além de um número considerável de escravos de propriedade dos artesãos.

Homens e mulheres assistiram à missa separados. Não se deram as grosserias nem as ameaças do sacerdote de Juviles: ali a missa era para os cristãos. A cerimônia lhes custou um maravedi por cabeça. Saíram, e, enquanto esperavam as mulheres, aproximou-se deles um homem bem-vestido. Sem pensar, Hernando desviou o olhar para as rendas da gola de sua camisa à espera de que aparecesse algum piolho ou de ver saltar alguma pulga.

– Vocês são os novos mouriscos do beco de Mucho Trigo, não? – perguntou a Hernando e Brahim, com soberbia, sem estender-lhes a mão. Os dois anuíram, e o recém-chegado se virou para Hamid para examiná-lo com desprezo, parando em seu rosto marcado. – O que você faz com eles?

– Somos do mesmo povoado, excelência – respondeu Hamid com humildade.

O homem pareceu tomar nota mental daquela notícia.

– Meu nome é Pedro Valdés, oficial de diligências do tribunal de Córdova – disse depois. – Não sei se seus vizinhos lhes falaram de mim, mas saiba que tenho a incumbência de visitá-los uma vez a cada quinze dias para verificar o seu estado e se estão vivendo conforme os preceitos cristãos. Espero que não me causem problemas. – Naquele momento, chegaram Aisha e Fátima, que não obstante pararam a alguns passos do grupo. – Suas esposas? – interessou-se. Julgou por si mesmo que sim e sem esperar resposta reparou em Fátima, que se mostrava empequenecida ao lado de Aisha. – Essa está abatida e magra – indicou como se falasse de um animal. – Está doente? Se é assim, terei de ordenar sua internação num hospital. – Tanto Hernando como Brahim hesitaram e procuraram a ajuda de Hamid. – Precisam que um escravo responda por vocês? – recriminou-os o oficial de diligências. – Está doente ou não?

– Não... excelência – balbuciou Hernando. – A viagem... a viagem não lhe fez bem, mas ela já está se recuperando.

– Melhor assim. Os hospitais da cidade andam sem leitos vagos. Leve-a para passear pela cidade. O sol e o ar lhe farão bem. Desfrutem da festa do Senhor e agradeçam-na. O domingo é um dia de alegria: o dia em que Nosso Senhor ressuscitou dos mortos e subiu aos céus. Leve-a para passear – repetiu fazendo menção de deixá-los. – Você é o escravo da mancebia? – perguntou, porém, a Hamid antes de virar-se.

O alfaqui anuiu, e o oficial de diligências tomou nova nota mental. Depois se dirigiu para um grupo de ricos mercadores e suas mulheres que o esperavam um pouco adiante.

– Para casa! – gritou Brahim assim que o oficial de diligências e seus acompanhantes desapareceram.

Aisha e Fátima já se caminhavam atrás dele quando Hamid interveio:

– Às vezes fazem visitas inesperadas, Brahim. Os oficiais de diligências, os sacerdotes e o superintendente se divertem com seus amigos indo a nossas casas. Uns copos de vinho e...

– Quer dizer que você está de acordo que minha esposa se mostre a todos os cristãos passeando pela cidade, com este... – cuspiu sem olhar para Hernando – com o nazareno?

– Não – confessou Hamid. – Não se trata de mostrar-se aos cristãos. Mas tampouco estou de acordo em ir à missa deles, rezar as orações deles, comer a torta, e, no entanto o fazemos. Devemos viver como eles querem. Só assim, sem causar-lhes problemas, enganando-os, poderemos recuperar nossas crenças.

Brahim pensou por alguns instantes.

– Nunca com o nazareno – afirmou, incisivo.

– Aos olhos dos cristãos, é o marido.

– O que é que você pretende defender, Hamid?

– Chame-me de Francisco – corrigiu-o o alfaqui. – Não defendo nada, José. – Hamid forçou a voz ao pronunciar o nome cristão de Brahim. – As coisas são assim. Não as inventei eu. Não procure problemas para seu povo; todos nós dependemos do que fizerem os outros. Você exige que se cumpram nossas leis com respeito a suas duas esposas e que o respeitemos, mas se nega a submeter-se ao bem de nossos irmãos e procura contendas com os cristãos. Hernando – acrescentou, dirigindo-se a ele –, lembre-se de que conforme a nossa lei ela não é sua esposa; comporte-se como o familiar dele que é. Vão passear. Cumpram a ordem do oficial de diligências.

– Mas... – começou a queixar-se Brahim.

– Não quero problemas se o oficial de diligências aparecer em sua casa, José. Já temos bastantes. Vão – insistiu com Hernando e Fátima.

Fátima o seguiu como poderia ter feito com qualquer outro que tivesse puxado o amarfanhado vestido que a cobria; desta vez com a moça a seu lado, silenciosa e cabisbaixa, Hernando voltou a internar-se nas ruas de Córdova tentando igualar seu passo ao lento caminhar dela.

– Eu também sinto muita falta do pequeno – disse-lhe várias ruas adiante, após ter descartado dezenas de comentários que lhe passaram pela cabeça. Fátima não respondeu. Quanto iria durar aquilo?,

lamentou-se ele. – Você é jovem! – disse, exasperado. – Pode ter mais filhos!

Imediatamente se deu conta de seu erro. Fátima só o exteriorizou diminuindo ainda mais seu passo.

– Sinto muito – insistiu Hernando. – Sinto muito por tudo! Sinto por ter nascido muçulmano; sinto pela rebelião e pela guerra; sinto por não ter sido capaz de prever o que ia acontecer e por sonhar esperançoso como fizeram milhares de nossos irmãos; sinto por nossos desejos de liberdade; sinto...

Hernando calou-se de repente. A perambulação deles os havia levado a Medina, ao bairro de Santa María, para além da catedral, uma intrincada rede de ruelas e becos sem saída, como em muitas cidades muçulmanas. Um grupo de pessoas corria para eles: amontoavam-se no beco estreito, gritavam, e alguns paravam por um instante para olhar nervosa e fugazmente para trás antes de retomar a corrida.

– Um touro! – ouviu uma mulher gritar ao passar por eles.

– Aí vêm! – berrou um homem.

Um touro? Como podia ser que ali, numa ruela de Córdova...? Não teve tempo para pensar em nada mais. Haviam ficado parados; por aquele estreito espaço se aproximavam cinco cavaleiros engalanados, puxando um impressionante touro amarrado a suas selas: umas cordas nos chifres, outras no pescoço do animal. As ancas dos cavalos se chocavam com as paredes, e os cavaleiros viravam suas montarias com habilidade. O touro se defendia bramando, e os homens o puxavam para a frente quando o animal se movia para trás ou o refreavam de trás quando parecia que ia conseguir e chifrar os da frente. Os bramidos do touro, os relinchos dos cavalos, os cascos contra a terra e os gritos dos cavaleiros ressoaram no beco.

– Corra! – gritou, segurando Fátima por um braço.

Mas ela ficou para trás. Hernando parou e se virou assim que notou que o braço de Fátima se soltava de sua mão. Os dois primeiros cavaleiros estavam a menos de quinze passos dela. Puxavam o touro, enceguecidos, alheios ao que estava acontecendo adiante. Foi coisa de

um instante em que viu Fátima de costas para ele, erguida como não havia estado durante muito tempo, firme, com os punhos cerrados dos lados, procurando a morte. Saltou sobre ela no exato momento em que o primeiro cavaleiro ia atropelá-la. O cavaleiro nem sequer havia tentado parar. Na queda, chocaram-se com a parede de uma casa; ele tentou proteger Fátima, pondo-se sobre seu corpo. Outro cavalo saltou por cima; o touro deu uma chifrada que, por sorte, não os atingiu e que descascou a parede acima de suas cabeças. O último cavaleiro que galopava ao seu lado também passou sobre eles, mas desta vez Hernando notou que o cavalo lhe pisava a panturrilha.

Depois dos cavalos, outro grupo de pessoas passou correndo sem se preocupar com o casal caído no chão, o qual permanecia imóvel enquanto o estrondo se transformava num eco ao longo do beco. Hernando sentiu a respiração entrecortada que agitava o corpo de Fátima. Ao levantar-se, também sentiu uma dor aguda na perna esquerda.

– Você está bem? – perguntou à moça enquanto, dolorido, tentava ajudá-la.

– Por que sempre tem de me salvar a vida? – disparou ela assim que ficou de pé, diante dele. Ela tremia, mas seus olhos... era como, se depois de ter-se defrontado com a morte, seus olhos negros tivessem recuperado a vida. Hernando, com os braços estendidos, tentou segurá-la pelos ombros, mas ela se soltou. – Por quê...? – começou a gritar Fátima.

– Porque a amo – interrompeu-a levantando a voz, ainda com os braços estendidos. – Sim, porque a amo com toda a alma – repetiu em voz baixa e trêmula.

Fátima cravou nele o olhar. Passaram-se alguns instantes antes que uma lágrima deslizasse por seu pômulo. Depois rebentou no pranto que havia reprimido desde a noite de seu casamento com Brahim.

Abraçou-se a Hernando. E chorou tudo o que não havia chorado enquanto ele a embalava num beco cordovês.

Um pouco adiante, ali onde o beco se unia a outras duas ruelas formando uma diminuta praça irregular, uma senhorita nobre vestida de negro, com sua dama de companhia um passo atrás, via da sacada de um palacete cinco jovens cavaleiros galantearem-na matando o touro, já livre de suas cordas, enquanto as pessoas simples os estimulavam e aplaudiam resguardadas nas entradas das ruas.

27

Natal de 1571

A municipalidade havia decretado três dias de festa para celebrar a rotunda vitória de D. João de Áustria sobre os turcos, no comando da armada da Santa Liga, na batalha naval de Lepanto. Os sentimentos religiosos se exacerbaram com o triunfo das forças cristãs sobre as muçulmanas, e junto aos festejos pagãos a cidade fervia de procissões e *Te Deum* de ação de graças. Não era o melhor momento para os mouriscos passearem pelas ruas de Córdova somando-se ao júbilo e ao fervor popular. Além disso, poucos meses antes se havia tido notícia da definitiva derrota do rei de al-Andalus. Aben Aboo foi traído e assassinado pelo Seniz; seu corpo, cujo interior encheram de sal, foi transferido para Granada, onde sua cabeça ainda pendia sobre o arco da Porta do Rastro, a que dava para o caminho das Alpujarras, posta numa gaiola de ferro.

Contudo, Hernando presenciava as festas com Hamid na praça da Corredera. No centro da grande praça cordovesa se erigiu um castelo no qual se simularia uma batalha entre mouros e cristãos, mas até então o vinho manava gratuitamente do bico de um pelicano, razão por que o álcool afetava cada vez mais uma multidão que brigava para aproximar-se daquela curiosa fonte. Enquanto isso, a municipalidade anunciou um certame para o qual dispôs um prêmio de onze peças de veludo, damasco e tecido de prata: duas peças para os vencedores de algumas corridas a cavalo; quatro para os homens mais elegantes; três outras para as três melhores companhias de infantaria formadas pelos grêmios – e duas para as mulheres da mancebia que mais brilhassem!

– É difícil entender essa gente – comentou o jovem com Hamid enquanto Ana María passeava com faceirice diante do numeroso

público que a animava exaltadamente. – Na presença de suas mulheres e filhas, premiam as mulheres com que se deitam.

– Todas elas sabem que seus maridos vão à mancebia – arguiu Hamid sem prestar atenção ao que dizia, com o olhar fixo nas evoluções de uma Ana María belíssima. Hernando fez o mesmo, embora estivesse mais atento aos esforços dos aguazis por impedir que alguns homens já bêbados saltassem sobre a moça. – Os cristãos não buscam o prazer com suas esposas – acrescentou o alfaqui em voz baixa, virando-se para o rapaz no momento em que Ana María foi substituída por uma excitante mulher de cabelo preto. – É pecado. Os toques e as carícias são pecado. E até adotar outra postura que não seja a de jazer no leito é pecado. Não se pode buscar a sensualidade...

– Pecado! – interveio Hernando, sorridente.

– Exato. – Hamid lhe fez um gesto para que baixasse a voz. – Por isso suas esposas aceitam que busquem a sensualidade e o prazer com as prostitutas. As meretrizes não dão problemas de bastardos e reclamações de heranças que lhes podem dar as amantes ou as cortesãs. E sua Igreja apoia isso.

– Hipócritas.

– Vários prostíbulos da mancebia são propriedade do cabido da catedral – disse Hamid antes que ambos se afastassem do certame e se fossem sem rumo da praça da Corredera, no meio da multidão.

– Sim – afirmou Hernando pensativo, passados alguns instantes –, mas essas mesmas esposas tão castas com seus maridos buscam depois prazer com outros homens...

Hamid o olhou com curiosidade, e ele lhe respondeu com um simples esgar que ele eliminou do rosto assim que percebeu a desaprovação no alfaqui.

Havia transcorrido mais de um ano desde que Fátima se lançara em seus braços após buscar a morte diante de um touro e de uns cavalos desenfreados.

– Continuo sendo sua segunda esposa – lamentou a moça depois de eles se beijarem no beco e trocarem juras de amor.

– Aqui não vale esse matrimônio! – alegou Hernando sem pensar.

O semblante de Fátima mudou, e Hernando hesitou, como podia ter afirmado...?

– É a nossa lei – adiantou-se Fátima. – Se renunciarmos a ela... a nossas crenças... Por pior que isso seja para mim, devo respeitar meu matrimônio com Brahim: diante dos nossos ele é meu marido. Não posso esquecer-me disso, por mais que o deseje. Por mais que o abomine...

– Não. Eu não queria dizer...

– Não seríamos nada. Isso é o que pretendem os cristãos: martirizar-nos até o nosso desaparecimento. Somos um povo maldito para eles. Ninguém nos quer aqui: os humildes nos odeiam, e os nobres nos exploram. Muita gente nossa morreu para defender a verdadeira fé: meu marido, meu filho... Nenhum cristão fez nada por um menino doente e indefeso! Malditos! Malditos todos eles! Você mesmo o enterrou... – A voz de Fátima se foi embargando até transformar-se num soluço. Hernando a trouxe para si e a abraçou. – Devemos cumprir com nossas obrigações...! – chorou.

– Encontraremos alguma solução – tentou consolá-la Hernando.

– Não seríamos nada sem nossas leis! – insistiu a moça.

– Não chore, eu lhe peço.

– É a nossa religião! A verdadeira! Malditos!

– Conseguiremos resolver tudo.

– Cães cristãos! – Antes que terminasse a frase, Hernando afundou o rosto da moça em seu ombro para calar suas palavras. – Morrerei pelo Profeta, louvado seja, se preciso for! – sentenciou depois ela.

– Morrerei com você – sussurrou-lhe ele enquanto além, na pracinha, as pessoas rebentavam em aclamações quando o aguilhão se introduziu no alto do touro ferindo-o de morte.

A donzela que olhava da sacada de seu palácio aplaudiu comedidamente.

“Morrerei pelo Profeta!” A determinação que se desprendia daquela promessa era a mesma que Hernando ouviu da boca de Gonzalico antes que o maneta o degolasse. Que teria sido de Ubaid?, perguntou-se mais uma vez. Ao anoitecer deixou Fátima na casa da rua de Mucho Trigo. Brahim e Aisha pareciam tranquilos, e ele voltou a escapar após pegar um pedaço de pão de centeio duro, mas só quando Fátima o permitiu com um quase imperceptível movimento do queixo. Naquele domingo, depois do episódio com o touro, haviam descido até o rio, passando diante da mesquita, onde padres e capelães apertaram as mãos que estavam entrelaçadas, e ali, às margens do Guadalquivir, diante da nora da Albolafia e dos moinhos que o atravessavam, deixaram o tempo passar. Hernando não tinha dinheiro. Recebia dois míseros reais por mês, menos que uma criada com direito a cama e comida, dinheiro que além disso imediatamente entregava à sua mãe para, junto com os ganhos de Brahim, cobrir os gastos do aluguel e da alimentação. Não comeram nada, exceção feita a dois sonhos frios e oleosos que um vendedor de sonhos mourisco lhes deu depois de observar como saboreavam o aroma que deixava atrás de si.

Já era passada a hora de vésperas, e as portas das casas dos cristãos piedosos estavam fechadas, como ordenavam os bons costumes durante o inverno. No entanto, isso não se aplicava à zona do Potro, onde se aglomeravam as pessoas: mercadores, negociantes, viajantes, soldados e aventureiros, mendigos, vagabundos ou simples moradores bebiam em pousadas e *mesones*, conversavam em serões improvisados, entravam e saíam da mancebia, brigavam ou fechavam acordos comerciais qualquer que fosse a hora. Hernando dirigiu seus passos para o lupanar, mas não conseguiu ver Hamid no beco: só as portas da mancebia, abertas para a rua del Potro. Andou sem rumo pela zona. “Conseguiremos resolver tudo”, havia dito a Fátima, mas como? Só Brahim podia repudiá-la e nunca o faria se isso significasse que ele, o nazareno, terminasse consagrando seu amor. Enquanto isso, que seria dela? Fátima se esforçava para não engordar e assim parecer pouco

atraente para seu marido, mas Brahim voltava a olhá-la com olhos de desejo.

– Rapaz! – Absorto em seus pensamentos, não deu atenção. – Ei! Você!

Hernando notou que uma mão lhe segurava do ombro, se virou e topou com um homem magro e baixo, talvez mais baixo que ele. A princípio, à pouca luz que saía das estalagens e das pousadas, não o reconheceu, mas o homem lhe mostrou uns dentes tão pretos como a noite que os rodeava e então se lembrou: era um dos negociantes de mulas que mercadejavam junto à torre da Calahorra, ali aonde ia buscar o esterco do curtume. Haviam trocado alguns cumprimentos quando ele se metia no meio de seu gado.

– Quer ganhar duas blancas? – perguntou-lhe o negociante.

– O que é preciso fazer? – inquiriu Hernando, dando a entender que estava disposto ao que quer que fosse.

– Acompanhe-me.

Desceram pela rua das Badanas até o rio. O homem não falou, nem sequer se apresentou. Hernando o seguiu em silêncio. Duas blancas eram uma miséria, mas mesmo assim correspondiam ao trabalho de dois dias no curtume. Já na margem, o homem olhou nervoso para um e outro lado. Não havia lua, e a escuridão era quase completa.

– Sabe remar? – perguntou-lhe, descobrindo um desconjuntado e minúsculo barco escondido na margem.

– Não – reconheceu o mourisco –, mas posso...

– Dá na mesma. Suba – ordenou com a chalupa já na água. – Remarei eu. Você trate de diminuir a água.

Diminuir a água? Hernando hesitou no momento em que ia saltar para o barco.

– Suba com cuidado – advertiu o negociante. – Isto não aguenta muitos balanços.

– Eu...

Não sabia nadar!

– Que esperava? Uma galé de Sua Majestade?

O rapaz olhou as negras águas do Guadalquivir. Vogavam com calma.

– Aonde vamos? – perguntou ainda na margem.

– Virgem santa! A Sevilha, está bem assim? Ali faremos uma parada e continuaremos até a Berbéria para visitar um lupanar a que costumo ir todos os domingos. Cale-se e faça o que lhe digo!

Realmente pareciam tranquilas as águas do Guadalquivir, tentou convencer-se Hernando enquanto subia no barco. Assim que pisou no fundo, a água lhe ensopou os sapatos.

– Quantas mulheres há nesse lupanar de que você fala? – ironizou, uma vez sentado no que devia ter sido um dos dois bancos com que contava a chalupa. O negociante já vogava em direção à margem contrária.

– Suficientes para os dois – riu o homem. – Diminua. Há uma concha à sua direita. – Hernando tenteou e começou a diminuir a água assim que encontrou a concha. O homem vogou com cuidado, procurando introduzir as pás dos remos na água sem que fizessem barulho, com o olhar fixo na ponte romana e nos homens que montavam guarda nela. – Dizem que nos lupanares há mulheres de todas as raças e lugares – comentou, no entanto, em voz baixa: – muitas delas cativas cristãs. Belíssimas e especialistas na arte do amor...

Fantasiando com as mulheres daquele imaginário bordel, chegaram à margem contrária, onde logo foram abordados por outro homem de que Hernando, na escuridão, nem sequer conseguiu distinguir os traços. Foram apenas alguns instantes, em silêncio, os imprescindíveis para que negociante e desconhecido trocassem uma bolsa de dinheiro e pusessem um barril na chalupa. Despediram-se com um sussurro, e o barco afundou perigosamente quando o negociante, depois de girá-lo, se encarapitou nele.

– Agora, sim, vai ter de diminuir de verdade – anunciou-lhe. – Se não fizer... Sabe nadar?

Não falaram durante metade da torna-viagem. Hernando notou que água entrava com muito mais pressão. A concha era insuficiente!

Sentiu o estômago contrair-se, e mais ainda à medida que percebia que o homem remava mais depressa, sem precaução alguma, esforçando-se para estreitar cada vez mais as remadas por causa da água e do peso.

– Diminua! – chegou a gritar-lhe o comerciante.

– Reme! – instou-lhe ele.

Chegaram à ribeira de que haviam partido. Hernando estava encharcado, e a chalupa inundada, fazendo água por todas as suas secas e carcomidas junturas.

O homem lhe indicou que o ajudasse com o barril, e a descarregaram. Depois trataram de esconder o barco.

– Ainda lhe restam muitas viagens – disse-lhe enquanto puxavam a chalupa. – *A Virgem cansada,* assim se chama – resmungou depois de dar um forte puxão.

– *A Virgem cansada?* – interessou-se Hernando enquanto via a água cair dos lados do barco e este ficar menos pesado.

– Virgem para que Sua Senhora não se zangue se é preciso encomendar-se a ela; nunca se sabe. – O homem puxou com força até conseguir pôr a chalupa alguns passos adiante. – Cansada... você viu, sempre volta rateando – riu erguendo-se. – Qual o seu nome? – acrescentou, enquanto cobria o barco com ramos. O rapaz respondeu, e o homem se apresentou como Juan. – Agora temos...

– E o meu dinheiro? – interrompeu-o Hernando.

– Depois. Esperaremos aqui até bem entrada a madrugada, até que as pessoas tenham ido embora e possamos transportar o barril sem problemas.

Esperaram até se calarem as vozes no Potro. Hernando, tiritando, não deixava de pular e bater em seus lados. Juan lhe contou que se tratava de vinho.

– Para você viria bem um bom gole – disse ao vê-lo tremer –, mas não podemos abri-lo.

Também lhe explicou que em Córdova não se permitia a entrada de vinho de outros lugares e que os impostos eram muito altos. Com esse barril, o estalajadeiro faria bom negócio... e eles também.

– Duas blancas? – zombou Hernando.

– Parece-lhe pouco? Não seja ambicioso, rapaz. Você parece esperto e atrevido. Poderá ganhar mais se aprender e se esforçar.

Quando até a zona do Potro adormecia, apareceu o estalajadeiro. Juan e ele se cumprimentaram; eram os dois da mesma altura, um magro e o outro gordo. Cobriram o barril com um cobertor com o qual tentaram disfarçar sua forma, e se puseram em marcha: o estalajadeiro ia adiante, e os outros dois transportavam o vinho. Já na estalagem, na rua del Potro, puseram o barril num porão escondido. Uma vez terminado o trabalho, Hernando correu para esquentar-se junto às brasas que languesciam na lareira do andar de baixo, e Juan lhe entregou suas duas moedas... e um copo de vinho.

– Vai reconfortá-lo – animou-o diante da dúvida que se refletiu em seu rosto.

Ia beber, mas recordou as palavras de Fátima: "Devemos cumprir com nossas obrigações! Não seríamos nada sem nossas leis!"

– Não, obrigado – recusou, e fez menção de devolver-lhe o copo.

– Beba, mouro! – gritou o estalajadeiro, que estava tirando uma das mesas. – O vinho é um dom de Deus.

Hernando procurou o olhar de Juan, que lhe respondeu arqueando as sobrancelhas.

– Este vinho não é exatamente um dom de seu Deus – replicou Hernando –, nós o trouxemos...

– Herege! – O estalajadeiro parou de tirar a mesa e se dirigiu resfolegando para ele.

– Eu disse que era atrevido, León – intercedeu Juan; impediu que o homem se aproximasse de Hernando, parando-o com a mão em seu peito –, embora retire o esperto – acrescentou virando-se para o rapaz.

– Importa-lhe tanto que eu beba? – perguntou então Hernando.

– Na minha estalagem, sim – bramou o estalajadeiro, sem deixar de forcejar com Juan.

– Neste caso – afirmou, levantando o copo num brinde –, vou fazê-lo por você.

"E, se os forçarem a beber vinho, bebam-no então, não com vontade de ter vício dele", recitou para si ao tomar um longo gole.

Deixou a estalagem ao clarear o dia; alguns cristãos saíam da missa. Depois da primeira, brindou várias outras vezes com Juan e León, que, já satisfeito, lhe ofereceu os poucos restos do jantar dos hóspedes, que se requentaram sobre as brasas. Dirigiu-se diretamente para o curtume, alegrinho, mas com uma informação que talvez pudesse ser-lhe útil: ao saberem que trabalhava no curtume de Vicente Segura, Juan e o estalajadeiro haviam trocado risos e chanças, cada uma mais obscena que a outra, sobre a esposa do curtidor.

– Utilize-se bem do que sabe – aconselhou-o Juan. – Não seja tão impetuoso como foi com León.

Após dobrar uma das esquinas da rua das Badanas, apressou o passo. Era...? Sim. Era Fátima. Esperava algo para além da porta do curtume pela qual entravam aprendizes e oficiais.

– Que é que está fazendo aqui? – perguntou Hernando. – E Brahim? Como lhe permitiu...?

– Está trabalhando – interrompeu-o ela. – Sua mãe não lhe contará nada. O que aconteceu? – inquiriu a moça. – Você não veio dormir. Alguns dos homens da casa queriam denunciar você ao oficial de diligências, sem esperar uma segunda noite.

– Tome. – Hernando lhe entregou as duas moedas. – Era isto o que eu estava fazendo. Esconda-as. São para nós.

E por que não?, pensou então. Talvez pudesse comprar de Brahim a liberdade de Fátima. Se conseguisse dinheiro...

– Como as conseguiu? Você andou bebendo? – Fátima franziu o cenho.

– Não. Sim. Bem...

– Você vai chegar tarde, mouro. – A seca advertência foi feita, a caminho do curtume, pelo oficial calvo e musculoso que distribuía as peles.

Por que tinha de andar com cautelas?, pensou Hernando. Sentia-se capaz de tudo! Além disso, talvez não tivesse outra oportunidade como

aquela: a sós com o oficial a respeito do qual seus companheiros de contrabando asseguravam ter um caso com a mulher do mestre curtidor.

– Estou falando com minha esposa – soltou-lhe, arrogante, quando o oficial já se afastava.

O homem parou de repente e se virou. Fátima se encolheu e se encostou à parede.

– E daí? Por acaso isso lhe permite chegar tarde? – bramou.

– Há quem perca mais tempo de trabalho visitando a esposa do mestre quando este se ausenta do curtume. – A perturbação que se refletiu no rosto do oficial lhe confirmou as chanças de seus companheiros de noite. O homem gesticulou sem dizer nada. Depois hesitou.

– Você aposta muito alto, rapaz – conseguiu dizer.

– Eu e muitos como eu, um povo inteiro!, apostamos um dia muito mais alto... e perdemos. Pouco me importa hoje o resultado do jogo.

– E ela – acrescentou o outro, apontando para Fátima – tampouco lhe importa?

– Nós nos protegemos um ao outro. – Hernando aproximou a mão do rosto de uma Fátima espantada e lhe acariciou a face. – Se a mim me sucedesse algo, o curtidor viria a saber... – Hernando e o oficial se mediram com o olhar. – Mas, bem, pode ser que não sejam mais que boatos aos que não se deve prestar maior atenção, não é mesmo? Para que pôr em dúvida a honra de um mestre de prestígio em Córdova e a honra de sua esposa?

O homem pensou por alguns instantes: honra, o bem mais apreciado por qualquer bom espanhol. Quantos perdiam a vida por uma simples questão de honra! E o mestre...

– Devem ser boatos – cedeu por fim. – Apresse-se. Não convém chegar tarde.

O oficial fez menção de retomar o caminho, mas Hernando lhe chamou a atenção:

– Ei! – O homem parou. – E vossa cortesia? Não vos despedis de minha esposa?

O oficial hesitou com a ira marcada no rosto, mas voltou a ceder.

– Senhora... – resmungou, atravessando Fátima com o olhar.

– Por que humilhá-lo tanto? – reprovou-o ela assim que o homem desapareceu atrás da porta do curtume.

Hernando procurou seus olhos negros.

– Vou pôr todos a seus pés – prometeu e, imediatamente, levou um dedo aos lábios da moça para calar suas queixas.

28

Pouco custou a Hernando compreender a essência de Córdova, para além de igrejas e sacerdotes, missas, procissões, rosários ou beatas e confrades pedindo esmola pelas ruas. Efetivamente, os piedosos cordoveses cumpriam com suas obrigações religiosas e ajudavam com generosidade mulheres humildes, hospitais ou conventos, assim como faziam pios legados em seus testamentos ou contribuíam para o resgate de cativos nas mãos dos berberes. Mas, uma vez cumpridos seus deveres com a Igreja, seus interesses e sua forma de vida se distanciavam dos preceitos religiosos que deveriam inspirá-los. Apesar dos esforços do Concílio de Trento, o sacerdote que não desfrutava de uma concubina em sua casa dispunha de uma escrava. Não se considerava pecado engravidar uma escrava. Era, como ele ouvira, como cruzar um cavalo com uma burra para que parisse uma mula; afinal de contas, arguiam, o rebento herdava a condição da mãe e nascia escravo. Os esforços das autoridades eclesiásticas para impedir que os confessores exigissem favores sexuais das mulheres culminaram com a obrigação de separar confessor e penitente por uma gelosia nos confessionários. Mas as autoridades tampouco eram bom exemplo de castidade e recato. As riquezas e prebendas que seus cargos traziam eram ansiadas pelos segundos das famílias nobres, e o próprio deão da catedral, D. Juan Fernández de Córdoba, de insigne linhagem, chegou a perder a conta dos filhos que deixou espalhados pela cidade.

A sociedade civil não era diferente. Atrás da pureza que devia reger a vida matrimonial, parecia esconder-se um mundo de libertinagem, e os escândalos se sucediam sem parar com cruentas consequências para os que eram descobertos em adultério. As freiras, enclausuradas na maioria das vezes por seus pais e irmãos por simples motivos econômicos – era menos pesado para o patrimônio familiar entregar

uma filha à Igreja que dotá-la para um marido de sua condição – e portanto sem vocação religiosa alguma, competiam com os clérigos em deixar-se seduzir pelos galanteadores, que aceitavam o desafio de obter tão importante troféu como um dos maiores êxitos de que se poderiam jactar.

Para Hernando e para os demais mouriscos que, como ele, fecundaram as pedras do reino de Granada a golpes de enxada, a sociedade cordovesa se mostrava preguiçosa e degenerada: o trabalho era mal considerado! Aos trabalhadores era vedado o acesso aos cargos públicos. Os artesãos trabalhavam o mínimo imprescindível para seu sustento, e um exército de fidalgos, o escalão mais baixo da nobreza, geralmente sem recursos, preferia morrer de fome a humilhar-se procurando um trabalho. Sua honra, esse exacerbado senso de honra que impregnava todos os cristãos qualquer que fosse sua condição e sua classe social, o impedia!

Ele o comprovou poucos dias antes da comemoração da vitória de Lepanto. Podia ter pedido desculpas, como tentou fazer num primeiro momento; dar meia-volta e enterrar o assunto, mas algo em seu íntimo o impeliu a não fazê-lo. Num entardecer, andava distraído pela estreita rua de Armas, perto da ermida da Consolación, ali onde se encontrava a casa dos expostos, com sua roda para abandonar os filhos não desejados, quando um jovem fidalgo de atitude altiva, capa preta, espada na cinta e gorro adornado com passamanaria, que vinha em sentido contrário, deu um tropeção perto dele e quase caiu. Hernando não pôde impedir que lhe escapasse um sorriso enquanto tentava ajudá-lo. Longe de agradecer, o jovem se soltou de sua mão com um trejeito e o encarou.

– De que está rindo? – grunhiu o fidalgo recompondo-se.

– Desculpai-me...

– Que é que está olhando? – O jovem fez menção de levar a mão à espada.

Que estava olhando? Depois do tropeção, o fidalgo tentava recompor o enchimento de serragem com que pretendia dar garbo a

suas calças. Imbecil e vaidoso! E se desse uma lição àquele petimetre?

– Eu me perguntava... como vos chamais? – gaguejou deliberadamente, baixando o olhar para o chão.

– Quem é você, seu estúpido fedorento, para interessar-se por meu nome?

– É que... – Hernando pensava a toda a pressa. Presunçoso! Como poderia dar-lhe essa lição? Os pontudos sapatos de veludo em que tinha fitos os olhos lhe indicaram que aquele fidalgo devia ter algum dinheiro. Observou as calças com aberturas e a parte de baixo de sua capa semicircular, remendada com esmero por alguma criada. – É que...

– Fale de uma vez!

– Acho... creio... Suspeito que uma noite, num *mesón* da Corredera, ouvi falar de vós...

Deixou pairar as palavras no ar.

– Continue!

– Não gostaria de me enganar, excelência. O que ouvi... Não posso. Desculpai-me o atrevimento, mas insisto em saber como vos chamais.

O jovem pensou por alguns instantes. Hernando também: em que confusão estava se metendo?

– D. Nicolás Ramírez de Barros – alardeou com solenidade –, fidalgo por linhagem.

– Sim, sim – confirmou Hernando. – Falavam de Vossa Excelência: D. Nicolás Ramírez. Lembro...

– Que diziam?

– Eram dois homens. – Interrompeu-se por um momento, e ia continuar quando o fidalgo se adiantou:

– Quem eram?

– Eram dois homens... bem-vestidos. Falavam de Vossa Excelência. Sem dúvida alguma! Eu ouvi. – Fingiu não atrever-se a continuar. Que iria contar-lhe? Já não podia voltar atrás.

– Que diziam?

Que podiam dizer?, perguntou-se. Fidalgo por linhagem! Disso se havia jactado o petimetre.

– Que vossa linhagem não era pura – soltou sem dar mais voltas.

O jovem crispou a mão sobre a empunhadura de sua espada.

Hernando se atreveu a olhar seu rosto: congestionado, colérico. – Por São Tiago, patrono da Espanha – resmungou –, meu sangue é puro até os romanos! Quinto Varus deu origem a meu sobrenome! Diga-me: quem ousou sustentar tal afronta?

Sentiu o bafo de cebola de D. Nicolás em seu rosto.

– Não... não sei – gaguejou, agora sem necessidade de simular. Não teria se excedido? O jovem tremia de ira. – Não os conheço. Como compreenderá Vossa Excelência, não trato com tais figuras.

– Você os reconheceria? – Como reconhecer dois homens que ele acabava de inventar? Podia responder-lhe que de noite não os vira com suficiente claridade. – Você os reconheceria? – insistiu o fidalgo, sacundindo-o com violência pelos ombros.

– Naturalmente – afirmou Hernando, e se separou dele.

– Acompanhe-me à Corredera!

– Não.

D. Nicolás deu um salto.

– Como não? – O fidalgo deu um passo para ele, e Hernando recuou.

– Não posso. É que me esperam na... – Qual era o grêmio mais afastado da zona do Potro? Aquele em que não o encontraria depois se o procurasse. – Esperam-me na olaria. Vossos problemas não me dizem respeito. A única coisa que me interessa é manter minha família. Se não vou trabalhar, o mestre não me pagará. Tenho esposa e filhos, que tento educar na doutrina cristã... – Pronto!, felicitou-se ao ver ao fidalgo procurar desajeitadamente em suas calças até encontrar uma bolsa. Por Fátima!, pensou Hernando. – Um deles está doente e me parece que outro...

– Cale-se! Quanto lhe paga seu mestre? – perguntou, tenteando as moedas no interior da bolsa.

– Quatro reais – mentiu.

– Tome dois – ofereceu-lhe.

– Não posso. Meus filhos...

– Três.

– Sinto muito, Excelência.

O fidalgo pôs em sua mão uma moeda de quatro reais.

– Vamos! – ordenou.

Para chegar da ermida da Consolación, onde ficava a roda dos expostos, à Corredera era preciso apenas atravessar a praça das Cañas; alguns poucos passos que o fidalgo deu teso e com vigor, a mão na empunhadura da espada, renegando, clamando por vingança contra aqueles que se haviam permitido manchar seu sobrenome. Hernando o fez à frente, empurrado por D. Nicolás de quando em quando. E agora?, pensava, como escapar daquela armadilha que ele mesmo havia preparado? Mas apertou a moeda na mão. Quatro reais! Todo e qualquer dinheiro era bom para comprar a liberdade de Fátima!

– E se não estiverem lá esta tarde? – disse numa das ocasiões em que o fidalgo o empurrou pelas costas.

– Reze para que não seja assim – limitou-se a responder D. Nicolás.

Chegaram à grande praça cordovesa por seu lado sul. Hernando tentou acostumar a vista ao grande espaço. Na praça havia três *mesones*: o da Romana, no lado por onde haviam chegado, e outros dois à sua direita, no lado leste, junto à rua do Toril, o dos Leones e o do Carbón, localizados perto do hospital de Nuestra Señora de los Ángeles. Ainda havia suficiente luz natural. As pessoas entravam e saíam dos *mesones*, e a grande praça fervilhava.

– E então? – inquiriu o fidalgo.

Hernando resfolegou. E se saísse correndo? Como se tivesse imaginado suas intenções, D. Nicolás o segurou pelo braço e o arrastou para o *mesón* da Romana. Entraram no estabelecimento empurrando grosseiramente um paroquiano que estava na porta. Ali mesmo, o fidalgo o sacudiu exigindo-lhe uma resposta.

– Não. Aqui eles não estão – afirmou o rapaz depois de alguns clientes se calarem e lhe fitarem os olhos quando Hernando passeou os seus pelo interior do *mesón*.

Disse o mesmo na dos Leones. Podiam não estar!, pensou no momento de entrar no *mesón* do Carbón. Por que tinham de estar? Mas então, seus quatro reais... Que decisão tomaria o fidalgo? Nunca deixaria que as coisas ficassem assim. Sua honra! Seu sobrenome! Ele o obrigaria a esperar toda a noite e depois... Pagara-lhe o que ele julgava ser o salário por um mês de trabalho!

Uma forte gargalhada interrompeu suas reflexões. Numa das mesas, um homem barbudo, vestido com as coloridas roupas de soldado dos terços, levantava um copo de vinho e fanfarronava aos gritos diante de dois homens que o acompanhavam. Era evidente que estava bêbado.

– Aquele – apontou, pronto para fugir assim que D. Nicolás se distraísse.

Mas o fidalgo fez ainda mais pressão em seu braço, como se se preparasse para a luta.

– Vós! – gritou D. Nicolás da porta.

As conversas se interromperam de repente. Risos se suspenderam subitamente. Alguns clientes, os mais próximos, se levantaram a toda a pressa de sua mesa e se afastaram esbarrando nas cadeiras. Hernando notou que lhe tremiam as pernas.

– Como ousastes manchar o sobrenome dos Varus? – voltou a gritar o fidalgo.

O homem se levantou desajeitadamente e tentou tomar o resto do vinho, que lhe escorreu pela barba. Pôs a mão na empunhadura adamasquinada de sua espada.

– Quem sois vós, senhor, para levantar-me a voz? – rugiu. – A um alferes do terço da Sicília, fidalgo biscainho! – Hernando se encolheu assim que ouviu aquelas palavras. Outro fidalgo! – Se é verdadeira a vossa linhagem, coisa que duvido, não o mereceis.

– Duvidais de minha linhagem? – gritou D. Nicolás.

– Eu vos disse – tentou sussurrar-lhe então Hernando. – Foi isso o que ouvi, que ele duvidava... – Mas D. Nicolás não lhe prestou atenção; de repente Hernando se viu livre da pressão em seu braço.

– Vós mesmo mancharás o vosso sobrenome! – bramou o alferes.

– Exijo uma reparação! – gritou por sua vez D. Nicolás.

– E tereis!

Ambos os fidalgos desembainharam suas espadas. As pessoas que ainda estavam nas mesas se levantaram para deixar espaço livre, e os dos cavaleiros se encararam.

Hernando permaneceu alguns instantes atônito. Iam duelar! Abriu a mão suarenta, e observou a moeda de quatro reais. Lançou-a algumas vezes para o alto, recolhendo-a na palma, e deixou o *mesón*. Imbecis!, pensou ao ouvir o ruído metálico do primeiro choque entre os aços.

Voltou para a rua de Mucho Trigo com uma sensação estranha, diferente da que teria devido proporcionar-lhe aquela vitória pela qual tantos riscos havia corrido: dois nobres estavam envolvidos numa luta de vida ou morte sem que nenhum deles tivesse sequer se preocupado com o que pretendia seu inimigo. E tudo por uma simples palavra mal-entendida! No caminho, quando já havia anoitecido, deparou com uma procissão de cegos que andavam em fila, amarrados uns aos outros, e rezavam o rosário pedindo esmola, como faziam três noites por semana quando percorriam as ruas de Córdova após sair do Hospital de Cegos na rua Alfaros. Um homem que rezava e cuidava das velas de uma imagem da Virgem na fachada de uma construção deixou cair uma moeda no caço que o primeiro dos cegos movia ritmicamente; Hernando se afastou de seu caminho e apertou a moeda de quatro reais. Cristãos!

Havia conseguido bastante dinheiro desde que soubera do caso entre o oficial do curtume e a esposa do mestre. Pensou por várias noites; sabia escrever e somar, e certamente aqueles conhecimentos podiam proporcionar-lhe um trabalho mais bem remunerado e longe do esterco, trabalho pelo qual recebia menos que um criado, mas

optou por não fazê-lo. Seu trabalho no poço de esterco que ficava afastado e escondido dos demais operários do curtume, que tampouco se aproximavam do lugar, lhe proporcionava uma liberdade, consentida e encoberta pelo oficial, de que não teria podido gozar em nenhum outro lugar.

Desde então, as expedições à outra margem do Guadalquivir n'*A Virgem cansada,* que aguentava com tenacidade uma viagem atrás de outra, se repetiram diversas vezes. Hernando e Juan travaram amizade, e suas conversas noturnas sobre as mulheres do bordel berbere, para além da parada de Sevilha, se desenrolavam entre chanças e brincadeiras.

– Como você vai fazer sexo com três mulheres ao mesmo tempo se é incapaz de navegar com força! – estimulava-o Hernando, diminuindo a água sem parar, quando *A Virgem* se cansava e se enchia de água do Guadalquivir nos torna-viagens.

Mas aquela amizade também lhe proporcionava algo mais que as duas blancas que o comerciante de mulas lhe pagou na primeira ocasião: Hernando participava dos ganhos do contrabando de vinho. O Potro e seu ambiente – povo de aventureiros, devassos e pulhas – acabaram por transformar-se em seu verdadeiro lar. Continuava trabalhando no curtume; necessitava da respeitabilidade que lhe dava aquele emprego diante do oficial de diligências ou do sacerdote de São Nicolau quando os visitavam para saber se se convertiam em bons cristãos; mas sua vida estava no Potro.

Enquanto os rapazes dos bairros de San Lorenzo ou de Santa María lhe transportavam as peles do matadouro, Hernando ia à Calahorra para fazer bico com Juan e os demais negociantes. Sorria sempre que recordava como havia conseguido desfazer-se de tão ingrata tarefa. Em suas primeiras viagens, ao circundar a muralha, viu que os garotos dos diferentes bairros brigavam a pedradas no caminho por onde passava e em seus arredores. Aquelas refregas haviam chegado a causar algumas mortes e deixado bastantes feridos entre os distraídos que transitavam pela área, razão por que a municipalidade decidiu proibi-las, mas os

rapazes não obedeciam às ordenanças e as lutas com pedras se sucediam. Na primeira vez em que Hernando se viu envolto numa delas, entre dezenas de rapazes apedrejando-se, protegeu-se com as peles até que acabasse a luta. Em outros dias, os viu treinar para a luta seguinte. Quem podia ganhar de um alpujarrenho atirando pedras?, pensou então. Uma blanca foi a aposta. Pontaria a um pau: se perdessem eles, levar-lhe-iam as peles até o curtume; se ganhassem, receberiam a blanca. Perdeu algumas moedas, mas ganhou a maioria das apostas e, enquanto os rapazes cumpriam sua parte do trato, ele ia ao Campo de la Verdad, onde simulava recolher esterco arrastando-se por baixo das mulas. Então, algum negociante de cavalos apontava para o mourisco sujo e malcheiroso, lhe segurava pelo cabelo e o montava num palafrém para convencer o comprador de que o cavalo era manso e não tinha vício algum, e Hernando caía em cima da sela como um saco, aparentemente atemorizado, como se jamais tivesse montado, enquanto o negociante recitava as excelências de um animal capaz de suportar um cavaleiro inexperiente. Se o trato se fechasse, Hernando receberia seu dinheiro.

Uma noite ajudou um cavaleiro a subir no muro do convento de freiras de Santa Cruz, esperando do outro lado para lançar-lhe a corda de volta enquanto na escuridão ouvia os risinhos do casal primeiro e os ofegos apaixonados depois. Mas nem todas as suas correrias terminaram com sucesso. Numa ocasião se juntou a um grupo de mendigos forasteiros que não tinham permissão para pedir esmola em Córdova. A mendicidade era perfeitamente regulada em Córdova, e só podiam praticá-la aqueles que contavam com a autorização do pároco. Provado que tinham se confessado e que tinham comungado, era-lhes entregue uma cédula especial que eles penduravam no pescoço e que lhes permitia pedir esmola dentro dos limites de sua paróquia. Um daqueles mendigos clandestinos tinha a estranha habilidade de prender a respiração até fingir estar morto: seu semblante adquiria uma cor mortiça que convencia a todos quantos o olhavam. Escolheram a praça da Paja, onde se vendia palha para colchões, e o mendigo se deixou

morrer causando um grande alvoroço entre os paroquianos. Hernando e outros cupinchas se aproximaram do cadáver, chorando-o e pedindo esmola para dar-lhe um enterro cristão, ao que as pessoas, comovidas, responderam com generosidade. Mas aconteceu que um sacerdote que estava de passagem em Córdova havia presenciado a mesma artimanha em Toledo, e por isso se aproximou do morto e, diante da indignação da penalizada assistência, começou a dar pontapés no mendigo. No terceiro pontapé, nos rins, o morto reviveu, e Hernando e seus cúmplices penaram para escapar da ira dos enganados.

Ele também trabalhava para os *coimeros*, os donos das casas ilegais de jogos, onde se jogavam cartas ou dados. Conheceu um rapaz alguns anos mais velho que ele, chamado Palomero, que se dedicava a atrair potenciais clientes. Palomero tinha um senso especial para saber que forasteiro estava à procura de uma casa de jogos em que apostar seu dinheiro e, enquanto o via, corria atrás dele para aconselhá-lo e insistir em que fosse à casa de Mariscal, que era quem lhe pagava. Hernando o ajudava amiúde, sobretudo impedindo que os demais traidores de clientes, que se movimentavam pela praça do Potro, chegassem ao jogador que Palomero havia descoberto. Punha o pé para que tropeçassem, os empurrava ou usava qualquer treta para consegui-lo.

– Ladrão! – gritou uma noite diante de um jovem que ele não conseguiu reter e que já se dirigia para o jogador com que negociava Palomero.

De algum lugar apareceu um aguazil que se lançou em cima do jovem, mas isso tampouco adiantou nada para Palomero, dado que o jogador desapareceu no meio da confusão.

Como tinha de acontecer, foram muitas as brigas em que se viu envolvido e muitos os golpes que recebeu nelas, o que lhe granjeou uma sincera amizade por parte de Palomero, e algum dinheiro além do que haviam combinado. Conversavam, riam e compartilhavam comida, e Hernando nunca deixava de surpreender-se com as constantes caretas que Palomero conseguia fazer.

– Agora? – perguntava a Hernando.

– Não.

– E agora? – insistia após alguns instantes.

– Também não.

Palomero dizia ter descoberto a armadilha com que Mariscal costumava depenar não os "brancos", os ingênuos que iam à sua casa de jogos, mas os próprios trapaceiros por mais peritos que pudessem ser.

– É capaz de mexer o lóbulo da orelha direita ao mesmo tempo que permanece impassível – confessou-lhe maravilhado. – Não se lhe move nenhum outro músculo do rosto, nem sequer o restante da orelha! Joga em combinação com um cúmplice, que, quando reconhece o sinal, sabe que cartas tem Mariscal e aposta. Agora?

Hernando rebentou em gargalhadas diante do rosto contraído do amigo.

– Não, sinto muito.

Em geral, excetuando alguns fracassos como o do falso morto, as coisas corriam bem para ele. Tanto, que já havia falado com Juan para pagar-lhe a primeira parcela de uma mula, não a que ele teria desejado, mas tampouco a que poderia comprar com seu capital: o negociante lhe fez um bom preço. Pensava em trocar com Brahim aquela mula por Fátima. Ele não se negaria por mais que odiasse Hernando. Fazia tempo que não reclamava sua segunda esposa. Fátima continuava com seu jejum, para o que tampouco tinha de fazer grandes esforços dadas as dificuldades por que passava; assim, não engordava e se mantinha extremamente magra e lânguida, algo que não atraía a um Brahim sempre cansado devido ao extenuante trabalho nos campos, a que não estava acostumado. Aisha colaborava para a tranquilidade da moça e saciava o marido quando este era capaz. No entanto, desde que a havia salvado do touro no beco, os olhos negros de Fátima faiscavam dia e noite. Hernando teve de convencê-la de seu plano.

– Certamente aceitará! – tentou animá-la. – Não vê como se levanta na aurora e volta para casa depois de uma jornada de trabalho nos

campos? Está consumindo-se dia a dia. Brahim é homem da estrada; nunca foi agricultor, e ainda menos pela miséria que lhe pagam. Necessita de espaço aberto. Ele vai repudiá-la. Não tenho a menor dúvida.

E era verdade. Nem sequer a já notória gravidez de Aisha conseguiu mudar o abatido espírito do arrieiro, que vinha agora confundir-se com seu natural mau humor e irascibilidade.

– Ele o odeia mortalmente – alegou Fátima, que tinha consciência de que, nos últimos dias, Brahim havia tornado a olhá-la com olhos lascivos. Se cruzasse com ela na casa, lhe impedia a passagem e punha as mãos em seus seios. A moça optou, no entanto, por não transmitir seus temores a um esperançoso Hernando. Não era a única coisa que lhe ocultava nesses dias, pensou com tristeza.

– Mas gosta mais de si mesmo – sentenciou ele. – Quando eu estava na barriga de minha mãe, ele me aceitou em troca de uma mula. Por que não iria fazer o mesmo agora em piores circunstâncias?

Com aqueles quatro reais que acabara de obter de D. Nicolás, calculou ao dobrar o beco que levava à ruinosa casa em que se amontoavam, poderia entregar a Juan o primeiro pagamento da mula. Um jovem parado na esquina lhe ordenou que fizesse silêncio. Que fazia ali aquele rapaz? Ele o tinha visto na casa; dormia com sua família num dos quartos do andar superior... Como se chamava? Hernando se aproximou dele, mas o jovem pôs um dedo nos lábios e lhe indicou que continuasse.

Da própria porta, percebeu um ambiente festivo impróprio e incomum. Estranhando o som de uma canção mourisca, cantada aos sussurros, atravessou o portal e se dirigiu para o pátio interno da construção, idêntico ao da maioria das casas cordovesas, que os cristãos convertiam em vergéis repletos de todos os tipos de aromáticas e coloridas flores ao redor da sempiterna fonte. Nas casas alugadas pelos mouriscos, aqueles pátios serviam para tudo menos para enfeite e deleite; ali se estendia roupa, se lavava roupa, se trabalhava a seda, se cozinhava e até se dormia; não havia flor que resistisse àquela azáfama.

Todos os moradores do imóvel se achavam reunidos no pátio ou nos cômodos do andar de baixo. Viu muitas caras novas. E também viu Hamid. Alguns conversavam aos sussurros; outros, de olhos fechados, como se quisessem fugir daquela grande prisão cordovesa, cantarolavam a canção que ele havia escutado ao entrar. Num canto do pátio, talvez orientado para Meca, um homem rezava. Logo entendeu o porquê da vigilância na esquina do beco: as reuniões de mouriscos eram proibidas e ainda mais para rezar, mas...

– Se os descobrissem – recriminou a Hamid, que se dirigiu a ele assim que o viu –, não haveria escapatória. O beco não tem saída, e os cristãos sempre chegariam à casa por...

– Por que você se exclui da reunião, Ibn Hamid? – interrompeu-o o alfaqui.

Hernando ficou atônito. Hamid lhe havia falado com dureza.

– Eu... não. Sinto muito. Tem razão. Queria dizer que se nos descobrissem... – Hamid assentiu, aceitando a desculpa. – Que... é que está sendo celebrado? Corremos um risco importante. Que é que você faz aqui?

– Meu senhor me deu licença por um tempo. Não podia perder este dia.

Hernando nem sequer estava a par do calendário cristão, e menos ainda do muçulmano. Seria alguma festa religiosa?

– Lamento, Hamid, mas não sei que dia é hoje. O que estamos celebrando? – insistiu distraído, olhando para as pessoas. De repente viu Fátima, e o adorno de uma mão de ouro brilhava em seu pescoço. Que havia acontecido a essa mão? Onde a mantinha escondida? Fátima voltou os olhos para ele, como se, na distância, se tivesse sentido observada. Hernando ia sorrir-lhe, mas ela desviou o olhar e baixou a cabeça. Que é que estava acontecendo? Procurou Brahim e o localizou perto de Fátima. No pátio não poderia abordar a moça para perguntar por que o estava rechaçando daquela forma. – Que é que estamos celebrando? – voltou a perguntar ao alfaqui, agora com um fiapo de voz.

– Hoje resgatamos da escravidão nosso primeiro irmão na fé – respondeu-lhe Hamid com solenidade. – Aquele – acrescentou, apontando para um homem que mostrava a marca a fogo de uma letra na face. Hernando dirigiu a atenção para o mourisco, que junto a uma mulher recebia felicitações dos presentes. Que importância podia ter um resgate para que Fátima...? Que é que estava acontecendo? – A que está ao lado dele é sua esposa – prosseguiu Hamid. – Ficou sabendo que ele vivia como escravo na casa de um mercador de Córdova e...

Hamid parou a explicação.

– E? – perguntou Hernando sem dar-lhe maior importância. Que estava acontecendo com Fátima? Tentou atrair sua atenção de novo, mas era evidente que ela o estava evitando.

– Procurou a comunidade.

– Muito bem.

– A seus irmãos.

– Sim – murmurou Hernando.

– Todos contribuíram para que se perfizesse o valor do resgate. Todos os mouriscos de Córdova! Até eu dei algum dinheiro, que obtive... – Hernando se virou sem entender, interrogando Hamid com o olhar. – Fátima – confessou então o alfaqui – foi uma das mais generosas.

Hernando balançou a cabeça como se quisesse afastar as palavras que acabara de ouvir. A moeda de quatro reais do fidalgo que ele ainda apertava no punho esteve prestes a escapar-lhe dentre os dedos, tal foi a fraqueza que o assaltou. Fátima! Uma das que mais havia contribuído!

– Esse dinheiro... – balbuciou –, esse dinheiro era para comprar a própria liberdade e...

– A sua? – acrescentou Hamid.

– Sim – respondeu com firmeza, recobrando-se. – A minha. A nossa!

Voltou a procurar Fátima e agora a encontrou erguida do outro lado do pátio. Agora, sim, ela o fitou nos olhos, certa de que Hamid já lhe havia contado o destino que dera a seu dinheiro. Fátima havia

explicado ao alfaqui para que guardavam aquele valor, e lhe confessou que ela era incapaz de dizer a ele. Com uma sensação estranha, Hernando a contemplou: estava orgulhosa e satisfeita. O brilho de seus olhos competia com o fulgor titilante que as luzes arrancavam da joia de ouro que adornava seu pescoço.

– Por quê? – perguntou-lhe Hernando à distância. Foi Hamid quem lhe respondeu:

– Porque você se afastou de seu povoado, Ibn Hamid – recriminou-o às suas costas. Hernando não se mexeu. – Enquanto nós nos organizamos, tentamos rezar em segredo e manter vivas nossas crenças, ou ajudamos aqueles entre os nossos que necessitam, você se dedicou a correr por Córdova como um malandro. – Hamid esperou alguns instantes. Hernando continuou parado, enfeitiçado por aqueles olhos negros amendoados. – E me dói ver meu filho no último dos graus que regem e governam nosso mundo: o dos vadios.

Hamid percebeu um ligeiro tremor nos ombros de Hernando.

– Você me ensinou – retrucou este, sem se virar – que abaixo há outro: o último, o duodécimo, o das mulheres. Por isso Fátima teve de renunciar à sua liberdade?

– Ela confia na misericórdia de Deus. Você deveria fazer o mesmo. Volte para nós, para seu povo. Sua escravidão, a sua e a de Fátima, não é a dos homens, que se pode comprar. Sua escravidão é a de nossas leis, a de nossas crenças, e dessa só Deus pode prover. Quando Fátima me entregou o dinheiro e me explicou para que você o guardava, por que lutava para consegui-lo, eu lhe disse que confiasse em Deus, que não perdesse a esperança. Então ela me assegurou que com uma só frase você o entenderia... – Hernando virou a cabeça para aquele que lhe havia ensinado tudo. Ele a sabia. Sabia que frase era aquela, mas só ao ouvi-la de novo a captou em todo o seu significado: na história que se escondia atrás dela, nos padecimentos e nas alegrias compartilhadas com Fátima. Hamid entrefechou os olhos antes de sussurrá-la: – Morte é esperança longa.

29

Repudie-me! Ou mate-me! Force-me se é isso o que deseja... mas jamais voltará a obter meu consentimento. Por Deus, prefiro morrer a entregar-me de novo a você!

Mesmo na penumbra do quarto foi perceptível o tremor de ira com que Brahim recebeu a negativa de Fátima à sua aproximação. Aisha, agachada num canto, ouviu aquelas palavras, confusa entre o terror pela reação de Brahim e o orgulho pela atitude da moça; o jovem casal com seu pequeno, deitado num colchão de palha do outro lado do cômodo, entrelaçou as mãos e prendeu a respiração. Hernando não estava. Brahim balbuciou algo ininteligível. Deu diversas vezes um soco no ar, e continuou grunhindo e imprecando. Fátima permaneceu em pé diante dele: temia que algum desses socos lhe acertasse o rosto. Mas não foi assim.

– Nunca será uma mulher livre... por mais dinheiro que possa conseguir o nazareno – sentenciou Brahim. – Está entendendo, mulher? – Fátima não respondeu, diante da fúria de Brahim. – Que pensa você? Sou seu marido! – Por um instante Fátima pensou que ele ia forçá-la ali, diante de todos, mas Brahim olhou ao redor e se conteve. – Não passa de um monte de pele e ossos. Ninguém gostaria de se deitar com você! – acrescentou com uma expressão de desprezo antes de encaminhar-se para Aisha.

Seus joelhos cederam, e Fátima se deixou cair no chão, surpresa por ter aguentado o desafio em pé. Transcorreu um longo tempo até que se mitigassem os tremores e sua respiração se normalizasse. Havia pensado nisso mil e uma vezes, certa de que não demoraria a chegar o dia em que, apesar de sua magreza e de seu aspecto pouco desejável, Brahim voltaria a desejá-la. E assim havia sucedido. O tempo tinha jogado a seu favor, e a entrega de todo o seu dinheiro para o resgate

do primeiro mourisco, algo que a comunidade considerou o primeiro sinal de que, após a derrota, continuavam sendo um povo unido por sua fé, a convenceu definitivamente. Por que, então, tinha de entregar-se a um homem que ela abominava? Porventura não acabara de renunciar à possibilidade de sua liberdade, de suas esperanças e de seu futuro por causa dos seguidores do Profeta? A comunidade lhe agradeceu, a ela e a um Hernando que terminou cedendo. Depois de ouvir as palavras de Hamid, ele a havia olhado através do pátio uma vez mais; ela levantou os olhos para o céu, e ele seguiu aquele caminho com os seus. Depois a perdoou com um simples esgar de aprovação. Toda Córdova sabia de sua generosidade! Brahim perguntou pela origem do dinheiro, e Hamid lhe respondeu sem rebuços. Fátima se sentia segura; sabia que contava com o apoio da comunidade... e disso também Bahim estava consciente. Além disso, seu pequeno Humam já não vivia para transformar-se em moeda de troca por suas atenções sexuais. A moça também pensou nisto: talvez... talvez Deus e o Profeta tivessem decidido libertar o menino do que teria sido uma terrível carga durante toda a sua vida. Agradecia-lhe isso por ela mesma e por aquele filho perdido! E, quanto à possibilidade de Brahim maltratar Aisha, como fazia nas Alpujarras, o que era um muçulmano sem filhos? Musa e Aquil não haviam tornado a aparecer; nada sabiam deles, ainda que todos se mantivessem atentos para qualquer caso. Alguns mouriscos foram à municipalidade para queixar-se de que os filhos que lhes tinham sido roubados eram tratados como escravos pelas famílias com que tinham ficado. Mas os cristãos não lhes faziam caso, como tampouco faziam da pragmática real que impedia que as crianças mouriscas com menos de onze anos fossem feitas escravos. Córdova, como todos os reinos cristãos, transbordava de crianças, acolhidas ou escravas, usadas por seus senhores como pequenos criados ou trabalhadores até alcançarem a idade de vinte anos. Aisha estava a salvo, concluiu Fátima: enquanto estivesse grávida e provavelmente durante a lactância do pequeno, Brahim não a maltrataria, já que isso poria em perigo o novo filho, tão desejado. Nesta noite, enquanto

tentava recuperar a calma, Brahim confirmou suas reflexões e não se enfureceu com sua primeira esposa como fazia nas Alpujarras. Então Fátima chorou em silêncio, e o fez na segurança de que só um passo além de onde ela se havia deixado cair, exangue, Aisha também estaria chorando às escondidas, consolando-a sem palavras, tal como as duas mulheres haviam aprendido a comunicar-se lá na serra.

A esta mesma hora Hernando passava pela porta de uma pequena casa ruinosa da rua dos Moriscos, no bairro de Santa Marina. Desde que Fátima havia entregado seu dinheiro para o resgate do primeiro escravo mourisco e Hamid lhe chamara a atenção, havia mudado de atitude. E se sentia melhor! Por que não confiar em Deus? Se Fátima e Hamid o faziam... Além disso, ela lhe havia prometido que Brahim não a tocaria, e ele acreditou, Deus, acreditou completamente! "Antes tirarei minha vida", lhe havia assegurado com firmeza. Exaltado pela promessa, Hernando pôs à disposição de seus irmãos de fé a facilidade com que se movia por Córdova, seus muitos contatos, sua inteligência e sua esperteza. E a comunidade o recebeu com afeto e agradecimento. Sentimentos que Fátima também compartilhava, muito mais do que nas ocasiões em que ele lhe havia entregado uma moeda para comprar a mula com que pretendia trocá-la: o dinheiro ela pegava e o escondia, quase por obrigação, insatisfeita, como se duvidasse de que aquele fosse o melhor caminho. Ele a havia avaliado como a uma simples mula velha!, lamentava-se ele agora ao vê-la sorrir, com os olhos negros imensamente abertos enquanto escutava qual era o último serviço que Hernando havia prestado a algum irmão. Havia muito que fazer, assegurou-lhe Hamid na longa conversa que haviam tido após a festa do primeiro resgate.

Porque, apesar de tudo, Córdova atraía os mouriscos. Era a cidade dos califas, a que alcançou a maior elevação da cultura e da religião muçulmana no Ocidente, e as condições de vida ali pouco se diferenciavam das que os mouriscos padeciam em qualquer outra cidade ou povoado espanhol. Em todos eles a pressão cristã era

sufocante; mais ainda, se isso é possível, nos povoados pequenos, onde os mouriscos sofriam de perto o ódio dos cristãos-velhos. E em todos, sem exceção, eram explorados pelas autoridades ou pelos senhores do lugar. Por isso, transcorridos já dois anos desde a deportação, um constante gotejar de imigrantes sem permissão ia chegando a Córdova, atraídos por seu passado e pelo auge que a cidade vivia naqueles tempos.

Por ordem real, os mouriscos não podiam ausentar-se de seus lugares de moradia sem a correspondente autorização expedida pelas autoridades locais, na qual devia constar a descrição física detalhada da pessoa, o lugar para onde se dirigia, para que e por quanto tempo estava autorizada a permanecer fora do povoado em que fora recenseada. Dezenas deles conseguiam o documento com alguma desculpa e chegavam a Córdova, mas, vencido o prazo, se encontravam na cidade sem o documento de que deviam dispor todos os mouriscos residentes em Córdova.

De acordo com Hamid e com dois velhos do Albaicín granadino que haviam assumido o controle e o comando da comunidade, Hernando se ocupava daqueles recém-chegados. Uma vez vencidas suas autorizações, tinham duas possibilidades: contrair matrimônio com uma mourisca previamente recenseada em Córdova ou permitir sua detenção pelas autoridades e cumprir uma pena de três ou quatro semanas no cárcere. A municipalidade entendia que aquele fluxo beneficiava a cidade, já que levava mão de obra barata para ela e maiores rendas para os proprietários de casas, razão por que em ambos os casos, fosse através do matrimônio ou do cumprimento da pena, se concedia a correspondente cédula que credenciava os que a possuíam a ser habitantes de Córdova.

Hernando sabia de todos os mouriscos que se escondiam nas casas de seus correligionários quando lhes havia vencido a autorização que lhes permitia mover-se livremente pela cidade. Atuava como casamenteiro, como nesta noite em que entrava numa pequena construção da rua dos Moriscos com a finalidade de anunciar que

havia encontrado uma esposa para um bom cardador de Mérida, cujo ofício era muito requisitado em Córdova no grêmio de tecelões.

Mas nem todos os indocumentados eram cardadores, nem todas as mouriscas cordovesas estavam dispostas a contrair matrimônio, razão por que a maioria terminava no cárcere e era ali que o rapaz tinha de agir com maior tento.

O cárcere real não era mais que um negócio arrendado a um alcaide, em que a única obrigação das autoridades era prover de um local para recluir os presos, com seus correspondentes grilhões e correntes. Os presos deviam comprar a comida ou recebê-la de fora, sempre com prévio pagamento ao alcaide; a cama era alugada segundo a tabela que o rei havia fixado por causa dos abusos cometidos. Os preços variavam segundo dormissem uma, duas ou três pessoas no mesmo catre. Os que podiam pagavam. Os pobres e indigentes viviam no cárcere da caridade pública, mas essa caridade dificilmente chegava aos sacrílegos cristãos-novos que tantas atrocidades haviam cometido durante a rebelião.

Hernando tinha de saber quando era mais oportuno ser detido um dos mouriscos segundo as disponibilidades do cárcere; e tinha de controlar para que o alcaide recebesse o dinheiro correspondente e a comunidade fornecesse comida aos presos que estavam encarcerados. Não haviam cessado suas correrias noturnas pela zona do Potro, mas agora ele não buscava dinheiro, e sim informação. Quando estava previsto que algum oficial de diligências revistasse as casas dos mouriscos que lhe correspondiam? Que novas se produziam no cárcere? Que aguazil era o mais adequado para deter algum mourisco e onde? Quem dispunha de escravos mouriscos e quanto lhe haviam custado? Quanto tempo levaria a municipalidade para conceder o direito de residência a tal ou qual pessoa? Qualquer informação era boa e, se pudesse, deixava correr algo do pouco dinheiro que lhe davam os velhos da comunidade para comprar uma que outra vontade ou para que um criado que bebia vinho num *mesón* lhe dissesse o nome e a origem daquele escravo ou escrava que vivia em sua casa.

Libertar os escravos capturados na guerra das Alpujarras se havia convertido no principal objetivo da comunidade. No entanto, os cristãos que compraram aqueles homens ou mulheres a baixo preço, muito mais baixos do que se fossem negros, mulatos ou brancos de qualquer outra origem, especulavam com o interesse dos mouriscos por seus correligionários e aumentavam desmedidamente o valor do resgate. Todo cordovês que tivesse escravos mouriscos se transformara num negociante em pequena escala empenhado em obter lucros, sobretudo dos homens, dado que as mulheres poucas vezes eram postas à venda, porque os filhos das escravas herdavam a condição da mãe. Engravidar uma mourisca implicava, pois, um bom ganho em prazo bastante curto.

Hesitou em prosseguir com as viagens n'*A Virgem cansada*. Juan insistia em que continuasse trabalhando com ele. Que mal lhe podia fazer conseguir um dinheiro bom e fácil? "O que me acompanha agora", queixou-se, com uma piscadela de cumplicidade, "não quer falar das mulheres do bordel berbere." Até lhe ofereceu maiores ganhos, mas um dia, quando se dirigia à praça do Salvador pela rua Marmolejos, pela qual se obrigava a transitar, descartou qualquer possibilidade de continuar com as saídas noturnas na chalupa. Ao longo da rua Marmolejos, junto à fachada cega do convento de São Paulo, havia uma série de poios ou assentos corridos onde se expunham os cadáveres daqueles que faleciam no campo e que haviam sido levados para a cidade pelos irmãos da Misericórdia. Hernando costumava observar os cadáveres tentando entrever por suas roupas ou por sua tez, conquanto tampouco esta se diferenciasse muito da dos espanhóis, se se tratava ou não de algum mourisco. Se assim lhe parecia, ele o comunicava aos velhos para que investigassem em outras comunidades se alguém havia perdido um parente. Mas nos poios não se expunham apenas cadáveres; serviam para tudo: neles se vendia o pão ou os demais bens confiscados, ofereciam-se os trabalhadores sem emprego, submetiam-se a escárnio público comerciantes ilegais ou estelionatários, e sobretudo se derramava o vinho forasteiro. Neste dia,

no poio seguinte ao do cadáver de uma mulher que começava a decompor-se, um vedor e um aguazil se achavam junto a um barril de vinho, rodeados por um enxame de rapazes prontos a atirar-se ao chão para bebê-lo no momento em que o vedor desse a primeira machadada no barril. O vinho confiscado, ao contrário de outros produtos, não era revendido. Hernando não pôde deixar de observar aquele barril. Conhecia-o bem. Havia transportado muitos deles n'*A Virgem cansada*. Com o estômago encolhido, deixou para trás o rangido da madeira ao rachar-se e a gritaria da garotada ao lançar-se sobre o vinho. Nesta noite não encontrou León em sua pousada do Potro.

– Prenderam-no – explicar-lhe-ia alguns dias depois Juan, entre suas mulas, no campo de la Verdad. – O vedor encontrou o esconderijo dos barris, embora, pela determinação com que se dirigiu ao lugar... Parecia até que alguém havia denunciado León.

30

Praça da Corredera, primavera de 1573

O esterco era uma mercadoria apreciada na Córdova dos hortos e dos mil pátios floridos. Hernando continuava trabalhando no curtume pelos dois míseros reais por mês que lhe pagavam. Com isso conseguia mostrar ao oficial de diligências uma ocupação estável que, ademais, lhe permitia, sempre encoberto pelo oficial que fazia amor com a esposa do mestre, a mobilidade necessária para dedicar-se a seus outros afazeres. Mas esse excesso de trabalho se deu em detrimento da recolha do esterco necessário para tratar as peles, e, apesar de o oficial o desculpar, a carência de esterco já era insustentável.

Naquele primeiro domingo de março, ao alvorecer, quinze touros bravos acompanhados de algumas vacas, procedentes das invernadas cordovesas, atravessaram a galope a ponte romana de acesso à cidade. Atrás deles, estimulando-os, vaqueiros a cavalo armados de longas garrochas com as que os haviam corrido desde o campo. Na extremidade da ponte, apesar da hora, as festivas pessoas da cidade de Córdova esperavam os touros. Dali, o *encierro* passaria pela ribeira do Guadalquivir até a rua Arhonas, e depois subiria por esta até a do Toril, junto à praça da Corredera, onde os touros ficariam encerrados até a tarde.

No dia anterior, o oficial advertiu Hernando:

– Necessitamos de esterco. Amanhã haverá *encierro* e serão corridos quinze touros. Tanto no percurso da manada como nas praças próximas da Corredera, ali onde estiverem os cavalos dos nobres, você pode encontrá-lo.

– Aos domingos não se deve trabalhar.

– É possível, mas, se você não trabalhar amanhã, tenha certeza de que tampouco o fará na segunda-feira. O mestre já me chamou a atenção. Sim – acrescentou rapidamente diante da expressão ameaçadora adotada pelo rosto de Hernando –, eu tampouco o farei se você... Bom, faça como bem entender! Se isso é o que quer, perdemos os dois o trabalho.

– Os criados dos nobres não me deixarão.

– Eu os conheço. Estarei ali. Vão lhe permitir recolher o esterco. Primeiro recolha o do *encierro*.

E ali estava Hernando, plantado na extremidade da ponte romana, misturado com as pessoas e com um grande cabaz de esparto nas mãos, atrás de uma barreira construída pela municipalidade para obrigar os touros a girar e continuar a corrida pela ribeira do rio, em cuja margem se amontoavam os habitantes que, em caso de apuro, só poderiam lançar-se na água. Na embocadura da rua Arhonas, na ribeira, havia-se posto outra paliçada para que os touros entrassem por aquela rua. A partir dali, as confluências com as demais ruas da Ajerquía pelas que seguiria o *encierro* também estavam protegidas por grandes madeiros até a rua do Toril, onde se armou um cercado com uma única saída: a praça da Corredera.

Hernando notou o nervosismo das pessoas diante do rumor de touros e vaqueiros no campo de la Verdad.

– Já estão chegando! Aí vêm eles! – ouvia-se gritar.

O estrondo dos animais ao atravessar a antiga ponte de pedra se confundiu com os gritos. Alguns homens saltaram as cercas e começaram a correr diante da manada; outros prepararam dardos para lançar contra os touros ou se armaram de velhas capas para distraí-los de sua corrida. Hernando viu os touros passar diante dele, atrás das vacas: bramavam, galopando às cegas, em grupo, à frente dos vaqueiros. O giro da ponte para a ribeira era brusco e em pendente devido ao desnível existente entre a ponte e a margem, razão por que vários touros se chocaram com a cerca de madeira. Um deles caiu e escorregou pelo chão enquanto era pisoteado pelos que o seguiam; um

jovem tentou pôr-lhe uma capa na frente, mas o touro, com uma agilidade espantosa, saltou do chão e chifrou-o na coxa, levantando-o acima de seu cachaço. Hernando pôde ver que outros dois homens que corriam adiante também eram chifrados, mas, quando os touros se revolveram para encarniçar-se contra eles, toparam com as garrochas dos vaqueiros cravadas em seus flancos, obrigando-os a continuar o percurso.

Foram tão somente alguns instantes de gritos, corridas, poeira e barulho atroador até que touros, gente e cavalos desapareceram na esquina da rua Arhonas. Hernando esqueceu o esterco que devia recolher e permaneceu absorto nas pessoas que permaneciam após a passagem da manada: o jovem da capa sangrava sem parar na entreperna, agarrado a uma moça a seu lado que gritava desesperada; homens, mulheres e crianças que tentavam sair do rio em cujas águas haviam saltado à passagem dos touros e uma sucessão de feridos, uns em pé, mancando ou queixando-se, e outros estendidos ao longo da ribeira do Guadalquivir. Quando quis voltar ao que tinha de fazer, várias velhas e crianças já se haviam lançado a recolher o esterco pisoteado ao longo do caminho. Olhou para seu cabaz vazio e balançou a cabeça. Ali não iria conseguir nem uma bosta. Transpôs a cerca e se aproximou do jovem ferido, já cercado por um numeroso grupo de mulheres, para o caso de poder ajudar em algo.

– Saia daqui! Mouro! – gritou-lhe uma velha vestida de negro.

– Aquele jovem vai morrer, se é que já não o fez – terminou por dizer Hernando a Hamid depois da missa maior, para além do cemitério, diante de Fátima e de uma Aisha grávida; Brahim, um pouco afastado, estava conversando com outros mouriscos.

– Sim. Muitos morrem...

– Que prazer sentem nisso?

– A peleja, a luta do homem com o animal – respondeu Hamid. Hernando, com um esgar, abriu as mãos em sinal de incompreensão. – Também o fizemos nós – objetou o alfaqui. – Na corte de Granada

eram famosos os jogos de touros. Os Zegríes, os Gazules, os Venegas, os Gomeles, os Azarques e muitos outros nobres se distinguiram na hora de lidar com touros e matá-los. Mais ainda, nenhum alfaqui muçulmano nunca ousou proibir aquelas festas, e, no entanto, o papa de Roma, sob pena de excomunhão, as proibiu aos cristãos. Quem morre nos jogos de touros o faz em pecado mortal, e os padres que assistirem a tais festas perdem o hábito.

Hernando recordou-se então do exército de sacerdotes que saía das casas da ribeira uma vez passados os touros e corria entre os feridos do *encierro* procurando sua salvação entre santos óleos e orações.

– Nesse caso, por que os correm? Não são tão piedosos?

Hamid sorriu.

– A Espanha quer touros. Os nobres querem touros. O povo quer touros. Deve ser a única questão, afora a relativa ao dinheiro, que opõe o cristianíssimo rei Felipe ao papa Pio V.

Aqueles nobres muçulmanos de que falava Hamid não eram em Córdova senão o patriciado da cidade: os Aguayos, os Hoces, os Bocanegras e, naturalmente, os correspondentes à insigne casa dos Fernández de Córdoba e seu ramo, não menos ilustre, de Aguilar. Córdova era nobre! Muitos foram os títulos e mercês reais obtidos pelos cordoveses durante a conquista, e nas festas de touros os nobres da cidade, antes de enfrentar os animais, competiam entre si em luxo e pompa.

Depois de comer e antes que se desse começo à festa, nos palácios dos nobres se exibiram as quadrilhas dos senhores, compostas por seus servos luxuosamente vestidos com librés da mesma cor. Dentro das quadrilhas, de trinta, quarenta e até sessenta criados, dois deles exerciam a função de lacaios: eram aqueles que acompanhariam o senhor no interior da praça. As pessoas de Córdova se postaram diante do palácio dos Fernández de Córdoba, na encosta do Bailío; diante do palácio do marquês do Carpio, na rua Cabezas, ou ao redor de tantos outros palácios e casas nobres, para contemplar e aplaudir a saída dos nobres a cavalo, acompanhados de suas extensas famílias e escoltados

pelas quadrilhas de criados, que carregavam comida, vinho e cadeiras para seus senhores.

A praça da Corredera havia sido convenientemente preparada para correr os touros que saltariam, um a um, pela arcada e pelo corredor que dava para a rua do Toril, em seu lado leste. No lado norte, o mais longo da irregular praça, armaram-se cercas para além dos pórticos de madeira das casas que davam para ela, cujas sacadas, engalanadas para a ocasião com tapeçarias e mantas, foram arrendadas pela municipalidade a nobres e ricos mercadores que rivalizavam no luxo de suas vestimentas. Entre eles, movendo-se com discrição, transgredindo a bula papal, havia sacerdotes e membros do cabido da catedral. No lado sul, apoiadas numa parede branca que a municipalidade havia mandado construir para fechar a praça, ergueram-se umas tribunas de madeira em que se achava o corregedor, como representante do rei e governador da praça de touros, junto a outros nobres e cavaleiros. Ao redor do restante da praça, já colocadas nela dada a sua amplitude, instalaram-se paliçadas atrás das quais o público podia resguardar-se dos touros.

Da praça das Cañas, pela qual se espalharam os criados com os cavalos de reposição dos que iriam correr os touros e com os de seus familiares, Hernando ouviu a gritaria das pessoas quando os nobres a cavalo, com os dois lacaios que deviam ajudá-los portando as lanças, fizeram o *paseíllo*, todos desfilando vestidos à mourisca, com marlotas ajustadas que lhes proporcionavam liberdade de movimentos, bonetes e *capellares* pendendo do ombro esquerdo, e armados de espada; cada nobre vestia as mesmas cores das librés de suas quadrilhas e montava à gineta, à mourisca, com estribos curtos. O oficial do curtume cumpriu sua palavra e o esperou na praça das Cañas. Por mediação sua, Hernando conseguiu passar pelos aguazis que impediam que o povo se misturasse com os criados dos cavaleiros, carregando o grande cabaz de esparto. No entanto, não era o único que estava ali para conseguir esterco.

Oito cavaleiros se preparavam para correr os touros naquela tarde de março. Com gesto solene, o corregedor entregou ao aguazil da praça a chave do touril, em sinal de que podia começar a festa; quatro dos cavaleiros deixaram a praça enquanto os outros quatro tomavam posição em seu interior. Os cavalos batiam os cascos no chão, bufavam e suavam. Fez-se silêncio na Corredera quando o aguazil abriu o portão de madeiros com que fechavam a rua do Toril, antes que rebentassem as aclamações diante da corrida de um grande touro zaino que, fustigado pelos garrocheiros, entrou na praça bramando. O touro correu pela praça a galope, investindo contra as cercas à medida que as pessoas o chamavam aos gritos, batiam nos madeiros ou lhe lançavam dardos. Após o ímpeto inicial, o touro trotou, e mais de uma centena de pessoas saltou para a praça e o desafiaram com capas; os mais ousados se aproximavam dele, fazendo um violento quebro para esquivar-se dele assim que este se voltava contra eles. Alguns não o conseguiram e terminaram chifrados, atropelados ou atirados para o alto. Enquanto o povo se divertia, os quatro nobres permaneciam em seus lugares, retendo seus cavalos, julgando a bravura do animal e se esta era suficiente para se baterem com ele.

Em determinado momento, D. Diego López de Haro, cavaleiro da casa do Carpio, vestido de verde, gritou para atrair o touro. Imediatamente, um dos lacaios que o acompanhavam correu para as pessoas que importunavam o animal e as obrigou a afastar-se. Clareou o espaço entre touro e cavaleiro, e o nobre voltou a gritar:

– Touro!

O touro, enorme, se virou para o cavaleiro, e os dois se observaram à distância. A praça, quase em silêncio, esperava a pronta acometida. Justo naquele momento, o segundo lacaio se aproximou de D. Diego com uma lança de freixo, grossa e curta, terminada numa afiada ponta de ferro; a três palmos da ponta se haviam feito na madeira uns cortes cobertos de cera para facilitar que se partisse no embate com o touro. Os três cavaleiros restantes se aproximaram silenciosamente, para não distrair o touro, para o caso de sua ajuda ser necessária. O cavalo do

nobre corcoveou pelo nervosismo até ficar de lado diante ao touro; os assobios e protestos percorreram a praça imediatamente: o encontro devia ser de frente, cara a cara, sem ardis contrários às regras da cavalaria.

Mas D. Diego não precisou de reprovações e já esporeava o cavalo para que este voltasse a colocar-se de frente para o touro. O lacaio permanecia junto ao estribo direito de seu senhor com a lança já alçada, para que ele só tivesse de pegá-la assim que o touro iniciasse a investida.

D. Diego voltou a chamar o touro ao mesmo tempo que punha nas costas a capa verde que tinha presa ao ombro. O verde brilhante que tremulava nas mãos do cavaleiro chamou a atenção do touro.

– Touro! Eia, touro!

A investida não se fez esperar e uma mancha zaina se abalançou contra cavalo e cavaleiro. Nesse momento D. Diego segurou com força a lança que seu lacaio sustinha e apertou o cotovelo contra o corpo. O lacaio se foi no exato instante em que o touro chegava ao cavalo. D. Diego acertou a lança na cruz do animal e a afundou alguns palmos antes que ela se quebrasse, detendo sua brutal corrida. O estalo da madeira foi o sinal para que a praça explodisse em aclamações, mas o touro, mesmo ferido de morte e sangrando aos borbotões na cruz, fez menção de investir de novo contra o cavalo. No entanto, D. Diego já havia desembainhado sua pesada espada bastarda, com que deu um certeiro golpe no animal, bem entre os chifres, partindo-lhe o crânio. O zaino caiu morto.

Enquanto o cavaleiro galopava pela praça, palmeando seu cavalo no pescoço, saudando e recebendo os aplausos e homenagens por sua vitória, as pessoas se lançaram sobre o cadáver do animal, brigando entre si para ficar com o rabo, com os testículos ou com qualquer parte que pudessem cortar antes que a festa continuasse. Tratava-se dos *chindas*, que depois vendiam aqueles despojos, principalmente o apreciado rabo do touro, aos *mesoneros* da Corredera.

Por meio dos gritos e dos silêncios, Hernando tentou imaginar o desdobramento da festa a começar da praça das Cañas, onde se encontrava; nunca havia presenciado um jogo de touros e o mais próximo que havia estado de um touro tinha sido quando um lhe saltara por cima enquanto ele protegia o corpo de Fátima. Que estaria sucedendo na praça? Com essa pergunta na mente brigava pelo esterco com outros homens que também o queriam. "Esta tarde você não pode falhar", advertira-o o oficial. "Pelo menos tem de encher o cabaz. Esse esterco nos servirá para a camada superior do poço." No entanto, ele tinha uma vantagem sobre os outros que lutavam com ele pelo esterco: ele não temia os cavalos e se apercebeu dessa circunstância. Era diferente recolher o esterco de uma rua uma vez que já haviam passado os cavalos que fazê-lo no momento em que o animal acabava de estercar. Os cavalos estavam nervosos junto à praça: sabiam o que sucedia; não era a primeira vez que enfrentavam os touros, na cidade ou nas invernadas, e se mostravam tremendamente inquietos, batendo com os cascos, relinchando. Seus concorrentes não estavam acostumados a tratar com os cavalos dos nobres, de raça, coléricos alguns, nervosos todos, e, assim que Hernando via que algum deles estercava e que alguém corria em busca do excremento, ele também o fazia, bruscamente, espantando o cavalo. Então seus adversários costumavam afastar-se, temerosos, dos ameaçadores pés do animal, e Hernando se lançava sobre o esterco. Os criados dos nobres, que atuavam de palafreneiros e se dividiam entre a praça das Cañas e a Corredera segundo estivesse presente ou não o seu senhor, encontraram naquela disputa uma forma de entretenimento e o avisavam no momento em que algum dos cavalos estercava.

No instante em que a praça aplaudiu a irrupção do sétimo touro, ele já tinha enchido o grande cabaz de esparto. Ele não estava autorizado a entrar no curtume aos domingos, razão por que mandou um recado ao oficial e este foi em busca do esterco.

– Teremos tempo de encher outro – disse-lhe o homem ao recolher a alcofa.

Hernando resfolegou quando o oficial lhe deu as costas e se dirigiu para o curtume, momento que aproveitou para passar por entre as quadrilhas até chegar à porta de acesso dos cavaleiros, ao lado da parede branca, no lado sul da praça, junto a um jovem criado com quem havia trocado vários sorrisos ante os sustos e ante uma que outra queda provocada em suas brigas pelo esterco. A festa se desenrolava sem incidentes: cada nobre mostrava com maior ou menor acerto sua arte de correr touros para deleite do povo. Hernando conseguiu apoiar-se na paliçada que fazia as vezes de portão no exato momento em que um grande touro avermelhado arremetia contra um cavaleiro montado num cavalo negro com tons avermelhados como o que um dia lhe dera Aben Humeya. Por alguns instantes sentiu aquele forte cavalo entre as pernas e voltou a crer-se um nobre muçulmano nas Alpujarras, livre nas serras, anelante de vitória... O estrondo que ressoou na praça o trouxe de novo à realidade. O cavaleiro havia errado com a lança e esta resvalou da cruz e se cravou na garupa do touro, onde seu ferimento não era mortal. Imediatamente, outro nobre acudiu em sua ajuda e caracolou com seu cavalo para distrair o touro a fim de afastá-lo do primeiro e de que não investisse contra ele. A segunda lança, uma vez já recomposto o cavaleiro, sim, foi suficiente para que o touro caísse ferido de morte. O oitavo, um touro castanho, se limitou a trotar pela praça, ameaçando dar alguma chifrada e fugindo das pessoas que o acossavam. Um dos nobres chamou-o, e o touro correu quatro ou cinco metros antes de deter-se diante ao cavaleiro e fugir. As pessoas começaram a apupar.

– Que é que está acontecendo? – perguntou Hernando ao jovem criado.

– É manso – respondeu este sem deixar de observar a praça. – Os cavaleiros não pelejarão com ele – acrescentou.

E assim foi. Os quatro nobres que naquele momento se encontravam na Corredera se retiraram solenemente e obrigaram os que estavam na porta a afastar-se. A paliçada se fechou de novo; ao recuperar sua posição, Hernando observou que a praça se havia

enchido de gente, e até de cães que perseguiam e acossavam o animal. Das muitas capas que lhe jogaram sobre a cabeça, uma delas ficou presa nos chifres e tapou sua visão, momento em que vários homens com adagas e navalhas se abalançaram sobre o touro e o cortaram a facadas. Outros se lançaram a suas patas para desjarretá-lo. Um deles, com uma gadanha, conseguiu cortar o forte tendão da pata esquerda do animal, e o touro caiu. Ali o continuaram esfaqueando até a morte.

Ainda não haviam terminado de cortar-lhe o rabo quando já entrava na praça o touro seguinte: um animal antes pequeno, mas muito ágil, saltador, entrepelado.

– Afaste-se daí, imbecil!

Absorto no touro, Hernando não se deu conta de que tanto o criado como os demais quadrilheiros se haviam afastado da paliçada. Ele obedeceu e abriu passagem para um nobre gordo, cuja marlota estava a ponto de rebentar na barriga. Atrás dele iam seus dois lacaios, escuros, e depois três outros nobres que escarneciam apontando para o obeso cavaleiro que os precedia.

– O conde de Espiel – sussurrou o jovem criado como se, apesar do vozerio e da distância, o conde pudesse ouvi-lo. – Não sabe correr os touros, mas insiste em vir sempre à praça.

– Por quê? – inquiriu Hernando com o mesmo tom de voz.

– Soberba? Honra? – limitou-se a responder o jovem.

Assim que pisou a praça, o lacaio que não portava as lanças para o conde começou a gritar para as pessoas para que deixassem de importunar o saltador e permitissem o embate com seu senhor. Os cordoveses obedeceram a contragosto, renunciaram à festa que os demais nobres lhes ofereciam e até evitaram assobiar no momento em que o conde de Espiel gritou para o touro e permitiu que o cavalo se aliviasse à esquerda para poder enfrentar melhor a investida. Hernando observou os demais cavaleiros, que já não sorriam. Um deles, vestido de roxo, balançava a cabeça. Apesar da vantagem obtida pela posição do cavalo para receber o touro, o conde falhou e golpeou com a ponta da lança o focinho do animal quando este saltou antes de

chegar ao cavalo. A lança saiu voando da mão do nobre. O conde soltou uma imprecação e perdeu um precioso instante para afastar o cavalo do caminho daquele touro cuja investida ele não pôde deter.

Fincou as esporas nas ilhargas do cavalo, mas o touro já se havia lançado contra ele e, em plena corrida, chifrou a barriga do cavalo com seus dois imponentes cornos. O conde saiu voando e rolou no chão enquanto o cavalo ficava espetado nos chifres do saltador, que após alguns trancos levantou a cabeça sustendo o animal no ar e lhe rasgou a barriga como se se tratasse de um simples pano velho. Os relinchos de morte do cavalo atroaram a Corredera, chegando até o íntimo dos habitantes que observavam o espetáculo. O touro baixou a cabeça; o cavalo caiu no chão e o touro se encarniçou sobre sua presa, chifrando-o vezes seguidas, arrastando-o pela praça, destroçando-o, sem atender aos cavaleiros que tentavam distraí-lo. O touro levou o cavalo até a paliçada em que se encontrava Hernando. O sangue lhe salpicou quando o touro volteou de novo o cavalo no alto; os intestinos e demais órgãos do animal voaram pelo ar.

Antes que Hernando chegasse a percebê-lo, o conde de Espiel se plantou junto ao touro e ao cadáver do cavalo, espada na mão.

– Touro! – gritou com a arma no alto, segura por ambas as mãos. O touro atendeu ao chamado e ergueu a cabeça encharcada de sangue para o nobre, momento em que este desferiu um tremendo golpe na cerviz do animal. O bom aço toledano cortou metade do grosso pescoço do touro, e este caiu morto junto ao cavalo.

Tratava-se de um conde, de um grande de Espanha! De início foram moderados, procedentes apenas da nobreza, de seus iguais, mas, quando o conde de Espiel voltou a alçar sua espada ensanguentada em sinal de vitória, os aplausos ressoaram na Corredera.

– Um cavalo! – gritou então o conde para um de seus lacaios, enquanto recebia, orgulhoso, a aclamação do povo.

Hernando e os outros tiveram de tornar a afastar-se, e o lacaio correu para a praça da Paja em busca de outro cavalo.

– Por quê? – perguntou Hernando ao criado.

– Os nobres – respondeu este – têm de deixar a praça a cavalo. Não podem fazê-lo a pé. Se seu cavalo morre, lhes trazem outro. Não é a primeira vez que isso acontece com o conde – pôde dizer no mesmo instante em que o lacaio do conde já voltava puxando pela brida um semental castanho de grande porte.

– Meu cavalo! – exigia o conde na praça.

Hernando e o criado ajudaram a abrir completamente a paliçada para deixar passar a nova montaria, mas assim que esta viu o primeiro cavalo e o touro mortos diante dela, e cheirou o sangue da imensa poça que os rodeava, se encabritou, soltando-se da mão do lacaio, e ficou livre entre a criadagem. Um criado tentou tornar a segurá-lo, mas o animal havia enlouquecido, relinchava com violência e se erguia, pateando o ar, roçando a cabeça dos criados, para em seguida lançar coices frenéticos. Dois homens saíram voando pelos coices, que lhes atingiram o peito e o estômago; outro teve a mesma sorte quando o cavalo lhe deu uma forte cabeçada. O conde continuava exigindo aos gritos seu cavalo, mas o espaço na paliçada era mínimo e a multidão de criados que tentava segurar o semental não conseguia senão enlouquecê-lo ainda mais. Alguns cavaleiros dos que corriam os touros se aproximaram na entrada da praça, mas não parecia que estivessem muito dispostos a ajudar; um deles até sorriu ao ouvir os gritos exasperados do conde de Espiel.

Nesse momento, o semental, alçado sobre as patas, pateou o ar bem onde se encontravam Hernando e seu companheiro. Hernando se afastou a toda a pressa ante a mera visão dos olhos desorbitados e injetados do cavalo, sangue igual ao que brotou do rosto do jovem criado que o acompanhava quando o semental o atingiu com uma das patas. Ia despedaçá-lo! O animal roçou a terra pronto para empinar de novo, e Hernando saltou sobre sua cabeça e lhe tapou os olhos com o corpo até alcançar uma de suas orelhas, que mordeu com força, retorcendo-lhe a outra com uma das mãos. Sentiu no estômago a baforada do relincho de dor do cavalo, e, quando o animal baixou a

cabeça com o peso de Hernando, este lhe torceu o pescoço brusca e violentamente até jogá-lo no chão.

Dali, com Hernando caído sobre sua cabeça e ainda mordendo-lhe a orelha, o cavalo tentava levantar-se, mas não o conseguiu por não poder dobrar o pescoço. Por alguns instantes se debateu com todas as suas forças, até que pouco a pouco foi cedendo.

– Parados! – ouviu alguém ordenar aos criados do conde que corriam para o cavalo.

Deixou de morder a orelha do animal, mas manteve a outra retorcida. Não teve senão a ideia de recitar em voz baixa algumas suras, com os lábios junto ao ouvido do animal, numa tentativa de tranquilizá-lo. Assim permaneceu por longos instantes, sem ver nada nem ninguém, recitando suras, enquanto o cavalo voltava a compassar a respiração.

– Vou tapar-lhe a cara com um manto, rapaz. – Era a mesma voz que havia ordenado aos criados que ficassem parados. Hernando só pôde ver umas esporas de prata. – Vou enfiá-la entre seu corpo e a cabeça dele. Não permita que se levante.

Hernando aguentou firme, e deixou espaço para que o homem das esporas de prata introduzisse o manto. Também o ouviu dizer em voz baixa enquanto manipulava o manto:

– Vaidoso. Não merece os cavalos que tem. – Hernando encolheu a barriga. Sentiu o homem deslizar o manto entre ela e a cabeça do semental. – Imbecil. Grande de Espanha! – resmungou antes de dar por finalizada a tarefa. – Agora – instruiu-o –, você deve deixar que se levante pouco a pouco. Primeiro ele dobrará o pescoço para levantar a cabeça e depois estenderá as patas para tomar impulso. – Hernando sabia disso. – Então você deverá terminar de colocar-lhe o manto por baixo da queixada para que não possa livrar-se dele. Acha que é capaz? Você se atreve a fazê-lo?

– Sim.

– Agora – indicou-lhe o homem.

O semental, provavelmente esgotado, se levantou muito mais devagar do que esperava Hernando, razão por que não teve problema para atar-lhe o manto por baixo da queixada como lhe havia dito o homem das esporas. Já em pé, o cavalo ficou parado, cego. Hernando lhe palmeou o pescoço e lhe falou para acalmá-lo. Um dos criados do conde foi pegar o cavalo pela brida, mas uma mão o impediu.

– Ineptos. – Hernando se virou para aquela voz conhecida. D. Diego López de Haro, vinte e quatro de Córdova, cavalariço real de Felipe II, encontrava-se junto a ele. – Vocês seriam capazes – acrescentou para o criado – de tornar a encabritar este animal. Nem sequer sabem reconhecer um bom cavalo, como o seu... – Calou-se e balançou a cabeça. – Só sabem tratar com asnos e burricos! Rapaz, leve-o você mesmo ao conde. – Hernando percebeu que D. Diego cuspia a última palavra.

O que não percebeu foi que o cavalariço real entrecerrava os olhos e apoiava a mão direita no queixo, observando com interesse o que faria Hernando ao entrar na praça; o semental ainda cheiraria o sangue. E assim foi. O cavalo fez menção de recuar, mas logo Hernando lhe deu um puxão pela brida e um forte pontapé na barriga. O semental tremia, mas obedeceu e entrou na Corredera. Já havia deixado para trás os cadáveres do cavalo e do touro, enquanto D. Diego assentia satisfeito às suas costas, quando o conde de Espiel lhe gritou de onde ainda estava esperando:

– Como se atreve a dar um pontapé no meu cavalo? Vale mais que a sua vida!

Os dois lacaios que atendiam ao nobre na praça correram para Hernando. Um lhe tirou a brida da mão, e o outro tentou segurá-lo pelo braço.

– Detenham-no! – ordenou o conde de Espiel.

As pessoas, depois da longa espera, voltaram a rebentar em gritos.

Assim que sentiu o contato do lacaio em seu braço, Hernando estimulou o semental, que deu um giro e varreu os lacaios com a garupa, momento que ele aproveitou para escapulir. Saltou por cima

do cadáver do touro e começou a correr em direção à praça da Paja. Ao passar diante de D. Diego, este fez um imperativo gesto para os lacaios com que estivera falando enquanto contemplava como se saía Hernando na praça. Os lacaios saíram correndo atrás do rapaz. Um aguazil dos que vigiavam a praça da Paja se lançou sobre Hernando ao ver que os lacaios o perseguiam, e conseguiu detê-lo. A certa distância, vários criados do conde de Espiel também tentavam alcançá-lo.

– Que...? – começou a perguntar o aguazil.

– Deixai-o! – ordenou um dos lacaios, arrancando a presa das mãos do aguazil.

– Prendei-os! – acrescentou o outro lacaio ao mesmo tempo que apontava para os criados do conde de Espiel. – Querem assassiná-lo!

A simples acusação foi suficiente para que os aguazis que vigiavam detivessem os homens do conde, e foi suficiente também para que Hernando e os lacaios de D. Diego se perdessem na direção do Potro.

Enquanto isso, o conde de Espiel passeava orgulhoso a cavalo pela Corredera, em meio aos aplausos do público.

– Retirem estes cadáveres daqui – ordenou D. Diego a todos os quadrilheiros que contemplavam a cena da porta, apontando para o touro e para o cavalo mortos. – Caso contrário – ironizou em voz baixa, dirigindo-se a dois cavaleiros que estavam junto a ele –, esse imbecil será incapaz de deixar a praça antes que chegue a noite.

31

Alguns dias antes do domingo do jogo de touros, Fátima e Jalil, cujo nome cristão era Benito, um dos velhos que junto com Hamid se havia constituído em chefe da comunidade mourisca de Córdova, dirigiam-se ao cárcere, cada qual com a comida que havia conseguido recolher para os presos, como vinham fazendo com regularidade. Falavam de Hernando, de seu trabalho pela comunidade.

– É um bom homem – afirmou em determinado momento Jalil: – jovem, sadio e forte. Deveria casar-se e formar uma família.

Fátima não disse nada. Baixou os olhos, e seu caminhar se tornou mais lento.

– Existe uma possibilidade de solucionar o problema de vocês – afirmou Jalil, sabedor da situação.

Ela parou e interrogou o velho:

– Que quer dizer?

– Aisha já deu à luz? – perguntou-lhe Jalil, ao mesmo tempo que lhe indicava que continuasse andando. Circundavam a mesquita até chegar perto da Porta do Perdão, onde nascia a rua da Cárcel. Fátima viu o velho olhar de soslaio para o símbolo do domínio muçulmano no Ocidente enquanto ela apressava o passo para alcançá-lo.

– Sim – respondeu. – Um lindo menino. – Disse-o com melancolia. Córdova lhe tirara Humam; Córdova dava um novo filho a Aisha.

Jalil julgou entendê-la.

– Você é jovem ainda e, apesar de seu aspecto, forte. Você o demonstra dia a dia. Confie em Deus. – Jalil fez silêncio por alguns instantes. No momento em que entravam na rua da Cárcel, o velho voltou a falar: – Quando você contraiu matrimônio com Brahim, ele era pobre?

– Não. Então era o lugar-tenente de Ibn Abbu, o rei de al-Andalus, e dispunha de tudo quanto desejava. Percorri as ruas de Laujar montada na melhor mula branca...

Calou-se imediatamente ao topar com duas mulheres vestidas de negro, acompanhadas de vários criados e seguidas por pajens que mantinham levantada a barra de suas saias para que não se sujassem. A estreita rua não permitia a passagem de tantas pessoas, e os dois mouriscos se afastaram com prudência. As mulheres nem sequer repararam neles, mas tanto Fátima como Jalil, sim, o fizeram nas crianças que atuavam como pajens: provavelmente seriam mouriscas, crianças roubadas de sua mães para ser evangelizadas. O velho suspirou, e ambos permaneceram alguns instantes em silêncio enquanto as mulheres e seu séquito seguiam rua abaixo.

– Era a melhor mula branca das Alpujarras – sussurrou ela assim que o grupo dobrou para a catedral.

Jalil anuiu como se aquela revelação fosse interessante. Então parou, a alguns passos do cárcere, a cujas portas se amontoavam os familiares dos presos.

– O dinheiro que seu marido ganha... quero dizer, quem a sustenta?

– Não sei – reconheceu ela. – Todos. Tanto Brahim como Hernando entregam suas diárias a Aisha para que ela os administre.

– O de Hernando também? – interrompeu-a Jalil.

– É claro! Ainda que seja pouco, sem ele não poderíamos viver. Brahim não faz mais que queixar-se disso.

– E agora, com o novo filho, imagino que será mais difícil ainda.

– Isso parece ser a única coisa que o preocupa: seu novo filho, um homem que o fez sorrir de novo! – Fátima se perguntou se na verdade alguma vez o havia visto sorrir abertamente, afora aquele esgar cínico com que costumava responder. Certamente não, concluiu. – Mas, se não está com o menino – prosseguiu –, não faz senão resmungar contra as míseras diárias que lhe pagam no campo.

Jalil voltou a assentir.

– O marido – explicou-lhe então – deve governar sua esposa e deve provê-la de comida e bebida, vesti-la e calçá-la... – nesse momento o velho baixou os olhos para os pés de Fátima, calçados com uns tamancos de couro, quebrados e esburacados, cuja sola de cortiça quase havia desaparecido –, e também proporcionar-lhe uma casa conveniente. Se não o faz, a esposa pode demandar e separar-se dele. – A moça fechou os olhos, e suas unhas se cravaram no pedaço de pão duro que levava para o cárcere. – Nossas leis dizem que só se a esposa se casou com seu marido sabendo que era pobre perderá o direito de pedir divórcio se este não pode governá-la.

– Como posso pedir o divórcio? – disse a moça, esperançosa.

– Você deveria ir ao *alcall,* e, se ele considerar que você tem razão, concederá a Brahim um período entre oito dias e dois meses para que passe a gozar de melhor sorte. Se conseguir, poderá voltar para você, mas, se passada a *idda* determinada pelo *alcall* ele continuar incapaz de governá-la convenientemente, você poderá contrair matrimônio com outra pessoa, e Brahim perderá qualquer direito sobre você.

– Quem é o *alcall*?

O velho hesitou.

– Não... não temos. Suponho que poderia ser eu, ou Hamid, ou Karim – acrescentou referindo-se ao terceiro ancião do conselho.

– Se não temos *alcall*, Brahim poderia negar-se a cumprir...

– Não. – O velho foi taxativo. – Ele dispõe de duas esposas conforme as nossas leis. Não pode acolher-se a elas para o que o beneficia e negá-las se o prejudicam. A comunidade estará com você, com nossos costumes e nossas leis. Brahim nada poderá fazer, nem diante de nós nem diante dos cristãos. Porventura você não está oficialmente casada com Hernando?

Fátima ficou pensativa. E Aisha? Que sucederia a Aisha se ela solicitasse o divórcio? Diante do silêncio da moça, Jalil lhe instou prosseguisse até o cárcere. Hernando havia feito bem seu trabalho, e um dos porteiros pegou a comida para os presos mouriscos enquanto as pessoas entravam e saíam do prédio em constante vaivém. Eles não

o fizeram; não queriam provocar animadversões para com os seus que permaneciam encarcerados. Fátima entregou o pão duro, algumas cebolas e um pedaço de queijo, antes de voltar para a rua. Agora, continuava pensando, Brahim parecia satisfeito com seu novo filho. Mas quanto tempo duraria...? Embora... mas ele tem outros filhos! E se os tivesse com ela? E se a violasse? Estava em seu direito. Podia...

– Quero divorciar-me, Jalil – afirmou imediatamente.

O velho assentiu. Tornavam a encontrar-se diante da Porta do Perdão da mesquita de Córdova.

– Aí dentro – disse parando e apontando para o templo – é que você deveria exigir seu direito diante do *alcall* ou do *cadí*. Eu lhe pergunto, Fátima de Terque – acrescentou com extrema formalidade: – por que deseja o divórcio?

– Porque meu marido, Brahim de Juviles, é incapaz de me governar como devido.

Depois de falar na mesma praça do Potro com os lacaios de D. Diego López de Haro, e após verificar que os criados do conde de Espiel já não os perseguiam, Hernando foi atrás de Hamid. No domingo, a mancebia estava fechada, e o alfaqui saiu à rua do Potro sem impedimentos. Toda a Córdova cristã, incluído o alcaide do bordel, e como a maioria dos mouriscos, se achava na praça presenciando a corrida de touros.

– Querem que trabalhe nas cavalariças reais de Córdova – comentou depois de se saudarem –, com os cavalos do rei. Há centenas deles. Eles os criam e os domam, e necessitam de pessoas que entendam de cavalos. – Depois lhe contou o acontecido com o semental do conde. – Parece ser por isso que D. Diego se interessou por mim.

– Ouvi algo a respeito disso – anuiu o alfaqui. – Deve fazer seis ou sete anos, o rei Felipe ordenou a criação de uma nova raça de cavalos. Para os cristãos já não servem os pesados e ariscos cavalos de guerra. A Espanha vive em paz. É verdade que ela mantém guerras em muitas

terras distantes, mas aqui não, e desde que o pai do rei, o imperador Carlos, adotou os modos da corte borgonhesa, os nobres necessitam de cavalos para exibir-se em seus passeios, em suas festas, em seus jogos de canas ou em seus jogos de touros. Tenho para mim que é isto o que buscam: o perfeito cavalo cortesão. E o rei escolheu Córdova para levar adiante seu projeto. Estão construindo umas magníficas cavalariças junto ao alcácer, onde funciona a Inquisição. Alguns alarifes mouriscos trabalham nela. Eu o felicito – finalizou o alfaqui.

– Não sei. – Hernando acompanhou suas dúvidas com um esgar. – Agora estou bem. Posso fazer o que quiser e mover-me com liberdade pela cidade. Apesar do salário... – Então pensou no salário de vinte reais mensais, mais casa, que lhe ofereciam os lacaios de D. Diego. – Se aceitar, não poderei ocupar-me dos mouriscos que chegam à cidade...

– Aceite, meu filho – recomendou-lhe Hamid. Hernando ia insistir, mas o alfaqui se adiantou: – É muito importante que consigamos trabalhos bem remunerados e de responsabilidade. Outro exercerá as funções que você está cumprindo agora, e não creia que você não terá nada que fazer pela comunidade. Devemos organizar-nos. Pouco a pouco estamos conseguindo. À medida que nossos irmãos começam a trabalhar como artesãos ou mercadores e deixam os campos, consegue-se dinheiro para a nossa causa. Qualquer mourisco é infinitamente mais valioso que esses preguiçosos cristãos. Aproveite. Trabalhe duro e sobretudo tente continuar com a instrução que seguíamos nas Alpujarras: leia, escreva. Em toda a Espanha há homens preparando-se para isso. Nós... eu, morreremos, mais dia, menos dia, e alguém terá de dar continuidade ao que fazemos. Não podemos permitir que nossas crenças sejam esquecidas! – Hamid segurou Hernando pelos ombros no meio da deserta rua do Potro, sem precaução alguma. Aquele contato, sua veemência provocaram um calafrio no rapaz. – Não podemos deixar que tornem a nos vencer e que nossos filhos ignorem a religião de seus antepassados! – A voz de Hamid saiu entrecortada. Hernando o olhou nos olhos: estavam úmidos. – Não há outro Deus

além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus – conseguiu entoar então Hamid, como se se tratasse de um canto de vitória.

Uma lágrima! Uma lágrima corria pela face do alfaqui.

– Sabe – juntou-se Hernando, recitando a profissão de fé dos mouriscos – que toda pessoa é obrigada a saber que Deus é um em seu reino. Criou as coisas todas que no mundo existem, o alto e o baixo, o trono e o escabelo, os céus e a terra...

Quando Hernando terminou, eles se abraçaram.

– Filho – sussurrou Hamid com o rosto apoiado no ombro do rapaz.

Hernando o apertou com força em seus braços.

– Existe um problema – objetou Hernando após alguns instantes: – ofereceram-me uma casa. Fátima... Diante dos cristãos, ela é minha esposa, foi recenseada como tal, razão por que teria de ir viver comigo, e isso é impossível. Não sei se poderei renunciar à casa ou se é preciso residir nela.

– Talvez você não tenha de renunciar a nada. – Hamid se separou dele. – Há alguns dias, Fátima pediu o divórcio de Brahim.

– Ela não me disse nada!

– Estávamos tratando o assunto em conselho. Nós lhe pedimos que não o fizesse, que não dissesse nada a ninguém até que iniciássemos o julgamento e Brahim ficasse sabendo.

– Poderá... poderá divorciar-se? – balbuciou Hernando.

– Se o que afirma é verdade, e o é, sim. Hoje mesmo, quando todos estavam nos jogos de touros, nós nos reunimos e decidimos iniciar o julgamento. Se este decidir de acordo com os interesses de Fátima e no prazo de dois meses Brahim não conseguir suficiente dinheiro para governá-la, ela ficará livre.

Naquela noite, em conselho, os dois anciãos e Hamid se dirigiram à rua de Mucho Trigo, à casa de Brahim. O alfaqui havia pedido a Hernando que desaparecesse aquela noite, que procurasse outro lugar para dormir, o que não lhe foi difícil.

Por seu lado, Fátima sabia que naquele domingo se reunia o conselho com a finalidade de tratar o pedido de divórcio. Jalil o havia comunicado a ela.

De tarde, quando Brahim e os demais moradores da casa foram aos jogos de touros, Fátima ficou a sós com Aisha e o bebê. Haviam-no batizado com o nome de Gaspar, o nome de um dos padrinhos, cristãos-velhos ambos, que o pároco da igreja de São Nicolau escolhera para aquela função, como era obrigatório no caso dos batizados dos filhos dos mouriscos. Nem Aisha nem Brahim tinham especial predileção por nenhum nome cristão e aceitaram a proposta do sacerdote: o menino se chamaria Gaspar.

O batizado lhes custou três maravedis para o sacerdote, uma torta para o sacristão e alguns ovos de presente para os padrinhos, bem como a touca de linho branco que cobria o bebê e que ficava para a Igreja; Brahim teve de pedir dinheiro emprestado para fazer frente a esses gastos. Antes do batizado, o sacerdote, tal como fizera a parteira cristã que ajudou no parto, certificou-se de que Gaspar não estava circuncidado, mas ninguém viu que, ao voltar para casa, Aisha lavou diversas vezes com água quente a cabecinha do recém-nascido para limpá-la dos óleos santos. Eles haviam decidido chamá-lo Shamir. Essa cerimônia havia tido lugar uma noite, dias antes de seu batismo cristão, com o menino nos braços em direção à *quibla*, depois de ele ter o corpo inteiro lavado, de ter sido vestido com roupas limpas, de ter adornado o pescoço com a mão de ouro de Fátima, e terem rezado a seus ouvidos.

Na tarde daquele domingo de março, as duas mulheres estavam sentadas no pátio da casa.

– Que é que está acontecendo com você? – perguntou-lhe por fim Aisha, rompendo assim o silêncio.

Fátima lhe havia pedido que a deixasse ficar um pouco com Shamir e estava havia um bom tempo embalando-o, cantarolando para ele, olhando-o e acariciando-o, absorta na criança, sem dirigir a palavra a Aisha. Ela a deixara fazer; primeiro pensou que a jovem tinha saudade

de Humam, e portanto respeitou seu silêncio e sua dor, mas, à medida que o tempo passava e a moça nem sequer a olhava, pressentiu que havia algo mais.

Fátima não lhe respondeu. Apertou os lábios para conter um ligeiro tremor que não passou despercebido a Aisha.

– Conte-me, menina – insistiu esta.

– Pedi o divórcio de Brahim – cedeu.

Aisha inspirou firmemente.

Pela primeira vez desde que pegara em seus braços Shamir, as duas mulheres cruzaram os olhares. Foi Aisha quem permitiu que brotassem as lágrimas. Fátima não demorou a acompanhá-la, e as duas choraram olhando uma para a outra.

– Por fim... – Aisha fez um esforço por sobrepor-se ao choro, que se prolongou por um bom tempo – por fim você vai conseguir fugir. Deveria tê-lo feito há muito tempo, quando da morte de Ibn Umayya.

– O que vai acontecer?

– Vai acontecer que por fim você alcançará a felicidade.

– Quero dizer...

– Sei o que quer dizer, querida. Não se preocupe.

– Mas...

Aisha estendeu o braço e, com delicadeza, pôs os dedos nos lábios da moça.

– Estou contente, Fátima. Estou contente por vocês. Deus me pôs à prova, e após as desgraças agora me premiou com o nascimento de Shamir. Você também sofreu e merece voltar a ser feliz. Não devemos pôr em dúvida a vontade de Deus. Desfrute, pois, das dádivas que Ele decidiu conceder-lhe.

Mas que diria Brahim?, perguntava-se Fátima sem poder evitar um estremecimento ao pensar no temperamento violento do arrieiro.

Brahim lançou mil maldições quando Jalil, acompanhado de Hamid e Karim, lhe comunicou o pedido de divórcio por parte de sua segunda esposa. Fátima e Aisha se protegeram uma à outra, aproximando-se

quanto puderam, num canto do quarto. Depois, como se acabasse de se dar conta disso, Brahim pôs em dúvida a representatividade do conselho.

– Quem são vocês para decidir sobre minha esposa? – bramou.

– Somos os chefes da comunidade – respondeu Jalil.

– Quem o diz?

– No que diz respeito a você, agora – interveio nesta ocasião Karim, Mateo em seu nome cristão, o outro velho, fazendo um gesto para a porta, às suas costas: – eles.

Como se respondessem a um sinal previamente combinado, apareceram três jovens mouriscos fornidos que se plantaram atrás dos velhos. Para Brahim bastou a força de um só deles.

– Não deveria ser assim, Brahim – tentou conciliar Hamid. – Você sabe que efetivamente somos os chefes da comunidade. Ninguém nos elegeu, mas tampouco nos erigimos nisso; não pedimos que assim fosse. Honrarás os sábios. Obedecerás aos mais velhos. Esses são os mandamentos.

– Que é que pretendem?

– Sua segunda esposa – explicou Jalil – se queixou diante de nós de que você não a governa convenientemente...

– E quem pode fazê-lo nesta cidade? – interrompeu-o Brahim aos gritos. – Se eu tivesse minhas mulas... Eles nos roubam! Eles nos pagam míseros salários...

– Brahim – voltou a intervir Hamid com temperança –, não fale sem saber quais podem ser as consequências de suas palavras. Ante o pedido de Fátima, devemos iniciar um julgamento, e é o que fizemos. Por isso estamos aqui, para dar a você a oportunidade de expor o que você julgue oportuno, para admitir testemunhas se você as propuser, e finalmente decidir conforme as nossas leis.

– Você? Sei bem o que você vai decidir. Já o fez uma vez, lembra? Na igreja de Juviles. Você sempre defenderá o nazareno!

– Eu não julgarei. Nenhum juiz pode fazê-lo se conhece dados anteriores ao julgamento. Fique tranquilo quanto a isso.

– Brahim de Juviles – decidiu intervir Jalil para pôr fim a possíveis disputas pessoais –, sua segunda esposa, Fátima, se queixou de que você não a pode governar. Que tem a dizer?

– A você? – cuspiu Brahim. – A um velho do Albaicín de Granada? Provavelmente foi você e outros como você, covardes todos, quem decidiu não unir-se à insurreição. Vocês traíram os seus irmãos das Alpujarras...

– Eu lhe pergunto por sua esposa – insistiu Jalil.

– Você tem esposa, velho? Você a pode governar? Alguém pode governar sua esposa nesta cidade?

– Quer dizer com isso que não pode? – interveio então Karim.

– Quero dizer – Brahim arrastou as palavras – que ninguém pode fazê-lo em Córdova.

– É tudo o que tem para alegar neste julgamento? – inquiriu Jalil.

– Sim. Todos vocês sabem disso, todos sabem qual é a nossa situação. Por que agora esta pantomima?

Jalil e Karim se consultaram em silêncio. No canto, Aisha procurou a mão de Fátima e a apertou com força.

– Brahim de Juviles – sentenciou Jalil –, sabemos as penúrias pelas quais está passando nosso povo. Nós as sofremos como você e levamos em consideração as dificuldades que todos têm, não só para governar suas esposas, mas para vestir e alimentar seus filhos. Não aceitaríamos o pedido de uma esposa por tais razões. É verdade, tampouco eu posso governar minha esposa como o fazia em Granada. No entanto, não há nenhum crente em Córdova que, como você, tenha duas esposas. Se, como você afirma, ninguém pode governar uma esposa nesta cidade, como poderia pretender fazê-lo com uma segunda? Nós lhe damos um prazo de dois meses para você provar diante deste conselho que está em condições de governar convenientemente suas duas esposas. Passada essa *idda,* se assim você não o fizer e ela insistir, Fátima será tirada de você.

Brahim não se mexeu enquanto escutava a sentença; só seus olhos entreabertos denotavam a ira que o devorava. Então interveio Karim.

Hamid o havia pedido aos anciãos. “Eu o conheço bem”, disse referindo-se a Brahim. “Pode até matá-la para não ter de entregá-la”, assegurou.

– Tampouco, e em consideração a seu novo filho e aos poucos recursos de que você dispõe, exigiremos de você, como ordena a lei, que durante a *idda* mantenha a sua segunda esposa. Nós o liberamos disso em benefício do menino. Mas, enquanto isso, Fátima viverá sob nossa guarda.

– Seu cão! – resmungou Brahim, encarando Hamid.

Imediatamente, os três jovens mouriscos se plantaram diante de Brahim.

– Venha conosco, Fátima – instou Jalil.

Nesse momento, Aisha desfez o forte nó que entrelaçava seus dedos aos de Fátima. As mãos de ambas suavam. Fátima estendeu a mão procurando um último contato com sua companheira e se dirigiu para os anciãos.

32

Ao alvorecer, Hernando foi às cavalariças reais, uma construção recente erguida junto ao alcácer dos reis cristãos, sede da Inquisição cordovesa. Desde que havia chegado a Córdova, tal como os demais mouriscos, Hernando evitava aquele bairro, o de San Bartolomé, localizado entre a mesquita e o palácio episcopal, o Guadalquivir e o lado ocidental da muralha da cidade. Não só se encontravam ali a Inquisição e seu cárcere, o palácio episcopal, com o constante vaivém de sacerdotes e familiares da Inquisição, mas, diferentemente do que ocorria nos demais lugares de Córdova, em San Bartolomé não estava recenseado nenhum mourisco livre. Seus habitantes eram diferentes dos outros da cidade: tratava-se de uma paróquia acrescentada à distribuição geográfica que após a conquista se fez da cidade e que, por ordem real, foi povoada por homens valentes e fornidos que deviam ter a condição de ser bons besteiros de guerra: uma espécie de milícia urbana sempre preparada para defender as muralhas da cidade. Essas qualidades caracterizavam as privilegiadas pessoas de San Bartolomé, que se envaideciam diante dos demais habitantes, praticavam até uma acentuada endogamia e mantinham não poucas desavenças com as demais paróquias. Poucos mouriscos queriam misturar-se com inquisidores, sacerdotes, e pessoas altivas e orgulhosas.

Naquela noite pôde refugiar-se na casa do cardador para o qual havia encontrado uma esposa, onde foi recebido com um bom jantar; num ambiente de certa nostalgia, saborearam um cordeiro condimentado com sal, pimenta e coentro seco, frito em óleo ao estilo daquela Granada de que todos tinham saudade. Antes de terminarem, Karim, que também vivia na rua dos Moriscos, passou pela casa do cardador e se juntou à festa depois de deixar Fátima aos cuidados de

sua esposa. Hernando e ela não poderiam ver-se durante os dois meses de *idda* concedidos a Brahim.

Que eram dois meses?, pensou uma vez mais Hernando a caminho das cavalariças. Sua felicidade seria completa... se não fosse por sua mãe. Já fora da casa, ao despedir-se, Hernando se interessou por Aisha, e Karim lhe respondeu que sua mãe enfrentava a situação com inteireza, que não se preocupasse: a comunidade estava com eles.

– Prospere, rapaz – instou-lhe depois o velho. – Hamid me contou sobre D. Diego e os cavalos. Necessitamos de gente como você. Trabalhe! Estude! Nós nos ocuparemos de tudo o mais.

Karim se perdeu na fresca escuridão daquela noite de março com um "confiamos em você" que veio perturbar as fantasias acerca de Fátima que essa noite se permitira sem limite. Confiamos em você! Quando o dizia Hamid, era como se falasse ao menino de Juviles, mas, ao ouvi-lo da boca daquele desconhecido velho do Albaicín... Confiavam nele! Para quê? Que mais devia fazer?

Atravessava o Campo Real, semeado de lixo como sempre, e desviou o olhar para a sua esquerda, onde se erguia majestoso o alcácer. A Inquisição! Um calafrio lhe percorreu a coluna ao contemplar as quatro torres, todas diferentes, elevando-se em cada uma das esquinas da fortaleza de altas e maciças muralhas com ameias. A longa fachada das cavalariças reais começava ali mesmo, ao final do alcácer. Hernando pôde sentir o cheiro dos cavalos em seu interior, ouvir os gritos dos palafreneiros e os relinchos dos animais. Parou no largo portão de entrada para o recinto junto à muralha antiga, perto da torre de Belén.

Estava aberto, e aqueles sons e cheiros que havia percebido do outro lado da fachada o golpearam quando se deteve no umbral da porta aberta. Ninguém vigiava na entrada, e após alguns instantes de espera Hernando avançou alguns passos. À sua esquerda se abria uma grande área com um amplo corredor central, de cujos lados, entre colunas, se achavam as cocheiras cheias de cavalos. As colunas sustinham uma longa e reta sucessão de abóbadas *baídas* que

convidavam a entrar sob essas curvas até ultrapassar um arco e topar com o seguinte e o seguinte...

Os moços trabalhavam com os cavalos no interior das cocheiras.

Parado na entrada da cavalariça, no centro do corredor, Hernando estalou a língua para que os dois primeiros cavalos que estavam à sua direita, amarrados a umas argolas na parede, parassem de morder-se no pescoço.

– Sempre fazem isso – disse alguém a suas costas. Hernando se virou justo quando o homem que lhe havia falado o imitava e estalava a língua com mais força. – Está procurando alguém? – perguntou-lhe depois.

Era um homem de idade mediana, alto e fibroso, moreno e bem-vestido, com borzeguins de couro acima do joelho, amarrados com correias ao longo da panturrilha, calça e saio branco justo, sem luxos nem adornos, e que depois de examiná-lo de alto a baixo lhe sorriu. Sorria-lhe! Quantas vezes lhe haviam sorrido em Córdova? Hernando lhe devolveu o sorriso.

– Sim – respondeu. – Procuro o lacaio de D. Diego... López?

– López de Haro – ajudou-o o homem. – Quem é você?

– Meu nome é Hernando.

– Hernando de quê?

– Ruiz. Hernando Ruiz.

– Pois bem, Hernando Ruiz. Don Diego tem muitos lacaios: qual deles está procurando?

Hernando deu de ombros.

– Ontem, nos jogos de touros...

– Ah, sim – interrompeu-o o homem. – Foi você quem levou para a praça o semental do conde de Espiel, não é verdade? Sabia que seu rosto me era familiar – acrescentou enquanto Hernando assentia. – Vejo que não o pegaram, mas você não deveria ter ajudado o conde. Aquele homem teria que ter saído da praça a pé e humilhado; que triunfo há em que o touro mate o cavalo por sua inabilidade? Era um bom animal – sussurrou. – De feito, o rei deveria proibi-lo de montar,

pelo menos diante de um touro... ou de uma mulher. Bem, agora sei quem é o lacaio que você está procurando. Acompanhe-me.

Deixaram a área das cocheiras e saíram num imenso pátio central. Nele se moviam três cavaleiros domando cavalos, dois deles montados em soberbos exemplares, enquanto o terceiro, em quem Hernando reconheceu o lacaio de D. Diego, com o pé na terra, obrigava um potro de dois anos a traçar círculos a seu redor, à distância que lhe permitia a corda do cabeção que o animal tinha por cima do freio e das bridas; os estribos, soltos, batiam em seus flancos, excitando-o.

– É aquele, não? – Apontou o homem. Hernando assentiu. – Ele se chama José Velasco. Aliás, eu sou Rodrigo García.

Hernando hesitou antes de aceitar a mão que lhe ofereceu Rodrigo. Tampouco estava acostumado a que os cristãos lhe estendessem a mão.

– Sou... sou mourisco – anunciou para que Rodrigo não cometesse um engano.

– Eu sei – respondeu ele. – José me disse esta manhã. Mas aqui todos somos cavaleiros, domadores, moços, ferradores, freeiros ou o que seja. Aqui, nossa religião são os cavalos. Mas evite repetir isto diante de algum sacerdote ou inquisidor.

Hernando notou que Rodrigo, ao mesmo tempo que dizia essas palavras, lhe apertava a mão com franqueza.

Ao fim de um tempo, quando o potro já suava nos flancos, José Velasco o obrigou a parar, amarrou ao cabeção a corda que usava para fazê-lo girar e aproximou o potro de um poio; subiu neste e, ajudado por um moço que segurava o animal, montou com cuidado. Os outros dois cavaleiros suspenderam seus exercícios. O jovem cavalo ficou quieto e expectante, encolhido, de orelhas baixas, ao sentir o peso de Velasco.

– É a primeira vez – sussurrou Rodrigo para Hernando, como se levantar a voz pudesse originar um acidente.

Velasco usava uma longa vara cruzada por cima do pescoço do potro e segurava tanto as rédeas como a corda; as rédeas soltas, como se não quisesse incomodar o potro com o freio que ele mordia; a

corda, ao contrário, tensionada na argola que pendia por baixo do beiço inferior do animal. Esperou alguns segundos para ver se o potro respondia, mas, por não fazê-lo e continuar parado e tenso, ele se viu obrigado a estimulá-lo com suavidade. Primeiro estalou a língua; depois, não obtendo resposta, recuou os calcanhares de seus borzeguins, sem esporas, até roçar seus lados. Nesse momento o potro sai disparado, corcoveando. Velasco aguentou o impulso, e por fim o potro voltou a parar, por si próprio, sem que o cavaleiro tivesse feito mais que aguentar em cima dele.

– Pronto – afirmou Rodrigo. – Tem boas maneiras.

Assim foi. Na vez seguinte o potro saiu encolhido, mas sem corcovear. Velasco o dirigia por meio da corda e em última instância, sem bater nele, lhe mostrava a vara por algum dos lados da cabeça para obrigá-lo a girar para o contrário, sem parar de lhe falar e de lhe palmear o pescoço.

Os quase cem cavalos espanhóis estabulados nas cavalariças reais de Córdova eram os exemplares escolhidos, os perfeitos, dentre as cerca de seiscentas éguas de cria que compunham a coleção do rei Felipe II e que se achavam espalhadas por várias invernadas dos arredores de Córdova. Tal como lhe havia comentado Hamid, em 1567 o rei ordenara a criação de uma nova raça de cavalos, para o que determinou a aquisição das melhores mil e duzentas éguas que houvesse em seus territórios; mas não foi possível encontrar tantas mães da qualidade requerida, e a eguada ficou na metade. Além disso, ordenou que se destinassem os direitos das salinas a tal empresa, incluindo a ereção das cavalariças reais em Córdova e o aluguel ou compra das invernadas em que deviam acomodar-se as éguas. Para dirigir o projeto, nomeou cavalariço real e governador da raça o vinte e quatro de Córdova D. Diego López de Haro, da casa de Priego.

O cavalo devia ser um animal de cabeça pequena, ligeiramente acarneirada, e testa descarnada; olhos escuros, despertos e arrogantes; orelhas rápidas e vivazes; ventas largas; pescoço flexível e arqueado,

grosso na união com o tronco e suavemente encaixado na nuca, com algo de gordura ali onde nasce a crina, abundante e espessa, tal como a cauda; bons aprumos; dorso curto, manejável; com cruz destacada, e garupa larga e redonda.

Mas o mais importante do cavalo espanhol devia ser sua forma de mover-se, seu porte. Elevado, grácil e elegante, como se não quisesse apoiar nenhuma das patas no ardente chão da Andaluzia, e, depois de fazê-lo, as mantivesse no ar, sustentando-as, dançando o maior tempo possível, revoluteando as patas no trote ou no galope, como se a distância por percorrer não tivesse importância alguma; exibindo-se, orgulhoso, luzindo para o mundo sua beleza.

Durante seis anos, D. Diego López de Haro, como governador da raça, procurou todas e cada uma dessas qualidades nos potros que nasciam nas invernadas cordovesas, para torná-los a cruzar entre si e obter descendentes cada vez mais perfeitos. Os animais que careciam das qualidades buscadas eram vendidos como refugo, razão por que nas cavalariças de Córdova se achavam os cavalos mais puros e perfeitos do que por disposição real se havia passado a chamar de raça espanhola.

José Velasco encomendou a Hernando o cuidado, a limpeza e, sobretudo, a doma da manjedoura dos potros. Durante esse mês de março, precisamente quando chegasse a primavera e com ela a época de cobrição das éguas, o cavalariço real escolheria os potros de um ano que seriam transladados das invernadas para as cavalariças para ocupar o lugar daqueles outros cavalos, já domados, que partiriam em direção a Madri, para as cavalariças reais do Escorial, para ser entregues ao rei Felipe. Não se vendia nenhum cavalo de raça espanhola dos que D. Diego considerava perfeitos; todos eram para o rei, para suas cocheiras ou para oferecê-los a outros reis, nobres ou hierarcas da Igreja.

Das invernadas, os potros chegavam selvagens. Até que aos dois anos os domem com sela, montando-os pela primeira vez, há muito trabalho para fazer, como disseram a Hernando durante os dias que faltavam para a chegada dos animais: deviam conseguir que se

acostumassem ao contato com o homem, que se deixassem tocar, limpar, embridar e tratar; também deviam aprender a permanecer estabulados, permanentemente amarrados às argolas das paredes das cocheiras, convivendo com outros cavalos a seus lados; a comer das manjedouras, a beber no bebedouro; a obedecer à corda de comando e a admitir os freios e o peso da sela necessários para ser montados. Tudo isso era desconhecido para os jovens cavalos, que até então haviam vivido em liberdade nas invernadas, junto de suas mães.

Se em algum momento Hernando havia chegado a sonhar em montar um daqueles fantásticos cavalos, seus sonhos se foram desvanecendo à medida que lhe explicavam quais iam ser suas tarefas. No entanto, sim, realizou-se outro sonho: no segundo andar das cavalariças reais, em cima das cocheiras, havia uma série de cômodos para uso dos empregados, dos que lhe cederam um amplo quarto de duas peças, independente, conquanto compartilhasse a cozinha com outras duas famílias. Em seus dezenove anos de vida, jamais havia disposto de um espaço como aquele para si! Nem em Juviles nem, muito menos, em Córdova. Hernando percorreu aquelas duas peças diversas vezes. O mobiliário era composto de uma mesa com quatro cadeiras, uma boa cama com lençóis e cobertor, uma pequena cômoda com uma bacia (poderia lavar-se!) e até um baú. Que guardariam naquele baú?, pensou antes de dirigir-se para o janelão que dava para o pátio das cavalariças. Ao mostrar-lhe seus cômodos, o administrador das cocheiras se virou exatamente quando Hernando abria o baú.

– E sua esposa? – perguntou-lhe como se tivesse sido para ela que devia tê-los mostrado. – Nos seus papéis se diz que é casado.

Hernando já tinha preparada a resposta para aquela pergunta.

– Está cuidando de um familiar doente – respondeu com firmeza. – Por ora não pode deixá-lo.

– De qualquer forma – avisou-o o administrador –, vocês deveriam ir sem falta recensear-se na paróquia de San Bartolomé. Imagino que sua esposa não terá problema em deixar esse doente pelo tempo necessário para realizar esse procedimento.

Haveria algum problema? A pergunta voltou a assaltá-lo quando da janela, já a sós, via Rodrigo trabalhar um cavalo tordilho, insistindo num exercício que o animal não conseguia executar corretamente; as longas esporas de prata do cavaleiro lançavam lampejos sob o sol de março quando Rodrigo as cravava nas ilhargas do tordilho. Fátima ainda não era sua esposa. Karim havia sido taxativo: deviam transcorrer os dois meses de *idda* concedidos a Brahim, durante os quais Hernando não podia aproximar-se dela. E se Brahim obtivesse o dinheiro suficiente para recuperar Fátima?

A esporada com que Rodrigo castigou o cavalo quando este voltou a errar no exercício se cravou tanto nas carnes de Hernando quanto nas ilhargas do animal rebelde. E se Brahim o conseguisse?

A noite havia caído, e ele já não podia voltar para Córdova. Que desculpa iria dar na porta?, pensou Brahim. Agachado no meio do matagal, no caminho que levava da estalagem dos Romanos até a cidade pela porta de Sevilha, viu transitar vários mercadores, armados todos, indo em grupo para proteger-se. Havia conseguido um punhal; havia-lhe emprestado um mourisco que trabalhava com ele no campo, depois de insistir várias vezes.

– Cuidado – advertira-o o homem –, porque se o pegarem com ele o prenderão e eu perderei o punhal.

Brahim estava consciente disso. Entrar com uma arma escondida em Córdova, no meio da multidão que voltava do trabalho nos campos, era relativamente simples, mas voltar de noite, sozinho e armado, não era senão uma temeridade. De qualquer forma, de pouco lhe estava servindo o punhal. Brahim o empunhava com decisão ante o rumor de passos e cavalos. "Da próxima vez saltarei sobre eles", prometia-se depois de deixar escapar, oculto no matagal, um grupo de mercadores após outro. Mas, quando por fim aparecia um novo grupo no caminho, a mão com que segurava o punhal se encharcava de suor e as pernas que deviam correr para eles se negavam a fazê-lo. Como iria enfrentar vários homens armados de espada? Então, maldizendo-se,

ouvia seus risos e suas chanças perder-se na distância. “O seguinte”, tentava convencer-se. “Os próximos não me escapam.”

Esteve prestes a fazê-lo ao passarem duas mulheres e várias crianças que se apressavam para Córdova com uma cesta de hortaliças, mas nenhuma delas mostrava uma mísera axorca, nem sequer de ferro, nos pulsos ou nos tornozelos. Que faria com uma cesta de hortaliças?

Assaltou-o a escuridão, e o caminho, apesar de estar em frente a ele, desapareceu de sua vista. Nenhum outro mercador ousou percorrê-lo por causa das sombras que apagaram suas margens, e o silêncio caiu sobre Brahim, triturando sua covardia.

Transcorreu mais da metade do prazo de dois meses de *idda* que lhe haviam concedido os anciãos para provar que podia governar Fátima, e Brahim não conseguira um só real acima do salário que lhe pagavam no campo. Mais ainda: uma parte das diárias recebidas desde então ele tivera de destinar a pagar o empréstimo para o batizado de Shamir. Era impossível conseguir dinheiro trabalhando, mas também o era tentando roubá-lo.

O nazareno ficaria com Fátima. Nem sequer essa possibilidade, que torturava sem parar sua consciência, lhe insuflou a coragem necessária para arriscar a vida diante de um punhado de cristãos, por menos armados que estivessem.

Brahim sabia de Hernando. Aisha fora obrigada a contar-lhe o que estava se passando com seu filho, e, ao verificar que seu esposo não reagia com violência, mas se encerrava em si mesmo, o pânico a assaltou ao compreender, por sua vez, a importância do que estava sucedendo: Brahim perderia Fátima; Brahim seria injuriado e humilhado diante da comunidade... Ele!, o arrieiro de Juviles, o lugar-tenente de Aben Aboo! Ao contrário, aquele enteado que ele aceitara em troca de uma mula e que sempre detestara, prosperava, conseguia um trabalho bem remunerado e, o mais importante, lhe arrebataria sua valiosa Fátima.

Dois cavaleiros que correram a galope pelo escuro caminho o sobressaltaram.

– Nobres! – cuspiu Brahim.

– Peça o dinheiro aos *monfíes* de Sierra Morena – recomendou-lhe o homem do punhal na manhã seguinte, depois de Brahim o devolver e confessar sua inutilidade. – Sempre precisam de gente na cidade ou nos campos, irmãos que lhes forneçam informação acerca das caravanas que vão partir, das pessoas que chegam ou se vão, ou das atividades da Santa Irmandade. Necessitam de espiões e colaboradores. Eu consegui o punhal com eles.

Como podia encontrar os *monfíes*?, interessou-se Brahim. Sierra Morena era imensa.

– Eles é que o encontrarão se você for a Sierra Morena – respondeu o homem –, mas tente que não o façam primeiro os da Santa Irmandade.

A Santa Irmandade era uma milícia municipal composta de dois alcaides e unidades de quadrilheiros, geralmente doze, que vigiava os delitos cometidos fora da zona urbana: nos campos, nas montanhas e nos povoados de menos de cinquenta habitantes, ali aonde a organização dos grandes municípios não podia chegar. Sua justiça costumava ser sumária e cruel, e naqueles momentos procuravam os *monfíes* mouriscos que mantinham atemorizados os bons cristãos, como o Sobahet, um cruel *monfí* valenciano que comandava um dos grupos que se haviam tornado fortes em Sierra Morena, ao norte de Córdova, composto em sua maior parte por escravos desesperados, fugidos de terras de senhorio, onde a vigilância era menor que na cidade, e que por terem o rosto marcado a ferro não podiam esconder-se nas cidades e optavam por fazê-lo nas serras.

Os *monfíes* eram sua única possibilidade, concluiu Brahim.

Ao amanhecer do dia seguinte, após passar diante da igreja e do cemitério de Santa Marina, e deixar à sua esquerda a torre da Malmuerta, destinada a cárcere de nobres, Brahim, Aisha e o pequeno

Shamir deixaram Córdova pela Porta do Colodro, na direção norte, para Sierra Morena.

Havia ordenado a Aisha que se preparasse para partir com ele e o menino, e que se provesse de comida e agasalhos. Seu tom foi tão incisivo, que a mulher nem sequer se atreveu a perguntar nada. Atravessaram a Porta do Colodro no meio das pessoas que saíam para trabalhar nos campos ou no matadouro, e se dirigiram para Adamuz, acima de Montoro, no caminho das Ventas, o que unia Córdova a Toledo através de Sierra Morena. Perto de Montoro tinham acabado de encontrar quatro cristãos degolados e com as línguas cortadas; os *monfíes* deviam estar pela área.

De Córdova a Toledo, no caminho das Ventas, havia numerosas pousadas para os viajantes que o transitavam, razão por que Brahim tomou veredas afastadas da via principal, e até atravessou o campo, mas antes de chegar a Alcolea, num descampado, como tinha de fazer, deu-se o primeiro encontro com a Santa Irmandade. Amarrado a um poste, o cadáver flechado de um homem se decompunha para servir de alimento para os carniceiros e de advertência para os habitantes: essa era a forma como a Irmandade executava suas sentenças de morte contra os malfeitores que ousavam delinquir fora das cidades. Brahim recordou-se das precauções que lhe haviam aconselhado tomar e obrigou Aisha a deixar a rota que seguiam, ainda que se tratasse de um caminho afastado pelo qual eles tentavam circundar os contrafortes de Sierra Morena e internar-se diretamente na serra. Entre sobreiros e canhadas, seu instinto de arrieiro lhe permitiu orientar-se sem dificuldade e encontrar aqueles pequenos e desconhecidos caminhos que só os cabreiros e os especialistas na montanha percorriam.

Ele e Aisha, que caminhava em silêncio atrás de seu marido com o menino às costas, levaram o dia todo para percorrer a distância que separava Córdova de Adamuz, um pequeno povoado submetido ao senhorio da casa do Carpio; acamparam em seus arredores, entre as árvores, escondidos dos viajantes e da Irmandade.

– Por que fugimos de Córdova? – atreveu-se a perguntar Aisha no momento em que entregava a Brahim um pedaço de pão duro. – Para onde nos dirigimos?

– Não fugimos – respondeu-lhe o esposo com rudeza.

Aí terminou a conversa, e Aisha se voltou para o menino. Pernoitaram ao relento, sem acender fogo e lutando contra o sono, temerosos do uivar dos lobos, dos grunhidos dos porcos selvagens ou de qualquer outro som que pudesse delatar a presença de um urso. Aisha protegeu Shamir com seu corpo. Brahim, porém, parecia feliz; observava a lua e deixava vagar o olhar entre as sombras, deleitando-se com o que havia sido sua forma de vida antes da deportação.

Ao alvorecer, efetivamente, foram os *monfíes* que foram até eles. Os bandoleiros perambulavam pelo caminho das Ventas atentos a qualquer viajante procedente de Madri, Ciudad Real ou Toledo que não tivesse sido suficientemente precavido para percorrê-lo em grupo ou protegido. Já os haviam descoberto no dia anterior, vigilantes como sempre estavam a qualquer movimento que pudesse significar a chegada dos quadrilheiros da Irmandade, mas não lhes haviam dado importância: um homem e uma mulher com um menino que viajavam a pé e sem bagagem, evitando os caminhos principais, careciam de interesse. De qualquer forma, convinha saber o que aqueles três faziam na serra.

– Quem são vocês e o que querem?

Brahim e Aisha, que desjejuavam sentados, nem sequer os haviam ouvido aproximar-se. De repente, dois escravos prófugos marcados a ferro no rosto, armados de espada e adaga, se plantaram diante deles. Aisha apertou o menino contra o peito; Brahim fez menção de levantar-se, mas um dos escravos o proibiu com um gesto.

– Eu me chamo Brahim de Juviles, arrieiro das Alpujarras. – O *monfí* anuiu em sinal de que conhecia o lugar. – Meu filho e minha esposa – acrescentou. – Quero ver o Sobahet.

Aisha virou a cabeça para o esposo. Que pretendia Brahim? Um péssimo pressentimento a assaltou, apertando-lhe o estômago. Shamir

reagiu à angústia da mãe e começou a chorar.

– Para que quer ver o Sobahet? – perguntou enquanto isso o segundo *monfí*.

– É coisa minha.

Imediatamente os dois escravos fugidos puseram a mão na empunhadura da espada.

– Na serra, tudo é coisa nossa – retrucou um deles. – Não parece que você esteja em situação de exigir...

– Quero oferecer-lhe meus serviços – confessou então Brahim.

– Junto com uma mulher e um menino? – riu um dos escravos.

Shamir berrava.

– Faça-o calar-se, mulher! – ordenou Brahim à esposa.

– Acompanhem-nos – cederam os escravos depois de consultar-se com o olhar e fazer uma expressão de indiferença.

Todos se internaram nas entranhas da serra; Aisha cambaleava atrás dos homens, tentando acalmar Shamir. Brahim havia dito que queria oferecer-se ao *monfí*. Era evidente que Brahim buscava dinheiro para regastar Fátima, mas para que os levava junto? Para que necessitava do pequeno Shamir? Tremeu. Fraquejaram-lhe as pernas, caiu de joelhos no chão com o menino colado ao peito, levantou-se e esforçou-se para prosseguir na marcha. Nenhum dos homens se virou para ela... e Shamir não parava de chorar.

Chegaram a uma pequena clareira que havia servido de acampamento para os *monfíes*. Não havia tendas nem nenhuma choça; só cobertores espalhados pelo chão e as brasas de uma fogueira no centro da clareira. Encostado a uma árvore, o Sobahet, alto e sobrancelhudo, de barba negra descuidada, recebia explicações dos dois escravos que haviam acompanhado Brahim e Aisha. Examinou Brahim de longe e depois lhe ordenou que se aproximasse.

Cerca de meia dúzia de *monfíes*, todos ferrados e esfarrapados, levantavam acampamento: uns permaneciam atentos aos novos visitantes, outros olhavam para Aisha sem esconder seu desejo.

– Diga rápido o que tem para dizer – ordenou o chefe *monfí* a Brahim, antes até que este chegasse ao lugar onde ele estava. – Assim que regressarem os homens que nos faltam, partiremos. Por que acha que eu poderia estar interessado em seus serviços?

– Porque preciso de dinheiro – respondeu sem rebuços Brahim.

O Sobahet sorriu com cinismo.

– Todos os mouriscos precisam de dinheiro.

– Mas quantos deles fogem de Córdova, se internam em Sierra Morena e o procuram?

O *monfí* pensou nas palavras de Brahim. Aisha tentava escutar a conversa a alguns passos de distância. O menino já se havia acalmado.

– Os cristãos pagariam bem por minha detenção e pela de meus homens. Quem me assegura que não é um espião?

– Aqui estão minha mulher e meu filho homem – alegou Brahim com um gesto para Aisha. – Ponho a vida deles nas suas mãos.

– Que é que você poderia fazer? – perguntou o Sobahet, satisfeito com a resposta.

– Sou arrieiro de profissão. Participei da sublevação e fui lugar-tenente de Ibn Abbu nas Alpujarras. Entendo de récuas, e só de vê-las, de dar uma olhada em seus arreios e jaezes, posso prever o que é que transportam e quais são seus defeitos. Posso locomover-me com uma récua de mulas por qualquer lugar, por mais perigoso que seja, de dia ou de noite.

– Já temos a um arrieiro conosco: meu segundo, meu homem de confiança – interrompeu-o o Sobahet. Brahim se voltou para os escravos. – Não. Não é nenhum deles. Nós o estamos esperando. E já consideramos a possibilidade de nos ajudar com algumas mulas, mas nos locomovemos com rapidez; as mulas não fariam mais que estorvar nossos deslocamentos.

– Com bons animais posso mover-me tão rápido como qualquer de seus *monfíes* e por lugares a que nunca chegaria um homem. Você devia tê-los, multiplicariam os seus ganhos.

– Não. – O *monfí* acompanhou sua negativa com um gesto da mão. – Não me interessa... – começou a dizer como se desse a conversa por terminada.

– Deixe-me demonstrá-lo! – insistiu Brahim. – Que risco você corre?

– Pôr nas suas mãos nosso butim, arrieiro. Esse seria o risco que eu correria. Que aconteceria se você ficasse para trás com as suas mulas carregadas? Teríamos de esperá-lo e arriscar a nossa vida... ou confiar em você.

– Não falharei com você.

– Já ouvi muitas e muitas vezes essa promessa – alegou o Sobahet com um esgar.

– Eu poderia atuar como espião...

– Já tenho espiões em Córdova e nos povoados que a circundam. Sei de cada caravana que se move pelo caminho das Ventas. Se você quer juntar-se a meu grupo, vou pô-lo à prova, como a todos. É o máximo que posso oferecer-lhe. – Nesse momento outro grupo de *monfíes* apareceu dentre as árvores. – Nós vamos embora! – gritou o Sobahet. – Pense no que lhe disse, arrieiro, e venha se quiser. Mas você sozinho, sem mulher nem filho.

– Sua cadela! Que é que está fazendo esta puta aqui? – O grito resoou por entre a azáfama dos homens, que se preparavam para partir. O Sobahet deu um salto. Brahim se virou para onde estava Aisha.

Ubaid! Aisha permanecia paralisada diante do arrieiro de Narila, que acabara de chegar ao acampamento. No repentino silêncio que seguiu aos insultos, Ubaid virou a cabeça para Brahim, como se, depois de ter topado com sua esposa, pressentisse sua presença.

Os dois arrieiros se encararam.

– Só falta o nazareno para que se realize o melhor de meus sonhos – sorriu o Manco. Brahim tremeu e procurou ajuda com o olhar no chefe dos *monfíes*. – Este é o homem de que lhe falei tantas vezes. – O Sobahet endureceu a expressão. – Foi ele quem me cortou a mão.

– Ele é todo seu, Manco. Ele e a família dele – disse entre dentes o Sobahet apontando para Aisha e para o menino –, mas apresse-se. Temos de ir.

– Pena que falte o nazareno! Cortem-lhe a mão – ordenou Ubaid. – Cortem-na! A dele e a do filho dele. Que sua descendência se lembre para sempre por que chamam Ubaid de Narila de Manco.

Antes que Ubaid terminasse de falar, dois homens seguraram Brahim. Aisha gritou e protegeu Shamir, ao mesmo tempo que outros *monfíes* tentavam arrancá-lo dela. O menino rebentou de novo em choro, e, enquanto Aisha defendia seu pequeno, caída no chão sobre ele, os *monfíes* que lutavam com Brahim o ajoelharam. Brahim gritava, insultava e tentava defender-se. Esticaram seu braço e o seguraram com firmeza antes que um terceiro desferisse um golpe de alfanje no pulso. Imediatamente, Brahim, de olhos abertos pela aterradora impressão de ver sua mão cortada, foi arrastado até as brasas, onde lhe introduziram o coto para cauterizar o ferimento. Os gritos de Brahim, os gemidos de Aisha e o choro do bebê se confundiram num só quando os *monfíes* conseguiram arrancar o menino de braços da mãe.

Aisha saltou atrás deles até cair às pernas de Ubaid.

– Eu sou a mãe do nazareno! – gritou de joelhos, agarrada com ambas as mãos à marlota do *monfí*. – O menino morrerá. O que vai doer mais em Hernando? Mate-me a mim! Troco minha vida pela dele, mas deixe meu pequeno, que culpa ele tem? – soluçou. – Que culpa...? – tentou repetir antes de cair tomada de um choro convulsivo.

Ubaid não fez menção de afastar a mulher, razão por que os *monfíes* que levavam o menino pararam. O de Narila hesitou.

– De acordo – concordou. – Deixem o menino e matem-na. Você – acrescentou, dirigindo-se a um Brahim que se contorcia no chão – levará a cabeça dela para o nazareno. Diga-lhe também que terminarei aqui, em Córdova, o que devia ter feito nas Alpujarras.

Aisha se soltou da marlota de Ubaid, e este se afastou para deixar a mulher sozinha, de joelhos. Indicou a um dos *monfíes*, um escravo

marcado, que a executasse, e o homem se aproximou dela com a espada desembainhada.

– Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus – recitou Aisha de olhos fechados, entregue à morte.

O escravo deteve o golpe ao ouvir a profissão de fé. Baixou a cabeça.

Ubaid levou os dedos da mão esquerda sobre o nariz; o Sobahet contemplava a cena. A espada do *monfí* permaneceu no alto por alguns instantes. Até Shamir se calou. Depois, o homem olhou para seus companheiros procurando apoio. Não eram assassinos! Entre eles se encontravam um ourives de Granada, três tintureiros, um comerciante... Tinham sido obrigados a tornar-se *monfíes* para escapar de uma escravidão injusta, de um tratamento ignominioso. Lutar e matar cristãos? Sim. Os cristãos lhes haviam roubado sua liberdade e suas crenças! Eram eles que haviam escravizado suas esposas e filhas! Mas assassinar uma mulher muçulmana...

Antes que o *monfí* com a espada fizesse qualquer coisa, o Sobahet e Ubaid trocaram um olhar. Não podia pedir aquilo a seus homens, parecia dizer o chefe *monfí* a seu lugar-tenente, nem devia fazê-lo ele pessoalmente; era uma mulher muçulmana. Então interveio Ubaid:

– Pegue seu menino e seu marido e vá embora. Você é livre. Eu, Ubaid, lhe concedo a vida, a mesma que tirarei de seu outro filho.

Aisha abriu os olhos sem olhar para ninguém. Levantou-se apressada, tremendo, e foi até o homem que segurava Shamir, o qual o ofereceu a ela em silêncio. Depois se dirigiu para onde se achava Brahim, prostrado junto às brasas. Observou-o com desprezo e cuspiu nele.

– Seu cão – conseguiu insultá-lo.

Deixou a clareira do bosque, desfeita em pranto, sem saber para onde dirigir-se.

– Mostre-lhe onde fica o caminho para as Ventas – ordenou o Sobahet a um dos *monfíes*, enquanto às costas de Aisha se perdia na direção contrária, na direção da fragosidade da serra.

33

Hernando entregou a Rodrigo um soberbo exemplar de três anos de idade, já embridado, nervoso, e de um curioso pelo com grandes manchas marrons sobre branco. Os potros, uma vez montados, quando já se deixavam mandar no picadeiro das cavalariças reais, deviam acostumar-se ao campo, aos touros e aos animais, a atravessar rios e saltar entre montanhas, a galopar pelos caminhos e a parar ao mero contato com o freio, mas também deviam conhecer a cidade: parar junto à oficina de um forjador e permanecer impassíveis diante dos golpes no ferro sobre a bigorna; mover-se entre as pessoas sem assustar-se com as correrias das crianças, com as cores, com as bandeiras ou com os muitos animais que andavam soltos por Córdova – cães, galinhas e naturalmente os numerosos porcos peludos e escuros, de rabo preto, e orelhas e focinhos pontudos em que alguns mostravam imponentes presas; suportar a música, as festas e todos os tipos de barulhos e imprevistos. Que seria daqueles cavalos e sobretudo de seus domadores se o rei ou qualquer de seus familiares, próximos ou beneficiados, caíssem no chão porque suas montarias se tivessem assustado com o fragor dos pífanos e timbales numa parada militar ou com a gritaria dos súditos diante de seu rei?

Ainda não haviam chegado os novos potros das invernadas, razão por que Hernando se limitava a ajudar nas cocheiras sem função concreta, e com aquele propósito Rodrigo, montado no malhado, e Hernando a pé, com uma longa e flexível vara na mão, saíram delas pela manhã a percorrer a cidade e submeter o fogoso potro a toda sorte de novas experiências.

– Vi você trabalhar nas cocheiras e me agrada seu trabalho – disse-lhe o cavaleiro antes de pôr o pé no estribo do cavalo –, mas por ora não deixa de ser similar ao dos demais. Agora verificarei se em verdade

você possui esse sentido especial que D. Diego julgou perceber em você. Vamos percorrer a cidade e ensinar este potro. Ele se assustará. Quando isso suceder, se você considerar que eu já não devo fazer mais nada, porque castigá-lo com as esporas ou com a vara seria contraproducente, deverá intervir estimulando o cavalo e na medida correta. Entende?

Hernando anuiu quando o cavaleiro já passava a perna direita por cima da garupa. Como saberia quando e em que medida?

– Se o potro chegar a desmontar-me – recomeçou Rodrigo, enquanto se acomodava na sela –, coisa bastante usual nessas primeiras idas à cidade, seu objetivo é o cavalo. Aconteça o que acontecer, ainda que eu dê de cabeça numa parede, ou o cavalo escoiceie uma velha ou destroce uma tenda, você deve ficar com ele e impedir que fuja pela cidade, para que não sofra dano algum. E leve em consideração uma circunstância: por privilégio real, ninguém, repito, ninguém!, nem o corregedor, nem os aguazis, nem os jurados ou os vinte e quatro de Córdova têm autoridade ou jurisdição sobre os cavalos e o pessoal das cavalariças reais. Sua missão é proteger este animal e, se me suceder algo, trazê-lo de volta para as cocheiras são e salvo. Aconteça o que acontecer ou digam o que lhe disserem.

Hernando seguiu o cavaleiro fora das cocheiras perguntando-se ainda o que era que Rodrigo esperava dele, mas, tal como o potro, não teve tempo para mais nada: assim que o animal pôs uma pata fora do recinto e ergueu as orelhas, estranhando as pessoas que perambulavam pelo Campo Real e as construções que lhe eram desconhecidas, Rodrigo o esporeou com força para impedi-lo de pensar; o potro saltou para o exterior, como teve de fazer Hernando para não perdê-los. A partir de então tiveram uma manhã frenética. O cavaleiro obrigou o malhado a galopar por estreitos becos; passou por entre as pessoas e procurou aqueles lugares e situações que mais poderiam surpreender o animal, com Hernando sempre atrás. Foram para a rua dos Caldereros, no bairro da Catedral, na qual submeteram o potro aos golpes do martelo no cobre. Depois pararam no curtume com seu

constante vaivém; pararam nas oficinas de cardadores e tintureiros, nas dos ourives e fabricantes de agulhas; percorreram várias vezes a Corredera e os mercados até chegar ao matadouro e à zona das olarias. A experiência e o arrojo de Rodrigo tornaram quase desnecessária a intervenção de seu ajudante.

Só numa ocasião se viu obrigado a isso. Rodrigo aproximou o potro de um dos muitos porcos que corriam soltos pelas ruas. O animal, grande, se voltou contra o cavalo, gritando e mostrando os dentes. Nesse momento o malhado deu um giro, aterrado, e empinou, o que deslocou o cavaleiro. Mas, antes que pudesse escapar do porco, Hernando lhe vedou o caminho e o fustigou com a vara nas ancas, obrigando-o a defrontar-se com o animal, até que Rodrigo se recompôs e voltou a assumir o comando. No mais, limitou-se a mostrar a vara atrás do cavalo, estalando a língua naquelas vezes em que, apesar das esporas ou dos afagos do cavaleiro segundo o caso, o potro se espantava com barulhos ou movimentos e se mostrava reticente a aproximar-se.

Contudo, tal como o potro, Hernando retornou às cavalariças suarento e sem fôlego.

– Muito bem, rapaz – felicitou-lhe Rodrigo. O cavaleiro pôs o pé na terra e lhe entregou o cavalo. – Amanhã continuaremos.

Hernando puxou as bridas do malhado para a área das cocheiras e ali, por sua vez, o entregou a um moço. Ia deixar as cocheiras, mas um ferrador que inspecionava os cascos de outro cavalo, e a quem havia visto em mais de uma ocasião nas cavalariças, se dirigiu a ele em voz alta.

– Ajude-me. Segure! – indicou-lhe. O homem, de tez muito morena, lhe passou uma das patas traseiras do cavalo. Quando Hernando a tinha segura no alto, atravessada sobre sua coxa, de costas para o cavalo, o ferrador raspou a ranilha do casco com uma navalha e a limpou da sujeira acumulada. – Tenho uma mensagem para você – sussurrou-lhe então, sem deixar de raspar. – Prenderam sua mãe. –

Hernando quase soltou a pata do cavalo. O animal se inquietou. – Segure bem! – ordenou-lhe o homem, desta vez em voz alta.

– Como... como sabe disso? O que aconteceu? – perguntou, quase ao ouvido do ferrador, colado a ele.

– Enviam-me os anciãos. – O respeito com que pronunciou a última palavra indicou a Hernando que aquele homem era dos seus. – Prendeu-a a Irmandade no caminho das Ventas quando ela voltava a Córdova com seu pequeno nos braços. Não tinha autorização para deixar a cidade e a condenaram a sessenta dias de cárcere.

– Que fazia ela no caminho das Ventas?

– Seu padrasto desapareceu. Sua mãe alegou diante do alcaide da Irmandade que o esposo dela a havia obrigado a fugir de Córdova com o menino, mas que conseguira enganá-lo e voltar. – Aisha evitou explicar aos quadrilheiros, e depois ao alcaide, que se haviam reunido com os *monfíes*. – Disseram-me que você não deve se preocupar; ela está bem, conseguiram um cobertor para ela e roupa para a criança, e levam comida para ambos.

– Como se encontra?

– Bem, bem. Os dois estão bem.

– E minha...? Sabe algo de Fátima? – Se Brahim havia decidido fugir de Córdova, pensou, talvez tivesse levado consigo Fátima. Ou havia desistido?

– Ela continua morando com Karim – respondeu o ferrador, que parecia estar a par da história.

Com a atenção aparentemente voltada para como o homem terminava de limpar as ranilhas do cavalo, Hernando não pôde deixar de perguntar-se o que aquilo significava: Brahim havia fugido deixando Fátima em Córdova! Quanto tempo restava para cumprir-se a *idda*? Duas, três semanas?

– Quem é você? – interessou-se quando o ferrador finalizou seu trabalho e lhe indicou que já podia soltar o pé do cavalo.

– Eu me chamo Jerónimo Carvajal – respondeu o homem ao mesmo tempo que se levantava.

– De onde é? Quando...?

– Aqui não. – Jerónimo interrompeu a curiosidade do rapaz enquanto punha a mão nos rins para uma expressão de dor. – Este trabalho vai acabar com meu corpo. Venha comigo – indicou-lhe, enquanto recolhia suas ferramentas e se encaminhava para a saída das cocheiras.

Atravessaram o saguão de entrada do prédio, a cuja direita se abria uma pequena peça que servia de administração das cavalariças. Ali encontraram o ajudante do cavalariço-mor e um escrivão que rabiscava num monte de papéis.

– Ramón – disse Jerónimo em tom firme ao ajudante, da própria porta –, necessito de material. Levo comigo o novato.

O tal Ramón, em pé ao lado do escrivão, anuiu com um simples gesto da mão sem deixar de olhar o que escrevia o outro, e Jerónimo e Hernando foram para a rua.

– Sou natural de Orã e meu verdadeiro nome é Abbas – adiantou-se Jerónimo assim que deixaram para trás as edificações. – Vim para a Espanha para trabalhar nas cocheiras de um dos nobres que lutaram na defesa da cidade há dez anos. Depois, D. Diego me contratou para as cavalariças do rei.

Passaram pelo palácio do bispo e já caminhavam junto à fachada posterior da mesquita. Hernando fixou-se em Abbas: suas origens africanas se revelavam numa tez bastante mais morena que a dos mouriscos espanhóis, que muitas vezes poderiam confundir-se com os cristãos; era um pouco mais alto que ele e tinha peito e braços fortes, os de um ferrador acostumado a martelar sobre a bigorna e ferrar os cavalos. Seu cabelo era espesso e negro como azeviche; seus olhos escuros e seus traços eram firmes, só rompidos por um nariz sensivelmente bulboso, como se em algum momento o tivessem quebrado.

– Que vamos comprar? – interessou-se Hernando.

– Nada. Se lhe perguntarem ao voltar, diga que estivemos procurando material, mas nada me pareceu convincente.

Haviam chegado à esquina com a rua do *mesón* do Sol, que rodeava a mesquita até a Porta do Perdão.

– Então, poderíamos...? – indicou apontando para a rua que se abria à sua direita.

– O cárcere? – entendeu Abbas.

– Sim. Eu gostaria de ver minha mãe. Conheço o alcaide – tranquilizou ele o ferrador diante de sua expressão de dúvida. – Não vai haver problema. Tenho de falar com ela.

Abbas acabou concordando e circundou pela rua do Sol.

– E eu tenho de falar com você – comentou enquanto subiam para a Porta do Perdão, deixando à esquerda os vestígios de sua cultura em forma de magníficas portas e arabescos feitos na pedra da mesquita. – Entendo que queira visitar sua mãe, mas lhe peço que não se entretenha.

– De que quer falar?

– Depois – opôs-se Abbas.

Hernando se misturou com as pessoas que entravam e saíam do cárcere até dar com o porteiro. Abbas esperou do lado de fora. Ao redor de um pátio interno rodeado de arcadas, erguiam-se dois andares em que ficavam as masmorras e as dependências do alcaide e dos demais serviços, incluída uma pequena taberna. Cumprimentou o porteiro e lhe perguntou pelo obeso alcaide, que não demorou a aparecer no pátio ao saber da chegada do mourisco.

Um fedor de fezes acompanhou a chegada do alcaide. Hernando fez menção de afastar-se quando o homem lhe estendeu a mão direita, todo ele sujo de excrementos e molhado de urina.

– Outro que se refugiou nas latrinas? – perguntou à guisa de cumprimento após suspirar e aceitar a mão que lhe oferecia o chefe do cárcere.

– Sim – afirmou o alcaide. – Foi condenado a galés e é a terceira vez que se revolve na merda para evitar que o peguemos. – Hernando sorriu apesar da quente umidade que sentia na mão que apertava a sua. Tratava-se de um estratagema dos presos que iam ser tirados do cárcere

para cumprir a pena: esconder-se nas latrinas para revolver-se na urina e nos excrementos dos demais. Nenhum aguazil queria aproximar-se para detê-los, mas provavelmente três vezes eram demais e na última havia sido necessária a presença do próprio alcaide para levar para as galés o condenado. – Tinham me dito que você não voltaria mais aqui – acrescentou o alcaide pondo fim ao úmido aperto de mão.

– Trata-se de um assunto particular. – Hernando percebeu no brilho dos olhos do interlocutor o interesse que originou sua declaração. – A Irmandade ordenou o encarceramento de uma mulher e seu filho. – O alcaide fingiu pensar. – Chama-se Aisha, María Ruiz.

– Não sei... – começou a dizer o alcaide esfregando descaradamente polegar e indicador, exigindo o pagamento costumeiro.

– Alcaide – disse Hernando –, essa mulher é minha mãe.

– Sua mãe? E o que fazia sua mãe no caminho das Ventas?

– Vejo que vos lembrais dela. Isso gostaria de saber eu: o que fazia ali? E, não vos preocupeis, eu vos pagarei.

– Espere aqui.

O homem se dirigiu a uma das masmorras que davam para o pátio, atrás das arcadas que o circundavam, e Hernando viu dois aguazis que resmungavam sem parar, sujos de excrementos e urina, ladear o réu condenado às galés. O galeote, imundo, sorria entre os mal-humorados aguazis, enquanto das masmorras se despediam dele aos gritos, e as pessoas se afastavam com asco à sua passagem. Ele os acompanhou com o olhar até deixarem o cárcere, e, ao virar-se para o pátio, topou com Aisha, que havia deixado Shamir nos braços de outra reclusa.

– Mãe...

– Hernando – sussurrou Aisha ao vê-lo.

– Onde poderíamos ficar a sós por um tempo? – perguntou Hernando ao alcaide.

Este lhes cedeu um pequeno cômodo contíguo à portaria, sem janelas, que servia de armazém.

– O que é que você fazia...? – começou a perguntar assim que o alcaide fechou a porta atrás de si.

– Abrace-me – interrompeu-o Aisha.

Contemplou sua mãe, que o esperava de braços entreabertos, como se não se atrevesse a refugiar-se nele. Nunca havia pedido isso a ele! Por um segundo lembrou-se de que, em Juviles, ela reprimia suas demonstrações de carinho diante da menor possibilidade de ser descoberta e agora... Lançou-se em seus braços e a abraçou com força. Aisha o embalou e cantarolou uma de suas canções de ninar, sem conseguir evitar que o som se rompesse por algum soluço.

– O que é que você fazia no caminho das Ventas, mãe? – perguntou por fim com a voz embargada.

Aisha lhe contou a fuga para a serra, o encontro com os *monfíes* e com Ubaid; que tinham cortado a mão de seu padrasto, e que a ela tinham perdoado a vida.

– Eu cuspi nele e o insultei – revelou ao final, hesitando, incapaz ainda de aceitar o fato de que havia deixado seu esposo abandonado em Sierra Morena depois de lhe terem cortado a mão.

Hernando quis rir, gritar até. Cão!, pensou. Por fim sua mãe se havia rebelado! No entanto, algo o aconselhou a não fazê-lo.

– Ele procurou sua própria perdição – limitou-se a afirmar.

Aisha hesitou antes de assentir ligeiramente.

– Ubaid quer matar você – advertiu-o. – Ele é perigoso. Tornou-se o lugar-tenente de um chefe dos *monfíes*.

– Não se preocupe com isso, mãe – atalhou-a, sem muita convicção. – Nunca descerá para Córdova, nem por minha causa nem por causa de ninguém. Pense somente em você e no menino. Como os tratam aqui?

– Ninguém nos incomoda... e comemos.

Abbas respeitou o silêncio em que Hernando ficara ao começar a caminhar a seu lado. A despedida havia sido longa: Aisha soluçava e parecia querer retê-lo junto a ela, e ele... tampouco queria deixá-la ali, mas, antes que se deixasse levar pelo mesmo choro, quando Aisha percebeu um leve tremor no queixo do filho e notou que se acelerava

sua respiração, o obrigou a ir-se. Hernando procurou o alcaide e lhe prometeu dinheiro, qualquer coisa em troca de que a tratasse bem e cuidasse dela, e deixou o cárcere olhando várias vezes para a porta da masmorra pela qual sua mãe desaparecera.

– De que queria falar antes? – perguntou a Abbas ao recompor-se.

– Sua mãe está bem? – perguntou este por sua vez. Hernando assentiu. – Açoitaram-na?

– Não... que eu saiba.

– Nesse caso a pena foi branda. Um homem teria sido condenado à morte se tivesse ido a Granada, às galés pela vida toda se tivesse chegado a dez léguas de Valência, Aragão ou Navarra, e a açoites e quatro anos de galés se tivesse sido encontrado em qualquer outro local fora de seu lugar de residência.

Abraçara-a com força, pensava Hernando, e ela não se havia queixado. Não deviam tê-la açoitado... ou sim?

– Depois você me conta o que aconteceu, sobretudo com seu padrasto – continuou Abbas. – Precisamos saber.

– Precisamos? – surpreendeu-se.

– Sim, todos. Vigiam-nos. Um fugitivo... afeta a comunidade. Investigarão em seu ambiente.

– Ninguém contará nada – comentou Hernando.

Andavam sem rumo pela *medina*, uma complexa malha de ruelas estreitas e sinuosas, toda ela rodeada de grandes terrenos em que por sua vez penetravam incontáveis becos sem saída.

– Não se engane, Hernando. Isto é a primeira coisa que você tem de aprender: entre nós também há traidores, crentes que atuam como espiões para os cristãos.

Hernando parou e franziu o cenho.

– Sim – insistiu Abbas –, espiões. O conselho de anciãos escolheu você...

– E quem é você realmente? Como sabe tantas coisas?

Abbas suspirou. Voltavam a caminhar.

– Eles aproveitaram meu trabalho nas cavalariças para que eu pudesse avisar você quanto antes do acontecido com sua mãe, mas também querem que lhe proponha algo. – Fez uma pausa e, ao ver que Hernando não respondia, continuou falando: – Todas as aljamas da Espanha estão organizadas. Todas contam com muftis e alfaquis que atuam secretamente. Valência, Aragão, Catalunha, Toledo, Castela... em todos esses lugares há comunidades de crentes estabelecidas, em algumas delas há até alguém que se chama rei! Todas as demais povoações para as quais foram deportados os muçulmanos de Granada estão se organizando, se juntando aos mouriscos que já estavam estabelecidos ali, ou, como em Córdova, onde já não restava quase nenhum, criando essa estrutura de novo.

– Mas eu...

– Cale-se. A primeira coisa que tem a fazer é não confiar em ninguém. Não há só espiões; há muitos outros de nossos irmãos que, mesmo não o desejando, cedem sob a tortura da Inquisição. Poderemos falar do que quiser e tentarei responder a quantas perguntas você quiser me fazer, mas jure que, se não aceitar nossa proposta, nunca contará a ninguém nada do que souber. – Seus passos os levaram para diante da rua do Reloj, onde no alto de uma pequena torre se achava o relógio da cidade. Os dois se distraíram um tempo e observaram que alguns rapazes apedrejavam os sinos. – Jura? – insistiu Abbas. Um jesuíta, com gritos e trejeitos, tentava pôr fim ao apedrejamento dos sinos.

– Juro – afirmou Hernando com o olhar perdido nos rapazes que fugiam do jesuíta. – E como saberei então que posso confiar em você?

Abbas sorriu.

– Você aprende rápido! Você confia em Hamid, o escravo da mancebia?

– Mais do que em mim mesmo! – respondeu Hernando.

Para a mancebia dirigiram seus passos; Hamid estava ocupado e não pôde aproximar-se, mas da porta fez um sinal de assentimento que

Hernando compreendeu no mesmo instante: o ferrador era de confiança.

Naquela noite, trancado em seu quarto, depois de verificar algumas vezes se a porta estava mesmo trancada por dentro, Hernando se sentou no chão e deslizou os dedos pela capa de um gasto exemplar do Corão escrito em aljamiado. Depois abriu a obra divina e folheou seu conteúdo.

– Não sou ninguém para falar de suas virtudes ou de seus defeitos – havia-lhe confessado Abbas aquela manhã –, mas há algo que, sim, é importante para as necessidades de nossos irmãos: você sabe ler e escrever, conhecimentos de que carece a grande maioria de nós.

Os livros escritos em árabe ou de conteúdo muçulmano eram estritamente proibidos, e quem quer que fosse encontrado com algum deles terminava nas masmorras da Inquisição. Abbas, que também morava com sua família em cima das cocheiras, pareceu descansar quando, silenciosamente, ele lhe entregou o Corão.

– Há muitos outros livros distribuídos entre as pessoas – afirmou. – Desde traduções ou composições do grande *cadí* Iyade sobre os milagres e virtudes do Profeta até simples manuscritos com versos ou profecias em árabe ou aljamiado. Eles os mantêm escondidos da melhor maneira possível para conservar nossas leis e nossas crenças, cada um deles como a um tesouro. O cardeal Cisneros, o que convenceu os Reis Católicos a que descumprissem os tratados de paz com os muçulmanos, queimou em Granada mais de oitenta mil de nossos escritos. Trate a obra divina, portanto, como o que ela é: o tesouro do nosso povo.

O tesouro do nosso povo! De novo Hernando se transformava no guardião do tesouro dos crentes.

Devia ler e aprender. Escrever. Transmitir os conhecimentos e manter vivo o espírito dos muçulmanos. Aceitou sem hesitar; Abbas o convidou a entrar num *mesón* e, para sua surpresa, pediu dois copos de vinho, com que brindaram à vista dos presentes.

– Você tem de ser mais cristão que os cristãos e, ao mesmo tempo, mais muçulmano que qualquer um de nós – sussurrou-lhe ao ouvido.

Hernando ergueu o copo e assentiu.

– Alá é grande – articulou em silêncio quando Abbas ergueu o seu para brindar.

De seu quarto, no silêncio da noite, podia escutar o rumor de centena de cavalos lá embaixo; alguns escarvavam inquietos, outros relinchavam ou bufavam; mas ele também podia sentir seu cheiro. Quão pouco tinha que ver aquele cheiro com o do esterco putrefato do curtume! Era um cheiro forte e penetrante, é verdade, mas saudável. Regularmente, o esterco das cavalariças reais era transportado para a contígua horta da Inquisição, razão por que nunca chegava a apodrecer sob as patas dos cavalos.

Fechou o Corão, e à falta de melhor esconderijo o guardou no baú. Já procuraria algum lugar mais seguro, pensou enquanto observava o livro no fundo, o único objeto que guardaria aquele móvel até a chegada de Fátima. Então talvez ela o enchesse, pouco a pouco, com utensílios e roupas, talvez com as de alguma criança. Fechou o baú, e o fechou à chave. Fátima! Era o que teria aceitado igualmente, sem dúvida, e, quando Abbas lhe disse que também contavam com ela, não duvidou.

– São nossas mulheres quem ensina os nossos filhos – explicou o ferrador. – Delas depende a educação deles, e todas aceitam fazê-lo com orgulho e esperança. Além disso, desta forma se evitam as denúncias à Inquisição. É quase inimaginável que um filho denuncie a mãe. Você não pode nem deve reunir-se com as mulheres para explicar-lhes a doutrina; isso tem de ser feito por uma mulher. Ninguém suspeita de uma mulher que se reúne com outras.

34

A *idda* de dois meses terminou num meio de semana, mas Karim lhe pediu que só fosse buscar Fátima no domingo depois da missa maior. Ainda não estavam casados conforme a lei de Maomé, e o casamento, que se realizaria em segredo, suscitou um sério problema para Hernando: ele não tinha dinheiro para o *zidaque*, e sem dote não podia realizar-se o enlace. A maior parte de seu salário tinha ido parar nas mãos do alcaide do cárcere, e o exíguo resto era para cobrir outros gastos. Não dispunha do quarto de dobla que a lei exigia! Como podia não ter pensado nisso?

– Vale com um anel – tentou tranquilizá-lo Hamid diante do problema.

– Tampouco tenho para isso – queixou-se ele, pensando nas caras oficinas de ourivesaria de Córdova.

– De ferro. Se for de ferro, já serve.

No domingo andou desde a igreja de São Bartolomeu até a rua dos Moriscos, em Santa Marina. Atravessou Córdova inteira sem apressar-se, dando tempo para Karim e Fátima, sem deixar de acariciar entre os dedos o magnífico anel de ferro que lhe forjara Abbas aproveitando um resto de metal. Com suas grandes mãos, tão diferentes das delicadas dos ourives, Abbas chegou até a fazer nele minúsculas incisões decorativas.

Na mesma rua, dois jovens mouriscos que fingiam conversar mas, na verdade, vigiavam a possível visita de algum sacerdote ou jurado, cumprimentaram-no com cordialidade. Um terceiro, que apareceu do nada, o acompanhou até a casa de Karim: uma pequena e velha construção de um só andar com horto traseiro que, como todas, era compartilhada por várias famílias. No entanto, as mulheres haviam conseguido caiar a fachada, como a da maioria das humildes casas da

rua dos Moriscos, e seu interior, tal como sucedia com o das casas de Granada, estava imaculadamente limpo.

Jalil, Karim e Hamid encabeçavam a pequena lista de convidados que cumprimentaram Hernando; os imprescindíveis para o enlace alcançar a notoriedade requerida nos casamentos; poucos outros costumes poderiam cumprir-se em Córdova. Hamid o abraçou, mas o jovem tinha a mente em sua mãe: na segunda vez que foi ao cárcere, Aisha lhe suplicou que não voltasse a visitá-la. "Você tem um bom trabalho entre os cristãos", alegou. "Eu sairei logo. Não permita que o vejam por aqui, visitando uma mourisca fugitiva, e que com isso possam relacioná-lo com o desaparecido Brahim." Ele teria gostado tanto que sua mãe estivesse ali naquele dia!

Hamid se desfez do abraço e segurando-o pelos ombros o obrigou a girar para onde acabava de aparecer Fátima. Estava vestida com uma túnica de linho branco emprestada que contrastava com sua tez morena, com o faiscar de seus imensos olhos negros e com seu longo cabelo preto riçado que as mulheres haviam adornado com coloridas flores diminutas. A esposa de Karim a havia presenteado com uma delicada touca branca que cobria sua bela melena. Fátima luzia seus esplendorosos dezessete anos. Na base de seu pescoço, ali onde Hernando percebeu o palpitar do coração da moça, refulgia a proibida joia de ouro.

Ele lhe ofereceu sua mão, e ela a segurou com força, a mesma que havia demonstrado até aquele momento. Assim o entendeu Hernando, que apertou a dela por sua vez. Trocaram um olhar e assim permaneceram. Ninguém os interrompeu; ninguém ousou sequer se mexer. Ele ia dizer-lhe que a amava, mas Fátima o impediu com um gesto quase imperceptível. Como gostaria de prolongar aquele momento e deleitar-se com a vitória. Quanto lhes havia custado! Em apenas alguns instantes, ambos recordaram ao mesmo tempo seus sofrimentos: o casamento obrigado e a entrega de Fátima a Brahim...

– Eu a amo – afirmou Hernando, ainda que intuísse os pensamentos que povoavam a cabeça de sua futura esposa.

Fátima apertou os lábios. Também ela adivinhava o que ele estava pensando. Hernando havia suportado a escravidão por amor a ela!

– E eu a você, Ibn Hamid.

Sorriram um para o outro, momento que a esposa de Karim aproveitou para apressá-los. Não convinha prolongar a cerimônia.

Hamid fez as exortações. Estava envelhecido; às vezes lhe tremeu a voz e teve de pigarrear repetidamente para recuperar o tom. Fátima perdeu qualquer indício de inteireza e serenidade ao receber o tosco anel de ferro. Com mãos trêmulas, procurou o dedo adequado; depois esboçou um sorriso nervoso. Não houve zambras nem danças, nem sequer nada para comer; limitaram-se a orar em sussurros na direção da *quibla*, e o casal deixou a rua dos Moriscos como um casal como outro qualquer. Fátima havia tirado os enfeites do cabelo e havia trocado a túnica branca por sua roupa habitual. Ia com a cabeça coberta pela touca e uma diminuta trouxa numa das mãos. Quanto baú restaria por encher!, pensou Hernando ao ver quão pouco que pesava a trouxa.

Esconderam a mão de Fátima no interior do Corão, que por sua vez cobriram com a touca branca que Fátima dobrou cuidadosamente. Para cumprir o costume, introduziram debaixo do colchão da cama um pequeno bolo de amêndoas. Depois, pela enésima vez, ela percorreu as duas peças, olhando aqui e ali, imaginando seu futuro naquela casa, até que foi parar de costas para ele, diante da bacia, em que deslizou com delicadeza as pontas dos dedos e roçou a superfície da água limpa. Então lhe pediu que a deixasse sozinha até o anoitecer.

– Eu gostaria de me preparar para você.

Hernando não chegou a ver-lhe o rosto, mas seu tom de voz, sensual, lhe disse o que desejava escutar.

Escondendo sua ansiedade, obedeceu e desceu para as cocheiras, que nos domingos ficavam desertas; só um moço de guarda vadiava no pátio externo. Passeou ao longo das cavalariças e palmeou as ancas e garupas dos potros, distraidamente. Como se prepararia Fátima para

ele? Não dispunha da túnica branca aberta dos lados com que o havia recebido em sua primeira noite de amor, em Ugíjar. Não estava na trouxa! Estremeceu com a recordação de seus seios duros e túrgidos insinuados à contraluz, mostrando-se, provocativos, através das aberturas, movendo-se enquanto ela o servia, enquanto atendia a ele...

Não teve possibilidade de afastar-se. Um dos potros selvagens recém-chegados das invernadas escoiceou à sua passagem e atingiu-lhe a panturrilha. Hernando sentiu uma dor aguda e pôs as mãos na perna; por sorte, o potro ainda não estava ferrado e a dor da patada foi diminuindo pouco a pouco. Estúpido!, disse entre dentes Hernando, recriminando a si mesmo sua desatenção. Como podia ir dando palmadas naqueles animais que não estavam acostumados ao trato? O potro se chamava Seta, e seu fogoso temperamento já lhe havia indicado que lhe daria mais problemas que os outros. Hernando se aproximou dele, e Seta puxou a corda que o amarrava à parede. Atento àquelas patas prontas para escoicear de novo, plantou-se a seu lado. Ali, parado, esperou pacientemente que o animal se acalmasse, primeiro sem sequer lhe falar, para começar a sussurrar-lhe assim que o potro deixou de lutar com a corda e de mexer-se inquieto no pouco espaço em que se achava confinado. Falou-lhe com doçura por um bom tempo, tal como fazia com a Velha nas serras. Não fez menção alguma de aproximar-se dele ou de pôr a mão em seu pescoço para palmeá-lo. Seta evitava olhá-lo, mas erguia as orelhas diante das mudanças em seu tom de voz. Ficaram assim bastante tempo. O potro não cedeu; permaneceu obstinado, tenso, a cabeça para a frente sem fazer a menor menção de virá-la para farejá-lo ou procurar algum contato.

– Você um dia vai se entregar – augurou Hernando quando decidiu que não era o momento de ir além –, e então – continuou dizendo enquanto deixava a cocheira atento às patas do potro – o fará de coração, mais que qualquer outro.

– Certamente será assim. – Hernando se virou, sobressaltado, ao ouvir a voz. D. Diego López de Haro e José Velasco o observavam. O

nobre estava com roupa de domingo: calças com aberturas em diversas tonalidades de verde acima dos joelhos, meias e sapatos de veludo; gibão negro extremamente justo, sem mangas, com *lechuguillas* no pescoço e nos punhos da camisa, sobretudo e espada na cinta. José, seu lacaio, estava ao lado, e alguns passos atrás o moço de guarda. Fazia quanto tempo estariam observando-o? Teria dito alguma inconveniência enquanto falava com o potro? Recordava... havia falado em árabe! – O coice doeu? – perguntou D. Diego apontando para sua perna. Haviam visto Seta dar-lhe um coice... Estavam escutando desde o início!

– Não, excelência – gaguejou.

D. Diego se aproximou e apoiou a mão no ombro do rapaz com familiaridade. O contato, não obstante, intimidou Hernando: havia recitado algumas suras!

– Sabe por que ele se chama Seta? – O cavalariço real não esperou a resposta. – Porque é rápido e duro como elas, e também ágil e galhardo, e se move elevando as patas como se quisesse tocar o céu com joelhos e jarretes. Tenho muita esperança neste potro. Cuide dele. Cuide bem dele. Onde você aprendeu sobre cavalos?

Hernando hesitou... Devia contar?

– Em Sierra Nevada – tentou safar-se.

D. Diego inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, à espera de maiores explicações.

– Nas serras só os *monfíes* tinham cavalos – disse diante de seu silêncio.

– Com Ibn... Aben Humeya – viu-se obrigado a reconhecer então. – Cuidei de seus cavalos.

D. Diego assentiu, e sua mão direita continuava apoiada no ombro de Hernando.

– D. Fernando de Válor y de Córdoba – sussurrou. – Dizem que morreu proclamando sua cristandade. D. João de Áustria ordenou que seu cadáver fosse exumado das serras e fosse enterrado cristãmente em

Guadix. – O nobre pensou por alguns instantes. – Pode ir – indicou depois. – Hoje é domingo, amanhã você continua.

Hernando desviou o olhar para as janelas: o sol começava a se pôr. Fátima! Fez uma desajeitada reverência e deixou as cocheiras apressadamente.

D. Diego, no entanto, permaneceu com o olhar fixo em Seta.

– Vi muitos homens reagir com violência quando um potro os escoiceava ou se defendia – comentou com seu lacaio sem virar-se para ele. – Então os maltratam, os castigam, e só conseguem deixá-los ressabiados. Ao contrário, este rapaz se aproximou dele com ternura. Cuide desse rapaz, José. Ele sabe o que faz.

Hernando subiu correndo a escada que levava aos quartos e bateu à porta.

– Vai ter de esperar – disse-lhe Fátima do interior.

– Está anoitecendo – ouviu dizer a si mesmo num tom tremendamente ingênuo.

– Pois vai ter de esperar – respondeu ela com firmeza.

Ele andou para lá e para cá no corredor dos quartos, até que se cansou de fazê-lo. Que é que ela estava fazendo? O tempo passava. Voltava a chamar? Hesitou. Afinal optou por sentar-se no chão, perto da porta. E se alguém o visse? Que lhe diria? E se algum dos outros empregados que moravam no andar superior...? E se fosse o próprio cavalariço? Estava lá embaixo, nas cocheiras! Que teria ouvido das palavras que havia sussurrado para o potro? Era proibido falar em árabe. Sabia que os mouriscos haviam levado uma petição à municipalidade cordovesa em que expunham a dificuldade que para muitos deles implicava deixar o único idioma que conheciam. Suplicavam um adiamento da aplicação da pragmática real para dar tempo a que aqueles que não sabiam castelhano o aprendessem. Foi deferida, e falar em árabe continuava a ser castigado com multas e cárcere. Que pena acarretaria, então, o recitar o Corão em árabe? No

entanto, D. Diego não havia dito nada. Seria verdade que ali a única religião eram os cavalos?...

Umas tímidas batidas na porta o afastaram de seus pensamentos. Que significava...?

As batidas se repetiram. Fátima batia de dentro. Hernando se levantou e abriu com delicadeza. A porta não estava trancada.

Ficou paralisado.

– Feche! – gritou-lhe Fátima com um fiapo de voz e um sorriso nos lábios.

Obedeceu desajeitadamente.

À falta de túnica, Fátima o recebeu nua. A luz do ocaso e o oscilar da chama de uma vela atrás dela brincavam com sua figura. Seus seios estavam pintados com tintura de alfena num desenho geométrico que subia em forma de chama até lamber a ponta dos dedos da mão de ouro, que voltava a pender de seu pescoço. Também havia pintado os olhos, circundando-os até terminar desenhando umas longas linhas que ressaltavam sua forma amendoada. Um delicioso aroma de água de flor de laranjeira envolveu Hernando enquanto ele percorria com o olhar o esbelto e atraente corpo de sua esposa, os dois parados, num silêncio só rompido por suas respirações entrecortadas.

– Venha – pediu ela.

Hernando se aproximou. Fátima não fez menção de mexer-se, e ele seguiu com a ponta dos dedos o desenho de seus seios. Depois, em pé diante da esposa, brincou com os mamilos eretos. Ela suspirou. Quando ia segurar um dos seios, ela o deteve e levou-o até onde estava a bacia. Então começou a despi-lo com delicadeza e lhe lavou o corpo.

Então Hernando balbuciou umas primeiras palavras e se entregou aos estremecimentos que o sacudiam quando um dos seios de Fátima lhe roçava a pele, cada vez que suas úmidas mãos percorriam sensualmente seu tronco, seus ombros, seus braços, seu abdome, sua entreperna...

Enquanto isso, ela lhe falava aos sussurros, com doçura: eu amo você; eu desejo você; faça-me sua; tome-me; leve-me ao paraíso...

Quando terminou, o beijou e se pendurou de seu pescoço.

– É a mulher mais bela da Terra – disse-lhe Hernando. – Quanto esperei este...!

Mas Fátima não o deixou continuar: ergueu ambas as pernas até cingi-las à sua cintura, ficou suspensa nele e moveu delicadamente a vulva até encontrar seu pênis ereto. Seus ofegos se confundiram num só quando Fátima deslizou para baixo e ele a penetrou até chegar ao mais fundo de seu corpo. Hernando, teso, com os músculos brilhando de suor, a segurou pelas costas, e ela se arqueou, contorcendo-se em busca do prazer. Fátima impôs o ritmo: escutou com atenção seus ofegos, seus suspiros e seus ininteligíveis sussurros; parou em várias ocasiões e lhe mordiscou os lóbulos das orelhas e o pescoço, falando com ele para aplacar seu ímpeto, prometendo-lhe o céu, para depois, de novo, iniciar uma rítmica dança sobre seu membro. Por fim, eles atingiram o orgasmo ao mesmo tempo.

Hernando uivou; Fátima se deleitou num êxtase que se elevou acima do grito de seu esposo.

– Para a cama, leve-me para a cama – pediu a moça quando ele fez menção de levantar-se e separar-se. – Assim. Leve-me! – Abraçou-se ainda mais a ele. – Os dois juntos – exigiu. – Eu amo você. – Puxava-lhe os cabelos enquanto ele a conduzia ao tálamo. – Não se separe de mim. Ame-me. Fique dentro de mim...

Deitados, sem interromper sua união, se beijaram e acariciaram até que Fátima sentiu o desejo renascer em Hernando. E voltaram a fazer amor, com frenesi, como se fosse a primeira vez. Depois ela se levantou e preparou limonada e frutos secos, que lhe serviu na própria cama. E, enquanto Hernando comia, lambeu-lhe todo o corpo, movendo-se como uma gata até que ele se juntou a seu jogo tentando alcançá-la com a língua à medida que ela deslizava de um lado para outro.

Naquela noite, os dois percorreram juntos, várias vezes, os milenares caminhos do amor e do prazer.

35

8 de dezembro de 1573,
festa da Conceição de Nossa Senhora

Haviam transcorrido sete meses desde que tinham contraído matrimônio. Aisha cumpriu os sessenta dias de pena, foi posta em liberdade, e Hernando obteve permissão do administrador para que, junto com Shamir, eles compartilhassem os quartos em cima das cocheiras. Fátima estava grávida de cinco meses, e Seta acabou por entregar-se aos cuidados e afagos de Hernando. Não tornou a falar com ele em árabe. Na mesma noite de núpcias, deitados na cama, suarentos, ele havia explicado a Fátima o que lhe havia sucedido com o potro e D. Diego.

– Um cristão sempre será um cristão – respondeu ela num tom absolutamente diferente do utilizado ao longo da noite, receosa diante a afirmação de que ali a única religião eram os cavalos. – Malditos! Não confie, meu amor: com cavalos ou sem eles, nos odeiam e o farão sempre.

Depois Fátima tornou a buscar o corpo do esposo. Hernando trabalhava de sol a sol. Duas vezes por dia tinha de passear os potros puxando-os pela corda para que fizessem exercício. Ele o fazia com uma corda longa ao redor do qual giravam os animais; com uma vara verde untada com mel na boca, corda cuja grossura devia aumentar até chegar à de uma lança para que se acostumassem ao freio de ferro que um dia lhes poriam, e com sacos de areia no lombo para que sentissem o peso de um cavaleiro. Nas cocheiras os limpava esfregando-lhes todo o corpo com um mandil; levantava-lhes as patas e limpava os cascos preparando-os para o momento de ser ferrados. Seta foi o primeiro a admitir o trabalho no pátio com um saco de areia no lombo e uma

grossa vara na boca. Independentemente desses trabalhos, amiúde algum dos cavaleiros lhe pedia que o acompanhasse pela cidade como fizera com Rodrigo.

Ele gostava de seu trabalho, e os potros transbordavam de saúde e boas maneiras. Surpreendeu os moços de cocheira com propostas de certos tipos de alimentação complementar à palha e aveia que ordinariamente comiam os potros: Seta, brioso, devia comer uma pasta de favas ou grãos-de-bico fervidos com farelo e um punhado de sal durante a noite; alguns outros potros, inferiores a Seta, deviam complementar sua alimentação com trigo ou centeio, igualmente fervido na noite anterior até formar uma pasta à que também se devia acrescentar farelo, sal e, neste caso, óleo. Diante daquelas recomendações, que originaram algumas reservas nos costumes das cavalariças, D. Diego considerou que em nada poderiam prejudicar os potros, razão por que aceitou os conselhos do mourisco. Os resultados foram evidentes e imediatos: Seta, sem perder o brio, sossegou, e aqueles potros inferiores ganharam em ânimo e alegria. Cavaleiros, moços de cocheira, ferradores e fazedores de arreios o respeitavam, e até o administrador lhe concedia com diligência tudo aquilo de que pudesse necessitar, como a recomendação de que Aisha trabalhasse ajudando na fiação da seda.

Naquele 8 de dezembro de 1573, dia da Conceição de Nossa Senhora, os inquisidores tinham previsto celebrar um auto de fé na catedral de Córdova. Hernando e Fátima viviam com inquietude o alvoroço que o anúncio causara na população, incluído o pessoal das cavalariças, tal como havia sucedido na mesma data dos dois anos anteriores, nos quais o mesmo dia foi o escolhido para celebrar o auto de fé. O do ano anterior alcançou o ápice do fervor popular e da curiosidade mórbida: neste auto, após um longo processo em que se tornou necessária a tortura, ditou-se sentença contra sete bruxas, entre elas a famosa feiticeira de Montilla Leonor Rodríguez, conhecida como "A Camacha", que, após abjurar de *levi,* foi condenada a receber cem chicotadas em Córdova e outras cem em Montilla, a desterro de

Montilla durante dez anos e à obrigação de servir num hospital de Córdova durante os dois primeiros. Naqueles dias em que a religiosidade se podia perceber até nos animais, os mouriscos procuravam passar despercebidos entre os habitantes. A Camacha confessou ter aprendido suas artes necromânticas com uma moura granadina!

Ademais, nem Hernando nem Fátima puderam permanecer alheios às intenções do tribunal da Inquisição para aquele ano. Na noite anterior, Abbas lhes havia feito uma visita.

– Amanhã devemos ir à mesquita para presenciar o auto de fé – anunciou-lhes bruscamente após cumprimentá-los.

Hernando e Fátima trocaram um olhar.

– Você acha? – perguntou o jovem. – Que razão poderia...?

– Há vários mouriscos condenados.

Apesar de sua origem africana, Abbas se dava muito bem com os inquisidores. Ele mesmo seguia as instruções dadas a Hernando e se apresentava diante de seus impiedosos vizinhos do alcácer como o mais cristão dos cristãos, a ponto de não ser inusual que fosse dado como exemplo de evangelização de alguém nascido na seita de Maomé. Seu ofício lhe permitia, igualmente, ganhar a confiança e gratidão dos avaros inquisidores e familiares do Santo Ofício: a ferragem de uma porta solta, aquela balaustrada de ferro que havia cedido; um enfeite quebrado. As grades das janelinhas das masmorras!... Todos aqueles pequenos consertos eram encomendados ao hábil ferrador das cavalariças, que dizia fazê-los devotamente, sem receber por eles.

– Mesmo assim – insistiu Hernando –, que razão poderia levar-nos a assistir ao auto de fé?

– Em primeiro lugar, nossa devoção e respeito pela Santa Inquisição – respondeu o ferrador com um esgar. – Devem ver-nos ali, creia-me. Em segundo lugar, quero que conheça alguém; e, em terceiro lugar, e isto é o mais importante, para ter conhecimento direto de por que nossos irmãos foram julgados e de quais são as penas que lhes são

impostas. Devemos informar Argel de como são tratados pela Inquisição os muçulmanos na Espanha.

Fátima e Hernando se ergueram ao mesmo tempo.

– Por quê? – interessou-se ele.

Abbas lhe pediu atenção com um gesto da mão.

– Por cada condenado dos nossos, os turcos castigarão os cristãos cativos nos banhos de Argel. Sim, é assim – afirmou diante da expressão de Hernando. – E os cristãos sabem disso. Nem por isso a Inquisição deixa de punir o que eles consideram heresia, mas é um bom método de pressão que provavelmente influirá no momento de impor uma condenação mais ou menos dura. Sei disso porque os ouvi falar disso. As notícias vão e vêm. Nós as mandamos para Argel, e dali elas voltam pela boca de resgatados ou de frades mercedários que tinham ido resgatar cativos. Sempre se fez assim: antes dos Reis Católicos, os corsários capturados na Espanha eram apedrejados ou enforcados, o que acarretava uma imediata resposta no outro lado do estreito, e os corsários executavam algum cristão. As duas partes chegaram a um acordo tácito: a pena perpétua nas galés para ambos os lados. Algo similar sucede com a Inquisição. Aqui em Córdova, antes da chegada dos granadinos deportados, não viviam mouriscos; agora cabe a nós organizar o que em outros reinos se vem fazendo há anos.

– Como fazemos chegar essa informação a Argel?

– Mais de quatro mil arrieiros mouriscos atravessam a Espanha todo dia! Constantemente há crentes que embarcam para a Berbéria. Apesar da proibição de os mouriscos se aproximarem das costas, não é difícil burlar a pouca vigilância dos cristãos. Nós, através dos arrieiros, fazemos chegar aos *monfíes* e aos escravos e fugitivos que se unem a eles para levar para a Berbéria as notícias das condenações da Inquisição. São eles que se encarregam de transmiti-las...

– Ubaid está entre eles? – sobressaltou-se Hernando, ao recordar o relato de sua mãe do acontecido na serra.

– Você se refere ao Maneta? – Abbas franziu o cenho.

– Sim. Esse homem jurou matar-me.

Fátima, surpresa, interrogou o esposo com o olhar. Hernando não havia querido contar-lhe os acontecimentos do caminho das Ventas. Sua mãe e ele se haviam limitado a dizer que Brahim havia fugido e Aisha havia conseguido escapar.

Hernando tomou Fátima pela mão e assentiu.

– Mas que faz Ubaid em Córdova? Quando soube algo dele? – insistiu ela dirigindo-se a Hernando, sabendo que aquele homem implicava uma perigosa ameaça.

– Os *monfíes* nos são muito úteis – disse Abbas –, mas nós o somos mais para eles. Sem a ajuda que obtêm dos mouriscos dos campos e dos lugares em que têm de se esconder, não poderiam sobreviver. Por que ele jurou matar você?

Hernando lhe contou a história, referindo-lhe as ameaças que havia proferido o arrieiro de Narila contra Brahim e contra ele mesmo, embora tenha calado o fato de ele ter escondido nos arreios da mula o crucifixo de prata que acarretara sua condenação.

– Agora entendo! – interveio Abbas. – Por isso cortou a mão de seu padrasto. Não conseguíamos compreender por que havia agido tão violentamente com um irmão de fé. Também compreendo a desconfiança de Hamid com relação ao Sobahet e ao Maneta.

Fátima compreendeu então e cravou os olhos negros, acusadores, no semblante de Hernando.

– Achávamos que era preferível você não saber – reconheceu ele, apertando a mão da esposa com mais força. – Mas como você sabe tudo isso? – acrescentou dirigindo-se ao ferrador.

– Já lhe disse que estamos em contato permanente. – Abbas pôs a mão no queixo e o esfregou repetidamente. – Tentarei dar um jeito neste problema. Exigiremos que o deixe em paz. Eu lhe juro.

– Se tanto sabem dos *monfíes* – interveio então Fátima com a preocupação estampada no rosto –, que aconteceu a Brahim?

– Curou-se – respondeu Abbas. – Pelo que sei, ele se juntou a um grupo de homens que pretendia ir para a Berbéria.

E assim havia sido. O que ninguém sabia, nem sequer os homens a que Brahim se havia unido em sua fuga, era que a dor de seu membro amputado pareceu desaparecer quando Brahim lançou uma última olhada para as terras de Córdova que se estendiam pelo sopé de Sierra Morena. As constantes e tremendas pontadas que sentia no braço diminuíram diante da ira que o assaltou naquele momento, o de deixar o que dentro de sua mísera vida entre os cristãos havia constituído seu único anelo: Fátima. À distância, imaginou a esposa que os anciãos lhe haviam roubado nos braços do nazareno, entregue a ele, oferecendo-lhe seu corpo, talvez já com a semente do bastardo em seu ventre... "Juro que voltarei por ti!", disse entre dentes na direção da planície.

Era pouco mais da hora da terça de um dia frio mas ensolarado, e Hernando hesitou na hora de atravessar a Porta do Perdão da mesquita cordovesa. Fátima o percebeu a tempo, mas Abbas se adiantou alguns passos. Contudo, a multidão que se amontoava às suas costas os empurrou para o interior ao som dos sinos que repicavam no antigo minarete muçulmano, transformado em campanário.

Hernando estava vivendo em Córdova fazia três anos e havia transitado dezenas de vezes ao redor da mesquita; algumas vezes se limitava a esconder o olhar no chão, enquanto outras vezes olhava de soslaio para os muros que, ao modo de fortaleza, rodeavam o lugar de oração dos califas do Ocidente e dos milhares de fiéis que tinham feito de Córdova o farol que irradiava a verdadeira fé para o poente da cristandade.

Mas nunca havia ousado entrar nela. Na catedral havia mais de duzentos sacerdotes, excluindo os membros do cabido, que diariamente oficiavam mais de trinta missas em suas muitas capelas.

Abbas voltou a juntar-se a eles quando, uma vez passado o vestíbulo coberto por uma cúpula que se abria atrás do grande arco apontado da porta, Hernando e Fátima foram cuspidos pelo mar de gente que se esparramou no horto do grande claustro que antecedia a entrada da catedral, entre laranjeiras, ciprestes, palmeiras e oliveiras. O ferrador

julgou adivinhar os pensamentos do jovem, apertou os lábios e lhe fez um gesto estimulando-o a que continuasse. Fátima, com a touca branca que havia usado no dia do casamento, se agarrou a seu braço.

O horto do claustro tinha a forma de um amplo retângulo fechado e rodeado de galerias de arcos sobre colunas em três de seus lados, o qual coincidia em suas medidas com a fachada norte da catedral. Apesar do frescor das árvores e das fontes do horto, os três mouriscos se encolheram diante da visão das centenas de sambenitos que pendiam dos muros do claustro, em patente e permanente advertência de que a Inquisição vigiava e punia a heresia. No tempo dos muçulmanos, os fiéis se purificavam e faziam suas abluções em quatro lavatórios, dois para mulheres e dois para homens, que o califa al-Hakam construíra fora da mesquita, diante de suas fachadas oriental e ocidental, e depois entravam na sala de oração através das dezenove portas, uma por nave, que se abriam por seus lados e que os cristãos haviam fechado. Portanto, naquele dia, entraram no recinto pela Porta do Arco das Bênçãos, a única que ficava aberta no horto, ali onde outrora se benziam os pendões das tropas que partiam para lutar contra os muçulmanos. Já no interior, esperaram que seus olhos se habituassem à luz das lâmpadas que pendiam do teto de apenas nove varas de altura, e até Abbas, mesmo conhecendo-a, não pôde senão unir-se à impressão que imobilizou Fátima e Hernando enquanto as pessoas entravam os borbotões, desviando-se deles uns, empurrando-os outros. Um bosque de quase um milhar de colunas alinhadas, unidas todas por arcadas duplas, umas em cima das outras, que alternavam o vermelho dos tijolos e o ocre da pedra nos arcos, abria-se diante deles convidando-os à oração!

Ficaram parados alguns instantes respirando o forte cheiro de incenso. Hernando contemplava absorto os capitéis visigóticos ou romanos, todos diferentes, que rematavam as colunas em sua união com os arcos. Fátima continuava ladeada pelos dois homens.

– Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus – sussurrou então ela, como se alguma força externa, mágica, a tivesse

obrigado a pronunciar tais palavras.

– Está louca? – increpou-a Abbas ao mesmo tempo que virava a cabeça para ver se alguém dava mostras de tê-la ouvido.

– Sim – respondeu Fátima em voz alta, ao mesmo tempo que se adiantava, embriagada, acariciando sua proeminente barriga, para o interior da mesquita.

Abbas dirigiu o olhar para Hernando suplicando-lhe que impedisse qualquer disparate assim por parte de sua esposa.

– Faça-o por nosso filho – pediu-lhe este após alcançá-la e pôr a mão na barriga da moça. Fátima pareceu despertar. – Um dia eu lhe jurei que poria os cristãos a seus pés, e hoje lhe juro que um dia rezaremos ao único Deus neste lugar santo. – Ela entrefechou os olhos. Aquele compromisso não lhe pareceu suficiente. – Juro por Alá – acrescentou Hernando em voz baixa.

– Ibn Hamid – respondeu ela sem precaução alguma. As pessoas continuavam a afluir ao lado deles, conversando excitadas pelo auto de fé que iriam presenciar. – Lembre-se sempre deste juramento que você acaba de fazer e cumpra-o aconteça o que acontecer.

Abbas respirou aliviado ao ver que Fátima se agarrava de novo ao braço do esposo.

Pouco mais puderam adentrar-se na mesquita; milhares de pessoas já rodeavam a área em que se estava construindo a nova catedral renascentista, em forma de cruzeiro, sustentada por grandes pilares e arcobotantes ao estilo gótico, no coração do lugar de oração dos muçulmanos – na nave central que conduzia ao *mihrab* – e que perfurava o centro do teto da mesquita para depois emergir imponente acima desta e assim alcançar as tão aneladas proporções que procuravam os cristãos para seus templos. Aquela magna construção, que se havia iniciado muitos anos antes e que ainda se achava em curso, se destinava a substituir a primitiva e pequena igreja construída também no interior da mesquita, no lugar que ocupava a *quibla* da ampliação levada a efeito por Abderramão II. A ereção da nova capela-mor originou a rejeição da municipalidade cordovesa, alguns de cujos

membros temeram que a nova construção acabasse com suas capelas ou altares, e, em pugna com o cabido da catedral, os vinte e quatro e os jurados de Córdova lançaram um edito pelo qual se sentenciava à morte todo operário que se prestasse a trabalhar na construção da nova catedral. O imperador Carlos I pôs fim à querela e autorizou a construção da nova catedral.

Enquanto esperavam a entrada de todos os fiéis, muitos dos quais tiveram de se conformar com permanecer no horto do claustro, assim como do tribunal do Santo Ofício, dos membros do cabido da catedral e da municipalidade e sobretudo dos réus, entre murmúrios, risos e conversas dos espectadores, Hernando teve tempo suficiente para observar o interior da magna construção, capaz de abrigar milhares de pessoas. Com independência do horto, a planta da mesquita era quase quadrangular. Em seu centro se procedia à construção da nova catedral, toda ela rodeada de centenas de colunas e arcos duplos que combinavam o vermelho e o ocre. O espaço que ficava entre a última linha de colunas e as paredes da mesquita havia sido aproveitado pelos nobres e prebendados cristãos para abrir numerosas capelas dedicadas a seus santos e mártires. Altares, cristos, quadros e imagens religiosas, como sucedia ao longo das ruas de toda a cidade, eram expostos ao fervor popular como mostra do poder das casas nobres que as pagavam e beneficiavam com ofertas e legados. Onde quer que olhasse, podia encontrar os escudos de armas e emblemas heráldicos de nobres, cavaleiros e príncipes da Igreja: esculpidos ali mesmo, em paredes, arcos e colunas; feitos no ferro forjado do sem-fim de grades que fechavam as capelas perimetrais; nas lápides sepulcrais, quase todas ao rés do chão; nos retábulos e pinturas das capelas e em qualquer suporte por menor que este pudesse ser: fechaduras, lâmpadas, maçanetas, cofres, cadeiras... além dos que apareciam nos escudos de guerra e nos capacetes dos cavaleiros castelhanos, alemães, poloneses ou boêmios que pendiam por todas as partes em gratidão pelas vitórias conseguidas em nome do cristianismo.

“Um muçulmano entre cristãos”, sentiu-se Hernando ao som da música do órgão e dos cânticos do coro que anunciava a entrada do bispo, do inquisidor de Córdova e do corregedor da cidade, todos à frente de suas respectivas cortes e dos réus. “Tal como aquela construção”, acrescentou para si acariciando uma das colunas: o fervor cristão se mostrava em todo o perímetro do templo, onde se achavam as capelas. O espaço que se abria a partir dessas capelas, com suas mil colunas e arcos ocre e vermelhos cantava a magnificência de Alá, e no centro, rodeada pelas colunas, a nova capela-mor e o coro, de novo cristã.

Hernando elevou o olhar para o teto da catedral: os cristãos buscavam aproximar-se de Deus em suas construções, erguendo-as tanto quanto seus recursos técnicos lhes permitiam; firmes em suas bases, esbeltas nas alturas. No entanto, a mesquita de Córdova se mostrava como um prodígio da arquitetura muçulmana, resultado de um audaz exercício de construção em que o poder de Deus vinha descer sobre seus crentes. A seção dos arcos superiores das arcadas duplas que descansavam sobre as colunas da mesquita tinha o dobro da largura da seção dos arcos que os suportavam. Ao contrário do que sucedia com as construções cristãs, na mesquita a base firme, o peso, se achava por cima das esbeltas colunas, em evidente e público desafio às leis da gravidade. O poder de Deus se situava nas alturas, e a fragilidade dos crentes que oravam na mesquita, em sua base.

Por que não teriam derruído os cristãos todo e qualquer vestígio daquela religião que tanto odiavam, tal como com as demais mesquitas da cidade?, perguntou-se com o olhar ainda posto nos arcos duplos por cima das colunas. O cabido da catedral de Córdova era dos mais ricos da Espanha, e seus nobres também, e devoção não faltava para assumir um projeto como aquele. Poderiam ter planejado a construção de uma grande catedral como as de Granada ou Sevilha e, no entanto, haviam permitido que a memória muçulmana sobrevivesse naquelas colunas, nos tetos baixos, na disposição das naves... no espírito da

mesquita! “Mágica união a que, independentemente das pessoas, se respira no interior desta construção”, suspirou.

Nenhum deles chegou a ver o auto de fé que se realizava num tablado junto à antiga capela-mor; só aquelas fileiras mais próximas ao cordão de segurança estabelecido pelos oficiais de diligências e aguazis ao redor dos principais da cidade puderam ver o ato. No entanto, eles escutaram a leitura pública das acusações e as sentenças, sem méritos, brevemente, nas quais tão só se mencionavam as culpas e as penas impostas contra quarenta e três réus do reino de Córdova, dos quais vinte e nove eram mouriscos, sobre os quais o tribunal exercia sua jurisdição, leituras que os cristãos escutaram em silêncio para depois aclamar ou apupar as penas com que se concluía a exposição de cada um deles.

Duzentos açoites para um cristão, morador de Santa Cruz de Mudela, por defender que era falsa a afirmação do Credo em que se assegura que Deus virá a julgar os vivos e os mortos. “Já veio uma vez!”, afirmava o réu. “Por que vai voltar?” Várias penas também de açoites para outros tantos cristãos por terem afirmado em público que não eram pecado as relações carnais ou o viver amancebado se se fosse solteiro; duzentos açoites e galés por três anos para um morador de Andújar por bigamia; multa para um telheiro de Aguilar de la Frontera por declarar que o inferno só existia para mouros e desesperados: “Por que os cristãos hão de ir para o inferno se existem mouros?”; multa e escárnio público por meio de corda e mordaça para outro homem por expressar que não era pecado deitar-se com uma mulher pagando por isso; penas menores, de multas e sambenitos, para vários homens e mulheres por terem blasfemado e questionado a eficácia da excomunhão ou por terem proferido palavras feias, escandalosas ou heréticas. Confisco de bens, açoites e galés por toda a vida contra dois franceses por serem seguidores da seita de Lutero, e morte em efígie para três moradores de Alcalá la Real por terem renegado a religião católica em Argel, após terem sido capturados pelos corsários.

– Elvira Bolat – disse o notário em seguida aos condenados de Alcalá –, cristã-nova de Terque...

– Elvira! – escapou a Fátima. Um homem e uma mulher que estavam à frente deles se viraram surpresos: primeiro para a moça, depois para Hernando, a quem ela tentava dar uma explicação: – Era minha amiga antes que...

Abbas fez o sinal da cruz ostensivamente.

– Mulher – interrompeu-a bruscamente Hernando, que fez o sinal da cruz imitando o ferrador –, renuncie a esse tipo de amizade da infância. Não lhe convém. Reze por ela – acrescentou apertando-lhe o braço. – Peça a intercessão da Virgem Maria para que Nosso Senhor a guie pelo caminho do bem.

O homem que se havia virado para eles anuiu em sinal de conformidade com aquelas palavras, e ele e sua mulher tornaram a prestar atenção à leitura.

Multa, sambenito e cem chicotadas. Cinquenta em Córdova e cinquenta outras em Écija, de que era moradora Elvira, por "coisas de mouros". Similar sorte – sambenitos, períodos de evangelização nas paróquias e cem ou duzentas chicotadas segundo o sexo – tiveram os demais mouriscos julgados, todos reconciliados com a Igreja após admitir suas faltas e heresias. O réu seguinte era um escravo reincidente capturado tentando fugir para a Berbéria e que o tempo todo se manteve fiel à seita de Maomé: pena de morte. As pessoas explodiram em aclamações e aplausos. Já tinham seu espetáculo garantido! A queima na fogueira das três efígies inanimadas dos apóstatas de Alcalá cativos em Argel não satisfazia ninguém; a do escravo impenitente, vivo, que, se insistisse em sua postura arderia sem a graça de ser previamente executado por garrote vil, sim, os atraía.

– Assim pronunciamos e declaramos.

Os membros do tribunal puseram fim ao auto de fé e os réus foram entregues ao braço secular para que este executasse as penas impostas. Antes que se tivesse podido ouvir a última palavra, as pessoas já corriam para o Queimadeiro, no campo del Marrubial, localizado nos

arredores da cidade em sua extremidade oriental. Tinham de atravessar toda a cidade.

O alvoroço que a multidão originou permitiu a Hernando dirigir-se a Abbas sem cautelas. Sentia-se enojado. Homens e mulheres de todas as idades se empurravam, riam e gritavam.

– Menos um mouro! – ouviu um deles dizer.

Um coro de risadas aplaudiu as palavras.

– Também temos de presenciar como queimam um dos nossos? – perguntou ele então.

– Não, porque nos esperam na biblioteca – respondeu o ferrador com certa frieza –, mas deveríamos fazê-lo. – Hernando se deu imediatamente conta do erro cometido. – Esse homem morrerá afirmando a verdadeira religião diante de milhares de cristãos exaltados, todos ávidos de sangue e vingança. Pense que os crentes que foram condenados hoje se sentem orgulhosos disso. As mulheres, com a desculpa do frio, pedirão sambenitos para vestir seus filhos pequenos, a fim de que os acompanhem para mostrar a todos nós que não se esqueceram de seu Deus, que o culto continua vivo entre os crentes. – Fátima escutava de olhos entrefechados e com as duas mãos na barriga. Hernando fez menção de pedir desculpas, mas Abbas não o permitiu: – Há não muito tempo, tivemos conhecimento de que alguns dias depois de se realizar um auto de fé em Valência, o verdugo que interveio na execução das penas foi ao pequeno povoado de Gestalgar, na serrania, para cobrar de nossos irmãos os honorários por seu infame trabalho. Um deles se negou a pagar porque não havia sido açoitado. Comprovaram o erro, e o homem recebeu as cem chicotadas diante de sua família e de seus vizinhos e só então, com as costas em carne viva, pagou ao verdugo. Podia ter pagado e ter-se livrado dos açoites, mas preferiu sofrer a pena como seus irmãos. Esse é o nosso povo! – O ferrador deixou passar um instante, enquanto passeava o olhar pelo bosque de colunas e arcadas bicolores, como se aquelas testemunhas do poder muçulmano pudessem ratificar sua afirmação. – Vamos – disse-lhes depois.

Atravessaram a mesquita entre os atrasados e os que por uma razão ou outra não puderam presenciar a execução das condenações. Já não havia nenhuma autoridade no interior da mesquita. Circundaram o cruzeiro da catedral em construção, cujos braços se haviam adaptado às dimensões das naves muçulmanas originais, e deixaram para trás as três pequenas capelas renascentistas que se situavam atrás do altar. A capela-mor já estava construída; no entanto, a cúpula elíptica destinada a cobri-la ainda não, razão por que os andaimes suportavam uma cobertura provisória. Dali se dirigiram para a parte sudeste, onde numa antiga capela ficava a magnífica biblioteca da catedral com centenas de documentos e livros, alguns deles manuscritos de mais de oitocentos anos de antiguidade. Embora uma magnífica grade de ferro forjado fechasse o recinto, a porta estava aberta.

– Sua esposa – disse Abbas já na grade – será capaz de nos esperar aqui sem cometer nenhuma insensatez?

Fátima fez menção de encarar o ferrador, mas Hernando a impediu com um simples gesto.

– Será – respondeu.

– Será capaz de entender que da nossa discrição depende a vida de muitos homens e mulheres?

– Ela entende – confirmou de novo Hernando enquanto Fátima assentia envergonhada.

– Vamos, então.

Os dois homens passaram pela grade que dava acesso à biblioteca e pararam. Em seu interior, em estantes, mostravam-se centenas de livros encadernados, rolos de pergaminho e algumas mesas para leitura. Entre duas delas havia um grupo de cinco sacerdotes. Assim que o ferrador se deu conta da reunião que se realizava no interior da biblioteca, tentou retroceder, mas um dos sacerdotes se apercebeu da presença deles e os chamou. Abbas, grande como era, cruzou os dedos das mãos em sinal de oração, a levou-as ao peito e inclinou a cabeça; Hernando o imitou e ambos se dirigiram para o grupo.

– Que querem? – inquiriu, aborrecido, o religioso que os havia chamado, antes até que chegassem ao grupo de sacerdotes.

– Eu o conheço, D. Salvador – interveio então outro dos sacerdotes, o mais velho deles, careca e gordo, de baixa estatura, mas com uma tez demasiado suave para seu aspecto. – É um bom cristão e colabora com a Inquisição.

– Bom-dia, D. Julián – cumprimentou então Abbas. Hernando gaguejou um cumprimento.

– Bom-dia, Jerónimo – respondeu o sacerdote. – O que o traz aqui?

Um dos religiosos se dirigiu a uma estante para pegar um livro; os demais, salvo D. Salvador, que os perscrutava, presenciavam a cena com certa displicência, até que as palavras de Jerónimo lhes chamaram a atenção.

– Há muito tempo... – Abbas pigarreou algumas vezes –, há muito tempo, quando os mouriscos granadinos chegaram, me pediram que encontrasse entre eles um bom cristão que, além disso, soubesse escrever bem em árabe, e o trouxesse até os senhores. Chama-se Hernando – acrescentou o ferrador, segurando o braço de seu acompanhante e obrigando-o a dar um passo à frente.

Escrever em árabe! Hernando sentiu voltar-se para ele até os olhos do Cristo crucificado que dominava a biblioteca. Abbas havia enlouquecido? Hamid lhe ensinara os rudimentos da leitura e da escrita na linguagem universal que unia todos os crentes, mas daí a que o apresentassem na biblioteca da catedral como um bom conhecedor... Algo o impeliu a virar-se para a entrada, onde topou com Fátima escutando atrás da grade. A moça o estimulou com um imperceptível gesto dos lábios.

– Bem, bem... – começou a dizer D. Julián.

– Não é jovem demais para saber escrever em árabe? – interrompeu-o D. Salvador.

Hernando percebeu um movimento de intranquilidade em Abbas. Porventura este não havia pensado no que poderia suceder-lhes? Não o

tinha preparado? Notou a animadversão que ressumava das palavras de D. Salvador.

– Tendes razão, padre – respondeu com humildade, ao mesmo tempo que se virava para ele. – Creio que meu amigo valoriza em demasia meus poucos conhecimentos.

D. Salvador ergueu a cabeça diante dos olhos azuis do mourisco. Hesitou alguns instantes.

– Ainda que sejam poucos, onde os adquiriu? – interrogou-o depois, talvez com um tom de voz algo diferente do utilizado até então.

– Nas Alpujarras. O pároco de Juviles, o padre Martín, a quem Deus tenha em sua glória, me ensinou o que sabia.

De modo algum ia falar de Hamid e de quanto o pobre padre Martín... a imagem de sua mãe esfaqueando-o relampejou em sua memória. Que podiam saber os membros do cabido da catedral de Córdova sobre o pároco de um pequeno povoado perdido na serra granadina?

– E como é que um pároco cristão sabia árabe? – inquiriu o sacerdote mais jovem do grupo.

D. Julián ia responder, mas D. Salvador se antecipou; todos pareciam respeitá-lo.

– É bem possível – afirmou. – Há muitos anos o rei determinou a conveniência de os pregadores conhecerem o árabe para poder evangelizar os hereges; muitos deles ignoram o castelhano e nem sequer são capazes de expressar-se em aljamiado, sobretudo em Valência e Granada. É preciso conhecer o árabe para poder contradizer suas escrituras polêmicas, para saber o que pensam. Bem, rapaz, demonstre-nos seus conhecimentos por mais exíguos que sejam. Padre – acrescentou dirigindo-se a D. Julián –, passai-me o último manuscrito polêmico que caiu nas nossas mãos.

D. Julián hesitava, mas D. Salvador lhe instou balançando os dedos da mão direita estendida. Hernando notou um suor frio nas costas e evitou olhar para Abbas, mas o fez para Fátima, que lhe piscou o olho do outro lado da grade. Como podia piscar um olho para ele naqueles

momentos? Que queria dizer-lhe? Sua esposa o animou com um movimento do queixo e um sorriso, e então ela a entendeu: por que não? Que sabiam aqueles padres de árabe? Não o estavam querendo como tradutor?

Pegou o amarfanhado papel que lhe estendia D. Julián e deu uma olhada. Tratava-se de um árabe culto, de um árabe d'além al-Andalus, diferente, como repetia até a saciedade Hamid, do dialetal implantado na Espanha durante o transcurso dos séculos. Que era aquele escrito?

– Foi datado em Túnis – anunciou com segurança enquanto tentava entender o que dizia – e versa sobre a Santíssima Trindade – acrescentou ao compreender os caracteres. – Diz mais ou menos o seguinte: em nome do que julga com verdade – inventou, fingindo que lia –, do que sabe de tudo, do Clemente, do Misericordioso, do Criador...

– Está bem, está bem – interrompeu-o D. Salvador perturbado, fazendo um trejeito. – Evite todas essas blasfêmias. Que diz do dogma da Trindade?

Hernando tentou decifrar o que estava escrito. Conhecia perfeitamente o conteúdo da disputa entre muçulmanos e cristãos: Deus é só um; como, portanto, poderiam os cristãos afirmar que existiam três deuses, pai, filho e espírito santo, num só? Podia falar daquela polêmica sem necessidade de averiguar o exato conteúdo do texto, mas... fez o sinal da cruz com seriedade e depois afastou o papel que estava segurando.

– Padre, quereis mesmo que eu repita, aqui – virou-se para a catedral –, neste lugar sagrado, o que está escrito neste papel? Por muito menos esta manhã várias pessoas foram condenadas.

– Você tem razão – concedeu D. Salvador. – D. Julián – acrescentou, dirigindo-se a este –, faça-me um informe sobre o conteúdo desse documento. – Hernando chegou a ouvir o suspiro que saiu dos lábios de Abbas. – Onde você trabalha? – perguntou-lhe então.

– Nas cavalariças reais.

– D. Julián, falai com o cavalariço real, D. Diego López de Haro, para que este jovem possa ensinar a vocês o árabe e ajudar-nos com os livros e documentos, ao mesmo tempo que continua em seu trabalho com os cavalos do rei. Comunicai-lhe que tanto o bispo como o cabido da catedral lhe ficarão muito agradecidos.

– Assim farei, padre.

– Podem ir – disse D. Salvador a Hernando e Abbas.

Fátima sorriu para o esposo enquanto este deixava para trás a grade da biblioteca.

– Muito bem! – sussurrou.

– Silêncio! – urgiu Abbas.

Dirigiram-se para a Porta de São Miguel, na extremidade ocidental da mesquita. Hernando e Fátima seguiram o ferrador por todo o lado sul da construção. Passaram diante da capela de D. Alonso Fernández de Montemayor, chefe militar da fronteira no tempo do rei Henrique II, e Abbas parou.

– Esta capela, sob a proteção de São Pedro – assinalou enquanto fazia uma piedosa genuflexão em seu frontal, convidando Hernando e Fátima a imitá-lo –, foi construída no vestíbulo do *mihrab* de al-Hakam II. – Os três se mantiveram por alguns instantes ajoelhados um pouco além dos magníficos arcos polilobados, diferentes dos de ferradura do restante da mesquita, que davam acesso para o vestíbulo, dentro do que fora a *maqsura,* a área reservada ao califa e sua corte. – Ali atrás – assinalou Abbas com o queixo –, utilizado agora como sacrário da capela, se encontra o *mihrab,* onde o rei proibiu que se fizesse qualquer enterro cristão. – Os restos do protegido do rei, D. Alonso, ao contrário da maioria dos enterramentos no chão, ficavam num simples e grande ataúde branco de pedra. – Aqui, sim – sussurrou para Fátima o ferrador: – este é o lugar.

– Alá é grande – silabou ela escondendo a cabeça, ao mesmo tempo que se levantava.

Cada um, à sua maneira, tentou imaginar o aspecto do famoso *mihrab* de al-Hakam II, diante do qual permaneciam ajoelhados e fora

profanado e transformado em simples e vulgar sacristia da capela de São Pedro. Ali, no *mihrab,* se lia o Corão. O exemplar do Corão que se guardava na câmara do tesouro era transladado cada sexta-feira para o *mihrab* e depositado sobre um atril de aloé verde com pregos de ouro. Havia sido escrito pela mão do Príncipe dos Crentes, Uzman ibn Affan; era adornado de ouro, pérolas e jacinto, e pesava tanto que tinha de ser transportado por dois homens. Tanto no vestíbulo como no *mihrab,* o califa, de acordo com a magnificência da cultura cordovesa, ordenou a união de variados estilos arquitetônicos até obter um conjunto de beleza inigualável. Ao nicho em que se custodiava o Corão se chegava passando sob uma trabalhada cúpula octogonal de estilo armênio cujos arcos não se uniam no centro, mas se cruzavam ao longo das paredes. Bizâncio também estava presente, com seus mármores listrados ou brancos e sobretudo com os coloridos mosaicos feitos com materiais trazidos por artesãos vindos expressamente da capital do império do Oriente. Inscrições corânicas em ouro e mármores bizantinos. Arabescos. Elementos greco-romanos e também cristãos, cujos mestres contribuíram para a construção, haviam convertido aquele lugar onde se localizava a capela de São Pedro num dos mais belos do universo.

Os três oraram em silêncio por alguns instantes e, taciturnos, deixaram a mesquita pela Porta de São Miguel. Saíram na rua dos Arquillos, na qual ficava o palácio episcopal, construído sobre o antigo alcácer dos califas de Córdova. Passaram sob um dos três arcos em que descansava a ponte que cruzava a rua pelo alto e que unia o antigo palácio e a catedral, e prosseguiram na direção das cavalariças. Deixaram para trás o alcácer dos reis cristãos, e Hernando decidiu encarar o problema.

– Eu não posso traduzir aqueles documentos – queixou-se. – São escritos em árabe culto. Como vou ensinar árabe culto àquele sacerdote?

Abbas deu mais alguns passos sem responder. Sentia certa desconfiança. Deixara-o insatisfeito a atitude de Fátima, demasiado

atrevida e inconsciente, mas mesmo assim, disse a si mesmo, todos contavam com ela; além disso, reconheceu, não havia sido ele mesmo quem acabara de assinalar-lhe o lugar em que se escondia o *mihrab,* instando-lhe que rezasse? Porventura não tinham todos idênticos sentimentos?

– É o contrário – confessou o ferrador já perto da porta das cocheiras. – É D. Julián que tem que ensinar a você o árabe culto, o de nosso livro divino.

Hernando parou de repente, com a surpresa estampada no rosto.

– Sim – confirmou Abbas –, esse sacerdote, D. Julián, é um dos nossos irmãos e o mais culto dos muçulmanos de Córdova.

36

Na mesma data em que Aisha era posta em liberdade após sua detenção em Sierra Morena, Brahim deixou o grupo de *monfíes* do Sobahet junto com dois dos escravos fugitivos que o compunham. A cusparada que lhe lançara sua esposa antes de deixar o acampamento se juntara à intensa dor que sentia no braço. Pouco depois de que Aisha desaparecesse entre as árvores, os *monfíes* se puseram em marcha e Brahim se arrastou atrás deles; não podia ficar sozinho nas serras e tampouco podia voltar derrotado e maneta para Córdova, razão por que os seguiu, sempre a certa distância, como um cão maltratado. O Sobahet o permitiu; Ubaid se ria dele atirando-lhe os restos de sua comida. Por isso, quando ouviu que dois dos homens pretendiam fugir para a Berbéria, se juntou a eles, e juntos se encaminharam para as costas valencianas. Por várias e longas jornadas roubaram comida e buscaram ajuda nas casas mouriscas, tentando sempre evitar as quadrilhas da Santa Irmandade que vigiavam aquelas antigas vias romanas, agora descuidadas. Andaram para o leste, para Albacete, de onde tomaram o caminho que levava a Xátiva para, dali, chegar às povoações costeiras do reino de Valência situadas entre Cullera e Gandía, todas elas povoadas quase exclusivamente por mouriscos.

Daquelas costas e apesar dos esforços dos sucessivos vice-reis de Valência, o fluxo de mouriscos para a Berbéria era constante, ajudados pelos corsários que iam saquear o reino. Os espanhóis não deixavam os cristãos-novos batizados à força viver, mas tampouco os deixavam fugir para terras muçulmanas; não só os nobres e fazendeiros perdiam mão de obra barata, mas a própria Igreja estava empenhada na salvação de suas almas, como defendia o duque de Gandía, Francisco de Borja, geral dos jesuítas, que dizia: “para que tantas almas que se

podiam perder não se percam". Mas os mouriscos já se preocupavam em salvar suas almas... ainda que fosse naquelas terras onde se louvava a Muhammad, e seus irmãos valencianos ajudavam todos aqueles que, decididos a deixar os reinos que lhes haviam pertencido por oito séculos, se propunham a atravessar para a Berbéria.

Brahim e seus companheiros, junto a meia dúzia de outros mouriscos, o conseguiram quando ao alvorecer de uma manhã de setembro cerca de cinquenta corsários percorreram a costa para saquear os arrabaldes de Cullera. Os corsários utilizaram sua tática habitual: três galeotas fundearam ao amparo da noite para além da desembocadura do rio Júcar, onde desembarcaram, longe do lugar que pretendiam atacar. No dia seguinte, ao alvorecer, se dirigiram a pé para seu objetivo. À exceção dos possíveis ataques perpetrados por uma grande armada corsária, o corso terrestre baseava suas incursões na surpresa e na rapidez. Os saques deviam levar-se a cabo num período de tempo relativamente curto, inferior ao prazo de resposta aos sinais de alarme da cidade assaltada e das circundantes; os corsários não queriam travar batalha. Depois, as galeotas iam recolhê-los com o butim num ponto próximo e previamente combinado.

Naquela noite, um grupo de corsários se internou nas terras para visitar os mouriscos e obter deles informação para a pilhagem; os cristãos-novos eram proibidos de se aproximar do litoral sob pena de três anos de galés. Foi então que Brahim, os dois escravos e outros tantos mouriscos se juntaram à expedição. Dois homens conhecedores do terreno os acompanharam a fim de indicar aos corsários os caminhos para chegar a Cullera.

– Deixe-me uma espada, eu gostaria de ir com vocês – solicitou o arrieiro a um homem que parecia ser o cabeça, já de volta à praia em que permaneciam escondidos os corsários à espera do amanhecer. As galeotas continuavam em alto-mar, para não ser avistadas.

– Mourisco e maneta? – disse-lhe o corsário. – Não intervenha!

Brahim apertou os dentes e se dirigiu para o grupo de mouriscos situados longe dos corsários, sentados na areia, em silêncio.

– Que é que está olhando? – disse a um dos escravos fugitivos do grupo de Ubaid, mandando-lhe um pontapé que lhe roçou o rosto. Brahim tentou permanecer em pé, ofendido, até que um corsário lhe ordenou grosseiramente que se sentasse como os demais e fizesse silêncio.

Em uma intervenção fulminante, os corsários atacaram os arrabaldes de Cullera. Surpreenderam os camponeses que haviam ido cuidar de suas terras e tomaram dezenove cativos, mas, em lugar de perseguir outros tantos que fugiam espavoridos, partiram velozmente para o ponto de encontro combinado com as galeotas, nesta ocasião perto de Cullera. Nem as forças do interior da cidade nem as dos lugares próximos tiveram sequer oportunidade de responder ao ataque, e, antes que se dessem conta do sucedido, corsários, cativos e mouriscos fugitivos já se achavam embarcados nas galeotas, rumo a alto-mar.

No entanto, uma vez vencida a distância de um tiro de lombarda, as três galeotas viraram para a costa e içaram "bandeira de segurança"; as naves já iam suficientemente carregadas com o butim de outras incursões, e a temporada de navegação estava perto de terminar. Os valencianos sabiam o que significava a bandeira branca: os arrais corsários estavam dispostos a negociar naquele mesmo momento o resgate dos cativos. Aceitaram a bandeira e iniciaram os tratos, chalupas para lá e para cá. Quinze homens foram resgatados durante a manhã, e os quatro restantes seguiram viagem para os mercados de escravos de Argel.

Durante as duas tranquilas jornadas de torna-viagem, nas quais os galeotes tiveram de esforçar-se para avançar num mar calmo, Brahim foi testemunha do mesmo desprezo por parte da tripulação corsária – toda ela composta por turcos e renegados cristãos –, que os mouriscos tiveram de padecer durante a rebelião das Alpujarras. Ninguém queria saber deles. Alimentaram-nos como se fossem cães, e nem sequer os utilizaram para navegar no Mediterrâneo. Por que aceitavam levá-los então? Recordou o regozijo dos mouriscos valencianos ao verem os

corsários; o simples fato de pensar no dano que infligiriam aos cristãos era para eles suficiente satisfação, e ainda mais porque com isso mantinham viva a esperança de uma futura ajuda por parte da Sublime Porta. Observou os galeotes remando com esforço; os navios carregados, sob as ordens do comitre. Dividiram os mouriscos fugitivos em grupos para que pudessem acomodar-se na estreita superfície lateral que havia entre a área de remo e as plataformas que chegavam até a borda. Depois voltou o olhar para o arrais de seu navio, de pé na proa, o longo cabelo louro próprio dos cristãos renegados do Adriático caindo-lhe até os ombros, suavemente embalado pelo ritmo que os remadores imprimiam. Brahim cuspiu no mar. A ajuda que lhes prestavam para a fuga não se sustentava senão num interesse comercial: os corsários aceitavam transportar aquela desprezível carga humana com a única finalidade de obter o favor dos habitantes do lugar.

Por isso, assim que a flotilha de galeotas entrou no porto de Argel e avistou suas grandes e imponentes muralhas enquanto ulemás, alfaquis e todos os tipos de pessoas correram para recebê-los ao som de atabales, Brahim decidiu que não continuaria nem um só dia mais numa cidade tão hostil com os mouriscos de al-Andalus como seria aquele ninho de corsários. Vagueou por suas ruas por uns dois dias, longe dos mouriscos que iam vender-se como mão de obra tão barata como na Espanha aos proprietários dos numerosos hortos ou campos de árvores frutíferas que rodeavam a cidade, ou até às grandes plantações de trigo da planície de Yiyelli. Por fim, no mercado, encontrou uma caravana que partia para Fez e tentou incorporar-se a ela, prometendo trabalhar duro como ninguém por restos de comida. Estava com fome! Havia tido de lutar com homens mais fortes que ele, dotados de duas mãos, pelo lixo dos argelinos.

– Sou arrieiro – afirmou quando viu que o árabe que devia ser o chefe da caravana, um homem do deserto vestido à maneira beduína, desviava o olhar para o coto e balançava a cabeça.

Então Brahim quis demonstrar-lhe sua valia com os animais, mesmo com uma só mão. Hesitou ao recordar os problemas que Ubaid havia tido para manejar as mulas nas Alpajarras, mas por fim se dirigiu para um numeroso grupo de camelos que descansavam sobre as quatro patas. Era a primeira vez que via um camelo e ainda por cima naquela complicada posição, com as patas dobradas; sua corcova superava em altura qualquer das mulas com que o arrieiro havia trabalhado.

Acariciou a cabeça do animal diante da curiosidade do chefe da caravana e da mais absoluta indiferença do camelo. Depois tentou que ele ficasse de pé e puxou a corda com a mão esquerda, mas o camelo nem sequer mexeu a cabeça. Puxou para um lado e para o outro, como fazia com as mulas quando não queriam seguir adiante, para enganá-las e conseguir que empreendessem o passo para um lado, mas o teimoso do animal permaneceu impassível. Brahim viu que ao redor do árabe se havia reunido um pequeno grupo de pessoas que observavam a cena sorrindo; um deles apontava para ele, enquanto urgia com outro cameleiro para que se juntasse ao espetáculo. Por que aquela pressa?, pensou. Sentiu a humilhação ferver e deu um forte puxão na corda do camelo para que este se levantasse, mas, quando ia dar o segundo puxão, o animal deu uma dentada que lhe atingiu o estômago. Saltou para trás, tropeçou e caiu no chão no meio da bosta dos camelos e das risadas dos homens da caravana. Era isso! Sabiam que iria mordê-lo. Ajoelhou-se para levantar-se tentando dar as costas para o grupo de cameleiros. Os risos pararam, salvo uma gargalhada infantil, aguda, que continuou ressoando no acampamento. Enquanto se levantava, hesitou em virar o rosto para o lugar de onde vinha aquele riso tão inocente como irritante. Por fim o fez e topou com um menino de cerca de oito anos, todo vestido com roupas de seda verde bordada, como um pequeno príncipe. A seu lado estava um homem enjoiado e armado de um alfanje em cuja bainha brilhavam numerosas pedras preciosas incrustadas, tão luxuosamente vestido como o menino; atrás deles, três mulheres, todas com uma túnica negra de mangas largas, envoltas num manto negro ou azul, seguro por um alfinete de prata

sobre a túnica, o rosto coberto por um véu em que havia uma abertura para os olhos. Os pulsos e os tornozelos das mulheres eram adornados com numerosos aros de prata. Brahim olhou diretamente para o menino. Estava com fome! Muita fome. Ficar na cidade implicaria morrer de inanição, ou nas mãos de algum janízaro ou corsário se o pegassem roubando, único destino que lhe restava salvo o de voltar a trabalhar no campo. Com uma só mão, nem sequer podia trabalhar de remador ou vender-se como galeote!

Observou que o homem do alfanje apoiava carinhosamente uma das mãos no ombro do menino, cujos risos já haviam terminado, e então pensou: piscou um olho para o pequeno, deu um passo, procurou apoiar o pé descalço em cima de um dos muitos excrementos que estavam espalhados por todas as partes, e se deixou escorregar exagerando a queda com que terminou de novo no chão. As gargalhadas do menino rebentaram outra vez, e, de soslaio, Brahim verificou que os lábios do homem se contorciam num sorriso. Do chão, gesticulou e fez mil trejeitos, desajeitados todos eles. Que inventar para conquistar aquele menino e seu pai?, pensava enquanto isso. Jamais havia atuado como palhaço, mas agora precisava. Devia deixar aquela cidade em que todos o olhavam por cima do ombro, como em Córdova! Não havia feito tão longa viagem para terminar outra vez como um vulgar camponês, por mais mesquitas a que pudesse ir para chorar suas penas! Fingiu tropeçar várias vezes quando pretendia levantar-se, e as gargalhadas do menino o animaram: dirigiu-se para outro camelo estendido e saltou sobre sua corcova, deixando-se cair como um saco do outro lado; aos risos do menino se juntaram outros, que ele não reconheceu, supondo porém que procedessem dos cameleiros. Experimentou montar de novo com o mesmo resultado e ao final terminou rodeando o camelo, examinando-o com atenção, levantando-lhe a cauda, como se pretendesse averiguar onde se escondia seu segredo.

Ao escutar a primeira risada do homem do alfanje, Brahim se dirigiu para eles e lhes fez uma reverência; o menino lhe mostrou uns

grandes olhos castanhos cheios de lágrimas. O homem anuiu e lhe entregou uma moeda de ouro, uma soltanina cunhada na própria Argel, e foi então que Brahim se apercebeu da dor que atenazava todo o seu corpo, especialmente na barriga, ali onde lhe havia mordido o camelo.

Permitiram-lhe viajar como o palhaço do filho do rico mercador de Fez, Umar ibn Sawan. Cerca de cinquenta camelos carregados de caras mercadorias, vigiados por um pequeno exército contratado por Umar, se puseram em marcha para percorrer a Berbéria central, desde Argel até Tremecén, e dali à magnífica e rica cidade de Fez, erguida entre cerros e colinas no centro do reino de Marrocos. Durante o trajeto, Brahim compreendeu o porquê da mordida do camelo: seus tratadores os tratavam com carinho e extrema delicadeza. Uma simples vara com que lhes roçavam os joelhos e o pescoço servia para que se levantassem ou se deitassem, e, em lugar de fustigá-los para que apertassem o passo nas longas jornadas, quando o cansaço começava a tomar conta, lhes cantavam! Para surpresa do muleiro alpujarrenho, os animais respondiam esforçando-se e apertando o passo. Umar e seu filho, Yusuf, viajavam montados em cavalos árabes do deserto, pequenos e delgados porque eram alimentados apenas com leite de camela duas vezes ao dia. No entanto, como ouviu, o que era montado pelo pai valia uma fortuna: havia conseguido vencer um avestruz na corrida nos desertos da Numídia, onde o adquirira o mercador. As três mulheres de Umar viajavam escondidas em pequenas cestas cobertas de belíssimos tapetes que balançavam incessantemente ao passo dos camelos que as transportavam.

Brahim viajava a pé, entre camelos, tratadores, escravos, criados e soldados. Comprou um par de sapatos velhos e um turbante com parte da soltanina de ouro com que o mercador o havia premiado pelos risos de seu filho; risos que também esperava soltar à custa dele o restante da comitiva, razão por que ele era constante objeto de escárnios, pilhérias e empurrões. O arrieiro simulava grotescas quedas,

permitindo que o ridicularizassem a todo momento. Então respondia aos escárnios com sorrisos e trejeitos engraçados. Descobriu que, quando andava de quatro, protegendo o coto com o pano do turbante, sentindo uma pontada de dor cada vez que o apoiava no chão, os viajantes se riam; também o faziam quando, sem razão alguma, ele começava a correr em círculos ao redor de um camelo ou de uma pessoa, ululando como um louco. O pequeno Yusuf ria em seu cavalo, fora da comitiva, sempre acompanhado de seu pai.

Todos eles eram imbecis!, pensava nos momentos de descanso. Por acaso não eram capazes de perceber a ira de seus olhos? Porque, em cada ocasião em que Brahim originava uma gargalhada, um ardor incontrolável nascia em seu estômago para queimar-lhe todo o corpo. Como era possível não perceberem o fogo que brotava de suas pupilas?! Andava entre os cameleiros e olhava de soslaio para os dos cavaleiros, via como conversavam e galopavam para cima e para baixo da caravana; como sorriam e davam incessantes ordens que os homens atendiam com atitude servil. Também olhava o luxo dos tapetes que cobriram as cestas das três mulheres e, de noite, depois de ter divertido durante um bom tempo o pequeno Yusuf, invejava as grandes tendas em que se alojavam o mercador e sua família, transbordantes de panos confortáveis, de almofadas e dos mais variados utensílios de cobre ou ferro, muito mais luxuosas que qualquer das casas que Brahim já conhecera. Quando Umar, suas mulheres e Yusuf se retiravam, ele se deitava no chão, junto às tendas.

A uma jornada de Tremecén, chegou à conclusão de que devia fugir. Haviam atravessado montanhas e desertos, e as pessoas falavam do próximo deserto que os esperava após passarem pela cidade: o de Angad, onde grupos de árabes atacavam as caravanas que faziam a rota entre Tremecén e Fez. Árabes. Já se achava entre árabes: o reino de Tremecén, o de Marrocos, o de Fez. Estava farto de humilhações, de pancadas e de escárnios! Estava farto de desertos e de camelos que se moviam ao som de estúpidas ladainhas!

Os soldados de guarda das tendas o consideravam um louco idiota, assim como os escravos e a maioria dos componentes da caravana, razão por que fazia tempo que haviam deixado de vigiar seus movimentos ou o que fazia enquanto dormia junto à tenda. Por isso, na noite em que acamparam a algumas léguas de Tremecén, Brahim não teve o menor impedimento para entrar na de Umar, arrastando-se por baixo de uma de suas laterais. Pai e filho dormiam profundamente. Escutou a compassada respiração de ambos e esperou que sua visão se acostumasse à tênue iluminação dos lampejos do fogo do lado de fora da tenda, ao redor do qual dormitavam os três guardas. Perscrutou o interior, as sedas e os tapetes, as luxuosas roupas do mercador e de seu filho... e, junto a Umar, um cofrezinho de metal com pedras preciosas engastadas. Quase arrastando-se, para impedir que se visse alguma sombra do exterior, aproximou-se de Umar e pegou o cofre, apesar de ter tido de largá-lo para, com sua única mão, introduzir a magnífica adaga do mercador em seu próprio cinto. Pegou de novo o cofre e saiu por onde havia entrado. Arrastou-se do lado de fora da tenda e compreendeu que acabara de fazer uma terrível aposta: fugir ou morrer. Se o descobrissem... Escondeu o cofrezinho no turbante, amarrou-o firmemente na cintura e andou encolhido por entre os camelos e as pessoas que dormiam; avançava muito devagar, a fim de impedir o tilintar procedente do interior do cofre, audível apesar do pano que o envolvia, até chegar perto de onde se armazenavam as mercadorias que os camelos transportavam. Ali também se postavam homens de guarda. Inspecionou os arredores em busca de alguma das fogueiras que se haviam acendido durante a noite; encontrou uma, dirigiu-se para ela, descalçou-se e pôs uma brasa candente dentro de seu sapato. Voltou ao lugar das mercadorias e, escondido a alguns passos, esperou que os guardas se afastassem em suas rondas constantes. Então lançou a brasa, com o sapato, no meio de alguns fardos em que se adivinhavam ricas sedas. Sem verificar o resultado de seu lançamento, dirigiu-se para onde dormiam amarrados os cavalos de Umar e de seu filho.

Acariciou os cavalos para que se tranquilizassem e se acostumassem à sua presença; esses animais, sim, ele conhecia. Vários homens dormiam muito perto. Quando considerou que os cavalos aceitariam seus manejos sem se incomodarem e sem despertar seus tratadores, soltou-os silenciosamente e embocou o de Umar, aquele que havia conseguido vencer o avestruz. Então esperou, agachado. Alguém daria a voz de alarme. O tempo passava lentamente sem que nada sucedesse; Brahim já imaginava o alfanje de Umar em seu pescoço, em castigo pelo roubo que acabara de cometer, quando soou um primeiro grito a que se seguiram muitos outros. Uma densa fumaceira, ainda sem chamas, subia na escuridão da pilha de mercadorias. Os homens saltaram para pôr-se de pé, e uma impressionante labareda que rugiu ao surgir o surpreendeu, enquanto o caos se apoderava do acampamento. Perdeu alguns instantes extasiado diante daquela língua de fogo de um vermelho intenso que parecia querer lamber o céu.

– Que é que está fazendo com os cavalos? – gritou-lhe o moço que se ocupava deles e que, em lugar de dirigir-se para o fogo, o fez para os animais.

Brahim despertou e tentou atrair-lhe a atenção com uma careta grotesca. Quando o jovem lhe olhava o rosto, estranhando sua reação, sacou a adaga e a afundou em seu peito. Aquela seria a última palhaçada que faria na vida, prometeu-se ao montar de um salto o cavalo, a pelo, com um sapato a menos.

E, enquanto as pessoas corriam daqui para lá esforçando-se para apagar o fogo, Brahim partiu a galope em direção ao norte, com o cavalo de Yusuf a seu lado, por tendência natural. Em pouco tempo, cavalos e cavaleiro se perderam na noite.

Chegou a Tetuão quase no final de outubro de 1574, após dias de cavalgada a começar de Tremecén. Evitou os caminhos, deixando-se guiar por seu instinto e experiência como arrieiro, sempre para o norte, escondendo-se ao menor movimento que percebesse e sem demasiada confiança por mais que tivesse chegado à convicção de que

Umar não o perseguia por aquelas ásperas terras. Os dois cavalos eram muito valiosos, e o interior do cofre lhe revelou uma segunda fortuna, composta de pedras preciosas e diferentes moedas de ouro: dirhams, rúbias, zianas, doblas, soltaninas e escudos espanhóis.

Tetuão era uma pequena cidade encravada no sopé do monte Dersa, no vale do rio Martil. Ficava a apenas seis milhas do Mediterrâneo e a cerca de dezoito do estreito de Gibraltar, num ponto estratégico do tráfego naval. Fértil, gozava de abundante água, que lhe chegava da serra do Hauz e da cordilheira do Rif. A medina amuralhada da cidade havia sido reconstruída e repovoada pelos muçulmanos que haviam fugido após a rendição de Granada aos Reis Católicos, razão por que seus habitantes eram majoritariamente mouriscos.

Rompeu sua promessa de não voltar a apresentar-se como palhaço e, após esconder cavalos e dinheiro nas montanhas, entrou na cidade pela Porta de Bab Mqabar, junto ao cemitério, como um mendigo louco, com apenas algumas moedas escondidas. O espírito muçulmano que se respirava – a forma de falar e de vestir das pessoas, a distribuição das ruas semelhante à do Albaicín de Granada ou de qualquer pequeno povoado das Alpujarras – logo o convenceu de que aquele era o lugar onde devia viver. Persuadiu um vadio andrajoso, de olhos vivos, redondos e grandes e com o couro cabeludo careca por causa da sarna, a que o guiasse pela cidade. Surpreendeu os vendedores do mercado e o rapaz, e comprou roupas novas e todo o necessário para apresentar-se no lugar escolhido com certa distinção. Também comprou roupa para Nasi, que era o nome do velhaco. Não podia entrar em Tetuão com aquele aspecto de indigente, se viajava com dois magníficos cavalos e um cofre cheio de ouro. Depois voltou com o espantado rapaz para onde havia escondido os cavalos, lavou-se num riacho e obrigou Nasi a fazer o mesmo, vestiu-se, pôs uma esteira em cima do cavalo ao modo de sela, e carregou o de Yusuf com os volumes para que Nasi, com a cabeça coberta por um turbante, o puxasse como se se tratasse de seu criado, coisa que o rapaz aceitou fazer assim que escutou a oferta de comer diariamente.

– Mas, se contar algo de mim, eu lhe cortarei o pescoço – ameaçou-o mostrando-lhe o gume da adaga.

Nasi não pareceu impressionado diante da arma, mas sua resposta soou sincera:

– Juro por Alá.

Alugaram uma boa casa de um só andar que dispunha de uma horta na parte de trás.

No último quarto daquele século XVI, quando Brahim se estabeleceu na cidade, o negócio do corso mudou completamente. Do porto de Tetuão, Martil, zarpavam numerosas embarcações, geralmente pequenas, para atacar as costas espanholas em competição com as demais cidades corsárias da Berbéria: Argel, Túnis, Sargel, Vélez, Larache ou Salé. Mas, a partir de então, a chegada de grandes navios redondos franceses, ingleses ou holandeses ao Mediterrâneo levou os armadores de Argel a substituir suas delicadas galeotas e galés de casco fino e leve por grandes veleiros redondos armados com dezenas de canhões, para poderem alcançar e vencer aquelas novas embarcações; assim, pois, o raio de influência dos senhores do corso argelino conseguiu chegar às regiões mais remotas do Mediterrâneo, por mais afastadas que pudessem ficar de seus portos, e até ao Atlântico: Inglaterra, França, Portugal e até Islândia.

O corso menor, aquele que chegava às costas espanholas para saqueá-las em rápidas e inesperadas ações de pilhagem, sem chegar a cessar, tornou-se uma atividade secundária para aqueles grandes povos corsários. Assim, uma vez estabelecido em Tetuão, Brahim se transformou no armador de três embarcações com doze bancos de remadores cada uma, com uma condição que os arrais das embarcações aceitaram: ele iria pessoalmente nas expedições porque, embora não entendesse de navegação, quem melhor que um arrieiro que conhecia palmo a palmo as costas de Granada, Málaga e Almería para dirigir os ataques?

Em março de 1575, aberta já a época de navegação e no comando de um grupo de trinta mouriscos, o antigo arrieiro alpujarrenho

desembarcou nas costas almerienses, perto de Mojácar, sem que nenhum guarda das nove torres defensivas que se achavam distribuídas em apenas sete léguas de costa, entre Vera e a própria Mojácar, para a vigilância daquela parte do litoral almeriense, avistasse as embarcações e desse o alarme.

– As defesas estão desguarnecidas ou derruídas – comentou rindo o arrais que navegava com Brahim. – Algumas torres nem sequer dispõem de guarda, ou este não é mais que um velho que prefere dedicar-se a seu horto em vez de fazer um trabalho pelo qual o rei Felipe não lhe paga.

E assim era. Por mais incursões corsárias que se dessem na Espanha, o sistema defensivo composto por torres de vigilância que se estendiam ao longo das costas, com guardas que deviam alertar as cidades e as tropas, se tinha degradado por falta de recursos econômicos, a ponto de ser praticamente ineficaz.

Nessa ocasião ninguém impediu Brahim de tomar parte no saque de algumas granjas próximas de Mojácar. Cerca de meia centena de homens, entre mouriscos e galeotes livres, desembarcaram nas costas de al-Andalus; outros ficaram cuidando das embarcações, e a maioria se dispersou em grupos em busca do butim. Brahim parou por um instante e os viu correr terra adentro. A Espanha! Respirou profundamente e se inchou de orgulho. Voltava a estar na Espanha, e aqueles eram seus homens! Ele lhes pagava! Tinha um pequeno exército a seu serviço.

– O que está esperando? – urgiu-lhe o arrais que comandava seu grupo. – Já não temos tempo!

Para além da praia encontraram alguns camponeses trabalhando em suas terras. Brahim os viu fugir assustados com os corsários atrás deles; alcançaram dois.

– Por ali! – gritou Brahim apontando para a sua esquerda. – Ali há algumas casas.

Lembrava-se delas. Havia transitado por aquela área.

Os berberes correram para onde indicava o antigo arrieiro. Quando chegaram a um pequeno grupo de casas humildes, seus moradores também já se haviam ido, advertidos pelos gritos dos que haviam fugido dos campos.

Brahim abriu a porta de uma das casas com um forte pontapé. Não era necessário, mas o gesto o fez sentir-se poderoso, invencível. Nada pôde aproveitar do interior da casa de uma miserável família camponesa.

Após um tempo se reuniram todos na praia, sem baixas, sem luta alguma, com pouco dinheiro, algo de quinquilharia e muita roupa de pouco valor, mas com quinze cativos, entre os quais se destacavam, pelo considerável ganho que poderiam obter com elas no mercado de escravos de Tetuão, três jovens mulheres galegas, sadias e formosas, das que haviam ido repovoar o reino de Granada após a expulsão dos seus.

Enquanto os homens embarcavam às suas costas, Brahim, suarento, o rosto congestionado, excitado, voltou a cravar os olhos nas terras de al-Andalus. Pouco além se alçava Sierra Nevada, com seus cumes e seus rios e seus bosques e...

– Voltei, seu bastardo nazareno! – gritou. – Fátima, aqui estou eu! Juro por Alá que um dia recuperarei o que é meu!

37

Córdova, outubro de 1578

Hernando esporeou Corretón, e o ar frio das invernadas cordovesas lhe golpeou o rosto. O potente retumbar dos cascos na terra úmida não conseguiu calar as imprecações de José Velasco e Rodrigo García, que galopavam atrás dele tentando alcançá-lo. Desafiou-os na mesma invernada, rodeados de éguas e potros: "Corretón é capaz de vencer qualquer um dos seus cavalos." Em meio a simpáticos escárnios, os dois veteranos domadores se mostraram incrédulos.

– O último a chegar àquele sobreiral – Hernando assinalou o limite da invernada, onde as árvores limitavam o campo das éguas – pagará uma rodada de vinho.

Inclinado para a frente na sela, sobre o pescoço esticado de Corretón, as rédeas longas, mantendo um leve contato com a boca do cavalo e sentindo nas pernas o frenético ritmo dos impetuosos e velozes trancos do cavalo, continuou esporeando-o para que aumentasse a vantagem sobre os que o seguiam. Aquele era um grande dia para todos os mouriscos. Antes que saíssem para trabalhar no campo, a notícia se espalhava pela cidade ao repicar dos sinos de todas as igrejas: D. João de Áustria havia falecido de tifo em Namur, sendo governador dos Países Baixos. O verdugo das Alpujarras acabou seus dias num simples casebre.

Corretón galopava como poucos cavalos faziam, e Hernando gritou. Gritou tanto quanto lhe permitiram seus pulmões. Pelas mulheres e pelas crianças de Galera que o príncipe cristão mandara executar!

A menos de um quarto de légua do sobreiral, Rodrigo primeiro, José depois, o superaram lançando-lhe uma chuva de barro e pequenos seixos rolados. Hernando diminuiu a corrida até chegar ao lugar onde o esperavam os dois cavaleiros, já no sobreiral, galopando devagar, para que suas montarias recuperassem o fôlego tranquilamente.

– Brindaremos por você! – ofegou Rodrigo.

José riu e fingiu levar um copo aos lábios.

– É muito mais jovem que os vossos cavalos – defendeu-se o mourisco.

– Você devia tê-lo levado em consideração na hora de dizer bravatas – advertiu-o o lacaio de D. Diego. – Não vai se retratar?

– Vós sabíeis! Escolhi mal a distância.

Rodrigo se aproximou dele e lhe bateu no ombro.

– Pois isso lhe custará dinheiro.

Os animais começaram a respirar normalmente e se prepararam para voltar à cidade. Então Rodrigo lhes chamou a atenção.

– Olhem! – exclamou apontando para a espessura.

A garupa e os quartos traseiros de uma égua apareciam por entre um matagal. Aproximaram-se e desmontaram. José e Rodrigo foram inspecionar o cadáver da égua, enquanto Hernando ficava cuidando dos cavalos.

– É uma das mais velhas – comentou José do lugar em que jazia o animal. Os dois voltaram ao lugar onde Hernando esperava e montaram de novo. – Mas deu muito bons potros – afirmou ao modo de epitáfio. – Nós voltaremos para Córdova – acrescentou dirigindo-se ao mourisco –, e você vá procurar o tratador de éguas e diga-lhe que aqui há um cadáver. Volte com ele e, após ele ter esfolado a égua, leve o pelame para mostrá-lo ao administrador a fim de que dê baixa nos livros. Ah, e apresse-se para que nenhum animal se ocupe do cadáver e faça desaparecer a marca do ferro do rei!

Se algum carniceiro atacasse o cadáver onde a égua estava ferrada com o "R" coroado e este desaparecesse, seria impossível comprovar

sua morte diante do administrador e os tratadores de éguas se veriam num verdadeiro apuro.

O pelame da égua morta com sua marca a ferro bem visível, que Hernando levava atravessado adiante da sela, fedia como aqueles que ele transportara do matadouro para o curtume fazia mais de sete anos. Como havia mudado sua vida nesse tempo! Encontrar o tratador de éguas, voltar ao sobreiral e esfolar o cadáver lhe tomou quase tudo o que restava do dia; quando terminou, o sol já se escondia, brincando com a silhueta que se adivinhava de Córdova: a catedral emergindo da mesquita, o alcácer, a torre da Calahorra e os campanários das igrejas iluminadas com um resplendor avermelhado acima das casas. O silêncio no campo era quase absoluto, e eles se moviam a passo. Corretón pisava com suavidade, como se tivesse consciência do feitiço. Hernando suspirou. O cavalo volteou as orelhas para ele, surpreso, e o cavaleiro lhe palmeou o pescoço.

Cerca de ano e meio atrás, um jovem domador havia sofrido um acidente nas invernadas; um touro que ele corria derrubou o cavalo e chifrou o homem na entreperna.

Os cavaleiros que o acompanhavam levaram Alonso, que era como se chamava o acidentado, para as cavalariças reais. Ele sangrava abundantemente, embora não parecesse que o chifre tivesse afetado zonas vitais. Contudo, quando o cirurgião chegou às cocheiras e viu o ferimento que ele tinha na entreperna e diagnosticou que teria de intervir na região da glande do membro de Alonso, este não se deixou tocar enquanto um escrivão público não chegasse e, antes de ele ser tocado pelo cirurgião, desse fé de que seu membro não era circuncidado. Foi Hernando quem teve de correr em busca do escrivão público. Temeu que Alonso se esvaísse em sangue no tempo que levasse o funcionário para responder e pôr-se em marcha, mas a ninguém parecia importar aquela possibilidade: todos os presentes, incluído o cirurgião, admitiram como lógica a exigência de Alonso. Era mais importante não parecer um judeu ou muçulmano que a própria vida!

Para sua surpresa, o escrivão venceu a preguiça assim que o escutou, lhe entregou seus papéis e instrumentos de escrita para que os levasse e correu para as cocheiras, onde, debruçado sobre a entreperna do ferido, acompanhou com interesse os dedos e as explicações do cirurgião entre o sangue e a carne lacerada, para verificar pessoalmente que o tal Alonso efetivamente não era previamente circuncidado. Então lavrou em ata que durante aquela intervenção e por motivos médicos, no dizer do cirurgião, havia sido necessário proceder ao corte do prepúcio do membro do cavaleiro. Depois entregou o documento ao doente, que o segurou como se nisso lhe estivesse implicada a vida... ou a honra.

– Não creio que Alonso possa voltar a montar um dia – comentou D. Diego a seu lacaio após assinar o documento público na qualidade de testemunha. – Você sabe montar? – perguntou de supetão a Hernando, que ainda permanecia junto ao escrivão.

– Sei... – hesitou ele diante da oportunidade que tanto desejava. D. Diego verificou sua afirmação montando-o num cavalo de quatro anos, pronto para ser entregue ao rei. Então, assim que sentiu entre as pernas a pujança de um daqueles animais, ressoaram em sua cabeça todos e cada um dos conselhos de Aben Humeya: erguido; reto; orgulhoso, sobretudo orgulhoso; suave na mão; são suas pernas que mandam; enérgico só se necessário; dance! Dance com seu cavalo! Sinta-o como se fosse parte de você! E ele dançou com o cavalo, pedindo-lhe os movimentos que durante mil dias ele havia visto os experientes cavaleiros obter de suas montarias enquanto as trabalhavam no pátio de cavalos ou nos pórticos, o picadeiro coberto que o rei mandara construir para proteger os animais do clima extremo dos verões e invernos. Ele mesmo se surpreendeu com a resposta do cavalo às suas pernas e à sua mão, extasiando-se com o aspecto e a domação daquele exemplar da mais pura raça espanhola.

– Tem o mesmo instinto, a mesma arte que exibe para cuidar dos potros com o pé no chão – comentou D. Diego com José e Rodrigo

enquanto contemplavam as evoluções de cavaleiro e cavalo. – Ensinem-no. Ensinem-lhe tudo quanto sabem.

E os domadores o fizeram. Também o fez D. Julián na biblioteca da catedral de Córdova, que o cabido havia decidido transferir naquele mesmo ano. Graças ao sacerdote, Hernando se aprofundou no conhecimento da língua sagrada até chegar a dominar o árabe culto. Ia à mesquita de noite, depois de ter trabalhado nas cavalariças, quando o vaivém de sacerdotes e pessoas diminuía, antes do ofício de completas, às vezes mesmo depois, e de que se fechassem as portas do templo. D. Julián era o último dos sacerdotes que os mudéjares primeiro, e os mouriscos depois, após o cardeal Cisneros e os Reis Católicos terem ordenado sua expulsão ou sua conversão forçada, conseguiram introduzir de forma sub-reptícia na grande mesquita cordovesa.

– Desde que o rei Fernando conquistou Córdova e a mesquita caiu nas mãos dos cristãos – explicou-lhe D. Julián com sua voz suave, sentados os dois sozinhos a uma mesa da biblioteca, face a face, diante de alguns documentos e de uma lâmpada –, quase sempre houve um muçulmano disfarçado com hábito sacerdotal. Nossa função foi a de orar neste recinto sagrado, ainda que em silêncio, e também a de saber o que opina a Igreja, o que pensa em fazer, e avisar disso todos os nossos irmãos. Só de dentro de suas igrejas e de seus cabidos se pode conseguir tudo isso.

– Não quererеis que eu me ordene sacerdote! – surpreendeu-se Hernando.

– Não, é claro que não. Infelizmente, infiltrar novos muçulmanos entre os religiosos cristãos já é quase impossível. Os processos de verificação de limpeza de sangue e as informações que têm de ser dadas para ocupar qualquer cargo no cabido da catedral foram se complicando com o tempo.

Hernando conhecia os processos de verificação de limpeza de sangue. Tratava-se de procedimentos administrativos pelos quais uma pessoa devia demonstrar que entre seus antepassados não havia nenhum converso muçulmano ou judeu. A limpeza de sangue se

transformou, na Espanha, em requisito imprescindível não só para fazer parte do clero, mas para ocupar qualquer cargo público.

– O estatuto de limpeza de sangue desta catedral – continuou dizendo D. Julián – foi aprovado em agosto de 1530, embora não tenha sido ratificado por bula papal senão mais de vinte anos depois, apesar de que durante esse espaço de tempo tivesse sido aplicado por ordem do imperador Carlos. No tempo em que eu superei esse obstáculo, há alguns anos já – o velho sacerdote balançou a cabeça como se a recordação lhe pesasse –, os processos de verificação de limpeza de sangue ocupavam doze folhas, e a informação era bastante sumária. Hoje chegam a ocupar até duzentas e cinquenta folhas ou mais, e incluem precisas investigações sobre os pais, os avós e os demais antepassados; sobre os lugares de residência, os cargos, a vida... Enfim, duvido muito que, quando eu faltar, se é que não me descobrem antes, possamos continuar com este estratagema. Devemos, portanto, fortalecer aqueles mecanismos de proteção que não dependam de nossa presença nas igrejas.

"Somente em Granada é diferente", explicou o sacerdote. "Ali, o arcebispo se mostra renitente em aplicar os processos de verificação de limpeza de sangue. Granada ainda é povoada por grandes famílias procedentes da nobreza muçulmana e que se integraram na hierarquia cristã na época dos Reis Católicos: há até sacerdotes, jesuítas ou frades que descendem de mouriscos. É realmente complicado aplicar naquele reino os estatutos de limpeza de sangue... Mas chegarão, também chegarão a eles."

Durante os cinco anos que estava trabalhando com D. Julián, Hernando havia tido oportunidade de conhecer os mecanismos a que se referia o sacerdote e que eram exercidos através do conselho composto pelos três anciãos da comunidade: Jalil, Karim e Hamid, mais D. Julián, Abbas e ele mesmo. Reunirem-se os seis era extremamente complexo para Hamid, dada a sua condição de escravo, mas, além disso, implicava um grande perigo, sobretudo para o clérigo, razão por que Hernando atuava de mensageiro entre todos eles

naquelas situações excepcionais que requeriam uma decisão conjunta. Dada a necessidade de ir à catedral de noite, ele conseguiu com o escrivão das cavalariças um documento especial que lhe permitia uma liberdade de movimentos de que raramente dispunham os outros mouriscos de Córdova.

Assim sucedeu assim que ele começou a trabalhar com o bibliotecário. Em 1573, a comunidade muçulmana teve conhecimento de que se preparava um levantamento em Aragão; as notícias chegavam através dos *monfíes* e dos arrieiros que se deslocavam de um lugar para outro.

Os mouriscos daquele reino se haviam posto em contato com os huguenotes franceses prometendo-lhes ajuda militar e econômica se invadissem Aragão. Assim que correu o rumor, muitos homens de Córdova e de seus lugares se mostraram dispostos a ir a Aragão para levantar-se em armas contra os cristãos. O conselho decidiu aplacar aqueles ânimos e pediu aos crentes de toda Córdova que se mantivessem em expectativa e não tomassem decisões precipitadas. Dois anos depois, o francês que havia atuado de intermediário entre huguenotes e mouriscos foi detido pela Inquisição e confessou sob tortura. O conde de Sástago, vice-rei de Aragão, ordenou também que os inquisidores prendessem e torturassem mouriscos escolhidos ao acaso nas povoações do reino, para verificar a veracidade dos planos.

Em dezembro de 1576, repetiram-se os acontecimentos: circulavam cópias de uma carta do sultão da Sublime Porta em que se anunciava a chegada de três frotas muçulmanas que desembarcariam ao mesmo tempo em Barcelona, Denia e Múrcia. Em maio do ano seguinte, a Inquisição interceptou uma carta do bei de Argel em que avisava os mouriscos espanhóis de que a frota não chegaria senão em agosto e de que seu desembarque coincidiria com uma invasão vinda da França, instando aos mouriscos que fossem para as montanhas quando tal sucedesse. No entanto, naquele outubro de 1578 nada se sabia de frotas ou desembarques.

– Nossos irmãos de fé só se preocupam com seus interesses mais imediatos – afirmou Karim. Era domingo e, após a missa, inusualmente, haviam conseguido reunir-se todos, menos D. Julián, na casa de Jalil. Estavam sentados no chão, sobre esteiras, enquanto os jovens vigiavam na rua dos Moriscos a possível chegada de jurados ou sacerdotes. A dura asseveração de Karim conseguiu que Hamid e Jalil baixassem os olhos; Abbas fez menção de contradizê-lo, mas Karim o impediu. – Não, Abbas, é verdade. Na rebelião das Alpujarras se limitaram a enviar-nos corsários e delinquentes, enquanto as tropas que nos tinham prometido atacavam Túnis e o sultão invadia Chipre. Não faz muito tempo que os argelinos voltaram a ocupar Túnis e Bizerta e conseguiram expulsar os espanhóis da Goleta, e quanto ao sultão...

– Já faz tempo que o sultão chegou a um acordo com o rei Felipe para que a frota turca não ataque os portos do Mediterrâneo – interrompeu-o Hernando. Os três anciãos olharam para ele, surpresos, e Abbas soltou um bufo de incredulidade. – Aquele que vocês sabem – nem sequer na intimidade queriam nomear D. Julián; só eles cinco sabiam em Córdova quem era na verdade o sacerdote – teve conhecimento dessa circunstância. Trata-se de acordos secretos. O rei não quer mandar uma embaixada formal e enviou um cavaleiro milanês para negociar a paz; a tal ponto se deseja manter o segredo das negociações, que o milanês transita por Constantinopla vestido com roupas de escravo. O rei Felipe não quer que os franceses interfiram em suas negociações e tampouco que a cristandade o considere um traidor por pactuar a paz com os hereges, mas é assim. Os turcos desviaram seus esforços para a Pérsia, com que estão em guerra, razão por que estão tão interessados como os cristãos nesses acordos de paz.

– Isso significa... – começou a dizer Karim.

– Que todas as promessas de libertação para o nosso povo são novamente falsas – terminou a frase Hamid.

Hernando escutou o alfaqui com o estômago apertado. Hamid havia feito um esforço para falar. Suas palavras foram firmes, cortantes

e secas, mas depois delas pareceu esvaziar-se. Ele envelhecia; envelhecia com uma rapidez incomum.

Por alguns instantes o silêncio dominou a peça em que eles se encontravam, cada um sopesando aquela realidade.

– Não deve conhecer! – exclamou por fim Karim. – A comunidade não deve saber dessas circunstâncias...

– De que adiantaria não sabê-las? – interrompeu-o Hernando.

– Não podemos negar-lhes a esperança – respondeu Jalil, unindo-se às palavras de seu companheiro. Hernando observou que Hamid assentia. – É a única coisa que nos resta. As pessoas falam de turcos, argelinos e corsários com os olhos brilhando, acesos. Que poderíamos fazer sem a ajuda deles? Rebelar-nos de novo? – Jalil deu um soco no ar, violentamente. – Não temos armas, e controlam até o nosso menor movimento. Se no nosso terreno, na fragosidade das serras, armados e entusiasmados, sofremos uma derrota, agora nos aniquilariam! Se as despojarmos da esperança nessa ajuda da Sublime Porta, as pessoas cairão no desespero e se lançarão nos braços dos cristãos e de sua religião. Isso é o que eles pretendem. Devemos manter viva aquela esperança. Todas as nossas profecias o anunciam: nós, os muçulmanos, voltaremos a reinar em al-Andalus!

Hernando se viu obrigado a concordar com aquela postura.

– Deus, o que dá poder, o que humilha – sentenciou Hernando, trocando um olhar com Hamid –, nos protegerá.

Hernando e Hamid se falaram com os olhos; os demais respeitaram aquele momento de comunhão.

– Deus – sussurrou então o alfaqui, cantando, tal como nas Alpujarras – extravia quem Ele quer e dirige quem Ele quer. Que sua alma, ó Muhammad!, não se engolfe na aflição a respeito de sua sorte. Deus conhece suas ações.

Passaram outros instantes em silêncio.

– Continuemos, pois, aceitando as promessas de ajuda que nos chegam da parte dos turcos – disse Jalil, que rompeu o feitiço produzido pelas palavras de Hamid. – Finjamos recebê-las com

esperança, mas tentemos ao mesmo tempo que nossos homens não se unam a planos ilusórios.

Deram por encerrada a sessão, e Abbas ajudou Hamid a levantar-se. Por precaução, costumavam deixar separadamente os lugares em que se reuniam, dando um tempo de espera entre a partida de um e de outro. Hamid claudicou até a porta da casa.

– Apoie-se em mim – disse-lhe Hernando, ao mesmo tempo que lhe oferecia o braço.

– Não devemos...

– Um filho sempre deve a seu pai. É a lei.

Hamid cedeu, forçou um sorriso e se apoiou no braço que ele lhe oferecia. A marca a ferro que indicava sua condição de escravo estava meio esvaída num rosto sulcado por mil estrias.

– Com o tempo vai desaparecendo, não é mesmo? – comentou já na rua, consciente de que Hernando olhava de soslaio para aquele sinal infamante.

– Vai, sim – reconheceu este.

– Nem sequer a escravidão pode vencer a morte.

– Mas ainda se podem reconhecer com clareza os contornos dessa letra – tentou animá-lo Hernando ao mesmo tempo que se despedia com um gesto quase imperceptível de um dos vigilantes, que continuava fingindo brincar na rua dos Moriscos.

Hamid caminhava devagar, dissimulando a dor que lhe causava a perna aleijada. O céu estava cinza e pesado. Circundaram a igreja de Santa Marina pelo lado traseiro e desceram pelas ruas Aceituno e Arhonas para chegar à zona do Potro e assim evitar as concorridas ruas próximas à de Feria, empedradas algumas delas, onde aos domingos passeavam as pessoas de Córdova. Além disso, pensou Hernando, naquela zona da Ajerquía era menos provável que topassem com alguns jovens nobres que tivessem decidido cortejar alguma senhorita correndo um touro diante da sua janela; Hamid não teria podido escapar. No entanto, nesse ano de 1578, assim como no anterior, a seca havia assolado Córdova mesmo em outubro, e a falta de chuva

provocava um forte cheiro das cloacas negras numa zona em que não existia esgoto, fedor a que se juntava o que saía dos muitos monturos onde a população jogava o lixo. O passeio, portanto, não teve nada de agradável.

– Como está sua família? – interessou-se Hamid.

– Bem – respondeu Hernando. Nos cinco anos de casamento, ele e Fátima haviam tido dois filhos. – Francisco – ao mais velho chamou-o Francisco em homenagem a Hamid, sem nenhum nome muçulmano por medo de que as crianças pudessem vir a usá-los – cresce sadio e forte; e Inés está linda. Cada vez se parece mais com a mãe; seus olhos brilham.

– Se, além disso, se parecer com ela no caráter – acrescentou o alfaqui reconhecendo o trabalho de Fátima –, será uma grande mulher. E Aisha, superou...?

– Não – adiantou-se Hernando –, não superou.

Haviam tido oportunidade de falar de Aisha em outras ocasiões. Quando saiu do cárcere e se ocupou de sua nova situação após a fuga de Brahim, ela também aceitou que, dadas as circunstâncias, nunca mais poderia ter um homem a seu lado. Então Hernando lhe explicou que a lei mourisca estabelecia que a ausência durante um prazo de quatro anos sem notícia alguma do marido lhe dava o direito de pedir divórcio ao conselho.

– Também teria de fazê-lo diante do bispo – retrucou ela. – Esse novo matrimônio não teria validez diante dos cristãos. Brahim é um prófugo declarado; eu o manifestei quando fui detida sem pensar nas consequências que isso poderia acarretar-me no futuro. O bispo jamais me permitiria contrair novo matrimônio... e eu jamais me submeterei a seu juízo. Tampouco preciso voltar a casar.

Decidida a que Shamir ignorasse a verdade sobre seu pai, Aisha alinhavou uma história que lhe contaria quando o menino estivesse em idade de perguntar: um relato em que era filho de um herói, morto nas Alpujarras durante a revolta dos mouriscos; um relato em que ela se mantinha fiel à memória de seu esposo. E, partir daquele momento,

Aisha se voltou para a recuperação de sua família, dos filhos que os cristãos lhe haviam roubado assim que tinham chegado a Córdova. Falou disso com seu primogênito.

– Agora você é o chefe da família – disse-lhe. – Você ganha um bom salário, e temos dois quartos à nossa disposição, algo que a grande maioria dos mouriscos não tem. Agora você trabalha na catedral – diferentemente de Fátima, sua mãe não sabia toda a verdade sobre o que ele fazia na biblioteca –, razão por que ninguém poderia alegar que seus irmãos não seriam instruídos na fé cristã. São seus irmãos. São meus filhos! Quero tê-los a meu lado, como a você e a Shamir!

E os filhos daquele cão do Brahim!, pensou então Hernando. No entanto, calou-se. As lágrimas que corriam pelas faces de sua mãe, e a visão de suas mãos entrelaçadas, trêmulas, à espera de sua decisão, foram suficientes para que lhe prometesse fazer todo o possível para encontrá-los e libertá-los. Musa devia estar então com uns nove ou dez anos, e Aquil com uns quinze. Comunicou a Fátima que iria fazer o que sua mãe lhe pedia; não a consultou nem lhe deu oportunidade de discutir. Falou com D. Julián, explicou-o a ele e obteve uma recomendação assinada por D. Salvador, que se tornou o sochantre da catedral, o encarregado de cuidar dos livros do coro que estavam atados com correntes aos assentos; de ajeitá-los quando fosse preciso ou de encomendar novos livros. D. Salvador lhe examinou os conhecimentos de língua arábica e com o tempo, às vezes veladamente, outras ostensivamente, o fez acerca daquela asseveração que Abbas fizera ao apresentá-lo como bom cristão. O sochantre da catedral ficou satisfeito com as crenças e conhecimentos que Hernando lhe mostrou com firmeza e humildade ao mesmo tempo, procurando sempre seus conselhos e explicações. Com a ajuda dos sacerdotes, conseguiu que a municipalidade lhe comunicasse a que famílias haviam sido entregues seus irmãos para sua evangelização, mas, no momento em que tudo estava preparado para que lhes fossem devolvidos, o oleiro e o padeiro, os piedosos cristãos que se haviam encarregado deles, alegaram que as crianças haviam fugido e, com a finalidade de prová-

lo, mostraram os respectivos comunicados acerca do fato que tinham feito diante da municipalidade.

Na verdade, como lhe explicou Hamid, eles os haviam vendido, como a muitos outros. Foram muitas as crianças de todos os reinos espanhóis que, apesar de terem menos idade que a determinada pelo rei Felipe, haviam sido escravizadas. Hamid lhe contou que algumas, ao chegar a determinada idade, pleiteavam e exigiam sua liberdade, mas se tratava um processo longo e caro; muitos outros nem o tentavam ou ignoravam que pudessem fazê-lo. No caso dos filhos de Aisha, por não se saber para onde os haviam levado ou a quem os haviam vendido, pouco se podia fazer para ajudá-los.

Aisha não conseguiu suportar a notícia e se engolfou num desespero que com o passar do tempo se degenerou numa forma de vida apática, sem esperança alguma. Em Córdova lhe haviam roubado dois de seus filhos homens, e em Juviles haviam assassinado suas duas filhas! Nem sequer a presença de Shamir conseguia tirá-la de seu ensimesmamento.

– Não superou – repetiu Hernando, e sentiu que Hamid lhe apertava o braço em sinal de consolo.

Passaram diante de um grande mural numa das paredes de uma construção que mostrava um Cristo crucificado. Várias pessoas rezavam; outras acendiam velas a seus pés, e um homem que pedia esmola para o altar se dirigiu a eles. Hernando lhe entregou uma blanca e fez o sinal da cruz enquanto sussurrava o que o homem entendeu como uma prece. Por que permitia aquele Deus, que lhe diziam ser tão bom e misericordioso, que quatro de seus meios-irmãos tivessem tido tal fim? Por que haviam roubado a liberdade e os meios de vida de um povo inteiro? Observou que Hamid o imitava e também fazia o sinal da cruz, e prosseguiram em seu caminho.

Chegaram ao cruzamento da rua de Arhonas com a de Mucho Trigo e a do Potro, ali onde se uniam cinco delas formando uma pracinha, e andaram até a mancebia em silêncio.

– E você – atreveu-se a perguntar Hernando alguns passos além da porta da mancebia – como está?

– Bem, bem – disse atropeladamente Hamid.

– Que é que está acontecendo? – insistiu Hernando. Parou e apertou a descarnada mão que repousava em seu braço, dando-lhe a entender que não acreditava.

– Estou ficando velho, meu filho. Isso é tudo.

– Francisco! – O grito sobressaltou Hernando. Virou-se para a porta da mancebia e topou com uma mulher grande, gorda e de cabelo oleoso, suarenta e com as mangas dobradas acima dos cotovelos. – Onde você estava? – continuou a mulher aos gritos, apesar de se acharem a poucos passos dela. – Há muito que fazer. Entre!

Hamid fez menção de entrar, mas Hernando o deteve.

– Quem é? – perguntou-lhe.

– Entre já! Mouro! – insistiu a mulher.

– Ninguém... – Hernando apertou a mão que ainda segurava.

– A nova escrava que se ocupa das mulheres – cedeu então Hamid.

– Isso significa...?

– Tenho de entrar, meu filho. A paz seja com você.

Hamid se soltou da mão de Hernando e claudicou até a mancebia sem voltar o olhar. A mulher o esperou com as mãos na cintura. Hernando o viu dirigir-se para a mancebia com movimentos lentos e pausados; franziu o cenho e apertou os punhos ao imaginar os rictos de dor que havia visto mostrar-se em suas feições.

Quando o alfaqui passou ao lado da mulher, esta o empurrou pelas costas.

– Apresse-se, velho! – gritou.

Hamid cambaleou e esteve prestes a cair no chão. Hernando sentiu que se lhe revolvia o estômago. Permaneceu ali parado, com aquela desagradável sensação, até que a porta da ruela da mancebia se fechou atrás da mulher. Então pensou ouvir mais gritos e imprecações. Uma nova escrava: Hamid já não lhes era útil!

Vários homens que transitavam pela rua do Potro o empurraram ao passar a seu lado.

Que seria de Hamid?, perguntou-se ao mesmo tempo que começava a andar sem rumo. Quanto tempo faria que vivia nessa situação? Como era possível que ele não se tivesse dado conta, que não tivesse entendido o significado da dor e da resignação que mostrava seu... pai? A felicidade cegava tanto que impedia de ver a dor alheia?

– Ingrato! – A exclamação surpreendeu um dos taberneiros da praça do Potro, para onde Hernando havia caminhado sem querer. O homem observou por alguns instantes o recém-chegado, como que sopesando-o: bem-vestido, com seus borzeguins de cavaleiro, um dos mais variegados personagens que andavam pela área. – Mal-agradecido! – recriminou-se Hernando. O taberneiro fez uma expressão de estranhamento.

– Um copo de vinho? – propôs-lhe. – Cura as dores.

Hernando se virou para o homem. Que dores? Ele nunca havia sido mais feliz! Fátima o adorava, e ele correspondia. Conversavam e riam, faziam amor em qualquer oportunidade, e trabalhavam pela comunidade, os dois; nada lhes faltava, e se sentiam plenos e satisfeitos, orgulhosos! Viam crescer seus filhos sadios e fortes, alegres e carinhosos. E, enquanto isso, Hamid... Um copo de vinho, por que não?

O taberneiro encheu pela segunda vez o copo, depois de Hernando tê-lo tomado de um só gole.

– O mouro velho da mancebia? – perguntou quando Hernando, com os sentidos entorpecidos pelos dois copos de vinho que havia tomado, lhe perguntou por ele.

Hernando anuiu com tristeza.

– Sim, o mouro velho...

– Está à venda. Há um bom tempo que o aguazil tenta desfazer-se dele para economizar os restos de comida com que tem de alimentá-lo. Toda noite o oferece a quem quer que passe pelo Potro.

Fazia tempo que tentavam vendê-lo! Por que Hamid não lhe havia dito nada? Por que havia permitido que naquelas mesmas noites, enquanto o aguazil mercadejava com ele, seu filho dormisse tranquilo

ao lado da esposa, satisfeito, dando graças a Deus por tudo o que havia conseguido?

– Ninguém quer comprá-lo. – O taberneiro soltou uma gargalhada ao mesmo tempo que voltava a encher o copo de vinho. – Não serve para nada!

Hernando deixou o copo que inconscientemente havia levado à boca e desistiu de um novo trago. Que dizia aquele homem? Estava falando de um mestre! "Crianças, Hamid me ensinou..." Centenas de vezes havia iniciado uma conversa com eles utilizando aquela frase. Eram apenas crianças, mas ele se deleitava contando-lhes coisas. E naqueles momentos Fátima segurava sua mão e a apertava com imensa ternura, e sua mãe deixava vagar as recordações por aquele pequeno povoado da serra alpujarrenha, e as crianças o olhavam de olhos bem abertos, atentos a suas palavras; talvez sua idade não lhes permitisse entender o que pretendia transmitir-lhes, mas Hamid sempre estava ali, com eles, nos momentos mais íntimos, nos de maior felicidade, com a família reunida, sadia, sem fome, com as necessidades satisfeitas. E diziam que não servia para nada? Como podia não ter-se dado conta?, voltou a recriminar-se. Como podia ter sido tão cego?

– Por quê? – surpreendeu-o o taberneiro. – Por acaso lhe interessa esse velho inválido?

Hernando ergueu o rosto e o olhou nos olhos. Pegou uma moeda que deixou no balcão, balançou a cabeça e se preparou para deixar o local; no entanto...

– Quanto o aguazil está pedindo pelo escravo?

O homem deu de ombros.

– Uma miséria – respondeu ao mesmo tempo que sacudia indolentemente a mão.

– Ele nos pediu... exigiu que não lhe contássemos. – Tal foi a explicação que lhe deu Abbas.

Hernando se havia encaminhado para a ferraria assim que passara pelo portão de entrada das cavalariças, depois de falar com o

taberneiro.

– Por quê? – chegou quase a gritar. Abbas lhe pediu que baixasse a voz. – Por quê? – repetiu com outro tom. – A comunidade continua libertando escravos. Eu mesmo contribuo. Por que não ele? Disseram-me que estão pedindo uma miséria. Você se dá conta? Uma miséria por um homem santo!

– Porque ele não quer. Quer que libertem os jovens. E essa miséria que lhe disseram o seria se o aguazil o vendesse para outro cristão, mas, se souber que somos nós quem pretende libertá-lo, o preço já não será o mesmo. Você bem sabe que é isso o que acontece: por qualquer dos nossos irmãos pagamos preços muito superiores aos de venda.

– Que importa se custa muito dinheiro? Ele dedicou toda a sua vida a trabalhar para nós. Se alguém merece ser liberto, esse é Hamid.

– Estou de acordo com você – concedeu Abbas –, mas deve-se respeitar sua decisão – acrescentou antes que Hernando começasse a discutir –, e sua decisão é que não se invista nele.

– Mas...

– Hamid sabe o que faz. Você mesmo o disse: é um homem santo.

Deixou a ferraria sem se despedir. Não iria permiti-lo! Alguns cristãos, sobretudo mulheres piedosas, libertavam seus escravos se estes já não lhes fossem úteis, mas essa atitude não era a do aguazil da mancebia; o homem suportaria Hamid até alguém lhe oferecer algum dinheiro por ele, qualquer que fosse. O tráfico de carne humana era um dos negócios mais prósperos e lucrativos da Córdova daquele século, e não só para os negociantes profissionais, mas para quem quer que dispusesse de um escravo. Todos negociavam com seus escravos e obtinham gordos ganhos. Mas quem adquirisse Hamid, mesmo coxo, velho e cheio de dores, com toda a certeza não o faria para tê-lo inativo; o obrigaria a trabalhar para recuperar seu investimento... e talvez em algum lugar afastado de Córdova. Por mais que se empenhasse, o alfaqui não merecia tal destino no fim de seus dias. Ele tampouco o merecia, reconheceu intimamente enquanto se dirigia para seus quartos no andar superior. Necessitava de Hamid! Necessitava vê-

lo e conversar com ele ainda que fosse só de vez em quando. Necessitava de seus conselhos e, sobretudo, saber que estava sempre ali para dá-los. Necessitava desfrutar em Hamid do pai que não tivera na infância.

Falou com Fátima e ela o escutou com atenção. Após um silêncio, Fátima sorriu e acariciou uma de suas faces.

– Liberte-o – sussurrou. – Custe o que custar. Agora você ganha bem. Vamos em frente.

Assim era, disse a si mesmo Hernando enquanto atravessava a ponte romana em direção à torre da Calahorra. Com aqueles pensamentos, indiferente, mostrou seu documento especial aos aguazis que controlavam o trânsito na ponte. Haviam-lhe aumentado o salário para três ducados mensais mais dez fanegas de bom trigo por ano; ainda que fosse menos do que recebiam os domadores antigos, e até Abbas como ferrador, para eles aquele era um salário mais que generoso. Fátima poupava cada moeda, como se aquela bonança pudesse terminar no momento mais inesperado.

Nos dias de festa, o campo de la Verdad se enchia de cordoveses que passeavam pela ribeira do rio, contemplando a linha de três moinhos instalados no Guadalquivir, de margem a margem, rio abaixo da ponte romana, ou buscando o sossego dos campos que se abriam para além do bairro extramuros. Dada aquela afluência de gente e apesar de ser domingo, os negociantes de cavalos e mulas mostravam seus animais à venda para o caso de algum cidadão se animar a comprar.

Juan, o muleiro, andava encurvado, e isso o fazia parecer mais baixo do que era. Sorriu-lhe mostrando umas gengivas descarnadas em que Hernando viu a falta de muitos dos dentes negros que o homem tinha quando o conhecera.

– O grande cavaleiro mourisco! – cumprimentou-o o muleiro. Hernando se surpreendeu. – Acha estranho? – acrescentou Juan, batendo-lhe carinhosamente nas costas. – Eu sei de você. De fato, muita gente sabe de você.

Hernando nunca havia pensado naquela possibilidade. Que mais as pessoas saberiam dele?

– Não é comum que um rapaz mourisco termine montando os cavalos do rei... e trabalhando na catedral. Alguns dos comerciantes com que você fez negócio – explicou Juan, piscando-lhe o olho – usam seu nome para atrair os compradores. Este cavalo foi domado por Hernando, o cavaleiro mourisco das cavalariças reais!, jactam-se diante do interesse das pessoas. Eu havia pensado em dizer que você também havia montado minhas mulas, mas não sei se daria resultado.

Os dois riram.

– Como vão as coisas, Juan?

– *A virgem cansada* por fim faleceu – disse-lhe ao ouvido, segurando-o pelo braço com familiaridade. – Afundou lenta e solenemente, como cabe a uma senhora, mas por sorte o fez perto da margem e pudemos recuperar os barris.

– Você continuou a traficar depois de...?

– Olhe que mula! – indicou-lhe Juan sem fazer caso da pergunta. Hernando examinou o exemplar. Aparentemente era um bom animal, forte, de ossos rijos. Que defeito esconderia? – Talvez o cavalariço real queira comprar alguma boa mula? – brincou o negociante.

– Quer ganhar duas blancas? – disse-lhe então, recordando a mesma proposta que um dia o muleiro fizera a ele.

Juan pôs a mão no queixo, receoso, e voltou a exibir as gengivas descarnadas.

– Começo a envelhecer – afirmou. – Já não posso correr...

– Tampouco pode desfrutar das mulheres? Que aconteceu com aquele bordel na Berbéria?

– Assim você me ofende, rapaz. Todo espanhol que se preze pagaria por terminar seus dias em cima de uma boa mulher.

Hernando custearia o prazer do muleiro. Esse foi o trato que fizeram diante de uma jarra de vinho num *mesón* próximo da catedral. Juan se

mostrou disposto a colaborar, sobretudo quando o jovem lhe explicou o porquê de seu interesse no escravo aleijado da mancebia.

– É meu pai – disse-lhe.

– Sendo assim, eu o faria de graça – afirmou o muleiro –, mas você merece pagar sua impertinência quanto à minha virilidade. Não deve restar nem um pingo de dúvida a esse respeito – ironizou.

– Como poderia saber que você não vai me enganar e que na verdade não fez mais que dormir como um menino no colo de uma dessas mulheres? Eu não estarei ali – respondeu, acompanhando-o na brincadeira.

– Rapaz, fique parado na praça do Potro, junto à fonte, e, mesmo a distância e por cima da vozearia do lugar, poderá escutar os gemidos de prazer...

– Há muitas mulheres na mancebia, muitos prostíbulos. E se não for a sua que...?

– Meu nome, rapaz, você a ouvirá gritar o meu nome.

Hernando lembrou-se dele remando de volta n'*A Virgem cansada*, da embarcação cheia d'água e do remar cada vez mais curto e pesado. Já então era baixo e magro, e, no entanto, chegavam à margem! Anuiu com a cabeça, como se reconhecesse a vitalidade de Juan, antes de continuar.

– O aguazil não deve suspeitar que você está interessado no... escravo. Quer vendê-lo e o fará pelo preço que for. Naturalmente, tampouco deve saber que há mouriscos atrás da operação. E meu pai... meu pai também não deve saber de nada. – O muleiro franziu o cenho. – Ele não quer que gastemos o nosso dinheiro com um velho – explicou –, mas eu não posso permiti-lo. Está me entendendo?

– Estou, sim. Eu entendo. Deixe-o comigo. – Juan ergueu o copo de vinho. – Aos bons tempos! – brindou.

Na segunda-feira ao anoitecer, Juan, o muleiro, entrou na mancebia e mostrou uma bolsa com várias coroas de ouro que Hernando lhe dera, jactando-se de que nesse dia havia fechado o melhor negócio de sua

vida. O aguazil festejou sua sorte e riu com ele enquanto lhe falava das excelências das mulheres que trabalhavam nos prostíbulos que se abriam em ambos os lados do beco; algumas esperavam nas portas, exibindo-se, até que o muleiro se decidiu por uma jovem moça morena cheia de carnes e se perdeu com ela no interior de uma pequena casa de um só andar e de uma só peça em que havia apenas uma cama, um par de cadeiras e um móvel com uma bacia.

Por seu lado, Hernando se desculpou com D. Julián, e aquela noite voltou a perambular entre as pessoas que sempre afluíam à praça do Potro, sentindo certa nostalgia ao ouvir os gritos, as chanças, as apostas, e até ao presenciar as usuais altercações.

Desde pouco mais de um ano atrás, a praça do Potro e seus arredores se achavam mais povoados que nunca. Aos usuais vagabundos, jogadores de cartas, aventureiros, soldados sem capitão ou capitães sem soldados – todos os tipos de pessoas de má vida que iam até ela como a um farol que os chamava –, aos pobres e despejados que pernoitavam em suas viagens pelo caminho das Ventas para a rica e luxuosa corte de Madri para obter alguma sinecura, e aos que se dirigiam para Sevilha com a intenção de embarcar para as Índias em busca de fortuna, juntou-se um ingente número de indesejáveis que o vice-rei de Valência havia expulsado sem contemplação de suas terras, e que emigraram para a Catalunha ou para Aragão, para Sevilha – onde já poucos mais poderiam sobreviver –, ou para Córdova.

E ele, Hernando, se havia posto nas mãos de um daqueles personagens.

– Você confia no muleiro? – perguntara-lhe Fátima enquanto lhe entregava os quinze ducados em moedas de ouro cuidadosamente entesourados no baú, numa bolsa junto com o Corão. Confiava? Já fazia muitos anos que não tratava com Juan.

– Confio – afirmou convencido pelas recordações amontoando-se em sua cabeça. Confiava mais naquele velhaco que em qualquer cristão de Córdova. Haviam vivido juntos o perigo, a tensão e a incerteza. Aquele era um laço difícil de romper.

Juan desfrutou do prazer que lhe proporcionou Ángela, a jovem morena, até que, já satisfeito, derramou intencionalmente uma jarra de vinho nos lençóis da cama.

– Que os troquem! – bramou fingindo estar bêbado.

– Não foi suficiente para você? – estranhou a moça.

– Moça, eu lhe direi quando temos de parar. Por acaso não estou pagando?

Ángela cobriu-se com uma capa e apareceu na porta.

– Tomasa! – gritou, mostrando uma voz muito mais tosca que a que utilizava com os clientes. – Lençóis limpos!

Hernando havia posto o muleiro a par da existência daquela mulher. Mas o que não lhe contou foi que Tomasa era uma cabeça mais alta que ele e podia pesar o dobro dele. Quando aquela mulherona apareceu pela porta com os lençóis, Juan se acovardou e se sentiu ridículo em suas calças puídas por única roupa.

Tinha pensado em amedrontá-la até convencê-la a mandar chamar o pai de Hernando. Precisava estar com ele como segunda parte de seu plano, mas, à simples visão dos fortes braços arremangados da mulher, deu para trás. Uma bofetada de Tomasa doeria mais que o coice de uma mula.

A mulher se inclinou para tirar os lençóis manchados e lhe ofereceu umas nádegas enormes. Tinha de ser, então! Se chegasse a arrumar a cama...

Por Hernando!

Apertou os poucos dentes que lhe restavam e com as duas mãos abertas lhe cravou os dedos nas nádegas.

– Duas mulheres! – gritou ao mesmo tempo. – São Tiago! – uivou ao contato com o duro traseiro da mulher.

Ángela rompeu em gargalhadas. Tomasa se virou e mandou uma bofetada ao muleiro, mas Juan já o esperava e se esquivou; depois saltou sobre ela e afundou o rosto em seus grandes seios. Ficou como um carrapato: agarrado a Tomasa com braços e pernas, sem chegar a cingir completamente aquele imenso corpo. Ángela continuava a rir, e

Tomasa tentava sem sucesso livrar-se do bicho que estava colado a seu corpo e que rebuscava com a boca entre seus seios. Juan encontrou um dos mamilos da mulher e o mordeu.

O mordisco foi como um revulsivo, e Tomasa o empurrou com tal força, que o muleiro saiu voando contra a parede. A mulher, perturbada e dolorida, tentou remendar o velho corpete que a violenta busca de seu mamilo quase havia rasgado.

– Lin... linda! – exclamou Juan, boqueando em busca do ar que lhe faltava pela pancada na parede.

Várias mulheres se haviam remoinhado na porta juntando-se às gargalhadas de Ángela. Enrubescida, Tomasa dividia o olhar entre Juan e as mulheres.

O muleiro fez o que lhe pareceu o último esforço que poderia fazer em sua vida e voltou a dirigir-se para Tomasa, lambendo libidinosamente o lábio superior. A mulher o esperava com o cenho franzido, tentando arremangar ainda mais umas mangas prestes a rebentar.

– Basta! Já sabia eu que, com uma mulher atendendo às moças, mais dia, menos dia, aconteceria isso – ouviu-se da porta. Juan não pôde impedir que saísse um suspiro de sua boca diante do aparecimento do aguazil da mancebia. – Fora daqui! – gritou para Tomasa. – Diga a Francisco que se ocupe ele da cama.

Alertado pela gritaria, Hamid não demorou a chegar. As demais mulheres já se haviam ido quando o velho, claudicante, entrou na peça. Só Ángela continuava ali.

– Um mouro? – gritou o muleiro, encarando Hamid. – Como ousam me mandar um mouro para tocar nos lençóis em que vou me deitar? – acrescentou virando-se para Ángela. – Vá buscar o aguazil!

A moça obedeceu e correu em busca do aguazil. Agora vinha a parte mais difícil, pensou o muleiro. Só tinha quinze ducados para comprar o escravo. Não havia querido apagar o sorriso nem o brilho dos olhos azuis do rapaz ao entregar-lhe aquele valor, que certamente constituía toda a sua fortuna, mas os escravos de mais de cinquenta anos eram

vendidos no mercado a trinta e dois ducados apesar do pouco rendimento que se podia esperar de homens nessa idade. A quanto se alçaria a miséria que o aguazil esperava obter e de que lhe havia falado Hernando?

Hamid estranhou que após a violenta recepção dada pelo muleiro agora este estivesse pensando em silêncio, parado diante dele como se ele não existisse. Tentou esquivá-lo para fazer a cama, mas Juan o deteve.

– Não faça nada – ordenou. Que importava agora se aquele homem pudesse suspeitar o que iria acontecer e quem estava por trás de tudo aquilo? – Fique onde está e em silêncio, entendido?

– Por que eu deveria...? – começou a perguntar Hamid quando Ángela e o aguazil entraram no prostíbulo.

– Um mouro? – voltou a gritar Juan. – Vocês me mandaram um mouro! – O muleiro martelou no peito de Hamid com um dedo. – E, cúmulo dos cúmulos, ele ainda me insultou. Chamou-me de cão cristão e adorador de imagens!

Hamid perdeu a compostura que o caracterizava e levantou as mãos.

– Eu não... – tentou defender-se.

– Ninguém me chama de cão cristão! – Juan o esbofeteou.

– Deixe-o – instou-lhe o aguazil interpondo-se entre eles.

– Açoite-o! – exigiu Juan. – Quero ver como você o castiga. Açoite-o agora mesmo!

Como ia açoitá-lo?, perguntou-se o aguazil. O pobre Francisco não aguentaria vivo mais de três chicotadas.

– Não – opôs-se.

– Nesse caso procurarei a Inquisição – ameaçou Juan. – Você tem em seu estabelecimento um mouro que insulta os cristãos e que blasfema – acrescentou enquanto começava a recolher suas roupas. – A Inquisição o castigará como merece!

Hamid permanecia parado atrás do aguazil, que via Juan se vestir sem parar de resmungar. Se o muleiro o denunciasse à Inquisição,

Francisco nem sequer sobreviveria quinze dias em seus cárceres. Jamais chegaria com vida ao auto de fé seguinte, e assim nunca recuperaria um mísero real por aquele escravo.

– Por favor – pediu a Juan. – Não o denuncie. Nunca se comportou assim.

– Não o faria se você o castigasse. Você é o proprietário dele. Se esse escravo herege fosse meu...

– Eu o vendo a você! – exclamou o aguazil.

– Para que o quero? É velho... e aleijado... e desaforado. De que me serviria?

– Ele o insultou – tentou provocá-lo o aguazil. – Que satisfação você terá se for a Inquisição que o castigue? Você se arrependerá como fazem todos esses covardes, ele se reconciliará e o condenarão simplesmente a sambenito. Você está vendo como é velho.

Juan fingiu pensar.

– Se fosse meu... – disse entre dentes para si – ficaria recolhendo merda de mula o dia todo...

– Quinze ducados – ofereceu o aguazil.

– Está louco!

Cinco ducados. Juan conseguiu Hamid por cinco ducados, valor em que, ademais, se permitiu exigir que se incluísse o serviço de Ángela. Decidiu não esperar a manhã seguinte: na presença de dois clientes da mancebia como testemunhas, pagou com as coroas de ouro que levava na bolsa e deixou o bordel com Hamid atrás. Contudo, o aguazil ficou de dar a correspondente escritura de compra e venda assim que amanhecesse.

Hernando estava distraído escutando a história do assédio e tomada da cidade de Haarlem ocorridos cinco anos atrás. Um soldado mutilado dos terços de Flandres que havia participado dela e a quem as pessoas, com muito prazer, convidavam a beber, narrava-a entre um gole e outro. O soldado, quase cego, exibia com orgulho os farrapos com que havia lutado sob as ordens de D. Fadrique de Toledo, filho do duque

de Alba, e relatava que durante o duro assédio à fortificada cidade no qual os terços sofreram numerosas baixas, o nobre admitiu desistir de sua conquista. Então recebeu uma mensagem de seu pai.

– Disse-lhe o duque de Alba – contou o soldado com voz potente – que, se deixasse a luta sem render a praça, não o consideraria mais seu filho e que, se, pelo contrário, morresse no assédio, ele mesmo iria pessoalmente substituí-lo ainda que estivesse doente e de cama. – O grupo ao redor do soldado era um remanso de silêncio em comparação com o bulício do restante da praça do Potro. – Acrescentou que, no caso de fracassarem os dois, então iria da Espanha sua mãe, para fazer na guerra o que não haviam tido coragem ou paciência para fazer seu filho e seu esposo.

Do grupo em volta, alçaram-se murmúrios de aprovação e alguns aplausos, momento que o soldado aproveitou para beber o restante do vinho que lhe restava no copo. Ouviu com paciência que o tornavam a encher, e começou a relatar a definitiva e sanguinolenta tomada da cidade. Hernando sentiu que alguém passava por trás dele e o tocava.

Virou-se e topou com Hamid, que coxeava cabisbaixo atrás do muleiro; na mão levava uma trouxa não maior do que a que Fátima levara para a vida matrimonial. Juan havia conseguido! Um tremor lhe percorreu todo o corpo e, com a garganta embargada, os viu dirigir-se lentamente para a parte superior da praça.

– Por ordem do pai dele – exclamou o soldado naquele momento –, D. Fadrique executou mais de dois mil e quinhentos valões, franceses e ingleses...

– Hereges!

– Luteranos!

Os insultos à resistência dos cidadãos de Haarlem não distraíram Hernando, que nesse momento julgava ouvir o roçar do gasto sapato que Hamid arrastava no pavimento, aquela estranha cadência que o acompanhara em sua infância. Levou os dedos aos olhos para enxugar as lágrimas. As duas figuras continuaram afastando-se dele, indiferentes às pessoas e ao bulício, às rixas e aos risos, ao mundo inteiro! Um

muleiro baixo, encurvado e sem dentes, astuto e velhaco. Um velho coxo e cansado da vida, sábio e santo. Esforçou-se por se sobrepor ao emaranhado de sensações que o assaltava. Apertou os punhos e agitou os braços quase sem mexê-los, reprimindo a força, sentindo a tensão em todos os seus músculos, irritado com a lentidão do alfaqui em atravessar a praça.

Ele os viu deixar para trás a rua dos Silleros e depois a dos Toqueros; depois giraram e circundaram o Hospital da Caridade. Então perscrutou a multidão, certo de que, assim como ele, todos deviam ter ficado atentos àquele mágico par que havia desaparecido na rua de Armas, mas não era assim: ninguém parecia ter-lhes prestado a menor atenção, e seus mais próximos habitantes continuavam atentos aos relatos do mutilado.

– Deviam-nos mais de vinte meses de soldo e nos impediram de saquear a cidade! Todo o dinheiro que a cidade pagou para evitar a pilhagem ficou para o rei! – gritava o cego, ao mesmo tempo que batia na mesa, colocada na rua, com o copo e derramava o vinho. Excitado, desculpou o amotinamento que após a tomada de Haarlem foi protagonizado pelos soldados dos terços. – E, como castigo, aos doentes e feridos como eu não pagaram os atrasados!

Que lhe importava esse cego e a sorte que tivesse tido naquela outra guerra religiosa que o católico rei Felipe mantinha?, pensou Hernando ao atravessar a praça, esforçando-se para não correr.

Esperavam-no alguns passos adiante, na rua de Armas, os dois tenuemente iluminados pelo reflexo das velas ao pé de uma Virgem da Conceição em tamanho natural que se achava sobre uma bela grade trabalhada. A rua estava deserta. Juan o viu chegar, Hamid não: permanecia cabisbaixo, derrotado.

Hernando se pôs diante dele e se limitou a pegar-lhe as mãos. Não lhe surgiam as palavras. Sem desviar o olhar do chão, o alfaqui observou as mãos que o seguravam e depois os borzeguins que Hernando sempre calçava desde que tinha sido elevado a cavaleiro das cavalariças reais. Naquela mesma manhã havia caminhado com ele.

– Hamid ibn Hamid – sussurrou, levantando por fim o rosto.

– Você está livre – conseguiu articular Hernando, e, antes que o alfaqui pudesse dizer qualquer coisa, se atirou em seus braços e rompeu num choro nervoso.

Na manhã seguinte, diante do escrivão público, com Hamid já sob os cuidados de Fátima nas cavalariças, Juan e o aguazil deram escritura de compra e venda do escravo da mancebia chamado Francisco. Como se se tratasse de um simples e vulgar animal, o aguazil não o vendeu como sadio e detalhou ao escrivão todos e cada um dos defeitos físicos de que Hamid padecia, os aparentes e os outros vícios que não o eram tanto. Juan, por seu lado, renunciou a reclamar pelos defeitos e vícios presentes ou futuros do escravo; após isso, comprador e vendedor aceitaram o trato diante de duas testemunhas, e o escrivão assinou o correspondente documento.

Um pouco mais tarde, diante de outro escrivão e de outras duas testemunhas para que o aguazil não viesse a saber, Juan ditou a carta de manumissão a favor de seu escravo Francisco; concedeu-lhe a liberdade e renunciou a qualquer patronato que as leis pudessem conferir-lhe sobre seu servo manumitido.

Hernando beijou a carta de manumissão que Juan lhe entregou ao sair da casa do escrivão. Então quis premiar seu amigo com uma coroa de ouro, mas o muleiro a rejeitou.

– Rapaz – disse-lhe: – nós nos equivocamos ao fantasiar sobre as mulheres da Berbéria. Nenhuma delas deve ter o traseiro que apalpei, mas que fui incapaz de desfrutar. Você tinha razão – acrescentou, apoiando a mão no ombro dele: – envelheci.

– Não... – tentou desculpar-se Hernando.

– Já sabe onde pode me encontrar – despediu-se de repente o muleiro.

E Hernando o viu partir. Enquanto Juan se afastava, Hernando pensou que o muleiro caminhava um pouco mais erguido que no dia anterior.

38

Rosas, flores de laranjeira, lírios, alelis: milhares de flores! O pequeno pátio da nova casa em que viviam Hernando e sua família convidava a deleitar-se numa sensual mistura de perfumes durante as noites daquele maio de 1579. O chão do pátio era de lajotas, todo ele atravessado pelo desenho de uma estrela composta de diminutos seixos rolados em cujo centro se erigia uma simples fonte de pedra sem adornos, da qual permanentemente brotava água cristalina. Porque, se Córdova tinha problemas com as águas negras e sua rede de esgoto, origem de frequentes epidemias de tifo e de todos os tipos de doenças gastrointestinais endêmicas que afetavam sobretudo as zonas mais humildes da Ajerquía, contava por outro lado com trinta e nove mananciais e numerosos poços que aproveitavam a inesgotável e preciosa água da serra. A vila, a antiga medina, com sua intrincada disposição de ruas e ruelas, era a zona mais privilegiada na distribuição da água cordovesa. E foi precisamente ali, na medina, na rua dos Barberos, que Hernando alugou uma pequena casa de propriedade do cabido da catedral, das muitas com que a Igreja havia sido beneficiada ao longo dos anos.

A casa-pátio da rua dos Barberos que ele alugou tinha todas as características que haviam definido as *domus* romanas em que se inspiravam as casas cordovesas e que depois os muçulmanos tomaram como modelo de como deviam ser suas habitações: oásis com flores e água; paraísos isolados do exterior. Erguida entre outras duas construções similares, o pátio retangular era fechado em um de seus lados por um muro cego, constituindo a divisória daquela contiguidade; os três lados restantes eram rodeados de espaços que davam acesso às peças e, entre tais espaços e o pátio, uma galeria porticada mediante vigas de madeira que se elevava a outro andar, no

qual a galeria era protegida por uma pequena balaustrada também de madeira que se abria para o pátio; todo coberto por um telhado de pequenas telhas alternadamente colocadas de forma côncava ou convexa para funcionar como calhas para a recolha das águas da chuva. O acesso à casa se dava através de um fresco saguão quase tão amplo como uma peça, coberto com azulejos coloridos até meia altura. O saguão se fechava para a rua por uma porta de madeira e para o pátio central da casa por uma grade caiada. No andar inferior ficavam a cozinha, uma sala, a latrina e um minúsculo cômodo. No andar superior, com acesso da galeria aberta para o pátio, havia quatro outras peças.

A ideia de mudar-se para uma casa independente não saía da cabeça de Hernando desde que lhe haviam aumentado o salário e se dera a chegada de Hamid. O alfaqui terminou aceitando sua liberdade e admitiu a proteção que lhe oferecia Hernando como consequência natural do que ambos consideravam tão forte como qualquer relação familiar. No entanto, diferentemente de Aisha, que havia insistido em trabalhar na seda, Hamid se recolheu nos quartos em cima das cocheiras, onde rezava, pensava e lia o Corão aproveitando a intimidade que lhe proporcionava aquele lugar cuja única religião eram os cavalos. Também tomou como obrigação sua a educação das três crianças, os dois filhos de Hernando e Shamir, o filho de Aisha.

Mas, se todos aqueles argumentos eram de per si suficientes para que considerasse chegada a hora de buscar uma nova casa, houve outro, egoistamente superior aos demais, que o impeliu a empenhar-se nisso. O casal queria outro filho; desejavam tê-lo, e sua intimidade se viu limitada pela presença de sua família. Faziam amor, sim, mas escondidos debaixo dos lençóis, reprimindo suas manifestações e abafando seus ofegos de prazer. Ambos sentiam falta da possibilidade de desfrutar um do outro em liberdade. Coibida pela presença do alfaqui, Fátima evitava o uso das essências e dos perfumes que faziam os coitos tão deliciosos. Tampouco brincavam antes de alcançar o êxtase, tocando-se, roçando-se, beijando-se ou lambendo-se, e as mil

posições com que desinibidamente se haviam deleitado limitavam-se agora às que eles poderiam esconder sob os lençóis. A gravidez não vinha.

– Minha vagina é incapaz de sugar seu membro – lamentou-se um dia Fátima. – Não disponho de sossego. Preciso ser capaz de prender seu pênis no meu interior, apertá-lo e aprisioná-lo até conseguir sorver toda a vida que você está preparado para me proporcionar.

Encontrou a casa. Aisha, Fátima, ele e as crianças se estabeleceram no andar superior, enquanto Hamid, para tranquilidade de sua esposa, fazia seu o diminuto cômodo que restava no andar de baixo.

Da reta rua dos Barberos, cuja continuação, onde ficava um quadro da Virgem das Dores, era dedicada ao chefe muçulmano Almanzor por ter-se localizado ali um de seus palácios, podia-se ver sem dificuldade a torre de entrada da catedral, o antigo minarete, que sobressaía orgulhosa acima das construções. Com aquela referência e uma sumária consulta às estrelas feita do pátio, Hamid calculou com precisão a direção da *quibla* e fez uma quase imperceptível incisão na parede de seu quarto na direção da qual dirigir suas orações.

Seu salário nas cavalariças lhes permitia viver sem apertos, mas não teria podido escolher essa casa se não fosse o valor reduzido do aluguel, obtido graças à mediação de D. Julián diante do cabido da catedral. O sacerdote lhe agradecia assim seu desinteressado esforço na cópia de corães, cuja venda trazia ganhos que eram entregues, todos, diretamente à causa.

– Quem perde a língua arábica perde sua lei – recordou-lhe um dia D. Julián na intimidade da biblioteca.

Aquela máxima invocada já na guerra das Alpujarras se ergueu como um objetivo prioritário para as diversas comunidades mouriscas espalhadas por todos os reinos espanhóis, em contradição com o empenho por parte dos cristãos, geralmente estéril, de que os mouriscos abandonassem o uso do árabe em sua vida cotidiana. Os nobres de qualquer daqueles reinos, interessados nos míseros salários que satisfaziam os mouriscos, agiam com lassidão diante do uso da

língua árabe em suas terras de senhorio, mas os municípios, a Igreja e a Inquisição, por ordem real, fizeram sua aquela máxima e a converteram numa de suas bandeiras. As aljamas reagiram e promoveram secretamente madraçais ou escolas corânicas, mas, sobretudo, proveram aos muçulmanos dos proibidos e sacrílegos exemplares do livro divino, razão por que ao longo de toda a Espanha se desenvolveu uma rede de copistas.

– Por fim os consegui – disse-lhe uma noite D. Julián, pondo diante de Hernando, na mesa em que trabalhava, folhas de papel virgem. Eles estavam sozinhos na biblioteca. Era tarde; fazia umas duas horas que havia terminado o ofício de completas e a catedral se havia esvaziado dos variegados personagens que a povoavam durante o dia, entre os quais os delinquentes que se acolhiam no recinto sagrado e passavam as noites imunes à ação da justiça comum nas galerias do horto de acesso, já que os aguazis não podiam entrar na igreja para detê-los. Hernando recriou as muitas e pitorescas situações que havia tido oportunidade de contemplar, e sorriu ao ouvir a azáfama dos porteiros em seus esforços por expulsar do recinto sagrado alguns cães e, nessa noite, até um porco.

Antes de pegar o papel, Hernando o roçou com as pontas dos dedos. Tratava-se de papel grosseiro, excessivamente acetinado, muito grosso, de superfície irregular e sem nenhuma linha d'água que indicasse sua procedência.

– Tenho muitas outras folhas – sorriu triunfante o sacerdote enquanto Hernando sopesava uma folha sensivelmente mais longa e larga que as usuais. – Não estranhe – acrescentou diante da atitude de seu aluno –, é papel fabricado artesanalmente, às ocultas, nas casas dos mouriscos da zona de Xátiva.

Xátiva era uma das grandes povoações do reino de Valência, na qual um quarto dos habitantes era de mouriscos ou cristãos-novos. No entanto, como sucedia com muitos dos lugares daquele reino mediterrâneo, era rodeada de pequenos povoados em que a quase totalidade dos habitantes era de mouriscos. Fazia mais de quatro

séculos que em Xátiva, seguindo os avanços técnicos muçulmanos em sua produção, se fabricava papel. Os reis cristãos deram privilégios à aljama de Xátiva e protegeram aquela indústria, de forma que muitos mouriscos se dedicaram à feitura de papel no interior de suas casas, utilizando como matéria-prima roupa e panos velhos. Aquelas manufaturas domésticas eram agora as que sub-repticiamente proviam a comunidade mourisca de papel, conquanto fosse de baixa qualidade, porque comprar papel em quantidades suficientes para fazer livros era tarefa demasiado complicada e sempre suspeita.

Apesar de a imprensa ter sido inventada fazia mais de um século, continuavam copiando-se manuscritos, pois a edição de livros se achava nas mãos de muito poucas pessoas. O povo, analfabeto em sua grande maioria, não tinha acesso à leitura nem interesse em sua edição, e os grandes senhores, proprietários do capital necessário para custear os gastos que requeria uma imprensa, se negavam a ofender sua honra dedicando seu dinheiro a atividades mercantis impróprias para seu status pessoal. Na década de 1580, só existia em Córdova uma imprensa, portátil, usada quase artesanalmente por um impressor, razão por que o comércio de papel era quase inexistente. O próprio cabido da catedral encomendava a edição de seus livros religiosos a impressores de outras cidades, como Sevilha.

– Como você conseguiu? – interessou-se Hernando.

– Por meio de Karim.

– E a aduana da ponte?

D. Julián piscou o olho.

– É bastante simples, apesar de caro, esconder certa quantidade de papel debaixo das selas de mulas ou cavalos.

Hernando anuiu e voltou a roçar com as pontas dos dedos o tosco papel. Devia cobrar por seu trabalho: assim determinou o sacerdote, mas Hernando investia todo esse dinheiro em projetos como a libertação de escravos mouriscos. Por nada do mundo teria querido enriquecer à custa de propagar sua fé.

Assim, pois, depois de seu aprendizado, Hernando reproduzia corães, em árabe culto mas com a caligrafia própria dos copistas, prevalecendo a clareza e a celeridade sobre a estética. Ao mesmo tempo, entrelinhando-a com o árabe, escrevia a tradução das suras para o aljamiado, para que todos os leitores pudessem entendê-las. Escondiam as folhas de papel entre os numerosos exemplares da biblioteca da catedral, e os exemplares que obtinham com eles eram distribuídos por meio de Karim para todo o reino de Córdova, necessitado de guias religiosas de que já dispunham as aljamas valencianas, catalãs ou aragonesas que não haviam padecido o êxodo dos granadinos.

E se Hernando se dedicava à proibida transcrição do livro revelado, Fátima, por sua parte, assumiu a transmissão da cultura de seu povo de forma verbal para as mulheres mouriscas, para que estas fizessem o mesmo com seus filhos e esposos.

Com a paciente ajuda de Hernando e de Hamid, que a examinavam e corrigiam com carinho, havia memorizado algumas suras do Corão, preceitos da Suna e as profecias mouriscas mais conhecidas pela comunidade.

Diariamente, com sua linda touca branca bordada cobrindo-lhe o cabelo, ia às compras e depois se distraía no que aparentemente não eram mais que inocentes reuniões de pequenos grupos de mulheres ociosas que mexericavam em alguma de suas casas ao redor de uma limonada.

Às vezes saía da casa-pátio ao mesmo tempo que Hernando, e os dois se entretinham numa longa despedida antes de separar seus caminhos. Depois, como se se tratasse de um jogo, algum dos dois virava a cabeça e contemplava com orgulho como o outro ia cumprir uma obrigação que Deus lhes impunha e seu povo agradecia. Algumas vezes coincidiam nesse último olhar: sorriam e se urgiam com quase imperceptíveis gestos de mão.

– Nós somos chamadas a transmitir as leis de nosso povo para as crianças – exortava Fátima às mouriscas. – Não podemos permitir que as esqueçam como querem os sacerdotes. Os homens trabalham e voltam exaustos para casa quando seus filhos já estão dormindo. Além disso, um filho nunca denunciará sua mãe aos cristãos.

E, diante de reduzidos grupos de mulheres atentas a suas palavras, lhes recitava várias vezes algum dos preceitos do Corão, que elas repetiam em murmúrios, acrescentando depois a interpretação que Hamid lhe dava.

Dia após dia, Fátima repetia seus ensinamentos a diferentes auditórios. E sempre, depois de ter tratado algum preceito corânico, as mulheres lhe pediam que lhes recitasse um *gufur* ou *jofor*, alguma das profecias em que confiavam, ditadas para seu povo, para os muçulmanos de al-Andalus, e que auguravam o retorno de seus costumes, de sua cultura e de suas leis. A sua vitória!

– Os turcos marcharão com seus exércitos para Roma, e dos cristãos não escaparão senão os que tornarem à lei do Profeta; os demais serão aprisionados e mortos – recitava então ela. – Estão entendendo? Esse dia já chegou: os cristãos nos venceram. Por quê?

– Porque esquecemos o nosso Deus – respondeu abatida, numa das ocasiões, uma matrona já mais velha, conhecedora da profecia.

– Sim – asseverou Fátima. – Porque Córdova se transformou em lugar de vício e pecado. Porque toda al-Andalus caiu na soberba da heresia.

Muitas baixavam então o olhar. E por acaso não era verdade? Porventura não haviam relaxado no cumprimento de suas obrigações? Todos os mouriscos se sentiam culpados e aceitavam o castigo: a ocupação de suas terras por parte dos cristãos, a escravidão e a ignomínia.

– Mas não se preocupem – tentava animá-las Fátima. – A profecia continua; diz o livro divino: porventura não vistes os cristãos vencer no cabo da terra e, depois de ter vencido, serem eles mesmos vencidos em poucos dias? De Deus é este juízo; antes e depois foram os crentes

gozosos na vitória; Ele é o que ajuda a quem quiser, e não faltará da promessa de Deus um ponto.

E pouco a pouco voltavam a olhar para Fátima com o anelo da esperança no rosto.

– Devemos lutar! – exigia ela. – Não podemos nos resignar à desgraça! Deus vela por nós. As profecias se cumprirão!

Num entardecer de primavera, Hernando voltava cansado para casa. Durante o dia haviam tido de preparar a viagem de mais de quarenta cavalos para o porto de Cartagena, onde os esperava uma nau para levá-los para Gênova e, dali, para a Áustria. O rei Felipe havia decidido dar aqueles soberbos exemplares a seu sobrinho o imperador e aos arquiduques, o duque de Saboia e o duque de Mântua. Conforme estabelecia o rei em sua ordem, primeiro escolheram aqueles que deviam ser enviados a Madri para seu uso pessoal e do príncipe, e depois o fizeram com os que deviam ser dados de presente. D. Diego López de Haro passou o dia todo nas cavalariças. Escolheu e descartou animais; hesitou e mudou de opinião, deixando-se aconselhar pelos cavaleiros, entre os quais Hernando, acerca de quais eram os melhores para o monarca.

– Saberão conservar a raça? – duvidou o mourisco diante de um magnífico semental de cinco anos, altivo, tordilho, que se movia elevando as patas com elegância, e que o cavalariço escolheu como um dos que iriam para Áustria.

– Certamente – respondeu D. Diego adiante dele, sem se virar, com a atenção voltada para o semental. – Naquela corte há grandes cavaleiros e conhecedores de cavalos. Não tenho dúvida de que a partir destes sementais eles obterão exemplares que se tornarão o orgulho de Viena.

Realmente o conseguiriam?, perguntava-se Hernando quando, surpreso, viu que a porta de sua casa estava fechada. No mês de maio e àquela hora, era costume deixar aberta até a grade caiada que dava

para o pátio. Teria acontecido algo? Bateu à porta com força, várias vezes. O sorriso de sua esposa ao recebê-lo o tranquilizou.

– Por que...? – começou a perguntar quando ela voltou a trancar a porta.

Fátima pôs um dedo na boca e lhe pediu silêncio. Depois o acompanhou até o pátio. Hamid havia infringido a estrita ordem quanto ao lugar em que as crianças deviam ser educadas. Hernando havia exigido que essas lições tivessem lugar nos quartos, para que ninguém pudesse ouvi-los falar em árabe. Mas, em vez disso, Hamid os havia levado para o pátio, onde, sentados no chão da galeria em simples esteiras, as crianças escutavam o alfaqui enquanto este tentava ensinar-lhes matemática.

Ia queixar-se com a esposa, mas a viu, outra vez, com o dedo no meio dos lábios e se resignou ao silêncio.

– Hamid disse – explicou ela então – que a água é a origem da vida. Que as crianças não aprendem no interior de um cômodo enquanto ouvem correr a água lá fora. Que elas precisam do aroma das flores, do contato com a natureza para desfrutarem de seus sentidos e assim aprender com facilidade.

Hernando suspirou e ao virar-se de novo deparou com as três crianças observando-o, sorridentes; Hamid o fazia de soslaio, como um menino grande.

– E ele tem razão – cedeu. – Não podemos privá-los do paraíso – afirmou. Segurou Fátima pela mão e se aproximou do lugar onde se encontravam professor e alunos. Dia a dia Hamid recuperava seu caráter, e aquela mostra de rebeldia... no fundo lhe agradava.

Cumprimentou os filhos e Shamir em árabe, e, ao ouvirem-no, as próprias crianças lhe instaram que baixasse a voz. Sentou-se no espaço que sobrava da esteira de Francisco e se virou para Hamid.

– A paz – cumprimentou assentindo.

– A paz seja com você, Ibn Hamid – respondeu-lhe o alfaqui.

Enquanto Aisha e Fátima não acabaram de preparar o jantar, Hernando se manteve em silêncio. Escutou as explicações de Hamid e

observou os progressos das crianças. Shamir lhe recordava Brahim: arisco, inteligente, mas, ao contrário de seu pai, com um grande coração, que ele demonstrava no cuidado dos menores. Francisco, o mais velho de seus filhos, a quem teve de advertir em várias ocasiões de que não mordesse a língua enquanto fazia números com seu palito numa tabuinha de folhas untadas que se usavam várias vezes, era um menino esperto e simpático, mas sempre previsível: os olhos azuis, herdados do pai, e sua espontaneidade anunciavam até o que se propunha a fazer, acusando-o inapelavelmente quando fazia alguma travessura. Francisco era incapaz de mentir; nem sequer sabia ocultar a verdade.

Após tocar-lhe com um dedo a ponta da língua que apareceu de novo diante da dificuldade de uma soma e verificar como se escondia com rapidez, como uma serpente, Hernando voltou a atenção para Inés, consciente de que Hamid faria o mesmo que ele, como se soubesse o que pensava. Na verdade era igual à mãe... linda! A menina estava envolvida em escrever números, e seus imensos olhos negros pareciam dispostos a atravessar a tabuinha. Inés perguntava e se interessava pelas coisas, pensava nas respostas que recebia e, às vezes imediatamente, às vezes após alguns dias, voltava a mostrar alguma dúvida quanto à mesma questão. Seus raciocínios não eram tão ágeis ou imediatos como os dos meninos, mas, diferentemente destes, eram sempre fundamentados. Inés refulgia com seus simples movimentos.

Hernando anuiu com a cabeça, em sinal de satisfação, e depois trocou um olhar com Hamid. Sim, eles se encontravam num paraíso, com a porta da rua fechada a intromissões estranhas, escutando o rumor da água ao correr na fonte e sentindo o intenso aroma das flores, esplendoroso àquela hora do entardecer em que o sol se esvanecia e o frescor fazia reviver as plantas e excitava os sentidos; mas era a mesma coisa, disseram-se um ao outro em silêncio, a mesma coisa que por anos havia feito o alfaqui com o menino mourisco no interior de uma mísera choça, perdida nos contrafortes de Sierra Nevada.

Como se não quisesse perturbar a concentração das crianças, Hamid o observou sem dizer nada, reconhecendo o valor de seu primeiro aluno, aquele a quem havia passado seus conhecimentos com mesmo segredo com que o fazia agora com seus filhos. Havia sido um longo caminho: a orfandade, uma guerra, a escravidão nas mãos de um corsário e a deportação para terras estranhas em que não tinham encontrado senão ódio e desventura. A pobreza e o duro trabalho no curtume; a errância e a volta à comunidade; a sorte nas cocheiras até tornar-se o membro mais importante entre os seus, e agora... Ambos pousaram ao mesmo tempo o olhar sobre as três crianças, e um calafrio de satisfação percorreu a coluna de Hernando: seus filhos!

Nesse momento, Aisha os chamou para jantar.

Hernando ajudou o alfaqui a levantar-se. Hamid aceitou a ajuda e se apoiou nele. Depois, ao atravessar o pátio, sozinhos, dado que as crianças o percorreram em quatro rápidas passadas, continuou apoiando-se nele.

– Lembra-se da água das serras? – perguntou o alfaqui ao passar ao lado da pequena fonte, junto à qual pararam por alguns instantes.

– Sonho com ela.

– Eu gostaria de voltar a Granada – sussurrou Hamid. – Terminar meus dias naqueles cumes...

– Ali se esconde uma espada sagrada que alguém, algum dia, terá de empunhar de novo em nome do único Deus. Nesse dia o espírito de nosso povo renascerá nas serras, principalmente o seu, Hamid.

Se Hamid lhes inculcava a Verdade, Hernando se esforçava por ensinar às crianças a imprescindível doutrina cristã para que pudessem atestar sua correspondente evangelização aos domingos na catedral ou nas visitas semanais de preceito do pároco de Santa María. O jurado da paróquia e o superintendente haviam abandonado seus controles, talvez pela dependência hierárquica de Hernando com relação ao cavalariço real e sua jurisdição especial, mas D. Álvaro, o prebendado da catedral que se achava à frente da paróquia, impecavelmente

vestido sempre com seus hábitos negros e seu barrete, continuava com suas visitas semanais como se de qualquer outro cristão-novo se tratasse, embora todos suspeitassem que seu interesse maior era o bom vinho e os saborosos doces de Aisha com que era recebido em suas longas visitas, e não verificar a catolicidade da família. De qualquer forma, entre goles e bocados, D. Álvaro se acomodava numa cadeira na galeria e examinava as crianças, ouvindo-as uma semana atrás da outra, com obstinação, como se tivesse medo de que as tivessem esquecido, recitar as orações e as doutrinas que lhes haviam ensinado, farsa que sempre se desenrolava diante de uma família atemorizada com a possibilidade de que a qualquer dos pequenos escapasse alguma frase ou expressão em árabe.

Sempre que tinha a oportunidade, Hernando tomava a iniciativa e se sentava com o sacerdote para distraí-lo e conversar com ele sobre temas diversos, principalmente acerca da situação do outro movimento herético que ameaçava o império espanhol e em que estava realmente interessado: o luteranismo.

Hamid, por seu lado, simulava qualquer indisposição e se encerrava em seu pequeno quarto – Hernando estava convencido de que para orar, numa espécie de desafio à presença do sacerdote – assim que D. Álvaro passava pela cancela do pátio.

– É uma obra de caridade – justificou-se em resposta ao interesse de D. Álvaro por aquele invisível Hamid que, segundo os livros da paróquia, estava recenseado como da casa. – Trata-se de um velho doente que vivia em nosso povoado das Alpujarras, e, como bom cristão, eu não podia permitir que morresse na rua. Tem febres recorrentes. Quer vê-lo?

O sacerdote bebeu um gole de vinho, passeou o olhar pelo agradável jardim e, para a tranquilidade de Hernando, negou com a cabeça. Para que queria ele aproximar-se de um velho que padecia de febres?

Assim, depois de D. Álvaro verificar mais uma vez a memória das crianças, as conversas se davam na galeria entre este e Hernando a sós,

enquanto Aisha e Fátima, do outro lado do pátio, cuidavam de que não acabassem o vinho e os doces. Fazia pouco tempo que havia caído nas mãos de Hernando e de D. Julián um exemplar das *Instituições* de Calvino, editado na Inglaterra em língua castelhana. Eram muitos os livros protestantes publicados em castelhano, na Inglaterra, na Holanda ou na Zelândia, que corriam clandestinamente pelos reinos de Felipe II. O rei e a Inquisição lutavam com todas as suas forças para manter pura e incólume a fé católica, livre de qualquer influência herética, a ponto de já fazer vinte anos que o monarca havia proibido que os estudantes espanhóis fossem estudar em universidades estrangeiras, exceção feita, naturalmente, às pontifícias de Roma e da Bolonha.

Muitos mouriscos viam com bons olhos as doutrinas protestantes, sobretudo os aragoneses, por seu contato geográfico com a França e o Béarn, para onde fugiam para converter-se ao cristianismo, mas renegando o catolicismo. Os ataques dos protestantes ao papa e aos abusos do clero, o comércio de bulas e indulgências, a condenação do uso de imagens como objetos de culto ou devoção, o poder de qualquer crente para interpretar os textos sagrados à margem da hierarquia eclesiástica e a visão rígida da predestinação constituíam pontos de contato entre duas religiões minoritárias que lutavam por resistir aos ataques da Igreja Católica.

Hernando discutiu o assunto com D. Julián, e também com Hamid, e todos lamentaram aquela aproximação entre muçulmanos e homens que, definitivamente, não deixavam de ser cristãos, por maiores simpatias que pudessem sentir por esta tendência.

– Afinal de contas – alegou o sacerdote –, os protestantes querem reencontrar-se com as escrituras dentro do cristianismo, e os mouriscos convertidos não pretendem reforma alguma, mas sua simples destruição. As posições sincréticas entre as doutrinas luteranas e as muçulmanas que se começam a perceber em alguns escritos polêmicos dos próprios crentes não fazem senão enfraquecer o verdadeiro objetivo da comunidade mourisca.

Assim que D. Álvaro deixava a casa, depois de ter criticado os luteranos e os ataques que faziam à forma de vida do clero católico, Hamid saía de seu quarto indignado e, indefectivelmente, jogava pelo ralo o que restava do vinho.

– Isso custa dinheiro – repreendia-o Hernando, mas lhe permitia tal desagravo esforçando-se por esconder um sorriso.

Chamava-se Azirat e acarretou uma das maiores mudanças na vida de Hernando. Já desde a época do imperador Carlos I, as finanças da monarquia sempre tinham estado em situação de quebra. Fazia cinco anos que o reino havia suspenso seus pagamentos; nem sequer as imensas fortunas em prata e ouro que chegavam do Novo Mundo eram suficientes para cobrir os gastos dos exércitos espanhóis, aos quais se somavam os descomunais custos da luxuosa corte borgonhesa, cujo protocolo o imperador havia adotado. A Espanha dispunha de consideráveis matérias-primas, das quais não se tirava o devido proveito: a excelente lã de carneiro merino castelhano era vendida não manufaturada para comerciantes estrangeiros, que a transformavam em fazendas que depois revendiam na Espanha por dez ou vinte vezes o preço de custo que haviam pagado. O mesmo sucedia com o ferro, a seda e outras muitas matérias-primas; e o ouro, por causa das guerras ou do comércio, saía da Espanha em abundância. Os juros que o rei pagava a seus banqueiros eram superiores a quarenta por cento, e as bulas e indulgências que se vendiam e com que se financiavam tanto Roma como a Espanha não eram suficientes. Fidalgos, clero e numerosas cidades não pagavam os impostos e todo o custo fiscal recaía no campo, nos trabalhadores e nos artesãos, o que os empobrecia ainda mais e impedia o desenvolvimento do comércio, num círculo vicioso de difícil solução.

Em 1580 a situação econômica se agravou ainda mais: após a morte em Alcácer-Quibir do rei D. Sebastião de Portugal numa vã tentativa de conquistar Marrocos, seu tio, o rei Felipe de Espanha, reclamou seus direitos sucessórios ao trono de Portugal, e, como o braço popular

se negasse a coroá-lo, preparava a invasão do reino vizinho com um exército sob o comando do velho duque de Alba, que então estava com setenta e dois anos. Além do Brasil, Portugal dominava a rota comercial com as Índias Orientais e se assenhoreava de toda a costa africana, de Tânger a Mogadíscio, margeando todo o continente. Com a união de Portugal, a Espanha se converteria no maior império da história.

Todos aqueles ingentes gastos afetavam também as cavalariças reais, que, apesar de Felipe II continuar presenteando-se e presenteando os seus diletos e as cortes estrangeiras com magníficos exemplares da nova raça, se ressentiam da falta de fundos que D. Diego López de Haro não cessava de exigir da Junta de Obras e Bosques, encarregada de dá-los.

Por isso, parte do soldo de cavaleiros e trabalhadores foi pago com potros descartados das cavalariças, com a condição de que, se ao crescerem interessassem ao rei, pudessem ser substituídos por outros, o que dificilmente chegava a suceder dada a quantidade de cavalos que nasciam por ano e ao fato de que os empregados não demoravam a vender os cavalos rejeitados para conseguir dinheiro. Com a venda de apenas oito cavalos das cocheiras do rei, adquiriram-se trinta bons exemplares de guerra para o exército acantonado na praça de Orã!

Mas Hernando não estava disposto a vender Azirat, o cavalo que lhe haviam dado como pagamento de parte de seus salários; sua forma de vida era austera, e suas necessidades poucas. Na invernada, no momento de ferrar os potros a fogo e anotá-los no livro de registro, o chamaram de Andarín pela elegância de seus movimentos, mas havia nascido com uma cor vermelha ardente, brilhante, que o invalidava para os gostos cortesãos; o pelo alazão não era admitido na nova raça.

Andarín, com aquela cor de fogo que revelava cólera, ímpeto e velocidade, cativou Hernando desde o preciso instante em que este o viu mexer-se.

– Vou chamá-lo Azirat – comentou com Abbas. No entanto, não pronunciou a letra *zeta* espanhola, mas usou a cedilha e alongou o

"tê": *açiratt*.

Abbas franziu o cenho ao mesmo tempo que Hernando assentia. A ponte do *açiratt;* a ponte de entrada no céu, longuíssima e estreita como um cabelo, que se estendia por cima do inferno e através do qual os bem-aventurados atravessariam como um raio enquanto os demais cairiam no fogo.

– Não só dá azar mudar o nome original de um cavalo – retrucou o ferrador –, mas em alguns casos isso é punido até com a morte. Os estrangeiros que o fazem podem ser sentenciados à pena capital.

– Eu não sou estrangeiro, e este cavalo seria capaz de atravessar esse longo e delicado cabelo – respondeu, sem fazer caso da advertência do amigo –, poderia andar sobre ele sem cair nem rompê-lo. Parece que não toca o chão... Parece flutuar no ar!

Aos vinte e seis anos, Hernando era o chefe de um clã familiar e um dos mais considerados e influentes membros da comunidade mourisca. Vivia sempre cercado de gente, ocupando-se dos outros. Azirat veio proporcionar-lhe momentos de liberdade de que não havia desfrutado ao longo de sua existência, e assim, sempre que tinha oportunidade, aparelhava o cavalo e ia para o campo em busca da solidão, algumas vezes percorrendo as invernadas a passo, com tranquilidade, pensativo; outras vezes, no entanto, permitia a Azirat demonstrar sua velocidade e sua pujança. E às vezes buscava as invernadas em que pastavam os touros, correndo-os sem machucá-los, brincando com aqueles perigosos chifres que nunca chegavam a atingir as ancas de Azirat quando este se esquivava com agilidade diante de suas investidas, fazendo os touros perseguir a espessa cauda do cavalo e dar fortes cabeçadas sem efeito nos longos pelos dela.

Nunca se dirigiu para o norte, para Sierra Morena, ali onde acampava Ubaid com os *monfíes*. Abbas lhe assegurou que o arrieiro de Narila não o perturbaria, que lhe haviam feito chegar um recado exigindo-o, mas Hernando não se fiava nisso.

Aos domingos, costumava montar junto com Francisco e Shamir, que haviam crescido como irmãos, e lhes cedia o controle das rédeas

onde não havia perigo. Se quando ele saía a cavalo buscava a solidão, procurando não chamar muito a atenção dos cristãos, com as crianças não chegava a correr pelo campo e se limitava a passear pelos arredores de Córdova. Um dia, ao entardecer, atravessou a ponte romana com as crianças, orgulhosas e sorridentes. Francisco ia na frente, uma perna de cada lado; Shamir, agarrado a suas costas.

– Olhe, pai! – assinalou Francisco assim que deixaram para trás Calahorra e chegaram ao campo de la Verdad. – Ali está Juan, o muleiro.

À distância, Juan os cumprimentou com gesto cansado. Cada domingo que passavam por ali, Hernando o via cada vez mais envelhecido; já nem sequer lhe restavam aqueles poucos dentes com que conseguira mordiscar o mamilo da mulher da mancebia.

– Desmontem, rapazes – disse Juan aos meninos com voz pastosa assim que chegaram ao lugar onde ele estava. Hernando estranhou, mas o muleiro o fez calar com um gesto. – Vão ver as mulas. Disse-me Damián que elas sentem muita saudade de vocês desde a última vez em que as afagaram.

Damián era um pequeno velhaco que Juan havia tido de contratar para que o ajudasse. Francisco e Shamir correram para a récua, e os dois homens ficaram frente a frente. Juan moveu os lábios sobre as gengivas, preparando-se para falar.

– Há uma pessoa, um cristão-novo dos seus, perguntando, investigando... – Hernando esperou até o muleiro verificar que ninguém os estava escutando – ... por causa do contrabando de folhas de papel.

– Quem é?

– Não sei. Não se dirigiu a mim. Mas ouvi que perguntou a um arrieiro.

– Tem certeza?

– Rapaz, estou a par de tudo o que entra e sai ilegalmente de Córdova. Agora pouco posso fazer além de fofocar e tirar vantagem daqui e dali.

Hernando pôs a mão na bolsa e lhe entregou umas moedas. Desta vez Juan as aceitou.

– Não vão bem as coisas? – interessou-se o mourisco.

– Os olhos do dono engordam o cavalo – começou a recitar Juan fazendo um gesto depreciativo para Damián –, e os lacaios e moços o gastam e destroem – finalizou o dito. – O mesmo vale para as mulas, e não tenho nenhuma saída. E quanto a me meter em... Hoje eu não conseguiria nem levantar um dos remos d'*A Virgem cansada*!

– Conte comigo se precisar de algo.

– É melhor se preocupar com você mesmo, rapaz. Aquele mourisco e, suponho, também a Inquisição vão atrás de todos vocês que estão usando tal papel.

– Vocês? Como pode imaginar...?

– Posso estar velho e fraco, mas não sou idiota. Nem a Igreja nem os escrivães têm necessidade de fazer entrar tais quantidades de papel de contrabando. Diz-se que o papel é de baixa qualidade e vem de Valência. O arrieiro a quem o mourisco perguntou era dali; por isso tampouco se trata do papel que os fidalgos usam para escrever e o editor para imprimir seus livros.

Hernando bufou.

– Não podemos averiguar quem é esse mourisco?

– Se algum dia o arrieiro de Valência voltar... mas duvido que o faça sabendo que alguém faz perguntas inconvenientes. Se puderem encontrá-lo em sua terra... Mas não perca um segundo – aconselhou o muleiro, urgindo-o.

– Meninos! – gritou Hernando pondo o pé esquerdo no estribo e passando com agilidade a perna direita por cima da garupa. – Vamos embora. – Ergueu um e outro até montá-los. – Se souber de algo mais... – acrescentou então para Juan. O muleiro anuiu com um sorriso que deixou à mostra as gengivas. – Azirat ficou doente – disse a Francisco diante das queixas do menino por não continuarem o passeio. Em seus lados, sentiu a pressão das mãos de Shamir, como se ele não acreditasse naquela desculpa dirigida ao pequeno. – Você não

vai querer que adoeça ainda mais, não é mesmo? – insistiu, no entanto, tentando acalmar Francisco.

Nas cavalariças, enquanto os meninos ajudavam o moço a desembocar o cavalo, Hernando advertiu Abbas do sucedido; depois correu para a rua dos Barberos.

– Não quero ver uma folha de papel nesta casa! – ordenou a Fátima, à sua mãe e a Hamid, sobretudo a Hamid, apontando-o com um dedo. Reuniram-se longe das crianças, num dos quartos superiores, e ele lhes explicou acaloradamente o que lhe havia contado Juan. O alfaqui tentou responder, mas Hernando não o permitiu: – Hamid, nem uma só, está me entendendo? Não podemos correr risco, nem colocá-los em risco – acrescentou fazendo um gesto para o pátio, onde se ouviam os risos das crianças. – Nem a todos os outros.

Contudo, foi Fátima quem discutiu:

– E o Corão? – Ainda conservavam o exemplar que Abbas lhes tinha dado.

Hernando pensou por alguns instantes.

– Queime-o. – Os três olharam para ele, atônitos. – Queime-o! – insistiu. – Deus não o vai levar em conta. Trabalhamos para Ele e de pouco lhe serviria que nos prendessem.

– Por que não o esconde fora de...? – disse Aisha.

– Queimem-no! E varram as cinzas do papel. A partir deste momento... de quando tiverem queimado tudo – corrigiu-se –, quero a porta do saguão aberta. Suspenderemos as aulas das crianças até vermos o que vai acontecer, e você, Fátima, esconda o pingente onde ninguém possa encontrá-lo. Tampouco quero incisões nas paredes que apontem para Meca.

– Não é possível tirá-las – aduziu Hamid.

– Pois faça outras, muitas outras, em todas as direções. Certamente sempre vai se lembrar de qual é a boa. Tenho de ir à mesquita... mas também é preciso avisar Karim e Jalil, Karim sobretudo. – Observou os três. Podia confiar em que cumpririam suas instruções, em que não tentariam esconder também aquele Corão que durante tantas noites

tinham lido? – Venha – disse a Fátima, estendendo a mão para que ela a segurasse.

Saíram do cômodo e se apoiaram na balaustrada da galeria do andar superior. Lá embaixo as crianças brincavam, ao redor da fonte. Riam, corriam e tentavam pegar uns aos outros ao mesmo tempo que se molhavam mutuamente. Ficaram contemplando-os em silêncio, até que Inés percebeu sua presença; ergueu o rosto para eles e mostrou os mesmos olhos negros e amendoados de sua mãe. Imediatamente, Francisco e Shamir a imitaram, e, como se estivessem conscientes da importância do momento, as três crianças mantiveram o olhar. Por alguns instantes, assim como subiam entremesclados o frescor do pátio e o aroma das flores, uma corrente de vida e de alegria, de inocência, se deslocou do pátio para a galeria superior. Hernando apertou a mão de Fátima ao mesmo tempo que sua mãe, atrás dele, apoiava a dela no ombro do filho mais velho.

– Passamos fome e muitas penúrias até chegar aqui – disse ele rompendo o encantamento –, não podemos errar agora. – Ergueu-se de repente. Devia confiar neles! – Tratem de arrumar a casa – ordenou dirigindo-se a Fátima e Aisha. – Pai – acrescentou, dirigindo-se a Hamid –, eu confio em você.

Chegou à catedral antes que terminasse o ofício cantado de vésperas. A música do órgão e os cânticos dos noviços que estudavam nos jesuítas inundavam o recinto, flutuando entre as mil colunas da mesquita. Hierarquicamente ordenados em seus correspondentes assentos do coro, como era sua obrigação em todos os ofícios, todos os membros do cabido participavam dos cânticos. O cheiro de incenso esbofeteou Hernando: depois de ter respirado o fresco aroma das flores e plantas do pátio, aquele ar adocicado lhe recordou a razão por que estava ali. Juntou-se aos fiéis que participavam do ofício; uma vez terminado o ato, dirigiu-se a um porteiro para que procurasse D. Julián e lhe comunicasse que o estava esperando.

Ele o fez diante da grade da biblioteca, que então estava em obras. Após a morte do bispo frei Bernardo de Fresneda e em sede vacante, o

cabido da catedral havia decidido transformar a biblioteca numa nova e suntuosa capela do Sacrário, ao estilo da Capela Sistina, dado que o sacrário que se encontrava na capela da Ceia havia ficado pequeno. Parte da biblioteca foi transferida para o palácio do bispo; o restante convivia com as obras até que se construísse uma nova biblioteca junto à Porta de São Miguel.

– Bem – comentou o sacerdote tentando transmitir tranquilidade a Hernando após escutar suas afogueadas explicações. – Amanhã, depois do ofício de vigília, mandarei que levem nossos livros e papéis para o palácio do bispo.

– Para o palácio do bispo? – espantou-se Hernando.

– Onde seria melhor? – sorriu D. Julián. – É a sua biblioteca particular. Há centenas de livros e manuscritos, e sou eu quem se ocupa deles. Não se preocupe com isso, eu os esconderei bem. Por mais livros que frei Martín pretenda ler, nunca chegará a descobrir os nossos; além disso, dessa forma, quando a situação se acalme, poderemos continuar com o nosso trabalho

Poderia, pensou Hernando, aproveitar também ele o estratagema de D. Julián e esconder seu Corão na biblioteca do frei Martín de Córdoba?

– É possível que na minha casa ainda haja um Corão e alguns calendários lunares...

– Se os trouxer antes do ofício de vigília... – D. Julián interrompeu suas palavras para responder ao cumprimento de dois prebendados que passaram a seu lado. Hernando inclinou a cabeça e murmurou algumas palavras. – Se os trouxer – repetiu quando os sacerdotes já não podiam ouvi-los –, eu me ocuparei deles.

Hernando perscrutou o velho sacerdote: seu aprumo... era real ou mera impostura? D. Julián imaginou seus pensamentos.

– O nervosismo só pode levar-nos ao erro – esclareceu. – Devemos vencer esta dificuldade e continuar com o nosso trabalho. Em algum momento você pensou que isto seria simples?

– Pensei... – reconheceu um titubeante Hernando após alguns instantes. E a verdade é que assim lhe havia parecido ultimamente. A princípio, quando ia à catedral, notava como se lhe retesavam os músculos e que lhe sobressaltava o menor barulho, mas depois, pouco a pouco...

– A confiança em excesso não é boa conselheira. Devemos estar sempre alerta. Temos de encontrar esse espião antes que ele nos encontre. Karim saberá do arrieiro valenciano. É preciso encontrá-lo e saber quem foi que lhe fez perguntas.

Karim havia levado tudo. Os demais tentaram convencê-lo de que lhes permitisse ajudá-lo, mas o velho se negou e tiveram de reconhecer sua razão. "Que um se arrisque já é o bastante", afirmava o velho. Karim se ocupava de adquirir o papel e de tratar com os mouriscos valencianos e com os arrieiros; ele se ocupava de fazê-lo chegar a Hernando e a D. Julián, e era ele quem recebia os livros ou documentos já escritos para, depois de encaderná-los com a ajuda de uma prensa que guardava em casa, distribuí-los por toda a Córdova. À exceção das esporádicas reuniões que faziam, e que pouco poderiam demonstrar, ninguém podia relacionar os demais membros do conselho com a cópia e venda de exemplares do Corão.

Deixaram a catedral pela Porta de São Miguel. Já era quase noite fechada e subiram pela rua do Palacio. Como quase todos os religiosos de Córdova, D. Julián também morava na paróquia de Santa María, na rua dos Deanes, a poucos passos de Hernando. No cruzamento de Deanes com Manriques, onde se formava uma pracinha, um homem fornido foi ao seu encontro. Hernando pôs a mão na faca que usava na cintura, mas uma voz conhecida deteve seus movimentos.

– Calma! Sou eu, Abbas. – Reconheceram o ferrador, que não ficou de rodeios: – Os membros da Inquisição acabam de prender Karim – anunciou. – Revistaram sua casa e encontraram dois exemplares do Corão e outros documentos, que eles apreenderam, bem como a prensa, as lâminas e os demais instrumentos que usava para encaderná-los.

39

Chamava-se Cristóbal Escandalet e havia emigrado para Córdova de Mérida, com a mulher e três filhos jovens, fazia alguns anos. Era fazedor de bolinhos de chuva profissional e percorria a cidade oferecendo os saborosos doces mouriscos feitos com farinha amassada e fritos em óleo: bolinhos de chuva *de viento*; bolinhos de chuva *de jeringuilla*, alongados, compactos e estriados, ou bolinhos de chuva banhados em mel. Hamid localizou a casa em que ele vivia amontoado com quatro outras famílias, no humilde bairro de San Lorenzo, perto da Porta de Plasencia, na extremidade ocidental da cidade.

Estava seguindo-o fazia alguns dias. Estudou como falava e tratava com as pessoas, como as conquistava graças a uma considerável simpatia e capacidade para envolver os potenciais compradores de seus produtos, fossem cristãos-velhos ou cristãos-novos. Tinha cerca de trinta anos; de estatura normal, magro e fibroso, movia-se sempre com vigor, carregado de seus aparelhos para fritar bolinhos de chuva. Hamid verificou que tinha uma frigideira reluzente, e que o saco de pasteleiro pela qual saíam os bolinhos de chuva era novo.

– O preço por trair Karim! – exclamou, irado, observando a certa distância como Cristóbal apregoava as excelências de seus doces num dia de mercado, diante da cruz do Rastro, onde a rua da Feria se juntava à ribeira do Guadalquivir.

Uma mulher que passava a seu lado se virou para ele, surpresa. Hamid manteve o olhar com frieza, e a mulher seguiu seu caminho. Depois o alfaqui voltou a concentrar-se no fazedor de bolinhos de chuva, em seus braços nervudos e em seu pescoço ereto e forte. Devia cortar aquele pescoço, e devia fazê-lo ele, Hamid! Só ele podia fazê-lo! Essa era a pena para o muçulmano que deixava sua lei, e, para

Cristóbal, não havia possibilidade de arrependimento: havia traído seus irmãos de fé. No entanto, como um velho coxo, fraco e desarmado podia executar a sentença de morte que ditou assim que teve conhecimento do nome do traidor?

A detenção e confinamento de Karim no cárcere da Inquisição, no alcácer dos reis cristãos, comoveu a comunidade mourisca de Córdova. Durante dias não houve outro tema de conversa entre seus membros, alguns dos quais semearam a dúvida acerca da identidade do traidor do respeitado velho. Eram muitos os que conheciam as atividades de Karim: aqueles que vigiavam a casa durante as reuniões do conselho; os que compravam exemplares do Corão, das profecias, dos calendários lunares ou dos escritos de polêmica; e aqueles outros que aproveitavam suas idas ao campo para trabalhar as terras para levar os livros para fora de Córdova e distribuí-los pelas demais aljamas do reino. A desconfiança se instalou na comunidade, e foram muitos os que tiveram de defender sua inocência diante de olhares de soslaio ou acusações diretas. Para não originar mais receios na grei, os membros do conselho decidiram não tornar pública a notícia de que havia sido precisamente um mourisco quem fizera perguntas ao arrieiro valenciano, mas tampouco puderam fazer nada para investigar de quem se tratava: Karim estava incomunicável no cárcere da Suprema, e sua esposa, velha e alquebrada pelo acontecido, nada sabia a respeito, como contou a Abbas quando o ferrador conseguiu vê-la por fim depois de os membros da Inquisição terem feito minucioso inventário dos poucos bens de Karim para requisitá-los para o Santo Ofício.

A delação era, de longe, o mais infame e execrável dos delitos que podia cometer um mourisco. Desde a época do imperador Carlos I se haviam sucedido os editos de graça por parte da Inquisição espanhola, sustentados todos eles em bulas papais. Tanto o rei como a Igreja tinham consciência das dificuldades que implicava a pretendida evangelização de um povo inteiro batizado à força; a carência de sacerdotes suficientemente capacitados e dispostos para levar a bom

termo tal tarefa era indiscutível. A Igreja também estava consciente de que, naquela situação, o número de relapsos que indefectivelmente deveriam acabar na fogueira era tão elevado, que a função exemplar dessa pena carecia de sentido e de efeitos sobre o restante, razão por que durante um século tentou acolher em seu seio os mouriscos que simplesmente confessassem e se reconciliassem, ainda que fosse em segredo, sem o conhecimento de seus irmãos, estendendo o perdão até a relapsos reincidentes e oferecendo-lhes benefícios como a não confiscação de seus bens.

No entanto, essas confissões estavam submetidas a uma condição: deviam denunciar os outros membros de sua comunidade que praticavam a heresia. Nenhum dos editos de graça prosperou. Os membros da comunidade mourisca não se delataram entre si.

Por outro lado, o povo odiava os mouriscos. Sua laboriosidade, contrariamente aos artesãos cristãos, que pretendiam emular nobres e fidalgos com sua animadversão por qualquer tipo de atividade laboral, exacerbava as pessoas que viam como os mouriscos, uma vez superado o desconcerto produzido pela deportação dos granadinos, voltavam a enriquecer: pouco a pouco, ducado a ducado. Também se dirigiam numerosas queixas aos conselhos reais por parte dos povoados, baseadas na considerável fertilidade dos mouriscos, que, por outro lado, não eram chamados para os exércitos reais que ano a ano iam dizimar o campesinato e as povoações espanholas.

Tal como supunha Hernando, Fátima e Hamid não haviam queimado o Corão e os demais documentos: os haviam escondido no pátio, sob as varandas.

– Ingênuos – recriminou-os, depois de extrair-lhes a verdade. – Os oficiais da Inquisição não teriam levado nem um instante para encontrá-los.

Ele queimou tudo salvo o Corão e, antes do amanhecer, após uma noite sem dormir temendo ouvir o ressoar dos passos dos oficiais da Suprema dirigindo-se para sua casa, escondeu o livro divino em sua

marlota e o levou para a catedral, antes do ofício de vigília, como lhe havia dito D. Julián.

Desceu a rua dos Barberos e a de los Deanes até chegar à Porta do Perdão. Fazia frio, mas ele levava a marlota dobrada sobre o braço direito, com o Corão junto a seu corpo. Tremeu. De frio? Só depois de passar pelo grande arco da Porta do Perdão, compreendeu que não era o frio o que lhe provocava aquelas tênues convulsões. Que estava fazendo? Nem sequer se havia perguntado isso: pegara o livro para entregá-lo a D. Julián como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo, e agora se encontrava no horto da catedral, com um Corão debaixo do braço, rodeado de sacerdotes que iam para o ofício de vigília. Salvo o bispo, que atravessava pela antiga ponte que unia a catedral a seu palácio, os demais o faziam pela Porta do Perdão: as outras dignidades do cabido, reconhecíveis por suas luxuosas vestimentas, e mais de uma centena de cônegos e capelães a que se somavam organistas e músicos, meninos do coro, acólitos, alcaides do silêncio, sacristães, vigilantes... De repente se viu imerso numa corrente de sacerdotes e de todos os tipos de trabalhadores da catedral. Alguns conversavam, os outros caminhavam em silêncio, sonolentos, com aspecto áspero. Um tremendo calafrio lhe percorreu a coluna. Encontrava-se num dos lugares mais sagrados de toda a Andaluzia com um Corão debaixo do braço! Parou, e três meninos do coro que iam atrás dele foram obrigados a ultrapassá-lo. Apertou o livro contra o corpo e, fingindo uma indiferença que de modo algum sentia, verificou que a marlota o cobria. Viu o rio de homens vestidos de hábito negro e barrete confluir na Porta do Arco das Bênçãos, pela que se entrava no interior do recinto, e então decidiu-se e deu meia-volta para fugir dali. Já trataria de esconder o Corão em algum outro...

– Ei! – Hernando escutou a exclamação às suas costas e quis acreditar que não fosse dirigida a ele. – Você! – Olhou para a frente e apertou o passo. – Pare! – Um suor frio brotou de repente e lhe percorreu a costas. O início do arco da Porta do Perdão estava a apenas... – Alto!

Dois porteiros foram até ele e o impediram de continuar.

– Não está ouvindo o inquisidor chamá-lo? – Hernando balbuciou uma desculpa e olhou para além da porta, para a rua. Podia correr e fugir. Sua mente tentava decidir: fugir? Tê-lo-iam reconhecido e, antes que pudesse buscar Fátima e as crianças... – Por acaso não entende? – gritou-lhe o outro porteiro.

Hernando se virou para o horto. Um sacerdote magro e altíssimo o esperava. Sabia que uma das prebendas do cabido da catedral era reservada a um representante da Inquisição. Hesitou de novo. Sentiu a respiração dos porteiros em sua nuca e, no entanto... o cônego estava sozinho, e não o acompanhavam nenhum outro membro da Inquisição nem nenhum aguazil da Suprema.

Tranquilizou-se e respirou fundo.

– Padre – cumprimentou com uma inclinação de cabeça após percorrer a distância que o separava do inquisidor. – Desculpai-me, mas nunca pude imaginar que Vossa Paternidade se dirigisse a mim, um simples...

O inquisidor o interrompeu e lhe deu a mão, mole, para que fizesse a devida genuflexão. Instintivamente ia segurá-la, mas o livro debaixo de seu braço direito... ele o segurou por cima da marlota com o esquerdo e o colou ao peito ao mesmo tempo que chegava quase a ajoelhar-se para poder verificar que não se via nada. O inquisidor lhe instou que se levantasse. Hernando dobrou a marlota sobre o braço para impedir que se pudesse notar de algum modo a presença do livro. O sacerdote o examinou de alto a baixo. Ele apertou o Corão contra o peito. Ali estava contida a revelação divina! Era esse livro que deveria estar no interior da mesquita, custodiado no *mihrab*, em lugar de todos aqueles sacerdotes cristãos com seus cânticos e suas imagens! Uma onda de calor partiu dali onde se alojava o livro divino, junto a seu coração, para estender-se por todo o seu corpo. Ergueu-se e retesou os músculos e, quando o inquisidor pôs fim à inspeção, se sentia forte, confiante em Deus e em sua palavra.

– Ontem – falou o inquisidor com voz sibilante –, prendemos um herege que se dedicava a copiar, encadernar e distribuir escritos difamatórios e contrários à doutrina da Santa Madre Igreja. Não haverá período de graça para sua confissão espontânea. Hoje mesmo, dada a gravidade do caso e a necessidade de prender seus possíveis cúmplices antes que fujam, daremos início aos interrogatórios na sede do tribunal. Os livros estão escritos num árabe que nosso tradutor usual não consegue compreender totalmente. O cabido me deu excelentes referências suas, razão por que você deverá apresentar-se ali na hora da terça para presenciar os interrogatórios e atuar como tradutor de todos esses escritos.

Hernando murchou. A inteireza desapareceu no instante em que se imaginou diante de Karim, presenciando seu interrogatório e talvez sua tortura... enquanto traduzia o que ele mesmo havia escrito!

– Eu... – tentou desculpar-se balbuciante – tenho de trabalhar nas cavalariças...

– A perseguição da heresia e a defesa da cristandade estão acima de qualquer trabalho! – interrompeu-o o inquisidor.

Os cânticos começaram a soar no interior da catedral, e as vozes chegavam até o horto. O sacerdote virou o rosto para a Porta do Arco das Bênçãos e se apressou a entrar; correu como que deslizando, sem fazer barulho.

– Na hora da terça, não se esqueça – insistiu antes de deixá-lo sozinho. Hernando percorreu a pequena distância que o separava de sua casa com a mente em branco, tentando não pensar, murmurando suras e apertando o Corão contra o peito.

O alcácer dos reis, antiga residência dos Reis Católicos e agora sede do tribunal inquisitorial, era uma fortaleza construída pelo rei Afonso XI sobre as ruínas de parte do palácio do califa. No entanto, fazia tempo que todo o dinheiro que chegava ao tribunal para a conservação do lugar era usado pelos inquisidores para seus gastos pessoais, razão por que as instalações se haviam ido degradando progressivamente e, ali

onde devia haver quartos, salas, secretarias e arquivos, ficavam galinheiros, pombais, estrebarias e até lavanderias de panos cujos produtos os criados dos inquisidores vendiam sem o menor pudor na porta que dava para o Campo Real. As condições higiênicas do alcácer, entre animais e sujeira, cárceres insalubres e dois lagos de águas paradas e putrefatas que se situavam no limite que dava para o Guadalquivir, chegaram a alimentar a lenda de que quem quer que vivesse no alcácer adoecia até morrer.

Na hora da terça, como lhe ordenaram, Hernando se apresentou na porta que dava para o Campo Real, sob a torre do Leão.

– Tem de dar a volta – indicou-lhe grosseiramente um dos vendedores de panos. – Atravesse o campo-santo e entre pela Porta do Pau, na torre da Vela, junto ao rio.

A Porta do Pau se abria para um pátio amuralhado, com álamos e laranjeiras, que dava para o Guadalquivir. Dois porteiros o interrogaram como se fosse ele quem iria ser julgado até que um deles, com gesto brusco, lhe indicou uma pequena porta que se abria na fachada sul. Assim que a passou e deixou para trás as árvores do pátio, Hernando sentiu que se grudava a seu corpo a malsã umidade do lugar. Tomou um lúgubre corredor que levava à sala do tribunal; à sua esquerda se abriam os cárceres em intrincada disposição para aproveitar o espaço do antigo alcácer; sabia que neles se amontoavam os presos, mas era tal o aterrador silêncio, que seus passos ressoaram ao longo do corredor.

A sala do tribunal era retangular e de altos tetos abobadados. Em um de seus lados já se achavam, atrás umas mesas, vários inquisidores, entre os quais aquele que lhe falara na catedral, o promotor fiscal do Santo Ofício e o notário. Tomaram-lhe juramento acerca da confidencialidade de quanto ouvisse na "sala do segredo" e o sentaram diante uma mesa mais baixa que as outras, junto ao notário. Diante deles havia três exemplares mal costurados do Corão e alguns outros documentos soltos.

Era Karim quem se encarregava da costura das folhas antes de distribuí-los. Com o rumor das conversas dos inquisidores ao fundo, Hernando reconheceu cada um daqueles exemplares do livro divino. Com os olhos fitos nos livros, conseguiu recordar em que momento exato havia escrito cada um deles, dado que já quase não necessitava copiá-los; as dificuldades que teve em um ou em outro; os erros cometidos; as penas que usou e em que sura o fez; a tinta que lhe faltou; as observações e comentários de D. Julián... As brincadeiras e as inquietudes diante de qualquer barulho estranho e imprevisto... a expectativa e a esperança de um povo representadas em cada caractere que chegou a escrever naquelas folhas de papel demasiado acetinado e de baixa qualidade que com tanta dificuldade lhes chegava de Xátiva.

Hernando se encolheu na dura cadeira de madeira diante do aparecimento de Karim na sala do tribunal; sujo e andrajoso, fraco e encolhido. Que pensaria o velho? Que seria ele o delator? Não foi necessário mais que um instante, em que o olhar de Karim pousou nele, para convencê-lo de que tal possibilidade estava muito distante da mente do velho.

– Eu lhe perdoo! – exclamou Karim uma vez no centro da sala, sem dirigir-se a ninguém em especial, interrompendo o início da leitura por parte do notário.

Os inquisidores se irritaram.

– Que tem você para perdoar, herege? – disse um deles. Hernando não prestou atenção às imprecações que se sucederam. Aquelas palavras eram dirigidas a ele. Eu lhe perdoo! Karim havia evitado olhar para qualquer pessoa ao pronunciá-las e havia falado no singular. Eu o perdoo! Hernando havia fraquejado ao vê-lo entrar, mas depois se recompôs. Naquela mesma manhã se havia sentido forte com o Corão apertado contra o peito; no entanto, depois se havia engolfado no desespero ao saber que teria de presenciar o processo de Karim. Fátima, Aisha e um cabisbaixo Hamid o haviam crivado de perguntas, a nenhuma das quais foi capaz de responder. E agora Karim o perdoava, comprometendo-se a assumir toda a responsabilidade.

Ao longo da manhã desse dia, Karim respondeu ao interrogatório de praxe.

– Todos os cristãos! – indicou diante da pergunta acerca de se tinha inimigos conhecidos. – Aqueles que descumpriram o tratado de paz assinado pelos seus reis; os que nos insultam, nos maltratam e nos odeiam; os que roubam nossos documentos para que nos prendam, os que nos impedem de cumprir nossas leis...

Depois, com voz trêmula, Hernando traduziu parte do conteúdo dos livros, que Karim também reconheceu como resultantes de seu trabalho, para satisfação dos inquisidores. O velho confessou: ele mesmo havia obtido o papel e a tinta e ele mesmo os havia escrito. Ele e só ele era o responsável por tudo!

– Podem levar-me para o queimadeiro – desafiou-os, apontando com o indicador para todos os presentes. – Nunca me reconciliarei com a sua Igreja.

Hernando conteve o choro, consciente, não obstante, do leve tremor de seus lábios.

– Cão herege! – explodiu um dos inquisidores. – Porventura acha que somos imbecis? Consta-nos que um velho como você não é capaz de fazer tudo isso sozinho. Queremos saber quem o ajudou e quem está com os livros que faltam.

– Já disse que não há ninguém mais – assegurou Karim. Hernando o viu sozinho, de pé, no centro da grande sala, enfrentando o tribunal: um espírito imenso num corpo pequeno. Na verdade, não havia ninguém mais; ninguém mais era necessário, pensou então, para defender o Profeta e o único Deus.

– Há, sim. – A afirmação, cortante mas serena, surgiu da voz sibilante do cônego da catedral. – E você nos dirá seus nomes. – Suas últimas palavras pairaram no ar antes que o mesmo inquisidor ordenasse a suspensão do ato até o dia seguinte.

Naquela tarde, Hernando não foi para as cavalariças. Depois que os aguazis levaram Karim e os inquisidores deixaram suas mesas, tentou evitar sua presença na sessão do dia seguinte: já havia traduzido parte

dos documentos e, além disso, os corães estavam entrelinhados em aljamiado.

– Por isso mesmo – opôs-se o cônego. – Ignoramos se essas traduções entrelinhadas são corretas ou se não são senão outro estratagema para nos confundir. Você vai ficar conosco durante todo o processo.

E o despediu com um displicente gesto de mão.

Hernando não almoçou nem jantou. Nem sequer falou. Encerrou-se em seu quarto e, na direção da *quibla*, orou durante o que restava do dia e parte da noite até cair exausto.

Ninguém o interrompeu nem o incomodou; as mulheres mantiveram as crianças em silêncio.

Na hora da terça do dia seguinte, Hernando não foi acompanhado à sala do segredo. Do mesmo corredor que levava ao tribunal, desceram por uma escada até umas abóbadas sem janelas em que já se achavam presentes os inquisidores. Sussurravam entre si, reunidos em círculo ao redor dos mais variados instrumentos de tortura: maromas que pendiam do teto, um potro, e mil e um artefatos de ferro cruéis para lacerar, imobilizar ou desmembrar os réus.

O fedor que se respirava no interior do lugar, quente e pegajoso, tornava-se insuportável. Hernando conteve uma ânsia de vômito à vista de todos aqueles macabros instrumentos.

– Sente-se ali e espere – ordenou-lhe o cônego apontando-lhe uma mesa próxima, onde já se achavam os corães e os papéis do notário, que por sua vez conversava com os inquisidores, com o médico e com o verdugo.

– É velho demais – ouviu um dos inquisidores comentar. – Devemos ir com cuidado.

– Não vos preocupeis – asseverou o verdugo, um homem calvo e fornido. – Eu cuidarei dele – ironizou.

Alguns sorriram.

Hernando se obrigou a afastar o olhar daquele grupo de homens, e teria desejado poder tapar também os ouvidos. Pousou os olhos sobre a mesa, nos papéis do notário. "Mateo Hernández, cristão-novo mouro", rezava a primeira página escrita com a esmerada caligrafia do notário da Inquisição. Depois se seguia a descrição da data, lugar, e dos fatos em que se fundamentavam a abertura do processo, a relação dos inquisidores presentes, até que, na última linha daquela primeira página, podia ler-se:

> Em Córdova, aos vinte e três de janeiro do ano mil quinhentos e oitenta de Nosso Senhor, diante do bacharel Juan da Portilla, inquisidor do Tribunal de Córdova, e na Sala do Santo Ofício, com a finalidade de denunciar a heresia, compareceu aquele que disse chamar-se...

Aí terminava a última linha da primeira página. Hernando levantou a cabeça para os inquisidores: continuavam conversando à espera de que lhes trouxessem o réu. Vinte e três de janeiro! Disso fazia mais de um mês. Quem era aquele que havia comparecido diante do inquisidor fazia mais de um mês e cuja denúncia havia originado o processo? Só podia ser... De repente se fez silêncio, e Karim entrou na sala de tortura acompanhado de dois aguazis. No preciso instante em que os inquisidores desviavam sua atenção para o réu, Hernando virou a folha. Uma simples olhada lhe bastou: Cristóbal Escandalet. De punhos cerrados, conteve o impulso de verificar se alguém havia percebido sua ação e esperou que o notário se sentasse a seu lado.

Cristóbal Escandalet, dizia entre dentes Hernando como se quisesse gravar a fogo o nome em sua memória. Era esse o traidor!

Karim voltou a negar que alguém o tivesse ajudado. Seu seguro tom de voz, que obrigou Hernando a fixar-se nele, contrastou com seu aspecto cansado e andrajoso, sobretudo depois que lhe arrancaram a camisa para mostrar um tronco sem pelos e flácido.

– Comece o interrogatório – ordenou D. Juan da Portilla, em pé como os demais inquisidores, ao mesmo tempo que o notário começava a escrever com sua pena no papel.

Puseram o réu de bruços e o imobilizaram sobre o potro, com os braços para trás para lhe amarrarem os polegares com um cordão que se enlaçava com uma maroma; esta subia até um torno pendente do teto para depois descer de novo. Karim voltou a negar-se a responder às perguntas do inquisidor, e o verdugo começou a puxar o cabo da maroma.

Se alguém esperava que gritasse, enganou-se. O velho apertou o rosto contra o potro e só permitiu que lhe escapassem alguns surdos grunhidos que estontearam Hernando; gemidos só rompidos pelas insistentes perguntas do inquisidor.

– Quem são os que estão com você? – gritava várias vezes, tanto mais exaltado quanto maior era o silêncio de Karim.

Quando o verdugo balançou a cabeça, e os inquisidores pararam suas tentativas e soltaram o velho do potro, seus polegares olhavam para o dorso das mãos, desprendidos de suas bases. Seu rosto estava congestionado, sua respiração era agônica, os olhos pareciam cansados, aquosos, e do lábio inferior lhe corriam filetes de sangue; não conseguia manter-se de pé sem ser seguro pelo verdugo. O médico se aproximou de Karim e lhe examinou os polegares manipulando-os com negligência, descuidadamente, e Hernando contemplou no rosto de seu amigo as demonstrações de dor que até então havia escondido.

– Ele está bem – anunciou o facultativo. No entanto, dirigiu-se ao bacharel Portilla e lhe falou ao ouvido. Enquanto o fazia, Hernando viu o notário anotar o ditame: “O réu está bem.”

– A sessão está suspensa até amanhã – determinou o inquisidor assim que o médico se separou dele.

– Você tem de comer – sussurrou Fátima depois de entrar no quarto onde Hernando permanecia orando desde que chegara a casa. Já passava da meia-noite.

– Karim não come – respondeu ele.

Fátima se aproximou do esposo, que naquele momento estava sentado sobre os calcanhares e com o tronco descoberto. Seus braços e seu peito estavam arranhados, lacerados em algumas áreas, resultado do vigor com que se havia lavado, esfregando-se como se quisesse arrancar a pele e livrar-se do fedor da masmorra que, apesar de tudo, continuava impregnado em seu corpo.

– Está fazendo frio. Você deveria se agasalhar.

– Deixe-me, mulher! – Fátima obedeceu e deixou a tigela com comida e a água num canto. – Diga a Hamid que venha até aqui – acrescentou sem se virar para ela.

O alfaqui não demorou a chegar.

– A paz... – Hamid interrompeu seu cumprimento diante do aspecto de Hernando, que nem sequer se virou para ele. – Você não deveria se castigar – murmurou.

– O traidor se chama Cristóbal Escandalet – revelou Hernando como única resposta. – Diga-o a Abbas. Ele saberá o que fazer.

Teria gostado de matá-lo com as próprias mãos, estrangulá-lo lentamente e contemplar seus olhos agônicos, causar-lhe a mesma dor que Karim padecia, mas se achava à disposição do tribunal e havia decidido que seria mais conveniente fosse Abbas quem se ocuparia daquele cão. E quanto antes melhor.

– O castigo para quem trai o nosso povo é mortal. Sem dúvida Abbas saberá o que fazer. O que me preocupa... – Hamid deixou que suas últimas palavras flutuassem no ar; esperava uma reação da parte de Hernando, mas este fez menção de iniciar suas orações. – O que me preocupa – insistiu então o alfaqui – é se você sabe o que você deve fazer.

– Que quer dizer? – perguntou Hernando, após alguns instantes de dúvida.

– Karim está se entregando por nós...

– Está me protegendo – interrompeu-o Hernando ainda de costas para ele.

– Não seja soberbo, Ibn Hamid. Ele protege a todos. Você... você não é senão mais um instrumento em nossa luta. Ele também protege a sua esposa, e às mães a quem ela ensina a palavra revelada, e a estas quando as transmitem a seus filhos, e aos pequenos que as aprendem em segredo com a advertência de que não as usem fora de casa... Ele protege a todos nós.

Hamid percebeu um ligeiro tremor no corpo de Hernando.

– Minha vida está nas mãos dele – disse por fim, virando o rosto para o alfaqui, que temeu que seu pupilo caísse. Aproximou-se dele e se prostrou a seu lado, com dificuldade. – É possível que você tenha razão... certamente! Ele protege a todos nós, mas você não pode imaginar o pânico que me assalta quando vejo aquele frágil corpo maltratado, quebrado pela tortura, submetido a interrogatório. Quanto pode aguentar um velho como ele? Estou com medo, Hamid, sim. Eu tremo. Não consigo controlar os joelhos nem as mãos. Temo que, na loucura da dor, ele acabe por delatar a mim.

O alfaqui esboçou um triste sorriso.

– A força não reside em nosso corpo, Ibn Hamid. A força está em nosso espírito. Confie no de Karim! Não o delatará. Fazê-lo significaria trair seu povo.

Os dois trocaram um olhar.

– Já rezou? – surpreendeu-o o alfaqui rompendo o silêncio. Hernando pensou escutar o eco daquelas mesmas palavras na velha choça de Juviles. Apertou os lábios à espera das seguintes: – A oração da noite é a única que podemos praticar com certa segurança. Os cristãos estão dormindo. – Hernando ia responder como sempre fazia, com um nó na garganta devido à nostalgia que o invadia, mas Hamid o impediu. – Quanto lutamos desde então, meu filho?

No entanto, Hamid não deu o recado a Abbas. O ferrador era jovem e forte. Karim morreria, durante a tortura ou queimado como um herege. Jalil era tão velho quanto Karim; D. Julián também era mais velho e tinha de agir sempre na clandestinidade, sem possibilidade de

movimentar-se entre os mouriscos; e ele... ele sentia que sua vida não demoraria a acabar. Abbas não devia arriscar-se. Mas como podia matar aquele cão traidor?, voltou a pensar enquanto o via vender despreocupadamente seus bolinhos de chuva na cruz do Rastro.

Durante aqueles dois dias de constante perseguição, haviam desconjuntado os braços de Karim no potro de tortura, mas o velho continuava tão obcecado em seu silêncio como Hernando em seu jejum e oração. Fátima e Aisha estavam preocupadas, e até as crianças pressentiam que algo terrível se avizinhava.

– Ele bebe a água que você lhe deixa? – perguntou Hamid a Fátima.

– Bebe – respondeu ela.

– Nesse caso... aguentará.

Hamid viu o fazedor de bolinhos de chuva transladar sua barraca para uma área em que se havia reunido um numeroso grupo de pessoas. Seguiu-o com o olhar até vê-lo parar junto a um faqueiro.

Oferecia aos gritos seus produtos, espremendo o saco de pasteleiro para fazer sair pela boquilha bolinhos de chuva *de jeringuilla*, que caíam formando círculos na frigideira e chispavam no óleo fervente antes de ele os cortar para oferecê-los ao público. Facas! Mas era muito grande a distância que havia entre Cristóbal e o faqueiro para que, supondo que conseguisse pegar uma faca, pudesse surpreender o fazedor de bolinhos de chuva e cravá-la nele. Certamente os gritos do faqueiro o poriam em guarda. Além disso, devia cortar-lhe a cabeça! Como...?

De repente, Hamid apertou os maxilares.

– Alá é grande – disse entre dentes enquanto mancava na direção do fazedor de bolinhos de chuva.

Cristóbal o viu dirigir-se para ele com os olhos cravados diretamente nos seus. Parou de anunciar seus bolinhos de chuva e franziu o cenho, mas, quando o alfaqui chegou ao lugar onde ele estava, sorriu. Era apenas um velho aleijado!

– Quer um, vovô? – Hamid negou com a cabeça. – E então? – perguntou Cristóbal.

Nesse momento, Hamid pegou a frigideira com as duas mãos. O chiado da pele e da carne dos dedos queimando-se com a frigideira incandescente pôde ser ouvido pelos que estavam ao redor. O alfaqui nem sequer piscou. Algumas pessoas saltaram para o lado no exato momento em que ele atirava o óleo fervente no rosto de Cristóbal. O fazedor de bolinhos de chuva uivou e pôs as mãos no rosto antes de cair no chão contorcendo-se de dor. Com a frigideira ainda nas mãos, e o cheiro de carne queimada invadindo o lugar, o alfaqui se dirigiu para a barraca do faqueiro. As pessoas se afastaram à sua passagem, e o faqueiro fez o mesmo diante de um homem enlouquecido que parecia capaz de atirar-lhe o resto do óleo. Então Hamid jogou a frigideira em qualquer lugar, pegou uma faca, a maior das que estavam expostas para venda, e voltou ao lugar onde o fazedor de bolinhos de chuva continuava gritando.

A maioria das pessoas observava parada, a distância; alguém correu em busca dos aguazis.

Hamid se ajoelhou junto a Cristóbal, que esperneava e uivava deitado de costas, com o rosto escondido entre as mãos. Então lhe cortou os braços, e a repentina e nova dor levou o fazedor de bolinhos de chuva a descobrir a garganta. O alfaqui passou a faca no pescoço do delator: foi um corte certeiro, profundo, com toda a força de uma comunidade ultrajada e traída. Brotou um jato de sangue, e Hamid se levantou encharcado dele, com a imensa faca ainda na mão, e topou com um aguazil que segurava uma espada desembainhada.

– Seus cães cristãos! – gritou ameaçador, deixando escapar todo o rancor que havia reprimido ao longo da vida.

O aguazil afundou a espada no estômago de Hamid.

As Alpujarras, os cumes brancos de Sierra Nevada, os rios e os despenhadeiros, os diminutos terraços de terra fértil conquistados à montanha, escalão a escalão, o trabalho nos campos e as orações noturnas... tudo apareceu com nitidez na mente de Hamid. Não sentia

dor alguma. Hernando, seu filho!... Aisha, Fátima, os pequenos... Tampouco sentiu dor quando o aguazil puxou a arma e a extraiu de seu corpo. O sangue manou de suas entranhas, e Hamid o observou: igual ao vertido por milhares de muçulmanos que decidiram defender sua lei.

O aguazil permanecia em pé diante dele, certo de que aquele velho morreria num instante. As pessoas os rodeavam em silêncio.

– Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus – entoou Hamid.

Não deviam capturá-lo. Não deviam saber quem era ele. Por razão alguma queria pôr em perigo sua família. Ergueu a faca e coxeou para o rio, junto à cruz do Rastro. As pessoas se afastaram à sua passagem, e o aguazil o seguiu. Tinha de cair! Um arroio de sangue ficava atrás dele, e no entanto todos pararam, como que enfeitiçados pela magia daquele velho que mancava com serenidade para a margem do rio.

– Não! – gritou o aguazil ao compreender as intenções de Hamid, no exato momento em que este se deixou cair no Guadalquivir e desapareceu em suas águas.

Hernando não era capaz de suportar mais dor. Acabara de voltar do alcácer dos reis cristãos, onde a tortura a Karim se havia transformado em crueldade inútil: o velho continuava negando-se a revelar a identidade de seus cúmplices, e até o verdugo havia ousado virar-se para os inquisidores indicando com um gesto das mãos o absurdo daquela insistência.

– Continue! – gritou-lhe o bacharel Portilla atalhando suas dúvidas.

Enquanto isso, Hernando era obrigado a presenciar a barbárie. As palavras de Hamid haviam conseguido que ele se firmasse em sua fé, no espírito que os movia a lutar por suas leis e costumes, e com esse ânimo tentava ir ao alcácer dos reis, mas, uma vez nas masmorras, quando torturavam Karim e lhe exigiam o nome de seus cúmplices, o medo voltava a assaltá-lo. Era seu nome o que tão tenazmente Karim calava! A apenas dois passos, Karim era selvagemente torturado; sentia

o cheiro de seu sangue e de sua urina; contemplava as convulsões que se refletiam em seus músculos, contraídos pela dor intensa; ouvia seus gritos abafados, piores que o mais terrível dos uivos, e seus ofegos e soluços nos descansos. Algumas vezes se orgulhava pela vitória de Karim sobre os inquisidores, defendia seu povo, a sua lei! Mas outras vezes sentia um atroz sentimento de culpa... E às vezes seu suor frio se misturava com o fedor da masmorra ante o simples pensamento de que Karim pudesse ceder e apontá-lo com um dedo: ele!, é a ele que vocês buscam! Então se encolhia na cadeira, aterrorizado, com o estômago apertado, imaginando como os aguazis e os inquisidores se lançavam sobre ele. O seguinte podia ser ele, e ninguém poderia lançar no rosto de um homem, qualquer que fosse sua condição, que diante tal acúmulo de tormentos esmorecesse e declarasse aquilo que lhe exigiam. Orgulho, culpa, pânico; os sentimentos se entremesclavam em Hernando, iam e vinham, o sacudiam como a um boneco, alternando-se sem trégua diante de uma simples pergunta, de um novo puxão da maroma, de um grito...

Acabara de voltar para casa quando um jovem enviado por Jalil lhe contou o sucedido com Hamid. Fátima e Aisha choravam encolhidas no chão, contra a parede, abraçadas às crianças.

Não podia suportar mais dor!

– O fazedor de bolinhos de chuva morto... – disse Hernando com a voz embargada. – Chamava-se Cristóbal Escandalet?

– Sim – respondeu-lhe o jovem.

Hernando balançou a cabeça. Porventura Hamid não o havia dito a Abbas?

– Esse homem era um espião e um traidor – afirmou então dirigindo-se de novo ao jovem mourisco. – Foi ele quem denunciou Karim à Inquisição. Que todos os nossos irmãos saibam por que o nosso melhor alfaqui cometeu tal ação! Ele o julgou, deu sentença, e ele mesmo a executou. Que o saiba também a família do fazedor de bolinhos de chuva!

Chorou já em seu quarto, pronto para entregar-se de novo à oração e ao jejum. Quem usaria agora o pequeno quarto do andar de baixo? E a incisão na direção da *quibla*, quem se prostraria diante dela a partir de então? Mostrara-lhe a incisão como teria podido fazer um menino ao praticar uma boa ação, com orgulho e inocência, à espera de seu beneplácito. Hamid, aquele com quem havia aprendido tudo, aquele de quem tomou o nome: Hamid ibn Hamid, o filho de Hamid!

Uma lágrima nublou sua visão para afastá-lo da realidade. Então, um grito de estremecer ressoou na noite por todo o bairro de Santa María:

– Pai!

Os aguazis fizeram Karim entrar arrastando-o pelas axilas; a cabeça pendia, e os pés, já destroçados pela tortura, deslizavam atrás dele pelo chão, como se quem os tivesse unido aos tornozelos para apresentá-lo aos inquisidores tivesse errado ao fazê-lo.

Os aguazis tentaram erguê-lo diante do bacharel Portilla, e o verdugo puxou pelo pouco cabelo branco que restava a Karim para mostrar seu rosto. O inquisidor estalou a língua e deu um soco no ar, rindo.

Hernando observou os olhos arroxeados do velho, inchados, perdidos para muito além das paredes da masmorra; talvez olhando para a morte, talvez para o paraíso. Quem merecia o paraíso mais que aquele bom crente? Então os lábios ressecados de Karim se mexeram.

– Silêncio! – clamou o inquisidor.

Pôde-se ouvir na peça o balbucio de Karim como um rumor distante; delirava em árabe.

– Que está dizendo? – vociferou o inquisidor para Hernando.

O mourisco aguçou o ouvido sabendo-se observado pelo bacharel Portilla.

– Está chamando a esposa – julgou entender. Amina, esteve prestes a dizer. – Ana – mentiu –, parece que se chama Ana.

Karim não parava de murmurar.

– Tanto palavreado para chamar a esposa? – desconfiou o inquisidor.

– Está se lembrando de poesias – esclareceu Hernando. Pareceu-lhe escutar uma daquelas antigas, das que estavam gravadas nas paredes da Alhambra de Granada. – Assemelha-se à esposa... que se apresenta ao esposo adornada com sua beleza tentadora – recitou.

– Pergunte-lhe por seus cúmplices. Talvez agora...

– Quem são os seus cúmplices? – obedeceu Hernando, sem poder levantar o olhar.

– Em árabe, imbecil!

– Quem...? – começou a traduzir para deter-se de repente. Ninguém naquela masmorra, salvo Karim, podia entendê-lo. – Deus fez justiça – anunciou-lhe em árabe. – Aquele que traiu o nosso povo foi degolado conforme a nossa lei. Hamid de Juviles se ocupou disso. Você se encontrará com o santo alfaqui no paraíso.

Portilla desviou o olhar para o mourisco, estranhando a extensão de seu discurso. Nesse momento, um brilho quase imperceptível apareceu nos olhos do ancião ao mesmo tempo que seus lábios se contraíam num ricto que pretendia ser um sorriso. Depois, expirou.

– Será queimado em efígie no próximo auto de fé – sentenciou o inquisidor quando o médico, após examinar Karim, certificou o que todos já sabiam. – Que é que ele lhe disse? – perguntou a Hernando.

– Que ele devia ser um bom cristão – afirmou sem pestanejar, seguro de si mesmo. – Que devia confessar o que os senhores queriam e reconciliar-se com a Igreja para obter o perdão de Nosso Senhor e a salvação eterna de sua alma...

O bacharel pôs os dedos nos lábios e os esfregou.

– Está bem – cedeu depois.

40

Córdova, 1581

Em 15 de abril de 1581, as Cortes portuguesas, reunidas na cidade de Tomar, fizeram rei de Portugal Felipe II de Espanha. A Península Ibérica se unificava assim sob uma mesma coroa, e o Rei Prudente obtinha o controle dos territórios que a formavam e do comércio com o Novo Mundo, dividido entre a Espanha e Portugal em razão do tratado de Tordesilhas.

Foi precisamente em Portugal que pela primeira vez se tratou a possibilidade do extermínio em massa dos mouriscos espanhóis. Reunidos o rei, o conde de Chinchón e o reabilitado ancião duque de Alba, cujo temperamento não se suavizava nem sequer com a velhice, estudaram a possibilidade de embarcar todos os mouriscos com destino à Berbéria para, uma vez em alto-mar, esburacar as naus para que perecessem afogados.

Por sorte, ou talvez porque a armada estivesse ocupada com outras coisas, a matança de todo um povo não foi levada a efeito.

Mas no mês de agosto desse mesmo ano, em Portugal, o rei adotou também outra decisão que afetaria diretamente Hernando. Naquele verão a seca fez estragos na campina cordovesa: as éguas careciam de pastos nas invernadas, e faltava dinheiro para alimentá-las com grãos excessivamente caros que, por outro lado, eram demandados pelos habitantes. Até o episcopado de Córdova tinha sido obrigado a adquirir trigo importado para a Espanha. Por isso, o rei escreveu ao cavalariço-mor D. Diego López de Haro e ao conde de Olivares comunicando-lhes que a eguada devia ser transladada para Sevilha, para os pastos do coto real do Lomo del Grullo, sobre o qual tinha jurisdição o conde, para que ali pudesse pastar.

Havia transcorrido mais de um ano desde que Karim morrera nas mãos do verdugo da Inquisição e Hamid desaparecera nas águas do Guadalquivir após punir a traição à comunidade mourisca. Hernando viveu esse período em constante penitência, porque, cada vez que recordava o obstinado silêncio de Karim na sala de tortura do alcácer dos reis cristãos, lhe invadia um sentimento de culpa que ele só julgava mitigar mediante o jejum e a oração.

– Teria morrido do mesmo modo – tentou convencê-lo Fátima, preocupada com o estado do esposo: magro, emaciado e com profundas olheiras escuras que apagavam o intenso azul de seus olhos. – Ainda que tivesse confessado, nunca se teria reconciliado com a Igreja e o teriam executado de qualquer modo.

– Talvez sim... – respondeu Hernando, pensativo –, talvez não. Isso não podemos saber. A única coisa verdadeira, a única coisa que sei, dado que o vivi momento a momento, é que ele faleceu dolorosa e cruelmente para manter em segredo meu nome.

– O de todos, Hernando! Karim ocultava o nome de todos aqueles que continuam a crer no único Deus, não só o seu. Você não pode assumir sozinho essa responsabilidade.

Mas o mourisco rejeitou as palavras de sua mulher.

– Dê-lhe tempo, minha filha – recomendou Aisha diante do choro de Fátima.

D. Diego anunciou a Hernando que devia ir com a eguada para Sevilha e ficar com ela até voltar para Córdova. Fátima e Aisha se alegraram, esperançosas de que a viagem e o tempo que permanecesse em Sevilha conseguissem distraí-lo e arrancá-lo da tristeza em que se achava engolfado e para a qual não parecia existir consolo, nem sequer em seus passeios diários no lombo de Azirat.

No início de setembro, cerca de quatrocentas éguas, os potros de um ano e os nascidos nessa primavera se puseram em marcha na direção dos ricos pastos das marismas do baixo Guadalquivir. O Lomo del Grullo ficava a umas trinta léguas de Córdova pelo caminho de Écija e Carmona para Sevilha, de onde, uma vez atravessado o rio,

deviam dirigir-se para Villamanrique, povoação encravada junto ao coto de caça real. Em circunstâncias normais, a viagem podia ser feita em umas quatro ou cinco jornadas, mas Hernando e os demais cavaleiros que o acompanhavam logo compreenderam que, pelo menos, o número de dias dobraria. D. Diego contratou pessoal complementar para que ajudasse os tratadores das éguas que andavam junto aos animais, tentando manter unida e compacta uma grande manada que não estava tão acostumada a tais percursos de longa distância como poderiam estar os grandes rebanhos de ovelhas que transumavam pela próxima canhada real da Mesta. A todo aquele contingente de homens e cavalos se juntou, como se de uma romaria se tratasse, um grupo de nobres cordoveses desejosos de agradar ao rei, que não faziam senão dificultar e retardar o trabalho daqueles cavaleiros.

Assim, como bem previram Fátima e Aisha, Hernando acabou por esquecer toda preocupação, concentrando-se em galopar para lá e para cá com Azirat para recuperar as éguas ou os potros que se afastavam da manada, ou para atuarem todos juntos para agrupar ainda mais os animais no momento de atravessar uma passagem estreita ou complicada. O vermelho brilhante do pelo de Azirat se destacava onde quer que ele trabalhasse, e sua agilidade, seus caracolares e seu ar soberbo despertavam a admiração dos viajantes.

– E aquele cavalo? – perguntou um nobre obeso, mais refestelado que montado numa grande cadeira de couro repuxada com adornos de prata, a outros dos que o acompanhavam, um pouco afastados da manada para evitar a poeirada que a manada levantava do seco caminho.

Hernando acabara de frustrar a fuga de um dos potros, perseguindo-o, ultrapassando-o e revolvendo-se diante dele com Azirat empinado, e o cavalo, elevado sobre seus quartos traseiros, sem chegar a patear o ar, obrigou o rebelde a retornar.

– Por seu pelo vermelho, deve ser apenas um refugo das cavalariças reais – presumiu um dos interpelados. – Uma verdadeira pena –

sentenciou, impressionado com os movimentos de cavalo e cavaleiro. – Deve ser um dos cavalos com que Diego paga parte do salário dos empregados.

– E o cavaleiro? – perguntou o primeiro.

– Um mourisco – esclareceu agora o terceiro. – Ouvi Diego falar dele. Tem uma grande confiança em suas qualidades, e não há dúvida de que...

– Um mourisco... – repetiu para si o nobre obeso sem fazer caso de outras explicações.

Os três homens observavam agora como Hernando se dirigia a galope para a frente da manada. Quando o mourisco passava a seu lado, o conde de Espiel se ergueu sobre os estribos de prata de sua luxuosa cadeira de montar e franziu o cenho. Onde havia visto antes aquele rosto?

O rei os proveu de ordens para conseguir ajuda das pessoas e dos corregedores de todos os povoados que atravessassem em seu caminho, mas, apesar disso, antes de pôr fim a cada jornada, os cavaleiros tinham de encontrar o lugar adequado para reunir e alimentar aquela quantidade de gado e obter grãos ou palha se os pastos escolhidos fossem insuficientes. Ao mesmo tempo, os nobres buscavam o conforto do povoado mais próximo.

De noite, Hernando se deixava cair exausto depois de atender a Azirat, jantar o caldo da panela que o cozinheiro preparava sobre um fogo em campo aberto e conversar um tempo com os demais homens. Só durante os turnos de guarda naquelas invernadas abertas e desconhecidas tanto para o gado quanto para os homens ele rememorava os acontecimentos que haviam marcado seu último ano.

Foi nesses momentos de silêncio, montado sobre Azirat, que Hernando veio a reconciliar-se consigo mesmo. No lombo de seu cavalo, enquanto ouvia o bufar de algum dos animais romper o silêncio ou estimulava com suavidade aquele que, dormitando, pretendia afastar-se da manada, o mourisco recuperou o sossego. Quão diferentes eram aquelas horas do fragor de mais de meio milhar de

animais pelos caminhos! Os relinchos e bramidos, os coices e as mordidas; a imensa poeirada que levantavam em sua passagem e que o impedia de ver para além de alguns passos. De noite podia contemplar um imenso céu estrelado, nítido e brilhante, diferente do que podia ver de sua casa de Córdova, enfiada entre tantas outras construções. Ali no campo, a sós, chegou a sentir-se como nas Alpujarras. Hamid! Entregara-se a eles. Buscando contato com um ser vivo, palmeava o pescoço de Azirat quando notava que se fechava sua garganta à recordação do velho alfaqui. Também pensou em Karim, mas agora permitiu que as dolorosas cenas que havia vivido nas masmorras da Inquisição renascessem uma após outra em sua memória, sem refugiar-se na oração ou no jejum para afastá-las. Reviveu várias vezes a dor do velho, sentindo-a em sua carne, vendo tudo, sofrendo-a, doendo nele como se tudo se passasse ali e então o torturassem, a Karim... e a ele. Pouco a pouco, seu rosto congestionado e seus contidos uivos de dor em pugna por não dar vitória ou satisfação alguma a seus verdugos, e seu corpo cada dia mais desconjuntado, se apresentaram a ele com uma crueza tal, que Hernando se encolhia na sela e ali, na imensidão da Andaluzia, onde ao amparo da noite podia fugir para nenhum lugar para afastar-se de todas aquelas lembranças, começou a aprender a viver com sua dor e a enfrentá-la.

Hernando olhou para o céu, para a lua, que brincava de definir os contornos, e viu passar uma estrela cadente, e depois outra... e mais outra, como se os dois anciãos o contemplassem e lhe falassem do paraíso.

Brahim também viu as mesmas estrelas cadentes, mas sua interpretação foi bem diferente da de Hernando. Haviam transcorrido sete anos desde que havia armado suas primeiras embarcações para o corso, e depois de quatro temporadas capitaneando pessoalmente os ataques à costa, e de várias ocasiões em que as milícias urbanas estiveram prestes a prendê-lo, decidiu ceder seu posto nos barcos a Nasi, transformado num jovem forte e cruel como seu senhor, e limitar-se a investir seu

dinheiro, a tocar o negócio com mão de ferro e a recolher os elevados lucros que este lhe proporcionava.

Junto com Nasi se mudou para um palacete na medina de Tetuão, onde vivia rodeado de luxo e de mulheres. Para firmar uma conveniente aliança, tornou a casar-se, desta vez com a filha de outro xeque da cidade e que lhe deu duas filhas, mas, na hora de acordar e contrair matrimônio, tratou de avisar a família da noiva de que aquela mulher não era mais que sua segunda esposa; que a primeira estava retida na Espanha e que, mais dia, menos dia, voltaria para ele para ocupar o lugar que lhe cabia.

Porque, à medida que o antigo arrieiro das Alpujarras obtinha riquezas, prestígio e respeito, sua humilhante saída de Córdova o corroía cada vez mais; ali estava o coto de seu braço direito como uma recordação perene, sobretudo durante as quentes noites do verão norte-africano em que acordava, encharcado de suor, por causa das pontadas de dor daquela mão que lhe faltava. Depois, o tempo passava até o amanhecer num sono superficial. Quanto maior era seu poder, maior era seu desespero. De que lhe adiantavam os escravos se não conseguia esquecer a escravidão a que ele mesmo havia sido condenado em Córdova? Para que queria suas fabulosas riquezas se lhe tinham roubado a mulher que desejava por não poder governá-la? E toda vez que castigava algum de seus homens por roubo e sentenciava que lhe cortassem uma das mãos, sempre se via a si mesmo, em Sierra Morena, imobilizado por um grupo de *monfíes* que lhe esticavam o braço para que o alfanje amputasse a mesma mão que ele ordenava então cortar.

O conforto e a abundância, além da falta de qualquer outro tipo de preocupações, levaram Brahim a obcecar-se com seu passado, e não havia cativo cristão ou fugitivo mourisco que não fosse interrogado sobre a situação em Córdova, sobre um *monfí* de Sierra Morena a quem chamavam o Maneta; sobre Hernando, mourisco de Juviles, que vivia em Córdova e a quem chamavam o nazareno, e sobre Aisha ou Fátima. Sobretudo acerca de Fátima, cujos amendoados olhos negros

permaneciam vivos na memória e no cada vez mais doentio desejo do arrieiro. O interesse do rico corsário, que premiava com suma generosidade qualquer notícia, correu de boca em boca, e poucos eram os homens de suas embarcações que não buscavam aquelas informações e que, de uma forma ou outra, as davam a ele ao retornar de suas incursões. Assim ficou ele sabendo que o Sobahet havia morrido e que Ubaid havia ocupado seu posto.

– Conhecem Córdova?

Brahim o perguntou diretamente em aljamiado, interrompendo sem consideração os cumprimentos de cortesia dos dois frades capuchinhos em missão redentora de escravos. Que importavam a ele as formalidades?

Os frades, tonsurados, vestidos com seus hábitos e com suas cruzes no peito, se surpreenderam e se consultaram com o olhar. Eles estavam na magnífica sala de recepção do palácio da medina de Brahim, em pé diante de seu anfitrião, que os interrogava recostado sobre grande quantidade de almofadas de seda, com o jovem Nasi a seu lado.

– Sim, excelência – respondeu frei Silvestre. – Estive muitos anos no convento de Córdova.

Brahim não conseguiu esconder sua satisfação, sorriu e indicou aos monges que se sentassem junto a ele, palmeando nervosamente as almofadas que estavam a seu lado. Enquanto o corsário ordenava que chamassem um escravo para atendê-los, frei Enrique trocou um olhar de cumplicidade com seu companheiro: eles deviam aproveitar a predisposição do grande corsário de Tetuão para obter seus favores e um menor preço pelas almas que tinham ido resgatar.

Junto a outras ordens redentoras, os monges capuchinhos se ocupavam do resgate dos escravos de Tetuão, enquanto os carmelitas faziam o mesmo com os de Argel. Para tais fins, frei Silvestre e frei Enrique acabavam de visitar a alcáçova Sidi al-Mandri, residência do governador e parada obrigatória em toda missão de resgate: primeiro, após pagar impostos ao desembarcar entre os insultos e as cusparadas das pessoas, havia que libertar os cativos de propriedade do governante

do lugar; como era costume, o governador descumpriu as condições acertadas no difícil e complexo acordo pelo qual dava permissão e salvaguarda aos monges redentoristas, e exigiu maior preço e maior número de escravos de sua propriedade para libertar. Por isso, encontrar-se com um xeque bem-disposto, que os convidava a sentar-se e lhes oferecia comida e bebida que todo um exército de escravos negros já lhes estava servindo constituía uma circunstância que eles deviam aproveitar. Tinham dinheiro, bastante dinheiro, fruto de doações diretas dos familiares dos cativos, das esmolas que constantemente pediam em todos os reinos, e sobretudo dos legados que os piedosos cristãos faziam em seus testamentos. Cerca de setenta por cento dos testamentos dos espanhóis deixavam dinheiro para o resgate de almas! No entanto, todo o dinheiro do mundo era insuficiente para libertar os milhares de cristãos que se amontoavam, debaixo da terra, nos silos de Tetuão, porque a cidade fora construída sobre terreno calcário e, junto à alcáçova, havia imensas galerias subterrâneas naturais que atravessavam toda a cidade e em que estavam encerrados milhares de cristãos cativos.

Os frades tinham acabado de estar naquelas masmorras e quase haviam chegado a perder os sentidos devido ao fedor e ao ambiente malsão. Milhares de homens se amontoavam nos subterrâneos, imundos, nus e doentes. Não havia luz natural nem ar; a única ventilação provinha de umas minúsculas janelas gradeadas que davam diretamente para as ruas da cidade. Ali, os cristãos esperavam seu resgate ou sua morte, encadeados por correntes ou argolas, ou com os pés introduzidos entre longas barras de ferro que os impediam de mover-se.

– Contem-me, contem-me – exortou-os Brahim, despertando-os da recordação das selvagens condições em que eram mantidos cativos seus compatriotas.

Frei Silvestre sabia de Hernando, o mourisco empregado por D. Diego nas cavalariças reais e que aos domingos passeava por Córdova num magnífico cavalo alazão com duas crianças montadas. Haviam

comentado que prestava serviços para o cabido da catedral, embora ignorasse qualquer circunstância acerca de sua família. Mas sim, naturalmente, sabia do sanguinário *monfí* a quem todos chamavam o Maneta – o religioso teve de fazer um esforço para desviar o olhar do coto de Brahim –, que após a morte do Sobahet se havia transformado num reizinho nas entranhas de Sierra Morena. Nenhum dos dois ousou perguntar o porquê do interesse do corsário por aquelas pessoas, e, entre goles de limonada, tâmaras e doces, falaram de Córdova antes de tratar do resgate dos escravos que haviam vindo libertar e cuja negociação, para desespero dos religiosos, Brahim deixou nas mãos de Nasi.

Pouco a pouco, Brahim foi reunindo a informação que desejava, mas, apesar de a ousadia dos corsários os levar a internar-se em território cristão até povoações bastante afastadas das costas, Córdova estava demasiado longe, a mais de trinta léguas pelas vias principais, para arriscar-se a ir até lá. Além disso, que fariam ao chegarem à antiga sede dos califas?

Agora, Brahim contemplava aquelas mesmas estrelas cadentes em que Hernando, numa invernada próxima de Carmona, quisera ver um mensagem celestial de seus falecidos entes queridos. O corsário havia conseguido resolver, não sem riscos, os problemas que o impediam de levar a cabo sua vingança. A solução lhe havia chegado pela jovem e bela D. Catalina e seu pequeno Daniel, esposa e filho de D. José de Guzmán, marquês de Casabermeja, rico fazendeiro de origem malaguenha, que seus homens tinham aprisionado junto com uma pequena escolta com que viajavam, numa incursão nas cercanias de Marbella.

D. Catalina e seu filho Daniel constituíam uma presa valiosíssima, razão por que o corsário os recebeu imediatamente em seu palácio e lhes proporcionou quantas atenções fossem necessárias até que chegassem os negociadores do marquês, porque os nobres não esperavam até uma missão redentorista obter os fundos e as difíceis

autorizações necessárias do governador de Tetuão e do rei Felipe, sempre contrário àquela fuga de capitais para seus inimigos muçulmanos, ainda que no final se visse sempre obrigado a recuar. No caso de nobres e demais personalidades, assim que as famílias tinham notícias de onde se encontravam seus familiares, do que se ocupavam os próprios corsários, entrava-se em rápidas negociações para combinar o resgate.

Com D. Catalina e seu filho passou-se o mesmo, e Brahim não demorou a receber a visita de Samuel, um prestigioso mercador judeu de Tetuão com quem o arrieiro já havia feito numerosos tratos comerciais na hora de vender mercadorias capturadas aos navios cristãos.

– Não quero dinheiro – interrompeu-o assim que o judeu começou a negociar. – Quero que o marquês trate de me devolver minha família e de me propiciar vingança contra os alpujarrenhos.

A última das estrelas cadentes traçou uma parábola no límpido céu cordovês, e Brahim sorriu com a lembrança da cara de surpresa de Samuel ao escutar suas condições para libertar D. Catalina e seu filho.

– Se não for assim, Samuel – sentenciou pondo fim à conversa –, matarei mãe e filho.

Brahim olhava para o céu da sacada do quarto em que estava alojado, na estalagem do Montón de la Tierra, a última das que havia no caminho das Ventas desde Toledo, a apenas uma légua de Córdova. Por ali havia passado fazia oito anos com Aisha e Shamir em busca do Sobahet para propor-lhe o trato que acarretou a perda da mão direita. Ubaid!, disse entre dentes. Acariciou a empunhadura do alfanje que pendia de seu cinto; havia aprendido a usar a arma com a mão esquerda. Em sua bolsa levava um documento assinado pelo secretário do marquês que lhe garantia livre circulação pela Andaluzia, e na porta de seu quarto se postava um lacaio do nobre para que ninguém o incomodasse enquanto esperava os acontecimentos. Da sacada observou também o andar de baixo da estalagem, um pátio quadrado

iluminado por tochas fincadas nas paredes, ao redor do qual ficavam a cozinha e a sala de jantar, o palheiro, os quartos do estalajadeiro e sua família e estábulos para as cavalgaduras. Vários soldados do pequeno exército recrutado pelo marquês estavam ociosos no pátio e esperavam como ele. Ao estalajadeiro haviam entregado uma boa quantidade de dinheiro para comprar seu silêncio e fechar a pousada para qualquer outro viajante.

Voltou a olhar para o céu e tentou contagiar-se com a serenidade circundante. Havia anos que sonhava com esse dia. Bateu repetidamente na balaustrada de madeira em que se apoiava com o punho da mão esquerda, e dois soldados olharam para a sacada.

Nasi havia tentado convencê-lo, mais uma vez, fazia quatro dias, antes que desembarcasse nas costas malaguenhas.

– Que necessidade você tem de ir para Córdova? O marquês pode trazê-los todos para você, incluído Ubaid. Poderia entregá-lo aqui, acorrentado como um cão. Você não correria nenhum risco...

– Quero presenciá-lo desde o primeiro momento – respondeu Brahim.

Tampouco o entendeu o marquês, um jovem soberbo e tão altivo quanto sua magnífica presença anunciava. O nobre havia exigido garantias de que, uma vez cumprida sua parte no trato, o corsário cumpriria a sua, e, para sua surpresa, a garantia lhe foi apresentada na pessoa do próprio Brahim.

– Se eu não voltar, cristão – ameaçou-o este –, você não pode imaginar os sofrimentos que padecerão sua mulher e seu filho antes de morrerem.

Havia falado com Nasi a respeito.

– No caso de eu não regressar, minha mulher e minhas filhas herdarão, como é de lei – acrescentou ao despedir-se de seu jovem ajudante –, mas o negócio será seu.

Sabia que estava arriscando a vida, que se algo desse errado... mas necessitava estar ali, ver a expressão de Fátima e do nazareno, de

Aisha, de Ubaid; a vingança seria pouca se o privassem desses momentos.

Naquela madrugada, sete homens do marquês de Casabermeja, de inteira confiança e comprovada fidelidade ao nobre, se dirigiram para a Porta de Almodóvar, na parte ocidental da muralha que circundava Córdova. Durante o dia haviam comprovado que as informações recebidas sobre a situação da casa de Hernando eram corretas. Não tinham conseguido ver o mourisco, mas dois vizinhos, cristãos-velhos sempre prontos para maldizer os mouriscos, lhes confirmaram que ali vivia aquele que trabalhava como cavaleiro nas cavalariças reais. Também deram um bom dinheiro ao aguazil que devia franquear-lhe a passagem pela Porta de Almodóvar. Nessa madrugada o portão se entreabriu, e o marquês, rebuçado, junto com dois lacaios com o rosto igualmente coberto e sete soldados, entrou em Córdova. Lá fora, escondidos, esperavam dois homens com cavalos para todos. Os dez homens desceram em silêncio pela deserta rua de Almanzor até chegar à dos Barberos, onde um dos homens postou-se. O marquês, com o rosto oculto pelo rebuço, fez o sinal da cruz diante da pintura da Virgem das Dores que aparecia na fachada da última casa da rua de Almanzor antes de ordenar que apagassem as velas que descansavam sob a imagem, a única iluminação da rua. Enquanto os lacaios obedeciam, o restante se adiantou até a casa, cuja rija porta de madeira permanecia fechada. Um deles seguiu em frente, até a esquina da rua dos Barberos com a de San Bartolomé, de onde assobiou em sinal de que não havia perigo algum; ninguém andava por aquela zona de Córdova àquela hora, e só alguns barulhos esporádicos rompiam a quietude.

– Adiante – ordenou então o nobre sem lhe importar que pudessem ouvi-lo.

À luz da lua, que pugnava por chegar aos estreitos becos da Córdova muçulmana, um de seus homens se livrou da capa e, ajudado por outros dois que o impulsionaram para cima, alcançou com

espantosa agilidade uma sacada do segundo andar. Uma vez ali, jogou uma corda pela qual subiram os dois que o haviam ajudado.

O cavaleiro continuou escondido atrás de seu rebuço, e os homens que o acompanhavam empunharam suas espadas, preparados para o ataque, assim que viram seus três companheiros apertados na pequena sacada da casa de Hernando.

– Agora! – gritou o marquês.

Dois fortes pontapés no postigo de madeira que fechava a janela ressoaram nas ruas da medina. Imediatamente depois dos pontapés, ao ouvir-se o primeiro grito de dentro da casa, os da sacada se lançaram contra o frágil postigo, o fizeram em pedaços e irromperam no quarto de Fátima. Os homens que esperavam lá embaixo se moveram, nervosos, junto à porta fechada. O marquês nem sequer virou a cabeça, hierático. O alarido dos gritos e a correria de homens e mulheres pela casa, o choro das crianças e os vasos de flores que se quebravam ao cair no chão precederam a apertura da porta que dava para a rua. Os homens que esperavam lá embaixo se atropelaram uns aos outros com as espadas no alto para ultrapassar o saguão de entrada.

Nas casas vizinhas começou a haver movimento. A luz de uma lanterna brilhou num sacada próxima.

– Em nome do Maneta de Sierra Morena – gritou um dos postados no beco –, apaguem as luzes e fiquem em suas casas!

– Em nome de Ubaid, *monfí* mourisco, fechem as portas e as janelas se não quiserem ser prejudicados! – ordenava o outro andando para lá e para cá.

O marquês de Casabermeja continuou parado diante da fachada da casa; pouco depois saíram seus homens levando arrastadas Aisha e Fátima, descalças e apenas com a camisola com que dormiam, e no alto as três crianças, que choravam.

– Não há ninguém mais, excelência – comunicou-lhe um deles. – O mourisco não está.

– Que querem vocês? – gritou então Fátima.

O homem que a segurava pelo braço lhe deu um soco no rosto ao mesmo tempo que o sequaz que arrastava Aisha a sacudia para que não gritasse. Fátima, aterrorizada, teve tempo de dar uma última olhada em sua casa. Os soluços de seus filhos a fizeram virar a cabeça para eles. Dois homens as levavam nos ombros; outro arrastava Shamir, que tentava soltar-se por meio de infrutíferos pontapés. Inés, Francisco... que ia ser deles? Debateu-se mais uma vez, inutilmente, nos fortes braços de seu sequestrador. Quando se rendeu, vencida, saiu de sua boca um grito rouco, de ira e dor, que o homem abafou com a mão rija. Ibn Hamid!, murmurou então Fátima para si, com o rosto coberto em lágrimas. Ibn Hamid...

– Vamos embora – ordenou o nobre.

Voltaram pelo mesmo caminho até a Porta de Almodóvar, arrastando as duas mulheres pelas axilas; as crianças continuavam nos braços daqueles que as haviam tirado de casa.

Em apenas alguns instantes montavam a cavalo, com as mulheres deitadas sobre a cruz como se se tratasse de simples fardos, e as crianças seguras pelos cavaleiros. Enquanto isso, na rua dos Barberos, os moradores se aglomeravam diante das portas abertas da casa de Hernando, hesitando entre entrar ou não. O marquês e seus homens partiram a galope em direção à estalagem do Montón de la Tierra.

Mas o sequestro daquela família só constituía parte do acordo com Samuel, o judeu, acordo que também incluía pôr aos pés de Brahim o *monfí* de Sierra Morena conhecido como o Maneta, pensava o marquês, preocupado durante sua corrida para a estalagem por não ter encontrado Hernando.

Assaltar uma casa mourisca em Córdova foi para o marquês de Casabermeja uma empresa relativamente fácil. Só era preciso contar com homens leais e preparados, e distribuir alguns escudos de ouro aqui e ali; ninguém iria preocupar-se com alguns cães mouros. A história com o *monfí* era diferente: era preciso encontrar seu bando no meio de Sierra Morena, aproximar-se dele e, com toda certeza, lutar

com seus homens para capturá-lo. A caça ao *monfí* se havia iniciado dias atrás, e, só quando o marquês recebeu notícias de que seus homens já se haviam posto em contato com o Maneta, avisou Brahim e este se arriscou a entrar em Córdova. Tudo tinha de ser feito ao mesmo tempo, dado que nem o corsário queria permanecer em terras espanholas além do tempo imprescindível, nem o marquês de Casabermeja queria arriscar-se a que os prendessem.

Para capturar o *monfí*, o marquês havia contado com um exército de bandoleiros valencianos capitaneados por um nobre de nível inferior e poucos recursos econômicos, cujas terras se limitavam com as posses que ele senhoreava no reino de Valência. Não era o único fidalgo que recorria a tratos com bandoleiros; havia verdadeiros exércitos sob o comando de nobres e senhores que, amparados em suas prerrogativas, usavam esses criminosos a soldo para missões de puro saque ou com o fim de decidir a seu favor qualquer pleito sem necessidade de recorrer à sempre lenta e cara justiça.

O administrador das terras do marquês em Valência desfrutava de boas relações com o barão de Solans, que mantinha um pequeno exército de cerca de cinquenta bandoleiros que vagabundavam num ruinoso castelo e que aceitou de bom grado a quantia que lhe ofereceu o administrador para desfazer-se de um bando de mouriscos. Salvo o Maneta, que eles tinham de entregar vivo na estalagem do Montón de la Tierra, os demais deviam morrer, pois o marquês não queria testemunhas. O barão de Solans enganou os *monfíes* de Sierra Morena fazendo chegar a Ubaid uma mensagem pela qual o convidava a aliar-se a ele dado seu conhecimento das serras para, juntos, enfrentarem missões de maior envergadura nas cercanias da rica Toledo. Quando ambos os grupos se encontraram na serra, deu-se uma luta desigual: cinquenta experimentados criminosos bem armados contra Ubaid e pouco mais de uma dúzia de escravos mouriscos fugitivos.

Brahim correu para a sacada que dava para o pátio por causa da agitação dos homens que ali esperavam. Chegou a tempo de ver que

abriam as portas da estalagem para dar passagem para um grupo de cavaleiros, e crispou os dedos da mão esquerda sobre a balaustrada de madeira quando, entre as sombras e o cintilar do fogo das tochas, vislumbrou as figuras de duas mulheres que os homens deixaram cair dos cavalos assim que as portas se fecharam atrás deles.

Aisha e Fátima tentaram pôr-se de pé. A primeira se apoiou no lombo de um cavalo e voltou a cair quando este caracolou inquieto. Fátima engatinhou e cambaleou várias vezes antes de conseguir levantar o olhar para os cavaleiros, procurando as crianças, cujo choro lhe chegava com nitidez apesar do alvoroço armado pelos cavalos. Acima deles, Brahim, sim, viu as crianças, mas... aguçou a vista inclinando-se sobre a balaustrada.

– E o nazareno? – gritou da sacada. – Onde está esse filho da puta?

Aisha pôs as mãos no rosto e caiu entre as patas de um dos cavalos; deixou escapar um único grito que ressoou por cima do bater dos cascos, dos bufos dos animais e das ordens de seus cavaleiros. Fátima se ergueu e, trêmula, com todos os músculos do corpo em tensão, girou lentamente a cabeça, como se quisesse dar-se um tempo para identificar a voz que acabava de rebentar em seus ouvidos antes de levantar os imensos olhos negros para a sacada. Seus olhares se cruzaram. Brahim sorriu. Instintivamente, Fátima tentou tapar os seios, que sentiu nus debaixo da simples camisola. Umas risadas surgiram da boca dos cavaleiros mais próximos de Fátima, alguns deles já com o pé no chão.

– Cubra-se, sua cadela! – gritou o corsário. – E vocês – acrescentou para os homens, que pela primeira vez pareciam dar-se conta da nudez das mulheres –, tirem seu imundo olhar de minha esposa! – Fátima sentiu o choro tomar-lhe os olhos: "Minha esposa!, ele gritou minha esposa!" – Onde está o nazareno, marquês?

O nobre era o único dos homens que permanecia oculto em seu rebuço, a cavalo; o refulgir das tochas se chocava com as dobras de seu capuz. Tampouco respondeu, e o fez um de seus lacaios por ele.

– Não havia ninguém mais em casa.

– Esse não era o trato – rugiu o corsário.

Por alguns instantes, só se ouviram os soluços das crianças.

– Nesse caso, não há trato – disse-lhe o nobre com voz firme.

Brahim enfrentou o desafio sem dizer palavra. Observou Fátima, abraçada a si mesma, encolhida e cabisbaixa, e um calafrio de prazer lhe percorreu a coluna. Depois virou o rosto para o nobre: se o trato se desfizesse, sua morte era certa.

– E o Maneta? – inquiriu, dando a entender que cedia quanto à falta de Hernando.

Como se estivesse previsto, naquele mesmo momento ressoaram no pátio duas aldrabadas na velha e ressecada madeira da porta da estalagem. O administrador do marquês foi claro em suas instruções: "Estejam preparados com o *monfí*. Escondam-se nas cercanias e, quando virem o meu senhor entrar na estalagem, vão para ela."

Ubaid entrou no pátio arrastando os pés, com os braços amarrados acima do coto e entre dois dos sequazes do barão, que precedia a todos. O nobre valenciano, já velho mas firme e ágil, procurou o marquês de Casabermeja e, sem hesitar um instante, se dirigiu para a figura rebuçada a cavalo.

– Aqui o tendes, marquês – disse-lhe, ao mesmo tempo que punha um braço para trás até agarrar Ubaid pelo cabelo e lhe obrigar a ajoelhar-se aos pés do cavalo.

– Eu vos agradeço, senhor – respondeu Casabermeja. Enquanto o marquês falava, um de seus lacaios apeou e entregou uma bolsa ao barão, que a desamarrou, a abriu e começou a contar os escudos de ouro que restavam do pagamento acertado.

– O agradecimento é meu, excelência – afirmou o valenciano dando-se por satisfeito. – Espero que, em vossa próxima visita a vossos estados de Valência, possamos nos encontrar e sair para caçar.

– Estareis convidado à minha mesa, barão. – O marquês acompanhou suas palavras com uma inclinação de cabeça.

– Considero-me muito honrado – despediu-se o barão. Com um gesto indicou aos dois homens que o acompanhavam que se dirigissem

para a porta.

– Ide com Deus – desejou-lhe o marquês.

O barão respondeu a essas palavras com algo parecido à reverência com que devia despedir-se de um cavaleiro de maior categoria e se encaminhou para a saída. Antes de chegar à porta, o marquês desviou sua atenção para a sacada, onde alguns instantes antes se achava Brahim, mas o corsário já havia descido para o pátio para, sem dizer palavra, pôr em cima de Fátima uma cobertor imundo que encontrou no cômodo, e dirigir-se, abafado e bufando, para o arrieiro de Narila.

– Não se aproxime dele – ameaçou o lacaio que havia pagado ao barão, fazendo menção de empunhar a espada. Vários dos homens que o cercavam, sim, a desembainharam assim que perceberam a atitude do criado de seu senhor.

– Que...? – começou a indignar-se Brahim.

– Não o ouvimos aprovar o novo trato – interrompeu-o o lacaio.

– De acordo – aceitou imediatamente o corsário, antes de afastá-lo violentamente de seu caminho.

Ubaid havia permanecido ajoelhado aos pés do cavalo do marquês, tentando manter seu orgulho, até que ouviu a voz de Brahim, momento em que virou o rosto exatamente para receber um forte pontapé na boca.

– Seu cão! Seu porco marrano! Seu filho da puta!

Aisha e Fátima, envolta esta no sujo e áspero cobertor com que Brahim a havia coberto, tentaram observar a cena entre a dança de sombras originada pelo fogo das tochas, os homens e os cavalos: Ubaid!

Brahim havia acalentado mil diferentes formas de desfrutar da lenta e cruel morte que reservava para o arrieiro de Narila, mas o esgar de desprezo com que este lhe respondeu do chão, com a boca ensanguentada, o irritou de tal maneira que ele esqueceu todas aquelas torturas com que havia sonhado. Tremendo de ira, desembainhou o alfanje e desferiu um golpe no corpo do *monfí*, acertando no estômago sem causar-lhe a morte. Apenas o marquês permaneceu parado; os

demais se afastaram apressados de um homem enlouquecido que, ao mesmo tempo que gritava insultos quase incompreensíveis, se encarniçava sobre Ubaid, encolhido, golpeando-o com o alfanje várias vezes: nas pernas, no peito, nos braços, na cabeça.

– Já está morto – assinalou o marquês de seu cavalo, aproveitando um momento em que Brahim parou para respirar. – Já está morto! – gritou ao verificar que o corsário fazia menção de desferir outro golpe.

O corsário parou, arquejante, tremendo todo, e abaixou o alfanje para permanecer parado junto ao cadáver despedaçado de Ubaid. Sem olhar para ninguém, ajoelhou-se, e com o coto da mão direita revirou aquele monte de carne em busca do que havia sido suas costas. Muitos daqueles homens, incluído o marquês por mais que seu rebuço não o revelasse, experimentados nos horrores da guerra, afastaram o olhar quando Brahim deixou cair o alfanje e empunhou uma adaga com que abriu o flanco do *monfí* procurando seu coração. Depois rebuscou no interior do corpo até arrancá-lo e, de joelhos, o olhou: o órgão ainda parecia palpitar quando cuspiu nele e o atirou no chão.

– Partiremos ao amanhecer – disse Brahim dirigindo-se ao marquês. Ele se havia levantado, ensopado de sangue.

O nobre se limitou a assentir. Então Brahim se dirigiu para onde estava Fátima e a segurou pelo braço. Ainda tinha de realizar uma parte de seus bolinhos de chuva. No entanto, antes a empurrou até onde se encontrava Aisha.

– Mulher! – Aisha ergueu o rosto. – Diga a seu filho, o nazareno, que o espero em Tetuão. Que se quiser recuperar seus filhos terá de ir buscá-los na Berbéria.

Enquanto o corsário dava meia-volta puxando Fátima, Aisha cruzou o olhar com o de sua amiga, que negou de maneira quase imperceptível. "Não o faça! Não o diga a ele!", suplicaram-lhe seus olhos.

Enquanto o céu não começou a mudar de cor, ninguém incomodou Brahim, que se havia trancado com Fátima no quarto superior da estalagem.

41

Ao amanhecer, quando o final das comitivas de Brahim e do marquês se perdeu na distância, Aisha deixou a estalagem do Montón de la Tierra. Para trás ficava o cadáver de Ubaid, que os lacaios do marquês haviam enterrado perto da estalagem para apagar todo e qualquer rastro. Aisha havia passado a noite encolhida num canto, junto a Shamir e seus netos, tentando tranquilizá-los, lutando para conter as lágrimas. Sabia que estava prestes a perder outro filho... Que teria Deus reservado para ele?

Antes de partir, Brahim desceu de seu quarto, satisfeito, seguido pouco atrás por Fátima, que estava dolorida e tapada com o cobertor da cabeça aos pés: só se lhe viam os olhos, através de uma abertura que ela mantinha entrefechada com as mãos.

Os homens do marquês preparavam os cavalos, e a azáfama no pátio era considerável.

– Você é Shamir, não? – perguntou Brahim aproximando-se a seu filho.

Aisha percebeu em seu esposo uma ponta de ternura. O menino, com o olhar escondido, permitiu que o corsário lhe tocasse a cabeça. O pequeno não sabia quem era; para ele, tal como tinham decidido Aisha e Fátima, seu pai havia morrido nas Alpujarras. – Sabe quem sou eu?

Shamir negou com a cabeça, e Brahim atravessou Aisha com o olhar.

– Mulher – disse entre dentes na direção dela –, você tem sorte de eu precisar que você dê a mensagem de que a incumbi ontem; se não fosse por isso, eu a mataria agora mesmo.

Depois ergueu o rosto de Shamir pelo queixo até que os olhos do menino se cravaram nele.

– Escute-me bem, rapaz: eu sou seu pai, e você é meu único filho homem. – Diante dessas palavras, Francisco se aproximou de Shamir, espicaçado pela curiosidade. – Afaste-se! – gritou Brahim empurrando-o com o coto e jogando-o no chão.

– Não bata nele! – saltou Shamir livrando-se da mão que lhe segurava o queixo e lançando-se contra seu pai, que rebentou em gargalhadas enquanto suportava os socos que o menino lhe dava na barriga.

Deixou-o fazer até que decidiu livrar-se dele com uma bofetada. Shamir foi cair perto de Francisco.

– Gosto do seu caráter – riu Brahim. – Mas, enquanto se empenhar em defender o filho do nazareno – acrescentou como se fosse cuspir em Francisco –, vai ter a mesma sorte dele. Quanto à outra – acrescentou com referência a Inés –, servirá como escrava a minhas duas filhas. E no dia em que o nazareno se apresentar em Tetuão...

Sozinha no caminho para Córdova, arrastando os pés, Aisha voltou a sentir o mesmo calafrio que lhe percorrera o corpo no pátio da estalagem à mera lembrança daquela frase que Brahim deixara pairar no ar: no dia em que o nazareno se apresentar em Tetuão... Fátima também havia estremecido debaixo do cobertor. As duas mulheres trocaram o que, pressentiam, ia ser seu último olhar mútuo, e Aisha percebeu a mesma súplica que lhe fizera na noite anterior: Não o diga a ele! Brahim o matará!

Brahim o matará! Com essa certeza, Aisha entrou em Córdova pela Porta do Colodro. Mas desta vez, diferentemente do acontecido anos atrás, quando percorreu aquele mesmo caminho com Shamir nos braços depois de Brahim a ter obrigado a acompanhá-lo até a serra, conseguiu ocultar-se da vigilância dos aguazis. Atravessou a porta às ocultas, como uma alma penada, com os pés sangrando e vestida apenas com a camisola. Chegou à rua dos Barberos, onde a visão da porta do saguão e a cancela de grade que dava para o pátio abertas de par em par a espertou. O postigo da janela de uma sacada se fechou de

repente apesar de ser dia, e uma de suas vizinhas, duas casas adiante, que naquele momento ia pisar na rua, se virou e voltou a entrar. Aisha entrou em casa e entendeu o porquê: seus vizinhos cristãos a haviam saqueado durante a noite. Nada restava em seu interior, nem sequer os vasos! Aisha olhou para a fonte: não haviam podido roubar-lhes a água que manava dela; depois desviou o olhar para o lugar onde, sob uma lajota, escondiam suas economias. A lajota estava levantada. Observou a seguinte: estava em seu lugar. Hernando tinha razão. Um melancólico sorriso apareceu em seus lábios ao recordar as palavras do filho.

– Debaixo desta guardaremos o dinheiro. – Então havia disposto a lajota de forma tal que qualquer observador, por menos sagaz que fosse, notaria que havia sido removida. Debaixo da que estava ao lado daquela, bem firme, escondeu o Corão e a mão de Fátima. – Se alguém entrar para roubar – afirmou ao final –, encontrará o dinheiro e será difícil imaginar que na outra também se esconde um tesouro, o nosso verdadeiro tesouro.

Mas Hernando pensava na Inquisição ou na justiça cordovesa, nunca em seus vizinhos.

– Que aconteceu, Aisha? E Fátima e as crianças?

Aisha se virou para deparar-se com Abbas, parado junto à cancela de ferro.

– Não... – balbuciou abrindo as mãos. – Não sei...

– As pessoas dizem que ontem à noite Ubaid e seus homens...

Aisha não escutou mais. Não o diga a ele! Brahim o matará! A súplica de Fátima reviveu em sua memória. Além disso... só lhe restava Hernando! Haviam tornado a roubar-lhe outro filho. Já não tinha senão aquele sorridente menino de olhos azuis que procurava seu carinho em Juviles, ao amparo da noite, ocultos aos olhares. Que ia ser agora de suas vidas? Não estava disposta a pôr em perigo a vida do único filho que lhe restava! A própria Fátima o havia suplicado com o olhar. Durante a noite, na estalagem, tinha ouvido os comentários dos homens do marquês acerca de Brahim. Todos sabiam por que estavam

ali. Por eles soube que ele se havia transformado num dos mais importantes corsários de Tetuão; que vivia numa fortaleza magnificada pela imaginação dos homens e que mantinha um verdadeiro exército às suas ordens. Jamais permitiria que Hernando se aproximasse de novo de Fátima!

– Mataram todos – soluçou para Abbas. – Ubaid e seus homens os mataram! – gritou. – Mataram meu Shamir, mataram Fátima e Francisco... mataram a pequena Inés!

Aisha se deixou cair no chão e rompeu em choro. Não necessitou simular suas lágrimas nem a dor que a oprimia. Na verdade, talvez... Talvez todos eles estivessem melhor mortos que nas mãos de Brahim. Uivou para o céu pensando em Shamir. Que seria de seu pequeno? E de Fátima? Que desgraças lhe teria preparado Deus?

Abbas não foi consolá-la. Seu corpo forte fraquejou, e ele teve de apoiar-se na cancela para não cair, tentando encontrar o ar que lhe faltava. Havia prometido a seu amigo que o *monfí* não o incomodaria, por eles, pelos mouriscos. Mas também lhe prometeu cuidar de sua família durante a viagem a Sevilha. Hernando o pedira antes de partir, e ele lhe respondeu até com displicência.

– Que é que pode acontecer? – recordava-se de ter-lhe dito.

Por alguns instantes só o constante rumor da água que brotava e caía na fonte de um belo pátio cordovês, agora assolado, acompanhou Aisha e Abbas.

Abbas seguiu o mesmo caminho pelo qual havia passado a eguada para o coto real do Lomo del Grullo: uma jornada até Écija com uma parada na estalagem Valcargado; outra até Carmona, parando em Fuentes; uma terceira até Sevilha, descansando na estalagem de Loysa, e de Sevilha para Villamanrique. Ele se obrigava a andar. Exigia de suas pernas que se adiantassem uma à outra e observava como seus pés se aproximavam, com tristes e dolorosos passos, de um destino a que não queria chegar. Que iria dizer a Hernando? Como anunciar-lhe que sua

esposa e seus filhos haviam sido assassinados por Ubaid? Como confessar-lhe que não havia cumprido a sua palavra?

Tentou pôr-se em contato com o Maneta enquanto esperava a permissão do cavalariço real para partir para o Lomo del Grullo: queria saber por quê, queria até enfrentá-lo para matá-lo, mas nenhum dos contatos por meio dos quais comumente chegava até o *monfí* nada conseguiram de positivo: o Maneta e seu bando haviam desaparecido. Talvez tivessem se internado na serra e voltassem algum dia, mas ninguém parecia ter a menor notícia de Ubaid. Por que teria matado Fátima e as crianças?

– Por que o fez? – estranhou também D. Diego ao entregar-lhe o salvo-conduto para que pudesse deslocar-se até Sevilha. – Porventura não é mourisco também?

– Hernando e ele tiveram problemas nas Alpujarras – esclareceu Abbas.

– Algo tão grave que o levasse a matar uma mulher e três crianças indefesas? – redarguiu o nobre agitando o documento que tinha na mão. – Virgem Santíssima!

Abbas não pôde senão dar de ombros. D. Diego tinha razão, e ele nem sequer havia sido capaz de encontrar os corpos para sepultá-los devidamente, já que Aisha se negava a falar. Quando o ferrador se interessava por algum detalhe mais concreto, que lançasse um pouco de luz sobre o lugar preciso onde havia acontecido a matança, além do "em algum lugar da serra" que Aisha repetia como única resposta, esta rompia em pranto para terminar sempre soluçando as mesmas palavras:

– Eu lhe peço. Vá buscar meu filho.

E nisso estava Abbas, passo a passo sob o sol da Andaluzia, com o estômago encolhido, a bílis sempre na boca e as lágrimas brotando dos olhos, enquanto pensava em como comunicar a um bom amigo que sua esposa e seus dois filhos haviam sido selvagemente assassinados no seio de Sierra Morena.

Todas aquelas frases que havia pensado se apagaram de sua mente ante a mera visão de Hernando, que deixou a eguada e saltou agilmente de Azirat para o chão para correr até ele curtido de sol, os olhos azuis mais brilhantes que nunca, mostrando uns dentes brancos em largo e sincero sorriso.

A vista de Abbas se nublou; a eguada se transformou para ele numa simples mancha informe. No entanto, chegou a perceber que Hernando se detinha bruscamente a poucos passos donde ele estava. Sua presença se confundiu com as mil manchas escuras das éguas às suas costas, e as palavras de Hernando lhe pareceram distantes, como se lhe chegassem transportadas pelo vento de algum lugar remoto.

– Que é que está acontecendo?

– Ubaid... – sussurrou Abbas.

– Que é que está acontecendo com Ubaid? – Hernando parecia atravessá-lo com seus olhos azuis, agora tingidos de uma crescente inquietude. – Aconteceu alguma coisa? Minha família... está bem? Fale!

– Ele os assassinou – conseguiu articular o ferrador, sem poder levantar o olhar. – A todos menos à sua mãe.

Hernando ficou mudo. Por alguns instantes permaneceu imóvel, como se sua mente se negasse a admitir o que acabava de ouvir. Depois, muito devagar, pôs as mãos no rosto e uivou para o céu. Fátima! As crianças!

– Filho da puta! – exclamou de repente na direção de Abbas. Deu um soco no ferrador, e este caiu ao chão. Depois saltou sobre ele.

– Seu cão! Você me prometeu que lhes daria segurança! Eu o encarreguei de que os vigiasse, de que cuidasse deles!

Hernando batia num Abbas inerte, incapaz sequer de proteger-se da surra.

A última coisa que o ferrador notou antes de perder a consciência foi que os demais homens levantavam Hernando, que gritava o que para ele já eram palavras ininteligíveis.

Antes de chegar a Sevilha, Azirat se negou a continuar galopando no mesmo ritmo que mantinha desde que haviam partido do Lomo del Grullo. Hernando cravou uma vez mais as esporas nas ilhargas do cavalo, tal como vinha fazendo durante as cerca de sete léguas que percorrera a galope forçado, mas o animal foi incapaz de pôr as patas para a frente e seu galope, apesar do castigo, se foi tornando cada vez mais lento e pesado até ele parar totalmente.

– Galope! – gritou então, esporeando-o e jogando o corpo para a frente. Azirat simplesmente cambaleou. – Galope – soluçou, enquanto movia freneticamente as rédeas. O animal se ajoelhou no caminho. – Deus! Não!

Hernando saltou do cavalo. Azirat estava coberto de espuma; as ilhargas estavam ensanguentadas, as ventas desmedidamente abertas pelo esforço para respirar. Hernando apoiou a mão sobre seu coração: parecia que ia rebentar.

– Que foi que eu fiz? Também você vai morrer?

Morte! O frenesi do galope em que havia tentado refugiar-se desapareceu diante do animal destroçado, e a dor atravessou de novo Hernando. Chorando, puxou as rédeas, levantou Azirat e o obrigou a andar. O cavalo ladeava como bêbado. Perto corria um riacho, mas Hernando não se aproximou dele enquanto não notou certa recuperação do cavalo. Quando o fez, não lhe permitiu beber: com as mãos em forma de concha, lhe ofereceu um pouco d'água, que Azirat nem sequer conseguiu lamber. Tirou-lhe a sela e as bridas, e com sua marlota ao modo de esponja lhe esfregou todo o corpo com água fresca. O sangue de seus flancos, provocado pelos cortes das esporas, se misturou na imaginação de Hernando com a brutalidade de Ubaid. Repetiu várias vezes a mesma ação e o obrigou a andar sem deixar de oferecer-lhe água em suas mãos. Ao fim de umas duas horas, Azirat estendeu o pescoço para beber por si mesmo diretamente do riacho; então Hernando levou as mãos ao rosto e se entregou ao choro.

Passaram a noite ao relento, junto ao riacho. Azirat pastava mato, e Hernando chorava desconsoladamente, com as imagens de Fátima,

Francisco e Inés dançando diante dele. Socou a terra até esfolar os nós dos dedos ao ouvir suas vozes e seus risos inocentes; uivou de dor ao sentir de novo o cheiro deles, e pensou notar o calor e a ternura de seus corpos junto a ele ao mesmo tempo que tentava afastar de si a inimaginável cena de suas mortes pelas mãos de um Ubaid que lhe aparecia, triunfante, com o coração palpitante de Gonzalico nas mãos.

A jornada seguinte ele fez a pé. Quantos cruzaram com ele se perguntaram se era o homem que puxava o cavalo ou se era este que arrastava um resto humano agarrado a suas rédeas. Só ao alvorecer do terceiro dia, atreveu-se a montar de novo, e em outros dois, sempre a passo, ainda que o cavalo desse demonstrações de ter-se recuperado, atravessou a ponte romana e deixou para trás Calahorra.

Hernando não teve mais sorte que Abbas ao tentar obter de sua mãe qualquer informação.

– Para que quer saber? – chegou a gritar na mesma noite da chegada do filho a Córdova, quando ficaram a sós, depois de as constantes visitas de condolências terem terminado. – Eu o vi! Eu vi como morriam todos! Quer que lhe conte? Consegui escapar ou talvez... talvez não quisessem matar a mim. Depois vaguei toda a noite pela serra até dar com um caminho de regresso a Córdova. Já lhe contei. – Aisha se havia deixado cair numa cadeira, cabisbaixa, derrotada. Mil vezes havia tido de mentir ao longo do dia; tantas quantas havia pensado em contar a verdade a seu filho diante da tremenda dor que percebia em seu rosto a cada pergunta das visitas, a cada pêsame, a cada silêncio. Mas não! Não devia fazê-lo. Hernando correria para Tetuão. Ela o conhecia; tinha certeza. E ela perderia o único filho que lhe restava...

– Para que quero saber? – disse entre dentes Hernando, sem deixar de andar pela galeria com as mãos crispadas. – Preciso saber, mãe! Preciso enterrá-los! Preciso encontrar o filho da puta que os assassinou e...!

Aisha ergueu o rosto diante da arrepiante ira que percebeu no tom de voz de seu filho. Nunca o havia visto assim! Nem sequer... nem sequer nas Alpujarras! Ia dizer algo, mas se calou aterrorizada ao ver que Hernando, com o olhar perdido, arranhava com força o dorso da mão.

– E juro que o matarei – terminou a frase seu filho, ao mesmo tempo que profundos sulcos de sangue apareciam em sua mão.

– Ubaid!

O uivo rompeu o aprazível silêncio daquela manhã de fim de agosto e ressoou nas serras.

– Ubaid! – voltou a gritar Hernando para os fragosos bosques que se abriam a seus pés, parado no ponto mais alto de um dos cerros de Sierra Morena, erguido sobre os estribos, como se pretendesse erigir-se sobre o mais alto dos cumes, exibindo-se para o olhar de quem quer que pudesse estar escondido no meio da vegetação. Só o barulho do correr e do adejar dos animais, surpresos, lhe respondeu. – Cão nojento! – continuou gritando. – Venha até mim! Eu o matarei! Eu lhe cortarei a outra mão, o abrirei ao meio, e eu mesmo dividirei seus despojos entre as feras!

Seus gritos se perderam na imensidão de Sierra Morena. E voltou o silêncio. Hernando desabou na sela. Como iria encontrar o Maneta naquelas serranias?, pensou. O *monfí* tinha de aceitar seu desafio! Desembainhou a espada e a ergueu para o céu.

– Porco asqueroso! – uivou de novo. – Assassino!

No lombo de Azirat, havia deixado Córdova assim que conseguira obter todo o necessário. Despediu-se de sua mãe depois de tentar, uma vez mais, que lhe desse algum dado, o menor indício para começar sua busca, mas nada conseguiu.

– Aonde você vai? – perguntou-lhe Aisha.

– Mãe, vou fazer o que quem quer que se chame homem deve fazer: vingar-me de Ubaid e encontrar os cadáveres de minha família.

– Mas...

Hernando a deixou com a palavra na boca. Depois se dirigiu para a casa de Jalil, e o velho lhe prometeu que teria todo o necessário: uma boa espada, uma adaga e um arcabuz que lhe entregariam discretamente no caminho das Ventas.

– Que Alá o acompanhe, Hamid – despediu-se solenemente o velho, erguendo-se tanto quanto lhe permitiu seu corpo.

Depois foi às cavalariças e procurou o administrador. Por alguns instantes, enquanto o mourisco se desculpava por sua presença, o homem o examinou de trás da escrivaninha: o rosto estava macilento, e umas olheiras arroxeadas revelavam a noite que havia passado, acordado, chorando, golpeando móveis e paredes, clamando vingança.

– Vá – sussurrou o administrador. – Encontre o assassino de sua família.

Nesse primeiro dia, depois de esperar em vão que Ubaid respondesse, Hernando estimulou Azirat para que descesse o cerro. Até o pôr do sol, percorreu canaviais, atravessou riachos e subiu a elevações de onde voltou a desafiar Ubaid. Perguntou nas estalagens e às pessoas que encontrava pelo caminho; ninguém soube dar-lhe notícias do paradeiro dos *monfíes*: fazia tempo que não agiam.

De volta a Córdova, escondeu as armas num matagal para poder atravessar a Porta do Colodro sem problemas. Deixou Azirat nas cocheiras, mas, antes de dirigir-se para casa, foi aos poios do convento de São Paulo para verificar se os irmãos da Misericórdia haviam tido mais sorte que ele e haviam encontrado os cadáveres de sua família. Entre as pessoas que se detinham curiosas, aproximou-se daqueles dois corpos que pareciam decompostos, com sentimentos contraditórios: rezava para encontrá-los e poder sepultá-los, mas não desejava que sucedesse ali, rodeado de cristãos, mercadorias roubadas e aguazis, risos e chanças.

– Eu o encontrarei! Juro que o encontrarei ainda que tenha de percorrer a Espanha toda!

Isso foi tudo o que disse à sua mãe quando esta o recebeu, antes de encerrar-se em seu quarto para martirizar-se com o aroma de Fátima que ainda flutuava no interior.

No dia seguinte, Hernando se preparou para partir antes até que amanhecesse. Queria dispor de todas as horas de sol! Retornou a Córdova de mãos vazias. Fez o mesmo no dia seguinte, e no outro, e no seguinte ao outro.

Aisha o via voltar derrotado, cada dia um pouco mais. E chorou compassando seus próprios soluços de acordo com os que ouviu vir do quarto de seu filho no silêncio das noites. Voltou a pensar em contar-lhe a verdade, ainda que fosse apenas para vê-lo sorrir de novo, mas não o fez. O olhar suplicante de Fátima e o medo de ficar sozinha, de mandar o filho que lhe restava para uma morte certa, a impediram. Ela mesma já havia perdido cinco filhos, por que também Hernando não iria superar aquela desgraça? As crianças morriam às centenas antes de alcançar a puberdade, e, quanto a Fátima, certamente encontraria outra mulher. Além disso... além disso tinha medo; tinha medo de ficar sozinha.

Hernando continuou indo às serras, cada dia um pouco mais abatido; já nem sequer falava, nem sequer clamava por vingança! Durante as noites, só se ouvia o murmúrio de suas constantes orações.

"Ele vai superar", dizia-se Aisha diariamente. "Tem um bom trabalho", repetia-se tentando convencer-se, "e é bem considerado. É o melhor domador das cocheiras do rei! Abbas o diz, todo o mundo o assegura. Há dezenas de moças saudáveis e jovens dispostas a contrair matrimônio com um homem como ele. Voltará a ser feliz."

Mas quando já haviam transcorrido cerca de vinte dias compreendeu que seu filho iria passar a vida naquele empenho, que nunca iria desistir. Devia contar-lhe a verdade? Aisha sentiu uma angústia insuperável, tremiam-lhe os joelhos: não só o havia enganado, mas havia permitido que se torturasse durante todo aquele tempo. Como responderia Hernando? Era um homem, um homem alheado de tudo o mais. Se não batesse nela, ao menos a odiaria, tal como odiava

aquele que ele julgava havia matado sua família. Que podia fazer? Imaginou Hernando insultando-a aos gritos, e até as surras de Brahim se revelaram clementes. Era seu filho! O único que lhe restava! Não podia tê-lo como inimigo!

Na manhã seguinte, depois de Hernando se arrastar mais uma vez em busca do *monfí*, Aisha deixou Córdova pela mesma Porta do Colodro. Andava cabisbaixa e levava uma trouxa. O sol de final de agosto continuava escaldante. Percorreu a légua que separava a cidade da estalagem do Montón de la Tierra tal como fizera naquela infausta manhã. Ao ver a pousada, a dor a assaltou até quase imobilizar-lhe as pernas e impedi-la de prosseguir seu caminho. E se não desse certo? Tiraria a própria vida, decidiu sem hesitar.

Recordou os quatro homens do marquês de Casabermeja que haviam saído da estalagem para enterrar o cadáver do *monfí* depois de Brahim tê-lo assassinado e ter-se trancado com Fátima no quarto do primeiro andar. Lutou para afastar da mente o olhar lascivo de seu esposo; pugnou por esquecer as palavras que lhe havia dirigido ao passar ao lado dela, puxando a moça: "Diga a seu filho, o nazareno, que o espero em Tetuão. Que se quiser recuperar seus filhos terá de ir buscá-los na Berbéria." Os homens do marquês!, era isso o que interessava e tentou concentrar-se. No entanto, o olhar suplicante de Fátima rogando-lhe que não o fizesse, que não dissesse nada a Hernando, voltou à sua mente com uma força inusitada.

Aisha parou, acocorou-se na beira do caminho, pôs as mãos no rosto e rompeu em pranto. Hernando! Shamir! Fátima e as crianças!

Ao fim de um tempo conseguiu recompor-se. Aquela era sua última oportunidade.

– Os homens do marquês – sussurrou para si.

Não haviam demorado muito para voltar à estalagem; tampouco a haviam deixado com pás e outras ferramentas, julgou recordar. O cadáver do *monfí* não podia estar longe. Percorreu as redondezas da pousada com o olhar: onde o teriam enterrado? Enquanto tentava

rememorar a cena, ergueu a vista para o sol escaldante, como se este pudesse ajudá-la. Onde...?

– Têm certeza de que ninguém o encontrará? – As palavras do lacaio do marquês aos enterradores ressoaram em seus ouvidos como se as estivesse dizendo ali e agora. Então não havia prestado atenção a elas. – Já sabem que Sua Excelência deseja que esse cadáver desapareça; ninguém deve saber que não foi o *monfí*...

– Não tenhais receio – responderam os soldados com despreocupação. – Ali onde o deixamos...

Deixamos! Haviam dito deixamos! Os soldados não gostavam de trabalhar. Para que esforçar-se? Caminhou pelas cercanias da estalagem examinando os matagais. Não, ali não podia ser. Examinou as árvores e suas raízes, recordando-se daquelas das Alpujarras em cujo vão podia caber até um homem a cavalo. Chutou um que outro montículo de terra seca e até cavou com uma pequena pá que levava na trouxa um túmulo que lhe pareceu apropriado. O sol já havia passado muito o meio-dia e caía com força; Aisha suava. Por fim topou com uma acéquia seca e inutilizada. Observou seu curso e parou o olhar ali onde o pequeno canal se unia com outro. A passagem estava fechada por pedras. Não hesitou. Apressou-se, e só teve de afastar algumas rochas e cavar a terra que havia por baixo: o cheiro putrefato do cadáver a atingiu. Ali estava o *monfí*!

Aisha enxugou o suor que corria por seu rosto, ergueu-se e olhou ao redor. Nada se movia àquela hora de calor, depois de comer. Continuou desenterrando o cadáver até que Ubaid lhe apareceu, reconhecível, com o coração que lhe havia arrancado Brahim colocado sobre o estômago. Olhou-o por longo tempo. Depois tirou da trouxa a delicada touca branca bordada de Fátima, a beijou com tristeza e a sujou com terra seca. Encontrara-a no dia seguinte ao do sequestro, esquecida pela rapina de seus vizinhos cristãos atrás de um vaso quebrado, e a guardara para dá-la a Hernando, mas para não entristecê-lo não havia chegado a fazê-lo. Ajoelhou-se junto aos restos de Ubaid e a amarrou ao pescoço dele. Levantou-se e voltou a

examinar o entorno: o silêncio só era perturbado pelo zumbir dos insetos que agora se lançavam sobre o corpo do *monfí*. Ainda faltava o mais importante. O caminho das Ventas ficava perto. Segurou o cadáver pelas axilas e começou a puxá-lo, de costas: decidiu fazê-lo pela acéquia que levava ao caminho. O coração do *monfí* caiu no chão. Aisha levou um bom tempo: após alguns poucos passos, sempre tinha de parar para descansar e verificar se havia alguém por perto; mas por fim conseguiu. Fez um último esforço e o arrastou até a beira do caminho. Quando o soltou, sentiu agudas pontadas de dor em todos os músculos. Deixou escapar uma lágrima diante da touca amarrada ao pescoço do *monfí* e se pôs a certa distância, escondida atrás de umas árvores, à espera de que alguém encontrasse o cadáver. Quando o calor amainou, Aisha viu um grupo de mercadores parar junto a Ubaid. Então saiu dentre as árvores e se encaminhou de volta para Córdova.

– Dizem que encontraram o cadáver do Maneta de Sierra Morena, Ubaid, no caminho das Ventas, perto da estalagem do Montón de La Tierra – comentou com um dos guardas da Porta do Colodro. – Sabem algo disso?

O homem não se dignou responder a uma mourisca, mas Aisha franziu a expressão num triste sorriso ao vê-lo correr à procura de seu sargento. Instantes depois, um grupo de soldados partia a galope para a estalagem.

Hernando estranhou ver tanta gente perto da Porta do Colodro. Hesitou até em usar aquele acesso; no entanto, que lhe importava agora o que acontecesse? Havia sido outra jornada infrutífera de gritos, ameaças e insultos ao nada que se abria entre os cerros da serra. Tivera até de fugir quando topou com os alanos de um grupo de caçadores que perseguiam um urso. Esporeou Azirat na direção da multidão e, enquanto se aproximava, vislumbrou grande número de guardas e soldados entre as pessoas, bem como nobres ricamente vestidos; até lhe pareceu reconhecer o corregedor andando para lá e para cá.

Ia deixar para trás o grosso das pessoas e abrir caminho entre os curiosos que estavam um pouco mais afastados para conseguir cruzar a porta quando, do cavalo, por cima das cabeças dos demais, viu o cadáver de um homem amarrado a um pau cravado no chão, ao modo como a Santa Irmandade executava os delinquentes que capturava fora da cidade. Um calafrio percorreu-lhe a coluna. Aquele cadáver... Era maneta. Não necessitou aproximar-se, apenas aguçar a vista, talvez somente cheirar o ar que o rodeava. Ubaid!

Puxou as rédeas de Azirat e, sem prestar atenção às pessoas que discutiam se aquele era ou não o temido *monfí* de Sierra Morena, com os olhos fitos no arrieiro de Narila, se dirigiu para o poste.

– Aonde pensa que vai a cavalo? – deteve-o um soldado ao mesmo tempo que homens e mulheres tinham de afastar-se a seu cego caminhar.

Hernando apeou e entregou as rédeas ao soldado, que as pegou perplexo. Avançou, agora já entre nobres e mercadores, até se pôr diante do cadáver de Ubaid. A Irmandade, mesmo morto, mesmo na dúvida a respeito de sua identidade, o havia crivado de flechas.

De repente as pessoas abriram passagem. D. Diego López de Haro, presente, lhes havia instado com um gesto de mão que se afastassem.

– É o *monfí*? – perguntou ao mourisco após aproximar-se dele. – Você o conhecia. É o assassino de sua esposa e de seus filhos?

Hernando anuiu em silêncio.

Um murmúrio correu entre as pessoas.

– Não poderá mais cometer delitos – assegurou o alcaide da Irmandade.

Hernando continuou em silêncio, com os olhos fitos na touca de Fátima que rodeava o pescoço do *monfí*.

– Vá para casa, rapaz – aconselhou o cavalariço real. – Descanse.

– A touca – conseguiu articular Hernando. – Era... era da minha esposa.

Foi o próprio alcaide da Irmandade quem se aproximou de Ubaid e desamarrou com cuidado a peça, que depois lhe entregou.

Apesar da sujeira, Hernando julgou sentir a suavidade do tecido, caiu de joelhos no chão e chorou com a touca colada ao rosto. Foi um choro diferente de quantos o haviam assaltado até então: libertador. Ubaid havia morrido, talvez não por suas mãos, mas bem-aventurado fosse aquele que havia dado fim à sua miserável vida.

Aisha não encontrou a tranquilidade que buscava quando, escondida entre as pessoas, viu Hernando, com a touca segura com força numa das mãos, pegar com a outra as rédeas de Azirat, que o guarda lhe entregara. Vira-o chegar e sofrera uma dolorosa pontada no mais profundo de seu ser a cada passo com que seu filho se aproximava do poste. Tentou imaginar o que é que estava acontecendo diante do cadáver, e, como se Deus mesmo o tivesse transmitido, rompeu em pranto no justo momento em que ele acariciou a touca.

"Eu cuidarei de você, meu filho", soluçou ao vê-lo atravessar a Porta do Colodro a pé, puxando o cavalo.

E, a partir daquele dia, Hernando deixou-a cuidar dele. A obsessão dos dias anteriores cedeu lugar à melancolia e à tristeza. Para que procuraria os corpos de sua família depois de tantos dias? Se haviam sido abandonados na serra, já teriam sido devorados pelas feras. Ele o havia comprovado durante suas cavalgadas por aqueles bosques: nada era desprezado; milhares de animais ficavam à espreita do menor dos erros, do ínfimo alimento, para lançar-se sobre ele. Contudo, continuou indo até os poios do convento de São Paulo.

Poucos dias depois do achado do cadáver de Ubaid, Hernando recebeu um recado de D. Diego para que voltasse ao trabalho; apesar de a eguada estar em Sevilha, ainda havia potros nas cocheiras.

Aisha julgou perceber em seu filho uma mudança de atitude ao voltar para casa depois de cuidar dos animais, e a esperança renasceu nela. Mas não podia prever quão afastados estavam seus desejos da realidade.

42

Você tem de entregar o seu cavalo ao conde de Espiel – ordenou-lhe D. Diego López de Haro certa manhã, assim que chegou às cocheiras. Hernando sacudiu a cabeça como se quisesse afastar de si aquelas palavras. – O rei lhe deu o cavalo de presente – teve porém de escutar da boca do cavalariço.

– Mas... Eu... Azirat... – Sua tentativa de queixa ficou em absurdas gesticulações com as mãos.

– Eu sei quanto você trabalhou esse animal e também sei que, apesar de seu pelo, é um dos melhores que nasceram nestas cocheiras. Eu lhe permitirei escolher outro, ainda que não seja um dos de refugo, desde que tampouco seja dos destinados ao rei...

– Eu quero este! Quero Azirat. É meu!...

Imediatamente lamentou suas palavras. D. Diego ficou tenso, franziu o cenho e deixou passar alguns instantes antes de responder:

– Ele não é seu nem nunca será, e pouco importa o que você quer ou possa querer. Você sabia qual era o trato quando optou por receber um cavalo em troca de parte de seu salário: ele sempre estaria à disposição do rei. O conde conseguiu que D. Felipe o brindasse com esse cavalo, que pelo visto ele pediu expressamente. É preciso atender aos desejos de Sua Majestade.

– Ele vai acabar com ele! Não sabe montar nem correr touros!

D. Diego tinha consciência disso. O próprio Hernando o tinha ouvido dizer isso, o tinha visto zombar do obeso conde de Espiel, sempre sentado na sela como se estivesse numa poltrona...

– Quem é você para julgar como monta ou deixa de montar um nobre?! – respondeu-lhe, porém, o cavalariço bruscamente. – Em um só de seus borzeguins tem mais honra e serviços prestados a estes reinos do que toda a sua comunidade jamais prestará. Dobre a língua.

O mourisco deixou cair os braços e murchou diante do cavalariço.

– Posso...? – Que queria ele? Que queria pedir-lhe? – Poderia montá-lo pela última vez? – D. Diego hesitou. – Talvez... Não sei... se mereço essa graça. Eu gostaria de senti-lo sob minhas pernas mais uma vez, Excelência. É apenas uma última cavalgada. Vós sois um grande cavaleiro. Conheceis quantas e quão graves foram minhas recentes desgraças...

"Dá azar mudar o nome original de um cavalo." Que razão havia tido Abbas para dizê-lo!, pensou enquanto apertava a cincha da sela. A recordação do ferrador lhe provocou inquietação. Depois do Lomo del Grullo se tinham visto nas cocheiras, mas não se tinham falado; nem sequer se tinham cumprimentado. Era incapaz de perdoar-lhe! Saltou para Azirat, que se mexeu inquieto diante da violência com que o cavaleiro se acomodou na sela: tinha Abbas na mente, a ira o tomava. Azirat o sabia! Sabia que algo mau estava acontecendo; pressentiu-o ao simples contato com seu cavaleiro mediante esse sexto sentido próprio dos brutos nobres, e agora mordia incessantemente o freio, como se quisesse comunicar-se com seu cavaleiro por meio daqueles constantes e tão incomuns puxões nas rédeas.

Hernando lhe palmeou o pescoço, e Azirat respondeu sacudindo-o e bufando, tudo sob o atento olhar de D. Diego, que se mantinha em pé na grande praça aberta das cavalariças tapando a boca com os dedos, o polegar debaixo do queixo, talvez reconsiderando sua decisão. Hernando não lhe deu tempo e deixou as cocheiras a meio galope, fazendo uma leve inclinação de cabeça ao passar diante do cavalariço.

E agora lhe tiravam Azirat! Que pecado teria cometido? Por que Deus o castigava daquela maneira? Em pouco mais de um ano havia perdido quase todos os seus entes queridos: Hamid, Karim, Fátima e as crianças... O mourisco pôs a manga da marlota nos olhos; Azirat andava a passo, livre. Agora o seu cavalo! Abbas, outro de seus amigos... Não havia cumprido suas promessas!

E agora o conde de Espiel havia conseguido que o rei o presenteasse com o seu cavalo. Não havia sido difícil para o nobre. De Sevilha, onde se separou da eguada para dirigir-se às marismas, mandou seu secretário a terras portuguesas com o pedido de que o rei lhe fizesse a mercê de presenteá-lo com aquele cavalo vermelho que caracolava e galopava soberbo no caminho de Córdova para Sevilha. E o rei anuiu gozosamente ao pedido de um aristocrata que não fazia mais que pedir-lhe um simples refugo de suas cocheiras. Recordou o primeiro encontro com Espiel, aquele em que o nobre havia chamado o touro com tanta inépcia, que era inevitável fosse o cavalo atingido. Ele o havia visto correr touros em outras ocasiões, sempre com resultados semelhante, mais ou menos infelizes para os cavalos. Azirat sentiu o tremor nas pernas de seu cavaleiro e trotou, inquieto. Hernando também havia presenciado os jogos de canas na praça da Corredera e verificado que, enquanto os demais nobres, ao som da música de atabales e trombetas, se exibiam com agilidade e galhardia em combate simulado, e lançavam e detinham com suas adargas as teoricamente inofensivas canas, o conde já tinha problemas desde o início mesmo do espetáculo, dado que prejudicava a equipe com que por sorteio lhe cabia participar. O povo vaiava a quadrilha com que participava o nobre quando, para vencer a distância que tinha de percorrer a lança, ele se aproximava da contrária mais do que as regras da cavalaria e da cortesia permitiam.

Por que o conde teria escolhido Azirat se não era mais que refugo? Por causa dele? Por causa dos acontecimentos da primeira corrida de touros? Na verdade, ele era cruel e vingativo. Ouvira-o até da boca de quem essa mesma manhã o admoestara por questionar as qualidades que o conde de Espiel tinha como cavaleiro. Havia acontecido fazia cerca de dois anos.

– Sabem qual é a última do conde de Espiel? – perguntou D. Diego a um grupo de nobres que cavalgavam junto com ele experimentando os cavalos do rei, com Hernando e os lacaios do cavalariço entre eles.

– Contai, contai – instou um dos cavaleiros já com o sorriso na boca.

– Pois acontece que há duas semanas o médico o obrigou a ficar de cama por causa de uma febre terçã, e, entediado por não poder montar ou sair para caçar, pensou numa forma de fazê-lo sem sair da cama...

– Atira flechas nos passarinhos pela janela? – brincou outro dos nobres.

– Que nada! – exclamou D. Diego, sem poder evitar que o riso já lhe aflorasse aos lábios. – Em todo criado que comete alguma falta, e são muitas as cometidas pelos criados do conde!, amarra uma almofada no traseiro e o obriga a correr e saltar pelo quarto até que ele, armado com sua seta na cama, consegue atingi-lo nas nádegas.

As gargalhadas haviam explodido no grupo de cavaleiros. Até Hernando sorriu então ao imaginar o conde com roupa de dormir, obeso e suarento, nervoso e excitado, tentando fazer pontaria com sua besta contra um criado que não parava de saltar por cima de cadeiras e móveis com uma almofada amarrada no traseiro, mas desfez o sorriso assim que seu olhar cruzou com o de José Velasco, que, como criado que era de D. Diego, se revirava inquieto na sela.

– Dizem... – balbuciou D. Diego entre gargalhadas – dizem que se transformou no mais estrito dos mordomos de sua própria casa e que a todo momento... – o cavalariço real teve de parar de falar até conseguir erguer-se, com a mão no estômago – pergunta pelo trabalho de todos os criados e escravos e sobre as possíveis faltas que eles pudessem ter cometido para que sejam soltos no quarto como lebres.

– E a condessa? – conseguiu articular entre risadas um dos acompanhantes.

– Ah! Preocupadíssima! – D. Diego voltou a dobrar-se de riso. – Substituiu, para os pobres coitados, as almofadas de seda por almofadas de algodão, um pouco mais compactas, para não ficar sem criados... e sem bens...

Os risos voltaram a rebentar no grupo de cavaleiros.

Aquele era o homem que iria montar o seu cavalo!, pensou Hernando com as gargalhadas dos nobres ressoando nos ouvidos.

Estimulou Azirat com um simples estalo de língua, e o cavalo saiu a galope. Era um magnífico dia outonal. Ele podia fugir! Podia galopar até chegar... aonde? E sua mãe? Agora só se tinham um ao outro. Tinha percorrido meia légua a um galope relaxado, sem rumo fixo, quando sentiu que Azirat ficava tenso: à sua direita se abria uma invernada em que pastavam touros bravos. O cavalo parecia querer brincar com eles, como tantas outras vezes.

Não pensou duas vezes. Encurtou as rédeas, baixou os calcanhares e apertou os joelhos para firmar-se na sela. Entrou na invernada e por um bom tempo voltou a tocar o céu. Gritou e riu caracolando diante dos chifres dos touros, chegando a permitir-se roçá-los com os dedos, Azirat ágil e veloz, dócil ao freio, entregue a suas pernas e a seus movimentos como não havia estado nunca. Era o melhor! Apesar de sua cor vermelha, era o melhor cavalo das centenas que haviam passado pelas cocheiras do rei. E aquele magnífico exemplar ia cair nas mãos do pior e mais vaidoso cavaleiro de toda a Andaluzia.

Em determinado momento, Azirat parou, diante de um imenso touro preto zaino; os dois medindo-se na distância, o touro humilhando e o cavalo pateando no mesmo lugar.

Então Hernando julgou ouvir os assobios e vaias das pessoas para o conde de Espiel, na praça da Corredera.

O cavalo cabeceava e pateava, como se ele mesmo chamasse o seu inimigo. Era estranho, pensou Hernando. Sentia a acelerada respiração de Azirat em suas pernas.

De repente, o touro investiu enfurecido, e Hernando puxou as rédeas e pressionou os flancos de Azirat para que estivesse pronto para esquivar-se, mas sentiu que o cavalo não respondia. Em só um suspiro, as vaias que ainda ressoavam em sua cabeça se converteram em aplausos e aclamações saídos de ninguém e, quando já podia ver os olhos coléricos do negro zaino, soltou as rédeas de Azirat para que este

se entregasse a seu destino. Então o cavalo ergueu as patas dianteiras e ofereceu o peito aos chifres do touro.

O impacto foi mortal, e Hernando foi lançado muitos passos além, ao mesmo tempo que o touro, em lugar de encarniçar-se sobre o cavalo já estendido no chão, se retirava orgulhoso, em homenagem, talvez pela lei que rege a vida dos animais, àquele dos seus que havia decidido não fugir diante de sua investida.

Mais tarde, José Velasco, a quem D. Diego ordenou que seguisse e vigiasse o mourisco com discrição, asseguraria, jurando diante de quem quer que quisesse escutá-lo, que fora o próprio cavalo que, como se o desejasse, se entregara a uma morte certa depois de esquivar-se com uma elegância e uma arte nunca vistas de quantos touros havia enfrentado naquela manhã de outono.

Mas os juramentos do lacaio, fantasias segundo os que haviam prestado atenção à sua história, não foram suficientes para que um machucado Hernando evitasse a detenção e encarceramento que, imediatamente e de acordo com a jurisdição que lhe competia, D. Diego López de Haro ordenou, enganado em sua boa-fé por atender àquela súplica e desejo do mourisco. À decepção do cavalariço juntou-se a preocupação com a certa e previsível resposta violenta do conde de Espiel diante da morte de seu cavalo.

– Você teve a possibilidade de crescer e não a aproveitou – disse-lhe o cavalariço diante dos trabalhadores das cocheiras, Abbas entre eles, quando Hernando foi transportado por José Velasco da invernada. – Não posso fazer nada por você. Vai ficar à disposição da justiça e do que queira fazer com você o conde de Espiel, proprietário do cavalo que você matou.

Mas Hernando não escutava; tampouco reagiu diante das palavras de D. Diego: estava absorto na magia daquele momento em que Azirat adquirira vontade própria e decidira por sua própria conta. Nenhum cavalo dos que havia montado nunca chegara a fazer nada parecido!

– Levem-no para o cárcere – ordenou a seus lacaios. – Eu, D. Diego López de Haro, cavalariço de Sua Majestade D. Felipe II, assim ordeno.

Hernando ladeou a cabeça para o nobre. Cárcere! Tê-lo-ia previsto Azirat? Talvez devesse ter morrido ele também, pensou enquanto caminhava pelo Campo Real, diante do alcácer dos reis cristãos, onde ficava a Inquisição, escoltado por José Velasco e dois outros homens. Não tinha razão alguma para viver. Só sua mãe, pensou com tristeza. Dirigiam-se para a rua de la Cárcel, e Hernando o fazia claudicante e dolorido, seguro pelo braço por José, ainda confuso entre o que havia presenciado na invernada e os lógicos raciocínios dos que escutaram suas explicações e se negaram a acreditar nelas. Mas ele o havia visto! José e Hernando se olharam, e um esgar ininteligível apareceu nos lábios do lacaio. Passaram por debaixo da ponte da catedral e subiram em silêncio pela rua dos Arquillos, com a mesquita à sua direita. As pessoas com que cruzavam olhavam com curiosidade para a comitiva.

Só Deus podia ter guiado os passos de Azirat, tal como fazia com todos os crentes, concluiu Hernando. Mas, se ele havia saído ileso, de que adiantava o sacrifício do cavalo? Para terminar no cárcere à disposição do homem por causa de quem Azirat havia entregado a sua vida? "O diabo jamais entrará numa tenda habitada por um cavalo árabe", escreveu o Profeta para elevar os brutos nobres a defensores dos crentes. Que pretendia dizer-lhe Deus por meio de Azirat? José Velasco puxou-o pelo braço diante da dúvida que levou Hernando a deter seus passos. Qual era a mensagem divina que podia esconder-se no acontecido daquela manhã?, continuou a perguntar-se.

– Ande! – ordenou um dos homens ao mesmo tempo que o empurrava pela costas.

Sentiu o empurrão nas costas como um dos golpes mais fortes que já havia recebido. Azirat não podia pretender que ele terminasse encarcerado! Mas como podia livrar-se da prisão? Não poderia correr mais que alguns passos, e os homens estavam armados, enquanto ele...

– Obedeça! – Um novo empurrão quase o jogou no chão.

José Velasco soltou seu braço e o olhou estranhando.

– Hernando, não me torne ainda mais difícil a coisa – pediu-lhe.

A Porta dos Deães, que dava para o horto da mesquita, ficava a apenas poucos passos de onde se encontravam. O mourisco a olhou. Também o fez José Velasco.

– Não tente... – tentou adverti-lo o lacaio.

Mas Hernando, apesar da dor que sentia em todo o corpo, já corria para a mesquita.

Passou pela Porta dos Deães no momento em que os três homens se lançaram sobre ele; todos caíram no interior do horto de laranjeiras da catedral. Hernando lutou e esperneou para livrar-se deles, mas seus músculos já não respondiam. Cercados pelas pessoas que estavam no horto, José Velasco conseguiu imobilizá-lo ao mesmo tempo que seus companheiros, já de pé, o agarravam pelos tornozelos e pelos pulsos para tirá-lo do horto como se se tratasse de um fardo.

– Grite! – instou-lhe um homem que observava a cena.

Que...?, pensou Hernando.

– Diga! – exigiu-lhe outro.

Que tinha de dizer?

Os homens do cavalariço já o haviam levantado do chão, e Hernando pendia como um animal.

– Sagrado! – escutou dizer a voz de uma mulher.

– Sagrado! – gritou o mourisco, recordando então quantas vezes havia ouvido aquela súplica na catedral. – Eu me acolho ao sagrado!

No limite interno da Porta dos Deães, os homens que o levavam hesitaram, mas imediatamente fizeram menção de tirá-lo da catedral.

– Que é que vocês pretendem? – Um sacerdote se interpôs em seu caminho. – Porventura não ouviram que este homem se acolheu ao sagrado? Soltem-no sob pena de excomunhão *ipso facto*! – Hernando sentiu afrouxar-se a pressão em suas mãos e pés.

– Este homem... – tentou explicar José Velasco.

– É sacrilégio violar a imunidade e o direito de asilo de um lugar sagrado! – insistiu o sacerdote interrompendo-o bruscamente.

O lacaio fez um gesto para os homens que o acompanhavam, e estes soltaram Hernando, que ficou aos pés de todos eles.

– Você não vai ficar muito tempo acolhido na catedral – disse-lhe José Velasco, já temeroso do castigo que lhe imporia seu senhor por ter permitido que o detido escapasse. – Dentro de trinta dias o expulsarão daqui.

– Isso quem decide é o provisor eclesiástico – voltou a interrompê-lo o sacerdote. José e seus homens, ambos com a mesma expressão de preocupação do lacaio, franziram o cenho. – E você – acrescentou então, dirigindo-se a Hernando – vá em busca do vigário para comunicar-lhe as circunstâncias que o levaram a pretender este direito.

43

Alguns homens aplaudiram a intervenção do sacerdote enquanto Hernando tentava levantar-se dolorido; se já o estava antes, agora, depois de lutar com José e seus acompanhantes, e da dura pancada nos rins ao cair ao chão, estava quase incapaz de mexer-se. Um louro de cabelo encaracolado e olhos azuis como os seus se aproximou para ajudá-lo.

– Silêncio! – gritou então o sacerdote. – Aquele que alvoroçar perderá o direito de asilo e será expulso do templo.

Os aplausos cessaram imediatamente, mas as chanças e escárnios dirigidos aos homens do cavalariço real que haviam tido de ceder ao sagrado rebentaram assim que o sacerdote estava a suficiente distância para não ouvi-las ou, pelo menos, para não se dar ao trabalho de voltar a fim de admoestar de novo o numeroso grupo de delinquentes e infelizes que se achavam asilados na catedral para escapar da justiça secular. E assim foi, dado que o sacerdote, sem nem sequer se virar, negou cansadamente com a cabeça ao ouvir as gargalhadas que rebentaram às suas costas.

– Eu me chamo Pérez – disse o louro que o havia ajudado a levantar-se, ao mesmo tempo que lhe oferecia a mão.

– Mas o chamamos de "Mergulhador" – disse outro homem, que se juntou a eles e que estava com o tronco quase descoberto, apesar do frio de outubro.

– Hernando – apresentou-se ele.

– Pedro – disse por sua vez o de tronco descoberto.

– Vamos ver o vigário – instou-lhe o Mergulhador.

– Não é preciso que me acompanhe – disse o mourisco.

– Não se preocupe – insistiu o louro, que já se dirigia para o interior da catedral –, aqui não temos nada para fazer: não nos permitem

sequer jogar. Nem sequer podemos aplaudir, como você mesmo deve ter verificado. – Hernando tentou alcançá-lo, mas claudicou por causa da dor. Pérez o esperou e ambos entraram no templo. – Se ele brigou com o vigário – explicou-lhe o louro fazendo um gesto para o que se chamava Pedro, que permanecera no horto. – Parece que teve um problema com um colar muito valioso – explicou quando já caminhavam entre as colunas da antiga mesquita –, mas não quer nos contar com detalhes; pelo visto, tampouco quis explicá-lo ao vigário.

A sacristia, como bem sabia Hernando, era geminada com a parede sul da catedral, junto com o tesouro, numa capela entre o *mihrab* e a biblioteca, que ainda continuava em obras para transformar-se em sacrário-mor. Pérez estranhou o sorriso com que D. Juan, o vigário, recebeu o novo acolhido depois que, da porta, humildemente, lhe pediram permissão para entrar.

– O conde de Espiel é um mau inimigo – afirmou D. Juan após a explicação que lhe ofereceu o mourisco. Pérez escutou com atenção a história, enquanto o vigário tomava notas em alguns papéis. – Eu passarei estes dados ao provisor para ver o que é que decide acerca de sua situação. Em breve espero poder dizer-lhe algo... e sinto muito pelo que aconteceu à sua família – acrescentou quando os dois já deixavam a sacristia.

– Como ele conhece você? – perguntou-lhe seu companheiro assim que se encontraram fora dela. – É seu amigo? Como...?

– Vamos para a biblioteca – interrompeu-o Hernando.

D. Julián transladava os últimos volumes que restavam na biblioteca. A nova, junto à Porta de São Miguel, era de tamanho menor, e a maioria dos livros e rolos terminavam na biblioteca particular do bispo, ali onde também se escondiam corães e profecias árabes.

– Com licença? – perguntou Hernando da grade que agora separava andaimes e operários do restante da mesquita.

– Também conhece o bibliotecário? – sussurrou-lhe o surpreso Mergulhador diante do sorriso com que D. Julián recebia o mourisco;

um sorriso que tinha uma ponta de tristeza desde o desaparecimento de Fátima e seus filhos.

Passearam por entre o milhar de colunas da mesquita com o Mergulhador atrás deles, e Hernando teve de repetir a mesma história que fazia alguns instantes contara ao vigário.

– O conde de Espiel! – suspirou D. Julián juntando-se aos maus agouros do vigário. – De qualquer forma, o provisor ficará a seu favor: a família de Espiel foi uma das famílias nobres que mais tenazmente se opuseram à construção da nova catedral até que o imperador Carlos I autorizou sua construção, e, com as novas obras, os Espiel perderam sua capela. Depois, desdenhando o cabido da catedral, financiaram outra igreja, em que conseguiram o patronato de sua capela-mor. Desde então não há boas relações entre o conde e o bispo.

– Em que me beneficiarei por ter a meu favor o provisor?

– Como juiz eclesiástico, é ele quem tem de decidir se seu asilo é conforme às normas canônicas e aos concílios. A princípio, você não é um assassino nem um salteador de caminhos; e, pelo que você me explicou, seu delito pode incluir-se naqueles que têm direito ao asilo eclesiástico. Mas há outra circunstância, mais importante: o direito de asilo não é indefinido; caso contrário, os templos se converteriam em casas de delinquentes. Aqui, em Córdova, dá-se um prazo máximo de trinta dias, durante os quais se supõe que o acolhido pode fazer as diligências necessárias para remediar as consequências de sua falta. Conhecendo o conde de Espiel, você não o conseguirá. – Hernando anuiu com tristeza. – O conde não cederá em nada. Nem sequer aceitará uma pena que não implique castigos corporais, que é uma das formas mais usuais de terminar com o asilo: a Igreja exige que a justiça secular se comprometa a tratar com benevolência o delinquente e, se se firma esse acordo, o entrega. Aí é que mais influi o provisor, porque, se não obtém esse acordo, pode prorrogar ilimitadamente o prazo do asilo.

– Que ganharia o conde com não chegar a um acordo com a Igreja? Não poderá me tirar da catedral e tampouco obterá nenhuma

satisfação por meu... delito?

– A maioria dos cristãos – contestou D. Julián – não ousa contravir o sagrado. A simples ameaça de excomunhão *ipso facto* para quem atenta contra o asilo é suficiente para amedrontar suas piedosas consciências. – Instintivamente, Hernando pôs a mão nos rins e recordou a rapidez com que o soltaram José Velasco e seus homens à mera menção da excomunhão. – Mas o conde de Espiel, como muitos outros nobres – continuou o sacerdote –, pode contratar pessoas que ajam em seu nome para não ser excomungados. Não confie em ninguém. Assim que souber que você está acolhido aqui, seus homens se postarão nas portas para impedir que lhe tragam comida, que o visitem; em suma, para tornar sua vida impossível. Não confie em quem quer que se aproxime de você no horto, nem sequer aqui dentro. Poderiam sequestrá-lo e fazê-lo desaparecer em alguma das masmorras dos estados do conde.

– Isso significa que, se não me sequestrar... – murmurou Hernando – terei de ficar aqui a vida toda?

D. Julián parou e, virando-se para o Mergulhador, lhe fez um autoritário gesto para que se afastasse.

– Isso significa – sussurrou D. Julián após verificar que Pérez se achava duas colunas adiante – que talvez seja chegada a hora de você fugir para a Berbéria.

– E minha mãe? – foi tudo o que lhe ocorreu perguntar.

– Pode ir com você. – Os dois homens se olharam. Quanto trabalho e quantos anseios haviam compartilhado juntos! – Começarei a preparar a viagem – acrescentou D. Julián quando Hernando deixou passar alguns instantes sem se opor à ideia.

– Se você preparar essa fuga, leve em consideração que primeiro tenho de passar pelas Alpujarras, pelo castelo de Lanjarón...

– A espada?

– Sim – afirmou com o olhar perdido no bosque de colunas. – A espada de Muhammad.

– É arriscado, mas imagino que possível – considerou o sacerdote. – Apesar da proibição e das novas deportações que se deram em Granada, são muitos os mouriscos que voltam a esse reino. – D. Julián sorriu. – Que mágica atração exercem seus entardeceres vermelhos! Bem... De Granada você poderia ir para as costas de Málaga ou de Almería e embarcar em alguma embarcação mourisca das de Vélez, Tetuão, Larache ou Salé.

Após anoitecer, Hernando deixou a catedral e foi para o horto com a promessa da parte de D. Julián de ocupar-se de tudo, tanto da fuga como de interceder por ele diante do provisor. Ali encontrou Aisha esperando-o; D. Julián havia ordenado que a avisassem.

– Vamos fugir para a Berbéria – anunciou-lhe num sussurro, pondo fim a uma nova explicação do acontecido. Na penumbra, foi incapaz de perceber que o semblante de sua mãe se alterava.

– Já não estou para aventuras... – desculpou-se Aisha.

– Tenho vinte e seis anos, mãe. Você me teve aos catorze. Não é tão mais velha! Primeiro iremos para Granada e dali, ou de Málaga, não nos será difícil atravessar em alguma embarcação para Tetuão.

– Mas...

– Não nos resta outra saída, mãe, a não ser que você queira que eu me entregue ao conde. E tampouco vai ser simples – concluiu com D. Julián. – Teremos de esperar que transcorram os dias e os homens do conde de Espiel se cansem e diminuam a vigilância a que certamente me submeterão. Você tem de estar preparada.

Apesar da comoção da notícia e da pressa, Aisha teve a precaução de levar-lhe alguma comida: pão, cordeiro e frutas; água era o que não faltava no algibe do horto. Acabavam de terminar o ofício de completas quando Aisha se despediu de seu filho. Os porteiros fechavam as portas de acesso à catedral e todas as pessoas que se refugiavam ou se limitavam a perambular por seu interior se acomodaram no grande horto. Alguns o deixaram; os acolhidos ou asilados se agruparam naqueles lugares que à base de altercações

haviam conquistado uns aos outros. À exceção do espaço que ocupavam a Porta do Perdão, a torre do campanário e uma parte fechada destinada a consistório do arcediago, as três galerias que encerravam o horto estavam disponíveis para os acolhidos, e nelas eles buscavam abrigo durante as noites frias.

– Era sua mãe?

Hernando se virou para deparar com o Mergulhador, que, diante dos evidentes contatos com a hierarquia eclesiástica do novo ocupante do horto, havia decidido uni-lo ao seu grupo para o caso de lhes ser de alguma utilidade.

– Era.

– Venha conosco. Temos um pouco de vinho.

Hernando aceitou e, acompanhado do Mergulhador, se preparou para atravessar o horto até a galeria do muro sul partindo da Porta do Perdão, onde se havia despedido de sua mãe. Ele a viu passar sob a grande arcada, compungida, apesar do plano de fugir para a Berbéria que ele lhe acabara de propor. Qual a razão daquela tristeza?, perguntou-se.

– Mergulhador? – perguntou alguns passos adiante, soltando por fim o que levava todo o dia perguntando-se.

– Sim. Isso é o que eu sou – sorriu o louro: – mergulhador. Trabalho... trabalhava – corrigiu-se – para um capitão basco que possuía a concessão real para o resgate de navios afundados e de tesouros nas costas espanholas. Discutimos por algumas moedas de ouro que encontrei longe do resto de navio que estávamos resgatando em Cádiz – disse estalando a língua –, saí correndo e consegui refugiar-me aqui quando estavam prestes a me agarrar.

Apesar das explicações que lhe forneceu Pérez, que parou diante do mourisco para explicá-lo por meio de palavras e gestos, ao chegar à galeria Hernando ainda não conseguia entender como funcionava esse imaginário artefato de bronze sob o qual submergiam os mergulhadores e que lhes permitia resgatar tesouros caídos no fundo do mar.

– Não se preocupe – disse-lhe aquele que depois se apresentaria como Luis, um homem de feições retilíneas e nariz quebrado que cobria a cabeça com um lenço vermelho amarrado na nuca –, nenhum de nós conseguiu entender isso ainda. O mais provável é que seja mentira.

Pérez lhe mandou um pontapé que o outro esquivou entre risos.

À luz das tochas colocadas nos arcos das galerias que davam para o horto, estavam sentados no chão outros seis homens, ao redor de uma bota de vinho e da comida que lhes levavam os parentes ou amigos.

– Bem-vindo à galeria das crianças – cumprimentou-o um louro de cabelo liso oferecendo-lhe um lugar a seu lado.

Hernando olhou ao longo da galeria, onde só vislumbrou grupos similares.

– Crianças? – estranhou ele, ao mesmo tempo que se sentava.

– Há alguns anos esta galeria – explicou o do cabelo liso, Juan, um cirurgião que havia tentado complementar sua profissão com negócios pouco claros que o levaram a solicitar asilo diante da denúncia de algumas viúvas a quem sanou o corpo... e suas bolsas – era destinada ao recolhimento das crianças expostas de Córdova; dormiam em berços aqui mesmo – acrescentou fazendo um largo gesto com a mão pela galeria –, até que uma noite um bando de porcos comeu algumas delas. Então o piedoso deão da catedral financiou a construção de um hospital para expostos e devolveu a galeria aos asilados. Por isso a chamam de galeria das crianças.

Sem poder evitá-lo, Hernando se lembrou de Francisco e Inés. Quanto havia mudado sua vida em pouco tempo! E agora Azirat, sua detenção... De repente deparou com os seis homens olhando-o fixamente.

– Beba vinho – recomendou-lhe Pedro, que ainda estava com o tronco descoberto apesar do frio da noite.

Hernando recusou a bota que Pedro lhe oferecia. Os sambenitos que pendiam de todas as paredes das galerias do horto pareciam tremer na noite com o cintilar do fogo das tochas. Centenas deles

recordavam os apenados da Inquisição, dando ao lugar uma imagem macabra.

– Dê-a para mim! – O que estava ao seu lado, cujo sobrenome era Mesa, moreno e de traços orientais, lhe tirou a bota das mãos e despejou o vinho diretamente em sua garganta, bebendo compulsivamente. Os goles de vinho eram controlados, mas nesta ocasião ninguém impediu que Mesa quase acabasse com ele.

– Corre o rumor de que vão tirá-lo daqui e entregá-lo à justiça – desculpou-o aos sussurros para Hernando um homem a quem chamavam Galo. – Não sabemos por quê, mas os padres o odeiam. Na verdade, só roubou um documento para poder trabalhar... Será o primeiro do grupo a ser posto para fora.

– Mais dia, menos dia, farão o mesmo com todos nós... e nos entregarão. Desfrutemos enquanto podemos. – O que falava também se chamava Juan, como o cirurgião, e era um armeiro recém-chegado das Índias que havia tido certos problemas relativos ao misterioso desaparecimento de uma partida de arcabuzes.

– Não... – começou a opor-se Pérez.

– Quem é Hernando?

O grito ressoou no horto. A silhueta de um homem com as mãos na cintura se desenhou à luz do fogo junto à Porta de Santa Catarina, onde se iniciava a galeria das crianças.

– Cale-se! Fique parado! – ordenou-lhe o cirurgião quando Hernando fez menção de levantar-se.

– Quem é o filho da puta que se chama Hernando? – voltou a gritar o homem da porta.

– Para que essa gritaria? – perguntou Pérez ficando de pé. Todos conheciam o Mergulhador. – Os padres vão acabar vindo se você continuar a gritar. Que é que está acontecendo com esse Hernando?

– Acontece que a catedral está cercada de homens do conde de Espiel à procura desse homem. E me ameaçaram de que, se nós outros tentarmos sair, eles nos deterão e nos entregarão ao oficial de

diligências... a não ser que nós mesmos lhes entreguemos esse mourisco.

Apesar de com isso pôr em risco o direito de asilo, a maioria dos homens asilados se aventuravam na noite cordovesa. O Potro estava perto, e ali os esperavam as cartas, os dados e as apostas; o vinho, as brigas e as mulheres. Os aguazis e os oficiais de diligências não poderiam manter uma vigilância permanente nas cercanias da catedral; além disso, pouco a pouco, mesmo depois de se terem acertado condições mais benévolas, os delinquentes eram entregues ao conselho, razão por que tampouco estavam dispostos a perder o sono por um bando de desgraçados que mais cedo ou mais tarde cairiam em suas mãos. Mas, se por um lado o conde pagava a vigilância, e por outro evitava que os asilados desfrutassem da noite, a situação estava se complicando.

Vários asilados que se achavam em outras galerias se aproximaram da Porta de Santa Catarina. Na norte, a das crianças, alguns se levantaram.

– É verdade. Eu vi soldados armados circulando pelas ruas – afirmou um deles.

– Parece que você está pior que eu – afirmou Mesa fazendo um esgar com a boca depois de tomar outro gole de vinho –, e isso apesar de não estar nem há um dia aqui dentro.

Hernando hesitava e se mexia inquieto.

– Fique parado! – disse entre dentes o Mergulhador.

– Quem é esse Hernando? – perguntou um dos da galeria sul.

– É preciso entregá-lo aos soldados do conde! – ouviu-se gritar. Na escuridão, muitos dos asilados atravessaram o horto na direção da Porta de Santa Catarina.

– Seus imbecis! – desta vez foi Luis quem gritou para todos eles. – Que importância tem isso? Hernando sou eu!

– E eu! – juntou-se imediatamente o cirurgião, entendendo aonde queria chegar seu companheiro.

– Eu também me chamo Hernando! – afirmou o Mergulhador. – Se cedermos, hoje será esse tal de Hernando, mas amanhã poderá ser qualquer um de nós. Você – acrescentou, apontando para o mais próximo –, ou você. Todos nós somos perseguidos por alguém. Talvez não tenham o dinheiro do conde para contratar um exército de soldados, mas se souberem que nós mesmos entregamos os nossos... Além disso, é sacrilégio atentar contra o asilo, faça-o quem o fizer. Amanhã seria o bispo quem expulsaria todos nós se o entregássemos! E muito contente ficaria Sua Ilustríssima se pudesse expulsar todos daqui.

– Talvez você tenha sorte – disse Mesa a Hernando diante de um momento de dúvida que pareceu assaltar todos os presentes. Eram os dois únicos do grupo que continuavam sentados, entre as pernas de seus companheiros.

– Mas não podemos sair – insistiu alguém. O murmúrio que se seguiu a suas palavras foi interrompido por algumas imprecações. – Entreguemo-lo! O bispo nem sequer ficará sabendo.

– Ou talvez sim – acrescentou Mesa com certo sarcasmo, tornando a pegar a bota de vinho.

– Não. Não podemos entregá-lo – sentenciou Luis dirigindo-se às pessoas. – Aqueles que quiserem sair, que o façam em grupos numerosos e por várias portas ao mesmo tempo, para dividi-los. Os soldados do conde não vão querer arriscar a vida se os deixarem verificar que esse homem não está no grupo; vocês nada ganham com isso, ninguém vai lhes pagar por um de nós. Mostrem a eles suas adagas e punhais.

– Qualquer um de nós pode com três deles! – exclamou alguém em tom altivo.

Outro murmúrio se ergueu dentre as pessoas, neste caso de aprovação, e um grupo se reuniu junto à porta, com as armas nas mãos. Outros foram até lá fora e comprovaram que efetivamente os soldados do conde se amedrontavam ao ver sair vários homens juntos e lhes permitiam continuar seu caminho quando se certificaram que o

mourisco que procuravam não estava entre eles. A notícia correu entre os asilados, e um novo grupo se apressou em direção à Porta dos Deães.

– Parece que desta vez você se livrou – sorriu Mesa quando os outros já se sentavam.

– Agradeço a vocês... – começou a dizer Hernando.

– Amanhã – interrompeu-o o cirurgião –, você intercederá por Mesa diante do bibliotecário.

O mourisco olhou para o ladrão de documentos. Seus olhos rasgados, afetados pelo vinho, o interrogavam.

– A sorte é caprichosa – brincou Hernando.

Apesar de aqueles delinquentes lhe terem prometido segurança, Hernando não conseguiu pegar no sono durante o que restava da noite, atento a quem quer que passasse a seu lado; ainda corria perigo, e estava consciente de que duas coronas de ouro seriam mais que suficientes para que muitos dos ali asilados, que entravam e saíam, brigando entre si ou brincando, por mais sacrilégio e excomunhão a que se arriscassem, estivessem dispostos a pô-lo para fora da catedral. Só um pensamento podia tranquilizar seus tormentos, e a ele se agarrou tentando evitar a recordação de sua família morta ou da vida que lhe tinha vindo abaixo: a Berbéria!

O repicar dos sinos chamando para laudes pôs em pé todos os grupos de asilados do horto. Hernando se espreguiçou para juntar-se a eles antes que o rio de sacerdotes, músicos, cantores e demais servidores da catedral começasse a invadir a área, mas parou ao ver remanchear seus companheiros de noite.

– Vocês não vão se levantar? – perguntou ao cirurgião, deitado a seu lado.

– Preferimos começar melhor o dia, nunca sob nenhuma ordem dos companheiros. Espere e verá. Aposto uma blanca em que sim! – exclamou depois.

– Combinado – aceitou a aposta o Mergulhador.

– Duas em que não acerta! – apostou Luis.

– Essa é já minha! – cantou Mesa.

– Olhe – indicou-lhe o cirurgião, apontando para um homem diante deles, parado a três ou quatro passos de distância, entre umas laranjeiras, no meio de um dos caminhos que, começando na galeria, se internavam no horto.

Hernando o observou: era calvo, estava com os olhos entrefechados e um sorriso apertado como se quisesse esconder os lábios, embora um incisivo sobressaísse deles; estava de pé, hierático, com uma lajota plana de mármore equilibrada em cima da cabeça.

– Que é que ele está fazendo?

– Palacio? Espere e verá.

Com as pessoas que entravam no horto, entraram também alguns porcos dispersos e muitos cães que seguiam os sacerdotes, atrás do cheiro do desjejum que alguns padres ainda conservavam nas mãos ou dispostos a lamber as lousas sobre as quais haviam jantado os asilados. Hernando reparou em que alguns dos cães escondiam o rabo entre as pernas e desandavam a correr à simples visão do tal Palacio.

– Por que...?

– Silêncio! – interrompeu-o o Mergulhador. – Sempre há algum que não o conhece e cai na armadilha.

Voltou a prestar atenção no momento em que, efetivamente, um podengo malhado e com o rabo enroscado fariscava os sapatos e as andrajosas calças vermelhas do homem. O cão procurou encontrar a posição revolvendo-se inquieto e, quando por fim levantou a pata para urinar na perna de Palacio, este calculou a trajetória e inclinou a cabeça para deixar que a lousa escorregasse por ela e caísse com todo o peso no lombo do animal, que viu bruscamente interrompida sua micção e saiu uivando dolorido. Ainda parado, como se saudasse a assistência, Palacio abriu o sorriso e mostrou o incisivo saliente.[2]

– Bravo! – gritaram Mesa e o cirurgião, ao mesmo tempo que estendiam as mãos para pegar o dinheiro da aposta ganha.

– Sempre faz isso? – perguntou Hernando.

– Todos os dias! Tão certo como as badaladas – respondeu-lhe o Mergulhador. – E olhe que algumas vezes foi ele quem teve de correr do dono do cão, quando o tinha. Quanto a isto, ou seja, se vai aparecer ou não o dono do cão, todos apostamos dez contra um – acrescentou rindo.

Nessa noite, Hernando não dormiu no horto.

– Ontem mesmo, ao anoitecer, provavelmente ao mesmo tempo que mandava seus homens vigiar as ruas que rodeiam a catedral, o conde já pediu audiência com o bispo – explicou-lhe D. Julián depois do ofício de laudes e de escutar o relato do mourisco a respeito dos acontecimentos ocorridos na noite anterior. – Pelo que entendi, ele estava furioso. Não creio que o bispo concorde em recebê-lo, razão por que o conde de Espiel fará quanto esteja ao seu alcance para agarrá-lo, e, se tiver de mandar um grupo para sequestrá-lo, o fará. Tenho certeza.

– Para ele era um simples cavalo, D. Julián! Um refugo das cocheiras do rei! Por que todo esse empenho?

– Não se engane: não é um simples cavalo, é a honra dele! Um mourisco manchou seu nome e seu direito; não há maior afronta para um nobre.

A honra! Hernando se recordou de que, anos atrás, aquele fidalgo que dizia descender dos Varus romanos havia chegado a pôr em risco a própria vida pela mera suspeita de que alguém ousara difamar sua linhagem. A recordação voou então até as moedas que havia arrancado do incauto e que depois ele havia corrido para entregar a Fátima. Sua Fátima...!

– Como você bem sabe – continuou D. Julián interrompendo seus pensamentos –, além de bibliotecário sou o capelão da capela de São Barnabé, uma das três pequenas capelas que há atrás do altar-mor. Esta noite lhe entregarei um molho das chaves de suas grades, e, quando os porteiros fecharem o templo e mandarem embora as pessoas, você se esconderá num armário embutido que há nela e que eu vou esvaziar de

dia. Deixe passar um tempo prudencial; depois saia e esconda-se em algum outro lugar para dormir, mas tome cuidado: mesmo com o templo fechado, há vigilantes, sobretudo no tesouro.

– Você não deve arriscar-se tanto. Se me descobrirem...

– Já estou velho, e você tem muito que fazer por nós, ainda que seja da Berbéria. Você sofreu muitos reveses, sabe Deus por quê, mas a esperança do nosso povo repousa em pessoas como você.

Os asilados não se preocupariam com suas ausências noturnas, tentou convencê-lo o sacerdote, e, quanto à intercessão por Mesa, o ladrão de documentos, que Hernando não esqueceu, foi recebida pelo sacerdote com um gesto pesaroso e a promessa de fazer tudo quanto pudesse por ele. Por seu lado, o conde de Espiel aumentou a pressão nas ruas e, apesar de também ser considerado sacrilégio e causa de excomunhão – o que acabou por convencê-lo da necessidade de se refugiar de noite no interior da mesquita –, Aisha foi despojada da comida que transportava, pelos sequazes do conde que vigiavam as ruas. Enquanto isso, D. Julián, com a ajuda de Abbas, que pediu ao sacerdote que mantivesse Hernando alheio à sua intervenção, tentava encontrar uma via de fuga para a Berbéria, mas o conde, consciente de que aquela era a única possibilidade do mourisco, também se movia nessa direção: seus espiões, carregados de dinheiro e de poucos escrúpulos, pagavam ou amedrontavam todos aqueles que se dedicavam a tais misteres.

Apesar da relativa facilidade com que Hernando conseguiu enganar os porteiros enquanto estes faziam sair as pessoas que ainda estavam na catedral após o ofício de vésperas, em momento algum deixou de notar o frenético palpitar de seu coração, o suor em suas mãos e o tremor que fez tilintar o molho de chaves que levava, obrigando-o a virar a cabeça de um lado para outro diante do que para ele era um estrondo. D. Julián se ocupou de azeitar a fechadura e as dobradiças da grande grade da capela de São Barnabé, excessivamente alta para a diminuta capela.

– Deixem o templo! – escutou os porteiros exigir levantando a voz, sem chegar a gritar, depois de fechar a grade. À sua esquerda, atrás de uma magnífica tapeçaria, se escondia o armário mencionado por D. Julián.

No entanto, Hernando ficou enfeitiçado pelos reflexos que a luz das lâmpadas que pendiam do teto da catedral, bem como do milhar de velas que cintilavam nas capelas e nos altares, arrancava do mármore branco do interior da capela. Havia passado uma infinidade de vezes diante dessa capela, mas então, roçando com os dedos o mármore do altar e do retábulo que cobria a totalidade de sua parede frontal, percebeu a grande diferença entre aquela e todas as demais. A de São Barnabé era uma joia daquele estilo romano tão difícil de introduzir em terras exacerbadamente católicas como as regidas pelo rei Felipe. As diferentes cenas dos retábulos em mármore branco haviam sido esculpidas por um mestre francês, como se lutassem com a profusão de cores, molduras douradas e imagens escuras ou apocalípticas que adornavam o restante da catedral.

Hernando respirou fundo, numa tentativa de impregnar-se da serenidade e beleza que reinava no lugar, quando ouviu os porteiros voltar após terem fechado as portas de acesso à catedral e verificavam as grades das capelas. Ouviu seus risos e seus comentários e saltou para a tapeçaria, introduzindo-se no interior do armário no exato instante em que os porteiros apareciam na capela de São Barnabé.

Nessa noite não deixou o esconderijo. Vencido pelo cansaço, pelas muitas noites povoadas de dolorosos pesadelos, encolheu-se no chão e se deixou tomar pelo sono. Despertou-o o alvoroço que ocorreu na catedral ao amanhecer, e não lhe foi difícil sair do pequeno armário: os ofícios de prima se desenrolavam no altar-mor e no coro, do outro lado da grande construção em cuja parte traseira ficava a capela. Para que não o pegassem com elas, escondeu as chaves, atando-as com um arame enferrujado debaixo da barra inferior da grade.

Tampouco deixou o armário ao longo das noites seguintes, temeroso de ser descoberto: dormia meio sentado, com as pernas

encolhidas, cochilava em pé ou simplesmente chorava Fátima e seus filhos, Hamid e todos quantos havia perdido; dispunha do longo e tedioso dia para recobrar forças. Despediu-se de seus companheiros da primeira noite sem maiores explicações e não fez caso de sua curiosidade, e certa manhã, um tanto afastado deles, sabendo-se observado, viu que definitivamente mandavam embora Mesa, o ladrão de documentos, para entregá-lo à justiça secular, cujos aguazis o esperavam na rua diante da Porta do Perdão. Aisha havia recorrido a irmãos fiéis da comunidade para que levassem comida para Hernando, e cada dia algum dos muitos mouriscos ia ao horto levando alimentos. Aisha também teve de encontrar abrigo junto aos mouriscos, quando sem nenhuma contemplação o cabido da catedral a despejou da casa-pátio da rua dos Barberos por falta de pagamento do aluguel.

– Para receberem de alguma forma os aluguéis atrasados, ficaram com tudo o que nos deram nossos irmãos – soluçou. – Os colchões, as conchas...

Hernando deixou de escutá-la e sentiu que se rompia o último fio que o ligava à sua vida anterior; ali onde havia encontrado uma felicidade que, ao que parecia, estava vedada aos seguidores da única fé.

– E o Corão? – interrompeu-a de repente, falando sem precauções. Foi Aisha quem, surpresa, olhou para um e outro lado para ver se alguém tinha ouvido seu filho.

– Eu o entreguei a Jalil quando me avisaram do despejo. – Aisha deixou passar alguns instantes. – O que não lhe entreguei foi isto.

Nesse momento, discretamente, pôs entre os dedos do filho a mão de Fátima, a pequena joia de ouro que sua mulher exibia bem onde nasciam seus seios. Hernando acariciou a alfaia, e o ouro lhe pareceu tremendamente frio ao tato.

Nessa noite, escondido no armário da capela de São Barnabé, com lágrimas nos olhos, beijou mil vezes a mão de Fátima, com o aroma de sua esposa vivo em seus sentidos e suas palavras ressoando-lhe nos

ouvidos, aquelas que Fátima havia pronunciado ali mesmo, na casa dos crentes:

– Lembre-se sempre deste juramento que você acaba de fazer e cumpra-o aconteça o que acontecer.

Jurara-lhe por Alá que algum dia orariam ao único Deus naquele lugar santo. Apertou a joia de ouro na mão. "Cumpra-o aconteça o que acontecer!", havia insistido Fátima com seriedade. Beijou mais uma vez a joia e sentiu o sabor salgado das lágrimas que encharcavam suas mãos e o ouro. Jurara-o por Alá! Também lhe jurara pôr os cristãos a seus pés... e agora Fátima estava morta. Tinha de cumprir aquele juramento!

Deixou seu refúgio e saiu à tênue luz de lâmpadas e velas. Tentou fazer uma ideia do tempo decorrido, mas no interior do armário perdia a noção do tempo. Aconteça o que acontecer!, repetia para si vezes seguidas. O templo se achava em silêncio, a não ser pelos rumores de vozes provenientes da sacristia do Ponto, no lado sul, onde se guardavam os utensílios para celebrar as missas que não eram cantadas, junto ao tesouro e às relíquias da catedral. À direita da sacristia do Ponto ficava a sacristia-mor, depois o sacrário, na capela da Ceia do Senhor, e, junto a ela, a capela de São Pedro, onde se achava o fantástico *mihrab* construído por al-Hakim II, agora profanado e convertido em vulgar e simples sacristia.

Circundou o altar-mor e o coro, erguidos no centro da catedral. Com o coração acelerado, atento sempre à entrada da sacristia do Ponto, de onde lhe chegavam as vozes dos guardas. Alcançou a parte traseira da capela de Villaviciosa, na mesma nave em que se encontrava o *mihrab*. Circundou também a capela de Villaviciosa até encontrar-se junto à sua parede sul, bem em frente ao lugar sagrado dos crentes, a só nove colunas de distância.

"Hoje lhe juro que um dia rezaremos ao único Deus neste lugar santo." O juramento que fizera a Fátima ressoou em seus ouvidos. Aconteça o que acontecer!, exigiu ela. De repente, amparado no bosque de colunas erigido em homenagem a Alá, sentiu-se

estranhamente tranquilo, e os murmúrios dos guardas foram dando lugar aos cânticos dos milhares de crentes que haviam orado em uníssono naquele mesmo lugar durante séculos. Um calafrio lhe percorreu a coluna.

Não tinha com que purificar-se: nem água limpa nem areia. Descalçou-se e, com a umidade de suas lágrimas nas mãos, as levou ao rosto e se esfregou. Depois fez o mesmo com as mãos, esfregando até os cotovelos, e, após passá-las na cabeça, as levou aos pés para seguir esfregando até os tornozelos.

Depois, alheio a tudo, se prostrou e orou.

Cada dia, escondido do olhar das pessoas, tratava de purificar-se devidamente, antes do fechamento das portas da catedral, com a água do algibe do horto, entre as laranjeiras. De noite repetia suas orações, tentando chegar a Fátima e a seus filhos através delas.

Algumas vezes os guardas haviam saído de ronda a começar da sacristia do Ponto, mas em todas elas, como se Deus o avisasse, Hernando percebeu a tempo: limitou-se a colar as costas à parede da capela de Villaviciosa e permanecer imóvel, quase sem respirar, enquanto os vigilantes passeavam pela catedral conversando distraidamente.

Seus companheiros da primeira noite desapareceram um após outro, e só Palacio continuava cada manhã, com mais ou menos sorte, tentando acertar os pobres cães que iam atrás do cheiro de suas calças e sapatos.

E, enquanto o juiz eclesiástico decidia sobre seu asilo e D. Julián, infrutiferamente, tentava superar os inconvenientes que implicavam para a sua fuga a constante vigilância e as artimanhas do conde de Espiel, Hernando só vivia pelos momentos em que se prostrava na direção da *quibla*, sentindo que naquele lugar tantas vezes profanado pelos cristãos ainda se podia perceber o pulsar da verdadeira fé.

Noite após noite se assenhoreou do templo. Aquela era sua mesquita! A sua e a de todos os crentes, e ninguém conseguiria

arrebatá-la deles.

– Abram caminho!

Atrás de três porteiros de maça, mais de meia dúzia de lacaios armados, vestidos com librés vermelhas bordadas em ouro e calças coloridas abertas nas coxas, irromperam pela Porta do Perdão no horto no mesmo dia em que se iniciava o inverno, a manhã de Todos os Santos.

O próprio bispo de Córdova, luxuosamente engalanado e rodeado por grande parte dos membros do cabido da catedral, esperava na Porta do Arco das Bênçãos.

– Hoje, antes dos ofícios solenes – comentara D. Julián com Hernando essa mesma manhã diante do vaivém que se dava na catedral –, está previsto que venha honrar seus mortos o duque de Monterreal, D. Alfonso de Córdoba, que acaba de regressar de Portugal. – O mourisco deu de ombros. – Está bem – concedeu o sacerdote –, pouco pode lhe importar, mas lhe aconselho que não permaneça no interior do templo durante sua visita. O duque é um dos grandes da Espanha; como descendente do Grande Capitão, pertence à casa dos Fernández de Córdoba, e seus lacaios não gostam que as pessoas bisbilhotem ao seu redor. Só falta você se inimistar com outro grande da Espanha!

– Afastem-se! – gritou um dos lacaios do duque, empurrando com violência uma velha que claudicou em sua fuga.

– Filho da puta! – escapou a Hernando no momento em que tentava segurar a mulher, sem conseguir impedir que esta caísse desmilinguida no chão. Enquanto a ajudava a levantar-se, percebeu que se havia feito silêncio a seu redor e que várias pessoas que estavam perto dele se afastavam. Agachado, virou o rosto.

– Que é que você disse? – perguntou o lacaio, parado no meio do caminho.

Naquela posição, com a velha meio sentada, agarrada à sua mão, Hernando olhou diretamente nos olhos dele.

– Não foi ele – ouviu garantir então a mulher. – Eu o disse sem pensar, Excelência.

Hernando tremeu de ira diante do sorriso cínico com que o homem recebeu as palavras da velha. Mesmo a salvo do conde de Espiel, vivia preso à espera da ajuda de seus irmãos, recebendo todos os dias a comida que poderiam oferecer-lhe como se fosse um mendigo, escutando as desgraças que dia após dia lhe chorava sua mãe, e agora era uma mulher velha e fraca quem tinha de sair em sua defesa.

– Filho da puta! – disse ele entre dentes quando o lacaio, aparentemente satisfeito, fez menção de seguir seu caminho. – Eu disse filho da puta – repetiu erguendo-se e soltando a mulher.

O lacaio se virou bruscamente e pôs a mão em sua adaga. Aqueles que ainda não se haviam afastado de Hernando, agora o fizeram apressados, e vários dos lacaios que acompanhavam o outro em sua marcha voltaram até ele, enquanto a comitiva do duque continuava indo para o horto através da Porta do Perdão.

– Embainhe sua arma! – exigiu do lacaio um sacerdote que observava a cena. – Você está num lugar sagrado!

– Que é que está acontecendo aqui? – interveio um dos acompanhantes do duque. O lacaio mantinha a adaga no peito de Hernando, já imobilizado por outros dois homens.

O próprio duque, precedido de um criado com um estoque com a ponta para cima, oculto entre mordomo, juiz, secretário e capelão, foi obrigado a parar. De soslaio, no meio de todos eles, Hernando chegou a vislumbrar as luxuosas vestes do aristocrata. Atrás do duque esperavam várias mulheres, também engalanadas para a ocasião.

– Este homem insultou um dos servidores de Vossa Excelência – respondeu um dos aguazis da corte do nobre.

– Guarde sua adaga – ordenou o capelão do duque ao lacaio após aproximar-se do grupo, estapeando no ar para tirar dos olhos os cordões do chapéu verde que estava usando. – É verdade isso? – inquiriu, dirigindo-se a Hernando.

– É verdade e me acolho ao sagrado – respondeu o mourisco com soberba. Afinal de contas, que lhe importava um nobre ou dois? – Você não pode acolher-se ao sagrado – afirmou o capelão calmamente. – Aqueles que cometem um delito em lugar sagrado não podem beneficiar-se do asilo.

Hernando fraquejou e sentiu que os joelhos se dobravam. Os lacaios que lhe sujeitavam pelas axilas começaram a puxá-lo.

– Levem-no diante do bispo – ordenou o aguazil ao mesmo tempo que o capelão lhes dava as costas para reintegrar-se à comitiva. – Sua Ilustríssima ordenará a expulsão deste delinquente.

Tiravam-no da catedral; primeiro o condenaria o duque, mas depois seria o conde de Espiel quem o faria. Que ia ser dele... e de sua mãe? A Berbéria! Tinham de fugir para a Berbéria. Era isso o que D. Julián estava preparando. Só podia fingir que pedia clemência! Deixou-se cair como se tivesse desmaiado e, no momento em que os lacaios se abaixaram para segurá-lo melhor, se safou deles e desandou a correr para o homem que ele julgava ser o duque.

– Piedade! – suplicou, ajoelhando-se à sua passagem e pondo-se a beijar seus sapatos de veludo. – Por Deus e pela Santíssima Virgem!... – Vários homens saltaram sobre Hernando, o levantaram e o afastaram do caminho do duque, quem nem sequer se viu obrigado a parar – Pelos cravos de Jesus Cristo! – gritou enquanto esperneava e se revolvia entre os lacaios.

Pelos cravos de Jesus Cristo!

A surpresa apareceu no semblante do nobre diante daquela última expressão, e pela primeira vez ele se interessou pelo plebeu que tantos incômodos estava causando. Então, Hernando ergueu o olhar e o cruzou com o do duque.

– Parados! Soltem-no! – ordenou D. Alfonso a seus homens. A comitiva parou. Algumas pessoas se espicharam atrás para ver o que se passava.

Os membros do cabido começaram a aproximar-se, e até o bispo aguçou a vista para ver o que é que estava acontecendo.

– Disse que o soltassem! – insistiu o nobre.

Hernando, andrajoso e sujo, ficou em pé diante do imponente duque de Monterreal. Ambos se observaram, atônitos. Não foram necessárias perguntas nem verificações: ao mesmo tempo a memória do nobre e a do mourisco retrocederam até a tenda de Barrax, o arrais corsário, nas cercanias de Ugíjar, onde Aben Aboo estabeleceu seu acampamento após a derrota de Serón.

– Que aconteceu com a Velha? – perguntou de repente Hernando. Um dos aguazis considerou uma impertinência aquela pergunta e fez menção de esbofeteá-lo, mas D. Alfonso, sem deixar de olhar para Hernando, o impediu com um autoritário movimento da mão.

– Ela o fez, tal como você me assegurou. – O juiz e o secretário, homens austeros e sóbrios, tiveram como que um sobressalto diante da amabilidade com que seu senhor tratava aquele andrajoso. Outros membros da comitiva trocaram sussurros. – Ela me levou para perto de Juviles, em cujo caminho me encontraram os soldados do príncipe. Infelizmente, não sei mais do animal. Dali, quase inconsciente, me levaram para Granada e depois para Sevilha para me tratar.

– Estava convencido de que a Velha não me falharia – afirmou Hernando.

Ambos sorriram.

O rumor entre as pessoas aumentou.

– Você encontrou sua esposa e sua mãe? – interessou-se por sua vez o nobre, sem se importar com quantos o rodeavam.

– Encontrei. – A resposta de Hernando foi quase um suspiro. Havia achado Fátima, sim, mas agora a havia perdido para sempre...

As palavras do duque interromperam seus pensamentos:

– Saibam todos – proclamou ele, levantando a voz – que devo a vida a este homem que chamam de nazareno, e que a partir de hoje ele goza do meu favor, da minha amizade e da minha eterna gratidão.

2 Com minha admiração e agradecimento ao mestre do romance, Miguel de Cervantes, de quem tomei emprestado o “louco de Córdova”, personagem da segunda parte de D. Quixote. [N. do A.]


III

EM NOME DA FÉ5

... Como os homens me haviam chamado Deus e filho de Deus, meu Pai, não querendo que eu fosse no dia do Juízo objeto de escárnio para os demônios, preferiu que eu fosse no mundo objeto de afronta pela morte de Judas na cruz... e esta afronta durará até a morte de Maomé, que quando vier ao mundo tirará de tal erro os que creem na lei de Deus.

Evangelho de Barnabé

44

Córdova, 1584

Hernando observava os trabalhos de pintura e remodelação que se realizavam na biblioteca da catedral já esvaziada de livros, e que a transformariam na capela do Sacrário. O lugar o atraía grandemente, e ele ia a ele com regularidade. Afora passear a cavalo e encerrar-se para ler na grande biblioteca do palácio do duque de Monterreal, sua nova casa, pouco mais tinha para fazer. O duque havia solucionado seus problemas com o conde de Espiel mediante um acordo de que Hernando nunca chegou a conhecer os detalhes, e, ao estilo dos fidalgos espanhóis, o proibiu de trabalhar concedendo-lhe uma generosa quantia mensal que Hernando nem sequer sabia como gastar. Teria sido uma afronta à casa de D. Alfonso de Córdoba que um de seus protegidos se rebaixasse a fazer qualquer tipo de trabalho!

No entanto, e apesar da estima que lhe tinha o duque, Hernando estava excluído do restante das atividades sociais em que se entretinham aqueles ociosos fidalgos. O duque tinha suas próprias tarefas e obrigações na corte, além das impostas por seus vastos e ricos domínios, que o obrigavam a ausentar-se de Córdova por longas temporadas. Conquanto lhe tivesse salvado a vida, Hernando não deixava de ser um mourisco a duras penas tolerado pela soberba sociedade cordovesa.

Mas, se isto ocorria com os cristãos, algo similar sucedia com seus irmãos de fé. A notícia de que havia libertado o duque na guerra das Alpujarras e os favores que tal ação lhe trazia estavam na boca de toda a comunidade. Com a esperança de que seus correligionários acabassem por entender e não dar maior importância àquele distante acontecimento, aceitou a proteção do nobre, mas, quando viu, a

história já circulava por toda Córdova e os mouriscos se referiam a ele pejorativamente pelo odiado nome que o havia perseguido desde sua infância: o nazareno.

– Não querem aceitar mais seu dinheiro. Não desejam dever favores a um cristão – comunicou-lhe um dia Aisha, quando ele pretendia entregar-lhe uma boa quantia que serviria para o resgate de escravos.

Além do dinheiro destinado a isto, Hernando dava à sua mãe o suficiente para ir levando sem apertos compartilhando uma casa com várias famílias mouriscas. Hernando foi procurar Abbas, o único dos antigos membros do conselho que restava vivo após a epidemia de peste que havia açoitado a cidade dois anos atrás, provocando cerca de dez mil mortes, um quinto da população, entre os quais Jalil e o bom D. Julián. Encontrou-o nas cavalariças reais.

– Por que não vocês aceitam a minha ajuda? – perguntou-lhe a sós, na ferraria, após murmurar um cumprimento quase ininteligível à sua chegada. Depois de receber a notícia da morte de Fátima e de seus filhos, e da violenta reação de Hernando com o ferrador, a amizade entre os dois se havia ressentido. – Fátima e eu fomos os primeiros a contribuir para a libertação de escravos mouriscos, e o fizemos em maior medida que os demais membros da comunidade, lembra-se?

Por alguns instantes, Abbas desviou a atenção dos instrumentos com que trabalhava sobre uma bancada.

– As pessoas não querem dádivas do nazareno – respondeu-lhe secamente antes de concentrar-se de novo em sua ocupação.

– Justamente você, mais que ninguém, deveria saber que isso não é verdade, que não sou cristão. O duque e eu nos limitamos a unir forças para escapar de um corsário renegado que...

– Não quero ouvir suas explicações – interrompeu-o Abbas sem parar de trabalhar. – São muitas as coisas que todos sabemos não serem verdadeiras e, no entanto... Todos os mouriscos juraram fidelidade a seu rei, e por isso estão aqui, humilhados, porque perderam a guerra. Você também jurou lealdade à causa e, no entanto, ajudou um cristão. Se você foi capaz de quebrar esse juramento, por que julga com tanta

dureza os que em algum momento não puderam cumprir suas promessas?

Após pronunciar estas palavras, o ferrador se ergueu diante dele, imponente. "Por que continua a me julgar?", perguntavam seus olhos. "Não pude fazer nada para evitar a morte de sua esposa", pareciam querer dizer-lhe.

Hernando ficou em silêncio. Pousou o olhar na bigorna onde se dava forma às ferraduras. Não era a mesma coisa: Abbas lhe havia prometido cuidar de sua família; Abbas lhe havia assegurado que Ubaid não os incomodaria. Abbas... havia falhado com ele! E Fátima, Francisco, Inés e Shamir estavam mortos. A sua família! Porventura existia perdão para algo assim?

– Eu não fiz mal a ninguém – replicou Hernando.

– Ah, não? Você devolveu a vida e a liberdade a um grande da Espanha. Como pode afirmar que na verdade não fez mal a ninguém? O resultado das guerras depende deles, de todos e de cada um deles: de seus pais e de seus irmãos, dos acordos a que podem chegar se alguém de sua família for preso. Esta mesma cidade santa – continuou Abbas elevando a voz – pôde ser reconquistada pelos cristãos porque um só nobre, um só, D. Lorenzo Suárez Gallinato, convenceu o rei Abenhut de que se achava estacionado com um grande exército em Écija, a apenas sete léguas daqui! E de que devia ir em socorro de Valência em lugar de socorrer Córdova. – Abbas bufou; Hernando não soube que dizer. – Um só nobre mudou o destino da capital muçulmana do Ocidente! Você continua afirmando que não fez mal a ninguém?

Nem sequer se despediram.

A recriminação de Abbas perseguiu Hernando por vários dias. Várias vezes tentou convencer-se de que o corsário Barrax só queria D. Alfonso para obter um resgate por ele. Sua liberdade não podia ter influído no desdobramento da guerra das Alpujarras!, repetia-se insistentemente, mas as palavras do ferrador não deixavam de voltar à

sua mente nos momentos mais inoportunos. Por isso gostava de visitar a capela do Sacrário da catedral, a antiga biblioteca que tantas recordações lhe trazia. Ali conseguia sossego, enquanto contemplava como Cesare Arbasia, o mestre italiano contratado pelo cabido, pintava e decorava a capela do chão até a abóbada, incluindo as paredes e os arcos duplos. Pouco a pouco, aquele fundo de tons ocre e vermelhos se ia enchendo de anjos e escudos. A mão do artista alcançava até o menor canto. Até os capitéis das colunas se recobriam de uma camada dourada!

– Disse o grande mestre Leonardo da Vinci que os crentes preferem ver a Deus em imagem a ler um escrito referente à divindade – explicou-lhe em um daqueles dias o italiano. – Esta capela será feita à imagem e semelhança da Sistina de São Pedro de Roma.

– Quem é Leonardo da Vinci?

– Meu mestre.

Hernando e Cesare Arbasia, um homem de uns quarenta e cinco anos, sério, nervoso e inteligente, haviam travado amizade. O pintor havia reparado naquele mourisco, sempre impecavelmente vestido à castelhana, como era obrigatório na corte do duque, na terceira vez em que o viu sentado na capela, contemplando seu labor durante horas, e os dois haviam se entendido com facilidade.

– Pouco lhe importam as imagens, não é verdade? – havia-lhe perguntado um dia. – Nunca o vi observá-las, não digo com devoção, mas nem sequer com curiosidade. Você se interessa mais pelo processo de pintura.

Assim era. O que mais atraía Hernando era o método, tão diferente do que havia visto ser usado pelos fazedores de guadamecis e pelos pintores cordoveses, que o italiano usava para pintar a capela do Sacrário: o afresco.

O mestre rebocava a parte da parede que desejava pintar com uma mistura de certa espessura feita de areia grossa e cal, que ele depois alisava conscientemente e polia com areia de mármore e mais cal. Só podia pintar sobre ela enquanto estivesse fresca e úmida, razão por

que, às vezes, quando via que o reboco ia secar-se antes que pudesse finalizar sua tarefa, os gritos e imprecações em sua língua materna ressoavam por toda a catedral.

Os dois homens se observaram em silêncio por alguns instantes. O italiano sabia que Hernando era cristão-novo e intuía que continuava a professar a fé de Maomé. O mourisco não se preocupou em confessá-lo a ele. Estava certo de que Arbasia também escondia algo: ele se comportava como um cristão, pintava Deus, a Virgem, os mártires de Córdova e os anjos; trabalhava para a catedral, mas algo em suas formas e em suas palavras o diferenciava dos piedosos espanhóis.

– Eu sou partidário da leitura – reconheceu o mourisco. – Nunca encontrarei Deus em simples imagens.

– Nem todas as imagens são tão simples; muitas delas refletem aquilo que os livros escondem.

Com essa enigmática declaração do mestre, deram por encerrada a conversa naquele dia.

O palácio do duque de Monterreal ficava na parte alta do bairro de Santo Domingo. Seu corpo principal datava do século XIV, a época em que foi conquistada a cidade de Córdova, de cujo esplendor *califal* era testemunha um antigo minarete que se destacava num de seus ângulos. A casa tinha dois andares de altíssimos tetos, aos quais se haviam acrescentado várias edificações até chegar a conformar uma labiríntica rede. Tinha dois grandes jardins e dez pátios internos, que uniam umas construções às outras. O conjunto ocupava uma imensa extensão de terreno. Seu interior exibia as riquezas próprias de um nobre: uma profusão de grandes móveis, esculturas, tapeçarias e guadamecis, que no entanto iam cedendo lugar, pouco a pouco, a pinturas a óleo; a prata e o ouro se mostravam em louças e talheres; o couro e a seda bordada apareciam por todas as partes. O palácio contava com todos os serviços: múltiplos quartos e latrinas, cozinha, armazéns e despensas, capela, biblioteca, contadoria, cavalariças e amplos salões para festas e recepções.

Em 1584, Hernando tinha trinta anos e o duque trinta e nove. De seu primeiro casamento lhe sobrevivia um filho homem de dezesseis anos, e do segundo, contraído oito anos antes com D. Lucía, nobre castelhana, duas meninas de seis e quatro anos e o caçula, de dois. Salvo Fernando, o primogênito, que havia sido mandado para a corte de Madri, D. Lucía e seus três rebentos viviam no palácio de Córdova, e com eles o faziam onze parentes fidalgos sem fortuna, de um ou outro ramo da família e de idade diversa, a quem D. Alfonso de Córdoba, titular da primogenitura, acolhia e mantinha.

Dentro daquela variegada corte que vivia a expensas do duque, fidalgos orgulhosos e arrogantes como aquele que um dia pagara quatro reais a Hernando para que lhe indicasse quem havia posto em dúvida sua linhagem, também havia parentes mais distantes, asilados e calados, como D. Esteban, um sargento dos terços com um braço aleijado, um "pobre envergonhador" que D. Alfonso levara para o seu lar.

Os "pobres envergonhadores" eram uma categoria especial de mendigos. Eram homens e mulheres sem recursos, a quem a honra impedia tanto de trabalhar como de mendigar publicamente, e que eram aceitos pela digna sociedade espanhola. Como iam pedir esmola homens ou mulheres honoráveis? Criaram-se, portanto, confrarias para atender às suas necessidades. Investigavam suas origens e sua condição e, se realmente se tratava de envergonhadores, os próprios confrades pediam esmola de casa em casa para eles, para depois entregar-lhes privadamente o fruto das dádivas. Em uma de suas estadas na cidade, D. Alfonso de Córdoba presidiu a confraria e ficou sabendo da existência de seu parente distante; no dia seguinte lhe ofereceu sua hospitalidade.

Hernando voltou para o palácio depois de passar a tarde com Arbasia. Percorreu com indolência a distância que separava a catedral do bairro de Santo Domingo, parando aqui e ali sem outro objetivo além de perder tempo, como se quisesse adiar o momento de atravessar o

umbral do palácio. Só nas raras e poucas ocasiões em que o duque aparecia em Córdova e lhe pedia que se sentasse a seu lado, conseguia sentir-se à vontade naquela bela e tranquila residência; na ausência de D. Alfonso, no entanto, o trato que recebia era cheio de sutis humilhações. Muitas vezes havia pensado na possibilidade de deixar o palácio, mas era incapaz de tomar qualquer decisão. A morte de Fátima e de seus filhos lhe havia secado o coração e minguado a vontade, deixando-o sem forças para enfrentar a vida. Foram muitas as noites em que permaneceu insone, aferrado à sua memória, e muitas mais as que passou engolfado em pesadelos em que Ubaid assassinava sua família várias vezes, sem que ele pudesse fazer nada para evitá-lo. Depois, pouco a pouco, essas terríveis imagens que povoavam seus sonhos foram dando lugar a outras recordações, mais felizes, que cumulavam sua mente enquanto dormia: Fátima com sua touca branca, sorridente; Inés, séria, esperando-o na porta de casa, e Francisco, ocupado em escrever os números que lhe ditava a afetuosa voz de Hamid. Hernando se refugiou nessas evocações, e os dias se converteram em jornadas intermináveis de que só aguardava o final, a noite que lhe permitia reunir-se com os seus ainda que fosse em sonhos. O restante pouco lhe importava: ao que parecia, seu lugar não era entre os cristãos nem entre os mouriscos. Não sabia fazer outra coisa além de montar a cavalo. Seu trabalho nas cavalariças reais se havia encerrado depois do triste incidente com Azirat; nelas já não lhe restavam amigos. Que futuro o esperava se deixasse o palácio? Voltar para o curtume? Enfrentar o desprezo de seus irmãos de fé? Certa feita, convencido de que um trabalho o ajudaria a sair de seu estado de melancolia, ousara insinuar a D. Alfonso a possibilidade de trabalhar domando os cavalos, mas a resposta deste foi taxativa.

– Você não quer que as pessoas pensem que não sou generoso com quem me salvou a vida, não é mesmo? – Achavam-se no escritório do duque. D. Alfonso lia um documento enquanto um numeroso grupo de pessoas esperava na antessala. – Por acaso lhe falta algo aqui? – acrescentou sem tirar os olhos do papel. – Não é bem tratado?

Como dizer ao duque que sua própria esposa era a primeira a humilhá-lo? O agradecimento de D. Alfonso de Córdoba era sincero. Hernando o sabia, e não percebia a menor impostura, mas D. Lucía...

– E então? – insistiu o nobre de trás de sua escrivaninha.

– Foi uma bobagem – retratou-se Hernando.

Acontecesse o que acontecesse, nunca voltaria para o curtume, disse a si mesmo nesse dia, uma vez mais, quando chegou às portas do palácio. O porteiro o fez esperar um instante demasiado antes de abrir a porta. Recebeu-o em silêncio, sem a reverência com que saudava os demais fidalgos. Na entrada, o mourisco lhe entregou sua capa.

– Esteja com Deus – disse-lhe ele de qualquer forma, enquanto o homem a pegava sem olhá-lo.

Sabendo que o porteiro o observava às suas costas, conteve um suspiro e enfrentou a imensidão do palácio: nesse momento, e enquanto não pudesse refugiar-se na solidão da biblioteca, se iniciava um sem-fim de pequenas afrontas. O jantar estava pronto para ser servido, e Hernando viu mover-se pelo palácio vários criados: eles o faziam em silêncio, apressados. Mais de cem pessoas atendiam aos duques, à sua família e a quantos pululavam ao redor dele.

Hernando havia tido de aprender a distinguir todo aquele pessoal. O capelão, o mordomo, o secretário, o camareiro e a camareira dos duques encabeçavam a longa lista. Seguiam-nos o mestre-sala, o cavalariço, o contador e o tesoureiro. Abaixo deles o vedor, o garrafeiro, o encarregado dos estrados e o encarregado da prata; o comprador, o despenseiro, o repartidor e o escrivão. As aias das crianças e seus professores. E por último o restante dos criados, dezenas deles, em sua maioria homens; alguns deles livres, outros escravos, e entre estes últimos vários mouriscos. Para terminar, meia dúzia de crianças que serviam de pajens.

D. Lucía havia determinado que Hernando fosse instruído nas maneiras cortesãs, principalmente nas da mesa, uma das cerimônias mais importantes em que deviam distinguir-se os cavaleiros. A dama tomou essa decisão após a primeira refeição de Hernando na longa

mesa a que se sentavam os duques, o capelão e os onze fidalgos. Nesse dia, os pajens e chefes de mesa serviram capões e pombinhos, carneiro, cabrito e leitões como primeiro prato. Depois, o habitual ensopado dos cristãos, feito com carne de galinha, de carneiro, de vaca e com legumes, tudo adornado com pedaços de toucinho para o caldo. Depois, o manjar-branco: peito de galinha cozido a fogo lento em molho de açúcar, leite e farinha de arroz, e, para terminar, doces folhados e frutas. Hernando, sentado à direita do duque, diante do capelão, deparou com garfos, facas e colheres de prata dourada ordenadamente dispostos; pratos e xícaras, taças e copos de cristal, saleiros, guardanapos e uma malga com água que um pajem lhe trouxe. Diante do olhar sarcástico dos fidalgos e do capelão, Hernando fez menção de levá-la à boca para beber quando, aturdido, viu o duque piscar-lhe o olho antes de lavar as mãos nela.

D. Lucía não pensava em tolerar essa falta de boas maneiras em sua mesa. Quando terminaram de comer, o mourisco foi chamado a uma salinha privada onde o esperavam os duques; D. Alfonso sentado numa poltrona, com os olhos algo baixos, um pouco incomodado, como se anteriormente à chegada do mourisco tivesse tido que dobrar-se às exigências da esposa. Ao contrário do duque, D. Lucía o esperava em pé, soberba, vestida de negro até o pescoço, do qual como que brotavam delicadas rendas brancas. Hernando não pôde evitar compará-la com as mulheres muçulmanas, recatadas e ocultas diante de estranhos. Diferentemente delas, e como todas as nobres cristãs, D. Lucía se mostrava para as pessoas, ainda que, como qualquer dama recatada, tentasse esconder seus atrativos: enfaixava os seios depois de apertá-los com umas laminazinhas de chumbo e tentava que sua tez tivesse um tom macilento, para o que ingeria com regularidade terra argilosa.

– Hernando, não podemos...! – O duque pigarreou; D. Lucía suspirou e amenizou seu tom. – Hernando... o duque e eu gostaríamos muito que você se instruísse nas boas maneiras.

Entregaram-no ao mais velho dos parentes que moravam no palácio, um elegante fidalgo chamado Sancho, primo do duque, que aceitou a contragosto o encargo. Por quase um ano, D. Sancho o ensinou usar os talheres, a comportar-se em público e a vestir-se; até se empenhou em tentar corrigir a dicção do aljamiado de Hernando, que, como todos os mouriscos, padecia de certos defeitos fonéticos, entre os quais a tendência a transformar os esses em xis e vice-versa.

Aguentou estoicamente as aulas que todo dia lhe dava D. Sancho. Nessa época, o desânimo de Hernando era tal que nem sequer chegava a pensar na humilhação de ser tratado como um menino; simplesmente obedecia sem pensar, até que um dia o fidalgo, alegre, como se aquilo lhe agradasse, lhe propôs que aprendesse a dançar.

– Passos – anunciou em voz alta ao mesmo tempo que andava com afetação pela sala em que estudavam –, *floretas*, *saltos*, *encajes*, *campanelas* – recitou D. Sancho ao mesmo tempo que brincava desajeitadamente e traçava um círculo com um pé –, *cabriolas*. – Com as *cabriolas*, Hernando lhe deu as costas e deixou a peça em silêncio. – *Cuatropeados* – ouviu o fidalgo cantar na peça –, *giradas*...

Depois desse dia, D. Lucía considerou que o mourisco já podia coviver com eles: entendeu que dificilmente se veria na situação de ter de abonar seus dotes na arte da dança e deu por terminada sua instrução. Apesar disso, suas novas maneiras não alteraram a rejeição que sofria no palácio quando D. Alfonso não estava presente.

Na noite da sexta-feira em que Hernando confessou a Arbasia que ele não conseguia encontrar a Deus em suas imagens, jantaram no palácio peixe fresco trazido pelos pescadores do Guadalquivir. Nos dias de abstinência, as conversas dos catorze comensais eram bem mais parcas e sérias que quando degustavam carnes e toucinho, e era sabido que muitos deles, entre os quais se devia incluir o sacerdote, iam depois às cozinhas para comer pão, presunto e chouriço. Durante o jantar, Hernando não prestou atenção às palavras que trocaram os fidalgos, o

capelão ou D. Lucía, que presidia majestosamente a longa mesa. Eles, por seu lado, tampouco lhe prestavam a menor atenção.

Desejava ir para biblioteca, onde se refugiava todas as noites entre as quase três centenas de livros reunidos por D. Alfonso, e assim o fez quando a duquesa deu por terminado o jantar. Por sorte para ele, fora excluído das longas reuniões em que se liam livros em voz alta ou se cantava. Atravessou diversas peças e dois pátios até chegar ao que chamavam de pátio da biblioteca, após o qual ficava a grande sala de leitura. Dedicava-se fazia vários dias à leitura de *La Araucana,* cuja primeira parte havia sido publicada quinze anos antes, mas nessa noite não tinha intenção de continuar com aquele interessante livro. As palavras que nessa tarde Arbasia havia pronunciado, citando Leonardo da Vinci e falando de buscar a Deus nas imagens, lhe haviam feito pensar em outras que certa vez lhe dirigira D. Julián no silêncio daquela mesma capela:

– Leia, pois seu Senhor é o mais generoso. Ele é que ensinou o homem a usar o cálamo.

– Que significam esses versículos? – interrogou-o então Hernando.

– Estabelecem a relação divina entre os crentes e Deus mediante a caligrafia. Devemos honrar a palavra revelada. Mediante a caligrafia permitimos a visualização da Revelação, da palavra divina. Todos os grandes calígrafos se esforçaram para embelezar a Palavra. Os fiéis devem poder encontrar a Revelação escrita em seus lugares de oração para que sempre a recordem e a tenham diante dos olhos, e quanto mais bela for, melhor.

Ao longo daqueles dias em que ambos copiaram exemplares do Corão, D. Julián lhe falou dos diferentes tipos de caligrafia, principalmente a cúfica, a escolhida pelos Omeias em Córdova para sacralizar a mesquita, ou a cursiva nazari usada na Alhambra de Granada. Mas nem sequer enquanto se recreavam em comentários sobre os traços ou os magníficos conjuntos que alguns calígrafos conseguiam utilizando várias cores buscavam a beleza em seus escritos:

quantos mais exemplares do Corão pudessem oferecer à comunidade, melhor, e a rapidez se opunha à perfeição.

Nessa noite, após ir à biblioteca e tirar as partes queimadas dos pavios e mechas, Hernando só tinha em mente um propósito: pegar uma pena e um papel e entregar-se a Deus, tal como fazia Arbasia mediante suas pinturas. Já visualizava a primeira sura do Corão esmeradamente caligrafada em árabe *andalusí*: as verticais das letras retilíneas, que depois se prolongavam em forma circular; os sinais sobrescritos em negro, vermelho ou verde. Haveria tinta colorida na biblioteca? Nem o secretário nem o escrivão de D. Alfonso a usavam em seus escritos. Nesse caso, teria de comprá-la. Onde poderia encontrá-la?

Com esses pensamentos se sentou diante de uma escrivaninha, rodeado de livros dispostos em estantes finamente trabalhadas em madeiras nobres. Como era de esperar, não havia tinta colorida. Hernando observou as penas, o tinteiro e as folhas de papel. Podia exercitar-se primeiro, decidiu. Molhou uma das penas e com delicadeza, deleitando-se no traço, desenhou uma grande letra, o álife, a primeira letra do alfabeto árabe, longa e sensualmente curva, como o corpo humano, tal como a definiram na Antiguidade. Desenhou a cabeça com sua testa, o peito e as costas, o ventre...

Uns risos no pátio o sobressaltaram. Estremeceu. Que é que estava fazendo? Quase derramou o tinteiro devido ao suor que ensopou a palma de suas mãos; pegou o papel e o dobrou com rapidez para escondê-lo debaixo da camisa. Com o coração batendo aceleradamente, ouviu o som dos risos e os passos afastar-se pela extremidade oposta do pátio. Nem sequer lhe havia passado pela cabeça; recriminou-se enquanto sentia o ritmo das batidas do coração. Não podia dedicar-se à caligrafia árabe na biblioteca de um duque cristão, onde a qualquer momento podia entrar um dos fidalgos ou qualquer criado! Mas tampouco podia trancar-se em seu quarto, pensou ao perguntar-se sobre aquela possibilidade. Fazia dois anos que ia regularmente à biblioteca depois do jantar, enquanto os demais liam

ou cantavam à espera de que D. Lucía se retirasse a seus aposentos, momento que aproveitavam para sair por fim em busca dos prazeres que a noite cordovesa oferecia. Desconfiariam daquela mudança em seus hábitos. Além disso, onde iria guardar os instrumentos de escrita e os papéis? Os criados... e talvez não só eles, remexiam em seus pertences. Ele o havia notado desde o início, mesmo naqueles que guardava no baú, ainda que o fechasse à chave; alguém dispunha de uma cópia, deduziu quando pela terceira vez verificou que haviam revistado suas coisas. Desde o primeiro dia mantinha escondida a mão de ouro de Fátima, seu único tesouro, na dobra de uma colorida tapeçaria que representava uma cena de caça a um porco selvagem na serra; ali estava a salvo. Mas esconder penas, tinteiro e papéis... era impossível!

Onde podia escrever sem risco de ser descoberto? Hernando percorreu a grande biblioteca com o olhar: era uma peça retangular com uma porta em cada um das extremidades. Entre as estantes dos livros e as janelas gradeadas que davam para a galeria e para o pátio, havia uma longa mesa com cadeiras e lâmpadas para leitura e três escrivaninhas independentes. Não tinha onde esconder-se. Observou uma terceira porta ao fundo da peça, encaixada na biblioteca, e que dava acesso ao antigo minarete geminado a um ângulo do palácio. Certa feita havia bisbilhotado no interior do minarete, e a única coisa que encontrou foi a nostalgia ao imaginar o muezim chamando para a oração: era um simples torreão quadrado, estreito, com um pilar central ao redor do qual, de forma circular, subia a escada que levava ao alto. Tinha de encontrar algum lugar para escrever, ainda que isso requeresse mudar de hábitos ou fazê-lo fora do palácio, em outra residência. Por que não? Tirou o enrugado papel de sua camisa e contemplou o álife. Pareceu-lhe diferente de quantas letras pudesse ter escrito até então: notou nela uma devoção de que careciam as demais. Fez menção de rasgar o papel, mas se arrependeu: era a primeira letra que escrevia tentando representar Deus nela, tal como fazia Arbasia com suas imagens sagradas.

Onde podia esconder seus trabalhos? Levantou-se, pegou uma lâmpada, passeou pela biblioteca descartando possíveis esconderijos e ao final se viu ao pé da escada do minarete. Parecia que ninguém ia ali amiúde; os degraus estavam cheios da areia miúda que se desprendia dos velhos silhares. Fazia séculos que aquela torre não havia sido restaurada, talvez pelo significado que tinha para os cristãos. Começou a subir apoiando-se no pilar central. Algumas de suas pedras se moviam. E se pudesse esconder seus papéis atrás de alguma delas? Apalpou-as detidamente para encontrar alguma que lhe servisse. De repente, no meio da subida, uma das pedras cedeu. Hernando aproximou a lâmpada: não só havia sido a pedra; algumas delas, em linha, haviam deixado à mostra uma fenda quase imperceptível. Que era aquilo? Empurrou com força, e as pedras se deslocaram: parecia uma portinhola secreta que se abria para um reduzido vão aberto no pilar.

Iluminou o interior; a lâmpada tremia em sua mão, e ele encontrou uma arqueta: a única coisa que cabia naquele reduzido espaço. Era um arca de couro repuxado e ferrado muito diferente das variadas arcas que se podiam encontrar no palácio, a maioria de estilo mudéjar, com entalhes de osso, ébano e buxo, ou feitas em Córdova e adornadas com guadamecis. Puxou-a para tirá-la dali, ajoelhou-se na escada e aproximou a lâmpada para examiná-la: o couro era muito trabalhado, e, entre vários motivos vegetais, entreviu um álife como o que acabara de traçar. Não podia ser senão um álife!

Aproximou-se o mais que pôde e tirou a poeira do couro. Tossiu. Depois aproximou a chama da lâmpada dos desenhos que acabara de limpar e percorreu as letras desgastadas com a ponta dos dedos ao mesmo tempo que as lia: "*Muham... Ibn Abi Amir.*" Al-Mansur!, sussurrou reverentemente. Pouco mais se podia ler. Um calafrio percorreu-lhe a coluna. Era uma arqueta muçulmana da época do chefe Almanzor! Que fazia escondida ali? Sentou-se no chão. Se conseguisse abri-la!...

Examinou a fechadura que unia as duas lâminas de ferro que percorriam a parte central da arqueta. Como poderia abri-la? Enquanto seus dedos brincavam com o fecho, o friso de ferro se desprendeu suavemente do couro a que estava cosido com um tênue ruído de velho e podre. Hernando se viu com a fechadura na mão. Hesitou por alguns instantes. Voltou a ajoelhar-se e abriu a tampa solenemente.

Quando iluminou o interior, encontrou vários livros escritos em árabe.

45

Cesare Arbasia morava sozinho numa casa perto da catedral, onde ficara a aduana da seda. Na noite em que convidou Hernando para jantar, teve a cortesia de evitar o toucinho, bem como os rabanetes, os nabos ou as cenouras, que os mouriscos relacionavam com a alimentação dos marranos e, portanto, detestavam.

– O que não pude conseguir – confessou-lhe o pintor antes de jantar, enquanto os dois tomavam uma limonada na galeria que dava para um pátio primorosamente cuidado – é que o carneiro fosse sacrificado de acordo com as suas leis.

– Há muito tempo que não podemos ter tais alimentos. Vivemos sob a *taqiya*. Deus o compreenderá. Só raras vezes, na solidão das granjas perdidas nos campos, alguns de nossos irmãos podem fazê-lo.

Os dois homens cruzaram o olhar em silêncio, sentindo o cheiro do perfume das flores na noite de primavera. Hernando aproveitou para tomar um gole de limonada e se deixou levar pelos aromas, com a lembrança de outro pátio, similar, e dos risos de seus filhos enquanto brincavam com a água. Nessa mesma manhã havia descoberto o último rosto que Arbasia havia pintado no afresco da Santa Ceia que embelezava a capela do Sacrário. A pintura ficava no frontão, sobre o mesmo nicho destinado a guardar o corpo de Cristo, o lugar principal. Hernando não conseguiu afastar os olhos da figura que se sentava à esquerda do Senhor, abraçada por Ele; parecia... parecia uma mulher!

– Tenho de falar com você – disse-lhe com os olhos fitos na figura de mulher.

– Espere. Aqui não – respondeu o pintor ao mesmo tempo que acompanhava o olhar do mourisco e intuía seu desconcerto.

Então, pela primeira vez, o convidou a jantar em sua casa.

Com o rumor da água da fonte sempre presente, conversaram por um tempo até que o mestre decidiu tomar a iniciativa:

– De que queria falar comigo? É sobre a pintura?

– Eu achava que na última ceia só estavam presentes os doze apóstolos. Por que você pintou uma mulher abraçada por Jesus Cristo?

– É São João.

– Mas...

– São João, Hernando, não insista.

– Está bem – anuiu Hernando. – Escute-me então porque há uma coisa que quero lhe contar. Há cerca de um mês, encontrei no antigo minarete do palácio do duque cópias em árabe de diversos livros, junto com uma carta de um escriba da corte do califa. Nos dois anos que passei na residência do duque, li muito sobre ele. Al-Mansur, que os cristãos chamavam Almanzor, foi chefe do califa Hisham II e o melhor general muçulmano da história da Córdova muçulmana. Chegou a atacar Barcelona e até Santiago de Compostela, no interior de cuja catedral abeberou seu cavalo. Dali mandou levar até Córdova os sinos, nos ombros dos cristãos, para depois fundi-los e transformá-los em lâmpadas para a mesquita; depois, o rei Fernando, o Santo, se vingou dessa afronta. – Arbasia escutava com atenção, bebendo limonada. – Mas Almanzor também era um fanático religioso, o que o levou a cometer verdadeiras violências contra a cultura e a ciência. Sucede porém que o pai do califa, al-Hakam II, foi um dos califas mais sábios de Córdova. Uma de suas preocupações foi reunir em Córdova o saber da humanidade, para o que mandou emissários aos confins do mundo a fim de que comprassem quantos livros e tratados científicos encontrassem. Reuniu uma biblioteca de mais de quatrocentos mil livros. Você consegue imaginar? Quatrocentos mil volumes! Mais livros que na biblioteca de Alexandria ou na que agora se encontra na Roma dos papas.

Hernando fez uma pausa para beber e verificar o efeito de suas palavras no mestre, que assentia levemente, como se imaginasse tal maravilha do saber.

– Pois bem – continuou –, Almanzor ordenou que, exceto os relativos à medicina e à matemática, deviam queimar-se todos aqueles livros que se afastassem por menos que fosse da palavra revelada ou que não tivessem relação com ela; livros de astrologia, de poesia, de música, de lógica, de filosofia... De todas as artes e ciências conhecidas! Milhares de livros únicos, inigualáveis em seu saber, arderam em Córdova! O próprio chefe os atirava na pira.

– Que barbaridade! Que loucura! – sussurrou o mestre.

– Na carta que encontrei na arqueta, o escriba explica tudo o que lhe contei sobre a queima e a tentativa, por seu lado, de salvar para a posteridade o conteúdo de alguns livros que, contrariamente às crenças de Almanzor, ele julgava mereciam sobreviver, ainda que em forma de cópias que escreveu apressadamente, com traços rápidos, sem correções, nem regras.

– Quatrocentos mil livros! – lamentou Arbasia com um suspiro.

– Sim – anuiu Hernando. – Parece que só os índices da biblioteca ocupavam quarenta e quatro tomos de cinquenta páginas cada um.

Os dois homens fizeram silêncio até que Arbasia indicou ao convidado que continuasse.

– Desde então, cada noite me dediquei a ler alguma dessas cópias escondendo-as no interior de grandes livros cristãos: magníficas poesias e tratados de geografia; um sobre caligrafia, ainda que tenha feito mal à matéria a rapidez do copista. – Arbasia abriu as mãos como se aquelas palavras não explicassem a urgência para falar com ele. – Espere – instou-lhe Hernando –, um desses livros é uma cópia de um evangelho cristão: um evangelho atribuído ao apóstolo Barnabé.

Ao ouvir esse nome, o pintor se ergueu de seu assento.

– Na capa dessa cópia, o escriba afirma que os ulemás e alfaquis designados por Almanzor entre os mais inflexíveis para escolher que livros deviam ser destruídos não tiveram dúvida alguma ao topar com um evangelho cristão, mas que ele considerava que o texto de Barnabé, apesar de ter sido escrito por um discípulo de Cristo e de ser anterior ao Corão, não fazia senão confirmar a doutrina muçulmana. Termina

dizendo que era tal a importância que dava à doutrina de Barnabé, que, além de fazer a cópia, tentaria salvar o original da queima definitiva, escondendo-o em algum lugar de Córdova. Mas, obviamente, em seu escrito não consta se o conseguiu ou não.

– Que diz esse evangelho?

– Em linhas gerais, afirma que Cristo não era o filho de Deus, mas apenas um ser humano e um profeta. – Hernando julgou ver em Arbasia uma quase imperceptível expressão de assentimento. – Afirma também que não foi crucificado, que Judas o substituiu na cruz; nega que Ele seja o messias e anuncia a chegada do verdadeiro Profeta, Maomé, e a futura Revelação. Também afirma a necessidade das abluções e da circuncisão. É um texto escrito por alguém que viveu no tempo de Jesus, que o conheceu e viu suas obras, mas, ao contrário dos outros evangelhos, confirma as crenças do nosso povo.

Fez-se silêncio entre os dois homens. Restava pouca limonada, e uma criada apareceu pela outra extremidade do pátio com uma nova jarra; mas Arbasia lhe fez um gesto para que se retirasse. – É sabido que os sacerdotes manipularam a doutrina dos evangelhos – acrescentou Hernando.

Esperou uma reação da parte de Arbasia a suas últimas palavras, mas este se manteve impassível, talvez em excesso.

– Por que me conta isso? – perguntou por fim, com certa rudeza. – Qual a razão da urgência de falar comigo? O que o faz pensar...?

– Hoje – interrompeu-o Hernando –, diante de sua obra, vi no Jesus Cristo que você pintou um homem normal, um ser humano que abraça uma... que abraça alguém com carinho; amável, sorridente até. Não é o Jesus Cristo Filho de Deus, onisciente e todo-poderoso, sofredor e ferido, ensanguentado, que pode ver-se em todos e cada um dos cantos da catedral.

Arbasia não respondeu; pôs a mão no queixo e permaneceu pensativo. Hernando respeitou seu silêncio.

– Você é muçulmano – disse por fim. – Eu sou cristão...

– Mas...

O mestre lhe pediu silêncio.

– É difícil saber quem está com a verdade... Vocês? Nós? Os judeus? E agora os luteranos. Eles se separaram da doutrina oficial da Igreja: terão razão? Muitos outros cristãos tampouco aceitam a doutrina oficial. – Arbasia interrompeu seu discurso por um instante. – A verdade é que todos cremos num único Deus, que é sempre o mesmo: o Deus de Abraão. Os muçulmanos invadiram estas terras porque outros cristãos, os arianos, hoje considerados hereges, os chamaram; mas os castelhanos eram arianos. Os arianos também estavam no norte da África e até muito tempo depois não compreenderam que aqueles árabes que haviam acorrido para ajudá-los na verdade eram muçulmanos. Entende? Arianismo, que não era senão uma forma de cristianismo, e islamismo eram similares. Para eles, o islã era uma religião parecida com a sua: ambas negavam a divindade de Jesus Cristo. Foi essa a razão de que todos estes reinos fossem conquistados em apenas três anos. Você acha que teria sido possível conquistar toda a Hispânia em apenas três anos se não fosse porque os que viviam nestas terras se entregaram àquelas crenças sem deixar sua própria fé? É um único Deus, Hernando, o de Abraão. A partir daí, todos o vemos de uma forma ou de outra. É melhor não insistir nisso. A Inquisição...

– Mas, se os próprios cristãos, aqueles que conheceram Jesus Cristo, afirmam que não era o filho de Deus... – tentou insistir Hernando.

– Nós, os homens, é que nos separamos, interpretamos, escolhemos. Deus continua o mesmo: creio que isso ninguém nega. Vamos jantar – acrescentou, ao mesmo tempo que se levantava bruscamente. – O carneiro já deve estar pronto.

Durante o jantar, Arbasia evitou qualquer diálogo sobre suas pinturas da capela do Sacrário e sobre o evangelho de Barnabé. Desviou a conversa para trivialidades. Hernando não insistiu.

– Que a sorte e a sabedoria o acompanhem – despediu-se do mourisco na porta de sua casa.

Que devia fazer com aquele evangelho?, perguntou-se Hernando quando já se achava de novo no palácio. Abbas, como comentava Aisha

em seus frequentes encontros, cercara-se de homens violentos e impetuosos, guiados pelo rancor e pelo ódio aos cristãos. Já não existia nenhuma rede para prover a comunidade da palavra revelada; o novo conselho apostava decididamente na luta, e os rumores sobre revoltas e tentativas de sublevação corriam de boca em boca pela cidade de Córdova, o que contribuía para exacerbar a animosidade entre cristãos e mouriscos. A última tentativa havia tido lugar um ano antes, e originou a imediata reação do Conselho de Estado, que solicitou um detalhado informe à Inquisição. Tratava-se de uma conjuração entre os turcos e o rei de Navarra, Henrique III, huguenote e inimigo acérrimo de Felipe II, para invadir a Espanha com a ajuda interna dos mouriscos.

– São homens incultos – afirmou Aisha referindo-se aos novos membros do conselho. – Pelo que sei, nenhum deles sabe ler ou escrever.

Hernando sabia que não seria bem recebido por Abbas e seus seguidores. Que iriam fazer aqueles homens com a cópia do evangelho? Provavelmente agiriam como fizera Almanzor: por mais que o livro apoiasse as doutrinas corânicas, eles condenariam o livro como herético, por ter sido escrito por um cristão. Além disso, apesar de sua antiguidade, era apenas uma cópia, e com toda a certeza desconfiariam dele. Teria conseguido o escriba salvar da queima o original?

Hernando suspirou: se de algo estava certo é que a violência não melhoraria a situação de seu povo. Como já havia acontecido no passado, seriam sempre esmagados por uma força maior, que encontrava nas rebeliões o motivo para dar rédeas soltas ao profundo ódio aos mouriscos. Haveria, pois, algum outro caminho para conseguir que uns e outros pudessem conviver em paz?

Oito dias depois do jantar com Arbasia, Hernando foi chamado à presença do duque, que, partindo de Madri, parou em Córdova a caminho de Sevilha. Comunicaram-lhe isso nas cavalariças do palácio, no momento em que se preparava para sair a passear no lombo de

Voador, o magnífico tordilho com que o havia presenteado o duque e que era ferrado com o "R" da nova raça criada por Felipe II. Acontecesse o que acontecesse, aquele cavalo era seu, assegurou-lhe D. Alfonso, sabedor do problema com Azirat. Para prová-lo, lhe entregou um documento a seu favor, emitido por seu secretário e assinado pelo próprio punho do duque de Monterreal.

Devolveu Voador ao moço de cocheiras e partiu atrás do jovem pajem encarregado de transmitir-lhe o chamado do duque.

Tiveram de atravessar cinco pátios, todos floridos, todos com uma fonte no centro, antes de chegar à antessala, onde um nutrido grupo de pessoas esperava para ser recebido pelo aristocrata: assim que se soube da chegada do nobre, muitos se haviam apressado a pedir audiência. Nos bancos das visitas, encostados às paredes laterais da sala, estavam sentados alguns sacerdotes, um vinte e quatro de Córdova, dois jurados, várias pessoas desconhecidas de Hernando e três dos fidalgos que moravam em palácio. Em outro banco se sentavam os criados, ocupados em atender aos visitantes durante a espera, e a seu lado uma banqueta baixa onde se sentou o pajem que o conduzia enquanto o mestre-sala se ocupava do mourisco.

Hernando percebeu os olhares de ódio com que os visitantes acompanhavam seu percurso ao longo da sala: passava diante de todos eles. Diferentemente dos que esperavam vestidos com suas melhores galas, ele vestia a roupa de montar: borzeguins até os joelhos, calças simples, camisa e uma marlota cingida, sem enfeites. O porteiro que custodiava o acesso ao escritório do duque bateu suavemente à porta ao ver aproximar-se Hernando e o mestre-sala, e lhes abriu passagem sem que eles tivessem necessidade de parar.

– Hernando! – O duque deixou a escrivaninha a que se sentava e se levantou para recebê-lo como a um bom amigo.

Tanto o secretário quanto o escrivão franziram o cenho.

– D. Alfonso – cumprimentou o mourisco, aceitando com um sorriso a mão que ele lhe estendia.

Dirigiram-se para duas poltronas de couro na outra extremidade do escritório, algo afastados do secretário e do escrivão. O duque se interessou então por sua vida, e Hernando respondeu a suas muitas perguntas. O tempo passava e as pessoas continuavam esperando do lado de fora, mas aquilo não parecia importar ao nobre, que se espraiou à vontade sobre os livros que constituíam sua biblioteca quando, por acaso, surgiu o tema na conversa.

– Eu gostaria de poder dispor de tanto tempo como você para dedicar-me à leitura – ansiou em determinado momento. – Desfrute-o, porque em breve já não poderá fazê-lo. – A expressão de surpresa por parte de Hernando não passou despercebida ao duque. – Não se preocupe, vai poder levar com você os livros que quiser. Silvestre – chamou então o secretário –, passe-me a cédula. Pois bem – acrescentou com o documento nas mãos –, como você sabe, tenho a honra de fazer parte do Conselho de Estado de Sua Majestade. Na verdade, o que vou lhe contar é um problema que concerne ao Conselho de Fazenda, mas seus funcionários são tão incapazes de obter os recursos de que o rei necessita, que D. Felipe não faz mais que maldizê-los quando lhe negam o dinheiro. As Alpujarras – disse então D. Alfonso entregando-lhe o documento. – Você não me pediu um trabalho? – Sorriu. – Quase todos os lugares que compõem as Alpujarras pertencem à Coroa, e Sua Majestade está irado porque não rendem o que deveriam, e isso apesar de ter concedido a seus repovoadores isenções no pagamento de alcavalas e outros benefícios. Mesmo assim, as receitas reais que a fazenda do reino deveria obter não são o que se poderia esperar; isso me disse ele aborrecido, e então pensei que talvez você, que conheceu a região, poderia investigar para que Sua Majestade compare os seus informes com os do tribunal de População de Granada e o Conselho de Fazenda. O rei aceitou de bom grado a proposta. Ele gostaria de dar uma lição aos do Conselho.

As Alpujarras!, sussurrou Hernando. D. Alfonso lhe estava propondo que viajasse para as Alpujarras! Erguido na poltrona, sentindo-se incômodo, manuseou o documento que Silvestre lhe

entregou e olhou para o mal-encarado secretário, que permanecia atrás do duque. Esteve tentado a romper o lacre que fechava a cédula, mas o discurso de D. Alfonso exigiu sua atenção.

– Após a expulsão dos cristãos-novos das Alpujarras, o rei enviou agentes à Galiza, às Astúrias, a Burgos e a Leão para encontrar colonos para repovoar aquelas terras. Aos novos habitantes se distribuíram casas e fazendas e, como lhe disse, se concederam benefícios no pagamento de alcavalas, além de lhes serem entregues alimentos e bestas para fomentar o cultivo das terras. Sua Majestade está consciente de que a repovoação não foi completa e que muitos lugares permaneceram desabitados, mas ainda assim... as terras não rendem o que deveriam render. O seu objetivo é viajar pela região como enviado pessoal meu, nunca do rei, entendeu? Sua Majestade não quer que o governador-geral das Alpujarras nem o procurador-geral pensem que ele desconfia deles.

– Então...? – perguntou Hernando.

– Outro dos benefícios concedidos àquelas pessoas é o de poder cruzar o garanhão com as éguas sem necessidade de consentimento real, razão por que é de supor que a raça equina aumentou consideravelmente durante esses anos. Sua missão, a que consta nessa cédula, será encontrar boas éguas parideiras para as minhas cocheiras. Você entende de cavalos. Evidentemente, nenhuma o satisfará. Não creio que naquelas terras possa haver animais de qualidade, mas, se considerar que algum realmente vale a pena – sorriu –, não hesite em comprá-lo.

Hernando pensou por alguns instantes: as Alpujarras, a sua terra! Contudo, um suor frio o assaltou de repente.

– Ali ainda viverão cristãos que padeceram a guerra. Como receberão um cristão-novo?...

– Ninguém ousará pôr a mão em cima de um enviado do duque de Monterreal! – levantou a voz D. Alfonso. No entanto, a indecisão que se refletiu no rosto de Hernando o obrigou a reformular sua afirmação. – Você era cristão. Sabia rezar. Você o fez comigo, lembra-

se? Rezamos juntos à Virgem. Agora também o faz. Suponho que tenha amigos que possam atestar sua condição se alguém a puser em dúvida.

Hernando percebeu que Silvestre ficara tenso e se aproximava por trás de D. Alfonso para escutar sua resposta. Que amigos cristãos tivera em Juviles? Andrés, o sacristão? Ele o odiaria pelo que sua mãe havia feito ao sacerdote. Quem mais? Não conseguia lembrar-se de ninguém, mas tampouco devia reconhecê-lo diante do duque; não podia revelar que sua libertação foi mero fruto de um acaso.

– Você os tem, não? – perguntou Silvestre atrás do duque. D. Alfonso permitiu a intervenção de seu secretário.

– Prometi ao rei que se levaria a efeito essa investigação – insistiu o nobre.

– Sim... sim – hesitou Hernando –, tenho.

– Quem são? Como se chamam? – insistiu o secretário.

Hernando cruzou o olhar com o de Silvestre. O homem parecia saber a verdade e o furava com os olhos. Era como se tivesse esperado aquele momento com ansiedade: o momento em que se revelaria a verdadeira fé de quem tantos favores recebia de seu senhor. Até com um cavalo da nova raça o havia presenteado!

– Quem? – insistiu Silvestre diante das dúvidas do mourisco.

– O marquês dos Vélez! – afirmou então Hernando levantando a voz.

D. Alfonso se ergueu em seu assento, e Silvestre retrocedeu um passo.

– D. Luis Fajardo? – estranhou o duque. – Que é que você pode ter com D. Luis?

– Assim como fiz a vós – explicou Hernando –, também salvei a vida de uma menina cristã chamada Isabel. Entreguei-a ao marquês e a seu filho D. Diego às portas de Berja. Salvei várias pessoas – mentiu ao mesmo tempo que encarava Silvestre, cujo semblante estava alterado. O duque escutava com atenção. – Mas para isso tinha de parecer mourisco; caso contrário, me teria sido impossível fazê-lo. Alguns chegaram a saber de mim, a maioria não. Isabel, sim, me conheceu, e,

como se tratava de uma menina, a levei ao lugar onde se encontravam os Vélez. Podem perguntar a eles.

– Você está falando do segundo marquês dos Vélez, o "Diabo Cabeça de Ferro" que lutou nas Alpujarras. Morreu pouco depois – comunicou-lhe o duque. – O atual marquês, o quarto, também se chama Luis. – Hernando suspirou. – Não se preocupe – animou-o D. Alfonso como se tivesse entendido o porquê daquele suspiro. – Podemos confirmar sua história. Seu filho Diego, o que o acompanhava em Berja, cavaleiro da Ordem de São Tiago, ainda vive e, além disso, é um parente distante meu. O Diabo casou com uma Fernández de Córdoba. – O duque deixou passar alguns instantes. – Eu o admiro pelo que você fez naquela maldita guerra – disse depois – e estou certo de que todos quantos vivem nesta casa compartilham este sentimento, não é verdade, Silvestre?

D. Alfonso nem sequer se virou para o secretário, mas o tom imperioso de suas palavras bastou para Silvestre entender que seu senhor não iria tolerar mais murmúrios ou suspicácias acerca de seu amigo mourisco.

– Naturalmente, Excelência – respondeu o secretário.

– Pois entre em contato com D. Diego Fajardo de Córdoba e pergunte por essa menina cristã. Eu acredito em você, Hernando – esclareceu, dirigindo-se a ele. – Não preciso confirmar sua história, mas quero que, quando você estiver cavalgando pelas Alpujarras, seja recebido como o que é: um cristão que arriscou a vida pelos demais cristãos. O rei não deve considerar em perigo seus interesses pelos possíveis receios dos cristãos-velhos que vivem naqueles lugares.

O duque deu por encerrada uma audiência que se havia prolongado muito mais tempo do que lhe ocupavam outros temas, por mais importantes que fossem, mas que ele tratava rapidamente.

– Continuemos com os suplicantes – ordenou D. Alfonso. Imediatamente, de algum lugar que Hernando não chegou a ver, saiu correndo um pajem de escritório para avisar o mestre-sala. – Não é preciso – disse o duque interrompendo a corrida do garoto.

O menino parou e, estranhando, interrogou o escrivão. Silvestre lhe fez sinal para que retornasse a um pequeno banco situado num canto escondido e escuro, no qual estava sentado outro jovem pajem. O próprio duque, rompendo o protocolo, acompanhou Hernando até a porta, a abriu e, diante das surpresas visitas, sempre atentas às correrias dos pajens com suas instruções e mensagens, o abraçou e se despediu dele com um beijo em cada face. Muitos, que não haviam ocultado seu desprezo à entrada do mourisco, baixaram agora os olhos enquanto este voltava a atravessar a antessala em direção às cavalariças.

Ainda pendente da confirmação do filho do marquês dos Vélez, o rumor da ajuda prestada por Hernando a Isabel e a um número indeterminado de cristãos durante a revolta, rumor que crescia à medida que corria de boca em boca, se propagou tanto pela comunidade cristã como pela mourisca. Os escravos mouriscos do duque se ocuparam de informá-lo a Abbas e aos demais membros do conselho, os quais encontraram naquelas informações a prova de quantas acusações se faziam contra o traidor.

– Como é possível? – gritou-lhe Aisha numa das ocasiões em que ele foi visitá-la. Passeavam pela margem do Guadalquivir em direção ao moinho de Martos, perto dos curtumes, ali desde onde fazia anos ele embarcava n'*A Virgem cansada*. A municipalidade havia decidido fazer daquela zona um lugar de entretenimento dos cordoveses. Aisha não reparou nas pessoas que circulavam ao redor dela: falava em tom ofendido, não isento de tristeza. – Você enganou a todos nós! Enganou o seu povo! Enganou o próprio Hamid!

– Era apenas uma menina, mãe. Queriam vendê-la como escrava! Não acredite na boataria...

– Uma menina como as suas irmãs! Lembra-se delas? Os cristãos as mataram na praça de Juviles, elas e mais de mil mulheres. Mais de mil, Hernando! E as que não foram assassinadas terminaram vendidas em almoeda na praça de Bibarrambla de Granada. Milhares e milhares de

nossos irmãos foram executados ou escravizados. O próprio Hamid! Lembra-se?

– Como não vou me lembrar de...?

– E Aquil e Musa... – interrompeu-o sua mãe, gesticulando violentamente –, que foi feito deles? Eles os roubaram de nós assim que chegamos a esta maldita cidade e os venderam como escravos apesar de serem apenas crianças. Nenhum cristão saiu em sua defesa! Eram tão crianças como essa... essa Isabel de que você fala. – Andaram uma boa distância em silêncio. – Não entendo – lamentou-se Aisha com voz esgotada, já perto do moinho que entrava no rio para aproveitar a corrente e moer os grãos. – Para mim já tinha sido difícil entender aquilo com o nobre, mas agora... Você traiu o seu povo! – Aisha se virou para o filho; seu rosto expressava uma firmeza que ele poucas vezes percebera nela antes. – Talvez você seja o chefe da família... de uma família que já não existe; talvez você seja a única coisa que me resta neste mundo, mas, mesmo assim, não quero voltar a vê-lo. Não quero nada de você.

– Mãe... – balbuciou Hernando.

Aisha lhe deu as costas e se encaminhou para o bairro de Santiago.

46

Hernando evocou todos e cada um dos momentos vividos catorze anos atrás, quando havia percorrido aquele mesmo caminho em direção a Córdova, andrajoso e debilitado, junto com milhares de mouriscos. Sentiu de novo o peso dos velhos que tivera de ajudar e escutou o eco dos lamentos de mães, crianças e doentes.

Rudemente ordenou que pernoitassem na abadia de Alcalá la Real, ainda em construção.

– Poderíamos continuar um pouco mais – queixou-se D. Sancho. – Na primavera os dias são mais longos.

– Eu sei – respondeu Hernando, muito erguido, no lombo de Voador. – Mas pararemos aqui.

D. Sancho, o fidalgo designado pelo duque para acompanhar Hernando na viagem, fechou a cara diante das imperiosas instruções de quem não fazia muito era seu pupilo. Os quatro criados armados que os acompanhavam, e que vigiavam a arreata de mulas carregadas com seus pertences, trocaram olhares de cumplicidade diante do que não era mais que uma nova mostra de autoridade das muitas dadas durante as jornadas anteriores. Hernando teria preferido viajar sozinho.

A comitiva se acomodou na abadia. O sol começava a pôr-se e o mourisco pediu que lhe aparelhassem de novo Voador e, sozinho, a passo, observado pelas pessoas da vila, desceu do cerro onde ficavam a fortaleza e a abadia, com as extensas terras de cultivo a seus pés e Sierra Nevada na distância. Ao deixar a medina e encontrar-se em campo aberto, esporeou Voador. O cavalo corcoveou com alegria, como se agradecesse o galope que lhe pedia seu cavaleiro após as

longas, lentas e tediosas jornadas em que havia tido de adequar seu ritmo ao das mulas.

Não custou a Hernando identificar a planície onde haviam passado a noite em seu êxodo para Córdova, mas sim encontrar a acéquia em que Aisha lavara Humam depois de arrancar seu cadáver dos braços de Fátima. Não podia estar muito longe do acampamento. Cavalgou pelos campos atento às acéquias que os regavam. Não haviam assinalado o túmulo do pequeno; tinham-no enterrado em terra virgem, envolto apenas no triste silêncio de Fátima e no monótono trauteio de Aisha.

Julgou encontrar o lugar, perto de um fio d'água que ainda corria como naquela época. Ele o devia, pensou, o devia a Fátima e a seus filhos, aos que ele nem sequer havia podido enterrar; o devia a si mesmo. A cova daquele menino morto era a única coisa que lhe restava de sua esposa e de seus filhos, que, como Humam, haviam nascido do ventre de Fátima. Hernando desmontou diante de um pequeno túmulo de pedras que o passar do tempo não havia conseguido esconder, certo de que sob aquela terra repousava o cadáver do filho de Fátima. Olhou para um e outro lado: não se via ninguém; só se ouvia a respiração do cavalo às suas costas. Amarrou Voador a um matagal e se dirigiu para a acéquia, onde se lavou lenta e cuidadosamente. Contemplou as cintilações avermelhadas do sol crepuscular, tirou a capa e se prostrou sobre ela, mas, quando iniciava as orações, sentiu um nó na garganta e começou a chorar. Soluçou enquanto tentava cantar as suras, até que a cor cinzenta do céu lhe indicou que era hora de pôr fim à oração da noite.

Então se levantou, rebuscou entre suas roupas e pegou uma carta escrita com tinta de açafrão: a "carta da morte", aquela pela qual se recompensaria o falecido na hora de se pesarem suas ações na balança divina.

Cavou com as próprias mãos ali onde supôs que devia estar a cabeça do menino e enterrou a carta.

– Não pudemos acompanhar sua morte com esta carta – sussurrou enquanto a cobria de terra. – Deus o entenderá. Permita-me que inclua

nela orações por sua mãe e pelos irmãos que você não chegou a conhecer.

Como todas as povoações que eles haviam atravessado no caminho que começava em Lanjarón, diante de cuja ruinosa fortaleza Hernando não pôde evitar pensar na espada de Muhammad enterrada aos pés de sua torre, Ugíjar, a capital das Alpujarras, estava quase despovoada. Os galegos e castelhanos vindos para substituir os mouriscos expulsos não eram suficientes para repovoar a região, e quase um quarto dos povoados foram abandonados. A sensação de liberdade ao passar pelo vale, com os cumes de Sierra Nevada à sua esquerda e a Contraviesa à sua direita, se turvou diante das casas fechadas e derruídas.

Apesar, porém, do estado de abandono em que se achava o povoado, Hernando desfrutou com nostalgia de cada árvore, de cada animal, de cada riacho e de cada rocha do caminho; seus olhos percorriam sem cessar a paisagem, e as recordações se amontoavam em sua mente, enquanto D. Sancho e os criados não cessavam de se queixar, sem esconder a repugnância que lhes causava a pobreza de terras e pessoas.

Haviam transcorrido cerca de dois meses desde que o duque lhe falara de sua missão, até que chegou o momento da partida. Durante esse prazo, Hernando falou com Juan Marco, o mestre tecelão em cuja oficina Aisha trabalhava. Eles se conheciam. Algumas vezes havia ido à oficina e conversado com ele; era um arrogante tecelão de veludos, rasos e damascos que se considerava acima dos que, no seu mesmo grêmio, trabalhavam com outro tipo de tecidos: trabalhadores da seda, fazedores de toucas, fiadores, e até dos demais tecelões "menores", os que trabalhavam com tafetás. O mestre não escondia seu interesse em poder, um dia, vender na casa do duque de Monterreal.

– Aumente-lhe a diária – instou-lhe Hernando uma tarde. Havia esperado, escondido numa esquina próxima da oficina, que a silhueta de sua mãe se perdesse na rua. A partir da discussão, Aisha não admitia ajuda alguma da parte de seu filho.

– Por que deveria fazê-lo? – disse o mestre. – Sua mãe conhece o produto, como muitas granadinas, mas nunca chegou a tecer. As ordenanças me impedem de encarregá-la de qualquer trabalho que não seja o de ajudar...

– De qualquer forma, aumente-o. Além disso, não lhe custará nada. – Então pôs em sua mão três escudos de ouro.

– É fácil para você dizê-lo! Não sabe como são essas mulheres: se subo o salário de uma, as outras cairão em cima de mim como lobas...

Hernando suspirou. O tecelão se fazia rogar.

– Ninguém precisa ficar sabendo; só ela. Se você fizer o que digo, intercederei diante do duque para que ele se interesse por seus produtos – disse Hernando, olhando-o diretamente nos olhos.

A promessa de Hernando, junto com os escudos de ouro, convenceu o tecelão, que porém ficou com a última pergunta na boca:

– Está bem, mas... Por quê?

– Isso não lhe interessa – interrompeu-o Hernando. – Limite-se a cumprir o combinado.

Uma vez resolvido esse problema, restava-lhe um segundo. Quão poucas eram as providências que tinha de tomar diante de uma viagem!, pensou depois de bater uma noite à porta da casa de Arbasia. Importantes ambos, sim, mas eram somente dois. A criada que abriu a porta o fez esperar no saguão de entrada, na penumbra. Na última vez que tivera de viajar, limitara-se a deixar a casa nas mãos de Fátima e a pedir a Abbas que cuidasse de sua família...

– A que devo a sua visita, Hernando? Já é tarde – interrompeu seus pensamentos um Arbasia que parecia cansado.

– Desculpe-me, mestre, mas vou partir de viagem e creio que em toda Córdova só há uma pessoa em que posso confiar.

Estendeu-lhe um rolo de couro em cujo interior estava escondida a cópia do evangelho de Barnabé. Arbasia imaginou que fosse isso, e não fez menção de pegá-lo.

– Assim você me compromete – aduziu. – Que sucederia se a Inquisição encontrasse esse documento em meu poder?

Hernando, por sua vez, manteve o braço estendido.

– Você goza do favor do bispo e do cabido. Ninguém o molestará.

– Por que não o esconde onde o encontrou? Está há tanto tempo sem ser encontrado...

– Não se trata disso. Certamente, poderia escondê-lo em muitos lugares. A única coisa que quero é que, se me acontecer algo, este valioso documento não se torne a perder. Estou certo de que você saberá o que fazer com ele se suceder isso.

– E sua comunidade?

– Não confio neles – reconheceu Hernando.

– Nem eles em você, ao que parece. Ouvi rumores...

– Não sei o que fazer, César. Lutei a ponto de arriscar a vida por nossas leis e por nossa religião. Disseram-me que para isso devia parecer mais cristão que os cristãos, e agora a mesma pessoa que me disse isso me rechaça como muçulmano. Toda a comunidade me despreza... Pensam que sou um traidor. Até minha própria mãe! – Hernando tomou ar antes de continuar. – E não é só isso: pelo que ouvi, para meus irmãos a violência parece ser a única maneira de sair da opressão.

Arbasia pegou o evangelho.

– Não pretenda o reconhecimento de seus irmãos – aconselhou o pintor. – Isso não é mais que soberba. Busque apenas o de seu Deus. Continue lutando pelo que julgar correto, mas pense sempre que o único caminho é o da palavra, o da compreensão, nunca o da espada. – Arbasia ficou alguns instantes em silêncio antes de despedir-se: – A paz, Hernando.

– Obrigado, mestre. A paz seja com você também.

Em Ugíjar, o governador-geral das Alpujarras havia sido avisado de sua chegada. Assim como Hernando havia providenciado certas coisas antes de partir, também o duque ordenou a seu secretário que mandasse recado ao governador da capital das Alpujarras, pedindo-lhe

ao mesmo tempo que, por meio das notícias que pudessem dar-lhe os Vélez, procurasse aquela menina, já uma mulher, chamada Isabel.

Hernando e seus acompanhantes chegaram à praça da igreja. O templo já estava restaurado. Montado em Voador, passeou o olhar pelo lugar. Quantas experiências havia vivido naquela praça e em seus arredores! Recordou-a abarrotada dos homens do exército de Aben Humeya. O mercado, os janízaros e os turcos que pela primeira vez conheceu nela. Fátima, Isabel, Ubaid, Salah, o mercador, a chegada de Barrax e seus garções...

– Bem-vindos!

Tão absorto estava em suas recordações, que Hernando nem sequer havia percebido a chegada de uma pequena comitiva encabeçada pelo governador-geral, um homem tosco e baixo, de cabelo tão preto como sua roupa, acompanhado de dois aguazis. Hernando desmontou, imitando D. Sancho. O governador se dirigiu ao fidalgo, mas este lhe fez um brusco sinal de que era ao outro cavaleiro que devia dirigir-se.

– Em nome do corregedor de Granada – acrescentou, já diante do mourisco –, eu vos dou as boas-vindas.

– Obrigado – disse Hernando, e apertou a mão que lhe oferecia solenemente o governador.

– O duque de Monterreal se interessou diante do corregedor por vossa estadia. Já vos preparamos o alojamento.

Vários curiosos se aproximaram do grupo. Hernando se moveu, incomodado pela acolhida, e, entendendo que devia seguir o governador para a casa que lhe tinham preparado, deu um passo à frente, mas o homem continuou seu discurso.

– Também devo dar-vos as boas-vindas em nome de Sua Excelência D. Ponce de Hervás, ouvidor do Tribunal Real de Granada... – Hernando abriu as mãos em sinal de ignorância. – É o esposo – explicou o governador – de D. Isabel, a menina a quem valentemente vós salvastes da escravidão nas mãos dos hereges. O juiz, sua esposa e toda a sua família desejariam agradecer-vos pessoalmente e, por mediação de minha humilde pessoa, vos pedem que, uma vez

terminada a missão que vos traz às Alpujarras, vos dirijais a Granada, onde sereis honrados em casa de Sua Excelência.

Hernando deixou escapar um sorriso. A menina ainda vivia. Ali mesmo, nessa praça, havia puxado a corda que a amarrava, tentando passar pelos mercadores e desprezar as ofertas que recebia. Pode obter por ela, rapaz, mais de trezentos ducados!, recordou que lhe havia gritado um dos janízaros às portas da casa de Aben Humeya.

– Que lhe respondo? – perguntou o governador.

– A quem? – perguntou Hernando, voltando a si de suas recordações.

– Ao ouvidor. Ele espera uma resposta a seu convite. Que lhe digo?

– Dizei-lhe que sim... Que irei à casa dele.

O duque tinha razão: as éguas nascidas nas Alpujarras não eram de boa qualidade. Eram animais de pouca estatura, desajeitados, de pescoço curto e rígido, e grande cabeça que parecia pesar-lhes em excesso. Hernando percorreu povoados e vilarejos perguntando pelos cavalos, e o fez sozinho, decisão que nem D. Sancho nem os criados discutiram, montado num Voador que por si só despertava admiração nas pessoas humildes que se aproximavam para tentar vender-lhe algum de seus cavalos. Ninguém reconheceu nele um dos mouriscos que se haviam rebelado catorze anos antes. Vestia-se à castelhana, com um luxo que o incomodava: seus olhos azuis e sua tez, mais branca até que a de muitos alpujarrenhos, evitavam que despertasse a menor suspeita. Sentindo-se um traidor de sua gente, aproveitou as lições que lhe dera D. Sancho e tentou falar sem usar a fonética característica dos mouriscos. Tudo isso lhe proporcionou liberdade de movimentos. Visitou Juviles. Várias povoações da *taa* estavam abandonadas, e no povoado onde vivera seus primeiros anos não habitavam mais de quarenta pessoas.

Com sentimentos contraditórios à vista das casas do povoado, da igreja e da praça que se abria junto ao templo, seguiu o governador ao lugar onde este tinha quatro cavalos que talvez pudessem interessá-lo.

Ao atravessar a praça, fechou os olhos e, imediatamente, ouviu o barulho dos arcabuzes e dos gritos das mulheres, aspirou o cheiro de pólvora, de sangue e de medo. Mil mulheres haviam morrido naquela praça! Respirou fundo tentando recuperar-se... Naquela noite havia visto Fátima pela primeira vez, naquela noite haviam morrido suas meias-irmãs. Naquela noite ele se tinha transformado num herói para sua mãe, a mesma que agora o desprezava...

Assim que o homem se encaminhou para as cercanias, em direção ao que havia sido seu antigo lar, Hernando entendeu que usava o cercado de suas mulas para estabular os cavalos. Ele andava junto ao governador, puxando Voador, e, à medida que se aproximavam, o som de seus cascos se transformou em seus ouvidos no irregular martelar da Velha ao chegar sozinha ao povoado, anunciando a chegada próxima da récua. Não pôde evitar a evocação do pânico que ele sentia então, quando devia encontrar-se com seu padrasto. Brahim... Que teria sido dele? Oxalá estivesse morto!

Examinou os quatro cavalos do governador fingindo mais interesse do que sentia, e aproveitou para olhar aqui e ali. Encontrou, num canto, a bigorna onde consertava as ferraduras e alguns objetos em que pensou reencontrar parte de sua infância. A casa estava desabitada; era usada apenas como armazém e, como lhe disse o governador, como criadouro de bichos-da-seda que ele mesmo explorava com sua esposa.

– Os quartos do andar superior já estavam preparados com fileiras de suportes colados a suas paredes para a criação dos casulos – explicou como se aquela situação lhe tivesse poupado muito trabalho. – Não tive senão de aproveitar o trabalho dos hereges! – riu.

O governador se sentiu incomodado diante da negativa de Hernando a comprar-lhe a única égua que possuía.

– Não encontrareis nada melhor em toda a serra – esnobou, e cuspiu no chão.

– Sinto muito – respondeu ele. – Não creio que seja o que o duque pretende para suas cocheiras.

À simples menção do nobre, o homem se mexeu inquieto, como se tivesse insultado o nobre com a cusparada.

Preguiçosos, indolentes e vagabundos; tal foi a impressão que teve dos repovoadores das terras que outrora haviam pertencido à sua gente. Deixou o governador com seus casulos, e subiu as encostas da serra. Todos os pequenos terraços conquistados à montanha durante anos, tanto o que ele havia trabalhado como o de Hamid e os de muitos outros, laboriosos mouriscos que fecundavam as pedras a golpes de enxada, estavam abandonados e tomados por ervas daninhas. Os muretes de pedra que suportavam os terraços e que escalavam as encostas da serra estavam destruídos em muitos trechos, e a terra caía de uns para outros sem o menor impedimento; as acéquias que irrigavam campos e hortos, quebradas e descuidadas, deixavam escapar a água, fonte de toda a vida.

Inúteis no cultivo e incapazes na criação de gado, concluiu Hernando. Cada um dos repovoadores possuía o triplo de terras que os mouriscos e, no entanto, morriam de fome. Os aldeães tentavam desculpar seu desleixo.

– Todas estas terras pertencem ao rei – explicou-lhe um galego grosso, rodeado de habitantes do lugar, numa parada que Hernando fez num *mesón* –, e portanto dependem diretamente do corregedor de Granada, entre as quais as do monte alto, onde o gado se alimenta de um pouco de relva, arbustos e miletos durante o verão. Sendo os pastos comunais, muitas personalidades da cidade, amigos do corregedor, mandam seus rebanhos pastar nas Alpujarras e permitem, com indolência, que os animais arruínem as plantações e as amoreiras. Além disso, na hora de recolhê-los ou de mandá-los ir de um pasto para outro, usam homens armados que escolhem os melhores, ainda que não sejam seus.

– Eles os roubam de nós, Excelência – gritou, abafado, outro homem –, e o governador-geral de Ugíjar nada faz para nos defender.

Mas Hernando não o escutava. Recordava com nostalgia como, em menino, tinha de recompor os rebanhos, uma vez dispersos, para

livrar-se do dízimo.

– Fará alguma coisa Vossa Excelência? – insistiu o galego, fazendo menção de segurar Hernando pelo braço, ação que foi bruscamente interrompida por um velho que se achava a seu lado.

– Só vim comprar cavalos – respondeu Hernando com certa rudeza. Que sabiam aqueles cristãos de roubos e violações dos direitos das pessoas? Que sabiam da impunidade com que os mouriscos eram maltratados?, pensou diante da expectação com que o interrogavam. Nem sequer pagavam alcavalas: estavam isentos. Trabalhem!, esteve prestes a exortá-los.

Apesar de estar certo de quais eram as causas das exíguas rendas reais, e mais certo ainda de que ali não encontraria égua alguma que merecesse ser adquirida para as cocheiras de D. Alfonso, Hernando decidiu prolongar sua estada nas Alpujarras. A irritação de D. Sancho e dos criados por terem de viver numa pequena casa sem conforto e num povoado perdido eram recompensa suficiente. O tosco governador-geral e o abade de Ugíjar, junto com alguns dos seis cônegos, constituíam as únicas pessoas com as que o fidalgo podia permitir-se um vislumbre de conversa. Hernando, a cavalo, deixava Ugíjar ao amanhecer, depois da missa. Gostava de fazê-lo circundando a casa de Salah, o mercador, agora habitada por uma família cristã, e percorria todos aqueles lugares que havia conhecido durante a sublevação. Estudava o comércio e falava com as pessoas para saber quais eram os problemas reais pelos quais a atividade daquela região, na qual tantos e tantos mouriscos se tinham alimentado e sustentado suas famílias, havia estancado. Às vezes buscava abrigo, de noite, em alguma casa e dormia longe de Ugíjar. Subiu para o castelo de Lanjarón, mas não ousou desenterrar a espada de Muhammad. Que iria fazer com ela? Em vez disso, a sós, se ajoelhou e rezou.

Mas era tal o tédio do velho e peralvilho D. Sancho, que um dia ele insistiu com Hernando em acompanhá-lo em suas saídas.

– Tendes certeza? – perguntou-lhe o mourisco. – Pensai que as áreas pelas quais me movo são extremamente agrestes...

– Você duvida de minhas habilidades sobre um cavalo?

Partiram certa manhã ao amanhecer; o fidalgo se havia vestido como se fosse participar de uma caçada real. Hernando sabia de alguns cavalos que pastavam nas cercanias do porto da Ragua e se encaminhou para Válor para dali, por caminhos ou através do campo, subir a serra. Agora cabia a ele ensinar algo ao primo do duque.

– Sei qual é o objeto de sua missão – advertiu-o aos gritos o fidalgo do outro lado de um riacho que Voador havia saltado sem problema. D. Sancho estimulou seu cavalo e este saltou também. Hernando teve de reconhecer que o fidalgo sabia o que fazer na sela com uma desenvoltura imprópria para a sua idade. – Não creio que seja necessário este percurso para averiguar por que o rei não obtém rendas suficientes...

– Conheceis as terras e onde e o que se cultiva? – perguntou-lhe Hernando. D. Sancho negou. – Tendes medo, então?

O fidalgo franziu o cenho e estalou a língua para que seu cavalo se pusesse em movimento.

Fazia um esplêndido dia de fins de maio, ensolarado e fresco. Continuaram subindo, D. Sancho atrás de Hernando. Saltaram barrancos, desceram por quebradas e superaram todos os tipos de obstáculos. Ambos os cavaleiros já estavam absortos em suas selas e no chão que pisavam, competindo sem se falarem, escutando apenas o bufar dos animais e as palavras de estímulo com as que cada um deles os impeliam. De repente Hernando topou com uma parede quase vertical em que se adivinhava uma trilha para cabras. Não pensou duas vezes: ergueu-se sobre os estribos e com uma das mãos se agarrou à crina do cavalo, quase na testa de Voador; então o esporeou com força, o cavalo iniciou a subida e Hernando, puxando a crina e segurando as rédeas com a outra mão, colou seu corpo ao pescoço de Voador, que quase olhava para o céu.

O cavalo foi subindo a pequenos saltos, um após outro, sem deter-se um instante, incapaz de mover-se com normalidade por aquela parede vertical. As pedras da trilha saltavam para o vazio, e só no meio da subida, quando Voador pisou em falso e escorregou por um curto trecho descendente, sentado sobre as ancas e relinchando, Hernando compreendeu o grande risco que corria: se perdesse a verticalidade, se Voador ladeasse por menos que fosse, rolariam parede abaixo inevitavelmente.

– Suba! – gritou, ao mesmo tempo que cravava as esporas quase na garupa do animal. – Vamos!

Voador se ergueu sobre as patas e voltou a saltar. Hernando quase saiu voando.

– Ele vai matá-lo! – gritou D. Sancho ao pé do despenhadeiro.

– *Allahu Akbar!* – uivou Hernando ao ouvido de Voador, entre o barulho de pedras caindo, os cascos do cavalo resvalando na terra e seus bufos. Mantinha o corpo deitado sobre o pescoço do animal e a cabeça quase entre suas orelhas. – Alá é grande! – repetia a cada salto que o cavalo conseguia dar.

Voador quase teve de escalar no final, ali onde terminava a trilha, e suas mãos já não poderiam continuar a impulsioná-lo para cima. Hernando saltou da sela e correu para a frente para puxar pelas rédeas e ajudá-lo. Cavalo e cavaleiro, suarentos, ficaram tremendo e bufando num pequeno trecho plano repleto de flores.

De joelhos, Hernando abeirou-se ao vazio. Faltava-lhe o ar, e ele era incapaz de controlar seu tremor.

– Agora é a minha vez! – gritou de novo D. Sancho ao ver aparecer a cabeça do mourisco à beira do precipício. Não podia ficar atrás do mourisco! – São Tiago!

– Não! – clamou Hernando. O fidalgo parou justo antes de atacar a trilha. Hernando conseguiu levantar-se. – É uma loucura – gritou de cima.

D. Sancho obrigou seu cavalo a dar alguns passos para trás para poder ver o mourisco.

– Sou fidalgo... – começou a recitar D. Sancho.

Vai se matar, pensou Hernando. E a culpa seria dele. Ele o havia estimulado!

– Por Deus e pela santíssima Virgem, um cavaleiro espanhol é capaz de subir por onde subiu um...!

– Vós, sim – interrompeu-o Hernando antes que mencionasse sua condição de mourisco. – Vosso cavalo, não!

O fidalgo pensou por um instante e olhou para a trilha. O cavalo se mexia inquieto. Levantou o olhar, acariciou suavemente a sua sela e, tirando o chapéu, cedeu a contragosto aos conselhos de Hernando.

– Montais realmente bem – reconheceu Hernando após descer do trecho plano circundando o pico em que se achava e encontrar-se outra vez com D. Sancho. Voador estava suarento e ensanguentado onde ele o havia esporeado.

– Eu sei – replicou o fidalgo, tentando esconder seu alívio por não ter tido de seguir os passos do mourisco.

– Voltemos a Ugíjar – propôs Hernando, orgulhoso ao sentir-se superior ao fidalgo.

Nessa mesma noite, Hernando anunciou que na manhã seguinte partiriam para Granada.

– Ao que parece – contou-lhe D. Sancho durante a viagem –, D. Isabel foi acolhida pelo marquês dos Vélez.

Andavam os dois à frente de criados e mulas, com as rédeas dos cavalos esticadas.

– Como sabem?

– Pelo abade-mor de Ugíjar. Isso é o que me explicou, e várias vezes, aliás, enquanto você andava por aí. – Hernando ergueu as sobrancelhas como se não compreendesse. – Sim, sim – queixou-se D. Sancho. – D. Isabel entrou na casa do marquês para servir de dama de companhia das meninas, aprendeu com elas, e tanto se fez querer que o sucessor do Diabo Cabeça de Ferro ofereceu um bom dote para seu matrimônio. Então se casou com um bacharel que prosperou com a

ajuda dos Vélez e que pela mão de outro Fajardo de Córdoba, juiz de Sevilha, veio a ser ouvidor de uma das salas do Tribunal de Granada.

– Isso é importante?

D. Sancho deixou escapar um assobio antes de responder:

– O Tribunal de Granada, com o de Valladolid, é o tribunal mais importante do reino de Castela. Em Aragão há outros. Acima dele e exclusivamente com respeito a algumas questões, está apenas o Conselho de Castela em representação de Sua Majestade. Sim, sim, o é. D. Ponce de Hervás é juiz de uma das salas do civil. Todos os pleitos de Andaluzia terminam com ele ou com algum de seus companheiros. Isso dá muito poder... e dinheiro.

– É bem pago?

– Não seja ingênuo. Sabe o que dizia o duque de Alba da justiça neste país? – Hernando se virou na sela para D. Sancho. – Que não há causa alguma, seja civil ou criminal, que não se venda como carne no açougue, e que a maioria dos conselheiros se vende diariamente aos que os queiram comprar. Nunca pleiteie contra um poderoso.

– Isso também dizia o duque?

– Este é um conselho que lhe dou eu.

Pernoitaram em Padul, a pouco mais de três léguas de Granada, dado que não queriam chegar à casa de seus anfitriões a desoras, e Hernando surpreendeu D. Sancho ao empenhar-se em ir à igreja antes de partir na manhã seguinte. Foi ali que contraíra matrimônio com Fátima segundo o edito do príncipe D. João de Áustria. Um falso enlace, válido apenas aos olhos dos cristãos, mas que para ele havia significado um raio de esperança. Fátima... A igreja, vazia àquela hora, lhe pareceu um espaço frio, tão gelado como sua alma. Fechou os olhos, ajoelhado, e fingiu rezar, mas de seus lábios só saía "Morte é esperança longa". Aquela frase o perseguia, parecia ter selado seu destino no mesmo dia em que a pronunciara para ela. Por quê, Deus? Por que Fátima...? Teve de enxugar as lágrimas antes de levantar-se e, ante o estranhamento de D. Sancho, se manteve em pertinaz silêncio até chegar à cidade da Alhambra. Entraram nela no meio da manhã

pela Porta do Rastro. Atravessaram o rio Darro por uma área em que se vendiam todos os tipos de madeira. Uma caveira, posta numa oxidada jaula de hiena que pendia do arco da porta da cidade, o recebeu com seu lúgubre presságio. Alguns camponeses e mercadores que tentavam atravessar reclamaram quando Hernando parou para ler a inscrição que havia acima da jaula:

ESTA CABEÇA É A DO GRANDE CÃO ABEN ABOO,
QUE COM SUA MORTE PÔS FIM À GUERRA

– Você o conheceu? – perguntou D. Sancho num sussurro, enquanto as pessoas, mal-humoradas, faziam passar mulas e cavalos pelos lados para circundar o par de cavaleiros que havia parado no meio do caminho.

Aben Aboo? Aquele cão castrado o havia vendido como escravo para Banax e entregara Fátima a Brahim em casamento. Hernando cuspiu.

– Vejo que sim – sentenciou o fidalgo, e estimulou seu cavalo atrás de Hernando, que se havia apressado a passar debaixo da caveira do rei de al-Andalus.

Seguindo o curso do Darro, que atravessava a cidade, chegaram até a alongada e buliçosa praça Nueva, onde o rio desaparecia até emergir de novo para além da igreja de Santa Ana. À sua direita, a encosta que subia para a Alhambra, presidindo Granada; à sua esquerda, um grande palácio quase terminado.

– Como saberemos onde mora D. Ponce? – perguntou Hernando ao fidalgo.

– Não creio que seja difícil. – D. Sancho se dirigiu a um aguazil armado que estava diante do palácio em construção. – Estamos procurando a residência de D. Ponce de Hervás – disse-lhe com autoridade, de seu cavalo. O aguazil entendeu a coativa linguagem dos nobres.

– Neste momento, Sua Excelência está ali dentro. – O homem apontou para a construção diante da qual montava guarda. – Vocês estão diante do Tribunal, mas ele mora numa quinta do Albaicín. Querem que lhe mande um recado?

– Não queremos incomodá-lo – respondeu D. Sancho. – Só queremos chegar à casa dele.

O aguazil percorreu a praça com o olhar e chamou dois meninos que brincavam.

– Vocês conhecem a quinta do ouvidor D. Ponce de Hervás? – gritou-lhes.

Hernando, D. Sancho e os criados com as mulas entraram com os meninos no labirinto de ruelas que conformavam o Albaicín de Granada e que se elevava na outra vertente do vale formado pelo rio Darro, diante da Alhambra. Muitas das pequenas casas de propriedade dos mouriscos estavam fechadas e abandonadas e, como em Córdova, ali onde se havia erguido uma mesquita, apareciam agora uma igreja, um convento ou um hospital dos muitos que se poderiam contar em Granada. Subiram por uma longa encosta, estreita e sinuosa, e desceram por outra muito mais curta e empinada que terminava no portão de folha dupla de uma casa. Já apeado, após terem deixado os cavalos junto com as mulas nas mãos dos criados, Hernando entregou uma blanca aos garotos enquanto D. Sancho batia na madeira de uma das portas com uma aldraba em forma de cabeça de leão.

Recebeu-os um porteiro vestido de libré que mudou o semblante ao ouvir o nome de Hernando e que correu para avisar a sua senhora, depois de deixá-los apressadamente nos jardins que se abriam atrás do portão. Hernando e D. Sancho se apoiaram numa das muitas balaustradas trabalhadas que fechavam longos e estreitos jardins e hortos, que desciam pela encosta ao modo de terraços, por debaixo da casa, até o limite da quinta seguinte ou de alguma das simples e humildes casas mouriscas com que compartilhavam o espaço do Albaicín. Ambos olharam para a frente, inebriados: entre o aroma das flores e os das frutas, em meio ao murmúrio da água das numerosas

fontes, a Alhambra se alçava do outro lado do vale do Darro, magnífica, esplendorosa, como se os chamasse para que estendessem as mãos para ela.

– Hernando...

A voz soou tímida e entrecortada às suas costas.

Hernando demorou para virar-se. Como seria agora aquela menina de cabelo cor de palha e olhos castanhos sempre temerosos? Foi a primeira coisa em que reparou: o cabelo muito louro, preso num coque, contrastava com o vestido negro de uma bela mulher cujos olhos, apesar de turvos pelas lágrimas, se percebiam vívidos e brilhantes.

– A paz seja com você, Isabel.

A mulher apertou os lábios e assentiu, recordando a despedida de Hernando em Berja, antes que seu salvador partisse a galope forçado, uivando e volteando o alfanje sobre a cabeça. Isabel tinha nos braços um bebê e junto a ela dois meninos, um agarrado à sua saia e o outro algo mais velho, de uns seis anos, parado a seu lado. Empurrou o mais velho pelas costas para que se adiantasse.

– Meu filho Gonzalico – apresentou-o, ao mesmo tempo que o pequeno estendia envergonhado a mão direita.

Hernando evitou apertá-la e se acocorou diante dele.

– Sua mãe lhe falou de seu tio Gonzalico? – O menino assentiu. – Era um menino muito, muito valente. – Hernando notou que lhe dava um nó na garganta e pigarreou antes de continuar. – Você é tão valente como ele?

Gonzalico voltou o olhar para a mãe, que anuiu com um sorriso.

– Sou – afirmou.

– Um dia sairemos para passear a cavalo, quer? Tenho um que pertence às cocheiras do rei Felipe, o melhor da Andaluzia.

Os olhos do pequeno se abriram de par em par. Seu irmão se soltou da saia da mãe e se aproximou deles.

– Este é Ponce – disse Isabel.

– Como se chama? – perguntou Gonzalico.

– O cavalo? Voador. Querem montar nele?

Os dois meninos assentiram.

Hernando lhes revolveu o cabelo e se levantou.

– Meu companheiro, D. Sancho – indicou, apontando para o fidalgo, que deu um passo para inclinar-se diante da mão que Isabel lhe estendia.

Hernando observou Isabel enquanto ela respondia às solícitas perguntas de cortesia de D. Sancho. A menina assustada de outrora se havia transformado numa bela mulher. Por alguns instantes a viu sorrir e mover-se com delicadeza, sabendo-se observada. Quando o fidalgo deu um passo para trás e Isabel desviou o olhar para ele, seus olhos castanhos lhe transmitiram mil recordações. Hernando estremeceu, e como se quisesse livrar-se daquelas sensações, instou-lhe que lhe contasse como tinha sido sua vida ao longo dos anos.

47

O ouvidor D. Ponce de Hervás moderou seu caráter austero e reservado com uma atitude de agradecimento para com Hernando, que surpreendeu até o serviço da casa. Era um homem baixinho, de rosto redondo e feições suaves, algo gordo, sempre vestido de negro e que media uma cabeça abaixo de sua esposa, pela qual mostrava adoração. Distinguiu seu hóspede com um sóbrio quarto no segundo andar da quinta, junto aos do casal, com acesso para uma varanda que dava para os jardins, diante da Alhambra. D. Sancho foi acomodado no mesmo andar, numa área próxima da dos meninos, do outro lado de um longo corredor cheio de meandros que atravessava a mansão.

No entanto, a presença de Hernando não mudou os hábitos de D. Ponce, que se dedicava a seu trabalho como se nele encontrasse o reconhecimento que não obtinha junto à protegida de um grande da Espanha e que com um só movimento de mão, um sorriso ou uma palavra eclipsava o pequeno juiz. D. Sancho, por seu lado, pediu permissão à anfitriã para perder-se por Granada em busca da companhia de parentes e conhecidos. Hernando, pois, passava os dias na quinta, junto a Isabel e seus filhos.

Com a permissão do ouvidor, nos primeiros dias Hernando usou a escrivaninha que este tinha no andar de baixo para escrever ao duque e informá-lo do resultado de suas averiguações.

"Caberia estabelecer uma aduana de seda em Ugíjar", propôs depois de advertir do caráter preguiçoso das pessoas e dos problemas com que deparou em seus passeios pelas Alpujarras. "Dessa forma, os do lugar não teriam de vender mal suas sedas em Granada, como ao que parece hoje se veem obrigados a fazer. Com isso se pouparíam os gastos da viagem até a cidade, e tampouco afetaria os numerosos teares de

Granada, dado que se proveem da seda de outros muitos lugares além da das Alpujarras...”

Umas risadas infantis o distraíram de seu trabalho. Hernando se levantou da escrivaninha simples, de madeira trabalhada, do ouvidor e se aproximou de uma porta de folha dupla, entreaberta para que entrasse a brisa vinda do jardim principal da quinta: um pedaço de terra longo e estreito que se abria num dos lados da construção no nível do andar de baixo. Em seu centro, ocupando toda a sua extensão, havia um laguinho alimentado por numerosas fontes dispostas a intervalos em seus lados. O jardim era coberto por parreiras sustentadas por arcos que naquela época primaveril estavam cobertas delas, razão por que encerravam um fresco e agradável túnel que terminava numa rótula. Junto às bases das parreiras, havia bancos trabalhados de onde contemplar os numerosos esguichos d’água que se alçavam no ar antes de cair no lago.

Hernando se apoiou numa das folhas da porta. Em um dos bancos estava sentada Isabel com um bordado no regaço. Olhava sorridente as correrias dos filhos, que tentavam fugir dos cuidados da aia. Um raio de sol que se infiltrava pela parreira iluminava sua figura na sombra do frondoso túnel. Hernando a contemplou, vestida com seu costumeiro traje negro: seu cabelo cor de palha, o mesmo que chamara sua atenção anos atrás e que a salvou da escravidão, fazia que se destacassem umas feições doces e agradáveis, uns lábios carnosos, o pescoço longo sob o cabelo preso e uns seios generosos que lutavam com o vestido que os oprimia; cintura estreita e quadril grande, o corpo exuberante de uma jovem mãe de três filhos. O sol se refletiu em sua mão quando Isabel a estendeu para indicar a Gonzalico que não se aproximasse tanto do lago. Hernando acompanhou o movimento daquela mão branca e delicada e ficou cativado. Depois observou o menino, mas este tornava a correr na frente da aia, sem fazer caso de sua mãe. Um inquietante prurido percorreu as costas de Hernando quando se virou para Isabel: seus olhos castanhos se mantinham fitos nele. Sua respiração se acelerou ao perceber que os seios de Isabel se

agitavam sob o “papelão de peito” que os aprisionava. Que estava acontecendo? Perturbado, sustentou o olhar por alguns instantes, certo de que ela desviaria a atenção para as crianças ou para o bordado, mas ela não cedeu. No momento em que começava a sentir o prurido descer até a entreperna, deixou bruscamente o lugar, procurou um dos criados e lhe ordenou que embridasse Voador.

Uma semana depois, D. Ponce e sua esposa organizaram uma festa em homenagem a seu convidado. Durante aqueles sete dias, enquanto trabalhava de manhã, Hernando, de costas para as portas, tentou concentrar-se no informe do duque e não fazer caso dos risos que pareciam chamá-lo do jardim.

Estabelecer uma feira franca anual para que os alpujarrenhos pudessem vender suas mercadorias... Abrir um porto... Plantar amoreiras e vinhas... Permitir que os habitantes do lugar pudessem vender as terras adjudicadas... Organizar a justiça na região... Reprimindo o instinto que o levava a virar-se para o jardim para ver Isabel, desenvolveu todas e cada uma das ideias que lhe ocorreram a fim de promover o comércio na região e assim possibilitar um aumento das rendas reais. Mas a verdade é que trabalhava com lentidão, se sentia cansado. Não dormia bem. Durante as noites, cada barulho que ouvia do quarto de D. Isabel retumbava em seu cômodo. Sem querer, sem poder evitar, viu-se aguçando o ouvido, prendendo a respiração para escutar os murmúrios do outro lado da parede; até pensou ouvir o roçar dos lençóis e o ranger da madeira da cama, certamente presa à parede, quando Isabel mudava de posição. Porque tinha de ser ela; em momento algum de suas tortuosas noites pôde imaginar que quaisquer daqueles sons proviessem do juiz. Às vezes pensava em Fátima e seu estômago se encolhia, como na primeira vez que após sua morte havia ido à mancebia, mas ao fim de alguns instantes voltava a ver-se atento ao cômodo contíguo. No entanto, durante o dia, à luz do sol, se esforçava para evitar Isabel, sentindo-se entre envergonhado e incômodo.

Na mesma manhã do dia da festa, conseguiu pôr um ponto final a seu informe, no que em carta à parte comunicava ao duque sua estada na casa de D. Ponce de Hervás e de sua esposa Isabel. Como não dispunha de selo, pediu ao ouvidor que o lacrasse com o seu e, aproveitando uma expedição, que segundo D. Ponce, ia partir para Madri, despachou um dos criados com a encomenda.

A festa estava prevista para o entardecer. Hernando e D. Sancho, por ordem do ouvidor, foram providos de roupas novas acordes com a pompa que ele queria dar ao avento. Parados na entrada da quinta, como lhes pedira D. Ponce, o fidalgo e Hernando esperavam os convidados para ser apresentados a eles. D. Sancho não podia esconder seu nervosismo.

– Você tinha de ter aprendido a dançar – disse-lhe, contemplando-se com vaidade.

– *Campanela!* – zombou Hernando dando um saltinho no ar.

– A arte da dança... – começou a redarguir o fidalgo.

Uns comedidos aplausos interromperam suas palavras.

– Você também sabe dançar? – ouviu-se de voz de uma mulher. Hernando se virou. Isabel deixou de bater palmas e se dirigiu para eles erguida e altiva. Andava a passinhos devido aos chapins de sola de cortiça adornada com incrustações de prata e de uma altura de quatro dedos, que se entreviam debaixo de sua saia. A mulher havia trocado o negro habitual por um traje de raso verde-escuro de duas peças, com aberturas e pequenos furos em tecidos de diferentes tonalidades da mesma cor. A peça superior, que começava numa *lechuguilla* que lhe cobria o pescoço até as orelhas, tinha forma de cone invertido, cuja ponta caía sobre a saia fofa que se abria em sino desde a cintura. O cone escondia um "papelão de peito" que pressionava os seios, talvez mais que o usual, ocultando a generosidade natural que se intuía nos outros dias. Seus pômulos ressaltavam, maquiados com papel tingido de vermelho, e seus olhos se mostravam brilhantes e delineados com uma mistura de antimônio dissolvida em álcool. Um magnífico colar de pérolas realçava o conjunto. D. Sancho desviou o olhar de Isabel,

repreendendo-se com uma quase imperceptível negação ao notar que sua atenção superava os limites da cortesia. Depois tentou advertir Hernando pondo a mão em seu braço, mas nem sequer conseguiu que este fechasse a boca: observava embasbacado a mulher que caminhava para eles.

– Você sabe dançar? – repetiu Isabel já a seu lado.

– Não... – hesitou envolto no cheiro do perfume que acompanhava aquela encantadora figura.

– Não quis aprender – interveio o fidalgo, procurando romper o feitiço, consciente dos olhares que lhes dirigiam de soslaio alguns dos criados vestidos com librés vermelhas que esperavam os convidados.

Isabel respondeu a D. Sancho com uma ligeira inclinação de cabeça e um leve sorriso. Só um passo separava seu rosto do de Hernando.

– É uma pena – sussurrou a mulher. – Certamente a muitas damas comprazeria que você as tirasse para dançar esta noite.

Fez-se um silêncio espesso, quase palpável, que D. Sancho rompeu de repente.

– D. Ponce! – exclamou o fidalgo. Isabel se virou, aturdida. – Havia-me parecido vê-lo – desculpou-se D. Sancho diante da expressão com que o interrogou ela ao não ver seu esposo.

– Desculpai-me – disse Isabel, escondendo a perturbação atrás de certa rudeza. – Ainda tenho coisas para fazer antes de os convidados chegarem.

– Que é que você pretende olhando assim para uma dama? – repreendeu-o num sussurro D. Sancho quando Isabel já se havia afastado de ambos. – É a esposa do ouvidor!

Hernando se limitou a abrir as mãos. Que pretendia?, perguntou-se por sua vez. Não o sabia; só sabia que, pela primeira vez em anos, se havia sentido enfeitiçado.

Hernando e D. Sancho, junto ao ouvidor e a Isabel, passaram pelos beija-mãos e pelas apresentações de cerca de uma centena de pessoas que aceitaram encantadas o convite do rico e importante juiz

granadino: colegas de D. Ponce, cônegos da catedral, inquisidores, sacerdotes e frades, o corregedor de Granada e vários vinte e quatro da municipalidade, cavaleiros de diversas ordens, nobres, fidalgos e escrivães. Hernando recebeu tantas felicitações e agradecimentos quantas pessoas circularam diante dele. D. Sancho permanecia a seu lado, tentando infrutiferamente participar das conversas, até que o mourisco, consciente de seu desespero, tentou dar-lhe uma oportunidade:

– Eu lhes apresento D. Sancho de Córdoba, primo do duque de Monterreal – disse àquele que foi anunciado como o pároco da igreja de São José.

O padre cumprimentou o fidalgo com uma inclinação de cabeça e aí terminou seu interesse nele.

– Sinto-me feliz – afirmou, dirigindo-se a Hernando – por conhecer aquele que salvou D. Isabel do martírio nas mãos dos hereges. Sei de vossas façanhas com D. Alfonso de Córdoba e muitos outros cristãos. – Hernando tentou ocultar sua surpresa. Desde sua chegada a Granada, muitos haviam sido os rumores de libertações que se tinham juntado às duas únicas atuações que verdadeiramente se podiam atribuir a ele. – D. Isabel – continuou o sacerdote chamando a atenção da mulher – é uma de minhas fiéis mais piedosas. Eu poderia dizer que a mais piedosa, e todos nos sentimos felizes por lhe terdes salvado a alma para o Senhor.

Hernando olhou para a anfitriã, que aceitava os elogios com humildade.

– Falei com alguns cônegos da catedral – prosseguiu o sacerdote – e gostaríamos de vos propor algo. Estou certo de que o deão, que pelo que entendi compartilhará a mesa convosco, vos falará disso.

Depois de escutar o pároco da igreja de São José, Hernando permaneceu distraído enquanto os demais passavam diante dele. De que se trataria? Que poderiam querer dele os membros do cabido da catedral?

Não demorou para ficar sabendo. Efetivamente, foi convidado a ocupar um lugar de honra na longa mesa principal, instalada num dos corredores cobertos por parreiras do jardim principal, entre D. Ponce e o corregedor da cidade; em frente se sentavam Juan de Fonseca, deão da catedral, e dos vinte e quatro de Granada que ostentavam os títulos de marquês e de conde. Mais adiante, o restante dos convidados, acomodados por ordem de preeminência. No corredor do outro lado pôs-se uma mesa semelhante em que Hernando distinguiu D. Sancho, que conversava animadamente com os demais comensais. Além daquelas duas, distribuíam-se muitas outras pelos jardins e hortos da quinta que desciam, em terraços, pela encosta. Em umas jantavam os homens, a maioria vestida de negro austero segundo as normas tridentinas, e em outras as mulheres, competindo entre si em luxo e beleza. Na rótula que fechava o jardim principal, um grupo de música composto por uma sacabuxa, uma corneta e uma charamela, duas flautas, um timbale e uma viola, tornava ainda mais agradável uma noite fresca, clara e estrelada.

Enquanto comiam as perdizes e capões recheados que lhes serviram como primeiro prato, Hernando teve de satisfazer a curiosidade dos hóspedes de D. Ponce, e foi crivado de perguntas acerca do cativeiro e da fuga do duque D. Alfonso de Córdoba e uma que outra, mais comedida e prudente, sobre a esposa do ouvidor.

– Pelo que sei – disse um dos vinte e quatro enquanto mordiscava a asa de uma perdiz –, além de ajudardes o duque e D. Isabel, ajudastes outros cristãos.

A pergunta ficou flutuando no ar justo no momento em que a viola tocava sozinha e um dos músicos a acompanhava com uma canção sentimental. Hernando escutou os tristes rasgados do instrumento, parecidos com os dos alaúdes que tornavam agradáveis as festas mouriscas.

– Vós vos lembrais de quais eram? – perguntou o corregedor, virando-se para ele.

– Lembro-me, sim, mas não de todos os casos – mentiu. Havia preparado a resposta ao saber dos rumores sobre seus imaginários favores a outros cristãos.

O vinte e quatro deixou de morder a asa e se produziu um incômodo silêncio.

– Quais eram? – urgiu com ele o deão da catedral.

– Preferiria não dizer. – Nesse momento, até D. Ponce, ocupado com o peito de um capão, se virou para ele. Por quê?, parecia perguntar com os olhos. Hernando pigarreou antes de explicar-se: – Alguns tiveram de deixar para trás familiares e amigos. Eu os vi chorar enquanto fugiam; amor e pânico enfrentando-se em suas consciências enquanto lutavam pela sobrevivência. Houve um que, quando estava já livre e escondido, desistiu de fugir, preferindo voltar e ser executado junto a seus filhos. – Vários dos comensais que escutavam assentiram com expressão séria, com os lábios apertados, alguns de olhos fechados. – Não devo descobrir suas identidades – insistiu. – Já não serve para nada. As guerras... as guerras levam os homens a esquecer seus princípios e a agir segundo seus instintos.

Suas palavras originaram novos assentimentos e um silêncio que permitiu escutar os últimos lamentos da viola, que se prolongaram na noite até os comensais recobrarem o ânimo.

– Fazeis bem em calar – interveio então o deão Fonseca. – A humildade é uma grande virtude nas pessoas, e o medo da morte ou da tortura é desculpável nos que cederam. No entanto, confio em que vosso silêncio não se estenda aos hereges que tanto sangue cristão derramaram e tantos sacrilégios e profanações cometeram. – Hernando cravou os olhos azuis no deão. – O arcebispado de Granada está levando a efeito uma investigação sobre os mártires das Alpujarras. Dispomos de dados e de dezenas de declarações dos milhares de viúvas que perderam o esposo e os filhos nas sucessivas matanças, mas entendemos que os conhecimentos de alguém como vós, um bom cristão que viveu a tragédia da posição dos mouriscos, misturado com eles, constituiriam uma fonte imprescindível e incomensurável.

Necessitamos que nos ajudeis na investigação dos mártires. Que aconteceu? Quando? Onde? Como? Quem ordenou e quem executou?

– Mas... – hesitou Hernando.

– Granada tem de abonar esses mártires diante de Roma – interrompeu-o o corregedor. – Estamos há quase cem anos, desde o momento mesmo em que a cidade foi reconquistada pelos Reis Católicos, buscando os restos de seu padroeiro, São Cecílio, mas todos os esforços são inúteis. Esta cidade precisa equiparar-se às demais sedes cristãs dos reinos: Santiago, Toledo, Tarragona... Granada foi a última cidade a ser arrebatada aos mouros e carece de antecedentes cristãos, como o apóstolo São Tiago ou Santo Ildefonso. São precisamente esses valorosos cristãos quem torna as suas cidades grandes. Sem santos, sem mártires, sem história cristã, uma cidade não é nada.

– Vocês sabem que vivo em Córdova – ocorreu a Hernando dizer como única desculpa ao deparar-se com o olhar dos comensais fito nele.

– Isso não é nenhum problema – apressou-se a assinalar o deão, como se com isso fechasse as portas a qualquer outro impedimento. – Poderíeis seguir fazendo-o. O arcebispado vos proverá de documentos e de dinheiro suficiente para vossas viagens.

– Sabia que não falharíeis a tão santa e justa causa – afirmou então D. Ponce ao mesmo tempo que lhe dava uma palmada no ombro. – Assim que fiquei sabendo do interesse da Igreja granadina em vossa participação, escrevi ao duque de Monterreal solicitando sua permissão, mas sabia que não seria necessário.

Alguém levantou uma taça de vinho, e imediatamente os convidados que estavam mais perto de Hernando brindaram a ele.

Terminou o jantar, e os músicos se deslocaram para o interior da residência, para o salão principal, que previamente havia sido esvaziado de todos os móveis. Uma parte dos convidados se espalhou em grupos pelos jardins ou pela grande varanda que, do salão, se alçava acima do leito do Darro, diante da Alhambra, com o Albaicín a seus pés; outros se prepararam para a dança. Hernando viu D. Sancho

andando pela peça, à espera de que começasse a música, e invejou sua alegria e despreocupação. Não lhe faltava mais nada: agora estaria às voltas com aquela incumbência do arcebispado! Até sua mãe lhe havia dado as costas, e agora tinha de trabalhar para a Igreja... denunciando seus irmãos!

Escutou a música e observou como dançavam homens e mulheres, em círculos ou em fila, aos pares ou em grupo, aproximando-se uns dos outros, sorrindo, flertando até, saltando todos ao mesmo tempo, como fazia o fidalgo no palácio de D. Alfonso. Reconheceu Isabel com seu traje verde e seus chapins, que brilhavam quando a saia era levantada do chão, mas que, apesar de sua altura, não a impediam de dançar com elegância. Julgou ver que ela o olhava de soslaio em várias ocasiões.

Enquanto acontecia a dança, ele se viu obrigado a cumprimentar as numerosas pessoas que se aproximaram dele e a responder a suas perguntas, ainda que sua mente estivesse muito longe dali.

Toda a sua vida se havia desenrolado de modo igual, pensou enquanto uma dama vestida de azul lhe falava de algo a que não prestou atenção. Havia passado toda a vida como que capturado entre cristãos e muçulmanos. Filho de um sacerdote que violou uma mourisca, quando menino o quiseram matar na igreja de Juviles por ser cristão; depois, Aben Humeya o distinguiu como salvador do tesouro de seus irmãos, mas depois terminou caindo na escravidão acusado de ser cristão, período em que teve de negar-se a renegar uma religião que não era a sua para não transformar-se num simples garção de Barrax. Em Córdova, na própria catedral, trabalhou como cristão para o próprio cabido e copiou o livro revelado mil e uma vezes, ao mesmo tempo que a Inquisição o obrigava a presenciar, como um bom cristão que colaborava com o Santo Ofício, a tortura e morte de Karim. E, agora que acabava de encontrar o estranho e surpreendente evangelho de Barnabé, a Igreja reaparecia outra vez impondo-lhe uma nova colaboração. E, no entanto, ele sabia quem era seu Deus, o Único, o

misericordioso... Que pensaria dele o bom Hamid, se o visse nessa situação?

– Sinto muito, não sei dançar – disse, sem pensar, ao topar com o olhar interrogador da dama de azul, que, ainda a seu lado, parecia esperar uma resposta.

Não havia chegado a escutar sua pergunta. Talvez não fosse aquela a resposta adequada, concluiu ao verificar a expressão ofendida da mulher, que lhe deu as costas sem se despedir.

A dança se desenrolou até bem entrada a noite. D. Sancho reapareceu suarento na varanda quando a música parou a pedido de D. Ponce. A dança havia terminado.

– Como final de festa – gritou o ouvidor do pequeno estrado onde tocavam os músicos –, eu os convido a ver o espetáculo de fogos que preparamos em homenagem ao nosso convidado. Eu lhes peço que se dirijam às varandas e aos jardins.

D. Ponce procurou a esposa e foi até donde se achava Hernando.

– Acompanhai-nos, por favor – pediu-lhe.

Ficaram na primeira fila, junto à balaustrada que fechava a varanda do salão principal, Isabel atrás de Hernando e do deão Fonseca. Alguém fez um sinal luminoso lá da quinta, e parte das muralhas da Alhambra se acenderam num fogo amarelo intenso. As pessoas, apinhadas atrás deles, se desfizeram em elogios quando bolas de fogo sulcaram o céu estrelado, mas também, sem querer, todos se espremeram contra a balaustrada procurando uma melhor visão do espetáculo. Uma sucessão de raios atravessou o céu noturno, e Hernando sentiu o calor do corpo de Isabel. O troar das explosões de pólvora se confundiu nele com a respiração quente de Isabel junto a seu ouvido, entrecortada. Isabel não se mexia, nem evitava o contato. Os convidados estavam absortos nos fogos de artifício; ninguém se apercebeu do gesto, mas Hernando notou o roçar de uma mão na sua. Virou a cabeça. Isabel esboçou um sorriso tímido. Então ele pressionou com doçura aquela mão. Entre a confusão dos convidados que se amontoavam na varanda, brincaram com os dedos e os entrelaçaram;

aproximaram seus corpos um do outro, sentindo-se, até que uma salva de fogos pôs fim ao espetáculo e as pessoas explodiram em aclamações e aplausos.

Depois, os convidados começaram a deixar a quinta. Então ele não teve a menor dúvida: em meio ao bulício das despedidas, Isabel fitou os olhos de Hernando quando este a perseguiu com os dele.

48

Que aconteceu em Juviles?

O notário do cabido se apressou a formular essa pergunta após as apresentações formais, disposto a transcrever quanto antes a resposta de Hernando. Estavam numa peça de dimensões reduzidas, perto do arquivo da catedral.

Na manhã seguinte à festa, bem cedo, enquanto a casa ainda dormia – à exceção do ouvidor, a quem nada nem ninguém fazia faltar a suas obrigações –, Hernando havia tido que atender à chamada do deão. Montou em Voador e, acompanhado de um criado, atravessou o Albaicín até a rua de San Juan. Passou junto à ermida de São Gregório e dali se dirigiu para a rua da Cárcel, que limitava com a catedral, que, naqueles dias, como a de Córdova, se achava em construção: já haviam terminado as obras da capela-mor, e trabalhava-se agora nas torres; mas, diferentemente do que sucedia com a cordovesa, o templo granadino não estava sendo erguido sobre a antiga mesquita-mor, mas a seu lado. A grande mesquita granadina, com seu minarete, havia sido transformada em sacristia, e nela havia, além disso, diversas capelas e serviços. Atravessou o lugar de oração dos muçulmanos granadinos de outrora, de teto baixo, com a atenção voltada para as colunas de pedra branca terminadas em arcos que suportavam a cobertura de madeira e que dividiam as cinco naves da mesquita. Dali, um sacerdote o acompanhou até a escrivaninha do notário.

Que dizer de Juviles?, perguntou-se enquanto o homem, pena na mão, esperava sua resposta. Que sua mãe esfaqueara até a morte o sacerdote da paróquia?

– É difícil e verdadeiramente doloroso para mim – disse, tentando eludir a questão – falar-vos de Juviles e do horror que me vi obrigado a presenciar naquele lugar. Minhas recordações são confusas. – O

notário ergueu a cabeça e franziu o cenho. – Talvez... talvez fosse mais prático que me permitais pensar nisso, aclarar minhas ideias, e que eu mesmo as ponha por escrito e vo-las faça chegar.

– Sabeis escrever? – surpreendeu-se o notário.

– Sei. Precisamente, me ensinou a escrever o sacristão de Juviles, Andrés.

Que teria sido de Andrés?, pensou então. Nunca mais soubera nada dele desde a chegada a Córdova...

– Lamento dizer-vos que ele faleceu recentemente – afirmou o notário como se tivesse adivinhado seus pensamentos. – Chegou-nos ao conhecimento que se instalou em Córdova, e o procuramos para que testemunhasse, mas...

Hernando respirou fundo, embora imediatamente se tenha mexido inquieto na dura e desconjuntada cadeira de madeira em que permanecia sentado diante da escrivaninha. Por que não terminar com aquela encenação? Ele era muçulmano! Acreditava num Único Deus e na missão profética de Muhammad. Ao mesmo tempo que se perguntava isso, o notário fechou o livro que descansava sobre a mesa.

– Tenho muitos afazeres – disse. – Vós me pouparíeis um tempo precioso se vós mesmo o relatásseis por escrito.

Com esforço, acrescentou para si Hernando quando o homem se levantou e lhe deu a mão.

O sol brilhava com força e Granada fervia de atividade. Hernando acabara de montar em Voador e pensou em mandar embora o criado e perder-se na cidade; passear pela aduana próxima ou procurar um *mesón* onde meditar acerca de tudo o que lhe estava ocorrendo. Na noite anterior, quando a quinta já havia ficado livre de convidados, orou com a mente voltada para Isabel, excitado, sentindo o calor de seu corpo e o roçar de seus dedos. Por que havia procurado sua mão? Voador pateou inquieto diante da indecisão de seu cavaleiro. O criado esperava suas ordens com certa displicência. E agora Juviles. De repente, Hernando puxou as rédeas do animal bruscamente. Recordou-se dos cristãos do povoado, nus e com as mãos amarradas às

costas, em fila, esperando a morte num campo, enquanto os mouriscos, entre os quais sua mãe, matavam o padre e o beneficiado. Muitos desses homens sobreviveram graças à clemência do Zaguer, que deteve a matança contrariando as ordens de Farrax. Que teriam contado todos eles? A ninguém podia ter passado despercebida a crueldade de Aisha nem seu uivo para o céu clamando por Alá, com a adaga ensanguentada nas mãos ao pôr fim à sua vingança. Tê-la-ia relacionado com ele? A mãe de Hernando assassinou o padre Martín! Provavelmente não, procurou tranquilizar-se. No máximo, teriam vinculado Aisha a Brahim, o arrieiro do povoado, não a um menino de catorze anos, mas mesmo assim sempre havia a possibilidade...

– Voltemos para a quinta – ordenou ao criado, adiantando-se sem esperá-lo.

Hernando encontrou D. Sancho desjejuando sozinho.

– Bom-dia – cumprimentou-o.

– Vejo que madrugou – respondeu o fidalgo. Hernando se sentou à mesa e lhe explicou o pedido do deão e sua pronta e rápida atuação dessa manhã. D. Sancho escutou sua história entre um bocado e outro. – Pois eu também tenho uma incumbência para você. Ontem jantei junto de D. Pedro de Granada Venegas – anunciou. Hernando franziu o cenho. Que mais quereriam agora os cristãos? – Periodicamente – continuou D. Sancho –, os Granada Venegas realizam uma reunião em sua casa dos Tiros, à qual D. Pedro teve por bem convidar-nos.

– Tenho muito que fazer – desculpou-se. – Ide vós.

– Convidaram a nós dois... Bem, na verdade creio que o interesse de D. Pedro é exclusivamente conhecer você – reconheceu. Hernando suspirou. – São pessoas importantes – insistiu o fidalgo. – D. Pedro é senhor de Campotéjar e governante do Generalite. As circunstâncias dele poderiam ser comparadas às suas: muçulmanos de origem que abraçaram o cristianismo; talvez por isso deseje conhecê-lo. O avô dele, descendente de príncipes mouros, prestou grandes serviços na conquista de Granada, e depois o fez ao imperador. O pai, D. Alonso,

colaborou com o rei Felipe II na guerra das Alpujarras, a ponto de quase chegar a arruinar-se, tendo-lhe de destinar o rei uma modesta pensão de quatrocentos ducados para compensar suas perdas. Vão pessoas muito interessantes a essas reuniões. Você não pode desdenhar assim um nobre granadino aparentado com as grandes casas espanholas; meu primo D. Alfonso se sentiria contrariado se ficasse sabendo.

– Vejo que tendes muito interesse para que me pressioneis com o possível mal-estar do duque – disse Hernando. – Depois falamos disso, D. Sancho. – Safou-se da conversa com o fidalgo levantando-se da mesa.

– Mas...

– Depois, D. Sancho, depois – insistiu já de pé.

Hesitava em ir para os jardins e optou por refugiar-se em seu quarto. Isabel, Juviles, o cabido da catedral e agora esse convite para ir à casa de um nobre muçulmano renegado que havia colaborado com os cristãos na guerra das Alpujarras. Tudo parecia ter enlouquecido! Precisava esquecer, sossegar, e para isso nada melhor que trancar-se para orar durante o que restava da manhã. Passou diante do quarto de Isabel no momento em que sua camareira deixava a peça após ajudá-la a vestir-se. A moça o cumprimentou, e Hernando virou a cabeça para responder. Através da porta entreaberta viu Isabel alisando a parte de baixo de seu vestido preto. Com a mão na maçaneta, a camareira levou mais um instante para fechar a porta, o suficiente para que Isabel, arqueada no centro do cômodo, com o sol entrando em cheio pelas grandes vidraças que davam para a varanda, fitasse os olhos nele.

– Bom-dia – balbuciou Hernando sem se dirigir a nenhuma das duas mulheres particularmente, assaltado por uma repentina onda de calor.

A camareira curvou os lábios num discreto sorriso e inclinou a cabeça; Isabel não teve possibilidade de responder antes que a porta se fechasse. Hernando prosseguiu até seu quarto com a recordação do calor do corpo de Isabel colado a ele, respirando com agitação. Perturbado, percorreu a peça com o olhar: a magnífica cama com

dossel já feita; o baú de marchetaria; as tapeçarias com motivos bíblicos penduradas nas paredes; a mesa com a bacia para lavar-se e as toalhas de linho cuidadosamente dobradas junto dela; a porta que se abria para a mesma varanda que dos quartos do ouvidor e de sua esposa, com vista para a Alhambra.

A Alhambra! "Infeliz o que isso perdeu." Com a vista cravada no alcácer, recordou a frase que, segundo diziam, o imperador Carlos havia exclamado. Alguém explicou ao monarca as palavras com que Aisha, a mãe de Boabdil, último rei muçulmano de Granada, censurou a este seus choros por ter de deixar a cidade nas mãos dos Reis Católicos: "Você faz bem em chorar como mulher o que não teve coragem de defender como homem."

"Razão teve a mãe do rei em dizer o que disse", contavam que redarguiu o imperador, "porque, se eu fosse ele, preferiria tomar esta Alhambra por sepultura a viver sem reino nas Alpujarras."

Enlevado com a silhueta vermelha do palácio, sobressaltou-se diante da figura de Isabel, que de seu quarto fora até a baixa balaustrada de pedra trabalhada que fechava a varanda do segundo andar da quinta, na qual se apoiou com sensualidade para contemplar o grande alcácer nazari. Do interior de seu quarto, Hernando contemplou o cabelo cor de palha de Isabel preso numa rede; reparou no esbelto pescoço da mulher e se perdeu na sensualidade de seu corpo.

Hernando deu alguns passos até chegar à varanda; Isabel girou o rosto para ele ao ouvir o barulho; seus olhos faiscavam.

– É difícil escolher entre duas belezas – disse-lhe Hernando, apontando para ela e depois para a Alhambra.

A mulher se empertigou, se virou e se dirigiu para ele com o olhar trêmulo até que suas respirações se confundiram. Então procurou o contato de dedos dele, roçando-os.

– Mas só podes possuir uma delas – sussurrou.

– Isabel – sussurrou Hernando.

– Durante mil noites sonhei com o dia em que cavalguei com você. – A mulher levou a mão do mourisco a seu estômago. – Mil noites

estremeci tal como fizera então, quando menina, ao contato de sua mão.

Isabel o beijou. Um longo, doce e quente beijo que Hernando recebeu de olhos fechados. Isabel separou seus lábios, e Hernando puxou-a para o interior do quarto. Depois verificou se a porta estava trancada e foi fechar a que dava para a varanda.

Voltaram a beijar-se no centro do quarto. Hernando deslizou as mãos pelas costas dela, lutando com a saia bufante que o impedia de se aproximar de seu corpo. Isabel, apesar da paixão de seus beijos e de sua respiração entrecortada, mantinha as mãos paradas, apoiadas na cintura dele, sem fazer pressão. Hernando tateou as pontas com que se fechava a parte superior do vestido e lutou desajeitadamente com elas.

Isabel se separou e lhe ofereceu as costas para que pudesse abrir o vestido.

Enquanto Hernando pelejava com os colchetes com dedos trêmulos, Isabel abriu as mangas, independentes do vestido, e se desfez delas. Depois de conseguir abrir a parte superior da roupa, que caiu para a frente libertando seus seios da pressão do papelão, o mourisco se ocupou das pontas que cingiam a saia à cintura, até conseguir que Isabel se desfizesse das incômodas peças. Terminou de tirar-lhe a parte superior da roupa, ao mesmo tempo que buscava seus seios com as mãos, por cima da peça de baixo, e lhe beijava o pescoço. Isabel fez menção de separar-se dele, mas Hernando se colou a suas costas. Suspirou em seu ouvido e deslizou a mão até as coxas; as extremidades da longa peça de baixo se dobravam por baixo do púbis e das nádegas, cobrindo as partes íntimas. Desfez os nós desajeitadamente.

– Não... – opôs-se Isabel ao sentir os dedos de Hernando na umidade de sua entreperna. O mourisco deteve suas carícias, e Isabel se safou de seu abraço e se virou, acalorada e convulsa, com as faces enrubescidas. – Não – sussurrou de novo.

Teria ido demasiado rápido?, perguntou-se Hernando.

Ela estendeu as mãos para o peito dele e, para sua surpresa, em vez de abrir-lhe o gibão, o beijou e se dirigiu para a cama, onde se deitou

vestida com a peça de baixo e com as pernas encolhidas e ligeiramente entreabertas.

Hernando ficou imóvel ao pé da cama, vendo os seios da mulher subir e descer ao acelerado ritmo de sua respiração.

– Possua-me – pediu-lhe, ao mesmo tempo que abria ligeiramente as pernas.

Possua-me? Isso era tudo? Permanecia vestida com a peça de baixo!

Nem sequer havia conseguido vê-la nua, brincar, acariciá-la para dar-lhe prazer, conhecer seu corpo. Aproximou-se da cama e se recostou junto a suas pernas. Tentou levantar a peça de baixo para descobrir o triângulo de pelo escuro que se adivinhava sob ela, mas Isabel se sentou e lhe segurou a mão.

– Possua-me – repetiu após voltar a beijá-lo, agitada.

Hernando se pôs de pé e começou a despir-se. Se ela era incapaz... ele não seria. Continuou até ficar completamente nu junto à cama, com o membro ereto, mas Isabel apoiou a face na cama, com o olhar perdido, e suspirou abrindo ainda um pouco mais as pernas. A peça de baixo deslizou até o início das coxas.

Hernando a observou. Ela o desejava, isso era evidente: suspirava e se mexia inquieta na cama esperando que ele a possuísse, mas... só conhecia aquela posição! Pecado! Era pecado desfrutar do amor. Como um clarão lhe apareceu a imagem de Fátima, nua, com tintura de alfena e coberta de óleo, enfeitada, buscando a posição que desse mais prazer para os dois, contorcendo-se entre suas pernas, dirigindo-lhe as carícias sem vergonha. Fátima! Um gemido de Isabel o devolveu à realidade. Cristãos!, murmurou para si antes de cair sobre ela com a peça de baixo entre seus corpos.

Isabel tampouco se libertou de seus preconceitos enquanto Hernando se mexia ritmicamente, devagar, firmemente copulado, empurrando o membro com suavidade. Ela o mantinha agarrado pelas costas, o rosto ainda apoiado na cama, como se não se atrevesse a olhá-lo, mas Hernando não lhe sentiu as unhas cravar-se em sua pele.

– Desfrute – sussurrou a seu ouvido.

Isabel mordeu os lábios e fechou os olhos. Hernando continuou, várias vezes, tentando entender o sentido dos desvanecidos gemidos da mulher.

– Libere-se! – insistiu enquanto a luz que entrava no quarto envolvia seus corpos.

Mexa, pediu-lhe. Sinta-me. Sinta-se. Sinta seu corpo. Desfrute, meu amor. Goze, por Deus! Hernando chegou ao êxtase sem deixar de pedir-lhe que se entregasse ao prazer e ficou em cima dela, arquejante. Procuraria Isabel um segundo momento?, perguntou-se. Iria querer...? A resposta lhe chegou em forma de um incômodo movimento que a mulher fez debaixo de seu corpo, como se pretendesse indicar-lhe que queria escapar dele. Hernando a livrou de seu peso apoiando-se nas próprias mãos e procurou seus lábios, que o receberam sem paixão. Então se levantou e, após ele, o fez a mulher, escondendo o olhar.

– Você não deve se envergonhar – tentou tranquilizá-la segurando-lhe o queixo, mas ela resistiu a levantar o rosto e, descalça, vestida apenas com a peça de baixo, se apressou a fugir para a varanda para voltar para seu quarto.

Hernando estalou a língua e se baixou para recolher suas roupas, amontoadas ao pé da cama. Isabel o desejava, quanto a isso não havia a menor dúvida, pensou enquanto começava a se vestir, mas o sentimento de culpa e de pecado e a vergonha a haviam dominado. "A mulher é um fruto que só oferece sua fragrância quando esfregado com a mão", recordou que lhe havia explicado Fátima com voz doce, remetendo-se aos ensinamentos dos livros sobre o amor. "Como a alfavaca; como o âmbar, que retém seu aroma enquanto não esquenta. Se você não excita a mulher com carícias e beijos, sorvendo seus lábios e bebendo de sua boca, mordendo o interior de suas coxas e apertando seus seios, não conseguirá o que deseja ao compartilhar sua cama: o prazer. Mas tampouco ela guardará nenhum afeto por você se não chegar ao êxtase, se, chegado o momento, sua vagina não sugar seu pênis." Quão longe estavam as piedosas cristãs de tais ensinamentos!

Nessa mesma noite, do outro lado do estreito que separava a Espanha da Berbéria, estendida na penumbra de seu quarto no luxuoso palácio da medina de Tetuão que Brahim havia construído para ela, Fátima era incapaz de pegar no sono. Sentia a seu lado a respiração do homem que ela mais odiava no mundo, sentia o contato de sua pele, e não podia evitar um calafrio de repugnância. Como em todas as noites, Brahim havia saciado seu desejo; como em todas as noites, Fátima se havia encolhido a seu lado para que ele pudesse introduzir o coto do braço direito entre seus seios e assim mitigar as dores que ainda lhe provocava o ferimento; como em todas as noites, os lamentos dos cristãos presos nos cárceres subterrâneos da medina ecoavam as mil perguntas sem resposta que povoavam a mente de Fátima. Que teria sido de Ibn Hamid? Por que não tinha ido atrás dela? Continuaria vivo?

Durante os três anos em que estava em poder de Brahim, nunca havia deixado de esperar que o homem a quem amava fosse em sua ajuda. Mas, à medida que o tempo passava, compreendeu que Aisha havia atendido à sua muda súplica. Que teria dito a seu filho para que ele não fosse atrás dela? Só podia ser uma coisa: que eles haviam morrido. Se não fosse isso... em qualquer outro caso, Ibn Hamid os teria procurado e teria lutado por eles. Tinha certeza! No entanto, ainda que Aisha lhe tivesse assegurado que tinham morrido, por que Ibn Hamid não havia buscado vingar-se de Brahim? Na quietude da noite, escutou de novo os gritos dos homens do marquês de Casabermeja durante seu sequestro: "Em nome de Ubaid, *monfí* mourisco, fechem as portas e as janelas se não quiserem ser prejudicados!" Todos em Córdova deviam pensar que havia sido Ubaid quem os havia matado, e se Aisha se calava... Ibn Hamid nada saberia do que acontecera. Tinha de ser isso! Caso contrário, teria movido céus e terra para vingá-los. Não tinha a menor dúvida... Vingança! O mesmo sentimento que, com o transcurso dos meses, quando se convenceu por fim de que ele não iria procurá-la, Fátima havia conseguido aplacar em Brahim.

– Não passa de um covarde – repetia Brahim referindo-se a Hernando. – Se ele não vier a Tetuão para recuperar sua família, mandarei um grupo para matá-lo.

Fátima evitou dizer-lhe que não acreditava que chegasse a ir atrás dela, que ela mesma havia suplicado a Aisha com o olhar que não lhe dissesse nada do acontecido.

– Se não insistir em sua intenção de matá-lo, você me terá – propôs-lhe uma noite depois de ele a ter penetrado como um animal. – Desfrutará de mim como se eu fosse verdadeiramente sua esposa. Eu me entregarei a você. Do contrário, eu vou me suicidar.

– E seus filhos? – ameaçou-a.

– Ficarão nas mãos de Deus – sussurrou ela.

O corsário pensou por alguns instantes.

– Está bem – consentiu.

– Jure por Alá – exigiu Fátima.

– Juro pelo Todo-Poderoso – afirmou ele, sem parar para pensar no compromisso.

– Brahim – Fátima franziu o cenho e falou com voz firme –, não tente me enganar. Seu mero sorriso, seu mero estado de espírito me indicarão se você cumpriu ou não a sua palavra.

A partir desse dia, Fátima tinha cumprido a sua parte no trato e noite após noite levava Brahim ao êxtase. Deu-lhe duas filhas, e o corsário não voltou a visitar a outra esposa, que ficou relegada numa ala afastada do palácio. Shamir e Francisco, rebatizado como Abdul, os dois circuncidados assim que chegaram a Tetuão, se preparavam para zarpar algum dia sob as ordens de Nasi, que cada vez assumia mais responsabilidades no negócio do corso, como se fosse o verdadeiro herdeiro de Brahim, enquanto este se dedicava a engordar, obcecado com a contagem e recontagem dos ganhos obtidos com o saque e com seus múltiplos negócios. Não custou demasiado esforço a Nasi, o menino miserável que o corsário havia encontrado em sua chegada a Tetuão, ocupar o lugar que teria correspondido ao filho do corsário: Shamir se negava a reconhecer em Brahim o pai que nunca tivera. A

princípio, assustado, sentindo dia e noite saudade da mãe que havia ficado para trás, lhe negou o carinho e se refugiou em Fátima e Francisco. Aisha lhe havia dito que seu pai havia morrido nas Alpujarras! Brahim se sentiu desprezado e respondeu com sua costumeira brutalidade. Arrancava o menino das mãos de Fátima e batia nele e o insultava quando este tentava safar-se de seus braços. Francisco, também maltratado, se transformou em seu inseparável companheiro de desgraça. Nasi estava aproveitando-se da situação e aproximava-se do corsário, mostrando-lhe sua fidelidade e lealdade, recordando-lhe sutilmente tudo quanto haviam sofrido até aquele momento. Por seu lado, a pequena Inés, agora Maryam, teve a sorte que Brahim havia anunciado na estalagem do Montón de la Tierra e foi destinada ao serviço de sua outra esposa, até que Fátima deu à luz sua primeira filha. Então, após uma noite de paixão, ela conseguiu convencê-lo. Quem melhor que Maryam, sua meia-irmã, para cuidar de Nushaima, a menina que acabara de nascer?

A ronqueira de Brahim, misturada com os lamentos que chegavam do subsolo, interrompeu suas recordações. Fátima conteve a necessidade de se mexer, de se levantar da cama, de afastar o coto de Brahim de seu corpo. Estava presa... prisioneira naquele cárcere dourado.

Havia se convencido de que não era senão outra escrava das muitas que serviam e atendiam no luxuoso palácio que, ao estilo *andalusí*, como uma grande casa-pátio, construíra Brahim na medina, perto dos banhos públicos, da alcáçova e da mesquita de Sidi al-Mandari, erguida pelo refundador da cidade, um exilado granadino. Ela jamais havia convivido com escravos. Homens e mulheres que obedeciam, sempre prontos para satisfazer até o menor dos desejos de seus senhores. Observou que seus rostos eram inexpressivos, como se lhes tivessem roubado a alma e os sentimentos; reparou neles e se viu refletida em seus semblantes: obediência e submissão.

O novo palácio que o grande corsário mandara construir fora erguido na rua al-Metamar, sobre as imensas e intrincadas cavernas

calcárias subterrâneas do monte Dersa, em que se assentava Tetuão. As cavernas eram utilizadas como masmorras em que eram encerrados milhares de cativos cristãos. Durante o dia, quando ia às compras acompanhada dos escravos e se dirigia para alguma das três portas da cidade, onde se punham os agricultores que levavam seus produtos dos campos extramuros, Fátima via os cativos esforçar-se sob o látego, descalços, acorrentados nos tornozelos e vestidos com um simples "saco" de lã. Cerca de quatro mil cristãos permanentemente a serviço das necessidades da cidade.

Cercada de escravos e cativos, todos submetidos, pouco demorou para compreender que tampouco encontraria consolo em seus passeios pela cidade. Tetuão havia seguido o modelo dos povoados de al-Andalus, mas evitando a menor influência cristã. Suas casas se erguiam como a mais clara demonstração da inviolabilidade do lar familiar, e ficavam fechadas para as ruas em que se situavam, sem janelas, nem sacadas, nem abertura alguma. O sistema hereditário imperante levava a que as construções se distribuíssem até desenhar um traçado caótico: as ruas não eram senão a projeção exterior da propriedade privada, razão por que seu espaço era anarquicamente ocupado por lojas e todos os tipos de atividades e edificações. Algumas construções como que sobrevoavam as ruas por meio de "alpendres"; outras as cortavam ou interrompiam com caprichosos e inoportunos salientes numa exibição de acordos entre vizinhos, geralmente familiares, sem que as autoridades interviessem de modo algum.

Fátima era uma mera escrava em seu luxuoso palácio, mas fora dele tampouco existia lugar algum no bastião corsário que pudesse ajudá-la a evadir-se de sua fatal condição, nem sequer espiritualmente, nem sequer por alguns instantes. Deus parecia ter-se esquecido dela. Apenas nas praças, ali onde confluíam três ou mais ruas, encontrava, se não sossego espiritual, ao menos um pouco de diversão nos artistas que cantavam ou recitavam lendas ao ritmo do alaúde ou que vendiam às pessoas papeizinhos com estranhas letras escritas prometendo curar todos os males. Também se distraía com os encantadores de serpentes,

que as levavam ao redor do pescoço e nas mãos ao mesmo tempo que faziam ridículos macacos dançar em troca das moedas que mendigavam do público. Algumas vezes lhes deu uma moeda. Mas de noite, quando sentia o coto de Brahim entre seus seios, escutava com terrível nitidez os choros e lamentos dos milhares de cristãos que dormiam debaixo do palácio e que passavam para o exterior pelos buracos que serviam de ventilação das masmorras, o cárcere que ocupava grande parte do subsolo da medina. “Um dia serei livre”, pensava então. “Um dia voltaremos a viver juntos, Ibn Hamid.”

49

Por fim, Hernando cedeu à insistência de D. Sancho e foi à casa dos Tiros, onde os Granada Venegas realizavam suas reuniões. Ao entardecer de um dia de junho, ambos montaram a cavalo e desceram do Albaicín para o Realejo, o antigo bairro judeu de que se haviam apoderado os Reis Católicos após a tomada de Granada e a expulsão dos judeus, e que se estendia na margem esquerda do rio Darro, sob a Alhambra. A casa dos Tiros ficava diante do convento dos franciscanos e de sua igreja, junto a uma série de palácios e casas nobres construídos nos terrenos da judiaria derrubada.

Ao longo do trajeto, Hernando não fez caso da conversa do satisfeito fidalgo. Nos dias anteriores, ele havia tentado cumprir sua promessa ao notário do cabido da catedral e escrever um informe acerca dos acontecimentos de Juviles durante a sublevação, mas não só não encontrou as palavras adequadas para desculpar as monstruosas ações de seus irmãos, mas, quando tentava concentrar-se, seus pensamentos voavam para Isabel e se confundiam com as lembranças do dia em que sua mãe esfaqueara o padre Martín.

– Não gosto de vê-los morrer – recordava-se de ter dito a Hamid diante da fileira de cristãos nus e amarrados que se dirigiam para o campo. – Por que é preciso matá-los?

– Eu também não gosto – respondera-lhe o alfaqui –, mas temos de fazê-lo. A nós eles obrigaram a tornar-nos cristãos sob pena de desterro, outra forma de morrer, longe da própria terra e da família. Eles não quiseram reconhecer o único Deus; não aproveitaram a oportunidade que lhes era dada. Escolheram morrer.

Como iria transcrever as palavras de Hamid num informe para o arcebispado? E, quanto a Isabel, esta parecia ter superado a vergonha com que deixara o quarto após seu único encontro, e se movia pela

quinta com fingida desenvoltura. Não obstante, assaltava-o a dúvida ao topar com o olhar dela: umas vezes ela o fitava um instante a mais, em outras escondia o olhar rapidamente. Quem nunca escondia o seu era a jovem camareira de Isabel, que até se permitiu sorrir para ele com certo ar de malícia; devia ter sido ela que recolhera as roupas de sua senhora.

Na mesma manhã em que devia ir à reunião, voltou a encontrar-se com Isabel na varanda e o desejo mútuo aflorou no incômodo silêncio que se produziu entre os dois. Mas Hernando, apesar da paixão que sentia, não quis repetir uma experiência que não havia conseguido senão satisfazer seu lado mais instintivo, sem alcançar o prazer que esperava.

– Você tem de aprender a desfrutar de seu corpo – sussurrou-lhe, notando que ela estremecia ao ouvir essas palavras.

Isabel enrubesceu, mas se calou e se deixou levar pela segunda vez para o quarto de Hernando.

Ele quis dizer-lhe que se podia encontrar a Deus através do prazer, mas se limitou a proporcioná-lo tentando não assustá-la no momento em que ela ficava tensa e continha os ofegos de satisfação. Isabel deixou que ele acariciasse seus seios, sem chegar a descobri-los, de costas para ele, erguida, mordendo o lábio inferior a cada toque nos eretos mamilos, mas fugiu como o diabo da cruz, tornando a deixar suas roupas, quando Hernando deslizou a mão até sua entreperna.

– Chegamos – sobressaltou-o o fidalgo, interrompendo seus pensamentos.

Hernando se viu diante de um torreão quadrado coroado por ameias, em cuja fachada havia duas sacadas e na qual em diversos níveis havia cinco esculturas de corpo inteiro de personagens da Antiguidade. Atrás do torreão que dava para a rua, estendia-se uma construção nobre, com numerosas salas distribuídas em vários andares ao redor de um pátio com seis colunas de capitéis nazaris e um jardim na extremidade oposta. Após deixarem seus cavalos nas mãos dos criados e entrarem no palácio, foram conduzidos por um porteiro

através de uma estreita escada que levava ao segundo andar, onde havia um grande salão.

– Este salão é conhecido como "Salão Dourado" – sussurrou D. Sancho enquanto o criado abria portas em cujas folhas se mostravam bustos laureados.

Assim que entraram na peça, Hernando entendeu o porquê do nome: a sala estava inundada de reflexos dourados provenientes do magnífico artesoado do teto, em verde e ouro, onde havia figuras masculinas entalhadas.

– Sejam bem-vindos. – D. Pedro de Granada se separou de um grupo de homens com que conversava e estendeu a mão para Hernando. – Apresentaram-nos na festa que o ouvidor D. Ponce ofereceu em vossa homenagem, mas não pudemos trocar mais que um breve cumprimento. Sede bem-vindo à minha casa.

Hernando apertou a mão do nobre, que a manteve apertando mais tempo que o necessário. Aproveitou para reparar nele – magro, de testa larga e com entradas, barba preta bem cuidada e expressão inteligente –, e se esforçou para não externar os preconceitos com que ia à reunião: D. Pedro e seus antecessores haviam renunciado à verdadeira religião e colaborado com os cristãos.

Depois de cumprimentar o fidalgo, o senhor de Campotéjar apresentou-os às demais pessoas que se achavam no Salão Dourado: Luis Barahona de Soto, médico e poeta; Joan de Faría, advogado e relator do Tribunal; Gonzalo Mateo de Berrío, poeta, e outras pessoas mais. Hernando se sentia incômodo. Por que teria cedido à insistência de D. Sancho? De que podia falar ele com todos aqueles desconhecidos? Em um dos cantos do salão se achavam dois homens que conversavam com taças de vinho na mão. D. Pedro os levou até eles.

– D. Miguel de Luna, médico e tradutor – apresentou o primeiro.

Hernando o cumprimentou.

– D. Alonso del Castillo – disse seu anfitrião referindo-se ao outro homem, elegantemente vestido –, também médico, e também tradutor

oficial do árabe a serviço da Inquisição de Granada, e agora do rei Felipe II.

D. Alonso lhe ofereceu a mão com o olhar cravado em seus olhos. Hernando suportou o oferecimento e a apertou.

– Eu desejava conhecer-vos. – Hernando teve um sobressalto. O tradutor lhe falava em árabe ao mesmo tempo que aumentava sensivelmente a pressão sobre sua mão. – Ouvi muita coisa sobre vossas façanhas nas Alpujarras.

– Não se deve dar-lhes maior importância – respondeu Hernando em castelhano. Outra vez a libertação de cristãos! – D. Sancho, de Córdova – continuou, fazendo um gesto para o fidalgo e livrando-se da mão do tradutor.

– Primo de D. Alfonso de Córdoba, duque de Monterreal – jactou-se D. Sancho tal como vinha fazendo com quantos cumprimentava.

– D. Sancho – disse Pedro de Granada –, creio que ainda não vos apresentei ao marquês. – O fidalgo se empertigou diante da mera menção ao título. – Vinde comigo.

Hernando fez menção de seguir os dois homens, mas Castillo o segurou pelo braço e o reteve. Miguel de Luna o rodeou também, e os três ficaram em grupo num canto do Salão Dourado.

– Ouvi também – disse o tradutor, desta vez em castelhano – que colaborais com o episcopado na investigação do martirológio das Alpujarras.

– Assim é.

– E que trabalháveis nas cavalariças reais de Córdova – acrescentou agora Miguel de Luna.

Hernando franziu o cenho.

– Também é verdade – admitiu com certa rispidez.

– Em Córdova – acrescentou o primeiro sem dar importância à atitude de Hernando, mantendo-o ainda seguro pelo braço – auxiliastes na catedral, como tradutor...

– Senhores – interrompeu-o Hernando ao mesmo tempo que se soltava –, porventura me convidaram para submeter-me a um

interrogatório?

Nenhum dos dois homens se alterou.

– Na catedral de Córdova, na biblioteca – continuou falando D. Alonso, ao mesmo tempo que voltava a segurar suavemente Hernando, como se não quisesse dar-lhe a oportunidade de escapar –, trabalhava um sacerdote... D. Julián.

Hernando franziu o cenho e se safou mais uma vez do contato do tradutor. Os três ficaram em silêncio por alguns instantes, examinando-se, até que Miguel de Luna tomou a palavra.

– Sabemos de D. Julián, o bibliotecário do cabido da catedral de Córdova.

Hernando hesitou e se mexeu inquieto. No restante do salão, as pessoas conversavam animadamente em grupo, alguns de pé, outros sentados em luxuosas poltronas ao redor de mesas baixas de marchetaria repletas de vinho e doces.

– Vede – interveio Castillo –, Miguel e eu, assim como D. Pedro de Granada, descendemos de muçulmanos. Depois da guerra das Alpujarras, na qual trabalhei como tradutor, primeiro para o marquês de Mondéjar e depois para o príncipe D. João de Áustria, fui chamado pelo rei Felipe para ocupar-me dos livros e manuscritos árabes da biblioteca do mosteiro do Escorial: tinha de traduzi-los, catalogá-los... Outra das funções de que me incumbiu o rei foi procurar e adquirir novos livros em árabe. Achei alguns nas terras de Córdova, dois exemplares do Corão que não se mostraram interessantes para a biblioteca real e algumas cópias de *jofores* e de calendários lunares.

O tradutor parou o discurso. Hernando já não pelejava para livrar-se de sua mão, e Castillo lhe permitiu pensar. Que pretendiam aqueles dois renegados? Todos colaboravam com os cristãos! Foram seus pais quem entregara Granada aos Reis Católicos, e não os perturbava reconhecer que eles mesmos haviam estado no lado cristão na guerra das Alpujarras. Eram nobres, eruditos, médicos ou poetas entregues à evangelização, tal como D. Pedro de Granada. Castillo trabalhava para

a Inquisição! E se aquele convite não fosse mais que um ardil para desmascará-lo?

– Por fim não os comprei. – A repentina afirmação do tradutor pôs Hernando em guarda. – Tinham sido escritos em papel grosseiro e atual e eram entrelinhados em aljamiado, como se...

– Por que me contais tudo isso? – interrompeu-o Hernando.

– Que é que lhe contais a meu convidado?

Hernando se virou e se viu face a face com D. Pedro de Granada.

– Estávamos falando a ele sobre o trabalho de Alonso na biblioteca do rei – explicou Luna –, e dizíamos que conhecíamos D. Julián, o bibliotecário da catedral de Córdova.

– Bom homem – afirmou o nobre. – Uma pessoa devotada à defesa da religião...

O senhor de Campotéjar deixou pairar no ar suas últimas palavras. Hernando sentiu que se voltava para ele a atenção dos três. Que queria dizer? D. Julián, o bibliotecário, era um muçulmano disfarçado com o hábito de sacerdote.

– Sim – mentiu. – Era um bom cristão.

D. Pedro, Luna e Castillo trocaram olhares. O nobre anuiu com a cabeça para Castillo, como se o autorizasse. O tradutor verificou que ninguém podia ouvi-los antes de falar.

– D. Julián me contou que éreis vós quem copiava os exemplares do Corão – alfinetou-o então seriamente –, para distribuí-los por Córdova...

– Eu não... – começou a negar Hernando.

– Ele me contou também – acrescentou, ao mesmo tempo que aumentava a pressão sobre seu braço – que gozáveis da confiança do conselho de anciãos, de Karim, Jalil e... como se chamava? Sim: Hamid, o alfaqui de Juviles.

Hernando estava cercado pelos três homens, sem saber o que fazer, o que dizer ou para onde olhar.

– Hamid – disse então D. Pedro – era descendente da dinastia nazari. Tínhamos certo parentesco. Sua família escolheu outro

caminho: o desterro das Alpujarras junto com Boabdil, mas tampouco quiseram fugir para a Berbéria quando o Rei Menino o fez.

Hernando puxou o braço para livrar-se definitivamente de Castillo.

– Senhores – começou a dizer fazendo menção de deixar o grupo –, não entendo o que pretendem, mas...

– Escutai – interrompeu-o bruscamente Castillo ao mesmo tempo que se afastava para dar-lhe passagem, como se já não quisesse obrigá-lo a permanecer com eles –, porventura acreditais que D. Julián, o bibliotecário, teria sido capaz de trair-vos e contar a simples renegados, como agora mesmo pensais que somos, tudo o que vos revelamos?

Hernando parou subitamente. D. Julián? Mil recordações vieram à sua mente num clarão. Jamais o teria feito! Antes teria deixado que o torturassem, como Karim. Nem a Inquisição conseguiu que o velho lhes desse o nome que queriam e que não era outro senão o seu: Hernando Ruiz, de Juviles! Os verdadeiros muçulmanos não denunciavam uns aos outros.

– Pensai – escutou que lhe dizia Luna.

– Sei muito mais coisas de vós – insistiu Castillo. – D. Julián vos tinha em alta estima e na maior consideração.

Por que o sacerdote tivera de contar-lhes tudo isso?, continuava perguntando-se Hernando. Mas, se o fez, isso só podia significar que aqueles três homens lutavam pela mesma causa que ele. No entanto, ainda lutava ele por algo? Até sua própria mãe acabara de repudiá-lo.

– Já não tenho nada que ver com tudo aquilo – afirmou com voz fraca. – A comunidade de Córdova me deu as costas ao saber da ajuda que eu prestara aos cristãos durante a guerra...

– Todos nós vivemos o mesmo problema – interrompeu-o D. Pedro de Granada. – Eu em primeiro lugar. Olhai – acrescentou apontando para um grande baú que estava atrás de Miguel de Luna, que se afastou para permitir-lhes a visão. – Vedes o escudo de armas? Esse é o escudo dos Granadas Venegas: essas mesmas armas estiveram do lado dos reis cristãos nas guerras contra nosso povo. Mas conseguis ver seu emblema?

– Lagaleblila – leu Hernando em voz alta. – Que quer dizer?...

Ele mesmo se interrompeu ao captar o significado: *Wa la galib illa Allah*. Não há vencedor senão Deus! O lema da dinastia nazari! O lema que repetia para si por toda a Alhambra em honra e glória do único Deus: Alá.

– A nós não interessam os conselhos de anciãos das comunidades mouriscas – aduziu então Castillo. – De uma forma ou de outra, todos apostam no confronto armado e não na conversão verdadeira; todos esperam a ajuda dos turcos, dos berberes ou dos franceses. Cremos que não é essa a solução. Ninguém virá em nossa ajuda, e se o fizessem, se alguém se decidisse a isso, os cristãos nos aniquilariam; nós, os mouriscos, seríamos os primeiros a morrer. Enquanto isso, e devido a atitudes assim, a convivência se degenera e vai ficando cada dia mais difícil. Os mouriscos valencianos e os aragoneses são turbulentos e, quanto aos granadinos... não são mais que um povo sem terra! Há seis meses foram expulsos de novo de Granada cerca de quatro mil e quinhentos mouriscos que haviam retornado às escondidas ao que fora seu lar. Já são muitas as vozes que se elevam exigindo a expulsão da Espanha de todos os mouriscos, ou a adoção de medidas muito mais cruéis e sanguinárias. Se continuarmos assim...

– E?... – interrompeu-o Hernando. – Tenho consciência de que não temos chance num confronto armado com os espanhóis e de que, salvo um milagre, ninguém vai vir em nossa ajuda, mas nesse caso só nos resta a conversão pretendida pelos cristãos.

– Não! – afirmou com contundência Castillo. – Existe outra possibilidade.

– Temos de voltar para Córdova!

D. Sancho irrompeu no escritório onde Hernando, pela enésima vez, tentava explicar os acontecimentos de Juviles durante a sublevação. Dias antes, depois de reler o escrito, os descartou e rasgou os papéis. Levantou os olhos de um papel que continuava em branco

desde que se havia sentado à escrivaninha, já fazia mais de uma hora, e viu o fidalgo caminhar para ele com o rosto desfigurado.

– Por quê? Que é que está acontecendo? – preocupou-se.

– Que é que está acontecendo? – gritou D. Sancho. – Diga-me você! Você está na boca dos criados da casa. Você maculou a honra de um ouvidor do Real Tribunal de Granada! Se D. Ponce soubesse... Como ousou fazer isso? O rumor poderia estender-se pela cidade. Não quero nem pensar! Um juiz! – D. Sancho revolveu o ralo cabelo branco que lhe cobria a cabeça. – Temos de ir embora daqui, voltar para Córdova agora mesmo.

– Que é que está se contando? – perguntou Hernando, fingindo desinteresse, num esforço para ganhar tempo.

– Você deveria saber melhor que ninguém: Isabel!

– Sentai-vos, D. Sancho. – O fidalgo deu um soco no ar e permaneceu de pé, andando para lá e para cá junto à mesa. – Eu vos vejo alterado e não consigo compreender o motivo. Isabel e eu não fizemos nada de errado – tentou convencê-lo. – Não manchei a honra de ninguém.

D. Sancho parou, se apoiou com os punhos na mesa e observou Hernando como faria um mestre a seu pupilo. Depois desviou o olhar para o jardim atrás do mourisco e pensou por alguns instantes: Isabel não se achava ali.

– Não é isso o que ela diz – mentiu então. Hernando empalideceu.

– Falastes... falastes com Isabel? – balbuciou.

– Falei, há um momento.

– E o que ela vos contou? – Sua voz traía a segurança em si mesmo que havia tentado fingir.

– Tudo – quase gritou D. Sancho. Respirou fundo e se obrigou a baixar a voz. – Seu rosto me contou tudo. Seu aturdimento é confissão suficiente. Quase desmaia!

– E como pretendeis que reaja uma piedosa cristã se a acusais de adultério? – defendeu-se Hernando.

D. Sancho deu um soco na mesa.

– Deixe de cinismo. Eu fiquei sabendo. Uma das criadas cristãs tentou convencer um escravo mourisco de que lhe proporcionasse o prazer que ao que parece você proporciona à sua senhora; quer ser possuída "à mourisca", como diz. – Hernando não conseguiu conter um quase imperceptível esgar de satisfação. Custara-lhe dias e encontros furtivos que Isabel começasse a ceder e se entregasse a seus carinhos. – Seu sátiro! – insultou-o o fidalgo ao perceber a complacência com que o mourisco se deleitava com suas últimas palavras. – Não só se aproveitou da inocência de uma mulher que provavelmente caiu nas suas garras por agradecimento, mas a perverteu obscena e impudicamente atentando contra todos os preceitos da Santa Igreja.

– D. Sancho... – tentou acalmá-lo Hernando.

– Não percebe? – voltou a interrompê-lo o fidalgo, agora falando lentamente. – O ouvidor o matará. Com as suas próprias mãos.

Hernando passou a mão no queixo: às suas costas os raios de sol atravessavam as portas que davam para o jardim.

– Em que está pensando? – insistiu D. Sancho.

Que não é o momento de deixar de fazê-lo, teria querido responder-lhe. Que estava conseguindo que os olhos de Isabel languescessem e que seus suspiros ficassem cada vez mais profundos enquanto a acariciava e mordiscava, sinal inequívoco de que seu corpo ansiava copular. Que em cada um de seus encontros Isabel conseguia se elevar mais um degrau acima da rotina, das culpas, dos preconceitos e dos ensinamentos cristãos, e que estava quase preparada para alcançar um êxtase que jamais havia chegado sequer a imaginar. E que, por meio do prazer daquele corpo, ele talvez voltasse a tocar o céu como fazia com Fátima. Hernando sentiu o membro ereto dentro das calças. Sua mente recriou Isabel nua, desejável, voluptuosa, solícita e atenta às pontas dos seus dedos e à sua língua, ávida por descobrir o mundo.

– Penso – redarguiu ao fidalgo – que agora não posso partir para Córdova. O episcopado espera meu informe, e vossos amigos da casa dos Tiros exigem minha presença. Vós sabeis.

– E você também deve saber – bramou D. Sancho – que a lei diz que, depois de D. Ponce acabar com a sua vida, tem obrigação de matar também a ela.

– Talvez não o faça com nenhum dos dois.

Fidalgo e mourisco olharam fixamente um para o outro por cima da escrivaninha.

– Escreverei a meu primo contando o que está acontecendo – ameaçou-o o outro.

– Ou seja, tratarei de pôr em dúvida a virtude de uma dama.

– Essa mulher vale tanto para que você arrisque a vida por ela? – disse D. Sancho antes de deixar a peça sem lhe dar oportunidade de responder.

"Que vale a minha vida?", perguntou-se Hernando após a violenta batida de porta com que o fidalgo se despediu. Não possuía mais que um bom cavalo com o qual não podia ir a nenhum lugar, já que não tinha aonde ir nem quem o esperasse, nem sequer sua própria mãe! O duque não lhe permitia trabalhar, mas o mandava viajar em benefício do mesmo rei que humilhara e expulsara de Granada seu povo. Havia aceitado trabalhar para o episcopado. "Continue com o martirológio", havia aconselhado Castillo numa das reuniões. "Devemos parecer mais cristãos que os cristãos", afirmou depois. A mesma recomendação que um dia lhe fizera Abbas! Que valia a vida de alguém que fingia ser sempre o que não era? Qual era seu objetivo? Deixar que sua existência transcorresse comodamente graças à generosidade do duque, tal como a de seus aduladores parentes?

D. Pedro de Granada, Castillo e Luna lhe haviam revelado seu novo plano assim que o conheceram melhor: convencer os cristãos da bondade dos muçulmanos que viviam na Espanha para que mudassem seu parecer sobre os mouriscos. Luna estava escrevendo um livro intitulado *A verdadeira história do rei Rodrigo*, no qual, partindo dos relatos de um imaginário manuscrito árabe da biblioteca do Escorial, mostrava a conquista de Espanha por parte dos muçulmanos vindos da Berbéria como uma libertação dos cristãos submetidos à tirania de seus

reis godos. Após a conquista, haviam transcorrido oito séculos de paz e convivência entre as duas religiões.

– Por que não pode se repetir essa convivência agora? – Havia sido o próprio Luna quem lançara a pergunta sem esperar resposta.

– Devemos lutar contra a imagem que os cristãos têm dos mouriscos – interveio D. Pedro. – Eles, seus escritores e sacerdotes, criam a ficção de que os mouriscos são extremamente fecundos porque as mouriscas se casam ainda meninas e têm muitos filhos. Não é verdade! Têm a mesma quantidade que os cristãos. Dizem que nossas mulheres são promíscuas e adúlteras. Que os homens mouriscos não podem entrar para o exército nem ficar a serviço da Igreja, razão por que a população de cristãos-novos aumenta desmedidamente e entesoura ouro, prata e todos os tipos de bens, arruinando o reino; falso! Que somos perversos e assassinos. Que às ocultas profanamos o nome de Deus. Tudo mentira! Mas o povo acredita nessas mentiras à medida que aqueles as repetem, as gritam em seus sermões ou as publicam em seus livros. Devemos lutar com as suas mesmas armas e convencê-los do contrário.

– Escute – acrescentou então Castillo –, se algum berbere atravessa o estreito para viver na Espanha e converter-se ao cristianismo, é recebido de braços abertos. Ninguém suspeita desses novos conversos ainda que suas intenções estejam muito longe de abraçar a religião dos sacerdotes. No entanto, aos mouriscos que estão batizados há quase um século não dão privilégios iguais. Temos de mudar esses conceitos, tão arraigados nesta sociedade. E para essa luta necessitamos de pessoas como você, cultas, que saibam ler e escrever, que nos acompanhem nesse empenho.

Era a história de sua vida desde a própria Juviles, quando em menino os do povo o encarregavam das mercadorias e do gado para livrar-se do dízimo porque ele sabia escrever e contar. A mesma coisa que lhe havia acontecido em Córdova. E de que lhe adiantava tudo isso? Convencer os cristãos lhe parecia um projeto tão disparatado como tentar derrotá-los numa nova revolta armada.

Soltou a pena que ainda mantinha na mão sobre o papel em branco.

– Sim, D. Sancho – viu-se murmurando para a porta fechada do escritório –, provavelmente valha a pena arriscar uma vida absurda ainda que o seja por um só momento de prazer com uma mulher como ela.

De qualquer forma, pensou, deveria ter cuidado a partir desse momento.

Essa noite, após jantar, D. Ponce de Hervás se retirou para seu escritório para trabalhar. Pouco depois, um criado que esperava obter algum dinheiro por informação tão importante para seu senhor, chamou titubeante à porta. O ouvidor escutou os gaguejos do homem com o mesmo semblante que adotava diante dos litigantes no Tribunal: impassível.

– Está certo do que diz? – perguntou-lhe uma vez terminada a delação.

– Não, Excelência. Só sei o que se diz nas cozinhas, no horto, nos quartos dos criados ou nas cocheiras de Vossa Excelência, mas nada posso assegurar-vos. Contudo, eu achava que ficaríeis interessado nisso.

D. Ponce o despediu com seu prêmio e a ordem de que continuasse a informá-lo. Depois torceu com violência o papel em que estava trabalhando. Com as mãos crispadas, tremeu convulsivamente sentado na mesma cadeira em que poucas horas antes Hernando havia decidido arriscar a vida para alcançar o êxtase com Isabel. No entanto, acostumado como estava a tomar decisões, o ouvidor conteve a ira e o impulso que o chamava a se levantar, espancar sua esposa no quarto e depois matar o mourisco.

A quinta caiu no silêncio da noite enquanto D. Ponce se martirizava imaginando Isabel nos braços do mourisco. “Procuram o prazer”, havia-lhe contado o criado. – “Não... não fornicam”, conseguiu articular depois, encurvado diante do juiz, com os dedos das mãos esbranquiçadas fortemente entrelaçados. Puta!, disse entre dentes, de

noite, D. Ponce. Igual a qualquer vulgar prostituta da mancebia! Sabia de que falava o criado: o proibido prazer que ele mesmo buscava ao ir ao bordel. Durante horas imaginou Isabel como a moça loura com que desfrutava em outra cama: obscena, excessivamente maquiada e perfumada, mostrando seu corpo ao cão mourisco enquanto o beijava e acariciava. Na mancebia havia escolhido uma moça por sua semelhança com Isabel, e agora o mourisco se estava aproveitando do prazer que ele mesmo não obtinha com sua esposa. Pensou em matá-los.

Durante a madrugada, com o relento da noite entrando do jardim e refrescando o suarento corpo de D. Ponce, este decidiu não adotar uma medida tão drástica como a de executar os amantes. Se matasse Isabel, perderia o substancioso dote com que a premiaram os Vélez em razão de seu matrimônio, mas, o que era mais importante, perderia também uma influência no ambiente do monarca e seus diversos conselhos de que não queria prescindir: convinha-lhe contar com a proteção de gente importante da Espanha como os Vélez. Lutar, com a honra como bandeira, só poderiam permitir-se os muito ricos, os muito pobres ou os insensatos, e ele não pertencia a nenhuma dessas categorias: acusar de adultério a protegida dos marqueses lhe pareceu então uma aposta demasiado arriscada, além de desonrosa, mas tampouco podia consentir que sua casa acolhesse o adultério... Maldito mourisco filho da puta! Ele o havia tratado como a um fidalgo, havia organizado uma festa em sua homenagem... e nem sequer podia vingar-se dele sem que esse ato legítimo desse ensejo a comentários mordazes. Diante de todos o mourisco era um herói! O salvador dos cristãos! O protegido do duque de Monterreal... Naquela noite D. Ponce não conseguiu dormir, mas, ao amanhecer, sua decisão estava tomada: Isabel não deixaria seus aposentos; segundo o ouvidor, estava de cama com febre. A mulher permaneceu, pois, reclusa, até que nessa mesma manhã, chamada com urgência, chegou à quinta uma prima de D. Ponce, D. Ángela, viúva, séria, magra e carrancuda, e que assim que atravessou a porta da casa se encarregou da vigilância de Isabel.

Após uma breve conversa com o ouvidor, D. Ángela pôs mãos à obra: a jovem camareira de Isabel desapareceu naquele mesmo dia. Alguém contou depois que a viram nas masmorras do Tribunal, acusada de roubo. De tarde, com a desculpa de que lhe havia faltado ao respeito, a viúva determinou que a criada que quisesse ter prazeres com o escravo mourisco fosse açoitada. Também ordenou que outro criado perdesse parte de seu salário por não trabalhar para a sua satisfação.

Em um só dia toda a criadagem ficou sabendo da clara mensagem do ouvidor e de sua prima. Pouco se poderia fazer: a lei estabelecia que, se não fossem expressamente despedidos, nenhum deles, sob pena de prisão de vinte dias e de desterro por um ano, podia deixar a quinta sem licença de D. Ponce para servir em outra casa da cidade de Granada ou de seus arrabaldes. Quem o fizesse, se alguém se fosse sem o seu consentimento, só podia emigrar ou empregar-se como jornaleiro, e a verdade era que na casa do ouvidor sempre se podia comer.

Mas não foi só a criadagem que experimentou o duro caráter da prima do ouvidor; nem D. Sancho nem Hernando puderam permanecer alheios ao alvoroço. D. Ángela tratou de que todas as suas decisões fossem suficientemente públicas para que não passassem despercebidas ao mourisco, e na última hora da tarde, antes que o sol se pusesse, ordenou a Isabel que deixasse seu quarto, vestida de negro, igual a ela, e passeou com ela pelos jardins da quinta à vista de todos, mas principalmente de Hernando, anunciando assim a seu amante que nunca mais poderia voltar a aproximar-se dela privadamente.

Mas não foi só Hernando quem pôde contemplar Isabel sob a estrita vigilância de D. Ángela; D. Sancho também o fez e compreendeu que o caso havia chegado ao conhecimento do ouvidor. Algumas vezes cruzou com D. Ponce na quinta, e o juiz nem sequer teve a cortesia de responder a seus cumprimentos, virando o rosto; D. Sancho não esperou nem um instante para falar com Hernando.

– Vamos embora amanhã de manhã, sem falta – ordenou. Hernando ficou pensativo. – Não entende? – gritou D. Sancho. – Que é que você pensa? Por menos respeito ou... o que quer que você sinta por essa mulher!, você tem de se afastar dela. É impossível voltar a vê-la a sós! Não percebe? O ouvidor deve ter sabido de tudo e tomou suas medidas. – O fidalgo deixou passar alguns instantes. – Já que sua vida – disse depois – parece importar-lhe pouco, pense que, se você insistir nesse comportamento, vai arruinar a vida de Isabel.

Hernando se surpreendeu assentindo ao discurso de seu acompanhante. Quão pouco havia durado sua determinação! Mas era verdade, o fidalgo tinha razão. Como iria aproximar-se de Isabel? Sua imagem, vestida de preto e passeando cabisbaixa pelos jardins nessa mesma tarde, em contraste com o porte altivo e desafiador de D. Ángela, o haviam convencido disso. Além disso, se os rumores haviam chegado ao conhecimento do ouvidor... Seria uma loucura!

– Está bem – cedeu. – Partiremos amanhã de manhã.

Nessa noite Hernando começou a arrumar seus pertences para a viagem. Entre suas roupas, encontrou aquelas que o ouvidor lhe havia comprado para a festa; na noite em que as havia usado, Isabel... Havia sido uma estupidez, tentou convencer-se. Que direito tinha ele, como dizia D. Sancho, de arruinar a vida de uma mulher digna? Sim, sentia que ela o desejava, cada vez mais, mas talvez fosse verdade que ele se havia aproveitado de uma mulher que lhe tinha gratidão. Olhou ao redor; estava se esquecendo de alguma coisa? E aquelas roupas? Pegou-as e as jogou no chão, longe dele, num canto do quarto. Tampouco era verdade que se aproveitara da ingenuidade de Isabel como havia censurado D. Sancho! Ela é que se colara a suas costas no dia do espetáculo de fogos de artifício, e ela é que pusera a mão na sua. De qualquer forma, que importava tudo isso agora? Regressava a Córdova.

Hernando se deixou cair numa cadeira com adornos de prata batida e trabalhada, e perdeu o olhar na Alhambra e no jogo de luzes douradas e sombras que as tochas e a lua arrancavam de suas pedras. Já era mais de meia-noite. A quinta estava em silêncio; o Albaicín estava em silêncio; toda Granada parecia estar em silêncio! Uma brisa caprichosa refrescava o ambiente e conseguia fazer esquecer o sufocante calor do dia. Hernando se deixou levar, fechou os olhos e respirou fundo.

– Será a primeira vez que a lua nos acompanhará.

As palavras o sobressaltaram. Isabel, vestida com a roupa de dormir, estava na varanda, bela, sensual, com a Alhambra recortada às suas costas.

– Que é que você faz aqui?... – Hernando se levantou da cadeira. – E seu marido?

– Do meu quarto eu o ouvi roncar. E D. Ángela se recolheu há horas.

Ao mesmo tempo que lhe respondia, na própria varanda, Isabel deixou cair de seus ombros a roupa de dormir, que deslizou por seu corpo até chegar ao chão, e se mostrou nua; olhou-o nos olhos, atrevida, orgulhosa, convidando-o a deleitar-se com ela.

Hernando ficou paralisado, e até a lua, com seus reflexos, parecia acariciar aquele corpo esplendoroso!

– Isabel... – sussurrou Hernando sem conseguir afastar o olhar de seus seios, de suas cadeiras e de seu ventre, de seu púbis...

– Amanhã você vai embora – sussurrou ela. – Ponce me disse. Só nos resta esta noite.

Hernando se aproximou de Isabel e lhe estendeu a mão para que entrasse na alcova. Pegou sua roupa de dormir e fechou as portas da varanda. Depois se virou e ia dizer-lhe algo, mas ela levou um dedo aos lábios de Hernando, pedindo-lhe assim que não o fizesse. E o beijou, docemente. Ele tentou acariciá-la, mas Isabel pegou suas mãos e as afastou de seu corpo.

– Deixe-me fazer tudo – pediu-lhe.

Só lhe restava essa noite! Começou a abrir-lhe a camisa. Queria fazê-lo ela! Anelava esse prazer que Hernando tanto lhe havia prometido! Surpreendeu-se ao sentir a firmeza de suas próprias mãos ao acariciar os ombros de Hernando para fazer deslizar a camisa por suas costas. Depois lhe beijou o peito e desceu as mãos até as calças. Hesitou um instante, após o que se ajoelhou diante dele.

Hernando suspirou.

Depois de Isabel conhecer o corpo de Hernando, depois de beijá-lo e lambê-lo, eles foram para a cama. Por um bom tempo, a tênue luz de uma única lâmpada iluminou as silhuetas de um homem e de uma mulher, suarentos e brilhantes, que se falavam aos sussurros, entrecortadamente, enquanto se beijavam, se acariciavam e se mordiam sem pressa. Foi Isabel que o convidou a penetrá-la, como se já estivesse preparada, como se tivesse por fim compreendido o sentido de todas aquelas palavras que Hernando tanto lhe havia dito. E se fundiram num só corpo; os abafados ofegos de Isabel foram aumentando até que Hernando tentou calá-los com um longo beijo, sem deixar de penetrar, até que ele mesmo sentiu em seu interior, abafado, contido por seu beijo, um uivo gutural que a mulher, extasiada, nunca teria chegado a imaginar que pudesse surgir de suas entranhas e que veio confundir-se com seu próprio êxtase. Depois, por um bom tempo, ficaram parados, saciados, um em cima do outro, sem se separar, sem se falar sequer.

– Amanhã eu vou embora – disse afinal Hernando.

– Eu sei – limitou-se a responder ela.

Voltou a fazer-se silêncio entre os dois, até que Isabel balançou quase imperceptivelmente a cabeça e desfez o abraço de seus corpos.

– Isabel...

– Cale-se – suplicou-lhe a mulher. – Tenho de voltar para a minha vida. Duas vezes entrei nela e duas vezes ressuscitei. – Já sentada, Isabel acariciou o rosto de Hernando com o dorso dos dedos. – Tenho de voltar.

– Mas...

Ela levou de novo um dedo aos lábios de Hernando, pedindo-lhe silêncio.

– Vá com Deus – sussurrou contendo o choro. Depois deixou o quarto sem olhar para trás.

Hernando não quis vê-la ir-se e permaneceu deitado com o olhar perdido no teto artesoado. Por fim, quando os sons da noite granadina voltaram a se tornar presentes, levantou-se e foi para a varanda, onde se perdeu uma vez mais na contemplação da Alhambra. Por que não insistia? Por que não corria para ela e lhe prometia felicidade eterna? Apesar das advertências de D. Sancho e do perigo, havia posto em perigo a própria vida por aquela mulher. Porventura o mero fato de alcançar o prazer com ela era suficiente? Era amor o que sentia?, perguntou-se, perturbado e confuso. Passou o tempo até que a esplendorosa alcáçova vermelha que se abria do outro lado do vale do Darro pareceu responder-lhe: ali, quando rapaz, nos jardins do Generalife, havia sonhado em dançar com Fátima. Fátima! Não! Não era amor o que sentia por Isabel.

Os grandes olhos negros amendoados de sua esposa lhe trouxeram a lembrança de suas noites de amor: onde estava aquele espírito saciado, de felicidade absoluta, de milhares de silenciosas promessas com que terminavam todas elas?

Hernando dedicou o pouco tempo que restava até o amanhecer a terminar os preparativos para a viagem. Depois desceu às cocheiras, para surpresa do moço, que nem sequer havia chegado a retirar o esterco das camas dos cavalos.

– Limpe e embride Voador – ordenou. – Depois, prepare também o cavalo de D. Sancho e as mulas. Vamos partir.

Dirigiu-se à cozinha, onde topou com os criados espreguiçando-se e desjejuando. Pegou um pedaço de pão duro e o mordeu. – Avise D. Sancho – disse a um dos criados – de que voltamos para Córdova. Estejam preparados para quando eu voltar. Tenho de ir à catedral.

Desceu do Albaicín para a catedral. Granada despertava, e as pessoas começavam a sair de suas casas; Hernando montava erguido, sem olhar para nada nem para ninguém. Na catedral não encontrou o notário, mas sim um sacerdote que o ajudava e que o recebeu de má vontade. Para voltar para Córdova, necessitaria de um documento que lhe permitisse mover-se pelos reinos, um documento como um dia o bispado de Córdova lhe dera para fazê-lo pela cidade.

– Dizei ao notário – encarregou-o após um frio cumprimento que Hernando teria até evitado – que tenho de voltar para Córdova e que me é difícil trabalhar aqui em Granada, num lugar tão envolvido nos acontecimentos que tenho de narrar. Eu pessoalmente lhe trarei meu informe e todos aqueles que possam interessar ao deão ou ao arcebispo. Dizei-lhe também que, como mourisco que sou, precisarei de uma cédula do bispado, ou de quem for preciso, pela qual eu tenha autorização para percorrer com liberdade os caminhos. Que me faça chegar a Córdova, ao palácio do duque de Monterreal.

– Mas uma autorização... – tentou opor-se o sacerdote.

– Sim, eu disse exatamente isso. Sem ela não haverá informes. Entendestes bem? Não vos estou pedindo dinheiro por meu trabalho.

– Mas...

– Porventura não me expliquei com clareza?

Só lhe restava uma coisa por fazer antes de empreender a volta. Os granadinos já enchiam as ruas, e a aduana, junto à catedral, recebia rios de pessoas interessadas na compra ou na venda de sedas ou panos. D. Pedro de Granada já teria se levantado, pensou Hernando.

O nobre o recebeu a sós, na sala de jantar, enquanto comia um bom capão.

– Que lhe traz tão cedo aqui? Sente-se e acompanhe-me – convidou-o apontando para as demais iguarias que repousavam sobre a mesa.

– Obrigado, Pedro. Mas não estou com apetite. – Sentou-se junto ao nobre. – Estou de partida para Córdova e, antes de fazê-lo, precisava falar com você. – Hernando fez um gesto para os dois criados que serviam à mesa. D. Pedro lhes ordenou que se fossem.

– Diga.

– Necessito que me faça um favor. Tive um problema com o ouvidor.

D. Pedro parou de comer e anuiu como se já o previsse.

– Como todos os leguleios, é um homem duro – afirmou.

– Tanto, que temo que queira vingar-se de mim.

– A coisa é tão grave assim? – Hernando assentiu. – É um inimigo difícil – sentenciou então.

– Eu gostaria que você ficasse a par do que faz ou diz de mim, e que me mantivesse informado. Ele poderia tentar me prejudicar diante do cabido da catedral. Achei que você devia saber.

O senhor de Campotéjar apoiou os cotovelos na mesa e depois o queixo nas mãos, com os dedos entrecruzados.

– Ficarei alerta. Não se preocupe – prometeu. – Devo saber o que aconteceu?

– É fácil de imaginar convivendo com uma beldade como a esposa do ouvidor.

O soco na mesa retumbou na sala de jantar e derrubou duas taças. Ao mesmo tempo que batia de novo na mesa, D. Pedro soltou uma gargalhada. Os criados entraram preocupados, mas o nobre voltou, entre risadas, a mandá-los sair dali.

– Essa mulher era tão inexpugnável como a Alhambra! Quantos tentaram sem sucesso! Eu mesmo...

– Peço-lhe discrição – tentou acalmá-lo Hernando, ao mesmo tempo que se perguntava se teria feito bem em contar-lhe tudo.

– Naturalmente. Por fim alguém colocou o juiz em seu lugar – riu de novo – e ferindo-o onde mais pode lhe doer. Você sabia que grande parte da fortuna do ouvidor provém dos espólios dos mouriscos feitos pelos escrivães quando desempoeiravam antigos pleitos e lhes exigiram os títulos de propriedade de terras que lhes pertenciam fazia séculos? Seu pai trabalhava então como escrivão do Tribunal e, assim como muitos outros, se aproveitou de tudo isso. Já tem dinheiro, e agora

quer ter poder por meio da protegida dos Vélez. Não pode interessar-lhe um escândalo desse tipo.

– Não queria envolvê-lo num compromisso...

D. Pedro mudou o semblante.

– Todos temos compromissos, não é verdade?

– É, sim – aceitou Hernando.

– Você vai manter contato conosco?

– Não duvide.

50

> Que mais relíquias vocês desejam que as que já têm naqueles montes? Tomem um punhado de terra, espremam-na, e ela verterá sangue de mártires.
>
> O papa Pio IV ao arcebispo de Granada, Pedro Guerrero, que solicitava relíquias para a cidade

Se em seu regresso de Granada Hernando mantinha alguma esperança de que a comunidade mourisca de Córdova tivesse abrandado sua postura com relação a ele, tal esperança se esfumou logo: graças à carta enviada a D. Alfonso pelo ouvidor, a notícia de sua intervenção no estudo dos mártires cristãos das Alpujarras lhe havia precedido. O pedido do arcebispado foi comentado na corte do duque e pouco demorou a chegar aos ouvidos de Abbas através dos escravos mouriscos do palácio.

Poucos dias após seu retorno, em resposta à insistência de Hernando, sua mãe consentiu em falar com ele. Ela estava envelhecida e encurvada.

– Você é o homem – esclareceu-lhe num tom inexpressivo quando Hernando foi à loja de tecidos. – A lei exige de mim obediência, apesar dos meus desejos.

Estavam os dois na rua, a alguns passos do estabelecimento em que trabalhava Aisha.

– Mãe – quase suplicou Hernando –, não é a sua obediência o que busco.

– Foi você que conseguiu que me aumentassem a diária, não? O mestre não quis dar-me explicações. – Aisha fez um gesto para a porta. Hernando se virou e viu o tecelão, que o cumprimentou à distância e

permaneceu na porta, observando-os, como se esperasse para falar com ele.

– Por que não podemos recuperar nossa...?

– Pelo que eu fiquei sabendo, você agora trabalha para o arcebispo de Granada – interrompeu-o Aisha. – Isso é verdade? – Hernando titubeou. Como poderiam sabê-lo com tanta brevidade? – Dizem que agora você se dedica a trair seus irmãos alpujarrenhos...

– Não! – exclamou ele, com o rosto vermelho.

– Você trabalha para os sacerdotes ou não?

– Trabalho, mas não é o que parece. – Hernando se calou. D. Pedro e os tradutores lhe haviam exigido segredo absoluto acerca de seu plano, e ele havia jurado por Alá. – Confie em mim, mãe – pediu-lhe.

– Como quer que o faça? Já não há ninguém que confie em você! – Os dois ficaram em silêncio. Hernando desejava abraçá-la. Estendeu a mão com a intenção de tocá-la, mas Aisha se afastou. – Quer algo mais de mim, meu filho?

Por que não contar tudo?

"Jamais para uma mulher!, quase havia gritado D. Pedro depois de que ele falara da possibilidade de confiar em sua mãe. – Elas falam muito. Não fazem senão charlar sem comedimento. Ainda que seja sua mãe." Depois o havia obrigado a jurá-lo.

– A paz seja com você, mãe – cedeu, e afastou a mão.

Com um nó na garganta, ele a viu afastar-se rua abaixo, muito devagar. Depois pigarreou e se dirigiu para o lugar onde ainda o esperava o mestre tecelão, que, após os cumprimentos de praxe, lhe exigiu que cumprisse sua palavra: a casa do duque devia comprar mercadorias dele.

– Eu prometi interceder para que o duque se interessasse por seus produtos – respondeu Hernando. – Que compre ou não já não depende de mim.

– Se vierem, comprarão – assentiu, apontando para o interior da loja.

Hernando deu uma olhada: era um bom estabelecimento. A luz, como era obrigatório, entrava em cheio pelas janelas abertas, sem toldos nem cortinas que as cobrissem, para que os compradores apreciassem na claridade as mercadorias; as peças de veludo, de raso ou de damasco, eram expostas ao público sem nenhum ardil que pudesse induzir a engano.

– Estou certo disso – afirmou Hernando. – Eu lhe agradeço o que fez por minha mãe. Assim que eu vir o duque...

– Seu senhor – interrompeu-o o tecelão – pode demorar meses para voltar para Córdova.

– Não é meu senhor.

– Diga-o à duquesa então. – A expressão de Hernando foi suficiente para que o mestre franzisse o cenho. – Fizemos um trato. Eu cumpri a minha parte. Cumpra você a sua – exigiu.

– Vou fazê-lo.

Como não iria cumpri-la?, pensou assim que deu as costas para o tecelão. Sua mãe não admitiria um real de sua mão. Não podia consentir que ela vivesse na pobreza enquanto ele dispunha de considerável renda. Era o único que lhe restava, ainda que o rejeitasse. Um dia poderia dizer-lhe a verdade, tentou animar-se enquanto andava diante dos poios presos à parede cega do convento de São Paulo. O cadáver de uma mulher jovem encontrado nos campos pelos irmãos da Misericórdia, rodeado por um grupo de crianças que o contemplavam boquiabertas, lhe recordou a época em que dia após dia ia ali, prendendo a respiração, à espera de ver exposto ao público o corpo de Fátima ou de algum de seus filhos.

Fátima havia voltado à sua memória com uma força inusitada. Dias antes, ao deixar Granada, na vega, Hernando fez uma parada e se virou para contemplar a cidade dos reis nazaris. Ali ficava Isabel. No entanto, aquelas nuvens que se abriam sobre a serra e de cujas caprichosas formas e cores tantas previsões extraíam os anciãos, lhe mostraram o rosto de Fátima.

Alguém, talvez D. Sancho, havia feito barulho às suas costas, como que lhe chamando a atenção para que seguissem caminho; o fidalgo se mostrava seco e distante com ele. Hernando não se virou, os olhos postos naquela nuvem que parecia sorrir para ele.

– Vão vocês. Já os alcançarei – disse-lhe.

Haviam transcorrido três anos desde que Ubaid havia assassinado Fátima e as crianças, pensou Hernando. Acabara de conhecer outra mulher, com que havia tentado alcançar esse mesmo céu que se abria acima da nuvem, mas era Fátima quem aparecia, como se Isabel, naquela Granada que quase podia tocar, lhe tivesse liberado e permitido abrir as portas de um sentimento que mantinha encerrado dentro de si. Três anos. Hernando não chorou como havia feito após a morte de sua esposa; nem as lágrimas nem a dor vieram empanar os risos dela, as doces palavras de Inés ou os delatores olhos azuis de Francisco. Olhou para a nuvem e acompanhou seu percurso no céu até que ela se emaranhou com outra. Depois palmeou o cavalo no pescoço e o obrigou a virar-se. O fidalgo e os criados se haviam afastado. Pensou em estimular Voador para alcançá-los, mas preferiu segui-los à distância, a passo.

O camareiro do duque de Monterreal se chamava José Caro e tinha cerca de quarenta anos, dez mais que Hernando. Era um homem seco, sério e extremamente escrupuloso em seus trabalhos, como cabia a uma pessoa que já havia servido como pajem ao pai de D. Alfonso, quando era apenas um menino. O camareiro, a quem a hierarquia situava abaixo apenas do capelão e do secretário, cuidava do guarda-roupa e demais adornos e coisas pessoais do duque, além de todo o correspondente ao ornato e manutenção do palácio. José Caro era a pessoa que tinha de convencer para que se interessasse pelas sedas do mestre, mas durante os três anos que estava vivendo no palácio nem sequer havia trocado uma dúzia de palavras com ele.

Uma tarde, Hernando o viu num dos salões, impecavelmente vestido com sua libré, vigiando um mestre carpinteiro que consertava

um aparador lascado. A seu lado, uma jovem criada varria a serragem da escovação antes até que chegasse a tocar o chão.

Hernando parou na entrada do salão. “Preciso que vades à tenda do mestre Juan Marco para comprar...”, pensou que podia dizer-lhe. “Preciso?” “Eu gostaria... vos peço...” Por quê? Que lhe responderia se ele lhe perguntasse a razão? Certamente o faria. “Porque sou amigo do duque”, podia responder-lhe, “eu lhe salvei a vida.” Imaginou-se então obrigado a repetir esse argumento diante de D. Lucía e o descartou de imediato. D. Sancho lhe havia ensinado muitas coisas, mas certamente nunca chegara a ministrar-lhe nenhuma lição acerca de como se dirigir aos criados com aquela autoridade que todos eles exibiam de maneira natural. Também pensou em procurar o fidalgo, mas este não lhe dirigia a palavra desde a discussão sobre Isabel.

De repente se sentiu observado. O camareiro tinha o olhar cravado nele. Quanto tempo estava parado na porta?

– Bom-dia, José – cumprimentou-o com um esgar que pretendia ser um sorriso.

A criada parou de varrer e se virou, surpresa. O camareiro lhe respondeu com uma leve inclinação de cabeça e logo voltou a atenção outra vez para o mestre.

A surpresa que se refletiu no rosto da moça o confundiu, e Hernando retrocedeu em seu propósito. A verdade é que ele pouco havia tratado com as pessoas durante os três anos passados no palácio. Deu meia-volta e perambulou pelos pátios do palácio até que viu passar a criada.

– Aproxime-se – pediu-lhe. À medida que a moça o fazia, Hernando rebuscou em sua bolsa. – Tome. – Entregou-lhe uma moeda de dois reais. A criada aceitou o dinheiro com receio. – Quero que você vigie o camareiro e me avise se ele sair do palácio de noite. Entendeu?

– Entendi, sim, D. Hernando.

– Ele sai de noite?

– Só quando Sua Excelência não está.

– Pois bem, você ganhará outra moeda quando cumprir sua incumbência. Você sempre me encontrará na biblioteca, depois do jantar.

A moça anuiu indicando que o sabia.

Hernando saía para cavalgar todos os dias. Procurava levantar-se cedo, antes dos fidalgos, que costumavam fazê-lo no meio da manhã, mas sobretudo tentava evitar D. Lucía. Chegou à conclusão de que D. Sancho havia contado à duquesa seu caso com Isabel, dado que, do desdém que lhe devotava, a mulher passou a ter um ódio que ela não conseguia disfarçar. Nas poucas vezes em que se encontravam no palácio, D. Lucía virava o rosto, e na hora das refeições faziam Hernando sentar na extremidade mais afastada da mesa, quase sem acesso aos alimentos. Os fidalgos sorriam diante dos esforços do mourisco por pegar um pouco de comida.

Estando assim as coisas, desejuava fartamente e saía de Córdova para perder-se nas invernadas e desfrutar da manhã. Amiúde passava horas entre os touros, cavalgando à distância, sem chamá-los nem corrê-los. A recordação de Azirat lançando-se sobre os chifres de um deles o perseguia; tampouco ia ver como os corriam os nobres na cidade. Em outras ocasiões cruzava com os cavaleiros das cavalariças reais e, com certa saudade, os via lutar com os potros desse ano. Depois de comer se encerrava na biblioteca. Tinha muitas ocupações. Uma era transcrever o evangelho de Barnabé, que ele fora buscar na casa de Arbasia; provavelmente um dia teria de compartilhar aquele achado e não estava disposto a entregar o manuscrito. Leu seus capítulos e preceitos em árabe, mas foi enquanto os transcrevia que acabou por entender seu verdadeiro significado. Já na anunciação, o anjo Gabriel não diz a Maria que dará à luz um ser divino, mas alguém que indicará o caminho. Para onde?, perguntou-se parando de escrever. Para quem? Para o verdadeiro Profeta, respondeu a si mesmo. Tal como os muçulmanos, nem Jesus nem sua mãe poderiam beber vinho ou comer coisas imundas, e os anjos não anunciaram aos

pastores o nascimento do Senhor, mas o de mais um Profeta. Contrariamente aos relatos dos evangelistas posteriores, Barnabé afirmava que o próprio Jesus Cristo, a quem chegara a conhecer pessoalmente, nunca se chamou de Deus nem se disse filho de Deus, nem sequer o Messias. Não se considerava mais que um enviado de Deus que anunciava a chegada do verdadeiro Profeta: Muhammad.

Outra de suas tarefas consistia em preparar o memorial dos fatos acontecidos em Juviles para o arcebispado de Granada, que lhe recordou seu compromisso fazendo-lhe chegar a cédula especial em seu nome. Hernando não estava disposto a trair seu povo, por mais que assim o pensassem Abbas, seus inseparáveis auxiliares ou até sua mãe. Foi um mourisco, o Zaguer, escreveu, quem impediu a execução de todos os cristãos do povoado; mais ainda, se alguma matança chegou a dar-se realmente em Juviles, não foi senão a de mais de mil mulheres e crianças mouriscas pelas mãos dos soldados cristãos, acrescentou recordando com dor a desesperada busca de sua mãe e a casual salvação de Fátima e de seu pequeno Humam, entre os clarões e as fumaradas dos arcabuzes na escuridão da praça do povoado.

Entre uma e outra tarefa, cumprindo o seu compromisso, comunicando-se mediante a imensa rede de arrieiros mouriscos, colaborava com Castillo para o livro que versava sobre D. Rodrigo, o rei godo, que Luna estava preparando. Sua contribuição consistia em fornecer dados sobre a convivência entre cristãos e muçulmanos na Córdova dos califas. Tratava-se de demonstrar que, na época em que os muçulmanos governavam, os cristãos, então chamados moçárabes, puderam viver em seus domínios e, o que era mais importante, praticar sua fé dentro de certa tolerância. Hernando chegou a verificar que os moçárabes conservaram suas igrejas e seus templos, sua organização eclesiástica e até sua justiça. Ao contrário, quantas mesquitas restavam de pé nas terras do Rei Prudente? Os moçárabes não foram obrigados a converter-se; os mouriscos, sim.

Mandou informações sobre as igrejas de Santo Acisclo e de São Zoilo, de São Fausto, de São Cipriano, São Ginês e de Santa Eulália;

todas elas haviam ficado de pé no interior da cidade de Córdova durante a dominação muçulmana, embora tenha evitado falar da situação de submissão em que se encontravam os moçárabes – pelo menos poderiam continuar com suas crenças, arguiu para si mesmo – durante a terrível época do vizir Almanzor.

E, se se cansava desses trabalhos e queria desfrutar, dedicava-se à arte da caligrafia. O tratado que encontrou no baú junto com o evangelho não era senão uma cópia da obra *Tipologia de escribas,* escrita por Ibn Muqla, o maior dos que estiveram a serviço dos califas de Bagdá. Então, ao escrever, buscava a perfeição no traço e mergulhava num estado de espiritualidade só comparável aos momentos de oração.

– Você ofendeu a Deus com as suas imagens da palavra sagrada – recriminou-se um dia no silêncio da biblioteca, consciente da imperfeição de sua escrita e da falta de magia nos caracteres que, em vez de desenhar, garatujava nos exemplares do Corão que copiava.

Necessitava ter cálamos e aprender a cortar sua ponta, longa e ligeiramente inclinada para a direita, como indicava Ibn Muqla; as penas cristãs não eram suficientes para servir a Deus. Não lhe seria difícil encontrar canas para fazê-lo, pensou.

No entanto, também necessitava esconder seu cada vez mais prolífico trabalho, o que o obrigava a visitas frequentes à torre do minarete. Aproveitava para isso a escuridão, temendo ser visto, consciente de que o menor descuido podia acarretar consequências fatais. No fundo duplo da parede da torre, na mesma arqueta que ele havia encontrado, tinha escondido a mão de Fátima, que havia tirado da tapeçaria quando achou aquele esconderijo, e o evangelho e sua cópia. No que se refere a suas experiências de caligrafia, ele as ia destruindo no fogo para que não ficasse nem rastro delas. Só deixou à vista o memorial para o cabido de Granada, que não demorou a ser examinado, dado que o capelão do palácio começou a se juntar aos seus solitários desjejuns e a interessar-se pela opinião de Hernando, tão contrária à causa dos mártires alpujarrenhos.

– Como você ousa comparar uma desgraça, o resultado de um mal-entendido que provocou a morte de algumas mouriscas na praça do povoado de Juviles, com o premeditado e vil assassinato de cristãos? – perguntou-lhe um dia o sacerdote claramente.

– Vejo que espiais o meu trabalho. – Hernando não parou de comer. Nem sequer se virou para o capelão.

– Trabalhar para Deus exige todos os tipos de esforços. O marquês de Mondéjar já castigou aqueles assassinatos – insistiu o padre. – Com isso se fez justiça.

– O Zaguer fez mais que o marquês – aduziu Hernando. – Evitou os assassinatos, impediu a morte dos cristãos de Juviles.

– Mas estas ocorreram do mesmo modo – sentenciou o sacerdote.

– Quereis comparar? – perguntou o mourisco, em tom audaz.

– Não é você quem deve fazê-lo.

– Tampouco vós – replicou Hernando. – O arcebispo o fará.

Uma noite, começava a dar fim a seu trabalho no memorial quando a criada apareceu na biblioteca.

– O camareiro de Sua Excelência acaba de sair do palácio – anunciou a moça parada na porta.

Hernando pegou os papéis, levantou-se da escrivaninha, procurou a moeda prometida e a entregou a ela.

– Leve estes papéis para o meu quarto – disse, entregando-lhe o memorial. – E obrigado – acrescentou no momento em que a criada pegava papéis e dinheiro. Ela lhe respondeu com um tímido sorriso. Hernando reparou que tinha um rosto bonito. – Tem alguma ideia do que ele costuma fazer, aonde vai? – aproveitou para perguntar-lhe então.

– Corre o boato de que gosta de jogar cartas.

– Obrigado de novo.

Apressou-se para a saída. Ao chegar ao pátio para o qual dava o salão preferido da duquesa, ouviu um dos fidalgos ler em voz alta para os demais. Procurou atravessá-lo rapidamente e sem ser visto: sob o

amparo das sombras das galerias contrárias, saiu a uma fresca noite de outono. Não teve tempo de pegar uma capa. Fazia mais de dez anos que não pisava em uma casa de jogo e não queria perder o camareiro na escuridão das ruas cordovesas. Subsistiriam ainda aquelas em que trabalhara levando homens inexperientes – os *palomos* – para que fossem depenados? Como quer que fosse, o camareiro devia dirigir-se para a zona da Corredera ou para a do Potro; para isso tinha de atravessar a velha muralha árabe que separava a medina da *axarquía*, e as duas únicas passagens que existiam eram através da abertura do Salvador ou pela de Corbache. Hernando optou pela primeira. Teve sorte e distinguiu a silhueta do camareiro no momento em que este era abordado pelos pobres que se refugiavam sob o arco real para passar a noite. À luz das velas permanentemente acesas em honra a um *eccehomo* que ficava num nicho fechado sob o arco, vislumbrou José Caro cercado por um grupo que pedia esmola e o segurava impedindo-lhe a passagem. Pegou uma moeda de blanca, e, quando o camareiro conseguiu safar-se dos mendigos e prosseguir seu caminho para a abertura do Salvador, ele se encaminhou para o arco real.

O assédio se repetiu com o mourisco. Hernando levantou a moeda e a jogou para trás. Quatro deles se lançaram sobre a blanca, e ele pôde evitar sem problemas os outros, que suplicavam outra moeda.

José Caro se dirigiu para a zona do Potro. Aonde iria se não fosse para lá?, sorriu Hernando, que o seguia a certa distância, ouvindo seus passos na escuridão ou entrevendo sua figura ao passar perto de algum altar iluminado. Esteve prestes a perder a pista do homem ao topar com as pessoas, com o bulício e com a vida que transbordava na praça. Quanto tempo fazia que não passava uma noite no Potro? Procurou o camareiro no meio da multidão. Deu um passo, mas um rapaz se pôs em seu caminho.

– Vossa Excelência busca uma casa de jogo onde possa ganhar um bom dinheiro? Eu posso indicar a melhor...

Hernando sorriu.

– Está vendo aquele homem? – interrompeu-o apontando para o camareiro, que dobrava a esquina da rua para dirigir-se para a das Badanas. O rapaz assentiu. – Se me disser aonde vai, lhe darei uma moeda.

– Quanto?

– Ele vai escapar – advertiu-o.

O rapaz saiu correndo, e Hernando se deixou levar pelas recordações: a mancebia e Hamid; Juan, o muleiro; Fátima derrotada, cuspindo o caldo que Aisha tentava introduzir-lhe na boca; ele mesmo, correndo atrás dos clientes das casas de jogo...

– Entrou na casa de jogo de Pablo Coca. – As palavras do rapaz o trouxeram de novo à realidade. – Mas eu posso vos levar a uma casa melhor; nessa não jogam limpo.

– Há alguma em que se jogue limpo? – ironizou. Não conhecia a de Coca; quando ele frequentava aqueles bairros, o estabelecimento ainda não existia.

– É claro que sim! Eu vos levo...

– Não se dê ao trabalho. Iremos à de Coca.

– Iremos? – perguntou o rapaz, surpreso.

– Daqui a pouco. Você vai me indicar onde fica. Então lhe pagarei.

Esperaram o tempo suficiente para dar a impressão de um encontro casual, e, após pagar ao rapaz assim que este lhe assinalou uma escura e estreita entrada, Hernando mostrou dois escudos de ouro aos porteiros e passou para o interior de um lugar de consideráveis dimensões, disfarçado na parte de trás do estabelecimento de um fabricante de escovas para cardar. Cerca de meia centena de pessoas, entre jogadores, trapaceiros, mirões, contadores e demais pessoas do jogo de cartas ou de dados, aproximavam-se de várias mesas de jogo, correndo de uma para outra. Se não fosse pelo bulício que reinava na zona do Potro, a gritaria do interior do local teria chegado a atravessar as paredes do quarto do próprio corregedor da cidade.

Passeou o olhar pelo local até que deparou com o camareiro, sentado a uma mesa e já rodeado por alguns mirões às suas costas.

Seria um jogador experiente ou um ingênuo a quem algumas vezes permitiam que ganhasse para depená-lo quando fosse carregado de dinheiro? Uma moça lhe ofereceu um copo de vinho, e ele o pegou. Brinde da casa; convinha que aquele que entrava com moedas de ouro bebesse e se sentasse para jogar. Andou em volta das mesas interessando-se em ver o que se jogava em cada uma delas: dados, a *treinta*, a *primera de Alemania* ou a *andaboba*. Chegou à de José Caro e parou do outro lado da mesa. Observou o jogo: o vinte e um. Hernando demorou pouco para compreender que José Caro não era mais que um *palomo*. Atrás do camareiro do palácio se havia postado um mirão, vestido com um gibão e um cinto nos quais havia pequenas peças de metal polidas de enfeite. O trapaceiro que se sentava do outro lado da mesa e que atuava como banca aproveitava para olhar de soslaio os espelhos do gibão e o cinto de seu cúmplice, que refletiam os pontos de José Caro. Hernando balançou a cabeça quase imperceptivelmente; todos os demais da mesa pareciam sabê-lo e todos receberiam seu ganho por ajudar o trapaceiro a depená-lo! O camareiro mostrou seu jogo, um ás e uma figura: vinte e um. Ganhou uma boa mão. Queriam que ficasse confiante.

– É muito caro para ver. – Hernando se virou para o homem que lhe falava e franziu o cenho, tentando reconhecê-lo. – Você desapareceu, e pensei que lhe havia acontecido alguma coisa, mas é evidente que não. Volta vestido como um nobre e com moedas de ouro.

– Palomero!

Vários dos jogadores da mesa, incluindo o camareiro, levantaram o olhar para o recém-chegado que tratava assim o dono da casa de jogo. Pablo Coca lhe fez um gesto para que evitasse aquele apelido. – Agora sou o responsável pela casa – sussurrou. – Tenho de velar por minha reputação.

– Pablo Coca – murmurou Hernando para si. Nunca havia chegado a saber o nome daquele jovem capaz de enfeitiçar o jogador mais renitente. Os jogadores voltaram a suas apostas. José Caro, intrigado

com a presença do mourisco, o olhava de soslaio. – Você tem uma boa casa – acrescentou –, deve custar muito dinheiro em subornos para os oficiais de diligências e aguazis.

– Como sempre – riu Pablo. – Venha, deixe essa beberagem de uva, que pegaremos um bom vinho.

Hernando o acompanhou até uma área algo afastada das mesas de jogo, onde, atrás de uma tosca mesa, um homem, protegido por outros dois mal-encarados com armas na cinta, fazia contas e contava dinheiro. Pablo serviu dois copos de vinho e brindaram.

– Que é que você faz por aqui? – perguntou-lhe depois de os copos se chocarem.

– Quero conseguir um favor do jogador de vinte e um... – confessou-lhe Hernando com franqueza.

– O camareiro do duque? – interrompeu-o Pablo. – É um dos mais brancos que aparecem por aqui. Se você não se apressar a falar com ele, vão ganhar dele até o último real e ele não estará muito disposto para fazer favores.

Hernando olhou para a mesa de jogo. O camareiro estava pagando uma aposta à banca. Outro discutia a jogada e se engalfinhou a socos com um terceiro. Logo dois homens foram até a mesa, os separaram e lhes ordenaram que se acalmassem. O mourisco não quis pensar quão afastado estava nesse momento da lei muçulmana: bebendo, numa casa de jogo... Por que era tão difícil ser fiel a suas crenças?

– Se lhe interessa que esteja de bom humor, deixe-o perder um pouco mais. Já o viram comigo. Quando você se sentar, mudarão os jogadores e você poderá fazer o que quiser. Sabe fazer trapaças? Foi assim que ganhou a vida? Em Sevilha?

– Não. Sei o que um dia, há muitos anos, me contou um bom companheiro. – Hernando lhe piscou o olho. – Não devem ter mudado muito, não? A partir daí... que a sorte ajude.

– Ingênuo – sentenciou Pablo.

Conversaram durante um bom tempo, e Hernando lhe falou sobre sua vida. Depois se dirigiram para a mesa em que o camareiro já quase não tinha resto. Pablo fez um sinal para o jogador que estava sentado à direita do camareiro, que se levantou para dar o lugar ao mourisco. José Caro fez menção de fazer o mesmo, mas Hernando o impediu pondo a mão em seu braço e obrigando-o a sentar-se.

– A partir de agora você só poderá jogar contra o acaso – sussurrou-lhe ao ouvido.

Alguns jogadores da mesa se levantaram; outros novos se sentaram.

– Que quer dizer? – respondeu-lhe o camareiro enquanto se dava a substituição de jogadores. – Estive bem atento para que não fizessem trapaças.

– Não quero incomodá-lo. O que tento dizer-lhe é que isto não é como jogar com a duquesa, a um real a mão. Nunca se sente diante de um homem com espelhos. – Hernando assinalou com o queixo o homem com gibão enfeitado que havia permanecido atrás dele e que, um pouco afastado da mesa, recebia seus ganhos das mãos do jogador ganhador. Outros jogadores, que haviam presenciado em silêncio o estratagema, esperavam a sua parte.

O camareiro, irritado, ia dar um soco na mesa, mas Hernando o deteve.

– Nada conseguirá agora. A partida terminou.

– Que é que você pretende? Por que me ajuda?

– Porque quero que se interesse pelas mercadorias do mestre tecelão Juan Marco. Conhece o seu estabelecimento? – O camareiro assentiu. Ia dizer algo, mas Hernando não permitiu. – Não é obrigado a comprar. Só pretendo que o visite.

A mesa se recompôs e nove jogadores se sentaram a ela. Um pegou as cartas e se preparou para distribuir, mas Hernando o deteve.

– Baralho novo – exigiu.

Pablo já tinha preparado o baralho. Hernando ficou com o velho, que o jogador jogou aborrecido sobre a mesa, e o entregou ao camareiro.

– Guarde-o. Depois lhe ensinarei algumas coisas.

A troca de baralho desanimou o homem que ia distribuir e o outro jogador, que deixaram a partida. Diante de Pablo Coca, jogaram vinte e um, duas cartas para cada jogador contra outro que estava com a banca; o que se aproximasse mais de vinte e um pontos, com o ás valendo um ou onze indistintamente, as figuras dez e as demais cartas seu próprio valor, ganhava da banca, se conseguisse aproximar-se mais que esta do citado número, ou se esta o ultrapassava. A sorte mudou, e o camareiro recuperou suas perdas; até convidou Hernando, que se mantinha sem ganhar nem perder, a tomar um copo de vinho.

Foi num momento em que Hernando pensava no valor a apostar. Começava a ficar entediado por causa de umas cartas anódinas, e manuseou seu resto. Olhou para a banca. Pablo estava atrás do jogador, erguido e sério, controlando o jogo, mas o lóbulo de sua orelha direita se mexeu de forma imperceptível. Hernando conteve uma expressão de surpresa e apostou alto. Ganhou. Com um sorriso, recordou então a afirmação do dono do estabelecimento: tinham aquilo no sangue!

– Verifico que por fim você aprendeu com o Mariscal – comentou-lhe Hernando no final da partida, quando ele e o camareiro se despediam de Pablo Coca. O mourisco havia ganhado um dinheiro considerável; seu companheiro havia conseguido ressarcir-se um pouco das perdas anteriores.

– Que é isso de Mariscal? – interveio José Caro.

Os velhos companheiros cruzaram o olhar, mas nenhum respondeu. Hernando sorriu à simples lembrança dos constantes e grotescos esgares do jovem Palomero quando tentava mover o lóbulo da orelha e lhe estendeu a mão. O camareiro fez o mesmo e se adiantou alguns passos.

– Não sei se este dinheiro foi bem ganhado – aproveitou Hernando para dizer a Pablo enquanto sopesava sua bolsa.

– Não se torture. Tampouco pense que foi uma partida limpa. Todos tentaram uma ou outra trapaça. O que acontece é que não passa

de um simples *palomo* como seu companheiro, e nem ficou sabendo. Os tempos mudam, e as trapaças são cada vez mais complicadas.

– Agora não devo... – Hernando se virou para o camareiro, parado alguns passos adiante. – Outro dia lhe darei seu ganho.

– Isso é o que espero. É a lei da mesa, você sabe. Volte sempre que quiser. Há tempos que o Mariscal e seu sócio faleceram levando seu segredo para o túmulo, e por isso a arte de mexer a orelha só você e eu conhecemos. Nunca quis contar a ninguém nem usá-la; não teria chegado a possuir uma casa de jogo. Ninguém pode nos flagrar. Custou-me muito aprender o truque – suspirou ao mesmo tempo que lhe apontava para o camareiro, que esperava.

Hernando se despediu mais uma vez, alcançou o camareiro, e os dois se encaminharam para o palácio.

– Você vai ver o tecelão? – perguntou-lhe ao atravessar a praça do Potro, que apresentava o mesmo bulício que ele recordava.

– Assim que me mostre os mistérios deste baralho.

51

Córdova, 1587

Nesse ano a rainha da Inglaterra, Elizabeth Tudor, "permitiu" a execução da rainha da Escócia, a católica Mary Stuart. Indignado, e em defesa da fé verdadeira, Felipe II deu o impulso definitivo à sua ideia de armar uma grande frota sob o comando de Álvaro de Bazán, marquês de Santa Cruz, para conquistar a Inglaterra e submeter os hereges protestantes. Apesar da intervenção de sir Francis Drake, o intrépido pirata inglês que em abril comandou um ataque surpresa à baía de Cádiz, provocando o afundamento ou o incêndio de cerca de trinta e seis navios espanhóis, e que se manteve na área interceptando numerosas barcaças e caravelas que transportavam material para a frota do rei espanhol. Felipe II seguiu adiante com seu plano.

A Grande e Felicíssima Armada que por desígnio de Deus, no dizer de seu embaixador em Paris, o rei Felipe devia dirigir contra os hereges, exacerbou também a religiosidade do povo e da nobreza espanhola, sempre ávida de vencer em nome de Deus inimigos ancestrais como os ingleses, que, além disso, estavam do lado dos luteranos dos Países Baixos em sua guerra com a Espanha. D. Alfonso de Córdoba e seu primogênito, que já tinha vinte anos, se prepararam para embarcar junto com o marquês de Santa Cruz na nova cruzada.

Mas, ao mesmo tempo que se davam os preparativos para a guerra com a Inglaterra, chegaram notícias preocupantes para os mouriscos. Desde a junta realizada em Portugal seis anos antes, na qual Felipe II havia estudado a possibilidade de embarcar todos e afundá-los em alto-mar, haviam-se redigido vários memoriais que aconselhavam a detenção dos mouriscos e seu posterior envio para as galés. E nesse

ano de preparativos bélicos se ergueu uma das vozes mais autorizadas do reino de Valência, a do bispo de Segorbe, D. Martín de Salvatierra, que, apoiado por algumas personalidades de idêntico parecer, dirigiu um memorial ao conselho no qual propunha o que a seu ver constituía a única solução: a castração de todos os homens mouriscos, fossem adultos ou meninos.

Hernando sentiu um calafrio ao mesmo tempo que sentiu encolher-se os testículos. Acabara de ler a carta mandada do Escorial por Alonso del Castillo, na qual este lhe comunicava o conteúdo do informe do bispo Salvatierra.

– Cães chifrudos! – disse entre dentes no silêncio e na solidão da biblioteca do palácio do duque.

Os cristãos seriam capazes algum dia de levar a efeito tão horrendo ato? "Sim. Por que não?", respondia Castillo na carta à mesma pergunta. Fazia apenas quinze anos que o próprio Felipe II, instigador de revoltas e protetor da causa católica na França, havia reagido com entusiasmo ao saber da matança da noite de São Bartolomeu, na qual os católicos mataram mais de trinta mil huguenotes. Se num conflito religioso entre cristãos, aduzia o tradutor em sua carta, o rei Felipe era capaz de demonstrar publicamente sua alegria e satisfação com a execução de milhares de pessoas – talvez não católicas, mas cristãs afinal de contas –, que misericórdia se poderia esperar dele se os condenados não fossem mais que um bando de mouros? Porventura o monarca espanhol não havia considerado a possibilidade de afogar todos em alto-mar? Moveria um só dedo o Rei Católico se o povo, seguindo os conselhos desse memorial, se lançasse a castrar todos os homens mouriscos?

Releu a carta antes de amassá-la com violência. Depois a destruiu tal como fazia com todos os comunicados que recebia do tradutor. Castrá-los! Que loucura era aquela? Como um bispo, líder daquela religião que eles mesmos diziam ser clemente e piedosa, podia aconselhar tal barbaridade? De repente, seu trabalho para Luna e Castillo se mostrou totalmente sem importância; os acontecimentos se adiantavam a eles

num ritmo vertiginoso, e, quando Luna tivesse terminado seu panegírico acerca dos conquistadores muçulmanos, tivesse obtido a autorização necessária para sua publicação, e por fim o texto chegasse aos olhos dos cristãos, já os teriam exterminado de uma forma ou outra. E se Abbas e os outros mouriscos que eram partidários de uma revolta armada tivessem razão?

Levantou-se da escrivaninha e passeou pela biblioteca, para lá e para cá, aturdido, torcendo as mãos, dizendo impropérios entre dentes. Teria gostado de comentar essas notícias com Arbasia, mas o mestre havia deixado Córdova fazia já alguns meses para pintar no palácio do Viso, contratado por D. Álvaro de Bazán, marquês de Santa Cruz. Havia deixado atrás de si uma majestosa capela do Sacrário em que se destacava a, para ele enigmática, figura que se apoiava em Jesus Cristo na Santa Ceia.

– Lute por sua causa, Hernando – recordava que ele o animara, já montado numa mula, pela mão de um arrieiro.

Como lutar contra a proposta de castrá-los?

– Cães hipócritas! – gritou no silêncio da biblioteca.

Hipócrita! Assim havia descrito Arbasia o próprio rei Felipe em um de seus encontros. "Seu piedoso rei não é mais que um hipócrita", dissera-lhe sem rodeios.

– Pouca gente sabe – contou-lhe depois – que o rei Felipe está de posse de uma série de quadros eróticos de que incumbiu pessoalmente o grande mestre Tiziano. Tive oportunidade de ver um deles em Veneza, uma obra de arte em que Vênus, nua, se agarra lascivamente a Adônis. São vários os quadros que ele pintou para o monarca cristão, com deusas nuas em diferentes posições. "Para que lhe sejam mais agradáveis aos olhos", escreveu o mestre a seu rei. Nunca uma mulher cristã ousaria lançar-se sobre seu esposo tal qual faz a Vênus de Tiziano. – Por alguns instantes, Hernando deixou vagar sua memória para Isabel. – Em que está pensando? – perguntou-lhe o pintor ao vê-lo pensativo.

– Nas mulheres cristãs – tentou desculpar-se. – Em sua situação...

– Vocês não têm grande consideração pelas mulheres. São apenas suas prisioneiras, incapazes de fazer nada por si mesmas. Não foi isso o que disse vosso Profeta?

Hernando anuiu em silêncio.

– Foi, sim – reiterou após pensar no assunto. – Ambas as religiões as afastaram. Nisso nos parecemos. Tanto é assim, que até quanto à Virgem Maria concordamos: cristãos e muçulmanos cremos nela de forma similar. Mas é como se o fato de coincidir quanto a uma mulher, ainda que seja a mãe de Jesus, não tivesse importância...

Hernando parou seu pesaroso perambular pela biblioteca do palácio ao recordar a conversa com Arbasia. A Virgem Maria! Aquele era, verdadeiramente, um ponto de contato entre cristãos e muçulmanos. Para que empenhar-se em demonstrar a benevolência dos conquistadores árabes para com os cristãos, como pretendia Luna, se dispunham de um elemento de união indiscutível para as duas comunidades? Que melhor argumento que esse? Até o evangelho de Barnabé coincidia com a versão que os manipulados pelos papas apresentavam e que os cristãos defendiam como verdadeira! Por que não iniciar essa via de união que permitiria a convivência entre as duas religiões através da única pessoa quanto à qual todos pareciam estar de acordo? A Espanha inteira vivia uma época de devoção mariana que beirava o fanatismo; eram constantes as exigências feitas a Roma para que declarasse dogma de fé a conceição imaculada de Maria. Nem sequer Deus, o mesmo para ambas as religiões, o Deus de Abraão, era capaz de suscitar a mesma unanimidade: os cristãos o haviam desvirtuado com sua doutrina da Santíssima Trindade.

Durante alguns dias não conseguiu concentrar-se em seus trabalhos. Já havia mandado para Granada seu memorial sobre as matanças de Juviles e, para sua surpresa, por acreditar que após o lerem desistiriam de sua colaboração, o cabido lhe solicitou informação acerca dos acontecimentos de Cuxurio, onde Ubaid havia arrancado o coração de Gonzalico. Como iria desculpar aquela carnificina? Ali nenhum chefe mourisco havia impedido as matanças. Deixou de lado a transcrição do

evangelho de Barnabé e os escritos para Luna e se empenhou na caligrafia. Havia conseguido umas boas canas para fazer cálamos com a ponta ligeiramente inclinada para a direita, como recomendava Ibn Muqla; no entanto, era-lhe difícil encontrar o ponto exato em que devia fazer essa curvatura, e nas manhãs, enquanto Voador pastava nas invernadas, ele se apoiava numa árvore e começava a cortar as pontas das canas que depois experimentaria na biblioteca.

Mas a caligrafia já não conseguia aplacar sua ansiedade. Não se achava com o ânimo necessário para encontrar-se com Deus através dos desenhos. Depois do dia em que pensara ter encontrado a solução através de Maryam, as dúvidas o assaltaram. Como fazê-lo? Tinha razão? Como apresentá-lo aos cristãos para que tivesse o eco necessário? Como podia ele sozinho arrostar tal plano?

No entanto, a realidade estava diante dele. Desde o dia em que fora à casa de jogo de Pablo Coca seguindo o camareiro, que cumpriu sua palavra e foi ao estabelecimento do mestre tecelão após as explicações que Hernando lhe dera sobre as tretas de que os trapaceiros se valiam para marcar as cartas – marcando-as com diminutas incisões, ou com cartas de medidas diferentes, imperceptíveis, das do restante do baralho –, Hernando havia voltado em várias ocasiões a jogar; algumas vezes foi sozinho, outras acompanhado do camareiro. Sabia que estava infringindo a lei que proíbe o jogo, mas quantas outras leis se via obrigado a infringir naquelas terras?

Uma noite tentava ajustar as medidas das letras a um álife previamente desenhado. Rodeou a primeira letra do *alifato* árabe com uma circunferência em que o álife era seu diâmetro, e se exercitou em traçar as demais conforme o cânone que marcava aquela circunferência. Não fazia sequer meia hora que estava fazendo o exercício quando verificou que, por mais que se esforçasse, não conseguia que o *ba*, horizontal e recurvo, se circunscrevesse às medidas daquela circunferência ideal nem à posição que devia ocupar no plano com respeito ao álife.

Rasgou os papéis, se levantou e decidiu ir jogar na casa de Coca, apesar de que lhe cabia perder. Estava há duas noites perdendo, e, mesmo assim, Pablo lhe anunciou que ainda deveria fazê-lo mais uma vez.

– Não pode ganhar sempre – advertira ele. – É possível que ninguém reconheça nosso truque, mas todos pensariam que algo estranho estaria acontecendo se você sempre ganhasse e não demorariam a associá-lo a mim. Por mais que eu me desloque de uma mesa para outra, eles sabem que você é meu amigo. Deixe que o dinheiro corra.

A partir de então, Pablo lhe marcava os dias em que teria lucro, ganhos que por outro lado sempre eram muito superiores à soma das perdas acumuladas. Contudo, Hernando se distraía na casa de jogo. Por mais que tivesse aprendido, jogava como verdadeiro *palomo* e apostava sem sentido a não ser no momento no que o lóbulo da orelha de Palomo se mexia. Além disso, quando saía da mesa, aproveitava para visitar a mancebia, onde desfrutava com uma jovem ruiva de corpo exuberante e atitudes luxuriosas. Antes de deixar o palácio, perguntou pelo camareiro, já que gostava de tê-lo a seu lado no dia em que lhe cabia perder; assim ao menos podia conversar com alguém conhecido. O duque estava fora, na corte, preparando a invasão de Inglaterra, e José Caro apareceu apressado.

– Você não parece estar de bom humor – comentou o camareiro após um tempo de caminhada em silêncio.

– Sinto muito – desculpou-se Hernando.

Seus passos ressoavam nas desertas ruelas do bairro de Santo Domingo. Andavam com energia, o camareiro permitindo que os degraus e a bainha de sua adaga se chocassem e tintinassem, para advertir os que pudessem estar de emboscada na escuridão das noites cordovesas que se tratava de dois homens fortes e armados. Hernando levava um simples punhal escondido na marlota, violando a proibição para os mouriscos de portar armas.

Certamente não estava de bom humor. A ideia de usar a Virgem Maria para aproximar as duas comunidades continuava em sua cabeça, mas ele ainda ignorava como desenvolvê-la e não tinha com quem falar sobre ela. Um dos muitos altares que iluminavam Córdova de noite apareceu no final da rua pela qual transitavam. Se durante o dia a multidão de retábulos, nichos e imagens das ruas da cidade atraíam as rezas e súplicas dos devotos cristãos, de noite se tornavam verdadeiros faróis que pareciam indicar algum caminho para além da escuridão reinante. Era um retábulo na fachada de uma casa, com velas acesas, flores e uma série de ex-votos a seus pés. Hernando parou diante da pintura: a Virgem do Carmo.

– Virgem Santíssima – murmurou José Caro.

– A ela não coube o pecado – sussurrou Hernando repetindo inconscientemente as palavras do Profeta contidas nos *hadices*.

– Assim é – afirmou o camareiro enquanto fazia o sinal da cruz: – Pura e limpa, sem pecado concebida.

Continuaram seu caminho, Hernando absorto em seus pensamentos. Porventura aquele cristão podia chegar a imaginar que sua afirmação sobre a Imaculada Conceição não procedia senão da Suna, a recompilação de ditos do Profeta? Que pensaria aquele homem se lhe explicasse que o reconhecimento como dogma da Imaculada Conceição por que tanto lutavam os cristãos já se achava contido no Corão? Que pensaria o camareiro se lhe dissesse que foi o Profeta quem afirmou que à Virgem nunca coube o pecado? Que pensaria diante da estima em que o Profeta tinha Maryam? "Você será a senhora das mulheres do paraíso...", anunciou Muhammad à sua filha Fátima quando viu que a hora de sua morte estava próxima, "depois de Maryam."

Hernando apertou o passo. Aquele era o caminho que deviam seguir para aproximar as religiões e obter o respeito que D. Pedro e seus amigos pretendiam para os mouriscos! Tinha de consegui-lo!

Obcecado por essa ideia, soube que nesse mesmo ano de 1587 se havia descoberto outra conjuração de mouriscos de Sevilha, Córdova e Écija, que queriam aproveitar a falta de defesas da capital para tomar a cidade hispalense durante a noite de São Pedro. Os líderes foram executados de forma sumária; Abbas não estava entre eles, mas vários moradores de Córdova tiveram essa sorte. As armas! Jamais conseguiriam com as armas outra coisa além de exasperar ainda mais os cristãos e seu rei, pensou. Queriam castrá-los! Porventura não se dava conta disso a comunidade mourisca e os anciãos e sábios que a dirigiam?

Hernando por fim havia elaborado um plano: os granadinos buscavam mártires e relíquias, necessitavam deles para fazer de sua cidade berço da cristandade e comparar-se com os grandes centros de peregrinação da Espanha: Toledo, Santiago de Compostela, Sevilha... Por que não proporcionar isso a eles? Assim o propôs a Castillo numa longa missiva.

> Cremos no mesmo Deus, o de Abraão – escreveu. – Para nós, seu Jesus Cristo é o Messias, a Palavra de Deus e o Espírito de Deus, e isso é afirmado pelo Corão, muitas vezes. Isa é o Enviado!, disse Muhammad, a salvação seja com Ele. Sabem disso os cristãos? Eles nos julgam simples cães, como se fôssemos mulas ignorantes; nenhum deles se preocupou em conhecer quais são nossas verdadeiras crenças, e os polemistas, nossos ou deles, com seus escritos e discussões, se aprofundam mais em tudo aquilo que nos separa do que no que poderia vir a nos unir. Todos sabemos que, trezentos anos depois de sua morte, a natureza divina de Jesus foi adulterada pelos papas. Ele, Isa, nunca se chamou Deus ou Filho de Deus, nunca defendeu senão a existência de um Deus único, como fazemos nós. Mas, se a natureza divina de Jesus foi falseada pelos sacerdotes, não sucedeu o mesmo com a de sua mãe. Talvez o fato de ser mulher a tenha relegado a um segundo plano e os tenha levado a não se preocupar com ela; ainda hoje os papas, apesar do

clamor do povo, resistem a decretar o dogma da Imaculada Conceição. É, pois, em Maria que nossas duas religiões continuam a coincidir, e talvez seja por meio de Maria que possamos aproximar nossas duas comunidades. As polêmicas sobre a Virgem giram em torno de sua genealogia, não em torno do modo de considerá-la. Se o povo e seus sacerdotes, esses mesmos que hoje nos consideram cães hereges, entenderem que veneramos a mãe de Deus tal como eles, talvez mudem de postura. A devoção mariana se acha à flor da pele no povo simples; ele não pode odiar os que compartilham com ele tais sentimentos! Talvez seja esse o início de entendimento que com tanto afinco buscamos.

Depois, Hernando revelou a Castillo, como se o tivesse achado então, a existência da cópia do evangelho de Barnabé.

Com toda a certeza, um documento como o evangelho seria imediatamente tachado de apócrifo, herege e contrário aos princípios da Santa Madre Igreja se fosse divulgado sem uma estratégia prévia. Comecemos a convencer os cristãos de quais são nossas crenças e de qual é a realidade; preparemo-los para o conhecimento do evangelho, e um dia poderemos mostrá-lo para, pelo menos, semear entre eles a dúvida e conseguir um modo de nos tratar mais benevolente e misericordioso.

O tradutor real não demorou a responder-lhe. Certa manhã, um arrieiro vindo especialmente do Escorial foi ao encontro dele nos arredores de Córdova e lhe entregou uma carta. Hernando galopou até as invernadas, procurou um lugar escondido, desmontou e mergulhou na resposta de Castillo.

Em nome de Alá, o Clemente, o Misericordioso, o que indica o caminho reto. Muitos de nossos irmãos, para contrariar os cristãos, esqueceram tudo quanto você diz em sua carta. Mas você tem

razão: com a ajuda de Deus, este pode ser um bom caminho para tentarmos nos aproximar uns dos outros e para que a paz reine entre os dois povos. Espero com ansiedade poder ler esse evangelho de que você me fala. No decreto gelasiano do século VI sobre "livros aprovados e não aprovados", a Igreja já faz referência, qualificando-o de apócrifo, a um evangelho de São Barnabé. Estou com você quanto ao fato de que o conhecimento desse texto, sem prévia preparação, não nos levaria a nenhum lugar. Granada é o lugar. Comece nela. Dê-lhes provas dessa tradição cristã que eles tão desesperadamente buscam e aproveite então para semear tudo aquilo que um dia possa levá-los à Verdade. A Virgem, certo, mas lembre-se também de São Cecílio. São Cecílio foi o primeiro bispo de Granada, supostamente martirizado na época do imperador Nero. São Cecílio e seu irmão, São Tesifonte, eram árabes. Use portanto nossa língua divina; que os cristãos encontrem seu passado por meio da língua universal, mas faça-o ambiguamente, de forma tal que seus escritos se prestem a diversas interpretações. Lembre-se de que já nos primeiros tempos não se usavam vogais, nem sinais diacríticos, na escrita. Quando estiver preparado, mande-me um aviso. A paz seja com você, e que Deus o guie.

Rasgou a carta e montou em Voador. O céu ameaçava tempestade. Como fazê-lo? Ao longo de sua vida havia enganado muita gente. Em rapaz, conseguindo dinheiro para trocar Fátima por uma mula, e até agora, apostando no momento em que Pablo mexia a orelha... Mas enganar todo um reino, a Igreja Católica! Uma chuva fria começou a cair com insistência. Hernando continuou a passo, imaginando que estava dando início sozinho a uma grande partida. Uma partida que ele deveria jogar com inteligência; não se tratava das cartas e suas trapaças. Xadrez! Uma grande partida de xadrez: ele de um lado da mesa; a cristandade inteira do outro.

Nessa noite não voltaria ao palácio. Precisava ficar sozinho. O horto da mesquita continuava igual: centenas de sambenitos, com os

nomes dos apenados escritos neles, pendendo das paredes do claustro que circundava o pátio; alguns dos delinquentes acolhidos ao sagrado vagabundeavam pelo recinto alheios à chuva; outros tentavam abrigar-se. Hernando pensou em que teria sido de seus companheiros de asilo. Também havia sacerdotes, dezenas deles, jovens e velhos, no meio da multidão de fiéis: muitos corriam para escapar do persistente aguaceiro. Entrou na catedral e, ao passar junto à grade da capela de São Barnabé, parou por um instante. Abaixou-se, como se se lhe tivesse caído alguma coisa: as chaves da capela permaneciam escondidas no mesmo lugar em que as deixara, amarradas debaixo da grade. São Barnabé!, murmurou Hernando. Seu evangelho! De que outro sinal precisava? Pegou-as enquanto se perguntava se teriam mudado a fechadura. Não o saberia se não tentasse abri-la, depois que os porteiros tivessem fechado a catedral. Examinou-a a caminho do sacrário. Era a mesma fechadura? Por ora devia deixar passar o tempo; ele o fez extasiado com as pinturas de Arbasia no novo sacrário e com a figura que acompanhava Jesus Cristo na Santa Ceia. Por quê?, perguntou-se pela enésima vez.

As chaves abriram a capela de São Barnabé, e ele entrou no armário como pôde, pois estava cheio, e amontoou a seus pés os paramentos para oficiar a missa. Depois esperou.

De madrugada, com a catedral ainda vazia e os vigilantes postados na afastada capela do Ponto, a tempestade caiu sobre Córdova e os relâmpagos iluminaram fugazmente, várias vezes, a figura de um homem prostrado diante do *mihrab* da mais maravilhosa mesquita do mundo. Um homem cuja mente estava absorta num plano que, talvez, conseguiria afinal a aproximação das duas religiões.

52

Granada, março de 1588

Hernando encontrou aposento na casa dos Tiros, convidado por D. Pedro de Granada. Havia partido de Córdova com a desculpa de que ia visitar o cabido da catedral em razão da investigação dos mártires das Alpujarras, e, provido de sua cédula pessoal, se lançou ao macabro caminho que tantas mortes havia causado durante o êxodo dos mouriscos. Como viajava sozinho, chegou a perguntar-se se era possível mudar a rota para evitar recordações dolorosas, mas as alternativas duplicavam a distância. Março levava vida aos campos e, quando ele visitou de novo o túmulo do pequeno Humam, ali onde para ele permanecia enterrada sua própria família, os cheiros de uma noite fresca acompanharam suas orações. Em Granada, já avisados de sua viagem, o esperavam Luna e Castillo, que também acabara de chegar à cidade vindo do Escorial.

Quando se encerraram todos no Salão Dourado, Hernando apresentou uma arqueta de chumbo breada. Abriu-a e tirou dela solenemente um pedaço de fazenda, uma pequena tabuinha com a imagem da Virgem, um osso e um pergaminho que ele colocou em cima de uma mesa baixa de marchetaria.

Os quatro homens ficaram alguns instantes em silêncio, em pé ao redor da mesa, com o olhar fixo nos objetos.

– Encontrei um antigo pergaminho – começou a explicar Hernando – no minarete do palácio do duque. Data provavelmente da época dos califas, do tempo em que al-Mansur aterrorizava a península – sorriu para Luna. – Só tive que recortar a parte que estava escrita para obter um bom fragmento limpo. – Então desdobrou o pergaminho e,

segurando-o pelos cantos superiores, o mostrou a seus companheiros. – É como um grande tabuleiro de xadrez – sussurrou.

Na parte central do pergaminho apareciam duas tábuas, uma em cima da outra. A superior, composta por 48 colunas e 29 fileiras, continha uma letra árabe em cada uma de suas casas; na inferior, de 15 colunas e 10 fileiras, com casas muito mais largas, se podia ler uma palavra árabe em cada uma delas. Quase nenhuma das letras ou palavras, escritas alternadamente com tinta vermelha e marrom, continha vogais ou sinais diacríticos, comprovaram Luna e Castillo ao mesmo tempo, inclinando-se sobre o pergaminho para examiná-lo detidamente.

– Profecia do apóstolo João – leu em voz alta Castillo uma introdução escrita em árabe, na margem superior das tábuas – sobre a destruição e juízo dos povos e sobre as perseguições que continuarão depois, até o dia conhecido por seu exaltado evangelho, decifrada do grego pelo letrado e santo criado da fé Dionísio Areopagita. – O tradutor se ergueu. – Excelente! Que dizem as demais inscrições? – acrescentou, apontando para umas linhas no pé do pergaminho e outras em suas margens.

– Se se combinarem letras e palavras, pode-se chegar a deduzir uma suposta profecia que São Cecílio traduziu do grego e que Dionísio, arcebispo de Atenas, lhe comunicou, na qual se vaticinam o advento do islã, o cisma dos luteranos e os padecimentos da cristandade, que chegará a desagregar-se numa multidão de seitas. Não obstante, do Leste chegará um rei que dominará o mundo, imporá uma só religião e castigará todos aqueles que a encheram de vícios.

– Bravo! – aplaudiu Pedro de Granada.

– E esta assinatura no pé do pergaminho? – assinalou Luna.

– É de São Cecílio, bispo de Granada.

– E o restante? – perguntou Castillo fazendo um gesto para os demais objetos que estavam sobre a mesa.

– Segundo o pergaminho, isto é o véu da Virgem Maria – apontou para a fazenda triangular –, com o qual secou as lágrimas de Jesus

Cristo em sua paixão; uma tabuinha da Virgem e um osso de Santo Estêvão.

– Que pena! – exclamou D. Pedro. – Os cristãos não terão as relíquias de São Cecílio que tanto procuram.

– São Cecílio não podia escrever e deixar um osso seu ao mesmo tempo – anuiu Hernando com um sorriso.

– É um véu simples – afirmou Castillo apalpando o tecido. Hernando assentiu. – Posso saber como conseguiu tudo isto?

– A tabuinha eu peguei emprestada de um ex-voto que estava ao pé de um altar dedicado à Virgem, em Córdova. Depois, nas invernadas, a envolvi num pano e a introduzi num buraco com esterco para que ficasse com aspecto de antiga...

– Boa ideia – reconheceu Luna.

– Sei algo dos efeitos do esterco sobre qualquer objeto – explicou Hernando. – Quanto ao osso e ao tecido... paguei a uns desgraçados do Potro para que exumassem alguns cadáveres das valas comuns do Campo de la Merced, até conseguir um pedaço de fazenda e um osso limpos...

– Poderiam reconhecê-lo? – interrompeu-o Castillo.

– Não. Era noite e todo o tempo eu estava rebuçado. Pensaram que o queria para bruxaria. Ninguém pode relacioná-lo com nosso projeto. Saí dali carregado de ossos!

– E agora? – perguntou D. Pedro.

– Agora – respondeu Castillo – devemos encontrar uma forma de fazer chegar a nossa primeira mensagem aos cristãos. Entendo que este não é senão o primeiro passo de um plano muito mais ambicioso, não é verdade? – Hernando concordou com as palavras do tradutor. – Vamos ver como a Igreja reage diante de seu venerado bispo e patrono de Granada manifestando-se em árabe...

– E diante da profecia – acrescentou Hernando.

– A profecia será interpretada de modo conveniente para eles. Não tenha dúvida.

– Você me recomendou que eu fosse ambíguo – queixou-se então.

– Sim. É imprescindível. O importante é semear a dúvida. Haverá quem o interprete a favor da Igreja, mas haverá outros que não o entenderão assim, e acontecerão discussões. Nestas terras somos muito dados a isso. Só é necessário que um diga uma coisa para que o outro defenda o contrário, ainda que seja para ganhar destaque. Com toda a certeza, Miguel e eu seremos chamados para traduzir o pergaminho; então nos ocuparemos nós de fazê-lo do modo que nos convém. Se fôssemos precisos e mandássemos uma mensagem clara a favor do islã, o tachariam de herege desde o início e não haveria discussão; há muita gente que sabe árabe. Esta mensagem, o conteúdo do evangelho que você encontrou... Aliás, você o trouxe, não? Eu gostaria de lê-lo.

– Não, sinto muito – desculpou-se Hernando. – Ainda não terminei de transcrevê-lo e prefiro não correr riscos com o original.

– Você faz bem. Bem, como lhes dizia, esta mensagem, a Verdade, deve chegar no momento em que já tivermos espalhado as maiores dúvidas; devemos preparar conscientemente seu aparecimento. O problema continua a ser o que fazer com isto. – Castillo assinalou os objetos depositados sobre a mesa. – Como escondê-los para que os cristãos os encontrem?

– Estão derrubando a Torre Velha, a Turpiana – apontou D. Pedro.

– Seria o lugar ideal para nós – anuiu Luna: – o antigo minarete da mesquita-mor.

– Quando? – perguntou Castillo.

– Amanhã é o dia do arcanjo Gabriel – sorriu Hernando.

Os quatro se olharam. Gabriel era Yibril, o anjo mais importante para os muçulmanos, o que se encarregou de transmitir ao Profeta a palavra revelada.

– Deus está conosco. Não há dúvida – felicitou-se D. Pedro. Castillo procurou algo com que escrever, depois pediu permissão a Hernando, que a deu com um gesto de mão, e acrescentou umas frases em latim e castelhano ao pergaminho, nas quais, entre outras coisas, se ordenava que fosse escondido no alto da Torre Turpiana.

Os outros o observavam em silêncio.

– Mais incógnitas para os cristãos – anunciou ao terminar, entre um sopro e outro na tinta para que secasse. – Amanhã de noite, iremos à torre.

Tal como acontecia com a Turpiana, o corpo do campanário da igreja de São José, no Albaicín, havia sido o minarete da mais antiga das mesquitas de Granada, a Almorabitin, mas, diferentemente do que estava ocorrendo com a Turpiana, neste caso se havia procedido à derrubada da mesquita, mantendo-se porém seu minarete. O dia nasceu pressagiando sol e calor. Hernando madrugou e caminhou pelos arredores do templo. Na noite anterior, antes de retirar-se, a sós com D. Pedro, lhe havia perguntado sobre o ouvidor D. Ponce de Hervás: queria saber se seu caso com Isabel havia tido alguma consequência.

– Nenhuma – respondeu o nobre. – Tal como lhe anunciei, o juiz não vai provocar nenhum escândalo. Pode ficar tranquilo.

Hernando se entreteve com a composição que o desigual conjunto de cadeiras e as lajes de pedra dispostas em desenhos almofadados do minarete formavam. Uma maravilhosa janela em arco de ferradura, manifestamente muçulmana, que se conservava numa de suas paredes, atraiu sua atenção. Tentou imaginar tempos passados, quando os muçulmanos eram chamados à oração daquele minarete, e esteve prestes a não reconhecer duas mulheres que, entre os fiéis, deixaram a igreja uma vez terminada a missa. No entanto, o cabelo louro de Isabel refulgia sob o sol até entre os delicados bordados da mantilha negra que cobria sua cabeça e emoldurava seu rosto. Hernando sentiu um calafrio ao vê-la mover-se, orgulhosa, altiva, inacessível. D. Ángela andava a seu lado, vigilante e carrancuda. Nenhuma das mulheres reparou nele; as duas caminhavam em silêncio, olhando para a frente. Permaneceu oculto atrás de uma das pequenas portas de uma casa mourisca e as viu descer em direção à quinta. Na noite anterior, a visão de uma iluminada Alhambra havia dado asas a uma renascida paixão. Com os olhos fitos em Isabel, as seguiu a certa distância, entre as

pessoas. Que podia fazer? D. Ángela não lhe permitiria falar com Isabel, e, quando chegasse à quinta, já não poderia nem aproximar-se dela. Cruzou com quatro meninos que perambulavam na rua. Pegou um real de sua bolsa e o mostrou; os garotos o cercaram imediatamente.

– Estão vendo aquelas duas mulheres? – apontou Hernando, procurando que nenhuma das pessoas que andavam ao seu redor se apercebesse de suas intenções. – Quero que corram até elas e esbarrem na mais baixa das duas. Depois vocês as distraiam por um bom tempo. Na outra nem rocem, entendido?

Os quatro assentiram ao mesmo tempo e, assim que o mais velho deles pegou o real, eles saíram correndo sem necessidade de traçar plano algum. Hernando se apressou rua abaixo, esquivando-se de homens e mulheres e perguntando-se se não se teria excedido; a prima do ouvidor era uma pessoa mais velha...

O grito de uma mulher ressoou no beco quando D. Ángela saiu voando até cair de bruços no chão. Hernando balançou a cabeça. Já não tinha solução! Os garotos não tiveram necessidade de distrair D. Ángela: uma multidão de pessoas rodeou as mulheres enquanto os meninos fugiam das imprecações e de um que outro pescoção. Ele se aproximou do grupo; duas pessoas tentavam ajudar D. Ángela a levantar-se; outras olhavam e dois homens faziam trejeitos para os rapazes, já longe. Isabel estava inclinada sobre D. Ángela. Enquanto a acidentada era levantada pelas axilas, Isabel pareceu sentir que alguém a observava, e por isso se ergueu e olhou por entre as pessoas até que deparou com Hernando, postado bem diante dela, entre um homem e uma mulher que haviam parado para contemplar a cena.

Olharam-se com intensidade. Isabel resplandecia. Hernando hesitou entre sorrir, lançar-lhe um beijo, circundar o grupo para segurá-la pelo braço e levá-la dali, ou simplesmente gritar que a desejava. Mas não fez nada. Ela tampouco. Mantiveram os olhos fitos um no outro até que D. Ángela conseguiu ficar de pé sem ajuda. Hernando se distraiu ao observar como uma mulher se empenhava em esfregar o vestido da

prima do ouvidor para limpá-lo da areia enquanto esta rejeitava a ajuda, como se tivesse pressa para escapar daquela situação. Ao olhar de novo para Isabel, a encontrou com os olhos chorosos; seu queixo e seu lábio inferior tremiam. Hernando fez um movimento para ela, como se tentasse aproximar-se por entre as pessoas, mas Isabel apertou os lábios e negou com a cabeça de forma quase imperceptível, num esgar expressivo que penetrou até a medula do mourisco. Depois, acompanhadas pela mulher que havia tentado limpar o vestido de D. Ángela, as duas damas seguiram seu caminho: a prima mancando e queixando-se, Isabel contendo as lágrimas.

Hernando afastou as pessoas que já se dispersavam e a seguiu alguns passos, até que Isabel virou a cabeça e o viu.

– Continuem vocês, prima – disse, ao mesmo tempo que indicava para a mulher em que D. Ángela apoiava o braço que prosseguisse na direção do quinta. – Creio que na confusão me caiu um alfinete da mantilha. Já, já as alcanço.

Enquanto a via aproximar-se, Hernando tentou distinguir no rosto de Isabel o menor sinal de alegria, mas quando a teve a seu lado percebeu as lágrimas que lutavam por brotar de seus olhos.

– Que é que você faz aqui, Hernando? – sussurrou ela.

– Queria vê-la. Falar com você, sentir...

– Não é possível... – A voz lhe surgiu entrecortada. – Não volte a entrar na minha vida. Custou-me uma doença esquecê-lo... Cale-se, por Deus! – pediu-lhe quando Hernando se aproximou dela para dizer-lhe algo ao ouvido. – Não me faça sofrer de novo. Deixe-me, eu lhe suplico.

Isabel não lhe deu oportunidade de redarguir. Virou-lhe as costas e se apressou para alcançar D. Ángela.

A negativa de Isabel lhe perseguiu durante todo o dia. Já caída a noite, acompanhado por D. Pedro, Castillo e Luna, circundou a aduana granadina até chegar à Porta dos Jelices, da qual se divisavam as obras da catedral. Às suas costas ficava o bairro em que se comerciavam

sedas. Cerca de duzentas lojas se espremiam em seus estreitos becos. Ninguém vivia de noite no bairro. Fechavam-se suas dez portas, e um alcaide vigiava os comércios e o prédio da aduana em que se pagavam os impostos do comércio da seda.

Diante da Porta dos Jelices se erguia a Turpiana, o antigo minarete da mesquita-mor de Granada, e, se a mesquita se transformou em sacrário cristão, sua torre quadrada, de pouco mais de treze varas de altura, se tornou campanário da catedral. Mas em janeiro desse mesmo ano havia terminado a construção de uma majestosa torre nova de três corpos destinada a campanário, e a Turpiana, já desnecessária, se interpunha na continuação das obras da catedral episcopal.

Da porta em que se encontravam os quatro homens, podia-se divisar toda a área, tenuemente iluminada pelas tochas dos vigilantes das obras e pelas dos colégios que se erguiam diante dela. Diante deles havia uma praça. À esquerda, o Colégio Real e o Colégio de Santa Catarina; à direita, distante da praça, a catedral, da qual só se achavam de pé a rotunda e as naves em torno do altar-mor, bem como o novo campanário, que limitava com a praça e deixava um enorme espaço aberto e ermo entre a cabeceira e a nova torre. A poucos passos deles, na extremidade oposta do novo campanário, erguia-se a antiga mesquita e seu minarete.

A Turpiana estava sendo derrubada cuidadosamente, pedra por pedra, a começar de cima, para aproveitar seus silhares e evitar qualquer dano à cobertura do templo. Observaram a torre, atentos às conversas e risos que lhes chegavam dos vigilantes, que se encontravam fora de seu campo de visão, na parte central da catedral.

– Não devem nos ver – sussurrou Castillo. – Ninguém deve relacionar nossa presença esta noite com o achado da arqueta.

– Há vigilância demais – arguiu com certo desânimo D. Pedro. – É impossível passarmos despercebidos.

Seguiu-se um silêncio só rompido pelos gritos dos vigilantes. Hernando, com a arqueta breada escondida em sua capa, aspirou o aroma da seda que impregnava a malha de ruelas da aduana, parecido

com o que tantas vezes sentira nas Alpujarras, quando ferviam os casulos e fiavam o precioso produto. “Custou-me uma doença esquecê-lo”, dissera-lhe Isabel. Hernando a imaginou de novo nos braços de D. Ponce...

– Hernando! – sussurrou junto a seu ouvido Castillo. – Que faremos?

Que faremos?, repetiu Hernando para si. Ele gostaria de sair correndo a escalar a fachada da quinta do ouvidor e voltar a penetrar no quarto de Isabel e...

O tradutor o sacudiu.

– Que faremos? – repetiu, desta vez num tom de voz mais alto. Hernando se concentrou na praça. – Há vigilância demais – indicou-lhe Castillo.

Um nobre e dois intelectuais! Que esperteza se podia esperar deles?

– É verdade – reconheceu Hernando. – Parece que há muitas pessoas, mas não devem vigiar a Turpiana. Não tem interesse para eles. Em todo caso, estarão atentos à catedral; essa é sua missão. – Pensou por alguns instantes. – Vocês circundem o templo e na extremidade oposta, para além da rua da Cárcel, rebucem-se e simulem uma briga. No momento em que eu escutar seus gritos, entrarei e subirei na torre.

Os três homens não esconderam seu alívio diante da proposta de Hernando e se apressaram em direção à praça de Bibarrambla até chegar à rua da Cárcel, abaixo da catedral. Assim que o deixaram, voltou a pensar em Isabel. Sua negativa significava que nunca mais poderia falar com ela? Na verdade, desejava vê-la de novo? Ou esses sentimentos eram só uma miragem provocada pela devaneadora luz da Alhambra? Fechou os olhos e suspirou.

Uns gritos o trouxeram de novo à realidade. “São Tiago!”, ouviu-se na noite. Não pensou duas vezes e em alguns saltos se pôs junto à fachada da mesquita, à qual se encostou para deslizar colado a ela, ao amparo das sombras. A torre não tinha entrada pela praça; seu acesso devia ficar no interior da mesquita. Passou pela Turpiana e se viu no espaço aberto onde se construíam o cruzeiro e a nave. Havia vários

fogos perto da cabeceira aberta do templo, e os guardas, de pé, estavam atentos aos gritos e ao entrechocar-se de espadas que procedia da rua da Cárcel. Circundou a Turpiana e ali mesmo, entre os alicerces, encontrou o acesso à torre. Quase de lado, subiu por uma estreita escada interna de pouco mais de dois palmos de largura até sair de novo na noite granadina. Os gritos de D. Pedro e seus companheiros continuavam, mas ali em cima deixou de escutá-los: podia ver a Alhambra e toda a Granada! Quantas vezes os fiéis teriam sido chamados daquele lugar à oração! "Alá é grande!", exclamou com a arqueta nas mãos. Sob o luar, procurou um silhar que estivesse solto, algum que já tivesse começado a ser tirado. Encontrou-o, separou-o, escavou no gesso que juntava as pedras e introduziu no vão a arqueta breada. Depois voltou a colocar o silhar. Desceu e fez o caminho de volta até a aduana, de onde se dirigiu para Bibarrambla e para a rua da Cárcel para pôr fim à fingida peleja.

53

No começo de maio de 1588, poucos dias antes de a armada espanhola zarpar de Lisboa para a conquista da Inglaterra, Felipe II escreveu ao arcebispo de Granada agradecendo-lhe o presente da metade do véu da Virgem Maria que ele fizera chegar ao Escorial, ao mesmo tempo que em nome de seus reinos se felicitava pelo aparecimento de tão preciosas relíquias. Pouco depois de os operários que desmontavam a Turpiana encontrarem a arqueta breada que Hernando havia escondido e descobrirem o pergaminho assinado por São Cecílio, o véu da Virgem e a relíquia de Santo Estêvão, Granada explodiu em fervor cristão. Eram as primeiras e tão desejadas notícias de São Cecílio. E a certeza de que, antes da chegada dos muçulmanos, Granada era tão cristã como qualquer das outras capitais do reino provocou no povo uma eclosão de êxtase e misticismo, que a Igreja não tentou mitigar de modo algum. Foram muitos os que a partir daquele momento juraram ter presenciado milagres, fogos misteriosos, aparições e todos os tipos de fenômenos prodigiosos. A catedral de Granada já dispunha de suas relíquias, e a fé de seus habitantes podia sustentar-se em algo mais que palavras!

Aisha se surpreendeu quando um dos dois únicos mendigos mouriscos da cidade fechou com inusitada agilidade a mesma mão imunda e trêmula que pouco antes suplicava esmola às pessoas que transitavam pela rua da Feria, junto à entrada de Corbache, no exato momento em que ela ia dar-lhe uma blanca. A mulher ficou com a moeda entre os dedos ao mesmo tempo que o pobre lançava um cusparada a seus pés e lhe dava a costas. Imediatamente, vários mendigos cristãos a cercaram para ficar com o dinheiro. Aisha hesitou. A lei do Profeta ordenava que se desse esmola, mas não para os cristãos. No entanto, aturdida, ao ver

que, um pouco adiante, aquele que acabara de desprezá-la voltava a pedir caridade, deixou cair a moeda numa das mãos abertas que insistentemente roçavam a sua.

Nem os mendigos a respeitavam! Arrastou os pés em direção à tecelagem de Juan Marco. A nazarena! Alguns já a chamavam assim após correr por Córdova a notícia de que Hernando estava traindo seus irmãos e colaborava com a Igreja na investigação dos crimes das Alpujarras. Nesses anos, a situação econômica da comunidade granadina deportada havia melhorado sensivelmente: a laboriosidade dos mouriscos, tão contrária à indolência cristã, lhes proporcionou certa prosperidade, e muitos daqueles que tinham sido obrigados a vender seu trabalho por míseras diárias possuíam agora seus próprios negócios. A grande maioria completava sua renda com o cultivo de pequenas parcelas de terra nos arredores da cidade, junto ao Guadalquivir. A tal ponto, que os grêmios cordoveses, como sucedia em muitas outras partes, solicitaram diversas vezes às autoridades que impedissem os cristãos-novos de se dedicar ao comércio ou ao artesanato e limitassem suas atividades aos trabalhos assalariados; pedidos que caíram no vazio, já que as municipalidades estavam satisfeitas com a concorrência comercial que os mouriscos ocasionavam. Por tudo isso, as desavenças entre cristãos-velhos e cristãos-novos se agravavam.

Aisha estava com quase quarenta e sete anos e se sentia velha e sozinha. Sobretudo sozinha. O único filho que lhe restava não era senão um inimigo da fé, um traidor de seus irmãos. Que teria acontecido com seus outros filhos?, perguntou-se no momento em que entrava no luminoso estabelecimento do mestre tecelão. Shamir. Fátima e as crianças. Como seria a vida deles nas mãos de Brahim? De noite, parada e angustiada, sempre tentava espantar as imagens que a assaltavam de Fátima violentada por Brahim; de seu próprio filho e de seu neto Francisco, talvez açoitados num dos navios, obrigados a navegar como galeotes. Mas as imagens voltavam várias vezes e, confundidas num trágico sabá, atacavam suas vigílias. Musa e Aquil!

Sabia-se que todas aquelas crianças que tinham sido entregues aos cristãos após a insurreição haviam sido evangelizadas ou vendidas como escravos. Continuariam vivos seus filhos? Aisha levou o braço aos olhos e deteve as lágrimas que já afloravam. Mais lágrimas! Como podiam esses olhos esgotados chorar tanto?

Ela ganhava um bom salário, sim. Todos pareciam saber que Hernando estava por trás desse privilégio, e desde que ela começara a ouvir que em sua própria casa a chamavam de nazarena, aos sussurros, aquele dinheiro pouco lhe servia. Ninguém falava com ela. Primeiro lhe desapareceu um pouco de comida. E calou. Depois, ali onde ela guardava os víveres, encontrou pães dormidos e secos de farinha de painço. E continuou calando, ainda que nem por isso tivesse deixado de comprar víveres que os outros comiam. Um dia encontrou seu quarto invadido por uma família com três filhos. Voltou a calar e continuou a pagar como se o usasse ela sozinha. E se a mandassem embora? Para onde iria? Quem a admitiria? Mesmo com dinheiro, não era mais que a nazarena, e ali ela tinha um teto. Um dia, ao voltar do trabalho, deparou com seus pertences amontoados no saguão de entrada, onde dormia desde então, encolhida junto à porta de entrada da casa.

Na parte de trás da tecelagem, onde se tecia o tafetá em quatro teares, Aisha se dirigiu para seu posto de trabalho, diante de uma série de cestas em que se amontoavam os fios de seda previamente tingidos divididos por cores: azuis, verdes e tonalidades diversas; dourados, o conhecido vermelho da Espanha, ou os valiosos carmesins, obrigatoriamente tingidos com cochonilha, corante que se obtinha de um pulgão que vivia nas azinheiras, nunca com brasilina. Ela tinha de enovelá-los nas canilhas, desemaranhar as pontas dos fios e depois preparar a urdidura reunindo um a um os fios de igual comprimento até enovelá-los e enrolá-los ao redor do fuso de ferro que seria utilizado nos teares. Pegou um tamborete e, após pôr a mão nos rins num gesto de dor, se sentou diante de um cesto. Por que o Todo-

Poderoso a havia abandonado?, lamentou-se diante de uma madeixa de fios vermelhos.

Para além do estreito que separava a Espanha da Berbéria, num luxuoso palácio da medina de Tetuão, Fátima ditava uma carta a um comerciante judeu a que prometera uma boa quantia para escrevê-la em árabe, fazê-la chegar a Córdova por meio de alguém de sua confiança e voltar com a resposta.

– Amado esposo – começou a ditar com o nervosismo presente na voz. – A paz e a bênção do Indulgente e do que julga com verdade sejam com você...

Fátima parou: que dizer a alguém a quem fazia sete anos que não via? Como fazê-lo? Tinha preparado seu discurso, o havia meditado entre as lembranças, o choro e a alegria, mas na hora da verdade não lhe surgiam as palavras. O judeu, já mais velho, paciente, levantou o olhar do papel e fitou a mulher: bela, soberba e altaneira, dura e fria, com uma severidade que agora parecia sucumbir diante da dúvida. Ele a viu andar de um lado para outro na peça até atravessar os arcos que davam para o pátio e voltar a entrar; pôr os dedos cheios de anéis nos lábios para depois entrelaçá-los por baixo dos seios ou fazer um gesto no ar com a mão estendida, como se esperasse que assim pudesse atrair a fluência verbal que parecia tê-la abandonado.

– Senhora – disse respeitosamente o comerciante transformado em amanuense –, posso ajudar? Que quereis dizer ao vosso amado?

Os olhos negros de Fátima, brilhantes e gélidos, pousaram no judeu. O que queria dizer não cabia numa simples carta, esteve prestes a comentar com ele. Queria contar algo tão simples como isto: que Brahim havia morrido, e que ela desejava que Hernando fosse encontrar-se com ela em Tetuão. Que já nada impedia que fossem felizes, e que ela o esperava. Mas e se ele houvesse casado de novo? E se ele já houvesse encontrado a felicidade? Haviam-se passado sete anos...

Sete anos de submissão absoluta! Fátima se postou diante do velho judeu, que continuava observando-a com a pena na mão.

– Foi um grito – sussurrou. O velho fez menção de molhar a pena na tinta, mas Fátima o impediu. – Não. Não o escreva. Foi um grito o que me despertou, o que me trouxe de novo à vida.

O velho deixou a pena sobre a escrivaninha e se acomodou na cadeira, animando a senhora a continuar com a história que queria relatar. Sabia da morte de Brahim: todo Tetuão sabia de seu assassinato.

– Cão nojento! – continuou Fátima. – Foi isso o que ouvi Shamir gritar para Nasi. E depois, após o insulto, compreendi que o rapaz de dezesseis anos já se havia transformado num homem, curtido no mar, nos assaltos às naves cristãs e nas incursões nas costas andaluzas. Sucedeu no pátio, ali mesmo – acrescentou apontando para a maravilhosa fonte que ocupava o centro do pátio porticado, ao rés do chão, com um esguicho de água que saía do centro de um mosaico circular composto por diminutas pedras coloridas que formavam um desenho geométrico. – Vi Nasi, dez anos mais velho que ele, o temido corsário de Tetuão, cruel como ninguém, segurar seu alfanje ante a ofensa. Tremi. Encolhi-me como o vinha fazendo nesta miserável cidade desde que pus os pés nela. Meu pequeno Abdul, com os olhos azuis irados, acompanhava Shamir. O reflexo da lâmina do alfanje de Nasi, que este brandia para os rapazes, me cegou e pensei que fosse desmaiar. – Fátima calou, com as recordações perdidas naquele momento; o judeu não ousou mexer-se. De repente a senhora o olhou. – Sabe, Efraim? Deus é grande. Shamir e Abdul retrocederam alguns passos, mas não para fugir como eu queria, mas para desembainhar suas armas, os dois ao mesmo tempo, juntos, ombro a ombro, com as pernas firmemente plantadas no chão, como se fossem uma só pessoa, sem o menor sinal de medo. Shamir ordenou a Abdul que fosse para trás, que o deixasse sozinho, e meu pequeno o fez, e lhe guardou as costas num movimento que eles pareciam ter realizado milhares de

vezes. “Seu cão!”, insultou Shamir de novo a Nasi, mantendo firme o alfanje diante dele. “Porco imundo!”, tornou a insultá-lo.

“Cego de ira, Nasi atacou e se lançou sobre o rapaz, mas Shamir, como um felino, se afastou, golpeou o alfanje de Nasi e desviou a estocada. Lembro-me... lembro-me de que o som dos aços ao se chocarem fez tremer as colunas do pátio e foi como um sinal para que, por sua vez, meu pequeno Abdul saísse de trás de seu companheiro e lançasse outro golpe contra o alfanje de Nasi, que viu, impotente, sua arma sair voando de sua mão. Não transcorreu nem um instante, e os rapazes voltavam a ficar em posição, com as armas atentas, sorrindo. Eles sorriam! Como se o mundo estivesse a seus pés. “Se não quer morrer como o marrano que você é, tome de novo sua arma e tenta lutar como um verdadeiro crente”, disse Shamir ao corsário.

Fátima calou-se e desviou o olhar para o pátio, revivendo a luta.

– Senhora... continuai – suplicou o judeu diante de um silêncio que se prolongava.

Fátima sorriu com nostalgia.

– O tumulto alertou meu esposo – continuou –, que apareceu no pátio arrastando suas carnes para fazer parar a peleja e esbofetear Shamir e Abdul. “Como lhes ocorre enfrentar meu lugar-tenente e na minha própria casa?”, gritou-lhe. “Escória”, acrescentou cuspindo a seus pés. Mas eu já havia visto o universo que se abria aos pés de meu filho e de Shamir, esse mundo para o qual sorriam altivos e seguros, como os homens que já eram... Dia após dia, ao ver que meus meninos se tornavam homens, fui recuperando minha autoestima, e algumas noites depois, enquanto os quatro jantavam, desarmados, sentados em almofadas ao redor de uma mesa baixa, irrompi na sala de jantar e mandei sair os criados e escravos. Lembro-me do olhar de surpresa de Brahim. Pouco podia imaginar ele o que se lhe avizinhava. “Tenho de tratar um assunto urgente com vocês”, disse eu com desembaraço. Então peguei duas adagas que eu levava escondidas entre as roupas, lancei uma delas para Shamir e empunhei a outra. Nasi se levantou agilmente, mas Brahim foi incapaz de reagir, e, antes que seu lugar-

tenente tivesse chegado a mim, afundei a adaga em seu peito. – Nesse momento, Fátima olhou desafiadora para o velho judeu; sua voz era fria e inexpressiva. – Shamir demorou um pouco para compreender o que estava acontecendo, mas, quando o fez, atalhou Nasi ameaçando-o com a adaga; Abdul também se abalançou para ele.

Fátima calou por alguns instantes. Quando voltou a falar, seu tom baixou até converter-se num sussurro. O velho a contemplava, impassível: que outros segredos se escondiam atrás daqueles belos olhos negros?

– Meu esposo não morreu do primeiro ferimento. Sou somente uma mulher fraca e sem experiência com armas. No entanto, a penetração da lâmina bastou para causar-lhe tanta dor, que não pôde defender-se. Enfiei-lhe a adaga na boca para que não gritasse e depois rasguei seu coto e afundei nele a adaga até quase chegar ao cotovelo. Ficou um bom tempo esvaindo-se em sangue. Um bom tempo... Suplicava. Recordei-me de toda uma vida de sofrimento enquanto via dissipar-se a dele. Não afastei o olhar enquanto não expirou. Morreu exangue, como os porcos.

– Mãe! Que é você fez? – gritou Abdul.

O jovem contemplava com os olhos muito abertos como Brahim, recostado nas almofadas, punha a mão esquerda no ferimento do peito; o sangue jorrava aos borbotões de seu corpo.

Fátima não respondeu. Limitou-se a fazer um gesto com a mão para que fizessem silêncio enquanto Brahim agonizava sobre as luxuosas alfombras de seda que cobriam o chão da peça.

– Shamir – disse com voz firme quando seu odiado esposo expirou –, a partir de hoje você é o chefe da família. Tudo é seu.

O jovem, atrás de Nasi, com a adaga pressionando o pescoço do lugar-tenente, era incapaz de afastar o olhar de seu pai. Abdul, por seu lado, prendia a respiração e levava o olhar, angustiado, de Brahim para Shamir.

– Não era uma boa pessoa – aduziu Fátima diante do silêncio de Shamir. – Acabou com a vida de sua mãe, com a minha. Com as suas...

A menção a Aisha fez o rapaz reagir.

– Que faremos agora? – perguntou, ao mesmo tempo que pressionava o pescoço de Nasi com o gume da adaga, como se o lugar-tenente tivesse de ter a mesma sorte que seu patrão.

– Vocês dois – Fátima se dirigiu a Shamir e Abdul –, peguem o tesouro de Brahim e escondam-no no porto, com todos os homens e os navios preparados para zarpar. Ali vocês aguardarão minhas instruções. – Você – acrescentou aproximando-se do lugar-tenente – irá imediatamente à casa do governador, Muhammad al-Naqsis, e lhe dirá que Shamir, filho do corsário Brahim de Juviles, agora chefe de sua família, lhe jura lealdade e se põe à sua disposição com todos os seus navios e homens.

– E se eu me negar? – cuspiu-lhe o homem.

– Mate-o! – respondeu Fátima dando-lhe as costas.

O imediato som da adaga rasgando o pescoço do lugar-tenente a surpreendeu. Esperava ouvir as súplicas do corsário, mas Shamir não lhe deu a menor oportunidade. Fátima se virou no instante em que Nasi caía degolado.

– Não era uma boa pessoa – disse simplesmente Shamir.

– Certo – resolveu Fátima. – Isso não muda nada. Façam o que eu disse.

Ao amanhecer, Shamir e Abdul partiram para o porto com todo o ouro, joias e documentos de Brahim. Fátima havia ordenado a dois escravos que preparassem os cadáveres e limpassem a sala de jantar. Nessa mesma noite ela se havia dirigido à ala do palácio onde vivia relegada a segunda esposa de Brahim, a quem informou da morte de seu marido sem dar-lhe maiores detalhes, mas frisando que Shamir era agora o novo chefe da família; a outra baixou os olhos e não disse nada. Sabia que dependia agora da generosidade desse jovem que amava Fátima como se fosse sua mãe.

De manhã, já vestida, Fátima se dirigiu para a casa de Muhammad al-Naqsis. Durante o século XVI, a cidade havia pertencido ao reino de Fez, que depois foi tomado pelo de Marrocos, e, após um período de independência, tornou a ser conquistada. O poder central era fraco, e haviam chegado ao palácio de Brahim insistentes rumores segundo os quais a família al-Naqsis pretendia declarar-se independente. Até o próprio Brahim o havia comentado, irritado com a possibilidade de seus inimigos comerciais assumirem o controle da cidade. Apesar de sua condição de mulher, Fátima foi recebida pelo governador. Os al-Naqsis tinham desavenças com Brahim por causa da divisão do corso, e a visita da esposa de seu adversário foi considerada um gesto estranho, que suscitou a curiosidade do chefe da família.

– E Brahim? – perguntou Muhammad al-Naqsis depois de Fátima lhe jurar fidelidade em nome de Shamir.

– Está morto.

O governador examinou Fátima de alto a baixo sem esconder sua admiração. Tinha diante de si a mulher mais bela, e agora mais rica, de todo Tetuão.

– E seu lugar-tenente? – inquiriu, fingindo aceitar a sucinta resposta.

– Também morreu – respondeu Fátima, em tom firme, ainda que sem levantar os olhos do chão, como cabia a uma submissa mulher muçulmana.

"Mortos?", pensou o governador. "Isso é tudo? Que terá tido que ver você com ambas as mortes?"

O homem olhou para Fátima com certo respeito. Ela continuou falando: foi um discurso breve, sem rodeios. Ele levou apenas alguns instantes para decidir não fazer mais perguntas e aceitar a ajuda que aquela generosa viúva parecia disposta a pôr a seus pés para permitir-lhe alcançar a independência.

No dia seguinte, Fátima, cercada de carpideiras, todas vestidas com roupas toscas e com os rostos cobertos de fuligem, escutou versos e canções em homenagem aos mortos. Depois de cada verso, de cada canção, as mulheres gritavam, laceravam o peito e as faces até sangrar

e arrancavam os cabelos. Durante sete dias repetiram aqueles rituais funerários.

O velho judeu levantou a vista. Seus olhos cruzaram com os de Fátima. Ambos sabiam que a confissão que acabara de ser pronunciada jamais seria repetida em nenhum outro lugar. Ele havia aprendido fazia tempo a ver, ouvir e calar. Seu povo havia sobrevivido, e havia enriquecido graças à virtude da discrição; sobretudo quando tal discrição era muito bem recompensada.

– Senhora... – murmurou ele então, apontando para a missiva ainda em branco.

Fátima suspirou. Sim... Havia chegado a hora. Com voz firme, começou a ditar:

– Amado esposo. A paz e a bênção do Indulgente e do que julga com verdade sejam com você.

54

Deus soprou e os dispersou.

Insígnia que Elizabeth I
da Inglaterra mandou gravar

Depois de uma estada de dois meses no porto de La Coruña, e apesar de várias conversações de paz e reuniões em que se desaconselhava a empresa, a grande armada zarpou definitivamente para a conquista da Inglaterra sob o comando do duque de Medina Sidonia, que ocupou o cargo do marquês de Santa Cruz após o repentino falecimento deste.

D. Alfonso de Córdoba e seu primogênito, junto com vinte criados, entre os quais estava o camareiro José Caro, e dezenas de baús com seus pertences, trajes, livros e duas louças completas, zarparam numa das capitânias.

As notícias da frota que começavam a chegar à Espanha não eram as que cabia esperar da misericórdia do Deus pelo qual haviam ido guerrear com a Inglaterra. O objetivo da armada era reunir-se com os terços do duque de Parma em Dunquerque, embarcá-los e invadir a Inglaterra. No entanto, após ancorar em Calais, a apenas vinte e cinco léguas de onde se achavam as tropas do duque de Parma, os espanhóis viram que os holandeses haviam bloqueado a baía de Dunquerque: assim, o duque carecia dos meios necessários para embarcar seus soldados, passar pelo bloqueio holandês e unir-se à frota. Lorde Howard, o almirante inglês, não deixou de aproveitar a oportunidade que lhe oferecia a frota inimiga apinhada e imobilizada em Calais e a atacou com brulotes.

Na noite de 7 de agosto, os espanhóis observaram que da frota inglesa partiam para eles, sem tripulação, com vento e maré favoráveis,

oito embarcações de aprovisionamento em chamas. Dois dos tão temidos "mechas do inferno" puderam ser desviados de sua rota por meio de longos paus manejados de chalupas, mas os outros seis se internaram entre os navios espanhóis disparando seus canhões indiscriminadamente e explodindo em chamas entre eles, o que obrigou seus capitães a cortar as amarras, levantar âncoras e fugir a toda a pressa, rompendo a formação de meia-lua que haviam adotado durante toda a travessia. Os ingleses atacaram ao verificar que a armada inimiga perdia sua costumeira e segura formação, e deu-se uma luta sangrenta, após a qual os espanhóis se viram empurrados pelo vento para o norte do Canal da Mancha. Por mais tentativas que o duque de Medina Sidonia tenha feito para voltar e aproximar-se suficientemente das costas de Flandres, as condições atmosféricas o impediram. Enquanto isso, os ingleses, sem dar batalha, se limitaram a vigiar a possível volta dos inimigos.

Alguns dias depois, o almirante espanhol ordenou que fossem lançados pela borda todos os animais que a frota transportava e, em condições precárias, com a água e os víveres apodrecidos em consequência da má qualidade dos barris fabricados com as tiras de metal e as aduelas com que tiveram de ser substituídas as queimadas por Drake no ano anterior, com as embarcações destroçadas e a tripulação morrendo diariamente de tifo ou de escorbuto, rumou para a Espanha pelo norte, circundando as ignotas costas irlandesas.

Em 21 de setembro, o navio do duque de Medina Sidonia, todo envolto em três grandes maromas para que não se despedaçasse, qual um macabro presente, com seu almirante agonizando numa liteira, atracava em Santander junto com oito galeões. Apenas trinta e cinco navios dos cento e trinta que compunham a grande armada conseguiram chegar a diferentes portos. Alguns foram afundados durante a batalha no Canal da Mancha; outros, a maioria, se perderam nas costas irlandesas, onde os temporais desabaram sobre navios desconjuntados, enchendo de naufrágios toda a costa oeste irlandesa. Muitos outros, no entanto, permaneciam em lugar desconhecido.

Alguns dias depois, um correio partia para Córdova: o navio em que navegavam D. Alfonso e seu filho não havia chegado a nenhum porto.

Ante a notícia, D. Lucía determinou que todos quantos viviam no palácio, fidalgos, criados e escravos, incluindo Hernando, fossem às três missas diárias que ela ordenara ao sacerdote fossem celebradas na capela do palácio. No restante do dia, o silêncio só era interrompido pelo murmúrio dos rosários que os fidalgos e a duquesa tinham de rezar a cada hora, reunidos na penumbra de um dos salões. Estabeleceu-se um jejum estrito; proibiram-se a leitura, as danças e a música, e ninguém ousava deixar o palácio se não fosse para ir à igreja ou às constantes orações públicas e procissões que, desde o desastre da armada e ante a falta de notícias sobre tantos navios e suas tripulações, se organizaram em todos os cantos da Espanha.

– *Maria, Mater Gratiae, Mater Misericordiae*...

Todos de joelhos, atrás da duquesa, rezavam o rosário vezes seguidas. Hernando murmurava mecanicamente a interminável cantilena, mas de ambos os lados, da frente ou de trás ouvia as vozes daqueles cortesãos orgulhosos e altivos, que se elevavam em oração com verdadeira devoção. Observou em seus rostos a inquietude e a angústia: seu futuro dependia da vida e da generosidade de D. Alfonso e, se este morresse...

– Não vos preocupeis, prima – disse um dia D. Sancho na hora do almoço: a mesa apresentava um aspecto sóbrio, com pão preto e peixe, sem vinho nem nenhuma das demais excelentes viandas que comumente se serviam em palácio –, se vosso esposo e seu primogênito foram capturados nas costas irlandesas, seus captores os respeitarão. Eles podem proporcionar um extraordinário resgate para os ingleses. Ninguém lhes fará mal. Confiai em Deus. Serão bem cuidados até que se pague o resgate; é a lei da honra, a lei da guerra.

No entanto, o brilho de esperança que cintilou nos olhos da duquesa diante das palavras do velho fidalgo se foi mudando em choro à medida que chegavam notícias à península. Sir William Fitzwilliam, então capitão-general das forças inglesas de ocupação na Irlanda,

dispunha apenas de setecentos e cinquenta homens para proteger a ilha diante dos nativos que ainda defendiam suas liberdades, razão por que não estava disposto a consentir na chegada de tão elevado número de soldados inimigos. Sua ordem foi taxativa: prender e executar imediatamente todo espanhol encontrado em território irlandês, de qualquer condição, fosse nobre, soldado, criado ou simples galeote.

Os espiões de Felipe II e aqueles soldados que com a ajuda dos senhores irlandeses conseguiram fugir através de Escócia se espraiaram no relato de aterradoras matanças de espanhóis; os ingleses, sem a menor compaixão ou cavalheirismo, matavam até os que se rendiam.

Então Hernando, preocupado com a sorte de quem o havia tratado como a um amigo, começou também a temer por seu próprio futuro. As relações com a duquesa haviam piorado ainda mais nos últimos tempos em razão do conhecimento de seu caso com Isabel. Como D. Sancho, D. Lucía não lhe dirigia a palavra; a altiva nobre nem sequer o olhava, e Hernando parecia ter-se convertido num estorvo imposto por aquele de cuja vida nada se sabia. Talvez em outras circunstâncias ele não tivesse dado maior importância a isso: odiava a hipocrisia de tão ocioso tipo de vida, mas o favor do duque, sua biblioteca e as dezenas de livros a que tinha acesso, bem como a possibilidade de dedicar-se inteiramente à causa da comunidade mourisca após o espetacular sucesso do achado do pergaminho na Torre Turpiana, eram algo a que não queria nem podia renunciar, por mais incômoda que se tornasse sua estada no palácio do duque. O cabido da catedral encomendou a tradução do pergaminho precisamente a Luna e Castillo, e ele, Hernando, acabara de conseguir dar o sutil ponto de curvatura para a direita à ponta dos cálamos. E, como se sua mão servisse a Deus, veio a desenhar no papel as mais maravilhosas letras que podia ter imaginado.

Em setembro daquele ano, ao mesmo tempo que toda a Espanha, incluindo seu rei, chorava a derrota da grande armada, um jovem judeu de Tetuão provido de documentos falsificados que o davam

como comerciante de azeite malaguenho, chegava a Córdova acompanhando de uma caravana a que se havia juntado em Sevilha.

Após passar pela aduana da torre da Calahorra, enquanto atravessava a ponte romana a pé, ao lado de algumas mulas, o jovem fixou o olhar na grande obra que se via bem diante deles, para além da ponte e da porta de acesso à cidade. Recordou as palavras de seu pai.

– Após a ponte, você encontrará a grande mesquita sobre a qual os cristãos estão construindo sua catedral – havia-lhe explicado antes de ele partir, repetindo as indicações de Fátima, falando com ele em castelhano para recordar-lhe o idioma que eles só usavam para tratar de negócios com os cristãos que iam à Berbéria. E agora ei-la!

O filho de Efraim, de mesmo nome que o pai, parou diante da monumental estrutura que se erguia sobre o teto baixo da mesquita, com majestosos arcobotantes à espera de que fossem construídos o zimbório e a abóbada que deviam coroar o templo.

– Na fachada principal da catedral, do outro lado do rio, onde se ergue o campanário – havia continuado seu pai –, encontrará uma rua que sobe até a dos Deanes e que chega a outra, conhecida como dos Barberos, para depois, um pouco mais acima, chamar-se de Almanzor...

A voz do velho judeu tremeu.

– Que é que está acontecendo, pai? – preocupou-se Efraim, avançando a mão para pô-la em seu braço.

– Essa zona a que você deve dirigir-se – explicou após pigarrear – é precisamente a antiga judiaria de Córdova, de onde os cristãos nos expulsaram há menos de um século. – A voz do velho voltou a tremer. Fátima lhe explicara onde ficava a casa-pátio em que moravam, e ele escutou com paciência a senhora. Quantas vezes havia ouvido a descrição daquelas ruas pela boca de seu avô! – Ali estão as suas raízes, meu filho, respire-as e traga-me algo daquele ar!

A mulher que o recebeu na casa-pátio não lhe deu notícia daquele Hernando Ruiz, cristão-novo de Juviles, a quem devia encontrar para entregar-lhe a carta que levava escondida debaixo da camisa; mais

ainda, despediu-o bruscamente quando o rapaz insistiu em que naquela casa havia vivido uma família mourisca.

– Nenhum herege pisou nunca nesta casa! – gritou-lhe, e fechou a porta que dava para o saguão.

"Se por algum motivo você não o encontrar", indicara-lhe seu pai, "você deverá dirigir-se para as cavalariças reais. Segundo a senhora, ali certamente lhe darão notícias dele." Efraim perguntou como se chegava, voltou pelo mesmo caminho, passou diante do alcácer, onde ficava o tribunal do Santo Ofício, e chegou às cocheiras.

– Não sei quem é esse de que me fala – respondeu-lhe um moço com que topou assim que passou pelo portão de entrada –, mas, se se trata de um cristão-novo, pergunte na ferraria. Certamente Jerónimo saberá dele; trabalha aqui há muitos anos.

Depois de atravessar o saguão de entrada e a área das cocheiras, Efraim chegou ao picadeiro central, onde vários cavaleiros domavam potros. O jovem judeu parou por alguns instantes. Quão diferentes eram aqueles cavalos dos pequenos cavalos árabes de sua terra! Do saguão, o moço lhe chamou a atenção e lhe ordenou que prosseguisse para a ferraria. Por que o tal Jerónimo devia saber de um cristão-novo?, perguntou-se enquanto caminhava para a ferraria. Encontrou a resposta na tez escura e nas feições árabes do ferrador, que o recebeu com um sorriso que se apagou assim que soube o motivo de sua visita.

– Que quer com Hernando? – perguntou.

Efraim hesitou: por que aquele receio? Entre bigornas, um forno aceso, ferramentas e barras de ferro, o ferrador se ergueu diante dele, respirando com força pelo nariz bulboso.

– Você o conhece? – perguntou o jovem com firmeza.

Agora foi o ferrador quem hesitou.

– Conheço – reconheceu enfim.

– Sabe onde posso encontrá-lo?

Jerónimo deu um passo na direção do jovem.

– Por quê?

– Isso é assunto meu. Só lhe pergunto se sabe onde posso encontrar o tal Hernando. Se for assim e quiser me dizer, muito bem; caso contrário, não quero incomodá-lo, e vou procurá-lo em outro lugar.

– Não sei nada dele.

– Obrigado – despediu-se Efraim com a convicção de que o árabe lhe mentia. Por quê?

O ferrador não estava disposto a dar referência alguma de Hernando, mas talvez fosse conveniente saber das intenções do visitante.

– Mas sei onde pode encontrar a mãe dele – acabou por dizer. Efraim parou. "A senhora exige que a carta seja entregue a ele pessoalmente ou à mãe dele. Ela se chama Aisha. Não deve fazê-lo a nenhuma outra pessoa", advertira seu pai.

Que acontecia com aquela família?, perguntava-se Efraim quando chegou à porta da casa de Aisha, numa ruela estreita do bairro de Santiago, na extremidade oposta da cidade. Era evidente que Jerónimo lhe havia mentido; seus olhos escuros o delatavam, e, quando perguntou por Aisha a umas mulheres que iam e vinham com vasos e flores no pátio da construção, estas o olharam com desdém. Efraim era um jovem forte, provavelmente não tanto como o ferrador, mas certamente mais que o mourisco que atendeu ao chamado das mulheres. E estava cansado. Dias e dias havia caminhado do porto de Sevilha, aonde chegou num navio português que havia zarpado de Ceuta, e estava o dia todo indo de um lugar para outro à procura do tal Hernando Ruiz ou de sua mãe, arriscando-se a que qualquer discussão pudesse causar sua detenção e manifestar sua condição de judeu ou a falsificação de sua cédula de vendedor de azeites.

– Por que procura por Aisha? – perguntou-lhe o mourisco com desprezo.

Já não aguentava mais! Efraim prescindiu da prudência, franziu o cenho e aproximou a mão da empunhadura da adaga que levava na

cintura. O mourisco não pôde impedir que seu olhar acompanhasse o movimento da mão do jovem judeu.

– Você não tem nada a ver com isso – respondeu. – Ela mora aqui? – O mourisco hesitou. – Mora ou não mora aqui? – explodiu Efraim, fazendo menção de desembainhar a adaga.

Morava. Dormia ali mesmo, atrás de onde se encontrava Efraim, no saguão. O jovem voltou o olhar para o cobertor enrugado para o qual apontou o mourisco com um movimento de queixo. No entanto, àquela hora a mulher ainda não havia voltado da tecelagem.

Efraim esperou no beco que conduzia à casa. Algum tempo depois, algo lhe disse que a mulher que se dirigia para ele, devagar, encurvada, com o olhar fixo no chão e umas grandes roupas que pendiam de seus ombros caídos, era a pessoa que ele procurava.

– Aisha? – perguntou quando a mulher passava ao seu lado. Ela anuiu mostrando-lhe uns olhos tristes, afundados em órbitas arroxeadas. – A paz seja com você – cumprimentou Efraim. A cortesia pareceu surpreendê-la. O jovem judeu a viu como um animal indefeso e ferido. Que estava acontecendo com aquelas pessoas? – Meu nome é Efraim e venho de Tetuão... – sussurrou-lhe aproximando-se dela.

Aisha reagiu com inusitada energia.

– Cale-se! – advertiu, ao mesmo tempo que fazia um gesto para o interior da construção, para além do saguão. Efraim se virou para deparar com vários rostos atentos a eles.

Sem dizer palavra, Aisha se encaminhou para o rio. Efraim a seguiu, tentando acompanhar a lentidão do caminhar da mulher.

– Venho... – insistiu já longe da casa, mas Aisha o calou de novo com um gesto.

Chegaram ao Guadalquivir pela Porta de Martos, diante do moinho que pertencia à Ordem de Calatrava. Ali, à margem do rio, Aisha se virou para ele.

– Traz notícias de Fátima? – perguntou com um fiapo de voz.

– Sim. Tenho...

– Que sabe de meu filho, de Shamir? – interrompeu-o ela, obrigando-o a parar.

Efraim pensou perceber um brilho de vida naqueles olhos apagados.

– Está bem. – Antes de partir, seu pai lhe havia explicado a situação. – Mas pouco mais sei dele – esclareceu. – Eu lhe trago uma carta da senhora Fátima. É endereçada a seu filho, Hernando, mas também é para você.

Efraim rebuscou no interior de suas roupas.

– Não sei ler – aduziu Aisha.

O jovem ficou com a carta na mão.

– Dê-a a seu filho, e que o faça ele – arguiu aproximando-a dela para que a pegasse.

Aisha deixou escapar um triste sorriso. Como iria dizer a seu filho que o havia enganado, e que Fátima, Francisco e Inés estavam vivos?

– Leia-a você.

Efraim hesitou. "A Hernando ou à mãe dele", lembrou-se. Ouvia-se, de fundo, o incessante barulho das mós do moinho triturando os grãos à passagem doa água do Guadalquivir.

– Está bem – cedeu e rompeu o selo lacrado. – Amado esposo – leu depois. – A paz e a bênção do Indulgente e do que julga com verdade sejam com você...

O sol iniciava seu ocaso, delineando ambas as siluetas às margens do rio. Concentrado na leitura, Efraim não pôde captar a sorriso de Aisha no momento em que a missiva contava a morte de Brahim, exangue como um porco. O jovem judeu teve de pigarrear diversas vezes enquanto lia o relato do assassinato que tão detalhadamente estava escrito com a familiar letra de seu pai.

> Seu filho está bem – prosseguia a carta dirigida a Hernando. – Tornou-se um homem inteligente e curtiu-se no corso contra os cristãos. Como está sua mãe? Espero que a força e a coragem com que cuidou de mim e me apoiou lhe tenham servido para superar todas as provas a que Deus nos submeteu. Diga-lhe que Shamir

também já é um homem e, além disso, agora é rico e poderoso, após a morte de seu maldito pai. Ambos, valentes, altivos, em nome do único Deus, do verdadeiro, do Forte e Firme, do que faz viver e morrer, sulcam os mares lutando e prejudicando os cristãos, aqueles que tantos males nos causaram. Inés cresce sadia. Amado esposo: ignoro o que lhe disse sua mãe acerca do sequestro de seu filho, de Inés e de sua escrava, que sou eu, mas devo supor que lhe contou que tínhamos morrido, porque, se não fosse assim, estou certa de que você teria vindo atrás de nós. Os rapazes não conseguiram sabê-lo nunca e esperaram por muito tempo a sua chegada. Hesitei em contar-lhes tudo, mas decidi que essa possibilidade, essa esperança, os ajudaria num caminho que se mostrou cruel e difícil. Hoje já é tarde para fazê-lo. Você mesmo poderá dizer-lhes, e eles lhe perdoarão, certamente, assim como espero que você perdoe sua mãe; fui eu que lhe pedi que o fizesse, que impedisse que você nos seguisse até este ninho de corsários onde Brahim o esperava com todo um exército para matá-lo.

Efraim teve de interromper a leitura ante os soluços de Aisha. Evitou olhar para a mulher, surpreendido por uma dor que ela não fazia nada para esconder.

– Continue – instou-lhe Aisha com voz trêmula.

Hernando, temos muitas noites para recuperar – leu o judeu. – Tetuão é o nosso paraíso. Aqui podemos viver sem problemas e na verdadeira fé, sem nos escondermos de nada nem de ninguém. Contudo, ignoro se você contraiu novo matrimônio. Não o reprovo, seria compreensível. Nesse caso venha com sua nova esposa e seus filhos caso os tenha. Como boa muçulmana que estou certa ela também há de ser, sua esposa compreenderá e aceitará a situação. Traga também Aisha: Shamir precisa dela. Todos precisamos de vocês! Que Deus guie o portador desta carta, para

que o encontre com saúde e o devolva a meus braços e aos de seus filhos.

Aisha se manteve parada por longo tempo, com o olhar perdido nas águas já quase negras do Guadalquivir.

– Assim termina a carta – acrescentou Efraim diante seu silêncio.

– Espera resposta? – Aisha encarou o jovem.

– Sim – hesitou Efraim diante de sua atitude. – Assim me disseram.

– Tampouco sei escrever...

– Seu filho...

– Meu filho já não escreve em árabe! – respondeu Aisha, com a voz tomada pelo rancor. – Lembre-se bem do que eu vou lhe dizer e transmita-o a Fátima: o homem que ela amou já não existe. Hernando abandonou a verdadeira fé e traiu seu povo; nenhum dos nossos fala com ele nem o respeita. Seu sangue nazareno venceu. Nas Alpujarras ajudou os cristãos e, às escondidas, salvou algumas de suas miseráveis vidas. Agora vive no palácio de um nobre cordovês, um dos que matou tantos dos nossos, como mais um deles, entregue ao ócio. Em vez de copiar exemplares do Corão ou profecias, trabalha para o bispo de Granada louvando os mártires cristãos das Alpujarras, aqueles que nos roubavam, nos cuspiam... ou nos ultrajavam.

Aisha calou. Efraim a viu tremer, percebeu umas lágrimas que pelejavam para sair de uns olhos enfurecidos e tristes.

– Hernando já não é meu filho e não é digno de você nem de meus netos – murmurou. – Quem o diz é Aisha, aquela que o concebeu após ser violentada, que o levou em seu seio e que o pariu com dor... com toda a dor do mundo. Fátima, minha querida Fátima, que a paz seja com você e com os seus. – Aisha pegou a carta que ainda permanecia nas mãos do jovem, a rasgou em vários pedaços e, após aproximar-se do rio, os deixou cair na água. – Entendeu tudo? – perguntou, de costas para ele.

– Sim. – Efraim teve de fazer um esforço para articular aquele simples monossílabo. Depois engoliu a pouca saliva que lhe restava na

boca. – E você o que fará? A carta dizia...

– Já não me restam forças. Deus não pode pretender que eu inicie um caminho tão longo. Volte para a sua terra e transmita minha mensagem a Fátima. Que Deus o acompanhe.

Depois, sem sequer olhá-lo, ela deu meia-volta e se afastou, com passo muito lento, percorrendo o mesmo caminho que um dia fizera com Hernando, junto ao rio que havia tragado Hamid.

Vários dias antes de 18 de outubro, festa de São Lucas, os aguazis de Córdova afixaram cartazes por toda a cidade nos quais se anunciava a grande oração pública pelo retorno dos navios da armada de que ainda não se tinha notícia. Ainda faltavam chegar setenta! Ao mesmo tempo, pregoeiros da municipalidade leram nos lugares mais concorridos o edito pelo qual todos os cordoveses eram convocados a ir à procissão, confessados e comungados, cada um com sua cruz, sua disciplina ou sua vela ou tocha. A comitiva devia sair das portas da catedral, uma hora depois do meio-dia, razão por que os cordoveses dedicaram a manhã a confessar-se e comungar como se fosse Quinta-Feira Santa.

No palácio do duque de Monterreal, D. Lucía, suas filhas e seu filho pequeno já estavam preparados, vestidos de negro austero, cada um com um círio nas mãos. Os fidalgos e Hernando, também de negro, pegaram tochas para acompanhar a prece pública e começaram a reunir-se no salão de D. Lucía, à espera do tanger de todos os sinos da cidade. O bispo havia ordenado que tocassem até os dos conventos e ermidas da serra e lugares próximos. Uma macilenta D. Lucía, sentada junto a seus filhos, murmurava orações ao mesmo tempo que passava as contas do rosário; os demais estavam submersos em tensa espera. Então apareceu D. Esteban, descalço, nu da cintura para cima, com apenas uns calções e uma grande cruz de madeira sobre o ombro são. Ele se aproximou da duquesa e a cumprimentou com uma leve inclinação de cabeça. O velho sargento aleijado exibia ainda um tronco forte, sulcado por numerosas cicatrizes, algumas em forma de simples linhas na pele mais ou menos grossas e mal costuradas; outras, como a

que nascia do ombro esquerdo, eram sulcos que o atravessavam nas costas. D. Lucía respondeu ao cumprimento do sargento, com os finos lábios apertados e os olhos repentinamente umedecidos. Imediatamente, um dos fidalgos saiu da peça e foi buscar outra cruz para levar na procissão. Os demais se olharam entre si e afinal seguiram os passos do primeiro.

– Agora, encomendando-se a Deus, você pode tornar a salvar a vida de D. Alfonso. – D. Sancho se dirigiu a Hernando pela primeira vez em muito tempo. – Ou pouco lhe importa que morra?

Queria ele que o duque morresse? Não. Hernando recordou os dias na tenda de Barrax e sua fuga. Era cristão, mas era seu amigo; talvez o único com que podia contar em toda a Córdova. Além disso, porventura não era ele Hernando, que defendia a existência de um único Deus, o Deus de Abraão? Seguiu o fidalgo, decidido a sofrer penitência por D. Alfonso. Que importava tudo agora? Seus irmãos de fé já estavam convencidos de sua traição; nada do que ele fizesse podia piorar o desprezo que sentiam por ele.

– Como conseguimos agora uma cruz de madeira? – ouviu um dos fidalgos perguntar. – Não temos tempo para...

– Servem espadas, barras de ferro ou simples lenhos para amarrarmos os braços estendidos. A cruz será formada por nossos braços – interrompeu-o o que ia a seu lado.

– Ou uma penitência – interveio outro: – um látego ou um cilício.

Não faltavam espadas no palácio do duque. No entanto, Hernando se lembrou da grande e antiga cruz de madeira que pendia num canto das cocheiras. Como lhe havia explicado o moço, o duque decidira trocar o magnífico Cristo de bronze que presidia o altar da capela do palácio por uma cruz trabalhada em caro mogno trazida da ilha de Cuba, e a velha, já sem função, foi parar nos estábulos.

Era um dia ensolarado, mas frio. Ao tanger de todos os sinos da cidade e dos lugares próximos, a grande procissão saiu da catedral de Córdova pela Porta de Santa Catarina: circundou-a na direção do rio, e passou sob a ponte entre o bispado e a catedral até o palácio do bispo,

onde este a benzeu da sacada. A procissão era encabeçada pelo corregedor da cidade e pelo superior da catedral, seguidos pelos vinte e quatro e pelos jurados do município providos de seus pendões. Atrás deles, com os membros do cabido da catedral, com sacerdotes e com beneficiados, ia o Santo Cristo do Ponto num andor; os frades dos numerosos conventos da cidade levavam estampas com imagens de suas igrejas, algumas debaixo de um pálio. Mais de duas mil pessoas com círios ou tochas acesos nas mãos, com D. Lucía e seus filhos à frente, consolados pelos nobres que haviam ocupado um lugar ao lado da família do duque.

E, atrás de todos eles, a procissão havia reunido cerca de um milhar de penitentes. Carregando sua cruz, Hernando os observou enquanto esperavam para começar a caminhar. Como ele, quase todos caminhavam descalços e com o tronco descoberto. Ao redor viu outros homens com cruzes no ombro. Outros iam crucificados: com os braços em cruz, atados a espadas ou ferros. Havia penitentes com cilícios nas pernas e na cintura, homens com o tronco envolto em silvas e urtigas, ou com uma corda no pescoço posta ali para que outro penitente a puxasse durante a caminhada. Os murmúrios das orações de todos eles ressoaram em seus ouvidos, e Hernando sentiu um inquietante vazio interior. Que pensariam os mouriscos que o vissem? Talvez entre tanta gente não chegassem a reconhecê-lo e, em todo o caso, repetiu para si mesmo, que importava agora?

A procissão, com os cordoveses caindo de joelhos à sua passagem, fez o percurso previsto pelas ruas da cidade em busca de igrejas e conventos. Quando passava por algum templo de dimensões suficientes, passava por seu interior, acompanhada dos cânticos do coro. A fila era tão longa, que a frente da procissão ficava várias horas distante da passagem dos penitentes. Nos templos de menores dimensões, era recebida pela comunidade religiosa, que havia ido à rua com as imagens, e entoava misereres das portas; as freiras o faziam escondidas, dos mirantes dos conventos.

Já havia transcorrido um longuíssimo trecho de uma marcha que segundo o edito devia prolongar-se até o anoitecer. Hernando começou a sentir que o peso da cruz sobre seu ombro aumentava de forma insuportável. Por que não se teria limitado a crucificar-se como os outros fidalgos? Mais ainda: que diabos fazia ele ali, destroçando os pés, pisando nas poças de lama e sangue, rezando e cantando misereres? O velho sargento dos terços, à frente dele, empregando apenas o braço útil, parou quando a ponta da cruz que ele arrastava se fincou num buraco da rua. Por mais que D. Esteban puxasse a cruz, foi incapaz de tirá-la do buraco; os penitentes o deixaram para trás, mas os que carregavam cruzes não puderam fazê-lo e foram obrigados a parar também. Um jovem que assistia à procissão saiu do meio do público e levantou a ponta da cruz. O sargento se virou para ele e agradeceu com um sorriso. A procissão continuou, com os dois carregando a cruz. Teriam de ajudar também a ele, receou Hernando ao retomar a marcha fazendo um esforço para puxar os pesados lenhos cruzados. Restava-lhe a tarde toda!

– Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco... – juntou-se Hernando aos murmúrios.

Ave-Marias, Padre-Nossos, Credos, Salves... o murmúrio de orações era incessante. Que fazia ele ali? Misereres cantados. Milhares de velas, círios e tochas. Incenso. Bênçãos. Santos e imagens por todos os lados. Homens e mulheres ajoelhados à sua passagem, alguns gritando e suplicando com os braços estendidos para o céu em arrebatamentos místicos. Flagelantes com as costas ensanguentadas ao seu redor. De repente se sentiu deslocado... Ele era muçulmano!

Se os piedosos fiéis de Córdova haviam sido convocados por meio de anúncios e pregões, não o fora assim a comunidade mourisca. Dias antes da festa de São Lucas, párocos, sacristães e vigários, jurados e aguazis recorreram aos detalhados recenseamentos dos cristãos-novos e, casa por casa, os constrangeram a comparecer à procissão. Como se fosse um domingo, no dia de São Lucas, à primeira hora da manhã,

com os recenseamentos nas mãos, postaram-se nas portas das igrejas para se certificar de que ninguém deixava de confessar e comungar. Ninguém podia ficar em casa; todos tinham de assistir à procissão e rezar pelo retorno dos navios da grande armada que ainda não haviam chegado ao porto. Toda a Espanha rogava em uníssono por sua volta!

– Que é que está esperando, velha? – O padeiro mourisco sacudiu Aisha, que estava deitada no saguão.

Vários homens, quando estavam saindo de casa para confessar e comungar, lhe instaram que se levantasse, mas ela não lhes fez caso. Que lhe importavam os asquerosos navios do rei cristão?! O último a sair, o velho padeiro, não ia permitir que a mulher ficasse ali.

– É uma procissão de nazarenos – gritou-lhe ao ver que Aisha se encolhia em seu cobertor, no chão. – Sua e de seu filho! Os oficiais de diligências farão que todos assistamos à procissão. Por acaso você quer que a desgraça caia sobre esta casa e sobre todos nós? Levante-se!

Dois outros mouriscos, dos que dividiam a casa e que já estavam na rua, voltaram.

– Que é que está acontecendo? – perguntou um deles.

– Ela não quer se levantar.

– Se não for confessar, os oficiais de diligências virão verificar e suspeitarão desta casa. Vamos tê-los em cima de nós todos os dias do ano.

– Eu lhe disse isso – alegou o padeiro.

– Olhe, nazarena – disse o terceiro, acocorando-se junto a Aisha –, você vem por bem ou por mal.

Aisha foi até a paróquia de Santiago claudicando entre dois jovens mouriscos que a seguravam rudemente pelas axilas. O sacristão riscou seu nome na porta da igreja, após afastar-se e olhá-la com apreensão.

– Ela está doente – desculparam-se os jovens.

Mas não puderam obrigá-la a confessar, e menos ainda se atreveram a aproximá-la do altar para comer "a torta", mas era tal a afluência de fiéis à igreja, tal o alvoroço e as filas diante do confessionário, que ninguém o notou. Os oficiais de diligências já tinham achado bom que

tivesse ido à igreja. Dali, vigiados por um alcaide, os mouriscos do bairro de Santiago se situaram na rua do Sol, entre a paróquia de São Tiago e o convento de Santa Cruz, à espera da passagem da procissão. Aisha estava entre eles, encolhida, alheia a tudo. Tiveram de permanecer muitas horas na rua desde o tanger dos sinos, até que a procissão, já caminhando de volta para a catedral, percorreu o bairro de Santiago, junto à muralha oriental.

Aisha não falou com ninguém. Fazia dias que não abria a boca, nem sequer na tecelagem, onde suportava em silêncio, com o olhar perdido, as increpações do mestre Juan Marco diante dos fios de seda mal enovelados ou com cores ou medidas misturadas. Trabalhava pensando em Fátima e em Shamir. Fátima havia conseguido! Havia sofrido anos de humilhações, mas calara-se e suportara tudo, e sua força de vontade e sua constância a levaram a ter uma vingança que a ela jamais teria passado sequer pela imaginação. Um paraíso!, recordou que a carta dizia. Vivia num paraíso. E ela, o que havia feito ela ao longo da vida? Velha, doente e sozinha. Observou os vizinhos que a rodeavam, como se quisessem escondê-la. Comiam. Comiam pão de painço, e tortas, e doces de amêndoa, bolinhos de chuva que haviam comprado. Nenhum deles lhe ofereceu um pedaço, embora tampouco ela tivesse podido comê-lo. Faltavam-lhe alguns dentes, e o cabelo lhe caía em mechas; tinha de desfazer em pedacinhos o pão duro que lhe deixavam todas as noites. Que grande pecado teria cometido para que Deus a castigasse daquela maneira? Hernando traía os muçulmanos, e Shamir vivia longe, na Berbéria; seus outros filhos... haviam sido assassinados ou vendidos como escravos. Por quê, Deus? Por que não a levava de uma vez? Desejava a morte! Chamava-a cada noite em que tinha de se deitar no frio e duro chão do saguão, mas a morte não vinha. Deus não se decidia a livrá-la de suas misérias.

Suas pernas doíam no momento em que o Cristo do Ponto passava diante dela. Os mouriscos se ajoelharam. Alguém puxou sua saia para que fizesse o mesmo, mas ela não cedeu e permaneceu de pé, calada, sem rezar, encolhida como uma velha entre homens ajoelhados. Ao fim

de um bom tempo chegaram os penitentes. Depois de percorrerem a cidade, eram muitos os que caíam sob o peso das cruzes, e as pessoas eram obrigadas a ir em sua ajuda. Esse não era o caso de Hernando, mas o sargento, que caminhava junto a ele, já havia deixado a cruz ao passar pela Corredera e caminhava no meio do grupo de penitentes, cabisbaixo e vencido, livre de uma carga que dois jovens haviam feito sua. Os que levavam disciplinas já apareciam com o corpo ensanguentado; os fervorosos cristãos que assistiam à procissão se comoviam e emocionavam diante dessas demonstrações de paixão e se uniam aos gritos e uivos de dor que saíam da boca dos penitentes. As freiras de Santa Cruz começaram a entoar o *Miserere*, levantando a voz para fazer-se ouvir no meio do vozerio, animando o milhar de homens dilacerados.

– *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam* – retumbou o lúgubre cântico na rua do Sol.

Aisha olhava sem interesse a passagem daqueles infelizes quando, entre eles, puxando uma cruz imensa, com as costas cheias de sangue devido aos ferimentos ocasionados pelo roçar da madeira no ombro nu e com o rosto congestionado, viu seu filho, que arrastava os pés junto com os demais penitentes: sua imagem lhe recordou uma das centenas de Cristos que as igrejas e os altares de rua cordoveses exibiam.

– Não! – gritou. Crisparam-se-lhe os dedos das mãos. O padeiro se virou para ela para ver que as suaves veias azuis do pescoço da velha estavam agora dilatadas sob o queixo. Seus olhos irradiavam ódio. – Não! – tornou a gritar. Outro mourisco se virou para ela. Um terceiro a tentou calar, o que chamou a atenção do aguazil, mas Aisha o surpreendeu e se safou dele com a força nascida da ira. – Alá é grande, meu filho! – gritou então. O aguazil já se dirigia para Aisha.

– *Et secundum multitudinem miserationum tuarum, dele iniquitatem meam* – lamentavam-se as freiras de Santa Cruz.

Os mouriscos se afastaram de Aisha.

– Escute, Hernando! Fátima está viva! Seus filhos também! Volte para a sua gente! Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o

env...!

Não pôde terminar a profissão de fé. O aguazil se lançou sobre ela e a fez calar com um soco que lhe fez saltar dois dentes.

Hernando, desvairado, louco de dor, entre gritos e uivos, repetia para si aqueles cânticos queixosos que vinha escutando o dia todo: *Amplius lava me ab iniquitate mea*. E puxava a cruz, sem se preocupar senão em arrastar os pesados madeiros. Não notou o alvoroço entre os mouriscos. Nem sequer virou o rosto para o tumulto que se havia formado ao redor de sua mãe.

55

No final de outubro, o rei Felipe se dirigia a todos os bispos do reino agradecendo-lhes suas preces e procissões, mas também lhes instando que as suspendessem; considerava impossível que, passados dois meses e meio desde que a armada se teria internado em águas do Atlântico, retornasse qualquer outro navio. Dias depois, o próprio rei escrevia uma sentida carta pessoal à esposa de seu primo, o duque de Monterreal, grande da Espanha, para comunicar-lhe a morte de D. Alfonso de Córdoba e seu primogênito nas mãos dos ingleses e nas costas de Irlanda, onde naufragou seu navio.

Dois marinheiros que escaparam da matança com a ajuda dos rebeldes irlandeses, e que conseguiram fugir primeiro para a Escócia e depois para Flandres, haviam relatado sem nenhuma espécie de dúvida o assassinato do duque e de seu filho. Pelo que haviam contado, uma brigada do exército inglês havia aprisionado o duque e seus homens enquanto estes vagavam por terras irlandesas, depois de alcançar a costa a nado após o naufrágio. Sem darem a menor importância à categoria de D. Alfonso, que tentou fazer valer sua condição de nobre diante do *sheriff*, obrigaram todos os espanhóis a despir-se e os enforcaram numa colina como a delinquentes comuns.

Hernando não se achava presente na manhã em que o secretário do palácio, D. Silvestre, leu a carta diante de todos os fidalgos, após tê-lo feito privadamente diante de D. Lucía. Fazia dois dias que ia ao alcácer dos reis cristãos e solicitava audiência ao relator, ao notário ou ao próprio inquisidor, esperando que algum deles o recebesse. Levou quase dez dias para ter conhecimento da detenção de sua mãe por parte da Inquisição, o que ele soube quando Juan Marco, o mestre tecelão, lhe mandou recado devolvendo-lhe o dinheiro que todos os meses o mourisco lhe fazia chegar, uma vez que sua mãe já não

aparecia para trabalhar na tecelagem. Foi o próprio aprendiz que lhe levou o dinheiro, apenas um menino, que, diante de vários criados de palácio, lhe cuspiu a notícia com rancor:

– Sua mãe invocou o Deus dos hereges ao passarem os penitentes da procissão. – As moedas escaparam da mão de Hernando e caíram no chão produzindo um estranho tilintar. Sentiu fraquejar-lhe as pernas. Ela o devia ter visto na procissão! Não podia ser outra coisa. – É uma sacrílega! – afirmou o menino ao cessar o barulho das moedas.

Um dos criados anuiu ao que dissera o garoto:

– Merece a maior pena que o Santo Ofício possa lhe impor: a fogueira seria pouco castigo para quem é capaz de blasfemar diante de uma procissão sagrada.

O máximo que Hernando conseguiu da Inquisição foi que aceitassem seu dinheiro para a alimentação de Aisha, ainda que ele não imaginasse que ela havia decidido não comer e que rejeitava as exíguas e infectas rações que os carcereiros jogavam em sua cela.

D. Esteban foi o primeiro a cair de joelhos quando o secretário deu fim à leitura da carta do rei. D. Sancho fez o sinal da cruz diversas vezes, e outros fidalgos imitavam o velho sargento dos terços. O murmúrio de orações desconexas começou a assolar a peça até que a voz potente do capelão se ergueu acima dele:

– Como iria Cristo atender a nossas súplicas se, ao mesmo tempo que nós rogávamos sua intercessão, a mãe daquele a quem D. Alfonso beneficiava com seu favor e amizade invocava o falso Deus da seita dos muçulmanos?

D. Lucía, que até então havia permanecido afundada numa poltrona, ergueu o rosto. Tremia-lhe o queixo.

– De que adianta uma procissão em que se comete sacrilégio?

A duquesa desviou os olhos chorosos para o fidalgo que acabara de expressar-se naqueles termos. No momento em que anuiu a suas palavras, outro deles se juntou ao ataque a Hernando.

– Mãe e filho tinham tudo preparado! Eu vi o mourisco fazer um sinal...

A partir daí, a corte de ociosos nobres se encarniçou contra Hernando.

– Blasfêmia!

– Deus se sentiu ofendido!

– Por isso nos negou sua graça.

Os olhos de D. Lucía se fecharam em finas linhas. Não iria permitir que o filho de uma sacrílega que havia ultrajado a procissão continuasse morando no palácio e desfrutando do favor de quem já não podia dá-lo!

Nessa mesma noite, quando Hernando, sem saber da morte de D. Alfonso, voltava derrotado do tribunal da Inquisição após esperar infrutiferamente o dia todo que alguém o atendesse, o secretário o abordou na própria porta de palácio.

– Amanhã de manhã – anunciou-lhe D. Silvestre – você deve deixar esta casa. Assim ordenou a duquesa. Você não é digno de viver sob este teto. Sua Excelência, o duque de Monterreal, e seu filho morreram defendendo a causa do catolicismo.

O estalar das correntes que uniam seus tornozelos quando D. Alfonso, ferido, desferiu seu aço toledano sobre elas junto a um riacho das Alpujarras ressoou de novo em sua cabeça. Hernando desceu as pálpebras. O duque, com sua morte, voltava a libertá-lo de uma servidão a que ele não ousava pôr fim.

– Transmiti minhas condolências à duquesa – disse.

– Não creio que seja oportuno – negou-se o secretário acremente.

– Pois vos equivocais – replicou Hernando. – Talvez sejam as únicas sinceras que receberá nesta casa.

– Que é que está insinuando?

Hernando fez um gesto com a mão.

– Que é que eu posso ou não posso levar? – inquiriu.

– Suas roupas. A duquesa não quer vê-las. O cavalo...

– O cavalo e seus arreios são meus. Não preciso que ninguém me permita levá-los – disse Hernando com firmeza. – Quanto a meus escritos...

– Que escritos? – perguntou o secretário com ironia. Hernando soltou um suspiro de aborrecimento. Iriam humilhá-lo até o final?

– Vós bem sabeis – respondeu. – Os que estou preparando para o arcebispo de Granada.

– Está bem. São seus.

Ele sentia a morte de D. Alfonso. Chegou a acreditar que voltaria logo. Apreciava sinceramente o duque, que tanto havia feito por ele, e nesses momentos também teria querido contar com sua ajuda, com sua intercessão por sua mãe diante da Inquisição. Cem vezes mencionou seu nome para ser recebido, mas pouco pareceu importar ao Santo Ofício as referências aos nobres ou grandes da Espanha. Ninguém, qualquer que fosse sua condição, estava acima da Inquisição e podia pressionar seus membros! Dirigiu-se depressa para a torre do minarete onde tinha escondido o evangelho de Barnabé e seus outros segredos. Silvestre era capaz de revistá-lo à sua saída do palácio, e por isso ele decidiu levar poucas coisas. Pegou a mão de ouro de Fátima... Ele a segurou na palma de sua mão por alguns instantes, tentando recordar-se de como brilhava no nascedouro dos seios de sua esposa, acompanhando-os em seus movimentos; a joia se havia escurecido com a morte de Fátima, pensou, tal como sua vida. Quanto aos livros e escritos, a decisão foi rápida: só levaria a cópia em árabe do evangelho de Barnabé; tudo o mais, incluída a transcrição do evangelho que havia realizado, seria destruído. O tratado de caligrafia de Ibn Muqla teria a mesma sorte. Não podia arriscar-se a que o flagrassem, e o sabia de cor; as imagens das letras e os desenhos de suas proporções apareciam diante de seus olhos assim que aproximava o cálamo do papel.

Por fim voltou a seus aposentos e abriu o baú para pegar a bolsa em que guardava suas economias, mas não a encontrou. Rebuscou entre seus poucos pertences. Haviam-na roubado. Cães cristãos!, murmurou.

Pouco haviam demorado para lançar-se à rapina, tal como nas Alpujarras. Só lhe restava o pouco dinheiro que tinha consigo.

Maldizendo-se por não ter guardado convenientemente suas economias, fez uma trouxa com suas roupas e escondeu os pergaminhos do evangelho entre seus escritos sobre o martirológio. Passavam despercebidos. Deixou a deslustrada mão de Fátima em cima das roupas: levaria a joia escondida em seu corpo. Por último se lavou para rezar. Depois, ao terminar suas orações, ficou parado no meio do quarto: que faria a partir de agora?

– Preciso de dinheiro.

Pablo Coca não se alterou diante das palavras de Hernando. A casa de jogo estava vazia; uma escrava negra guineana limpava e arrumava tudo após uma noite de jogo.

– Todos nós precisamos, amigo – respondeu-lhe. – O que aconteceu?

Hernando lembrou-se daquele menino que forçava seus traços para conseguir mexer o lóbulo da orelha como fazia o Mariscal, e decidiu confiar nele e contar-lhe sua situação. Evitou, porém, explicar-lhe como nessa mesma manhã havia conseguido burlar a revista a que o submetera Silvestre.

– E isso? – havia perguntado o secretário apontando para os papéis que Hernando segurava com a mão direita, à vista. Silvestre acabara de rebuscar na trouxa, tratando-o como a um vulgar gatuno diante dos criados que iam e vinham pelo pátio para o qual davam as cocheiras.

– Meu informe para o cabido da catedral de Granada.

O secretário fez um gesto para que lho entregasse. Hernando se limitou a aproximar-lhe os papéis, sem soltá-los.

– São confidenciais, Silvestre – disse permitindo-lhe, não obstante, ler o conteúdo da primeira página, na qual relatava as matanças de Cuxurio. – Eu lhe disse que são confidenciais da Igreja de Granada – insistiu então, lançando-lhe em rosto sua curiosidade. – Se o arcebispo souber...

– Está bem! – cedeu o secretário.

– E agora? Vai me despir? – ironizou Hernando pensando na mão de Fátima que levava escondida nas calças. – Quem sabe você gostaria? – provocou-o fazendo menção de estender os braços. Silvestre enrubesceu. – Não se preocupe, cheguei pobre a este palácio e saio dele tão pobre como era então. – Hernando sorriu cinicamente para o secretário; teria sido ele o ladrão? – Miserável, como dizem vocês.

O moço de estábulo se negou a embridar Voador, vertendo em sua simples negativa todo o rancor acumulado ao longo dos anos em que fora obrigado a servir a um mourisco. Hernando o aparelhou, ainda que tenha tido de desaparelhá-lo pouco tempo depois, no *mesón* do Potro, onde procurou alojamento. Da multidão de *mesones* que havia na praça e seus arredores, escolheu aquele porque seu dono não o conhecia. Voador, com o ferro das cocheiras reais, duas vezes maior que qualquer das mulas e asnos que descansavam no pátio do *mesón*, e a distinta roupa que vestia lhe conseguiram o melhor dos quartos da pousada, só para ele. Uma cama, duas cadeiras e uma mesa constituíam todo o mobiliário. Adiantou o pagamento como se se tratasse de um homem rico, apesar de que ao tirar o dinheiro da bolsa percebeu que só lhe restavam duas moedas de dois reais. Depois, em folhas de papel em branco que levara do palácio, escreveu uma carta a D. Pedro de Granada Venegas explicando-lhe sua situação, a de sua mãe, e implorando ajuda. Pouco mais poderia fazer por eles, pela causa mourisca, anunciava, se caísse na miséria. No mesmo *mesón* do Potro encontrou um arrieiro que se dirigia para Granada, e sua bolsa se esvaziou definitivamente.

– Muito do dinheiro que tinha – terminou explicando a Pablo Coca – eu dei ao carcereiro da Inquisição para o sustento e cuidado de minha mãe. O restante...

– Esta noite você poderá ter alguns ganhos – tentou animá-lo o *coimero*. Hernando fez uma expressão de desgosto. – Darão para você ir levando – insistiu Pablo. – Ao menos terá para pagar o *mesón*.

– Palomero – arguiu Hernando, utilizando o mote de sua juventude –, preciso de muito dinheiro, entende? Tenho de comprar muitas vontades no alcácer dos reis cristãos.

– De nada lhe adiantará o dinheiro com a Inquisição. Quando aconteceu o episódio das bruxas, as Camachas, detiveram D. Alonso de Aguilar, da casa de Priego. Um Aguilar! Não houve dinheiro que adiantasse enquanto não se esclareceu a questão e o libertassem. Ousaram até com arcebispos...

– Minha mãe é apenas uma velha mourisca sem importância, Pablo.

Coca pensou por alguns instantes, brincando com um dedo na borda de um copo. Estavam os dois sentados ao redor de uma jarra de vinho que a guineana lhes havia servido.

– Frequentemente me chamam para organizar partidas importantes – comentou como se duvidasse da possibilidade. Hernando deixou o copo que ia levar à boca e se aproximou por cima da mesa. – Não gosto. Às vezes cedo e faço, mas... A essas partidas vão nobres, escrivães, aguazis, jurados, jovens altivos e soberbos, filhos de grandes famílias, e até padres! São jogos em que se movimenta muito dinheiro e muito rápido; não têm nada a ver com a sangria lenta das casas de jogo. Todos eles são tão trapaceiros como qualquer dos infelizes que entram na minha casa, mas prontos a desembainhar a espada se você lhes recrimina algum de seus grosseiros truques ou ingênuos ardis. É como se a honra de que tanto falam fosse suficiente para desculpar um baralho marcado.

– Por que recorrem a você?

– Sempre pedem a ajuda de algum *coimero* por duas razões. Em primeiro lugar porque não querem humilhar-se indo às casas de jogo; e, ainda mais importante, porque como você bem sabe, todas as partidas, salvo aquelas em que se joga para comer ou em que as apostas são inferiores a dois reais, são proibidas. Há alguns anos, quem quer que tivesse perdido numa partida clandestina até podia entrar com uma ação, no prazo de oito dias, para que lhe devolvessem o dinheiro perdido. Agora já não se pode exigir essa devolução; o dinheiro

perdido, perdido está, mas, se alguém denuncia uma partida ilegal, todos são presos, e os que ganharam têm de pagar uma multa igual ao que embolsaram mais um tanto – a mesma quantia – que se divide igualmente entre o rei, o juiz e o denunciante. Aí é que entramos nós, os *coimeros*: todos os que se sentam a uma mesa clandestina ou saibam dela estão conscientes de que, se denunciam uma partida, sua vida não vale uma blanca. Qualquer *coimero* de Córdova, de Sevilha, de Toledo ou dali para onde o denunciante fugir executará essa sentença, ainda que não tenha sido ele quem organizara a partida. É nossa lei, e temos meios para fazê-lo, ninguém duvida, e quem é jogador... mais dia, menos dia, reaparece em alguma mesa.

– De qualquer forma – disse Hernando após pensar por alguns instantes sobre as palavras de Pablo –, você não gostaria de se aproveitar deles?

Coca sorriu.

– É claro! Mas perco meu negócio se nos descobrem. Nós, os *coimeros*, corremos um risco aumentado: ainda que não se denuncie a partida, qualquer aguazil rancoroso que tivesse perdido nela poderia tornar minha vida impossível; um vinte e quatro ressentido me arruinaria. Explorar uma casa de jogo acarreta uma pena de dois anos de desterro, e, se você for flagrado com jogos de dados, a pena é a confiscação de todos os seus bens, cem açoites e cinco anos de galés. E na minha casa há dados: eles me rendem um bom dinheiro...

– Não têm por que saber que jogamos juntos. Ganho eu, você perde, e dividimos depois. Palomero, custou-lhe muito esforço aprender o truque do Mariscal para desperdiçá-lo com quatro mortos de fome. Lembre-se das expectativas que tínhamos então.

– Às vezes corre sangue – hesitou o *coimero*.

– Vamos aumentar seu dinheiro! – insistiu Hernando.

– Você está pensando em viver de jogo? – perguntou Coca. – Afinal, de uma forma ou de outra, nos relacionariam. Você não pode ganhar sempre nas minhas mesas.

– Não é minha intenção converter-me em jogador trapaceiro. Assim que solucione o problema de minha mãe, fugirei desta cidade. Iremos... para Granada, provavelmente.

O *coimero* bebeu um longo gole de vinho.

– Vou pensar – disse depois.

Pablo Coca fez nessa primeira noite seus sinais, e Hernando obteve ganhos tranquilizadores. Retornou à pousada do Potro e, antes de subir para seu quarto, se dirigiu às cocheiras para verificar o estado de Voador. O cavalo dormitava amarrado a uma grande manjedoura; sobressaía entre duas pequenas mulas. Com os animais, dormiam arrieiros e hóspedes que não podiam pagar os quartos do andar de baixo. Voador sentiu a presença dele e bufou. Hernando se aproximou para palmeá-lo.

– Que é que você está fazendo aí, garoto? – exclamou ao observar um rapaz deitado sobre a palha como um novelo, colado aos cascos dianteiros de Voador.

O menino, que não devia ter mais de doze anos, mostrou uns imensos olhos castanhos para Hernando, mas não se levantou.

– Cuidando do vosso cavalo, senhor – respondeu com voz tranquila e uma serenidade imprópria para sua idade.

– Ele pode pisá-lo enquanto você dorme. – Hernando lhe estendeu a mão para que se levantasse.

O garoto não fez menção de agarrar-se a ela.

– Não o fará, senhor. Voador... eu vos ouvi chamá-lo assim à vossa chegada – esclareceu –, é um bom animal, e nos tornamos amigos. Não vai me pisar. Eu cuidarei dele para vós.

Como se tivesse entendido as palavras do rapaz, Voador baixou a cabeça até tocar com os beiços o cabelo emaranhado e sujo do menino. A ternura da cena contrastou com os gritos, as ameaças, as trapaças, as apostas e a cobiça que se viam na casa de jogo e que Hernando ainda levava colados às roupas. O mourisco hesitou.

– Venha, venha. Pode machucá-lo – decidiu. – Os cavalos também dormem, e, mesmo sem querer, ele poderia pis...

Calou-se de repente. Após um esgar de tristeza, o rapaz se esforçava para levantar-se agarrando-se a uma das patas do cavalo, como se pretendesse subir por ela. Suas duas pernas não eram mais que uma massa disforme: estavam assustadoramente quebradas. Hernando se abaixou para ajudá-lo.

– Deus! O que lhe aconteceu?

O menino conseguiu ficar de pé, com as mãos apoiadas nos ombros de Hernando.

– O difícil é me manter erguido. – Sorriu mostrando uns dentes quebrados e ocos nas gengivas. – Se me passardes esses cajados, eu poderei...

– Que lhe aconteceu nas pernas? – perguntou Hernando, consternado.

– Meu pai as vendeu ao diabo – respondeu o rapaz com seriedade.

Seus rostos quase se tocavam.

– Que quer dizer? – perguntou Hernando num sussurro.

– Meu irmão mais velho tinha os braços e as mãos destroçados. Eu as pernas. José, meu irmão mais velho, me contou que pouco depois de meu nascimento, enquanto eu chorava muito, meu pai me quebrava os ossos com uma barra de ferro; depois, todos estiveram preocupados com se eu iria sobreviver ou não. Eu e todos os meus irmãos tínhamos algum defeito. Lembro-me de como meus pais cegaram minha irmã pequena passando um ferro em brasa pelos seus olhos dois meses depois do parto. Também chorou muito – acrescentou o garoto com tristeza. – Eles conseguem melhores esmolas com um menino aleijado ao lado. – Hernando notou que seus pelos se arrepiavam. – O problema é que o rei proíbe os mendigos de pedir esmola acompanhados de crianças de mais de cinco anos. Os deputados e os párocos podem tirar-lhes a licença para mendigar se os pegarem fazendo-o com crianças de mais dessa idade. A mim deixaram continuar um pouco mais porque eu era muito miúdo; mas aos sete

anos me abandonaram. Como vedes, senhor, umas pernas por sete anos de esmolas.

Hernando foi incapaz de articular uma palavra. Sentia a garganta garrotada. Sabia dos cruéis procedimentos para arrancar uma mísera blanca da compaixão das pessoas, mas nunca chegara a viver de perto a realidade de um daqueles infelizes. "Como vedes, senhor, umas pernas por sete anos de esmolas." Suas palavras eram tão tristes... Sentiu um repentino impulso de abraçá-lo. Fazia quanto tempo que não abraçava uma criança? Pigarreou.

– Tem certeza de que Voador não o pisará? – terminou perguntando.

Os dentes quebrados reapareceram num sorriso.

– Tenho. Perguntai a ele.

Ajoelhado junto às patas do cavalo, Hernando palmeou a cabeça de Voador e ajudou o menino a deitar-se diante dos cascos.

– Como você se chama? – perguntou-lhe enquanto o pequeno voltava a enovelar-se sobre a palha e já fechava os olhos.

– Miguel.

– Vigie-o bem, Miguel.

Nessa noite, Hernando não dormiu. Depois de ter escrito a D. Pedro de Granada, lhe restava apenas uma folha de papel em branco, um cálamo e um pouco de tinta. Sentou-se à desconjuntada e tosca mesa de seu quarto, limpou a capa da poeira que se acumulava sobre o tampo, e à luz de uma bruxuleante candeia se preparou para escrever com todos os seus sentidos exacerbados. Sua mãe, Miguel, o jogo, aquele quarto lúgubre e sujo, os barulhos e rumores dos demais hóspedes rompendo o silêncio da noite... O cálamo deslizou sobre o papel e traçou a mais bela das letras que ele já havia escrito. Sem pensar, como se fosse Deus quem guiava sua mão, escreveu a inconclusa profissão de fé que acabara de levar sua mãe para as masmorras da Inquisição: "Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus." Depois se preparou para continuar com a oração que os mouriscos acrescentavam. Molhou o cálamo na tinta

com a imagem de Hamid em sua memória. Ele o fizera rezar esta oração na igreja de Juviles para demonstrar que não era cristão. E se tivesse morrido então? "Sabe que toda pessoa é obrigada a saber que Deus..." Ter-lhe-ia poupado uma vida muito dura, pensou ao voltar a molhar o cálamo.

De manhã Voador não estava nas cocheiras; tampouco Miguel. Hernando procurou aos gritos o *mesonero*.

– Saíram – respondeu-lhe este. – O rapaz disse que lhe havíeis dado permissão. Um dos muleiros que dormia no estábulo confirmou que o encarregastes de cuidar do cavalo.

Hernando correu transtornado para a praça do Potro. Tê-lo-ia enganado o rapaz? E se lhe roubassem Voador? Parou assim que cruzou o umbral: Miguel, apoiado em um de seus cajados, com as pernas retorcidas, contemplava como o cavalo bebia no tanque da fonte da praça; um monumento com a escultura de um potro encabritado construído fazia poucos anos. O pelo de Voador brilhava ao sol ainda fraco; ele o havia escovado.

– Ele estava com sede – explicou o rapaz sorrindo ao ver Hernando já a seu lado.

O cavalo ladeou a cabeça e babou sobre Miguel a água que acabava de tomar. O rapaz o afastou com a ponta de um dos cajados. Hernando os observou: pareciam entender-se. Miguel imaginou o que passava pela mente dele.

– Os animais gostam tanto de mim quanto as pessoas evitam a minha companhia – afirmou então.

Hernando suspirou.

– Tenho algumas coisas para fazer – disse-lhe depois, entregando-lhe uma moeda de dois reais que o menino agarrou com os olhos muito abertos. – Cuida dele.

Afastou-se em direção à rua do Potro e a dobrou para encaminhar-se para o alcácer, onde sua mãe estava presa. Nesse momento virou a cabeça e viu que o rapaz se entretinha junto à fonte, apoiado em seus

cajados, brincando com Voador, salpicando-lhe água com a ponta dos dedos, alheios ambos a tudo quanto pudesse acontecer ao redor. Preparava-se para seguir seu caminho no momento em que Miguel decidiu voltar para as cocheiras. Não segurou a corda de Voador; limitou-se a pendurá-la no ombro, e o cavalo o seguiu, livre, como se fosse um cão. O mourisco balançou a cabeça. Era um cavalo de pura raça espanhola, brioso e altivo. Em qualquer outra ocasião se teria assustado com os meros pulinhos com que se deslocava Miguel à frente dele apoiado em seus cajados, buscando que seus pés tocassem o menos possível o chão, como se o fazê-lo pudesse quebrar ainda mais suas pernas esquálidas e disformes.

Chegou ao alcácer dos reis cristãos com uma sensação estranha, causada pelos pulinhos de Miguel e pela docilidade de Voador. Ainda pensando nessa cena, surpreendeu-o que o carcereiro que até então se negava a permitir-lhe ver sua mãe aceitasse o escudo de ouro que Hernando tirou mecanicamente de sua bolsa, sem convicção alguma; ele o ganhara com um vinte e um de banca, um ás e um rei, que provocou mil reclamações por parte dos que apostavam contra ele.

Estranhando-o, seguiu o carcereiro até um grande pátio com uma fonte, laranjeiras e outras árvores, que teria sido belo se não fosse pelos lamentos que vinham das celas que o rodeavam. Hernando aguçou o ouvido: algum deles proviria de sua mãe? O carcereiro lhe abriu passagem para uma cela na extremidade do pátio, e Hernando atravessou uma porta encaixada em muros sólidos e largos. Não. Daquela pútrida e infecta cela não provinha som algum.

– Mãe!

Ajoelhou-se ao lado de um vulto imóvel no chão de terra. Com mãos trêmulas tenteou entre as roupas que cobriam Aisha em busca de seu rosto. Custou-lhe reconhecer nele aquele da mulher que lhe dera a vida. Consumida, a pele lhe pendia flácida do pescoço e das faces; as órbitas dos olhos estavam afundadas e arroxeadas, e os lábios ressecados e cortados. Seu cabelo não era mais que uma maranha imunda.

– Que é que vocês fizeram com ela? – disse entre dentes para o carcereiro. O homem não respondeu e permaneceu parado na larga porta. – É apenas uma velha... – O carcereiro trocou o pé de apoio e franziu o cenho para Hernando. – Mãe – repetiu ele, segurando com as palmas das mãos o rosto de Aisha e aproximando-o de seus lábios para beijá-lo. Aisha não respondeu aos beijos. Estava com o olhar perdido. Por um momento ele pensou que ela estivesse morta. Sacudiu-a levemente, e ela se mexeu.

– Está louca – afirmou então o carcereiro. – Não quer comer e só bebe água. Não fala nem se queixa. Fica assim o dia todo.

– Que é que vocês fizeram com ela? – voltou a perguntar com a voz embargada, estupidamente empenhado então em limpar com a unha uma pequena mancha de terra que Aisha tinha na testa.

– Não lhe fizemos nada. – Hernando virou o olhar para o carcereiro. – É verdade – assegurou o homem, abrindo as mãos. – O tribunal considera suficiente a declaração do aguazil para condená-la. Já lhe disse que ela não fala. Não quiseram torturá-la. Teria morrido. – Hernando voltou a tentar infrutiferamente alguma reação da parte de Aisha. – A ninguém estranharia se morresse... esta mesma noite...

Hernando ficou parado, de costas para o homem, com sua mãe nos braços, inerte. Que queria dizer ele?

– Pode morrer – repetiu o homem da porta. – O médico já o disse ao tribunal. Se isso acontecesse, ninguém se preocuparia. Ninguém viria comprová-lo. Eu mesmo informaria e depois a enterraria...

Era isso! Por isso lhe havia permitido visitar Aisha.

– Quanto? – interrompeu-o Hernando.

– Cinquenta ducados.

Cinquenta? Cinco!, esteve prestes a oferecer, mas calou-se. Porventura iria regatear com a vida de sua mãe?

– Não tenho – disse.

– Nesse caso... – O carcereiro deu meia-volta.

– Mas tenho um cavalo – sussurrou Hernando, olhando para os olhos inexpressivos de Aisha.

– Não ouvi. Que disse?

– Que tenho um bom cavalo – esforçou-se Hernando elevando o tom de voz. – Marcado com o ferro das cavalariças reais. Seu valor é muito superior a esses cinquenta ducados.

Ficaram de fazer tudo essa mesma noite. Hernando trocaria Voador por Aisha. Que lhe importava o dinheiro? Era apenas um animal trocado... trocado pela simples oportunidade de enterrar sua mãe e de esta morrer em seus braços. Talvez Deus lhe permitisse abrir os olhos nesse último instante, e ele devia estar ali. Tinha de estar a seu lado! Aisha não podia morrer sem que ele desfrutasse da oportunidade de reconciliar-se com ela.

Miguel continuava sentado no chão ao lado de Voador, vendo o cavalo arrancar um pouco de relva que ele havia colocado na manjedoura.

– Sinto muito – disse-lhe Hernando acocorando-se para revolver-lhe o cabelo. – Esta noite venderei o cavalo. – Por que se desculpava?, pensou imediatamente. Era um garoto que...

– Não – respondeu-lhe Miguel, interrompendo-lhe os pensamentos, sem fazer a menor menção de virar-se para ele.

– Como não? – Hernando não sabia se sorria ou se zangava. Nesse momento Miguel levantou os olhos para Hernando, que se havia levantado e estava junto ao cavalo.

– Senhor, já estive com cães, gatos, passarinhos, e até com um macaco. Sempre sei quando vão voltar... e sempre pressinto quando é a última vez que os vejo. Voador voltará para mim – afirmou seriamente –, eu sei.

Hernando baixou o olhar para as pernas quebradas do rapaz, estendidas sobre a palha.

– Não vou discutir. Talvez seja assim. Mas temo que nesse caso não voltará para mim.

Com o toque das completas, Hernando tirou Voador das cocheiras; encaminhou-se pela rua do Potro para a mesquita. Haviam combinado na praça do Campo Real, junto ao alcácer. Não quis montar nele.

Andava sem olhar para trás, puxando a corda. Um tanto afastado, Miguel os seguia aos pulinhos. Hernando chegou à praça e se dirigiu para uma de suas esquinas, onde como em quase todos os lugares se acumulava o lixo; ali, no monturo, sem altar algum que iluminasse a noite, se faria a troca. Miguel parou a alguns passos de onde Hernando se pôs a perscrutar na escuridão, esperando distinguir a figura do carcereiro com sua mãe às costas. O mourisco não deu nenhuma importância à estranha posição do rapaz, as duas pernas estranhamente apoiadas no chão e ele apoiado em um só de seus cajados; o outro estava seguro pela mão direita, acima da cabeça. Voador estava nervoso: bufava muito, pateava e até fazia menção de escoicear.

– Tranquilo – tentou acalmá-lo Hernando –, tranquilo, assim.

O cavalo devia pressentir, pensou palmeando-lhe o pescoço, que iria separar-se dele. Nesse mesmo momento uma ratazana guinchou e correu por entre as pernas de Hernando e de Voador. Outras a seguiram. Hernando pulou. Voador se encabritou, soltou-se das mãos de Hernando e saiu galopando espavorido. Miguel, em precário equilíbrio, espantava os ratos a golpes de cajado.

Os relinchos de Voador, assustado, chamaram a atenção de todos os cavalos que estavam estabulados nas cavalariças reais, junto ao alcácer, e que, por sua vez, se juntaram à agitação barulhenta. O porteiro das cavalariças e dois moços de estábulo saíram à rua que dava na praça do Campo Real para vislumbrar na escuridão um magnífico cavalo tordilho que galopava solto, arrastando a corda.

– Um cavalo fugiu! – gritou um dos moços.

O porteiro ia discutir com o moço, certo de que nenhum animal havia fugido das cavalariças, mas se calou quando, à luz de uma das tochas da Inquisição, Voador mostrou o ferro do rei na garupa; sem dúvida se tratava de um cavalo das cocheiras reais.

– Corram! – gritou então.

Hernando também corria atrás de Voador. Como iria libertar sua mãe com toda aquela confusão? O carcereiro não apareceria. Miguel conseguiu afastar-se dos ratos e permanecia parado, extasiado com a

força e a beleza dos movimentos do cavalo, odiando as pernas inúteis sobre as quais se mantinha em pé. “Ele vai voltar”, sussurrou para Hernando. Das cavalariças continuavam a sair pessoas, mas também do próprio alcácer; faziam-no pela porta diante da qual durante o dia os porteiros vendiam panos. Hernando parou irritado ao ver cerca de meia dúzia de homens conseguir encurralar Voador num dos muros do alcácer.

Cercado, bufando, o cavalo se deixou segurar pela corda.

– É meu! – Hernando se aproximou ao mesmo tempo que resmungava impropérios contra os ratos. Como não o havia previsto quando o carcereiro lhe propusera aquele lugar?

O pessoal das cocheiras não demorou a verificar que aquele animal não era um dos potros das cavalariças.

– Deveria prestar mais atenção – recriminou-o um deles. – Ele poderia se machucar na escuridão da noite.

Hernando não quis responder e estendeu a mão para pegar a corda. Que saberiam aqueles desgraçados?

– Você não é aquele que vem todo dia ver a louca? – perguntou-lhe então um dos porteiros da Inquisição.

Hernando franziu o cenho sem responder. Quantas vezes poderia ter pedido a esse homem permissão para ver sua mãe, enquanto ele, em vez de dedicar-se a seu trabalho, vendia panos na praça, escutava com displicência suas súplicas e se negava a atendê-las?

– Já era hora de você vir visitá-la – comentou então outro porteiro. – Se demorar alguns dias mais, a encontrará morta.

A corda de Voador escapou da mão de Hernando, mas, antes que tocasse o chão, um tosco cajado se interpôs em seu caminho. Hernando se virou para Miguel, que lhe sorriu com seus dentes quebrados enquanto deslizava a corda pelo cajado até sua mão. Havia dito o porteiro que já era hora de ir ver sua mãe? Que significava aquilo?

– Como...? – hesitou. – E a sentença? E o auto de fé?

– O tribunal realizou há alguns dias um auto particular na própria sala de audiências e a condenou a sambenito e a ir à missa todos os dias durante um ano... ainda que, por causa de seu estado, é difícil que chegue a cumprir a pena. E também não interessa muito que uma louca como ela pise lugares sagrados – disse-lhe rudemente um dos porteiros. – Por isso realizaram o auto particular. O médico assegurou que sua mãe não viveria até o próximo auto geral, e o tribunal quis condená-la antes de morrer. Está louca! Leve-a já!

– Entreguem-na a mim – conseguiu dizer ao mesmo tempo que compreendia que o carcereiro quisera enganá-lo.

Pouco tempo depois, Hernando fazia de volta o caminho para a pousada do Potro levando sua mãe nos braços.

– Não precisa levá-la à igreja! – disse-lhe aos gritos um dos porteiros.

– Deus, é mais leve que uma pena! – exclamou Hernando para um céu estrelado ao passar pelo muro que encerrava o *mihrab* de sua mesquita.

Atrás deles ia Miguel com a corda de Voador no ombro. O cavalo o seguia, manso, como se não quisesse ultrapassá-lo.

56

Os funerais do duque de Monterreal foram tão solenes quanto trites pela impossibilidade de dar sepultura cristã a seus cadáveres. Na catedral, o bispo gritou o nome do *sheriff* de Clare, Boetius Clancy, responsável da morte de D. Alfonso e seu primogênito, e pediu a Deus que jamais lhe permitisse deixar o purgatório. A partir desse dia, anunciou irado, cada sete anos se repetiria o mesmo pedido para recordar ao Senhor que o vil assassino não devia sair do purgatório.

Quem tampouco deixava seu purgatório particular era Aisha. Hernando ainda não tinha notícias de D. Pedro de Granada Venegas e não ousava iniciar uma viagem tão longa, no inverno, no estado em que se encontrava sua mãe. Todos pensaram que morreria. Entregou umas moedas à esposa e à filha do *mesonero* para que limpassem e trocassem de roupa sua mãe.

– Seu corpo é só ossos e pele – comentou com ele a *mesonera* após deixar a quarto. – Está quase transparente. Não aguentará muito tempo.

Hernando jogava cartas de noite, com maior ou menor sorte, perdendo propositalmente em alguma delas, como lhe exigia Coca. Ao longo do dia se empenhava em que Aisha reagisse, mas a mulher continuava com o olhar perdido, sem se mexer nem aceitar comida alguma, num silêncio só quebrado por sua respiração sibilante. Hernando a deitava na cama e lhe falava, ao mesmo tempo que, vezes seguidas, lhe molhava os lábios com caldo de galinha, procurando que algo de alimento deslizasse por sua garganta. Aos sussurros lhe contava o que estava fazendo pela comunidade; como escondera o pergaminho da Turpiana. Estava escrito em árabe, mãe, e os cristãos veneram o pano da Virgem e o osso de Santo Estêvão! Por que não lhe teria dito

antes? Por que não rompera seu juramento? Porventura Deus lhe teria jogado no rosto o fato de salvar a vida de sua mãe? Mas nunca poderia ter imaginado... Era culpa sua! Ele é que a deixara para viver cercado de comodidades, como um parasita, no palácio de um duque cristão.

Mas passavam os dias, Aisha não reagia e Hernando ia se consumindo junto com a mãe, chorando e maldizendo-se.

– Deixai-me tentar, senhor – propôs-lhe Miguel certa manhã em que o encontrou ao pé da escada que subia para o andar superior, hesitando, com uma vasilha de caldo nas mãos, sem ousar subir.

O rapaz subiu agarrando-se à balaustrada, com os dois cajados numa só mão; Hernando o acompanhou com o caldo.

– Ponde-o aí, senhor, junto à cama.

Ele obedeceu e se retirou para a porta. Miguel se sentou ao lado de Aisha e, enquanto lhe introduzia o caldo na boca, lhe falou como com Voador, tratando-a como àqueles passarinhos com que dizia ter convivido, como a um animal indefeso. Hernando permaneceu longo tempo parado na porta, observando o menino de pernas quebradas, que sabia quando voltavam ou se iriam embora os animais, e sua mãe inerte junto a ele. Escutou-o contar histórias que acompanhava com risos e mil gestos, de onde podia tirar tanto otimismo um rapaz aleijado a quem a vida havia negado tudo? Que lhe contava? Um elefante! Miguel estava perseguindo um elefante... num barco pelo Guadalquivir! Viu-o simular a armadilha do paquiderme, com o braço dobrado na altura do cotovelo à frente da boca e a mão dobrada, que ele fazia revolutear com a colher diante dos inexpressivos olhos de Aisha. Onde teria ouvido o rapaz a história de um elefante? Suspirou angustiado e deixou o quarto com o som dos risos de Miguel perseguindo-o – o elefante havia afundado na altura do moinho da *albolafia*! – e, pela primeira vez em muitos dias, selou Voador e foi para as invernadas, onde se lançou a um frenético galope.

"Pagareis por esta letra de câmbio, para Hernando Ruiz, cristão-novo de Juviles, habitante de Córdova, a quantidade de cem ducados, à

razão de trezentos e setenta e cinco maravedis por cada um deles...” Hernando contemplou a letra de câmbio que lhe entregou um arrieiro na pousada do Potro por ordem de D. Pedro de Granada Venegas. Cem ducados era uma quantidade considerável. Não podia falhar com eles agora, dizia o nobre na carta que mandava anexa à letra de câmbio. O pergaminho da Torre Turpiana havia sido um excelente primeiro passo. Luna e Castillo traduziam aquele conjunto de letras de modo conveniente à causa, mas o objetivo não podia ser outro senão revelar o evangelho de Barnabé e tentar aproximar as duas religiões por meio de Maria. Porque os memoriais contra os mouriscos continuavam chegando ao rei com propostas as mais disparatadas, assegurava D. Pedro. Alonso Gutiérrez, de Sevilha, propunha reagrupar os mouriscos em aljamas fechadas de não mais de duzentas famílias cada uma, sob o comando de um chefe cristão que controlaria até seus matrimônios; marcá-los no rosto para serem reconhecidos onde quer que estivessem e gravá-los com importantes cargas fiscais.

> Mas há mais – continuava a carta. – Um cruel e intransigente frade dominicano chamado Bleda vai muito mais longe e afirma, fundamentando-o na doutrina dos Padres da Igreja, que seria moralmente lícito que o rei dispusesse da vida de todos os mouriscos do modo que quisesse, matando-os ou vendendo-os como escravos a outros países, razão por que propõe destiná-los às galés. Dessa forma, continua o frade, poderiam ser substituídos os muitos sacerdotes que remam nelas por causa do costume de seus superiores de castigá-los como a galeotes em razão de suas faltas, com o único objeto de economizar seu sustento numa prisão. Essa Igreja que se considera tão misericordiosa pretende assassinar ou escravizar milhares de pessoas. Devemos trabalhar. Todas estas propostas chegam até as comunidades mouriscas e exasperam os espíritos num círculo diabólico: quantos mais memoriais se fazem, mais tentativas de rebelião se maquinam e, à medida que são descobertas as conspirações, cada vez mais argumentos têm os

cristãos para adotar alguma dessas sangrentas soluções. De outro ponto de vista, a derrota da grande armada não é uma questão menor. A Inglaterra se tornou forte, e sua ajuda aos exércitos que lutam em Flandres aumentará; na França, a Liga cristã promovida e paga pelo rei espanhol se acha em sérias dificuldades após a derrota. Tudo isso repercutirá em nós, Hernando, não tenha dúvida. À medida que os espanhóis perderem poder na Europa, verão nos mouriscos a possibilidade de aliar-se com alguma dessas potências e adotarão medidas de algum tipo. As circunstâncias jogam contra nós. Mantenha-me informado de sua situação e conte comigo; precisamos de você.

Queimou a carta de D. Pedro, saiu da pousada e, depois de perguntar a um aguazil onde ficava o banco de D. Antonio Morales, estabelecimento a que o banqueiro de D. Pedro em Granada dirigia a letra de câmbio, se encaminhou para ele provido do documento e de sua cédula pessoal. O escritório de Morales ficava perto da aduana e da *alhóndiga*, e Hernando, bem-vestido, foi recebido pelo próprio banqueiro, que lhe cobrou o que estava na letra de câmbio, lhe fez um depósito de noventa ducados e lhe entregou o restante em sete coroas de ouro, vários *reales de a ocho* e vários fracionários.

Voltou à pousada e pagou generosamente a seu dono, calando dessa maneira as desconfianças do homem, já sabedor de sua condição de mourisco e jogador trapaceiro. A questão se havia complicado com a presença de uma apenada da Inquisição.

– Não sei se você tem licença para viver nesta paróquia – dissera-lhe alguns dias antes. – Compreenda. Se vier o aguazil... Os cristãos-novos precisam de permissão dos párocos para mudar de residência.

Hernando o calou mostrando-lhe o salvo-conduto expedido pelo arcebispado de Granada.

– Se posso locomover-me com liberdade pelos reinos da Espanha – alegou –, como não iria poder fazê-lo por uma simples cidade?

– Mas a mulher... – insistiu o dono da pousada.

– A mulher vai comigo. É minha mãe.

Respondeu-lhe com dureza, mas acompanhou suas palavras com algumas outras moedas.

No entanto, ele estava consciente de que aquela situação não podia eternizar-se. D. Pedro lhe havia mandado dinheiro, sim, mas também lhe pedia que trabalhasse no projeto, e na pousada ele não podia fazê-lo. Dormia no chão, já que a cama era ocupada por Aisha, que continuava no mesmo estado em que havia deixado as masmorras da Inquisição. Miguel cuidava dela todos os dias com afeto e carinho, falando com ela, contando-lhe histórias, acariciando-a e rindo, sempre rindo, a não ser quando pedia ajuda à mulher e à filha do dono da pousada para que a limpassem ou a mudassem de posição a fim de que não lhe aparecessem feridas.

– Conseguiu que ela comesse? – perguntou-lhe um dia Hernando.

– Ela não precisa, senhor – respondeu o rapaz. – Por ora continuo a lhe dar caldo de galinha. É alimento suficiente para uma mulher em seu estado. Já voltará a comer, se quiser.

Hernando hesitou e pôs a mão no queixo. Não se atreveu a perguntar-lhe se aquele animalzinho voltaria ou se iria embora, mas se deu conta de que o rapaz, parado sobre seus cajados, diante dele, sabia que o que passava por sua cabeça.

Miguel sorriu, mas não disse nada.

Hernando compreendeu que com Aisha naquele estado não podia deixar Córdova. Enquanto isso, podia alugar uma casa e procurar trabalho. Com cavalos. Era um bom cavaleiro. Talvez algum nobre o contratasse como domador ou como cavalariço, ou até como moço de cocheiras. Por que não? Se isso falhasse, também sabia escrever e fazer contas; alguém poderia ficar interessado. E nas noites se dedicaria a trabalhar no evangelho, que continuava mantendo escondido entre uns papéis pelos quais, ao contrário do que sucedia no palácio do duque, ninguém mostrou interesse em suas ausências da pousada; ali ninguém sabia ler.

Seus pensamentos o levaram à casa de jogo de Coca. A escrava guineana o fez entrar. Talvez Coca soubesse de alguma casa que ele pudesse alugar...

– Faça por onde! – disse-lhe o *coimero*, que contava o dinheiro ganho na noite anterior. – Precisamente agora eu ia procurá-lo.

Hernando avançou para a mesa à que se sentava Coca.

– Sabe de alguma casa para alugar não muito cara? – perguntou-lhe de supetão enquanto se dirigia para ele. Coca arqueou as sobrancelhas. – Mas por que ia me procurar? – deu-se conta enfim.

– Espere. – Coca terminou de calcular os ganhos das mesas, mandou que a guineana se fosse e, sozinhos na casa de jogo, olhou com seriedade para o visitante. – Esta noite há uma grande partida – anunciou.

Hernando hesitou.

– Não lhe interessa? – surpreendeu-se o *coimero*.

– Sim... creio que sim. Eu... – Não sabia se lhe falava dos cem ducados que acabara de receber de D. Pedro. Havia sido ele quem insistira naquela partida, mas agora... os cem ducados lhe proporcionavam uma segurança de que não dispunha então. Era o dinheiro o que lhe assegurava os cuidados de sua mãe, o poder alugar uma casa... Como iria jogar os ducados que seu protetor lhe havia mandado para poder trabalhar pela causa mourisca? – Tenho cem ducados – terminou confessando. – Um conhecido me emprestou...

– Não me interessam seus ducados – surpreendeu-o Coca.

– Mas...

– Eu conheço você. Neste negócio aprendi a distinguir as pessoas. Eu farejo, pressinto suas reações. Você veio a mim dizendo que não tinha dinheiro. Se agora que dispõe dele tem de arriscá-lo, não o fará. Não é um jogador. – Coca se abaixou e pegou algo a seus pés: duas bolsas cheias de moedas que ele deixou cair na mesa. – Aqui está o nosso dinheiro – disse então. – Sinceramente, em circunstâncias normais nunca jogaria com você como parceiro de trapaças, mas você é o único que conhece meu segredo e o único que o conhecerá; o

único com que posso fazê-lo, e é das poucas pessoas, talvez a única também, a quem tenho gratidão como amigo. E quero ganhar deles. Muito dinheiro. Quanto mais, melhor. Esta há de ser a nossa noite.

– Mas seu dinheiro... – exclamou Hernando, surpreso. – Aí deve haver uma fortuna!

– Sim, há. Esqueça-se do que você jogou aqui várias noites. Isso é outro mundo. Se você mexe com reais, o descobrirão... e com você a mim. São escudos de ouro; isso é o que se move em cada rodada. Você tem de se convencer de que um escudo de ouro não tem mais valor que o de uma blanca. É capaz?

Hernando não hesitou:

– Sou.

– É perigoso. Isso é a primeira coisa que quero que compreenda. Ninguém deve saber de nossa amizade.

A partida foi organizada na casa de um rico mercador de panos tão soberbo e pedante quanto temerário na hora de apostar nas cartas.

Já depois do anoitecer, Hernando percorreu nervoso a pouca distância que separava a pousada do Potro da rua da Feria, onde morava o mercador, agarrado à avultada bolsa de dinheiro e pensando nas instruções que lhe tinha dado Pablo Coca. Deviam sentar-se um na frente do outro para que Henando pudesse ver o lóbulo de sua orelha. Apostaria muito, mesmo no caso de Coca não lhe ter feito sinal algum; não podia fazê-lo apenas na hora de ganhar.

– Procure não falar comigo mais que com os outros – instruiu-o também –, mas olhe para mim diretamente, como para os demais jogadores, como se quisesse adivinhar meu jogo por meu semblante. Pense que não jogarei por mim, mas por você, e que, se tivermos sorte e usarem nossos baralhos, eu saberei com que cartas você estará; caso contrário, só poderei ajudá-lo com as minhas. Jogue com decisão, mas não pense que eles são tolos; sabem o que fazem e em geral se valem de tantas trapaças como quaisquer homens que frequentam as casas de jogo. Mas acima de tudo lembre-se sempre de uma coisa: a honra dessa

gente a leva muito rápido a pegar na espada, e, tratando-se de partidas proibidas, existe um pacto de silêncio para o caso de alguém ferir ou matar outro jogador.

Um criado acompanhou Hernando até um salão bem iluminado e luxuosamente adornado com tapeçarias, guadamecis, móveis de madeira brilhante e até um grande quadro a óleo em que se representava uma cena religiosa que chamou a atenção do mourisco. Na peça já estavam presentes oito pessoas, de pé, conversando em voz baixa, aos pares. Pablo estava entre elas.

– Senhores – o *coimero* chamou a atenção de dois pares que estavam perto da porta pela qual acabara de entrar seu companheiro –, eu lhes apresento Hernando Ruiz.

Um homem grande e forte cuja luxuosa indumentária se destacava de todas as demais, foi o primeiro a estender-lhe a mão.

– Juan Serna – apresentou Pablo –, nosso anfitrião.

– Trazeis dinheiro convosco, senhor Ruiz? – inquiriu sardonicamente o mercador enquanto se cumprimentavam.

– Trago, sim... – titubeou Hernando diante de alguma gargalhada por parte dos jogadores que se haviam aproximado.

– Hernando Ruiz? – perguntou nesse momento um velho de ombros caídos, vestido completamente de negro.

– Melchor Parra – disse Pablo, apresentando-o –, escrivão público...

O velho fez para o *coimero* um autoritário gesto com a mão, para que calasse.

– Hernando Ruiz – repetiu –, cristão-novo de Juviles?

Hernando evitou olhar para Pablo. Como sabia aquele velho que ele era mourisco? Quereriam jogar com um cristão-novo?

– Cristão-novo? – viu que se interessava outro dos jogadores que se haviam aproximado para cumprimentá-lo.

– Sim – afirmou então –, sou Hernando Ruiz, cristão-novo de Juviles.

Pablo tentou intervir, mas o mercador o impediu.

– Tem dinheiro? – voltou a perguntar como se o fato de ser mourisco pouco lhe importasse.

– Tenho certeza de que sim, Juan – disse o velho quando Hernando pretendia mostrar sua bolsa. – Acaba de herdar um legado do duque de Monterreal, que Deus o tenha em sua glória. Eu mesmo abri e li o testamento alguns dias antes do funeral. D. Alfonso de Córdoba fez um legado "ao meu amigo Hernando Ruiz, cristão-novo de Juviles, a quem devo a vida", dizia. Lembro-me como se o estivesse lendo agora. Vem para jogar sua herança? – terminou perguntando cinicamente.

Aquela noite, na casa do mercador de panos, Hernando não conseguiu concentrar-se nas cartas. Uma herança! De que se trataria? O escrivão não o dissera, e ele tampouco teve oportunidade de se afastar para perguntar-lhe, já que, com sua chegada, Juan Serna determinou que o jogo começasse imediatamente. Pablo Coca se sentou à mesa com semblante preocupado; Hernando nem sequer procurou um lugar diante dele, e foi o *coimero* quem teve de se virar para que eles pudessem jogar um diante do outro. No entanto, rodada após rodada, Coca começou a relaxar: Hernando jogava distraído, apostava alto e perdia alguns lances, mas batia mecanicamente na mesa assim que percebia o movimento do lóbulo da orelha de seu cúmplice. A partida se prolongou por toda a noite sem que ninguém chegasse a suspeitar do jogo cruzado entre os dois. Depenaram a todos. Serna, como o escrivão, perdeu quase quinhentos ducados, que pagou em ouro a Hernando, exigindo com cavalheirismo mal disfarçado a revanche. Os demais jogadores, incluindo Pablo, lhe pagaram quantias menos elevadas, mas também consideráveis. Um jovem pretensioso, filho da nobreza, que durante a noite chegara a insultar um Hernando imperturbável, perdido em suas próprias elucubrações acerca da herança, teve de engolir o orgulho ao pôr em cima da mesa sua espada de empunhadura trabalhada em ouro e pedras preciosas, e seu anel gravado com o escudo de armas da família.

– Assine um papel assegurando que são meus – exigiu o mourisco ao aperceber-se de que o ofendido jovem fazia menção de dar as costas para a mesa.

O velho escrivão também se viu obrigado a assinar um papel, mas neste caso de reconhecimento de dívida a favor de Hernando, dado que o dinheiro que trazia na bolsa não era suficiente e lhe haviam permitido jogar fiado. Ele o fez com mão trêmula. Maldizia a pequena fortuna que acabara de perder na mesa e pedia tempo para saldar sua dívida. Hernando hesitou.

Sabia que os compromissos de pagamento oriundos do jogo não eram legais e que nenhum juiz os executaria, mas Pablo lhe fez um quase imperceptível gesto para que consentisse. Pagaria, o escrivão pagaria.

Saíram da casa da rua da Feria. O sol brilhava e os cordoveses já iam e vinham pelas ruas. Hernando, escoltado a uma prudente distância por dois vigilantes da *coima*, armados, que Pablo tivera a precaução de postar na porta diante da previsão de importantes ganhos, seguiu os passos do velho escrivão. Alcançou-os perto da praça do Salvador.

– Não tivestes uma noite de sorte, D. Melchor – comentou enquanto igualava seu caminhar ao do desgostoso escrivão. O velho disse entre dentes algumas palavras ininteligíveis. – Falastes-me de um legado a meu favor.

– Você vai ter de esclarecê-lo com a duquesa e os testamenteiros nomeados por D. Alfonso, que em paz descanse – disse o escrivão rudemente.

Hernando o segurou pelo braço, o obrigou a parar e até o virou para ele com violência.

Algumas mulheres que cruzaram com eles os olharam surpresas antes de seguir seu caminho cochichando. Os vigilantes de Pablo Coca se aproximaram.

– Vede, D. Melchor, faremos outra coisa: vós dareis um jeito na minha situação e com prontidão, entendeis?, já que, caso contrário,

não esperarei o prazo que pedistes. Se agirdes assim, eu vos devolverei a obriga... gratuitamente.

57

Mas o autor desta história, posto que com curiosidade procurou os feitos que D. Quixote fez em sua terceira saída, não conseguiu encontrar notícias deles, ao menos por escrituras autênticas; só a fama guardou, nas memórias da Mancha, que D. Quixote, na terceira vez que saiu de casa, foi a Saragoça, onde se viu numas famosas justas que naquela cidade fizeram, e que ali lhe sucederam coisas dignas de seu valor e inteligência. Nem de seu fim e acabamento pôde encontrar coisa alguma, nem a teria encontrado nem sabido se a boa sorte não lhe tivesse deparado um velho médico que tinha em seu poder uma caixa de chumbo que, segundo ele, se havia achado entre os alicerces arruinados de uma antiga ermida que se estava reconstruindo; na qual caixa se haviam achado uns pergaminhos escritos com letras góticas, mas em versos castelhanos, que continham muitas de suas façanhas e davam notícia da formosura de Dulcineia do Toboso, da figura de Rocinante, da fidelidade de Sancho Pança e da sepultura do mesmo D. Quixote, com diferentes epitáfios e elogios de sua vida e costumes.

MIGUEL DE CERVANTES pela boca de Cide Hamete Benengeli, mourisco. *D. Quixote,* primeira parte, capítulo LII

Uma casa-pátio no bairro de Santa María, perto da catedral, na rua Espaldas de Santa Clara, e uma série de terras de regadio próximas de Palma del Río, ao redor de uma pequena propriedade abandonada, que rendiam cerca dos quatrocentos ducados

anuais, mais três pares de galinhas, quinhentas romãs e outras tantas nozes, três fanegas de azeitonas que cada semana alguns arrendatários lhe levavam, ameixas e uma quantidade semanal de hortaliças de inverno ou de verão. Foi esse o legado que, além de quantias destinadas ao pagamento de dote a favor de donzelas casadouras sem recursos, ou para a redenção de cativos, dispôs D. Alfonso de Córdoba em favor de quem lhe salvara a vida nas Alpujarras. Melchor Parra e os testamenteiros do duque lhe entregaram seu legado sem outro problema além da inveja e dos insultos que com certo sarcasmo lhe votou o escrivão e que, segundo ele, haviam saído da boca da multidão de cortesãos a que nem sequer havia cabido uma blanca na herança, os quais eram simplesmente todos.

– Parece que nenhum deles tem simpatia por você – disse-lhe o escrivão sem esconder sua satisfação, enquanto o mourisco procedia à assinatura de seus títulos de propriedade.

Hernando não respondeu. Terminou de assinar e se ergueu diante do velho. Procurou o reconhecimento da dívida no interior de suas roupas e na presença dos testamenteiros lhe entregou.

– É um sentimento recíproco, D. Melchor.

Após fazer contas com Pablo, que ficou encantado com a espada e o anel do jovem nobre, abrir mão da dívida do escrivão e devolver os cem ducados a D. Pedro de Granada Venegas, ainda ficava para Hernando uma boa quantia até começar a desfrutar de sua nova casa e de suas rendas.

A vida voltava a tomar um rumo inesperado.

– Está alugada, senhor – lamentou-se Miguel, os dois parados diante da casa-pátio na rua Espaldas de Santa Clara, depois de que seu senhor lhe ordenara que preparasse o necessário para transladar sua mãe e Voador para o novo domicílio. – Tendes de esperar que termine o contrato de aluguel.

– Não – afirmou Hernando contundentemente. – Você gosta? – Miguel assobiou por entre os dentes quebrados admirando a magnífica

construção. – Bem, vamos fazer o seguinte: quando eu voltar à pousada, pergunte pela senhora da casa. A senhora, Miguel, entendeu?

– Não me permitirão. Acharão que vou pedir esmola.

– Tente. Diga-lhes que é o criado do novo proprietário. – Miguel quase perdeu o equilíbrio sobre seus cajados ao virar-se bruscamente para Hernando. – Sim. Não creio que minha mãe nem meu cavalo pudessem encontrar melhor criado que você. Tente, tenho certeza de que conseguirá.

– E se conseguir?

– Diga à senhora que a partir de agora terá de pagar o aluguel a seu novo locador: o mourisco Hernando Ruiz, de Juviles. Que fique sabendo perfeitamente que sou mourisco, e granadino expulso das Alpujarras, dos que se alçaram em armas, e que apesar de tudo isso sou seu novo locador. Repita-lhe várias vezes se for preciso.

Os inquilinos, uma rica família de comerciantes de seda, não levaram uma semana para pôr a casa-pátio à disposição de Hernando, depois de confirmar com o secretário da duquesa que efetivamente este era o novo proprietário. Que cristão-velho bem-nascido iria permitir que seu locador fosse um mourisco?

O pátio aberto à luz do sol; o aroma das flores que o inundava e a água correndo sem parar em sua fonte pareceram fazer Aisha reviver. Alguns dias depois de tomarem posse da casa, com Miguel atendendo à mulher, contando histórias em voz alta enquanto pulava de um lado para outro e cortava flores que deixava no colo da doente, Hernando observou que sua mãe movia ligeiramente a mão.

As palavras que Fátima pronunciou no dia em que ele encontrou seus filhos recebendo aulas no pátio de sua primeira casa, voltaram à sua memória com força: “Hamid disse que a água é a origem da vida.” A origem da vida! Seria possível que sua mãe se recuperasse?

Foi esperançoso ao lugar onde se encontrava o curioso par. Miguel narrava quase aos gritos a história de uma casa encantada.

– As paredes vergavam como canas ao vento... – dizia no momento em que o mourisco chegou até ele.

Hernando lhe sorriu e depois fixou o olhar em sua mãe, encolhida numa cadeira junto à fonte.

– Ela se vai, senhor – ouviu o aleijado anunciar-lhe a seu lado.

Hernando se virou para ele bruscamente.

– Como...? Mas se está melhor!

– Ela se vai, senhor. Eu sei.

Trocaram um olhar. Miguel a susteve por alguns instantes e entrefechou os olhos assegurando sua premonição. Balançou a cabeça, levemente, como que compartilhando a dor de Hernando, e continuou sua história.

– A parede do quarto onde dormia a moça desapareceu num passe de mágica, senhora Maria. Podeis imaginá-lo? Um enorme buraco...

Hernando não fez caso da narrativa, se acocorou diante de sua mãe e a acariciou num joelho. Seria possível que Miguel fosse capaz de predizer a morte? Aisha pareceu reagir ao contato de seu filho e voltou a mexer uma mão.

– Mãe – sussurrou Hernando. Miguel se aproximou.

– Deixe-nos, eu lhe rogo – pediu-lhe Hernando.

O aleijado se retirou para as cocheiras, e Hernando segurou a mão descarnada de Aisha entre as suas.

– Está me ouvindo, mãe? É capaz de me entender? – soluçou apertando aquela mão fraca. – Sinto muito. É culpa minha. Se te tivesse contado... Se o tivesse feito, isto não teria acontecido. Nunca deixei de lutar por nossa fé.

Depois relatou tudo quanto havia feito e o trabalho que D. Pedro lhe havia encomendado; tudo aquilo que pretendiam conseguir!

Quando terminou, Aisha não fez movimento algum. Hernando escondeu o rosto em seu regaço e se entregou ao choro.

Quatro dias se passaram até que o presságio do jovem se realizou; quatro longos dias em que Hernando, a sós com sua mãe, repassou

diversas vezes sua vida enquanto ela se consumia, até que certa manhã, serenamente, deixou de respirar.

Hernando não quis pagar enterros nem funerais. Miguel fechou o semblante no momento em que ouviu Hernando comunicá-lo ao pároco de Santa María, a quem avisou tarde de propósito, com Aisha já cadáver, para que fosse dar a extrema-unção e desse baixa no recenseamento de mouriscos da paróquia.

– Embora fosse minha mãe, estava endemoniada, padre – tentou desculpar-se diante do sacerdote, a quem não obstante entregou algumas moedas por serviços que não chegaria a prestar. – A própria Inquisição o determinou.

– Eu sei – respondeu o pároco.

– Não posso explicá-lo a você – desculpou-se depois com Miguel, que havia ouvido suas palavras com estupor.

– Dissestes endemoniada, senhor? – gritou o jovem chegando a perder o equilíbrio. – Mesmo em silêncio, sua mãe sofria mais... que eu quando me usavam para pedir esmola! Merecia um enterro...

– Eu sei o que merece minha mãe, Miguel – interrompeu-o, incisivo, Hernando.

Não o teria podido conseguir se ele tivesse pagado e Aisha tivesse sido enterrada no cemitério paroquial, mas sim nas valas comuns do Campo de la Merced, onde a vigilância era inexistente. Quem iria velar por cadáveres cujos parentes não haviam estado dispostos a proporcionar-lhes um bom enterro cristão?

– Volte para casa – ordenou a Miguel depois de verem os enterradores, sem o menor respeito, atirar o cadáver na vala.

– E vós o que fareis, senhor?

– Volte, já disse.

Hernando foi em busca de Abbas, por quem perguntou nas cavalariças; lhe permitiram entrar e foi até a ferraria. Encontrou-o muito mais velho que na última vez em que se tinham falado, quando a

comunidade se negava a admitir suas esmolas. O ferrador também viu deterioração no aspecto do nazareno.

– Duvido que alguém queira ajudá-lo – afirmou o ferrador rudemente, depois de Hernando lhe explicar o porquê de sua visita.

– Eles o farão, se você o exigir. Pagarei bem.

– Dinheiro! Isso é tudo quanto lhe interessa. – Abbas o olhou com desprezo.

– Você está enganado, mas não quero discutir. Minha mãe era uma boa muçulmana, você sabe. Faça-o por ela. Se não o fizer, terei de recorrer a alguns cristãos bêbados do Potro, e então todos corremos o risco de que se saiba como enterramos os nossos mortos e de que a Inquisição investigue. Saiba que os padres seriam capazes de revirar todo o campo-santo.

Nessa noite o acompanharam dois jovens fortes e uma mulher velha; nenhum quis receber nada, mas tampouco lhe dirigiram a palavra. Saíram da cidade para o Campo de la Merced por uma abertura abandonada nas muralhas. Ao luar, no campo-santo deserto, os jovens mouriscos exumaram o cadáver de Aisha ali onde Hernando lhes assinalou, e o entregaram à velha enquanto eles começavam a cavar um buraco longo e estreito em terra virgem, até a altura da metade de um homem.

A velha estava preparada: despiu o cadáver e lavou o corpo; depois o esfregou com folhas de parreira molhadas.

– Senhor! Perdoa-a e apieda-te dela – recitava aos sussurros vezes seguidas.

– Amém – respondia Hernando de costas para mulher, o olhar nublado pelas lágrimas voltado para uma Córdova escura. A lei proibia que olhasse o cadáver quem quer que não o limpasse, e ele não teria ousado infringir aquela norma.

– Senhor Deus!, perdoa-me – pediu a velha por haver tocado o cadáver, depois de pôr fim à purificação. – Trouxe panos? – perguntou a Hernando.

Sem se virar para a mulher, lhe entregou vários pedaços de linho branco com que ela envolveu o diminuto corpo de Aisha. Os jovens, já aberta a cova, fizeram menção de pegar sua mãe para enterrá-la, mas Hernando o impediu.

– E a oração pelo defunto? – perguntou-lhe.

– Que oração? – ouviu um deles perguntar por sua vez.

Talvez tivessem vinte anos, pensou então Hernando. Já haviam nascido em Córdova. Todos aqueles jovens se afastavam do estudo, não tinham conhecimento do livro revelado ou das orações, e as substituíam, simplesmente, por um ódio cego aos cristãos com que tentavam sossegar suas almas. Provavelmente só sabiam a profissão de fé, lamentou-se.

– Deixem o corpo junto à vala e, se quiserem, podem ir.

Então, ao luar, ergueu os braços e iniciou a longa oração do defunto: "Deus é muito grande. Louvado seja Deus, que dá a vida e a morte. Louvado seja Deus, que ressuscita os mortos. Sua é a grandeza, sua é a sublimidade, seus o senhorio..."

Os jovens e a velha permaneciam parados atrás dele, enquanto ele recitava a prece.

– Este é aquele que chamam de nazareno? – sussurrou um dos jovens para o outro.

Hernando terminou de rezar; introduziram Aisha na vala, de lado, olhando para a *quibla*. Antes de a cobrirem com pedras sobre as quais, por sua vez, deitariam terra para que não se notasse o enterramento, pôs a carta da morte entre os pedaços de linho, de caligrafia perfeita, escrita nessa mesma tarde com tinta de açafrão em íntima comunhão com Alá.

– Que é que você está fazendo?

– Pergunte a seu alfaqui – respondeu Hernando rudemente. – Podem ir. Obrigado.

Os jovens e a velha se despediram dele com um grunhido, e Hernando ficou sozinho ao lado do túmulo. Havia sido uma vida realmente dura a de sua mãe. Por sua memória desfilaram as

lembranças, mas, diferentemente de muitas outras ocasiões em que se amontoavam caoticamente, nesta o fizeram devagar. Por um bom tempo permaneceu ali, alternando as lágrimas com sorrisos nostálgicos. Agora estava enfim descansando, tentou tranquilizar-se antes de voltar para a cidade.

A caminho, já atravessada a muralha pela mesma abertura, ouviu um surdo mas conhecido martelar de madeiras às suas costas. Parou no centro de uma ruela.

– Não se esconda – disse na noite. – Venha comigo, Miguel.

O rapaz não o fez.

– Eu o ouvi – insistiu Hernando. – Venha.

– Senhor. – Hernando tentou localizar de onde procedia a voz. Soava triste. – Quando me tomastes como criado, dissestes que necessitáveis de mim para cuidar de vossa mãe e de vosso cavalo. Maria Ruiz morreu e o cavalo... nem sequer posso embridá-lo.

Hernando sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

– Você acha que eu seria capaz de mandá-lo embora da minha casa só porque minha mãe morreu?

Passaram-se alguns instantes antes que o bater dos cajados rompesse o silêncio que se fez após sua pergunta. Na escuridão, Miguel chegou até ele.

– Não, senhor – respondeu o aleijado. – Não creio que o fizésseis.

– Meu cavalo gosta muito de você, eu sei, eu vejo. Quanto à minha mãe...

A voz de Hernando se rompeu.

– Vós a amáveis muito, não é mesmo?

– Muito – suspirou Hernando. – Mas ela não...

– Morreu reconfortada, senhor – afirmou Miguel. – Ela o fez em paz. Ouviu vossas palavras, podeis ficar tranquilo quanto a isso.

Hernando tentou vislumbrar o rosto do aleijado na noite. Que dizia?

– A que se refere? – perguntou.

– A que ela entendeu vossas explicações e soube que não havíeis traído vosso povo. – Miguel falava cabisbaixo, sem se atrever a levantar os olhos do chão.

– Que é que você sabe disso?

– Deveis perdoar-me. – O rapaz pousou então os olhos sinceros em Hernando. – Sou apenas um mendigo. Nossa vida sempre dependeu do que podíamos ouvir, nas ruas, após uma esquina...

Hernando balançou a cabeça.

– Mas sou leal – apressou-se a acrescentar Miguel –, nunca vos revelaria, nunca o faria com pessoas como vós, eu juro!, ainda que me quebrassem os braços.

Hernando deixou passar alguns instantes. Em todo o caso, como podia aquele rapaz assegurar que sua mãe havia morrido reconfortada?

– Foram muitas as vezes em que eu quis morrer – comentou o aleijado como se adivinhasse seus pensamentos. – Foram muitas as ocasiões em que eu estive às portas dela, doente nas ruas, sozinho, desprezado pelas pessoas, que se afastavam para não passar ao meu lado. Vivi no mesmo estado que ela, e nesse limbo conheci dezenas de almas como a da senhora Maria, todas à beira da morte; umas têm sorte e entram, outras são rejeitadas para continuar sofrendo. Eu soube. Ela vos escutou. Eu vos asseguro. Eu senti.

Hernando permaneceu em silêncio. Algo naquele rapaz o fazia confiar nele, acreditar em suas palavras. Ou era apenas seu próprio desejo de que sua mãe tivesse morrido em paz? Suspirou e cingiu os ombros do garoto com o braço.

– Vamos para casa, Miguel.

– Eu o comprovei, senhora. – Efraim, já de volta a Tetuão, levantou a voz diante dos constantes gemidos de incredulidade por parte de Fátima ao ouvir a mensagem de Aisha. O velho judeu, que o havia acompanhado ao palácio de Brahim, pôs a mão no braço de seu filho para que se acalmasse. – Eu o comprovei – repetiu Efraim, desta vez com calma, diante de uma Fátima que não deixava de passear para lá e

para cá na luxuosa peça que se abria para o pátio. – Quando terminei de falar com Aisha, veio atrás de mim o ferrador das cavalariças reais...

– Abbas? – sobressaltou-se Fátima.

– Um tal de Jerónimo... Foi ele quem me indicou onde a mulher morava. Deve ter me seguido e esperou que eu terminasse de conversar com ela para me alcançar e me crivar de perguntas...

– Ele lhe contou algo de mim? – tornou a interrompê-lo Fátima.

– Não, senhora. Eu lhe contei o que tinha preparado para o caso de as coisas não darem certo; que procurava Hernando porque dispunha de um excelente cavalo de pura raça árabe dado em troca de uma partida de azeite, e que queria que ele o domasse...

– E?

– Não acreditou em mim. Insistiu em perguntar o porquê da carta que Aisha havia feito em pedaços às margens do Guadalquivir, mas não cedi. Eu vos asseguro.

– O que lhe disse Abbas? – inquiriu Fátima parada diante do jovem, tensa. Acabara de ouvir de Efraim o que dissera acerca da situação de Aisha; ele lhe havia falado de seus evidentes achaques e da velhice que ela arrastava pelas ruas. Talvez... talvez tivesse ficado louca, especulou Fátima. Mas Abbas não podia mentir! Era amigo de Hernando e haviam trabalhado ombro a ombro, arriscando a vida pela comunidade. Abbas não. Ele não podia mentir.

Efraim hesitou.

– Senhora... esse Jerónimo, ou Abbas como vos o chamais, me confirmou tudo quanto a mãe dele acabara de me contar. Nessa noite, o ferrador me ofereceu a hospitalidade da casa de um tal de Cosme, amigo dele e homem respeitado pela comunidade mourisca cordovesa. Ambos repetiram, com mais detalhes, as palavras de Aisha; e isso depois de ele vos julgar morta, porque, sim, vos crê morta, senhora, a vós e vossos filhos... – Fátima anuiu com um suspiro. – Pois bem, depois disso, de vos considerar mortos, não se passou nem um ano para que vosso esposo fosse morar no palácio do duque de Monterreal. Entre os mouriscos, ressuma ódio ao nazareno, senhora. – O pai de

Efraim se mexeu inquieto diante do apodo usado por seu filho, mas Fátima não se alterou; sua expressão se endureceu, e ela mantinha os punhos fortemente apertados. – Toda a comunidade mourisca o odeia por seus atos e sua traição; eu o comprovei com vários mouriscos da casa de Cosme. Sinto muito – acrescentou o jovem após alguns instantes de silêncio.

Durante a longa viagem do jovem Efraim de Tetuão a Córdova e de volta, Fátima havia especulado em torno de mil possibilidades: se Hernando tivesse refeito sua vida e se negasse a deixar a capital dos califas, ela o teria entendido! Chegou até... até a perguntar-se se teria falecido; ela sabia da terrível peste que havia dizimado a população de Córdova seis anos antes. Podia ser também que não quisesse deixar o posto de cavaleiro das cavalariças reais de que tanto gostava, ou que simplesmente tivesse decidido que a comunidade precisava dele ali, em terras cristãs, copiando o livro revelado, os calendários ou as profecias... Isso ela também teria entendido! Mas jamais chegou a passar por sua cabeça que Hernando tivesse traído seus irmãos e suas crenças. Por acaso não havia sido ela mesma quem renunciara à sua liberdade para entregar aquele dinheiro para a manumissão de um escravo mourisco?

– E você diz...? – Fátima hesitou. Era a época em que viviam juntos, os anos da sublevação das Alpujarras em que tinham sofrido mil e uma calamidades por seu Deus, com Ubaid e Brahim maltratando-os e humilhando-os. Como podia tê-lo mantido em segredo? Hernando lhe havia contado de sua fuga da tenda de Barrax com aquele nobre cristão, mas como podia haver calado a verdade depois dos sacrifícios que ela mesma fizera para unir-se em matrimônio? Havia perdido seu pequeno Humam naquela guerra santa! – Você diz que já nas Alpujarras ele salvou a vida de vários cristãos?

– Sim, senhora. Sabe-se com certeza do nobre que o acolheu em seu palácio e da esposa de um ouvidor do Tribunal de Granada, mas as pessoas falam de muitos outros.

Fátima explodiu. Os gritos e insultos que saíram de sua garganta ressoaram na peça. Andou irada até o pátio, onde levantou os braços para o céu e deixou escapar um uivo de raiva e dor. O velho judeu fez um sinal para seu filho, e ambos deixaram o palácio.

Poucos dias depois, Fátima chamou Shamir e seu filho, Abdul, e lhes contou tudo quanto sabia de Hernando.

– Cão! – limitou-se a dizer entre dentes Abdul no momento em que sua mãe terminou o relato.

Depois, ela os viu retirar-se, sérios e decididos, os pingentes das bainhas de seus alfanjes tintinando à sua passagem. Eram corsários!, pensou, homens acostumados a viver a crueldade.

A partir daquele dia, Fátima se dedicou a administrar com mão de ferro os ganhos e o patrimônio da família enquanto os jovens navegavam. Nada a distraiu de seu trabalho, ainda que a sós, de noite, continuasse recordando Ibn Hamid com uma mistura de raiva e dor. Graças a um esplêndido dote, casou Maryam com um jovem da família Naqsis, que já dominava Tetuão. Também procurou esposas adequadas para Abdul e Shamir. A aliança que fez com a família Naqsis após a morte de Brahim se lhe mostrou rentável, e sua condição de mulher tampouco a impediu de conquistar um lugar preeminente no mundo dos negócios da cidade corsária. Não era a primeira que intervinha nos assuntos de Tetuão; não debalde, após ser conquistada pelos muçulmanos, seu primeiro governante foi uma mulher caolha cuja memória era recordada e respeitada. Como ela, Fátima também era temida e reverenciada. Como ela, também Fátima estava sozinha.


IV

EM NOME DE NOSSO SENHOR

E digo-vos que os árabes são das mais excelentes pessoas, e sua língua uma das mais excelentes línguas. Elegeu-os Deus para ajudar a sua lei no último tempo... Como me disse Jesus, que já precedeu sobre os filhos de Israel, os que deles foram infiéis... que não se lhes levantará cetro jamais. Mas os árabes e sua língua voltaram por Deus e por sua lei direita, e por seu evangelho glorioso e por sua Igreja santa no tempo vindouro.

Livros Plúmbeos do Sacromonte:
O livro da história da verdade do evangelho
(Ed. de M. J. Hagerthy)

58

Córdova, janeiro de 1595

O dia havia amanhecido frio e fechado, e Hernando, que já tinha então quarenta e um anos, parecia ter-se levantado com um humor tão cinza como o céu que se via do pátio. Miguel não podia evitar preocupar-se com seu senhor e amigo: notava-o nervoso, inquieto, invadido por uma ansiedade incomum em quem, durante sete anos, desde que vinha de montar de manhã até a madrugada, costumava retirar-se tranquilamente numa peça do segundo andar, transformada em biblioteca, onde os livros, os papéis e os escritos se amontoavam em maior abundância que as folhas das árvores no chão durante o inverno.

Não era senão a culminação de sete anos de trabalho o que provocava a ansiedade que Miguel observava em Hernando nesses dias. Sete anos de estudo; sete anos dedicado a pensar e urdir um plano que pudesse aproximar as duas grandes religiões: a mudar a percepção que os cristãos tinham daqueles que haviam dominado os reinos espanhóis durante oito séculos e que agora eram desprezados. Havia aprendido até o latim para poder ler certos textos. Conseguir a aproximação entre as duas religiões havia sido seu único objetivo: havia deixado de jogar cartas e só se permitia ir de vez em quando à mancebia.

– Os sete nomes apostólicos! – havia exclamado um dia no pátio, já fazia tempo, sobressaltando Miguel, que estava ocupado com os alegretes e as canas onde brotariam as flores na primavera. – Se uso essa lenda como referência, todas as peças se encaixam, incluindo a de São Cecílio de que me falou Castillo.

O rapaz, sabedor do que o outro fazia desde que ouvira Hernando confessá-lo à mãe antes de esta morrer, compartilhava com indiferença e bastante ceticismo os planos e progressos de seu senhor e amigo.

– Por acaso você espera, senhor – disse-lhe um dia em que falaram do assunto –, que eu possa confiar em algum Deus? Que Deus é esse, seja o seu ou o deles, que permite que quebrem as pernas de crianças para ganhar um dinheiro a mais?

Apesar disso, Hernando continuava buscando em Miguel a possibilidade de exteriorizar suas dúvidas ou seus progressos diários. Necessitava comentá-los com alguém, e Luna, Castillo e D. Pedro estavam a léguas de distância.

– E quem são esses homens apostólicos? – perguntou Miguel em tom de aborrecimento, ainda que apenas para agradá-lo.

– Segundo a lenda que alguns escritos recolhem – explicou-lhe Hernando –, são sete apóstolos que São Pedro e São Paulo enviaram para evangelizar a antiga Hispânia: Torquato, Tesifonte, Indalécio, Segundo, Eufrásio, Cecílio e Híscio. As relíquias de quatro deles já foram encontradas e são veneradas em diversos lugares, mas sabe de uma coisa?

Hernando deixou a pergunta pairar no ar. Miguel, apoiado num de seus cajados enquanto com a mão livre segurava um galho seco, o olhou com afeto: os olhos azuis de seu senhor brilhavam tanto, que se obrigou a mudar de atitude e lhe mostrou os dentes quebrados num sorriso.

– Quê, senhor? Diga-me.

– Que entre os três homens apostólicos que ainda faltam por localizar se encontra São Cecílio, que asseguram foi o primeiro bispo de Granada. Só tenho de usar essa lenda e fazer aparecer os restos de São Cecílio em Granada. Até se encaixaria com o pergaminho da Turpiana! Poderia...

– Senhor – interrompeu-o Miguel, deixando o galho e apoiando-se no segundo cajado –, os bispos não afirmam que quem evangelizou

nossos reinos foi São Tiago? Isso até eu sei, e você não citou São Tiago entre os sete.

– É verdade – reconheceu Hernando. – Já sei o que fazer. Juntarei as duas lendas! – e após estas palavras, correu escada acima, como se pretendesse realizar aquela tarefa nesse mesmo momento.

Miguel o viu tropeçar num degrau e manquejar para recuperar-se.

– Juntarei as duas lendas – repetiu o aleijado com sarcasmo aproximando-se de um alegrete do que seriam lindas rosas. – Juntarei as duas religiões – acrescentou, como tantas vezes havia ouvido Hernando dizer, buscando caules mortos para cortar. – Só há uma coisa que se deveria juntar – chegou quase a gritar na solidão do pátio: – os ossos quebrados de minhas pernas!

Nessa gélida manhã de janeiro, no pátio, enquanto ouvia Hernando repreender Maria, a mourisca que lhes fazia os trabalhos domésticos, Miguel recordou aquelas palavras que ele havia pronunciado num arrebatamento de frustração. Ao contemplar esse mesmo alegrete, que no ano anterior havia florescido e enchido o pátio de aromáticas rosas, teve por um instante a sensação de que a natureza escarnecia dele. Por que tudo renascia com beleza exceto suas pernas? Nunca ao longo de toda a sua vida havia odiado tanto sua invalidez como lhe havia sucedido durame o último mês, ao dar-se conta de que sua vizinha, Rafaela, perturbada, pousava os olhos inocentes naquelas pernas disformes. A moça não tinha a menor malícia, e não conseguia evitar certos olhares de soslaio para elas; depois, aturdida, balbuciava e desviava a atenção para seu rosto.

Ainda que estivesse fazia muito tempo vendo-a entrar e sair da casa do lado, não havia reparado nela até algumas semanas atrás. Era noite, Córdova estava em silêncio, e ele havia ido às cocheiras para verificar como se aclimatava o novo potro que Toribio lhes acabara de trazer da propriedade antes abandonada. Cinco anos atrás, Hernando, ao ver que Voador envelhecia, havia decidido ajeitar a propriedade de Palma del Río com a ideia de cruzar Voador com algumas éguas de refugo

que comprara nas cavalariças reais. Ali também contratou um cavaleiro: Toribio, que desde então, com mais ou menos acerto, se encarregava da domação dos potros. Quando os julgava domados, os fazia chegar às cocheiras da casa de Córdova.

Naquela noite Miguel desceu para ver um potro que se chamava Estudante e era filho, como César – o outro cavalo que tinham estabulado nas cocheiras da casa –, de Voador e de uma égua cor de fogo. Hernando estava preocupado com os potros; por isso Miguel ia às cocheiras frequentemente, a qualquer hora. A verdade é que os animais não estavam acostumados à manjedoura; eram ariscos e desconfiados, e, quando eles os montava, ficava claro que tampouco estavam habituados devidamente à sela, tendo sido domados não de maneira correta, mas violenta e carente de arte. Toribio não tinha sensibilidade, teve de reconhecer um dia Hernando para Miguel. No entanto, todos aqueles defeitos conseguiram que o mourisco se aproximasse de novo dos cavalos para tentar corrigi-los, tarefa a que dedicava as manhãs. A partir desse momento, Miguel percebeu que seu senhor recuperava o apetite e que o ar das invernadas pelas quais cavalgava fazia desaparecer o tom macilento de seu rosto, fruto de tantas horas de encerramento na biblioteca.

Na noite que conheceu Rafaela, Miguel tinha ido verificar se Estudante permanecia tranquilo ao lado de César. Depois girou sobre seus cajados, disposto a voltar para seu quarto, quando o som abafado de uns soluços o fez parar. Por acaso era o seu senhor quem estava chorando? Aguçou o ouvido e ergueu a vista para a biblioteca em que Hernando continuava trabalhando: a luz das lâmpadas se infiltrava pela janela que dava para o corredor sobre o pátio. Descartou a ideia. O choro vinha do lado oposto, onde as cocheiras limitavam com o pátio da casa vizinha, a do jurado D. Martín Ulloa. Esteve prestes a retirar-se sem dar-lhes maior importância, mas aqueles suspiros de tristeza o fizeram pensar nos soluços de seus irmãos durante as noites: contidos para que seus pais não os ouvissem, abafados pelo medo de suscitar novos golpes. Miguel se aproximou do muro de separação.

Alguém chorava com tristeza. Os soluços, que agora se ouviram com nitidez, imploravam ao céu tal qual haviam feito os de seus irmãos... e os seus mesmos.

– Que é que está acontecendo com você? – Sentia que era uma jovem. Sim, sem dúvida. Tratava-se do choro de uma moça.

Ninguém respondeu. Miguel ouviu alguém fungar, esforçando-se para abafar uns gemidos que, contra a sua vontade, se mudaram em soluços incontroláveis.

– Não chore, moça – insistiu Miguel do outro lado do muro, mas foi em vão.

Miguel ergueu a vista para o céu estrelado de Córdova. Que idade teria então sua irmã cega? Na última vez em que a vira devia ter cinco ou seis anos: os suficientes para dar-se conta de que sua vida era diferente da das demais crianças que riam pelas ruas. Miguel sussurrou para a moça as mesmas palavras que havia dito à irmã, anos atrás, na escuridão do úmido e nauseabundo quartinho que compartilhavam com os pais:

– Não chore, menina. Sabe? Era uma vez uma menina cega – começou a contar-lhe então, recostando-se no muro e recordando com melancolia, palavra por palavra, a primeira história que inventara para sua irmã pequena – que com os braços estendidos para o alto dava muitos pulos para tocar esse maravilhoso céu estrelado que todos diziam que estava acima de suas cabeças e que ela não podia ver...

Assim, falaram-se várias noites seguidas através do muro: Miguel, com suas histórias, arrancando sorrisos que não conseguia ver, enquanto aquela moça se deixava embalar por uma voz que por um tempo a fazia esquecer suas desditas.

– Você é o... – sussurrou uma noite.

– O coxo – afirmou Miguel com um suspiro de tristeza.

Por fim, vários dias depois, se conheceram. Miguel a convidou a ver os potros; havia-lhe contado mil histórias sobre eles. Rafaela saiu subrepticiamente de sua casa por uma antiga portinhola que quase não era usada e que dava para um beco que morria no portão de saída das

cocheiras de Hernando. Miguel apertou os lábios e a esperou erguido sobre seus cajados. Apesar de que só tinha de dar dois passos, ela chegou às cocheiras rebuçada numa capa preta. Miguel nunca a havia visto tão de perto: a moça devia ter dezesseis ou dezessete anos; tinha longos cabelos castanhos que lhe caíam sobre os ombros, um olhar doce e um nariz pequeno sobre lábios finos. Nessa noite, por fim, face a face, ela lhe contou o porquê de seus soluços. Seu pai, o jurado D. Martín Ulloa, não tinha dinheiro para dotar suas duas filhas e ao mesmo tempo bancar os gastos de seus dois pretensiosos filhos homens.

– Eles se julgam fidalgos – comentou Rafaela com tristeza –, e não são mais que filhos de um fabricante de agulhas cujo pai conseguiu de modo censurável um cargo de jurado. Meu pai, meus irmãos e até minha mãe agem como se fossem nobres de berço.

Por isso, D. Martín havia decidido que a primogênita, a tímida e séria Rafaela, que não parecia capaz de atrair um bom partido, fosse para um convento; assim ele poderia concentrar o dote numa só de suas filhas, a mais nova, mais bela e, como todos diziam, mais faceira. Mas o jurado tampouco tinha dinheiro para dar às ordens de religiosas com que negociava a entrada de sua filha, e Rafaela via que iria terminar enclausurada, como uma criada qualquer, a serviço das freiras mais endinheiradas: a única saída que se apresentava a uma piedosa jovem cristã solteira e sem recursos.

– Ouvi meu pai e meus irmãos conversarem. Minha mãe estava presente, mas calada, sem se opor a esse mercadejo. Se ao menos um deles economizasse em suas fátuas despesas... Tratam-me como a uma apestada!

Odiando suas pernas disformes, noite após noite, Miguel se surpreendeu ao observar que os ariscos potros se deixavam afagar por Rafaela, entregues a seus doces sussurros e carícias até que uma noite, pela primeira vez na sua vida, com a moça sentada diante dele, na palha, lhe faltaram as palavras com que costumava inventar suas histórias; só desejava aproximar-se dela e abraçá-la, mas não se atrevia;

como fazê-lo com aquelas pernas? Quando voltou a ficar sozinho, meditou durante o resto da noite. Que podia fazer ele por aquela jovem infeliz que merecia um destino melhor?

59

> Os anjos disseram a Maria: Deus te escolheu, te deixou livre de toda mancha, te elegeu entre todas as mulheres do universo.
>
> Corão 3,42

Na manhã daquele janeiro de 1595, Hernando se preparou para selar Estudante.

– Vou a Granada – anunciou a Miguel.

– Senhor, não seria melhor que montasse César? – sugeriu este. – Está mais...

– Não – interrompeu-o Hernando. – Estudante é um bom cavalo e lhe fará bem a viagem. Terei tempo para ensiná-lo e treiná-lo. Além disso, assim me distrairei no caminho.

– Quanto tempo ficará fora?

Hernando o olhou com a cabeçada na mão, preparado para pôr o freio em Estudante, e sorriu.

– Não é você quem sabe quando voltam ou não voltam os animais e as pessoas? – disse-lhe, tal como costumava fazer cada vez que saía de viagem.

Miguel esperava aquela réplica.

– Bem sabe que com você não posso, senhor. Há coisas para fazer, decisões para tomar, receber dos arrendatários, e eu preciso saber...

– E se encontrar com sua visitante noturna – surpreendeu-o. Miguel enrubesceu. Tentou desculpar-se, mas Hernando não permitiu. – Eu não tenho nada que objetar, mas tenha cuidado com o pai dela: se ficasse sabendo, seria capaz de enforcar você numa árvore, e eu gostaria de encontrá-lo são e salvo quando voltar.

– É uma moça muito infeliz, senhor.

Hernando acabara de colocar o freio em Estudante, que respondeu mordiscando o ferro sem parar.

– Esse Toribio nunca entenderá o que deve fazer com os paus com mel – queixou-se ante o vício do potro. – Infeliz? Que é que está acontecendo com essa jovem? – perguntou então, em tom distraído.

O silêncio que se seguiu à sua pergunta o obrigou a deter-se, porque intuiu, então, que Miguel queria contar-lhe algo; estava tentando fazê-lo havia dias, mas ele tinha outras coisas na cabeça. Ao ver seu semblante triste, Hernando suspirou e se aproximou de seu amigo.

– Eu o vejo preocupado, Miguel – disse olhando-o nos olhos. – Agora não posso demorar-me, mas prometo que quando eu voltar falaremos disso.

O jovem anuiu em silêncio.

– Já terminou o que estava escrevendo, senhor?

– Sim, terminei. Agora – acrescentou depois de fazer uma pausa – cabe a Deus agir.

Mas Hernando não se dirigiu para Granada como havia dito. Em vez de sair de Córdova pela ponte romana, o fez pela Porta do Colodro e tomou a rota de Albacete para a costa mediterrânea, em direção a Almansa, de onde tinha intenção de dirigir-se para o norte, para Jarafuel. Desde o primeiro momento, Estudante se mostrou arisco e fugidiço. Hernando não o impediu, suportando suas fugas repentinas e suas lutas com o freio enquanto cavalgava pelos transitados arredores de Córdova. Mais tarde, ao deixar para trás o cruzamento com o caminho das Ventas que levava a Toledo, o esporeou para o pôr a galope e iniciar uma frenética corrida em que apenas a violência do cavaleiro mandou. Bastaram duas léguas. Apesar do frio do inverno, o cavalo suava quando cruzou a ponte de Alcolea; bufava pelas ventas, mas, sobretudo, já se havia entregado a suas esporas. A partir dali andaram a passo; restavam-lhe cerca de sessenta léguas para chegar a Almansa, e era uma viagem longa e cansativa, como havia tido oportunidade de verificar alguns meses atrás, após uma viagem a

Granada por causa do martirológio. O novo arcebispo, D. Pedro de Castro, continuava encomendando-lhe informes tal como havia feito seu falecido antecessor.

Havia sido Castillo quem o aconselhara a se dirigir para Jarafuel. Este povoado, junto com Teresa e Cofrentes, se situava no limite ocidental do reino de Valência, ao norte de Almansa, num fértil vale cujas águas iam unir-se ao rio Júcar; do outro lado do vale se erguia a Muela de Cortes. Mas o importante era que esses lugares eram majoritariamente mouriscos.

– Não tenho pergaminhos antigos – queixara-se em sua viagem anterior a Granada, reunido com D. Pedro, Miguel de Luna e Alonso del Castillo no Salão Dourado, sob os reflexos verdes e dourados do artesoado do teto. – Por ora estou escrevendo tudo em papel normal, mas...

– Não deveríamos usar pergaminhos – alegou Luna, que acabara de publicar a primeira parte de sua obra *A verdadeira história do rei Rodrigo*, provocando uma áspera polêmica entre os intelectuais de toda a Espanha. Infelizmente, para o escritor, as opiniões mais desfavoráveis à positiva visão árabe que ele propunha em sua obra foram encabeçadas precisamente por um mourisco, o jesuíta Ignacio de las Casas. – Alguns intelectuais tacharam o pergaminho da Turpiana de falso, arguindo que não era antigo...

– Era antigo, sim – interrompeu-o Hernando com um sorriso –, pelo menos da época de al-Mansur.

– Sim, mas não o bastante – afirmou Castillo. – Usemos um material que não seja papel ou pergaminho: ouro, prata, cobre...

– Chumbo – disse D. Pedro. – É fácil de conseguir e é muito usado em ourivesaria.

– Os gregos já escreviam em lâminas de chumbo – indicou Luna –, é um bom material. Ninguém poderá dizer se é antigo ou atual, sobretudo se o passarmos por um banho de esterco, como já fez nosso amigo com o da Turpiana.

Hernando se juntou aos sorrisos de seus companheiros.

– No reino de Valência, em Jarafuel – disse Castillo –, conheço um ourives que, apesar da proibição, continua trabalhando ocultamente as joias mouriscas. Também conheço o alfaqui do povoado. Ambos são de confiança. Binilit, o ourives, se dedica a fazer mãos de Fátima e medalhas com luas e inscrições em árabe para o batismo dos recém-nascidos. Também fabrica axorcas, pulseiras e colares em que cinzela *aleyas* e magníficas gravuras mouriscas, como as que usavam nossas mulheres antes da conquista cristã. Tenho certeza de que aceitará passar esses escritos para lâminas de chumbo.

– Alguns estão em latim – explicou então Hernando –, mas para outros, os escritos em árabe, usei complicados caracteres pontiagudos, com uma caligrafia desconhecida que eu mesmo inventei, baseando-me na imagem dos vértices da estrela do Selo de Salomão: o símbolo da unidade. Quis afastar-me de qualquer estilo posterior ao nascimento do profeta Isa.

D. Pedro anuiu satisfeito; Luna premiou a ideia com alguns aplausos corteses.

– Asseguro-lhe que o mestre Binilit – insistiu Castillo – tem suficiente destreza para cinzelar no chumbo qualquer escrito que lhe apresentemos.

Hernando havia podido verificar as habilidades de Binilit em sua anterior visita a Jarafuel. Procurou Munir, o alfaqui do povoado, um homem surpreendentemente jovem para a responsabilidade que carregava nas costas, e juntos se encaminharam para a diminuta oficina do velho ourives. Quando chegaram, Binilit estava trabalhando numa mão de Fátima que lhe haviam encomendado para um casamento: colocou uma lâmina de prata sobre um molde de ferro refundido e, sobre esta, outra lâmina de chumbo que ele martelava com precisão até extrair a joia, limpa e lisa, na qual começou a cinzelar desenhos geométricos. Enquanto isso, o alfaqui, já avisado por Castillo, lhe explicava o que se esperava dele.

– Trata-se de um trabalho secreto de que pode depender o futuro de nosso povo nestas terras – terminou dizendo-lhe Munir.

Binilit anuiu e deixou pela primeira vez de prestar atenção à joia.

Absorto na arte do ourives, Hernando aproveitou esse momento para deleitar-se com seu trabalho. Binilit o estimulou a pegar a peça de prata; Hernando achou que se parecia com a mão de Fátima que tão zelosamente ele escondia na biblioteca. Sopesou-a. Talvez pesasse um pouco menos. Deslizou as pontas dos dedos pelos inacabados desenhos. Que moça a usaria às ocultas? De que andanças seria testemunha aquela joia? As lembranças das suas próprias andanças com Fátima lhe arrancaram um sorriso nostálgico.

– Gosta? – perguntou Binilit fazendo-o voltar à realidade.

– Maravilhosa.

Permaneceram alguns instantes em silêncio.

– Deixe-me ver esses escritos – pediu-lhe o ourives.

Hernando colocou a mão no lugar em que estava e lhe entregou os papéis que levava. O mestre os examinou: primeiro com certa displicência, mas depois, após reparar nos selos de Salomão desenhados em vários escritos, nos caracteres pontiagudos com que eram traçadas as letras árabes, e decifrar uma que outra frase ao acaso, fechou os olhos e mergulhou neles como se lhe tivessem feito um desafio.

– Há vinte e dois conjuntos de escritos – explicou Hernando. – Alguns, como verá, de uma só folha; outros são mais extensos.

O ourives examinou diversas vezes os papéis, abrindo-os sobre a pequena mesa de trabalho, calculando mentalmente sua extensão, imaginando como ficariam cinzelados em lâminas de chumbo. De repente se concentrou numas folhas de caracteres ilegíveis que não estavam escritas em latim nem com a curiosa caligrafia árabe usada por Hernando.

– E isto? – perguntou.

– Eu o chamo o Livro Mudo. Não tem sentido. Como verá, seus caracteres são totalmente indecifráveis; custou-me muito inventar letras sem sentido. Em outro livro – Hernando remexeu entre os papéis –, neste, no da *História da verdade do evangelho*, se anuncia que

o conteúdo do Livro Mudo será dado a conhecer mais adiante; os dois se complementam – continuou explicando Hernando. Hesitou quanto a contar também que aquele conteúdo não seria outro senão o do evangelho de Barnabé; decidiu não fazê-lo. – Mas isso será no dia em que os cristãos estiverem preparados para receber a verdadeira mensagem, aquela que não foi adulterada por seus sacerdotes, a que demonstra que só há um único Deus.

Enquanto Binilit assentia com um murmúrio, Hernando deixou vagar a ideia que havia guiado seus passos: aqueles chumbos eram um engenhoso quebra-cabeça elaborado ao redor de uma figura central, a Virgem Maria, que, um após outro, conduziam até um final aparentemente sem saída: o Livro Mudo, o Evangelho da Virgem, escrito numa língua incompreensível, que deixaria perplexo quem quer que o estudasse. No entanto, tal como acabara de explicar a Binilit, em outro dos chumbos se anunciava o aparecimento de um texto que esclareceria o mistério. Aquele seria o evangelho de Barnabé, que ele tão zelosamente guardava. Quando os chumbos fossem aceitos, e com eles aquele enigmático Livro Mudo, o evangelho de Barnabé, com seu conteúdo próximo do islamismo, resplandeceria como a única e inquestionável verdade.

– Está bem – conveio o ourives tirando-o de seus pensamentos. – Eu os avisarei quando estiverem prontos.

Hernando pôs a mão na bolsa para pagar os trabalhos, mas o mestre o deteve.

– Não cobro por minhas joias mais que o necessário para levar uma vida sóbria e frugal; já sou velho. A única coisa que quero é que os muçulmanos possam seguir usando os adornos de seus antepassados. Assim, você me pagará quando os cristãos aceitarem a palavra revelada.

Naquela segunda viagem, Hernando chegou a Jarafuel após quatro dias de viagem, nos quais foi juntando-se às caravanas de mercadores ou arrieiros que encontrava nas estalagens onde pernoitava. Aqueles

caminhos podiam propiciar desagradáveis encontros com quadrilhas de bandoleiros, mas também com todos os tipos de pessoas que os frequentavam: uma infinidade de frades e sacerdotes que se deslocavam entre conventos, malabaristas que iam de povoado em povoado para oferecer seus espetáculos, estrangeiros e ciganos, velhacos, e um sem-fim de mendigos expulsos das cidades e que pediam esmola a viajantes e peregrinos.

Na terceira jornada, Hernando pernoitou na própria Almansa. Ali devia deixar a transitada e antiga via romana para tomar caminhos ao longo de cinco léguas, e queria fazê-lo de dia.

No dia seguinte, já a caminho, foi Estudante que teve receio e o avisou do perigo. Caminhava a passo por uma vereda deserta ao longo do fértil vale cercado de altas montanhas; o castelo de Ayora se erguia diante de seus olhos, sobre um penhasco, a uma légua de distância. Só se ouvia seu próprio andar no momento em que Estudante ergueu as orelhas e fez menção de não querer continuar. Hernando perscrutou os arredores: não se percebia movimento algum, mas Estudante andava rígido, atento, tenso, volteando as orelhas, tesas, para um lado e para outro. O cavalo parecia pedi-lo, porque, no mesmo momento em que decidiu confiar no instinto do animal, antes até de cravar-lhe as esporas, Estudante lançou-se para a frente e começou a galopar; Hernando se estendeu sobre seu pescoço. Apenas alguns passos adiante, de ambos os lados do caminho surgiram vários homens armados, cujo rosto ele nem sequer chegou a vislumbrar. Um deles se postou desafiador no meio da vereda com uma velha espada na mão. Hernando gritou e esporeou com força Estudante. O homem hesitou, mas optou por saltar para afastar-se do frenético galope do animal; apesar disso, Hernando, com o olhar posto na enferrujada espada do bandoleiro, quebrou o galope de Estudante exatamente na altura em que estava seu atacante para jogar-lhe o cavalo em cima e assim impedir que desferisse o golpe de espada à sua passagem. Estudante respondeu com agilidade, como se se tratasse de esquivar-se dos chifres de um touro, e o bandido saiu voando para longe do caminho. Depois

reiniciou o galope, e Hernando voltou a estender-se sobre o pescoço do cavalo, para se esquivar dos disparos de arcabuz. As bolas de chumbo assobiaram no ar, muito perto dele.

– Voador pode ficar orgulhoso de você – felicitou-o depois, palmeando o pescoço do cavalo, com o castelo de Ayora já sobre suas cabeças.

Continuou até Jarafuel, aonde chegou sem nenhum outro incidente. Procurou o jovem alfaqui e, com ele, se dirigiu para a oficina de Binilit. Deixaram Estudante amarrado num pequeno horto localizado na parte de trás da casa de Munir.

– Veio sozinho? – perguntou-lhe o alfaqui enquanto caminhavam na direção da oficina.

– Sim. Mas tive um mau encontro na altura de Ayora...

– Não perguntava por isso – interrompeu-o o alfaqui –, apesar de que vou procurar alguém que, pelo menos, o acompanhe de volta a Almansa; eu mesmo posso fazê-lo. Não. Eu o dizia porque não sei como você vai levar sozinho tudo o que o mestre Binilit preparou. Fez um grande trabalho.

Hernando não havia previsto que uma coisa era transportar papéis e outra, muito diferente, levar lâminas de chumbo, razão por que em Córdova se limitou a pegar uns alforjes que ele havia posto na garupa de Estudante e amarrado à parte posterior da sela. Já na oficina de Binilit, não pôde impedir que lhe escapasse um assobio de surpresa diante do trabalho que o ourives lhe mostrou: haveria cem ou duzentas lâminas... Talvez mais! Eram medalhões de chumbo de quase meio palmo de diâmetro nos quais o mestre havia cinzelado os escritos dados por Hernando. Estavam amontoados em pilhas num canto da oficina. Era impossível transportar todo aquele volume e peso em simples alforjes!

Pegou um dos medalhões ao acaso, o primeiro de uma pilha: *O livro dos fundamentos da Igreja*, como o havia intitulado Hernando em seus escritos. Sopesou o medalhão de chumbo e depois examinou o

trabalho do ourives. Magnífico! Binilit havia transladado com precisão suas letras pontiagudas para aquela pequena lâmina.

– A Maria não coube o pecado primeiro – sentenciou o alfaqui.

Hernando se virou para ele.

– Passei muitos dias aqui – explicou – lendo... ou melhor, tentando interpretar seus escritos. Você não usou pontuação nem vogais.

– Naquela época ainda não eram usadas. – O alfaqui fez menção de intervir, mas Hernando continuou falando. Binilit escutava com atenção. – Além disso, nossa mensagem não deve ser direta, deve mover-se na ambiguidade. Caso contrário, os cristãos poriam imediatamente de lado os livros.

– No entanto, as referências a Maria são claras – arguiu Munir.

– Nesse aspecto não existe nenhum problema. Os cristãos aceitarão a intervenção da Virgem sem hesitar – afirmou, contundente, Hernando –; a figura de Maria é provavelmente o único ponto de contato entre as duas religiões que ainda não foi maculado. Além disso, na Espanha existe um clamor para que a Igreja, de uma vez por todas, torne dogma de fé a conceição sem pecado de Maria. Os textos apoiam essa ideia, e por isso eles os usarão. Como você deve ter visto, Maria se transforma no eixo central de todos os livros. Ela está de posse da mensagem divina, que ela passa a São Tiago e aos demais apóstolos após a morte de Isa; é ela quem ordena a São Tiago a evangelização da Espanha e é ela que lhe entrega um evangelho, o Livro Mudo, ilegível, que algum dia virá à luz, quando os cristãos puderem compreender que seus papas adulteraram a palavra de Deus. Tudo isso chegará através de um rei dos árabes.

– Que ganhamos se os cristãos não chegarem a entender a mensagem? – inquiriu então o ourives. – Poderão interpretá-lo de um modo que lhes convenha.

– E o farão. Não se tenha dúvida alguma quanto a isso – afirmou Hernando. Binilit abriu as mãos em direção às pilhas de medalhões, quase como se se sentisse defraudado depois de tanto trabalho.

– Isso é o que nos interessa, Binilit – tentou tranquilizá-lo Hernando. – Se os cristãos interpretarem todos estes livros de modo que lhes seja conveniente, serão obrigados a reconhecer que tanto São Cecílio, o patrono de Granada, quanto seu irmão, São Tesifonte, eram árabes; ambos vieram com São Tiago para evangelizar a Espanha. O patrono de Granada, um árabe! Por mais que tentem, não podem tomar partes dos livros como boas e não dar importância àquelas que possam não interessá-los. Também terão de reconhecer, como diz a Virgem Maria, que a língua árabe é a mais sublime de todas as línguas. Para se aproveitarem do conteúdo dos livros, terão de reconhecer essas ideias e muitas outras que aparecem neles. É um bom método de aproximação entre os dois povos; talvez possamos conseguir que se suspenda a proibição de falar em nossa língua. Mais ainda: se São Cecílio era árabe, por que esse ódio ao nosso povo? – Munir anuiu pensativo. – Serão muitos os que terão de reconsiderar seus escritos e opiniões. Cristãos e muçulmanos acreditam no mesmo Deus! Isso é algo que a maioria do povo simples não sabe e que seus sacerdotes escondem dele, desprezando constantemente o Profeta. Em todo o caso, Binilit, tudo isto é só mais um passo depois do da Turpiana; não é o definitivo. No momento em que se dê a conhecer o verdadeiro conteúdo do Livro Mudo, o evangelho que não foi adulterado pelos papas, todos esses aspectos ambíguos que se incluem no texto de muitos destes livros, como, por exemplo, as sucessivas profissões de fé muçulmanas e a natureza de Isa, deverão ser interpretados segundo as nossas crenças.

– Mas como se pode chegar a conhecer o conteúdo de um livro ilegível? – inquiriu o ourives.

– Este texto não poderá ser decifrado – explicou Hernando –, basta-nos que seja aceito como o evangelho da Virgem. Se os cristãos aceitam os chumbos, terão de aceitar também a chegada desse rei árabe que se anuncia neles e que dará a conhecer o verdadeiro evangelho, aquele que nenhum papa ou evangelista pôde falsear. E ninguém poderá dizer que o que esse evangelho afirma está em contradição com o conteúdo

do Livro Mudo... Assim, o círculo se fechará: o Livro Mudo, ou evangelho da Virgem, que terá permanecido como um enigma, encontrará solução nesse evangelho chegado de terras árabes. Ninguém poderá questionar este último sem pôr em dúvida todo o anterior, que já terá sido aceito.

"Ninguém poderá questionar então o evangelho de Barnabé", pensou.

Hernando passou a noite na casa de Munir, onde teve oportunidade de rezar com um alfaqui, algo que havia muito tempo não fazia.

Depois se entregaram a uma íntima e profunda conversa que se prolongou até altas horas da madrugada. Naquelas áreas perdidas do reino de Valência, suas crenças mantinham-se mais vivas. Os senhores, preocupados unicamente com os ganhos que lhes proporcionavam os mouriscos, se mostravam indulgentes com sua forma de vida, e não existia sacerdote capaz de evangelizá-los.

De manhã, o próprio Munir e dois jovens mouriscos o acompanharam até as cercanias de Almansa, aonde chegaram quando anoitecia. Hernando se dirigiu à cidade em busca de um *mesón* e de companhia com que iniciar a viagem até Granada; os mouriscos, apesar do frio do inverno, se dispuseram a pernoitar ao relento, escondidos, já que não dispunham das cédulas necessárias para deixar Jarafuel.

– Que o que guia o caminho reto o acompanhe e lho revele – despediu-se o alfaqui.

Levou quatro dias para chegar a Granada, e o fez alternadamente acompanhado de mercadores, frades e soldados que se dirigiam a Múrcia ou à cidade da Alhambra. Nos alforjes levava um pouco mais de vinte medalhões de chumbo cuidadosamente escolhidos dentre as pilhas dos cinzelados por Binilit. Optou por dois dos livros: *Os fundamentos da Igreja* e *A essência de Deus*, além de uma série de chumbos que narravam os martírios de vários discípulos de São Tiago, entre os quais o de São Cecílio, escrito em que Hernando havia

incluído uma referência ao achado da Turpiana, ardil mediante o qual tentava dar ao pergaminho a credibilidade que alguns estudiosos continuavam pondo em dúvida.

Antes de partir, prometeu ao ourives que ele ou seus amigos granadinos se encarregariam de recolher os chumbos que faltavam. Ao longo daquelas jornadas de viagem, alardeou em público os seus trabalhos para o arcebispado de Granada, mostrando a cédula que lhe permitia deslocar-se com liberdade e alguns escritos do que qualificou de atrozes crimes das Alpujarras, e que ele levava nos alforjes para esconder os chumbos. Quem iria ousar remexer neles sabendo que continham escritos sobre os mártires das Alpujarras?

Em todo o caso, não se separou dos alforjes, e nas estalagens do caminho dormia com a cabeça apoiada neles.

Perdeu uma jornada inteira em Huéscar, povoado a que chegou num sábado ao anoitecer. No domingo foi à missa maior e se entreteve no restante da manhã à espera de que o sacerdote lhe atestasse o cumprimento de suas obrigações religiosas, documento que deveria apresentar ao pároco de Santa María em sua volta a Córdova. Durante a espera na igreja, três frades franciscanos descalços, sabendo pelo sacerdote que ele estava de passagem a caminho de Granada, lhe perguntaram se podiam acompanhá-lo, já que iam na mesma direção.

– Como bem compreenderão – alegou quando explicou sua viagem em razão do martirológio das Alpujarras e os franciscanos lhe pediram para ver os escritos –, são confidenciais. Enquanto o arcebispo não lhes dê seu visto, ninguém deve lê-los.

Assim, Hernando fez a última parte da viagem acompanhado daqueles três franciscanos que, apesar do intenso frio invernal, vestiam apenas um tosco hábito feito de lã grosseira, da cor da terra, símbolo de humildade. No caminho, ao mesmo tempo que lhe mostravam uma cédula especial, lhe explicaram que tinham de obter permissão do provincial da ordem para não ir descalços e usar umas alpercatas abertas na parte superior. Durante as duas jornadas em que viajou com eles, ele se surpreendeu com a austeridade e extrema pobreza em que

viviam os “descalços”, que aproveitavam qualquer encontro para pedir esmola. Admirou a frugalidade de sua alimentação e sua estoica forma de vida, que os levava até a dormir no chão.

Despediu-se dos frades na entrada de Granada, uma vez cruzada a Porta de Guadix, acima do Albaicín. Dali, desceu pelo caminho do Darro em direção à praça Nueva e à casa dos Tiros. À sua direita ficava a encosta em que se alçavam as quintas de Granada, veladas pela bruma naquele dia de inverno granadino. Que teria sido de Isabel? Fazia sete anos que não a via. Nas esporádicas viagens que durante esse tempo havia feito a Granada para entrevistar-se com D. Pedro, Miguel de Luna ou Alonso del Castillo, ou para entregar algum escrito sobre os mártires, não quis insistir, respeitando a negativa envolta em lágrimas com que ela se havia despedido em seu último encontro, na saída da igreja.

Estimulou Estudante para que apertasse o passo. Sete anos! Sim, desfrutava com a ruiva da mancebia, e até com algumas outras mulheres, mas jamais havia chegado a esquecer a última noite que tivera com Isabel, quando, os dois na cama, quase tocaram o céu. No meio da bruma, acreditou ver a varanda da quinta do ouvidor que ficava na encosta do Darro. Com o olhar fixo na varanda, sentiu uma repentina fraqueza em todo o corpo e apoiou as mãos na cruz de Estudante que, livre de comando, parou para mordiscar a relva que nascia à beira do caminho, com as águas do Darro correndo perto. Havia trabalhado duramente para seu Deus, mas o que tinha? Só lembranças... a de Isabel, bela e sensual; a dos entes queridos que haviam morrido: sua mãe, Hamid... Fátima e seus pequenos. Sua vida se havia centrado num sonho: unir duas religiões e demonstrar a supremacia do Profeta. Para quê? Para quem? Quem lhe agradeceria? A comunidade que o rechaçava? O segundo passo depois da Turpiana já estava dado. E agora? E se não tivesse sucesso? Fátima! Os olhos negros amendoados da moça reviveram em sua memória; seu sorriso; seu caráter resoluto; a joia de ouro pendente entre seus seios e as noites de amor vividas junto com ela. Hernando não fez nada para

impedir que uma lágrima lhe corresse pela face enquanto permitia que suas lembranças voassem para Francisco e Inés brincando no pátio da casa de Córdova, estudando com Hamid, aprendendo, rindo ou olhando-o em silêncio, atentos e felizes.

Precisava dizê-lo! Precisava ouvir a si mesmo reconhecendo a verdade.

– Sozinho. Estou sozinho – murmurou então com a voz embargada, ao mesmo tempo que puxava as rédeas para que Estudante deixasse de morder a relva e empreendesse de novo a marcha.

Entretanto, na casa de Córdova, Miguel continuava reunindo-se com Rafaela todas as noites, mas as histórias que lhe contava já não versavam sobre seres fantásticos, e agora tinham um único protagonista: Hernando, seu senhor, o encantador dono da casa. Rafaela escutava enlevada os relatos do jovem aleijado. Hernando havia sido um herói, havia salvado moças durante a guerra, havia lutado e havia sobrevivido a numerosos perigos. Quase chorou quando Miguel lhe contou a morte de sua esposa e de seus filhos nas mãos de cruéis bandidos... E ele sorria com certa tristeza, ao ver que aquela jovem, quase sem se dar conta, pouco a pouco, ia ficando cada vez mais cativada pelo protagonista de seus relatos.

60

Hernando havia decidido não permanecer em Granada mais tempo que o necessário para fazer a entrega dos chumbos. Depois de sete anos de estudo e trabalho, no momento mesmo em que pôs sua obra à disposição de D. Pedro, Luna e Castillo, que o esperavam na casa dos Tiros, assaltaram-no dúvidas acerca da possível efetividade de seus esforços e trabalho.

Os três homens seguraram os medalhões solenemente e foram passando-os de mão em mão, absortos em seu conteúdo. Hernando os deixou fazer, e até se afastou deles alguns passos para ficar diante de uma das janelas do Salão Dourado. Perdeu-se na contemplação do convento dos franciscanos que havia em frente ao palácio dos Tiros. Uma fantasia?, perguntou-se então. O país inteiro estava invadido por lendas, mitos e fábulas. Ele o havia lido e estudado; ele mesmo chegara a copiar centenas de profecias mouriscas, mas tudo aquilo só penetrava nas mentes crédulas de um povo ignorante, fosse cristão ou muçulmano, que gostava de entregar-se a todos os tipos de sortilégios e feitiços.

Fazia apenas alguns dias, em Jarafuel, à vista da Muela de Cortes do outro lado do vale, enquanto falavam do futuro dos mouriscos na Espanha, Munir lhe contou uma profecia que Hernando não conhecia e que era muito difundida naquelas terras: acreditavam os do lugar que um dia iria libertá-los o cavaleiro mouro al-Fatimi ou Alfatimí, que estava escondido naquela serra desde a época de Jaime I, o Conquistador, fazia mais de trezentos anos.

– As pessoas não se põem de acordo, porém – lamentou-se o jovem alfaqui –, quanto a quem é verde: o cavaleiro ou seu cavalo; há alguns que afirmam que ambos são verdes: cavalo e cavaleiro.

Um cavaleiro verde de mais de trezentos anos que viria salvá-los... Ingênuos!

Virou-se para seus companheiros do Salão Dourado, que examinavam detidamente os chumbos. Balançou a cabeça antes de voltar a olhar pela janela. Os chumbos eram algo muito diferente. Não se tratava de simples profecias. Os chumbos se destinavam a mudar o mundo das crenças religiosas, a minar os fundamentos da Igreja cristã. Bispos, sacerdotes, frades e intelectuais, homens doutos e instruídos, se ocupariam de seu conteúdo. O assunto chegaria com certeza até a própria Roma! Era algo que ele jamais havia chegado a perguntar-se enquanto trabalhava, deixando voar a imaginação para unir tradições, histórias e lendas em torno da Virgem, entrelaçando vidas de santos e apóstolos, movendo-se na ambiguidade entre uma religião e outra, semeando equívocos aqui e ali. Quem era ele para mudar o curso da história? Por acaso Deus o havia iluminado? A ele? Ao aprendiz de arrieiro de um humilde povoado das Alpujarras? Pedante! Soberbo!, pensou. Então recordou tudo quanto estava escrito naqueles pequenos medalhões e lhe pareceu tosco, vulgar, simples, exatamente equívoco...

– Magnífico!

Virou-se sobressaltado.

D. Pedro, Luna e Castillo sorriam. Magnífico! Foi Alonso del Castillo quem o exclamou; depois os outros dois se uniram aos elogios. Por que não podia ele compartilhar seu entusiasmo? Ele lhes disse que deviam ir buscar o restante dos chumbos que ainda estavam em poder de Binilit. Disse-lhes também que os medalhões deviam ser acompanhados de ossos e cinzas, que ele não havia podido trazer de Córdova. Pediu-lhes que, em seu nome, entregassem os escritos sobre os mártires ao cabido da catedral. Castillo lhe pediu mais uma vez a cópia do evangelho de Barnabé, mas, não, ele já não a tinha. Destruíra-a quando lhe haviam expulsado do palácio do duque e não se havia dado ao trabalho de transcrevê-lo de novo; não lhe parecera o mais importante, e o estudo e a redação dos chumbos lhe haviam ocupado todo o tempo.

– E por que não lhe fazemos chegar o exemplar que temos? Temos de enviar esse evangelho à Sublime Porta. O sultão é quem deve dá-lo a conhecer – arguiu D. Pedro, como se fosse uma necessidade premente.

Luna tranquilizou o nobre:

– Transcorrerão anos até que isso seja necessário. Por ora continue guardando-o em lugar seguro, mas, agora que terminou este magnífico trabalho com os chumbos, você poderia dedicar seu tempo à transcrição do evangelho para que também possamos estudá-lo. Tenho muita vontade de lê-lo.

– Não me parece sensato que nos desprendamos desse documento ainda – argumentou Hernando após as palavras de Luna. – Só o faremos quando tivermos notícias de que o sultão está disposto a apoiar nosso plano. Até agora, os turcos não se distinguiram precisamente por ajudar o nosso povo.

Depois, enquanto os outros três especulavam acerca de como e onde dar a conhecer os chumbos à cristandade, Hernando anunciou que regressava a Córdova.

– Você ficou o dia todo meditabundo – disse Castillo. – Não parece participar de nossas expectativas. Tudo isto – acrescentou o tradutor, apontando para os medalhões de chumbo que repousavam numa mesa – é fruto de seu trabalho. Hernando, um labor de anos, e labor excepcional. Que é que está acontecendo com você?

Ele não tinha nenhuma resposta preparada. Hesitou. Pôs a mão no queixo e olhou fixamente para seus companheiros.

– Assaltam-me dúvidas. Preciso... não sei. Não sei de que preciso. Mas talvez seja preferível neste momento eu não interferir em seu trabalho...

– Nosso trabalho? – disse D. Pedro. – Você é o artífice!...

Hernando lhe pediu que se calasse com um gesto calmo da mão.

– Sim. É verdade. E não o renego, naturalmente, mas tenho o pressentimento de que agora eu não lhes seria de muita ajuda.

– Esvaziado – interveio então Miguel de Luna. Hernando cravou os olhos azuis nele. – Você se esvaziou. Trabalhou muito duro, e é normal

que isso lhe suceda. Descanse. Será bom para você. Nós nos ocuparemos de tudo.

– Minha mãe se deixou morrer por culpa deste plano – surpreendeu-os então. D. Pedro, Miguel de Luna e Alonso del Castillo observaram como se contraíam os traços de seu rosto e como ela lutava para conter o choro diante deles. O nobre baixou os olhos. Os outros dois se procuraram com o olhar. – Ela não conseguiu suportar a ideia de que seu filho se tivesse entregado aos cristãos, e eu havia jurado não revelar nada de nosso plano.

Respirou fundo e falou com voz trêmula:

– Por ora, amigos, isso foi a única coisa que consegui com estes chumbos.

Hernando estalou a língua para estimular Estudante no caminho de volta a Córdova. Havia saído de Granada ao amanhecer, sem buscar companhia para a longa viagem. Ao passar pela veiga granadina, ficou de pé nos estribos e, virando a cabeça, observou os cumes brancos de Sierra Nevada que deixava às suas costas. Fazia frio. Os povoados mais altos das Alpujarras, na outra vertente, também deviam estar cobertos de neve. Juviles. Ali viveu na infância, com sua mãe... e Hamid. Balançou a cabeça quando um bando de sabiás que voava muito baixo quase lhe roçou a cabeça. Ele os viu voltar a arremeter em seu voo como se quisessem alcançar os picos da serra, mas um pouco adiante giraram todos ao mesmo tempo e tornaram às plantações. Voltou a acomodar-se na sela e, com as rédeas soltas sobre a cruz de Estudante, esfregou as mãos vigorosamente, as pôs em concha e exalou seu hálito quente nelas. Casas e fazendas se espalhavam pelas férteis terras da vega, e aqui e ali se divisavam homens que trabalhavam os campos. À distância, alguns deles ergueram a vista à passagem do cavaleiro. Hernando perscrutou o horizonte e suspirou diante do longo e deserto caminho que se abria à sua frente. Ressoando em seus ouvidos, o rítmico bater dos cascos de Estudante na terra endurecida pelo frio se lhe ofereceu como a sua única companhia.

Assim que o viu, Miguel percebeu a dor e a angústia de seu senhor. Ele esperava a sua volta com inquietação para poder falar-lhe de Rafaela, tal como Hernando mesmo lhe havia prometido, antes de partir, que fariam, mas, ao vê-lo naquele estado, não ousou incomodá-lo, e nos dias seguintes se limitou a tentar interessá-lo nas novas acontecidas durante a sua ausência, em casa, nas terras e na propriedade. Havia chegado a discutir com Toribio por causa da violenta doma a que submetia um dos potros!, explicou-lhe irado certa feita, levantando ameaçadoramente um cajado.

– Ele o maltratava sem razão! – gritou –, lhe cravava as esporas, e o potro era incapaz de entender o que queria dele.

Mas nem sequer essa altercação foi capaz de atrair o interesse de Hernando, que continuou destilando nostalgia, apesar de suas saídas a cavalo e até de uma ou outra escapada noturna à mancebia.

– Senhor – bufou um dia Miguel, que avançava para ele, aos pulinhos, através da galeria que dava para o pátio –, conhece a história do gato que queria montar a cavalo? – Hernando deteve os passos. O bater dos cajados no chão deixou de ser ouvido às suas costas. – Era um gato de cor parda...

– Conheço a história – interrompeu-o Hernando. – Eu o ouvi contá-la à minha mãe na pousada do Potro. Trata de um nobre cavaleiro que umas bruxas malvadas transformam em gato e que só se livrará do feitiço se conseguir montar e guiar um cavalo de guerra. Mas não recordo o final, talvez tenha me distraído.

– Se já a sabe, talvez então eu devesse contar-lhe a do cavaleiro que vivia encerrado numa torre, sempre sozinho... – Miguel deixou a frase no ar, de propósito.

Hernando suspirou. Passaram-se alguns instantes.

– Creio que não vou gostar dessa história, Miguel.

– Talvez não, mas deveria ouvi-la... O cavaleiro...

Hernando o fez calar com um gesto.

– Que quer me dizer, Miguel? – perguntou com semblante sério.

– Que não é bom que você fique sozinho! – respondeu este, levantando a voz. – Agora você terminou seu trabalho. Que pensa em fazer? Passar o dia enfiado neste cômodo, rodeado de papéis? Não gostaria de voltar a casar? Ter filhos?

Hernando não respondeu. Miguel, com um gesto de aborrecimento, deu meia-volta e se afastou, mancando com seus cajados.

Mas Hernando, uma vez mais, procurou refúgio na biblioteca. Na intimidade da peça, contemplou os quase trinta livros que havia conseguido durante os sete anos de trabalho nos chumbos, todos cuidadosamente organizados em estantes. Tentou reler algum, sem sucesso; pouco tempo depois de começar a ler, já estava cansado. Também tentou voltar-se para a caligrafia, mas o cálamo deslizava ineptamente sobre o papel. Era como se ele tivesse perdido o vínculo espiritual que devia uni-lo a Deus no momento de desenhar os caracteres destinados a louvá-lo. Hernando pegou com delicadeza o último cálamo que havia preparado e verificou sua ponta ligeiramente curva; estava bem cortada... De repente, fez-se a luz: o vínculo com Deus! Deu um soco na escrivaninha. Era isso!

Assim, na manhã seguinte, Hernando se encaminhou para a mesquita. Previamente, em casa, havia feito as abluções obrigatórias. Podia ter chegado a esquecer o seu Deus?, pensou durante o curto trajeto até a Porta do Perdão. Fazia sete anos que estava escrevendo sobre a Virgem, o apóstolo São Tiago e um sem-fim de santos e mártires que haviam ido para aqueles reinos. Sua intenção era boa, mas todo aquele trabalho... podia ter chegado a minar suas próprias crenças, a pureza de suas convicções? Sentia que precisava pôr-se diante do *mihrab*, por mais que os cristãos o tivessem profanado, e rezar, ainda que fosse de pé, em silêncio. Se a *taqiya* lhes permitia ocultar sua fé sem por isso se poder considerar que pecavam ou a renegavam, por que não rezar também às escondidas na mesquita? Ali, atrás do sarcófago do chefe militar da fronteira, D. Alonso Fernández de Montemayor, estava um dos mais esplêndidos lugares de culto criados pelos seguidores do Profeta ao longo de toda a história.

Cruzou a Porta do Perdão e atravessou o horto; as paredes das galerias que o rodeavam continuavam adornadas com uma infinidade de sambenitos dos apenados pela Inquisição, com seus nomes e culpas escritos neles, e os acolhidos vagueavam e buscavam fugir do frio daquela manhã cinzenta. O bosque de maravilhosos arcos da mesquita lhe deu um sopro de tranquilidade. Andou pelo templo com despreocupação. Sacerdotes e fiéis se moviam pelo interior, e aqui e ali, nas capelas laterais, se celebravam missas e ofícios. As obras do cruzeiro e do coro estavam interrompidas fazia anos e continuavam paradas, à espera de que se construíssem o zimbório, sua cúpula, o coro, e a abóbada que devia cobri-lo. Os cristãos eram avaros com seu Deus, pensou enquanto passeava pelas obras inacabadas: bispos e reis viviam na opulência, mas preferiam malgastar o dinheiro em luxo a destiná-lo a seus templos.

"Ó vocês, os que creem!", acreditou ler ao chegar ao *mihrab*, através da camada de gesso mediante a qual os cristãos pretendiam esconder a palavra revelada. Era o início das inscrições cúficas da quinta sura do Corão escritas na cornija que dava acesso ao lugar sagrado. Depois, em silêncio, continuou recitando: "Quando se prepararem para fazer a prece..."

Então, enquanto rezava, o entendeu, como se Deus premiasse sua devoção: a verdade, a palavra revelada e cinzelada em duro e precioso mármore, escondida atrás de um vulgar reboco de gesso destinado a cair com o mais fraco dos golpes! Por acaso não era aquela a mesma situação contra a qual ele pretendia lutar por meio dos chumbos? A verdade, a única, a primazia do islã oculta atrás das palavras e manipulações de sacerdotes e sacerdotes; uma ficção que com a revelação do Livro Mudo desmoronaria, como a qualquer momento podia fazê-lo o frágil reboco de gesso que ocultava a palavra revelada no *mihrab* da mesquita cordovesa. Depois ergueu os olhos para os arcos duplos que se levantavam sobre outros simples para descansar em esbeltas colunas de mármore: o poder de Deus caía a prumo sobre seus fiéis, ao contrário do que sucedia com os cristãos, que buscavam

bases firmes. O peso da vontade divina sobre simples crentes como ele. Encheu os pulmões daquela fantástica certeza, ao mesmo tempo que continha os gritos com que desejava continuar rezando ao único Deus, e apertou os lábios para que nem sequer seus murmúrios fossem audíveis.

Nesse mesmo dia, no monte de Valparaíso de Granada, dois buscadores de tesouros, dos muitos que percorriam as terras granadinas atrás dos valiosos pertences deixados para trás pelos mouriscos em sua precipitada saída da serra, encontraram numa das cavernas de uma mina abandonada do cerro, exatamente sobre o Albaicín, uma estranha e inútil lâmina de chumbo escrita num latim quase indecifrável.

O achado, ininteligível para os buscadores de tesouros, chegou às mãos da Igreja e foi entregue a um jesuíta que, após traduzi-lo, chegou à conclusão de que em verdade constituía um verdadeiro tesouro. Era uma inscrição funerária que anunciava que as cinzas ali enterradas eram as de São Mesiton mártir, executado por ordem do imperador Nero, um dos sete homens apostólicos de que falava a lenda, e cujos restos jamais haviam sido encontrados. Imediatamente, o arcebispo D. Pedro de Castro ordenou que se recolhessem as cinzas que houvesse na caverna, e que se procedesse a cavar e limpar as minas a fim de continuar procurando. Durante o mês de março desse mesmo ano, encontrou-se outra lâmina, referente ao enterro de São Híscio, mais cinzas e alguns ossos humanos calcinados. Antes de terminar o mês, apareceu *O livro dos fundamentos da Igreja* e pouco depois *O livro da essência de Deus*. Em 30 de abril, em pleno êxtase religioso da Semana Santa, enquanto os granadinos sentiam na própria carne e consciência a paixão de Cristo, uma menina de nome Isabel encontrou a lâmina que atestava o martírio de São Cecílio, patrono de Granada e primeiro bispo de Ilíberis. Junto àquela lâmina apareceram as tão desejadas e procuradas relíquias do santo.

Granada inteira explodiu em fervor religioso.

Após aquela visita à mesquita, Miguel percebeu em Hernando uma favorável mudança de atitude. Sorria de novo, e seus olhos azuis mostravam o brilho que os caracterizava. Precisava falar com ele; a situação de Rafaela já estava insustentável, dado que seu pai, o jurado D. Martín, estava prestes a fazer um acordo com um dos muitos conventos da cidade. Uma tarde, depois de almoçar, subiu dificultosamente a escada até a biblioteca do primeiro andar, onde encontrou seu senhor e amigo absorto na caligrafia.

– Senhor, há muito tempo que quero lhe falar de algo. – Ele o disse da porta, respeitando aquele espaço que ele considerava quase sagrado. Esperou que Hernando levantasse os olhos.

– Diga. Está acontecendo algo com você?

Miguel pigarreou e entrou mancando na peça.

– Lembra-se da moça de que lhe falei antes de você ir a Granada?

Hernando suspirou. Havia esquecido completamente a promessa feita a Miguel. Ignorava o que podia querer Miguel dele, nem por que lhe importava tanto a moça, mas sem dúvida o rosto preocupado de seu amigo, tão diferente de sua alegre expressão habitual, indicava que o assunto era de certa gravidade.

– Entre e sente-se – disse-lhe com um sorriso. – Sinto que a história vai ser longa... Vejamos: o que é que está acontecendo com essa jovem? – acrescentou, enquanto via Miguel avançar sobre os cajados até se deixar cair numa cadeira.

– Ela se chama Rafaela – começou Miguel – e está desesperada, senhor. O pai dela, o jurado, quer enclausurá-la num convento.

Hernando abriu as mãos.

– Muitas filhas de cristãos terminam tomando o hábito de bom grado.

– Mas ela não quer – respondeu Miguel imediatamente. Os cajados jaziam no chão, de ambos os lados da cadeira. – O jurado não quer entregar quantia alguma ao convento, razão por que o futuro que a espera é ser uma criada das outras freiras.

Hernando não soube o que dizer: seu olhar pousou no rosto consternado do amigo.

– E o que quer que eu faça? Não creio que esteja em meu poder...

– Case-se com ela! – interrompeu-o Miguel, sem se atrever a olhá-lo.

– Quê? – O semblante de Hernando denotava uma incredulidade absoluta. Não sabia se devia rir ou zangar-se. Ao ver que Miguel levantava os olhos, brilhantes das lágrimas que ele lutava para conter, optou por não fazer nenhuma das duas coisas.

– É uma boa solução, senhor! – prosseguiu o aleijado, animado pelo silêncio do amigo. – Você está sozinho, ela deve casar-se se não quiser acabar encerrada num convento... tudo se resolveria.

Hernando o escutava, atônito. Podia estar falando sério? Compreendeu que sim.

– Miguel – disse devagar –, você melhor que ninguém sabe que esta não é uma questão fácil para mim.

O jovem continuou a fitar-lhe os olhos, desafiador.

– Miguel – continuou Hernando, tentando buscar uma resposta –, mesmo supondo que eu estivesse disposto a contrair matrimônio com essa moça, que aliás eu nem sequer conheço, você acha que um altivo jurado de Córdova o consentiria? Você acha que permitiria que sua filha se casasse com um mourisco? – Miguel tentou responder, como se tivesse a solução, mas Hernando o impediu de fazê-lo. – Espere... – instou-lhe.

De repente se deu conta do que realmente estava sucedendo com Miguel. Estivera tão absorto em seus próprios pensamentos naqueles últimos tempos, que não havia reparado na transformação do rapaz.

– Creio que existe outro problema, ainda mais difícil de solucionar... – Cravou os olhos azuis nos daquele que podia contar-se como seu único amigo, e deixou passar alguns instantes. – Você... você está apaixonado por essa moça, não é verdade?

O aleijado escondeu o olhar, por alguns instantes apenas, antes de voltar a fitar o de Hernando com determinação.

– Não sei. Não sei o que é amar alguém. Rafaela... gosta das minhas histórias! Tranquiliza-se quando afaga os cavalos e lhes fala. Assim que entra nas cocheiras, para de chorar e se esquece de seus problemas. É doce e ingênua. – Miguel deixou cair a cabeça, balançou-a, e pôs a mão no queixo. Diante daquela visão, Hernando notou que lhe faltavam as forças e sentiu um nó na garganta. – É... é delicada. É bela. É...

– Você a ama – afirmou em voz baixa e firme. Pigarreou duas vezes. – Como viveríamos nesta casa? Como poderia me casar com a mulher por que eu sei que você está apaixonado? Nós nos cruzaríamos o dia todo, nos veríamos. Que pensaria você, que imaginaria durante as noites?

– Você não entende. – Miguel continuava cabisbaixo. Falava aos sussurros. – Eu não penso nada. Não imagino. Não desejo. Eu não posso amar uma mulher como a ama um esposo. Nunca me respeitaram. Não passo de escória! Minha vida não vale uma blanca. – Hernando tentou intervir, mas agora foi Miguel que o impediu. – Nunca tive outra aspiração além da de levar um osso ou um pedaço de pão podre à boca. Que importa se a amo ou não? Que importa o que eu deseje? Sempre, ao longo dos anos, minhas expectativas se frustraram, emaranhadas em minhas pernas. Mas hoje tenho uma, senhor. E é a primeira vez na minha asquerosa existência que creio que, com a sua ajuda, poderia conseguir que uma se realizasse. Entende? Durante os dezenove anos que devo ter, nunca, nunca!, tive oportunidade de ver realizado nenhum dos meus desejos. Sim. Você me acolheu e me deu trabalho. Mas agora estou lhe falando de meu anelo, só meu! Só quero ajudar essa moça.

– E ela o ama?

Miguel ergueu o rosto e franziu a expressão num sorriso amargo.

– Um aleijado? Um criado? Ela ama você...

– Que é que está diz...? – Hernando chegou a levantar-se da cadeira.

– Eu tanto falei a ela de você, que acho que sim, ela o ama; pelo menos o admira profundamente. Você foi o cavaleiro de minhas

histórias, o salvador de donzelas, o domador de feras, o encantador de serpentes...

– Você ficou louco? – Os olhos azuis de Hernando pareciam prestes a saltar das órbitas.

– Sim, senhor – respondeu Miguel, com o semblante congestionado. – É uma loucura o que estou vivendo há algum tempo.

Nessa mesma noite, Miguel subiu à biblioteca para buscá-lo. Nela, Hernando havia começado a transcrever de novo o evangelho de Barnabé a pedido dos de Granada. Se D. Pedro e seus amigos de Granada insistiam em enviar o exemplar que ele escondia em sua biblioteca, devia necessariamente fazer uma transcrição do texto. Ele os havia convencido de que não era o momento de se desprenderem dela, mas talvez não tivesse tanta sorte da próxima vez. Hernando não podia evitar ter dúvidas com respeito ao sultão. Seria o otomano capaz de ajudar o povo mourisco? Ainda que, nesta ocasião, quando chegasse o momento, só teria de dar a conhecer o evangelho que o Livro Mudo anunciava; não se tratava de lançar sua armada contra os domínios do rei da Espanha, tinha apenas de transformar-se nesse rei dos reis que a Virgem Maria anunciava e revelar as mentiras dos sacerdotes.

– Senhor – distraiu-o o rapaz –, eu gostaria que conhecesse Rafaela.

– Miguel... – começou a queixar-se.

– Por favor, acompanhe-me. – Seu tom de voz era tão implorante que Hernando não pôde negar-se. Além disso, no fundo, sentia certa curiosidade.

Rafaela esperava junto a Estudante. Entrelaçava os dedos de uma das mãos na longa e basta crina enquanto com a outra lhe acariciava o beiço. A luz era pouca; uma só lâmpada afastada da palha iluminava tenuemente as cavalariças. Hernando viu a moça, que o recebeu com recato, cabisbaixa. Miguel ficou um pouco trás, como se quisesse com isso separar-se do casal. Hernando hesitou. Por que estava nervoso? Que lhe teria contado Miguel além de transformá-lo no protagonista

de suas histórias? Aproximou-se de Rafaela, que continuava com o olhar cravado na palha. A moça usava uma saia, um pouco levantada e amarrada na cintura para que não se sujasse, com o que mostrava uma velha vasquinha que lhe tocava os sapatos, e, no tronco, um gibão aberto com mangas, sobre a camisa. Tudo em cor amarronzada; tudo caindo por seu próprio peso, como se aquelas roupas simples não encontrassem turgidez em que se firmar. Que lhe teria prometido Miguel? Talvez... teria sido capaz de lhe dizer que ele se casaria com ela para livrá-la do convento, antes de consultá-lo?

De repente se arrependeu de haver ido às cocheiras. Deu meia-volta e se encaminhou para a saída, mas topou com Miguel, plantado no corredor, firme sobre seus cajados.

– Senhor, eu lhe peço – suplicou o rapaz.

Hernando cedeu e se virou de novo para Rafaela. Encontrou-a olhando-o com uns olhos castanhos que até na penumbra apregoavam seu desconsolo.

– Eu... – tentou desculpar sua tentativa de fuga.

– Eu vos agradeço de coração o que estais disposto a fazer por mim – interrompeu-o Rafaela.

Hernando se sobressaltou. A doçura da voz da moça o surpreendeu; no entanto, o que é que havia dito? Miguel! Havia sido capaz?! Ia virar-se para o aleijado, mas a moça continuou a falar:

– Sei que não sou grande coisa; meus pais e irmãos não param de me dizer isso; mas sou sadia. – Sorriu para acompanhar esta afirmação, deixando à mostra seus dentes, brancos e perfeitamente alinhados. – Não tive nenhuma doença, e na minha família somos extremamente férteis – continuou. Hernando se sentiu agoniado. A sinceridade e vulnerabilidade daquela voz o estremeciam. – Sou uma boa e piedosa cristã e vos prometo ser a melhor esposa que possais encontrar em toda a Córdova. Eu vos compensarei com sobra o fato de meu pai não dar dote algum – acrescentou pondo fim a seu discurso.

O mourisco não encontrou palavras. Gesticulou e se mexeu inquieto. A candura da moça despertou sua ternura; seus tristes olhos

castanhos expressavam uma dor desapaixonada que até Estudante, estranhamente parado junto a ela, parecia apalpar. Só a respiração acelerada de Miguel, às suas costas, destoava no ambiente.

– Sou cristão-novo. – Foi a primeira coisa que lhe ocorreu dizer.

– Sei que vosso coração é limpo e generoso – afirmou ela. – Miguel me contou.

– Seu pai não permitirá... – balbuciou Hernando.

– Miguel pensa ter a solução.

Agora, sim, ele virou a cabeça para o aleijado. Miguel sorria!

Fazia-o com aqueles dentes quebrados em serra, tão diferentes dos de Rafaela. Olhou para um e para outro alternadamente. Os olhares ansiosos de ambos pareciam encurralá-lo. Que solução seria aquela?

– Será algo contrário às leis? – perguntou a Miguel.

– Não.

– Nem à Igreja.

– Também não.

Como iria permitir D. Martín Ulloa o casamento de sua filha com um mourisco, filho de uma condenada pela Inquisição?, perguntou-se então. Era totalmente inimaginável. Nem sequer precisava desculpar-se com Rafaela: seria seu próprio pai quem impediria o casamento, razão por que bem podia seguir o plano proposto por Miguel sem necessidade de ser ele quem frustrasse as expectativas de ambos.

– Estou cansado – desculpou-se. – Amanhã nos falaremos, Miguel. Boa-noite, Rafaela.

– Espere, senhor – pediu-lhe Miguel quando Hernando passava a seu lado.

– Que quer agora, Miguel? – inquiriu com voz cansada.

– Você tem de ver pessoalmente. Só roubarei mais um tempo de seu descanso. – Hernando suspirou, mas a atitude de Miguel o obrigou a ceder de novo. Anuiu com a cabeça.

– Venha – pediu-lhe o rapaz –, temos de nos postar no primeiro andar.

Assim que o disse, girou sobre seus cajados e se preparou para sair das cocheiras.

– E Rafaela? – protestou Hernando. – Ela não pode ir à nossa casa. É uma jovem solteira. – Miguel não lhe fez caso, como se quisesse que Rafaela esperasse ali sua volta. – Volte para casa, moça – instou-lhe então Hernando.

– Agora não pode fazê-lo – viu Miguel dizer, saltando já para a porta. – É perigoso.

– Que quer dizer?

– Ela nos esperará aqui, com os cavalos.

A voz se perdeu atrás do aleijado, que foi para o pátio sem esperar. Hernando se virou para Rafaela, que lhe respondeu com um sorriso e seguiu Miguel. Por que a moça não podia voltar para casa? Que perigo corria? Miguel, agarrado ao corrimão, já subia a escada para o andar superior. Hernando alcançou-o nos últimos degraus.

– Que é que está acontecendo, Miguel?

– Silêncio – pediu-lhe o aleijado. – Não devem nos ouvir. Você já vai ver.

Percorreram a galeria superior até onde a construção se erguia sobre um beco sem saída que dava para a saída das cavalgaduras. Miguel se moveu devagar, tentando não fazer barulho. Ao chegar ao final, Hernando o imitou e se encostou à parede, oculto, na esquina que permitia ver o beco.

– Não creio que demorem muito, senhor – sussurrou, um ao lado do outro, ombro a ombro, colados à parede. – É a hora costumeira. – Hernando não quis perguntar. – Eu o felicito, senhor – voltou a murmurar Miguel ao fim de um tempo de espera: – você vai ficar com a melhor mulher de toda a Córdova. Córdova? Da Espanha inteira!

Hernando balançou a cabeça.

– Miguel...

– Aí estão eles! – interrompeu-o o jovem. – Silêncio agora.

Hernando avançou a cabeça para ver na escuridão duas figuras parar diante da portinhola pela qual Rafaela costumava escapar. Então

compreendeu a razão pela qual a moça não podia deixar as cocheiras. Depois, um homem com uma lâmpada abriu do pátio do jurado a portinhola e a luz iluminou o rosto de duas mulheres, que se aproximaram de D. Martín Ulloa, cujo rosto não lhe custou reconhecer. As mulheres entregaram algo ao jurado e desapareceram protegidas pelas sombras do beco. D. Martín fechou a porta e as cintilações de sua lâmpada foram desvanecendo-se.

Hernando abriu as mãos para seu amigo.

– E então? Era isto o que eu tinha que ver? – perguntou.

– Deve fazer umas duas semanas – explicou-lhe Miguel no momento em que considerou que o jurado já devia estar dentro de casa –, enquanto você estava em Granada, por pouco não topamos com as mulheres e o pai de Rafaela. A partir de então, noite após noite, tive de verificar se já tinham ido embora para que Rafaela pudesse voltar para casa.

– Que significa isto, Miguel? – Hernando se afastou da parede e se ergueu diante do rapaz.

– Essas mulheres, como tantas outras que vêm aqui, são mendigas. Uma noite reconheci uma de elas: chamam-na Angustias. Tornei a ir para as ruas e me misturei com... com a minha gente. Não consegui nem uma moeda de ínfimo valor, nem sequer falsa. – Sorriu no escuro. – Devo ter perdido o hábito...

– Abrevie, Miguel – cortou-o Hernando. – Já é tarde.

– Certo. Estive fazendo perguntas aqui e ali. Essas duas que você viu esta noite se chamam María e Lorenza. Lorenza era a mais baixinha...

– Miguel!

– Alugam crianças para mendigar – soltou Miguel, com voz firme.

Fez-se um momento de silêncio, antes que Hernando reagisse.

– Do jurado? – perguntou, por fim, surpreso.

– Sim. É um bom negócio. O jurado pertence à confraria que cuida das crianças expostas e se encarrega de decidir a quem devem ser entregues. As crianças são entregues a mulheres cordovesas, às quais se pagam alguns ducados por ano para lhes darem de mamar, se os

pequenos ainda mamam, ou para os manterem, se já não mamam. Essas amas de leite, por sua vez, alugam as crianças para mulheres como as que você viu e que mendigam com as crianças. Muitas crianças morrem... – A voz de Miguel se rompeu na última frase.

– Que tem a ver o jurado com isso?

– Tudo – respondeu o jovem, a quem o interesse de Hernando deu novo ânimo. – Os estatutos da confraria estabelecem que um visitador verifique periodicamente se as crianças que foram entregues estão com as pessoas a quem se paga por isso; verificam se estão vivas e qual é seu estado de saúde. D. Martín e o visitador são cúmplices. Um as entrega às mulheres que lhe interessam e o outro faz vista grossa. Cada semana, as mendigas vêm pagar a parte que cabe ao jurado; fazem o mesmo com o visitador. Rafaela me contou que seu pai precisa de muito dinheiro para seu luxo, para equiparar-se aos vinte e quatro da municipalidade. Poderia dizer-lhe os nomes da última dúzia de crianças que foram entregues, os daquelas a quem foram entregues e os das mendigas que hoje as levam pelas ruas.

Hernando entrefechou os olhos.

– Você diz que muitas morrem? – perguntou, enquanto balançava a cabeça.

– Isso não é mais que um negócio, senhor. Infelizmente eu conheço isso muito bem. Há algumas crianças que conseguem arrancar lágrimas e compaixão das pessoas; outras não. Estas não servem. Tampouco se pode pedir esmola com crianças gordas e bem alimentadas; é a regra fundamental deste ofício. Todas estão pele e osso. Sim, senhor, morrem de fome, mordidas pelos ratos ou da menor febre, e nada disso é retratado nos livros da confraria.

Hernando levantou os olhos para o céu, negro e fechado.

– E você quer que eu coaja o jurado com esta história para que me dê a mão de Rafaela, não é mesmo? – perguntou depois.

– Certamente.

61

D. Martín Ulloa, fabricante de agulhas, jurado de Córdova por herança de seu pai, se negou a recebê-lo. Uma escrava mourisca, gorda e velha, supostamente vestida de criada com roupas que haviam visto tempos melhores, lhe transmitiu a mensagem de seu senhor: numa primeira ocasião com displicência, na segunda de forma impertinente, e na terceira até irada.

– Diga a seu senhor – respondeu Hernando a ela nesta última vez, elevando também a voz, consciente de que alguém escutava atrás da porta – que me envia Angustias e outras companheiras e amigas dela. Entendeu? Angustias! – repetiu, em tom alto e claro. – Diga-lhe também que amanhã o espero em minha casa para tratar de um negócio de interesse ele. Não lhe darei outra oportunidade, e depois dela vou falar com o corregedor ou com o bispo. Moro na casa ao lado, para o caso de não o saber – ironizou.

Sozinho na biblioteca, Hernando não conseguia parar de pensar em tudo aquilo: queria casar-se com Rafaela?

– Você está sozinho! Precisa de uma mulher a seu lado, que cuide de você, que o ame e lhe dê o calor de uma família – gritara-lhe Miguel na manhã seguinte ao encontro nas cocheiras, quando Hernando dissera que sentia muito, mas era preciso encontrar outra solução, já que ele não estava disposto a contrair matrimônio; o que se devia fazer, disse também, era denunciar a situação dos expostos à justiça. – Você não entende? – continuou o rapaz. – Você está há anos recluso entre seus livros e seus escritos. E filhos? Não gostaria de ter filhos que herdem suas propriedades? De formar uma nova família? Quantos anos tem? Quarenta? Quarenta e um? Está envelhecendo. Quer viver sozinho na velhice?

– Eu tenho você.

– Não. – Fez-se um embaraçoso silêncio entre os dois. – Eu pensei muito. Se não se casar com Rafaela, se não a livrar do convento, voltarei para as ruas.

– Não é justo que me ameace assim – respondeu Hernando, ao mesmo tempo que adotava uma postura extremamente séria.

– Sim, sim, é justo – insistiu Miguel, enquanto com os lábios apertados balançava a cabeça, consciente da gravidade de suas palavras. – Eu lhe disse que salvar essa moça era todo o meu objetivo. Por Deus, se eu pudesse, se tivesse a menor oportunidade, não recorreria a você. Você pode se negar a contrair matrimônio, e eu respeitarei. Mas eu não poderei continuar vivendo aqui se você não me der a ajuda que lhe peço.

– Mas você está me pedindo que eu me case!

– E daí? Aqueles que você chama seus irmãos de fé não querem saber nada de você. Pretende sair em busca de outra cristã para casar? Que há de mau em fazê-lo com Rafaela? Terá uma boa mulher que o servirá, o atenderá e lhe dará filhos. Você é rico. Possui uma casa, renda, terras e cavalos. Por que não casar?

– Sou muçulmano, Miguel! – respondeu Hernando.

– E daí? Córdova está cheia de casamentos entre mouriscos e cristãs. Eduque seus filhos nessas duas religiões que você pretende unir. Se não é assim, para que tanto trabalho? Em benefício daqueles que o rejeitam e o insultam? Para onde você vai? Qual o seu futuro? Case-se com Rafaela e seja feliz.

"Seja feliz." Aquelas duas simples palavras o perseguiram durante todo o dia seguinte antes que se decidisse a bater à porta do jurado. Alguma vez procurara a felicidade? Fátima e as crianças lhe haviam proporcionado a felicidade. Quão longe estavam aqueles tempos! Já fazia catorze anos que haviam assassinado a todos. E desde então? Estava sozinho. A tristeza que o havia assaltado durante sua última viagem a Granada, com Estudante mordiscando a relva da margem do Darro e ele olhando para a encosta onde ficava a quinta de Isabel,

voltou à sua memória. Miguel tinha razão. Para quem tanto trabalho e esforço? Seja feliz! Por que não? Rafaela parecia uma boa mulher. Miguel a adorava. E se Miguel se fosse? Se também o abandonasse seu único amigo...

Que podia perder casando-se? Imaginou a casa com crianças correndo, seus gritos e risos alegrando o trabalho que fazia na biblioteca. Imaginou-se contemplando suas brincadeiras no pátio, apoiado na balaustrada da galeria, tal como fazia com Francisco e Inés. Catorze anos! Surpreendeu-se por não se sentir culpado por aventar aquela possibilidade: Rafaela era tão diferente de Fátima... Ninguém falava de amor; poucos matrimônios se contraíam por amor. Tampouco de paixão; apenas da possibilidade de fugir daquela melancólica solidão que, devia reconhecer, tão amiúde o paralisava. Então imaginou esses outros filhos, e uma indefinível sensação de sossego se apoderou dele.

– Que é que você pretende, mouro nojento?

D. Martín Ulloa não esperou o dia seguinte. Nessa mesma noite compareceu à casa de Hernando, que o recebeu na galeria, sentado no pátio. O jurado cuspiu sua pergunta inclinado sobre ele, sem aceitar seu convite a que se sentasse. Hernando notou a espada que pendia de sua cinta. Miguel escutava atrás do portão das cavalariças.

– Sentai-vos – convidou-o mais uma vez.

– Na cadeira de um mouro? Não me sento com mouros.

– Nesse caso, afastai-vos alguns passos deste mouro que tanto vos incomoda. – O jurado concordou. Hernando continuou sentado. – Quero a mão de vossa filha Rafaela.

Era um homem corpulento, um pouco já idoso, mas de porte altivo. As cãs do pouco cabelo que lhe restava e sua basta barba grisalha contrastaram com a repentina sufocação que avermelhou seu rosto. D. Martín bramou algum insulto ininteligível, depois soltou duas gargalhadas profundas e voltou aos impropérios.

Miguel, assustado, foi olhar de trás do portão.

– A mão de minha filha! Como se atreve a citar seu nome? Seus imundos lábios mancham a honra dela...

– Vossa honra – interrompeu-o Hernando, ameaçador – é que não se refará nunca se a municipalidade ficar sabendo de vossos negócios com as crianças expostas. A vossa, a de vossa esposa e a de vossos filhos. A de vossos netos... – D. Martín pôs mão na arma. – Vós me achais um imbecil, jurado? Esses mouros que tanto odiais criaram a mais esplêndida das culturas nesta mesma cidade, e isso não foi por acaso. – Falou tranquilamente diante da espada meio desembainhada do jurado. – Neste momento há um escrito lacrado nas mãos de um escrivão público – mentiu – que relata detalhadamente tudo quanto fazeis com os expostos, incluindo os nomes das crianças e das pessoas que intervieram em tudo isso. Se me acontecer algo, esse escrito será imediatamente entregue às autoridades. – Hernando viu o homem hesitar, e parte do gume da espada brilhar fora da bainha. – Se me matardes, vosso futuro não valerá uma blanca. Vós vos lembrais de uma menina chamada Elvira? – continuou para demonstrar-lhe a certeza e gravidade de suas ameaças. O jurado negou uma só vez com a cabeça. – Vós entregastes essa menina recém-nascida a uma ama de leite chamada Juana Chueca. Dessa Juana, sim, vós vos lembrais, não é verdade? Elvira foi, por sua vez, entregue a Angustias para mendigar. A menina faleceu há cerca de meio ano, mas nada disso consta nos livros da confraria.

– Isso é problema do visitador – arguiu D. Martín.

– E pensais que o visitador aceitará levar sozinho toda a culpa? Também não dirão nada as mulheres e as mendigas acerca de vossa participação, do dinheiro que levam à vossa casa de noite? – Viu a indecisão refletida no rosto do jurado. – Tendes uma filha de que quereis livrar-vos entregando-a a um convento, sem dote algum. Vale a pena arriscar vossa honra e a de toda a vossa família por essa filha?

– Como você conhece minha filha? – inquiriu o jurado, olhando-o com desconfiança. – Quando a viu?

– Não a conheço, mas ouvi falar dela. Somos vizinhos, D. Martín. Pensai no acordo que vos ofereço: meu silêncio por essa filha que vos incomoda... e vossa palavra de honra de que deixareis vossos negócios com as crianças. Eu vos juro que estarei atento a isso! Sou cristão-novo, é verdade, mas colaboro com o arcebispado de Granada. Tomai. – Hernando lhe entregou a cédula expedida pelo arcebispado quando D. Martín embainhou a espada, mas o jurado não sabia ler, razão por que a devolveu após dar uma olhada no selo do cabido da catedral. – Tendes desculpa diante de vossos iguais. Sabeis que fui protegido do duque de Monterreal...

– E que o expulsaram do palácio – disse entre dentes D. Martín, com ironia.

– O duque nunca o teria feito – retrucou Hernando. – Ele me devia a vida. Pensai, D. Martín. Mas espero vossa resposta amanhã de noite no mais tardar. Se não for assim...

– Está me ameaçando? – D. Martín retrocedeu um passo; em seu rosto já aparecia a dúvida.

– Só agora percebeis? Estou fazendo-o desde que entrastes nesta casa – respondeu Hernando, com um sorriso cínico.

– E se minha filha não quiser? – murmurou o jurado entre dentes.

– Por vosso bem e pelo de vossos filhos, tentai que o faça. – Hernando pôs fim à conversa e com precaução, sem lhe dar as costas, acompanhou o jurado até a porta. O homem andava pensativo, e já no saguão, onde cambaleou, Hernando teve a convicção de que o havia vencido. Ao voltar ao pátio, encontrou Miguel parado junto à porta das cocheiras. Lágrimas lhe corriam pelas faces. Com as pernas pendendo e as mãos aferradas aos cajados, era incapaz de secá-las, de impedir que rolassem; tampouco tentou fazê-lo. Era a primeira vez, deu-se conta então, de que via o aleijado chorar.

O casamento se realizou no final de abril desse mesmo ano. Hernando soube por Miguel que Rafaela, numa demonstração de inteligência, se havia negado a aceitar a proposta de seu pai de contrair matrimônio

com um mourisco. “Prefiro entrar para o convento!”, gritou. Se o jurado D. Martín temia por sua honra e por sua posição social em razão dos negócios com as crianças expostas, a negativa de sua filha o exasperou ainda mais, e, aos gritos, impôs sua vontade.

Assim, o enlace se deu, sem festa e com o menor alvoroço possível, sem a presença dos ofendidos irmãos da noiva e sem dote algum. Quando terminou a cerimônia e eles voltavam da igreja, Hernando foi tomando consciência do passo que acabara de dar. Rafaela entrou na sua nova casa cabisbaixa, quase sem se atrever a dizer palavra. Um silêncio tenso se apoderou de ambos. Hernando a observou: aquela moça tremia... Que iria fazer com uma moça assustada, quase vinte e cinco anos mais nova que ele? Com surpresa se deu conta de que ele também sentia certo temor. Fazia quanto tempo que seus encontros amorosos se haviam reduzido às jovens da mancebia? Com um suspiro, a acompanhou a um quarto separado do seu. Rafaela entrou, ruborizada, e murmurou algo em voz tão baixa que ele não conseguiu entender. Hernando reparou nas mãos de sua esposa: estava com a pele arranhada por causa da força com que se havia esfregado.

Depois se refugiou na biblioteca.

No dia seguinte ao do casamento, Miguel foi falar com ele. Com o rosto enrubescido, balbuciando, lhe anunciou sua intenção de deixar a casa de Córdova e instalar-se na propriedade, para, segundo ele, vigiar Toribio, as doze éguas de cria com que contavam então e os potros que nasciam. No entanto, ambos sabiam as verdadeiras razões pelas quais o aleijado havia decidido ir-se: ele assim se afastava, deixava o campo livre para Hernando e Rafaela. Seu senhor havia feito o que ele queria e se havia casado, e Miguel não desejava que sua presença na casa pudesse ser uma barreira para o casal.

Não houve maneira de convencê-lo, razão por que tanto Hernando como sua esposa o viram partir. Quando entraram de novo em casa, Hernando se sentiu estranhamente sozinho. Almoçou com Rafaela num silêncio só interrompido por frases de cortesia e voltou para a biblioteca. Dali ouviu Rafaela limpar os quartos e ir e vir pela casa; às

vezes até lhe pareceu ouvi-la cantarolar alguma canção, algo que de repente ela mesma interrompia, como se se arrependesse de fazer barulho.

Assim se passaram as semanas. Hernando se acostumou à presença de Rafaela, e ela ia sentindo-se cada dia mais a gosto em seu novo lar. Ia ao mercado com María, cozinhava para ele, e nunca o incomodava quando ele estava encerrado, nem perguntava que fazia então. O verão dera alguma cor às pálidas faces de Rafaela, e aquelas tímidas e abafadas cantarolas acabaram por transformar-se em canções que se ouviam por toda a casa.

– Por que este potro está com um freio diferente do freio do outro? – surpreendeu-o sua esposa um dia nas cocheiras, antes de Hernando sair para cavalgar.

Ela nunca havia entrado nas cocheiras quando Hernando se preparava para montar. Rafaela apontou para o conjunto de ferros que pendiam das paredes.

Se em geral Hernando se mostrava parco de palavras, nesta ocasião, sem se aperceber e sem deixar de embridar o potro, começou a ministrar uma lição à esposa.

– Depende da boca que tiverem – respondeu. – Há os que a têm preta; outros a têm branca; outros, vermelha. Os melhores são os de boca preta: é o mais natural, como acontece com este. – Hernando fez um esforço para cinchar o animal. – Nos da boca preta é preciso pôr um freio comum, suave, curto... – Parou por alguns instantes, de costas para Rafaela, mas voltou a falar: – Esses freios devem ter a parte que entra na boca grossa e atravessada... – Então se virou para a esposa. – E a parte da barbada grossa e redonda – terminou de explicar já olhando para ela diretamente.

Rafaela mostrou o mais doce de seus sorrisos.

– E por que interessa a você tudo isto? – perguntou ele.

Permaneceram alguns momentos um diante do outro. Foi Hernando quem, por fim, se adiantou. Segurou-a pelos ombros e beijou-a nos

lábios, delicadamente. Um estremecimento percorreu o corpo da moça.

Nessa mesma noite, Hernando a observou enquanto jantavam. A jovem estava animada e lhe contou uma divertida história sobre algo que havia visto a caminho do mercado. Seus finos lábios sorriam, mostrando os dentes brancos; sua voz era doce, ingênua. Hernando se surpreendeu rindo com ela pela primeira vez.

Depois de jantar, ambos foram para o pátio. A noite estava estrelada, e as rosas vertiam no ar seu perfume fragrante. Ambos contemplaram o brilho do céu noturno. Foi então que ela lhe perguntou em voz muito baixa:

– Você não quer ter filhos comigo? – Hernando, surpreso, a olhou de alto a baixo.

– E você quer? – perguntou-lhe por sua vez.

Rafaela parecia haver esgotado sua coragem com a primeira pergunta.

– Quero – sussurrou cabisbaixa.

Em silêncio subiram para o quarto: a imensa timidez da jovem parecia contagiosa, e Hernando agiu com prudência, procurando não feri-la. Esqueceu o prazer que buscava com Fátima e Isabel, e fizeram sexo à cristã, com a moça deitada na cama, sem mostrar o corpo, vestida com uma camisola, evitando o pecado.

Um ano e meio depois, sua união foi agraciada com o primeiro de seus filhos: um homem, a que deram o nome de Juan.

62

No ano de 1600, D. Pedro de Granada Venegas pediu a presença de Hernando em sua cidade. Aproximava-se o momento de enviar o evangelho de Barnabé ao turco, porque os chumbos que recolhiam os escritos de Hernando e que D. Pedro, Luna e Castillo tinham escondido desde o aparecimento do primeiro deles para que os cristãos os encontrassem nas cavernas do monte Valparaíso, agora rebatizado pelo povo como Sacromonte, haviam alcançado seu primeiro objetivo.

Nesse ano, o arcebispo D. Pedro de Castro, não fazendo caso das vozes que clamavam afirmando sua falsidade, e dos conselhos de Roma para que se tivesse prudência diante dos achados, qualificou os ossos e as cinzas encontrados junto aos chumbos como relíquias autênticas. Por fim Granada dispunha das relíquias de seu patrono, São Cecílio, e de outros tantos mártires que acompanharam o apóstolo São Tiago! Por fim Granada se libertava da pecha de cidade moura e se equiparava a qualquer das mais importantes sedes da cristandade na Espanha! Granada era tão cristã quanto ou talvez até mais que Santiago, Toledo, Tarragona ou Sevilha. Ali mesmo, no monte sagrado, muitos homens santos haviam sofrido martírio.

Mas, se o arcebispo de Castro tinha autoridade e legitimidade para declarar autênticas as relíquias, não dispunha de igual capacidade para fazer o mesmo com os chumbos e afirmar a verdade da doutrina que lâminas e medalhões continham; isso era da alçada exclusiva de Roma, que exigiu que lhe fossem enviados; mas o prelado se recusava, retendo-os com a desculpa da complexidade de sua tradução, encomendada precisamente a Luna e Castillo.

Tal era a situação que Hernando encontrou em Granada: as relíquias haviam sido declaradas autênticas, enquanto os chumbos que

diziam que aquelas eram precisamente as relíquias de tal ou qual santo homem apostólico estavam ainda em estudo. Mas esses problemas formais de alçadas não pareciam afetar o fervoroso povo granadino, nem o novo rei Felipe III, coroado dois anos antes após a lenta, agônica e dolorosa morte de seu pai, que se mostrava entusiasmado diante dessa nova e cristianíssima Granada.

Hernando foi ao Sacromonte acompanhado de D. Pedro de Granada; tanto Castillo como Luna se escusaram e não foram. Os dois homens, a cavalo, seguidos por dois lacaios, margearam o curso do Darro, entraram pela porta de Guadix e iniciaram a subida ao monte sagrado por um caminho que partia de uma das saídas nas velhas muralhas que rodeavam o Albaicín. Hernando não conhecia esse caminho. Fazia três anos que não visitava Granada, desde que lhes havia levado por fim a esperada transcrição do evangelho de Barnabé, que Luna e Castillo haviam podido estudar à vontade. Por outro lado, o achado dos chumbos havia deslocado o interesse do cabido da catedral pelos mártires das Alpujarras, razão por que lhe havia deixado de encomendar informes.

– Desde que apareceu a primeira lâmina – comentou D. Pedro enquanto subiam –, aconteceram milagres e aparições. Grande parte dos granadinos, entre os quais todas as freiras de um convento, testemunharam diante do arcebispo ter visto e presenciado luzes estranhas sobre o monte e até procissões etéreas iluminadas por fogos sagrados dirigindo-se para as cavernas. Pode imaginar? Um convento inteiro de freiras! – Hernando balançou a cabeça, gesto percebido por D. Pedro. – Não acredita? – perguntou-lhe. – Pois escute: uma menina paralítica rezou nas cavernas e ficou curada. A filha de um oficial do Tribunal, prostrada na cama fazia quatro anos, foi levada numa liteira até as cavernas e saiu andando com suas próprias pernas; dezenas de pessoas o testemunharam para o ato de qualificação das relíquias. Até o bispo do Iucatã viajou das Índias para rogar aos mártires a cura de um *herpes militaris* de que sofria! Oficiou missa e depois amassou um pouco da terra das cavernas com água benta, aplicou a pasta ao herpes

e ficou imediatamente curado. Um bispo! E também o atestou. Há muitas outras curas e milagres do Sacromonte contados pelas pessoas.

– D. Pedro... – começou a dizer Hernando com ironia.

– Observe – interrompeu-o o nobre. Já se aproximavam do lugar do cerro onde ficavam as cavernas. Hernando seguiu a mão de D. Pedro, que se movia no ar tentando abarcar tudo quanto se via diante deles. – Este é o resultado do seu trabalho.

Um bosque de mais de mil cruzes se elevava em torno da pequena entrada da mina em que ficavam as cavernas, lugar em que se amontoavam os peregrinos ao redor de minúsculas capelas e das moradas dos capelães. Os dois pararam seus cavalos; o avermelhado que Hernando montava se mexia, inquieto. O mourisco passeou o olhar pelo lugar, detendo-o nas cruzes e nos fiéis ajoelhados sob elas. Algumas eram simples cruzes de madeira; mas outras eram de pedra finamente cinzelada, altas e imensas, erguidas sobre grandes pedestais. "O resultado de meu trabalho", sussurrou. Quando estivera em Granada para entregar os primeiros chumbos, chegara a duvidar de seus esforços, mas a credulidade do povo era muito superior a qualquer erro que ele pudesse haver cometido em seus escritos.

– É impressionante – admirou-se, virando o rosto para conseguir ver a extremidade da cruz que se alçava a seu lado, muito acima dele.

– A maioria das igrejas da cidade erigiu cruzes – explicou D. Pedro acompanhando Hernando em seu olhar. – O mesmo fizeram os conventos, a municipalidade, as juntas, os colégios e as confrarias: cerieiros, ferreiros, tecelões, carpinteiros, o Tribunal e os notários; enfim, todos. Sobem em procissão com suas cruzes, escoltados por guardas de honra ao som de pifes e de timbales, entoando o *Te Deum*. Há constantes romarias ao Sacromonte.

Hernando balançou a cabeça.

– Não consigo acreditar.

– No entanto – prosseguiu D. Pedro –, sei que Castillo está tendo verdadeiros problemas com a tradução dos chumbos.

Hernando estranhou. Que problemas podia ter o tradutor?

– O arcebispo controla pessoalmente seu trabalho – explicou D. Pedro – e, no momento em que alguma frase ambígua parece inclinar-se para a doutrina muçulmana, a corrige a seu bel-prazer. Esse homem está empenhado em fazer de Granada uma cidade mais santa que a própria Roma. Mas no final, no dia em que o turco der a conhecer o evangelho, resplandecerá a verdade: todos eles – fez um gesto para as pessoas – se verão obrigados a reconhecer seus erros.

"O sultão?", perguntou-se Hernando.

– Não creio que devamos enviar esse evangelho ao turco – aduziu imediatamente. D. Pedro o olhou surpreso. – Não creio – insistiu. – Os turcos não fizeram nada por nós...

– Quanto ao evangelho – interrompeu-o D. Pedro –, não se trataria somente de nós, mas de toda a comunidade muçulmana.

O mourisco continuou falando, como se não tivesse ouvido as palavras do nobre:

– Há anos, os turcos não fretam nenhuma armada para atacar os cristãos no Mediterrâneo; só se ocupam de seus problemas no Oriente. Até se fala de que essa tranquilidade permitirá ao novo rei da Espanha atacar Argel, e diz-se que ele até já está se preparando para isso.

– Foi você quem falou de enviá-lo ao turco!

– É verdade – reconheceu Hernando. – Mas agora creio que devemos ser mais precavidos. Os chumbos ainda não foram traduzidos, não é o que você acaba de me dizer? – D. Pedro anuiu. – Nas referências ao Livro Mudo só se dizia que a revelação chegará através de um rei dos árabes; então pensei no turco, sim, mas ele cada vez se afasta mais de nós. E há outros reis dos árabes, tão importantes ou mais que o sultão otomano: na Pérsia rainha Abbas I e na Índia Akbar, chamado o Grande. Ali, nessas terras, há jesuítas, e eu soube que Akbar, apesar de ser um muçulmano convencido, é um rei conciliador com as religiões daqueles reinos. Talvez seja ele, por seu caráter, quem deva dar a conhecer a doutrina do evangelho de Barnabé.

D. Pedro sopesou as palavras que acabara de ouvir.

– Podemos esperar que se traduzam definitivamente os chumbos – concedeu. – Então decidiremos a quem mandá-lo.

Hernando ia assentir quando um dos lacaios indicou a seu senhor que já podiam subir às cavernas. As pessoas se abriram num corredor diante da chegada do senhor de Campotéjar e administrador do Generalife. Um sacerdote os acompanhou durante a visita pela intrincada mina, iluminando com uma tocha os longos, estreitos e baixos corredores que desembocavam nas diversas cavernas, de diferentes tamanhos. Rezaram com fingido fervor diante dos altares erigidos onde haviam aparecido os restos de algum mártir, depositados agora em urnas de pedra. O sacerdote, um jovem imbuído de exagerado misticismo, foi explicando ao acompanhante do respeitado nobre granadino o conteúdo das lâminas, enquanto D. Pedro observava de rabo de olho as reações de um Hernando que as sabia de cor. Ele as havia criado!

– Os livros e tratados achados, muito mais complexos que as lâminas que anunciavam o martírio dos santos, estão sendo traduzidos – pareceu querer desculpar-se o jovem sacerdote ao chegar a uma pequena gruta redonda. – Aliás – acrescentou ante um homem que naquele momento se punha de pé após rezar diante do altar –, eu vos apresento um conterrâneo vosso que também está de passagem, o médico cordovês D. Martín Fernández de Molina.

– Hernando Ruiz – apresentou-se ele, aceitando a mão que lhe ofereceu o médico.

Após cumprimentar respeitosamente o nobre, D. Martín se juntou à comitiva; terminaram juntos a peregrinação pelas cavernas e regressaram a Granada. Hernando cavalgava à frente dos outros dois, a passo tranquilo, absorto em seus pensamentos, encantado por tudo o que havia nascido dos sete anos de duro trabalho dedicados ao objetivo de os cristãos mudarem sua opinião sobre a comunidade mourisca. Conseguiriam seu propósito? Por ora a cristandade parecia ter-se apoderado do lugar...

Depois, ao margear o curso do Darro, desviou sua atenção para onde se erguia a quinta de Isabel. D. Pedro havia evitado qualquer comentário sobre aquela mulher. Que teria sido dela? Surpreendeu-se ao verificar que suas lembranças eram difusas. Em seu íntimo lhe desejou sorte e seguiu seu caminho, como ela mesma lhe indicara um dia. Só quando viu D. Martín apear na casa dos Tiros, compreendeu que havia perdido alguma conversa entre o médico e D. Pedro.

– Vai almoçar conosco – explicou-lhe o nobre enquanto os lacaios se encarregavam dos cavalos. – Ele tem muito interesse em conhecer Miguel de Luna e Alonso del Castillo. Eu lhe disse que, além de tradutores, também são médicos. D. Martín afirma que existe uma epidemia de peste em Granada.

Enquanto comiam na casa dos Tiros, D. Martín reconheceu que estava na cidade na qualidade de representante da municipalidade cordovesa para investigar alguns rumores de peste. Todas as grandes cidades espanholas se negavam a reconhecer oficialmente a epidemia enquanto os mortos não se amontoassem nas ruas. Declarar a doença acarretava o imediato isolamento da cidade apestada e a paralisação de todo o comércio com ela. Por isso, no momento em que surgia a menor suspeita em algum lugar, as municipalidades das outras cidades enviavam médicos de sua confiança para que verificassem por si mesmos a veracidade dos rumores.

– O presidente do Tribunal – explicou D. Martín durante o almoço – me autorizou a investigar e me disse que é pouca coisa, que as pessoas estão sadias.

Tanto Luna como Castillo soltaram uma exclamação.

– A municipalidade organiza festas e bailes noturnos para distrair os cidadãos – reconheceu o último –, mas já faz algum tempo que se começaram a tomar medidas contra a peste.

– Eu sei, mas não são medidas preventivas, e sim paliativas – afirmou o doutor Martín Fernández. – Vi as cadeiras com toldo em que retiram os apestados da cidade, e grupos de soldados que

controlam os bairros. Eu visitei o hospital de apestados, e nenhum dos médicos que trabalham nele falam de outra coisa que não seja a peste.

– Não levarão muito tempo – interveio Miguel de Luna – para ser obrigados a reconhecer oficialmente a epidemia.

Hernando escutava com um interesse não isento de estupor.

– Não seria melhor agir imediatamente? – perguntou. – O que se ganha negando a realidade? É o povo que sai prejudicado, e a peste não distingue senhores de vassalos. Que querem dizer com medidas paliativas? Existe alguma forma de prevenir a doença?

– São paliativas – lhe respondeu o médico cordovês – porque só são adotadas diante dos apestados. Acredita-se, tradicionalmente, que a peste só se transmite através do ar, ainda que agora estejam ganhando espaço algumas teorias que afirmam que ela também se propaga por meio das roupas e do contato pessoal. O mais importante é purificar o ar e queimar ervas aromáticas em todos os cantos da cidade, mas também é preciso ter limpeza e favorecer a reclusão das pessoas em suas casas em lugar de promover festas e aglomerações; ordenar o taipamento das casas onde houve algum caso e o isolamento de qualquer pessoa que apresente algum sintoma, e também de seus familiares. Enquanto não se adotarem essas medidas, vai se deixar caminho livre para o contágio e a verdadeira epidemia.

– Mas... – tentou intervir Hernando.

– E o mais importante – interrompeu-o D. Martín ao mesmo tempo que Luna e Castillo anuíam, certos do que diria em seguida –, fechar a cidade para que a epidemia não se estenda a outros lugares.

Granada caiu pouco a pouco, e a peste chegou a Córdova no ano seguinte, na primavera de 1601. Apesar do contundente informe que o doutor Martín Fernández havia apresentado sobre a negligente atuação das autoridades granadinas, a municipalidade da cidade dos califas agiu exatamente igual a como agiu a da Alhambra, e, ao mesmo tempo que proibia as vendas em almoeda e o comércio com vendedores de roupas usadas ou levava para fora da cidade camas de doentes para queimá-

las, os oito médicos municipais subscreviam uma declaração pela qual certificavam que Córdova estava livre da peste e de qualquer outra doença contagiosa importante.

Hernando tinha dois lindos filhos, Juan, de quatro anos, e Rosa, de dois, que ele adorava e que tinham vindo para mudar sua vida. "Seja feliz", recordava-se noite após noite, ao observá-los enquanto dormiam. Aterrorizava-o a ideia de perder de novo sua família e, assim que regressou de Granada, proveu-se do suficiente para poderem aguentar encerrados em casa os meses que fossem necessários. Assim que teve notícias de que a peste assolava a vizinha Écija, mandou chamar Miguel, que vivia na propriedade com os cavalos e que num primeiro momento recusou o convite alegando ter muito trabalho, tendo finalmente, porém, de ceder quando Hernando foi buscá-lo e o obrigou a voltar com ele para a casa de Córdova, apesar de seus protestos.

– Há muito que fazer aqui, senhor – insistiu o aleijado, apontando para éguas e potros.

Hernando balançou a cabeça. Miguel havia feito um bom trabalho: fazia anos que Voador havia morrido, e o aleijado se havia mexido com a esperteza que o caracterizava para encontrar bons sementais com os quais misturar o sangue. Por ordem real, a criação de cavalos era fiscalizada pelos corregedores dos lugares em que ficavam as eguadas. Nenhum cavalo andaluz podia atravessar o rio Tejo e ser vendido em terras de Castela, e as cobrições das éguas deviam ser feitas por bons sementais devidamente registrados ante os corregedores. Miguel conseguiu que os produtos das cocheiras de Hernando fossem altamente cotados no mercado.

Hernando sabia o que seu amigo sentia, e decidiu mostrar-se mais recatado com Rafaela enquanto Miguel vivesse com eles. Durante esse tempo, a convivência entre os esposos se dera de forma tranquila; tinham-se conhecido pouco a pouco. Hernando havia encontrado nela uma companheira doce e discreta; Rafaela, um homem solícito e amável, que nunca a coagia, muito mais culto que seu pai e seus

irmãos. E o nascimento dos filhos já lhe dera a felicidade mais completa, e Rafaela, a quem a maternidade havia dotado de formas mais arredondadas, acabara por ser o que Miguel havia previsto: boa esposa e mãe excelente.

Assim, permaneceram todos encerrados na casa cordovesa, com um fogo de ervas aromáticas permanentemente aceso no pátio. Só saíam para ir à missa aos domingos. Era então que Hernando, imprecando baixo contra o fato de a Igreja insistir em reunir as pessoas em missas ou em rezas públicas, verificava sobressaltado os efeitos da doença na cidade: lojas fechadas, nenhuma atividade econômica; fogueiras de ervas junto aos retábulos e aos altares de rua, diante das igrejas e conventos; casas marcadas e fechadas; ruas inteiras, aquelas nas quais se tinham dado numerosos contágios, com a entrada entaipada; famílias expulsas da cidade ao mesmo tempo que seu parente, doente, era levado para o hospital de São Lázaro e as roupas de todos eram queimadas, e mulheres ainda sadias, antes honestas e a quem a honra impedia de mendigar nas ruas, oferecendo publicamente seu corpo para ganhar algum dinheiro com que alimentar o marido e os filhos.

– É absurdo! – sussurrou Hernando para Miguel num domingo em que cruzaram com uma delas. – Podem tornar-se prostitutas, mas não mendigas. Como pode o marido delas aceitar esse dinheiro?

– A honra – lhe respondeu o aleijado. – Nestes tempos as confrarias que atendem os pobres envergonhadores não funcionam.

– Na verdadeira religião – apontou Hernando baixando ainda mais o tom de voz –, receber esmola não significa nenhuma humilhação. A comunidade muçulmana é solidária. Fazei a prece e dai a esmola, diz o Corão.

Mas não só a Igreja desafiava a doença com as reuniões de seus fiéis. A própria municipalidade, diante da tristeza do povo e deixando de ouvir qualquer conselho, organizou alguns jogos de touros na praça da Corredera no momento mais duro da epidemia. Nem Hernando nem Miguel puderam ver como dois filhos de Voador, que eles tinham vendido, se esquivavam e desafiavam os touros, arrancando aclamações

por parte de um público que, embora momentaneamente esquecesse seus sofrimentos, parecia incapaz de compreender que a aglomeração e o contato de uns com outros só servia para agravá-los.

Por seu lado, durante aqueles meses de reclusão, Miguel se voltou para as duas crianças. Evitava até a possibilidade de olhar para Rafaela, que por seu lado agia com prudência e recato. Ali, naquelas longas noites de tédio, o aleijado se refugiava em suas histórias fazendo sorrir o pequeno Juan com seus trejeitos.

– Por que não me ensina a contar? – pediu Miguel um dia a Hernando, que vivia quase enclausurado na biblioteca.

Os anos dedicados à escrita dos chumbos haviam despertado nele uma sede insaciável de aprender, que tentava saciar com leituras sobre temas diversos, sempre com um objetivo: encontrar algo que pudesse servir para alcançar a convivência pacífica das duas culturas. Seus amigos de Granada lhe forneceram, com muito gosto, quantos livros tinham a seu alcance e pudessem ser do interesse dele.

Hernando entendeu as razões que se escondiam atrás daquele pedido e se prestou a isso, razão por que o aleijado, entre números, somas e diminuições, também se recolheu durante o dia na biblioteca. Assim foram superando a incomodidade que implicava o encerramento, enquanto a epidemia dizimava a população de Córdova.

O jurado D. Martín Ulloa foi uma de suas vítimas. Os jurados de cada paróquia tinham a obrigação de controlar as casas, verificar se nelas habitavam apestados e, no caso dele, mandá-los para o hospital de São Lourenço e expulsar suas famílias da cidade. D. Martín apareceu diversas vezes na de Hernando e Rafaela, exigindo do médico que o acompanhava exames desnecessários e muito mais exaustivos que aqueles a que submetia os demais paroquianos; já não temia o mourisco, nem a questão dos expostos: quem iria preocupar-se então com isso? D. Martín não escondia seu anseio de encontrar o menor sintoma da doença até em sua própria filha.

Hernando se surpreendeu no dia em que, em vez de aparecer o jurado, o fez sua esposa, D. Catalina, acompanhada do irmão mais

novo de Rafaela.

– Deixe-nos entrar! – exigiu a mulher.

Hernando a olhou de alto a baixo. D. Catalina tremia e torcia as mãos, com o rosto contraído.

– Não. Tenho obrigação de deixar entrar vosso esposo, não a vós.

– Eu ordeno...!

– Avisarei a vossa filha – disse Hernando, certo de que só algo grave podia fazer que aquela mulher se humilhasse batendo à porta de sua casa.

Do saguão, Hernando e Miguel escutaram a conversa entre Rafaela e sua mãe.

– Vão nos expulsar de Córdova – soluçava D. Catalina, após comunicar à filha a notícia de que seu pai havia contraído a doença letal. – Que faremos? Para onde iremos? A peste assola os arredores. Permita que nos abriguemos em sua casa. A nossa ficará fechada. Assim ninguém ficará sabendo. Seu irmão mais velho, Gil, será o novo jurado da paróquia, como lhe cabe. Ele guardará segredo de nossa estada aqui.

Hernando e Miguel levantaram o rosto e se olharam surpresos quando a voz de Rafaela rompeu o silêncio.

– Você não veio nos ver em todo esse tempo. Nem sequer quis conhecer seus netos, mãe.

A mulher não respondeu. Rafaela continuou falando, com voz firme e clara.

– E agora quer viver conosco. Eu me pergunto por que não vai à casa de Gil. Estou certa de que você se sentiria muito mais à vontade ali...

– Por todos os santos! – insistiu a mulher, com voz brusca e colérica. – Por que isso agora? Sou eu quem o está pedindo. Sou sua mãe! Tenha misericórdia.

– Ou quem sabe você já o fez? – prosseguiu Rafaela, sem fazer caso das queixas. D. Catalina se calou. – Naturalmente, mãe. Pelo que sei,

você só viria a esta casa se não tivesse outra saída. Diga-me, por acaso meu irmão receia o contágio?

D. Catalina balbuciou uma resposta. A voz de Rafaela se elevou então, clara e firme.

– Você acha mesmo que vou pôr em perigo a minha família?

– Sua família? – A mulher soltou um bufo de desprezo. – Um mouro...

Rafaela levantou a voz para sua mãe, talvez pela primeira vez em toda a sua vida.

– Fora desta casa!

Hernando suspirou, satisfeito. Miguel deixou escapar um sorriso.

Depois viram passar Rafaela, caminhando em silêncio, a cabeça erguida, em direção ao pátio, enquanto as súplicas e soluços de sua mãe se ouviam da rua.

O mourisco e sua família passaram incólumes pela peste. Como muitos outros cordoveses, D. Catalina, abatida e cheia de ira contra Hernando e Rafaela, regressou assim que a cidade se declarou livre da epidemia e se abriram suas treze portas.

Ao mesmo tempo que uma multidão as atravessava para retornar para suas casas, Miguel se apressou a voltar à propriedade após uma rápida e balbuciante despedida.

Mais de seis mil pessoas haviam falecido durante a epidemia.

63

Caminho de Toga, reino de Valência, 1604

Para aquela viagem ao pequeno povoado de Toga, ao norte de Segorbe, encravado num vale atrás da Serra del Espadán, passando primeiro por Jarafuel, Hernando escolheu um magnífico potro avermelhado de quatro anos que, fazendo honra à sua cor de fogo, trotava mais que andava e tinha de ser freado constantemente. Estava com o largo e soberbo pescoço de cavalo espanhol sempre erguido; bufava até para as borboletas e se assustava com o revolutear dos insetos, com as orelhas tesas e atentas a todo momento.

Nove anos depois de sua última visita, Hernando encontrou Munir, o alfaqui, prematuramente envelhecido; a vida era muito dura naquelas terras da serra valenciana, e ainda mais para quem pretendia manter vivo o espírito de crenças cada vez mais perseguidas. Os dois homens se abraçaram e depois observaram um ao outro, abertamente. Durante o exíguo jantar que lhes serviu a esposa do alfaqui de Jarafuel, sentados no chão sobre simples esteiras, falaram da reunião que iria acontecer no pequeno e escondido povoado de Toga, ainda a várias jornadas dali e de maioria mourisca, como quase todos os da região. Iria se discutir ali a tentativa de rebelião mais séria desde a revolta das Alpujarras, na qual, de acordo com o que se dizia, estava envolvido o rei Henrique IV da França e o havia estado, também, a rainha Elizabeth da Inglaterra até sua morte recente.

A rebelião estava sendo forjada fazia três anos, e D. Pedro de Granada Venegas, Castillo e Luna pediram a Hernando que fosse com Munir à reunião em que iriam culminar todas aquelas negociações. Os três julgavam que estava próximo o sucesso dos chumbos; o processo

de autenticação não podia demorar muito mais, e uma nova revolta poria a perder todos os seus esforços.

O alfaqui de Jarafuel entendeu os argumentos que Hernando lhe expôs nesse sentido.

– Em todo o caso – disse, no entanto –, já vai fazer dez anos que os chumbos apareceram e você há de reconhecer que nada se conseguiu. E sem o reconhecimento de Roma eles não valem nada. Essa é a realidade. Ao contrário, a situação de nossos irmãos piorou de forma significativa nestes reinos. Frei Bleda continua exigindo, insistentemente, a nossa mais completa destruição pelo meio que for. É tal o rigor desse dominicano, que até o inquisidor-geral – o inquisidor-geral! – o proibiu de opinar acerca dos nossos; mas o frade continua indo a Roma, e ali o papa o escuta. No entanto, o mais importante é a mudança de opinião do arcebispo de Valência, Juan de Ribera.

Munir fez uma pausa; seu semblante, com mais rugas do que deveria ter em sua idade, expressava uma franca preocupação.

– Até pouco tempo atrás – prosseguiu o alfaqui –, Ribera era um fervoroso defensor da evangelização de nosso povo, tanto que chegou a pagar com seu próprio dinheiro os salários dos párocos que deviam levar a efeito essa tarefa. Isso nos beneficiava: os sacerdotes que vêm para aqui não são mais que um bando de ladrões incultos que não se preocupam nem minimamente conosco; se formos comer a torta todos os domingos, dão-se por satisfeitos. A única igreja que há para todo o vale de Cofrentes é esta, a de Jarafuel, e nem sequer é uma igreja, é a antiga mesquita! Depois de anos de tentativas sem resultado e de gastar muito dinheiro, Ribera mudou de opinião e já mandou um memorial ao rei no qual propõe que todos os mouriscos sejam escravizados, mandados para as galés ou condenados a trabalho nas minas das Índias. Ele afirma que Deus agradeceria essa decisão, razão por que o rei poderia tomá-la sem escrúpulo algum de consciência. Essas foram as suas palavras, literamente.

Hernando balançou a cabeça. Munir anuiu gravemente.

– O frade não me preocupa, há muitos como ele; mas Ribera, sim. Não só é o arcebispo de Valência, mas também é patriarca de Antioquia e, o que é mais importante, capitão-general do reino de Valência. É um homem muito influente no ambiente do rei e do duque de Lerma.

O alfaqui fez outra longa pausa, como se necessitasse meditar antes de continuar falando.

– Hernando, você sabe que aplaudi a tentativa de vocês com os chumbos, mas também entendo o povo. Ele teme que chegue o dia em que o rei e seu Conselho adotem alguma dessas drásticas medidas de que tanto se fala, e diante disso só nos resta uma possibilidade: a guerra.

– Desde as Alpujarras eu soube de muitas tentativas de sublevação, algumas disparatadas, todas fracassadas. – Hernando não estava disposto a dar o braço a torcer. Mais guerra? Mais mortes? Já não tinha havido bastantes? – Em que se diferencia esta?

– Em tudo – respondeu contundentemente o alfaqui. – Prometemos... – Ao ver que Hernando arqueava as sobrancelhas, Munir esclareceu: – Sim, eu me incluo; eu apoio, já lhe disse. É uma guerra santa – afirmou com solenidade. – Prometemos que, se os franceses invadirem este reino, nós os ajudaríamos com um exército de oitenta mil muçulmanos e lhes entregaríamos três cidades, entre as quais Valência.

– E... os franceses acreditam?

– Acreditarão. Vão entregar-lhes cento e vinte mil ducados em garantia de nossa palavra.

– Cento e vinte mil ducados! – exclamou Hernando.

– Assim é.

– É uma barbaridade. Como...? Quem forneceu essa quantia?

Hernando rememorou as graves dificuldades padecidas pela comunidade mourisca para fazer frente aos impostos especiais a que a submetiam os reis cristãos, os mesmos que depois pretendiam exterminá-los. Após a derrota da Grande Armada, ela foi obrigada a

pagar, “graciosamente”, rezavam os documentos, duzentos mil ducados; outro tanto foi exigido dela após o saque de Cádiz por parte dos ingleses, além das múltiplas contribuições especiais com que os cristãos oprimiam os mouriscos. Como podia arcar agora com tão importante desembolso?

– Pagam eles – riu o alfaqui imaginando as dúvidas de seu companheiro.

– Eles? – perguntou Hernando, sem entender. – A quem se refere?

– Aos cristãos. Quem o faz é o próprio rei Felipe. – Hernando lhe fez um imperioso gesto para que se explicasse. – Apesar de todas as riquezas que chegam das Índias e dos impostos que se cobram dos contribuintes, as finanças do reino estão em bancarrota. Felipe II suspendeu seus pagamentos em várias ocasiões, e seu filho, o terceiro, não demorará a fazê-lo.

– Que tem isso a ver? Se o rei não tem dinheiro, como vai pagar esses cento e vinte mil ducados? Isso supondo que... É absurdo!

– Tenha paciência – pediu-lhe o alfaqui. – Essa situação financeira levou o rei Felipe II a mudar a lei da moeda *de vellón*. – Hernando anuiu. Como todas as pessoas da Espanha, também ele havia sofrido a decisão do monarca. – De um *vellón* rico, com quatro ou seis grãos de prata por moeda, passou a fazer-se outro, de um só grão.

– As pessoas se queixavam – rememorou Hernando –, porque as obrigaram a trocar moedas com muita prata por outras que careciam dela, com igualdade de valor nominal! Por cada *vellón* perderam três grãos ou mais de prata.

– Exatamente. A fazenda real recolheu as moedas antigas e teve alguns importantes lucros com essa artimanha, mas os conselheiros não previram o efeito que isso teria na confiança do povo em sua moeda, sobretudo na miúda, a que mais se usa. Depois, há dois anos, seu filho, Felipe III, decidiu que o *vellón* não devia ser cunhado nem sequer com tal grão de prata e ordenou que fosse exclusivamente de cobre. Como as moedas carecem de lei, nem sequer levam a marca do cunhador que as fez. E nós estamos os fartando de cunhar moedas! – sorriu Munir. –

Binilit já faleceu, mas em sua oficina o que foi seu aprendiz já não faz joias mouriscas; limita-se a falsificar moeda constantemente, e, como ele, muitos outros. Hoje em dia já não é necessário que as moedas sejam de cobre; são admitidas as de chumbo e até as simples *cabezas de clavo* toscamente repuxadas com algo similar a um castelo e a um leão em cada uma de suas faces. Por cada quarenta moedas falsas, os cristãos estão nos pagando até dez reais de prata! Calcula-se que haja centenas de milhares de ducados em moeda falsa correndo pelo reino de Valência.

– Por que os próprios cristãos não as falsificam? – inquiriu Hernando apesar de intuir a resposta.

– Por medo das penas para os falsificadores e porque não possuem nossas oficinas clandestinas. – Munir sorriu. – Mas principalmente por simples preguiça: é preciso trabalhar, e isso, você sabe, não atrai nem o mais humilde dos artesãos cristãos.

– Mas as pessoas, os comerciantes, por que admitem esse dinheiro que sabem ser falso? – continuou interessando-se Hernando, recordando de novo como Rafaela controlava que as moedas miúdas com que comprava fossem autênticas, conquanto em Córdova tais falsificações não se dessem tão abundantemente como acabara de dizer o valenciano.

– Para eles pouco importa – explicou o alfaqui. – Foi isso o que eu lhe disse antes. Desde que Felipe II lhes roubou três grãos de prata por cada peça, desconfiam da moeda. Com o aparecimento da falsa, todos creem ganhar, e, para que o faça o rei, já o fazem eles. Simplesmente se aceita. É um novo sistema de troca. O único problema é que os preços sobem, mas a nós isso não afeta tanto como aos cristãos; não compramos como eles, nossas necessidades são muito menores.

– E assim vocês conseguiram os cento e vinte mil ducados? – Hernando não podia evitar um enorme espanto diante desse feito.

– Grande parte deles – disse o alfaqui com um sorriso de satisfação. – Outra parte nos chegou da Berbéria, de todos os nossos irmãos que

se estabeleceram ali e que compartilham nossas esperanças de recuperar as terras que nos pertencem.

Já haviam comido o frugal jantar servido pela esposa de Munir. O alfaqui se levantou e o convidou a ir ao horto atrás da casa, onde a lua e um límpido céu estrelado sobre a Muela de Cortes lhes ofereciam um panorama espetacular.

– Mas – disse Munir enquanto o conduzia –, fale-me de você. Agora já sabe quais são minhas intenções: lutar e vencer... ou morrer por nosso Deus. Tenho consciência de que não são de seu agrado. – O alfaqui se apoiou na balaustrada que fechava o horto, no alto do cerro em que se encravava Jarafuel, com o vale a seus pés e a Muela de Cortes além. – Como foi sua vida desde a última vez em que nos vimos? – inquiriu ao notar que Hernando se colocava a seu lado.

O mourisco dirigiu a vista para o céu e sentiu o frio do inverno no rosto; depois começou a contar-lhe os fatos acontecidos desde que voltara a Córdova após entregar os primeiros chumbos em Granada.

– Você se casou com uma cristã? – interrompeu-o Munir ao saber de Rafaela.

Não havia censura em sua pergunta. Ambos permaneciam olhando para a frente; duas figuras recortadas na noite, erguidas sobre a balaustrada, sozinhas.

– Sou feliz, Munir. Voltei a ter uma família, dois filhos lindos – respondeu Hernando. – Tenho minhas necessidades folgadamente cobertas. Monto a cavalo, domo potros. São muito apreciados no mercado – falava com tranquilidade. – O restante do dia eu dedico à caligrafia ou a estudar meus livros. Creio que a serenidade proporcionada por esta nova situação me permite unir-me a Deus no momento em que molho o cálamo na tinta e o deslizo sobre o papel. As letras surgem de mim com uma fluência e uma perfeição que poucas vezes antes eu havia conseguido. Estou escrevendo o que pretendo seja um belo exemplar do Corão. Os caracteres brotam proporcionais entre si, e desfruto colorindo os pontos diacríticos. Também rezo na mesquita, diante do *mihrab* dos califas. Sabe? Quando me coloco

diante dele e sussurro as orações, me sucede algo parecido ao espetáculo que esta noite nos oferece: como todas estas estrelas, vejo refulgir as cintilações do ouro e dos mármores com que foi construído aquele lugar sagrado. E, sim, eu me casei com uma cristã. Minha esposa... Rafaela é doce, boa, discreta e uma grande mãe.

Nesse momento, o olhar de Hernando se perdeu no céu estrelado. A imagem de Rafaela veio à sua mente. Aquela jovem magra e receosa havia florescido e se havia transformado em uma verdadeira mulher: após o nascimento de seus filhos, seus seios se haviam tornado mais generosos, seu quadril mais largo. Munir não quis interromper alguns pensamentos que, pressentia, se dirigiam àquela moça que parecia ter conquistado o coração de seu companheiro.

– Além disso, há as crianças – acrescentou Hernando com um sorriso. – Eles são a *minha vida,* Munir. Passei muitos anos, mais de catorze, sem ouvir o riso de uma criança; sem sentir o contato dessa mão frágil que busca proteção na minha e sem observar em seus olhos, inocentes e sinceros, tudo aquilo que as crianças não ousam ou não sabem como dizer. Seu simples rosto é a mais bela das poesias.

"Sofremos muito quando morreu nosso terceiro filho, que nem sequer havia começado a andar. Já havia perdido dois, mas este foi o primeiro cuja vida vi apagar-se entre minhas mãos sem poder fazer nada para evitá-lo. Senti um imenso vazio: por que Deus levava aquele ser inocente? Por que me castigava com dureza mais uma vez? Não era o primeiro filho que me arrebatava cruelmente; mas Rafaela... ficou destroçada; tive de ser forte por ela, Munir. Ainda que parte de mim também tenha morrido com esse pequeno, me vi obrigado a demonstrar inteireza para ajudar minha esposa a superar esse drama. Desde então Rafaela não voltou a engravidar. Mas agora Alá nos abençoou: esperamos um novo filho!

O olhar de Hernando tornou a perder-se no céu estrelado. Rafaela e ele haviam padecido a agonia do pequeno, cada um rezando a seu Deus em silêncio. Estiveram ao lado do terceiro filho até este exalar seu último suspiro. Juntos o choraram; juntos o enterraram de acordo

com os ritos cristãos, engolfados no desespero; juntos voltaram para casa, apoiados um no outro. Rafaela, desfeita em prato, desabou quando por fim ficaram a sós. Havia passado muito tempo até ele voltar a ver seu sorriso, a voltar a ouvir seus cantos pela casa. Mas pouco a pouco os outros dois filhos e o apoio de Hernando haviam conseguido que seu rosto recuperasse a alegria. Hernando recordou aqueles tristes meses com dor, mas ao mesmo tempo com íntimo orgulho: ambos haviam superado aquela infelicidade, e sua união, que havia começado sobre uma base frágil, fora reforçada depois deles. Só duas coisas não haviam mudado desde aquele frio e distante início: Rafaela continuava a respeitar a biblioteca, onde sabia que ele escrevia em árabe; e Hernando, apesar da decisão de dormirem juntos, respeitava as convicções de sua esposa e não tentava que ela esquecesse o pecado quando mantinham relações sexuais. No entanto, descobriu outra forma de prazer: o derivado do amor com que ela o recebia de noite, silencioso, tranquilo, desapaixonado e alheio ao desfrute da carne, como se ambos pretendessem que nada ou ninguém pudesse turvar a beleza de sua união.

– E, diga-me, você educa seus filhos na verdadeira fé? Sua esposa sabe de suas crenças? – interessou-se Munir.

– Sabe, sim – respondeu. – É uma longa história... Miguel, o aleijado que tramou o matrimônio, lhe disse isso previamente. Ela... ela é de poucas palavras, mas nos entendemos com o olhar, e, quando rezo diante do *mihrab* da mesquita, ela permanece ao meu lado como se soubesse perfeitamente o que estou fazendo. Sabe que estou rezando ao único Deus. Com relação a meus filhos, o mais velho só tem sete anos. Ainda não são capazes de fingir. Seria perigoso se se delatassem em público. Um preceptor vai a nossa casa para educá-los. Eu me conformo, por ora, em lhes contar histórias e lendas do nosso povo.

– E consentirá Rafaela quando chegar o momento? – perguntou o alfaqui.

Hernando suspirou.

– Acho... tenho certeza de que chegamos a um acordo tácito. Ela reza suas orações com eles, eu lhes narro histórias do Profeta. Eu gostaria... – interrompeu-se. Não sabia se o alfaqui poderia entender o seu sonho: educar seus filhos nas duas culturas, no respeito e na tolerância. Optou por não prosseguir. – Estou convencido de que o fará.

– Boa mulher, então.

Continuaram conversando por longo tempo sob as estrelas, aproveitando os breves instantes de silêncio para respirar a esplêndida noite que os rodeava.

Três dias antes do Natal de 1604, sessenta e oito reapresentantes das comunidades mouriscas dos reinos de Valência e Aragão se encontraram na clareira de um bosque acima do rio Mijares, perto da pequena e afastada população de Toga. Com eles, uma dezena de berberes e um nobre francês chamado Panissault, enviado pelo duque de La Force, marechal do rei Henrique IV da França. Anoitecia quando, após esquivar a vigilância de alguns homens que controlavam os arredores do lugar, Hernando chegou a Toga junto com Munir, que estava representando os mouriscos do vale de Cofrentes. Hernando deixou seu cavalo em Jarafuel para não levantar suspeitas e percorreu o trajeto montado numa mula, como o alfaqui. Levaram sete dias para chegar, tempo durante o qual Hernando e Munir mantiveram intensas conversas que lhes serviram para aprofundar a sua amizade.

O clarão de diversas fogueiras iluminava tenuemente a clareira do bosque. O nervosismo dos homens era palpável, e eles caminhavam entre as fogueiras. No entanto, a decisão pairava no ar: assim que cumprimentou alguns dos outros xeques mouriscos, Hernando percebeu em todos eles a firme determinação de levar adiante seu plano de rebelião.

Que seria de seus esforços com os chumbos?, perguntava-se diante dos exaltados juramentos de guerra de vida ou morte que ouvia diversas vezes da boca dos delegados mouriscos. Já não se contava com

os turcos, como lhe explicara Munir no caminho; o máximo a que aspiravam era conseguir alguma ajuda berbere d'além-estreito. Os chumbos terminariam por dar resultados!, dizia Hernando para si mesmo. Logo chegaria o momento de fazer chegar a cópia do evangelho de Barnabé àquele rei árabe destinado a dá-lo a conhecer. Assim o afirmavam D. Pedro, Luna e Castillo, mas aquelas pessoas não estavam dispostas a esperar mais tempo. Hernando se sentou no chão, ao lado de Munir, entre os delegados mouriscos. Diante deles, em pé, estavam o nobre francês Panissault disfarçado de comerciante e Miguel Alamín, o mourisco que por dois anos havia levado a efeito a negociação com os franceses que culminava com aquela reunião. Qual era o verdadeiro caminho? Quem teria razão? Hernando não deixou de pensar no assunto enquanto Alamín apresentava o francês. Por um lado havia um nobre granadino estreitamente relacionado com os cristãos, dois médicos tradutores de árabe e ele, um simples mourisco cordovês; por outro, os representantes da maioria das aljamas dos reinos de Valência e Aragão, que promoviam a guerra. A guerra! Recordou sua infância e a sublevação das Alpujarras, a ajuda externa que nunca chegou e a humilhante e dolorosa derrota. Que diria Hamid daquele novo plano violento? E Fátima? Qual teria sido a posição de Fátima? Com os gritos dos xeques mouriscos em seus ouvidos, numa discussão já iniciada, ele mergulhou na melancolia. Tanto esforço e tantas penúrias para outra guerra! Não podia tirar a razão de quem defendia com paixão a necessidade de recorrer às armas. Mas algo lhe dizia que, mais uma vez, essa não seria a solução. "Talvez eu tenha envelhecido", pensou Hernando. "Talvez a vida tranquila que levo agora me tenha fragilizado..." No entanto, em seu foro íntimo algo continuava a dizer-lhe que a violência seria inútil.

– A Inquisição nos exaure! – ouviu gritar um mourisco às suas costas.

Era verdade. Munir também o havia explicado no longo caminho até Toga. Em Córdova não era assim, mas naquelas terras de mouriscos eram tantos os pecados que teoricamente os cristãos-novos cometiam,

que a Inquisição recebia antecipadamente e cada comunidade era obrigada a pagar uma quantia anual à Suprema.

– Os senhores também! – gritou outro.

– Pretendem matar a todos nós!

– Castrar-nos!

– Escravizar-nos!

Os gritos se sucediam, cada vez mais fortes, cada vez mais irados.

Hernando escondeu o olhar na terra. Por acaso não era verdade? Eles tinham razão! As pessoas não podiam viver, e o futuro... que futuro esperava os filhos de todos eles? E diante disso ele, Hernando Ruiz, de Juviles, se refugiava em sua biblioteca, enquanto vivia com folga e conforto... E se empenhava ingenuamente em minar os alicerces da religião cristã buscando resposta nos livros!

Tremeu ao ouvir o plano acordado após árduas discussões entre os presentes: na noite da Quinta-Feira Santa de 1605, os mouriscos se levantariam em Valência e incendiariam as igrejas para chamar a atenção dos cristãos. Ao mesmo tempo, Henrique IV mandaria uma frota ao porto do Grao. Em todos os lugares, os xeques mouriscos sublevariam a sua gente. Mas e se o rei francês não cumprisse o prometido tal como não tinham feito os do Albaicín de Granada quando da sublevação das Alpujarras? Nesse caso, os mouriscos voltariam a ficar sozinhos, mais uma vez, diante da ira dos cristãos por haverem profanado suas igrejas. Tal como anos atrás. Estavam pondo seu futuro nas mãos de um rei cristão; inimigo da Espanha, é verdade, mas cristão afinal de contas! Quantos daqueles que agora discutiam haviam participado da guerra das Alpujarras? Quis intervir, mas a gritaria era ensurdecedora; até Munir, com o braço levantado para o céu, uivava exigindo a guerra santa.

– *Allahu Akbar!*

O grito, unânime, retumbou no bosque.

Procedeu-se então à nomeação do rei dos mouriscos: Luis Asquer, do povoado de Alaquás, foi o escolhido. O novo monarca foi vestido com uma capa vermelha, empunhou uma espada e se preparou para

jurar segundo os costumes. Os homens o aclamaram, se levantaram e o rodearam. Hernando se afastou do grupo; a decisão já estava tomada... A guerra era inevitável. Ganhar ou ser exterminado! Foi afastando-se das aclamações e do bulício, enquanto recordava as muitas ocasiões em que havia ouvido aqueles mesmos gritos nas Alpujarras. Ele mesmo...

De repente, sentiu um forte golpe na nuca. Hernando acreditou que a cabeça fosse rebentar e começou a desabar. No entanto, aturdido, notou que vários homens o seguravam pelos braços e o arrastavam para além da clareira e de suas fogueiras, até as árvores. Ali o deixaram cair no chão. Entre o retumbar de sua cabeça e a visão embaçada, acreditou ver três... quatro homens de pé, parados ao redor dele. Falavam em árabe. Tentou levantar-se, mas o aturdimento o impediu. Não conseguia entender o que diziam; os aplausos e aclamações ao novo rei ressoavam fortemente.

– Que... que querem vocês? – conseguiu balbuciar em árabe. – Quem...?

Um deles lhe jogou o conteúdo de um odre de água gelada no rosto. O frio o reanimou. Fez então outra tentativa de se levantar, mas agora uma bota em seu peito o impediu. A silhueta de quatro homens se desenhava contra o resplendor das fogueiras, mas seus rostos continuavam ocultos nas sombras.

– Que pretendem? – perguntou, um pouco mais consciente.

– Matar um cão renegado e traidor – respondeu um deles.

A ameaça ressoou na noite. Hernando se esforçou para pensar rapidamente, ao mesmo tempo que sentia a ponta de um alfanje pousar em seu pescoço. Por que queriam matá-lo? Talvez alguém que o conhecesse de Córdova? Não havia reconhecido ninguém da cidade na reunião, mas... A ponta do alfanje brincou em seu pomo de adão.

– Não sou renegado nem traidor – afirmou com determinação. – Quem lhes disse tal coisa...

– Quem nos disse isso o conhece bem.

Hernando quase não conseguia falar; a ponta do alfanje pressionava sua garganta.

– Perguntem a Munir! – balbuciou. – O alfaqui de Jarafuel! Ele lhes dirá...

– Se o fizéssemos e lhe contássemos quanto sabemos de você, seria ele quem o mataria, com toda a certeza, e isto é algo que devemos fazer nós. A vingança...

– Vingança? – apressou-se a perguntar. – Que mal posso ter causado a vocês para que queiram vingança? Se é verdade que sou renegado e traidor, que me julgue o rei.

Um deles se acocorou junto a ele: estava com aquele rosto a menos de um palmo do seu; sentia seu hálito quente. Suas palavras ressumavam ódio.

– Ibn Hamid – sussurrou. Hernando tremeu ao ouvir aquele nome. Alpujarrenhos? Que significava...? – Era assim que você gostava que o chamassem, não? – voltou a sussurrar.

– É assim que me chamo – afirmou.

– O nome de um traidor da sua gente!

– Jamais traí. Quem é você para afirmar tal infâmia?

O homem fez um sinal para outro deles, que correu para a clareira e voltou com um graveto aceso.

– Olhe-me, Ibn Hamid. Quero que saiba quem vai dar fim à sua vida. Olhe-me... pai.

O homem aproximou o graveto, e a escuridão se rompeu para que Hernando observasse uns imensos e furibundos olhos azuis cravados nele. Seus traços, seus feições...

– Deus – murmurou desconcertado. – Não pode ser! – Sentiu-se tonto. Milhares de lembranças se amontoaram em sua mente à simples visão daquele rosto, todas lutando para impor-se sobre as demais. Haviam transcorrido mais de vinte anos... – Francisco? – sussurrou.

– Há muito tempo que me chamo Abdul – respondeu com dureza seu filho. – E aqui também está Shamir, lembra-se?

Shamir! Hernando tentou reconhecê-lo entre os três restantes, mas nenhum deles saiu das sombras. A confusão se apoderou de sua mente: Francisco estava vivo, e também Shamir. Haviam escapado de Ubaid?

Mas sua mãe, Aisha, lhe havia assegurado que estavam mortos, que havia visto com seus próprios olhos o arrieiro matá-los na serra.

– Asseguraram-me que vocês tinham morrido! – exclamou. – Procurei... Eu os procurei semanas a fio, percorri a serra tentando achar os seus corpos. O de Inés... e o de Fátima.

– Covarde! – insultou-o Shamir.

– Minha mãe esperou... todos esperamos anos a fio que você fosse nos procurar – acrescentou Abdul. – Cão! Não mexeu nem um dedo por sua esposa, nem por sua filha, nem pelo seu meio-irmão. Nem por mim!

Hernando sentiu que lhe faltava o ar. Que acabara de dizer seu filho? Que a mãe dele havia esperado... A mãe dele! Fátima! – Fátima está viva? – perguntou com um fiapo de voz.

– Está, pai – cuspiu-lhe Abdul. – Viva... Ainda que não graças à sua ajuda. Todos nós sobrevivemos. Tivemos que suportar o ódio de Brahim, senti-lo em nossa carne. E ela mais que todos! E, enquanto isso, você se esquecia de sua família e traía seu povo. O cão do Brahim já pagou com a própria vida, eu lhe asseguro. Agora é você quem deve prestar contas por isso!

Brahim! Hernando fechou os olhos, deixou que a verdade fosse penetrando em sua mente. Brahim havia cumprido a sua ameaça: havia voltado para buscar Fátima e se havia vingado de seu enteado arrebatando-lhe seus filhos, sua esposa, tudo quanto amava... Como não tinha pensado nisso? Havia vindo buscá-los e os havia levado... Mas, então... E a touca branca de Fátima? Ele a havia visto no pescoço do cadáver de Ubaid! Como era possível? Ubaid e Brahim juntos? Um pensamento atravessou seu cérebro sem que ele pudesse detê-lo. Sua mãe devia saber de tudo! Aisha lhe havia dito que Ubaid matara a todos, Aisha havia jurado diversas vezes que havia presenciado as mortes de Fátima e das crianças... Aisha o havia enganado. Por quê? A ideia de que sua mãe lhe tivesse mentido se tornou insuportável, e, apesar do alfanje, de Francisco e do homem que mantinha o graveto junto a seus rostos, Hernando se enovelou no chão. Sentiu que o

coração se acelerava no peito, como se quisesse explodir. Deus! Fátima estava viva! Quis chorar, mas seus olhos se negavam a derramar sequer uma só lágrima. Encolheu-se ainda mais por causa das convulsões que de repente assaltaram seu corpo, como se ele mesmo quisesse despedaçar-se. Toda uma vida acreditando que sua família havia sido assassinada por Ubaid!

– Fátima! – chegou quase a gritar.

– Você vai morrer – sentenciou Shamir.

– Morte é esperança longa – respondeu Hernando sem pensar.

Abdul sacou uma adaga da cinta. Na clareira, os mouriscos assistiam com respeitoso silêncio à coroação de seu rei. "Juro morrer pelo único Deus", ouvia-se no bosque no mesmo momento em que o homem que segurava o graveto puxou Hernando pelo cabelo para que ele apresentasse o pescoço. A lâmina da adaga brilhou.

Fátima! A mulher explodiu na memória de Hernando.

– Quem é você para fazê-lo? – voltou então a falar. – Não vou morrer sem antes falar com sua mãe! Não deixarei que me mate sem conseguir seu perdão! Eu os julgava mortos, e só Deus sabe quanto sofri por essa perda. Que Fátima decida se quer me dar o perdão ou o castigo; não você. Se devo morrer, que seja ela quem decida.

Movido por um súbito acesso de raiva, empurrou o filho, que, desprevenido, caiu sentado no chão. Hernando tentou levantar-se, mas o alfanje de Shamir ameaçou seu peito. Hernando o segurou. O fume lhe feriu a palma.

– Por acaso você acha que vou fugir? – disse-lhe. – Que vou lutar com vocês? – Abriu os braços para mostrar que não portava armas. – Quero entregar-me a Fátima. Preciso que seja ela quem crave essa lâmina, se é que crê realmente que eu teria sido capaz de renunciar a ela, a vocês, se tivesse sabido que continuavam vivos.

Pela primeira vez pôde vislumbrar o rosto do meio-irmão e reconheceu nele os traços de Brahim. Shamir interrogou Abdul com o olhar, e este anuiu após alguns momentos de hesitação: Fátima merecia

levar a cabo sua vingança, pessoalmente, tal como havia feito com Brahim.

Nesse momento, na clareira, terminou a coroação, e os mouriscos rebentaram em exclamações e aplausos.

A maioria dos delegados e xeques aproveitou o que restava da noite para iniciar a volta a seus povoados. O francês Panissault o fez com a promessa de que os cento e vinte mil ducados lhe seriam entregues na cidade de Pau, no Béarn, de que o duque da Force era governante. A princípio, com o vaivém de gente despedindo-se alvoroçada, Munir nem se havia apercebido da ausência de Hernando, mas pouco a pouco começou a preocupar-se e a procurá-lo. Não o encontrou e se dirigiu ao lugar onde haviam deixado as mulas: as duas continuavam amarradas.

Onde poderia estar? Não teria ido embora sem se despedir dele, nem sem a mula; seu cavalo estava em Jarafuel. Perguntou a vários mouriscos, mas nenhum soube dizer nada. Um dos berberes que colaborava no plano de rebelião passou a seu lado, carregado e apressado. Que iria saber um berbere?...

– Escute – chamou-o, não obstante –, você conhece Hernando Ruiz, de Córdova? Você o viu?

O homem, que fez menção de parar ao chamado do alfaqui, se desculpou com um balbucio e seguiu caminho assim que ouviu o nome pelo qual perguntavam.

Por que essa atitude?, estranhou Munir enquanto o via dirigir-se para o bosque. Alguns passos adiante, o berbere virou a cabeça, mas, ao verificar que o alfaqui continuava olhando-o, apressou a marcha. Munir não hesitou e foi atrás dele. Que escondia o berbere? Que estava acontecendo com Hernando?

Não teve oportunidade de se perguntar mais nada. Assim que se embrenhou entre as árvores, vários homens saltaram sobre ele e o detiveram; outro o ameaçou com uma adaga.

– Um só grito e é um homem morto – advertiu-o Abdul. – Que é que você quer?

– Procuro Hernando Ruiz – respondeu Munir tentando manter a calma.

– Não conhecemos nenhum Hernando Ruiz... – começou a dizer Abdul.

– Então – interrompeu-o o alfaqui –, quem é o homem que vocês estão escondendo ali?

Mesmo na penumbra, os borzeguins de Hernando se destacavam entre as pernas de um grupo de quatro berberes que pretendiam escondê-lo, todos com calçado de navegação. Abdul se virou para onde Munir apontava.

– Esse? – indicou com cinismo ao compreender a impossibilidade de negar a presença de alguém estranho ao grupo de berberes. – É um renegado, um traidor da nossa fé.

Munir não pôde evitar uma sonora gargalhada.

– Renegado? Você não sabe o que diz. – Abdul franziu as sobrancelhas, e seus olhos azuis denotavam dúvida. – Poucas pessoas existem na Espanha que lutaram e lutam mais pela nossa fé do que ele.

Abdul hesitou. Shamir deixou o grupo que escondia Hernando e se aproximou.

– E quem é você para fazer tal afirmação? – perguntou ao pôr-se junto deles.

O alfaqui pôde então ver Hernando: seu amigo parecia derrotado, cabisbaixo, ausente. Nem sequer mostrava interesse na conversa que se dava a pouca distância dele.

– Eu me chamo Munir – afirmou. Que estava acontecendo com Hernando? – Sou o alfaqui de Jarafuel e do vale de Cofrentes.

– Pelo que sabemos – disse Shamir –, este homem colabora com os cristãos e traiu os mouriscos. Ele merece morrer.

Hernando continuou sem reagir.

– Que sabem vocês! – respondeu-lhe Munir. – De onde vêm? De Argel? De Tetuão?

– Nós, de Tetuão – respondeu Abdul com certa atitude de respeito a um alfaqui –; os outros...

Munir aproveitou a indecisão daquele que parecia mandar nos berberes para livrar-se das mãos que o detinham, e interrompeu-o:

– Vocês vivem além-estreito, na Berbéria, onde se pode praticar livremente a verdadeira fé. – O alfaqui fechou os olhos e balançou a cabeça. – Eu mesmo comungo todos os domingos. Confesso meus pecados cristãos para obter a cédula que me permite locomover-me. Amiúde me vejo obrigado a comer carne de porco e a beber vinho. Também me consideram renegado? Todos os mouriscos que vocês viram esta noite são obrigados a dobrar-se às ordens da Igreja! Como iríamos sobreviver e manter viva a nossa fé se não fosse assim? Hernando trabalhou pelo único Deus tanto ou mais que qualquer um de nós. Acreditem-me, vocês não conhecem esse homem.

– Nós o conhecemos bem. É meu pai – revelou Abdul.

– E meu meio-irmão – acrescentou Shamir.

Munir tentou convencer os dois jovens berberes do clandestino trabalho de Hernando em favor da comunidade. Falou-lhes de seus escritos, de seus anos de trabalho, dos chumbos e da Torre Turpiana, do Sacromonte e de D. Pedro de Granada Venegas; de Alonso del Castillo e Miguel de Luna, do evangelho de Barnabé e do que pretendiam. Explicou-lhes que Hernando acreditava que todos eles tinham sido mortos por Ubaid.

– Sua mãe não sabia nada dos trabalhos dele – respondeu a Abdul quando este lhe falou da resposta de Aisha à carta que Fátima havia enviado a Córdova com o judeu. – Hernando teve de manter tudo às ocultas... até diante de sua mãe. Para ela, como para todos os demais, seu filho era um renegado, um cristão. Hernando os acreditava mortos. Creiam-me. Jamais teve notícia dessa carta.

Contou-lhes também que, apesar de estar casado com uma cristã, devia ser o único mourisco que rezava na mesquita de Córdova.

– Ele diz que jurou à sua mãe que rezaria diante do *mihrab* – acrescentou, dirigindo-se a Abdul, dando-se conta de que citar a esposa cristã de Hernando podia renovar a vontade de vingança daqueles corsários.

O vaivém, as conversas e despedidas dos mouriscos na clareira puderam ser ouvidas nitidamente por alguns instantes. Munir viu Abdul e Shamir dirigir seus olhares para Hernando. Teria convencido aqueles corsários?

– Ajudou os cristãos na guerra das Alpujarras – disse entre dentes Abdul de repente. Sua expressão era dura; o azul de seus olhos, glacial.

– Só tentou livrar-se da escravidão e o fez com um cristão, sim, mas... – tentou desculpá-lo o alfaqui.

– Depois colaborou com os cristãos de Granada – interrompeu-o Abdul –, acusando os mouriscos que tinham se rebelado.

– E os outros cristãos cuja vida salvou? – disse Shamir. Munir se sobressaltou: não sabia nada de outros cristãos. O corsário viu naquela dúvida a oportunidade de livrar-se do respeito com que havia recebido as explicações de um reconhecido alfaqui. – Salvou muitos outros. Não sabia? Ele não lhe contou? Não passa de um covarde. Covarde! – gritou para Hernando.

– Traidor! – acrescentou Abdul.

– Se achava que tinha sido Ubaid quem nos matara, por que não o perseguiu até o inferno? – continuou Shamir, gesticulando violentamente diante o alfaqui. – Que fez para vingar o que ele julgava tinha sido a morte de sua família? Eu lhe direi o que fez: refugiou-se comodamente no luxuoso palácio de um duque cristão.

– Se tivesse insistido, se tivesse procurado vingança como todo muçulmano que se preze deve fazer – acrescentou Abdul aos gritos –, talvez tivesse podido descobrir que não tinha sido Ubaid, mas Brahim, o causador de suas desgraças.

A poucos passos de distância, Hernando sentiu como se aquelas palavras o esbofeteassem. Nem sequer tinha forças para defender-se, para dizer em voz alta que havia visto o cadáver de Ubaid, que a

vingança que ele ansiava se havia frustrado ao vê-lo morto. Que havia percorrido a serra em busca dos corpos de sua família para dar-lhes sepultura... Que sentido tinha tudo isso agora? Enquanto ouvia as acusações feitas por seus filhos, aquelas palavras que ressumavam rancor, sua mente tinha apenas uma pergunta. Por quê? Por que Aisha lhe havia mentido? Por que o havia deixado sofrer sabendo a verdade? Recordou-se de suas lágrimas, de seu rosto contraído pela dor quando clamava ter visto Ubaid matar a todos. "Por que, mãe?"

As palavras de seu filho interromperam seus pensamentos.

– E, além disso, casado com uma cristã! Renego você, cão sarnento! – acrescentou Abdul, cuspindo nos pés de seu pai.

Munir, inconscientemente, acompanhou a direção da cusparada. Depois observou Hernando. Nem sequer se havia mexido diante da injúria de seu próprio filho. Mesmo na escuridão, seu corpo parecia despedaçado, destroçado pela culpa, vencido por tudo quanto se desenrolava ao redor.

– Mas os chumbos... – insistiu o alfaqui, compadecendo-se de quem considerava seu amigo.

– Os chumbos... – interrompeu-o Shamir. – Que valem quatro letras? Por acaso serviram para algo? Beneficiou algum dos nossos? – Munir não quis dar-lhe razão e apertou os lábios com firmeza. – Essas coisas só servem para os ricos, para todos aqueles nobres que nos traíram e que agora pretendem salvar a própria pele. Nenhum dos nossos irmãos, dos humildes, dos que continuam crendo no único Deus, dos que se escondem para rezar em suas casas ou nos campos, conseguirá algo positivo com tudo isso! Ele deve morrer.

– Sim – disse também Abdul –, ele deve morrer.

A sentença ressoou no bosque por cima dos já escassos barulhos da clareira. Munir sentiu um calafrio ao mesmo tempo que percebia naqueles dois homens a crueldade dos corsários, homens acostumados a brincar com a vida e com a morte das pessoas como se se tratasse de animais.

– Parados! – gritou o alfaqui, numa tentativa desesperada de salvar a vida de seu amigo. – Este homem veio a Toga sob a minha responsabilidade, sob a minha salvaguarda.

– Ele vai morrer – exclamou Abdul.

– Por acaso não compreendem que já está morto? – respondeu Munir, ao mesmo tempo que apontava para ele com tristeza.

– Há milhares de cristãos como ele amontoados nas masmorras de Tetuão. Não nos comove a sua piedade. Vamos levá-lo conosco – afirmou Shamir. – Vamos embora – ordenou depois aos berberes.

Munir extraiu forças da fraqueza. Respirou fundo antes de falar, e quando o fez sua voz soou firme e decidida, sem revelar o medo que o tomava por dentro.

– Eu os proíbo de fazê-lo.

O alfaqui se manteve impassível diante do olhar dos dois corsários. Abdul pôs a mão no alfanje, como se o tivessem insultado, como se jamais tivesse recebido uma ordem como aquela. Munir continuou falando, tentando que não lhe tremesse a voz:

– Eu me chamo Munir e sou o alfaqui de Jarafuel e de todo o vale de Cofrentes. Milhares de muçulmanos acatam minhas decisões. Segundo as nossas leis, ocupo o segundo lugar dos graus pelos quais se rege e governa o mundo, e ordeno quanto às coisas da justiça. Este homem ficará aqui.

– E se não obedecermos? – inquiriu Shamir.

– Se não matarem também a mim, nunca chegarão a entrar em suas embarcações. Eu lhes asseguro.

Todos, corsários e berberes, mantinham o olhar no alfaqui. Só Hernando continuava de joelhos no chão, cabisbaixo, absorto em seus pensamentos.

– Brahim pagou suas más ações – afirmou então Shamir –; e este cão traidor não se livrará do castigo.

– Vocês devem respeitar os sábios e os anciãos – insistiu Munir. Um dos berberes baixou a cabeça diante daquela afirmação, justo quando Hernando pareceu despertar; que havia dito Shamir? Abdul se

apercebeu de ambas as situações: seus homens respeitariam as leis, e ele tampouco iria matar um alfaqui. Cravou seus olhos azuis num Hernando que agora o interrogava com sua expressão. Brahim havia morrido... O corsário se adiantou até seu pai.

– Sim – respondeu-lhe –, minha mãe o matou: ela tem mais virilidade e coragem em uma de suas mãos que você em todo o seu ser. Seu covarde!

Nesse momento, um dos berberes que custodiavam Hernando o sacudiu com força e outro lhe deu um tremendo golpe nos rins com a culatra de seu arcabuz. Hernando caiu no chão, onde o chutaram sem que ele fizesse a menor menção de se defender.

– Basta, por Deus! – implorou Munir.

– Por esse mesmo Deus que seu alfaqui invoca, por Alá – disse entre dentes Abdul, ordenando com um gesto de mãos aos homens que parassem com aquilo –, juro que o matarei assim que você voltar a cruzar em meu caminho. Lembre-se sempre deste juramento, seu cão.

Brahim! Fátima reconheceu Brahim nos gritos e ameaças de Shamir. Muito mais poderoso que o vulgar arrieiro das Alpujarras, mais esperto... Fátima estremeceu ao descobrir a mesma voz furiosa, os mesmos gestos, a mesma expressão de ira.

Assim que voltaram de Toga, Abdul e Shamir foram ao palácio e se apresentaram a ela; ambos apareciam ásperos e sérios, e se negaram a contar-lhe o que é que lhes havia saído mal. Fátima conhecia a missão deles em Toga; ela mesma se havia ocupado de reunir uma grande quantidade de dinheiro berbere para aquela nova sublevação. Ouviu suas notícias com interesse, mas algo no semblante de seu filho a perturbava.

– Abdul – disse ela por fim, apoiando a mão no forte braço do filho. – Que é que está acontecendo com você?

Ele balançou a cabeça e murmurou algo incoerente.

– A mim você não engana. Sou sua mãe e o conheço bem.

Abdul e Shamir trocaram um olhar. Fátima aguardava com expectativa.

– Vimos o nazareno – respondeu-lhe Shamir por fim. – Aquele cão traidor estava em Toga.

Fátima ficou boquiaberta: por um instante lhe faltou o ar.

– Ibn Hamid? – Ao pronunciar seu nome, sentiu uma opressão no peito e pôs uma mão enjoiada nele.

– Não o chame assim! – disse Abdul. – Ele não merece. É um cristão e um traidor! Mas se arrastou como o cão que é...

Ela levantou os olhos, consternada.

– Que...? Que é que vocês fizeram com ele? – Tentou levantar-se do divã, mas lhe fraquejaram os joelhos.

– Deveríamos tê-lo matado! – gritou Shamir. – E juro que o faremos se voltarmos a vê-lo!

– Não! – A voz de Fátima saiu em forma de uivo rouco. – Eu o proíbo!

Abdul olhou para sua mãe, surpreso. Shamir deu um passo para ela.

– Esperem... Que... que fazia ele em Toga? Contem-me tudo – exigiu Fátima.

Eles o fizeram; lhe falaram do nazareno com ódio; lhe narraram com detalhes a cena vivida em Toga; lhe relataram as palavras do alfaqui que haviam conseguido salvar a vida do cão traidor. Enquanto os escutava, atenta a cada uma de suas palavras, Fátima não parava de pensar. Ibn Hamid estava em Toga, com os que planejavam a revolta; havia dedicado anos de sua vida àqueles textos. Isso significava que não havia renunciado à sua fé. Seu rosto se foi animando à medida que os escutava. Se fosse verdade...! Se fosse verdade que Ibn Hamid continuava a ser um crente! Foi então que as palavras de Shamir ressoaram na peça como uma bofetada.

– E você tem de saber que se casou... com uma cristã. Assim, você é livre, Fátima. Pode voltar a casar... Ainda é bela.

– Quem você acha que é para me dizer o que posso ou não fazer? Nunca voltarei a me casar! – exclamou-lhe ela então.

E então, ao perceber as emoções que se escondiam ante essa negativa, apareceram os demônios de Brahim renascidos em Shamir, que se adiantou ameaçadoramente para ela.

– Você jamais voltará a vê-lo, Fátima. Eu o matarei se souber que existe a menor comunicação entre vocês. Está ouvindo? Eu lhe arrancarei o coração com as minhas próprias mãos.

Seus gritos prosseguiram por um bom tempo. Ela era apenas uma mulher! Uma mulher que devia obedecer. Aquele palácio era dele, e os escravos, e os móveis, e a comida, até o ar que respirava, tudo pertencia a ele, Shamir. Como iriam permitir que se relacionasse com aquele cão covarde que não os havia defendido em sua infância? Perderiam o respeito de seus homens e de toda a comunidade. Todos conheciam o juramento que haviam feito em Toga com relação a Hernando: os berberes o haviam explicado a quem quisesse escutá-los. Que autoridade teriam para fazer justiça entre seus homens se consentissem a menor relação com o nazareno? Com que poder arriscariam a vida de seus homens, amiúde em incursões perigosas, quando às costas deles, em sua casa, uma simples mulher se permitia desobedecer-lhes? Cumpririam seu juramento se voltassem a vê-lo. Matá-lo-iam como a um cão.

Fátima aguentou em pé, erguida, como na noite em que havia anunciado a Brahim que ele jamais voltaria a possuí-la. Ela o fez sem buscar a ajuda de Abdul, sem olhá-lo sequer, tentando não envolver num compromisso seu filho, não fazê-lo enfrentar seu companheiro, com o qual, afinal de contas, efetivamente, era o dono de tudo.

– Lembre-se do que eu disse... Não cometa nenhuma estupidez – disse entre dentes Shamir antes de dar meia-volta e sair da peça.

Foi então que Fátima tentou encontrar em seu filho alguma compreensão e apoio, mas seus olhos se lhe mostraram frios e seus traços, curtidos de sol, tão tensos como os do outro corsário. Ela o viu deixar a peça com um caminhar igualmente decidido. Só quando ficou sozinha permitiu que seus olhos se enchessem de lágrimas.

64

> Em Valência se fez prisão de muitos mouriscos, por certas cartas que o rei de Inglaterra enviou, as quais se haviam achado entre os papéis da rainha anterior, que lhe haviam escrito os mouriscos pedindo-lhe ajuda para levantar-se, e que eles dariam ordem para que se pudesse saquear aquela cidade, vindo com sua armada. Deu-se tormento a muitos deles para saber o que acontecia neste negócio, e não deixarão de ser castigados alguns para exemplo dos demais.
>
> LUIS CABRERA DE CÓRDOBA, *Relações das coisas sucedidas na corte de Espanha*

Após a morte de Elizabeth da Inglaterra, no final de agosto de 1604, a Espanha e a Inglaterra firmaram um tratado de paz. Entre outros compromissos, o rei espanhol se comprometia a suspender seu empenho em elevar ao trono da ilha um rei católico. Talvez por isso, meses depois, uma vez firmado o acordo e como mostra de gratidão, James I fez chegar a Felipe III uma série de documentos achados nos arquivos de sua antecessora. Neles constavam as propostas dos mouriscos espanhóis para, com a ajuda de ingleses e franceses, sublevar-se contra o rei católico e reconquistar os reinos da Espanha para o islã.

O vice-rei de Valência e a Inquisição puseram mãos à obra assim que o Conselho de Estado tornou pública a conjuração.

Uma multidão de mouriscos foi presa e submetida a tormento até confessar o plano. Vários deles foram executados conforme os costumes valencianos. Perguntava-se ao réu se queria morrer na fé cristã ou na muçulmana. Se respondesse que na primeira, era

enforcado na praça do mercado; se insistisse em conservar sua fé, era levado para fora da cidade, para a Rambla, e, conforme o castigo divino previsto no Deuteronômio para os idólatras, o povo o apedrejava e depois queimava seu cadáver.

Salvo exceções, os mouriscos optavam por uma morte rápida e escolhiam morrer na fé cristã, mas, justo no momento em que a corda se esticava, rompiam em gritos invocando Alá. Tão conhecido era esse estratagema, que as pessoas iam às execuções providas de pedras para lapidar o enforcado no momento em que clamava o nome do Profeta. Depois, as famílias mouriscas recolhiam as pedras e as guardavam como recordação da execução de seus mortos.

Três meses depois de sua volta a Córdova, Hernando soube que a tentativa de revolta urdida em Toga se havia malogrado. A verdade é que durante aqueles três meses só uma coisa lhe dera algum alívio em sua permanente desesperança: a carta que conseguiu escrever para Fátima.

Ele e Munir haviam feito o caminho de volta de Toga em silêncio, sua mula sempre atrás da do alfaqui, como se este o puxasse para chegarem o quanto antes a Jarafuel. Sua mãe o havia enganado. Fátima estava viva e havia matado Brahim. Seu filho também havia jurado matá-lo se seus caminhos tornassem a se cruzar. Matá-lo! Seu próprio filho! Mas por acaso já não o teria feito em Toga? Recordou os inocentes e expressivos olhos azuis de Francisco no pátio da casa cordovesa. E a pequena Inés? Que teria sido dela? A cabeça de Hernando não parava de pensar nas revelações das últimas horas. As imagens e as perguntas se amontoavam em sua mente, e as pontadas devidas aos golpes recebidos se compassavam pelos curtos trancos do animal que ele montava.

Fátima! O semblante de sua esposa aparecia e desaparecia em sua memória como se brincasse com seu sofrimento. Que teria pensado dele? Teria esperado que fosse atrás dela? Quanto tempo, quantos anos devia ter esperado a sua ajuda? Seu estômago não podia encolher-se

mais ao imaginá-la submetida a Brahim enquanto esperava a sua ajuda; a sua Fátima! Ele a havia decepcionado.

"Por que, mãe?" Mil vezes elevou o olhar para o céu. Por que você o escondeu de mim?

O que na ida lhes havia custado sete dias de viagem, agora custou apenas quatro. Munir, mergulhado num pertinaz mutismo, só parou o estritamente necessário e viajaram de noite, ao luar. Hernando se limitava a obedecer às ordens de seu companheiro de viagem: descansemos aqui; comamos algo; demos de beber às mulas; esta noite pararemos junto a esse povoado... Por que lhe havia salvado a vida?

Em Jarafuel, o alfaqui o fez esperar à porta de sua casa, sem convidá-lo a entrar. Por fim, ele mesmo apareceu puxando o cavalo.

– Afora o duque – tentou explicar-se então Hernando –, só salvei uma menina de pouca idade. O restante são boatos...

– Não me interessa – interrompeu-o Munir secamente.

Hernando o olhou de frente; o alfaqui o contemplava com dureza, mas após alguns instantes pareceu surgir em seus olhos uma ponta de compaixão.

– Eu lhe salvei a vida, Hernando, mas é Deus quem o julgará.

Na volta a Córdova, evitou a companhia de frades, mercadores, comediantes ou caminhantes dos que costumavam transitar pelos caminhos principais e fez a viagem sozinho, absorto em seus pensamentos. A culpa pesava nele como uma laje, e houve momentos em que pensou que não suportaria mais esse peso. À medida que se aproximava da cidade, seus sofrimentos foram substituídos por uma angústia ainda maior: não desejava chegar. Que iria dizer a Rafaela? Que seu matrimônio com ela não era válido? Que sua primeira esposa estava viva?

Atrasou o mais possível sua chegada a casa. Temia tê-la pela frente. Temia ter a si mesmo pela frente se fosse obrigado a confessar-lhe a verdade. Quando por fim atravessou a porta de casa, nem sequer se atreveu a olhar para ela.

Viu impassível apagar-se o sorriso com que Rafaela, de novo grávida, foi recebê-lo. A mulher deteve seus apressados passos diante das manchas-roxas e dos ferimentos que lhe haviam causado os berberes ao chutá-lo.

– Que é que aconteceu com você? – Rafaela tentou aproximar a mão do machucado rosto do esposo. – Quem...?

– Nada – respondeu ele, afastando inconscientemente a mão da esposa. – Caí do cavalo.

– Mas está bem?...

Hernando lhe deu as costas e a deixou com a palavra na boca. Andou até as cocheiras para desembridar o cavalo e depois atravessou o pátio em direção à escada.

– Almoçarei e jantarei na biblioteca – ordenou secamente ao passar junto à esposa.

Também dormiu nela.

Assim se passaram os dias. Hernando pôs de parte o Corão em que estava trabalhando e se esforçou para escrever uma carta para Fátima. Demorou a consegui-lo; demorou a conseguir pôr no papel tudo quanto sentia. No momento em que tentava concentrar-se na escrita, sua mente se perdia na culpa e na dor. Descartou e rasgou muitas folhas. Por fim contou de Rafaela, de seus dos filhos e do que estava para nascer. "Eu não sabia! Não sabia que você estava viva!", escreveu com mão trêmula. Depois de escrevê-la, decidiu recorrer a Munir para enviá-la a Fátima apesar da fria despedida do alfaqui. Era um homem santo; ele o ajudaria; além disso, era de Valência que mais mouriscos partiam para a Berbéria. Precisava de sua ajuda! Escreveu também uma carta para Munir implorando-o.

Um dia soube que Miguel se encontrava em Córdova e o chamou. Tinha de recorrer ao aleijado para conseguir um arrieiro mourisco de confiança; ele ainda era apestado na comunidade cordovesa e havia perdido todo e qualquer contato com a rede de milhares de homens que percorriam os caminhos, mas o aleijado, ao contrário de seu

senhor, comprava e vendia tudo quanto precisava para os cavalos e usava frequentemente os serviços dos arrieiros.

– Preciso fazer chegar uma carta a Jarafuel – comunicou-lhe com uma aspereza desnecessária, sentado à escrivaninha. Miguel permaneceu parado diante dele tentando imaginar o que é que estava acontecendo com o seu senhor. Antes havia falado com Rafaela, e ela lhe havia confidenciado sua enorme inquietação. – Que está esperando? – recriminou-o Hernando.

– Conheço a história de uma correspondência portadora de más notícias – respondeu o aleijado. – Quer que lhe conte?

– Não estou para histórias, Miguel.

O bater dos cajados do aleijado nas tábuas da galeria ressoou nos ouvidos de Hernando. E agora qual seria a novidade? Manuseou o belo Corão em que trabalhava; não se achava com ânimo de continuar. Mesmo assim, cantarolou algumas das suras já escritas.

– O que quer que estivesse fazendo, parece que já terminou.

Tais foram as palavras que Miguel disse a Rafaela assim que saiu da biblioteca com a ordem de seu senhor de encontrar um arrieiro para levar uma carta a Jarafuel.

A mulher o interrogou com olhos vermelhos de choro.

– Vá – instou ao aleijado. – Lute por ele, por você.

Rafaela não havia podido ver Hernando durante os dias em que estivera encerrado na biblioteca. Pensava que poderia fazê-lo ao levar-lhe a comida, mas ele deu ordem de que a deixassem atrás da porta. Hernando havia pedido também uma bacia com água limpa para suas orações, que ele mesmo deixava atrás da porta depois de usá-la. O tempo todo Rafaela esteve atenta ao som daquela porta para apressar-se a mudar a água. Cinco vezes por dia.

Que lhe havia acontecido?, perguntou-se a mulher pela enésima vez ao começar a subir a escada, ofegando. A nova gravidez lhe pesava mais que as anteriores. Hesitou ao aproximar-se da biblioteca. O murmúrio das suras passava através da porta, agora aberta, e chegava

até ela. E se Hernando se zangasse? Obrigou-se a parar e esteve prestes a voltar, mas os momentos vividos antes da viagem a Toga, o carinho, os risos, a alegria, a felicidade, o amor que se haviam professado a impeliram a continuar.

Hernando permanecia sentado à sua escrivaninha. Com um dedo seguia as letras do Corão enquanto salmodiava em árabe, alheio a tudo. Rafaela parou, sem se atrever a romper o que lhe pareceu um momento mágico. Quando Hernando se apercebeu de sua presença e virou a cabeça para ela, a encontrou parada na porta, com os olhos cheios de lágrimas, segurando com as duas mãos a proeminente barriga.

– Não creio ter feito nada para você me tratar assim. Preciso saber o que está acontecendo com você... – sussurrou Rafaela, antes que sua voz se rompesse.

Hernando anuiu, com certa frieza, sem levantar os olhos da escrivaninha.

– Há mais de vinte anos... – começou a dizer. Mas por que contá-lo? Nunca lhe havia falado de Fátima ou de seus filhos: ela conhecia a história por Miguel. – Você tem razão – reconheceu. – Não merece isso. Sinto muito. São coisas do passado.

O mero fato de pronunciar aquela desculpa pareceu libertar Hernando. A carta dirigida a Fátima já estava nas mãos de Miguel. Podia ele prever quais seriam seus resultados ou o que lhe responderia Fátima, se é que o faria? Rafaela enxugou as lágrimas com uma das mãos, enquanto com a outra continuava segurando a barriga.

E então Hernando compreendeu uma coisa: sim, havia falhado com Fátima, e essa era uma culpa de que nunca poderia livrar-se... mas não iria cometer duas vezes o mesmo erro, agora com a pessoa que então amava. Sem dizer palavra, se levantou, circundou a escrivaninha e se fundiu com a esposa num doce abraço.

Apesar de seus esforços para esconder suas inquietações de Rafaela, Hernando não conseguia deixar de pensar nas revelações que lhe havia

feito seu filho. Ela não voltou a mencionar o acontecido, como se aqueles dias de reclusão não tivessem existido. Hernando procurou consolo em seus pequenos e esperança no que estava por nascer.

Um dia até se dirigiu ao campo de la Merced e passeou pelo triste cemitério até dar com o túmulo de sua mãe. Ali falou com Aisha em silêncio.

– Por que você fez isso, mãe?

Tentou encontrar a resposta em seu íntimo. O tempo passou com Hernando especulando mil possibilidades até que uma delas, alheia às razões de Aisha para ter agido daquela maneira, despontou dentre as outras: "Estão vivos." Fátima estava viva. Francisco também, e Shamir, e provavelmente Inés. Teria preferido que todos estivessem mortos para aliviar seus sofrimentos? Sentiu-se indigno. Até então só havia pensado em si mesmo, em suas culpas, na covardia que tanto lhe lançara em rosto Francisco. No entanto, o importante era que estavam vivos, ainda que longe dele. Achou certo consolo nesta ideia... Mas continuava a precisar de seu perdão. Aguardava com ansiedade notícias de Munir, mas tal anseio se mudou em decepção quando o alfaqui mandou que lhe devolvessem a carta dirigida a Fátima junto com sua negativa de enviá-la a Tetuão.

Fátima não pôde deixar de dar-se conta: depois da visita de Shamir e seu filho, três imponentes escravos núbios, armados, se juntaram ao pessoal de serviço que atendia o palácio.

– São para vossa segurança, senhora – respondeu-lhe um dos criados. – Hoje há muito perigo, e vosso filho o determinou.

Para sua segurança? Dois deles a seguiam, alguns passos atrás, em suas saídas por Tetuão. Fátima o comprovou. Certa manhã, acompanhada de duas escravas a quem mandou carregar alguns volumes, dirigiu-se resolutamente para a porta de Bab Mqabar, ao norte da muralha da cidade.

Antes que pudesse atravessá-la, os dos núbios se interpuseram em seu caminho.

– Não podeis sair, senhora – disse-lhe um deles.

– Só quero ir ao cemitério – afirmou Fátima.

– Não é seguro, senhora.

Outro dia, de madrugada, deixou seu quarto. Não havia percorrido nem metade do corredor, e já a imensa figura de um dos negros apareceu dentre as sombras.

– Desejais algo, senhora?

– Água.

– Eu mandarei que vo-la tragam, não vos preocupeis. Descansai.

Estava presa em sua própria casa! Não havia pensado em fugir, nem sequer sabia o que fazer ou o que pensar; só sabia que, após anos acreditando na traição de Hernando, a simples possibilidade de que não tivesse sido assim fez renascer nela alguns sentimentos que durante anos se havia obrigado a pôr no canto mais recôndito de seu íntimo. Desde a morte de Brahim se havia dedicado a dirigir os negócios e a acumular dinheiro com tanta frieza como Abdul e Shamir atacavam os navios cristãos ou as costas espanholas. Chegou até a renunciar à condição de mulher. Mas agora algo havia tornado a despertar nela, e de vez em quando, de noite, com o olhar perdido no horizonte, ali onde deviam alçar-se as serras granadinas, uns quase imperceptíveis estremecimentos lhe recordavam que ela havia sido capaz de amar com todo o seu ser.

Uma tarde Efraim foi tratar de negócios com ela. O judeu, já morto seu pai, se havia transformado no mais íntimo colaborador nos negócios familiares dirigidos pela grande senhora de Tetuã.

– Tenho de pedir-lhe um favor, Efraim – disse-lhe enquanto o outro lhe dava explicações sobre números e mercadorias.

– Você tem de saber que seu filho veio ver-me – sussurrou o inteligente judeu.

Fátima cravou nele seus belos olhos negros.

– Mas minha lealdade é para a senhora – acrescentou Efraim ao fim de alguns instantes de silêncio.

65

Morte é esperança longa.

"Romances de Aben Humeya".
Romanceiro mourisco

Rafaela havia acompanhado até a porta o preceptor, que ia diariamente dar lições a Juan e Rosa, quando viu que um desconhecido se aproximava de sua casa. Embora Hernando parecesse ter recuperado seu estado de espírito habitual, qualquer imprevisto desassossegava Rafaela, cuja gravidez já estava quase no fim. O homem, que teria cerca de quarenta anos e cujas roupas, de estilo castelhano, estavam sujas pela longa viagem, perguntou com voz educada se aquela era a casa de Hernando Ruiz. Rafaela anuiu e mandou Juan dar o recado ao pai; Hernando não demorou a descer ao saguão.

– A paz seja convosco – cumprimentou Hernando o homem, crendo que não fosse mais que um arrendatário ou um interessado em algum cavalo. – Que desejais?

Efraim aguardou um instante antes de falar. Por sorte, nesta ocasião não lhe custara encontrar Hernando.

– A paz – respondeu o judeu, que cravou o olhar em Hernando.

– Que desejais? – repetiu.

– Podemos falar em algum lugar reservado?

Nesse momento Hernando compreendeu que aquele homem era algo mais que um simples negociante de cavalos; conquanto tivesse percebido um estranho sotaque em sua voz, havia algo nele que lhe inspirara confiança.

– Acompanhai-me.

Saíram do saguão e atravessaram o pátio.

– Que ninguém me incomode – disse a Rafaela.

Subiram para a biblioteca, e Hernando reparou na admiração com que o judeu corria o olhar pelos livros que constituíam seu mais precioso tesouro.

– Eu vos felicito – disse Efraim referindo-se a eles ao mesmo tempo que se sentava diante da escrivaninha. Hernando fez um gesto de assentimento, e os dois guardaram silêncio por alguns instantes. – Envia-me Fátima, vossa esposa – revelou por fim.

Um tremendo calafrio percorreu o corpo de Hernando. Ele foi incapaz de dizer qualquer coisa, e o judeu o percebeu.

– A senhora Fátima precisa saber de vós – continuou Efraim. – São muitos os boatos que chegam a Tetuão, e ela se nega a acreditar neles, a não ser que vós mesmo os confirmeis. Devo dizer-vos, antes de mais nada, que há cerca de quinze anos eu mesmo estive aqui, em Córdova, procurando-o, enviado também por minha senhora...

– Como ela está? – interrompeu-o Hernando.

Falaram o dia todo. Hernando contou sua vida e o fez sem dissimulação, sem esconder nem o menor detalhe. Contou até de seu caso com Isabel! Era a primeira vez que se confessava a alguém com tal sinceridade. Escusou sua imagem cristã, mas também reconheceu o erro que significava ter-se excedido em alguns momentos naquela postura, levado pelos acontecimentos. Por que saíra carregando uma cruz em procissão?

– Minha mãe não teria morrido se eu tivesse evitado esse escândalo – acrescentou com voz embargada.

Depois se espraiou na história dos chumbos.

– Shamir – recordou – afirmou que os humildes nunca se beneficiariam... e provavelmente tem razão.

– Talvez um dia esse evangelho de que falais possa vir à luz.

– Talvez – suspirou Hernando, pesaroso –, mas não sei qual será então nossa situação. Na verdade, parece que não somos mais que um bando de apestados: os cristãos nos odeiam mortalmente, e nenhum

dos governantes muçulmanos fez nada para nos ajudar. Somos um povo que sempre olhou para o horizonte com a esperança de vislumbrar uma armada, turca ou argelina, que nunca apareceu.

Efraim teve vontade de discutir. Apestados? Seu povo, sim, é que o havia sido, na Espanha e em todos os reinos europeus. Os judeus nem sequer tiveram a oportunidade de olhar para o horizonte: ninguém podia ir em sua ajuda. No entanto, calou; não era essa a sua missão ali. Fátima lhe dera instruções: ele mesmo devia julgar as palavras e a atitude de Hernando. Ele mesmo devia decidir se devia dar-lhe sua mensagem ou se devia retirar-se sem fazer a entrega àquele homem que o olhava consternado. "Confio plenamente em você", dissera-lhe ela antes de despedir-se. E o judeu já havia decidido.

– Morte é esperança longa – disse então.

Efraim sentiu o mourisco cravar os olhos azuis nele, tal qual havia feito seu filho Abdul pouco tempo atrás, quando foi visitá-lo para adverti-lo de que de modo algum devia ajudar Fátima em nada relacionado com o "maldito traidor". Os mesmos olhos, mas que diferença entre a mensagem que lançavam uns e outros! Os do corsário manavam ódio e rancor; os de Hernando, em contrapartida, mostravam uma tristeza infinita.

Quantas vezes Fátima chegou a confiar na morte para encontrar a esperança?, pensava Hernando após voltar a ouvir aquela frase. Por que uma vez mais, agora?

– Vossa esposa está cativa em sua própria casa – anunciou Efraim como se adivinhasse o que passava pela cabeça de Hernando. – Vários guerreiros núbios a vigiam dia e noite.

– Por minha causa? – perguntou Hernando com um fiapo de voz.

– Sim. Se vos aproximardes de Fátima, matarão a vós e a ela...

– Francisco a mataria?

– Abdul? Não creio que seja capaz... mas não o sei com certeza – retificou o judeu recordando as ameaças do corsário. – Mas não podemos nos esquecer de Shamir... A verdade é que ignoro o que

poderia fazer. Em todo o caso, a desgraça se abateria sobre ela, com toda a certeza.

Efraim lhe falou de Fátima, e Hernando soube por fim por que sua mãe havia agido daquela maneira: a própria Fátima o havia pedido. Ambas quiseram protegê-lo de uma morte certa. Ficou sabendo do assassinato de Brahim, bem como da viagem que Efraim fizera, muitos anos atrás, e da carta de Fátima que este leu para Aisha depois de não encontrá-lo; das amargas palavras de Aisha e também dos insultos que Abbas e os demais mouriscos proferiram contra ele. O judeu ficou com o olhar perdido no momento de louvar Fátima, de elogiar sua beleza e sua coragem e determinação; Hernando percebeu em Efraim alguns sentimentos que iam além da simples admiração e sentiu uma ponta de ciúme daquele homem que vivia tão perto dela. Também lhe falou de Abdul e Shamir; Inés, agora Maryam, estava bem; havia casado e tinha muitos filhos. Elogiou a astúcia de sua senhora nos negócios e insistiu na admiração e no desejo que provocava em todo o Tetuão. Espraiou-se em descrições e explicações diante de um Hernando que deixava vagar as lembranças assentindo e sorrindo.

– Minha senhora espera que cumprais o juramento que um dia lhe fizestes: pôr os cristãos a seus pés, aos pés do único Deus. Que continueis trabalhando pela causa da nossa fé na Espanha, como fazíeis quando estavam casados – terminou dizendo. – Sua felicidade depende disso. Só nessa comunhão de ideias ela pode encontrar tranquilidade; é tudo o que deseja e tudo a quanto pode aspirar. Diz que Deus voltará a vos unir... após a morte.

– E até lá? – sussurrou Hernando.

Efraim balançou a cabeça.

– Ela nunca porá em risco a vossa vida. – Hernando fez menção de redarguir, mas o judeu o impediu com um gesto de mão: – Não ponhais vós em risco a dela.

Fez-se silêncio entre os dois homens.

– Escrevi uma carta para ela – disse por fim Hernando – que tentei fazer chegar a ela sem sucesso.

– Sinto muito – recusou-se Efraim –, não posso levá-la... nem vossa esposa recebê-la. Eu disse que minha viagem era de negócios. Se vosso filho ou Shamir ou os vigilantes núbios descobrirem qualquer um de nós com uma carta...

– Mas preciso explicar-lhe! – exclamou Hernando, quase implorando. – Tenho tantas coisas para dizer-lhe...

– E o fará: através de mim. Conheceis a senhora Fátima. – O judeu balançou a cabeça, corrigindo-se. – Como não iríeis conhecê-la? Melhor que eu. Ela tinha dúvidas, e eu lhe proporcionarei a alegria que sei que deseja; por acaso achais que então ela não me fará repetir até a última palavra todas as que me dissestes? – Hernando não pôde evitar um triste sorriso ao recordar o caráter forte de Fátima: o judeu se apercebeu disso. – Mil vezes me obrigará a fazê-lo!

– E fazei-o, mais de mil vezes se for preciso. Dizei-lhe... dizei-lhe também que continuo a amá-la, que nunca deixei de amá-la. Mas a vida... O destino foi cruel com ambos. Passei meia vida chorando sua morte. Pedi-lhe perdão em meu nome.

– Por que deveria fazê-lo?

– Tornei a casar... Tenho outros filhos.

O judeu anuiu.

– Ela o sabe e compreende. A vida não foi fácil para nenhum dos dois. Lembrai-vos: Morte é esperança longa. Isso é a primeira coisa que me pediu que vos dissesse.

Nessa noite, Efraim se hospedou na casa de Hernando, onde pernoitou antes de voltar para Tetuão. Advertido por seu anfitrião de que Rafaela não devia saber em nenhum momento do motivo que o havia levado àquela casa, o judeu se mostrou sumamente discreto e exibiu maneiras refinadas; mas atrás de sua cortesia se escondia o interesse por poder proporcionar à sua senhora a informação que esta lhe havia pedido sobre a esposa cristã. Como é a mulher com que se casou? Ele a ama?

Durante a noite, Hernando, absorto na lembrança de Fátima, se mostrou extremamente frio e distante com Rafaela.

Pouco tempo depois, com Hernando entregue à escrita do Corão e à oração na mesquita, crendo encontrar nisso a comunhão a distância que Fátima lhe havia pedido, Rafaela deu à luz seu terceiro filho. Lázaro, o nome com que batizaram o menino diante de padrinhos cristãos escolhidos pelo pároco e que eles não conheciam, rompeu com a tradição e nasceu com imensos e claros olhos azuis. Naquele recém-nascido ressurgia o estigma com que um sacerdote cristão empeçonhou uma inocente menina mourisca!, determinou Hernando assim que os viu. Não podia ser senão um sinal divino.

– Seu nome será Muqla, em honra do grande calígrafo – anunciou no mesmo dia do batizado diante de Rafaela e Miguel, depois de tirar com água quente os óleos ungidos sobre o menino. – Nesta casa vocês devem chamá-lo assim.

Rafaela baixou os olhos e anuiu com um murmúrio imperceptível.

– Não será perigoso? – alarmou-se Miguel.

– A única coisa perigosa é viver de costas para Deus.

A partir desse dia decidiu que havia chegado o momento de explicar a seus filhos algo mais que lendas muçulmanas, razão por que despediu o preceptor e assumiu a tarefa da educação de Juan e Rosa, a quem rebatizou como Amin e Laila. O Corão, a Suna, a poesia e a língua árabes, a caligrafia, a história de seu povo e a matemática se transformaram de repente nas matérias que ministrava a seus filhos, sempre com Muqla a seu lado, no berço; a Muqla ele o fazia dormir contarolando-lhe as suras. Amin, com oito anos, já tinha certos conhecimentos, mas a menina, que só tinha seis, sentiu a mudança.

– Você não acha que deveria esperar Rosa crescer um pouco mais, dar-lhe tempo? – tentou aconselhar Rafaela.

– Ela se chama Laila – corrigiu-a Hernando. – Rafaela, nestas terras, as mulheres são as chamadas a ensinar e divulgar a verdadeira fé. Deve aprender. É muita coisa o que têm de conhecer. Quando hão de fazê-lo? É esta a idade em que devem aprender nossas leis. Creio... creio que cometi erros demais.

Rafaela não se deu por satisfeita com a resposta.

– É uma situação muito complicada – afirmou. – Assim você põe a nossa família em perigo. Se alguém ficar sabendo... Não quero nem pensar.

Hernando deixou passar alguns instantes, olhando fixamente a sua esposa.

– Você sabia, não é mesmo? – disse por fim. – Miguel lhe disse antes de nos casarmos. Ele lhe confessou que eu praticava a fé verdadeira – Rafaela anuiu. – E, consequentemente, quando você se casou comigo, aceitou que nossos filhos seriam educados nas duas culturas, nas duas religiões. Não pretendo que você compartilhe a minha fé, mas meus filhos...

– Também são meus – respondeu ela.

Rafaela não insistiu, nem interveio de novo na educação das crianças. No entanto, de noite rezava com eles, como sempre havia feito, e Hernando consentia. Diariamente, terminada a aula, ele se lavava e purificava, e ia à mesquita para rezar diante do *mihrab*, às vezes parado diante do lugar onde deviam estar aqueles grafismos sagrados cinzelados em mármore; outras vezes escondido, um pouco afastado, se achasse que sua permanência ali poderia provocar suspeitas. "Aqui estou, Fátima!", sussurrava para si, "aconteça o que acontecer." A mesquita o fazia recordar diversas vezes: os cristãos já se haviam apropriado dela definitivamente. A capela-mor, o cruzeiro e o coro estavam acabando de se fazer, e o zimbório já se elevava acima dos contrafortes para mostrar ao mundo inteiro a magnificência do tão desejado templo. Até o antigo horto em que ficavam os delinquentes acolhidos em asilo havia sido reformado. Os sambenitos dos apenados da Inquisição continuavam pendendo macabramente das paredes das galerias, mas o horto estava agora ajardinado, com caminhos empedrados e fontes entre laranjeiras; o Pátio das Laranjeiras, assim o chamavam agora as pessoas.

Religiosos, nobres e humildes se orgulhavam de sua nova catedral, e cada expressão de admiração, cada vaidoso comentário que Hernando podia ouvir da parte dos fiéis diante da magna obra o carcomiam e

irritavam. Aquela catedral herege que viera profanar o maior templo muçulmano do Ocidente não era senão um exemplo do que sucedia em toda a península: os cristãos os esmagavam, e Hernando tinha de lutar, mesmo com risco de sua vida e da de seus filhos.

Às vezes ficava absorto às portas do sacrário da catedral e contemplava a *Santa Ceia* de Arbasia. Então recordava os dias passados ali quando era biblioteca, com D. Julián, enganando os sacerdotes e trabalhando para seus irmãos de fé. Que teria sido do pintor italiano? Olhava para o que ele imaginava ser uma mulher e que acompanhava Jesus Cristo. Ele também havia escolhido uma mulher, a Virgem, na trama dos chumbos do Sacromonte. Uma trama que parecia suspensa, sem dar os frutos desejados, tal como o informavam de Granada.

E, quando não estava rezando ou instruindo seus filhos, montava a cavalo. Miguel fazia um trabalho excelente, e os potros que nasciam na propriedade eram cada vez mais valorizados entre os ricos e a nobreza de toda a Andaluzia. Chegaram até a vender alguns exemplares para cortesãos de Madri. Periodicamente, o aleijado mandava para Córdova dois potros já domados pelo pessoal que ele contratava. Escolhia os melhores, aqueles que ele considerava merecedores do aprendizado que lhes podia proporcionar seu senhor. Por um tempo, Hernando montava neles e ia para o campo, onde aperfeiçoava a técnica dos animais. Também ensinava Amin a montar; o menino o acompanhava no lombo de um Estudante já velho e dócil, que parecia entender que não devia mexer um só músculo a mais com o pequeno em cima dele. E diante de um entusiasmado Amin, que gritava e aplaudia ao ver seu pai esquivando os chifres dos touros, voltou a corrê-los nas invernadas; ficava para trás a triste experiência com Azirat. Depois, no momento em que considerava os potros convenientemente domados, os devolvia a Miguel para que este os pusesse à venda. Hernando viu com orgulho alguns deles enfrentar os touros na Corredera em alguma festa, com maior ou menor sorte segundo a arte dos senhores cordoveses que os montavam, mas sempre mostrando nobreza e maneiras adequadas.

De noite se encerrava na biblioteca e, após desfrutar caligrafando em cores e com letras surgidas de sua união com Deus alguma nova sura em seu Corão, copiava novos exemplares com letra rápida, entrelinhando sua tradução aljamiada, tal como havia feito com D. Julián na biblioteca. Voltara a isso. Mandava os livros para Munir, gratuitamente, e o alfaqui, apesar da fria despedida de Jarafuel e de sua negativa a mandar a carta para Fátima, os aceitava para o bem da comunidade, como Munir fez saber através do arrieiro que levara para o alfaqui as primeiras cópias. Ele lutava! Continuava lutando, sussurrava Hernando para Fátima a centenas de léguas de distância; estava em paz com Deus, consigo mesmo e com quantos o rodeavam. E a imaginava bela e altiva, como sempre havia sido, enaltecendo sua religiosidade e animando-o a prosseguir.

66

> Ao vice-rei da Catalunha se poderá escrever que, no que concerne aos mouriscos que forem para a França, ordene que sejam reconhecidos, e, se entre eles alguns forem ricos e conceituados, sejam detidos e postos sob vigilância para procurar arrancar deles suas intenções, e que com as pessoas comuns dissimulem e deixem passar, porque quantos menos ficarem melhor.
>
> Ditame do Conselho de Estado,
> 24 de junho de 1608

Miguel já passava dos trinta anos, mas seu aspecto e sua condição de aleijado acabavam por fazê-lo parecer ter mais idade. Já não tinha dentes, e as pernas pareciam ter-se negado a acompanhar o crescimento de seu corpo da cintura para cima. Ao longo de sua vida, os ossos que lhe haviam quebrado quando recém-nascido foram articulando-se no lugar em que tinham sido fraturados, mas ele carecia de musculatura capaz de movê-los, o que o fazia parecer um grotesco títere, e cada vez mais com o passar do tempo. No entanto, continuava com suas histórias, fazendo as crianças rir ou encantando Rafaela nos únicos momentos de descanso que a mulher se permitia, como se Deus, o Deus que fosse, tivesse substituídos sua capacidade de andar ou correr por uma fonte inesgotável de imaginação e fantasia.

Foi Miguel quem, sempre a par do que sucedia entre as pessoas endinheiradas, aquelas que podiam comprar os magníficos cavalos que eles criavam na propriedade, comentou com Hernando o êxodo de mouriscos ricos para a França; ele o fez como se o advertisse das decisões que tomavam seus pares.

Em janeiro daquele ano, o Conselho de Estado, encabeçado pelo duque de Lerma, decidiu por unanimidade propor ao rei a expulsão da Espanha de todos os cristãos-novos. A notícia correu de boca em boca, e os mouriscos ricos começaram a vender suas propriedades e tentar antecipar-se à drástica medida. O embarque para a Berbéria era proibido, razão por que todos eles voltavam o olhar para o reino vizinho. A França era cristã, e era permitido cruzar essa fronteira.

Naquela manhã, Hernando o observou antes de descartar tal possibilidade.

– Meu lugar é aqui, Miguel – respondeu-lhe Hernando, percebendo no aleijado um suspiro de tranquilidade. – Não é a primeira vez que se fala de expulsão – acrescentou. – Vamos ver se de fato se executa a ordem. Pelo menos não querem nos castrar, degolar, escravizar ou lançar ao mar. Os nobres perderiam muito dinheiro se nos expulsassem. Quem cultivaria suas terras? Os cristãos não sabem fazê-lo, nem estão dispostos a isso.

Durante o ano de 1608, o rei Felipe não adotou a proposta que lhe fazia seu Conselho. Salvo o patriarca Ribera e alguns outros exaltados que continuavam advogando a morte ou a escravidão dos mouriscos, a maior parte do clero rasgava a batina ao imaginar milhares de almas cristãs indo para terras de mouros, onde deviam renegar a verdadeira religião. Certamente, as tentativas de evangelização fracassaram diversas vezes. No entanto, por acaso não era verdade – como defendeu o comendador de Leão – que eram mandados religiosos e santos para a China a fim de levar a mensagem de Cristo àqueles povos distantes e ignotos? E, se assim se fazia, por que suspender o empenho de converter os dos seus próprios reinos?

Mas, se era proibido fugir para terras muçulmanas, também o era extrair ouro ou prata da Espanha, ainda que fosse para outro reino cristão, e o mesmo Conselho de Estado decidiu deter os mouriscos ricos na fronteira. O fluxo de endinheirados para a França cessou. As aljamas de todos os reinos viviam na expectativa, com grande inquietação: os humildes, a grande maioria, apegados a suas terras; os

demais estudando como burlar a ordem real no caso de que se efetivasse.

Hernando não estava alheio à inquietação de seus irmãos de fé. Após o nascimento de Muqla, Rafaela deu à luz outro lindo menino, Musa, e depois uma menina, Salma, cujos nomes cristãos seriam Luis e Ana, nenhum deles de olhos azuis. Ele tinha uma grande família, e o fato de os mouriscos ricos, aqueles que podiam ter acesso aos bastidores da corte, fugirem da Espanha o fazia pensar que havia motivos para preocupar-se. Por tudo isso se preparou para viajar a Granada para averiguar o que estava acontecendo com os chumbos.

Pegou a cédula que lhe dera o arcebispado de Granada e que ele guardava zelosamente. Ninguém mais se interessava pelos mártires das Alpujarras: suficientes santos e mártires da Antiguidade, discípulos do apóstolo São Tiago, já haviam sido achados no Sacromonte para preocupar-se com alguns camponeses torturados pelos mouriscos apenas quarenta anos antes. No entanto, nenhum aguazil, alcaide ou quadrilheiro da Santa Irmandade teria ousado pôr em dúvida o documento que Hernando exibia com decisão quando alguém o pedia. Junto com a cédula, escondidos numa parede falsa, estavam o exemplar do Corão, já terminado, a cópia do evangelho de Barnabé da época do chefe Almanzor e a mão de Fátima. Como em todas as ocasiões em que abria aquele esconderijo, pegou a joia e a beijou pensando em Fátima. O ouro estava escurecido.

Em Granada não o esperavam boas notícias. Se os cristãos cordoveses se haviam apropriado definitivamente de sua mesquita, os granadinos haviam feito o mesmo com o Sacromonte. Como era natural, Hernando se reuniu com D. Pedro, Miguel de Luna e Alonso del Castillo no Salão Dourado da casa dos Tiros.

– Não tem nenhum sentido fazermos chegar o evangelho de Barnabé ao sultão... – afirmou D. Pedro. – Precisamos que a Igreja reconheça a autenticidade dos livros; sobretudo do chumbo que se refere ao Livro Mudo, o que anuncia que um dia virá um grande rei

com outro texto, este legível, que dará a conhecer a revelação da Virgem Maria que constava naquele livro indecifrável.

– Mas as relíquias... – interrompeu-o Hernando.

– Nisso nós ganhamos – interveio um Alonso del Castillo envelhecido –; as relíquias foram consideradas autênticas, e as veneram como tais. O arcebispo Castro decidiu erguer uma grande colegiada no Sacromonte. Já a encomendou a Ambrosio de Vico.

– Uma colegiada – queixou-se Hernando num sussurro. – Não deveria ter sido assim. A doutrina dos livros é muçulmana! – chegou quase a gritar. – Como os cristãos vão erguer uma colegiada ali onde foram encontrados alguns chumbos que louvam o único Deus?

– O arcebispo – interveio agora Luna – não permite que ninguém veja esses chumbos. Apesar de não saber árabe, dirige pessoalmente sua tradução, e, se algo não lhe agrada, ele mesmo o muda ou prescinde do tradutor. Eu mesmo passei por isso. Tanto a Santa Sé quanto o rei exigem que lhes envie os livros, mas ele se nega. Ele os mantém em seu poder como se fossem seus.

– Nesse caso – alegou Hernando –, nunca se revelará a verdade.

Sua voz era a de um derrotado. Os reflexos dourados das pinturas do teto dançaram no silêncio que se fez entre os quatro homens.

– Não chegaremos a tempo – insistiu, aflito. – Vão nos expulsar, ou nos aniquilarão antes.

Ninguém respondeu. Hernando percebeu um desconforto em seus interlocutores, que se mexeram em seus assentos e evitaram seu olhar. Então entendeu: eles haviam fracassado, mas não seriam expulsos. Eram nobres ou trabalhavam para o rei.

Estava sozinho em sua luta.

– Podemos conseguir que você e sua família se livrem da expulsão ou das medidas que forem adotadas contra os nossos, se é que estas chegarão a ser tomadas um dia – disse-lhe D. Pedro diante de um Hernando que deu por terminada a conversa e fez menção de levantar-se para deixar o Salão Dourado.

Perscrutou o nobre. Estava apoiado nos braços da cadeira, já meio levantado.

– E os nossos irmãos? – inquiriu sem evitar mostrar certa mágoa. – E os humildes? – acrescentou, recordando a previsão de Shamir.

– Fizemos tudo quanto estava ao nosso alcance – respondeu Miguel de Luna com tranquilidade. – Ou não pensa assim? Arriscamos nossas vidas, e você mais que todos.

Hernando se deixou cair na cadeira. Era verdade. Havia arriscado sua vida naquele plano.

– Por ora – prosseguiu o tradutor –, Deus não nos premiou com o sucesso. Ele, em sua infinita sabedoria, sabe por quê. Talvez um dia...

– Se vier a expulsão – aproveitou então D. Pedro – ou qualquer outra medida drástica, devemos viver e permanecer na Espanha. Nossa semente deve estar sempre aqui, nestas terras que são nossas. Uma semente sempre pronta para crescer, multiplicar-se e recuperar al-Andalus para o islã.

Pensou nisso por alguns instantes. Toda uma vida de entrega e sofrimento passou diante dele. Por que tantas desgraças? Tinha cinquenta e quatro anos e se sentiu velho, tremendamente velho. No entanto, seus filhos...

– Como me livrariam da expulsão? – perguntou com voz fraca.

– Uma demanda de fidalguia – respondeu D. Pedro.

Não pôde evitar responder-lhe com uma cínica gargalhada.

– Fidalgo eu? Um mourisco de Juviles? O filho de uma condenada da Inquisição?

– Temos muitos amigos, Hernando – insistiu o nobre. – Hoje em dia se pode comprar tudo, até a fidalguia. Falsificam-se declarações de povoados inteiros. Você tem excelentes antecedentes na Igreja de Granada. Colaborou com ela. Salvou cristãos na guerra das Alpujarras! Isso é público e notório.

– Não é filho de um sacerdote? – interveio Castillo, sabendo que se tratava de um tema delicado. – A fidalguia se transmite por linha paterna, nunca materna.

Hernando bufou e balançou a cabeça. Só faltava aquele cão sacerdote que havia violado sua mãe ser agora a causa de sua salvação e da de sua família!

– Há muitas limpezas de sangue que são falsas – tentou convencê-lo Luna. – Todo o mundo sabe que o avô de Teresa de Jesus, a fundadora das carmelitas descalças, era judeu. E pretendem beatificá-la! Como ela há centenas, milhares. Cristãos de todas as condições querem a fidalguia para não ter de pagar impostos, e agora muitos mouriscos demandam o mesmo para evitar a expulsão; enquanto se der a tramitação, não os incomodarão, e o processo pode levar anos.

– E se no final perderem? – inquiriu Hernando.

– Os tempos já terão mudado – respondeu Castillo.

– Confie em nós – insistiu D. Pedro. – Nós cuidaremos de tudo.

Antes de partir de Granada, Hernando deu poderes a um procurador para litigar na Sala de Fidalgos.

No entanto, os acontecimentos se precipitaram. Os mouriscos, desesperados por causa dos rumores de expulsão, pediram ajuda ao rei de Marrocos, Muley Zaidan. Uma embaixada de cinquenta homens foi até a Berbéria e lhe propôs que invadisse a Espanha com a ajuda dos holandeses, já comprometidos com fornecer navios suficientes para estender uma ponte sobre o estreito. A oferta era similar a todas as que faziam: Muley Zaidan só tinha de se apoderar de uma cidade costeira com porto, levar vinte mil soldados, e eles levantariam outros duzentos mil para tomar alguns reinos enfraquecidos.

O marroquino, apesar de ser acérrimo inimigo da Espanha, riu da proposta mourisca e despediu a embaixada. Quem não riu foi Felipe III, já farto de conjurações e preocupado com a possibilidade de algumas delas se concretizarem e seus domínios serem efetivamente invadidos por uma potência estrangeira com a ajuda dos mouriscos. Em abril de 1609, o próprio rei mandou um memorial ao Conselho no qual instava a seus membros que adotassem medidas definitivas contra

aquela comunidade, “sem reparar no rigor de degolados”, escreveu o monarca.

Cinco meses depois era publicado na cidade de Valência o edito de expulsão dos mouriscos daquele reino. Por fim se impuseram as teses intransigentes do patriarca Ribera e de outros exaltados; a única oposição à expulsão que se podia prever, a dos nobres que temiam o empobrecimento de suas terras pela falta de mão de obra tão barata e qualificada como a dos mouriscos, foi calada com a promessa de entrega da propriedade das terras e de todos os bens que os mouriscos não pudessem levar consigo. Não lhes foi permitido levar da Espanha senão os bens que fossem capazes de levar consigo até os portos de embarque que se lhes tinham indicado, nos quais deveriam apresentar-se no prazo de três dias; tudo o mais eles deviam deixar em benefício de seus senhores, sob pena de morte para aquele que destruísse ou escondesse qualquer propriedade.

Cinquenta galés reais com quatro mil soldados, a cavalaria castelhana, a milícia do reino de Valência e a armada do Oceano foram encarregadas de controlar e executar a expulsão dos mouriscos valencianos.

Nem pelo fato de ser esperada, a ordem real deixou de implicar um tremendo golpe para Hernando e para todos os mouriscos dos diferentes reinos da Espanha. Valência era apenas o primeiro deles; depois viriam os demais reinos. Todos os cristãos-novos deviam ser expulsos e seus bens confiscados em favor dos senhores, como em Valência, ou em favor da Coroa.

Hernando ainda não havia chegado a assimilar a ordem de expulsão, quando verificou que diante de sua casa havia dois soldados postados. Na primeira vez não deu importância: “Uma coincidência”, pensou; mas, após topar com eles dia após dia, chegou à conclusão de que vigiavam seus movimentos.

– São ordens do jurado D. Gil Ulloa – respondeu-lhe ironicamente um dos soldados quando se decidiu a perguntar-lhes. “Gil Ulloa!”,

disse entre dentes ao dar as costas para dois sorridentes soldados. O irmão de Rafaela que havia herdado de seu pai o cargo de jurado. Um inimigo perigoso, lamentou-se.

Os cristãos de Córdova celebraram a medida real, e a municipalidade, diante do perigo de distúrbios, ameaçou com pena de cem açoites e quatro anos de galés a quem maltratasse os cristãos-novos. Ao mesmo tempo, em lugar de cem açoites e quatro anos de galés, ameaçou com duzentos açoites e seis anos de galés os mouriscos que se reunissem em número maior que três.

No entanto, a decisão que mais afetou aos interesses de Hernando, e que foi adotada imediatamente, consistiu em proibir os mouriscos de vender suas casas e terras.

– Tampouco se podem vender os cavalos – comunicou-lhe um dia Miguel. – Eu tinha fechado duas vendas, mas os compradores deram para trás.

– Esperam que tenhamos de vendê-los a preços baixos.

O aleijado anuiu em silêncio.

– Os arrendatários se negam a pagar o que devem – acrescentou fazendo um esforço.

Miguel sabia que aquele dinheiro era imprescindível para a família. Ele mesmo, no ano anterior, havia conseguido convencer Hernando a fazer melhorias na propriedade. Necessitavam de cocheiras novas, de um picadeiro, de um palheiro; tudo estava caindo de velho. E Hernando aceitou seu conselho e investiu grande parte de suas economias ali. O que Miguel não sabia era que o restante do dinheiro de que dispunha o mourisco ele tivera de destinar à demanda de fidalguia, aos honorários do procurador e do advogado granadino e ao pagamento dos muitos informes necessários para promover a questão diante da Sala de Fidalgos.

– Eles pagarão – afirmou. – A mim não vão expulsar. Dei início a uma demanda de fidalguia – explicou diante da expressão de surpresa de Miguel. – Diga-o aos arrendatários. A única coisa que conseguirão é perder as terras se não pagarem. Diga-o também aos compradores dos

cavalos. – Havia falado com firmeza, mas de repente o cansaço se apoderou de seu rosto e de sua voz. – Preciso de dinheiro, Miguel – sussurrou.

Enquanto isso, as notícias acerca do processo de expulsão dos valencianos iam chegando a Córdova. As aljamas valencianas se transformaram em mercados a que acorreram especuladores de todos os reinos para comprar a baixo preço os bens dos mouriscos. O ódio entre as comunidades, até então latente e reprimido pelos senhores que defendiam seus trabalhadores e que agora, salvo raras exceções, se despreocuparam deles, explodiu com violência. De nada adiantaram as ameaças do rei aos que atacassem ou roubassem os mouriscos; os caminhos pelos quais transitavam em direção aos portos de embarque ficaram semeados de cadáveres. Longas fileiras de homens e mulheres, crianças e velhos – doentes alguns, todos carregando seus pertences como uma imensa comitiva de vendedores ambulantes derrotados – se encaminharam para o exílio. Os cristãos cobraram deles por sentar-se à sombra das árvores ou por beber a água de alguns rios que haviam sido seus durante séculos. A fome atingiu muitos deles, e alguns venderam seus filhos para conseguir algum alimento para manter o restante da família. Mais de cem mil mouriscos valencianos, fortemente vigiados, começaram a concentrar-se nos portos do Grao, Denia, Vinaroz ou Moncófar!

Hernando levantou a cabeça, surpreso. Algo grave devia estar acontecendo para que Rafaela irrompesse na biblioteca sem sequer bater à porta. Eram poucas as ocasiões em que sua esposa ia ao seu santuário enquanto ele trabalhava na escrita de um Corão, e em todas elas, sem exceção, era para tratar de alguma coisa importante. Ela se aproximou e ficou em pé diante dele, do outro lado da escrivaninha. Hernando a contemplou à luz das lâmpadas: teria pouco mais de trinta anos. Aquela moça assustada que ele havia conhecido nas cocheiras se

havia transformado em uma verdadeira mulher. Uma mulher que, a julgar por seu semblante, estava profundamente assustada.

– Você sabia do edito de expulsão dos valencianos? – inquiriu Rafaela.

Hernando sentiu os olhos de sua esposa cravados nele. Hesitou antes de responder.

– Sabia... Bem... – balbuciou –, sei o que todos sabem: que os expulsaram do reino.

– Mas não sabe as condições concretas? – prosseguiu ela, inflexível.

– Você se refere ao dinheiro?

Rafaela fez um gesto de impaciência.

– Não.

– Aonde você quer chegar, Rafaela? – Era raro vê-la naquela atitude tensa.

– Me contaram no mercado que o rei estabeleceu condições específicas para os casais compostos por cristãos-novos e velhos. – Hernando se ergueu na cadeira. Não conhecia tais detalhes. "Continue", instou-lhe com um gesto de mão. – As mouriscas casadas com cristãos-velhos estão autorizadas a permanecer na Espanha, e com eles seus filhos. Os mouriscos casados com cristãs-velhas devem deixar a Espanha... e levar consigo seus filhos com mais de seis anos; os que tiverem menos ficarão aqui, com a mãe.

Tremeu-lhe a voz ao dizer as duas últimas frases. Hernando apoiou os cotovelos na mesa, cruzou os dedos e deixou cair a cabeça neles. Isso significava que, se a ordem real o atingisse, expulsariam também Amin e Laila. Muqla e seus dois irmãos mais novos ficariam com Rafaela na Espanha para viver... de quê? Suas terras e sua casa seriam confiscadas, e seus bens...

– Isso não acontecerá na nossa família – afirmou contundentemente. As lágrimas corriam pelas faces de sua esposa sem que esta fizesse nada para detê-las. Toda ela tremia, com os olhos úmidos cravados nele. Hernando sentiu o estômago encolher-se. – Não se preocupe – acrescentou com doçura, levantando-se da cadeira. – Você sabe que dei

início a uma demanda de fidalguia e já me chegaram os primeiros papéis de Granada. Tenho amigos importantes ali, próximos ao rei, que advogarão por mim. Não nos expulsarão.

Aproximou-se dela e apertou-a contra o peito.

– Hoje... – Rafaela soluçou. – Essa manhã cruzei com meu irmão Gil ao voltar para casa. – Hernando franziu o cenho. – Riu de mim. Suas gargalhadas ressoavam à medida que eu apertava o passo para me afastar dele...

– E qual a razão desses risos?

– "Fidalgo?", perguntou aos gritos. Então me virei, e ele cuspiu no chão. – Rafaela rebentou num pranto. Hernando lhe instou que continuasse. – "O herege do seu esposo... jamais obterá a fidalguia!", assegurou.

Eles sabiam, pensou Hernando. Era de esperar. Miguel o teria dito aos arrendatários e aos nobres que pretendiam comprar os cavalos, e a notícia teria corrido de boca em boca.

– Mulher, ainda que não me concedam a fidalguia, só o fato de demandar já deterá a expulsão por anos. Depois... depois veremos. As coisas vão mudar.

Mas o choro de sua esposa era incontrolável; ela pôs as mãos no rosto, e seus lamentos romperam o silêncio da noite... Hernando, que se havia afastado de sua mulher, se pôs atrás dela e lhe acariciou o cabelo com ternura, esforçando-se por aparentar uma serenidade que estava muito longe de sentir.

– Tranquilize-se – sussurrou –, não nos acontecerá nada. Continuaremos todos juntos.

– Miguel tem um pressentimento... – sussurrou ela entre soluços.

– Os pressentimentos de Miguel nem sempre se realizam... Tudo vai dar certo. Tranquilize-se. Não acontecerá nada... – murmurou. – Acalme-se, as crianças não devem vê-la assim.

Rafaela anuiu e respirou fundo. Resistia a deixar os braços dele. Sentia um medo imenso, que só o contato com Hernando conseguia mitigar.

Hernando a viu sair da biblioteca enxugando as lágrimas, e um forte sentimento de ternura se apoderou dele. Havia aprendido a viver entre Fátima e Rafaela. Uma ele encontrava em suas orações, na mesquita, na caligrafia ou no momento em que escutava Muqla sussurrar alguma palavra em árabe, com seus imensos olhos azuis cravados nele à espera de aprovação. Rafaela ele encontrava em sua vida diária, em todas aquelas situações em que ele precisava da doçura e do amor; ela lhe atendia com carinho, e ele fazia o mesmo. Fátima se havia transformado numa espécie de farol que ele seguia em seus momentos de comunhão com Deus e sua religião.

A expulsão dos mouriscos valencianos estava sendo levada a efeito, ainda que não sem dificuldades. Transladar mais de cem mil pessoas exigia que os navios fossem e viessem entre a costa levantina espanhola e a Berbéria diversas vezes. Apesar dos três dias de prazo estabelecidos, passavam-se os meses, e esse atraso acarretou que, por meio das tripulações dos navios que voltavam e da maliciosa crueldade dos cristãos, que não hesitavam em difundi-las, começassem a chegar notícias da situação dos recém-chegados às costas africanas. Os mais afortunados, aqueles que desembarcavam em Argel, eram imediatamente levados para as mesquitas; uma vez ali, os homens eram dispostos em fila, examinavam-lhes o pênis e circuncidavam-nos ali mesmo, um após outro. Depois eles passavam a engrossar a mais baixa das castas da cidade corsária regida pelos janízaros, e eram empregados no trabalho das terras em condições infra-humanas.

Os menos afortunados foram cair nas mãos das tribos nômades ou berberes, que assaltaram, roubaram e assassinaram os que para eles não eram mais que cristãos: homens e mulheres que haviam sido batizados e que haviam renegado o Profeta. Dizia-se que cerca de três quartos dos mouriscos valencianos, mais de cem mil pessoas, haviam sido assassinados pelos árabes. Até em Tetuão e em Ceuta, cidades onde vivia um grande número de mouriscos andaluzes, torturaram e executaram os recém-chegados. Comunidades inteiras, clamando sua

cristandade, se aproximaram dos muros dos presídios espanhóis encravados na costa africana em busca de proteção. Centenas de mouriscos, aterrorizados e desiludidos, conseguiram voltar para a Espanha, onde se entregavam como escravos ao primeiro homem que encontrassem; os escravos estavam isentos de expulsão.

Também se dizia que grupos inteiros de viajantes foram despojados de seus bens e lançados à água em alto-mar. Nos mercados cristãos, as sardinhas começaram a ser compradas com o nome de "granadinas".

As notícias das macabras matanças berberes e dos demais infortúnios se propagaram entre os mouriscos valencianos que estavam à espera da expulsão. Duas comunidades se alçaram em armas. Munir levantou os homens do vale de Cofrentes, que sob o comando de um novo rei, chamado Turigi, se embrenharam no cume da Muela de Cortes. O mesmo fizeram outros milhares de homens e mulheres na Val de Aguar sob as ordens do rei Melleni. Mas o chefe Alfatimi, montado em seu cavalo verde, não foi em sua ajuda, e os experientes soldados dos terços do rei não tiveram problema algum para pôr fim à revolta. Milhares deles foram executados; outros tantos acabaram como escravos.

Antes do final desse mesmo ano se promulgou o edito de expulsão dos mouriscos das duas Castelas e da Extremadura. Os andaluzes sabiam que, em breve, seriam os seguintes.

Numa fria e instável manhã de janeiro, Hernando estava na biblioteca corrigindo as letras que Amin escrevia nas folhas betumadas em branco de seu caderno de memórias. Havia experimentado deixá-lo escrever com um cálamo, mas o menino borrava o papel com a tinta, razão por que era mais cômodo aquele caderno que se podia apagar o escrito e repetir as letras diversas vezes. Amin havia conseguido desenhar um álife esbelto e proporcionado. Hernando aprovou o trabalho com satisfação, ao mesmo tempo que lhe revolvia o cabelo. Muqla também se aproximou e olhou para o irmão mais velho com inveja.

– Se continuar assim, logo poderá escrever com o cálamo, procurando a sutil curvatura da ponta que mais se adapte aos movimentos de sua mão.

O menino o olhou com olhos cheios de esperança, mas, no exato momento em que ia dizer algo, atroadoras batidas na porta de entrada retumbaram no saguão, se estenderam até o pátio e subiram até a biblioteca. Hernando ficou imóvel.

– Abram para a municipalidade de Córdova! – ouviu-se da rua.

Após ordenar com um instante gesto que seu filho escondesse tudo, Hernando se dirigiu para a galeria de mão dada com o pequeno Muqla. Antes de deixar a biblioteca, verificou se Amin arrumava a escrivaninha, sobre a qual pôs um livro de salmos: eles o haviam ensaiado diversas vezes.

– Abram! – As batidas voltaram a retumbar.

Hernando se agarrou à balaustrada e olhou para o pátio. Rafaela estava de pé nele, assustada, interrogando-o com o olhar. – Vá – indicou-lhe antes de correr escada abaixo.

Chegou quando sua esposa acabava de abrir o trinco que fechava por dentro. Na rua, um aguazil e vários soldados rodeavam um homem de cerca de trinta anos, luxuosamente vestido. Atrás deles aparecia a cabeça de um sorridente Gil Ulloa, e atrás de todos, um enxame de curiosos. Hernando se adiantou para Rafaela, que mantinha o olhar fixo em seu irmão. Ele, por seu lado, tentava reconhecer o nobre; suas feições...

– Abram para a municipalidade – voltou a gritar o aguazil apesar de Hernando já estar na rua – e para seu vinte e quatro D. Carlos de Córdoba, duque de Monterreal.

O filho de D. Alfonso! Os traços de seu pai apareciam misturados com os de D. Lucía. A duquesa! À mera lembrança da mulher, do ódio que lhe professava, Hernando sentiu fraquejar-lhe os joelhos. Aquela visita não podia augurar nada de bom.

– É você Hernando Ruiz, cristão-novo de Juviles? – perguntou-lhe D. Carlos com aquela voz segura e autoritária com que os nobres se

dirigiam a quantos os rodeavam.

– Sim, sou eu. – Hernando esboçou um sorriso triste. – Bem o sabe Vossa Excelência.

D. Carlos não fez caso da observação.

– Por ordem do presidente do Real Tribunal de Granada, faço-lhe entrega da resolução da demanda de fidalguia a que tão temerariamente você deu início. – Um escrivão se adiantou e lhe entregou um conjunto de folhas de papel. – Sabe ler? – inquiriu o duque.

O papel queimava na mão de Hernando. Por que o próprio duque se havia dado ao trabalho de deslocar-se até sua casa para entregá-la quando podia tê-lo chamado à municipalidade? A curiosidade das pessoas, cada vez mais numerosas, lhe deu a resposta: queria que fosse um ato público. De rabo de olho percebeu que Rafaela cambaleava; ele lhe havia assegurado que aquele processo podia durar anos!

– Se não sabe ler – insistiu D. Carlos –, o escrivão procederá à leitura pública...

– Li livros cristãos para o pai de Vossa Excelência – mentiu Hernando, elevando a voz –, enquanto ele agonizava cativo na tenda de um arrais corsário, pouco antes de arriscar minha vida para libertá-lo.

Um murmúrio brotou do grupo de curiosos. D. Carlos de Córdoba, no entanto, não alterou o semblante.

– Guarde sua soberba para quando se achar em terra de mouros – respondeu o duque.

Hernando conseguiu segurar Rafaela no momento em que ela caía após ouvir as palavras do nobre. As folhas de papel se enrugaram ao contato com o corpo de sua esposa.

"Assim ordena D. Ponce de Hervás, ouvidor do Real Tribunal de Granada, responsável por sua Sala de Fidalgos." Hernando pôs Rafaela numa cadeira da galeria, umedeceu seu rosto e lhe deu um copo d'água, mas não pôde esperar que se recuperasse totalmente do

desmaio para ler o documento. D. Ponce! O esposo de Isabel! O ouvidor indeferia sua petição de fidalguia *ad limine*, sem sequer entrar a considerá-la, sem dar-lhe trâmite algum. "Cristão-novo público e notório", dizia em sua resolução, "como ele mesmo se declarou em reiterados escritos diante do arcebispado desta cidade de Granada. Sua obstinada defesa das matanças de piedosos cristãos, mártires das Alpujarras, no povoado de Juviles, comprova sua adesão à seita de Maomé." Recordou aquele primeiro escrito que havia feito chegar ao arcebispado de Granada e no qual efetivamente tentava desculpar as chacinas cometidas por *monfíes* e mouriscos nas Alpujarras. Tinham de aparecer justo agora todos aqueles que podiam dizer-se seus inimigos? D. Ponce, Gil Ulloa e o herdeiro do duque de Monterreal, criado por uma mulher que o odiava. Quem mais faltava? "A relação de fatos e circunstâncias em que o demandante pretende fundamentar sua fidalguia diante desta Sala não é mais que uma grosseira e inábil falsificação da realidade que não merece a menor atenção por parte deste tribunal." Vieram-lhe à mente as promessas de D. Pedro, Luna e Castillo. "Tudo pode ser falsificado!", haviam-lhe dito. De que havia adiantado para ele? D. Ponce de Hervás havia conseguido a sua vingança! Amassou o documento.

– Corno filho de puta! – exclamou.

Depois se encurvou na cadeira, derrotado. Os anos pareceram cair sobre ele de repente. Rafaela, a seu lado, estendeu o braço e descansou a mão em sua perna. O contato o angustiou. Olhou os dedos de sua esposa, longos e finos, a pele castigada por anos de trabalho em casa. Depois se virou para ela. Estava pálida. Ele continuou imóvel, paralisado. Rafaela se ajoelhou a seus pés e apoiou a cabeça em seu colo. Permaneceram um tempo assim: parados, de olhos fechados, como se se negassem a se abrir para aquela realidade que derrotava.

A sombra da expulsão pairou sobre a casa. A partir daquele dia, Hernando ficou mais atento aos passos de Rafaela, às conversas que

esta tinha com as crianças; a ouvia chorar sozinha. Uma noite, ao tomá-la entre os braços, ela o repeliu.

– Deixe-me, eu suplico – pediu-lhe ela após a primeira carícia.

– Agora devemos estar mais unidos que nunca, Rafaela.

– Não, por Deus! – soluçou ela.

– Mas...

– E se eu engravidar? Não pensa nisso? Para que queremos outro filho? – murmurou ela com amargura. – Para que dentro de alguns meses expulsem você e você me deixe grávida?

Pouco depois, Hernando, com o semblante triste e envelhecido, decidiu que esgotaria sua última possibilidade: iria a Granada, para falar com D. Pedro e os outros, com o arcebispo se fosse necessário.

Na manhã seguinte o comunicou a Miguel, que se havia instalado na casa de Córdova assim que havia sabido que o Tribunal rejeitava a demanda de fidalguia. No entanto, Hernando não o tinha ouvido contar nenhuma história, nem sequer para as crianças, que pressentiam que alguma desgraça se avizinhava e se mostravam tristes e caladas. O aleijado lhe abriu os portões para que saísse montado num potro veloz e resistente. Hernando estava disposto a galopar até Granada, a rebentar com o cavalo se fosse necessário. Mas não passou do beco.

– Aonde você pensa que vai? – um dos soldados de Gil o fez parar.

– A Granada – respondeu de cima do potro, refreando-o. – Para ver o arcebispo.

– Com que autorização?

Hernando lhe entregou a cédula. O homem a olhou com displicência. “Não sabe ler!”, esteve tentado a gritar-lhe. Em seu lugar, tentou explicar-lhe de que se tratava.

– É uma autorização do arcebispado de...

– Não serve – interrompeu-o o soldado ao mesmo tempo que rasgava a cédula ao meio.

– Que é que você está fazendo? – Era a sua última possibilidade! Hernando sentiu ferver-lhe o sangue. – Seu cão!

Instintivamente, Hernando estimulou o potro para que investisse contra o soldado e saltou dele para recolher os pedaços, mas, antes que tivesse posto os pés no chão, o outro soldado já o ameaçava com a espada. – Atreva-se! – desafiou-o o soldado.

Hernando hesitou. O primeiro já se havia recobrado da investida do cavalo e se punha ao lado ao outro, também com a espada desembainhada. O potro puxava as bridas, excitado. Hernando compreendeu que tudo era inútil.

– Só... só quero recolher os pedaços...

– Já lhe disse que não serve para nada. Você não pode deixar Córdova.

O soldado pisoteou os pedaços.

– Volte para casa – instou-lhe o segundo movendo a espada em direção ao beco.

Hernando regressou a pé e puxando o cavalo. Nos portões, ainda abertos, o esperava Miguel, que havia presenciado a cena.

Tentou comunicar-se por carta com Granada, mas não encontrou meio para fazê-lo. Os arrieiros, em sua maioria valencianos, haviam sido expulsos, bem como os de Castela, da Mancha e da Extremadura; os dois outros reinos tinham proibido que percorressem seus caminhos.

– Revistam-me cada vez que saio de casa – confessou-lhe Miguel, indignado e compungido. – Rafaela é sempre seguida de perto. É impossível...

– Por que eles não se põem em contato comigo? – queixou-se Hernando em voz alta. Em sua voz se percebia uma nota de desespero. – Devem saber que a demanda foi rejeitada.

– Ninguém pode se aproximar desta casa sem passar antes pelo controle dos homens do jurado – respondeu-lhe Miguel, tentando acalmá-lo. – Se tentaram, terão desistido.

Por outro lado, Hernando estava consciente de que nem D. Pedro nem nenhum dos tradutores se arriscaria a ir pessoalmente. Ele sabia que no ano anterior se havia publicado um livro, *Antiguidade e*

excelências de Granada, que enaltecia a linhagem dos Granadas Venegas, afirmando que seus membros tinham suas raízes cristãs nos godos. Uma das mais importantes famílias da nobreza muçulmana! Irônico! No livro, que havia conseguido passar pela censura real, assegurava-se que, após a tomada de Granada pelos Reis Católicos, se revelou ao predecessor de D. Pedro, Cidiyaya, o próprio Jesus Cristo em forma de uma milagrosa cruz no ar que o chamou a abraçar a religião de seus antepassados godos. Os Granadas Venegas renegaram o "Lagaleblila", *Wa la galib ilallah*, nazari, "Não há vencedor senão Deus", que havia constituído até então sua divisa nobiliária, e a trocaram por um cristianíssimo "*Servire Deo regnare est*". Quem iria pôr em dúvida a limpeza de sangue de uma família que, como São Paulo, havia sido assinalada por mão divina?

– Eles já conseguiram a sua salvação – sussurrou. – Que lhes pode importar um simples mourisco como eu?

O dinheiro se acabou, e também as provisões que eles mantinham na despensa; os arrendatários não lhes pagavam, e Rafaela tinha dificuldades para comprar comida. Ninguém lhe vendia nada fiado: nem os cristãos nem os mouriscos. Mas as dificuldades do dia a dia, e a fome de seus filhos pareciam ter-lhe dado a força que ia minguando em seu esposo.

– Venda os cavalos. A qualquer preço! – ordenou Hernando um dia a Miguel, depois de ouvir Muqla chorar dizendo que tinha fome.

– Já tentei – surpreendeu-o o aleijado. – Ninguém os comprará. Um negociante de confiança me assegurou que não conseguiria vendê-los nem por um mísero punhado de maravedis. O duque de Monterreal o proibiu. Ninguém quer problemas com um vinte e quatro e grande da Espanha.

Hernando balançou a cabeça.

– Talvez recuperem seu valor quando tudo isto tiver terminado – tentou consolar-se – e Rafaela possa vendê-los a bom preço.

– Não creio – negou o aleijado. Hernando abriu as mãos em sinal de impotência. Que outras desgraças podiam acontecer-lhes? – Senhor

– continuou Miguel –, já faz um bom tempo que não pagamos a palha, nem a cevada, nem ao ferrador ou ao fazedor de arreios, nem as diárias de moços e cavaleiros. No dia em que você faltar, se não antes, os credores cairão em cima de nós, e uma mulher sozinha... Não o imaginava? – acrescentou.

Hernando não respondeu. Que podia fazer? Como iam seguir em frente?

Miguel escondeu o olhar. Como pensava que ele mantinha a propriedade e os cavalos sem se endividar? Havia sido o próprio Hernando quem ordenara que os cavalos que estavam nas cocheiras de casa fossem mandados para a propriedade porque ali não podiam alimentá-los.

Tentaram vender a qualquer preço os móveis da casa e os livros de Hernando numa Córdova transformada num imenso mercado. Milhares de famílias mouriscas leiloavam seus pertences nas ruas, rodeados por cristãos-velhos que se divertiam regateando entre si para baixar os preços, escarnecendo de alguns homens e mulheres que esperavam com ira contida que alguém da multidão adquirisse aquele móvel que com tanta expectativa e esforço haviam conseguido comprar fazia alguns, ou as camas onde haviam dormido e sonhado com uma vida melhor. Os artesãos e os comerciantes, sapateiros, fazedores de bolinhos de chuva ou padeiros suplicavam a seus concorrentes cristãos que lhes comprassem suas ferramentas e suas máquinas. No entanto, nenhum cristão se aproximou dos livros e móveis que Hernando levou de casa e que Rafaela e as crianças vigiavam para que, pelo menos, não os roubassem.

Uma noite, tomado de desespero, Hernando foi procurar Pablo Coca; talvez pudesse ganhar algum dinheiro com o jogo, mas o *coimero* havia falecido. Então, e apesar de não ter licença, Miguel foi para as ruas a fim de pedir esmola. Os soldados que vigiavam os arredores se riam e escarneciam ao vê-lo voltar cada anoitecer, pulando com seus cajados, com algum maço de verduras podres num surrão às

costas. Enquanto isso, durante o dia, Hernando tentava conseguir audiência com o bispo, com o deão ou com qualquer dos prebendados do cabido da catedral de Córdova. O bispo podia salvá-lo se atestasse sua cristandade, e porventura ele não havia trabalhado para a catedral?

Esperou dias inteiros, em pé, no mesmo pátio de entrada da grande construção, como muitos outros mouriscos que queriam a mesma coisa, amontoados como em cacho.

– Vocês não conseguirão que ninguém os receba – repetiam-lhe os porteiros dia após dias.

Hernando sabia que iria ser assim, que nenhum daqueles sacerdotes lhes prestaria a menor atenção, tal como sucedia quando passavam ao lado deles. Alguns os olhavam, outros percorriam o pátio apressados tentando evitá-los. Mas o que ele podia fazer além de esperar algo dessa misericórdia que os cristãos tanto apregoavam? Não lhe ocorria nenhuma outra solução. Não existia! Os rumores acerca da data de expulsão dos mouriscos andaluzes aumentavam cada dia e, a menos que obtivesse o certificado da Igreja, Hernando estava condenado a deixar a Espanha junto com Amin e Laila.

Que seria do restante de sua família?, perguntava-se cada noite ao voltar cabisbaixo para casa e amontoar no saguão os mesmos móveis e os mesmos livros que com a ajuda de Rafaela haviam tirado de casa de manhã.

As crianças o esperavam como se sua mera presença pudesse solucionar todos aqueles problemas vividos durante o longo e tedioso dia de infrutífero mercado. E Hernando se obrigava a sorrir e a permitir que saltassem para seus braços, tentando transformar os impulsos de chorar em palavras de estímulo e de carinho, escutando suas urgentes conversas, inocentes e atropeladas. Os mais velhos deviam entender algo, pensava em meio à gritaria; os maiores não podiam ficar alheios à tensão e nervosismo que a cidade inteira vivia, mas eram incapazes de imaginar as consequências daquela expulsão para uma família como a sua. Depois esperavam os restos que Miguel traria para jantar e, com as crianças já dormindo e o aleijado discreta e

voluntariamente retirado, Hernando e Rafaela se falavam em silêncio, sem que nenhum dos dois ousasse expor a situação de modo nu e cru.

– Amanhã vou conseguir – afirmava Hernando.

– Com certeza o fará – respondia-lhe Rafaela buscando o contato de sua mão.

Amanhecia e voltavam a levar para a rua os móveis e os livros. As crianças, remoinhadas em torno da mãe, os viam ir-se: Miguel para mendigar, Hernando para o palácio do bispo.

– Pelos cravos de Jesus Cristo, ajudai-me!

Hernando saltou do grupo de mouriscos e se ajoelhou no pátio à passagem do deão da catedral. O prebendado parou e o olhou. As roupas de Hernando delatavam de quem se tratava; seus problemas com a municipalidade o precediam.

– Foi você quem desculpou as matanças dos mártires das Alpujarras e é filho de uma herege, não? – disse-lhe o deão.

Hernando tentou aproximar-se do homem, arrastando-se de joelhos, com os braços estendidos. O preboste recuou. Os porteiros correram para ele.

– Eu... – chegou a balbuciar antes de os porteiros o agarrarem pelas axilas e o devolverem ao grupo.

– Por que não procura ajuda em seu falso profeta? – ouviu gritar às suas costas o deão. – Por que não o fazem todos vocês? – gritou para os outros mouriscos. – Hereges!

67

No domingo 17 de janeiro de 1610, dia de Santo Antão, publicou-se e apregoou-se na cidade de Córdova o edito de expulsão dos mouriscos de Múrcia, Granada, Jaén, Andaluzia e vila de Hornachos. O rei proibiu que os cristãos-novos levassem de seus reinos qualquer tipo de moeda, ouro, prata, joias ou letras de câmbio, excluindo o dinheiro necessário para seu sustento durante a viagem ao porto de Sevilha – no caso dos cordoveses – e para a passagem do navio, que deveriam pagar eles mesmos, cabendo aos mais ricos o custo dos mais humildes. Depois de malbaratar seus utensílios e ferramentas de trabalho, os mouriscos se lançaram à compra, agora a preços superiores aos de mercado, de mercadorias leves que eles pudessem transportar: panos, sedas ou especiarias.

Reunidos na sala de jantar, ao redor de pães ázimos dormidos de que Rafaela tentava raspar o bolor, Hernando se preparou para explicar a seus filhos o que aconteceria com sua família a partir do anúncio que todos tinham ouvido.

– Meus filhos...

Sua voz se rompeu. Olhou-os um a um: Amin, Laila, Muqla, Musa e Salma. Tentou falar, mas o venceu a tensão acumulada durante meses, levou as mãos ao rosto e explodiu em choro. Por um tempo ninguém se mexeu, as crianças assustadas com os olhos cravados em seu pai. Laila e a pequena Salma começaram a chorar também. Então Miguel se levantou desajeitadamente e fez menção de levar dali os dois menores.

– Não – opôs-se Rafaela. Seu semblante denotava uma imensa fadiga, mas sua voz conservava a calma. – Sentem-se todos. Vocês têm de saber – continuou depois de Miguel voltar para deixar-se cair na cadeira – que dentro de pouco tempo seu pai, Amin e Laila partirão de Córdova. Os outros ficarão aqui, comigo.

Rafaela tirou forças de seu íntimo para esboçar um sorriso. Salma, incapaz de entender o que estava acontecendo, sorriu também. – Quando voltarão? – perguntou o pequeno Musa. Hernando ergueu por fim o rosto e trocou um olhar com Rafaela. – Será uma viagem muito longa – respondeu esta. – Vão para um lugar muito, muito distante...

– Mãe. – A voz do mais velho rompeu o silêncio que se seguiu às palavras de Rafaela. Ele, sim, havia ouvido atentamente o anúncio e entendia seu significado; sabia que os expulsavam da Espanha, que não se tratava de uma viagem de que pudessem regressar, "sob pena", havia gritado o pregoeiro, "se não o fizerem e cumprirem, e forem achados nos referidos meus reinos e senhorios, de maneira que seja, passado o dito prazo, de incorrer em pena de morte e confiscação de todos os seus bens, a quais penas os dou por condenados automaticamente, sem outro processo, sentença, nem declaração". Matá-los-iam se voltassem! Ele o havia entendido perfeitamente: qualquer cristão podia matá-los se voltassem, sem julgamento, sem ter de dar explicação alguma. – Por que não podem ir conosco, vocês, o tio Miguel e os outros?

– Isso! Vamos todos – disse Musa.

Rafaela suspirou. A inocência de seu filho menor a enternecia. Como iria explicar-lhes isto? Procurou ajuda em seu marido, mas Hernando continuava em silêncio, com o olhar perdido, como se não estivesse ali.

– Deus assim o dispôs – respondeu a Amin.

– Foi o rei! – contradisse-a Laila.

– Não. – Todos se viraram para Hernando. – Foi Deus, como bem diz sua mãe.

Rafaela o olhou, agradecida.

– Filhos – continuou ele, recuperando a inteireza –, Deus dispôs que devemos nos separar. Vocês, os menores, vão ficar aqui, em Córdova, com sua mãe e o tio Miguel. Os mais velhos vão comigo para a Berbéria. Rezemos todos – Hernando fitou então os olhos em Rafaela –, rezemos ao Deus de Abraão, ao Deus que nos une, para que um dia,

em sua bondade e misericórdia, permita que nos reencontremos. Rezem também à Virgem Maria; encomendem-se sempre a ela em suas orações.

Ao terminar de falar, deparou com os olhos azuis de Muqla cravados nele. Tinha apenas cinco anos, mas parecia compreender.

Ao anoitecer, Hernando se sentou ao lado de Rafaela no centro do pátio, junto à fonte, sob um frio céu estrelado, e chamou os dois mais velhos para explicar-lhes o porquê da separação:

– Os cristãos não permitem que sua mãe, cristã-velha, ou que seus irmãos, os de menos seis anos que foram batizados, vão para a Berbéria. Consideram que os que têm mais de seis anos são irrecuperáveis para o cristianismo e por isso os expulsam junto com seus pais. Daí a separação.

– Fujamos todos! – insistiu Amin com lágrimas nos olhos. – Venha conosco, mãe – suplicou.

– O irmão de sua mãe, o jurado, nunca o permitirá – disse Hernando.

– Por quê?

– Meu filho, há coisas que você não pode entender ainda.

Amin não disse mais nada. Tentou reter uma lágrima, era o mais velho dos irmãos, mas se aproximou da mãe e procurou seu carinho. Laila se sentara aos pés de Rafaela. Hernando os olhou: Rafaela segurou a mão de seu filho mais velho ao mesmo tempo que acariciava o cabelo de Laila. Esse momento não voltaria a repetir-se. Quantos momentos como aqueles ele teria perdido ao longo dos anos, sempre encerrado na biblioteca, estudando, escrevendo e lutando pela ansiada convivência religiosa? Então recordou as canções de ninar que sua mãe cantarolava nas poucas ocasiões em que podia demonstrar-lhe seu amor e entoou as primeiras notas. Amin e Laila se viraram para ele, surpresos; Rafaela procurou controlar o tremor dos lábios. Hernando sorriu para seus filhos, levantou o olhar para o céu e voltou a cantarolar aquelas canções de ninar em meio ao constante rumor da água que brotava da fonte.

Depois, quando conseguiram que as crianças se deitassem, os dois permaneceram parados, tentando ouvir a respiração um do outro.

– Farei chegar a você dinheiro suficiente – prometeu Hernando após um longo tempo de silêncio. Rafaela ia dizer algo, mas ele o impediu com um gesto. – As terras e esta casa ficarão para a fazenda real, como você ouviu o pregoeiro dizer. Os cavalos serão tomados para saldar dívidas. Não temos nada mais, e você ficará aqui com três crianças para alimentar. – O fato de dizê-lo em voz alta o tornou mais real, mais tangível, mais tremendo.

Rafaela suspirou. Não podia permitir que ele desabasse nesses momentos.

– Eu me arranjarei – sussurrou, apertando-se contra ele. – Como vai me mandar dinheiro? Você já terá bastantes problemas para tocar a vida com os dois mais velhos. Que vai fazer? Domar cavalos? Na sua idade?

– Por acaso duvida que eu possa fazê-lo? – Hernando retesou os músculos e tentou imprimir certa leveza a suas palavras; Rafaela lhe respondeu com um sorriso forçado. – Não. Não creio que me dedique aos cavalos. Os pequenos cavalos árabes... talvez sejam excelentes para o deserto, mas não se parecem em nada com os de pura raça espanhola. Conheço o árabe culto e sei escrever, Rafaela. Creio que o faço muito bem, sobretudo se disso depender a vida de meus filhos... e a sua. Deus me guiará o cálamo, tenho certeza. O trabalho de escriba é muito valorizado entre os muçulmanos.

Ela não aguentou mais. Estava o dia todo fingindo diante das crianças, sufocando seus medos. Então, na penumbra da noite, deu rédea solta a seu desespero.

– Matam todos os que chegam à Berbéria! E os que eles não assassinam são explorados nos campos. Como você pode pensar...?

Hernando voltou a pedir-lhe silêncio.

– Isso é nas cidades corsárias ou em terras berberes. Eu sei que em Marrocos os mouriscos estão sendo bem recebidos. É um reino inculto,

e seu monarca entendeu que pode beneficiar-se dos conhecimentos dos *andalusíes*. Posso encontrar trabalho na corte, e talvez um dia você...

Rafaela se mexeu, inquieta. Ele estava consciente do que ela pensava: poucas vezes haviam falado de suas crenças, de suas diferentes religiões. Mas a possibilidade de ver-se obrigada a viver num território muçulmano a aterrava.

– Não continue – interrompeu-o Rafaela. – Hernando, eu nunca me meti com suas crenças, nem sequer quando você fazia os nossos filhos participar delas. Não me peça que renuncie eu às minhas. Você já sabe que, no dia em que você faltar, seus filhos serão educados na fé cristã.

– A única coisa que lhe peço – prosseguiu Hernando – é que, no dia em que Muqla tiver suficiente uso da razão, lhe entregue o Corão que eu escrevi. Eu o esconderei em algum lugar seguro até então.

– Então ele já será cristão, Hernando – murmurou sua esposa.

– Continuará sendo Muqla, o menino de olhos azuis. Ele saberá o que fazer. Prometa-me.

Rafaela ficou pensativa.

– Prometa-me – insistiu Hernando.

Ela assentiu com um beijo.

Desde que ambos os esposos aceitaram que a situação era irreversível, que já nada podiam fazer para mudá-la, os dias se sucederam numa inquietante harmonia. Hernando tampouco deixou de ir à mesquita para rezar ocultamente, como sempre. No entanto, algo havia mudado: já não tentava encontrar aquela estranha simbiose com Fátima; suas preces invocavam a ajuda de Deus para Rafaela e para os filhos que iam ficar em Córdova. Havia pensado em ir a Tetuão com Amin e Laila, reencontrar-se com Fátima e pedir-lhe ajuda; esteve prestes até a mandar recado para Efraim, mas as palavras do judeu ressoaram em seus ouvidos: "Vão matá-lo." E se matassem também a seus filhos? Tetuão não havia recebido bem os mouriscos; Shamir e Francisco estariam vigilantes diante da chegada maciça dos andaluzes.

Encolheu-se-lhe o estômago ao mero pensamento de seus filhos alanceados pelos corsários.

Passeou pela mesquita. Ali, no templo entre cujo mágico bosque de colunas jamais deixaria de ressoar o eco das orações dos verdadeiros crentes, decidiu esconder seu valioso Corão para que um dia o pequeno Muqla o recuperasse; era o lugar apropriado, e ele estava certo de que Muqla o conseguiria. Tinha de ser assim!

Mas onde fazê-lo?

– Você ficou louco? – exclamou Miguel após ouvir seu plano.

– Não é loucura – respondeu Hernando com tal determinação, que o aleijado não pôde ter a menor dúvida acerca da seriedade da proposta. – Será a melhor história que você já contou. Preciso de vocês, de você... e de Amin.

– Mas meter o menino nisso...

– É obrigação dele.

– Você está consciente de que, se nos descobrirem, a Inquisição nos queimará vivos? – murmurou Miguel.

Hernando anuiu.

Nessa mesma manhã, os três foram à mesquita. Hernando, provido de uma resistente alavanca de ferro e de um maço escondidos debaixo da roupa; Amin, com as folhas ainda não encadernadas do exemplar do Corão, também escondidas, apertadas contra o peito; e Miguel com seus cajados, andando aos pulinhos. Pai e filho se postaram reverentemente diante da capela de São Pedro, o profanado *mihrab*, e fingiram rezar enquanto o aleijado o fazia um pouco atrás, às suas costas, entre a Capela Real e a de Villaviciosa. O tempo transcorreu com Hernando sentindo o suor ensopar a mão com que segurava as ferramentas e com o olhar fixo naquela capela diante da qual tanto havia rezado. Seu frontal estava fechado por uma parede de alvenaria e pequenos silhares em grande parte do espaço que havia entre os intercolúnios da mesquita; na extremidade da parede, bem em frente ao *mihrab*, a capela era fechada com duas grades que iam até os

capitéis. Atrás da parede e da grade ficava o sarcófago de D. Alfonso Fernández de Montemayor, comandante militar da fronteira. Era um grande, mas simples, sepulcro de mármore branco, sem inscrições, desenhos ou adornos; apenas uma faixa adragantada que atravessava sua tampa. Metade do sarcófago era visível para além da grade; a outra metade estava oculta atrás da parede. Várias vezes, Hernando se virou para Amin; o rapaz não demonstrava nervosismo algum; permanecia parado a seu lado, erguido, sóbrio e orgulhoso, murmurando Padre-Nossos e Ave-Marias. Uma multidão de fiéis e sacerdotes passava ao lado deles. Seria verdade que era uma loucura?, pensou então. Tanta gente...

Não teve oportunidade de continuar perguntando-se. Como era seu costume, o beneficiado da capela de São Pedro se dirigiu para abrir o ferrolho das grades para preparar a missa. Hernando hesitou. Olhou para trás e Miguel lhe sorriu, estimulando-o a decidir-se, apoiando-o; Amin lhe deu um suave golpe com o ombro para indicar-lhe que o sacerdote acabara de abrir a grade. Então fez um gesto de assentimento para o aleijado.

– Deus! – ressoou na mesquita. As pessoas se voltaram para onde um aleijado dançava excitado sobre seus cajados. – Estava aí! Eu o vi!

Alguns fiéis rodearam Miguel. Seus gritos continuaram. Hernando mantinha o olhar entre o aleijado e a grade de São Pedro; o sacerdote já havia saído, alarmado, e observava parado junto às grades.

– Seu bondoso rosto estava atrás de uma pomba branca!... – continuava gritando Miguel.

Hernando não pôde evitar um sorriso. A credulidade das pessoas sempre o surpreendia. Uma velha caiu de joelhos fazendo o sinal da cruz.

– Sim! Eu o vejo! Eu também o vejo!

Muitos outros gritaram, abafando a voz de Miguel. As pessoas se ajoelhavam e apontavam para a cúpula do altar-mor, atrás da capela de São Pedro, ali onde Miguel continuava afirmando que havia visto uma pomba branca. O sacerdote correu para o grupo, para o qual já se

dirigia um grande número de religiosos com suas vestimentas talares revoluteando.

– Agora – indicou Hernando ao filho.

Em poucos passos já estavam no interior da capela. Hernando se dirigiu para a cabeceira do sarcófago do comandante, escondida pela parede. O sarcófago não estava selado, como ele havia julgado ver no dia anterior, mas, quando pegou a alavanca e a pôs debaixo da grande tampa, lhe pareceu impossível levantá-la. Envolveu a ponta da ferramenta com suas roupas para amortecer o barulho e bateu com a maça. A tampa apenas descascou; mas por fim a ponta se introduziu o suficiente para alavancar. Pesava demais. Não ia conseguir. A gritaria continuava, e ele se deu conta então da idade que tinha: cinquenta e seis anos. Não era mais que um velho pretendendo levantar a enorme e pesada tampa de um sarcófago. Amin esperava a seu lado, parado, com os papéis na mão. Hernando pensou que não conseguiria levantá-la jamais.

– Alá é grande – disse entre dentes.

Empurrou quanto pôde, mas a tampa nem sequer se mexeu. Amin contemplava o esforço do pai.

– Alá é grande – sussurrou ele também.

Então o rapaz jogou seu corpo sobre o ferro.

– Tu que dás poder – invocou Hernando –, o Forte e o Firme, ajuda-nos!

A tampa se ergueu à altura de um dedo.

– Enfie-os aí! – instou a seu filho com os dentes cerrados e o rosto congestionado.

Assim como estava, em cima da alavanca, Amin começou a introduzir pequenos conjuntos de folhas; pela estreita abertura não entraria tudo de uma vez.

– Continue! – animava-o Hernando. – Rápido!

Faltavam poucas folhas, e agora só ressoavam os gritos de Miguel num arroubo de imaginação.

– Padre! – ouviu quase junto às grades.

Hernando esteve prestes a deixar cair a tampa. Amin ficou com umas folhas apenas meio introduzidas. Era a voz de Rafaela!

– Padre! – voltou a ouvir-se quase na entrada da capela.

Rafaela se ajoelhou diante do sacerdote que retornava e se agarrou à orla de sua batina para detê-lo. – Livrai meu esposo e meus filhos da deportação! – gritou. Hernando apressou Amin. Só restavam algumas folhas. As mãos do rapaz tremeram, e ele não conseguiu introduzi-las. – São bons cristãos! – suplicava Rafaela.

– De que está me falando, mulher?

O religioso fez menção de prosseguir, mas Rafaela se lançou a seus pés e os beijou.

– Por Deus! – soluçava. – Salvai-os!

A mulher lutou para impedir que o sacerdote seguisse seu caminho até que este conseguiu safar-se violentamente e entrou na capela seguido de uma Rafaela que saltou atrás dele e fechou os olhos assim que passou pelas grades.

– Que fazem aqui?

Com o estômago encolhido, Rafaela abriu os olhos: Hernando e Amin estavam ajoelhados, rezando diante do altar e do retábulo que descansava sobre ele, na cabeceira do sarcófago. De costas para o padre, Hernando punha as ferramentas entre suas roupas, enquanto com a outra mão tentava esconder sob o sarcófago os pequenos fragmentos da tampa que haviam caído no chão. Amin se deu conta do que pretendia e o imitou.

– Que significa isso? – insistiu o sacerdote.

– São bons cristãos – repetiu Rafaela atrás dele.

Hernando se levantou.

– Padre – arguiu, empurrando o último dos fragmentos com o pé –, rezávamos pedindo a intercessão do Senhor. Não merecemos a expulsão. Nós, meu filho e eu...

– Não é problema meu – respondeu-lhe secamente o sacerdote, ao mesmo tempo que verificava se não faltava nada no altar. – Fora daqui – ordenou quando se deu por satisfeito.

Saíram os três. A alguns passos da capela, Hernando se apercebeu de que tremia. Fechou os olhos com força, respirou fundo e tentou controlar-se. Ao abri-los, topou com os de sua esposa.

– Obrigado – sussurrou-lhe. – Como sabias o que eu iria fazer?

– Miguel acreditou que a ajuda dele não seria suficiente e me aconselhou que estivesse por aqui.

Na capela de São Pedro, o padre pisou no pó que restava no chão e amaldiçoou aqueles mouriscos sujos. Lá fora, cercado de sacerdotes e de um grupo cada vez maior de fiéis, alguns ajoelhados, outros rezando e fazendo o sinal da cruz sem parar, Miguel continuava com sua infindável história, gesticulando com a cabeça à falta de mãos com que apontar para onde havia visto a imponente espada de fogo com que Cristo celebrava a expulsão dos hereges de terras cristãs. Assim que o aleijado avistou Hernando, Rafaela e Amin, deixou-se cair no chão como se tivesse desmaiado. No chão, encolhido, continuou com sua pantomima e entrou em violenta convulsão.

Atravessaram a mesquita para o Pátio das Laranjeiras. Talvez os cristãos conseguissem expulsá-los da Espanha, das terras que haviam sido suas por mais de oito séculos, mas na mesquita de Córdova, diante de seu *mihrab*, ainda obrava a palavra revelada em honra do único Deus.

Assim que passaram pela Porta do Perdão, entre as pessoas, Rafaela parou e fez menção de dirigir-se a ele.

– Já sabe onde está escondido – adiantou-se seu esposo.

– Como é que Muqla vai conseguir tirar esse livro dali?

– Deus disporá – interrompeu-a antes de pegá-la carinhosamente no braço e encaminhar-se para casa. – Agora, a Palavra está onde tem de permanecer até que nosso filho se encarregue do meu labor.

No meio da tarde, Miguel voltou.

– Ao despertar na sacristia – explicou com uma simpática piscadela –, eu lhes disse que não me lembrava de nada.

– E? – inquiriu Hernando.

– Eles enlouqueceram. Repetiram-me a seu modo tudo quanto eu explicara. Quão pouca imaginação têm esses sacerdotes! Nem sequer tendo ouvido a história são capazes de reproduzi-la corretamente. Uma espada de ouro!, afirmavam. Estive prestes a corrigi-los, dizer-lhes que era de fogo, e revelar-me. Só pensam em ouro! Mas me deram um bom vinho para me reanimar e ver se eu me lembrava de algo.

– Obrigado, Miguel. – Hernando ia dizer-lhe que da próxima vez não o contasse a Rafaela, mas se deteve. Que outra vez?, lamentou-se para si. – Obrigado – repetiu.

Como se Deus tivesse querido premiar aquela obra, uma noite Miguel apareceu em casa com meio cabrito, verduras frescas, azeite, um pouco de especiarias, ervas, sal, pimenta e pão branco.

– Que...? De onde você tirou tudo isso? – inquiriu Hernando remexendo no surrão que o aleijado carregava nas costas.

Rafaela e as crianças o rodearam também.

– Parece que algo dessa sorte esquiva decidiu nos sorrir – respondeu Miguel.

Os deportados necessitavam de meios de transporte para as mercadorias que podiam levar e para suas mulheres, filhos ou velhos no que seria uma longa viagem. Já restavam poucos dos cerca de quatro mil arrieiros mouriscos que percorriam os caminhos da Espanha; a maioria deles havia sido expulsa, e os que ainda não o tinham sido permaneciam em casa à espera da expulsão, ou até haviam vendido aquelas mulas ou asnos que não podiam levar consigo.

– Está se pagando muito por uma simples mula – explicou com os olhos fitos em Rafaela e nas crianças, que já corriam com as viandas em direção à cozinha.

Enquanto mendigava, Miguel havia presenciado como licitavam vários homens para contratar o uso de uma simples mula. Eles dispunham de dezesseis bons cavalos!, pensou então. Eram animais grandes e fortes, capazes de transportar muito mais peso que um asno ou uma mula.

– Nunca serviram como bestas de carga – hesitou Hernando.

– Mas o farão, por Deus, o farão!

– Vão se encabritar – objetou Hernando.

– Não lhes darei de comer. Vou mantê-los por alguns dias só à base de água e, se se encabritarem...

– Não sei. – Hernando imaginou seus magníficos exemplares carregados de fardos, com duas ou três pessoas no lombo no meio de um mar de gente muito maior que o que veio de Granada após a guerra das Alpujarras. – Não sei – repetiu.

– Pois eu, sim, sei. Já fechei negócios. Há quem pague até sessenta reais por cada jornada de caminho, incluídas as de volta. Conseguiremos muitos ducados. – Hernando, sério, mantinha o olhar fixo no aleijado. – Já paguei a dívida que tínhamos com os fornecedores e contratei pessoal para o caminho. Quando voltarem de Sevilha, os cavalos estarão livres de dívidas, e Rafaela poderá vendê-los... se o duque permitir. Também disporá de dinheiro enquanto isso, e você terá para a viagem, além do que lhe permitirem levar da Espanha.

Hernando pensou nas palavras de Miguel, cedeu e lhe afagou as costas.

– Ultimamente venho lhe dizendo obrigado vezes demais.

– Você se lembra de quando me encontrou aos pés de Voador, na pousada do Potro? – Hernando anuiu. – Desde aquele dia não é preciso que me agradeça nada... mas gosto de ouvir como o diz! – acrescentou sorrindo diante do semblante emocionado de seu senhor e amigo.

68

Passou menos de um mês desde que se promulgou o edito de expulsão dos mouriscos andaluzes até que os cordoveses foram obrigados a deixar a antiga cidade dos califas. Nesse pequeno espaço de tempo, poucas diligências puderam fazer-se diante do rei para que suavizasse a medida. Mais ainda: a municipalidade decidiu não recorrer a Sua Majestade demandando indulgência para os cristãos-novos: a ordem devia ser cumprida sem exceções.

A fortaleza que Rafaela havia demonstrado durante a espera desapareceu no dia anterior ao indicado pelas autoridades para a expulsão. Então a mulher se entregou ao choro e ao desespero. As crianças, das quais já não tentava esconder-se, terminaram acompanhando-a em sua dor. Ao contrário do que havia feito alguns dias antes, Hernando mentiu para os pequenos: eles voltariam, assegurou, era apenas uma viagem curta. Mas depois se escondia, para não verem seus olhos prestes a derramar as mesmas lágrimas que enchiam os de sua mãe. Entre brincadeiras forçadas e histórias contadas por Miguel, entregou ao pequeno Muqla o caderninho betumado para que escrevesse. Aos cinco anos, o menino traçou um delicado álife como os que havia visto seu irmão escrever. Por quê, Deus?, perguntou Hernando antes de apagá-lo com tristeza.

Por fim, enquanto preparava uma trouxa onde levaria os pertences que os autorizavam a levar consigo, Hernando tirou de seu esconderijo atrás da parede falsa a mão de Fátima e o exemplar do evangelho de Barnabé que havia achado no velho minarete do palácio do duque. Guardou o evangelho na bolsa – pensava escondê-lo debaixo da sela de um dos cavalos, tal como faziam com os papéis que lhes chegavam de Xátiva – e iria fazer o mesmo com a joia proibida, mas antes a levou

aos lábios e a beijou. Ele o havia feito muitas vezes, mas nesta ocasião a apertou com força nas mãos, como se resistisse a soltá-la.

De noite, os dois deitados na cama, Rafaela já com os olhos secos, deixaram passar as horas em silêncio, como se pretendessem saturar-se de lembranças: de cheiros; dos rangidos noturnos da madeira; do salpicar da água, embaixo, no pátio; dos esporádicos gritos noturnos que das ruas vinham romper a quietude da noite cordovesa ou do compassado respirar de seus filhos, que ambos julgavam ouvir mesmo à distância.

Ela se apertou contra o corpo do marido. Não queria pensar que aquela seria a última noite em que compartilhariam aquela cama, que a partir de então ela dormiria sozinha. A palavra surgiu de seus lábios quase sem que ela a pensasse.

– Possua-me – pediu-lhe de repente.

– Mas... – Hernando lhe acariciou o cabelo.

– Uma última vez – sussurrou ela.

Hernando se virou para a esposa, que se havia sentado. Para sua surpresa, Rafaela tirou a camisola e lhe mostrou os seios. Depois se deitou, nua, despojada já de toda timidez.

– Aqui estou eu. Nenhum homem me verá nunca como você me vê agora.

Hernando beijou seus lábios, primeiro com doçura, depois levado por uma paixão que fazia tempo que não sentia. Rafaela o trouxe para si, como se quisesse retê-lo para sempre.

Depois de fazerem amor, permaneceram abraçados até a madrugada. Nenhum dos dois conseguiu pegar no sono.

Os gritos da rua e as batidas na porta os fizeram emudecer. Tinham acabado de desjejuar e estavam todos reunidos na cozinha, com os volumes dos que iriam amontoados num canto. Era pouco o que Hernando havia reunido para tão longa viagem, pensou Rafaela mais uma vez, ao dirigir o olhar para um pequeno baú e várias trouxas. Não

queria chorar de novo. Mas, antes que voltasse a atenção para sua família, Amin e Laila se abalançaram para ela e a abraçaram, agarrando-se à sua cintura, querendo que ninguém os separasse.

As palavras, entrecortadas, se mesclaram com os soluços. As batidas na porta ressoaram de novo.

– Abram para o rei!

Somente o pequeno Muqla mantinha uma estranha serenidade; seus olhos azuis estavam fixos nos de seu pai; os dos menores se uniram então aos prantos. Rafaela se rendeu por fim, e chorou abraçada a seus filhos.

– Temos de ir – disse Hernando depois de pigarrear, sem poder resistir ao intenso olhar de Muqla. Ninguém lhe fez caso.

– Vamos – insistiu, ao mesmo tempo que tentava separar os mais velhos de sua mãe.

Só o conseguiu quando Rafaela se uniu a seu empenho. Hernando pôs nas costas o pequeno baú e uma das trouxas, e Amin e Laila pegaram as que restavam. A estreita ruela para a qual dava a casa lhes apresentou um espetáculo desolador: as milícias cordovesas se haviam dividido por paróquias sob o comando dos jurados de cada uma delas e percorriam as ruas de casa em casa em busca dos mouriscos recenseados. Atrás de Gil Ulloa e dos soldados que esperavam em frente à porta, uma longa fileira de deportados com seus pertences se estendia na rua, todos esperando que Hernando e seus filhos se juntassem à coluna antes de irem para a casa seguinte da lista.

– Hernando Ruiz, cristão-novo de Juviles, e seus filhos Juan e Rosa, de mais de seis anos.

As palavras saíram de boca de um escrivão que, provido do recenseamento da paróquia, acompanhava Gil e seus soldados. A seu lado estava o pároco de Santa María.

Hernando anuiu enquanto verificava que seus filhos não tinham voltado a abalançar-se para sua mãe, que havia ficado parada na porta, mas Amin e Laila não conseguiam desviar o olhar da coluna de

deportados que permaneciam em silêncio, submetidos e humilhados, atrás dos soldados.

– Vão com os outros mouros! – ordenou Gil.

Hernando se virou para Rafaela. Já não tinham mais nada para se dizerem, depois daquela última noite. Abraçou os três pequenos que ficavam com ela. "Meus filhos!", pensou com o coração oprimido enquanto os enchia de beijos.

– Vão! – insistiu o jurado.

Com os olhos avermelhados, Hernando apertou os lábios; não havia palavras com que despedir-se de uma família. Ia obedecer a ordem quando Rafaela saltou para ele, lhe pôs as mãos em volta do pescoço e o beijou na boca. O baú e a trouxa que seu esposo carregava caíram no chão quando ele acolheu seu abraço. Foi um beijo apaixonado que enfureceu seu irmão Gil. Os soldados que estavam com ele observavam a cena. Alguns balançaram a cabeça, compadecendo-se de seu chefe: a irmã dele, cristã-velha, beijando avidamente um mouro. E em público!

Gil Ulloa se aproximou do casal e tentou separá-los com violência, mas nada conseguiu. Imediatamente, vários soldados foram em ajuda dele e começaram a bater em Hernando. Este fez menção de se virar, mas os golpes se abateram com mais força. Rafaela caiu no chão com um gemido; Amin foi em defesa de seu pai e deu um pontapé num dos soldados.

O último soco de Gil Ulloa atingiu um Hernando que, vencido e sangrando pelo nariz, foi posto diante dele, imobilizado por seus homens. Amin também sangrava, no lábio.

– Cão mouro! – disse entre dentes Gil depois de socá-lo com fúria no rosto.

Rafaela, já de pé, se aproximou para defender o esposo, mas Gil a afastou com um manotaço.

– Confiscai esta casa em nome do rei! – ordenou então ao escrivão.

Hernando, aturdido, quis protestar, mas os soldados lhe bateram de novo e o arrastaram para o grupo de mouriscos que presenciava a

contenda. Amin e Laila foram empurrados atrás de seu pai. Gil deu ordem de prosseguir, e os deportados se puseram em movimento. Hernando e seus filhos pegaram seus pertences enquanto a coluna de mouriscos, ladeada por soldados, desfilava diante da casa.

– Deus! Não! – gritou Rafaela à passagem de seu esposo. – Eu amo você, Hernando!

No meio de seus irmãos de fé, Hernando quis responder, mas o empurrão dos que o seguiam o impediu. Tentou virar-se: foi impossível. Pai e filhos se viram arrastados pela multidão.

No final da manhã, cerca de dez mil mouriscos cordoveses haviam sido reunidos nas cercanias da cidade, no campo de la Verdad, na outra extremidade da ponte romana. As milícias cordovesas os cercavam e vigiavam. Miguel também se encontrava ali, com sua mula e os cavalos completamente carregados de fardos, para controlar o que havia combinado com os mouriscos; seria ele quem teria de voltar de Sevilha com animais e dinheiro.

"Por que não?" Fátima se permitiu lançar a pergunta no ar, em voz alta, sozinha no salão. "Por que não?", repetiu sentindo um suave calafrio. Já fazia bastante tempo que Efraim havia deixado o palácio após comunicar-lhe as últimas notícias relativas a Córdova. Ela mesma lhe havia urgido a inteirar-se do que iria suceder a Ibn Hamid quando os primeiros mouriscos valencianos começaram a chegar à Berbéria, e o judeu agiu com rapidez e eficácia entre as redes comerciais que não entendiam de religiões.

Efraim havia regressado fazia pouco com as notícias que fora procurar: havia-se promulgado a ordem de expulsão, e Hernando não tardaria a ser deportado através do porto de Sevilha. Nada poderia fazer o mourisco para evitá-lo. Pelo que o judeu averiguara, Hernando Ruiz havia adquirido muitos inimigos entre os dirigentes da cidade e até entre os de Granada, onde sua demanda de fidalguia não fora exitosa. Sua esposa cristã ficaria na Espanha com os filhos de menos de seis anos.

Assim que Efraim saiu da sala, a ideia surgiu na mente de Fátima. Ela percorreu a ampla peça com o olhar. Os móveis entalhados, as almofadas e almofadões, as colunas, o piso de mármore e os tapetes que o cobriam, as lâmpadas... tudo adquiriu um novo sentido, que a convidava a tomar a decisão. Já fazia tempo que sufocava naquele luxuoso ambiente: Abdul e Shamir haviam sido capturados por uma frota de navios espanhóis que lhes preparara uma armadilha quando tentavam abordar um navio mercante que funcionava como chamariz. Como tinham podido cair em tal ardil? Talvez devido a um excesso de confiança... Os marinheiros de uma embarcação que conseguira fugir trouxeram notícias confusas e contraditórias: uns diziam que haviam morrido, outros que haviam sido capturados, e houve até quem assegurasse que os havia visto lançar-se ao mar. Depois, alguém trouxe a notícia de que haviam sido condenados a galés, mas ninguém pôde comprová-lo com certeza. Fátima chorou pela sorte de seu filho, ainda que de foro íntimo estivesse consciente de que sua relação com ele se degenerara desde o acontecido em Toga entre os corsários e Ibn Hamid.

Imediatamente, a viúva e os filhos de Shamir se lançaram sobre o grande patrimônio que ele deixava, e os juízes, sem hesitar, lhes deram razão.

A relação de Fátima com a família de Shamir era muito distante: ela não era mais que a esposa de seu meio-irmão cristão, e os sogros de Shamir lhe deram um prazo para deixar o palácio. Que podia fazer a partir de então? Viver da caridade da esposa de Abdul ou com alguma de suas outras filhas?

Mas havia uma possibilidade. Ela havia falado sobre isso com Efraim; o próprio judeu o havia proposto a ela assim que ficou sabendo da situação. Sem a ajuda de Efraim, era impossível que a família de Shamir chegasse a conhecer os investimentos que em nome do corsário se mantinham ao longo do Mediterrâneo, do que podia aproveitar-se Fátima em seu próprio benefício. O judeu tampouco desejava perder a direção e os ganhos de todos aqueles negócios que

com certeza os familiares de Shamir não continuariam a confiar-lhe. Fátima podia continuar a ser rica, mas não em Tetuão, um lugar em que nunca poderia demonstrar de onde vinha aquele dinheiro.

Passeou pelo salão roçando distraidamente os móveis com a ponta dos dedos. Sem Abdul e Shamir, estava sozinha, mas por fim era totalmente livre. Já nada a retinha em Tetuão. Por que não ir-se dali para sempre? E agora Ibn Hamid ia ser expulso da Espanha, e sua insípida esposa cristã seria obrigada a ficar para trás. Quem senão o próprio Deus podia mandar-lhe uma mensagem tão clara?

Foi para o pátio e contemplou o correr da água de uma fonte, pensando que logo deixaria de vê-la. Constantinopla! Ali poderia viver. Então Fátima se permitiu pensar em Ibn Hamid, o que nos últimos anos havia tentado evitar: ele deveria ter agora cinquenta e seis anos, um ano mais que ela. Que aspecto teria? Como o teria tratado a passagem do tempo? Suas dúvidas se dissiparam de repente. Sim! Tinha de vê-lo! O destino, que os havia separado cruelmente, lhe dava agora a oportunidade do reencontro. E esse reencontro era algo que ela, Fátima, a mulher que havia sofrido e matado, amado e odiado, não pensava em deixar escapar.

– Chamem Efraim! – decidiu-se por fim, dirigindo-se a seus escravos.

O judeu lhe dissera que seriam expulsos pelo porto de Sevilha. Ele precisava ir ali antes que o desembarcassem em algum lugar em que pudesse cair nas mãos dos berberes. Conhecia as matanças dos deportados do reino de Valência; em Tetuão tampouco foram bem recebidos aqueles que conseguiram chegar à cidade corsária; muitos os consideravam cristãos que só iam para a Berbéria à força e os mataram. Tinha de chegar a Sevilha antes que ele embarcasse! Precisava de um navio capaz de ir depois para Constantinopla. Precisava de cédulas que lhe permitissem mover-se pela cidade espanhola para encontrá-lo. Mas antes devia resolver seus assuntos. Teria de comprar muitas vontades. Efraim se ocuparia de tudo. Sempre o fazia. Sempre conseguia tudo quanto desejava... por mais ouro que custasse.

– Onde está Efraim? – gritou.

Permitiram-lhe ficar na casa até que o jurado Gil Ulloa regressasse de Sevilha e dispusesse dela. O dia todo, Rafaela presenciou um escrivão e um aguazil fazerem um detalhado inventário de todos os objetos e utensílios que ficavam na casa.

– O edito... – hesitou Rafaela no momento em que o escrivão remexia o baú onde ela guardava suas roupas – o edito estabelece que só os bens de raiz ficarão em poder real. Os demais são meus.

– O edito – respondeu-lhe asperamente o homem, enquanto o aguazil, com lascívia, levantava à contraluz uma anágua branca bordada – dava aos mouros a possibilidade de levar seus pertences. Se seu esposo não fez assim...

– Essas roupas são minhas! – protestou ela.

– Pelo que sei, você se casou sem dote, não é verdade? – respondeu o escrivão sem se virar para Rafaela, anotando a anágua em seus papéis ao mesmo tempo que o aguazil, após jogá-la na cama, se preparava para pegar a peça seguinte. – Você não tem bens – acrescentou. – A propriedade de tudo isto terá de ser decidida pelo conselho ou por um juiz.

– São minhas – insistiu Rafaela com voz cada vez mais fraca. Sentia-se esgotada, vencida por tudo aquilo.

Nesse momento o aguazil já tinha nas mãos um delicado corpinho, com os braços abertos, agora na direção de Rafaela, como se, da distância, o estivesse experimentando diretamente em seus seios.

A mulher saiu correndo do quarto. As risadas do aguazil a perseguiram escada abaixo, até o pátio, onde estavam as crianças.

Como podia Nosso Senhor permitir tudo aquilo?, pensou Rafaela de noite, deitada de olhos abertos cravados no teto e com as três crianças dormindo amontoadas sobre a mãe. Nenhuma delas havia querido dormir em sua cama. Rafaela tampouco queria fazê-lo sozinha. Passaram-se as horas com ela acariciando-lhes as costas e a cabeça, enredando os dedos em seus cabelos. Durante a tarde, havia ouvido de

um soldado que se apresentou na casa para falar com o aguazil que a coluna de deportados já marchava na direção de Sevilha, despedida entre os insultos e a gritaria dos cordoveses. Imaginou Hernando, Amin e Laila entre eles, caminhando carregados. Talvez seus filhos pudessem fazer o caminho montados na mula, com Miguel; todos os cavalos estavam alugados a outros mouriscos. Seus filhos! Seu esposo! Que seria deles? Ainda sentia nos lábios a paixão do último beijo que dera em Hernando. Alheia a seu irmão, aos soldados e às dezenas de mouriscos que observavam, Rafaela havia estremecido como se fosse uma mocinha; toda ela tremera de um doloroso amor antes que Gil interviesse para separá-los. Que misericórdia era aquela de que tanto enchiam a boca sacerdotes e piedosos cristãos? Onde estavam o perdão e a compaixão que eles pregavam a toda hora?

A pequena Salma, deitada de través sobre suas pernas, se agitou em sonhos e esteve prestes a cair ao chão. Como podia, Rafaela se sentou, a aproximou até seu ventre e a acomodou entre seus irmãos.

Que futuro teria aquela criança?, pensou Rafaela. O convento, que ela mesma havia evitado? Servir a alguma família rica? A mancebia? E Muqla e Musa? Recordou o olhar lascivo do aguazil apalpando suas roupas; esse era o tratamento que podia esperar das pessoas. Não era mais que a esposa abandonada de um mourisco, e seus filhos, os filhos de um herege. Toda a Córdova sabia disso!

Mas ela, Rafaela Ulloa, apesar de tudo, havia decidido permanecer em terras cristãs, zelosa de sua fé e de suas crenças. No entanto, nem sequer havia passado um dia e seu mundo desmoronava. Onde estava o restante de sua família? Tirar-lhe-iam os cavalos tal como pretendiam fazer com suas roupas e móveis. De que viveriam então? Não podia esperar ajuda de seus irmãos; havia maculado a honra da família. Podia esperá-la de algum cristão?

Soluçou e abraçou com força os pequenos. Muqla abriu os olhos azuis e, ainda sonolento, a olhou com ternura.

– Durma, meu filho – sussurrou-lhe ao mesmo tempo que diminuía a pressão e começava a embalá-lo com suavidade.

O menino voltou a compassar a respiração, e Rafaela, como era seu costume, tentou encontrar consolo na oração, mas as preces não surgiram. Rezem à Virgem, recordou-se. Hernando acreditava em Maria. Ela o ouvira falar às crianças da Virgem e contar-lhes com entusiasmo que Maria era o ponto de união entre aquelas duas religiões mortalmente inimigas. Sua imaculada conceição permanecia incólume fazia séculos, tanto para os cristãos como para os muçulmanos.

– Maria – sussurrou Rafaela na noite. – Salve rainha... Então, enquanto ela murmurava a prece, seu coração lhe indicou o caminho: foi uma decisão súbita, mas irrevogável. E, pela primeira vez em dias, seus lábios esboçaram um sorriso e seus olhos cederam à pressão do sono.

Ao amanhecer, Rafaela, com Salma nos braços e Musa e Muqla andando do lado, atravessava a ponte romana entre as pessoas que iam trabalhar nos campos: sua única bagagem era uma cesta com comida e o dinheiro que Miguel lhe entregara e que ela conseguira esconder do cobiçoso escrivão.

– Mãe, aonde vamos? – inquiriu Muqla quando já estavam fazia um bom tempo andando.

– Procurar seu pai – respondeu ela olhando para a frente, o longo caminho abrindo-se adiante deles.

Maria voltaria a reunir sua família, tal como Hernando pretendia fazer com as duas religiões, decidiu Rafaela.

O Areal de Sevilha era um grande espaço situado entre o rio Guadalquivir e as magníficas muralhas que encerravam a cidade e que por uma de suas extremidades chegavam até a Torre do Ouro, na ribeira. Naquela zona se faziam todos os trabalhos necessários para a manutenção do importante porto fluvial hispalense, destino obrigatório das frotas das Índias, que transportavam para o reino de Castela as riquezas obtidas pelos conquistadores das Índias. Calafates, carpinteiros, estivadores, barqueiros, soldados... centenas de homens

costumavam trabalhar em função do tráfego portuário e no reparo e manutenção dos navios, mas em fevereiro de 1610, o Areal de Sevilha, fortemente vigiado por soldados naquela extremidade que não era fechada e nas portas que davam acesso à cidade, se transformou em cárcere de milhares de famílias mouriscas carregadas com seus pertences à espera da deportação para a Berbéria. Algumas eram ricas, dado que nem Córdova nem Sevilha fizeram exceção na hora de cumprir o edito real, famílias cujos membros se vestiam com luxo e que procuravam um lugar onde afastar-se daqueles outros milhares de mouriscos humildes. Centenas de crianças com menos de seis anos haviam ficado para trás, nas mãos de uma Igreja obcecada por conseguir com eles o que não havia conseguido com seus pais: evangelizá-los. No meio da multidão, amontoada e submetida, entregue à sua sorte, aguazis e soldados procuravam o ouro e as moedas que se dizia os deportados escondiam. Revistavam homens, mulheres e crianças, velhos ou doentes; remexiam suas roupas e bens e até desfaziam as cordas que eles levavam para o caso de terem escondido ouro ou joias entre seus fios.

Galés, caravelas, galeões, carracas e todos os tipos de embarcações de menor calado permaneciam atracados no rio para embarcar os cerca de vinte mil mouriscos que deviam sair por Sevilha; algumas faziam parte da armada real, mas a maioria delas era de embarcações expressamente fretadas para aquela viagem sem volta. Diferentemente do acontecido com os mouriscos valencianos, os andaluzes tinham de pagar o custo de suas passagens, e os armadores farejaram o negócio de um macabro transporte pelo qual cobravam mais que o dobro do habitual.

Numa daquelas embarcações, uma caravela redonda catalã atracada a certa distância da margem do rio, apoiada na borda, Fátima observava as pessoas reunidas no Areal. Como encontrar Hernando no meio de todas elas? Tinha notícia de que as pessoas de Córdova já haviam chegado e se haviam misturado com as de Sevilha; na noite anterior vira a interminável coluna circundar as muralhas para chegar

ao Areal. Desde o amanhecer, as barcaças transportavam pessoas, mercadorias e bagagem da margem para os navios. Fátima perscrutava os rostos demudados dos mouriscos que estavam nelas; alguns daqueles rostos pareciam chorosos. Mulheres de quem haviam roubado os filhos; homens que deixavam para trás expectativas e anos de esforços para fazer progredir um lar e uma família; velhos doentes que era preciso ajudar a subir no barco e içar até o navio. No entanto, outros pareciam felizes, como se estivessem conseguindo a libertação. Não reconheceu seu esposo em nenhuma das barcaças, ainda que, de qualquer maneira, fosse demasiado cedo para os cordoveses embarcarem. Durante a viagem, ela dera asas a seus mais belos sonhos. Imaginava Ibn Hamid correndo para os seus braços, assegurando-lhe que nunca a esquecera, jurando-lhe amor eterno. Depois se repreendia a si mesma. Haviam passado mais de trinta anos... Ela já não era jovem, embora soubesse que continuava bela. Por acaso não tinha direito à felicidade? Fátima se deixou embalar por uma imagem que a enchia de expectativa: ela e Ibn Hamid, juntos em Constantinopla, até o fim de seus dias... Era uma loucura? Talvez, mas nunca a loucura lhe havia parecido tão maravilhosa. Agora que havia chegado a seu destino, o nervosismo se apoderou dela. Tinha de encontrá-lo no meio daquela multidão de desesperados, homens e mulheres perdidos que tinham pela frente um destino incerto.

– Diga ao piloto que prepare o necessário para uma barcaça me levar a terra – ordenou Fátima a um dos três núbios que decidiu comprar por meio de Efraim. Se os anteriores, encarregados por Shamir de vigiá-la, haviam cumprido bem sua função, estes fariam o mesmo para protegê-la, agora sob suas ordens. – Vá! – gritou ante o olhar de dúvida do escravo. – Vocês me acompanharão. Não – corrigiu-se ao pensar na atenção que podiam despertar os três grandes negros –, diga ao piloto que disponha quatro marinheiros armados para irem comigo.

Tinha de desembarcar. Só se procurasse entre as pessoas o encontraria. Dispunha de cédulas e autorizações suficientes. Efraim

havia realizado bem a sua incumbência, como sempre, sorriu. A senhora de Tetuão aparecia como armadora da caravela com autorização para uma rota com destino final na Berbéria. Ninguém a incomodaria no Areal, pensou Fátima, mas por via das dúvidas... apalpou a bolsa repleta de moedas de ouro que ela escondia entre suas roupas; podia subornar todos os soldados cristãos que estavam por ali.

Desceu agilmente até a barcaça e por fim se sentou num de seus bancos junto a uma criada e quatro marinheiros catalães que o piloto pusera às suas ordens.

Com os marinheiros abrindo-lhe caminho no meio da multidão, Fátima começou a percorrer o Areal cravando os grandes olhos negros em todos quantos a olhavam com curiosidade. Qual seria o aspecto de seu esposo?

Rafaela se sentou, exausta e derrotada, num toco à beira do caminho e soltou Salma e Musa, que continuaram chorando apesar de terem feito a última parte do caminho nos braços de sua mãe. Só Muqla, com seus cinco anos, havia resistido em silêncio, andando ao lado dela, como se estivesse verdadeiramente consciente da importância da viagem. Mas a mulher não podia prosseguir. Fazia várias jornadas de marcha que estavam atrás dos deportados cordoveses, que só estavam meia jornada à sua frente; mas ela não conseguia alcançá-los. Meia jornada! Os dois mais novos eram incapazes de andar sequer mais um quarto de légua, e seu lento caminhar a exasperava, embora também intuísse que a marcha dos cordoveses era tão lenta como a sua. Havia deixado no caminho a cesta com a comida, havia segurado os dois, um em cada braço, e apertara o passo. Mas agora já não aguentava mais. Suas pernas e braços doíam, estava com os pés feridos, e os músculos das costas pareciam prestes a rebentar entre agudas e constantes fisgadas. E os pequenos continuavam a choramingar!

O tempo passou entre o silêncio dos campos desertos e os soluços das crianças. Rafaela manteve a vista no horizonte, ali onde devia ficar Sevilha.

– Vamos, mãe. Levante-se – instou-lhe Muqla justo quando viu que ela punha as mãos no rosto.

Ela negou, com o rosto já escondido. Não podia!

– Levante-se – insistiu o menino, puxando-a por um braço.

Rafaela tentou, mas, assim que apoiou o peso sobre as pernas, estas lhe falharam e ela teve de sentar-se de novo.

– Descansemos um pouco, meu filho – tentou tranquilizá-lo –, logo prosseguiremos.

Então o observou: só seus olhos azuis brilhavam límpidos, expectantes; o restante dele, seus cabelos, suas roupas, seus sapatos já rotos, oferecia um aspecto tão andrajoso como o de qualquer criança das que percorriam as ruas de Córdova pedindo esmola. No entanto, aqueles olhos... seria fundada a confiança que Hernando depositava nessa criança?

– Já descansamos muitas vezes – queixou-se Muqla.

– Eu sei. – Rafaela abriu os braços para seu filho se refugiar neles. – Eu sei, minha vida – soluçou a seu ouvido quando conseguiu abraçá-lo.

No entanto, o descanso não fez que se recuperasse. O frio do inverno se colou a seu corpo, e seus músculos, em vez de relaxar, se contraíram em dolorosas pontadas até ficar rígidos. Os pequenos brincavam distraídos no meio da relva do campo. Muqla os vigiava com um olho sempre voltado para as costas de sua mãe, pronto para retomar a marcha assim que a visse levantar-se do toco em que continuava sentada.

Não conseguiriam, soluçou Rafaela. Só as lágrimas pareciam dispostas a romper a quietude de seu corpo e deslizavam livres pelas faces. Hernando e as crianças embarcariam em algum navio rumo à Berbéria, e ela os perderia para sempre.

A angústia foi maior que a dor física, e os soluços se transformaram em convulsões. Que seria deles? Começava a sentir-se tremendamente tonta quando um surdo alvoroço foi ouvido à distância. Muqla apareceu a seu lado, como que saído da nada, com o olhar fixo no caminho.

– Eles nos ajudarão, mãe – animou-a o pequeno buscando contato com a mão dela.

Uma longa coluna de pessoas e cavalgaduras apareceu ao longe. Eram os mouriscos de Castro del Río, Villafranca, Cañete e outros muitos povoados que também se dirigiam para Sevilha. Rafaela enxugou as lágrimas, superou a dor do corpo e se levantou. Escondeu-se com os filhos a alguns passos do caminho, e, quando a coluna passou diante deles e ela verificou que nenhum soldado a observava, pegou os pequenos e se confundiu com as pessoas. Alguns mouriscos os olharam com estranheza, mas nenhum deles lhes deu importância; todos se dirigiam para o desterro, e por isso que importava se alguém se juntasse à coluna? Ela não pensou duas vezes: pegou a bolsa com o dinheiro e pagou generosamente a um dos arrieiros para que permitisse a Salma e Musa colocar-se sobre um monte de fardos que uma das mulas transportava. Podiam chegar a Sevilha a tempo! Esta simples ideia lhe deu forças para mexer as pernas. Muqla caminhou sorridente ao lado dela, os dois de mãos dadas.

Fátima teve que resistir ao fedor de milhares de pessoas reunidas nas piores condições. Os gritos, a fumaça das fogueiras e das frituras, o chapinhar na lama, as correrias das crianças que passavam no meio de suas pernas, os choros em alguns grupos ou as zambras em outros, os empurrões que recebeu apesar da proteção dos marinheiros, e o caminhar de um lado para outro, amiúde passando pelo mesmo lugar pelo qual já haviam passado, tudo a convenceu de que aquela não era a maneira de consegui-lo. Fazia muito tempo que vivia reclusa em seu luxuoso palácio, isolada entre suas paredes douradas, e sentiu que começava a suar. Tentou controlar o nervosismo: não queria apresentar-se diante de Ibn Hamid suja e andrajosa depois de tanto tempo.

Perguntou por Hernando a alguns soldados, que a olharam como a uma idiota antes de romper em gargalhadas.

– Eles não têm nome. Todos esses cães são iguais! – respondeu um deles.

Junto à muralha, encontrou um poio para sentar-se.

– Vocês – ordenou dirigindo-se a três dos marinheiros –, procurem um homem chamado Hernando Ruiz, de Juviles, um povoado das Alpujarras. Ele veio com as pessoas de Córdova. Tem cinquenta e seis anos e olhos azuis – "uns maravilhosos olhos azuis", acrescentou para si. – Está acompanhado de um menino e de uma menina. Eu esperarei aqui. Vou recompensá-los generosamente se o encontrarem, a todos – acrescentou para tranquilidade daquele que era obrigado a permanecer com ela.

Os homens se apressaram a partir em várias direções.

Enquanto no porto de Sevilha aqueles marinheiros catalães se misturavam com os mouriscos, perscrutavam ao redor e perguntavam aos gritos entre as pessoas, sacudindo a quem não lhes prestasse atenção, Rafaela, no caminho, tentava acompanhar o ritmo lento com que caminhava a coluna de deportados. As dores haviam cedido diante da esperança, mas só ela parecia ter pressa. As pessoas caminhavam devagar, cabisbaixas, em silêncio. "Coragem!", teria querido gritar. "Corram!" O pequeno Muqla, de mão dada com ela, ergueu o rosto para a mãe, como se captasse seus pensamentos. Rafaela apertou com uma das mãos a do filho ao mesmo tempo que com a outra acariciava os dois pequenos que cochilavam agarrados aos fardos que a mula transportava.

– O homem que buscais está ali, senhora – anunciou um dos marinheiros, ao mesmo tempo que apontava na direção da Torre do Ouro –, junto a alguns cavalos.

Fátima se levantou do poio em que estava sentada.

– Tem certeza?

– Tenho. Falei com ele. Hernando Ruiz, de Juviles, disse-me que esse é seu nome.

A mulher sentiu um calafrio percorrer seu corpo.

– Você lhe disse...? – Sua voz tremia. – Você lhe disse que o estão procurando?

O marinheiro hesitou. Alguém de Córdova lhe havia assinalado um homem que estava de costas com os cavalos, e o marinheiro se havia limitado a segurar o mourisco pelo ombro e girá-lo bruscamente. Depois lhe havia perguntado seu nome e, ao ouvir sua resposta, voltara imediatamente em busca do prêmio prometido.

– Não – respondeu.

– Leve-me até ele – ordenou Fátima.

O marinheiro apontou-o: era aquele homem que, de costas para ela, conversava com um aleijado apoiado em cajados. Entre eles se interpunha um constante ir e vir de pessoas carregadas de fardos. Tremeu e parou por um instante. Esperou que ele se virasse: não ousava dar nem mais um passo. O marinheiro parou a seu lado. Que estava acontecendo agora com a senhora? Gesticulou e voltou a apontar o mourisco. Miguel, que estava de frente para eles, reconheceu o homem que acabara de falar com Hernando e chamou a atenção deste com um movimento de cabeça.

– Acho que alguém o está procurando, senhor.

Hernando se virou, devagar, como se pressentisse algo inesperado. Entre as pessoas viu o marinheiro, de pé a poucos passos dele. Acompanhava-o uma mulher... Não conseguiu ver-lhe o rosto porque nesse momento alguém se interpôs entre eles. Depois viu uns olhos negros fitos nele. Sentiu falta de ar... Fátima! Seus olhares se cruzaram e ficaram fixos um no outro. Um incontrolável torvelinho de sensações o tomou e o impediu de reagir. Fátima!

Foi o pequeno Muqla que teve de fazer sua mãe parar, puxando-lhe a mão, quando esta apertou o passo ao ver as muralhas de Sevilha. Os mouriscos haviam diminuído ainda mais seu já lento caminhar! Ouviam-se suspiros por todos os lados. O pavoroso soluço de uma mulher se ergueu acima do som dos cascos das cavalgaduras e do

arrastar de milhares de pés. Um velho que andava junto deles balançou a cabeça e estalou a língua, só uma vez, como se fosse incapaz de mostrar maior dor que a que emanava daquela insignificante queixa.

– Caminhem! – gritou um dos soldados.

– Andem! – ouviu-se da boca de outro.

– Arre, bestas imprestáveis! – humilhou-os um terceiro.

Entre as gargalhadas que saíram da boca dos soldados após o escárnio, Rafaela olhou para seu filho. "Continue como eles!", parecia indicar-lhe o menino em silêncio; "não nos revelemos agora. Chegaremos!", augurou-lhe com um sorriso que ele apagou imediatamente dos lábios. Mas Rafaela não queria entregar-se ao desespero que se respirava entre as fileiras de mouriscos. Soltou-se da mão de Muqla e sacudiu Musa carinhosamente.

– Vamos, meu bem, acorde – disse-lhe antes de se aperceber do olhar de surpresa que lhe dirigia o arrieiro.

Rafaela hesitou, mas depois fez o mesmo com Salma.

– Já chegamos! – sussurrou ao ouvido da menina, ocultando sua ansiedade ao arrieiro.

A pequena balbuciou algumas palavras, abriu os olhos, mas os voltou a fechar, vencida pelo cansaço. Rafaela a desmontou da mula, a segurou nos braços e a apertou contra o peito.

– Seu pai nos espera! – voltou a sussurrar, desta vez escondendo os lábios no emaranhado cabelo da menina.

Foi Fátima quem rompeu o encantamento: fechou os olhos ao mesmo tempo que apertava os lábios. "Enfim!", pareceu dizer a Hernando com aquela expressão. Depois se encaminhou para ele, muito devagar, com os olhos negros cheios de lágrimas.

Hernando não conseguiu afastar o olhar de Fátima. Trinta anos não haviam sido suficientes para diminuir sua beleza. Uma sucessão de lembranças pelejou por aflorar e o fez tremer como uma criança no exato momento em que ela chegou perto dele.

– Fátima! – sussurrou.

Ela o olhou por alguns instantes, acariciou com o olhar aquele rosto, tão diferente daquele de que se lembrava. Os anos não haviam passado em vão, pensou, mas o azul daqueles olhos continuava o mesmo que a levara a apaixonar-se nas Alpujarras.

Não se atrevia a tocá-lo. Teve de conter as mãos para não pôr os braços em volta do pescoço de Hernando e encher aquele rosto de beijos. Alguém que passava a empurrou sem querer, e ele a segurou para que não caísse. Sentiu-lhe a mão em sua pele e estremeceu.

– Já faz tanto tempo – sussurrou ele por fim. Continuava a sentir o contato daquela mão, a mesma mão que tantas noites o havia acariciado.

Com um suspiro, Fátima deu um passo para ele e os dois se fundiram num estreito abraço. Por alguns instantes, no meio do tumulto que havia ao redor, os dois permaneceram imóveis, sentindo suas respirações, invadidos por mil e uma lembranças. Ele aspirou o aroma de seus cabelos, apertando-a com força, como se quisesse retê-la para sempre.

– Quanto tempo sonhei...! – começou a dizer-lhe ao ouvido, mas Fátima não permitiu que prosseguisse. Pôs a cabeça para trás e o beijou na boca; foi um beijo ardente e triste, que ele avivou deslizando as mãos até sua nuca.

Miguel e as crianças, que haviam saído dentre os cavalos, observavam atônitos a cena.

A coluna de deportados de Castro del Río circundou as muralhas da cidade e deixou para trás o corpo de guarda que vigiava os acessos ao Areal de Sevilha. Os mouriscos se dispersaram no meio da multidão, e Rafaela parou para ter uma ideia do lugar. Sabia o que procurar. Dezesseis cavalos juntos tinham de ser facilmente reconhecíveis até no meio da multidão; com eles estariam Hernando e as crianças.

– Esteja atento a seus irmãos e fique junto de mim. Não vá se perder – disse a Muqla ao mesmo tempo que se encaminhava para uma carreta que estava a poucos passos.

Sem pedir permissão, subiu para a boleia assim que chegou à carreta.

– Ei! – gritou um homem que tentou impedi-lo. Mas Rafaela já tinha previsto aquela possibilidade e se safou dele com determinação. – Que é que você está fazendo? – insistiu o carreteiro puxando a saia da mulher.

Só precisava dela por alguns instantes. Aguentou os puxões, ficou na ponta dos pés na boleia e percorreu o vasto lugar com o olhar. Dezesseis cavalos. "Não pode ser difícil", sussurrou Rafaela. O homem fez menção de subir também, mas Muqla reagiu e se lançou sobre ele para agarrar-se a suas pernas. Um grupo de curiosos se juntou no lugar enquanto o carreteiro tentava livrar-se a pontapés do menino. "Dezesseis cavalos!", continuava a se dizer Rafaela. Ela escutava os gritos do homem e os esforços de seu pequeno por detê-lo.

– Ali! – surpreendeu-se gritando.

Os cavalos apareceram nítidos ao pé de uma torre resplandecente que se alçava na margem do rio, na outra extremidade de onde se achavam.

Saltou da boleia como se fosse uma moça. Nem sequer sentiu a dor dos pés ao bater na terra.

– Obrigado, meu bom homem – disse ao carreteiro. – Deixe esse senhor em paz, Muqla. – O menino libertou sua presa e saiu correndo para escapar de um pontapé. – Vamos, crianças!

Abriu caminho entre os curiosos e se dirigiu garbosa para a torre, com um sorriso nos lábios, esquivando-se de homens e mulheres ou afastando-os aos empurrões se preciso.

– Conseguimos, crianças – repetia.

Voltava a levar os pequenos nos braços. Muqla se esforçava por acompanhar seu passo.

– Não quero voltar a me separar de você – havia exclamado Fátima após aquele longo beijo.

Continuavam muito perto um do outro, percorrendo-se com o olhar, pousando os olhos em cada ruga de seus rostos, tentando apagá-las; por alguns momentos voltaram a ser o jovem arrieiro das Alpujarras e a moça que o esperava. O tempo transcorrido parecia desvanecer-se. Ali estavam os dois, juntos; o passado se perdia, levado pela emoção do reencontro.

– Venha comigo para Constantinopla – disse Fátima. – Você e seus filhos. Não nos faltará nada. Tenho dinheiro, Ibn Hamid, muito dinheiro. Já nada nem ninguém me impede de me entregar a você. Nenhum dos dois corre perigo. Começaremos de novo.

Hernando ouviu aquelas palavras, e em seu semblante apareceu uma sombra de dúvida.

– Faremos chegar dinheiro ao restante da sua família – apressou-se a dizer ela. – Efraim se ocupará disso. A eles tampouco faltará nada, juro. – Fátima não lhe deu tempo de pensar e continuou falando precipitadamente, com paixão. Amin e Laila se olhavam um ao outro, boquiabertos, procurando inconscientemente o contato de Miguel enquanto escutavam aquela desconhecida que beijara seu pai. – Tenho um navio. Tenho as autorizações necessárias para transportar nossos irmãos até a Berbéria. Depois, nós continuaremos navegando para o Oriente. Em pouco tempo estaremos instalados numa grande casa... Não! Num palácio! Nós merecemos! Teremos tudo o que quisermos. E poderemos ser felizes, como antes, como se nada tivesse acontecido ao longo desses anos, reencontrando-nos cada dia...

Hernando se agitava num sem-fim de sensações e sentimentos desencontrados. Fátima! As lembranças voltavam impetuosas à sua mente, atropelando-se umas às outras. A comunhão a distância que durante os últimos tempos ele havia mantido com Fátima, como se se tratasse de um farol etéreo que iluminasse seu caminho, se havia mudado agora numa realidade tangível e ao mesmo tempo maravilhosa. Era... era como se seu corpo e seu espírito tivessem despertado ao mesmo tempo para a vida, permitindo aflorar certos sentimentos que, de forma consciente e voluntária, ele havia

reprimido. Quanto se haviam amado ao longo dos anos! Fátima estava ali, diante dele, falando-lhe sem parar, cheia de expectativas, apaixonada. Como tinha sido capaz de pensar que todo aquele amor podia desaparecer?

– Ninguém poderá separar-nos de novo, nunca – repetia ela, mais uma vez, quando Hernando desviou o olhar para seus filhos.

E eles? E Rafaela? E os pequenos que haviam ficado em Córdova? Uma quase imperceptível sacudidela de repulsa veio a turvar o feitiço do momento. Ele os estava traindo? Amin e Laila mantinham o olhar cravado nele, fazendo-lhe mil perguntas silenciosas e ao mesmo tempo mil censuras. Hernando sentiu aquelas censuras como finas agulhas que se enfiavam em sua carne. Quem é essa mulher que o está beijando agora e que você recebeu com tanta paixão?, parecia lançar-lhe em rosto sua filha. Que vida é essa que você tem de retomar longe de minha mãe?, recriminava-o Amin. Miguel... Miguel se mantinha cabisbaixo, com as pernas mais encolhidas que nunca, como se toda a sua vida, todos os seus esforços e renúncias se concentrassem na lama em que se apoiavam seus cajados.

Fátima havia calado. O alvoroço, os lamentos dos milhares de mouriscos reunidos no Areal se tornaram sonoros de repente. A realidade se impunha. Os cristãos os haviam expulsado de Córdova.

Aguardava-o o desterro, um futuro incerto, tanto a ele como a seus filhos. Talvez Deus tivesse posto agora Fátima em seu caminho! Não podia ser outro senão Ele quem levara até ali sua primeira esposa!

Ia responder-lhe quando a voz de Laila o surpreendeu.

– Mãe! – exclamou a menina de repente, desandando a correr.

– Lai...! – começou a dizer Hernando. Mãe? Ela dissera mãe? Viu então Amin ir atrás da irmã.

Não pôde dizer mais nada. Ficou paralisado. A vários passos de onde se encontrava, Rafaela abraçava Amin e Laila e lhes beijava o rosto e a cabeça. Ao redor estavam os três pequenos, parados, olhando-o expectantes.

Com ternura, Rafaela afastou de si as crianças e se ergueu diante de seu esposo. Então lhe sorriu apertando os lábios numa expressão decidida, triunfal. “Eu consegui! Aqui está você!”, diziam-lhe. Hernando foi incapaz de reagir. A mulher estranhou e inconscientemente examinou sua roupa. Seria por seu aspecto? Viu-se esfarrapada e suja. Envergonhada, tentou alisar a saia com as mãos.

– Sua esposa cristã?

A voz de Fátima ressoou nos ouvidos de Hernando ao modo de pergunta e de reprovação, e até de lamento.

Ele anuiu com a cabeça, sem se virar.

Rafaela se apercebeu da presença da mulher bela e luxuosamente vestida que estava ao lado de seu esposo e avançou para ele, mas com os olhos fitos na desconhecida.

– Quem é essa mulher? – inquiriu Rafaela, aproximando-se de Fátima.

– Você não lhe falou de mim, Hamid ibn Hamid? – perguntou Fátima, mas com os olhos postos naquela figura andrajosa e suja que se aproximava deles.

Hernando ia responder, mas Rafaela se adiantou com a mesma resolução com que um dia, quando acontecera a peste, havia expulsado sua mãe da casa de Córdova.

– Eu sou a esposa dele. Com que direito você se atreve a interrogar-nos?

– Com o direito que me dá ser a primeira e única esposa dele – afirmou Fátima fazendo um gesto com o queixo para Hernando.

O desconcerto apareceu no rosto de Rafaela. A primeira esposa de Hernando havia morrido. Ainda recordava o triste relato de Miguel. Balançou a cabeça, de olhos fechados, como se quisesse afastar de si aquela afirmação.

– Como? – disse com um fiapo de voz. – Hernando, diga-me que não é verdade.

– Sim, diga-lhe, Hamid. – A voz de Fátima soou desafiadora.

– Quando me casei com você, achava que ela havia morrido – conseguiu responder Hernando.

Rafaela sacudiu a cabeça com violência.

– Quando se casou comigo! – gritou. – E depois? Você soube depois? Virgem Santíssima! – terminou exclamando.

Ela havia deixado tudo por Hernando. Havia percorrido léguas para encontrá-lo. Estava esfarrapada e suja, com os sapatos estraçalhados. Ainda lhe sangravam os pés! De onde saía aquela mulher? Que queria de Hernando? Ao seu redor havia milhares de mouriscos derrotados, todos entregues à sua maldita sorte. Que fazia ela ali? Sentiu faltar-lhe as forças, sentiu a determinação com que havia iniciado aquela buscar desaparecer confundindo-se com os choros e lamentos das pessoas.

– Foi uma marcha interminável – soluçou como se desistisse. – As crianças... não faziam senão chorar! Só Muqla aguentava. Eu pensava que não chegaríamos a tempo. E para quê? – Naquele momento separou ligeiramente um de seus braços do corpo, e, como se tivesse sido um sinal, Laila correu para abraçá-la. – Tiraram-nos tudo: a casa, os móveis, as minhas roupas...

Hernando se aproximou de Rafaela com as mãos abertas e um pouco estendidas, tentando explicar-se através delas; seu olhar, no entanto, era furtivo.

– Rafaela, eu... – começou a dizer.

– Posso conseguir que ela também vá – interrompeu-o então Fátima, levantando a voz. Que fazia ali a cristã? Não estava disposta a renunciar a seus sonhos ainda que isso significasse... Ela arranjaria tudo.

Hernando se virou para Fátima, e Rafaela percebeu a dúvida em seu esposo. Por que duvidava? De que falava aquela mulher? Ir para onde? E com ela?

– Que loucura é essa? – perguntou então.

– É que, se você quiser – respondeu Fátima –, você e seus filhos podem ir conosco para Constantinopla.

– Hernando – Rafaela se dirigiu a seu marido com dureza. – Eu lhe entreguei minha vida. Estou... estou disposta a renunciar aos dogmas da minha Igreja e compartilhar com você a fé em Maria e o destino que o espera, mas nunca, está me ouvindo? – disse entre dentes –, nunca o dividirei com outra mulher.

Concluiu suas palavras apontando para Fátima com o indicador.

– E que outra alternativa você tem, cristã? – disse-lhe Fátima. – Você acha que a deixarão embarcar com ele para a Berbéria? Não o permitirão. E lhe tirarão as crianças! Vocês dois sabem disso. Eu o vi enquanto esperava: eles arrancam as crianças, sem a menor compaixão, dos braços de suas mães... – Fátima deixou que as palavras pairassem no ar e entrefechou os olhos ao verificar que Rafaela mudava o semblante diante da possibilidade de perder seus pequenos. Compreendeu-a, entendeu sua dor ao pensar em seu próprio filho, morto por culpa desses cristãos, mas ao mesmo tempo a lembrança a enfureceu. Era uma cristã, não merecia sua compaixão. – Eu o vi! – insistiu Fátima. – Assim que virem que ela não tem papéis mouriscos, que é uma cristã, a deterão, a acusarão de apostasia e lhes tirarão as crianças.

Rafaela pôs as mãos no rosto.

– Há centenas de soldados vigiando – prosseguiu Fátima.

Rafaela soluçou. O mundo parecia apagar-se ao redor. O cansaço, a emoção, a tremenda surpresa. Tudo pareceu juntar-se num instante. Sentiu que lhe falhavam as pernas, que lhe faltava o ar. Só ouvia as palavras daquela mulher, cada vez mais difusas, cada vez mais distantes...

– Vocês não têm escapatória. Não há forma de sair do Areal... Só eu posso ajudá-los...

Então Rafaela, abafando um gemido, desmaiou.

As crianças correram para ela, mas foi Hernando quem, afastando-as, se ajoelhou a seu lado.

– Rafaela! – disse, afagando-lhe as faces. – Rafaela!

Desesperado, olhou ao redor. Seus olhos cruzaram, por um instante, com os de Fátima, mas esse fugaz contato serviu para que esta compreendesse, antes dele até, que o havia perdido.

– Não me abandone – suplicava Rafaela, meio atordoada. – Não nos deixe, Hernando.

Miguel, as crianças e Fátima observavam o casal um pouco afastado deles, junto à margem do rio, para onde Hernando havia levado a esposa. Rafaela ainda estava com o semblante pálido, e sua voz continuava trêmula; não se atrevia sequer a olhá-lo.

Hernando ainda sentia o aroma de Fátima na pele. Não fazia muito tempo se entregara a ela, desejando-a; até havia sonhado fugazmente, por alguns instantes, com a felicidade que ela lhe propunha. Mas agora... Observou Rafaela: as lágrimas corriam por suas faces misturando-se com a poeira do caminho que estava colada a seu rosto. Viu tremer o queixo de Rafaela, que tentava conter os soluços como se quisesse apresentar-se diante dele como uma mulher dura, decidida. Hernando apertou os lábios. Não o era: era a moça que ele havia livrado do convento, aquela que pouco a pouco, com sua doçura, havia conquistado seu coração. Era a sua esposa.

– Não a deixarei nunca – ouviu-se dizer a si mesmo.

Segurou-a pelas mãos, docemente, e a beijou. Depois a abraçou.

– Que faremos? – ouviu-a perguntar.

– Não se preocupe – sussurrou tentando parecer convincente.

As crianças não demoraram a rodeá-los.

– Agora tenho de fazer uma coisa... – começou a dizer Hernando.

Miguel se separou quando viu Hernando aproximar-se de onde ainda estava Fátima.

– Vim buscá-lo, Hamid ibn Hamid – recebeu-o ela com seriedade. – Acreditava que Deus...

– Deus disporá.

– Não se engane. Deus já dispôs isso – acrescentou apontando para a multidão que se espremia no Areal.

– Meu lugar é com Rafaela e meus filhos – disse ele. A firmeza de seu tom não admitia réplica.

Ela tremeu. Seu rosto se havia convertido numa máscara bela e dura. Fátima fez menção de ir-se, mas, antes de dar um só passo, virou os olhos para ele:

– Eu sei que você ainda me ama.

Após estas palavras, Fátima deu meia-volta e começou a se afastar.

– Espere um momento – pediu-lhe Hernando. Correu para onde estavam os cavalos e voltou logo, com um pacote nas mãos: rebuscava em seu interior ao chegar a seu lado. – Isto é seu – disse entregando-lhe a velha mão de ouro. Fátima a pegou com mão trêmula. – E isto... – Hernando lhe aproximou a cópia árabe do evangelho de Barnabé da época de Almanzor –, estes escritos são muito valiosos, muito antigos, e pertencem ao nosso povo. Eu devia tentar fazê-los chegar às mãos do sultão. – Fátima não pegou as folhas. – Sei que você está decepcionada – reconheceu Hernando. – Como você disse antes, é difícil eu escapar daqui, mas vou tentar e, se conseguir, vou continuar a lutar na Espanha pelo único Deus e pela paz entre nossos povos. Entenda-me, posso arriscar a minha vida, posso arriscar a da minha esposa e até a dos meus filhos, posso até renunciar a você... mas não posso arriscar o legado do nosso povo. Não posso encarregar-me disto, Fátima. Os cristãos não devem ficar com isto. Guarde-o você em homenagem à nossa luta para conservar as leis muçulmanas e faça com ele o que julgar mais oportuno. Segure-o, por Alá, pelo Profeta, por todos os nossos irmãos.

Ela estendeu a mão para pegá-lo.

– Pense que a amei – assegurou então Hernando – e que continuarei a amá-la até o meu... – Pigarreou e permaneceu calado por um instante. – Morte é esperança longa – sussurrou.

Mas Fátima dera meia-volta antes que ele pudesse terminar a frase.

Só depois de ver Fátima desaparecer no meio da multidão, Hernando pôde compreender a verdade das palavras que ela havia dito. Sentiu encolher-se o estômago ao percorrer o Areal com o olhar. Milhares de mouriscos encarcerados naquele lugar; soldados e escrivães dando ordens sem parar; pessoas embarcando; mercadores e vendedores ambulantes tentando aproveitar-se da última blanca daquelas pessoas arruinadas; sacerdotes atentos a que ninguém escapasse com crianças com menos de...

– Que faremos, Hernando? – inquiriu Rafaela, aliviada por ver afastar-se aquela mulher. De novo estavam juntos, eram uma família. As crianças os rodeavam e esperavam, expectantes, já todos junto a ele.

– Não sei. – Não conseguia afastar o olhar de Rafaela e das crianças. Estivera prestes a perdê-los... – Mesmo supondo que, de uma forma ou de outra, você pudesse embarcar como mourisca, nunca deixariam as crianças fazê-lo. No-las roubariam. Temos de fugir deste buraco. Não há tempo a perder.

Sob o resplendor que o entardecer arrancava dos azulejos da Torre do Ouro, Hernando observou as muralhas da cidade. Rafaela o imitou; Miguel também o fez. Às suas costas não havia saída: a própria muralha e o alcácer interditavam a passagem. Um pouco além ficava a Porta de Jerez, que dava acesso à cidade, mas ela era vigiada por uma companhia de soldados, tal como a do Areal e a de Triana. Só se podia sair dali pelo rio Guadalquivir. Rafaela e Miguel viram Hernando balançar a cabeça. Isso era impossível! De modo algum deviam aproximar-se dos navios, com os escrivães e sacerdotes vigiando a margem. A única saída era a mesma pela qual haviam chegado ao Areal, na outra extremidade, extramuros, embora também fosse um lugar fortemente vigiado por soldados. Como poderiam fazer?

– Esperem-me aqui – ordenou-lhes.

Atravessou o Areal. Efetivamente, na entrada se postava um corpo de guarda, provido de armas, em algumas choças precariamente erguidas para receber as levas de mouriscos. Hernando observou, no entanto, que os soldados passavam o tempo conversando ou jogando

cartas. Já ninguém entrava, e nenhum mourisco se atrevia a tentar sair. Os cristãos que estavam no Areal o deixavam pelas portas de acesso à cidade, não por uma área que seguia rodeando as muralhas. No entanto... Tinham de sair!

Voltou à Torre do Ouro quando começava a anoitecer; na hora da oração. Hernando olhou para o céu e implorou a ajuda divina. Depois reuniu Rafaela e Miguel, Amin e Laila. Era arriscado, muito arriscado.

– Onde estão os homens que você trouxe com os cavalos? – perguntou a Miguel.

– Na cidade. Resta um de guarda.

– Diga-lhe que vá ter com seus companheiros. Diga-lhe... diga-lhe que eu gostaria de passar a última noite com meus cavalos, a sós. Será que vai acreditar?

– A ele importará muito pouco o porquê. Irá divertir-se. Eu lhes paguei. Estão com dinheiro vivo, e a cidade ferve.

Esperaram Miguel voltar.

– Pronto – confirmou o aleijado.

– Muito bem. Você, como cristão, pode sair daqui.. – Miguel ia queixar-se, mas Hernando interrompeu-o. – Faça o que estou dizendo, Miguel. Só teremos uma oportunidade. Deixe o Areal por qualquer porta, atravesse a cidade e saia por outra porta. Espere-nos para além das muralhas.

– E ela? – interveio o aleijado apontando para Rafaela. – Também é cristã. Poderia sair comigo...

– Com as crianças? – perguntou Hernando. – Não passaria pelo corpo de guarda. Achariam que entrou para roubar e as perderíamos. Que desculpa poderia dar uma mulher cristã para achar-se no Areal com seus filhos pequenos? Eles a prenderiam. Com certeza.

– Mas...

– Vá, Miguel.

Hernando abraçou o amigo e depois ajudou Miguel a montar na mula. Talvez aquela fosse a última vez que o visse.

– A paz, Miguel – disse-lhe quando ele passou ao lado deles. O aleijado murmurou uma despedida. – Não chore, Rafaela – acrescentou ao virar-se para sua esposa e encontrá-la com lágrimas nos olhos. – Nós conseguiremos... com a ajuda de Deus, conseguiremos. Crianças, temos muito trabalho e pouco tempo – urgiu com Amin e com Laila.

Aproximou-se dos cavalos, que descansavam, esgotados da viagem. Miguel, como havia dito, lhes havia reduzido a comida para que perdessem forças e suportassem submissos a carga de volumes, mulheres e velhos. Quase todos apresentavam mataduras pela carga que haviam transportado. Hernando pegou as cordas.

– Amarrem todos uns aos outros, de uma cabeçada a outra, bem fortemente – explicou aos filhos entregando-lhes várias cordas e ficando com as mais longas. – Não – retificou calculando a dificuldade de controlar dezesseis cavalos amarrados –; amarrem... dez no máximo. Quero que você vá com os três menores até a outra extremidade – disse então, dirigindo-se a Rafaela. – Você demorará mais que nós. Ali deverá se postar o mais perto possível do corpo de guarda, mas sem que a vejam ou suspeitem de você. Lançarei os cavalos contra eles... – Rafaela se sobressaltou. – É a única coisa em que consigo pensar, meu amor. Quando isso acontecer, atravesse rapidamente com as crianças e esconda-se no mato da margem; ali não há navios, mas não fique parada, siga em frente, afaste-se o mais possível. Prossiga pela margem circundando a muralha até deixar para trás a cidade e se encontrar com Miguel.

– E vocês? – perguntou ela, consternada.

– Chegaremos. Confie nisso – assegurou-lhe Hernando, mas o tremor de sua voz contradizia sua firmeza.

Hernando lhe deu um doce beijo e instou-lhe que atravessasse o Areal. Rafaela hesitou.

– Nós conseguiremos. Todos – insistiu Hernando. – Confie em Deus. Vá. Corra.

Foi o pequeno Muqla quem puxou a mão de sua mãe para levá-la para a outra extremidade do Areal. Hernando perdeu alguns instantes vendo parte de sua família perder-se no meio da multidão; depois se virou resolutamente para ajudar seus filhos.

– Vocês ouviram o que eu disse à sua mãe? – perguntou aos dois mais velhos. Ambos assentiram. – De acordo, então. Cada um de vocês irá a um lado dos animais; eu os dirigirei. Vai ser difícil passar no meio de tanta gente, mas temos de conseguir. Por sorte, a maioria dos soldados está festejando na cidade e já não perambula entre nós; não nos deterão. – Falava com energia enquanto amarrava os cavalos, sem dar oportunidade a que seus filhos se perguntassem sobre o que iriam fazer. – Estimulem-nos por trás e pelos lados para que andem – ordenou –, e façam-no com coragem, sem se importar com o que possam dizer-lhes. Nosso objetivo é atravessar esta planície, como quer que seja. Entenderam? – Amin e Laila assentiram novamente. – Quando estivermos perto da saída, fiquem atrás deles, depois fujam e corram tal como a sua mãe. Certo?

Não esperou confirmação. Os dez cavalos já estavam amarrados. Então Hernando pegou as cordas longas e, por cima das cruzes, as amarrou às patas dos dois animais que iriam à frente, e depois segurou a corda de outro que ele pretendia levar livre.

– Certo? – repetiu. Amin e Laila anuíram com a cabeça. Seu pai os animou com um sorriso. – A sua mãe está nos esperando! Não podemos deixá-los sozinhos! Vamos! – ordenou sem se permitir um respiro. Amin tinha apenas onze anos; sua irmã, dez. Seriam capazes?

Hernando puxou os três cavalos da frente, com os sete restantes atrás, amarrados entre si, agrupados, abrindo-se pelos lados.

– Arre! Vamos, meus lindos!

Foi-lhe difícil pô-los em movimento; não estavam acostumados a mover-se amarrados uns aos outros. Os de trás escoicearam, se encabritaram e se morderam, negando-se a avançar. E ele?, perguntou-se então, seria capaz na sua idade? Deu um forte pontapé na barriga de um dos cavalos.

– Mexam-se!

– Arre! – ouviu então de trás.

Entre os animais viu Amin com uma corda na mão açoitando a garupa dos de trás. Logo se juntou a voz de Laila, primeiro hesitante, depois firme como a de seu irmão.

Eles seriam capazes!, sorriu com os gritos de seus pequenos nos ouvidos.

Quando todos os cavalos se puseram em movimento, o fizeram como um exército impossível de conter; Hernando acreditou que não poderia controlá-los, mas seus filhos iam e vinham correndo de trás para os lados, para estimulá-los e mantê-los agrupados.

– Cuidado! Afastem-se! – gritava ele sem parar.

As crianças também gritavam. E as pessoas reclamavam e os insultavam.

Os mouriscos saltavam à sua passagem para afastar-se. Pisotearam utensílios e atropelaram tendas. Quando passaram por cima de uma pequena fogueira, Hernando compreendeu quão cegos estavam os animais no meio de tanta gente: jamais teriam feito tal coisa em outras condições; nunca teriam passado por cima de um fogo.

– Cuidado!

Teve de puxar com violência os cavalos da frente para dar tempo a que uma velha escapasse e não fosse atropelada, embora mais de um mourisco tivesse saído voando ao se chocar com os animais que iam dos lados.

Por mais extenso que fosse o Areal, o tempo voou e Hernando distinguiu o corpo de guarda adiante, os soldados estranhando a barulheira.

– Agora, meninos! Fujam! A galope! – gritou.

Não foi preciso que se esforçasse. O espaço livre que se abria entre o lugar onde se assentavam os últimos mouriscos e a guarda estimulou os animais a lançar-se a um galope frenético. Hernando correu um tanto ao lado do cavalo livre e se agarrou à sua crina para montar, aproveitando a inércia. Custou-lhe fazê-lo; seus músculos estalaram

com o esforço. Falhou na primeira tentativa e ficou com a perna direita a meio caminho da garupa, mas, assim que tornou a tocar o chão, sem chegar a dar um passo, se içou com força e conseguiu. Os outros, sem Amin e Laila a estimulá-los, se abriram em leque. Os soldados, aterrados, viram ir para cima deles onze cavalos a galope: uma manada de animais desenfreados, loucos.

– *Allahu Akbar!*

Não havia terminado de invocar seu Deus quando puxou as duas cordas longas que havia amarrado às patas dos outros dois cavalos da frente. Os animais tropeçaram, caíram de bruços e deram uma cambalhota. À luz das tochas, Hernando pôde vislumbrar o pânico no rosto dos soldados quando todos os animais esbarraram entre si e se abalançaram contra homens e choças. Ele, no cavalo livre, galopou para fora do Areal, deixando para trás um corpo de guarda destroçado.

Saltou para o chão tal como havia montado e correu para o mato da margem. Os relinchos dos cavalos e a gritaria ressoavam na noite.

– Rafaela? Amin?

Levou intermináveis momentos para ouvir uma resposta.

– Aqui.

Na mais absoluta escuridão, reconheceu a voz de seu filho mais velho.

– E sua mãe?

– Aqui – respondeu Rafaela um pouco mais longe.

Seu coração deu um salto ao ouvir aquela voz. Eles tinham conseguido!

69

Fugiram de Granada sabendo que, se fossem detidos, os esperaria a morte ou a escravidão. Os capitães das milícias cordovesas deviam saber que tinha sido ele: era o dono dos cavalos, e seu nome e os de seus filhos não apareceriam nos recenseamentos de embarque. Para as Alpujarras, decidiu. Ali havia povoados inteiros abandonados. Miguel, com sua mula, não teve problemas para sair do Areal e se encontrou com eles para além das muralhas da cidade; para trás ficavam os dezesseis magníficos cavalos. Mas que importavam agora?

Depois de uma longa viagem de Sevilha às Alpujarras, evitando os caminhos, escondendo-se das pessoas, roubando a pouca comida dos campos no inverno ou esperando ocultos fora dos povoados para que Miguel conseguisse alguma esmola, encontraram abrigo perto de Juviles, em Viñas, um lugarejo deserto desde a expulsão de seus habitantes após a rebelião.

O frio ainda era intenso, e os cumes de Sierra Nevada estavam cobertos de neve. Hernando os olhou e depois pousou os olhos em seus filhos; ali havia passado a infância. Proibiu que se acendesse qualquer fogo; só o fariam de noite. Acomodaram-se numa casa arruinada que Rafaela e as crianças se esforçaram para limpar, sem recursos e com pouco sucesso. Hernando e Miguel os observaram: pareciam mendigos.

Os dois homens saíram da casa, numa ruela sinuosa limitada por casas derruídas. Rafaela os viu, mandou as crianças continuar o trabalho e os seguiu.

E agora?, perguntou com o olhar assim que se aproximou deles. Iriam viver ali, escondidos, a vida toda?

– Tenho de pedir-lhe outro favor, Miguel – apressou-se a dizer Hernando sem se virar para o aleijado, olhando fixamente nos olhos da esposa e estendendo uma mão para ela.

– Que é que você quer?

Hernando acompanhou Miguel até o mais perto que pôde de Granada e depois voltou para as Alpujarras com a mula; um mendigo não devia possuir um animal como aquele. O aleijado atravessou a Porta do Rastro depois de discutir com os guardas, que cederam, vencidos por sua incontinente verborragia, e dali, diretamente, se encaminhou para a casa dos Tiros.

Durante os dias que Miguel esteve fora, Hernando entreteve os filhos e tentou ensiná-los a caçar passarinhos. Encontrou parte de uma corda ressecada, separou os fios e sob o atento olhar das crianças começou a fazer diversos tipos de laçadas que depois eles colocaram nos galhos das árvores. Não caçaram nenhum, mas os pequenos passaram muito tempo distraídos. Tampouco lhes faltou comida; Hernando conhecia bem aquelas terras e, afora carne, encontrou tudo quanto era necessário para se sustentarem. Transcorreu uma semana, e ninguém se havia aproximado de Viñas; então anunciou a Rafaela que partia por alguns dias com Amin e Muqla.

– Aonde você vai?

– Tenho de ensinar-lhes uma coisa. – O temor apareceu no semblante de sua esposa. – Não se preocupe – tranquilizou-a. – Ninguém virá até aqui. Fique atenta e, se vir algo estranho, refugie-se com as crianças nas cavernas perto das quais tentamos caçar passarinhos. Laila sabe onde ficam.

O castelo de Lanjarón se erguia, imponente, tal como Hernando o recordava. Esperaram no sopé do cerro que anoitecesse antes de começarem a subida. Hernando havia procurado que a viagem coincidisse com a lua cheia, que brilhava imensa num céu estrelado e

sem nuvens. Seguido por seus filhos, se dirigiu para o bastião do lado sul da fortaleza.

– Não há outro Deus além de Deus, e Maomé é o enviado de Deus – sussurrou na noite.

Depois se acocorou e começou a escavar. Quando encontrou a espada de Maomé, a tirou com cuidado e a apresentou a seus filhos, retirando reverentemente os panos em que a envolvera um dia.

– Esta – disse-lhes – é uma das espadas que pertenceram ao Profeta.

Ele teria querido que a bainha de ouro e seus pingentes brilhassem ao luar do mesmo modo como reluziam anos atrás, quando ele a contemplara pela primeira vez na cabana de Hamid. Em seu lugar, encontrou tal desejado refulgir nos olhos desmedidamente abertos de seus filhos. Desembainhou o alfanje. A lâmina chiou ao sair, e Hernando estremeceu ao verificar que no meio da ferrugem do gume ainda se viam manchas de sangue seca, a do pescoço de Barrax. O arrais corsário! Sua mente se perdeu nas lembranças, e uma vez mais, apesar de tudo, os olhos negros de Fátima lhe apareceram como estrelas na noite.

Umas tossezinhas o devolveram à realidade. Olhou para Amin e depois ficou enfeitiçado por Muqla: mesmo ao luar, seus olhos refulgiam.

– Durante anos – afirmou então com veemência –, esta espada foi custodiada por muçulmanos. Primeiro, quando reinávamos nestas terras, foi exibida com orgulho e usada com coragem; depois, quando chegou o momento da submissão do nosso povo, foi escondida à espera de uma nova vitória que um dia chegará. Nunca duvidem disso. Hoje estamos mais derrotados que nunca; nossos irmãos são expulsos da Espanha. Se o que planejo der certo, deveremos continuar a nos comportar como cristãos, mais ainda se possível, porque restarão poucos muçulmanos na Espanha; deveremos falar como eles, comer como eles e rezar como eles. Mas não desesperem, meus filhos. Provavelmente eu não o verei, talvez tampouco vocês, mas um dia algum crente voltará aqui para pegar esta espada e... – Por um instante

hesitou, ao recordar as palavras de Hamid, tantos anos atrás. Que iria dizer-lhes? Que a espada seria erguida para vingar a injustiça? Apesar da raiva que sentia, não queria que seus filhos crescessem com o ódio na mente. – E a trará à luz como símbolo de que nosso povo recuperou a liberdade.

"Lembrem-se sempre do lugar em que está nos esperando e, se não for durante a vida de vocês, transmitam esta mensagem a seus filhos para que eles o façam com os deles. Nunca desfaleçam na luta pelo único Deus. Jurem por Alá!"

– Juro – respondeu Amin com seriedade.

– Juro – imitou-o Muqla.

No caminho de volta a Viñas, Hernando pensou no que acabara de fazer seus filhos jurar. Havia trabalhado para aproximar as duas religiões, para conseguir que os cristãos aceitassem sua presença, para que lhes permitissem falar em árabe... e, no entanto, havia atiçado seus filhos contra eles, à procura de quê? Estava confuso. Com as imagens de milhares de mouriscos submetidos, amontoados e tratados como animais no Areal de Sevilha, recordou o dia em que Hamid lhe entregara o alfanje; então lutavam por sua sobrevivência, dispostos a entregar a vida por suas leis e seus costumes. Que diferença com relação a esta humilhante expulsão da Espanha! Só restavam eles e provavelmente alguns outros mouriscos escondidos nos campos e nas cidades. Onde estava o entendimento no qual ele havia apostado? Na noite, andando para as serras, pôs os braços nos ombros de seus filhos e os trouxe para si. Eles manteriam acesa a chama da esperança para um povo maltratado; um tênue fogo, certamente, mas os grandes incêndios não começavam com a menor das fagulhas?

Miguel voltou para as Alpujarras após quase vinte dias, montado numa nova mula e acompanhado de D. Pedro de Granada Venegas, a cavalo, sozinho, sem a companhia de criado algum. Podiam refugiar-se, ofereceu-lhes o nobre, nas terras de que era senhor em Campotéjar, no limite das províncias de Granada e Jaén; mas deviam fazê-lo como

cristãos que se mudaram da capital granadina. D. Pedro conseguiu que lhe falsificassem documentos que atestavam tratar-se de cidadãos granadinos, supostamente cristãos-velhos. Hernando se chamava agora Santiago Pastor; Rafaela, Consolación Almenar. Ninguém estranharia sua mudança. A expulsão dos mouriscos havia deixado os campos vazios, sem mãos para os trabalharem, principalmente os do reino de Valência, mas também os de outros lugares, e as propriedades dos Granadas Venegas não eram exceção. Também lhe entregou duas cartas: uma dirigida ao criado que se ocupava das questões de suas propriedades, e outra de apresentação para o pároco de Campotéjar, amigo seu, na qual encomiava a religiosidade dos que ele apresentava como seus mais leais servidores, assegurando tratar-se de pessoas tementes a Deus. Miguel aparecia nos papéis como mais um familiar. Se não cometessem erros, ninguém os incomodaria, afiançou-lhes D. Pedro.

– Que se sabe dos chumbos? – perguntou-lhe Hernando quando se afastaram, antes que o nobre montasse em seu cavalo para voltar à cidade.

– O arcebispo continua retendo os livros e intervindo pessoalmente em sua tradução. Não permite a menor referência a doutrinas muçulmanas. Está sendo construída uma colegiada no Sacromonte na qual se veneram as relíquias, e um colégio para estudos religiosos e de direito. Fracassamos.

– Talvez um dia... – disse Hernando, com a voz tingida de esperança.

D. Pedro o olhou e balançou a cabeça.

– Ainda que o consigamos, ainda que o sultão ou qualquer outro rei árabe dê a conhecer o evangelho de Barnabé, já não restam muçulmanos na Espanha. Não teria importância.

Hernando ia redarguir, mas se conteve. Por acaso D. Pedro não dava importância ao fato de vir à luz a verdade, independentemente dos mouriscos espanhóis? Os nobres conversos haviam conseguido livrar-se da expulsão. D. Pedro havia encontrado suas raízes cristãs por

meio do aparecimento de Jesus Cristo que alguém havia contado num livro para sua maior grandeza. Ele os ajudava, sim, mas continuaria a crer no único Deus?

– Eu lhes desejo uma longa vida – acrescentou o nobre ao mesmo tempo que punha o pé no estribo. – Se tiverem algum problema, façam-me saber.

Depois partiu a galope.



EPÍLOGO

Ficaram muitos, particularmente onde há editos e são favorecidos...

O conde de Salazar ao duque
de Lerma, setembro de 1612

Campotéjar, 1612

Haviam transcorrido cerca de dois anos desde aquela conversa e, efetivamente, eles não haviam tido nenhum problema para estabelecer-se num afastado casario das terras dos Granadas Venegas, sob a proteção de D. Pedro, como antigos criados seus. Sua forma de vida mudou. Hernando já não possuía livros para se refugiar, nem sequer papel ou tinta para escrever. Tampouco cavalos. O pouco dinheiro de que dispunham ele não podia destinar a tais coisas, mas, se os tivesse, tampouco teria podido dedicar-se à caligrafia: a convivência das famílias que habitavam aquele lugar perdido nos campos era tão íntima e fechada, que seus vizinhos se teriam dado conta e teriam desconfiado. As portas das casas ficavam permanentemente abertas, e as mulheres rezavam rosários num constante murmúrio que chegou a transformar-se numa ladainha própria do lugar. Às vezes, porém, sozinhos nos campos, com um raminho na mão, quase inconscientemente, traçava letras árabes na terra, que Rafaela ou seus filhos apagavam rapidamente com os pés. Só Muqla, que cada vez mais tinha de atender pelo nome de Lázaro, já com sete anos, fixava os olhos azuis naqueles grafismos, como que tentando guardá-los. Era o único de seus filhos a quem Hernando continuava a ensinar a doutrina muçulmana, sempre com a lembrança do Corão que ele havia escondido no *mihrab* da mesquita de Córdova para que um dia o filho o recuperasse.

A não ser, pois, a Muqla, Hernando evitava falar de religião; nem sequer a ensinava às outras crianças por medo de que os descobrissem. As pessoas estavam agitadas, e as denúncias contra os mouriscos que haviam conseguido escapar da expulsão e esconder-se eram constantes. Morte, escravidão, galés ou trabalho nas minas de Almadén, tais eram as penas destinadas aos mouriscos capturados. Ele não podia arriscar a vida de seus filhos! Mas Muqla era diferente. Tinha olhos da mesma

cor dos seus, o legado do cristão que violentara sua mãe, o símbolo da mesma injustiça que impeliu os alpujarrenhos a alçar-se em armas.

Hernando bufou, apoiou a longa vara no chão e parou. Inconscientemente, ia pôr a mão em seus doloridos rins, mas se deu conta a tempo de que Rafaela o observava e se conteve.

– Descanse um pouco – aconselhou sua esposa pela enésima vez, sem deixar de se dobrar para recolher as azeitonas do chão e colocá-las num grande cesto.

Hernando apertou os lábios e balançou a cabeça, mas se permitiu observar seus filhos por alguns instantes: Amin, que para o povo voltava a ser Juan, saltava de um galho para outro da oliveira. Subia pelos troncos torcidos das árvores para alcançar aquelas azeitonas que resistiam às batidas da vara, tal como fazia ele em menino com a velha oliveira que resistia ao frio num dos terraços de Juviles; os outros quatro ajudavam sua mãe a recolher as azeitonas caídas de maduras, ou as que caíam com as varejaduras. Seu filho mais velho já estava com quinze anos e manejava a longa vara com habilidade, mas, se fosse Amin quem varasse a árvore para que as azeitonas tardias se desprendessem, que restava para ele? Não podia subir na árvore com quase sessenta anos.

Voltou a alçar a vara para bater nos galhos da oliveira. Rafaela o viu e balançou a cabeça.

– Seu teimoso! – gritou.

Hernando sorriu para si mesmo após dar uma nova batida. Era teimoso, sim! Mas era preciso recolher as azeitonas. Como a muitas outras famílias daquelas terras, os esperavam dezenas de árvores alinhadas no que se lhes afigurava uma extensão interminável, e, quanto mais cedo se levassem as azeitonas para o lagar, melhor azeite se obteria e melhores diárias eles ganhariam.

Ao entardecer, esgotados, se dirigiram para casa, uma ruinosa e minúscula construção de dois andares, que, com outras cinco igualmente ruinosas, compunha o pequeno casario afastado do povoado de Campotéjar.

Ali moravam desde que se haviam mudado, e trabalhavam nos campos por míseras diárias que não permitiam alimentar seus cinco filhos senão a duras penas. Amiúde passavam fome, como todos os que se dedicavam à terra, mas estavam juntos, e isso lhes dava forças.

Nos domingos e dias de guarda iam à missa em Campotéjar, onde se mostravam mais piedosos que todos. Desde 1610, o arcebispo de Castro, exaltado defensor dos chumbos do Sacromonte, havia deixado a sede granadina para ocupar a hispalense. De Sevilha, graças a seu enorme patrimônio pessoal, continuava com seu labor de tradução de lâminas e chumbos e com a construção da colegiada sobre as cavernas; mas também se transformou no maior impulsionador do concepcionismo, fazendo da pureza da Virgem Maria a bandeira de seu episcopado. As doutrinas acerca da Imaculada Conceição foram transmitidas por toda a Espanha, chegando aos cantos mais recônditos e às menores paróquias, como a de Campotéjar. Hernando e Rafaela escutavam as apaixonadas homilias sobre Maria, a mesma Maryam que o Profeta havia assinalado como a mulher mais importante nos céus e a quem o Corão e a Suna reconheciam as mesmas virtudes que as agora enaltecidas nas igrejas cristãs. Hernando e Rafaela, cada qual com sua própria fé, se uniam em torno dela, ele com respeito, ela com devoção.

Amiúde, naquelas ocasiões, eles se procuravam com o olhar, porque homens e mulheres se separavam no interior da igreja, e quando conseguiam encontrar-se se falavam em silêncio. A Virgem Maria se erguia como o ponto de união em suas respectivas crenças, tal como sugeriam aqueles chumbos que tão pobres resultados tinham dado. Como, senão por sua intercessão – chegara a comentar ela na intimidade das noites –, podiam ter escapado de Sevilha um mourisco e uma cristã? Como, senão pela intercessão de Maria diante Deus, podia Ele permitir a felicidade de um casamento entre um seguidor do Profeta e uma devota cristã?

Porque nesses dias de descanso no povoado, quando Hernando via algum cavalo, por mais ruço que pudesse ser, Rafaela estremecia ao

verificar que baixava as pálpebras com nostalgia. Então a mulher se perguntava se teria feito bem em tomar a decisão de fugir com ele, se não lhe teria condenado a uma vida estéril e simples, afastada de seus estudos e planos, enfadonha e miserável.

No entanto, indefectivelmente, naqueles dias de guarda obrigatório, seu esposo lhe demonstrava que ela não havia errado em sua decisão. Brincava com os pequenos Musa e Salma, os abraçava e os beijava com ternura. Às escondidas, no campo, tentava ensinar-lhes os números e a aritmética e tudo quanto fosse possível sem papel ou tabuinhas. Mas eles se cansavam logo de lições que de nada lhes serviam e exigiam dele que se sentasse para escutar alguma história contada pela boca de Miguel. Depois, de noite, em casa, os esposos falavam de seus filhos, do futuro de Amin e Laila, que já eram quase adultos, dos campos, da vida e de mil outras coisas, antes de entrar no pequeno quarto que compartilhavam e em que, com ternura e carinho, faziam amor.

Em uma das jornadas de duro trabalho, levantaram-se ao alvorecer para continuar a recolher as azeitonas. Hernando teve de sacudir os filhos, que dormiam juntos e encolhidos em duas enxergas, para que acordassem. Depois de um desjejum frugal, foram para o campo, em meio à bruma, à espera de que o calor do sol a dissipasse. Trabalharam em silêncio. Rafaela estava preocupada: apesar de seus desejos, seu corpo lhe indicava que havia tornado a engravidar. Como iria trazer outro filho para aquele mundo de pobreza e sofrimento?

No meio da manhã pararam para almoçar. Foi então que Román, um velho aleijado que sempre ficava no casario, apareceu à distância, andando lentamente com a ajuda de seu tosco bastão. Dali, com o bastão, assinalou Hernando e sua família para dois cavaleiros que o seguiam.

– D. Pedro – anunciou Miguel, surpreso, com o olhar posto nos cavaleiros.

– Quem o está acompanhando? – perguntou Rafaela com a inquietação estampada no rosto.

– Tranquilize-se, D. Pedro não nos faria nada de mau – disse seu esposo, mas em sua voz havia uma ponta de medo.

Os dois cavaleiros se dirigiam para eles a meio galope. Hernando se levantou e, por via das dúvidas, deu alguns passos para recebê-los. O sorriso que vislumbrou nos lábios do nobre o tranquilizou; então fez um gesto para Rafaela para que também se aproximasse.

– Bom-dia – cumprimentou D. Pedro saltando do cavalo.

– A paz – respondeu Hernando observando o acompanhante do nobre, de idade mediana, bem-vestido ainda que não à moda espanhola, de barba cuidadosamente aparada e olhar penetrante. – Vem vigiar suas terras? – Sorriu estendendo a mão para D. Pedro de Granada.

– Não – respondeu este aceitando o cumprimento e apertando com força. O sorriso com que havia chegado aumentou. Rafaela se encostou no esposo enquanto Miguel tentava manter as crianças afastadas. – Trago boas notícias.

D. Pedro rebuscou em sua roupa, pegou um documento e o entregou solenemente a Hernando.

– Não vai abri-lo? – inquiriu ao verificar que seu amigo permanecia com ele na mão.

Hernando olhou o documento. Estava lacrado. Examinou o selo. Era o escudo real. Hesitou. Tremeu. De que se trataria?

– Abra-o! – instou-lhe Rafaela.

Miguel não pôde resistir à curiosidade e foi até ele com dificuldade: os cajados afundavam na terra. As crianças o seguiram.

– Abra-o, pai. – Hernando se virou para o filho maior, anuiu e rompeu o selo.

Depois começou a ler o documento em voz alta:

– "D. Felipe, pela graça de Deus rei de Castela, de Leão, de Aragão, das duas Sicílias, de Jerusalém, de Portugal, de Navarra, de Toledo, de Valência, da Galiza, de Maiorca... – inconscientemente, foi baixando a voz até transformá-la num murmúrio, enquanto enumerava os títulos

de Felipe III – ... arquiduque da Áustria... duque da Borgonha...” – Depois continuou a ler em silêncio.

Ninguém se atreveu a interrompê-lo. Rafaela, com as mãos fortemente entrelaçadas, tentava adivinhar o conteúdo por meio do quase imperceptível movimento dos lábios de seu esposo.

– O rei... – anunciou emocionado ao terminar a leitura –, o rei, pessoalmente, nos exclui do decreto de expulsão, a nós, Hernando Ruiz de Juviles e seus filhos. Reconhece-nos como cristãos-velhos e nos devolve todas as propriedades que nos foram confiscadas.

Rafaela soluçou numa mistura irrefreável de riso e choro.

– E Gil? E o duque? – conseguiu dizer.

Hernando voltou a ler, desta vez em voz alta, energicamente:

– “Assim ordenamos pelo rei nosso senhor aos grandes, prelados, nobres em geral, barões, cavaleiros, jurados, oficiais de justiça, das cidades, vilas e outros lugares, *bailes*, governadores e quaisquer outros ministros de Sua Majestade, cidadãos e habitantes particulares de nossos reinos.”

Mostrou-lhe a carta. Rafaela não conseguia conter o choro. Hernando abriu os braços e a mulher se refugiou neles.

– Seu novo filho nascerá em Córdova – soluçou então Rafaela ao ouvido de seu esposo.

– Como se conseguiu isto? – havia perguntado Hernando.

D. Pedro lhe indicou que se separassem e, enquanto os três passeavam entre as oliveiras, lhe apresentou o seu acompanhante: André de Ronsard, membro da embaixada francesa na corte espanhola.

– O cavaleiro De Ronsard traz outra carta.

Os três homens pararam à sombra de uma velha oliveira de troncos retorcidos. O francês rebuscou entre suas roupas e lhe entregou um segundo escrito.

– É de Ahmed I, sultão de Constantinopla – anunciou. Hernando o interpelou com o olhar, e o francês se explicou: – Como já deveis saber, por causa da expulsão do seu povo muitos muçulmanos foram

para a França. Infelizmente, nossa gente os roubou, os maltratou, e até deu morte a muitos deles. Todos esses desmandos chegaram aos ouvidos do sultão Ahmed, que imediatamente enviou um embaixador especial à corte francesa para que intercedesse diante do rei a favor dos deportados. Agí Ibrahim, assim se chama o embaixador, alcançou o que buscava, mas estando em nosso país também recebeu outro encargo, que fez chegar à nossa embaixada francesa na Espanha: conseguir perdão para vós e vossa família... custasse o dinheiro que custasse. E custou muito, eu lhes posso assegurar. – Hernando esperou mais explicações. – Não sei mais nada – desculpou-se Ronsard –, simplesmente me ordenaram que quando alcançássemos o nosso objetivo procurássemos D. Pedro de Granada Venegas, porque provavelmente ele saberia de vós por causa dos chumbos. Só me encarregaram de acompanhá-lo para vos entregar a carta do sultão.

Hernando abriu a carta. A grafia árabe, esmerada e colorida, estilizada, escrita por mão hábil, lhe provocou um calafrio. Depois começou a ler em silêncio. Fátima havia viajado para Constantinopla, como desejava, e ali havia entregado o evangelho ao próprio sultão. Ahmed I o felicitava pela defesa do islã e lhe agradecia ter-lhe enviado o evangelho de Barnabé, mas, sobretudo, lhe mostrava sua gratidão por ter mantido vivo o espírito do islã na mesquita de Córdova, rezando diante de seu *mihrab*. Quem em todo o mundo muçulmano não havia ouvido falar dela?

O sultão, dizia a carta, estava construindo em Constantinopla a maior das mesquitas em honra de Alá e de seu Profeta. Teria seis altos minaretes e uma imensa cúpula, e seria revestida por um mosaico composto de milhares de peças azuis e verdes, mas mesmo assim, reconhecia, por mais bela que pudesse ser, nunca chegaria à altura do símbolo da vitória sobre os reinos cristãos do poente.

> É meu desejo e de todos os muçulmanos – prosseguia o sultão – que você continue enaltecendo e louvando o "Criador sem par" dentro do que foi a maior mesquita do Ocidente; que, ainda que aos

sussurros, continuem a se ouvir de sua boca as preces ao único Deus, e que, quando faltar você, o façam seus filhos e os filhos de seus filhos. Que vossas orações se confundam com o eco dos murmúrios dos milhares de nossos irmãos que o fizeram nela, para que no dia em que Deus dispuser, por meio de você e de sua família, se una o passado e este presente que, com ajuda do Todo-Poderoso, sem dúvida chegará.

Os doutores na religião consideram imprescindível encontrar o original do evangelho que o copista diz ter escondido no tempo de al-Mansur. Oxalá possamos achá-lo. Daríamos qualquer coisa por obtê-lo, já que os cristãos nunca admitirão uma cópia.

Sua esposa lhe manda todas as felicitações e o anima a continuar com a luta que vocês iniciaram juntos. Nós cuidaremos dela até que a morte os una novamente.

Fátima! Ela lhe havia perdoado!

Os risos de seus filhos, um pouco adiante, o distraíram. Ele os olhou: corriam e brincavam entre as oliveiras, estimulados pelos gritos de Miguel, sob o olhar sorridente de sua esposa. Sim, sua família era seu grande êxito... suspirou Hernando. Por que não havia sido possível essa convivência entre os dois povos? Então viu Muqla, que permanecia um pouco afastado: parado, sério, atento a ele. Todos eram seus filhos, mas aquele era o herdeiro do espírito lavrado ao longo de oito séculos de história muçulmana naquelas terras. Aquele seria o continuador de sua obra.

De repente, Rafaela se deu conta da afinidade entre pai e filho e, como se soubesse o que se passava pela cabeça do esposo, se aproximou de Muqla, se pôs atrás dele e apoiou as mãos em seus ombros. O pequeno procurou o contato da mãe e entrelaçou seus dedos com os dela.

Hernando contemplou com carinho sua família e depois elevou o olhar para o céu acima das copas das oliveiras. O sol estava a pino, e

por um instante, no céu claro, algumas nuvens desenharam para ele uma branca e imensa mão de Fátima que parecia proteger a todos.

Nota do autor

A história da comunidade mourisca, desde a tomada de Granada pelos Reis Católicos até sua expulsão definitiva, da qual se cumpre o quarto centenário no ano de 2009, é a de um dos numerosos episódios de xenofobia que a história da Espanha produziu. Valham também como exemplo os ataques de Almanzor a hebreus e cristãos e a conhecida expulsão dos judeus espanhóis pelos Reis Católicos. As capitulações para a rendição de Granada estabeleciam condições muito generosas para os muçulmanos, que poderiam conservar sua língua, religião, costumes, propriedades e autoridades; mas oito anos depois o cardeal Cisneros impôs a cristianização forçada dos mouriscos, bem como a eliminação de sua cultura, o estabelecimento de novos e pesados impostos e a supressão de sua autonomia administrativa. Os chamados cristãos-novos se transformaram em pessoas exploradas e ao mesmo tempo odiadas, e seus antigos direitos foram drasticamente restringidos.

A sublevação mourisca das Alpujarras, terra de montanhas e de grande beleza, foi consequência da irreversível deterioração das condições deste povo, e é conhecida por meio dos detalhados relatos dos cronistas Luis de Mármol Carvajal (*Historia del rebelión y castigo de los moriscos del reino de Granada*) e Diego Hurtado de Mendoza (*Guerra de Granada hecha por el Rey de España Don Felipe II contra los moriscos de aquel reino, sus rebeldes: historia escrita em cuatro libros*). Foi uma guerra que ambos os lados travaram com suma crueldade, ainda que os desmandos dos mouriscos sejam mais bem conhecidos por causa da parcialidade dos cronistas cristãos. Apesar disso, uma das poucas vozes que se levantaram para explicar, e não desculpar, os excessos foi a do embaixador espanhol em Paris, o qual, na carta ao rei que é citada na página 14, expôs que todo um povo se

queixava de que suas mulheres eram violadas pelo cura e de que as crianças nasciam com o estigma dos olhos azuis do sacerdote, como é o caso do protagonista deste romance. Mas também se cometeram atrocidades no lado cristão. As matanças, com o povoado de Galera como expoente, a escravização dos vencidos e a pilhagem foram coisa corrente. Por isso cabe dar crédito àqueles acontecimentos, como a morte de mais de mil mulheres e crianças na praça de Juviles e a venda de outros tantos seres de ambos os grupos em almoeda em Granada, que são relatados nessas crônicas.

Tais chacinas foram perpetradas por tropas compostas por soldados e comandantes que não faziam parte de corpos regulares e cujo único objetivo parecia ser o enriquecimento pessoal. Nas crônicas há constantes episódios em que o butim e sua divisão, a ambição como única estratégia e a deserção de homens já satisfeitos com o que haviam conseguido ocupam um lugar proeminente.

Junto a isso, também tentei proporcionar em meu romance uma imagem dos conflitos e condições de vida do campo insurrecto até que os mouriscos, entregues à sua própria sorte por argelinos e turcos – como já haviam sido e continuariam a ser –, foram vencidos pelos terços espanhóis. O consumo de haxixe para entorpecer o espírito guerreiro, o uso do acônito como veneno nas flechas, a queda em desgraça de Aben Humeya por causa de sua queda pelas mulheres, a atitude soberba do corpo de janízaros que foi enviado de Argel, os corsários e a queda de alguns deles pelos rapazes... aparecem nos relatos dos cronistas da época. Também na obra *Mahoma* de Juan Vernet se assinala que, segundo um costume árabe, algumas das espadas do Profeta chegaram até al-Andalus, como reproduz meu romance.

A sublevação das Alpujarras terminou com a deportação dos mouriscos granadinos para outros reinos da Espanha. No caso dos que foram levados para Córdova, como os protagonistas do romance, este êxodo causou a morte ao longo do caminho de cerca de um sétimo dos

expulsos, como revela o trabalho *Los moriscos en tierras de Córdoba*, de Juan Aranda Doncel.

A derrota, a dispersão dos mouriscos, as leis discriminatórias, que por outro lado tornavam vãs as tentativas de assimilação, não puderam resolver o problema. São muitos os memoriais e ditames da época que o patenteiam, e que propunham "soluções finais" certamente aterradoras. Consequentemente, também foram muitas as conspirações, todas fracassadas. Foi particularmente grave a de Toga, que o romance narra e que se frustrou por causa dos documentos que o rei da Inglaterra mandou ao da Espanha após a morte de Elizabeth I e do tratado de amizade anglo-espanhol. O historiador Henry Charles Lea, em sua obra *Os mouriscos espanhóis; sua conversão e expulsão*, afirma que os 120 mil ducados que a comunidade mourisca se comprometeu a entregar naquela ocasião para assegurar o apoio do rei da França à insurreição efetivamente chegaram a ser pagos em Pau; e, embora Domínguez Ortiz e Bernard Vincent, em sua *Historia de los moriscos; vida y tragédia de una minoría*, afirmem que tal não chegou a se dar, o pagamento ou o compromisso de fazê-lo parece inequívoco. Por razões narrativas, inclinei-me pelo pagamento, estabelecendo este, ficticiamente, por meio dos ganhos obtidos com a falsificação de moedas, uma verdadeira mácula econômica que se produziu sobretudo no reino de Valência, cuja banca municipal quebrou em 1613, sendo preciso proceder à retirada de circulação de centenas de milhares de ducados em moeda falsa. Dessa falsificação os mouriscos foram diretamente acusados. Houve vários berberes presentes em Toga, mas a ajuda não viria de Argel ou da Sublime Porta, mas dos próprios cristãos.

Os sofrimentos vividos pelas crianças, e me refiro agora às mouriscas, inocentes vítimas da tragédia de seu povo, mereceria um estudo aprofundado. Para isso, as referências são abundantes; em primeiro lugar, a escravidão a que foram submetidas as crianças com menos de onze anos apesar das determinações reais durante a guerra das

Alpujarras; é difícil, no entanto, para a nossa visão atual considerar adultos todos os que tinham mais de onze anos. Em segundo lugar, uma vez terminada a guerra, a entrega dos filhos dos mouriscos deportados a famílias cristãs; existem documentos que confirmam alguns processos judiciais abertos por essas mesmas crianças, uma vez chegadas à idade necessária, para recuperar sua liberdade. Em terceiro lugar, houve uma nova escravização de crianças após as rebeliões das serras valencianas (Val de Aguar e Muela de Cortes). Por fim, há documentação sobre as crianças com menos de seis anos que foram retidas na Espanha quando se deu a expulsão definitiva. Conta-se que, ordenada já essa drástica medida, algumas famílias conseguiram ir para a França (a proibição era que fossem para a Berbéria) e que outras burlaram a ordem real embarcando em navios com destino a países cristãos para depois mudar o rumo para as costas africanas. No romance se afirma que algumas centenas de crianças foram retidas em Sevilha. Em Valência, cerca de mil foram postas sob a guarda da Igreja, e a própria esposa do vice-rei, por meio de seus criados, raptou um número indeterminado de crianças, de que cuidou para evitar sua queda nas mãos de Satanás, como teria acontecido se tivessem sido levadas para "terras de mouros".

Após a expulsão, os mouriscos do povoado de Hornachos, uma comunidade beligerante e fechada, se assentaram e chegaram a dominar a vila corsária de Salé, ao lado de Rabat. Em 1631 negociavam com o rei da Espanha a entrega dessa praça, sob condições que incluíam a de lhes devolverem aqueles filhos que lhes tinham sido roubados. Reino a reino, povoado a povoado, existem numerosos exemplos de comunidades de que foram arrebatados os filhos menores.

No que diz respeito ao número de mouriscos expulsos da Espanha, os números são tão díspares, que seria realmente fastidioso citar os autores que defendem uns ou outros. Talvez, seguindo Domínguez e Vincent, o mais correto seja o de aproximadamente trezentas mil pessoas. Por outro lado, a maioria dos autores que estudaram o tema

mourisco (Janer, Lea, Domínguez e Vincent, Caro Baroja...) referem as matanças que se deram na chegada dos deportados à Berbéria. Alguns deles afirmam que cerca de um terço dos deportados valencianos foram assassinados à sua chegada àquelas terras, seguindo nisso o cronista de Felipe III, Luis Cabrera de Córdoba, em suas *Relaciones de las cosas sucedidas en la corte de España desde 1599 hasta 1614*: "... e estão tão escandalizados [os mouriscos] com o mau tratamento e dano que receberam os de Valência na Berbéria, tendo morrido mais de três quartos dos que foram, que muito poucos se inclinavam a ir para lá". Enquanto isso, o rei Felipe festejava a operação e dava cem mil ducados de bens mouriscos ao duque de Lerma por ocasião do casamento do valido com a condessa de Valência.

Após a primeira expulsão, sucederam-se uma série de editos que insistiam na deportação dos que podiam ter ficado ou regressado à Espanha, ou permitindo e premiando o assassinato ou a escravidão ao bel-prazer de quem os achasse. Deve-se levar em consideração, por outro lado, que os diferentes editos de expulsão de cada um dos reinos espanhóis diferiam entre si, conquanto no fundo tais diferenças fossem mínimas. Para o romance, baseei-me no primeiro edito promulgado, o do reino de Valência.

Entre as exceções, é particularmente curiosa a da cidade de Córdoba, que, por decisão de sua municipalidade em 29 de janeiro de 1610, suplicou ao rei que desse licença para que ficassem na cidade dois freeiros mouriscos velhos e sem filhos, "pelo bem em que redundará e pelo exercício da gineta dela". Não tenho conhecimento, salvo esses dois velhos mouriscos que deviam continuar atendendo aos cavalos, de que se solicitou alguma outra exceção; tampouco conheço a resposta de Sua Majestade a essa súplica.

No ano de 1682, depois de terem sido mandados a ele em razão da morte do arcebispo D. Pedro de Castro, o papa Inocêncio XI declarou falsos os Livros Plúmbeos do Sacromonte e o pergaminho da Torre Turpiana. No entanto, o Vaticano nada disse das relíquias, qualificadas

de autênticas pela Igreja granadina no ano de 1600 e que continuaram a ser veneradas. É uma situação similar à que viveu o protagonista deste romance: os documentos – ainda que fossem em chumbo – que davam fé de que tal ou qual osso ou cinza correspondiam a determinado mártir foram declarados falsos pelo Vaticano; mas as relíquias, cuja credibilidade se baseava precisamente nesses documentos – se assim não fosse, por que cinzas achadas numa mina abandonada de um monte seriam atribuídas a São Cecílio ou a São Tesifonte? –, continuaram a ser consideradas autênticas de acordo com a Igreja granadina.

Hoje, a maioria dos investigadores concorda em que os Livros Plúmbeos e o pergaminho da Turpiana foram falsificados pelos mouriscos espanhóis, numa desesperada tentativa de sincretismo das duas religiões para encontrar laços comuns que efetivamente pudessem mudar a visão que os cristãos tinham dos muçulmanos, sem renunciar aos dogmas de sua fé.

Também há quase unanimidade em considerar impulsionadores da fabulação os médicos e tradutores oficiais do árabe Alonso del Castillo e Miguel de Luna, que escreveu uma *Verdadera historia del rey Rodrigo* em que oferecia uma visão favorável da invasão árabe da península e da convivência entre cristãos e muçulmanos. A intervenção de Hernando Ruiz em tudo isso é fictícia; não assim a de D. Pedro de Granada Venegas, citado em alguns estudos, e que terminou substituindo seu emblema nobiliário, esse vitorioso "Lagaleblila" – *Wa la galib ilallah* – nazari, pelo cristão "*Servire Deo, regnare est*". Em 1608, pouco antes da expulsão, veio a lume o livro escrito pelo bacharel Pedraza, *Antigüedad y excelencias de Granada*, no qual se exalta a conversão do príncipe muçulmano e antecessor de D. Pedro, Cidiyaya, em razão do milagroso aparecimento de uma cruz no ar diante dele. Muitos foram os nobres muçulmanos que, como os Venegas e de uma forma ou de outra, conseguiram integrar-se na sociedade cristã.

A conexão entre os Livros Plúmbeos e o evangelho de Barnabé, tese defendida por Luis F. Bernabé Pons em *Los mecanismos de una resistencia: los Libros Plúmbeos del Sacromonte y el Evangelio de Bernabé* e *El Evangelio de San Bernabé. Un evangelio islámico español*, provém do achado em 1976 de uma transcrição parcial feita no século XVIII do suposto original, em espanhol, do qual já se tinham certas referências escritas, sobretudo tunisinas; a referida cópia se conserva na Universidade de Sidney. Esta moderna teoria, no entanto, poderia pôr em dúvida o único objetivo de sincretismo entre as religiões cristã e muçulmana que se atribui aos Livros Plúmbeos. Parece lógico pensar que os autores do Livro Mudo da Virgem, cujo conteúdo, segundo seu prólogo e outro dos livros, este, sim, legível, seria dado a conhecer por um rei dos árabes, previam o aparecimento de um novo escrito, embora não se saiba se tal chegou a suceder. Se este novo escrito era ou não o evangelho de Barnabé, cujas semelhanças com os Plúmbeos são notáveis, não deixa de ser uma hipótese. O que não é hipótese, mas fruto exclusivo da imaginação do autor, é a relação entre o evangelho e esse fictício exemplar que se salvou da queima da magnífica biblioteca *califal* de Córdova ordenada pelo chefe Almanzor, fato que infelizmente, sim, foi verídico, como tantas outras bárbaras fogueiras de triste memória na história da humanidade em que o conhecimento se transforma em objeto da ira dos fanáticos.

Por outro lado, também é verdade que se fizeram estudos sobre os mártires cristãos das Alpujarras, conquanto em data posterior à que se vê no romance: os primeiros que se conhecem, por meio de informações dadas pelo arcebispo Pedro de Castro, datam do ano 1600. Nas atas de Ugíjar (1668), que recolhem a maior parte das matanças de cristãos acontecidas nas Alpujarras, é citado um menino chamado Gonzalico, o qual qualificou de "lindo" seu sacrifício por Deus antes de ser martirizado. A ação de arrancar-lhe o coração pelas costas que é descrita no romance é reiteradamente citada por Mármol em suas crônicas como mostra a crueldade dos mouriscos para com suas vítimas cristãs.

Córdova é uma cidade maravilhosa, razão pela qual possui a extensão urbana mais importante da Europa declarada Patrimônio Histórico da Humanidade pela Unesco. Em alguns lugares pode-se deixar voar a imaginação para reviver a esplendorosa época do califado muçulmano. Um deles, sem a menor dúvida, é a mesquita-catedral. Não se pode assegurar que o imperador Carlos I tenha dito as palavras que lhe são atribuídas quando contemplou as obras que ele mesmo havia autorizado em seu interior: "Eu não sabia o que era isto, pois não teria permitido que se chegasse ao que aconteceu, porque fazeis o que pode haver em outras partes e desfizestes o que era singular no mundo." A verdade é que a catedral, tal como foi concebida através dos diferentes projetos com a consequência de ficar embutida no bosque de colunas da antiga mesquita, é uma obra de arte. Certamente, anulou-se a luz do templo muçulmano, quebrou-se sua linearidade e cerceou-se seu espírito, mas, ainda assim, está ali boa parte da arte *califal*. Por que não foi derrubada, tal como se fez com muitas outras mesquitas, para erguer onde ela estivera uma nova catedral cristã? Talvez, deixando de lado possíveis interesses dos vinte e quatro e da nobreza, valha a pena recordar a sentença de morte que, determinada pela municipalidade, era contra os que ousassem trabalhar nas novas obras da catedral.

No alcácer dos reis cristãos, ainda se podem ver as ruínas e as marcas no chão das antigas celas da Inquisição rodeando um dos pátios; a seu lado está outra das construções que pode transportar o visitante àquelas épocas: as cavalariças reais, nas quais Felipe II decidiu, e conseguiu, criar uma nova raça de cavalos cortesãos, uma raça que hoje enaltece e caracteriza o gado equino deste país.

A mão de Fátima (*al-hamsa*) é um amuleto em forma de mão com cinco dedos, que, segundo algumas teorias, representam os cinco pilares da fé: a declaração de fé (*shahada*); a oração cinco vezes ao dia (*salat*); a esmola legal (*zakat*); o jejum (Ramadã) e a peregrinação a Meca ao menos uma vez na vida (*hach*). No entanto, este amuleto também aparece na tradição judaica. Não é o momento nem o lugar

para entrar em considerações sobre suas verdadeiras origens nem, muito menos, para discutir a funcionalidade dos amuletos. Os estudos insistem, reiteradamente, em que não só os mouriscos, mas a sociedade da época, usavam amuletos e acreditavam em todos os tipos de feitiçarias e sortilégios. Já em 1526, a Junta da Capela Real de Granada fez referência às "mãos de Fátima", proibindo os ourives de as fazerem e os mouriscos de as usarem; tais preceitos foram estabelecidos no sínodo de Guadix de 1554. Há numerosos exemplos de "mãos de Fátima" na arquitetura muçulmana, mas talvez o mais representativo, dentro dos marcos deste romance, seja o da mão com os cinco dedos estendidos, cinzelada na *clef de voûte* do primeiro arco da Porta da Justiça que dá acesso à Alhambra de Granada e que data de 1348. Assim, o primeiro símbolo com que depara o visitante desse maravilhoso monumento granadino não é outro senão uma mão de Fátima.

Eu não poderia terminar estas linhas sem expressar meu agradecimento a todos quantos, de uma forma ou de outra, me ajudaram e aconselharam durante a escrita deste romance, em especial a minha editora, Ana Liarás, cujo envolvimento pessoal, conselhos e trabalho tiveram um valor incalculável, reconhecimento que torno extensivo a todo o pessoal da Random House Mondadori. Minha gratidão, naturalmente, ao meu primeiro leitor: minha esposa, incansável companheira, e aos meus quatro filhos, que se empenham em lembrar-me tenazmente de que há muitas coisas além do trabalho, e a quem dedico este livro em homenagem a todas essas crianças que sofreram e infelizmente ainda sofrem as consequências de um mundo cujos problemas somos incapazes de resolver.

Barcelona, dezembro de 2008

Copyright © 2009 *by* Ildefonso Falcones de Sierra
Título original
LA MANO DE FÁTIMA

Edição brasileira traduzida da edição original da Random House Mondadori, Barcelona, 2009.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
http://www.rocco.com.br

Conversão para e-book
Freitas Bastos

2ª edição eletrônica
Rocco Digital

Coordenação Digital
Lúcia Reis

Assistente de Produção Digital
Joana De Conti

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F172m
Falcones de Sierra, Ildefonso, 1959-
A mão de Fátima [recurso eletrônico]/Ildefonso Falcones; tradução: Carlos Nougué. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital

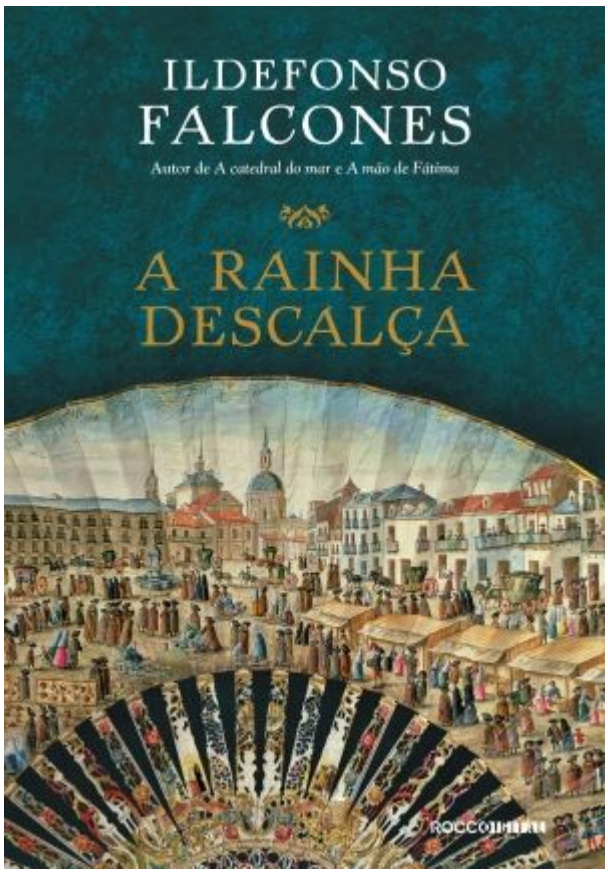
Tradução de: La mano de Fátima
ISBN 978-85-8122-007-9 (recurso eletrônico)

1. Árabes – Córdoba (Espanha) – Ficção. 2. Espanha – História – Século XVI – Ficção. 3. Córdoba (Espanha) – História – Ficção. 4. Romance espanhol. 5. Livros eletrônicos. I. Nougué, Carlos. II. Título.

11-8399 CDD: 863
CDU: 821.134.2-3



ILDEFONSO FALCONES DE SIERRA, casado e pai de quatro filhos, é advogado e vive em Barcelona. *A catedral do mar*, seu primeiro romance (também publicado pela Rocco), foi um sucesso mundial sem precedentes, tanto entre os leitores como entre os críticos. Publicado em mais de 40 países e com mais de quatro milhões de exemplares vendidos, ganhou diversos prêmios, entre os quais o Euskadi de Plata 2006, o prêmio Qué Leer para o melhor livro em língua espanhola do ano de 2006 e o prêmio Fundación José Manuel Lara para o romance mais vendido em 2006, além do prestigioso prêmio italiano Giovanni Boccaccio 2007 para melhor autor estrangeiro e do prêmio francês Fulbert de Chartres 2009. *A mão de Fátima* ganhou o IX Prêmio Roma em Literatura Estrangeira e já foi publicado em mais de 20 países, tendo ultrapassado a marca de 1 milhão de exemplares vendidos.


ILDEFONSO
FALCONES
Autor de A catedral do mar e A mão de Fátima
A RAINHA
DESCALÇA
ROCCO

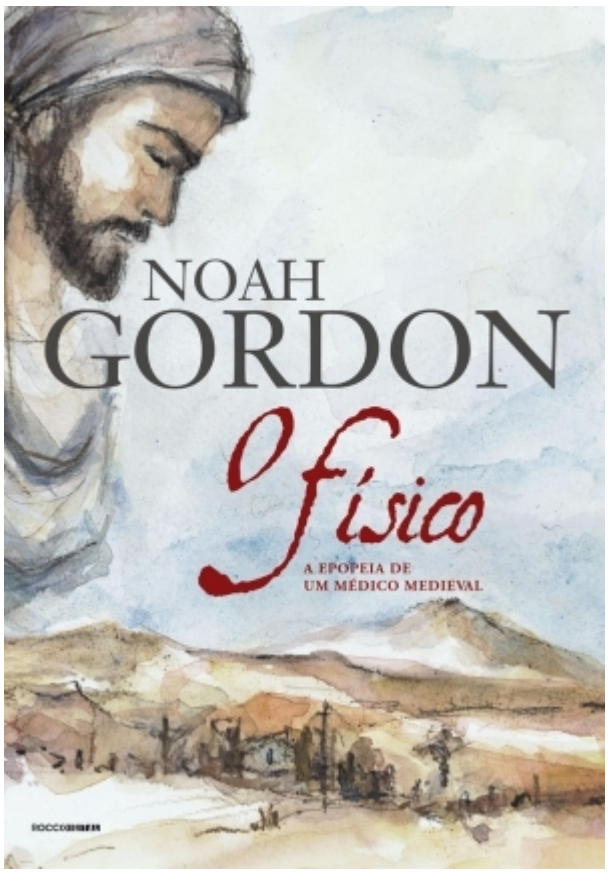
A rainha descalça

Falcones, Ildefonso
9788581223605
608 páginas

Compre agora e leia

Depois de A Catedral do Mar e A mão de Fátima, romances históricos que se tornaram bestsellers na Europa, o escritor espanhol Ildefonso Falcones brinda os leitores com mais uma obra de fôlego. A rainha descalça acompanha a saga de Caridad, uma ex-escrava cubana que aporta em Sevilha, na Espanha, em 1748. Livre, porém fragilizada diante de sua condição, ela é acolhida por um clã cigano e inicia uma intensa amizade com a jovem cigana Milagros, dando início a uma trama recheada de paixões e intrigas na Europa do século XVIII, marcada pelas transformações culturais, pela perseguição aos povos tradicionais e pela intolerância.

Compre agora e leia


NOAH
GORDON
O Físico
A EPOPEIA DE
UM MÉDICO MEDIEVAL

O físico

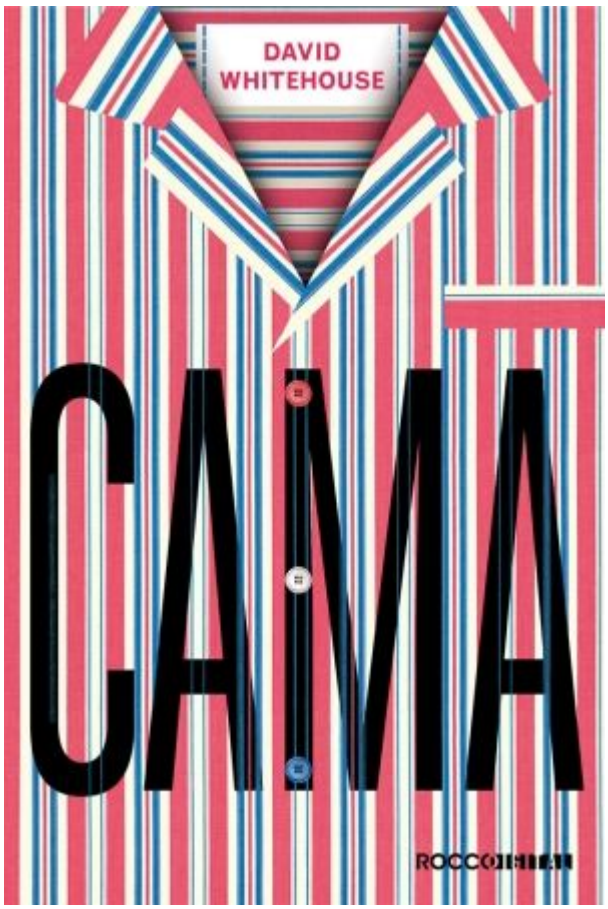
Gordon, Noah
9788581220482
592 páginas

Compre agora e leia

"Mais que uma recriação histórica magistral, aqui está também a história fantástica de uma vocação para a Medicina. O romance de Noah Gordon recria o século XI de maneira tão eloquente que o leitor é levado em suas centenas de páginas por uma onda gigantesca de autenticidade e imaginação." O Publishers Weekly assim se referiu a O físico, de Noah Gordon, autor festejado como um dos maiores nomes do mundo literário norte-americano e presente em todas as listas dos livros mais vendidos. Votado um dos livros mais amados de todos os tempos na Madrid Book Fair e em pesquisa feita pela emissora européia ZDF, O físico conta a história do filho mais velho de um carpinteiro na Inglaterra medieval, Rob J. Cole, protagonista desta saga inesquecível que conquistou milhões de fãs ao redor do mundo. Ao tornar-se órfão, Rob J. passa a acompanhar um cirurgião de métodos duvidosos e acaba descobrindo um extraordinário dom: a habilidade de prever a morte. Em suas andanças, Rob J. terá que fazer malabarismo – literalmente - e brigar com um filhote de urso para entreter uma plateia. Mas é o encontro com o médico Merlin (o nome parece familiar?) que provoca uma mudança no rumo de sua vida, lançando-o em uma aventura no Oriente. A descoberta da medicina

na Pérsia será, mais do que uma provação, o início de uma tradição que perdurará por gerações na família Cole. Disfarçando-se de judeu e se embrenhando em novos idiomas – o persi e o hebraico antigo - Rob J. tem um longo caminho pela frente. Para cumprir seu destino, ele irá defender-se de salteadores de estrada, assistir a brigas de bar e trabalhar na lavoura. Em sua epopéia, Rob J. descobrirá, ainda, o amor e o ciúme. Participar de uma grande maratona, sagrar-se médico, jogar xadrez com o rei da Pérsia e praticar enfim a tão sonhada técnica de curar são os ingredientes finais dessa trama inesquecível. O romance foi adaptado para o cinema em 2013 e estreou nos cinemas brasileiros em outubro de 2014.

Compre agora e leia


DAVID
WHITEHOUSE
CAMA

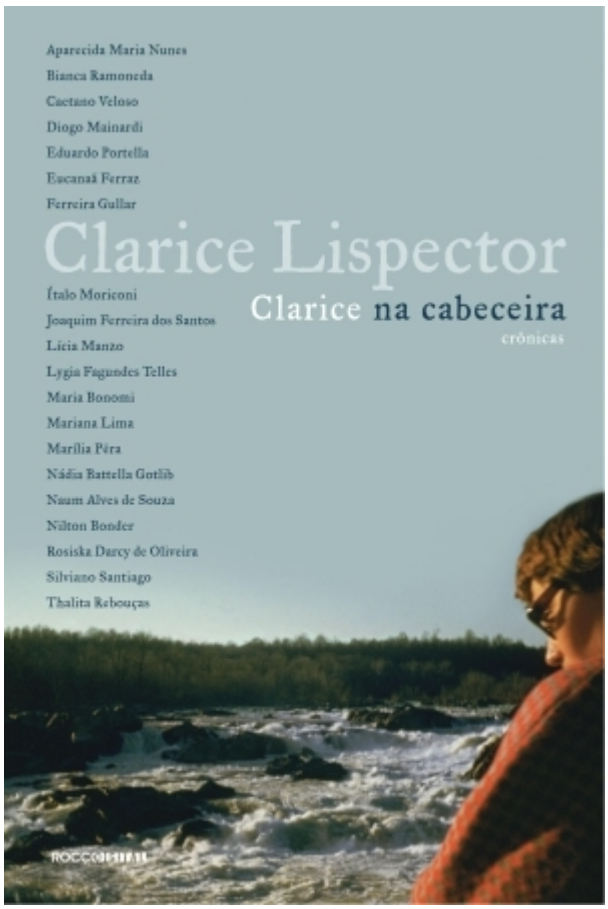
Cama

Whitehouse, David
9788581221281
256 páginas

Compre agora e leia

Malcolm Ede era um jovem belo e enigmático, que amedrontava os meninos e atraía as meninas. Em casa, merecia toda a atenção da mãe devotada e do pai, um senhor calado atormentado por uma tragédia. Esse cuidado excessivo devia-se, em parte, ao comportamento excêntrico do garoto, obcecado, entre outras coisas, por andar completamente nu. Seu irmão mais novo, assim como o resto da família, vivia na órbita da personalidade magnética e anormal de Malcolm. Inconformado, Mal, em protesto ao futuro tedioso – e sombrio – que o aguardava, resolve, aos 25 anos, não sair mais de sua cama. Aclamada estreia do jovem jornalista britânico David Whitehouse na ficção, Cama é narrada com emoção e altas dose de humor negro. O romance recupera a tradição literária do absurdo, ao colocar como protagonista o jovem Malcolm, de mais de 600 quilos, cuja presença sufoca a existência do restante da família, acachapada por uma força de atração compatível com seu tamanho. Cama é uma reflexão sobre amor, família, quebra de paradigmas. E mais, como diz Mal sobre sua atitude: "É sobre fazer nada e fazer algo incrível ao mesmo tempo".

Compre agora e leia


Aparecida Maria Nunes
Bianca Ramoneda
Caetano Veloso
Diogo Mainardi
Eduardo Portella
Eucanaã Ferraz
Ferreira Gullar
Clarice Lispector
Clarice na cabeceira
crônicas
Ítalo Moriconi
Joaquim Ferreira dos Santos
Lícia Manzo
Lygia Fagundes Telles
Maria Bonomi
Mariana Lima
Marília Pêra
Nádia Battella Gotlib
Naum Alves de Souza
Nilton Bonder
Rosiska Darcy de Oliveira
Silviano Santiago
Thalita Rebouças

Clarice na cabeceira: crônicas

Lispector, Clarice
9788581225609
176 páginas

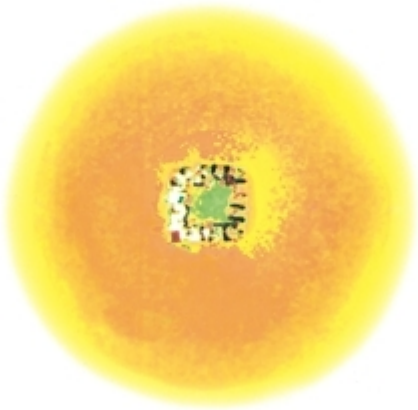
Compre agora e leia

Reunião de vinte textos escolhidos por convidados afeitos à obra de Clarice Lispector, Clarice na cabeceira apresenta uma leitura selecionada de narrativas curtas publicadas entre 1962 e 1973, na revista Senhor e no Jornal do Brasil, e posteriormente agrupadas nos livros A descoberta do mundo e Para não esquecer. Abordando temas tão diversos quanto as memórias da infância, a vida, a morte, o amor, o ato de escrever, o silêncio, a maternidade e a indignação, as crônicas ganham sabor especial quando apresentadas por amigos e admiradores de Clarice, que compartilham o impacto da escritora e de sua obra em suas vidas, como Eduardo Portella, Ferreira Gullar, Marília Pêra, Maria Bonomi e Naum Alves de Souza, entre outros. Com organização de Teresa Montero, autora de Eu sou uma pergunta – Uma biografia de Clarice Lispector, publicada pela Rocco, Clarice na cabeceira é a oportunidade de conhecer "perfeitos momentos da literatura brasileira moderna, perfeitos momentos da vida nas palavras, perfeitos momentos", como descreve Caetano Veloso ao falar sobre o sentimento que a leitura de Clarice provoca.

Compre agora e leia

Em liberdade

SILVIANO SANTIAGO



ROCCO

Em Liberdade

Santiago, Silviano
9788581222479
256 páginas

Compre agora e leia

No dia 13 de janeiro de 1937, por iniciativa de amigos e graças à ajuda do advogado Sobral Pinto, Graciliano Ramos livrou-se da prisão, após quase um ano encarcerado. O que teria sentido o autor de Vidas secas ao arriscar os primeiros passos em liberdade? O fato é que Graciliano jamais escreveu uma linha sequer sobre o período que se sucedeu à soltura. Mas deveria ter escrito – pensa o poeta, escritor, crítico e professor Silviano Santiago que, em uma das mais originais viagens literárias de nosso tempo, aventurou-se em imaginar o que Graciliano teria anotado em um diário a respeito do que viu e viveu nos primeiros três meses fora das grades. No livro Em liberdade, Santiago apresenta uma ficção "alterbiográfica", recriando Ramos política e existencialmente. Para mergulhar nesta história, ele estudou durante quatro anos a vida do escritor alagoano, sua obra, pesquisou jornais, revistas e livros da época e consultou mapas do Rio de Janeiro de então. "A partir deste material deixei que minha imaginação delirasse. Para mim foi uma coisa mágica, como se eu estivesse psicografando", conta ele.Em liberdade foi considerado pelo crítico literário Fábio Lucas – em matéria no Jornal da Tarde – uma das obras que melhor representa a ficção, a poesia e a ensaística brasileiras do século XX. Também

um conjunto de críticos da Folha de S. Paulo, há algum tempo, listou o livro entre os dez melhores romances brasileiros dos últimos 30 anos. Para Santiago, o livro é um mergulho na realidade brasileira. "Uma tentativa de integrar o Brasil, levando em conta seu dilaceramento", afirma ele. Desde quando foi publicado Em liberdade tem suscitado diversas interpretações. A reação da crítica foi entusiástica e salientava a audácia da proposta ficcional. O romance pode ser apreciado ainda hoje por essas questões que permanecem atuais e instigantes, oferecendo um primoroso retrato histórico do Brasil.

Compre agora e leia